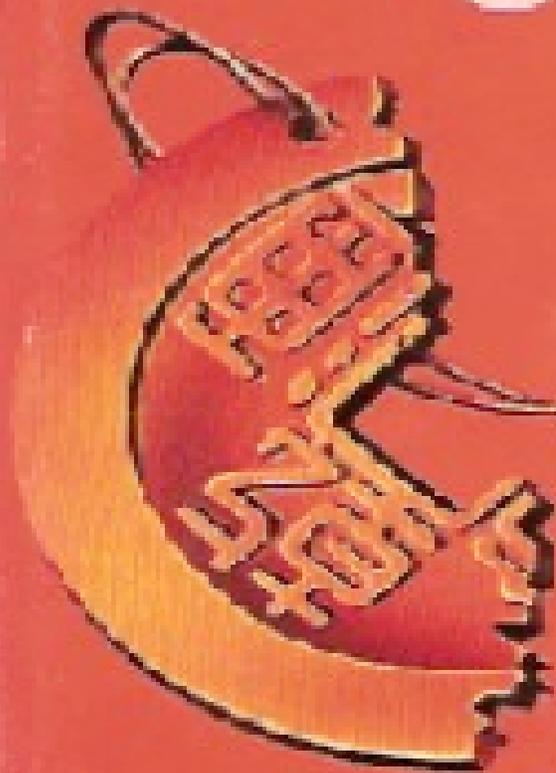
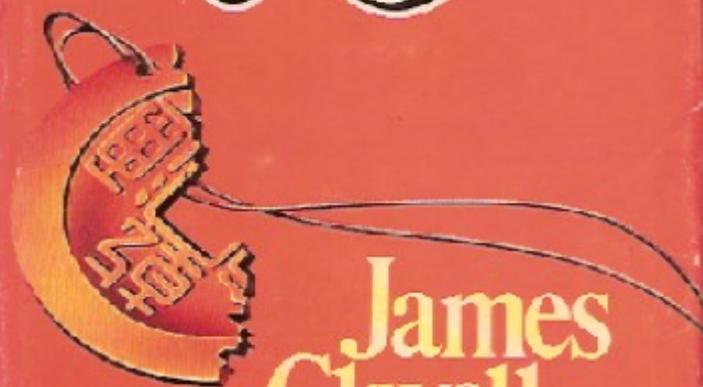


Casa noble



James
Clavell

Casa noble



James
Clavell

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Prólogo

23h45m

O nome dele era Ian Dunross, e, guiando o seu velho MG esporte sob a chuva torrencial, dobrou com cuidado a esquina, entrando na Dirk's Street, que marginava o Edifício Struan, na orla marítima de Hong Kong. A noite era escura e lúgubre. Por toda a colônia — aqui na ilha de Hong Kong, do outro lado do porto, em Kowloon, e nos Novos Territórios que faziam parte do continente chinês — as ruas estavam quase totalmente desertas, tudo e todos enclausurados e protegidos, à espera do tufão Mary. O sinal de alerta de tempestade número 9 fora içado ao alvorecer, e rajadas de vento de cento e cinquenta a cento e oitenta e cinco quilômetros por hora já saíam de dentro da tormenta, que se estendia a mil e seiscentos quilômetros para o sul, lançando a chuva horizontalmente

contra os telhados e os morros, onde dezenas de milhares de favelados se encolhiam, indefesos, nos seus barracos improvisados.

Dunross diminuiu a velocidade, sem enxergar direito, pois os limpadores de pára-brisa não davam conta da quantidade de chuva, com o vento sacudindo a capota e as laterais de lona. E então o pára-brisa desanuviou-se momentaneamente. No final da Dirk's Street, bem em frente, ficava a Connaught Road e a praia, depois os molhes e a imensidão atarracada do Terminal da Balsa Dourada. Mais além, no porto vasto e bem-protegido, meio milhar de navios estavam firmemente amarrados.

Mais adiante, na praia, viu uma barraca comercial abandonada ser violentamente arrancada do chão por uma rajada, e arremessada contra um carro estacionado, destruindo-o. Depois, carro e barraca saíram rolando e sumiram. Seus pulsos eram muito fortes, e ele controlou o volante, lutando contra os redemoinhos que faziam o carro tremer violentamente. O veículo era antigo, mas bem-conservado, o motor estava "envenenado" e os freios, em perfeito estado. Esperou, o coração batendo gostosamente, curtindo a tempestade, depois subiu na calçada e estacionou o carro bem encostadinho ao prédio, e saltou.

Era um homem louro, de olhos azuis, de quarenta e poucos anos, esbelto e elegante, e usava uma capa impermeável e um boné velho. A chuva ensopou-o enquanto atravessava rapidamente a rua lateral e depois dobrava a esquina, dirigindo-se às pressas para a

entrada principal do prédio de vinte e dois andares. Acima da imensa porta de entrada via-se o timbre Struan — o Leão Vermelho da Escócia entrelaçado com o Dragão Verde da China. Aprumando-se, subiu os largos degraus e entrou.

— Boa noite, Sr. Dunross — disse o zelador chinês.

— O tai-pan mandou me chamar?

— Sim, senhor.

O homem apertou o botão do elevador para ele. Quando o elevador parou, Dunross cruzou o pequeno corredor, bateu à porta e entrou na sala de estar da cobertura.

— Boa noite, tai-pan — disse, com fria formalidade. Alastair Struan apoiava-se contra a bela lareira. Era um escocês grandalhão, rosado, bem-conservado, com uma ligeira barriga e cabelos brancos, na casa dos sessenta, e há onze anos era quem mandava na Struan.

— Uma bebida?

Fez um gesto na direção do Dom Pérignon no balde de prata.

— Obrigado.

Dunross nunca estivera antes nos aposentos particulares do tai-pan. A sala era espaçosa e bem-mobiliada, com móveis laqueados chineses e belos tapetes, quadros antigos dos seus primeiros veleiros e vapores ornando as paredes. As imensas janelas que normalmente ofereciam uma vista de toda a Hong Kong, no porto, e de Kowloon, do outro lado do porto, agora estavam escuras e manchadas de chuva.

Dunross serviu-se.

— Saúde — falou, formalmente.

Alastair Struan meneou a cabeça e, com a mesma frieza, ergueu também o copo.

— Chegou cedo.

— Cinco minutos mais cedo é chegar na hora, tai-pan. Não foi isso o que o pai tanto me ensinou? Não é importante que nos encontremos à meia-noite?

— É. Faz parte do nosso costume. O costume de Dirk. — Dunross bebericava o seu champanha, esperando em silêncio. O relógio de navio antigo tiquetaqueava ruidosamente.

Sua excitação aumentava, pois não sabia o que esperar. Encimando a lareira havia o quadro de uma jovem noiva. Era Tess Struan, que se casara com Culum, segundo tai-pan e filho do fundador da Struan, Dirk Struan, quando ela estava com dezesseis anos.

Dunross fitava a tela. Uma rajada de vento e chuva fustigou os janelões.

— Que noite horrorosa — comentou.

O homem mais velho simplesmente olhou para ele, odiando-o. O silêncio aumentava. Então, o velho relógio soou as oito badaladas que marcavam a meia-noite.

Bateram à porta.

— Entre — falou Alastair Struan, aliviado, satisfeito porque agora podiam começar.

A porta foi aberta por Lim Chu, o servo pessoal do tai-pan. Afastou-se para o lado para deixar passar Phillip Chen, o representante nativo da Struan, depois fechou a porta atrás dele.

— Ah, Phillip, bem na hora, como sempre — falou Alastair Struan, tentando parecer jovial. — Champanha?

— Obrigado, tai-pan, aceito, obrigado. Boa noite, Ian Struan Dunross. — Phillip Chen cumprimentou o homem mais moço com formalidade incomum, no seu inglês típico da classe alta. Era eurasiático, tinha sessenta e muitos anos, magro, mais para chinês do que para europeu, um homem muito bonito, de cabelos grisalhos e maçãs do rosto altas, pele clara e olhos chineses muito escuros.

— Noite horrível, não?

— É mesmo, Tio Chen — replicou Dunross, usando a forma polida chinesa para dirigir-se a Phillip, de quem gostava e a quem respeitava tanto quanto desprezava o primo, Alastair.

— Dizem que este tufão vai ser um filho da mãe. — Alastair Struan servia o champanha em taças finas. Entregou uma taça primeiro a Phillip Chen, depois a Dunross. — Saúde!

Todos beberam. Uma rajada de chuva sacudiu as janelas.

— Que bom que não estou no mar hoje — comentou Alastair Struan, pensativo. — Com que então, Phillip, cá está você de novo.

— Sim, tai-pan. Sinto-me honrado. Sim, muito honrado.

Pressentiu a violência entre os dois homens, mas ignorou-a. "A violência é de praxe", pensou, "sempre que um tai-pan da Casa Nobre entrega o poder."

Alastair Struan tomou outro gole, saboreando o champanha. Finalmente, falou:

— Ian, é costume nosso que haja uma testemunha na troca do tai-pan. Ela é sempre, e unicamente, o representante nativo atual da firma. Phillip, com esta são quantas vezes?

— Fui testemunha quatro vezes, tai-pan.

— Phillip conheceu quase todos nós. Sabe demasiados segredos nossos. Hem, amigo velho? — Phillip Chen apenas sorriu.
— Confie nele, Ian. Seus conselhos são sábios. Pode confiar nele.

"Até onde um tai-pan pode confiar em alguém?", pensou Dunross, sombriamente.

— Sim, senhor.

Alastair Struan deixou de lado a taça.

— Primeiro: Ian Struan Dunross, pergunto-lhe formalmente se quer ser tai-pan da Struan.

— Sim, senhor.

— Jura por Deus que todas estas atas serão mantidas em segredo por você, e divulgadas exclusivamente ao seu sucessor?

— Sim, senhor.

— Jure formalmente.

— Juro por Deus que estas atas serão secretas e nunca divulgadas a ninguém, exceto ao meu sucessor.

— Tome. — O tai-pan entregou-lhe um pergaminho, amarelecido pelo tempo. — Leia em voz alta.

Dunross segurou o papel. A letra era irregular, mas perfeitamente legível. Olhou para a data — 30 de agosto de 1841 — e ficou ainda mais excitado.

— Esta é a letra de Dirk Struan?

— É. Quase tudo foi escrito por ele, mas o filho, Culum Struan, acrescentou uma parte. Claro que temos fotocópias, para o caso de se danificar. Leia!

— "Meu legado comprometerá todo tai-pan que me suceder, e ele o lerá em voz alta e jurará por Deus, diante de testemunhas, da maneira estabelecida por mim, Dirk Struan, fundador da Struan e Companhia, aceitá-lo e mantê-lo para sempre em segredo, antes de assumir ele próprio o meu cargo. Faço esta exigência para assegurar continuidade e prevendo as dificuldades que, nos anos seguintes, envolverão meus sucessores, por causa do sangue que derramei devido às minhas dívidas de honra, e por causa das excentricidades dos caminhos da China, à qual estamos unidos, e que são, sem dúvida, únicos na terra. Este é o meu legado:

" 'Primeiro: Haverá apenas um tai-pan de cada vez, e ele terá autoridade total, absoluta sobre a companhia, poder para empregar ou despedir todos os outros, autoridade sobre todos os nossos comandantes e nossos navios e companhias, estejam onde estiverem. O tai-pan está sempre só, e esta é a alegria e a mágoa da posição. Sua privacidade deve ser preservada por todos, e suas

costas protegidas por todos. O que ordenar deverá ser obedecido, e nenhum comitê, grupo ou círculo interno que possa diminuir esse poder absoluto jamais será formado ou permitido na companhia.

" 'Segundo: Quando o tai-pan estiver no tombadilho de qualquer dos nossos navios, terá precedência sobre o comandante do mesmo, e suas ordens de batalha ou de navegação serão lei. Todos os comandantes lhe jurarão obediência, diante de Deus, antes de serem admitidos aos nossos navios.

" 'Terceiro: O tai-pan escolherá sozinho o seu sucessor, que será selecionado entre os seis homens componentes de uma assembléia interna. Desses homens, um será o representante nativo da firma, que pertencerá, perpetuamente, à Casa de Chen. Os outros cinco serão homens dignos de ser o tai-pan, bons e fiéis, com um mínimo de cinco anos de serviços prestados à companhia como mercadores da China, e sadios de espírito. Deverão ser cristãos e pertencer ao clã Struan por nascimento ou casamento — a minha linhagem e a linhagem do meu irmão Robb não terão precedência, salvo por firmeza e pelas qualidades acima, além de todas as outras. Essa assembléia interna poderá servir de assessoria ao tai-pan, se ele assim o desejar, mas que fique bem claro novamente: o voto do tai-pan terá o peso de sete contra um, para cada membro.

" 'Quarto: Se o tai-pan perder-se no mar, morrer em batalha, ou ficar desaparecido durante seis meses lunares, antes de ter escolhido o seu sucessor, então a assembléia interna elegerá um dos

seus membros para sucedê-lo, cada membro tendo direito a um voto, com exceção do voto do representante nativo, que valerá por quatro. O tai-pan então prestará o mesmo juramento que os antecessores, diante da assembléia — aqueles que tiverem votado contra a sua eleição em cédula aberta serão expulsos imediatamente, e para sempre, da companhia, sem remuneração.

" 'Quinto: A eleição para a assembléia interna, ou a demissão da referida assembléia, realizar-se-á exclusivamente ao bel-prazer do tai-pan, que, na época da sua aposentadoria, que ocorrerá quando bem lhe aprouver, não levará mais do que dez partes de cada cem de todos os valores para si mesmo, exceto que todos os nossos navios serão sempre excluídos de qualquer inventário... nossos navios, seus comandantes e tripulações são o nosso sangue vital e a nossa garantia para o futuro.

" 'Sexto: Cada tai-pan deverá aprovar a eleição do representante nativo da companhia. Este deverá declarar, por escrito, antes da sua eleição, que sabe que poderá ser demitido do cargo a qualquer momento, sem necessidade de explicações, e que se afastará se este for o desejo do tai-pan.

" 'Último: O tai-pan dará posse ao seu sucessor, que terá escolhido sozinho, na presença do representante nativo, usando as palavras escritas por minha mão na Bíblia da família, aqui em Hong Kong, neste trigésimo dia de agosto, do ano de Nosso Senhor de 1841."

Dunross soltou a respiração.

— Está assinado por Dirk Struan e testemunhado por... não consigo ler os caracteres chineses, senhor, são arcaicos.

Alastair lançou um olhar a Phillip Chen, que disse:

— A primeira testemunha é o pai adotivo de meu avô, Chen Sheng Arn, nosso primeiro representante nativo. A segunda é minha tia-avó, T'Chung Jin May-may.

— Então a lenda é verdadeira! — exclamou Dunross.

— Parte dela. É, parte dela. — Phillip Chen acrescentou: — Converse com minha tia Sarah. Agora que vai ser o tai-pan, ela lhe contará muitos segredos. Ela vai fazer oitenta e quatro anos este ano, e se lembra do meu avô, Sir Gordon Chen, muito bem, e de

Duncan e Kate T'Chung, os filhos de May-may com Dirk Struan. É, lembra-se de muitas coisas...

Alastair Struan foi até a escrivaninha laqueada e tirou de lá, com muito cuidado, a pesada Bíblia puída. Colocou os óculos, e Dunross sentiu os pêlos da nuca ficarem em pé.

— Repita comigo: "Eu, Ian Struan Dunross, da família dos Struans, cristão, juro diante de Deus, na presença de Alastair McKenzie Duncan Struan, décimo primeiro tai-pan, e Phillip T'Chung Sheng Chen, quarto representante nativo da companhia, que obedecerei a todo o legado lido por mim na presença deles, aqui em Hong Kong, que ligarei ainda mais a companhia a Hong Kong e ao comércio chinês, que mantereirei a sede do meu negócio aqui em Hong Kong, enquanto for tai-pan, e que, diante de Deus, assumo as promessas, responsabilidades e a palavra de honra de cavalheiro de Dirk Struan ao seu eterno amigo Chen-tse Jin Arn, também conhecido como Jin-qua, ou aos seus sucessores; mais ainda, que..."

— Que promessas?

— Você tem que jurar por Deus, cegamente, como todos os tai-pans fizeram antes de você! Não vai demorar a saber o que herdou.

— E se não jurar?

— Sabe qual a resposta a isto!

A chuva fustigava as janelas, e sua violência parecia a Dunross igualar o bater forte do seu coração, enquanto sopesava a insanidade de assumir o compromisso de uma incógnita.

Mas sabia que não poderia ser tai-pan se não o fizesse, e assim disse as palavras e assumiu o compromisso perante Deus, e continuou a repetir as palavras lidas para ele.

— "... mais ainda, que usarei todos os poderes, e quaisquer meios, para manter a companhia firme como a Primeira Casa, a Casa Nobre da Ásia, que juro por Deus cometer qualquer feito necessário para subjugar, destruir e expulsar a companhia chamada Brock e Filhos, especialmente o meu inimigo, seu fundador, Tyler Brock, seu filho Morgan, seus herdeiros ou qualquer um da sua linhagem, excetuando apenas Tess Brock e sua filha, mulher de meu filho Culum, da face da Ásia..."

Dunross parou de novo.

— Depois de terminar, pode perguntar o que quiser — falou Alastair Struan. — Termine!

— Pois bem. "Por último: Juro perante Deus que meu sucessor como tai-pan também jurará obediência perante Deus a todo este legado, que Deus me ajude!"

Agora o silêncio era rompido apenas pela chuva fustigando as janelas. Dunross podia sentir o suor molhando-lhe as costas.

Alastair Struan largou a Bíblia e tirou os óculos.

— Pronto, acabou. — Tensamente, estendeu a mão. — Gostaria de ser o primeiro a cumprimentá-lo, tai-pan. Pode contar comigo para ajudá-lo no que precisar.

— Sinto-me honrado em ser o segundo, tai-pan — disse Phillip Chen com uma leve curvatura, também formalmente.

— Obrigado.

A tensão de Dunross era grande.

— Acho que todos precisamos de uma bebida — falou Alastair Struan. — Com sua permissão, servirei — acrescentou para Dunross, com formalismo incomum. — Phillip?

— Sim, tai-pan. Eu...

— Não. Ian é o tai-pan, agora.

Alastair Struan serviu o champanha e entregou a primeira taça a Dunross.

— Obrigado — disse Dunross, saboreando o gesto de cortesia, sabendo que nada mudara. — À Casa Nobre — falou, erguendo a taça.

Os três homens beberam, depois Alastair Struan pegou um envelope.

— Aqui está o meu pedido de demissão das sessenta e tantas presidências, gerências e diretorias que automaticamente fazem parte do cargo de tai-pan. Sua nomeação, em meu lugar, é igualmente automática. Conforme o hábito, passo a ser o presidente da nossa subsidiária de Londres... mas você pode cancelar a nomeação na hora em que quiser.

— Está cancelada — disse Dunross, imediatamente.

— Como queira — murmurou o velho, mas seu pescoço estava roxo.

— Acho que seria mais útil à Struan como vice-presidente da junta diretora do First Central Bank de Edimburgo.

Struan ergueu os olhos, vivamente.

— Como?

— É um dos nossos cargos, não é?

— É, sim — concordou Alastair Struan. — Mas por que isso?

— Vou precisar de ajuda. A Struan vai começar a vender ações ao público no ano que vem.

Os dois homens o fitaram, atônitos.

— O que?

— Vamos vender ações ao pú...

— Há cento e dezenove anos somos uma firma particular! — rugiu o velho. — Puta que o pariu, já lhe disse cem vezes que esta é a nossa força, sem nenhum acionista ou estranho amaldiçoado metendo o bedelho nos nossos assuntos privados! — O rosto dele estava afogueado, e lutava para controlar a raiva. — Você nunca presta atenção?

— Sempre. E cuidadosamente — disse Dunross, numa voz sem emoção. — O único meio de sobrevivermos é nos transformarmos em empresa de capital aberto... somente assim obteremos o capital de que precisamos.

— Fale com ele, Phillip... veja se lhe enfia algum juízo nessa cabeça!

Nervosamente, o representante nativo perguntou:

— Como isso afetará a Casa de Chen?

— O nosso sistema formal de representação nativa está terminado neste momento. — Viu o rosto de Phillip Chen perder a cor, mas continuou: — Tenho um plano para você... por escrito. Não muda nada... e muda tudo. Oficialmente, você ainda será o representante nativo da companhia; extra-oficialmente, operaremos de modo diferente. A principal mudança é que, ao invés de ganhar cerca de um milhão por ano, em dez anos sua participação lhe dará vinte milhões, e em quinze anos, cerca de trinta.

— Impossível! — exclamou Alastair Struan.

— O nosso patrimônio líquido hoje é de cerca de vinte milhões de dólares americanos. Daqui a dez anos será de duzentos milhões, e daqui a quinze, com sorte, será de quatrocentos milhões, e nosso giro anual ficará perto de um bilhão.

— Você enlouqueceu — disse Struan.

— Não. A Casa Nobre vai se transformar numa companhia internacional, e os dias de companhia comercial de Hong Kong acabaram para sempre.

— Lembre-se do seu juramento, por Deus! Nossa sede fica em Hong Kong!

— Não me esquecerei. A seguir: qual a responsabilidade que herdei de Dirk Struan?

— Está tudo no cofre. Escrito num envelope lacrado onde se lê "O legado". Há também as "Instruções aos futuros tai-pans", da Bruxa.

— Onde fica o cofre?

— Atrás do quadro na Casa Grande. No escritório. — Alastair Struan apontou, com azedume, para um envelope ao lado do relógio sobre a lareira. — Ali está a chave especial, e a combinação atual do cofre. Naturalmente, você a mudará. Ponha os números numa das caixas de depósito particulares do tai-pan no banco, para o caso de um acidente. Dê a Phillip uma das duas chaves.

Phillip Chen falou:

— De acordo com nossos regulamentos, enquanto você for vivo o banco não pode me dar permissão para abri-la.

— A seguir: Tyler Brock e os filhos, aqueles sacanas, foram eliminados há quase cem anos.

— É, a linhagem masculina legítima foi eliminada. Mas Dirk Struan era vingativo, e sua vingança se estende além da sepultura. Há uma lista atualizada dos descendentes de Tyler Brock no cofre. É bem interessante lê-la, não é, Phillip?

— É, sim.

— Os Rothwells e os Tomms, Yadegar e sua prole, você conhecia. Mas Tusker está na lista, embora não o saiba, e Jason Plumm, e lorde Depford-Smyth, e, principalmente, Quillan Gornt.

— Impossível!

— Gornt não apenas é tai-pan da Rothwell-Gornt, nossa principal inimiga, como também é um descendente direto e secreto de Morgan Brock, direto, embora ilegítimo. É o último dos Brocks.

— Mas ele sempre alegou ser bisneto de Edward Gornt, o mercador da China americano.

— Ele descende mesmo de Edward Gornt. Mas Sir Morgan Brock era na verdade o pai de Edward, e Kristin Gornt, sua mãe. Ela era uma americana da Virgínia. Naturalmente, tudo ficou em segredo... a sociedade não perdoava mais facilmente então do que agora. Quando Sir Morgan se tornou o tai-pan da Brock, em 1859, mandou buscar esse filho ilegítimo da Virgínia, comprou-lhe uma sociedade na velha firma mercantil americana Rothwell e

Companhia, em Xangai, e depois ele e Edward dedicaram-se a nos destruir. Quase o fizeram... sem dúvida causaram a morte de Culum Struan. Mas depois, Lochlin e a Bruxa Struan arrasaram Sir Morgan e destroçaram a Brock e Filhos. Edward Gornt nunca nos perdoou, e seus descendentes também jamais o farão. Aposto que têm, igualmente, um pacto com o seu fundador.

— Ele sabe que sabemos?

— Não sei. Mas é inimigo. A árvore genealógica dele está no cofre, junto com todas as outras. Foi meu avô quem a descobriu, por acaso, durante a Guerra dos Boxers, os fanáticos chineses, em 99. A lista é muito interessante, Ian. Uma pessoa em especial, para você, chefe da...

Uma súbita rajada violenta sacudiu o prédio. Um dos enfeites de marfim caiu de cima da mesa de mármore. Nervosamente, Phillip Chen botou-o em pé. Todos fitaram os janelões, vendo os seus reflexos se retorcerem de modo nauseante enquanto as rajadas distendíam as enormes vidraças.

— Tai-fun! — resmungou Phillip, com o suor aflorando à pele.

— É.

Esperaram com a respiração presa que o "Vento do Demônio" cessasse. Essas rajadas súbitas de vento e chuva apareciam de todos os pontos da bússola, a esmo, às vezes a uma velocidade de duzentos e oitenta quilômetros por hora. No seu rastro vinha sempre a devastação.

A violência passou. Dunross foi até o barômetro, examinou-o e deu-lhe uma leve batida: 980,3.

— Ainda está caindo — falou.

— Meu Deus!

Dunross apertou os olhos, fitando as janelas. Agora, as marcas de chuva eram quase horizontais.

— O Lasting Cloud devia aportar amanhã à noite.

— É, mas agora ficará rondando algum lugar perto das Filipinas. O comandante Moffatt é matreiro demais para ser apanhado — comentou Struan.

— Não concordo. Moffatt gosta de cumprir os horários. Este tufão não estava programado. Você... ele devia ter recebido ordens. — Dunross bebericou o seu champanha, pensativo. — É melhor que o Lasting Cloud não seja apanhado.

Phillip Chen percebeu a fúria latente.

— Por quê?

— Estamos com o nosso novo computador a bordo, e mais dois milhões de libras em motores a jato. Não segurados... pelo menos os motores não estão.

Dunross lançou um olhar para Alastair Struan.

Defensivamente, o homem mais velho falou:

— Foi inevitável para não perder o contrato. Os motores são destinados a Cantão. Sabe que não podemos segurá-los, Phillip, já que vão para a China Vermelha. — E acrescentou, irritado: — Eles têm... bem... donos sul-americanos, e não há restrições de exportação da América do Sul para a China. Mesmo assim, ninguém está disposto a segurá-los.

Depois de uma pausa, Phillip Chen falou:

— Pensei que o novo computador ia chegar em março.

— E ia, mas consegui antecipar a chegada — disse Alastair.

— Quem está transportando o título dos motores? — perguntou Phillip Chen.

— Nós.

— É um risco muito grande. — Phillip Chen estava muito inquieto. — Não acha, Ian?

Dunross ficou calado.

— Foi inevitável para não perder o contrato — repetiu Alastair Struan, ainda mais irritado. — Podemos dobrar nosso capital, Phillip. Precisamos do dinheiro. Porém, os chineses precisam ainda mais dos motores, deixaram isso mais do que claro quando estive em Cantão, no mês passado. E nós precisamos da China... também deixaram isso bem claro.

— É, mas doze milhões é... risco demais num só navio — insistiu Phillip Chen.

Dunross disse:

— Qualquer coisa que pudermos fazer para tirar negócios dos soviéticos conta ponto para nós. Além disso, já está feito. Você dizia, Alastair, que há alguém na lista que me interessa. O chefe da...

— Marlborough Motors.

— Ah! — exclamou Dunross com repentina e feroz alegria. — Há anos que detesto aqueles cretinos. Pai e filho.

— Eu sei.

— Com que então os Nikklins são descendentes de Tyler Brock! Bem, não vai demorar muito para os tirarmos da lista. Bom,

muito bom. Eles sabem que estão na lista negra de Dirk Struan?

— Acho que não.

— Melhor ainda.

— Não concordo! Você odeia o jovem Nikklin porque ele o derrotou. — Raivosamente, Alastair avançou o dedo em riste para Dunross. — Está na hora de abandonar as corridas de automóvel. Deixe todas as subidas de morro e o Grand Prix de Macau para os semiprofissionais. Os Nikklins têm mais tempo para gastar com os carros, é a vida deles, e agora você tem outras corridas para disputar, mais importantes.

— A corrida de Macau é para amadores, e aqueles filhos da mãe trapacearam, no ano passado.

— Isso nunca foi provado... o seu motor explodiu. Muitos motores explodem, Ian. Foi azar seu!

— Mexeram no meu carro.

— Isso também nunca foi provado. Pelo amor de Deus, e você vem falar em rixas? Você é tão burro em algumas coisas quanto o Demônio Struan em pessoa!

— É?

— É, sim, e...

Phillip Chen interrompeu depressa, querendo acabar com a violência na sala.

— Se é tão importante, por favor, deixem-me tentar descobrir a verdade. Tenho fontes que nenhum de vocês dois tem. Meus amigos chineses saberão, deverão saber, se Tom ou o jovem Donald Nikklin estavam envolvidos. Naturalmente — acrescentou,

delicadamente —, se o tai-pan quiser correr, isso é com ele. Não é mesmo, Alastair?

O homem mais idoso controlou sua raiva, embora seu pescoço ainda estivesse rubro.

— Claro, claro, tem razão. Apesar disso, Ian, aconselho-o a parar. Eles o perseguirão ainda mais, porque o detestam igualmente.

— Há outros na lista cujos nomes devo saber? Depois de uma pausa, Struan disse:

— Não, agora não. — Abriu a segunda garrafa e foi servindo enquanto falava. — Bem, agora é tudo seu... todo o divertimento e toda a canseira. Fico contente em entregar tudo a você. Depois que tiver lido o que há no cofre, saberá o melhor, e o pior. — Entregou uma taça a cada um deles, e tomou um gole da sua. — Por Deus, este champanha é dos melhores já produzidos na França.

— É — concordou Phillip Chen.

Dunross achava que o Dom Pérignon era caro demais e muito badalado, e sabia que o ano, 1954, não era especialmente bom. Mas ficou calado.

Struan foi até o barômetro. Marcava 979,2.

— Este tufão vai ser brabo. Bem, deixe para lá. Ian, Claudia Chen tem um arquivo para você sobre assuntos importantes, e uma lista completa dos nossos investimentos em ações... com os nomes dos representantes. Se tiver perguntas a me fazer, faça-as antes de depois de amanhã... tenho passagem marcada para Londres nesse dia. Você manterá Claudia, naturalmente.

— Naturalmente.

Depois de Phillip Chen, Claudia Chen era o segundo elo que passava de tai-pan para tai-pan. Era a secretária-executiva do tai-pan, uma prima distante de Phillip Chen.

— E quanto ao nosso banco, o Victoria Bank de Hong Kong e da China? — perguntou Dunross, curtindo a pergunta. — Não sei exatamente quais os nossos bens.

— Isso sempre foi do conhecimento exclusivo do tai-pan. Dunross virou-se para Phillip Chen:

— Qual a sua participação, abertamente ou através de representantes?

O eurasiático hesitou, chocado.

— No futuro vou unir suas ações num só bloco com as nossas, para efeito de votação. — Dunross manteve os olhos fitos nos do representante nativo. — Quero saber agora, e espero uma transferência formal de poder de voto perpétuo, por escrito, para mim e os futuros tai-pans, amanhã até o meio-dia, e a primeira opção de compra para as ações, caso algum dia resolva vendê-las.

O silêncio ficou mais pesado.

— Ian — começou Phillip Chen —, essas ações... — Mas sua firmeza vacilou diante da vontade possante de Dunross. — Seis por cento... um pouquinho mais de seis por cento. Eu... farei como você quer.

— Não se arrependerá. — Dunross fixou a atenção em Alastair Struan, e o coração do velho baqueou. — Quantas ações temos? Quantas em nome de representantes?

Alastair hesitou.

— Isto só o tai-pan pode saber.

— Naturalmente. Mas devemos confiar integralmente no nosso representante nativo — falou Dunross, prestigiando o velho eurasiático, sabendo o quanto doía ser dominado perante Alastair Struan. — Quantas?

Struan disse:

— Quinze por cento.

Dunross soltou uma exclamação abafada, assim como Phillip Chen, e teve vontade de gritar: "Putá que o pariu, temos quinze por cento, e Phillip tem mais seis por cento, e você não teve um pingão de inteligência para usar o que tem que ser uma participação majoritária para nos conseguir o capital necessário, quando estamos quase falidos?"

Mas, ao invés de gritar, estendeu a mão para a frente e serviu o resto da garrafa nas três taças. Isso lhe deu tempo para acalmar o coração descompassado.

— Ótimo — disse, com voz seca e inexpressiva. — Estava esperando que juntos nos saíssemos melhor do que nunca. — Tomou um gole do champanha. — Vou antecipar a reunião especial. Para a semana que vem.

Os dois homens ergueram os olhos, vivamente. Desde 1880, os tai-pans da Struan, da Rothwell-Gornt e do Victoria Bank, a despeito da sua rivalidade, tinham se reunido anualmente em segredo para debater assuntos que afetavam o futuro de Hong Kong e da Ásia.

— Eles podem não concordar em antecipar a reunião — disse Alastair.

— Liguei para todos, hoje de manhã. Ela está marcada para segunda que vem, às nove horas, aqui.

— Quem é que vem do banco?

— O subgerente-geral Havergill; o velho está no Japão, depois vai para a Inglaterra, de licença. — O rosto de Dunross endureceu. — Terei que me contentar com ele.

— Paul serve — falou Alastair. — Vai ser o próximo chefe.

— Não se eu puder evitar — disse Dunross.

— Você nunca apreciou Paul Havergill, não é, Ian? — perguntou Phillip Chen.

— Não, é insular demais, Hong Kong demais, fora de moda demais, pretensioso demais.

— E apoiou seu pai contra você.

— Foi. Mas não é este o motivo pelo qual deve pular fora, Phillip. Deve pular fora porque está no caminho da Casa Nobre. É conservador demais, generoso demais para com as Propriedades Asiáticas, e acho que é um aliado secreto da Rothwell-Gornt.

— Não concordo — disse Alastair.

— Eu sei. Mas precisamos de dinheiro para nos expandirmos, e pretendo conseguir o dinheiro. Portanto, pretendo usar os meus vinte e um por cento com toda a seriedade.

A tempestade lá fora se intensificara, mas eles não pareciam notar.

— Não o aconselho a agir contra o Victoria — disse Phillip Chen, gravemente.

— Concordo — disse Alastair Struan.

— Não agirei. Desde que o meu banco coopere. — Dunross ficou vendo as manchas de chuva na janela, por um momento. — A propósito, convidei também Jason Plumm para a reunião.

— Mas que diabo, para quê? — indagou Struan, ficando de novo de pescoço vermelho.

— Os nossos grupos e as Propriedades Asiáticas dele, juntos, temos...

— Plumm está na lista negra de Dirk Struan, como você a chama, e opõe-se integralmente a nós.

— Nós quatro juntos temos o poder de decisão majoritário em Hong Kong...

Dunross parou de falar quando o telefone tocou ruidosamente. Todos olharam para o aparelho. Alastair Struan falou, com azedume:

— O telefone agora é seu, não meu. Dunross atendeu.

— Dunross! — Escutou por um momento, depois disse: — Não, o Sr. Alastair Struan se aposentou, agora eu sou o tai-pan da

Struan. Sim. Ian Dunross. O que diz o telex? — Escutou novamente.
— Sim, obrigado.

Largou o telefone. Finalmente, rompeu o silêncio.

— Era do nosso escritório em Taipé. O Lasting Cloud soçobrou perto da costa norte de Formosa. Achrom que afundou com toda a tripulação...

Domingo 18 de agosto de 1963

1

20h45m

O policial estava apoiado a um canto do balcão de informações, observando o eurasiático alto disfarçadamente. Usava um terno de tropical claro e a gravata da polícia sobre uma camisa branca; fazia calor dentro do terminal fortemente iluminado, o ar estava úmido e pesado de odores, e um montão de chineses barulhentos se movimentavam pelo prédio, como sempre. Uma abundância de cantonenses, alguns asiáticos, uns poucos europeus.

— Superintendente? — Uma das moças do setor de informações estendia-lhe um telefone. — É para o senhor — disse, e

deu um sorriso bonito, dentes brancos, cabelos escuros, olhos negros, linda pele dourada.

— Obrigado — disse ele, notando que ela era cantonense e jovem, e não se importou com a realidade do vazio do seu sorriso, sem nada por trás dele senão uma obscenidade cantonense. — Pronto — falou, ao aparelho.

— Superintendente Armstrong? Aqui fala a torre: o Yankee 2 acaba de pousar, no horário.

— Ainda é o portão 16?

— É. Estará lá dentro de seis minutos.

— Obrigado. — Robert Armstrong era um homem grande, e inclinou-se sobre o balcão para repor o fone no gancho. Notou as pernas longas da moça e a curva de seu traseiro no cheong-sam uniformizado, lustroso e um tantinho justo demais, e imaginou por um breve momento como seria ela na cama. — Como se chama? —

perguntou, sabendo que qualquer chinês detestava dar o nome a um policial, especialmente se fosse europeu.

— Mona Leung, senhor.

— Obrigado, Mona Leung.

Fez-lhe um gesto de cabeça, com os olhos azul-claros fitos nela, e notou o leve arrepio de apreensão que a percorreu.

Ficou satisfeito. "Vá tomar no rabo você também", pensou, depois voltou a focalizar a atenção na sua presa.

O eurasiático, John Chen, estava no lado de uma das saídas, sozinho, e isso o surpreendeu, assim como o fato de estar nervoso. Geralmente, John Chen era imperturbável, mas agora, a curtos intervalos, olhava para o relógio de pulso, depois para o quadro de chegada, depois de novo para o relógio.

"Mais um minuto e então começaremos", pensou Armstrong.

Começou a procurar um cigarro no bolso, depois lembrou-se de que deixara de fumar há duas semanas, como presente de aniversário para a mulher. Então praguejou rapidamente e enfiou as mãos mais fundo nos bolsos.

À volta do balcão de informações, passageiros e pessoas à espera de passageiros, aborrecidos, chegavam, empurravam, iam embora e voltavam de novo, perguntando em altas vozes onde, quando, como e por quê, e onde novamente, numa infinidade de dialetos. O cantonense ele compreendia bem, compreendia um pouco do mandarim e do dialeto de Xangai. Algumas expressões chu-chow e a maioria dos seus palavrões. Um pouco do dialeto de Formosa.

Deixou então o balcão, mais alto uma cabeça do que a maioria da multidão, um homem grande, de ombros largos, com um caminhar descontraído e atlético, há dezessete anos na força policial de Hong Kong, agora chefe do DIC, Departamento de Investigações Criminais, de Kowloon.

— Boa noite, John — cumprimentou. — Como vão as coisas?

— Oh, alô, Robert — disse John Chen, pondo-se em guarda instantaneamente, no seu inglês com sotaque americano. — Tudo bem, obrigado. E você?

— Muito bem. Seu contato no aeroporto mencionou à Imigração que você veio receber um vôo especial, um avião fretado... o Yankee 2.

— É, mas não é avião fretado. É particular. Pertence a Lincoln Bartlett... o milionário americano.

— Ele está a bordo? — perguntou Armstrong, sabendo que estava.

— Está.

— Com comitiva?

— Só o seu vice-presidente-executivo... o destruidor da reputação dos seus oponentes.

— O Sr. Bartlett é um amigo? — perguntou, sabendo que não era.

— Um convidado. Esperamos fazer negócios com ele.

— É? Bem, o avião dele acaba de pousar. Por que não vem comigo? Deixaremos de lado toda a burocracia para você. É o mínimo que podemos fazer pela Casa Nobre, não é?

— Obrigado por se dar ao trabalho.

— Não é trabalho algum.

Armstrong foi na frente, e cruzaram uma porta lateral na barreira da alfândega. Os policiais uniformizados ergueram os olhos, batendo continência imediatamente para Armstrong, e observando, pensativos, a figura de John Chen, a quem reconheceram de pronto.

— O nome de Lincoln Bartlett — continuou Armstrong, com fingida cordialidade — não me diz nada. Será que deveria?

— Só se você estivesse no ramo empresarial — disse John Chen. Depois continuou, nervosamente: — O apelido dele é "O Incursor", por causa de suas bem-sucedidas incursões e compras de controle de outras companhias, freqüentemente bem maiores que a dele. Um homem interessante. Conheci-o em Nova York, no ano passado. O conglomerado dele tem uma renda bruta de quase meio bilhão de dólares por ano. Dizem que começou em 45, com dois mil dólares emprestados. Agora está metido com derivados do petróleo, engenharia pesada, eletrônica, mísseis, faz um bocado de trabalho para o governo americano, espuma, produtos de espuma de poliuretano, fertilizantes... tem até mesmo uma companhia que faz e vende esquis e artigos esportivos. O grupo dele chama-se Indústrias Par-Con. Basta pensar numa coisa, e ele a tem.

— Pensei que sua companhia já possuísse tudo. John Chen sorriu cortesmente.

— Não nos Estados Unidos, e não é minha companhia. Sou apenas um acionista minoritário da Struan, um empregado.

— Mas é diretor, e o filho mais velho da Casa Nobre Chen; portanto, será o próximo representante nativo junto à firma.

Segundo o costume histórico, o representante nativo era sempre um empresário chinês ou eurasiático que agia como intermediário exclusivo entre a firma comercial europeia e os chineses. Todas as transações passavam pelas suas mãos, e um pouquinho de tudo grudava-se a elas.

"Tanto dinheiro e tanto poder", pensou Armstrong, "e no entanto, com um pouquinho de sorte, podemos fazê-lo em pedaços, e a Struan junto com você. Meu Deus", pensou, nauseado com a doçura da expectativa, "se isso acontecer, o escândalo vai explodir Hong Kong."

— Será o representante deles, como seu pai, seu avô e seu bisavô o foram, antes de você. Seu bisavô foi o primeiro, não foi? Sir

Gordon Chen, o representante nativo do grande Dirk Struan, que fundou a Casa Nobre, e praticamente fundou Hong Kong.

— Não. O representante de Dirk foi um homem chamado Chen Sheng. Sir Gordon Chen foi o representante do filho de Dirk, Culum Struan.

— Eram meios irmãos, não é?

— É o que diz a lenda.

— Ah, lendas... delas nos alimentamos. Culum Struan, outra lenda de Hong Kong. Mas Sir Gordon também é uma lenda... você tem sorte.

Sorte?, perguntou-se John Chen, com amargura. Descender do filho ilegítimo de um pirata escocês — um traficante de ópio, um gênio depravado e malvado, um assassino, se algumas das histórias fossem verdadeiras — e uma garota cantonense desenxabida tirada de um bordel nojento que ainda existe num beco nojento de Macau?

Saber que quase todo mundo em Hong Kong conhecia a sua linhagem e ser desprezado por causa dela, por ambas as raças?

— Não é sorte — falou, tentando aparentar calma. Seus cabelos escuros tinham fios grisalhos, o rosto era anglo-saxão e bonito, embora um pouco flácido nas bochechas, e os olhos escuros apenas levemente asiáticos. Tinha quarenta e dois anos, e usava ternos de tropical, sempre impecavelmente talhados, com sapatos Hermes e relógio Rolex.

— Não concordo — falou Armstrong, sem ironia. — Ser o representante nativo da Struan, a Casa Nobre da Ásia... é algo muito especial.

— É, é especial — disse John Chen, secamente.

Desde que se entendia por gente, sua herança familiar o atormentava. Podia sentir olhos a fitá-lo — a ele, o filho mais velho, o seguinte na linha de sucessão —, podia sentir a cobiça e a inveja perenes. Aquilo o aterrorizava continuamente, embora tentasse combater de todas as formas o terror. Nunca quisera aquele poder ou aquela responsabilidade. Na véspera mesmo tivera outra briga angustiante com o pai, pior que as anteriores.

— Não quero ter nada a ver com a Struan! — berrara. — Pela centésima vez, quero dar o fora de Hong Kong, quero voltar para os Estados Unidos, quero viver a minha vida, do jeito que quero, onde quero e como quero!

— Pela milésima vez, vai me escutar. Mandei-o para os Esta...

— Deixe-me cuidar dos nossos interesses americanos, Pai.

Por favor. Há coisa de sobra para se fazer! Podia me dar uns dois mil...

— Ayeeyah, trate de me escutar! É aqui, aqui em Hong Kong e na Ásia que ganhamos o nosso dinheiro! Mandei-o estudar nos Estados Unidos para preparar a família para o mundo moderno. Está preparado, é seu dever para com a fam...

— Pai, há Richard, e o jovem Kevin... Richard é dez vezes melhor comerciante que eu, e está louco para agir. E quanto ao tio Jam...

— Fará o que estou mandando! Santo Deus, sabe que este americano Bartlett é vital para nós, precisamos do seu conheci...

—...tio James ou tio Thomas. Tio James seria o melhor para o senhor; melhor para a família e mel...

— Você é o meu filho mais velho. Será o próximo chefe de família e o próximo representante da firma!

— Juro por Deus que não!

— Então não ganhará nem mais um tostão furado!

— O que não fará muita diferença! Todos nós só recebemos uma miséria, não importa o que os estranhos pensem! Quanto o senhor vale? Quantos milhões? Cinqüenta? Setenta? Cem?...

— A não ser que peça desculpas imediatamente e acabe com toda essa baboseira, agora e para sempre, deserdo você agora mesmo! Agora mesmo!

— Peço desculpas por deixá-lo zangado, mas nunca vou mudar! Nunca!

— Dou-lhe um tempo até o meu aniversário. Oito dias. Oito dias para se tornar um filho obediente. É a minha última palavra. A não ser que se torne obediente até o meu aniversário, retirarei você e sua linhagem para sempre da nossa árvore genealógica! Agora, saia daqui!

O estômago de John Chen retorceu-se, desagradavelmente. Odiava as brigas intermináveis, o pai roxo de raiva, a mulher em lágrimas, os filhos apavorados, a madrasta, irmãos e primos todos exultando maldosamente, querendo que ele se fosse, todas as suas irmãs, a maioria dos tios, todas as suas mulheres. Inveja, cobiça. "Para o diabo tudo e todos", pensou. "Mas o Pai tem razão quanto a

Bartlett, embora não do jeito que imagina. Não. Este é para mim. Este negócio. Basta este para eu ficar livre para sempre."

A essa altura já tinham atravessado quase todo o longo saguão da alfândega, fortemente iluminado.

— Vai às corridas no sábado? — perguntou John Chen.

— E quem não vai?

Na semana anterior, para êxtase geral, o imensamente poderoso Turf Club, com o seu monopólio exclusivo das corridas de cavalo — a única forma legal de jogo permitida na colônia —, distribuía um aviso especial:

"Embora a nossa temporada oficial não comece este ano antes de 5 de outubro, com a gentil permissão de nosso ilustre governador, Sir Geoffrey Allison, os administradores resolveram declarar o sábado, dia 24 de agosto, um Dia de Corridas Muito Especial, para o prazer de todos, e como homenagem à nossa

população trabalhadora, que está suportando o forte peso da segunda pior seca de nossa história com ânimo forte..."

— Ouvi dizer que a sua Golden Lady corre no quinto páreo — disse Armstrong.

— O treinador disse que ela tem chance. Por favor, venha até a tribuna do Pai tomar um drinque conosco. Bem que eu podia usar alguns dos seus palpites, você é um grande apostador.

— Só tenho sorte. Mas meus dez dólares de apostas jamais poderiam se comparar aos seus dez mil.

— Mas isso é só quando algum de nossos cavalos está correndo. A temporada passada foi um desastre... estou a fim de um vencedor.

— Eu também. — "Ah, Deus, como preciso de um vencedor", pensou Armstrong. "Mas quanto a você, Johnny Chen, está se cagando se perde ou ganha dez mil ou cem mil." Tentou controlar a sua inveja crescente. "Acalme-se", disse a si mesmo. "Os vigaristas

existem, e é seu trabalho apanhá-los, se puder... não importa quão ricos ou poderosos sejam... e se contentar com o seu salário miserável quando em cada esquina há um monte de grana grátis. Por que invejar este filho da mãe... vai se ferrar, de um jeito ou de outro." — Ah, a propósito, mandei um guarda ir buscar o seu carro para passá-lo pelo portão. Estará à sua espera e dos seus convidados na saída do avião.

— Puxa, que ótimo, obrigado. Lamento a trabalhadeira.

— Não é trabalhadeira nenhuma. É uma questão de prestígio. Não é? Achei que devia ser muito especial, para você vir em pessoa. — Armstrong não pôde resistir a mais uma alfinetada. — Como já disse, nada é trabalho demais para a Casa Nobre.

John Chen manteve o seu sorriso cortês, mas pensou: "Vá se foder. Nós o toleramos pelo que é, um tira muito importante, cheio de inveja, com dívidas até o pescoço, certamente corrupto e que nada entende de cavalos. Vá se foder duas vezes. Dew neh loh moh para todas as suas gerações", pensou John Chen, mas disfarçou cuidadosamente o pensamento obsceno, pois embora Armstrong fosse verdadeiramente odiado por todos os yan de Hong Kong, John Chen sabia, de longa experiência, que a astúcia implacável e vingativa de Armstrong era digna de um manchu nojento. Estendeu a mão para a meia moeda que usava num fio de couro fino ao pescoço. Seus dedos tremeram ao tocar no metal, através da camisa. Estremeceu, involuntariamente.

— O que foi? — perguntou Armstrong.

— Nada. Nada mesmo. "Controle-se", pensou John Chen.

Já haviam cruzado o saguão da alfândega e estavam na área da Imigração, com a noite escura lá fora. Filas de pessoas ansiosas, inquietas, cansadas, esperavam diante das mesas pequenas e ordeiras dos funcionários da Imigração, uniformizados e de ar frio. Os homens saudaram Armstrong. John Chen sentiu sobre si seus olhos perscrutadores.

Como sempre, seu estômago dava voltas sob o escrutínio deles, embora soubesse que estava a salvo de suas perguntas insistentes. Tinha um passaporte britânico, não apenas um passaporte de Hong Kong de segunda classe, e também um cartão verde americano — o cartão dos estrangeiros —, o bem sem preço que lhe dava livre acesso a trabalhar, divertir-se e morar nos Estados Unidos, todos os privilégios de um americano nato, exceto o direito de votar. E quem precisava votar, pensou, e devolveu o olhar de um dos homens, tentando ganhar coragem, mas mesmo assim sentindo-se despedido ante o olhar fixo do homem.

— Superintendente? — Um dos funcionários segurava um telefone. — É para o senhor.

Ficou olhando Armstrong voltar para atender ao telefonema, e imaginou como seria ser um policial, com tantas oportunidades para a corrupção, e pela milionésima vez, como seria ser totalmente britânico ou totalmente chinês, e não um eurasiático desprezado por ambas as raças.

Olhava enquanto Armstrong escutava atentamente, depois ouviu-o dizer, acima da balbúrdia:

— Não, basta protelar. Eu mesmo trato disso, pessoalmente. Obrigado, Tom.

Armstrong voltou.

— Desculpe — disse. Depois cruzou o cordão da Imigração, subiu um pequeno corredor e entrou na sala VIP. Era simpática e

espaçosa, com um bar e uma bela vista do aeroporto, da cidade e da baía. A sala estava vazia, exceto por dois funcionários da Imigração e da alfândega, e um dos homens de Armstrong esperando junto ao portão 16... uma porta de vidro que dava para a pista iluminada. Podiam ver o 707 chegando junto às suas marcas de estacionamento.

— Boa noite, sargento Lee — disse Armstrong. — Tudo certo?

— Sim, senhor. O Yankee 2 está desligando os motores. O sargento Lee bateu continência de novo, e abriu o portão para eles.

Armstrong olhou para John Chen, sabendo que o gargalo da armadilha estava quase fechado.

— Pode passar.

— Obrigado.

John Chen saiu para a pista de tarmac.

O Yankee 2 agigantava-se acima deles, os jatos que se desligavam emitindo apenas um rosnar abafado. A tripulação de terra colocava a escada alta, motorizada, no lugar. Pelas pequenas janelas da cabine podiam ver os pilotos fracamente iluminados. A um canto, nas sombras, estava o Silver Cloud Rolls azul-escuro de John Chen, com o chofer chinês uniformizado de pé ao lado da porta, e um policial próximo.

A porta principal do avião se abriu e um comissário uniformizado saiu para cumprimentar os dois funcionários do aeroporto que esperavam na plataforma. Ele entregou a um dos funcionários uma sacola com os documentos do avião e o manifesto de chegada, e começaram a bater papo, afavelmente. Então todos pararam. Respeitosamente. E fizeram uma saudação cortês.

A moça era alta, elegante, requintada e americana.

Armstrong assobiou baixinho.

— Ayeeyah!

— Bartlett tem bom gosto — comentou John Chen, o coração batendo mais depressa.

Ficaram observando enquanto ela descia as escadas, ambos perdidos em reflexões masculinas.

— Acha que é modelo?

— Anda como se fosse. Quem sabe uma estrela de cinema?

John Chen se adiantou.

— Boa noite. Sou John Chen, da Struan. Vim receber o Sr. Bartlett e o Sr. Tchuluck.

— Ah, claro, Sr. Chen. Muita gentileza sua, senhor, especialmente num domingo. Prazer em conhecê-lo, Sou K. C. Tcholak. Linc disse que se...

— Casey Tchuluck? — John Chen fitou-a, de boca aberta. — Como?

— É — disse ela, com um sorriso amável, ignorando pacientemente a pronúncia errada. — Sabe, Sr. Chen, como as minhas iniciais são K. C, acabei ficando com o apelido de Casey, que é a pronúncia inglesa das duas letras juntas. — Fitou Armstrong. — Boa noite. Também é da Struan?

A voz dela era melodiosa.

— Ah, sim, desculpe, este, este é o superintendente Armstrong — gaguejou John Chen, ainda tentando se recuperar.

— Boa noite — cumprimentou Armstrong, notando que ela ainda era mais atraente vista de perto. — Bem-vinda a Hong Kong.

— Obrigada. Superintendente? Da polícia? — E então o nome se encaixou no lugar. — Ah, Armstrong. Robert Armstrong? Chefe do DIC de Kowloon?

Ele disfarçou a surpresa.

— Está muito bem informada, srta. Tcholak. — Ela riu.

— Parte da minha rotina. Quando vou a um lugar novo, especialmente um como Hong Kong, meu trabalho é estar preparada... portanto mandei buscar as listagens atuais.

— Não temos listagens publicadas.

— Eu sei. Mas a administração de Hong Kong imprime um catálogo telefônico do governo que qualquer um pode comprar por uma ninharia. Mandei buscar um desses. Constam dele todos os departamentos policiais... chefes dos departamentos, a maioria com o telefone de casa... juntamente com todos os outros departamentos governamentais. Consegui um catálogo através do escritório de RP de Hong Kong, em Nova York.

— Quem é o chefe da Seção Especial? — perguntou, testando-a.

— Não sei. Não creio que esse departamento esteja incluído. Está?

— Às vezes.

Uma ligeira ruga vincava-lhe a testa.

— Vem receber todos os aviões particulares, superintendente?

— Somente quando me dá vontade. — Sorriu para ela. — Somente quando há senhoras bonitas e bem-informadas a bordo.

— Alguma coisa errada? Algum problema?

— Ah, não. Só rotina. O aeroporto de Kai Tak é parte de minha responsabilidade — disse Armstrong, com naturalidade. — Posso ver seu passaporte, por favor?

— Claro.

A ruga se aprofundou, enquanto ela abria a bolsa e lhe entregava o passaporte americano.

Anos de experiência fizeram com que a inspeção dele fosse muito detalhada.

— Nasceu em Providence, Rhode Island, a 25 de novembro de 1936; altura, um metro e setenta e três, cabelos louros, olhos castanho-amarelados.

O passaporte ainda tinha validade por dois anos. "Vinte e seis, hem? Pensei que fosse mais moça, mas se a gente olhar de perto, nota algo estranho nos olhos dela."

Com casualidade aparente, foi virando descuidadamente as páginas. Seu visto de três meses para Hong Kong estava em ordem. Uma dúzia de carimbos de imigração, todos da Inglaterra, França, Itália ou América do Sul. Exceto um. URSS, datado de julho daquele ano. Uma visita de sete dias. Reconheceu o carimbo de Moscou.

— Sargento Lee!

— Pronto, senhor.

— Mande carimbá-lo para ela — disse, com naturalidade, e sorriu para a moça. — Tudo em ordem. Pode ficar o tempo que quiser. Quando os três meses estiverem chegando ao fim, basta ir à delegacia mais próxima e prolongaremos o seu visto.

— MUITÍSSIMO obrigada.

— Vai ficar com a gente durante muito tempo?

— Isso vai depender dos nossos negócios — disse Casey, depois de uma pausa. Sorriu para John Chen. — Esperamos que os nossos negócios durem muito tempo.

John Chen disse:

— E nós esperamos a mesma coisa.

Ainda estava intrigado, com a cabeça a mil por hora. "Certamente é impossível que Casey Tcholak seja uma mulher", pensou.

Às costas deles o comissário de bordo, Sven Svensen, desceu animadamente a escada, carregando duas malas leves.

— Pronto, Casey. Tem certeza de que chega, por esta noite?

— Tenho, sim. Obrigada, Sven.

— Linc mandou você ir na frente. Quer uma mãozinha para passar pela alfândega?

— Não, obrigada. O Sr. John Chen teve a gentileza de vir nos receber. Assim como o superintendente Armstrong, chefe do DIC de Kowloon.

— Certo. — Sven olhou pensativo para o policial, por um momento. — É melhor eu voltar.

— Tudo bem? — perguntou ela.

— Acho que sim. — Sven Svensen abriu um sorriso. — A alfândega está verificando o nosso estoque de bebidas e cigarros.

Apenas quatro coisas estavam sujeitas a licença de importação ou taxa alfandegária na colônia: ouro, bebidas alcoólicas, fumo e gasolina. Só um contrabando (sem falar em narcóticos) era totalmente proibido: todas as formas de armas de fogo e munição.

Casey sorriu para Armstrong.

— Não temos arroz a bordo, superintendente. Linc não come arroz.

— Então vai passar mal aqui.

Ela deu uma risada, depois virou-se para Svensen.

— Até amanhã. Obrigada.

— Às nove em ponto!

Svensen voltou para o avião, e Casey virou-se para John Chen.

— Linc disse que não esperássemos por ele. Espero que não haja mal nisso — disse.

— Hã?

— Vamos? Temos reservas no Victoria and Albert Hotel, em Kowloon. — Começou a pegar as malas, mas um carregador surgiu de dentro da escuridão e tirou-as de suas mãos. — Linc virá mais tarde... ou amanhã.

John Chen ficou olhando para ela, com cara de bobo.

— O Sr. Bartlett não vem?

— Não. Vai passar a noite no avião, se obtiver permissão. Senão, virá depois, de táxi. De qualquer modo, almoçará conosco amanhã, conforme o combinado. O almoço ainda está de pé, não é mesmo?

— Claro, mas... — John Chen tentava pôr sua cabeça para funcionar. — Então, vai querer cancelar a reunião das dez horas?

— Ah, não. Comparecerei, como foi combinado. Linc não é esperado nessa reunião, que trata só de finanças... não de política. Estou certa de que compreende. Linc está muito cansado, Sr. Chen. Chegou da Europa ontem. — Olhou para Armstrong. — O

comandante perguntou à torre se Linc podia pernoitar no avião, superintendente. Eles foram verificar com a Imigração; de lá responderam que depois entrariam em contato conosco, mas imagino que nosso pedido acabará chegando às suas mãos. Gostaríamos muito que o aprovasse. Linc está há muito tempo com os horários descontrolados, por causa das viagens a jato.

Armstrong se pegou dizendo:

— Acertarei isso com ele.

— Ah, obrigada, muito obrigada. — Voltou-se novamente para John Chen. — Desculpe toda essa trabalheira, Sr. Chen. Vamos?

Começou a se dirigir para o portão 16, com o carregador atrás, mas John Chen indicou o seu Rolls.

— Não, por aqui, srta. Tchu... Casey. — Ela arregalou os olhos.

— E a alfândega?

— Hoje, não — disse Armstrong, gostando dela. — Um presente do governo de Sua Majestade.

— Sinto-me como se fosse membro da realeza, em visita.

— Tudo faz parte do serviço.

Ela entrou no carro. Cheiro gostoso de couro. E de luxo. Então, notou o carregador cruzando o portão que levava ao terminal do aeroporto.

— Mas, e quanto às minhas malas?

— Não precisa se preocupar com elas — falou John Chen, com irritação. — Estarão na sua suíte antes que chegue lá.

Armstrong ficou segurando a porta por mais um momento.

— John veio com dois carros. Um para a senhorita e o Sr. Bartlett... outro para a bagagem.

— Dois carros?

— Claro. Não se esqueça de que está em Hong Kong.

Armstrong ficou observando o carro se afastar. "Linc Bartlett é um homem de sorte", pensou, e ficou imaginando, distraidamente, por que o SEI, Serviço Especial de Informações, estava interessado nela.

— Vá receber o avião e examine o passaporte dela pessoalmente — o diretor do sei lhe dissera, pela manhã. — E o do Sr. Lincoln Bartlett também.

— Posso saber por quê, senhor?

— Não, Robert, não pode. Já não faz mais parte desta seção... está num empreguinho confortável em Kowloon. Uma bela sinecura, pois não?

— Sim, senhor.

— E Robert, faça o favor de não esculhambar a nossa operação de hoje à noite... pode haver muitos figurões envolvidos. Temos um trabalho para manter vocês atualizados com o que os "homens maus" estão fazendo.

— Sim, senhor.

Armstrong suspirou enquanto subia as escadas que levavam ao avião, seguido pelo sargento Lee. Dew neh loh moh para todos os oficiais superiores, especialmente o diretor do SEI.

Um dos funcionários da alfândega esperava no topo da escada, junto com Svensen.

— Boa noite, senhor — cumprimentou ele. — Tudo em ordem a bordo. Há um 38 com uma caixa de cem cartuchos fechada como parte do estoque do avião. Uma pistola Verrey Light. E mais três rifles de caça e um calibre 12 com munição, pertencentes ao Sr. Bartlett. Estão todos arrolados no manifesto de carga, e já os inspecionei. Há um armário de armas trancado na cabine principal. O comandante tem a chave.

— Ótimo.

— Ainda vai precisar de mim, senhor?

— Não, obrigado. — Armstrong pegou o manifesto de carga do avião e começou a verificá-lo. Muito vinho, cigarro, fumo, cerveja

e bebidas mais fortes. Dez caixas de Dom Pérignon 59, quinze de Puligny Montrachet 53, nove de Château Haut Brion 53. — Não têm Lafite Rothschild 1916, Sr. Svensen? — perguntou, com um sorrisinho.

— Não, senhor — respondeu Svensen, com um sorriso amplo. — 1916 foi um ano muito ruim. Mas temos meia caixa do 1923. Está na página seguinte.

Armstrong virou a página. Havia mais vinhos e charutos na lista.

— Ótimo — falou. — Naturalmente, tudo isso estará sob retenção alfandegária, enquanto estiverem em terra.

— Sim, senhor. Já tranquei tudo no armário... e seu homem o lacrou. Disse que não fazia mal deixar uma caixa com doze latas de cerveja na geladeira.

— Se quiser importar qualquer vinho, basta me avisar. Não há complicações, apenas uma modesta contribuição para a gaveta

inferior de Sua Majestade.

— Como? — perguntou Svensen, perplexo.

— Hem? Ah, só uma piadinha inglesa. Refere-se à gaveta inferior da cômoda de uma senhora... onde guarda as coisas de que vai precisar no futuro. Desculpe. O seu passaporte, por favor. — O passaporte de Svensen era canadense. — Obrigado.

— Posso apresentá-lo ao Sr. Bartlett? Está à sua espera.

Svensen entrou no avião, à sua frente. O interior era elegante e simples. Saindo do pequeno corredor, entrava-se numa sala de estar com meia dúzia de poltronas de couro e um sofá. Uma porta central isolava o resto do avião, na direção da popa. Numa das poltronas uma aeromoça dormitava, com as malas ao lado. À esquerda ficava a porta da cabine de vôo. Estava aberta.

O comandante e o co-piloto estavam nos seus lugares, ainda examinando a papelada.

— Com licença, comandante. Este é o superintendente Armstrong — disse Svensen, afastando-se.

— Boa noite, superintendente — falou o comandante. — Sou o comandante Jannelli e este é o meu co-piloto, Bill O'Rourke.

— Boa noite. Posso ver seus passaportes, por favor?

Os dois pilotos tinham vistos internacionais e carimbos de imigração aos montes. Nenhum país da Cortina de Ferro. Armstrong entregou-os ao sargento Lee, para carimbá-los.

— Obrigado, comandante. Esta é sua primeira visita a Hong Kong?

— Não, senhor. Estive aqui umas duas vezes, de licença, durante a Guerra da Coréia. E viajei com a Far Eastern, como

primeiro-oficial, durante seis meses, na rota da volta ao mundo deles em 56, durante os tumultos.

— Que tumultos? — quis saber O'Rourke.

— Kowloon inteira explodiu. Uns duzentos mil chineses de repente endoidaram, saíram por aí destruindo, queimando. Os tiras, desculpe, a polícia tentou resolver a coisa com paciência, depois as turbas começaram a matar, então os tiras, bem, a polícia passou a mão nuns fuzis e matou uma meia dúzia de palhaços e tudo se acalmou rapidinho. Aqui, só a polícia tem armas de fogo, o que é uma ótima idéia. — E, dirigindo-se a Armstrong: — Acho que vocês fizeram um serviço e tanto.

— Obrigado, comandante Jannelli. Onde teve início este vôo?

— Em Los Angeles. O escritório principal de Linc, do Sr. Bartlett, fica lá.

— Sua rota foi Honolulu, Tóquio, Hong Kong?

— Sim, senhor.

— Quanto tempo ficaram parados em Tóquio?

Bill O'Rourke foi verificar imediatamente o registro.

— Duas horas e dezessete minutos. Apenas para reabastecimento, senhor.

— Um tempinho para esticar as pernas, não é? Jannelli falou:

— Fui o único a saltar. Sempre dou uma checada no trem de aterrissagem e faço uma inspeção externa, onde quer que pousemos.

— É um bom hábito — falou o policial, cortesmente. — Quanto tempo vão ficar aqui?

— Não sei, isso é com Linc. Com certeza até amanhã.

Não podemos partir antes das catorze horas. Nossas ordens são para estarmos prontos para ir a qualquer lugar, a qualquer hora.

— Tem um belo avião, comandante. Pode ficar aqui até as catorze horas. Se quiser uma prorrogação, fale com o controle de terra antes desse horário. Quando estiver pronto, passe pela alfândega por aquele portão. E por favor, que a tripulação passe toda junta.

— Claro. Logo que acabarmos de abastecer.

— O senhor e toda a sua tripulação sabem que a importação de qualquer arma de fogo para a colônia é estritamente proibida? Ficamos muito nervosos com armas de fogo em Hong Kong.

— Eu também fico, superintendente... em qualquer lugar. É por isso que possuo a única chave do armário das armas.

— Ótimo. Qualquer problema, por favor, fale com o meu gabinete.

Armstrong saiu e passou para a ante-sala, com Svensen à sua frente.

Jannelli observou-o enquanto ele inspecionava o passaporte da aeromoça. Ela era bonitinha, e chamava-se Jenny Pollard.

— Filho da puta — resmungou, depois acrescentou baixinho:
— Alguma coisa aqui está cheirando mal.

— Hem?

— Desde quando um figurão do DIC vem verificar as porras dos passaportes? Tem certeza de que não estamos transportando nada de curioso?

— Porra, não. Sempre verifico tudo. Inclusive os estoques de Sven. Claro que não vistorio as coisas de Linc... nem de Casey... mas eles não fariam nenhuma burrice.

— Há quatro anos vôo para ele, e nem uma só vez... Mesmo assim, pode apostar que alguma coisa está cheirando mal. — Jannelli se virou, cansado, e se acomodou mais confortavelmente no assento do piloto. — Puxa, o que eu não daria por uma massagem e uma semana de folga.

Na ante-sala, Armstrong entregou o passaporte ao sargento Lee, que o carimbou.

— Obrigado, srta. Pollard.

— Obrigada.

— Acabou a tripulação, senhor — falou Svensen. — Agora, o Sr. Bartlett.

— Sim, por favor.

Svensen bateu à porta central e abriu-a sem esperar resposta.

— Linc, este é o superintendente Armstrong — falou, com tranqüila informalidade.

— Oi — disse Linc Bartlett, levantando-se da mesa de trabalho. Estendeu a mão. — Quer uma bebida? Cerveja?

— Não, obrigado. Quem sabe um café. Svensen dirigiu-se imediatamente para a copa.

— Vem já — falou.

— Fique à vontade. Aqui está meu passaporte — falou Bartlett. — Vou demorar só um momentinho.

Voltou à máquina de escrever, e continuou a bater nas teclas com dois dedos.

Armstrong examinou-o com calma. Bartlett tinha cabelos avermelhados, olhos azul-acinzentados, um rosto forte e bonito. Esbelto. Camisa esporte e jeans. Armstrong olhou para o passaporte. Nascido em Los Angeles, no dia 1.º de outubro de 1922. "Parece jovem, para quarenta anos", pensou. Carimbo de Moscou, como Casey Tcholak, e mais nenhuma visita à Cortina de Ferro.

Correu os olhos pelo aposento. Espaçoso, toda a largura do avião. Havia um curto corredor central na direção da popa, que dava

para duas cabines e dois banheiros. E no final do corredor uma porta que imaginava dar para a suíte principal.

A cabine mais parecia um centro de comunicações. Tele-tipos, telefones internacionais, máquinas de escrever embutidas. Um relógio iluminado marcava as horas numa antepara. Arquivos, copiadora e uma escrivaninha embutida de tampo de couro, coalhada de papéis. Prateleiras com livros. Livros de impostos. Algumas brochuras. O resto eram livros de guerra, e livros sobre generais ou escritos por generais. Às dúzias. Wellington, Napoleão e Patton, Cruzada na Europa, de Eisen-hower, A arte da guerra, de Sun Tse...

— Pronto, senhor — falou uma voz, interrompendo a inspeção de Armstrong.

— Ah, obrigado, Svensen.

Pegou a xícara de café e acrescentou um pouco de creme.

Sven pôs uma lata nova e aberta de cerveja gelada ao lado de Bartlett, pegou a lata vazia e voltou para a copa, fechando a porta atrás de si. Bartlett bebeu a cerveja direto da lata, relendo o que havia escrito, depois apertou uma campainha. Svensen apareceu imediatamente.

— Diga a Jannelli que peça à torre para transmitir isso. — Svensen fez um sinal de cabeça e saiu. Bartlett relaxou os ombros e voltou-se na cadeira giratória. — Desculpe... tinha que mandar aquilo com urgência.

— Tudo bem, Sr. Bartlett. Seu pedido para pernoitar está aprovado.

— Obrigado... muito obrigado. Será que Svensen também poderia ficar? — Abriu um sorriso. — Não sou grande coisa como dono-de-casa.

— Pois não. Quanto tempo seu avião vai ficar aqui?

— Tudo depende da reunião que teremos amanhã, superintendente. Esperamos fazer negócios com a Struan. Uma semana, dez dias.

— Então vai precisar de um local de estacionamento alternativo, amanhã. Temos outro vôo VIP chegando às dezesseis horas. Disse ao comandante Jannelli para ligar para o controle de terra antes das catorze horas.

— Obrigado. O chefe do DIC de Kowloon costuma tratar do estacionamento aqui no aeroporto?

Armstrong sorriu.

— Gosto de saber o que ocorre na minha divisão. É um hábito tedioso, mas arraigado. Não é freqüente termos aviões particulares nos visitando... ou o Sr. Chen vindo receber alguém pessoalmente. Gostamos de agradar, quando possível. A Struan é dona da maior parte do aeroporto, e John é um amigo pessoal. É um velho amigo seu?

— Passei algum tempo com ele em Nova York e Los Angeles, e gostei muito dele. Sabe, superintendente, este avião é o meu cen... — Um dos telefones tocou. Bartlett atendeu. — Ah, alô, Charlie, o que está acontecendo em Nova York?... Puxa, que ótimo! Quanto?... Certo, Charlie, compre o lote todo... É, todas as duzentas mil ações... Claro, logo na segunda de manhã, assim que o mercado abra. Mande a confirmação por telex... — Bartlett largou o telefone e voltou-se para Armstrong. — Desculpe. Sabe, superintendente, este é meu centro de comunicações, e estaria perdido sem ele. Se estacionarmos por uma semana, posso entrar e sair à vontade?

— Temo que isso seja um pouco enrolado, Sr. Bartlett.

— Isso quer dizer sim, não, ou talvez?

— Ah, é gíria para "difícil". Sinto muito, mas nossa segurança em Kai Tak é muito especial.

— Se tiver que destacar mais homens, não me incomodo em pagar.

— É questão de segurança, não de dinheiro, Sr. Bartlett. E vai ver que o sistema telefônico de Hong Kong é de primeira classe.

"Além disso, vai ser muito mais fácil para o Serviço de Informações controlar suas ligações", pensou.

— Bem, se puder conseguir isso, ficaria grato. Armstrong tomou o café.

— É sua primeira visita a Hong Kong?

— É, sim. Minha primeira visita à Ásia. O mais longe que já tinha ido foi Guadalcanal, em 43.

— Exército?

— Sargento, da Engenharia. Construção... construíamos de tudo: hangares, pontes, campos, o que surgisse. Uma grande

experiência. — Bartlett bebia direto da lata. — Não quer mesmo uma bebida?

— Não, obrigado. — Armstrong esvaziou a xícara, começou a se levantar. — Obrigado pelo café.

— Agora posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

— Que tal é Dunross? Ian Dunross, o chefe da Struan?

— O tai-pan? — Armstrong riu francamente. — Isso depende da pessoa a quem perguntar, Sr. Bartlett. Não o conhece?

— Não, ainda não. Vou conhecê-lo amanhã. Na hora do almoço. Por que o chama de o tai-pan?

— "Tai-pan" quer dizer "líder supremo" em cantonense... a pessoa com o poder definitivo. Os chefes europeus de todas as velhas firmas comerciais são todos tai-pans, para os chineses. Mas mesmo entre os tai-pans, há sempre o maior. O tai-pan. A Struan é apelidada de Casa Nobre ou Hong Nobre, e "hong" significa "companhia". Isso remonta ao começo do comércio com a China e aos primórdios de Hong Kong. Hong Kong foi fundada em 1841, no dia 26 de janeiro, para ser preciso. O fundador da Struan e Companhia foi legendário... ainda o é, de certa forma: Dirk Struan. Há quem diga que foi um pirata, há quem diga que foi um príncipe. De qualquer maneira, fez fortuna contrabandeando ópio indiano para a China, depois convertendo o dinheiro em chás chineses que transportava para a Inglaterra numa frota de veleiros chineses. Tornou-se um príncipe mercador, ganhou o título de tai-pan, e desde então a Struan tem sempre tentado ser a primeira em tudo.

— E é?

— Ah, tem umas duas companhias nos seus calcanhares, especialmente a Rothwell-Gornt, mas diria que é a primeira, sim. A verdade é que não é possível que coisa alguma entre ou saia de Hong Kong, seja comida, enterrada ou fabricada sem que a Struan, a Rothwell-Gornt, as Propriedades Asiáticas, o BLACS (Banco de Londres, Cantão e Xangai), ou o Victoria Bank tenham metido a colher, de alguma forma.

— E Dunross, pessoalmente, como é?

Armstrong pensou um momento, depois disse, despreocupadamente:

— Repito, isso depende da pessoa a quem perguntar, Sr. Bartlett. Eu o conheço um pouco, socialmente... de vez em quando nos encontramos nas corridas. Já tive dois encontros oficiais com ele. É encantador, excelente no seu trabalho... suponho que "brilhante" seja a palavra certa.

— Ele e a família são donos de grande parte da Struan?

— Não sei ao certo. Duvido que alguém saiba, fora da família. Mas suas ações não são a chave para a mesa do tai-pan. Ah, não. Não na Struan. Disso estou certo. — Armstrong olhou firme nos olhos de Bartlett. — Há quem diga que Dunross é implacável e vive pronto para matar. Sei que não gostaria de tê-lo como inimigo.

Bartlett tomou a cerveja, e as ruguinhas ao redor dos olhos apareceram, num sorriso curioso.

— Às vezes, um inimigo é mais valioso do que um amigo.

— Às vezes. Espero que tenha uma estadia proveitosa. Bartlett pôs-se de pé, imediatamente.

— Obrigado. Vou acompanhá-lo. — Abriu a porta e fez Armstrong e o sargento Lee passarem, depois saiu atrás deles pela porta da cabine principal, até os degraus da escada. Inspirou fundo. Mais uma vez, notou algo de estranho no vento, nem agradável nem desagradável, nem odor nem perfume... só estranho, e curiosamente excitante. — Superintendente, que cheiro é esse? Casey também o sentiu, no momento em que Sven abriu a porta.

Armstrong hesitou. Depois sorriu.

— É o cheiro particular de Hong Kong, Sr. Bartlett. De dinheiro.

2

23h48m

— Todos os deuses são testemunhas do azar que estou tendo hoje — disse Wu Quatro Dedos, e cuspiu no tombadilho. Estava na popa de seu junco marítimo, que fora amarrado junto a um grande grupo de barcos espalhados pelo porto de Aberdeen, na costa sul da ilha de Hong Kong. A noite era quente e úmida, e ele estava jogando mah-jong com três amigos, todos velhos e castigados pelas intempéries, como ele, e todos comandantes dos próprios juncos. Mesmo assim, navegavam na frota dele, e era dele que recebiam ordens. Seu nome formal era Wu Sang Fang. Era um pescador baixo e analfabeto, com poucos dentes, e lhe faltava o polegar da mão esquerda. Seu junco era velho, maltratado e imundo. Era chefe dos Transportes Marítimos Wu, comandante das frotas, e sua bandeira, a Lótus Prateada, tremulava nos quatro mares.

Quando chegou de novo a sua vez, pegou outra das pecinhas de marfim. Lançou-lhe um olhar, e como em nada melhorava a sua mão, descartou-a ruidosamente, e cuspiu de novo. A saliva brilhava no tombadilho. Usava uma camiseta velha e esfarrapada, calças de cule pretas, como os amigos, e apostara dez mil dólares só naquela partida.

— Ayeeyah — disse Tang Bexiguento, fingindo aborrecimento, embora a peça que acabara de pegar praticamente formasse uma combinação vencedora, faltando-lhe apenas mais uma peça. O jogo era parecido com gin rummy. — Fodam-se todas as mães, exceto as nossas, se eu não ganhar!

Descartou uma peça, com um floreio.

— Foda-se a sua, se você ganhar e eu não! — disse um outro, e todos riram.

— E fodam-se aqueles demônios estrangeiros da Montanha Dourada se não chegarem hoje à noite — falou Poon Bom Tempo.

— Chegarão — disse Wu Quatro Dedos, confiante. —

Os demônios estrangeiros grudam-se aos horários. Mesmo assim, mandei o Sétimo Filho ao aeroporto, para se certificar.

Começou a apanhar uma peça do jogo, mas deteve-se e olhou por sobre o ombro, observando com ar crítico um junco de pesca que passava, os motores roncando baixinho, subindo o canal de acesso estreito e sinuoso entre os grupos de barcos, na direção da garganta do porto. Apenas as luzes de ancoragem, de bombordo e boreste, estavam acesas. Ostensivamente, o junco ia só pescar, mas aquele junco era um dos dele, e ia interceptar uma traineira tai com um carregamento de ópio. Quando viu que ele tinha passado em segurança, o homem voltou a concentrar-se no jogo. A maré agora estava baixa, mas a maioria dos grupos de barcos estava cercada por águas profundas. Da praia e dos baixios vinha o fedor de algas apodrecidas, mariscos e excremento humano.

A maior parte dos juncos e sampanas estava agora às escuras, e seus muitos ocupantes, adormecidos. Aqui e ali, viam-se uns poucos lampiões a querosene. Barcos de todos os tamanhos amarravam-se precariamente uns aos outros, aparentemente sem seguir ordem alguma, com minúsculos becos marítimos entre as

aldeias flutuantes. Esses eram os lares dos povos tanka e haklo — os moradores dos barcos —, que viviam suas vidas sobre as águas, nasciam e morriam sobre as águas. Muitos desses barcos nunca abandonavam sua amarração, mas ficavam grudados uns aos outros até afundarem, se desfazerem em pedaços, irem a pique num tufão, ou pegarem fogo num dos incêndios espetaculares que freqüentemente varriam os amontoados, quando pés ou mãos descuidados derrubavam um lampião, ou deixavam cair algo inflamável nas inevitáveis fogueiras sem proteção.

— Vovô! — chamou o jovem vigia.

— O que é? — perguntou Wu.

— Ali no molhe, veja! O Sétimo Filho!

O garoto, que mal teria doze anos, apontava para a terra firme.

Wu e os outros se levantaram e olharam para a terra. O jovem chinês acabava de pagar o táxi. Usava jeans, uma camiseta

limpa e tênis. O táxi havia parado junto à prancha de desembarque de um dos imensos restaurantes flutuantes amarrados aos molhes modernos, a uns cem metros de distância. Havia quatro desses restaurantes flutuantes espalhafatosos — com três, quatro ou cinco andares —, iluminadíssimos, esplendorosamente decorados em escarlate, verde e ouro, com telhados chineses acanelados, deuses, gárgulas e dragões.

— Tem bons olhos, Neto Número Três. Ótimo. Vá encontrar-se com o Sétimo Filho. — Imediatamente, o garoto saiu correndo, pisando firme nas tábuas desconjuntadas que uniam aquele junco aos demais. Quatro Dedos ficou vendo seu sétimo filho dirigir-se a um dos molhes, onde as balsas-sampanas que serviam ao porto estavam agrupadas. Quando viu que o barqueiro que mandara o havia interceptado, deu as costas para a terra e sentou-se novamente. — Vamos lá, vamos acabar o jogo — falou, carrancudo. — Esta é a minha última mão, bosta. Tenho que ir para terra logo mais.

Jogaram por um momento, comprando e descartando as peças de marfim.

— Ayeeyah! — gritou Tang Bexiguento, ao ver a peça que comprara. Largou-a sobre a mesa, com um floreio, virada para cima, e desvirou as outras treze peças que lhe davam a vitória. — Olhem, pelos deuses!

Wu e os demais olharam, boquiabertos, para a mão.

— Merda! — exclamou Wu, escarrando ruidosamente. — Danem-se todas as suas gerações, Tang Bexiguento! Que sorte!

— Mais um jogo? Vinte mil, Wu Quatro Dedos? — perguntou Tang, alegremente, convencido de que o velho demônio, Chi Kung, o deus dos jogadores, estava sentado no seu ombro.

Wu começou a sacudir a cabeça, mas naquele momento uma ave marinha passou voando e piando queixosamente.

— Quarenta — disse imediatamente, mudando de idéia, interpretando o piado como um sinal dos céus, de que sua sorte mudara. — Quarenta mil ou nada! Mas terá que ser com dados, porque agora não tenho tempo.

— Não tenho quarenta em espécie, por todos os deuses, mas com os vinte que me deve, dou meu junco como garantia amanhã, quando os bancos abrirem, e arranjo um empréstimo, e lhe dou toda a parte do meu lucro no nosso próximo carregamento de ouro ou ópio, até que você seja pago, heya?

Poon Bom Tempo falou, com azedume:

— É dinheiro demais para um só jogo. Seus dois sacanas, perderam o juízo?

— Número mais alto, um arremesso? — perguntou Wu.

— Ayeeyah, os dois enlouqueceram — falou Poon. No entanto, estava tão excitado quanto os demais. — Onde estão os dados?

Wu pegou os dados. Eram três.

— Jogue pela porra do seu futuro, Tang Bexiguento! Tang Bexiguento cuspiu nas palmas das mãos, fez uma prece silenciosa, depois arremessou os dados, com um grito.

— Oh, oh, oh — exclamou, angustiado. Um 4, um 3 e outro 4. — Onze!

Os outros homens mal respiravam.

Wu cuspiu nos dados, amaldiçoou-os, abençoou-os, e arremessou. Um 6, um 2 e um 3.

— Onze! Ah, todos os deuses, grandes e pequenos! De novo... jogue de novo.

A excitação crescia no convés. Tang Bexiguento arremessou.

— Catorze!

Wu se concentrou, a tensão intoxicante, depois jogou os dados.

— Ayeeyah! — explodiu, todos eles explodiram. Um 6, um 4 e um 2.

— Eeee — foi só o que Tang Bexiguento conseguiu dizer, segurando a barriga, rindo de alegria enquanto os outros lhe davam os parabéns e se condoíam do perdedor.

Wu deu de ombros, com o coração ainda batendo forte no peito.

— Malditas sejam todas as aves marinhas que voam sobre a minha cabeça numa hora dessas!

— Ah, foi por isso que mudou de idéia, Wu Quatro Dedos?

— Foi... pareceu-me um sinal. Quantas aves marinhas piam enquanto nos sobrevoam, à noite?

— É verdade. Eu teria feito o mesmo.

— Azar! — Depois, Wu abriu um sorriso. — Eeee, mas o jogo é melhor do que Nuvens e Chuva, heya?

— Não na minha idade!

— Quantos anos tem, Tang Bexiguento?

— Sessenta... quem sabe setenta. Quase a sua idade. — Os haklos não mantinham um registro permanente de nascimento, como os moradores das aldeias em terra firme. — Não me sinto com mais de trinta.

— Soube que a Farmácia da Sorte, no mercado de Aberdeen, recebeu um novo carregamento de ginseng coreano, alguns com cem anos de idade! Isso vai tocar fogo no seu pau!

— Vai tudo bem com o pau dele, Poon Bom Tempo! Sua terceira mulher está esperando outra vez!

Wu abriu um sorriso sem dentes e pegou um grosso maço de notas de quinhentos dólares. Começou a contá-las, com os dedos ágeis, embora lhe faltasse o polegar. Anos atrás, havia sido cortado fora durante uma briga com os piratas do rio, numa expedição de contrabando. Parou momentaneamente, quando o Sétimo Filho subiu a bordo. O rapaz era alto para um chinês, e tinha vinte e seis anos. Cruzou o convés, andando desajeitadamente. Um avião a jato que chegava começou a sobrevoá-los.

— Eles chegaram, Sétimo Filho?

— Sim, pai, chegaram.

Quatro Dedos sacou o barrilete emborcado com alegria.

— Ótimo. Agora, podemos começar!

— Ei, Quatro Dedos — comentou Tang Bexiguento, indicando os dedos. — Um 6, um 4 e um 2... dá 12, que também é 3, o 3 mágico.

— É, eu vi.

Tang Bexiguento abriu um sorriso e apontou para o norte, um tantinho também para o leste, onde ficaria o aeroporto de Kai Tak... atrás das montanhas de Aberdeen, do outro lado do porto em Kowloon, a quase dez quilômetros dali.

— Quem sabe a sua sorte mudou, heya?

Segunda-feira

3

5h16m

Na semi-alvorada, um jipe com dois mecânicos de macacão dobrou o portão 16, na extremidade leste do terminal, e parou perto do principal trem de aterrissagem do Yankee 2. A escada ainda estava no lugar, e a porta principal, levemente entreaberta. Os mecânicos, ambos chineses, saltaram, e um deles começou a inspecionar o trem de aterrissagem de oito rodas, enquanto o outro, com o mesmo cuidado, inspecionava o trem de aterrissagem do nariz do avião. Metodicamente, examinaram os pneus, as rodas e depois o acoplamento hidráulico dos freios. Então espiaram para dentro dos vãos de aterrissagem. Ambos usavam lanternas elétricas. O mecânico no trem de aterrissagem principal pegou uma chave de parafuso e subiu numa das rodas para olhar mais de perto, com a cabeça e os ombros agora bem enfiados no bojo do avião. Depois de um momento, chamou, em cantonense:

— Ayeeyah! Ei, Lim, dê uma olhada nisso.

O outro homem se aproximou e olhou para cima, o suor manchando o macacão branco.

— Estão aí ou não? Não dá para eu ver daqui.

— Irmão, enfie o pau na boca e desça pela privada para os esgotos. Claro que estão aqui. Estamos ricos. Vamos comer arroz para sempre! Mas fique quieto, para não acordar os demônios estrangeiros cagados aí em cima! Tome...

O homem entregou a Lim um pacote comprido, envolto em lona, e ele o guardou rápida e silenciosamente no jipe. Depois outro, e mais outro, menor, os dois homens nervosos e suando, trabalhando depressa, e em silêncio.

Outro pacote. E outro...

E então Lim viu o jipe da polícia dobrar a esquina e simultaneamente outros homens uniformizados saírem aos montes do portão 16, entre eles muitos europeus.

— Fomos traídos — exclamou, ofegante, enquanto corria, numa fuga desesperada para a liberdade. O jipe interceptou-o facilmente, e ele parou, tremendo de terror reprimido. Depois, cuspiu, praguejou e retraiu-se.

O outro homem pulara para o chão imediatamente e saltara para o assento do motorista do jipe. Antes que pudesse girar a chave na ignição, foi dominado e algemado.

— Então, seu safado — sibilou o sargento Lee —, aonde pensa que vai?

— A lugar nenhum, seu guarda, foi ele, aquele lá, aquele filho da puta, seu guarda, jurou que cortaria a minha garganta se não o ajudasse. Não sei de nada, juro sobre o túmulo da minha mãe!

— Seu sacana mentiroso, você nunca teve mãe. Vai passar cinquenta anos na cadeia, se não falar!

— Seu guarda, juro por todos os deu...

— Mijo nas suas mentiras, seu cara de bosta. Quem está lhe pagando por esse serviço?

Armstrong cruzava devagarinho a pista do aeroporto, o gosto doce e enjoativo do golpe mortal na boca.

— Então — falou em inglês —, o que temos aqui, sargento?
— Fora uma longa noite de vigília, e estava cansado e com a barba por fazer, e sem nenhuma disposição de ouvir os choramingos e protestos de inocência do mecânico. Portanto, falou suavemente, num perfeito cantonense de sarjeta: — Mais uma só palavra sua, por mais insignificante que seja, seu fornecedor de bosta leprosa, e mandarei meus homens saltarem sobre o seu Saco Secreto.

O homem ficou mudo.

— Ótimo. Como se chama?

— Tan Shu Ta, senhor.

— Mentiroso! Como se chama o seu amigo?

— Lim Ta-cheung, mas não é meu amigo, senhor, não o conhecia antes de hoje de manhã.

— Mentiroso! Quem pagou a vocês para fazerem isso?

— Não sei quem pagou a ele, senhor. Sabe, ele jurou que cortaria...

— Mentiroso! Sua boca está tão cheia de bosta que deve ser o deus da bosta em pessoa. O que há nesses embrulhos?

— Não sei. Juro pelo túmulo dos meus ancestr...

— Mentiroso! — disse Armstrong, sabendo que as mentiras eram inevitáveis.

Seu primeiro instrutor na polícia, calejado no trato com os chineses, lhe dissera:

— O chinês não é igual à gente. Ah, não quero dizer que seja feito de outro jeito... só que é diferente. Mente para os tiras o tempo todo, até ficar roxo, e quando a gente agarra um bandido, agindo limpamente, mesmo assim ele ainda mente e é escorregadio como um pau-de-sebo num monte de merda. Ele é diferente. Veja só os seus nomes. Cada chinês tem quatro nomes diferentes, um quando nasce, outro na puberdade, outro quando fica adulto, e um que escolhe para si mesmo, e eles se esquecem de um deles, ou acrescentam outro por dá cá aquela palha. E os nomes deles... pela

madrugada! Os chineses se chamam de Lao-tsi-sing — os Cem Nomes Antigos. Há apenas cem sobrenomes básicos em toda a China, e desses há vinte Yus, oito Yens, dez Wus, e sabe lá Deus quanto Pings, Lis, Lees, Chens, Chins, Chings, Wongs e Fus, e cada um deles é pronunciado de cinco modos diferentes, portanto, sabe-se lá quem é quem!

— Então vai ser difícil identificar um suspeito, senhor?

— Nota 10, jovem Armstrong! Nota 10, meu rapaz. Você pode ter cinqüenta Lis, cinqüenta Changs e quatrocentos Wongs, e um não ser aparentado com o outro. Pela madrugada! Este é o problema, aqui em Hong Kong.

Armstrong deu um suspiro. Depois de dezoito anos, os nomes chineses eram tão confusos como nunca. E ainda por cima, todos eles pareciam ter um apelido pelo qual eram conhecidos.

— Como se chama? — perguntou de novo, e não se incomodou de esperar a resposta. — Mentiroso! Sargento! Desembrulhe um desses pacotes! Deixe ver o que contém.

O sargento Lee afastou o último envoltório. Dentro dele havia um M14, um rifle automático do exército dos Estados Unidos. Novo e bem lubrificado.

— Por causa disso, seu maldito filho da mama esquerda de uma puta — rosnou Armstrong —, você uivará durante cinquenta anos!

O homem fitava a arma, apalermado, com cara de besta. Depois, soltou um gemido baixo.

— Fodam-se todos os deuses, não sabia que eram armas.

— Ah, sabia, sim! — disse Armstrong. — Sargento, bote este pedaço de bosta no camburão e fiche-o como contrabandista de armas.

O homem foi levado dali, com brutalidade. Um dos jovens policiais chineses estava desembrulhando outro pacote. Era pequeno

e quadrado.

— Espere! — ordenou Armstrong em inglês. O policial e todos os outros que o ouviram ficaram imóveis. — Um deles pode conter uma bomba. Afastem-se todos do jipe! — Suando, o homem fez o que lhe mandaram. — Sargento, mande buscar os encarregados da remoção de bombas. Não há mais pressa.

— Sim, senhor.

O sargento Lee dirigiu-se ao intercomunicador no camburão da polícia.

Armstrong foi para baixo do avião e espiou para dentro do vão do trem de aterrissagem principal. Não dava para enxergar nada de estranho. Então, subiu numa das rodas.

— Santo Deus! — exclamou. Cinco prateleiras estavam firmemente presas a cada lado do tabique. Uma delas estava quase vazia, as outras, ainda cheias. Pelo tamanho e formato dos pacotes, julgava que fossem mais M14 e caixas de munição... ou granadas.

— Alguma coisa aí em cima, senhor? — perguntou o inspetor Thomas. Era um jovem inglês que estava há três anos na força policial.

— Dê uma olhada! Mas não toque em nada.

— Santo Deus! Há o bastante para algumas brigadas de choque!

— É. Mas quem seriam os revoltosos?

— Comunas?

— Ou nacionalistas... ou bandidos. Esses...

— Mas que diabo está acontecendo aí embaixo? Armstrong reconheceu a voz de Linc Bartlett. Fechou a cara e saltou para o chão, com Thomas logo atrás. Dirigiu-se para a ponta da escada.

— É o que eu também gostaria de saber, Sr. Bartlett — falou, secamente.

Bartlett estava parado na porta principal do avião, com Svensen ao lado. Ambos estavam de pijama e robe, e com cara de sono.

— Gostaria que desse uma olhada nisso.

Armstrong apontou para o rifle, agora parcialmente escondido no jipe.

Bartlett desceu as escadas imediatamente, com Svensen atrás.

— No quê?

— Queira fazer a gentileza de esperar no avião, Sr. Svensen.

Svensen ia responder, mas parou. Depois olhou para Bartlett, que balançou a cabeça.

— Prepare um café, sim, Sven?

— Claro, Linc.

— Bem, que história é essa, superintendente?

— Veja! — apontou Armstrong.

— É um M14. — Os olhos de Bartlett se estreitaram. — E daí?

— E daí que parece que seu avião está transportando armas.

— Não é possível.

— Acabamos de pegar dois homens descarregando. Lá está um dos sacanas — Armstrong apontou para o mecânico algemado, esperando de cara fechada ao lado do jipe —, e o outro está no camburão. Queira fazer a gentileza de olhar para o vão do trem de aterrissagem principal, senhor.

— Claro. Onde?

— Vai ter que trepar na roda.

Bartlett obedeceu. Armstrong e o inspetor Thomas anotaram o lugar exato onde ele pôs as mãos, para identificação de digitais.

Bartlett ficou olhando estupefato para as prateleiras.

— Puta que o pariu! Se houver mais dessas, é um verdadeiro arsenal.

— É. Por favor, não toque em nada.

Bartlett examinou as prateleiras, depois saltou para o chão, agora totalmente desperto.

— Este não é um simples contrabandozinho. Aquelas prateleiras foram feitas sob medida.

— É. Não faz objeção a que revistemos o avião?

— Não. Claro que não.

— Pode ir, inspetor — falou Armstrong, imediatamente. — E faça uma inspeção muitíssimo cuidadosa. Agora, Sr. Bartlett, se quiser fazer a gentileza de explicar...

— Não contrabandeio armas, superintendente. Não creio que meu comandante o faça... ou Bill O'Rourke. Ou Svensen.

— E quanto à srta. Tcholak?

— Ora, faça-me o favor! Armstrong falou, com voz gélida:

— Este é um assunto muito sério, Sr. Bartlett. Seu avião está sob custódia, e sem aprovação da polícia, até ordem posterior, nem o senhor nem membro algum da sua tripulação poderão sair da colônia durante nossas investigações. Bem, e quanto à srta. Tcholak?

— É impossível, totalmente impossível, que Casey esteja envolvida de alguma maneira com armas, contrabando de armas ou qualquer outro tipo de contrabando. Impossível. — Bartlett parecia lastimar aquilo tudo, mas não tinha medo algum. — O mesmo se aplica ao resto de nós. — Sua voz tornou-se mais cortante. — O senhor foi avisado, não foi?

— Quanto tempo pararam em Honolulu?

— Uma ou duas horas, só para reabastecer, não me lembro ao certo. — Bartlett pensou por um momento. — Jannelli saltou, mas sempre salta. Essas prateleiras não podiam ter sido carregadas em uma hora e pouco.

— Tem certeza?

— Não, mas apostaria que isso foi feito antes de sairmos dos Estados Unidos. Embora não tenha a menor idéia de quando, onde, por quê e por quem. O senhor tem?

— Ainda não. — Armstrong observava-o atentamente. — Quem sabe gostaria de voltar ao seu gabinete, Sr. Bartlett. Poderíamos tomar lá o seu depoimento.

— Claro. — Bartlett olhou para o relógio. Eram cinco horas e quarenta e três minutos. — Façamos isso agora, depois tenho que dar alguns telefonemas. Ainda não estamos ligados ao seu sistema. Há algum telefone local ali? — perguntou, apontando para o terminal.

— Há. Naturalmente, preferimos interrogar o comandante Jannelli e o Sr. O'Rourke antes do senhor... se não se importa. Onde estão hospedados?

— No Victoria and Albert.

— Sargento Lee!

— Pronto, senhor.

— Pode ir indo para o QG.

— Sim, senhor.

— Também gostaríamos de falar com a srta. Tcholak primeiro. Novamente, se o senhor não se importar.

Bartlett subia as escadas, com Armstrong ao lado. Finalmente, falou:

— Está certo. Desde que o senhor o faça pessoalmente, e não antes das sete e quarenta e cinco. Ela tem trabalhado demais, tem um dia pesado pela frente, e não quero que seja incomodada desnecessariamente.

Entraram no avião. Sven esperava ao lado da copa, vestido normalmente, e muito perturbado. Policiais uniformizados e à paisana estavam por todo canto, revistando diligentemente.

— Sven, e aquele café?

Bartlett foi na frente, cruzando a ante-sala e entrando no seu escritório-gabinete. A porta central da popa, no final do corredor, estava aberta. Armstrong pôde ver parte da suíte principal, com sua cama tamanho extragrande. O inspetor Thomas vasculhava algumas gavetas.

— Merda! — resmungou Bartlett.

— Lamento — disse Armstrong —, mas é necessário.

— O que não quer dizer que eu tenha que gostar, superintendente. Jamais gostei de estranhos metendo o nariz na minha vida privada.

— É, concordo. — O superintendente fez sinal para um dos oficiais à paisana. — Sung!

— Sim, senhor.

— Anote aqui, por favor.

— Um minuto, vamos poupar tempo — falou Bartlett. Virou-se para um amontoado de aparelhos eletrônicos e apertou dois interruptores. Um gravador com dois cassetes começou a funcionar. Ele enfiou um microfone na tomada e colocou-o na mesa. — Haverá duas fitas, uma para o senhor, outra para mim. Depois que seu funcionário a transcrever, se quiser a minha assinatura, estarei às ordens.

— Obrigado.

— Bem, vamos começar.

Armstrong ficou constrangido, de repente.

— Queira por favor dizer-me o que sabe sobre o carregamento ilegal encontrado no vão do trem de aterrissagem principal de seu aeroplano, Sr. Bartlett.

Bartlett repetiu que não sabia de nada.

— Não creio que ninguém da minha tripulação ou do meu pessoal esteja envolvido, de forma alguma. Nenhum deles jamais esteve envolvido com a lei, ao que eu saiba. E eu saberia.

— Há quanto tempo o comandante Jannelli está com o senhor?

— Há quatro anos, O'Rourke, há dois. Svensen, desde que adquiri o avião, em 58.

— E a srta. Tcholak?

Depois de uma pausa, Bartlett disse:

— Seis... quase sete anos.

— Ela é uma importante executiva de sua companhia?

— É. Muito importante.

— Isso é incomum, não, Sr. Bartlett?

— É. Mas não tem nada a ver com o problema atual.

— O senhor é proprietário deste aparelho?

— A minha companhia é que é. Indústrias Par-Con S.A.

— Tem inimigos... alguém que gostaria de deixá-lo numa séria enrascada?

Bartlett riu.

— Será que um cachorro tem pulgas? Não se chega a chefe de uma companhia de meio bilhão de dólares fazendo amigos.

— Nenhum inimigo em especial?

— Diga-me o senhor. Contrabando de armas é uma operação especial... isso não pode deixar de ter sido feito por um profissional.

— Quem sabia do seu plano de vôo para Hong Kong?

— A visita já está marcada há uns dois meses. Minha diretoria sabia. E minha equipe de planejamento. — Bartlett franziu o cenho. — Não era nenhum segredo. Não havia motivo para tal. — Depois, acrescentou: — É claro que a Struan sabia... exatamente. Há pelo menos duas semanas. Na verdade, confirmamos a data no dia 12 por telex, junto com as horas previstas para a partida e para a chegada. Eu queria vir antes, mas Dunross disse que segunda-feira, dia 19, seria melhor para ele, e 19 é hoje. Por que não o interroga?

— É o que farei, Sr. Bartlett. Obrigado, senhor. No momento, é o suficiente.

— Também tenho umas perguntas, superintendente, se não se importa. Qual a penalidade para o contrabando de armas?

— Dez anos, sem condicional.

— Qual o valor desse carregamento?

— Não tem preço, para o comprador certo, porque nenhuma arma, absolutamente nenhuma, está ao alcance de pessoa alguma.

— Quem é o comprador certo?

— Qualquer um que queira começar um levante, uma insurreição, ou cometer assassinato em massa, assalto a bancos, ou algum crime de grande porte.

— Comunistas?

Armstrong sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não precisam atirar em nós para tomar a colônia, ou contrabandear M14... têm armas de sobra nas mãos.

— Nacionalistas? Gente de Chang Kai-chek?

— O governo americano lhes fornece em quantidade todo tipo de armamentos, Sr. Bartlett. Não é? Portanto, também não precisam contrabandear desse jeito.

— Uma guerra de quadrilhas, talvez?

— Santo Deus, Sr. Bartlett, nossas quadrilhas não atiram umas nas outras. Nossas quadrilhas, chamamo-las de tríades, nossas tríades acertam suas diferenças de modo chinês sensato e civilizado, com facas, machados, pedaços de ferro e telefonemas anônimos para a polícia.

— Aposto que foi alguém da Struan. É aí que encontrará a resposta a este enigma.

— Talvez. — Armstrong riu de modo estranho, depois repetiu:
— Talvez. Agora, se me dá licença...

— Claro.

Bartlett desligou o gravador, tirou de lá os dois cassetes e entregou um deles ao outro homem.

— Obrigado, Sr. Bartlett.

— Quanto tempo ainda vai durar esta revista?

— Depende. Talvez uma hora. Pode ser que tragamos alguns peritos. Tentaremos tornar tudo o mais fácil possível. Vai sair do avião antes do almoço?

— Vou.

— Se quiser se comunicar, por favor entre em contato com meu gabinete. O número é 88-7733. Por enquanto, haverá aqui uma guarda policial permanente. Vai ficar no Vic?

— Vou. Estou livre agora para ir à cidade, fazer o que quiser?

— Está sim, senhor, desde que não deixe a colônia, durante as nossas investigações.

Bartlett abriu um sorriso.

— Já tinha entendido bem claramente o recado.

Armstrong se foi. Bartlett tomou banho, vestiu-se e esperou até que todos os policiais se houvessem retirado, exceto o que vigiava a escada. Depois, voltou para o seu gabinete e fechou a porta. Agora, totalmente só, deu uma olhada no relógio. Eram sete e trinta e sete. Foi até o centro de comunicações, ligou dois interruptores de microfone e apertou o botão de transmissão.

Daí a um momento, ouviu o ruído de estática, e a voz sonolenta de Casey:

— Sim, Linc?

— Jerônimo — disse ele, claramente, ao microfone. Fez-se uma longa pausa.

— Saquei — disse ela. O alto-falante emudeceu.

4

9h40m

O Rolls saiu da balsa de automóveis que ligava Kowloon à ilha de Hong Kong, e virou para o leste, na Connaught Road, entrando no tráfego denso. A manhã estava quente, úmida e sem nuvens, sob um sol agradável. Casey afundou-se mais no banco traseiro. Deu uma olhada no relógio de pulso, com a excitação aumentando.

— Tempo de sobra, senhorita — disse o chofer, de olhar atento. — Casa Nobre fim da rua, prédio alto. Dez, quinze minutos, não se preocupe.

— Ótimo.

"Isto é que é vida", disse para si mesma. "Um dia também vou ter um Rolls só meu, e um chofer chinês garboso, calmo e educado, e não vou ter que me preocupar com o preço da gasolina. Nunca mais. Quem sabe agora — finalmente — vou botar as mãos no meu dinheiro do não enche." Sorriu consigo mesma. Linc fora o primeiro a lhe explicar sobre o dinheiro do não enche. Ele o chamava de dinheiro do foda-se. O bastante para dizer "foda-se" a qualquer um ou a qualquer coisa.

— O dinheiro do foda-se é o mais valioso do mundo... porém o mais caro — dissera. — Se você trabalhar para mim, comigo, mas para mim, ajudo você a conseguir o seu dinheiro do foda-se. Mas Casey, não sei se vai querer pagar o preço.

— Qual é o preço?

— Não sei. Só sei que varia de pessoa para pessoa... e sempre custa mais do que se está preparado a pagar.

— O seu custou?

— Ah, custou, sim.

"Bom", pensou ela, "por enquanto o preço ainda não foi alto demais. Ganho cinqüenta e dois mil dólares por ano, minha verba de representação é boa, e meu trabalho puxa pelo cérebro. Mas o governo me taxa demais, e nunca sobra o bastante para ser o dinheiro do não enche."

— O dinheiro do não enche vem de uma negociata — dissera Linc. — Não do fluxo de caixa.

"De quanto preciso?"

Nunca se fizera esta pergunta antes.

"Quinhentos mil? A sete por cento, dará trinta e cinco mil dólares por ano para sempre, mas tributável. E quanto à garantia do governo mexicano de onze por cento, menos um por cento para eles pelo seu esforço? Ainda tributáveis. Em obrigações não-tributáveis a quatro por cento dá vinte mil, mas as obrigações são perigosas, e a gente não arrisca o dinheiro do não enche."

— Esta é a primeira regra, Casey — dissera Linc. — A gente nunca o arrisca. Nunca. — E então dera uma das suas risadas gostosas, que sempre a desarmava. — A gente nunca arrisca o nosso dinheiro do foda-se exceto uma ou duas vezes, quando decide fazê-lo.

"Um milhão? Dois? Três?"

"Concentre-se na reunião e pare de sonhar", disse consigo mesma. "Vou parar, mas meu preço é dois milhões em espécie no banco. Isentos de impostos. É isso o que quero. Dois milhões a 5,25 por cento, isentos de impostos, me darão cento e cinco mil dólares por ano. E isso dará a mim e à minha família tudo o que quero, dinheiro de sobra para sempre. E ainda posso conseguir mais do que 5,25 para o meu dinheiro.

"Mas, como obter dois milhões isentos de impostos?"

"Não sei. Mas sinto que aqui é o lugar para isso."

O Rolls parou de repente quando uma massa de pedestres passou por entre as filas apertadas de carros e ônibus de dois andares, táxis, caminhões, carroças, furgões, bicicletas, carrinhos de mão e alguns jinriquixás. Milhares de pessoas andavam apressadas de um lado para outro, entrando ou saindo de becos e ruas laterais, saltando das calçadas para o meio da rua na hora do maior movimento matutino. Rios de formigas humanas.

Casey pesquisara muito sobre Hong Kong, mas ainda assim não estava preparada para o impacto que o excesso incrível de gente lhe causara.

— Nunca vi nada igual, Linc — dissera pela manhã, quando ele chegou ao hotel, pouco antes de ela sair para a reunião. — Passava das dez horas quando viemos do aeroporto para cá, mas havia milhares de pessoas na rua, inclusive crianças, e tudo, restaurantes, mercados e lojas, ainda estava aberto.

— Gente quer dizer lucro... por que outro motivo estamos aqui?

— Estamos aqui para usurpar o domínio da Casa Nobre sobre a Ásia com a ajuda e o conluio secretos de um Judas Iscariotes, John Chen. Linc riu com ela.

— Correção. Estamos aqui para fazer um negócio com Struan, e para dar uma olhada nas coisas.

— Quer dizer que o plano mudou?

— Taticamente, sim. A estratégia é a mesma.

— Por que a mudança, Linc?

— Charlie me telefonou ontem à noite. Acabamos de comprar mais duzentas mil ações da Rothwell-Gornt.

— Então, a proposta para a Struan é só para despistar, e o nosso alvo real é a Rothwell-Gornt?

— Ainda temos três alvos: a Struan, a Rothwell-Gornt e as Propriedades Asiáticas. Damos uma olhada e esperamos. Se as coisas estiverem com boa cara, atacamos. Se não, poderemos ganhar cinco, quem sabe oito milhões este ano na nossa transação legal com a Struan. É um maná.

— Não está aqui pelos cinco ou oito milhões. Qual o verdadeiro motivo?

— Prazer.

O Rolls avançou mais alguns metros, depois parou de novo, com o tráfego agora mais denso, à medida que se acercavam da zona central. "Ah, Linc", pensou ela, "seu prazer abrange uma infinidade de piratarias."

— Sua primeira visita a Hong Kong, senhorita? — perguntou o chofer, interrompendo seus pensamentos.

— É, sim. Cheguei ontem à noite.

— Ah, que bom. Tempo muito ruim, não se preocupe. Muito mau cheiro, muito úmido. Sempre úmido no verão. Primeiro dia bonito, heya?

O primeiro dia começara com o toque agudo do transmissor-receptor da faixa do cidadão despertando-a. E "Jerônimo".

Era a palavra de código deles para "perigo... cuidado". Tomara banho e se vestira rapidamente, sem saber de onde vinha o perigo. Acabara de colocar as lentes de contato, quando o telefone tocou.

— Aqui fala o superintendente Armstrong. Desculpe incomodá-la tão cedo, srta. Tcholak, mas pode me receber por um

momento?

— Claro, superintendente. — Hesitara. — Daqui a cinco minutos... encontro-o no restaurante?

Encontraram-se, e ele a interrogara, contando-lhe apenas que fora descoberto contrabando no avião.

— Há quanto tempo trabalha para o Sr. Bartlett?

— Diretamente, há seis anos.

— Houve algum problema com a polícia antes? De qualquer tipo?

— Quer dizer com ele... ou comigo?

— Com ele. Ou com a senhorita.

— Nenhum. O que foi que encontraram a bordo, superintendente?

— Não parece muito preocupada, srta. Tcholak.

— E por que estaria? Não fiz nada de ilegal, e nem Linc. Quanto à tripulação, são profissionais escolhidos a dedo; portanto, duvido que se metessem com contrabando. São drogas, não é? Que tipo de drogas?

— Por que seriam drogas?

— Não é isso o que se contrabandeia para cá?

— Foi um carregamento muito grande de armas.

— O quê?

Ele fizera mais perguntas, à maioria das quais ela respondera, e depois Armstrong se fora. Ela terminara o café, e recusara, pela quarta vez, os pãozinhos franceses quentinhos, feitos em casa, que um garçom jovem, sorridente e engomado, lhe oferecia. Lembravam-lhe os que comera no sul da França, há três anos.

"Ah, Nice e Cap-d'Ail e o vin da Provença! E o querido Linc", pensara, voltando à suíte para esperar seu telefonema.

— Casey? Ouça, o...

— Ah, Linc, que bom que ligou — dissera imediatamente, interrompendo-o de propósito. — O superintendente Armstrong esteve aqui há alguns minutos... e esqueci de lembrar-lhe ontem à noite para ligar para Martin, sobre as ações.

"Martin" também era uma palavra em código, que significava "Acho que estão escutando esta conversa".

— Também pensei nele. Mas agora não tem importância. Conte-me exatamente o que aconteceu.

Ela contou. E ele relatou brevemente o que se passara.

— Conto mais detalhes quando chegar aí. Estou indo direto para o hotel. Que tal a suíte?

— Fantástica! A sua se chama Riacho Fragrante. Meu quarto é contíguo, acho que normalmente faz parte dela. Parece que aqui há dez criados de quarto por suíte. Pedi um café no quarto, e ele chegou numa bandeja de prata antes que eu desligasse o telefone. Os banheiros são tão grandes que neles seria possível oferecer um coquetel para vinte pessoas, com um conjunto de três músicos.

— Ótimo. Espere por mim.

Ela ficou sentada num dos sofás de couro da sala de estar luxuosa, esperando, saboreando a qualidade de tudo o que a cercava. Lindas cômodas chinesas laqueadas, um bar bem-provido num nicho espelhado, arranjos de flores discretos e uma garrafa de uísque escocês com monograma — Lincoln Bartlett —, com os cumprimentos do gerente-geral. A suíte dela, com uma porta de comunicação, de um lado; a suíte dele, a principal, do outro. Ambas eram as maiores que já vira, com camas de tamanho extragrande.

Por que haviam colocado armas no avião, e quem o teria feito?

Imersa em seus pensamentos, olhou pela janela, que ia de parede a parede, e fitou a ilha de Hong Kong e o imponente Pico, a montanha mais alta da ilha. A cidade, chamada Vitória em homenagem à rainha Vitória, começava ao nível do mar, depois se erguia, camada sobre camada, na periferia das montanhas vivamente inclinadas, diminuindo à medida que os morros se elevavam, mas ainda assim havia prédios de apartamentos próximos ao topo. Dava para ver um deles logo acima do terminal do funicular do Pico. "A vista de lá deve ser fantástica", pensou Casey, distraidamente.

A água azul rebrilhava lindamente, o porto tinha um tráfego tão denso quanto as ruas de Kowloon, lá embaixo. Navios de passageiros e cargueiros estavam ancorados ou amarrados aos cais de Kowloon, ou entrando e saindo, as sireias tocando alegremente. Lá no estaleiro, no lado de Hong Kong, via-se um destróier da Marinha Real, e, ancorada perto dele, uma fragata cinza-escura da marinha americana. Havia centenas de juncos de todos os tamanhos e idades — na sua maior parte barcos de pesca —, alguns movidos a motor, outros velejando imponentes para lá e para cá. Balsas de dois andares, abarrotadas, entravam e saíam do porto com a leveza de libélulas, e por toda parte sampanas, movidas a remo ou a motor, cruzavam destemidas as faixas marítimas estabelecidas.

"Onde mora toda essa gente?", perguntava-se a moça, estupefata. "E como ganha o seu sustento?"

Um criado de quarto abriu a porta com a sua chave-mestra, sem bater, e Linc Bartlett entrou no aposento.

— Está com ótimo aspecto, Casey — falou, fechando a porta atrás de si.

— Você também. Essa história das armas é coisa feia, não é?

— Alguém aqui? Alguma empregada nos quartos?

— Estamos sozinhos, mas os criados de quarto parece que entram e saem ao seu bel-prazer.

— Aquele já estava com a chave na mão antes que eu chegasse ao quarto. — Linc contou-lhe o que acontecera no aeroporto. A seguir, baixou a voz. — E quanto a John Chen?

— Nada. Conversou fiado, nervosamente. Não queria discutir negócios. Acho que não conseguiu se recuperar do fato de eu ser mulher. Deixou-me aqui no hotel e disse que mandariam um carro apanhar-me às nove e quinze.

— Quer dizer que o plano deu certo.

— Certíssimo.

— Ótimo. Conseguiu?

— Não. Disse-lhe que estava autorizada por você a aceitar a entrega e ofereci a letra à vista inicial. Mas fingiu surpresa e disse que falaria com você em particular logo mais, depois do almoço. Parecia muito nervoso.

— Não importa. Seu carro chegará daqui a alguns minutos. Vejo-a na hora do almoço.

— Devo mencionar as armas à Struan? A Dunross?

— Não. Vamos esperar para ver quem toca no assunto.

— Acha que podem ter sido eles?

— Tranqüilamente. Conheciam o nosso plano de vôo, e têm um motivo.

— Qual?

— Desacreditar-nos.

— Mas por quê?

— Talvez pensem que conhecem o nosso plano de batalha.

— Mas, então, não teria sido bem mais sensato da parte deles não fazer nada... e tentar nos passar a perna?

— Talvez. Mas deste modo fizeram a jogada inicial. Primeiro dia: cavalo na casa 3 do bispo do rei. Teve início o ataque contra nós.

— É. Mas da parte de quem? E estamos jogando com as brancas ou as pretas?

Seus olhos se endureceram, perderam o ar amistoso.

— Não me importo, Casey, contanto que vencamos. E foi embora.

"Está acontecendo alguma coisa", disse consigo mesma. "Alguma coisa perigosa, que ele não quer me contar."

— O sigilo é vital, Casey — dissera ele, nos primeiros dias do seu relacionamento. — Napoleão, César, Patton... qualquer um dos grandes generais... geralmente escondiam seu plano real dos seus assessores. Só para mantê-los, e portanto aos espiões inimigos, meio no ar. Se eu esconder algo de você, Casey, não significa falta de confiança. Mas você nunca deve esconder nada de mim.

— Isso não é justo.

— A vida não é justa. A morte não é justa. A guerra não é justa. Os negócios em grande escala são uma guerra. Ajo como se estivesse numa guerra, e é por isso que vou ganhar.

— Ganhar o quê?

— Quero que as Indústrias Par-Con sejam maiores do que a General Motors e a Esso juntas.

— Por quê?

— Porra, para o meu prazer.

— Agora, conte-me o motivo real.

— Ah, Casey, é por isso que a amo. Você escuta e sabe.

— Ah, Incursor, eu também o amo.

Então, os dois riram juntos, pois sabiam que não se amavam, não no sentido comum da palavra. Tinham combinado, desde o começo, deixar de lado o comum pelo extraordinário. Durante sete anos.

Casey olhou pela janela para o porto e os navios no porto.

"Esmagar, destruir e ganhar. Os Grandes Negócios, o jogo Monopólio mais excitante do mundo. E o meu líder é o Incursor Bartlett, o Perito Mestre no jogo. Mas o nosso tempo está se esgotando, Linc. Este ano, o sétimo ano, o último ano, termina com o meu aniversário, 25 de novembro, o meu vigésimo sétimo aniversário..."

Ouviu a meia batida e a chave-mestra na fechadura, e virou-se para dizer "Entre", mas o camareiro engomado já tinha entrado.

— Bom dia, senhorita, sou o Camareiro Diurno Número Um Chang. — Chang era grisalho e solícito. Abriu um sorriso.

— Arrumar quarto, por favor?

— Nenhum de vocês espera que a gente mande entrar?

— perguntou, bruscamente.

Chang fitou-a, confuso.

— Senhorita?

— Ah, deixe pra lá — respondeu, cansadamente.

— Lindo dia, heya? Qual primeiro, o quarto do Patrão ou da senhorita?

— O meu. O Sr. Bartlett ainda não usou o dele.

Chang abriu um sorriso cheio de dentes. "Ayeeyah, você e o Patrão treparam no seu quarto, senhorita, antes que ele saísse? Mas transcorreram apenas catorze minutos entre a chegada e a partida do Patrão, e ele não parecia afogueado, quando foi embora.

"Ayeeyah, primeiro deviam ser dois demônios estrangeiros homens partilhando a minha suíte, e depois um deles é ela... confirmado pelo Noturno Ng, que, naturalmente, revistou toda a bagagem e encontrou provas concretas de que ela era mesmo uma verdadeira mulher — provas confirmadas com grande satisfação pela Terceira Arrumadeira Fung!

"Pêlos púbicos dourados! Que repelente!

"E a Pêlos Púbicos Dourados não apenas não é a primeira mulher do Patrão... não é sequer uma segunda mulher, e oh ko, pior ainda, não teve a educação de fingir que era, para que as regras do hotel pudessem ser seguidas e ninguém ficasse desprestigiado."

Chang riu alto, pois aquele hotel sempre tivera as regras mais espantosas sobre senhoras nos quartos dos homens — oh, deuses, para que serviam as camas? —, e agora uma mulher bárbara estava vivendo abertamente em pecado! Ah, como os gênios tinham se exaltado, na véspera! Bárbaros! Dew neh loh moh para todos os bárbaros! Mas aquela sem dúvida era um dragão, pois enfrentara e vencera o assistente de gerente eurasiático, o gerente da noite eurasiático, e até mesmo o velho hipócrita, o Gerente-Geral Grande Vento em pessoa.

— Não, não, não — choramingara ele, segundo haviam contado a Chang.

— Sim, sim, sim — replicara ela, insistindo em ficar com a metade adjacente da suíte Riacho Fragrante.

Fora então que o Honorável Mong, porteiro-chefe e chefe de uma tríade, portanto líder do hotel, solucionara o que não tinha solução.

— A suíte do Riacho Fragrante tem três portas, heya? — dissera. — Uma para cada quarto, uma para a sala principal. Levem-na para o Riacho Fragrante B, que é o quarto inferior, pela sua própria porta. Mas a porta interna para a sala principal, e daí para o quarto do Patrão, ficará bem trancada. Mas que haja uma chave à vista. Se a meretriz hipócrita destrancar a porta pessoalmente... o que se pode fazer? E depois, se houver uma confusão nas reservas amanhã ou depois, e o nosso honorável gerente-geral tiver que pedir ao bilionário e à sua vagabunda da Terra da Montanha Dourada para saírem, bem, lamentamos muito, e não se preocupem, temos reservas de sobra, e temos que proteger a nossa dignidade.

E assim fora feito.

"A porta externa da parte B foi destrancada, e mandaram a Pêlos Púlicos Dourados entrar. Quem pode dizer se ela pegou a chave e destrancou de imediato a porta interna? Que a porta está aberta agora, bem, certamente eu jamais contarei a alguém de fora, meus lábios estão selados. Como sempre.

"Ayeeyah, mas embora as portas externas possam estar trancadas e ser modestas, as internas podem estar escancaradas e ser deliciosas. Como o Portão de Jade dela", refletiu. "Dew neh loh moh, como será invadir um Portão de Jade do tamanho do dela?"

— Faço a cama, senhorita? — perguntou meigamente, em inglês.

— Pode ir em frente.

"Oh, como é horrível o som da língua bárbara deles. Ugh!"

O Diurno Chang gostaria de escarrar e lançar longe o deus cuspe, mas era contra as regras do hotel.

— Heya, Diurno Chang — disse a Terceira Arrumadeira Fung, alegremente, quando entrou no quarto, depois de ter batido debilmente na porta da suíte, muito depois de tê-la aberto. — Sim,

senhorita, desculpe, senhorita — em inglês, depois de novo para Chang, em cantonense. — Ainda não acabou? A bosta dela é tão doce que quer ficar remexendo nas suas gavetas?

— Dew neh loh moh para você, Irmã. Cuidado com a língua, senão seu velho pai pode lhe dar uma boa sova.

— A única sova que sua velha mãe quer, você não pode me ajudar a ganhar! Vamos, deixe-me ajudá-lo a fazer depressa a cama dela. Daqui a meia hora vai começar um jogo de moh-jong. O Honorável Mong mandou que viesse buscá-lo.

— Ah, obrigado, Irmã. Heya, viu mesmo os pêlos púbicos dela?

— Já não lhe contei? Por acaso sou mentirosa? São bem dourados, mais claros ainda que os cabelos. Ela estava no banho, e eu estava tão perto dela quanto agora de você. Ah, e os mamilos dela são rosados, não marrons.

— Eeee! Imagine!

— Como os de uma porca.

— Que coisa horrível.

— É. Leu o Commercial Daily de hoje?

— Não, Irmã, ainda não. Por quê?

— Bem, o astrólogo diz que esta é uma excelente semana para mim, e hoje o editor financeiro diz que parece que vai começar uma nova alta.

— Dew neh loh moh, não diga!

— Então, disse ao meu corretor hoje de manhã para comprar mais mil da Casa Nobre, o mesmo da Balsa Dourada, quarenta da Segunda Grande Casa e cinquenta da Propriedades Boa Sorte. Meus banqueiros são generosos, mas agora não tenho uma só moeda em Hong Kong que possa pedir de esmola ou emprestada.

— Eeee, está se enchendo de dívidas, Irmã. Eu mesmo já me encalacrei. Na semana passada fiz um empréstimo no banco dando como garantia as minhas ações, e comprei mais seiscentas da Casa Nobre. Isso foi terça-feira. Comprei-as a 25,23!

— Ayeeyah, Honorável Chang, elas fecharam a 29,41, ontem à noite. — A Terceira Arrumadeira Fung fez um cálculo automático. — Já está dois mil trezentos e quarenta e oito HK na frente! E estão dizendo que a Casa Nobre vai fazer uma proposta às Propriedades Boa Sorte. Se tentarem, vão deixar os inimigos fervendo de raiva. Ah! O tai-pan da Segunda Grande Casa vai se danar todo.

— Oh, oh, oh, mas enquanto isso as ações vão subir como doidas! De todas as três companhias! Ah! Dew neh loh moh, onde posso arrumar mais dinheiro?

— Nas corridas, Diurno Chang! Peça emprestado quinhentas, contra os seus ganhos atuais, e ponha tudo na dupla diária do

sábado, ou na loteria dupla. Meus números de sorte são o 4 e o 5...

Ambos ergueram os olhos quando Casey entrou no quarto. Chang passou a falar em inglês:

— Sim, senhorita?

— Há roupa suja no banheiro. Pode mandar apanhar, por favor?

— Claro, dou um jeito. Hoje seis horas tudo certo, não se preocupe.

"Esses demônios estrangeiros são tão burros!", pensou Chang, desdenhosamente. "O que sou eu, um monte de bosta desmiolado? Claro que vou cuidar da roupa suja, se houver roupa suja."

— Obrigada.

Ambos olharam fascinados enquanto ela retocava a maquilagem no espelho do quarto, preparando-se para sair.

— As mamas dela não são nem um pouco caídas, não é, Irmã? — comentou Chang. — Mamilos rosados, heya? Extraordinário!

— Como os de uma porca, já lhe disse. Será que suas orelhas não passam de penicos para se urinar nelas?

— Na sua orelha, Terceira Arrumadeira Fung.

— Ela já lhe deu gorjeta?

— Não. O Patrão deu demais, e ela não deu nada. Revoltante, heya?

— É. O que se pode fazer? O povo da Montanha Dourada é mesmo muito pouco civilizado, não é, Diurno Chang?

5

9h50m

O tai-pan surgiu de trás do morro e desceu à toda a Peak Road no seu Jaguar modelo E, indo para o leste, na direção da Magazine Gap. Na estrada sinuosa havia uma só faixa de cada lado, com poucos lugares para a ultrapassagem e beirando precipícios na maioria das curvas. Naquele dia a superfície estava seca, e, conhecendo bem o caminho, Ian Dunross fazia as curvas rápida e docemente, colado às montanhas, seu conversível escarlate firme nas curvas internas. Engrenou a marcha de corrida e desceu desabalado, freando com força ao fazer uma curva e deparar com um caminhão antiquado e vagaroso. Esperou com paciência, depois, na hora exata, saiu na contramão e fez a ultrapassagem com segurança antes que o carro que vinha na direção oposta houvesse dobrado a curva cega logo adiante.

Agora, Dunross estava livre durante um certo trecho, e podia ver que a estrada sinuosa à sua frente estava vazia. Pisou fundo no acelerador e fez algumas curvas ocupando a estrada inteira, seguindo a linha mais reta, usando mãos, olhos, pés e mudanças em uníssono, sentindo o imenso poder da máquina e das rodas em todo o seu ser. Bem à frente, subitamente, apareceu um caminhão dobrando a curva, vindo em sua direção, e sua liberdade desapareceu. Mudou de marcha e freou em cima da hora, colando-se no seu lado da estrada, lamentando a perda da liberdade. Depois acelerou e voltou a entrar firme nas curvas perigosas. Agora surgia um outro caminhão, desta feita cheio de passageiros, e ele esperou alguns metros, atrás dele, sabendo que durante certo tempo não havia como ultrapassar. Foi então que uma das passageiras notou o número da sua chapa, 1-1010, apontou, e todos olharam, tagarelando excitados uns com os outros, e um deles bateu na boléia do caminhão. O motorista, gentilmente, saiu da estrada para o minúsculo acostamento, e fez-lhe sinal para passar. Dunross certificou-se de que era seguro, depois passou, acenando-lhes e sorrindo.

Mais curvas, a velocidade, a espera para ultrapassar, a ultrapassagem e o perigo dando-lhe prazer. A seguir, virou à esquerda na Magazine Gap Road, desceu o morro, as curvas mais traiçoeiras, o tráfego aumentando e tornando-se mais vagaroso. Ultrapassou um táxi e três carros com muita velocidade, e estava de volta à sua faixa, embora ainda acima do limite permitido, quando viu os policiais de trânsito de motocicleta, logo à frente. Mudou de marcha e passou por eles na velocidade permitida de cinquenta

quilômetros por hora. Acenou-lhes, bem-humorado. Eles retribuíram o aceno.

— Você precisa andar mais devagar, Ian — havia lhe dito seu amigo Henry Foxwell, superintendente-chefe do tráfego. — Precisa mesmo.

— Nunca sofri um acidente... ainda. Nem fui multado.

— Santo Deus, Ian, não há um guarda de tráfego nesta ilha que tenha coragem de multá-lo! Você, o tai-pan? Deus o livre. Estou falando para o seu próprio bem. Guarde bem guardado o seu demônio da velocidade para Mônaco, ou para sua Corrida da Estrada de Macau.

— Mônaco é para profissionais. Não me arrisco, e além disso não corro tanto assim.

— Cento e cinco quilômetros por hora em Wongniechong não é exatamente devagar, meu velho. Vamos admitir que fossem quatro

horas e vinte e três minutos da manhã e a estrada estivesse quase vazia. Mas é uma zona de cinquenta quilômetros horários.

— Há muitos modelos E em Hong Kong.

— É, concordo. Sete. Mas conversíveis escarlates com uma placa de número especial? Com capota de lona preta, rodas e pneus de corrida que fazem um barulhão dos diabos? Foi na quinta-feira, meu velho. Radar e tudo o mais. Você tinha ido... visitar amigos. Na Sinclair Road, creio.

Dunross controlou a sua ira súbita.

— É? — disse, a superfície do rosto ostentando um sorriso. — Quinta-feira? Parece que fui jantar com John Chen naquele dia. No apartamento dele, no Sinclair Towers. Mas pensei que tinha chegado a casa muito antes das quatro e vinte e três.

— Ah, com certeza chegou. Decerto o policial se enganou quanto à placa, à cor e a tudo o mais. — Foxwell bateu-lhe nas costas, amistosamente. — Mesmo assim, ande um pouco mais

devagar, sim? Seria muito chato se você se matasse durante a minha gestão. Espere até me transferirem de novo para a Seção Especial... ou para a escola de polícia, sim? É, estou certo que ele cometeu um engano.

"Não há engano", disse Dunross consigo mesmo. "Você sabe, eu sei, John Chen devia saber e Wei-wei também.

"Com que então vocês estão sabendo sobre Wei-wei! Que interessante!"

— Vocês estão me vigiando? — perguntou, sem rodeios.

— Santo Deus, não! — Foxwell ficou chocado. — O Serviço Especial de Informações estava vigiando um bandido que tem um apartamento no Sinclair Towers. Aconteceu de você ser visto. É uma pessoa muito importante aqui, sabe disso. Chegou aos meus ouvidos através de certos canais. Sabe como é.

— Não, não sei.

— Dizem que para bom entendedor meia palavra basta, meu velho.

— É o que dizem. Então, é melhor avisar ao seu pessoal do Serviço de Informações para ser mais inteligente no futuro.

— Felizmente, são muito discretos.

— Mesmo assim, não quero que meus movimentos sejam registrados.

— Estou certo de que não são.

— Ótimo. Que bandido mora no Sinclair Towers?

— Um dos nossos informantes capitalistas, mas secretamente suspeito de ser um camarada comuna. Muito tedioso, mas o sei tem que ganhar o pão nosso de cada dia, não é?

— Será que o conheço?

— Imagino que conheça todo mundo.

— É xangaiense ou cantonense?

— O que o faz pensar que seja uma coisa ou outra?

— Ah, então é europeu?

— É só um bandido, Ian. Lamento, mas ainda está tudo sob sigilo.

— Qual é, aquele bloco de apartamentos é nosso! Quem foi? Não vou abrir a boca.

— Eu sei. Desculpe, meu velho, mas não posso. Contudo, tenho outra idéia hipotética para você. Digamos que um VIP casado tenha uma amiguinha cujo tio é o subchefe secreto da polícia secreta ilegal do Kuomintang em Hong Kong. Digamos, hipoteticamente, que o Kuomintang quisesse o tal VIP do seu lado. Claro que ele poderia ser pressionado pela amiguinha. Não acha?

— Acho — disse Dunross, tranqüilamente —, se ele fosse burro.

Sabia tudo sobre o tio de Wei-wei Jen, e se encontrara com ele várias vezes, em diversas festas particulares em Taipé. E simpatizara com ele. "Nenhum problema por esse lado", pensara, "porque ela não é minha amante nem minha amiguinha, embora muito linda e desejável. E tentadora."

Sorriu consigo mesmo ao entrar no fluxo de tráfego da Magazine Gap Road, depois esperou na fila para fazer o balão e descer a Garden Road na direção da Central, a uns oitocentos metros, e em direção ao mar.

Agora podia ver o altíssimo bloco de escritórios modernos que era a Struan. Tinha vinte e dois andares, ficava de frente para a Connaught Road e para o mar, quase em frente ao Terminal da Balsa Dourada, cujas balsas trafegavam entre Hong Kong e Kowloon. Como sempre, a vista lhe era agradável.

Foi serpenteando pelo tráfego denso sempre que podia, passou se arrastando pelo Hilton Hotel e pelo campo de críquete à sua esquerda, depois entrou na Connaught Road, com suas calçadas abarrotadas de pedestres. Parou diante da entrada principal.

"Hoje é o grande dia", pensou. "Os americanos chegaram.

"E, com sorte, Bartlett será a corda que enforcará Quillan Gornt para todo o sempre. Santo Deus, se isso der certo!"

— Bom dia, senhor — cumprimentou vivamente o porteiro uniformizado.

— Bom dia, Tom.

Dunross esgueirou-se de dentro do carro baixo e subiu correndo os degraus de mármore, de dois em dois, na direção da imensa entrada de vidro. Outro porteiro foi guardar o carro na garagem subterrânea, e um terceiro abriu-lhe a porta de vidro. Percebeu na porta o reflexo do Rolls que se acercava. Reconhecendo-o, olhou para trás. Casey saltou, e ele deu um assobio involuntário. Carregava uma pasta. Usava um costume de seda verde-mar, muito conservador, mas que não conseguia esconder a esbelteza do corpo, ou a graça do andar, o tom de verde realçando o louro-queimado do seu cabelo.

Ela olhou à sua volta, sentindo o olhar dele. Reconheceu-o imediatamente, e avaliou-o como ele a avaliara; embora o instante fosse breve, pareceu longo a ambos. Longo e descontraído.

Ela se mexeu primeiro e dirigiu-se a ele, que veio encontrá-la a meio caminho.

— Alô, Sr. Dunross.

— Alô. Nunca nos vimos antes, não é?

— Não. Mas é fácil reconhecê-lo pelas suas fotografias. Não esperava ter o prazer de conhecê-lo, senão mais tarde. Sou Cas...

— Sei — disse, abrindo um sorriso. — Recebi um telefonema perturbado de John Chen, ontem à noite. Bem-vinda a Hong Kong, srta. Tcholak. É senhorita, não?

— É. Espero que o fato de eu ser mulher não vá atrapalhar demais as coisas.

— Ah, vai sim, e muito. Mas tentaremos contornar o problema. A senhorita e o Sr. Bartlett aceitariam ser meus convidados para as corridas de sábado? Com almoço e tudo?

— Eu gostaria muito. Mas terei que consultar Linc... posso confirmar hoje à tarde?

— Claro. — Ele olhou para ela, que retribuiu o olhar. O porteiro ainda mantinha a porta aberta. — Bem, vamos indo, srta. Tcholak, e que a batalha comece.

Ela lançou-lhe um rápido olhar.

— Por que falar em batalha? Estamos aqui para tratar de negócios.

— Ah, sim, claro. É só um ditado de Sam Ackroyd. Explico outra hora. — Fê-la entrar no prédio e dirigiu-se para os elevadores. As muitas pessoas nas filas, esperando, imediatamente se afastaram para que eles entrassem no primeiro elevador, deixando Casey embaraçada. — Obrigado — falou Dunross, sem achar aquilo fora do comum. Fê-la entrar, apertou o botão superior, do vigésimo andar, notando distraidamente que a moça não usava perfume ou jóias, apenas uma fina corrente de ouro no pescoço.

— Por que a porta da frente está inclinada? — perguntou ela.

— Como?

— A entrada da frente me pareceu ligeiramente inclinada, não está em linha reta... fiquei imaginando o motivo.

— É muito observadora. A resposta é fung sui. Quando o prédio foi construído, há quatro anos, não sei como esquecemos de consultar o nosso homem do fung sui. Ele é como um astrólogo, um homem que se especializa em céu, terra, correntezas e demônios, esse tipo de coisa, e se certifica de que o prédio foi construído nas costas do Dragão da Terra, e não na sua cabeça.

— Como?

— É isso mesmo. Sabe, cada prédio em toda a China ergue-se sobre alguma parte do Dragão da Terra. Ficar nas costas dele é

perfeito, mas ficar na cabeça é muito ruim, e é terrível ficar no seu globo ocular. Bem, quando resolvemos consultá-lo, o nosso homem do fung sui disse que estávamos sobre as costas do Dragão, graças a Deus, caso contrário teríamos que nos mudar, mas que os demônios estavam entrando pela porta, e que essa era a razão dos problemas. Ele me aconselhou a mudar a porta de posição, e assim, sob a orientação dele, mudamos o ângulo, e agora todos os demônios foram afastados.

Ela riu.

— Agora, conte-me o verdadeiro motivo.

— Fung sui. Tivemos muito azar por aqui, um azar dos diabos, para falar a verdade, até que a porta foi mudada. — O rosto dele se endureceu momentaneamente, depois a sombra passou. — No momento em que modificamos o ângulo, tudo ficou bom novamente.

— Está querendo me dizer que acredita mesmo nisso? Em demônios e dragões?

— Não acredito em nada disso. Mas a gente aprende, a duras penas, que quando se está na China é bom agir um pouco à chinesa. Nunca se esqueça de que, embora Hong Kong seja britânica, ainda fica na China.

— Aprendeu a du...

O elevador parou e a porta se abriu, dando para um corredor de lambris, uma escrivadinha e uma recepcionista chinesa elegante e eficiente. Os olhos dela avaliaram instantaneamente o preço das roupas de Casey.

"Vaca", pensou Casey, lendo os pensamentos dela, e retribuiu o sorriso com igual doçura.

— Bom dia, tai-pan — disse suavemente a recepcionista.

— Mary, esta é a srta. K. C. Tcholak. Por favor, leve-a ao escritório do Sr. Struan.

— Ah, mas... — Mary Li tentou disfarçar o choque. — Eles, bem, estão esperando um... — Pegou no telefone, mas ele a deteve.

— Basta levá-la. Agora. Não há necessidade de anunciá-la. — Virou-se para Casey e sorriu. — É a sua vez. Até breve.

— Obrigada. Até logo.

— Por favor, queira vir comigo, srta. Tchuluk — falou Mary Li, e começou a descer o corredor, com o cheong-sam justo e aberto no alto das coxas, pernas longas com meias de seda e andar atrevido. Casey observou-a por um momento. "Deve ser o corte que torna o andar delas tão descaradamente sensual", pensou, achando divertida tal demonstração óbvia. Lançou um olhar para Dunross, e alçou uma das sobrancelhas.

Ele abriu um sorriso.

— Até logo, srta. Tcholak.

— Por favor, chame-me de Casey.

— Quem sabe eu prefira Kamalian Ciranoush. Ela o olhou, de boca aberta.

— Como sabe os meus nomes? Duvido que até mesmo Linc se lembre deles.

— Ah, vale a pena ter amigos em posições influentes, não é?
— disse, com um sorriso. — À bientôt.

— Oui, merci — replicou ela, automaticamente.

Ele se dirigiu para o elevador em frente e apertou o botão. As portas se abriram instantaneamente e se fecharam às suas costas.

Pensativa, Casey seguiu Mary Li, que esperava, ouvido atento a cada nuance. Dentro do elevador, Dunross pegou uma chave, enfiou na fechadura e girou. Agora, o elevador estava ativado. Servia apenas aos dois andares superiores. Apertou o botão inferior. Somente três pessoas tinham chaves semelhantes: Claudia Chen, sua secretária-executiva, Sandra Yi, sua secretária particular, e o seu Criado Número Um Lim Chu.

No vigésimo primeiro andar ficavam seus escritórios particulares, e a sala da diretoria da assembléia interna. No vigésimo segundo, a cobertura, ficava a suíte pessoal do tai-pan. E somente ele possuía a chave para o último elevador particular que ligava a garagem subterrânea diretamente com a cobertura.

— Ian — dissera o tai-pan que o precedera, Alastair Struan, ao lhe entregar as chaves, depois que Phillip Chen os deixara a sós —, sua privacidade é a coisa mais valiosa que possui. Também isso Dirk Struan especificou no seu legado, e como foi sábio! Nunca se esqueça: os elevadores particulares não são um luxo ou uma ostentação, do mesmo modo que a suíte do tai-pan não o é. Existem apenas para lhe dar uma noção do sigilo de que vai precisar, talvez até de um lugar para se esconder. Vai entender melhor depois de ler o legado e ver o que há no cofre do tai-pan. Proteja esse cofre com todas as armas de que dispuser. Todo o cuidado é pouco, há muitos segredos ali, segredos demais, no meu entender, e alguns não são bonitos.

— Espero não falhar — dissera cortesmente, detestando o primo, seu entusiasmo intenso pela posse do prêmio pelo qual tanto trabalhara e tanto arriscara.

— Não falhará. Não você — dissera o velho, tensamente. — Você foi testado, e quer este cargo desde que se entende por gente, não é?

— É — replicara Dunross. — Tentei me preparar para ele. É. Só estou surpreso por você tê-lo dado a mim.

— Você está recebendo o cargo máximo da Struan não por causa do seu direito inato... ele só lhe dava acesso à assembléia interna... mas porque acho que você é o melhor que temos para me suceder, e há anos você vem tramando, empurrando e forçando a barra. É verdade, não é?

— A Struan precisa de modificações. Vamos falar mais verdades: a Casa Nobre está uma joça. Não é tudo culpa sua, houve a guerra, depois a Coréia, depois Suez, você teve uma longa maré

de azar. Levará anos para ficarmos em segurança. Se Quillan Gorn, ou qualquer outro dos nossos vinte inimigos, soubesse metade da verdade, soubesse como estamos endividados, estaríamos afogados nos nossos títulos inúteis em uma semana.

— Nossos títulos têm valor... não são inúteis! Você está exagerando... como sempre!

— Valem vinte centavos em cada dólar, porque não temos capital suficiente, nem fluxo de caixa suficiente, e estamos realmente em perigo mortal.

— Besteira!

— É? — A voz de Dunross se tornara cortante, pela primeira vez. — Rothwell-Gorn podia nos engolir em um mês, se soubesse o valor das nossas atuais contas a receber, comparadas às nossas obrigações prementes.

O velho olhara para ele, sem responder. Depois dissera:

— É uma condição temporária. Oportuna e temporária.

— Besteira! Sabe muito bem que está me dando o cargo porque sou o único homem que pode endireitar a bagunça que vocês deixaram, você, meu pai, e seu irmão.

— É, estou apostando que pode. Isso lá é verdade — explodiu Alastair. — É, você realmente tem a quantidade certa do Demônio Struan no seu sangue para servir a esse amo, se quiser.

— Obrigado. Admito que não vou deixar que nada se interponha no meu caminho. E já que esta é a noite das verdades, posso dizer-lhe por que sempre me odiou, por que meu próprio pai sempre me odiou.

— Pode, é?

— Posso. É porque sobrevivi à guerra, e seu filho, não. E porque seu sobrinho Linbar, o último do seu ramo dos Struans, é um bom rapaz, mas um inútil. É, eu sobrevivi, mas meus pobres irmãos, não, e isso ainda deixa meu pai louco. É ou não é a verdade?

— É — concordou Alastair Struan. — Temo que seja.

— Eu não temo que seja. Eu não temo nada. Vovó Dunross cuidou para que eu não temesse.

— Heya, tai-pan — falou Claudia Chen alegremente quando a porta do elevador se abriu. Era uma eurásiana grisalha e animada, de sessenta e tantos anos, e estava sentada atrás de uma mesa imensa que dominava o saguão do vigésimo primeiro andar. Servia à Casa Nobre há quarenta e dois anos, e aos diversos tai-pans, exclusivamente, há vinte e cinco desses anos. — Neh hoh mah? Como vai?

— Ho, ho — replicou, distraidamente. Bom. E a seguir, em inglês: — Bartlett telefonou?

— Não. — Franziu o cenho. — Não é esperado antes da hora do almoço. Quer que tente localizá-lo?

— Não, deixe para lá. E quanto à minha ligação para Foster, em Sydney?

— Ainda não foi completada. Nem sua ligação para o Sr. MacStruan, em Edimburgo. Algum problema? — perguntou, percebendo instantaneamente a disposição dele.

— O quê? Ah, não, nenhum. — Afastou a sua tensão, passou pela mesa dela, entrou na própria sala, com vista para o porto, e sentou-se na poltrona junto ao telefone. Ela fechou a porta e sentou-se perto dele, com o bloquinho à mão. — Estava apenas recordando o meu Dia D — disse ele. — O dia em que assumi o cargo.

— Ah. Sorte, tai-pan.

— É.

— Sorte — repetiu ela —, e há muito tempo. Ele riu.

— Muito tempo? Quarenta vidas inteiras. Faz três anos, mas o mundo todo mudou, e continua indo depressa. Como serão os próximos dois anos?

— Semelhantes, tai-pan. Ouvi dizer que o senhor se encontrou com a srta. Casey Tcholak na porta de entrada.

— Ei, quem lhe contou? — perguntou, vivamente.

— Pelo bom Deus, tai-pan, não posso revelar as minhas fontes. Mas ouvi dizer que a fitou, e ela ao senhor. Heya?

— Bobagem! Quem lhe falou dela?

— Ontem à noite liguei para o hotel para verificar se tudo estava bem. O gerente me contou. Sabe que aquele idiota ia estar com "a casa cheia"? "Ora, se eles partilham uma suíte ou uma cama, não é da sua conta", disse-lhe eu. "Estamos em 1963, na era moderna, com muita liberação, e de qualquer maneira, é uma bela suíte com suas entradas e quartos separados, e, mais importante ainda, são nossos convidados." — Ela casquinou. — Dei uma de importante... Ayeeyah, o poder é um belo brinquedo.

— Contou ao jovem Linbar, ou aos outros, que K. C. é mulher?

— Não. A ninguém. Sabia que o senhor sabia. Barbara Chen me contou que o Patrão Chen já lhe telefonara contando sobre Casey Tcholak. Que tal é ela?

— "Boa para se levar para a cama", seria uma descrição — disse ele, sorrindo.

— Sei... e que mais? Dunross pensou por um momento.

— É muito atraente, veste-se muito bem, embora muito discretamente hoje, imagino que por nossa causa. Muito confiante e muito observadora; notou que a porta da entrada estava fora de esquadro e me perguntou o motivo. — Apanhou um cortador de papel de marfim e ficou brincando com ele. — John não gostou dela nem um pouquinho. Falou que apostava que ela era uma daquelas mulheres americanas patéticas que são como as frutas da Califórnia: bonitas, vistosas, mas sem gosto algum!

— Pobre Patrão John, embora adore a América, prefere certos... aspectos da Ásia!

Dunross riu.

— Logo vamos ver se ela é uma negociadora astuta. — Sorriu. — Mandeí que entrasse sem ser anunciada.

— Aposto cinqüenta HK que pelo menos um deles sabia antecipadamente que ela era mulher.

— Phillip Chen, é claro, mas a velha raposa não diria aos outros. Aposto cem que nem Linbar, nem Jacques ou Andrew Gavallan sabiam.

— Fechado — disse Claudia, satisfeita. — Pode me pagar agora, tai-pan. Verifiquei muito discretamente, hoje de manhã.

— Tire o dinheiro da caixa das despesas — disse ele, com azedume.

— Desculpe. — Estendeu a mão. — Aposta é aposta, tai-pan.

Relutante, ele lhe entregou a nota vermelha de cem dólares.

— Obrigada. Agora, aposto cem que Casey Tcholak vai dar um banho no Patrão Linbar, Patrão Jacques e em Andrew Gavallan.

— O que você está sabendo? — perguntou ele, desconfiado.
— Hem?

— Cem?

— Está bem.

— Excelente! — exclamou ela, vivamente, mudando de assunto. — E quanto aos jantares para o Sr. Bartlett? A partida de golfe e a viagem a Taipé? Claro que não vai poder levar uma mulher junto. Devo cancelá-los?

— Não. Vou falar com Bartlett... ele vai compreender. Mas convidei-a para vir com ele às corridas de sábado.

— Ih, vai haver um casal a mais. Vou cancelar os Pangs, não se importarão. Quer sentá-los juntos, à sua mesa? Dunross franziu o cenho.

— Ela deve sentar-se à minha mesa, como convidada de honra, e sente-o ao lado de Penelope, como convidado de honra.

— Pois não. Vou ligar para a sra. Dunross e avisá-la. Ah, e Barbara, a mulher do Patrão John, quer falar com o senhor. — Claudia deu um suspiro e alisou um vinco no seu elegante cheong-sam azul-escuro. — O Patrão John não voltou para casa ontem à noite, não que isso seja algo fora do comum. Mas já são dez e dez, e também não consigo encontrá-lo. Parece que nem compareceu à oração matinal.

— Ê, eu sei. Como ficou com Bartlett ontem à noite, disse-lhe que não precisava comparecer. — Oração matinal era o modo brincalhão com que o pessoal da Struan se referia à reunião obrigatória, realizada todos os dias às oito horas, com todos os diretores administrativos de todas as subsidiárias da Struan e o tai-pan. — Não havia necessidade de ele vir hoje, não tem nada para fazer até a hora do almoço. — Dunross apontou pela janela para o porto. — Está provavelmente no seu barco. Hoje é um dia excelente para se velejar.

— Ela estava muito exaltada, tai-pan, até mesmo pelos padrões dela.

— Ela está sempre exaltada, pobre coitado! John está no barco dele... ou no apartamento de Ming-li. Já ligou para lá?

Ela fungou.

— Seu pai costumava dizer que em boca fechada não entra mosca. Mesmo assim, acho que agora posso lhe contar. Há quase dois meses que Ming-li é a Namorada Número Dois. A nova favorita se chama Flor Fragrante, e ocupa um dos "apartamentos particulares" dele, perto da Aberdeen Main Road.

— Ah, por acaso perto do ancoradouro dele.

— Isso mesmo. Ela é bem uma flor, uma Flor Caída do Cabaré Dragão da Boa Sorte, em Wanchai. Mas também não sabe onde está o Patrão John. Não visitou nenhuma das duas, embora tivesse um encontro marcado com a srta. Flor Caída à meia-noite, segundo ela.

— Como descobriu tudo isso? — perguntou, cheio de admiração.

— Poder, tai-pan... e uma rede de relações construída ao longo de cinco gerações. De que outro modo sobrevivemos, heya? — Deu uma risadinha abafada. — Claro, se quiser um gostinho de escândalo de verdade, John Chen não sabe que ela não era a virgem que ela e seu agente alegavam que era, quando deitou com ela pela primeira vez.

— Hem?

— Não. Pagou ao agente... — Um dos telefones tocou e ela o apanhou e disse: — Um momento, por favor — apertou o botão de espera e continuou alegremente, no mesmo fôlego —...quinhentos dólares americanos à vista, mas todas as lágrimas dela, e todas as... provas, eram fingimento. Pobre coitado, mas bem feito, hem, tai-pan? Por que um homem da idade dele ia querer virgindade para nutrir o yang... ele tem só quarenta e dois anos, heya? — Apertou o botão que soltava a ligação. — Escritório do tai-pan, bom dia — disse, educadamente.

Ele a observava. Sentia-se divertido e perplexo, atônito como sempre com suas fontes de informação, incisivas ou não, e com sua alegria em conhecer segredos. E passá-los adiante. Mas só para os membros do clã, e alguns escolhidos especiais.

— Um momento, por favor. — Apertou o botão de espera. — O superintendente Armstrong gostaria de vê-lo. Está lá embaixo com o superintendente Kwok. Lamenta ter vindo sem marcar hora, mas será que o senhor poderia dar-lhes um momento de atenção?

— Ah, as armas. Nossa polícia fica mais eficiente a cada dia que passa — falou, com um sorriso sombrio. — Só os esperava depois do almoço.

Às sete da manhã recebera um relatório detalhado de Phillip Chen, que recebera um telefonema de um dos sargentos da polícia que participara da batida e era parente dos Chens.

— Ponha todas as nossas fontes particulares em ação para descobrir quem e por quê, Phillip — dissera, muito preocupado.

— Foi o que já fiz. É coincidência demais que as armas estivessem no avião de Bartlett.

— Poderá ser altamente embaraçoso se por acaso estivermos ligados a isso, de qualquer modo.

Viu que Claudia esperava pacientemente.

— Peça a Armstrong para me dar dez minutos. Depois, façam os subir.

Ela tratou disso, depois falou:

— Se o superintendente Kwok já entrou na jogada tão cedo, deve ser mais sério do que imaginávamos, heya, tai-pan?

— A Seção Especial ou o Serviço Especial de Informações têm que se envolver imediatamente. Aposto que o FBI e a CIA já foram contatados. Brian Kwok é a escolha lógica, porque é um velho amigo de Armstrong... e um dos melhores homens que eles têm.

— É mesmo — concordou Claudia, orgulhosamente. — Eeeee, mas que marido fabuloso daria!

— Especialmente para uma Chen... tanto poder a mais, heya?

Era voz corrente que Brian Kwok estava sendo preparado para ser o primeiro-comissário assistente chinês.

— Naturalmente que um poder desses tem que ficar na família. — O telefone tocou. Ela atendeu. — Sim, direi a ele, obrigada. — Pôs o fone no gancho, abespinhada. — O camarista do governador... ligou para lembrar o coquetel de hoje, às dezoito horas... humm, como se eu fosse esquecer!

Dunross pegou um dos telefones e discou.

— Weyyyy? — disse a voz áspera da amah, a empregada chinesa. — Alô?

— Chen tai-tai — falou ao telefone, no seu cantonense perfeito. — A sra. Chen, por favor. Aqui fala o Sr. Dunross.

Esperou.

— Ah, Barbara, bom dia.

— Oh, alô, Ian. Já teve notícias do John? Desculpe incomodá-lo — falou.

— Não é incômodo algum. Não, ainda não. Mas tão logo saiba dele, mandarei que ligue para você. Pode ter ido cedo à pista para ver Golden Lady treinar. Já tentou o Turf Club?

— Já, mas não se lembram de o terem visto tomando café ali, e os treinos são entre cinco e seis horas. Que droga! Ele não tem consideração alguma! Ayeeyah, homens!

— Provavelmente está no barco. Não tem nada para fazer aqui até a hora do almoço, e está um dia excelente para velejar. Sabe como ele é... já verificou no ancoradouro?

— Não posso, Ian, não sei ir até lá, não há telefone. Tenho hora marcada no cabeleireiro, e não posso faltar... Hong Kong inteira estará na sua festa, logo mais... simplesmente não posso ir a Aberdeen.

— Mande um dos seus motoristas — disse Dunross, secamente.

— Tang está de folga hoje, e preciso de Wu-chat para me levar aos meus compromissos, Ian. Não dá para mandá-lo a Aberdeen... isso levaria uma hora, e tenho um jogo de tnah-jong das duas às quatro.

— Mandarei John ligar para você, mais ou menos na hora do almoço.

— Antes das cinco não estarei em casa. Quando eu o encontrar, ele vai comer fogo. Oh, bem, obrigada, desculpe incomodá-lo. Até logo.

— Até logo. — Dunross desligou o aparelho e deu um suspiro.
— Sinto-me como se fosse uma ama-seca.

— Fale com o pai de John, tai-pan — disse Claudia Chen.

— Já falei. Uma vez. E chega. Não é só culpa do John. Essa mulher deixa qualquer um louco. — Abriu um sorriso. — Mas concordo em que está exaltadíssima... desta vez. Isso vai custar a John um anel de esmeraldas, ou pelo menos um casaco de vison.

O telefone tocou de novo. Claudia atendeu.

— Alô, escritório do tai-pan! Sim? Oh! — Sua felicidade se evaporou, e ela endureceu a fisionomia. — Um momento, por favor.

— Apertou o botão de espera. — Uma ligação pessoal de Hiro Toda, de Yokohama.

Dunross sabia como Claudia se sentia a respeito do homem, sabia que ela odiava os japoneses e abominava a ligação da Casa Nobre com eles. Ele tampouco podia perdoar aos japoneses o que haviam feito à Ásia durante a guerra. O que haviam feito com aqueles que conquistaram, com os indefesos. Homens, mulheres e crianças. Os campos de prisioneiros e as mortes desnecessárias. De soldado a soldado, não tinha por que se queixar. Guerra é guerra.

A guerra dele fora contra os alemães. Mas a guerra de Claudia fora ali em Hong Kong. Durante a ocupação japonesa, como era eurásiana, não fora posta na Prisão Stanley junto com todos os civis europeus. Ela, a irmã e o irmão haviam tentado ajudar os prisioneiros de guerra com alimentos, remédios e dinheiro, contrabandeando-os para dentro do campo. A Kampeitai, a polícia militar japonesa, a pegara. Agora, não podia ter filhos.

— Digo que não está? — perguntou.

— Não. — Dois anos antes, Dunross aplicara uma quantia enorme de capital nas Indústrias de Navegação Toda, de Yokohama, comprando dois gigantescos cargueiros para aumentar a frota

Struan, que fora dizimada na guerra. Escolhera o estaleiro japonês porque o produto deles era o melhor, assim como os seus termos — eles garantiam a entrega e tudo o mais que os estaleiros britânicos não garantiam —, e porque sabia que estava na hora de esquecer. — Alô, Hiro — disse. Gostava do sujeito, pessoalmente. — Prazer em ouvi-lo. Como vai o Japão?

— Por favor, desculpe-me por interrompê-lo, tai-pan. O Japão vai bem, embora quente e úmido. Nenhuma mudança.

— E meus navios, como vão indo?

— Muito bem, tai-pan. Tudo corre conforme combinamos. Só queria avisá-lo de que irei a Hong Kong no sábado de manhã, a negócios. Passarei aí o fim de semana, seguirei para Cingapura e Sydney, depois voltarei a tempo de fechar o negócio em Hong Kong. Ainda pretende vir a Yokohama para os dois lançamentos?

— Sim, sem dúvida. A que horas chega no sábado?

— Às onze e dez, pela Japan Air Lines.

— Mandarei um carro ir recebê-lo. Não quer vir diretamente para o Happy Valley, para as corridas? Podia almoçar conosco, depois meu carro o levará ao hotel. Vai se hospedar no Victoria and Albert?

— Desta vez no Hilton, no lado de Hong Kong. Tai-pan, queira me desculpar, não quero lhe dar nenhum trabalho, sinto muito.

— Não é trabalho nenhum. Mandarei um dos meus homens recebê-lo. Provavelmente Andrew Gavallan.

— Ah, ótimo. Então, obrigado, tai-pan. Terei prazer em vê-lo. Desculpe o transtorno.

Dunross desligou o telefone. "Por que será que me ligou, o motivo verdadeiro?", perguntou-se. Hiro Toda, diretor-administrativo do complexo de construção de navios mais ativo do Japão, nunca fazia nada repentino ou não-premeditado.

Dunross pensou no fechamento da transação deles, e nos três pagamentos de dois milhões cada, que venciam nos dias 1º, 11 e 15 de setembro, o restante em noventa dias; doze milhões de dólares americanos ao todo, que ele não tinha no momento. Ou o contrato assinado do fretador que era necessário para sustentar o empréstimo bancário que não tinha, ainda.

— Não faz mal — falou, tranqüilamente —, tudo vai dar certo.

— Para eles, sim — falou Claudia. — Sabe que não confio neles, tai-pan. Em nenhum deles.

— Não pode culpá-los, Claudia. Estão apenas tentando fazer economicamente o que não conseguiram fazer militarmente.

— Tirando todo mundo dos mercados mundiais, com sua política de preços.

— Eles estão trabalhando duro, estão obtendo lucros, e nos enterrarão, se deixarmos. — O olhar dele também endureceu. — Mas, afinal, Claudia, por baixo do verniz de todo inglês, ou escocês, encontra-se um pirata. Se formos tão idiotas a ponto de permitir que nos enterrem, merecemos esse fim... afinal, não é esta a finalidade de Hong Kong?

— Por que ajudar o inimigo?

— Eles foram o inimigo — falou, bondosamente. — Mas apenas durante vinte e tantos anos, e nossas ligações com o Japão datam de cem anos. Não fomos os primeiros comerciantes a entrar no Japão? A Bruxa Struan não comprou para nós o primeiro lote posto à venda em Yokohama, em 1860? Ela não ordenou que fosse uma das pedras fundamentais da política da Struan manter o triângulo China-Japão-Hong Kong?

— Sim, tai-pan, mas não ach...

— Não, Claudia, negociamos com os Todas, os Kasigis, os Toranagas durante cem anos, e neste momento as Indústrias de Navegação Toda são muito importantes para nós.

O telefone tocou de novo. Ela atendeu:

— Sim, ligo depois para ele. — Depois, para Dunross: — É do bufê... sobre a sua festa logo mais.

— Qual é o problema?

— Nenhum, tai-pan... estão preocupados. Afinal, é o vigésimo aniversário de casamento d'o tai-pan. Hong Kong inteira tem que ficar impressionada. — O telefone tocou outra vez. Claudia atendeu. — Ah, ótimo! Complete a ligação... É Bill Foster, de Sydney.

Dunross atendeu.

— Bill... não, você estava no topo da lista. Já fechou negócio com as Propriedades Woolara?... Qual é o galho?... Não estou gostando. — Deu uma olhada no relógio. — Passa do meio-dia, aí na sua terra. Ligue para eles imediatamente e ofereça mais cinquenta

centavos australianos por ação, a oferta valendo até o encerramento do expediente comercial de hoje. Entre em contato com o banco em Sydney imediatamente e diga-lhes para exigirem o pagamento integral de todos os seus empréstimos até o fim do expediente comercial de hoje... Pouco me importa, já estão com trinta dias de atraso. Quero o controle daquela companhia agora. Sem ele, nosso novo negócio de cargueiros a frete vai se desmantelar, e vamos ter que começar do zero de novo. E tome o vôo 543 da Qantas na quinta-feira. Quero você aqui para uma conferência. — Desligou. — Mande o Linbar aqui para cima logo que a reunião com a Tcholak acabe. Reserve passagem para ele no vôo 716 da Qantas para Sydney, na sexta de manhã.

— Sim, tai-pan. — Tomou nota, depois entregou-lhe uma lista. — Estes são os seus compromissos para hoje.

Lançou uma olhada para o papel. Quatro reuniões de diretoria de algumas companhias subsidiárias naquela manhã: Balsa Dourada, às dez e meia; Motores Importados da Struan de Hong Kong, às onze; Alimentos Chong-Li, às onze e quinze; e Investimentos Kowloon, às onze e trinta. Almoço com Lincoln Bartlett e a srta. Casey Tcholak, de doze e quarenta às catorze horas. Mais reuniões de diretoria à tarde, Peter Marlowe às dezesseis. Phillip Chen às dezesseis e vinte, coquetel com o governador às dezoito, sua festa de aniversário de casamento começando às vinte, um lembrete para ligar para Alastair Struan na Escócia às onze, e pelo menos mais umas quinze pessoas em toda a Ásia para quem telefonar.

— Marlowe? — indagou.

— É escritor, está hospedado no Vic... Não está lembrado? Escreveu pedindo uma entrevista faz uma semana. Está fazendo pesquisas para um livro sobre Hong Kong.

— Ah, sei, o cara que foi da RAF.

— É. Quer que adie o encontro?

— Não. Mantenha o programa combinado, Claudia. — Tirou do bolso das calças um estojinho de couro preto para cartões, e passou para ela uma dúzia de cartões cobertos com anotações taquigrafadas. — Aqui estão alguns telegramas e telex para serem enviados imediatamente, e anotações para as diversas reuniões. Ligue-me com Jen, em Taipé, depois com Havergill, no banco, depois vá seguindo a lista.

— Sim, tai-pan. Ouvi dizer que Havergill vai se aposentar.

— Que maravilha! Quem vai tomar o seu lugar?

— Ninguém sabe, ainda.

— Tomara que seja o Johnjohn. Ponha seus espiões para trabalhar. Aposto cem como descubro antes de você!

— Fechado!

— Ótimo. — Dunross estendeu a mão e falou, docemente: — Pode ir me pagando. É o Johnjohn.

— Hem?

Ela o fitou, aparvalhada.

— Decidimos ontem à noite... todos os diretores. Pedi-lhes para não dizerem a ninguém até as onze horas de hoje.

Relutante, ela apanhou a nota de cem dólares e entregou a ele.

— Ayeeyah, eu gostava especialmente desta nota.

— Obrigado — falou Dunross, pondo-a no bolso. — Eu também gosto dela, especialmente.

Bateram à porta.

— Sim? — falou ele.

A porta foi aberta por Sandra Yi, a secretária particular de Dunross.

— Com licença, tai-pan, mas o mercado subiu dois pontos, e Holdbrook está na linha 2.

Alan Holdbrook era o chefe da companhia de corretagem da casa.

Dunross apertou o botão da linha 2.

— Claudia, logo que eu acabar, pode trazer Armstrong. Ela saiu com Sandra Yi.

— Sim, Alan?

— Bom dia, tai-pan. Primeiro: corre à boca pequena que vamos fazer uma oferta para o controle das Propriedades Asiáticas.

— Isso foi provavelmente espalhado por Jason Plumm, para aumentar o valor de suas ações antes da reunião anual deles. Sabe como é esperto o filho da mãe.

— Nossas ações subiram dez centavos, talvez por causa do boato.

— Ótimo. Compre-me vinte mil imediatamente.

— Com margem de lucro?

— Claro que sim.

— Certo. Segundo boato: fechamos um negócio multimilionário com as Indústrias Par-Con... grandes expansões.

— Fantasias — falou Dunross, com naturalidade, perguntando-se furiosamente onde estariam os "vazamentos". Apenas Phillip Chen e, em Edimburgo, Alastair Struan e o velho Sean MacStruan deviam saber da trama para esmagar as Propriedades Asiáticas. E a transação da Par-Con era secretíssima, apenas de conhecimento da assembléia interna.

— Terceiro: há alguém comprando grandes lotes das nossas ações.

— Quem?

— Não sei. Mas há alguma coisa ocorrendo que não me cheira bem, tai-pan. O jeito que nossas ações vêm subindo devagar, neste último mês... Não vejo motivo para isso, exceto um comprador, ou compradores. A mesma coisa com a Rothwell-Gornt. Ouvi dizer que um lote de duzentas mil foi comprado no exterior.

— Descubra quem comprou.

— Santo Deus, gostaria de saber como. O mercado está instável, muito nervoso. Um bocado de dinheiro chinês flutuando por aí. Muitas pequenas transações acontecendo... umas poucas ações aqui, outras ali, mas multiplicadas por cerca de cem mil... o mercado pode começar a desabar... ou subir vertiginosamente.

— Ótimo. Então todos vamos ter um lucro e tanto. Ligue para mim antes de o mercado fechar. Obrigado, Alan. — Desligou o aparelho, sentindo as costas molhadas de suor. — Merda — falou em voz alta. — Mas que diabo está acontecendo?

Na ante-sala, Claudia Chen examinava alguns papéis com Sandra Yi, que era sua sobrinha por parte de mãe... inteligente, bonita, vinte e sete anos, e uma cabeça como um ábaco. A seguir, olhou para o relógio e disse, em cantonense:

— O superintendente Brian Kwok está lá embaixo, por que não vai buscá-lo, Irmãzinha... daqui a seis minutos?

— Ayeeyah, sim, Irmã Mais Velha!

Sandra Yi deu uma retocada rápida na maquilagem e saiu. Claudia sorriu ao vê-la se afastar, e pensou que Sandra Yi seria perfeita... a escolha perfeita para Brian Kwok. Feliz, sentou-se à sua mesa e começou a datilografar os telex. "Tudo o que tinha que ser feito foi feito", disse para si mesma. "Não, algo que o tai-pan disse... O que foi mesmo? Ah, sim!" Ligou para a sua casa.

— Weyyyyy? — atendeu a sua amah, Ah Sam.

— Escute, Ah Sam — perguntou em cantonense —, a Terceira Arrumadeira Fung, do Vic, não é sua prima em terceiro grau?

— Ah, sim, Mãe — respondeu Ah Sam, usando o modo polido com que a criada se dirigia à patroa. — Mas é em quarto grau, e dos Fung-tats, não dos Fung-sams, que é o meu ramo.

— Não importa, Ah Sam. Ligue para ela e descubra tudo o que puder sobre os dois demônios estrangeiros da Montanha Dourada. Estão na suíte Riacho Fragrante. — Pacientemente,

soletrou os seus nomes, depois acrescentou, com delicadeza: — Ouvi dizer que têm hábitos de cama peculiares.

— Ayeeyah, se alguém for capaz de descobrir, esse alguém é a Terceira Arrumadeira Fung. Ah! Peculiares, como?

— Peculiares, estranhos, Ah Sam. Trate logo disso, sua danadinha.

Abriu um amplo sorriso e desligou.

As portas do elevador se abriram e Sandra Yi fez entrar os dois policiais, depois foi embora, relutante. Brian Kwok ficou olhando enquanto ela se afastava. Tinha trinta e nove anos, era alto para um chinês, passava um pouco de um metro e oitenta, bonitão, com cabelos negro-azulados. Os dois homens estavam à paisana. Claudia Chen conversou educadamente com eles, mas no momento em que viu a luz da linha 2 se apagar, fê-los entrar na outra sala e fechou a porta.

— Desculpe aparecer sem marcar hora — disse Armstrong.

— Não esquente a cabeça, Robert. Está com cara de cansado.

— Uma noite pesada. É todo esse banditismo à solta em Hong Kong — falou Armstrong, descontraidamente. — Abundam os homens maus, e os santos são crucificados.

Dunross sorriu, depois lançou um olhar para Kwok.

— E que tal a vida, Brian? Brian Kwok também sorriu.

— Muito boa, obrigado, Ian. O mercado de capitais está alto... tenho alguns dólares no banco, meu Porsche ainda não caiu aos pedaços, e as damas continuam a existir.

— Graças a Deus! Vai subir a colina no domingo?

— Se puder botar a Lulu em forma. Está lhe faltando um acoplamento hidráulico de direita.

— Já tentou na nossa loja?

— Já. Não dei sorte, tai-pan. Você vai?

— Depende. Tenho que ir a Taipé no domingo à tarde... irei se tiver tempo. De qualquer forma, inscrevi-me. Que tal o sei?

Brian Kwok abriu um sorriso.

— É melhor do que trabalhar para viver.

O Serviço Especial de Informações era um departamento completamente independente dentro da semi-secreta Seção

Especial, o departamento de elite responsável pela prevenção e detecção de atividades subversivas na colônia. Tinha os seus modos de agir secretos, fundos secretos e poderes quase absolutos. Respondia exclusivamente ao governador.

Dunross recostou-se na cadeira.

— O que há? Armstrong disse:

— Estou certo de que já sabe. É sobre as armas no avião de Bartlett.

— Ah, é, ouvi dizer, hoje de manhã. Como posso ajudar? Tem alguma idéia de para onde se destinavam? E por quem foram enviadas? Pegou dois homens?

Armstrong deu um suspiro.

— Peguei. Eram mesmo mecânicos de verdade... os dois previamente treinados pela Força Aérea Nacionalista. Nenhuma ficha criminal anterior, embora sejam suspeitos de pertencer a tríades secretas. Ambos estão aqui desde o êxodo de 1949. A propósito, podemos manter isso confidencial, só entre nós três?

— E quanto aos seus superiores?

— Gostaria também de incluí-los... mas não conte a mais ninguém.

— Por quê?

— Temos motivos para crer que as armas destinavam-se a alguém na Struan.

— Quem? — perguntou Dunross, bruscamente.

— Confidencial.

— Sei. Quem?

— O que sabe a respeito de Lincoln Bartlett e Casey Tcholak?

— Temos um dossiê detalhado sobre ele... mas não sobre ela. Gostaria de vê-lo? Posso lhe dar uma cópia, desde que também seja considerada confidencial.

— Naturalmente. Seria uma grande ajuda. Dunross apertou o intercomunicador.

— Sim, senhor? — disse a voz de Claudia.

— Faça uma cópia do dossiê de Bartlett e entregue-a ao superintendente Armstrong na saída.

Dunross desligou o intercomunicador.

— Não vamos tomar muito mais do seu tempo — falou Armstrong. — Sempre faz dossiê dos clientes em potencial?

— Não. Mas gostamos de saber com quem estamos lidando. Se o negócio com Bartlett for fechado, pode significar milhões para nós, para ele, mil novos empregos para Hong Kong... fábricas, depósitos, uma grande expansão... juntamente com riscos igualmente grandes. Todos os empresários fazem um levantamento financeiro confidencial... talvez sejamos mais meticolosos. Aposto cinquenta dólares contra um alfinete quebrado que ele tem um dossiê sobre mim.

— Nenhuma ligação criminosa foi mencionada? Dunross ficou espantado.

— Máfia? Esse tipo de coisa? Santo Deus, nada. Além disso, se a Máfia estivesse tentando entrar aqui, não iria mandar apenas dez rifles M14, duas mil balas e uma caixa de granadas.

— Sua informação é boa pra cachorro — interrompeu Brian Kwok. — Boa demais. Desempacotamos o material só faz uma hora. Quem é seu informante?

— Sabe que não há segredos em Hong Kong.

— Não se pode confiar nem nos nossos tiras, hoje em dia.

— A Máfia certamente enviaria um carregamento vinte vezes maior do que esse, e seriam armas portáteis, estilo americano. Mas a Máfia na certa falharia aqui, não importa o que fizesse. Jamais poderia substituir as nossas tríades. Não, não pode ser a Máfia. Tem que ser alguém do lugar. Quem lhe deu a dica sobre o carregamento, Brian?

— A polícia do aeroporto de Tóquio — falou Kwok. — Um dos mecânicos deles estava fazendo uma inspeção de rotina... sabe como são meticulosos. Relatou a descoberta ao seu superior, a polícia deles nos telefonou, e nós mandamos deixar passar.

— Nesse caso entre em contato com o FBI e a CIA... mande que verifiquem o que houve em Honolulu... ou Los Angeles.

— Também viu o plano de vôo?

— Claro. É óbvio. Por que alguém da Struan?

— Os dois bandidos disseram... — Armstrong pegou o seu bloquinho e consultou-o. — A nossa pergunta foi: "Para onde deviam levar os embrulhos?" Ambos responderam, usando palavras diferentes: "Para o barracão 15, devíamos colocar os pacotes no compartimento número 7, nos fundos".

Ergueu os olhos para Dunross.

— Isso não prova nada. Temos os maiores depósitos em Kai Tak... só porque iam levá-los para um dos nossos barracões, não prova nada... exceto que são espertos. Temos tanta mercadoria em

circulação, que seria fácil para um caminhão de fora entrar. — Dunross pensou por um momento. — O número 15 fica junto da saída... localização perfeita. — Estendeu a mão para o telefone. — Vou pôr minha segurança no circuito, agora mes...

— Por favor, agora não.

— Por quê?

— Nossa pergunta seguinte foi: "Quem os contratou?" Claro que nos deram nomes e descrições fictícios, e negaram tudo, mas não tardarão a ser mais prestimosos. — Deu um sorriso sombrio. — Um deles falou, contudo, quando um dos meus sargentos torcia um pouco a sua orelha, de modo figurado, é claro — leu no bloquinho: — "Deixe-me em paz, tenho amigos muito importantes!" "Não tem nenhum amigo no mundo", falou o sargento. "Pode ser, mas o Honorável Tsu-yan tem, e o Chen da Casa Nobre tem."

O silêncio foi longo e pesado. Esperaram. "Aqueles armas amaldiçoadas!", pensou Dunross, furioso. Mas manteve a fisionomia calma e ficou mais atento.

— Temos mais de uma centena de Chens trabalhando para nós, aparentados ou não... Chen é um nome tão comum quanto Smith.

— E Tsu-yan? — perguntou Brian Kwok. Dunross deu de ombros.

— É diretor da Struan... mas também é diretor do Blacs, do Victoria Bank e de quarenta outras companhias, um dos homens mais ricos de Hong Kong, e um nome que qualquer um na Ásia poderia citar facilmente. Como o Chen da Casa Nobre.

— Sabe que suspeitam que ele seja muito graduado na hierarquia das tríades... especialmente na Pang Verde? — perguntou Brian Kwok.

— Todo xangaiense importante é igualmente suspeito. Meus Deus, Brian, você sabe que dizem que Chang Kai-chek entregou Xangai à Pang Verde há anos, como seu distrito exclusivo, em troca do apoio deles na sua campanha setentrional contra os senhores da guerra. A Pang Verde ainda não é, mais ou menos, uma sociedade secreta nacionalista oficial? Brian Kwok disse:

— Onde foi que Tsu-yan ganhou o seu dinheiro, Ian? Sua primeira fortuna?

— Não sei. Conte-me, Brian.

— Ganhou-a durante a Guerra da Coréia, contrabandeando penicilina, drogas e gasolina, especialmente penicilina, para o outro lado da fronteira, para os comunistas. Antes da Coréia, tudo o que tinha era uma tanga e um jinriquixá desconjuntado.

— São boatos, Brian.

— A Struan também fez fortuna.

— É. Mas seria muito pouco sensato sugerir que a fizemos contrabandeando... pública ou particularmente — falou Dunross, suavemente. — Muito pouco sensato, realmente.

— E não fizeram?

— A Struan começou com um pouco de contrabando há cento e vinte e tantos anos, segundo consta, mas era uma profissão honrada, e nunca contra a lei britânica. Somos capitalistas tementes à lei e mercadores da China, e o temos sido há anos.

Brian Kwok não sorriu.

— Outros boatos dizem que um bocado da penicilina dele não prestava. Não prestava mesmo.

— Se não prestava, se isso for verdade, por favor, vá prendê-lo, Brian — disse Dunross, friamente. — Pessoalmente, acho que é mais um boato espalhado por competidores invejosos. Se isso fosse verdade, ele estaria boiando na baía, com os outros que tentaram, ou seria punido, como Wong Pó Estragado.

Referia-se a um contrabandista de Hong Kong que vendera grande quantidade de penicilina estragada para o outro lado da fronteira, durante a Guerra da Coréia, e investira sua fortuna em ações e terras em Hong Kong. Dentro de sete anos, estava riquíssimo. E então, certas triádes de Hong Kong tiveram ordens para acertar as contas. Cada semana um membro da família dele desaparecia, ou morria. Por afogamento, acidente de carro, estrangulamento, veneno ou arma branca. Nenhum assaltante jamais foi preso. A matança continuou por dezessete meses e três semanas, e depois parou. Apenas ele e um neto, um bebê meio retardado, sobreviveram. Ainda viviam, enfurnados no mesmo vasto apartamento de cobertura, outrora luxuoso, com um criado e um cozinheiro, apavorados, vigiados dia e noite, sem jamais sair de casa... sabendo que nem guardas nem dinheiro algum no mundo seriam capazes de impedir a inexorabilidade da sua sentença, publicada num quadrinho minúsculo de um jornal chinês local: "Wong Pó Estragado será punido, ele e todas as suas gerações". Brian Kwok disse:

— Entrevistamos o sujeito certa vez, Robert e eu.

— Não diga!

— É assustador. Todas as portas têm trancas duplas e correntes, todas as janelas são fechadas com tábuas e pregos... só uns buraquinhos aqui e ali, por onde espiar. Ele não saiu de casa

desde que a matança começou. O lugar fedia, meu Deus, mas como fedia! Só o que ele faz é jogar damas com o neto e ver televisão.

— E esperar — disse Armstrong. — Um dia irão atrás dos dois. O neto deve estar agora com uns sete ou oito anos.

Dunross disse:

— Acho que você provou o que eu disse. Tsu-yan não é como ele, e nunca foi. E qual a utilidade de uns poucos MI4 para Tsu-yan? Imagino que, se quisesse, poderia reunir metade do exército nacionalista, junto com um batalhão de tanques.

— Em Formosa, mas não em Hong Kong.

— Tsu-yan já esteve alguma vez envolvido com Bartlett? — perguntou Armstrong. — Nas suas negociações?

— Já. Esteve uma vez em Nova York, e em Los Angeles, nos representando. Ambas as vezes com John Chen. Eles deram início ao acordo entre a Struan e as Indústrias Par-Con, que deverá ser ultimado... ou abandonado... aqui, este mês, e convidaram Bartlett formalmente para vir a Hong Kong, em meu nome.

Armstrong olhou para seu parceiro chinês. Depois, perguntou:

— E quando foi isso?

— Há quatro meses. Foi necessário todo esse tempo para os dois lados prepararem todos os detalhes.

— John Chen, hem? — comentou Armstrong. — Ele bem que podia ser o Chen da Casa Nobre.

— Sabe que John não é desse tipo — falou Dunross. — Não há motivo para ele estar metido numa trama dessas. Deve ser coincidência.

— Há mais uma coincidência curiosa — falou Brian Kwok. — Tanto Tsu-yan quanto John Chen conhecem um americano chamado Banastasio, ou pelo menos ambos já foram vistos em sua companhia. O nome não lhe diz nada?

— Não. Quem é ele?

— Um jogador da pesada, e suspeito de ser escroque. Dizem também que mantém ligações estreitas com uma das famílias da Cosa Nostra. Vincenzo Banastasio.

Os olhos de Dunross se estreitaram.

— Você falou "foram vistos em sua companhia". Quem foi que viu?

— O FBI.

O silêncio ficou mais pesado.

Armstrong enfiou a mão no bolso para puxar um cigarro. Dunross empurrou em sua direção a caixa de cigarros de prata.

— Tome.

— Ah, obrigado. Não, não vou fumar... agi sem pensar. Há duas semanas que parei. Cigarro mata. — A seguir acrescentou, tentando controlar o seu desejo: — O FBI nos passou a informação porque Tsu-yan e John Chen são figuras muito destacadas aqui. Pediram-nos que ficássemos de olho neles.

Foi então que Dunross se lembrou de repente do comentário de Foxwell sobre um importante capitalista que era comunista em segredo, e a quem estava vigiando no Sinclair Towers. "Santo Deus", pensou, "Tsu-yan tem um apartamento lá, e John Chen também. Mas é impossível que um deles esteja metido com os comunistas."

— Claro que a heroína é um negócio grande — dizia Armstrong, com voz muito dura.

— O que quer dizer, Robert?

— O tráfico de drogas exige quantias imensas para financiá-lo. Dinheiro de tal ordem só pode vir de bancos ou banqueiros, disfarçadamente, é claro. Tsu-yan faz parte da diretoria de vários bancos... e o Sr. Chen também.

— Robert, é melhor ir com muita calma nesse tipo de comentário — falou Dunross, com voz áspera. — Está tirando conclusões muito perigosas, sem prova alguma. Isso pode ser discutível, creio, e não o admito.

— Tem razão, desculpe. Retiro a coincidência. Mesmo assim, o comércio de drogas é um negócio e tanto, e existe aqui em Hong Kong em abundância, especialmente para posterior consumo nos Estados Unidos. Vou dar um jeito de descobrir quem são os nossos homens maus.

— É elogiável. E terá todo o auxílio que quiser da Struan e de mim. Também odeio o tráfico.

— Ah, não o odeio, tai-pan, nem aos traficantes. É um fato da vida. É só mais um negócio... ilegal, é claro, mas ainda assim um negócio. Deram-me a tarefa de descobrir quem são os tai-pans. É uma questão de satisfação pessoal, nada mais.

— Se quiser ajuda, é só pedir.

— Obrigado. — Armstrong levantou-se, cansado. — Antes de partirmos, tenho mais duas coincidências para o senhor. Quando Tsu-yan e o Chen da Casa Nobre foram mencionados, hoje de manhã, pensamos em bater um papinho com eles imediatamente, mas logo depois que descobrimos as armas, Tsu-yan pegou o primeiro vôo para Taipé. Curioso, não?

— Ele viaja daqui para lá o tempo todo — falou Dunross, sua inquietação aumentando vertiginosamente. Tsu-yan era esperado na sua festa, logo mais à noite. Seria um fato extraordinário se não comparecesse.

Armstrong assentiu.

— Parece que foi uma decisão de última hora... não tinha reservas, nem bilhete, nem bagagens, mas passou alguns dólares extras por baixo do balcão, e alguém desistiu do vôo, deixando-lhe o lugar. Carregava apenas uma pasta. Estranho, não?

Brian Kwok falou:

— Não temos a mínima esperança de conseguir sua extradição de Formosa.

Dunross fitou-o, depois voltou a encarar Armstrong, os olhos firmes e da cor do gelo do mar.

— Disse que havia duas coincidências. Qual é a outra?

— Não conseguimos achar John Chen.

— Mas do que está falando?

— Não está em casa, nem na casa da namorada, nem nos lugares que costuma freqüentar. Há meses que o vigiamos, assim como a Tsu-yan, desde que o FBI nos alertou sobre eles.

O silêncio aumentou.

— Verificou o barco dele? — perguntou Dunross, já certo da resposta.

— Está atracado, não saiu desde ontem. Seu marinheiro também não o viu.

— No campo de golfe?

— Não está lá — falou Armstrong. — Nem na pista de corridas. Não foi assistir ao treino, embora fosse esperado, segundo o treinador. Sumiu, desapareceu, evaporou-se.

6

11h15m

Fez-se um silêncio estupefato na sala da diretoria.

— Qual o problema? — perguntou Casey. — Os números falam por si.

Os quatro homens à volta da mesa de reunião olharam para ela. Andrew Gavallan, Linbar Struan, Jacques de Ville e Phillip Chen, todos membros da assembléia interna.

Andrew Gavallan tinha quarenta e sete anos, era alto e magro. Deu uma olhada no maço de papéis à sua frente. "Dew neh loh moh para todas as mulheres metidas em negócios", pensou, irritado.

— Talvez devêssemos consultar o Sr. Bartlett — falou, constrangido, ainda muito perturbado por ter que lidar com uma mulher.

— Já lhe disse que tenho autoridade nessa área — retrucou ela, tentando ser paciente. — Sou tesoureira e vice-presidente executiva das Indústrias Par-Con, e tenho poderes para negociar com vocês. Confirmamos isso por escrito, no mês passado.

Casey controlou a raiva. A reunião fora pesadíssima. Desde a reação inicial de choque deles pelo fato de ela ser mulher, até o constrangimento inevitável, o excesso de cortesia, esperando que ela se sentasse, esperando que falasse, depois não se sentando até que ela mandasse, conversando fiado, não querendo tratar de negócios, não querendo negociar com ela como pessoa, como empresária, de modo algum, todos dizendo, ao invés disso, que as mulheres teriam grande prazer em levá-la às compras, depois ficando de boca aberta porque ela conhecia todos os detalhes

particulares da transação em projeto. Tudo fazia parte de um esquema com o qual, normalmente, estava habituada a lidar com facilidade. Mas não naquele dia. "Deus", pensou, "tenho que me sair bem. Tenho que sacudi-los."

— É, realmente, muito fácil — dissera inicialmente, tentando dissipar o constrangimento deles, usando sua abertura padrão. — Esqueçam que sou mulher... julguem-me pela minha capacidade. Bem, temos três tópicos na nossa agenda: as fábricas de poliuretano, a representação do arrendamento de computadores, e, finalmente, a representação geral dos nossos produtos derivados do petróleo, fertilizantes, produtos farmacêuticos e esportivos por toda a Ásia. Primeiro, vamos debater as fábricas de poliuretano, os suprimentos da mistura da substância química e um projeto do prazo para o financiamento.

Logo a seguir, ela lhes apresentou os gráficos e a documentação preparada, fez uma sinopse verbal de todos os fatos, números e porcentagens, taxas dos bancos, juros, tudo de maneira muito simples e rápida, de modo que até uma pessoa de inteligência curta poderia entender o projeto. E agora, todos a fitavam.

Andrew Gavallan rompeu o silêncio.

— Muito impressionante, minha cara.

— Na verdade, não sou "sua cara" — disse ela, com uma risada. — Sou muito cabeça-dura na defesa da minha companhia.

— Mas mademoiselle — disse Jacques de Ville, com suave charme francês —, sua cabeça é perfeita, e não é nada dura.

— Merci, monsieur — replicou ela imediatamente, e acrescentou despreocupadamente, num francês passável: — Mas, por favor, deixemos de lado a forma da minha cabeça, e discutamos a forma da transação em pauta. É melhor não misturarmos as coisas, não acha?

Novo silêncio.

— Quer um pouco de café? — perguntou Linbar Struan.

— Não, obrigada, Sr. Struan — falou Casey, tratando de se adaptar aos costumes deles, e não chamá-los muito cedo pelos nomes de batismo. — Vamos discutir esta proposta? É a que lhe enviamos no mês passado... tentei dar atenção aos seus problemas, assim como aos nossos.

Fez-se novo silêncio. Linbar Struan, trinta e quatro anos, bonito, com cabelos avermelhados e olhos azuis com um brilho atrevido, insistiu:

— Tem certeza de que não quer um pouco de café? Quem sabe um chá?

— Não, obrigada. Então, aceitam a nossa proposta como está?

Phillip Chen tossiu e disse:

— Em princípio, concordamos em negociar com a Par-Con em diversas áreas. Os tópicos do contrato indicam isso. Quanto às fábricas de poliuretano...

Casey escutou as generalizações dele, depois tentou mais uma vez descer às especificações... que eram o motivo daquela reunião. Mas a parada era dura, e podia senti-los refugando. Nunca tinha sido tão difícil. "Talvez seja porque são ingleses, e eu ainda não tinha lidado com os ingleses."

— Há alguma coisa específica que necessite ser esclarecida?
— perguntou. — Se existe algo que não compreendem...

— Compreendemos muito bem — disse Gavallan. — A senhorita nos apresenta números tendenciosos. Estamos financiando a construção das fábricas. Vocês nos fornecem as máquinas, mas o custo delas é amortizado ao longo de três anos, o que anulará qualquer fluxo de caixa, e significará lucro nenhum durante pelo menos cinco anos.

— Disseram-me que é costume aqui em Hong Kong amortizar o custo total de uma construção num período de três anos — replicou ela, igualmente brusca, contente por ter sido desafiada. — Estamos nos propondo a seguir os seus costumes. Se quiserem cinco... ou dez anos... tê-los-ão, desde que o mesmo se aplique à construção.

— Vocês não estão pagando pelas máquinas... são arrendadas, e o custo mensal para a joint venture¹ é alto.

— Qual a prime rate² do seu banco hoje, Sr. Gavallan? Consultaram o banco, depois deram-lhe a resposta. Ela usou sua régua de cálculo de bolso durante alguns segundos. — À taxa de hoje, poupariam dezessete mil HK por semana por máquina, se aceitassem a nossa proposta, que, no período que estamos discutindo... — mais um cálculo rápido — aumentaria sua parte dos lucros em trinta e dois por cento acima do máximo que conseguiriam... e olhe que estamos falando em milhões de dólares.

¹ "Sociedade em conta de participação." (N. da T.)

² "Taxa de juro preferencial." (N. da T.)

Eles a fitaram em silêncio.

Andrew Gavallan fez-lhe novas perguntas sobre os números em questão, mas ela não vacilou nem uma vez. A antipatia que sentiam por ela aumentou.

Silêncio.

Estava certa de que eles estavam confusos com os números que apresentara. "O que mais posso fazer para convencê-los?", pensou, ficando cada vez mais ansiosa. "A Struan vai ganhar uma bolada se eles se mexerem, nós faremos uma fortuna, e eu finalmente vou ganhar o meu dinheiro do não enche. Basta a parte da espuma para enriquecer a Struan, e a Par-Con vai ganhar quase oitenta mil dólares líquidos por mês durante os próximos dez anos, e Linc falou que eu podia ficar com uma parte."

— Quanto você quer? — ele lhe perguntara, pouco antes de terem saído dos Estados Unidos.

— Cinquenta e um por cento — respondera, dando uma risada —, já que você está perguntando.

— Três por cento.

— Qual é, Linc, preciso do meu dinheiro do não enche.

— Feche o negócio todo e terá uma opção de compra de cem mil ações da Par-Con a quatro dólares abaixo do preço de mercado.

— Pode contar comigo. Mas quero a companhia de espuma também — dissera, prendendo a respiração. — Fui eu que a comecei, e eu a quero: cinquenta e um por cento. Para mim.

— Em troca do quê?

— Da Struan.

— Fechado.

Casey esperou, aparentemente calma. Quando julgou que era o momento correto, perguntou, inocentemente:

— Estamos de acordo, então, em que a proposta é aceita como está? Estamos meio a meio com vocês. O que poderia ser melhor do que isso?

— Ainda afirmo que vocês não estão entrando com cinquenta por cento do financiamento da joint venture — retrucou Andrew Gavallan, bruscamente. — Estão fornecendo máquinas e materiais em sistema de arrendamento, com prejuízos passíveis de compensação com lucros de exercícios passados, portanto seu risco não equivale ao nosso.

— Mas isso é apenas por causa do nosso fisco, e para diminuir a quantia desembolsada, cavalheiros. Estamos fazendo o nosso financiamento do fluxo de caixa. O total das cifras é o mesmo. O fato de que temos um subsídio para a desvalorização e diversos abatimentos não tem nada a ver. — Ainda mais inocentemente, pondo isca na armadilha, acrescentou: — Nós financiamos nos Estados Unidos, onde temos traquejo. Vocês financiam em Hong Kong, onde são os peritos.

Quillan Gornt afastou-se da janela do seu escritório.

— Repito, podemos superar qualquer acordo que façam com a Struan, Sr. Bartlett. Qualquer um.

— Dólar por dólar?

— Dólar por dólar. — O inglês voltou a sentar-se atrás de sua mesa vazia de papéis, e encarou Bartlett novamente. Estavam no último andar do Edifício Rothwell-Gornt, que também dava para a Connaught Road e a orla marítima. Gornt era um homem corpulento, barbudo, de fisionomia dura, com pouco menos de um metro e oitenta de altura, cabelos negros e sobrancelhas espessas um pouco grisalhos, e olhos castanhos. — Não é nenhum segredo que nossas companhias são rivais seriíssimas, mas asseguro-lhe que podemos

cobrir e superar qualquer oferta deles, e providenciaria o nosso lado do financiamento até o fim da semana. Poderíamos ter uma sociedade lucrativa, o senhor e eu. Sugiro que formemos uma companhia conjunta, segundo as leis de Hong Kong... os impostos aqui são bem razoáveis... quinze por cento de tudo o que é ganho em Hong Kong, com o resto do mundo livre de qualquer imposto. — Gornt sorriu. — Melhor do que nos Estados Unidos.

— Muito melhor — disse Bartlett. Estava sentado numa cadeira de couro de espaldar alto. — Muitíssimo melhor.

— É por isso que está interessado em Hong Kong?

— Esse é um dos motivos.

— Quais são os outros?

— Aqui não há nenhuma companhia americana do tamanho da minha com força total, e devia haver. Essa é a era do Pacífico. Mas vocês poderiam beneficiar-se da nossa vinda. Temos muito do traquejo que vocês não têm e uma grande influência em áreas do

mercado americano. Por outro lado, a Rothwell-Gornt e a Struan têm o traquejo que nos falta e uma grande influência nos mercados asiáticos.

— Como podemos cimentar um relacionamento?

— Primeiro, tenho que descobrir o que a Struan está pretendendo. Comecei a negociar com eles, e não gosto de trocar de avião no meio do oceano.

— Posso lhe dizer de pronto o que estão pretendendo: lucro para eles, e o resto que vá para o diabo.

O sorriso de Gornt era duro.

— A transação que discutimos me pareceu muito justa.

— Eles são mestres em parecer muito justos, entrar com a metade da participação, depois vender ao seu bel-prazer para raspar o lucro e ainda conservar o controle.

— Isso não seria possível conosco.

— Há quase um século e meio que vêm agindo assim. A esta altura já aprenderam alguns macetes.

— Vocês também.

— Claro. Mas a Struan é muito diferente de nós. Somos donos de coisas e companhias... eles possuem porcentagens. Têm pouco mais de cinco por cento da maioria de suas subsidiárias e, no entanto, exercem o controle absoluto por meio de ações com poder de voto especial, ou tornando obrigatório, nos artigos de associação, que o tai-pan deles também seja o tai-pan da subsidiária, com poder de decisão final.

— Isso me parece inteligente.

— E é. E eles são. Mas nós somos melhores e mais corretos... e nossos contatos e influência na China e por toda a costa do Pacífico, com exceção dos Estados Unidos e do Canadá, são mais fortes do que os deles, e ficam mais fortes a cada dia que passa.

— Por quê?

— Porque as operações da nossa companhia tiveram origem em Xangai, a maior cidade da Ásia, onde dominávamos. A Struan sempre se concentrou em Hong Kong, que, até bem pouco tempo, mal passava de uma cidadezinha provinciana.

— Mas Xangai são águas passadas, desde que os comunistas isolaram o continente, em 1949. Não há nenhum comércio externo passando hoje em dia através de Xangai; é tudo através de Cantão.

— É. Mas foram os xangaienses que saíram da China e vieram para o sul com dinheiro, cérebro e garra, que fizeram de Hong Kong o que é hoje e o que será amanhã: a metrópole de hoje e do futuro de todo o Pacífico.

— Melhor do que Cingapura?

— Sem dúvida.

— Manila?

— Sem dúvida.

— Tóquio?

— Esta será sempre só para os japoneses. — Os olhos de Gornt brilharam, as rugas de seu rosto tornaram-se mais nítidas. — Hong Kong é a maior cidade da Ásia, Sr. Bartlett. Quem a dominar, acabará por dominar a Ásia... naturalmente, estou me referindo ao comércio, finanças, transportes, grandes negócios.

— E quanto à China Vermelha?

— Achamos que Hong Kong é vantajosa para a RPC, como chamamos a República Popular da China. Somos a "porta aberta" controlada para eles. Hong Kong e a Rothwell-Gornt representam o futuro.

— Por quê?

— Porque, quando Xangai era o centro empresarial e industrial da China, quem regulava o passo do país eram os xangaienses. Eles são os "furões" da China, sempre foram e sempre serão. E agora, os melhores deles estão aqui conosco. Logo verá a diferença entre os cantonenses e os xangaienses. Estes são os empresários, os industriais, os promotores, os inter-nacionalistas. Não há um só grande magnata têxtil, armador ou industrial que não seja oriundo de Xangai. Os cantonenses dirigem as empresas da família, Sr. Bartlett, são individualistas, mas os xangaienses entendem de sociedades nos seus diversos aspectos e, acima de tudo, entendem de operações bancárias e financiamentos. — Gornt acendeu outro cigarro. — É aí que reside a nossa força, é por isso que somos melhores do que a Struan... e por que acabaremos sendo os maiores.

Linc Bartlett examinou o homem à sua frente. Pelo dossiê que Casey preparara, sabia que Gornt nascera em Xangai, de pais britânicos, tinha quarenta e oito anos, era viúvo com dois filhos crescidos, e que servira como capitão na infantaria australiana de 42 a 45, no Pacífico. Sabia também que governava a Rothwell-Gornt com muito êxito como um feudo particular, isso há oito anos, desde que assumira o lugar do pai.

Bartlett acomodou-se melhor na poltrona funda.

— Se existe esta rivalidade com a Struan, e tem tanta certeza de que acabará sendo a número 1, por que esperar? Por que não lhes tomar o lugar agora?

Gornt o fitava, fisionomia dura.

— Não há nada no mundo que mais me agradasse fazer. Mas não posso, ainda não. Quase consegui, faz três anos... eles haviam passado dos limites, o joss do tai-pan anterior se esgotara.

— Joss?

— É uma palavra chinesa que quer dizer "sorte", "destino", mas um pouquinho mais. — Gornt observava-o, pensativo. — Somos muito supersticiosos, por essas bandas. Joss é muito importante, como a escolha do momento preciso. Bem, a sorte de Alastair Struan se esgotara, ou virará azar. Tivera um ano anterior desastroso, e então, num gesto de desespero, passou o cargo para Ian Dunross. Quase afundaram, daquela vez. As ações deles começaram a cair. Parti para cima deles, mas Dunross conseguiu superar a crise e estabilizar o mercado.

— Como?

— Digamos que exerceu uma quantidade indevida de influência em certos círculos bancários.

Gornt recordou com fúria gelada que Havergill, do banco, de repente, em desacordo com todas as suas combinações particulares e secretas, não se opusera ao pedido da Struan de uma linha de crédito enorme e temporária que dera a Dunross tempo para se recuperar.

Gornt recordou sua ira cega quando ligara para Havergill.

— Diabos, mas por que fez isso? — perguntara-lhe. — Cem milhões com crédito extraordinário? Salvou o pescoço deles, pela madrugada! Nós estávamos com eles nas mãos. Por quê?

Havergill lhe contara que Dunross conseguira reunir votos suficientes na junta diretora, e impusera extrema pressão pessoal a ele, Havergill.

— Nada havia que eu pudesse fazer...

"É", pensou Gornt, olhando para o americano. "Perdi, daquela vez, mas acho que você é a chave explosiva de vinte e quatro quilates que irá acionar a bomba que fará a Struan ir pelos ares, deixando a Ásia para sempre."

— Dunross foi a extremos, daquela vez, Sr. Bartlett. Conseguiu alguns inimigos implacáveis. Mas agora somos igualmente fortes. É o que o senhor chamaria de um impasse. Eles não podem nos pegar, e nós não podemos pegá-los.

— A não ser que cometessem um erro.

— Ou nós cometêssemos um erro. — O homem mais velho soprou um anel de fumaça e ficou olhando para ele. Finalmente, voltou a olhar para Bartlett. — Acabaremos por vencer. O tempo na Ásia é um pouco diferente do tempo nos Estados Unidos.

— É o que me dizem.

— Não acredita?

— Sei que as mesmas regras de sobrevivência se aplicam aqui, ali, ou seja onde for. Apenas o grau varia.

Gornt ficou vendo a fumaça do cigarro enroscar-se até o teto. Sua sala era grande, com poltronas de couro bem usadas, excelentes quadros a óleo nas paredes, e recendia a couro lustrado e bons charutos. A cadeira de espaldar alto de Gornt, de carvalho antigo e entalhado, com estofamento vermelho, parecia dura, funcional e sólida, pensou Bartlett, igual ao homem.

— Podemos superar a oferta da Struan, e o tempo está do nosso lado, aqui, ali, ou seja lá onde for — disse Gornt.

Bartlett achou graça.

Gornt também sorriu, mas Bartlett notou que seus olhos não sorriam.

— Circule por Hong Kong, Sr. Bartlett. Faça perguntas sobre nós, e sobre eles. Depois, decida-se.

— É o que farei.

— Ouvi dizer que seu avião está retido aqui.

— Está, sim. A polícia do aeroporto encontrou armas a bordo.

— É, eu soube. Curioso. Bem, se precisar de ajuda para liberá-lo, talvez eu lhe possa ser útil.

— Podia ajudar agora mesmo, contando-me por que e por quem.

— Não tenho idéia... mas aposto que alguém da Struan tem.

— Por quê?

— Sabiam dos seus movimentos exatos.

— Vocês também.

— É. Mas não tinha nada a ver conosco.

— Quem sabia que íamos ter este encontro, Sr. Gornt?

— O senhor e eu. Conforme combináramos. Não houve vazamento por aqui, Sr. Bartlett. Depois do nosso encontro particular em Nova York, no ano passado, tudo foi feito por telefone... nem mesmo um telex de confirmação. Apoio a sua política sábia de cautela, sigilo, e contatos pessoais. Em particular. Mas, do seu lado, quem sabe do nosso... nosso interesse continuado?

— Ninguém, exceto eu.

— Nem mesmo sua tesoureira vice-presidente-executiva? — perguntou Gornt, sem disfarçar a surpresa.

— Não, senhor. Quando soube que Casey era "ela"?

— Em Nova York. Ora, vamos, Sr. Bartlett, não é provável que estivéssemos contemplando uma associação sem averiguarmos suas credenciais e as dos seus principais executivos.

— Ótimo. Isso poupará tempo.

— É curioso ter uma mulher numa posição-chave dessas.

— Ela é meu braço direito e esquerdo, e o melhor executivo que tenho.

— Então, por que não lhe contou do nosso encontro hoje?

— Uma das primeiras regras da sobrevivência é manter suas opções em aberto.

— Ou seja?

— Ou seja, não dirijo meus negócios em comitê. Além disso, gosto de agir de improviso, manter certas operações em segredo. — Bartlett pensou um momento, depois acrescentou:

— Não é falta de confiança. Na verdade, estou tornando as coisas mais fáceis para ela. Se alguém na Struan descobrir, e perguntar-lhe por que estou tendo um encontro agora com o senhor, a surpresa dela será genuína.

Depois de uma pausa, Gornt falou:

— É raro encontrar alguém realmente digno de confiança. Muito raro.

— Por que alguém iria querer M14 e granadas em Hong Kong, e por que usariam o meu avião?

— Não sei, mas me proponho a descobrir. — Gornt apagou o cigarro. O cinzeiro era de porcelana... dinastia Sung.

— Conhece Tsu-yan?

— Encontrei-o umas duas vezes. Por quê?

— É um excelente sujeito, embora seja diretor da Struan.

— É xangaiense?

— É. Um dos melhores. — Gornt ergueu os olhos, com expressão muito dura. — É possível que haja vantagem periférica em negociar conosco, Sr. Bartlett. Ouvi dizer que a Struan está se expandindo muito, no momento. Dunross está apostando alto na sua

frota, especialmente nos dois imensos cargueiros que encomendou no Japão. O primeiro deles está com um pagamento substancial a vencer, dentro de uma semana, mais ou menos. Além disso, correm boatos de que ele vai fazer uma oferta pelas Propriedades Asiáticas. Já ouviu falar delas?

— Um grande empreendimento imobiliário, por toda a Hong Kong.

— É. São os maiores... maiores até que a ik da Struan.

— A Investimentos Kowloon faz parte da Struan? Pensei que fosse uma companhia independente.

— E é, na aparência. Mas Dunross é tai-pan da ik... eles sempre têm o mesmo tai-pan.

— Sempre?

— Sempre. Faz parte das cláusulas de contrato deles. Mas Ian está exagerando. A Casa Nobre pode logo se tornar ignóbil. Ele está com muito pouco dinheiro vivo no momento.

Bartlett pensou um momento, depois perguntou:

— Por que não se junta a outra companhia, talvez as Propriedades Asiáticas, e assumem juntos o controle da Struan? Isso é o que eu faria, nos Estados Unidos, se quisesse uma companhia que não pudesse tomar sozinho.

— É isso o que está querendo fazer aqui, Sr. Bartlett? — perguntou Gornt de pronto, fingindo estar chocado. — "Tomar" a Struan?

— É possível?

Gornt fitou o teto cuidadosamente, antes de responder.

— É... mas precisaria de um sócio. Talvez conseguisse obtê-lo com as Propriedades Asiáticas, mas duvido. Jason Plumm, o tai-pan, não tem peito para isso. Precisaria de nós. Só nós temos a perspicácia, a garra, o conhecimento e o desejo. Contudo, teria que arriscar uma imensa quantia. Em dinheiro vivo.

— Quanto?

Gornt riu com gosto.

— Vou pensar nisso. Primeiro, teria que me dizer se está mesmo levando a idéia a sério.

— Se estiver, quer entrar na jogada? Gornt devolveu-lhe o olhar, igualmente firme.

— Primeiramente teria que estar certo, certíssimo, de que está falando sério. Não é segredo que detesto a Struan de modo geral, e Ian Dunross pessoalmente, e que gostaria de vê-los aniquilados. Portanto, já conhece a minha posição a longo prazo. Não sei a sua. Ainda.

— Se pudéssemos assumir o controle da Struan... valeria a pena?

— Ah, sim, Sr. Bartlett. Ah, sim... valeria a pena — disse Gornt jovialmente, depois sua voz voltou a ficar gelada. — Mas ainda preciso saber quão seriamente encara isso.

— Dir-lhe-ei depois de me encontrar com Dunross.

— Vai sugerir-lhe a mesma coisa... que juntos poderão engolir a Rothwell-Gornt?

— Meu propósito ao vir aqui é tornar a Par-Con internacional, Sr. Gornt. Quem sabe um investimento de até trinta milhões, cobrindo toda uma variedade de mercadorias, fábricas e depósitos. Até bem pouco tempo, nunca ouvira falar na Struan... ou na Rothwell-Gornt. Ou na rivalidade entre as duas.

— Muito bem, Sr. Bartlett, deixemos as coisas como estão. Faça o senhor o que fizer, será interessante. É. Será interessante ver se sabe segurar uma faca.

Bartlett fitou-o, sem compreender.

— É um velho termo chinês de culinária, Sr. Bartlett. O senhor cozinha?

— Não.

— A culinária é um dos meus passatempos. Os chineses dizem que é importante saber como segurar a faca, que não se pode usar uma faca até que se saiba segurá-la corretamente. Caso contrário, a pessoa pode se cortar, e a coisa já começa mal. Não é mesmo?

Bartlett abriu um sorriso.

— Segurar a faca, não é isso? Não vou me esquecer. Não, não sei cozinhar. Nunca cheguei a aprender. Casey também não entende nada de cozinha.

— Os chineses dizem que há três artes em que as outras civilizações não se podem comparar à deles: literatura, pintura a pincel e culinária. Sinto-me inclinado a concordar. Gosta de boa comida?

— A melhor refeição que já comi foi num restaurante nos arredores de Roma, na Via Flaminia, o Casale.

— Então, temos ao menos isso em comum, Sr. Bartlett. O Casale também é um dos meus favoritos.

— Casey me levou para comer lá certa vez: spaghetti alla matriciana al dente e buscetti com uma cerveja estupidamente gelada, seguidos de picatta e mais cerveja. Nunca esquecerei.

Gornt sorriu.

— Quem sabe gostaria de jantar comigo, enquanto estiver aqui? Posso oferecer-lhe também o alla matriciana; terá o mesmo sabor, a receita é a mesma.

— Gostaria muito.

— E uma garrafa de Valpolicella, ou de um grande vinho toscano.

— Pessoalmente, gosto de cerveja com massa. Cerveja americana bem gelada, direto da lata.

Depois de uma pausa, Gornt perguntou:

— Quanto tempo vai se demorar em Hong Kong?

— O tempo que for preciso — respondeu Bartlett, sem hesitar.

— Ótimo. Então podemos marcar o jantar para a semana que vem? Terça ou quarta?

— Terça está ótimo, obrigado. Posso levar Casey?

— Claro. — Gornt acrescentou, em tom mais seco: — A essa altura, talvez o senhor já tenha mais certeza do que quer fazer.

Bartlett achou graça.

— E a essa altura, já saberá se sei segurar a faca.

— Talvez. Mas quero que se lembre de uma coisa, Sr. Bartlett: se unirmos nossas forças contra a Struan, uma vez iniciada a batalha, não haverá como bater em retirada sem danos muito sérios. Serííssimos, mesmo. Eu precisaria ter muita certeza. Afinal, o senhor sempre poderá se retirar ferido para os Estados Unidos, para voltar à luta outro dia. Nós ficamos aqui... portanto os riscos são desiguais.

— Mas o espólio também é desigual. Vocês ganhariam uma coisa sem preço, que para mim não vale dez centavos. Seriam a Casa Nobre.

— É — falou Gornt, cerrando as pálpebras. Inclinou-se para a frente para escolher outro cigarro, e o pé esquerdo moveu-se sob a mesa para apertar um interruptor oculto. — Vamos deixar tudo em suspenso até ter...

A voz da secretária de Gornt fez-se ouvir pelo intercomunicador.

— Com licença, Sr. Gornt, quer que adie a reunião da diretoria?

— Não — respondeu Gornt. — Eles que esperem.

— Sim, senhor. A srta. Ramos está aqui. Pode conceder-lhe alguns minutos?

Gornt fingiu-se surpreso.

— Um momento. — Olhou para Bartlett. — Terminamos?

— Sim. — Bartlett levantou-se imediatamente. — A terça-feira está de pé. Até lá, deixamos tudo em suspenso. — Virou-se para sair, mas Gornt o deteve.

— Só um momento, Sr. Bartlett — disse, depois falou no intercomunicador: — Diga a ela que entre. — Desligou o interruptor e se levantou. — Fiquei muito feliz com o nosso encontro.

A porta se abriu e uma moça entrou. Tinha vinte e cinco anos, era impressionante, cabelos pretos curtos, olhos negros, nitidamente eurásiana, vestida informalmente, com jeans americanos desbotados e justos e camisa.

— Alô, Quillan — falou, com um sorriso que aqueceu o ambiente, seu inglês com leve sotaque americano. — Desculpe interromper, mas acabei de chegar de Bangkok e quis vir cumprimentá-lo.

— Que bom que veio, Orlanda. — Gornt sorriu para Bartlett, que não tirava os olhos da moça. — Este é Linc Bartlett, dos Estados Unidos. Orlanda Ramos.

— Alô — cumprimentou Bartlett.

— Oi... ah, Linc Bartlett? O contrabandista de armas americano? — disse, rindo.

— Como?

— Não fique tão chocado, Sr. Bartlett. Todo mundo em Hong Kong já sabe... Hong Kong não passa de uma aldeia.

— Falando sério... como soube?

— Li no jornal da manhã.

— Impossível. Aconteceu às cinco e meia da manhã.

— Foi no Fai Pao, o Expresso, na coluna de última hora, às nove horas. É um jornal chinês, e os chineses sabem de tudo o que se passa aqui. Não se preocupe, os jornais ingleses não saberão da novidade até as edições vespertinas, mas pode esperar a imprensa na sua porta por volta da hora dos coquetéis.

— Obrigado.

"A última coisa que estou querendo é a maldita imprensa atrás de mim", pensou Bartlett com azedume.

— Não se preocupe, Sr. Bartlett, não vou pedir entrevista, embora seja uma repórter free lance da imprensa chinesa. Sou mesmo muito discreta — falou. — Não sou, Quillan?

— Sem dúvida. Tem a minha garantia... Orlanda é totalmente digna de confiança — falou Gornt.

— Claro, se quiser me oferecer uma entrevista... aceitarei. Amanhã.

— Vou pensar no seu caso.

— Prometo que o farei parecer maravilhoso!

— Os chineses sabem mesmo de tudo por aqui?

— Claro — disse ela, prontamente. — Mas os quai loh, os estrangeiros, não lêem os jornais chineses, exceto uma meia dúzia de gente que está "por dentro"... como Quillan.

— E todo o pessoal do Serviço Especial de Informações, da Seção Especial e a polícia em geral — disse Gornt.

— E Ian Dunross — acrescentou ela, com a ponta da língua tocando os dentes.

— Ah, ele é vivo assim? — perguntou Bartlett.

— Ah, é. Tem o sangue do Demônio Struan nas veias.

— Não entendi.

— Vai entender, se ficar por aqui algum tempo. Bartlett pensou na frase, depois franziu o cenho.

— Também sabia das armas, Sr. Gornt?

— Apenas que a polícia havia interceptado armas contrabandeadas a bordo do "jato particular do americano milionário que chegou ontem à noite". Também estava no meu jornal chinês matinal. O Sing Pao. — O sorriso de Gornt era sardônico. — É The Times em cantonense. Também estava na sua coluna de última hora. Mas, ao contrário de Orlanda, estou surpreso pelo fato de o senhor ainda não ter sido interceptado por membros da nossa imprensa inglesa. São muito diligentes, aqui em Hong Kong. Mais diligentes do que Orlanda diz que são.

Bartlett sentiu o perfume dela, mas continuou.

— Estou surpreso de que não tenha mencionado o fato, Sr. Gornt.

— E por que mencionaria? O que é que as armas têm a ver com a nossa possível futura associação? — Gornt deu uma risadinha abafada. — Se o pior acontecer, iremos visitá-lo na cadeia, Orlanda e eu.

Ela riu.

— Sem dúvida.

— MUITÍSSIMO obrigado! — O perfume dela, de novo. Bartlett esqueceu as armas e concentrou-se nela. — Ramos... é espanhol?

— Português. De Macau. Meu pai trabalhava para a Rothwell-Gornt em Xangai... minha mãe nasceu lá. Fui criada em Xangai até 49, depois fui para os Estados Unidos durante alguns anos, para a escola secundária em San Francisco.

— É mesmo? Los Angeles é minha cidade natal... fiz a escola secundária no vale.

— Adoro a Califórnia — disse ela. — Que tal está achando Hong Kong?

— Acabo de chegar. — Bartlett abriu um sorriso. — Parece que tive uma entrada explosiva.

Ela riu. Lindos dentes brancos.

— Hong Kong não é má... desde que a gente possa sair daqui, mais ou menos de mês em mês. Devia passar um fim de semana em Macau... é antiquada, muito bonita, fica a apenas sessenta quilômetros de distância, com bom serviço de barcas. É muito diferente de Hong Kong. — Voltou-se para Gornt. — Mais uma vez, desculpe ter interrompido. Quillan, só quis dar um alô...

Começou a se retirar.

— Não, já acabamos... eu já ia embora — disse Bartlett, interrompendo-a. — Obrigado, mais uma vez, Gornt. Até terça, se não antes... Espero vê-la de novo, srta. Ramos.

— Seria um prazer. Eis meu cartão... se me der a entrevista, garanto que ela lhe será simpática.

Ela estendeu a mão, ele a tocou e sentiu seu calor.

Gornt acompanhou-o até a porta, depois fechou-a, voltou à sua mesa e pegou um cigarro. A moça acendeu o fósforo para ele, depois soprou a chama, e foi sentar-se na cadeira que Bartlett ocupara.

— Um cara bonito — comentou.

— É. Mas é americano, ingênuo, e um filho da mãe arrogante que talvez precise baixar um pouco a crista.

— É o que quer que eu faça?

— Pode ser. Leu o dossiê dele?

— Li. Muito interessante. Orlanda sorriu.

— Não deve pedir-lhe dinheiro — disse Gornt, bruscamente.

— Ayeeyah, Quillan, será que sou tão burra? — perguntou ela, igualmente ríspida, olhos faiscando.

— Ótimo.

— Por que ele contrabandearia armas para Hong Kong? — É mesmo de se perguntar por quê, minha cara. Talvez alguém o esteja usando.

— Deve ser essa a resposta. Se tivesse todo o dinheiro que ele tem, jamais faria uma burrice dessas.

— Não — falou Gornt.

— Como é, gostou da história de eu ser uma repórter free lance? Achei que me saí muito bem.

— É, mas não o subestime. Não é nenhum tolo. É vivo. Vivíssimo. — Contou-lhe sobre o Casale. — É coincidência demais. Ele também deve ter um dossiê sobre a minha pessoa, e bem detalhado. Não há muita gente que saiba que gosto daquele restaurante.

— Quem sabe também estou no dossiê.

— Talvez. Não deixe que a pegue, na tal história de ser repórter free lance.

— Ora, qual é, Quillan? Quem, entre os tai-pans, exceto você e Dunross, lê os jornais chineses? e mesmo assim não podem ler todos. Já escrevi uma ou duas colunas... como "correspondente especial". Se ele me conceder a entrevista, posso escrevê-la. Não se preocupe. — Levou o cinzeiro para mais perto dele. — Saiu tudo bem, não foi? Com Bartlett?

— Perfeitamente. Está sendo desperdiçada. Devia estar trabalhando no cinema.

— Então fale com seu amigo a meu respeito, por favor, por favor, Quillan querido. Charlie Wang é o maior produtor de Hong Kong, e lhe deve tantos favores! Charlie Wang tem tantos filmes em andamento, que... só preciso de uma chance... podia me tornar uma estrela! Por favor!

— Por que não? — comentou ele, secamente. — Mas não creio que você seja o tipo dele.

— Posso me adaptar. Não agi exatamente como você queria, com Bartlett? Não estou vestida perfeitamente, à moda americana?

— É, está sim. — Gornt olhou para ela, depois falou, delicadamente: — Podia ser perfeita, para ele. Estava pensando que vocês dois podiam, quem sabe, ter algo mais permanente do que um simples caso...

Ela ficou completamente atenta.

— O quê?

— Você e ele podiam se ajustar como um perfeito quebra-cabeças chinês. Você é bem-humorada, da idade certa, linda, esperta, educada, maravilhosa na cama, muito inteligente, com verniz americano suficiente para deixá-lo à vontade. — Gornt exalou a fumaça e acrescentou: — E de todas as damas que conheço, você seria a que mais gastaria o dinheiro dele. É, vocês dois se

encaixariam perfeitamente... ele seria ótimo para você, que iluminaria a vida dele consideravelmente. Não é?

— Ah, sim — retrucou ela, prontamente. — Ah, sim, iluminaria. — Sorriu, depois franziu o cenho. — Mas, e quanto à mulher que o acompanha? Estão juntos numa suíte do Vic. Ouvei falar que é maravilhosa. E quanto a ela, Quillan? Gornt deu um débil sorriso.

— Meus espiões dizem que eles não dormem juntos, embora sejam mais que amigos.

O rosto dela expressou desalento.

— Ele não é bicha, é?

Gornt soltou uma risada gostosa.

— Não faria isso com você, Orlanda! Não, estou certo que não. É só um acordo estranho que ele tem com Casey.

— Qual é?

Gornt deu de ombros. Após um momento, ela falou:

— O que faço com ela?

— Se Casey Tcholak está no seu caminho, afaste-a. Você tem garras.

— Você é... Às vezes não gosto de você nem um pouquinho.

— Somos ambos realistas, você e eu. Não somos?

A voz dele era inexpressiva, mas ela percebeu a violência latente. Prontamente, pôs-se de pé, debruçou-se sobre a mesa e deu-lhe um beijinho.

— Você é um demônio — falou, apaziguando-o. — Isto é pelos velhos tempos.

A mão dele buscou o seio dela, e ele suspirou, recordando, saboreando o calor que vinha através do tecido fino.

— Ayeeyah, Orlanda. Bons tempos aqueles, não?

Ela fora sua amante aos dezessete anos. Ele foi o seu primeiro homem e a manteve durante quase cinco anos; teria continuado a mantê-la, mas ela foi para Macau com um rapaz, quando ele estava fora, e aquilo chegara aos seus ouvidos. E então ele parará. Imediatamente. Embora tivessem uma filha, àquela altura, com um ano de idade.

— Orlanda — dissera-lhe, enquanto ela suplicava o seu perdão —, não há o que perdoar. Já lhe disse uma dúzia de vezes

que a juventude precisa da juventude, e que chegaria o dia... Seque as lágrimas, case com o rapaz... dar-lhe-ei um dote, e a minha bênção. — E em meio a toda a choradeira dela, mantivera-se firme. — Continuaremos amigos — assegurara-lhe —, e cuidarei de você, quando precisar...

No dia seguinte, voltara todo o calor da sua fúria secreta contra o rapaz, um inglês, um executivo de menos importância das Propriedades Asiáticas, e no fim do mês já tinha acabado com ele.

— É uma questão de dignidade — disse a ela, calmamente.

— Ah, eu sei, compreendo, mas... o que faço agora? — choramingara ela. — Ele vai embora para a Inglaterra amanhã, quer que eu vá junto e case com ele, mas não posso casar agora, ele não tem dinheiro, nem futuro, nem emprego, nem dinheiro...

— Enxugue as lágrimas, depois vá fazer compras.

— Como?

— É, tome um presente. — Ele lhe dera um bilhete de ida e volta de primeira classe, para Londres, no mesmo avião em que o rapaz viajaria na classe turista. E mil libras em notas novinhas de dez libras. — Compre um monte de roupas bonitas, e vá ao teatro. Tem reserva no Connaught para onze dias... basta assinar a conta... e sua passagem de volta está confirmada, portanto, divirta-se e volte nova em folha, sem problemas!

— Ah, obrigada, Quillan querido, obrigada... sinto tanto. Você me perdoa?

— Não há o que perdoar. Mas se você voltar a falar com ele, ou a vê-lo em particular... jamais voltaria a ser amigo seu, ou da sua família.

Ela lhe agradecera profusamente, em meio às lágrimas, xingando-se pela sua estupidez, suplicando que a ira dos céus descesse sobre aquele que a atraçoara. No dia seguinte, o rapaz tentara falar com ela no aeroporto, e no avião, e em Londres, mas ela o afastara, praguejando. Agora conhecia bem o seu lugar. No dia em que ela deixou Londres, ele cometeu suicídio.

Quando Gornt ouviu a novidade, acendeu um belo charuto e levou-a para jantar no topo do Victoria and Albert, com castiçais, toalha de mesa e talheres finos, e, depois que ele tomara o seu conhaque Napoléon e ela o seu creme de menthe, mandara-a para casa, sozinha, para o apartamento cujo aluguel ainda pagava. Pedira mais um conhaque e ficara ali, olhando para as luzes do porto e para o Pico, sentindo a glória da vingança, a majestade da vida, a sua dignidade recobrada.

— Ayeeyah, tivemos bons momentos — dizia Gornt agora, ainda desejando-a, embora não tivesse se deitado com ela desde que soubera de Macau.

— Quillan... — começou ela, sentindo-se também excitada com o toque dele.

— Não.

Os olhos dela voltaram-se para a porta interna.

— Por favor. Faz três anos, nunca houve ninguém...

— Obrigado, mas não. — Afastou-a dele, as mãos firmes nos seus braços, embora gentis. — Já tivemos o melhor — disse, como se fosse um connaisseur. — Não gosto de menos que o melhor.

Ela se sentou na beirada da mesa, olhando para ele, emburrada.

— Você sempre ganha, não é?

— No dia em que se tornar amante de Bartlett, eu lhe dou um presente — falou, calmamente. — Se ele a levar para Macau, e ficar com você abertamente por três dias, dou-lhe um Jaguar novo. Se a pedir em casamento, você ganha o apartamento com tudo o que tem dentro, e mais uma casa na Califórnia como presente de casamento.

Ela soltou uma exclamação abafada, depois sorriu, gloriosamente.

— Um XK-E preto, Quillan, seria perfeito! — E então, sua felicidade se evaporou. — O que há de tão importante nele? Por que é tão importante para você?

Ele simplesmente a fitou.

— Desculpe — disse ela —, desculpe, não devia ter perguntado.

Pensativa, pegou um cigarro, acendeu-o, inclinou-se para a frente e passou-o para ele.

— Obrigado — falou Gornt, vendo a curva do seio dela, curtindo-a, embora um pouco entristecido por tanta beleza ser tão transitória. — A propósito, não gostaria que Bartlett soubesse do nosso acordo.

— Nem eu. — Deu um suspiro e forçou um sorriso. Depois levantou-se e deu de ombros. — Ayeeyah, nunca teria durado mesmo entre nós, com ou sem Macau. Você teria mudado... teria se entediado, os homens sempre se entediam.

Ajeitou a maquilagem e a camisa, jogou-lhe um beijo e saiu. Ele fitou a porta fechada, depois sorriu e apagou o cigarro que ela lhe dera, sem tê-lo posto na boca, não querendo a mácula dos lábios dela. Acendeu um novo cigarro e cantarolou baixinho.

"Excelente", pensou, satisfeito. "Agora veremos, Sr. Maldito Arrogante Confiante Ianque Bartlett, agora veremos como segura a faca. Macarrão com cerveja, imagine!"

E então Gornt sentiu um cheirinho do perfume dela que permanecera no ar, e isso lhe trouxe momentaneamente lembranças de quando se deitavam juntos. Quando ela era mais jovem, forçou-se a se lembrar. Graças a Deus não há falta de juventude ou beleza por aqui, e uma substituta se arranja com um telefonema ou uma nota de cem dólares.

Pegou o telefone e discou um número particular especial, satisfeito porque Orlanda era mais chinesa do que européia. Os chineses são um povo tão prático!

O telefone parou de tocar e ele ouviu a voz resoluta de Paul Havergill.

— Pronto!

— Paul, Quillan. Como vão indo as coisas?

— Alô, Quillan... naturalmente já sabe que Johnjohn vai assumir a direção do banco em novembro.

— Já. Lamento muito.

— Que droga. Eu esperava ser confirmado, mas a junta diretora resolveu escolher Johnjohn. Ontem à noite a resolução tornou-se oficial. É Dunross de novo, a panelinha dele, a as malditas ações que possuem. E como foi o seu encontro?

— O nosso americano está meio indócil na pista, bem como eu previa. — Gornt deu uma boa tragada no cigarro e tentou manter a voz controlada. — O que acha de uma agitaçãozinha especial antes de se aposentar?

— O que está pretendendo?

— Vai sair no fim de novembro?

— Vou. Depois de vinte e três anos. De certa forma, não vou achar ruim.

"Nem eu", pensou Gornt, satisfeito. "Você está fora de moda, é conservador demais. A única coisa a seu favor é que odeia Dunross."

— É daqui a quase quatro meses. Isso nos daria tempo de sobra. A você, a mim e ao nosso americano.

— O que está pretendendo?

— Lembra-se de um dos meus planos de jogo hipotéticos, aquele a que dei o nome de "Competição"?

Havergill pensou por um momento.

— Sobre como assumir o controle de um banco rival ou eliminá-lo, não era? Por quê?

— Digamos que alguém tenha tirado o pé do plano, feito algumas modificações e apertado o botão de funcionamento... há dois dias. Digamos que alguém sabia que Dunross e os outros votariam pela sua eliminação e queria vingança. O Competição funcionaria perfeitamente.

— Não vejo por quê. Qual a vantagem de se atacar o Blacs?
— O Banco de Londres, Cantão e Xangai era o maior rival do

Victoria. — Não tem sentido.

— Ah, mas digamos que alguém tenha mudado o alvo, Paul.

— Para quem?

— Passo por aí às três horas, para explicar.

— Para quem?

— Richard.

Richard Kwang controlava o Ho-Pak Bank, um dos maiores dos muitos bancos chineses de Hong Kong.

— Santo Deus! Mas isso é... — Houve uma longa pausa. — Quillan, você começou mesmo o Competição... botou-o em ação?

— Foi, e ninguém sabe disso, exceto você e eu.

— Mas, como isso vai funcionar contra Dunross?

— Explico mais tarde. Ian pode cumprir seus compromissos com os navios?

Houve uma pausa, que Gornt percebeu.

— Sim — ouviu Havergill dizer.

— Sim, mas o quê?

— Mas estou certo de que dará um jeito.

— Que outros problemas Dunross tem?

— Desculpe, mas seria falta de ética.

— Claro. — Gornt acrescentou, suavemente: — Vou dizer a coisa de outro modo: digamos que o barco deles esteja balançando um pouco. Hem?

Uma pausa mais longa.

— No momento apropriado, uma onda pequenina poderia botá-los a pique, ou qualquer outra companhia. Até mesmo você.

— Mas não o Victoria Bank.

— Ah, não.

— Ótimo. Até logo mais, às três. — Gornt desligou e enxugou a testa de novo, excitadíssimo. Apagou o cigarro, fez um cálculo rápido, acendeu outro cigarro, depois discou. — Charles, Quillan. Está ocupado?

— Não. O que posso fazer por você?

— Quero um balanço geral.

Um balanço geral era um sinal particular para o advogado telefonar para oito representantes que comprariam ou venderiam no mercado de ações em lugar de Gornt, mas secretamente, para evitar que as negociações fossem descobertas como partindo dele. Todas as ações e o dinheiro passariam exclusivamente pelas mãos do advogado, para que nem os representantes nem os corretores soubessem para quem a transação estava sendo feita.

— Um balanço geral, Quillan, pois não. De que tipo?

— Quero vender a descoberto.

Vender a descoberto significava que venderia ações que não possuía, imaginando que o valor delas baixaria. Assim, antes que tivesse que recomprá-las — tinha para isso uma margem máxima de duas semanas, em Hong Kong —, se as ações realmente tivessem baixado, ele embolsaria a diferença. Claro, se arriscasse e perdesse, isto é, se as ações subissem de preço, teria que pagar a diferença.

— Que ações, e quantas?

— Cem mil ações do Ho-Pak...

— Meu Deus...

—...a mesma coisa, tão logo o mercado abra amanhã, e mais duzentas durante o dia. Depois lhe darei novas instruções.

Fez-se um silêncio atônito.

— Disse mesmo Ho-Pak?

— Disse.

— Vai levar tempo para arranjar todas essas ações. Santo Deus, Quillan, quatrocentas mil?

— Melhor arranjar mais cem mil. Meio milhão, certinho.

— Mas... mas a Ho-Pak é uma blue chip autêntica. Há anos que não baixa de valor.

— É.

— O que andou ouvindo?

— Boatos — falou Gornt, seriamente, rindo consigo mesmo.
— Que tal almoçar cedo, lá no clube?

— Estarei lá.

Gornt desligou, depois discou outro número particular.

— Pronto.

— Sou eu — disse Gornt, cautelosamente. — Está sozinho?

— Estou. E?

— No nosso encontro, o ianque sugeriu uma incursão.

— Ayeeyah! E?

— E Paul está na jogada — falou, o exagero saindo com naturalidade. — Sigilo absoluto, naturalmente. Acabo de falar com ele.

— Então, pode contar comigo. Desde que eu fique com o controle dos navios da Struan, sua operação de propriedades em Hong Kong, e quarenta por cento das suas terras na Tailândia e em Cingapura.

— Você está brincando!

— Nada é demais para aniquilá-los, não é, meu rapaz? Gornt escutou a risada refinada e zombeteira e odiou Jason

Plumm por ela.

— Você o despreza tanto quanto eu — falou Gornt.

— Ah, mas você vai precisar de mim e dos meus amigos especiais. Mesmo com Paul em cima do muro, ou embaixo, você e o Ianque não vão ter êxito, não sem mim e os meus.

— Por que outro motivo estaria conversando com você?

— Escute, não esqueça que não estou pedindo nenhum pedaço do bolo americano.

Gornt manteve a voz calma.

— E o que tem isso a ver com a história?

— Eu o conheço. Ah, sim, conheço, meu velho.

— Conhece mesmo?

— Conheço. Não vai se satisfazer apenas em destruir o nosso "amigo", vai querer o bolo inteiro.

— Não diga!

— Digo. Há muito tempo que está querendo pôr um pé no mercado americano.

— E você?

— Não. Sabemos de que saco é a nossa farinha. Satisfazemo-nos em seguir atrás, direitinho. Satisfazemo-nos com a Ásia. A gente não quer ser nobre coisa nenhuma.

— É?

— É. Então, negócio fechado?

— Não — falou Gornt.

— Deixarei de lado os navios. Em vez disso, ficarei com a Investimentos Kowloon de Ian, a operação Kai Tak, e quarenta por cento das terras na Tailândia e em Cingapura, e aceitarei vinte e cinco por cento da Par-Con e três postos na diretoria.

— Ora, vá se lixar!

— A oferta é válida até segunda-feira.

— Qual segunda-feira?

— A próxima.

— Dew neh loh moh para todas as suas segundas-feiras.

— E as suas! Farei uma última oferta. A Investimentos Kowloon e a sua operação Kai Tak, integral, trinta e cinco por cento das terras na Tailândia e em Cingapura, e dez por cento do bolo americano, com três postos na diretoria.

— Só isso?

— Só. Repito, a oferta é válida até segunda que vem. E não pense que pode nos engolir no meio do caminho.

— Ficou maluco?

— Já lhe disse... conheço você. Negócio fechado?

— Não.

Novamente a risada macia e malévola.

— Até segunda... segunda que vem. Tempo de sobra para você se decidir.

— Verei você logo mais na festa do Ian? — perguntou Gornt, suavemente.

— Está louco? Não iria nem se... Santo Deus, Quillan, você vai mesmo aceitar? Em pessoa?

— Não estava pretendendo ir... mas agora acho que vou. Não gostaria de perder o que talvez seja a última festança do último taipan da Struan...

7

12h01m

Na sala da diretoria, as coisas continuavam difíceis para Casey. Eles não pegavam nenhuma das iscas que lhes jogava. Sua ansiedade aumentara, e agora, enquanto esperava, sentiu uma onda de medo rebelde percorrê-la.

Phillip Chen rabiscava, Linbar mexia nos seus papéis, Jacques de Ville observava-a, pensativo. Então, Andrew Gavallan parou de anotar as últimas porcentagens que ela havia citado. Deu um suspiro e olhou para ela.

— Está claro que esta deve ser uma operação co-financiada — falou, vivamente. A eletricidade no aposento subiu assustadoramente, e Casey teve dificuldade em abafar um "viva", quando ele acrescentou: — Quanto a Par-Con estaria preparada para investir, em regime de financiamento conjunto, no negócio todo?

— Dezoito milhões de dólares americanos este ano dariam para cobrir tudo — respondeu imediatamente, notando satisfeita que todos abafaram uma exclamação.

O patrimônio líquido da Struan publicado no ano anterior fora de quase vinte e oito milhões, e ela e Bartlett haviam calculado sua oferta com base nessa cifra.

— Faça a primeira oferta de vinte milhões — Linc lhe dissera. — Deverá fisgá-los com vinte e cinco, o que seria formidável. É essencial que façamos o co-financiamento, mas a proposta terá que partir deles.

— Mas olhe para o balanço geral deles, Linc. Não dá para se saber ao certo qual é o verdadeiro patrimônio líquido. Pode ser dez milhões a mais ou a menos, talvez mais. Não sabemos realmente o

quanto são fortes... ou fracos. Olhe só para este item: "Catorze milhões e setecentos mil retidos em subsidiárias". Que subsidiárias, onde e para quê? Eis aqui outro: "Sete milhões e quatrocentos mil transferidos para..."

— E daí, Casey? Então são trinta milhões, ao invés de vinte e cinco. Nossa projeção ainda é válida.

— É... mas a contabilidade deles... Meu Deus, Linc, se fizéssemos um por cento disso nos Estados Unidos, a SEC¹ nos arrancaria o couro, e acabaríamos passando cinquenta anos na cadeia.

¹ Comissão de Títulos e Câmbio. (N. da T.)

— É. Mas não é contra a lei deles, e esse é um dos principais motivos para vir para Hong Kong.

— Vinte milhões é demais para começo de conversa.

— Deixo a seu critério, Casey. Basta lembrar que em Hong Kong jogamos pelas regras de Hong Kong... as que forem legais. Quero entrar no jogo deles.

— Por quê? E não me responda "Porra, para o meu prazer".

Linc achara graça.

— Está certo... então, para o seu prazer. Só não deixe de fechar o negócio com a Struan!

A umidade na sala de reuniões aumentara. Gostaria de pegar um lenço de papel, mas ficou quieta, fingindo calma, torcendo para

que eles continuassem.

Gavallan rompeu o silêncio.

— Quando o Sr. Bartlett confirmaria a oferta de dezoito milhões... se aceitássemos?

— Está confirmada — disse docemente, ignorando o insulto. — Tenho carta branca para investir até vinte milhões nesta transação sem consultar Linc ou sua junta diretora — falou, dando-lhes deliberadamente espaço para manobrar. A seguir, acrescentou, inocentemente: — Então, tudo acertado? Ótimo. — Começou a mexer na sua papelada. — Próximo assunto: eu...

— Só um momento — disse Gavallan, desconcertado. — Eu... bem... dezoito é... De qualquer modo, temos que apresentar o pacote ao tai-pan.

— Oh — falou ela, fingindo surpresa. — Pensei que estávamos negociando como iguais, que os quatro cavalheiros

tinham poderes equivalentes aos meus. Talvez seja melhor eu falar diretamente com o Sr. Dunross, no futuro.

Andrew Gavallan enrubesceu.

— O tai-pan tem a palavra final. Em tudo.

— Folgo muito em sabê-lo, Sr. Gavallan. Eu só tenho a palavra final até vinte milhões. — Abriu-lhes um sorriso. — Bem, apresentem a proposta ao seu tai-pan. E que tal marcarmos um prazo para o período de reflexão?

Novo silêncio.

— O que sugere? — perguntou Gavallan, sentindo-se cair numa armadilha.

— O tempo mínimo de vocês. Não conheço a rapidez com que gostam de trabalhar — replicou Casey.

Phillip Chen disse:

— Por que não deixar para marcar a hora para a resposta depois do almoço, Andrew?

— É... boa idéia.

— Para mim, tudo bem — disse Casey. "Fiz o meu trabalho", pensou. "Vou aceitar vinte milhões, quando podiam ser trinta, e eles são homens e fraquejados e maiores de idade, e pensam que sou uma otária. Mas agora, vou ganhar o meu dinheiro do não enche. Deus do céu, permita que este negócio se realize, para que eu fique livre para sempre.

"Livre para fazer o quê?

"Não importa", falou consigo mesma. "Penso nisso depois."

Ouviu a própria voz continuando no padrão estabelecido:

— Que tal repassarmos os detalhes de como vão querer os dezoito milhões e...

— Dezoito não é suficiente — interrompeu Phillip Chen, mentindo com toda a tranquilidade. — Há toda a espécie de custos adicionais...

No perfeito estilo de negociações, Casey argumentou e deixou que eles a levassem até vinte milhões, e depois, com relutância aparente, falou:

— Os senhores são homens de negócios excepcionais. Pois bem, vinte milhões.

Notou os sorrisos disfarçados deles, e riu consigo mesma.

— Ótimo — falou Gavallan, muito satisfeito.

— E agora — disse ela, querendo continuar mantendo a pressão —, como querem que seja a estrutura da nossa joint venture? Claro, sujeita à aprovação do seu tai-pan... desculpem, sujeita à aprovação d'o tai-pan — falou, corrigindo-se com a dose certa de humildade.

Gavallan fitava-a, desejando irritado que fosse um homem. "Então, poderia dizer-lhe vá tomar no cu, ou vá à merda, e riríamos juntos, porque você sabe e eu sei que a gente sempre tem que consultar o tai-pan, de uma maneira ou outra... seja ele Dunross, Bartlett, uma junta diretora, ou uma mulher. É, e se você fosse homem, não teríamos esta maldita sexualidade enchendo a sala de reuniões, uma sexualidade que, para começo de conversa, não tem nada que ver com este lugar. Meu Deus, se ainda fosse uma bruxa velha, talvez fizesse diferença, mas, porra, uma uva como você?"

"Mas que diabo está dando nas mulheres americanas? Por que, em nome de Deus, não ficam no seu lugar e se satisfazem com aquilo em que são excelentes? Cretinas!"

"E é uma cretinice conceder financiamento tão depressa, e cretinice ainda maior dar-nos mais dois milhões, quando dez provavelmente teria sido uma quantia aceitável, para começo de conversa. Pelo amor de Deus, devia ter sido mais paciente, e teria feito um negócio bem melhor. Esse é o problema com vocês, americanos, não têm finesse, nem paciência, nem estilo, e não compreendem a arte da negociação, e você, minha cara moça, está impaciente demais para provar o seu valor. Portanto, agora sei como lidar com você."

Lançou um olhar para Linbar Struan, que observava Casey disfarçadamente, esperando que ele, Phillip ou Jacques continuassem. "Quando eu for tai-pan", pensou Gavallan, sombriamente, "vou destruí-lo, jovem Linbar, destruí-lo ou dar um jeito em você. Precisa ser lançado no mundo por conta própria, para pensar por si próprio, para confiar em si próprio, não no seu nome ou na sua linhagem. É, e com muito trabalho duro, para tirar um pouco do calor do seu yang — quanto mais cedo se casar de novo, melhor."

Voltou os olhos para Jacques de Ville, que sorriu para ele. "Ah, Jacques", pensou, sem rancor, "você é o meu principal adversário. Está fazendo o que costuma fazer: falando pouco, observando tudo, pensando muito... durão e cruel, se for necessário. Mas, o que está achando desta transação? Deixei passar alguma coisa? O que sua astuta mente legal parisiense está prevendo? Ah,

mas ela cortou o seu barato com a piada sobre a sua piada sobre a cabeça dela, não foi?

"Também gostaria de ir para a cama com ela", pensou, distraidamente, sabendo que Linbar e Jacques já tinham decidido a mesma coisa. "Claro... quem não o faria?"

"E quanto a você, Phillip Chen?"

"Ah, não. Você, não. Gosta delas bem mais jovens, e gosta que façam a coisa com você estranhamente, se é que os boatos são verdadeiros, heya?"

Voltou a olhar para Casey. Podia sentir sua impaciência. "Você não parece lésbica", pensou, e gemeu intimamente. "Será esta a sua outra fraqueza? Puxa, mas que terrível desperdício seria!"

— A joint venture deve ser organizada segundo as leis de Hong Kong — disse ele.

— Naturalmente. Há...

— Sims, Dawson e Dick podem aconselhar-nos como agir. Marcarei hora para amanhã ou depois.

— Não será necessário, Sr. Gavallan. Já tenho as possíveis propostas deles, hipotéticas e confidenciais, claro, para o caso de decidirmos concluir o negócio.

— Como?

Eles a fitaram, boquiabertos, enquanto ela apanhava cinco cópias de um contrato legal resumido e entregava uma a cada um deles.

— Soube que eram seus advogados — falou, animada. — Mandei nosso pessoal se informar, e me disseram que eram os melhores, portanto, para nós está tudo bem. Pedi-lhes que

considerassem as nossas necessidades hipotéticas conjuntas... tanto as suas quanto as nossas. Algum problema?

— Não — respondeu Gavallan, subitamente furioso porque sua própria firma nada lhes contara sobre as indagações da Par-Con. Começou a passar os olhos pela carta.

"Dew neh loh moh para esta Casey desgraçada, sejam lá quais forem os seus nomes", pensava Phillip Chen, furioso com a desmoralização. "Que a sua ravina dourada murche e seja para sempre seca e cheia de pó, pelos seus modos vulgares e seus hábitos abusados, nojentos, não-femininos!

"Deus nos livre das mulheres americanas!

"Ayeeyah, vai custar bem caro a Lincoln Bartlett ter ousado nos impingir... esta criatura", prometeu a si mesmo. "Que ousadia!"

Apesar disso, sua mente calculava o valor espantoso do negócio que lhes estavam oferecendo. "Significa pelo menos cem milhões de dólares americanos, potencialmente, ao longo dos

próximos anos", disse a si mesmo, com a cabeça girando. "Isso dará à Casa Nobre a estabilidade de que precisa.

"Ah, que dia feliz!", rejubilava-se. "E um co-financiamento de dólar por dólar! Incrível! Que burrice dar-nos isso tão depressa sem exigir nem uma concessãozinha em troca! Burrice, mas o que se pode esperar de uma mulher burra? Ayeeyah, a costa do Pacífico se entupirá de todos os produtos de espuma de poliuretano que faremos... para embalagem, construção, pertences de cama e material isolante. Uma fábrica aqui, uma em Formosa, outra em Cingapura, uma em Kuala Lumpur, e uma última, inicialmente, em Jacarta. Ganharemos milhões, dezenas de milhões. E quanto à agência de arrendamento de computadores, ora, com o aluguel que esses idiotas estão nos oferecendo, dez por cento menos do que a lista de preços da IBM, menos a nossa comissão de sete e meio por cento... bastava pechinchar um pouco que teríamos concordado de bom grado com cinco por cento... já no próximo fim de semana posso vender três em Cingapura, uma aqui, outra em Kuala Lumpur, e uma para aquele armador pirata na Indonésia, com um lucro limpo de sessenta e sete mil e quinhentos dólares cada, ou quatrocentos e cinco mil dólares com seis telefonemas. E quanto à China...

"E quanto à China...

"Ah, todos os deuses, grandes, pequenos e muito pequenos, ajudem este negócio a se concretizar, e darei dinheiro para um novo templo, uma catedral, em Tai-ping Shan", prometeu, cheio de fervor.

"Se a China não ficar muito em cima, ou pelo menos facilitar um pouquinho, poderemos fertilizar os arrozais da província de Kwantung e depois de toda a China, e durante os próximos doze anos esta transação significará dezenas de centenas de milhões de dólares, dólares americanos, não dólares de Hong Kong!"

A idéia de tanto lucro diminuiu sua ira consideravelmente.

— Acho que esta proposta pode ser a base para uma discussão posterior — disse, acabando de ler. — Não acha, Andrew?

— Acho. — Gavallan largou a carta. — Ligarei para eles depois do almoço. Quando seria conveniente para o Sr. Bartlett... e para a senhorita, naturalmente... nos encontrarmos?

— Hoje à tarde... quanto mais cedo melhor... ou amanhã, a qualquer hora, mas Linc não virá. Cuido de todos os detalhes, é o meu serviço — disse Casey, vivamente. — Ele determina a política a ser seguida... e assinará formalmente os documentos finais... depois que eu os tiver aprovado. Afinal, esta é a função do comandante supremo, não é?

Abriu-lhes um sorriso de orelha a orelha.

— Marcarei uma hora e deixarei recado no seu hotel — disse Gavallan.

— Quem sabe poderíamos marcar a hora agora... e já liquidar esse assunto?

Com azedume, Gavallan olhou para o relógio. Quase hora do almoço, graças a Deus.

— Jacques... qual a melhor hora para você, amanhã?

— Na parte da manhã é melhor do que à tarde.

— E para o John também — disse Phillip Chen. Gavallan pegou o telefone e discou.

— Mary? Ligue para Dawson e marque hora para amanhã às onze, incluindo o Sr. De Ville, o Sr. John Chen e a srta. Casey na entrevista. No escritório deles. — Desligou o aparelho. — Jacques e John Chen cuidam de todos os nossos assuntos corporativos. John tem experiência com problemas americanos, e Dawson é o perito. Mandarei um carro apanhá-la às dez e meia.

— Obrigada, mas não precisa se incomodar.

— Como queira — disse ele, cortesmente. — Talvez seja hora de pararmos para almoçar.

Casey falou:

— Ainda temos um quarto de hora. Vamos começar a debater como gostaríamos do nosso financiamento? Ou, se preferirem, podemos mandar buscar uns sanduíches e seguir trabalhando.

Eles a fitaram, aparvalhados.

— Trabalhar durante o almoço?

— Por que não? É um velho costume americano.

— Graças a Deus não é costume aqui — disse Gavallan.

— É — exclamou Phillip Chen, com brusquidão.

Ela sentiu a desaprovação deles cair sobre si como um manto, mas nem ligou. Que fossem todos à merda, pensou, com irritação, depois forçou-se a mudar de atitude. "Escute, idiota, não deixe esses filhos da puta pegarem no seu pé!" Sorriu meigamente:

— Se quiserem parar agora para almoçar, para mim tudo bem.

— Ótimo — disse Gavallan imediatamente, e os outros deram um suspiro de alívio. — Começamos a almoçar às doze e quarenta. Talvez queira retocar a maquilagem antes.

— Quero, sim, obrigada — falou, sabendo que eles a queriam longe dali, para poderem discutir a sua pessoa... e depois a transação. "Podia ser diferente", pensou, "mas não vai ser. Não. Vai ser como sempre. Vão apostar para ver quem será o primeiro a me comer. Mas não vai ser nenhum deles, porque eu não quero nenhum deles no momento, embora sejam atraentes, cada um ao seu modo. Esses homens são iguais a todos os outros que já conheci. Não querem amor, querem apenas sexo.

"Exceto Linc.

"Não pense em Linc nem no seu amor por ele, nem em como esses anos foram terríveis. Terríveis e maravilhosos.

"Lembre-se da sua promessa.

"Não pensarei em Linc e no amor.

"Não até o dia do meu aniversário, daqui a noventa e oito dias. No nonagésimo oitavo dia termina o sétimo ano, e, graças ao meu querido, terei o meu dinheiro do não enche, seremos realmente iguais e, se Deus quiser, teremos a Casa Nobre. Será este o meu presente de casamento para ele? Ou o dele para mim?

"Ou um presente de despedida?"

— Onde fica o toailete das senhoras? — perguntou, levantando-se, e todos ficaram de pé, bem mais altos do que ela, exceto Phillip Chen, que era uns dois centímetros e meio mais baixo. Gavallan indicou-lhe o banheiro.

Linbar Struan abriu a porta para ela, e fechou-a às suas costas. Depois, abriu um sorriso.

— Aposto mil que esta você não consegue, Jacques.

— Mais mil — disse Gavallan. — E dez que você não consegue, Linbar.

— A aposta está valendo — disse Linbar —, desde que ela passe um mês aqui.

— Está ficando muito devagar, hem, meu velho? — disse Gavallan. Depois, virou-se para Jacques. — E então?

O francês sorriu.

— Aposto vinte que você, Andrew, jamais conseguirá dobrar com o seu encanto a senhorita, e levá-la para a cama... e quanto a você, pobre jovem Linbar, cinqüenta contra o seu cavalo de corrida, que terá o mesmo resultado.

— Gosto da minha égua, pelo amor de Deus. Noble Star tem grande chance de ser vencedora. É a melhor do nosso estábulo.

— Cinqüenta.

— Cem, e posso pensar no seu caso.

— Não desejo nenhum cavalo a esse preço. — Jacques sorriu para Phillip Chen. — O que acha, Phillip?

Phillip Chen se levantou.

— Acho que vou para casa, deixando vocês, garanhões, com os seus sonhos. O gozado é que estão todos apostando que os outros não conseguirão... nenhum apostou que conseguirá.

Novamente, todos riram.

— Que burrice dar-nos o extra, não? — comentou Gavallan.

— O negócio é fantástico — disse Linbar Struan. — Puxa vida, tio Phillip, é fantástico!

— Como o derrière dela — falou De Ville, como um connaisseur. — Hem, Phillip?

Simpaticamente, Phillip Chen assentiu e saiu da sala, mas, ao ver Casey entrar no toailete das senhoras, pensou: "Ayeeyah, e quem ia querer esse monte de carne?"

Dentro do banheiro, Casey olhou à sua volta, estupefata. Era limpo, mas cheirava a ralos velhos, e havia baldes empilhados uns sobre os outros, e alguns estavam cheios de água. O chão era ladrilhado, mas estava molhado e sujo. "Já tinha ouvido dizer que os

ingleses não primam pela higiene", pensou, enojada, "mas aqui na Casa Nobre? Puxa! Espantoso!"

Entrou num dos cubículos, com o chão molhado e escorregadio, e depois que acabou, puxou a descarga. Nada aconteceu. Tentou de novo, e mais uma vez, e nada. Praguejou e levantou a tampa do reservatório de água. Estava seco e enferrujado. Irritada, destrancou a porta, foi até a pia, abriu a torneira, mas não saiu água.

"Mas o que há com este lugar? Aposto que aqueles filhos da mãe me mandaram para cá deliberadamente."

Havia toalhas de mão limpas, portanto jogou um balde de água na pia, desajeitadamente, derrubando um pouco, lavou as mãos, enxugou-as, furiosa porque havia molhado os sapatos. Intempestivamente, pegou outro balde e jogou a água dentro da privada, depois usou mais outro balde para lavar de novo as mãos. Quando saiu do banheiro, sentia-se muito suja.

"Imagino que o raio do cano quebrou e o encanador só virá amanhã. Malditos sejam todos os sistemas de encanamento!"

"Acalme-se", disse a si mesma. "Vai começar a cometer erros."

O corredor era coberto por um fino tapete de seda chinesa, e as paredes ostentavam quadros a óleo de veleiros e paisagens chinesas. Ao se aproximar da sala de reuniões, pôde ouvir as vozes abafadas e uma risada... do tipo que se dá ao ouvir uma piada pesada ou um comentário sujo. Sabia que, no momento em que abrisse a porta, o bom humor e a camaradagem desapareceriam e o silêncio constrangedor retornaria.

Abriu a porta, e todos se levantaram.

— Estão tendo problemas com os encanamentos? — perguntou, controlando a raiva.

— Não, acho que não — respondeu Gavallan, sobresaltado.

— Bem, não há água. Não sabiam?

— Claro que não há... Oh! — Deteve-se. — Está hospedada no Victoria, portanto... Ninguém lhe contou da falta d'água?

Começaram todos a falar a uma só voz, mas a de Gavallan sobrepujou as outras.

— O Victoria tem sua própria caixa d'água, assim como mais um ou dois hotéis. O resto da cidade tem direito apenas a quatro horas diárias de quatro em quatro dias. Portanto, é preciso usar um balde. Não me ocorreu que a senhorita não soubesse. Desculpe.

— E como se ajeitam? De quatro em quatro dias?

— É. Durante quatro horas, das seis às oito, depois das dezessete às dezenove. É uma caceteação, claro, porque temos que juntar água para quatro dias. Baldes, banheiras, o que for possível encher. Já estamos com poucos baldes... o nosso dia de água é amanhã. Ah, meu Deus, havia água bastante para a senhorita, não?

— Havia, mas... Quer dizer que o fornecimento de água é cortado? Por toda parte?

— É — explicou Gavallan, pacientemente. — Exceto durante quatro horas a cada quatro dias. Mas no Victoria não há problemas. Como estão bem à beira-mar, podem encher a sua caixa d'água diariamente das barcaças... Claro que têm que comprar a água.

— Não podem tomar banho nem se lavar? Linbar Struan riu.

— Todo mundo fica meio gosmento, depois de três dias neste calor, mas pelo menos estamos todos no mesmo esgoto. Mas faz parte do treinamento de sobrevivência certificar-se de que há um balde cheio antes de ir ao banheiro.

— Eu não tinha a menor idéia — disse ela, consternada por ter usado três baldes.

— Nossos reservatórios estão vazios — explicou Gavallan. — Este ano quase não choveu, e o ano passado também houve seca. É uma chateação, mas o que se vai fazer? Coisas da vida. Azar.

— Então, de onde vem a água de vocês? Eles a fitaram, desconcertados.

— Da China, é claro. Por meio de canos, cruzando a fronteira nos Novos Territórios, ou por navio-tanque, do rio Pearl. O governo acaba de contratar uma frota de dez navios-tanques que sobem o rio Pearl, num acordo com Pequim. Eles nos trazem cerca de dez milhões de galões por dia. O governo vai gastar mais de vinte e cinco milhões de frete este ano. O jornal de sábado disse que o nosso consumo caiu para trinta milhões de galões por dia, para a nossa população de três milhões e meio... e isso inclui as indústrias. Dizem que no seu país uma pessoa usa cento e cinquenta galões por dia.

— É igual para todos? Quatro horas a cada quatro dias?

— Até mesmo na Casa Grande usam-se baldes. — Gavallan deu de ombros de novo. — Mas o tai-pan tem uma casa em Shek-0 que tem poço próprio. Todos nós nos mandamos para lá quando somos convidados, para tirar o limo do corpo.

Ela pensou de novo nos três baldes que usara. "Meu Deus", pensou, "será que acabei com tudo? Não me lembro se sobrou alguma água."

— Acho que tenho muito o que aprender — falou. "É", pensaram todos. "É, porra, e como tem."

— Tai-pan?

— Sim, Claudia? — disse Dunross pelo intercomunicador.

— A reunião com Casey acaba de ser interrompida para o almoço. O Patrão Andrew está na linha 4. O Patrão Linbar está subindo.

— Adie tudo isso para depois do almoço. Teve alguma notícia de Tsu-yan?

— Não, senhor. O avião pousou na hora, às oito e quarenta. Ele não está no escritório em Taipé. Nem no apartamento. Vou continuar tentando, é claro. Mais uma coisa. Recebi um telefonema interessante, tai-pan. Parece que o Sr. Bartlett esteve na Rothwell-Gornt hoje de manhã, e teve uma entrevista particular com o Sr. Gornt.

— Tem certeza? — perguntou, uma sensação gelada no estômago.

— Ah, sim, tenho.

"Filho da mãe", pensou Dunross. "Será que Bartlett estava querendo que eu descobrisse?"

— Obrigado — disse, deixando o assunto de lado momentaneamente, mas muito contente por ter sabido. — Pode apostar mil dólares por minha conta em qualquer cavalo, no sábado.

— Ah, obrigada, tai-pan.

— Vamos voltar ao trabalho, Claudia. — Apertou o botão número 4. — Sim, Andrew? Qual a proposta?

Gavallan contou-lhe a parte importante.

— Vinte milhões em dinheiro? — perguntou, incrédulo.

— Em dinheiro americano, lindo, maravilhoso! — Dunross podia sentir a alegria do outro através do telefone. — E quando perguntei quando Bartlett confirmaria a transação, a safadinha teve o topete de dizer: "Ah, já está confirmada... tenho poderes para investir até vinte milhões nessa transação sem consultá-lo, ou a qualquer outra pessoa". Acha possível?

— Não sei. — Os joelhos de Dunross estavam um pouco bambos. — Bartlett está para chegar a qualquer momento. Perguntarei a ele.

— Ei, tai-pan, se isso se concretizar...

Mas Dunross mal escutava enquanto Gavallan continuava a falar, entusiasmadíssimo. "É uma oferta inacreditável", dizia a si mesmo.

"É boa demais. Onde está a falha?"

"Onde está a falha?"

Desde que se tornara tai-pan tivera que se virar, mentir, bajular e até ameaçar — como a Havergill, do banco — muito mais do que imaginara, para superar os desastres que herdara, e os desastres naturais e políticos que pareciam assolar o mundo. Mesmo a transformação da Struan em companhia de capital aberto não lhe dera o capital e o tempo que esperara ter, porque uma baixa mundial fizera o mercado em pedaços. E em agosto do ano anterior o tufão Wanda viera com força total, deixando a desgraça no seu rastro, centenas de mortos, centenas de milhares de desabrigados, meio milhar de barcos de pesca e vinte navios afundados, um dos

seus navios de três toneladas lançado à terra, o seu gigantesco e inacabado cais destroçado e todo o seu programa de construção interrompido totalmente por seis meses. No outono, a crise cubana, e outra queda do mercado. Na primavera, De Gaulle vetara a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu, e nova queda. China e Rússia às turras, nova baixa do mercado...

"E agora tenho quase vinte milhões de dólares americanos, mas acho que estamos envolvidos, de alguma maneira, em contrabando de armas. Tsu-yan aparentemente pôs-se em fuga, e John Chen está sabe lá Deus onde!"

— Puta que o pariu! — resmungou, com raiva.

— O quê? — Gavallan parou de falar, aparvalhado. — O que foi?

— Nada, nada, Andrew — falou. — Nada com você. Fale-me dela. Que tal é?

— Boa de cálculo, ligeira e confiante, mas impaciente. E é a garota mais bonita que vejo há anos, aparentemente com o melhor par de mamas na cidade. — Gavallan contou-lhe das apostas. — Acho que Linbar está correndo por dentro.

— Vou despedir Foster e mandar Linbar para Sydney durante seis meses, para dar um jeito nas coisas por lá.

— Ótima idéia. — Gavallan riu. — Isso vai fazer com que pare de arrotar grandeza... embora digam que as moças da Austrália são muito "dativasas".

— Acha que esse negócio vai ser fechado?

— Acho. Phillip estava eufórico com a proposta. Mas é uma merda negociar com uma mulher, juro. Acha que poderíamos chutá-la para escanteio e lidar diretamente com Bartlett?

— Não. Ele deixou bem claro na sua correspondência que K. C, Tcholak era quem faria as negociações.

— Ora bolas... então vamos em frente! O que não fazemos pela Casa Nobre!

— Já encontrou o ponto fraco dela?

— Impaciência. Ela quer "se enturmar"... ser um dos rapazes. Diria que o calcanhar-de-aquiles dela é que deseja desesperadamente ser aceita no mundo masculino.

— Não há mal em desejar isso... como o Santo Graal.

A reunião com Dawson foi marcada para amanhã às onze?

— Foi.

— Mande Dawson cancelá-la, mas não antes das nove de amanhã. Diga-lhe que dê uma desculpa qualquer e marque nova reunião para quarta-feira ao meio-dia.

— Boa idéia, deixá-la meio no ar, hem?

— Diga ao Jacques que eu mesmo vou à reunião.

— Sim, tai-pan. E quanto a John Chen? Vai querer que ele vá?

Depois de uma pausa, Dunross falou:

— Vou. Já o viu?

— Não. É esperado para o almoço... quer que vá caçá-lo?

— Não. Onde está Phillip?

— Foi para casa. Voltará às duas e meia.

Ótimo, pensou Dunross. Não se preocuparia mais com John Chen até aquela hora.

— Ouça... — O intercomunicador soou. — Um minutinho, Andrew. — Apertou o botão de espera. — Sim, Claudia?

— Desculpe a interrupção, tai-pan, mas sua ligação para o Sr. Jen, em Taipé, está na linha 2, e o Sr. Bartlett acaba de chegar lá embaixo.

— Faça-o entrar tão logo eu acabe de falar com Jen. — Apertou de novo a linha 4. — Andrew, talvez eu me atrase alguns minutos. Sirva drinques e banque o anfitrião por mim. Eu mesmo levarei Bartlett lá para cima.

— Certo.

Dunross apertou a linha 2.

— Tsaw an? — disse, em dialeto mandarim. — Como vai? Feliz por falar com o tio de Wei-wei, general Jen Tang-wa, subchefe da polícia secreta ilegal do Kuomintang em Hong Kong.

— Shey-shey — depois, em inglês: — O que há, tai-pan?

— Achei que devia saber... — Dunross contou-lhe rapidamente sobre as armas e Bartlett, e que a polícia estava envolvida, mas não sobre Tsu-yan ou John Chen.

— Ayeeyah! Muito curioso.

— Foi o que também achei. Muito curioso.

— Está convencido de que não é coisa do Bartlett?

— Estou. Parece não haver motivo para tal. Motivo algum. Seria uma estupidez usar o próprio avião. Bartlett não é estúpido — falou Dunross. — Quem precisaria desses armamentos aqui?

Fez-se uma pausa.

— Elementos criminosos.

— Tríades?

— Nem todas as tríades são criminosas.

— Não — disse Dunross.

— Verei o que posso descobrir. Tenho certeza de que não tem nada a ver conosco, Ian. Ainda vem para cá no domingo?

— Vou.

— Ótimo. Verei o que posso descobrir. Drinques às dezoito horas?

— Não poderia ser às vinte? Já se encontrou com Tsu-yan?

— Pensei que ele só viria no fim de semana. Não vai fazer o nosso quarteto na segunda-feira, com o americano?

— Vai. Ouvi dizer que tomou um avião hoje cedo para aí — disse Dunross, tentando falar com naturalidade.

— Com certeza vai me ligar... quer que ele telefone para você?

— Quero. A qualquer hora. Mas não é nada importante. Até domingo, às oito.

— Até, e obrigado pela informação. Se souber de alguma coisa, telefone imediatamente. Adeus.

Dunross desligou o aparelho. Estivera prestando muita atenção ao tom de voz de Jen, mas não percebeu nada de diferente. Onde diabo se metera Tsu-yan?

Uma batida à porta.

— Entre. — Levantou-se e foi receber Bartlett. — Alô.

— Sorriu e estendeu a mão. — Sou Ian Dunross.

— Linc Bartlett. — Apertaram-se as mãos com firmeza.

— Cheguei cedo demais?

— Está bem na hora. Deve saber que gosto de pontualidade.

— Dunross riu. — Ouvi dizer que a reunião correu muito bem.

— Ótimo — replicou Bartlett, perguntando-se se Dunross estava se referindo à reunião com Gornt. — Casey conhece os fatos e os números.

— Meus companheiros ficaram muito impressionados. Ela disse que tinha poderes para concluir as negociações. Tem, Sr. Bartlett?

— Pode negociar e confirmar até vinte milhões. Por quê?

— Por nada. Só queria conhecer seu modo de trabalhar. Por favor, queira sentar-se. Ainda temos alguns minutos. O almoço só começa às doze e quarenta. Parece que temos um empreendimento lucrativo à nossa frente.

— Espero que sim. Tão logo eu fale com Casey. Quem sabe o senhor e eu possamos conversar?

Dunross verificou sua agenda.

— Amanhã às dez. Aqui?

— Combinado.

— Fuma?

— Não, obrigado. Parei faz alguns anos.

— Eu também... mas ainda sinto falta de um cigarro. — Dunross recostou-se na cadeira. — Antes de irmos almoçar, Sr. Bartlett, temos algumas coisinhas a conversar. Vou para Taipé no domingo à tarde, devo voltar na terça até a hora do jantar, e gostaria que o senhor fosse comigo. Gostaria que conhecesse umas pessoas, teremos um jogo de golfe de que poderá participar. Poderíamos conversar com bastante calma, e o senhor poderia ver os prováveis locais das fábricas. Poderia ser importante. Já tomei todas as providências, mas não será possível levar a srta. Tcholak.

Bartlett franziu o cenho, perguntando-se se a escolha de terça-feira seria apenas uma coincidência.

— Segundo o superintendente Armstrong, não posso sair de Hong Kong.

— Estou certo de que daremos um jeito nisso.

— Então também já sabe das armas? — perguntou Bartlett, e depois se xingou pelo deslize. Conseguiu manter o olhar firme.

— Sei, sim. Há mais alguém incomodando-o por causa delas?
— perguntou Dunross, observando-o.

— A polícia até interrogou Casey! Meu Deus! Meu avião está retido, somos todos suspeitos, e não sei coisíssima alguma sobre arma nenhuma.

— Bem, não há por que se preocupar, Sr. Bartlett. A nossa polícia é muito boa.

— Não estou preocupado, só chateado.

— É compreensível — falou Dunross, satisfeito porque o encontro com Armstrong fora confidencial. Muito satisfeito.

"Santo Deus", pensou, inquieto, "se John Chen e Tsu-yan estiveram envolvidos de alguma forma, Bartlett vai ficar chateado de verdade, e perderemos o negócio. Ele vai se unir ao Gornt e então..."

— Como soube das armas?

— Fomos informados pelo nosso escritório em Kai Tak, hoje de manhã.

— Uma coisa dessas já aconteceu antes?

— Já. — Dunross acrescentou, despreocupadamente: — Mas não há mal algum num contrabandozinho, mesmo de armas. Na verdade é uma profissão muito honrada, mas é claro que o fazemos em outras bandas.

— Onde?

— Onde o governo de Sua Majestade o desejar. — Dunross riu. — Somos todos piratas aqui, Sr. Bartlett, pelo menos para o pessoal de fora. — Fez uma pausa. — Caso eu possa ajeitar as coisas com a polícia, irá a Taipé?

Bartlett disse:

— Casey sabe ficar de boca fechada.

— Não estou sugerindo que não seja digna de confiança.

— Só que não está sendo convidada?

— Alguns dos nossos costumes aqui são um tanto diferentes dos seus, Sr. Bartlett. Na maioria das vezes ela será bem-vinda... mas, às vezes, bem, pouparia muito embaraço se fosse excluída.

— Casey não fica embaraçada com facilidade.

— Não estava pensando no embaraço dela. Desculpe ser franco, mas, tudo somado, talvez fosse mais sensato.

— E se eu não "me sujeitar"?

— Provavelmente significará que vai perder uma oportunidade única, o que seria uma pena... principalmente se pretende ter uma associação a longo prazo com a Ásia.

— Pensarei no assunto.

— Desculpe, mas preciso de uma resposta agora.

— Precisa?

— Preciso.

— Então vá para o diabo! Dunross abriu um sorriso.

— Não vou, não. Como é, definitivamente: sim ou não?
Bartlett desatou a rir.

— Já que não tenho outra escolha, pode contar comigo para ir a Taipé.

— Ótimo. Naturalmente, minha mulher cuidará da srta. Tcholak enquanto estivermos fora. Ela não se sentirá desprestigiada.

— Obrigado. Mas não precisa se preocupar com Casey. Que jeito vai dar no Armstrong?

— Não vou dar jeito nenhum nele. Apenas solicitar ao comissário assistente que me permita ficar responsável pelo senhor, ida e volta.

— Vou ficar em liberdade condicional, sob sua custódia?

— É.

— Como sabe que não vou sair da cidade? E se eu estiver mesmo contrabandeando as armas?

Dunross fitou-o.

— Talvez esteja. Talvez tente... mas posso trazê-lo de volta vivo ou morto, como dizem no cinema. Hong Kong e Taipé ficam

dentro do meu feudo.

— Vivo ou morto, hem?

— Hipoteticamente, é claro.

— Quantos homens já matou na vida?

A atmosfera na sala se modificou, e os dois homens sentiram profundamente a mudança.

"Ainda não há nada de perigoso entre nós dois", pensou Dunross. "Ainda não."

— Doze — replicou, os sentidos alerta, embora a pergunta o houvesse pegado de surpresa. — De doze tenho certeza. Fui piloto de caça durante a guerra. Spitfires. Derrubei dois caças de um só passageiro, um Stuka e dois bombardeiros... Eram Dornier 17 e

deveriam ter uma tripulação de quatro homens cada. Todos os aviões incendiaram-se ao cair. De doze tenho certeza, Sr. Bartlett. Claro que atiramos em muitos trens, comboios, concentrações de tropas. Por quê?

— Ouvi dizer que foi aviador. Acho que nunca matei ninguém. Estava construindo campos, bases no Pacífico, coisas assim. Nunca disparei uma arma com raiva.

— Mas gosta de caçar?

— Gosto. Particpei de um safári no Quênia, em 1959. Matei um elefante e um grande antílope africano, e muitos animais para a panela.

— Acho que prefiro matar aviões, trens e barcos. Os homens, na guerra, são incidentais. Não são? — disse Dunross depois de uma pausa.

— Uma vez que o general foi posto em campo pelo governante, é claro. É um fato da guerra.

— Leu A arte da guerra, de Sun Tse?

— O melhor livro sobre a guerra que já li — falou Bartlett entusiasticamente. — Melhor que Clausewitz ou Liddel Hart, embora tenha sido escrito em 500 a.C.

— É? — Dunross recostou-se na cadeira, satisfeito por deixarem as mortes de lado. "Há anos que não me lembrava dessas mortes", pensou. "Não é justo para com aqueles homens, é?"

— Sabia que o livro de Sun Tse foi publicado em francês em 1782? Tenho uma teoria de que Napoleão tinha um exemplar dele.

— É certo que foi publicado em russo... e Mao sempre carregava consigo um exemplar supermanuseado — falou Dunross.

— O senhor o leu?

— Meu pai me forçou, tive que lê-lo no original... em chinês. E depois ele me fazia perguntas, muito seriamente.

Uma mosca começou a bater irritantemente contra a vidraça.

— Seu pai queria que fosse soldado?

— Não. Sun Tse, como Maquiavel, escreveu mais sobre a vida do que sobre a morte... e mais sobre a sobrevivência do que a guerra...

Dunross olhou para a janela, depois se levantou e foi até lá, destruindo a mosca com uma selvageria controlada que serviu como uma advertência a Bartlett.

Dunross voltou para a mesa.

— Meu pai achava que eu devia entender de sobrevivência, e saber como lidar com grandes grupos de homens. Queria que fosse digno de ser tai-pan, algum dia, embora achasse que eu nunca ia valer grande coisa.

Deu um sorriso.

— Ele também foi tai-pan?

— Foi. E muito bom. No começo.

— O que aconteceu?

Dunross deu uma risada sardônica.

— Querendo descobrir nossos segredos de família tão cedo, Sr. Bartlett? Bem, em resumo, tivemos uma diferença de opinião muito aborrecida e prolongada. Então, ele passou o cargo para o meu antecessor, Alastair Struan.

— Ele ainda vive?

— Vive.

— Quer dizer, em sua descrição britânica, que foi à luta com ele?

— Sun Tse é muito específico sobre ir à luta, Sr. Bartlett. É muito ruim guerrear, a não ser que seja necessário. Citando-o: "A suprema excelência do generalato consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar".

— O senhor o quebrou?

— Ele se retirou do campo, Sr. Bartlett, como homem sensato que era.

A fisionomia de Dunross endurecera. Bartlett o fitava. Os dois homens sabiam que, mesmo a contragosto, estavam traçando linhas de batalha.

— Estou contente por ter vindo a Hong Kong — disse o americano. — Estou contente por tê-lo conhecido.

— Obrigado. Quem sabe um dia não estará. Bartlett deu de ombros.

— Quem sabe. Entrementes, temos um negócio em estudos... bom para vocês, bom para nós. — Abriu um sorriso repentino, lembrando-se de Gornt e da faca de cozinha. — É. Estou contente por ter vindo a Hong Kong.

— O senhor e Casey aceitariam ser meus convidados hoje à noite? Vou dar uma festinha modesta, por volta das oito e meia.

— Traje a rigor?

— Dinner jacket, está bem?

— Ótimo. Casey falou que vocês gostam de black-tie e coisa e tal. — Foi então que Bartlett notou o quadro na parede: uma tela antiga de uma linda chinesinha barqueira carregando um garotinho inglês, com os cabelos louros presos numa trança. — É um Quance? Um Aristotle Quance?

— É, é sim — disse Dunross, mal disfarçando a surpresa. Bartlett aproximou-se e examinou o quadro.

— Este é o original?

— É. Entende muito de arte?

— Não, mas Casey me falou de Quance quando vínhamos para cá. Disse que é quase como um fotógrafo, um historiador dos tempos antigos.

— É mesmo.

— Se me lembro direito, este aqui é o retrato de uma moça chamada May-may, May-may T'Chung, e a criança é um dos filhos que teve com Dirk Struan?

Dunross ficou calado, fitando as costas de Bartlett. Bartlett olhou mais de perto.

— É difícil enxergar os olhos. Então o garoto é Gordon Chen, o futuro Sir Gordon Chen?

Virou-se e olhou para Dunross.

— Não sei ao certo, Sr. Bartlett. Esta é uma das histórias que correm.

Bartlett observou-o por um momento. Os dois homens combinavam bem, Dunross um pouquinho mais alto, mas Bartlett de ombros mais largos. Ambos tinham olhos azuis, os de Dunross levemente mais esverdeados, os de ambos bem espaçados em rostos vividos.

— Gosta de ser o tai-pan da Casa Nobre? — perguntou Bartlett.

— Gosto.

— Não sei ao certo quais os poderes de um tai-pan, mas na Par-Con posso contratar e despedir quem quiser, e posso fechar a companhia, se me der na telha.

— Então, é um tai-pan.

— Então, também gosto de ser tai-pan. Quero pôr um pé na Ásia, o senhor, nos Estados Unidos. Juntos podemos enfiar toda a costa do Pacífico numa sacola e carregá-la, nós dois.

"Ou preparar uma mortalha para um de nós", pensou

Dunross, gostando de Bartlett, a despeito de saber que era perigoso gostar dele.

— Tenho o que lhe falta, o senhor tem o que me falta.

— É — concordou Dunross. — E agora o que nos falta é almoçar.

Dirigiram-se para a porta. Bartlett chegou primeiro. Mas não a abriu imediatamente.

— Sei que não é o costume de vocês, mas já que vamos juntos para Taipé, não podia me chamar de Linc, e eu chamá-lo de Ian, e começarmos desde já a calcular quanto vamos apostar na partida de golfe? Estou certo de que o meu hanà-icap é 13, oficialmente, e sei que o seu é 10, oficialmente, o que provavelmente quer dizer pelo menos uma tacada extra de cada um, por medida de segurança.

— Por que não? — concordou Dunross imediatamente. — Mas aqui não costumamos apostar dinheiro, só bolas.

— Pois sim que vou apostar as do meu saco numa partida de golfe!

Dunross achou graça.

— Pode ser que aposte, algum dia. Normalmente apostamos meia dúzia de bolas de golfe aqui... mais ou menos isso.

— É um mau costume britânico apostar dinheiro, Ian?

— Não. Que tal quinhentos cada lado, e o vencedor leva tudo?

— Americanos ou de Hong Kong?

— Hong Kong. Entre amigos, devem ser os de Hong Kong. Inicialmente.

O almoço foi servido na sala de jantar particular dos diretores, no décimo nono andar. Era uma sala de canto em forma de L, com teto alto e cortinas azuis, tapetes chineses azuis mosqueados, e janelas amplas de onde se podia ver Kowloon e os aviões pousando e decolando em Kai Tak, a ilha Stonecutters e a ilha Tsing Yi a oeste, e, mais além, parte dos Novos Territórios. A mesa de carvalho antiga e grande, que comportava facilmente vinte pessoas, estava posta com um jogo americano, talheres de prata e o melhor cristal Waterford. Para os seis comensais havia quatro garçons silenciosos e bem-treinados, de calças pretas e túnicas brancas bordadas com o emblema da Struan.

Os coquetéis já haviam começado a ser servidos quando Bartlett e Dunross chegaram. Casey tomava um martíni seco junto com os outros... excetuando Gavallan, que tomava um gim cor-de-rosa duplo. Sem precisar fazer o pedido, Bartlett recebeu uma lata supergelada de cerveja Anweiser numa salva de prata georgiana.

— Quem lhe contou? — perguntou Bartlett, encantado.

— Com os cumprimentos de Struan e Companhia — disse Dunross. — Soubemos que é assim que gosta. — Apresentou-o a Gavallan, De Ville e Linbar Struan, e aceitou uma taça de chablis gelado, depois sorriu para Casey: — Como vai?

— Bem, obrigada.

— Com licença — disse Bartlett aos outros —, mas tenho que dar um recado a Casey, antes que me esqueça. Casey, quer ligar para o Johnston em Washington, amanhã?... descubra quem seria o nosso melhor contato no consulado aqui.

— Claro. Se não conseguir falar com ele, perguntarei a Tim Diller.

Qualquer referência a Johnston queria dizer, em código: que tal vai indo o negócio? Na resposta: Diller queria dizer bem; Tim Diller, muito bem; Jones, mal; George Jones, muito mal.

— Boa idéia — respondeu Bartlett, sorrindo, depois voltou-se para Dunross. — Que belo aposento!

— É adequado — replicou Dunross.

Casey riu, percebendo a desvalorização propositada do ambiente.

— A reunião correu muito bem, Sr. Dunross — disse. — Chegamos a uma proposta para ser submetida à sua apreciação.

"Bem típico de um americano. Que falta de finesse! Será que ela não sabe que os negócios devem ser discutidos depois do almoço, não antes?"

— É, Andrew me falou por alto — retrucou Dunross. — Quer mais uma bebida?

— Não, obrigada. Acho que a proposta cobre todos os tópicos, senhor. Há algum ponto que deseja que eu esclareça?

— Tenho certeza de que haverá, futuramente — disse Dunross, intimamente divertido, como sempre, pelo senhor que muitas mulheres americanas usavam em conversa, e com freqüência, incongruentemente, ao se dirigirem aos garçons. — Tão logo eu a estude, conversarei com a senhorita. Uma cerveja para o Sr. Bartlett — acrescentou, tentando mais uma vez transferir os negócios para depois. Em seguida, dirigiu-se a Jacques: — Ça va?

— Oui, merci. À rien. Nada ainda.

— Não se preocupe — disse Dunross. Na véspera, a filha adorada de Jacques e o marido, que estavam de férias na França, haviam sofrido um feio acidente de carro. Ele ainda não conhecia direito as proporções do acidente. — Não se preocupe.

— Não.

Novamente o dar de ombros gaulês, ocultando a enormidade da sua preocupação.

Jacques era primo-irmão de Dunross, e entrara para a Struan em 45. A guerra dele fora tétrica. Em 1940, mandara a mulher e os dois filhos pequenos para a Inglaterra e permanecera na França. Até o fim da guerra. Maquis, prisão, condenação, fuga e maquis de novo. Estava com cinqüenta e quatro anos, era um homem forte e quieto, mas perigoso quando provocado, com um peito largo, olhos castanhos, mãos rudes e muitas cicatrizes.

— Em princípio o negócio lhe parece bom? — perguntou Casey.

Dunross soltou um suspiro, intimamente, e concentrou-se integralmente nela.

— Posso apresentar uma contraproposta em um ou dois pontos de menor importância. Entrementes — acrescentou, com decisão —, pode estar certa de que, em termos gerais, a proposta parece aceitável.

— Ah, que bom! — exclamou Casey, feliz.

— Ótimo — disse Bartlett, igualmente satisfeito, e ergueu sua lata de cerveja. — Bebamos a uma conclusão bem-sucedida, e a grandes lucros... para vocês e para nós.

Brindaram, os outros percebendo os sinais de perigo em Dunross, imaginando qual seria a contraproposta do tai-pan.

— Vai levar muito tempo para concluir, Ian? — perguntou Bartlett, e todos eles ouviram o Ian. Linbar Struan não ocultou uma careta.

Para espanto geral, Dunross apenas respondeu:

— Não. — Era como se o tratamento familiar fosse muito comum. Acrescentou: — Duvido que os advogados levantem algum obstáculo intransponível.

— Vamos nos encontrar com eles amanhã às onze — disse Casey. — O Sr. De Ville, John Chen e eu. Já tivemos a aprovação prévia deles... sem problemas, por esse lado.

— Dawson é muito bom, especialmente em leis de taxação americanas.

— Casey, quem sabe devemos trazer nosso especialista em impostos de Nova York — falou Bartlett.

— Claro, Linc, logo que estivermos de acordo. E o Forrester.
— Para Dunross, explicou: — É o chefe da nossa divisão de espumas.

— Ótimo. E, agora, chega de falar de negócios antes do almoço — disse Dunross. — Regras da casa, srta. Casey: nada de papo comercial durante as refeições, faz mal para a digestão.

— Fez sinal para Lim. — Não vamos esperar pelo Patrão John.

Instantaneamente os garçons se materializaram e as cadeiras foram puxadas; havia nomes datilografados nos marcadores de lugar de prata, e a sopa foi servida.

O menu previa xerez com a sopa, chablis com o peixe — ou clarete com a carne assada e o pudim Yorkshire, se preferissem —, vagens, batatas e cenouras cozidas. Trifle de xerez, doce típico inglês, como sobremesa. Vinho do Porto com os queijos.

— Quanto tempo vai ficar por aqui, Sr. Bartlett? — perguntou Gavallan.

— O tempo que for necessário. Mas, Sr. Gavallan, já que parece que vamos nos dar comercialmente por muito tempo, que tal deixar de lado o Sr. Bartlett e a srta. Casey e nos chamar de Linc e Casey?

Gavallan manteve os olhos fitos em Bartlett. Gostaria de ter dito: "Bem, Sr. Bartlett, gostamos de ir com calma nessas coisas, por aqui... é um dos poucos modos de se diferenciar os amigos dos conhecidos. Para nós, os nomes de batismo são uma coisa particular. Mas, como o tai-pan não fez objeções ao espantoso Ian, não há nada que eu possa fazer".

— Por que não, Sr. Bartlett? — falou, serenamente. — Não é necessário fazer cerimônia. É?

Jacques de Ville, Struan e Dunross riram-se intimamente do Sr. Bartlett e do modo hábil com que Gavallan transformara a aceitação indesejável num fora e num desprestígio que nenhum dos americanos jamais compreenderia.

— Obrigado, Andrew — disse Bartlett. A seguir, acrescentou: — Ian, posso alterar as regras e fazer mais uma pergunta antes do almoço? Seria possível você concluir o acordo até a terça que vem, de uma maneira ou de outra?

Instantaneamente, a atmosfera da sala se modificou. Lim e os outros criados hesitaram, chocados. Todos os olhares se dirigiram para Dunross. Bartlett achou que tinha ido longe demais, e Casey teve certeza disso. Estivera observando Dunross. A expressão dele não se modificara, mas os olhos, sim. Todos na sala sabiam que o tai-pan fora pressionado como por um adversário num jogo de pôquer. Jogue ou passe. Até a próxima terça-feira.

Ficaram esperando. O silêncio parecia pesar. E pesar.

Então, Dunross o rompeu.

— Dou-lhe a resposta amanhã — falou, com voz calma, e o momento passou. Todos suspiraram intimamente, os garçons continuaram seu trabalho e todos se descontraíram. Exceto Linbar.

Ainda podia sentir as palmas das mãos molhadas de suor, porque somente ele, entre todos, conhecia o fio que corria por dentro de todos os descendentes de Dirk Struan — um ímpeto de violência repentino, estranho, quase primitivo —, e quase o vira vir à tona então, quase, mas não viera. Desta feita, fora embora. Mas o fato de saber que existia, e a sua proximidade, o aterrorizavam.

Ele próprio descendia do ramo de Robb Struan, meio irmão e sócio de Dirk Struan. Portanto não tinha o sangue de Dirk Struan nas veias. Ressentia-se disso amargamente, e detestava Dunross ainda mais por deixá-lo doente de inveja.

"A maldição da Bruxa Struan caia sobre você, maldito Ian Dunross, e sobre todos os seus descendentes", pensou, e estremeceu involuntariamente, ao pensar nela.

— O que foi, Linbar? — perguntou Dunross.

— Oh, nada, tai-pan — respondeu, quase morrendo de susto.
— Nada... só um pensamento repentino. Desculpe.

— Que pensamento?

— Estava só pensando na Bruxa Struan.

A colher de Dunross ficou parada no ar, e os outros olharam para ele.

— Não é um pensamento que faça bem à digestão.

— Não, senhor.

Bartlett olhou para Linbar, depois para Dunross.

— Quem é a Bruxa Struan?

— Um esqueleto — replicou Dunross, com uma risada seca.
— Temos muitos esqueletos escondidos nos armários da família.

— E quem não tem? — falou Casey.

— A Bruxa Struan foi o nosso eterno bicho-papão... ainda é.

— Não agora, tai-pan, sem dúvida — falou Gavallan. — Já morreu faz quase cinquenta anos.

— Pode ser que morra conosco, com Linbar, Kathy e eu, com a nossa geração, mas duvido. — Dunross lançou um olhar estranho para Linbar. — Será que a Bruxa Struan vai sair do seu caixão hoje à noite para nos engolir?

— Juro por Deus que nem gosto de brincar assim com ela, tai-pan.

— Maldita seja a Bruxa Struan — disse Dunross. — Se estivesse viva, eu lhe rogaria uma praga cara a cara.

— Acho que sim. É — riu-se Gavallan. — Gostaria de ter visto a cena.

— Eu também. — Dunross riu com ele, até que viu a expressão de Casey. — Ah, é só bravata, Casey. A Bruxa Struan era um demônio dos infernos, se formos acreditar em metade das lendas sobre ela. Era a mulher de Culum Struan, filho de Dirk Struan, o nosso fundador. O nome dela era Tess, Tess Brock, e era a filha do inimigo ferrenho de Dirk, Tyler Brock. Culum e Tess fugiram para se casar em 1841, segundo a história. Ela estava com dezesseis anos e era uma beleza, e ele era o herdeiro da Casa Nobre. É uma história à la Romeu e Julieta... só que eles viveram, e o casamento deles não diminuiu em nada o ódio mortal entre Dirk e Tyler, ou entre os Struans e os Brocks. Ao contrário, aumentou e complicou tudo. Ela nasceu Tess Brock em 1825, e morreu Bruxa Struan em 1917, aos noventa e dois anos de idade, desdentada, careca, embriagada, malvada e mesquinha até o último dia de sua vida. Como é estranha a vida, heya?

— É. Incrível, às vezes — disse Casey, pensativa. — Por que será que as pessoas mudam tanto ao envelhecer?... Ficam azedas e amargas. Especialmente as mulheres.

"É costume", Dunross podia ter respondido de pronto, "e porque os homens e as mulheres envelhecem de modo diferente. É injusto... mas é um fato imutável. Uma mulher vê as rugas e a flacidez começando, e a pele não mais fresca e firme, mas seu homem ainda tem boa aparência e é solicitado, e depois ela vê os brotinhos e fica aterrorizada de perdê-lo, e acaba perdendo-o porque ele fica cheio das lamúrias dela e da agonia auto-infligida da automutilação... e também por causa do seu instinto incontrolável e inato em direção à juventude..."

"Ayeeyah, não há afrodisíaco no mundo como a juventude", o velho Chen-Chen (pai de Phillip Chen) e mentor de Ian sempre dizia. "Nenhum, jovem Ian, nenhum. Nenhum, nenhum, nenhum. Ouça. O yang necessita dos sumos do yin, mas sumos jovens, ah, sim, têm que ser jovens, os sumos, para aumentar a sua vida e nutrir o yang... oh, oh, oh! Lembre-se, quanto mais velho se tornar o seu Talo Masculino, mais precisará de juventude, mudança e entusiasmo juvenil para atuar exuberantemente, e, quanto mais, melhor! Mas lembre-se também de que a Caixa Formosa que se aninha entre as coxas dela, embora incomparável, adorável, deliciosa, fantástica, oh, tão doce, e oh, tão satisfatória, que é... cuidado! Ah!, também é uma armadilha, uma emboscada, uma câmara de torturas, e o seu caixão!" Depois, o velho, bem velhinho, dava risada e sua barriga subia e descia, e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. "Ah, os deuses são maravilhosos, não são? Dão-nos o céu na terra, mas é um verdadeiro inferno quando não conseguimos fazer o nosso monge de um olho só erguer a cabeça para entrar no paraíso! Joss, meu filho! Esta é a nossa sorte... ansiar pela Ravina Gulosa até que ela nos devore, mas oh, oh, oh..."

"Deve ser muito difícil para as mulheres, especialmente as americanas", pensou Dunross, "esse trauma de envelhecer, a inevitabilidade de acontecer tão cedo, cedo demais... pior na América do que em qualquer outra parte do mundo.

"Por que lhe dizer uma verdade, que já deve saber no seu âmago?", perguntou-se Dunross. "Ou ainda dizer mais, que a moda americana exige um esforço para se agarrar a uma juventude eterna que nem Deus, o Diabo ou o cirurgião podem lhe dar. Não se pode ter vinte e cinco anos aos trinta e cinco, nem ter a juventude dos trinta e cinco aos quarenta e cinco, nem ter quarenta e cinco aos cinquenta e cinco anos. Desculpe, sei que é injusto, mas é a verdade.

"Ayeeyah, agradeço fervorosamente a Deus — se houver um Deus —, agradeço a todos os deuses grandes e pequenos por ser homem, e não mulher. Tenho pena de você, moça americana dos nomes bonitos."

Mas Dunross respondeu, simplesmente:

— Suponho que seja porque a vida não é nenhum mar de rosas, e somos alimentados de baboseiras e valores errados ao crescer... não como os chineses, que são sensatos... Meu Deus, como são incrivelmente sensatos! No caso da Bruxa Struan, talvez fosse o sangue ruim dos Brocks. Acho que era o joss dela: seu destino, sua sorte ou seu azar. Ela e Culum tiveram sete filhos, quatro homens e três mulheres. Todos os homens tiveram morte violenta, dois de "fluxo", provavelmente de peste, aqui em Hong Kong, um foi assassinado a facadas em Xangai, e o último morreu afogado perto de Ayr, na Escócia, onde ficam as terras da nossa família. Isso bastaria para deixar qualquer mãe meio louca, isso e o ódio e a inveja que a cercaram, e a Culum, a vida toda. Mas quando se acrescenta a isso tudo os problemas de morar na Ásia, a passagem da Casa Nobre para os filhos de outras pessoas... bem, dá para entender. — Dunross pensou um momento, depois acrescentou: — Conta a lenda que ela dominou Culum Struan a vida inteira, e tiranizou a Casa Nobre até o dia de sua morte, e todos os tai-pans, todas as noras, todos os genros, e até todas as crianças. Até mesmo depois da morte. Lembro-me de uma babá inglesa que tive, possa a sua alma arder no inferno para sempre, que me dizia: "É melhor se comportar, Patrãozinho Ian, ou vou invocar o espírito da Bruxa Struan, e ela vai devorá-lo..." Eu não teria mais do que cinco ou seis anos.

— Que coisa terrível! — exclamou Casey. Dunross deu de ombros.

— As babás fazem isso com as crianças.

— Nem todas, graças a Deus — disse Gavallan.

— Eu nunca tive uma que prestasse. Ou uma gan sun que fosse má.

— O que é uma gan sun? — quis saber Casey.

— Quer dizer "corpo próximo", é o nome correto para uma amah. Na China de antes de 49, as crianças das famílias abastadas, da maioria das antigas famílias européias ou eurásianas daqui, sempre tinham a sua "corpo próximo" para cuidar delas... na maioria das vezes, ficavam com elas a vida toda. A maioria das gan sun faz voto de celibato. Pode-se sempre reconhecê-las pela trança comprida que usam costas abaixo. A minha gan sun chama-se Ah Tat. É uma velhota fabulosa. Ainda está conosco — falou Dunross.

Gavallan disse:

— A minha foi mais mãe para mim do que minha mãe de verdade.

— Com que então a Bruxa Struan era sua bisavó? — perguntou Casey a Linbar.

— Santo Deus, não! Não... eu não descendo de Dirk Struan — replicou, e ela notou suor na testa dele, e não entendeu. — Descendo do meio irmão dele, Robb Struan. Ele era sócio de Dirk. O tai-pan descende diretamente de Dirk, mas... mesmo assim... nenhum de nós descende da Bruxa.

— São todos parentes? — perguntou Casey, sentindo uma tensão curiosa na sala. Viu Linbar hesitar e olhar para Dunross, enquanto ela o fitava.

— Sim — disse ele. — Andrew é casado com minha irmã, Kathy. Jacques é primo, e Linbar... Linbar tem o nosso nome. — Dunross riu. — Muita gente em Hong Kong ainda se lembra da Bruxa, Casey. Sempre usava um vestido preto comprido com anquinhas e um chapéu gozado com uma pena comida de traças, tudo totalmente fora de moda, e carregava uma bengala preta de cabo de prata o tempo todo. Costumava ser levada pelas ruas numa espécie de palanquim com quatro carregadores. Não media muito

mais de metro e meio, mas era redonda e durona como o pé de um cule. Os chineses morriam de medo dela, também. O apelido dela era "Honorável Velha Demônia Mãe Estrangeira com Mau-Olhado e Dentes de Dragão".

— É verdade — disse Gavallan, com uma risada curta. — Meu pai e minha avó a conheceram. Tinham a sua própria companhia mercantil aqui e em Xangai, Casey, mas foram mais ou menos liquidados na Grande Guerra, e se uniram à Struan em 1919. Meu velho me contava que, quando era menino, ele e os amigos costumavam seguir a Bruxa pelas ruas, e quando ela ficava especialmente zangada, tirava os dentes postiços e os abria e fechava para as crianças, como se fosse mordê-las. — Todos riram junto com ele, quando a imitou. — Meu velho jurava que os dentes tinham sessenta centímetros de altura e uma espécie de mola, e ficavam mordendo e mordendo.

— Ei, Andrew, eu tinha me esquecido disso — interrompeu Linbar, com um amplo sorriso. — Minha gan sun, a velha Ah Fu, conhecia bem a Bruxa Struan, e cada vez que se falava nela Ah Fu revirava os olhos e implorava aos deuses que a protegessem do mau-olhado e dos dentes mágicos. Meu irmão Kyle e eu... — parou, depois recomeçou, num tom de voz diferente — costumávamos implicar com Ah Fu sobre ela.

Dunross disse para Casey:

— Há um retrato dela lá na Casa Grande... dois, na verdade. Se estiver interessada, eu os mostrarei a você, qualquer dia.

— Ah, obrigada... gostaria, sim. Há algum de Dirk Struan?

— Vários. E um de Robb, seu meio irmão.

— Adoraria vê-los.

— Eu também — falou Bartlett. — Que diabo, nunca sequer vi um retrato dos meus avós, que dirá do meu tataravô. Sempre quis saber dos meus antepassados, como eram, de onde vieram. Não sei nada a seu respeito, exceto que meu avô parece que dirigiu uma companhia de fretagem no velho oeste, num lugar chamado Jerrico. Deve ser formidável a gente saber de onde vem. Vocês têm sorte. — Ele estivera sentado, prestando atenção nas correntes ocultas, fascinado por elas, buscando pistas para quando chegasse a hora de ter que decidir: Dunross ou Gornt. "Se for Dunross, Andrew Gavallan é um inimigo, e terá que pular fora", disse para si mesmo. "O jovem Struan odeia Dunross, o francês é um enigma, e o próprio Dunross é

nitroglicerina, e tão perigoso quanto ela." — A sua Bruxa Struan me parece fantástica — disse. — E Dirk Struan também deve ter sido uma figura e tanto!

— Isso é que é uma obra-prima de eufemismo! — disse Jacques de Ville, os olhos escuros brilhando. — Ele foi o maior pirata da Ásia! Espere só... vai olhar para o retrato de Dirk e notar os traços de família! Nosso tai-pan e ele são a cara um do outro, e, mas foi, ele herdou todas as partes piores.

— Não amole, Jacques — respondeu Dunross, bem-humorado. Depois, para Casey: — Não é verdade. Jacques está sempre me gozando. Não sou nada parecido com ele.

— Mas descende dele.

— É. Minha bisavó era Winifred, a única filha legítima de Dirk. Casou-se com Lechie Struan Dunross, um membro do clã. Tiveram apenas um filho, que era meu avô, foi o tai-pan depois de Culum. Minha família, os Dunrosses, são os únicos descendentes diretos de Dirk Struan, ao que se saiba.

— Quer dizer a legítima? Dunross sorriu.

— Dirk teve outros filhos e filhas. Um deles, Gordon Chen, era de uma moça chamada Shen, na verdade. É a linhagem da família Chen de hoje. Há também a linhagem da família T'Chung, de Duncan T'Chung e Kate T'Chung, o filho e a filha que Dirk teve com a famosa May-may T'Chung. Bem, a lenda é esta, são lendas aceitas por aqui, embora ninguém possa prová-las ou deixar de prová-las. — Dunross hesitou, e as rugas à volta de seus olhos aumentaram com a profundidade de seu sorriso. — Em Hong Kong e Xangai, nossos antecessores eram, digamos, amistosos, e as moças chinesas eram tão bonitas quanto hoje. Mas eles raramente se casavam com as amantes, e a pílula é uma invenção muito recente... portanto, a gente nem sempre sabe com quem pode ser aparentado. Nós, bem, não discutimos esta espécie de coisa em público... bem à moda britânica, fingimos que não existe, embora todos saibamos que existe, e assim ninguém fica desmoralizado. As famílias eurásianas de Hong Kong em geral tomaram os nomes das mães, as de Xangai, os dos pais. Todos parecemos ter-nos adaptado ao problema.

— É tudo muito amigável — disse Gavallan.

— Às vezes — comentou Dunross.

— Quer dizer que John Chen é seu parente? — perguntou Casey.

— Se nos reportarmos ao Jardim do Éden, todos são aparentados entre si, suponho.

Dunross fitava o lugar vazio. "Não é típico de John sumir", pensou, inquieto, "e ele não é do tipo de se envolver em contrabando de armas, seja por que motivo for. Ou de ser tão burro a ponto de ser preso. Tsu-yan? Bem, ele é xangaiense, e pode ter entrado em pânico facilmente, se estiver metido nisso. John é conhecido demais para conseguir tomar um avião hoje de manhã sem ser notado. Portanto, não fugiu de avião. Teria que ser de barco... se é que realmente fugiu. Um barco para onde... Macau? Não, é um beco sem saída. Navio? Fácil demais", pensou, "se a fuga foi planejada, ou mesmo se não foi planejada e arranjada com uma hora de antecedência. Em qualquer dia do ano há trinta ou quarenta partidas marcadas para todas as partes do mundo, navios grandes e pequenos, sem falar nos mil juncos não programados, e, mesmo em fuga, alguns dólares aqui e ali, e seria uma facilidade sair às escondidas... sair ou entrar. Homens, mulheres, crianças. Drogas. Qualquer coisa. Mas não há motivo para se contrabandear para Hong Kong, exceto seres humanos, drogas, armas, bebidas alcoólicas, cigarros e gasolina... tudo o mais é livre de impostos e restrições.

"Exceto o ouro."

Dunross sorriu consigo mesmo. "Importa-se ouro legalmente, com licença, a trinta e cinco dólares a onça pelo trânsito para Macau, e o que acontece depois não é da conta de ninguém, mas é imensamente lucrativo." É, pensou, "e a reunião da junta da nossa Nelson Trading é hoje à tarde. Ótimo. Esse é um empreendimento comercial que nunca falha."

Enquanto se servia de um pouco de peixe da travessa que lhe era oferecida, notou que Casey o fitava.

— Sim, Casey.

— Oh, estava só imaginando como soube meus nomes.

— Virou-se para Bartlett. — O tai-pan me surpreendeu, Linc. Mesmo antes de sermos apresentados, chamou-me de Kamalian Ciranoush, como se fosse Mary Jane.

— O nome é persa? — indagou Gavallan prontamente.

— Armênio, originariamente.

— Kamahlyarn Cirrannoussssh — disse Jacques, gostando da sibilção dos nomes. — Très joli, mademoiselle. Ils ne sont pas difficiles, sauf pour les crétins.

— Ou les ingleses — falou Dunross, e todos acharam graça.

— Como soube, tai-pan? — perguntou Casey, sentindo-se mais à vontade com tai-pan do que com Ian. "Ainda não é hora de Ian", pensou, fascinada pelo passado dele, pela Bruxa Struan e pelas sombras que pareciam cercá-lo.

— Perguntei ao seu advogado.

— Como assim?

— John Chen me ligou ontem à noite, por volta da meia-noite. Você não lhe dissera o que as letras K e C representavam, e eu queria saber. Era cedo demais para falar com o seu escritório em Los Angeles, oito da manhã, hora de Los Angeles. Portanto liguei para o seu advogado, em Nova York. Meu pai costumava dizer: "Quando tiver dúvidas, pergunte".

— Conseguiu falar com Seymour Steigler III num sábado? — perguntou Bartlett, assombrado.

— Consegui, na casa dele em White Plains.

— Mas o número do telefone da casa dele não está no catálogo.

— Eu sei. Liguei para um chinês amigo meu, da ONU. Ele descobriu o número para mim. Disse ao Sr. Steigler que queria saber por causa dos convites... o que, naturalmente, é a verdade. Deve-se ser preciso, não é?

— É — replicou Casey, admirando-o enormemente. — Deve-se, sim.

— Sabia que Casey... que Casey era mulher, ontem à noite?
— indagou Gavallan.

— Sabia. Na verdade, já sabia há vários meses, embora não soubesse o que representavam as letras K e C. Por quê?

— Por nada, tai-pan. Casey, você estava falando da Armênia. Sua família imigrou para os Estados Unidos depois da guerra?

— Depois da Primeira Grande Guerra, em 1918 — falou Casey, começando a contar mais uma vez a história tantas vezes repetida. — Originalmente, nosso sobrenome era Tcholakian. Quando meus avós chegaram a Nova York, tiraram o ian, para

simplificar as coisas e ajudar os americanos. Ainda assim, me sobrou Kamalian Ciranoush. Como sabem, a Armênia é a parte sul do Cáucaso... fica ao norte do Irã e da Turquia, e ao sul da Geórgia russa. Era uma nação livre e soberana, mas agora tudo foi absorvido pela União Soviética ou pela Turquia. Minha avó era georgiana... havia muitos casamentos mistos, naqueles tempos. Meu povo estava todo espalhado pelo Império Otomano, cerca de dois milhões, mas os massacres, especialmente em 1915 e 1916... — Casey estremeceu. — Foi genocídio, na verdade. Sobraram cerca de quinhentos mil de nós, e agora estamos espalhados pelo mundo todo. Os armênios eram comerciantes, artistas, pintores e ourives, escritores, guerreiros também. Havia cerca de cinquenta mil armênios no exército turco antes de serem desarmados, proscritos e fuzilados pelos turcos durante a Primeira Guerra Mundial... generais, oficiais e soldados. Eram uma minoria de elite, há séculos que o eram.

— Esse é o motivo pelo qual os turcos os odiavam? — quis saber De Ville.

— Eram muito trabalhadores e unidos, muito bons mercadores e comerciantes, sem dúvida... controlavam grande parte do comércio e dos negócios. Meu avô dizia que o comércio está no nosso sangue. Mas talvez o motivo principal seja que os armênios são cristãos... foram o primeiro Estado cristão na história, sob o jugo romano... e é claro que os turcos são maometanos. Os turcos conquistaram a Armênia no século XVI e sempre houve uma guerra de fronteira entre a Rússia cristã czarista e os turcos "infiéis". Até 1917, a Rússia czarista era a nossa real protetora... Os turcos

otomanos sempre foram um povo estranho, muito cruel, muito estranho.

— Sua família escapou antes da confusão?

— Não. Meus avós eram muito ricos, e, como muita gente, achavam que nada lhes podia acontecer. Escaparam por pouco dos soldados, agarraram dois filhos e uma filha e saíram pela porta dos fundos com o que puderam pegar na sua fuga para a liberdade. O resto da família não conseguiu fugir. Meu avô escapou de Istambul subornando o capitão de um barco de pesca que levou minha avó e ele escondidos até Chipre, onde deram um jeito de obter vistos para os Estados Unidos. Tinham um pouco de dinheiro e jóias... e muito talento. Vovó ainda é viva... ainda barganha como ninguém.

— Seu avô era mercador? — perguntou Dunross. — Foi assim que começou a se interessar pelo mundo dos negócios?

— Pelo menos, desde que nos entendíamos por gente, era o que tentavam nos enfiar na cabeça — disse Casey. — Meu avô começou com uma companhia óptica em Providence, fazendo lentes e microscópios, e uma companhia de exportação e importação que lidava na sua maior parte com tapetes e perfumes, e com um comerciazinho de ouro e pedras preciosas para complementar. Meu

pai desenhava e fazia jóias. Agora já morreu, mas tinha a sua lojinha própria em Providence, e o irmão dele, meu tio Bghos, trabalhava com vovô. Agora, depois que vovô morreu, meu tio dirige a companhia de exportação e importação. É pequena, mas estável. Crescemos, minha irmã e eu, cercadas de barganhas, negociações e conversas de lucro. Era um grande jogo, e éramos todos iguais.

— Onde... quer mais sobremesa, Casey?

— Não, obrigada, estou satisfeita.

— Onde se formou em administração?

— Acho que em toda parte — explicou ela. — Depois que terminei a escola secundária, fiz um curso comercial de dois anos na Katharine Gibbs, em Providence: taquigrafia, datilografia, noções de contabilidade, arquivo, e mais uns fundamentos comerciais. Mas, desde que aprendi a contar, trabalhava à noite e nos feriados e fins de semana com vovô, no negócio dele. Aprendi a pensar, a planejar e pôr o plano em funcionamento, portanto a maior parte do meu treinamento foi nesse campo. Claro que desde que saí da escola não deixei de fazer cursos especializados... principalmente à noite. — Casey riu. — No ano passado, cheguei a fazer um curso na Escola de Administração de Harvard, fato que escandalizou loucamente alguns

membros do corpo docente, embora agora as coisas estejam ficando mais fáceis para a mulher.

— Como conseguiu chegar à sua atual posição nas Indústrias Par-Con? — perguntou Dunross.

— Perspicácia — falou, e todos riram com ela. Bartlett explicou:

— Casey é uma danada para trabalhar, Ian. A velocidade de leitura dela é fantástica. Pode cobrir mais terreno do que dois executivos normais. Tem um faro para o perigo, não tem medo de tomar uma decisão, gosta mais de realizar do que de destruir uma transação, e não fica vermelha com facilidade.

— Este é o meu aspecto mais vantajoso — disse Casey. — Obrigada, Linc.

— Mas isso não é muito duro para você, Casey? — perguntou Gavallan. — Não tem que abrir mão de um bocado de coisas como

mulher, para continuar? Não deve ser fácil para você fazer um trabalho de homem.

— Não considero que meu trabalho seja trabalho de homem, Andrew — replicou ela, prontamente. — As mulheres têm a mesma inteligência e a mesma capacidade de trabalho que os homens.

Houve imediatamente uma vaia amigável por parte de Linbar e Gavallan, mas Dunross abafou-a e disse:

— Acho melhor adiarmos essa manifestação. Mas repito a pergunta, Casey: como chegou a tal posição na Par-Con?

"Devo contar-lhe a história verdadeira, Ian-parecido-com-Dirk-Struan, o maior pirata da Ásia, ou devo contar-lhe a que virou lenda?", perguntou a si mesma.

Então, ouviu Bartlett começar, e soube que poderia deixar o pensamento vagar com segurança, pois já ouvira a versão dele uma centena de vezes antes. Era em parte verdadeira, em parte falsa, e em parte o que ele queria acreditar que acontecera. "Quantas das

lendas de vocês são verdadeiras... a Bruxa Struan e Dirk Struan... e qual a sua história real, e como se tornou tai-pan?" Bebericou o seu vinho do Porto, saboreando a suave doçura, deixando o pensamento vagar.

"Há alguma coisa errada", pensou. "Posso senti-lo, fortemente. Há alguma coisa errada com Dunross.

"O quê?"

— Conheci Casey há uns sete anos, em Los Angeles, Califórnia — começara Bartlett. — Recebera uma carta de um tal Casey Tcholak, presidente da Hed-Opticals de Providence, que queria discutir uma fusão. Naquela época, eu estava metido em construções por toda a Los Angeles, áreas residenciais, supermercados, dois grandes prédios de escritórios, zona industrial, centros comerciais. Era só falar comigo, que eu construía. Tínhamos um capital de giro de três milhões e duzentos mil, e eu acabara de virar empresa de capital aberto... mas ainda estava a milhões de quilômetros do Big Board. Eu...

— Está se referindo à Bolsa de Valores de Nova York?

— Estou. Bem, chega Casey, toda animada, e diz que quer que eu me una à Hed-Opticals, que, segundo ela, teve uma renda bruta de duzentos e setenta e sete mil e seiscentos dólares no ano anterior, e depois, juntos, iríamos em busca da Randolph Optical, uma empresa das grandes, cinqüenta e três milhões em vendas, citada no Big Board, uma fatia imensa do mercado de lentes e muito dinheiro no banco. E eu disse: "Você é maluca, por que a Randolph?" Ela respondeu que, primeiro, porque era acionista da Bartlett Construction, comprara dez ações de um dólar. Eu capitalizara com um milhão de ações e vendera quinhentas mil ao valor nominal, e ela achava que seria ótimo para a Bartlett Construction ser dona da Randolph, e segundo, "porque aquele filho da puta do George Toffer, que dirige a Randolph Optical, é um mentiroso, um vigarista, um ladrão, e está tentando liquidar o meu negócio".

Bartlett abriu um sorriso e parou para respirar, e Dunross o interrompeu com uma risada.

— Isso é verdade, Casey?

Casey voltou ao presente rapidamente.

— Ah, é, eu disse que George Toffer era um mentiroso, um vigarista, um ladrão e um filho da puta. Ainda é. — Casey sorriu, sem achar graça. — E sem dúvida estava tentando liquidar o meu negócio.

— Por quê?

— Porque eu dissera para ele ir... para ele não encher.

— E por que agiu assim?

— Eu acabara de assumir a direção da Hed-Opticals. Meu avô falecera no ano anterior, e meu tio Bghos e eu tiráramos cara ou coroa para ver quem ficava com qual negócio... eu ganhei a Hed-Opticals. Tivéramos uma oferta da Randolph para nos comprar, há cerca de um ano, mas recusáramos... tínhamos um negócio pequeno, gostoso, bons operários, bons técnicos, vários armênios, uma pequena fatia do mercado. Não tínhamos capital nem espaço para expandir, mas nos virávamos direitinho, e a qualidade da Hed-Opticals era excelente. Logo depois que assumi a direção, George Toffer "deu uma passadinha por lá". Ele se achava o máximo, meu Deus, como se achava. Alegava ser herói de guerra do exército

americano, mas descobri que não era... era o tipo do sujeito... Bem, ele me fez outra oferta ridícula para tirar a Hed-Opticals das minhas mãos... o papo da pobre garotinha que devia estar numa cozinha, junto com "Vamos jantar juntos na minha suíte, e por que não nos divertimos um pouco, já que estou aqui sozinho por uns dias..." Eu disse "Não, obrigada", e ele ficou muito chateado. Muito. Mas disse "Tudo bem", voltou a falar de negócios e sugeriu que, ao invés de comprar minha firma, ele me passaria alguns dos contratos dele. Fez-me uma boa oferta, e depois de barganhar um pouco, concordamos com os termos. Se eu me saísse bem, ele dobraria o negócio. Durante o mês seguinte, fizemos um trabalho melhor e mais barato do que ele seria capaz de fazer, entreguei as encomendas segundo o contrato, e ele teve um lucro fabuloso. E então ele "roeu a corda" numa cláusula verbal e deduziu, roubou, vinte mil trezentos e setenta e oito dólares, e no dia seguinte cinco dos meus melhores clientes nos trocaram pela Randolph, e na semana seguinte outros sete... ele oferecera a todos negócios abaixo do custo. Ele me deixou "em banho-maria" por uma ou duas semanas, depois me ligou. "Oi, neguinha", falou, feliz como um sapo num balde de lama, "estou passando o fim de semana sozinho em Martha's Vineyard." É uma ilhazinha no litoral leste. Depois, acrescentou: "Por que não vem para cá para nos divertirmos um bocado e discutirmos o futuro e a duplicação dos pedidos?" Eu pedi o meu dinheiro, e ele riu de mim e disse para eu crescer, e sugeriu que era melhor eu reconsiderar a oferta dele, porque do jeito que as coisas iam, logo não haveria mais nenhuma Hed-Opticals.

"Xinguei-o. Sei xingar bem à beça quando fico com raiva, e disse a ele o que podia fazer em três línguas. Dentro de mais quatro semanas, não me sobrava nenhum cliente. Mais outro mês, os funcionários tiveram que procurar outro emprego. Mais ou menos àquela época, resolvi ir para a Califórnia. Não queria ficar no leste." Casey deu um sorriso amargo. "Era uma questão de prestígio..."

como se eu entendesse àquela altura o que isso quer dizer. Resolvi tirar duas semanas de folga para decidir o que fazer. Então, certo dia, andava sem destino por uma feira estadual em Sacramento, e lá estava Linc. Vendia ações da Bartlett Construction num balcão, e eu comprei..."

— Ele o quê? — perguntou Dunross.

— Claro — disse Bartlett. — Vendi mais de vinte mil ações desse jeito. Vendi em feiras estaduais, por via postal, em supermercados, centros comerciais, através de corretores... e também em bancos de investimentos. Claro. Continue, Casey!

— Então li os prospectos dele e fiquei a observá-lo por algum tempo, e achei que tinha muita garra e ambição. Os números, o balanço geral e a taxa de expansão dele eram excepcionais, e achei que uma pessoa que vendia pessoalmente as suas ações tinha que ter futuro. Assim, comprei dez ações, escrevi para ele e fui procurá-lo. Fim da história.

— Fim uma ova, Casey — disse Gavallan.

— Conte você, Linc — disse ela.

— Está bem. Então...

— Um pouco de porto, Sr.... desculpe, Linc?

— Obrigado, Andrew, mas será que posso tomar outra cerveja? — Ela chegou instantaneamente. — E assim Casey veio me ver. Depois que me contou a história, praticamente como a contou agora, eu disse:

"— Uma coisa, Casey. A Hed-Opticals rendeu menos de trezentos mil no ano passado. Quanto vai render este ano?

"— Zero — falou ela, com aquele seu sorriso. — Sou o único bem da Hed-Opticals, eu e nada mais.

"— Então, qual a vantagem de uma fusão minha com zero? Já tenho problemas bastantes.

"— Sei como aniquilar a Randolph Optical.

"— Como?

"— Vinte e dois por cento da Randolph estão nas mãos de três homens, e todos abominam Toffer. Com vinte e dois por cento, você obteria o controle. Sei como pode conseguir as procurações deles. E mais ainda: conheço os pontos fracos de Toffer.

"— E quais são?

"— Vaidade, e é um megalomaniaco; e mais ainda, é burro.

"— Não pode ser burro e dirigir aquela companhia.

"— Talvez não fosse burro no passado, mas agora é. Está no ponto para ser derrubado.

"— E o que vai querer ganhar com isso, Casey?

"— A cabeça de Toffer... quero ser eu a despedi-lo.

"— O que mais?

"— Se eu tiver êxito no que me proponho... se conseguirmos o controle da Randolph Optical em, digamos, seis meses, quero... quero um contrato de um ano com você, podendo ser aumentado para sete, com um salário que você ache compatível com a minha capacidade, como sua vice-presidenta-executiva encarregada de aquisições. Mas quero-o como pessoa, não como mulher, como uma pessoa em grau de igualdade com você. Claro que o patrão é você, mas serei igual ao que um homem seria, como um indivíduo... se fizer bem o meu trabalho."

Bartlett abriu um sorriso e tomou um gole de cerveja.

— Concordei, negócio fechado. Pensei: "O que tenho a perder? Eu com os meus míseros três quartos de milhão e ela com o seu saldo zero tomarmos a Randolph Optical em seis meses, ora, é um negócio e tanto". E assim apertamos as mãos, de homem para mulher. — Bartlett riu. — Era a primeira vez que fazia um negócio daqueles com uma mulher, sem mais nem menos... e nunca me arrependi.

— Obrigado, Linc — disse Casey, meigamente, e todos sentiam inveja de Bartlett.

"E o que aconteceu depois que você despediu Toffer?", pensava Dunross, juntamente com os outros. "Foi então que começou o seu caso?"

— E a compra do controle? — perguntou a Bartlett. — Foi tranqüila?

— Foi nojenta, mas as lições que aprendi, que aprendemos, renderam mil por cento. Em cinco meses já tínhamos o controle. Casey e eu havíamos conquistado uma companhia cinqüenta e três vezes e meia maior que a nossa. Um minuto antes da hora H eu estava com quatro milhões de dólares no vermelho no banco, e praticamente na cadeia, e na hora seguinte assumira o controle. Puxa, mas foi uma batalha e tanto! Em um mês e meio tínhamos reorganizado a companhia, e agora a Divisão Randolph da Par-Con rende cento e cinqüenta milhões por ano, e suas ações estão lá em cima. Foi uma Blitzkrieg clássica, e estabeleceu o padrão para as Indústrias Par-Con.

— E esse George Toffer, Casey? Como o despediu?

Casey desviou os olhos castanho-amarelados de Linc e fixou-os em Dunross, e ele pensou: "Santo Deus, gostaria de possuir você".

— No momento em que assumimos o controle, eu... — Interrompeu-se quando o único telefone na sala tocou, e houve uma tensão repentina no ambiente. Todos, até mesmo os garçons, imediatamente desviaram sua atenção integral para o telefone... exceto Bartlett. Os rostos de Gavallan e de De Ville estavam completamente sem cor. — O que foi? — perguntou Casey.

Dunross quebrou o silêncio.

— É uma das normas da casa. Não se completa nenhuma ligação durante o almoço, a não ser que seja uma emergência... uma emergência pessoal... para um de nós.

Todos fitaram Lim enquanto largava a bandeja do café. Parecia que ele levava uma eternidade para cruzar o aposento e pegar o telefone. Todos tinham mulheres, filhos, famílias, e todos imaginavam que morte ou que tragédia seria, e "Por favor, Deus, que o telefonema seja para algum outro", lembrando-se da última vez que o telefone tocara, há dois dias. Para Jacques. E no mês passado, para Gavallan. A mãe dele estava morrendo. Todos haviam recebido telefonemas, ao longo dos anos. Todos ruins.

Andrew Gavallan estava certo de que o telefonema era para ele. Sua mulher, Kathren, irmã de Dunross, estava no hospital, esperando o resultado de testes exaustivos. Há semanas que estava doente, sem motivo aparente. "Meu Deus", pensou, "controle-se", cômico dos olhares dos outros sobre a sua pessoa.

— Weyyyy? — Lim escutou por um momento, depois virou-se e estendeu o aparelho. — É para o senhor, tai-pan.

Os outros voltaram a respirar, e observaram Dunross, que caminhava ereto para o telefone.

— Alô?... Oh... O quê?... Não... não, vou já para aí... Não, não façam nada, vou já para aí. — Notaram o ar de choque dele ao repor o fone no gancho, em meio ao silêncio mortal. Depois de uma pausa, falou: — Andrew, diga a Claudia para adiar minhas reuniões de diretoria de hoje à tarde. Você e Jacques, continuem com Casey. Era Phillip. Infelizmente, o pobre John Chen foi seqüestrado.

E saiu da sala.

8

14h35m

Dunross saltou do carro e entrou apressado pela porta aberta da imensa mansão em estilo chinês que ficava encravada na crista da montanha chamada Mirante de Struan. Passou por um criado aparvalhado, que fechou a porta às suas costas, e entrou na sala de estar, em estilo vitoriano, espalhafatosa, entulhada de quinquilharias e móveis que não combinavam.

— Alô, Phillip — falou. — Lamento tanto. Pobre John! Onde está a carta?

— Aqui. — Phillip pegou-a de cima do sofá, enquanto se levantava. — Mas primeiro olhe para aquilo.

Apontou para uma caixa de sapatos de papelão amassada numa mesa de mármore ao lado da lareira.

Enquanto atravessava a sala, Dunross notou Dianne, a mulher de Phillip Chen, sentada numa cadeira de espaldar alto, na outra extremidade do aposento.

— Oh, alô, Dianne, lamento o que aconteceu — repetiu. Ela deu de ombros, impassível.

— Joss, tai-pan. — Tinha cinqüenta e dois anos, era eurásiana, a segunda mulher de Phillip Chen, uma matrona atraente e cheia de jóias, que usava um cheong-sam marrom-escuro, um colar de jade de valor inestimável e um anel de brilhantes de quatro quilates... entre muitos outros anéis. — Joss — repetiu.

Dunross assentiu, antipatizando com ela ainda mais do que habitualmente. Espiou o conteúdo da caixa, sem tocá-lo. No meio de folhas de jornal soltas e amassadas, viu uma caneta que reconheceu como sendo de John Chen, uma carteira de motorista, algumas chaves num chaveiro, uma carta endereçada a John Chen, Sinclair Towers, 14A, e um saquinho de plástico com um pedaço de pano meio enfiado dentro. Com uma caneta que tirou do bolso Dunross abriu a carteira de motorista. John Chen.

— Abra o saquinho de plástico — disse Phillip.

— Não. Poderia danificar as impressões digitais que nele houver — disse Dunross, sentindo-se cretino, mas mesmo assim dizendo as palavras.

— Ah... tinha me esquecido disso. Merda. Claro, impressões digitais! As minhas estão... claro que abri o saco. As minhas devem estar nele... em toda parte.

— O que há nele?

— É... — Phillip Chen se aproximou, e antes que Dunross pudesse detê-lo, tirou o pano de dentro do saco, sem tocar novamente no plástico. — Não pode haver digitais no pano, não é? Olhe!

O pano continha a maior parte de uma orelha humana, o corte limpo e bem-feito, e não irregular. Dunross praguejou baixinho.

— Como foi que a caixa chegou? — indagou.

— Chegou por mensageiro. — Phillip Chen voltou a embrulhar a orelha com mãos trêmulas, recolocando-a na caixa. — Abri... abri a caixa, como qualquer pessoa o faria. Foi entregue há cerca de meia hora.

— Por quem?

— Não sabemos. Era apenas um rapaz, disse a criada. Um rapaz de moto. Ela não o reconheceu nem tomou nota da placa. Recebemos muitas encomendas por mensageiro. Não havia nada fora do comum... exceto o "Sr. Phillip Chen, assunto de grande

importância, para ser aberto pessoalmente", escrito do lado de fora do embrulho, e que ela não notou imediatamente. Quando abri o embrulho e li a carta... bem, foi só um rapaz que disse "Encomenda para o Sr. Phillip Chen" e foi embora.

— Já chamaram a polícia?

— Não, tai-pan, você disse para não fazer nada. Dunross foi até o telefone.

— Já falou com a mulher do John?

— Por que o Phillip deve dar-lhe as más notícias? — disse Dianne imediatamente. — Ela vai ter um ataque de destelhar a casa, pode apostar. Ligar para Barbara? Ah, não, caro tai-pan, não... só depois que tivermos informado a polícia. Eles que contem a ela. Sabem como fazer essas coisas.

A repulsa de Dunross aumentou.

— É melhor mandá-la vir para cá rapidamente.

Ligou para a chefatura de polícia e perguntou por Armstrong. Não estava. Dunross deixou o nome, e depois pediu para falar com Brian Kwok.

— Sim, tai-pan?

— Brian, pode vir para cá imediatamente? Estou na casa de Phillip Chen, aqui no Mirante de Struan. John Chen foi seqüestrado.

Contou-lhe sobre o conteúdo da caixa.

Houve um silêncio chocado, depois Brian Kwok falou:

— Vou já para aí. Não toque em nada e não deixe que ele fale com ninguém.

— Está certo.

Dunross desligou o aparelho.

— Dê-me a carta agora, Phillip.

Segurou-a com cuidado, pelas pontas. Os caracteres chineses estavam escritos com nitidez, mas não por uma pessoa instruída. Leu-a devagar, conhecendo a maioria dos caracteres.

"Sr. Phillip Chen, informo-lhe que estou precisando desesperadamente de quinhentos mil em moeda de Hong Kong e venho consultá-lo a esse respeito. O senhor é tão rico que é como arrancar um fio de cabelo de nove bois. Temendo que recuse, não tenho outra alternativa senão usar seu filho como refém. Agindo assim, não temerei sua recusa. Espero que pense seriamente no caso, três vezes, e leve-o em consideração. Depende do senhor chamar a polícia ou não. Estou enviando junto alguns artigos que

seu filho usa diariamente como prova da situação em que se encontra. Envio também uma parte da orelha de seu filho. Deve se dar conta da inclemência e da crueldade das minhas ações. Se pagar o dinheiro sem problemas, a segurança de seu filho estará garantida. Escrito pelo Lobisomem."

Dunross indicou a caixa.

— Desculpe, mas reconhece a... bem... aquilo? Phillip Chen deu uma risada nervosa, e sua mulher também.

— Você reconhece, Ian? Conheceu John a sua vida inteira... Como se reconhece uma coisa dessas, heya?

— Mais alguém sabe do seqüestro?

— Não, exceto os criados, é claro, Shitee T'Chung e alguns amigos que estavam almoçando aqui comigo. Eles... estavam aqui quando o embrulho chegou. É, estavam aqui. Saíram pouco antes de você chegar.

Dianne Chen mudou de posição na cadeira e disse o que Dunross estava pensando.

— Então é claro que toda Hong Kong saberá do caso até o anoitecer!

— É. E haverá manchetes escandalosas ao alvorecer. —

Dunross tentou pôr em ordem a infinidade de perguntas e respostas que inundavam a sua mente. — A imprensa vai saber da... orelha e do Lobisomem e vai deitar e rolar.

— É, se vai.

Phillip Chen lembrou-se do que Shitee T'Chung havia dito no momento em que todos liam a carta.

"Não pague o resgate pelo menos durante uma semana, Phillip, velho amigo, e será famoso no mundo inteiro! Ayeeyah, imagine, um pedaço da orelha dele e Lobisomem! Eeee, será famoso no mundo inteiro!"

— Talvez não seja a orelha dele, talvez seja só um truque — disse Phillip Chen, esperançoso.

— É. — "Se for mesmo a orelha de John", pensou Dunross, muito perturbado, "e se já a mandaram no primeiro dia, sem tentar negociar nem nada, aposto que o pobre infeliz já está morto." — Não há motivo para feri-lo desse jeito — falou. — Claro que você vai pagar.

— Mas é claro. Que sorte não estarmos em Cingapura, não é?

— É. — Àquela época, em Cingapura, por lei, no momento em que alguém era seqüestrado, as contas bancárias de toda a família eram congeladas para impedir o pagamento aos seqüestradores. Lá os raptos tinham se tornado endêmicos, quase

sem prisões dos envolvidos, pois os chineses preferiam pagar rápida e discretamente, sem nada comunicar à polícia. — Mas que filho da mãe! Pobre do John!

Phillip perguntou:

— Aceita um pouco de chá... ou uma bebida? Está com fome?

— Não, obrigado. Vou esperar até Brian Kwok chegar, depois vou embora. — Dunross olhou para a caixa e para as chaves. Vira aquele chaveiro muitas vezes. — Está faltando a chave da caixa de depósito do banco — falou.

— Que chave? — perguntou Dianne Chen.

— John sempre tinha uma chave da caixa de depósito no chaveiro.

Ela não se mexeu da cadeira.

— E agora não está aí?

— Não.

— Talvez você esteja enganado. Sobre o fato de ele sempre a trazer no chaveiro.

Dunross olhou para ela e depois para Phillip Chen. Ambos devolveram o seu olhar. "Bem", pensou, "se os bandidos não a pegaram, agora está com Phillip ou Dianne, e se eu fosse eles, faria o mesmo. Sabe lá Deus o que pode haver naquela caixa."

— Talvez você esteja enganado — falou, tranqüilamente.

— Chá, tai-pan? — perguntou Dianne, e ele viu a sombra de um sorriso no fundo dos olhos dela.

— Sim, acho que aceito — falou, sabendo que eles haviam ficado com a chave.

Ela se levantou e pediu o chá em voz alta, depois voltou a sentar-se.

— Eeeee, gostaria que andassem depressa... os policiais.

Phillip olhava pela janela para o jardim estorricado.

— Gostaria que chovesse.

— Imagino quanto vai custar para termos o John de volta — resmungou ela.

Depois de uma pausa, Dunross perguntou:

— E isso importa?

— Mas claro que importa — falou Dianne, prontamente. — Francamente, tai-pan!

— Ah, sim — ecoou Phillip Chen. — Quinhentos mil! Ayeeyah, quinhentos mil, uma fortuna. Malditas tríades! Bem, se pediram quinhentos mil, posso chegar a cento e cinqüenta mil... Graças a Deus não pediram um milhão! — As sobrancelhas dele se alçaram, e o rosto ficou mais cinzento ainda. — Dew neh loh moh para todos os seqüestradores. Deviam ser mortos... todos eles.

— É — confirmou Dianne. — Tríades nojentas. A polícia devia ser mais esperta! Mais viva e mais esperta, e nos proteger melhor.

— Isso não é justo — falou Dunross, vivamente. — Há anos que não há um seqüestro de importância em Hong Kong, e acontece todos os meses em Cingapura! O índice de crimes aqui é

fantasticamente baixo... nossa polícia faz um excelente trabalho... excelente.

— Hum — debochou Dianne. — São todos corruptos. Por que outro motivo ser policial, senão para enriquecer? Não confio em nenhum deles... Sabemos, ora se sabemos! Quanto a seqüestros, o último foi há seis anos. A vítima foi meu primo em terceiro grau, Fun San Sung... a família teve que pagar seiscentos mil dólares para recebê-lo de volta... Quase a levou à falência.

— Ah! — ironizou Phillip Chen. — Levar à falência o Colibri Sung? Impossível!

Colibri Sung era um armador xangaiense riquíssimo, na casa dos cinquenta anos, com um nariz afilado, comprido para um chinês. Seu apelido era Colibri Sung porque estava sempre dardejando de cabaré em cabaré, de flor em flor, em Cingapura, Bangkok, Taipé e Hong Kong, mergulhando o membro numa infinidade de "potes de mel" femininos, embora corresse o boato de que não era o membro, pois apreciava o sexo oral mútuo.

— Se bem me lembro, a polícia recuperou a maior parte do dinheiro, e mandou os criminosos para a cadeia por vinte anos.

— Foi isso mesmo, tai-pan. Mas levaram meses e meses. E não me admiraria se um ou dois policiais soubessem mais do que admitiam.

— Mas quanta bobagem! — exclamou Dunross. — Não tem nenhum motivo para acreditar numa coisa dessas! Nenhum.

— Isso mesmo! — concordou Phillip Chen, irritado. — Eles os prenderam, Dianne. — Ela olhou para ele, que imediatamente mudou o tom de voz. — Claro, minha querida, que alguns policiais podem ser corruptos, mas temos muita sorte aqui, muita sorte. Acho que não me incomodaria tanto, sobre John... é só uma questão de resgate, e temos tido sorte como família, até agora... não me incomodaria se não fosse por... por aquilo. — Fez um sinal para a caixa, enojado. — Terrível! E totalmente incivilizado.

— É — concordou Dunross, e ficou imaginando, se não fosse a orelha de John Chen, de quem seria... onde se arranja uma orelha? Quase riu do ridículo da sua pergunta. Depois, ficou matutando se o rapto teria alguma ligação com Tsu-yan, as armas e Bartlett. Não fazia o gênero dos chineses mutilar uma vítima. Não, e certamente não tão cedo. O seqüestro era uma antiga arte chinesa,

e as regras sempre foram claras: "Pague e fique calado, e não haverá problema; protele e fale e haverá muitos problemas".

Ficou olhando pela janela para os jardins e para o imenso panorama setentrional da cidade e do mar, lá embaixo. Navios, juncos e sampanas pontilhavam o mar azul. O céu estava limpo, sem promessas de chuva, a monção de verão firme vinda do sudoeste. Dunross ficou imaginando distraidamente como seriam os veleiros antigos ao acompanhar o vento ou enfrentar os vendavais, na época dos seus ancestrais. Dirk Struan sempre tivera um vigia secreto no topo da montanha acima. De lá, o homem podia enxergar o sul, o leste e o oeste, e o grande canal Sheung Sz Mun, que vinha do sul para Hong Kong... o único caminho interno para os navios vindos de casa, da Inglaterra. Do Mirante de Struan, o vigia podia ver secretamente o navio-correio que chegava, e dar um sinal de aviso secreto lá para baixo. Então, o tai-pan despacharia um barco a vela rápido para pegar a correspondência primeiro, para ter algumas horas de vantagem sobre os seus rivais, essas poucas horas podendo significar a diferença comercial entre a fortuna e a falência... tão vasto era o tempo que os separava de casa. Não como agora, com comunicações instantâneas, pensou Dunross. "Temos sorte... não temos que esperar quase dois anos por uma resposta, como o Dirk. Jesus, mas que homem deve ter sido!

"Não posso falhar com Bartlett. Preciso daqueles vinte milhões."

— O negócio parece muito bom, tai-pan — disse Phillip Chen, como se lesse os seus pensamentos.

— É, é, sim.

— Se eles realmente entrarem com o dinheiro, faremos fortuna, e será h'eung yau para a Casa Nobre — acrescentou, com um amplo sorriso.

O sorriso de Dunross foi sardônico, mais uma vez. "H'eung yau" queria dizer "graxa fragrante", e normalmente se referia ao dinheiro, ao suborno, à proteção, que eram pagos por todos os restaurantes chineses, a maior parte das empresas, todas as casas de jogo, todos os cabarés, todas as damas da "vida fácil", às tríades, a alguma forma de tríade, em todo o mundo.

— Ainda me desconcerta saber que se paga h'eung yau onde houver um chinês fazendo negócio.

— Francamente, tai-pan — disse Dianne, como se ele fosse uma criança. — Como qualquer negócio pode existir sem proteção?

A gente espera pagar, naturalmente, e paga, e pronto. Todos pagam h'eung yau... alguma forma de h'eung yau. — As contas de jade do seu colar fizeram barulho quando ela mudou de posição na cadeira, os olhos escuríssimos na brancura do rosto... tão valorizada pelos chineses. — Mas o negócio com Bartlett, tai-pan, acha que vai se realizar?

Dunross observou-a. "Ah, Dianne", disse consigo mesmo "você sabe de cada detalhe importante sobre os negócios de Phillip e dos meus, e muito mais coisas que fariam Phillip chorar de raiva se soubesse que você sabe. Portanto, sabe que a Struan poderia ficar encrecadíssima se não houvesse nenhum negócio com Bartlett, mas que, se ele for consumado, nossas ações subirão como um foguete, e seremos ricos outra vez... e você também será, se puder entrar no jogo logo no começo, se puder comprar no começo.

"É.

"E eu conheço vocês, senhoras chinesas de Hong Kong, como o pobre Phillip não conhece, porque não sou nem um tiquinho chinês. Sei que vocês, senhoras chinesas de Hong Kong, são as mulheres mais duronas do mundo quando se trata de dinheiro... ou talvez as mais práticas. E você, Dianne, sei também o quanto está eufórica agora, embora possa fingir o oposto. Porque John Chen não é seu filho. Com ele eliminado, seus dois filhos serão os herdeiros diretos, e o mais velho, Kevin, o herdeiro evidente. Portanto, rezará, como nunca rezou antes, para que John tenha desaparecido para

sempre. Está encantada. John foi seqüestrado, provavelmente assassinado, mas, e quanto à transação com Bartlett?"

— As mulheres são tão práticas — comentou.

— Como assim, tai-pan? — perguntou, estreitando os olhos.

— Mantêm as coisas em perspectiva.

— Às vezes não o compreendo nem um pouquinho, tai-pan — replicou ela, uma ponta de irritação na voz. — O que mais podemos fazer agora por John Chen? Nada. Fizemos tudo o que foi possível. Quando o bilhete de resgate chegar, negociaremos e pagaremos, e tudo será como antes. Mas o negócio com Bartlett é importante, muito importante, importantíssimo, aconteça o que acontecer, heya? Moh ching, moh meng. Sem dinheiro, sem vida.

— Isso mesmo. É muito importante, tai-pan. — Phillip olhou para a caixa e estremeceu. — Acho que, nas atuais circunstâncias, tai-pan, se puder nos desculpar logo mais à noite... não ach...

— Não, Phillip — disse a mulher com firmeza. — Não. Precisamos ir. É uma questão de prestígio para toda a Casa. "Iremos hoje à noite, e toda a Hong Kong só falará de nós. iremos, segundo os planos.

— Bem, se você acha melhor.

— Acho. — "Ora se acho", pensava, replanejando toda a sua toalete para realçar o efeito dramático da entrada deles. "Iremos hoje à noite, e toda a Hong Kong só falará de nós. Levaremos Kevin, é claro. Talvez já seja o herdeiro, agora. Ayeeyah! Com quem deve meu filho se casar? Preciso pensar no futuro, agora. Vinte e dois é uma idade perfeita, e preciso pensar no seu futuro. É, uma mulher. Quem? É melhor eu escolher a garota certa imediatamente, depressa, se for o herdeiro, antes que alguma rapariga com fogo entre as pernas e uma mãe esperta o façam por mim. Ayeeyah", pensou, exaltando-se, "os deuses nos livrem de tal coisa!" — É — falou, tocando os olhos com o lenço, como se ali houvesse alguma lágrima —, nada mais há a ser feito pelo pobre John, senão esperar... e continuar a trabalhar, planejar e manobrar para o bem da Casa Nobre. — Ergueu para Bartlett os olhos brilhantes. — O negócio com Bartlett resolveria tudo, não é?

— É.

"E estão ambos certos", pensou Dunross. "Não há mais nada a ser feito no momento. Os chineses são muito sábios e muito práticos.

"Portanto, concentre-se nas coisas importantes", disse para si mesmo. "Coisas importantes... por exemplo, você joga? Pense. Que melhor local ou hora do que aqui e agora poderia achar para começar a pôr em prática o plano que vem delineando desde que conheceu Bartlett?

"Nenhum."

— Ouçam — falou, decidindo irrevogavelmente, depois lançou um olhar para a porta que dava para os alojamentos dos criados, certificando-se de que estavam sós. Baixou o tom de voz para um sussurro conspiratório, e Phillip e a mulher se debruçaram para a frente para ouvir melhor. — Tive uma reunião particular com Bartlett antes do almoço. Fechamos o negócio. Vai precisar de umas pequenas alterações, mas assinamos o contrato formalmente na terça-feira da semana que vem. Os vinte milhões estão garantidos, e mais vinte no ano que vem.

Phillip Chen abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Parabéns.

— Fale baixo, Phillip — sibilou a mulher, igualmente satisfeita.
— Aqueles escravos de boca de tartaruga na cozinha têm ouvidos que escutam o que se fala em Java. Ah, mas que notícia fantástica, tai-pan!

— Manteremos isso em família — falou Dunross, suavemente.
— Hoje à tarde darei ordem aos nossos corretores para começarem a comprar ações da Struan em segredo... cada tostão disponível que tivermos. Façam o mesmo, em lotes pequenos, e espalhem as ordens por corretores e representantes diferentes... o de sempre.

— Sim, claro que sim.

— Eu pessoalmente comprei quarenta mil hoje de manhã.

— Quanto as ações vão subir? — quis saber Dianne Chen.

— Vão dobrar!

— Em quanto tempo?

— Trinta dias!

— Eeee — exclamou ela alegremente. — Imaginem só!

— É — disse Dunross, amavelmente. — Imaginem só! E vocês dois só contarão aos parentes muito íntimos, que são muitos, e eles só contarão aos parentes muito íntimos deles, que são uma infinidade, e todos vocês comprarão e comprarão, porque esta é uma "dica" folheada a ouro, mais certa é impossível, o que acrescentará mais combustível ao aumento das ações. O fato de que é só uma transa de família com certeza vai escapar da boca de alguém, e mais gente entrará na dança, depois mais, e depois a

declaração formal do negócio com a Par-Con aumentará o fogo, e então, na semana que vem, anunciarei a proposta para a compra do controle das Propriedades Asiáticas, e então Hong Kong inteira comprará. Nossas ações atingirão a estratosfera. E então, no momento certo, deixo de lado as Propriedades Asiáticas e parto para o alvo real.

— Quantas ações, tai-pan? — perguntou Phillip Chen, a cabeça cheia dos próprios cálculos dos possíveis lucros.

— O máximo. Mas tem que se limitar à família. Nossas ações vão liderar a alta da Bolsa.

Dianne soltou uma exclamação abafada.

— Vai haver uma alta?

— Vai. Vamos liderá-la. A hora é essa, todos em Hong Kong estão prontos. Vamos fornecer os meios, vamos ser os líderes, e com um bom empurrão aqui e ali, vai haver uma disparada.

Fez-se um grande silêncio. Dunross ficou observando a avareza no rosto dela.

Seus dedos brincavam com as contas de jade. Viu Phillip fitando a distância, sabia que parte da sua mente de homem de negócios estava nas várias notas promissórias que ele, Phillip, subscrevera pela Struan, e que venciam num período de treze a trinta dias: doze milhões de dólares americanos para as Indústrias de Navegação Toda de Yokohama, pelos dois cargueiros gigantes, seis milhões e oitocentos mil para o Orlin International Merchant Bank, e setecentos e cinquenta mil para Tsu-yan, que cobrira um outro problema para ele. Mas a maior parte da mente de Phillip estaria concentrada nos vinte milhões de Bartlett e na alta das ações... na duplicação que ele previra arbitrariamente.

Duplicação?

De jeito nenhum... não, não havia a menor chance disso.

A não ser que houvesse uma alta desenfreada. A não ser que houvesse uma alta!

Dunross sentiu o coração bater mais rápido.

— Se houver uma alta... Santo Deus, Phillip, podemos ter sucesso!

— É, é, concordo. Hong Kong está no ponto. Ah, sim. —

Os olhos de Phillip Chen brilharam, seus dedos tamborilaram na mesa. — Quantas ações, tai-pan?

— Todo tos...

Excitada, Dianne interrompeu Dunross.

— Phillip, na semana passada meu astrólogo disse que este ia ser um mês importante para nós! Uma alta da Bolsa! Era a isso que devia estar se referindo.

— É verdade, lembro que você me contou, Dianne. Oh, oh, oh! Quantas ações, tai-pan? — perguntou de novo.

— Todo tostão disponível! Esta vai ser a grande oportunidade. Mas só a família até sexta-feira. Exclusivamente, até sexta-feira. Depois que a Bolsa fechar, deixarei transpirar a conclusão do negócio com Bartlett...

— Eeee — sibilou Dianne.

— É. Durante o fim de semana direi "nada a comentar"; certifique-se de que não possam localizá-lo, Phillip, e na segunda de manhã todo mundo estará indócil na pista. Ainda direi "nada a comentar", mas na segunda compraremos abertamente. Então, logo depois que se encerrar o expediente comercial de segunda, anunciarei a confirmação da transação. E aí, na terça...

— Vai começar a alta!

— É.

— Oh, dia feliz — coaxava Dianne, radiante. — E cada amah, camareiro, cule ou comerciante perceberá que a sorte está do seu lado, e tirará suas economias, e comprará, e todas as ações dispararão. Que pena que não vai haver um editorial amanhã... melhor ainda, um astrólogo num dos jornais... que tal o Fong Cem Anos... ou... — Estava quase vesga, de tão excitada. — E quanto a o astrólogo, Phillip?

Ele a fitou, chocado.

— O Velho Cego Tung?

— Por que não? Um pouco de h'eung yau na palma da sua mão... ou a promessa de algumas ações escolhidas. Heya?

— Bem, eu...

— Deixe comigo. O Velho Cego Tung me deve um ou dois favores, mandei-lhe um bocado de clientes! É. E ele não vai estar longe da verdade anunciando que os desígnios do céu prevêem a maior alta na história de Hong Kong, vai?

9

5h25m

O patologista da polícia, dr. Meng, ajustou o foco do microscópio e examinou a lasca de carne que cortara da orelha. Brian Kwok observava-o, impaciente. O médico era um can-tonense pequeno e pedante, com óculos de lentes grossas encarapitados na testa. Finalmente, ergueu os olhos, e os óculos caíram convenientemente sobre seu nariz.

— Bem, Brian, pode ter sido cortada de uma pessoa viva, e não de um cadáver... possivelmente. Possivelmente dentro das últimas oito ou dez horas. A machucadura... aqui, olhe aqui atrás — o dr. Meng mostrou delicadamente a descoloração atrás e em cima

—, isso certamente indica para mim que a pessoa estava viva na hora do corte.

— Por que a machucadura, dr. Meng? O que a causou? O corte?

— Podia ter sido causada por alguém que estivesse segurando firmemente o espécime — falou o dr. Meng, cautelosamente — enquanto era removido.

— Pelo quê? Faca, navalha, canivete, ou um cutelo chinês... cutelo de cozinha?

— Por um instrumento cortante. Brian Kwok soltou um suspiro.

— E isso poderia matar alguém? O choque? Uma pessoa como John Chen?

O dr. Meng formou um triângulo com os dedos.

— Poderia, possivelmente. Possivelmente não. Ele tem problemas cardíacos?

— O pai disse que não; ainda não falei com o médico particular dele, o sacana está de férias, mas John sempre demonstrou gozar de boa saúde.

— Esta mutilação provavelmente não mataria um homem saudável, mas ele se sentiria muito desconfortável por uma ou duas semanas. — O doutor abriu um sorriso. — Muito desconfortável, mesmo.

— Meu Deus! — exclamou Brian. — Não pode me dizer nada que me ajude?

— Sou um patologista forense, Brian, não um vidente.

— Não dá para me dizer se a orelha é eurásiana... ou apenas chinesa?

— Não. Não, com este espécime seria quase impossível. Mas certamente não é anglo-saxã, indiana ou negróide. — O dr. Meng tirou os óculos e fitou com olhar míope o superintendente alto. — Isto poderia possivelmente causar uma agitação e tanto na Casa de Chen, heya?

— É, e na Casa Nobre. — Brian Kwok pensou por um momento. — Na sua opinião, este Lobisomem, este maníaco, diria que ele é chinês?

— A escrita pode ser de uma pessoa instruída. Igualmente, pode ser de um quai loh fingindo ser uma pessoa instruída. Mas se ele ou ela era uma pessoa instruída, isso não significa necessariamente que a mesma pessoa que cometeu a ação tenha escrito a carta.

— Sei disso. Quais as probabilidades de que John Chen esteja morto?

— Pela mutilação?

— Pelo fato de que o Lobisomem, ou mais provavelmente os Lobisomens, mandaram a orelha sem sequer dar início às negociações.

O homenzinho sorriu e falou, secamente:

— Está se referindo ao ditado do velho Sun Tse "Mate um para aterrorizar dez mil"? Não sei. Não faço especulações sobre coisas tão imponderáveis. Calculo apenas as probabilidades dos cavalos, Brian, ou da Bolsa de Valores. Que tal a Golden Lady de John Chen no sábado?

— Tem grandes chances. Definitivamente. E a Noble Star de Struan, o Pilot Fish de Gornt, e mais ainda, a Butter-scotch Lass de Richard Kwang. Nesta favorita é que vou apostar. Mas Golden Lady é uma lutadora. Vai começar com três contra um. Corre muito, e a pista lhe vai ser favorável. Seca. Não dá nada na pista molhada.

— Ah, e algum sinal de chuva?

— É possível. Dizem que vem temporal por aí. Até um chuvisco pode fazer diferença.

— Então, é melhor que não chova até domingo, heya?

— Não vai chover este mês... só se tivermos uma sorte enorme.

— Bem, se chover, chove, e se não chover, não chove, e daí! O inverno já vem vindo... então esta maldita umidade irá embora. — O dr. Meng deu uma olhada para o relógio de parede. Eram cinco e trinta e cinco da tarde. — Que tal um traguinho rápido antes de irmos para casa?

— Não, obrigado. Ainda tenho umas coisinhas para fazer. Mas que abacaxi danado, esse!

— Amanhã verei se posso arrumar algumas pistas no pano, no papel de embrulho ou nas outras coisas. Quem sabe as impressões digitais serão de alguma ajuda — acrescentou o médico.

— Não estou apostando nisso. Essa história toda me cheira mal, me cheira muito mal, mesmo.

O dr. Meng concordou, e sua voz perdeu a suavidade.

— Qualquer coisa ligada à Casa Nobre e à sua marionete, a Casa de Chen, cheira mal, não é?

Brian Kwok passou a conversar em sei yap, um dos principais dialetos da província de Kwantung, falado por muitos dos cantonenses de Hong Kong.

— Ei, irmão, não quer dizer que todo e qualquer cão capitalista cheira mal, e que a Casa Nobre e a Casa de Chen têm os que mais fedem a bosta? — disse, caçoando.

— Ah, Irmão, não sabe ainda, bem dentro da sua cabeça, que os ventos da mudança estão varrendo o mundo? E que a China, sob a orientação imortal do presidente Mao, e do Pensamento de Mao, lide...

— Guarde a sua doutrinação para si mesmo — disse Brian Kwok friamente, voltando a falar em inglês. — A maioria dos pensamentos de Mao é tirada dos escritos de Sun Tse, Confúcio, Marx, Lao-Tse e outros. Sei que ele é um poeta... um grande poeta... mas usurpou a China, e agora ali não existe liberdade. Nenhuma.

— Liberdade? — replicou desafiadoramente o homenzinho. — O que significa a liberdade por alguns anos, quando, sob a liderança do presidente Mao, a China voltou a ser a China, e retomou o seu lugar de direito no mundo? Agora, a China é temida por todos os capitalistas nojentos! Até mesmo pela Rússia revisionista.

— É. Concordo. E por isso eu agradeço a ele. Entrementes, se não gosta daqui, volte para Cantão e vá trabalhar até gastar os colhões no seu paraíso comunista, e dew neh loh moh para todos vocês, comunistas... e seus seguidores da mesma estirpe!

— Você devia ir para lá, para ver por si mesmo. É pura propaganda que o comunismo é ruim para a China. Não lê os jornais? Agora não há ninguém passando fome.

— E quanto aos vinte e tantos milhões que foram assassinados após a tomada do poder? E quanto a toda a lavagem cerebral?

— Mais propaganda! Só porque frequentou escolas inglesas e canadenses, e fala feito um porco capitalista, não quer dizer que seja um deles. Lembre-se das suas origens.

— Lembro. E muito bem.

— Seu pai errou quando o mandou embora!

Todos sabiam que Brian Kwok nascera em Cantão, e que, aos seis anos de idade, fora a Hong Kong para estudar. Foi um estudante tão bom que, em 1937, aos doze anos, ganhou uma bolsa de

estudos para uma excelente escola particular em Londres, e seguiu para lá, e depois, em 1939, com o começo da Segunda Guerra Mundial, toda a escola foi transferida para o Canadá. Em 1942, aos dezoito anos, formou-se em primeiro lugar como monitor, e entrou para a Real Polícia Montada do Canadá, no setor à paisana, no imenso Bairro Chinês de Vancouver. Falava cantonense, mandarim, sei yap, e serviu com distinção. Em 1945, solicitou transferência para a Real Polícia de Hong Kong. Com a aprovação relutante da RPMC, que queria que continuasse lá, voltou a Hong Kong.

— Você está perdendo tempo trabalhando para eles, Brian — continuou o dr. Meng. — Devia servir às massas e trabalhar para o partido!

— O partido assassinou meu pai e minha mãe, e a maioria da minha família, em 43!

— Nunca se provou isso! Nunca. Foram boatos. Talvez os demônios do Kuomintang o tenham feito... havia caos àquela época em Cantão. Eu estava lá, eu sei! Talvez os porcos japoneses tenham sido os responsáveis... ou as tríades... quem sabe? Como pode estar certo?

— Estou certo, por Deus.

— Houve alguma testemunha? Não! Você mesmo me contou!
— A voz de Meng era áspera, e ele ergueu os olhos míopes para Kwok. — Ayeeyah, você é chinês, use a sua educação para a China, para as massas, não para o amo capitalista.

— Vá tomar no rabo!

O dr. Meng riu, e os óculos caíram para cima do nariz.

— Espere só, superintendente Kar-shun Kwok. Um dia, seus olhos se abrirão. Um dia verá toda a beleza da coisa.

— Enquanto isso não ocorre, trate de me arranjar umas respostas!

Brian Kwok saiu com largas passadas do laboratório e subiu o corredor até o elevador, com a camisa grudada às costas. "Gostaria que chovesse", pensou.

Entrou no elevador. Outros policiais o cumprimentaram, e ele retribuiu o cumprimento. Saltou no terceiro andar e caminhou pelo corredor até o seu gabinete. Armstrong estava à sua espera, lendo preguiçosamente um jornal chinês.

— Oi, Robert — disse ele, satisfeito ao ver o outro. — O que há de novo?

— Nada. E com você?

Brian Kwok contou-lhe o que o dr. Meng dissera.

— Aquele sacana e os seus "possivelmente"! A única coisa sobre a qual é enfático é um cadáver... e mesmo assim tem que verificar umas duas vezes.

— É... ou sobre o presidente Mao.

— Ah, tocou de novo esse disco quebrado?

— Foi. — Brian Kwok sorriu. — Disse-lhe que voltasse para a China.

— Jamais irá embora.

— Eu sei. — Brian ficou olhando para uma pilha de papéis na sua mesa, e soltou um suspiro. Depois, falou: — Não faz o gênero do pessoal daqui cortar uma orelha tão cedo.

— Não, não se for um seqüestro de verdade.

— Como?

— Podia ser uma vingança, e o seqüestro ser só um disfarce
— falou Armstrong, o rosto gasto endurecendo. — Concordo com
você e Dunross. Acho que já o mandaram desta para melhor.

— Mas, por quê?

— Talvez John estivesse tentando fugir, talvez tenha
começado uma luta, e eles ou ele entraram em pânico, e antes que
eles ou ele soubessem o que se passava, eles ou ele o esfaquearam
ou o acertaram na cabeça com um instrumento rombudo. —
Armstrong suspirou e espreguiçou-se para aliviar a pressão nos
ombros. — De qualquer modo, meu caro, nosso Grande Pai Branco
quer isso resolvido rapidamente. Honrou-me com um telefonema
para dizer que o governador ligara-lhe pessoalmente para expressar
sua preocupação.

Brian Kwok praguejou baixinho.

— Notícias ruins correm depressa! Nada ainda nos jornais?

— Não, mas toda a Hong Kong já sabe, e teremos um vento em brasa soprando nos nossos traseiros amanhã de manhã. O Sr. Maldito Lobisomem... assistido pela imprensa bexiguenta... malvada e não-cooperativa de Hong Kong... nos causará somente aborrecimentos, temo eu, até que prendamos o filho da mãe, ou os filhos da mãe.

— É. Mas nós vamos pegá-lo, ora se vamos!

— É. E que tal uma cerveja... ou melhor, um gim com tônica bem grande? Bem que me agradaria.

— Boa idéia. Seu estômago está ruim de novo?

— Está. Mary diz que são todos os bons pensamentos que guardo dentro de mim.

Riram juntos e dirigiram-se para a porta; já estavam no corredor quando o telefone tocou.

— Ignore o danado, não atenda, só pode ser problema — disse Armstrong, sabendo que nem ele nem Brian deixariam de atender.

Brian Kwok pegou o telefone e ficou petrificado. Era Roger Crosse, superintendente-chefe, diretor do Serviço Especial de Informações.

— Pronto, senhor?

— Brian, quer subir imediatamente?

— Sim, senhor.

— Armstrong está com você?

— Está, sim, senhor.

— Traga-o, também.

O telefone foi desligado.

— Sim, senhor. — Recolocou o fone no gancho, sentindo as costas molhadas de suor. — Deus está nos chamando, e rapidinho.

O coração de Armstrong bateu descompassado.

— Quem, eu? — Juntou-se a Brian, que se dirigia para o elevador. — Para que diabo ele me quer? Não pertencço mais ao sei.

— Não nos cabe perguntar por quê, cabe-nos apenas cagar nas calças quando ele murmura. — Brian Kwok apertou o botão do

elevador. — O que estará havendo?

— Tem que ser importante. Será o continente?

— Chu En-lai derrubou Mao e os moderados estão no poder?

— Sonhador! Mao vai morrer no posto, a Divindade da China.

— A única coisa boa que se pode dizer de Mao é que é chinês em primeiro lugar, e comuna em segundo. Amaldiçoados comunas!

— Ei, Brian, quem sabe os soviéticos não estão criando caso de novo na fronteira! Outro incidente?

— Quem sabe. É. A guerra está chegando... é, a guerra entre a Rússia e a China. Mao está certo nisso, também,

— Os soviéticos não são assim tão estúpidos.

— Não faça apostas, meu velho. Já disse e repeti antes, os soviéticos são o inimigo do mundo. Vai haver guerra... logo você vai me dever mil dólares, Robert.

— Não gostaria de pagar essa aposta. A matança será pavorosa.

— É. Mas, ainda assim, vai acontecer. Mao está certo, outra vez. Será realmente pavorosa... mas não catastrófica. — Brian Kwok apertou de novo o botão do elevador, com irritação. Ergueu os olhos, subitamente. — Será que finalmente foi iniciada a invasão, vinda de Formosa?

— Qual é, Brian! Fantasia? Deixe disso! Chang Kai-chek jamais sairá de Formosa.

— Se não sair, o mundo todo ficará atolado na pilha de estrume. Se Mao tiver trinta anos para consolidar... Meu Deus, você nem imagina! Um bilhão de autômatos? Chang é que estava certo em perseguir os comunas sacanas... são eles os verdadeiros inimigos da China. São a praga da China. Santo Deus, se tiverem tempo para condicionar todos os garotos!

— Você fala exatamente como um nacionalista militante — disse Armstrong suavemente. — Esfrie a cuca, rapaz, tudo está uma bosta no mundo, que não é nem nunca será normal... mas você, cão capitalista, pode correr no sábado, fazer alpinismo no domingo, e há sempre muitas gatinhas para comer. Certo?

— Desculpe. — Entraram no elevador. — Aquele sacana do Meng me tirou do sério — disse Brian, apertando o botão do último andar.

Armstrong passou a falar em cantonense.

— Dane-se a sua mãe com o seu desculpe, Irmão.

— E a sua foi enfiada por um macaco vagabundo com um só testículo num balde de excrementos de um porco.

Armstrong riu de orelha a orelha.

— Nada mau, Brian — falou, em inglês. — Nada mau mesmo.

O elevador parou. Seguiram pelo corredor pardacento. Diante da porta, prepararam-se, Brian bateu suavemente.

— Entre.

Roger Crosse estava na casa dos cinqüenta anos, um homem alto e magro de olhos azuis muito claros e cabelos louros, que começavam a ficar ralos, e mãos pequenas, de dedos longos. Sua mesa era meticulosamente arrumada, como suas roupas civis — um gabinete espartano. Indicou as cadeiras. Sentaram-se. Continuou lendo uma pasta. Quando acabou, fechou-a com cuidado e colocou-a diante de si. A capa era pardacenta, comum, de uso dos gabinetes.

— Um milionário americano chega com armas contrabandeadas, um milionário xangaiense muito suspeito, ex-trafficante de drogas, foge para Formosa, e agora um seqüestro com, Deus nos ajude, Lobisomens e uma orelha mutilada. Tudo isso em dezenove horas e uns quebrados. Onde está a ligação? Armstrong rompeu o silêncio.

— E deveria haver alguma, senhor?

— Não deveria?

— Desculpe, senhor, não sei. Ainda.

— Isso é muito chato, Robert, muito chato mesmo.

— Sim, senhor.

— Tedioso, para falar a verdade, especialmente porque os poderes lá de cima já começaram a respirar pesadamente no meu pescoço. E quando isso acontece... — Sorriu para eles, e ambos reprimiram um arrepio. — Claro, Robert, eu lhe avisei ontem que nomes importantes poderiam estar envolvidos.

— Sim, senhor.

— Bem, Brian, estamos preparando você para um alto posto. Não acha que podia desviar sua atenção de corridas de carro, corridas de cavalo e rabos-de-saia, e aplicar alguns dos seus talentos incontestes na solução deste modesto enigma?

— Sim, senhor.

— Por favor, faça-o. E bem depressa. Está designado para o caso juntamente com o Robert, porque pode requerer a sua perícia... durante os próximos dias. Quero essa história solucionada muito, mas muito depressa mesmo, pois temos um ligeiro problema. Um dos nossos amigos americanos no consulado ligou para mim

ontem à noite. Particularmente. — Fez um gesto na direção da pasta. — Este é o resultado. Com a dica dele interceptamos o original nas horas mortas... é claro que esta é uma cópia, o original foi devolvido, naturalmente, e o... — ele hesitou, escolhendo a palavra correta — mensageiro, um amador, diga-se de passagem, saiu sem ser incomodado. É um relatório, uma espécie de análise confidencial de notícias com diferentes cabeçalhos. São todos muito interessantes. É, são. Um deles diz "KGB na Ásia". Alega que têm uma rede de espionagem ultra-secreta, da qual nunca ouvi falar, de codinome "Sevrin", com gente hostil de alto nível em posições-chaves no governo, na polícia, no empresariado, ao nível dos taipans, espalhada por todo o sudeste asiático, especialmente aqui em Hong Kong.

Um assobio mudo escapou dos lábios de Brian Kwok.

— Isso mesmo — disse Crosse, amavelmente. — Se for verdade.

— E acha que é, senhor? — perguntou Armstrong.

— Francamente, Robert, talvez você esteja precisando de uma aposentadoria precoce por motivos de saúde: está de miolo

mole. Se eu não estivesse preocupado, acha que me submeteria ao prazer infeliz de solicitar a assistência do DIC de Kowloon?

— Não, senhor. Desculpe, senhor.

Crosse virou a pasta para eles, e abriu-a na página inicial. Os dois homens soltaram uma exclamação abafada. Dizia: "Confidencial, somente para Ian Dunross. Entregue em mãos, relatório 3/1963. Uma única cópia".

— É — continuou Crosse. — É. Esta é a primeira vez que temos provas concretas de que a Struan tem seu próprio sistema de informações. — Sorriu para eles, que ficaram arrepiados. — Certamente me agradaria saber como os negociantes conseguem estar a par de todo tipo de informações muito íntimas que devíamos saber séculos antes deles.

— Sim, senhor.

— É óbvio que o relatório faz parte de uma série. Ah, sim, e este aqui está assinado pelo Comitê de Pesquisas da Struan 16, por

um certo A. M. Grant... datado em Londres, há três dias.

Brian Kwok soltou nova exclamação.

— Grant? Seria o Alan Medford Grant, associado do Instituto de Planejamento Estratégico de Londres?

— Nota 10, Brian, não errou uma. É. O Sr. A. M. Grant em pessoa. O Sr. VIP, o conselheiro do governo de Sua Majestade para negócios sigilosos, que sabe distinguir alhos de bugalhos. Conhece-o, Brian?

Brian Kwok respondeu:

— Encontrei-o umas duas vezes na Inglaterra o ano passado, senhor, quando fiz o curso para oficiais superiores da Escola do Estado-Maior. Apresentou um trabalho sobre as considerações estratégicas avançadas no Extremo Oriente. Brilhante. Absolutamente brilhante.

— Felizmente ele é britânico e está do nosso lado. Mesmo assim... — Crosse soltou outro suspiro. — Espero sinceramente que ele esteja enganado desta vez, ou estamos mais atolados do que até eu imaginava. Parece que poucos dos nossos segredos ainda são segredos. Cansativo. Muito. E quanto a isso — tocou de novo na pasta —, estou realmente muito chocado.

— O original foi entregue, senhor? — quis saber Armstrong.

— Foi. A Dunross, pessoalmente, às quatro horas e dezoito minutos desta tarde. — A voz dele ficou ainda mais sedosa. — Felizmente, graças a Deus, minhas relações com nossos primos de além-mar são de primeira classe. Como as suas, Robert... e ao contrário das suas, Brian. Nunca realmente gostou dos Estados Unidos, não é, Brian?

— Não, senhor.

— Por quê, posso perguntar?

— Falam demais, senhor, e não dá para a gente lhes confiar nenhum segredo... são escandalosos, e acho que são burros.

Crosse sorriu apenas com os lábios.

— Não é motivo para não se dar bem com eles, Brian. Quem sabe o burro não é você?

— Sim, senhor.

— Não são todos burros, de jeito nenhum.

O diretor fechou a pasta, mas deixou-a virada para eles, que a fitavam, fascinados.

— Os americanos contaram como descobriram sobre a pasta, senhor? — perguntou Armstrong, sem pensar.

— Robert, creio realmente que sua sinecura em Kowloon deixou você de miolo mole. Devo recomendá-lo para uma aposentadoria por razões de saúde?

O grandalhão se crispou todo.

— Não, senhor. Obrigado, senhor.

— Nós lhes revelaríamos as nossas fontes?

— Não, senhor.

— Eles me diriam, se eu fosse grosso a ponto de lhes perguntar?

— Não, senhor.

— Essa história toda é muito tediosa, e cheia de desprestígio. Para mim. Não concorda, Robert?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Ainda bem.

Crosse recostou-se na sua cadeira, balançando-a. Seus olhos não se desgrudavam dos dois homens. Ambos se perguntavam quem dera a dica, e por quê.

"Não pode ter sido a CIA", pensava Brian Kwok. "Teria interceptado a informação ela mesma, não precisa do sei para fazer seu trabalho sujo. Aqueles filhos da mãe malucos fariam qualquer coisa, pisariam em todo mundo", pensou, enojado. "Se não foram eles, quem?

"Quem?"

"Deve ter sido alguém que pertence aos serviços de informações, mas que não pode, ou não pôde, interceptar o material, alguém que se dá bem, com segurança, com Crosse. Um funcionário consular? É possível, Johnny Mishauer, do Serviço Naval de Informações? Fora do seu campo. Quem? Não há muitos que... Ah, o sujeito do FBI, o protegido de Crosse! Ed Langan. Bem, e como Langan saberia desta pasta? Informações de Londres? É possível, mas o FBI não tem escritório lá. Se a dica veio de Londres, provavelmente a MI-5 ou 6 teriam sabido dela primeiro, e eles dariam um jeito de arranjar o material na fonte, e o teriam mandado por telex para nós, dando-nos o maior esporro por sermos incapazes no nosso próprio quintal. O avião do mensageiro pousou no Líbano? Parece que me lembro de um homem do FBI. Se não foi do Líbano ou de Londres, a informação deve ter vindo do próprio avião. Ah, um delator amistoso que estava presente e viu a pasta, ou a capa? Tripulação? Ayeeyah! Será que o avião era da twa ou da Pan Am? O FBI tem todo tipo de ligações, ligações estreitas... com todo tipo de empresas comuns, e acertadamente. Ah, sim. Há um vôo de domingo? Há. Pan Am, hora aproximada de chegada: vinte e trinta. Tarde demais para uma entrega noturna, na hora em que se chegasse ao hotel. Perfeito."

— É estranho que o mensageiro tenha vindo pela Pan Am e não pela boac... o vôo é muito melhor — disse, satisfeito com o

modo oblíquo pelo qual sua mente funcionara.

— É, foi o que pensei — disse Crosse, serenamente. — Terrivelmente antibritânico da parte dele. Claro que a Pan Am sempre pousa na hora, enquanto com a pobre velha boac nunca se sabe, hoje em dia... — Fez um gesto de cabeça afável na direção de Brian. — Nota 10, de novo. É o primeiro da classe.

— Obrigado, senhor.

— O que mais você deduziu? Após uma pausa, Brian Kwok disse:

— Em troca da dica, o senhor concordou em dar a Langan uma cópia exata da papelada.

— E...?

— E lamenta ter cumprido o prometido. Crosse soltou um suspiro.

— Por quê?

— Só saberei depois de ter lido o que contém a pasta.

— Brian, você está realmente se superando, hoje. Ótimo. — Distraidamente, o diretor ficou brincando com a pasta, e os dois homens sabiam que ele os estava provocando, deliberadamente, mas nenhum sabia por quê. — Há uma ou duas coincidências muito curiosas em outras seções desta pasta. Nomes como Vincenzo Banastasio... locais de encontro como o Sinclair Towers... O nome Nelson Trading significa algo para qualquer um de vocês?

Ambos sacudiram a cabeça.

— Tudo muito curioso. Comunas à nossa direita, comunas à nossa esquerda... — Os olhos dele ficaram ainda mais duros.

— Parece que temos um homem mau nas nossas próprias fileiras, possivelmente a nível de superintendente.

— Impossível! — exclamou Armstrong, involuntariamente.

— Durante quanto tempo esteve conosco no sei, meu rapaz?

Armstrong quase se encolheu.

— Dois turnos, quase cinco anos, senhor.

— O espião Sorge era impossível, Kim Philby era impossível, santo Deus, Philby! — A súbita deserção para a Rússia soviética, em janeiro daquele ano, desse inglês, desse antigo agente destacado da MI-6, o serviço de informações militar britânico para espionagem e contra-espionagem além-mar, fizera correr ondas de choque por todo o mundo ocidental, especialmente porque, até recentemente, Philby fora primeiro-secretário da embaixada britânica em

Washington, responsável pela ligação com os departamentos de Estado e da Defesa dos Estados Unidos e a CIA sobre todos os assuntos de segurança, no mais alto nível. — Como, em nome de tudo o que é sagrado, podia ter sido um agente soviético por todos esses anos, e continuar despercebido? É impossível, não é, Robert?

— Sim, senhor.

— E no entanto continuou, e esteve por dentro dos nossos principais segredos durante anos. Sem dúvida, de 42 a 58. E onde começou a espionar? Deus nos ajude, em Cambridge, em 1931. Recrutado para o partido por outro arquitraidor, Burgess, também de Cambridge, e seu amigo Maclean, que ambos queimem no inferno por toda a eternidade. — Alguns anos antes, esses dois diplomatas do Ministério do Exterior, em importantes colocações (ambos haviam sido do Serviço de Informações, durante a guerra), haviam fugido abruptamente para a Rússia segundos antes de serem apanhados pelos agentes da contra-espionagem britânica, e o escândalo que se seguiu abalou os alicerces da Grã-Bretanha e de toda a OTAN. — Quem mais recrutaram eles?

— Não sei, senhor — respondeu Armstrong, cautelosamente. — Mas pode apostar que agora são todos VIPS no governo, no Ministério do Exterior, no setor da educação, na imprensa, especialmente na imprensa, e como Philby, todos muito bem entocados.

— Com as pessoas, nada é impossível. Nada. As pessoas são realmente terríveis. — Crosse deu um suspiro e endireitou levemente a pasta. — É. Mas é um privilégio pertencer ao sei, não é, Robert?

— Sim, senhor.

—. É preciso ser convidado, não é? Não se pode entrar como voluntário, pode?

— Não, senhor.

— Nunca lhe perguntei por que não ficou conosco, perguntei?

— Não, senhor.

— E então?

Armstrong gemeu intimamente e respirou fundo.

— É porque gosto de ser policial, senhor, não um homem de capa-e-espada. Gosto de trabalhar no DIC. Gosto de medir inteligência com o bandido, gosto da caçada e da captura, e depois de provar tudo no tribunal, segundo as regras... a lei, senhor.

— Ah, mas no sei não agimos assim, não é? Não estamos interessados em tribunais ou leis ou coisa nenhuma, só nos resultados?

— O SEI e a SB têm regras diferentes, senhor — disse Armstrong, com cuidado. — Sem eles, a colônia estaria liquidada.

— É, estaria sim. As pessoas são terríveis, e os fanáticos se multiplicam como vermes num cadáver. Você foi um bom agente secreto. Agora me parece que chegou a hora de pagar todas as horas e meses de treinamento cuidadoso que teve, às expensas de Sua Majestade.

O coração de Armstrong baqueou duas vezes, mas ele ficou calado, apenas prendeu a respiração, e agradeceu a Deus porque nem mesmo Crosse poderia transferi-lo do DIC contra a sua vontade. Ele detestara os períodos passados no sei — no começo, fora excitante, e o fato de ter sido escolhido representava um grande voto de confiança, mas logo perdeu a graça —, os ataques súbitos contra os bandidos, nas horas mortas, interrogatórios in camera, nenhuma preocupação sobre a existência de provas concretas, apenas resultados e uma ordem secreta e rápida de deportação assinada pelo governador, depois a viagem imediata até a fronteira, ou até um junco com destino a Formosa, sem apelação ou volta. Jamais.

— Não é o estilo britânico, Brian — sempre comentara com o amigo. — Sou a favor de um julgamento justo, público.

— E que diferença faz? Seja prático, Robert. Sabe que os sacanas são todos culpados... são o inimigo, agentes inimigos comunas que se valem de nossas regras para continuar aqui, destruindo-nos e à nossa sociedade... auxiliados por alguns advogados filhos da mãe que fariam qualquer coisa por trinta moedas de prata, ou menos. A mesma coisa no Canadá. Santo Deus, cortávamos um dobrado na RPMC, nossos próprios advogados e políticos eram o inimigo, e canadenses recentes, curiosamente sempre britânicos, líderes dos sindicatos socialistas que estavam

sempre na dianteira de qualquer agitação. Que diferença faz, contanto que a gente se livre desses parasitas?

— Faz diferença, no meu modo de pensar. E aqui não há só bandidos comunistas. Há um bocado de bandidos nacionalistas que querem...

— Os nacionalistas querem que os comunistas saiam de Hong Kong, só isso.

— Uma ova! Chang Kai-chek queria tomar posse da colônia, depois da guerra. Foi a marinha britânica que o deteve, depois que os americanos abriram mão de nós. Ainda deseja ser o nosso soberano. Nesse aspecto, não é diferente de Mao Tsé-tung!

— Se o seu não tiver a mesma liberdade que o inimigo, como vamos evitar que ele nos aniquile?

— Brian, meu rapaz, só disse que eu não gosto de pertencer ao seu. Você vai adorá-lo. Eu só quero ser um tira, não um maldito Bond!

"É", pensou Armstrong, sombriamente, "só um tira, no DIC, até me aposentar e voltar para a boa e velha Inglaterra. Santo Deus, tenho problemas de sobra com os amaldiçoados Lobisomens." Olhou para Crosse, mantendo a fisionomia cuidadosamente impassível, e esperou.

Crosse o observou, depois deu uma batidinha na pasta.

— Segundo isto aqui, estamos muito mais atolados na lama do que até mesmo eu imaginava. Muito deprimente. É. — Ergueu os olhos. — Este relatório se refere a outros, anteriores, enviados a Dunross. Gostaria de vê-los o mais depressa possível. Rápida e discretamente.

Armstrong olhou para Brian Kwok.

— Que tal Claudia Chen?

— Não. Nem pensar. De jeito nenhum.

— Então o que sugere, Brian? — perguntou Crosse. — Imagino que meu amigo americano vá ter a mesma idéia... e se ele foi mal orientado o bastante para passar adiante a pasta, uma cópia dela, para o diretor da CIA aqui... eu realmente me sentiria muito deprimido se eles chegassem lá primeiro de novo.

Brian Kwok pensou por um momento.

— Podíamos mandar uma equipe especializada aos escritórios executivos e à cobertura do tai-pan, mas levaria tempo... não sabemos onde procurar... e teria que ser à noite. Poderia ser complicado, senhor. Os outros relatórios, se é que existem, podem estar num cofre na Casa Grande, ou na casa dele em Shek-O... até mesmo no seu... apartamento particular no Sinclair Towers, ou num outro qualquer cuja existência desconhecemos.

— Deprimente — concordou Crosse. — Nosso serviço de informações está ficando espantosamente relaxado, na nossa própria jurisdição. Uma pena. Se fôssemos chineses, saberíamos tudo, não é, Brian?

— Não, senhor. Desculpe, senhor.

— Bem, se não sabe onde procurar, terá que perguntar.

— Senhor?

— Pergunte. Dunross sempre pareceu cooperar, no passado. Afinal, é seu amigo. Pergunte onde estão, peça para vê-los.

— E se ele disser que não, ou que foram destruídos?

— Use a sua cuca talentosa. Bajule-o um pouco, use de alguma arte, chegue-se a ele. E negocie.

— Temos algo no momento para negociar com ele?

— A Nelson Trading.

— Senhor?

— Parte consta do relatório. Mais uma informaçãozinha modesta que terei prazer em dar-lhes, mais tarde.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

— Robert, o que você fez para encontrar John Chen e o Lobisomem, ou os Lobisomens?

— O DIC inteiro foi alertado, senhor. Pegamos o número do carro dele imediatamente e já o distribuímos num boletim. Entrevistamos a mulher dele, sra. Barbara Chen, entre outros... ela estava histérica quase o tempo todo, mas lúcida, muito lúcida sob a torrente de lágrimas.

— É?

— Sim, senhor. Ela... Bem, o senhor compreende.

— Sim.

— Disse que não era incomum o marido ficar fora até tarde... disse que tinha muitas reuniões de negócios até altas horas, e às vezes saía cedo para ir ao prado ou ao seu barco. Tenho absoluta certeza de que ela sabia que ele dava as suas voltinhas. Reconstituir os movimentos dele ontem à noite foi relativamente fácil até as duas da madrugada. Deixou Casey Tcholak no Old Vic por volta das dez e meia...

— Ele viu Bartlett ontem à noite?

— Não, senhor. Bartlett ficou dentro do seu avião em Kai Tak o tempo todo.

— John Chen falou com ele?

— Só se houvesse algum modo de ligar o avião ao nosso sistema telefônico. Nós o mantivemos sob vigilância até a batida de hoje de manhã.

— Continue.

— Depois de deixar a srta. Tcholak (a propósito, descobri que aquele era o Rolls-Royce do pai dele), ele tomou a balsa para o lado de Hong Kong, onde foi a um clube chinês particular perto da Queen's Road, e dispensou carro e chofer... — Armstrong pegou o seu bloquinho e consultou-o. —...Era o Tong Lau Club. Lá encontrou-se com um amigo e colega de negócios, Wo Sang Chi, e começaram a jogar mah-jong. Mais ou menos à meia-noite o jogo foi encerrado. Depois, com Wo Sang Chi e os outros dois jogadores, ambos amigos, Ta Pan Fat, um jornalista, e Po Cha Sik, corretor de valores, pegaram um táxi.

Robert Armstrong ouviu sua voz relatar os fatos, caindo no padrão policial familiar, e isso o deixou satisfeito e distraiu sua atenção da pasta e de todos os conhecimentos secretos que continha, e do problema do dinheiro de que necessitava com tanta pressa. "Tomara Deus eu pudesse ser apenas um policial", pensou, detestando o Serviço Especial de Informações e a necessidade da sua existência.

— Ta Pan Fat saltou do táxi primeiro, em sua casa na Queen's Road, depois Wo Sang Chi saltou na mesma rua, logo a seguir. John Chen e Po Cha Sik — achamos que ele tem ligações com as tríades, está sendo investigado com muito cuidado — foram para a Garagem Ting Ma, na Sunning Road, Causeway Bay, para apanhar o carro de John Chen, um Jaguar 1960. — Novamente consultou o bloquinho, desejando ser preciso, achando os nomes chineses confusos como sempre, mesmo depois de tantos anos. — Um empregado da garagem, Tong Ta Wey, confirmou isso. Depois, John Chen levou o amigo Po Cha Sik de carro até sua casa, Village Street, 17, no Happy Valley, onde o amigo saiu do veículo. Entrementes, Wo Sang Chi, companheiro de negócios de John Chen, que, curiosamente, dirige a companhia de transportes da Struan, que tem o monopólio dos carretos de e para Kai Tak, fora para o Restaurante Sap Wah, na Fleming Road. Declara que, quando já estava lá há trinta minutos, John Chen veio se encontrar com ele, e saíram do restaurante no carro de John, pretendendo apanhar umas dançarinas na rua e levá-las para cear...

— Ele nem pensou em ir a um cabaré e pagar pela companhia das garotas? — perguntou Crosse, pensativo. — Quanto custaria, Brian?

— Sessenta dólares de Hong Kong, senhor, àquela hora da noite.

— Sei que Phillip Chen tem reputação de ser avarento, mas o filho é igual?

— Àquela hora da noite, senhor — explicou Brian Kwok —, muitas moças começam a deixar os clubes, se ainda não arrumaram um parceiro. A maioria dos clubes fecha por volta de uma hora. O domingo não é um dia rendoso, senhor. É bem comum rodar por aí, pois não há necessidade de desperdiçar sessenta dólares, talvez duas ou três vezes sessenta dólares, porque as garotas decentes andam aos pares, ou trios, e comumente se leva duas ou três para jantar primeiro. Não há por que desperdiçar todo esse dinheiro, não é, senhor?

— Você roda por aí, Brian?

— Não, senhor. Não tenho necessidade... não, senhor. Crosse soltou um suspiro e voltou-se para Armstrong.

— Continue, Robert.

— Bem, senhor, eles não conseguiram pegar nenhuma moça, e foram para o Copacabana Night Club, no Sap Chuk Hotel, na Gloucester Road, para cear. Chegaram lá por volta de uma hora, e saíram por volta de uma e quarenta e cinco. Wo Sang Chi disse que viu John Chen entrar no seu carro, mas que não o viu sair dirigindo... depois foi a pé para casa, pois mora ali perto. Disse que John Chen não estava alto, ou de mau humor, nada disso, mas parecia animado, embora, anteriormente, no Tong Lau Club, parecesse irritadiço e quisesse interromper logo o jogo de mah-jong. E é o fim de tudo. Daí em diante, John Chen não foi mais visto pelos amigos... nem pela família.

— Ele contou a Wo Sang Chi aonde iria?

— Não. Wo Sang Chi nos disse que imaginara que tivesse ido para casa, mas depois acrescentou: "Quem sabe foi visitar a namorada?" Perguntamos quem era, mas ele disse que não sabia. Depois de muito insistirmos, falou que parecia lembrar um nome, Flor Fragrante, mas nada de endereço ou telefone... só isso.

— Flor Fragrante? Isso poderia se aplicar a uma infinidade de damas da noite.

— Sim, senhor.

Crosse ficou imerso em pensamentos, por um momento.

— Por que motivo Dunross iria querer eliminar John Chen?

Os dois policiais fitaram boquiabertos o seu superior.

— Ponha isso no seu cérebro de ábaco, Brian.

— Sim, senhor, mas não há motivo. John Chen não representa ameaça para Dunross, de modo algum... mesmo que se

tornasse o representante nativo. Na Casa Nobre, o tai-pan detém todo o poder.

— É?

— Ê. Por definição. — Brian Kwok hesitou, desconcertado de novo. — Bem, senhor, sim... eu... na Casa Nobre, sim.

Crosse voltou a atenção para Armstrong.

— E então?

— Nenhum motivo que eu possa imaginar, senhor. Ainda.

— Bem, continue tentando.

Crosse acendeu um cigarro, e Armstrong sentiu violentamente ânsia de fumar. "Nunca vou manter minha promessa", pensou. "Sacana maldito, Crosse, a cruz-que-todos-temos-que-carregar! Que diabo está pensando?" Viu Crosse oferecer-lhe um maço de Sênior Service, a marca que costumava fumar. "Não se iluda", pensou, "a marca que você ainda fuma."

— Não, senhor, obrigado — ouviu-se dizer, agulhadas de dor no estômago, no corpo todo.

— Não está fumando, Robert?

— Não, senhor, parei... estou tentando parar.

— Admirável! Por que motivo Bartlett iria querer eliminar John Chen?

Novamente, os dois policiais o fitaram, embasbacados. Depois Armstrong perguntou, com voz rouca:

— Sabe por quê, senhor?

— Se soubesse, por que lhes perguntaria? Cabe a vocês descobrir. Há uma ligação num canto qualquer. Coincidências demais, a coisa está certinha demais, simples demais... e fedendo demais. É, isso está me cheirando a envolvimento do KGB, e quando isso acontece nos meus domínios, devo confessar que fico irritado.

— Sim, senhor.

— Então, até agora tudo bem. Ponham a sra. Phillip Chen sob vigilância. É bem provável que esteja implicada, de alguma forma. As vantagens para ela são realmente bastante compensadoras. Sigam Phillip Chen também, por um ou dois dias.

— Isso já foi feito, senhor. Com os dois. Quanto a Phillip Chen, não é que suspeite dele, mas só porque acho que eles farão o de costume: não cooperar, ficar na moita, negociar em segredo, pagar em segredo e soltar um suspiro de alívio quando tudo estiver terminado.

— Exatamente. Por que será que esses sujeitos, não importa o quanto sejam educados, acham que são muito mais espertos do que nós, e não nos ajudam a fazer o trabalho que somos pagos para fazer?

Brian Kwok sentiu os olhos de aço penetrantes sobre si, e o suor escorreu pelas suas costas. "Controle-se", pensou. "Esse sacana não passa de um demônio estrangeiro, incivilizado, comedor de bosta, coberto de merda, sem mãe, saturado de dew neh loh mob, descendente de um macaco."

— É um velho costume chinês, que certamente o senhor conhece — retrucou, cortesmente —, desconfiar de todos os policiais, de todos os funcionários do governo... eles têm quatro mil anos de experiência, senhor.

— Concordo com a hipótese, mas com uma exceção. Os britânicos. Provamos, sem margem de dúvida, que somos dignos de confiança, podemos governar, e, de um modo geral, nossa burocracia é incorruptível.

— Sim, senhor.

Crosse fitou-o por um momento, tirando baforadas do seu cigarro. Depois, falou:

— Robert, sabe o que disseram ou conversaram John Chen e a srta. Tcholak?

— Não, senhor. Ainda não pudemos interrogá-la... passou o dia inteiro na Struan. Poderia ter importância?

— Vai à festa de Dunross, logo mais à noite?

— Não, senhor.

— Brian?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Robert, estou certo de que Dunross não vai se importar se eu o levar comigo, venha me buscar às oito. Todas as pessoas que contam em Hong Kong estarão lá... você pode ficar de ouvidos abertos e enfiar o nariz em qualquer canto. — Sorriu do seu comentário, e não se importou porque nenhum dos dois sorriu com ele. — Leiam agora o relatório. Volto logo. E Brian, por favor, não falhe hoje à noite. Seria realmente muito chato.

— Sim, senhor. Crosse saiu da sala.

Quando ficaram a sós, Brian Kwok enxugou a testa.

— Esse sacana me aterroriza.

— A mim, também, meu chapa. Sempre aterrorizou.

— Será que mandaria mesmo uma equipe invadir a Struan?
— perguntou Brian Kwok, incrédulo. — O âmago dos âmagos da Casa Nobre?

— Claro. Até lideraria a equipe, pessoalmente. Este é o seu primeiro período no sei, meu rapaz, portanto você não o conhece como eu. Aquele sacana lideraria uma equipe de assassinos até o inferno, se achasse isso suficientemente importante. Aposto que foi ele próprio que pegou a pasta. Santo Deus, atravessou a fronteira duas vezes, que eu saiba, para bater papo com um agente amistoso. Foi sozinho, imagine só!

Brian soltou uma exclamação abafada.

— E o governador sabe disso?

— Acho que não. Teria uma hemorragia, e se a MI-6 soubesse, ele seria assado vivo, e Crosse seria mandado para a Torre de Londres. Ele conhece segredos demais para se arriscar

desse jeito... mas é o Crosse, e não há nada que se possa fazer a respeito.

— Quem era o agente?

— O nosso homem em Cantão.

— Wu Fong Fong?

— Não, um novo; pelo menos era novo no meu tempo. Do exército.

— Capitão Ta Quo Sa? Armstrong deu de ombros.

— Esqueci. Kwok sorriu.

— É isso aí.

— Mesmo assim, o fato é que Crosse atravessou a fronteira. Ele faz as suas próprias leis.

— Puxa vida, você nem pode ir a Macau porque pertenceu ao sei há dois anos, e ele cruza a fronteira. É louco de se arriscar assim.

— É. — Armstrong começou a imitar Crosse. — "E como é que os comerciantes sabem das coisas antes de nós, meu caro rapaz? "É simples" — disse, respondendo a si mesmo, e sua voz voltou ao normal. — Eles gastam dinheiro. Gastam porradas de dinheiro, enquanto nós só temos brisa para gastar. Ele sabe disso, eu sei, e o mundo todo sabe. Santo Deus, como é que o FBI, a CIA, o KGB ou a CIA coreana trabalham? Gastando dinheiro! Diabos, mas é fácil ter Alan Medford Grant na sua equipe. Dunross o contratou. Um adiantamento de dez mil libras, isso compraria um bocado de relatórios. É mais do que o suficiente, quem sabe foi até menos. Quanto nos pagam? Duas mil libras por ano por trezentos e sessenta e seis dias de vinte e cinco horas, e um patrulheiro ganha quatrocentas libras. Imagine a burocracia que teríamos que enfrentar para obter dez mil libras secretas para comprar informações de um homem. Onde o FBI, a CIA e o maldito KGB estariam, se não tivessem fundos ilimitados? Diabos — acrescentou com azedume —, levaríamos seis meses para obter o dinheiro, se conseguíssemos obtê-lo, enquanto Dunross e cinqüenta outros tiram esse dinheiro da "caixinha". — O grandalhão ficou largado na

cadeira, olheiras escuras, olhos vermelhos, as maçãs do rosto marcadas pela luz do teto. Lançou um olhar para a pasta em cima da mesa, à sua frente, mas sem tocá-la, imaginando as notícias tenebrosas que devia conter. — É fácil para os Dunrosses do mundo — comentou.

Brian Kwok concordou, enxugou as mãos e guardou o lenço.

— Dizem que Dunross tem um fundo secreto, o fundo do tai-pan, iniciado por Dirk Struan com o dinheiro obtido quando incendiou e saqueou Foochow, um fundo que apenas o tai-pan atual pode usar para esse tipo de coisa, para h'eung yau, pagamentos especiais, qualquer coisa... quem sabe até um assassinatozinho. Dizem que chega a milhões.

— Também ouvi esse boato. É. Tomara Deus... ora, deixe pra lá. — Armstrong estendeu a mão para a pasta, hesitou, depois se levantou e se dirigiu para o telefone. — As primeiras coisas em primeiro lugar — disse ao amigo chinês, com um sorriso sardônico. — Primeiro vamos arrochar alguns VIPS. — Ligou para o QG da polícia, em Kowloon. — Armstrong... ligue-me com o sargento comissionado Tang-po, por favor.

— Boa noite, senhor. Sim, senhor? — a voz do sargento comissionado Tang-po era cálida e amistosa.

— Boa noite, sargento — respondeu ele, docemente. — Preciso de informações. Preciso saber a quem aquelas armas eram destinadas. Preciso saber quem são os raptos de John Chen. Quero John Chen, ou o corpo dele, de volta em três dias. E quero o Lobisomem, ou Lobisomens, atrás das grades, rapidinho.

Fez-se uma ligeira pausa.

— Sim, senhor.

— Por favor, espalhe a notícia. O Grande Pai Branco está muito zangado, de verdade. E quando ele fica só um pouquinho zangado, os superintendentes são enviados para outros comandos, e os inspetores também... até os sargentos, mesmo os sargentos comissionados de primeira classe. Alguns chegam a ser rebaixados para simples guardas e mandados para a fronteira. Alguns podem até ser exonerados ou deportados ou mandados para a prisão. Certo?

Fez-se uma pausa maior.

— Sim, senhor.

— E quando ele está realmente muito zangado, os homens sensatos fogem, antes que o combate à corrupção desabe sobre os culpados, e até sobre os inocentes.

Outra pausa.

— Sim, senhor. Vou espalhar a notícia, senhor, imediatamente. Sim, imediatamente.

— Obrigado, sargento. O Grande Pai Branco está muito zangado, de verdade. Ah, mais uma coisa. — A voz dele tornou-se mais seca. — Talvez você deva pedir ajuda aos seus irmãos sargentos. Eles certamente entenderão, o meu modesto problema é deles também. — Passou a falar em cantonense. — Quando os Dragões arrotam, Hong Kong inteira defeca. Heya?

Uma pausa mais longa.

— Cuidarei do caso, senhor.

— Obrigado.

Armstrong pôs o fone no gancho. Brian Kwok sorriu.

— Isso vai lhe contrair alguns músculos do esfíncter.

O inglês assentiu e sentou-se de novo, mas sua fisionomia continuava dura.

— Não gosto de apelar para isso com frequência... para falar a verdade, é a segunda vez que o faço, mas não tenho opção. Ele

deixou isso bem claro, assim como o Velho. É melhor você fazer o mesmo com suas fontes.

— Claro. "Quando os Dragões arrotam..." Estava fazendo trocadilho com os Cinco Dragões lendários?

— Estava.

Agora, o belo rosto de Brian Kwok se acomodara num molde — frios olhos negros na pele dourada, o queixo quadrado quase imberbe.

— Tang-po é um deles?

— Não sei, ao certo. Sempre achei que era, embora sem nada em que me basear. Não, não estou certo, Brian. Ele é?

— Não sei.

— Bem, não importa que seja ou não. A notícia chegará a um deles, e é só o que me interessa. Pessoalmente, estou convencido de que os Cinco Dragões existem, que são cinco sargentos chineses, talvez até sargentos de polícia, que controlam toda a jogatina ilegal de Hong Kong, e provavelmente, possivelmente, redes de proteção, alguns cabarés e garotas... cinco entre onze. Cinco sargentos superiores entre onze possibilidades. Hem?

— Eu diria que os Cinco Dragões são reais, Robert, talvez haja mais, talvez menos, mas toda a jogatina de rua é controlada pela polícia.

— Provavelmente controlada por membros chineses da nossa Real Força Policial, meu rapaz — disse Armstrong, corrigindo-o. — Ainda não temos prova concreta alguma... e há anos que estamos atrás dela. Duvido que jamais consigamos provar a coisa. — Abriu um sorriso. — Talvez você consiga, quando for comissário assistente.

— Corta essa, Robert, pelo amor de Deus.

— Diabos, você tem apenas trinta e nove anos, tem o curso especial de figurão da Escola do Estado-Maior, e já é superintendente. Aposto cem contra dez que você vai terminar nesse posto.

— Fechado.

— Devia ter apostado cem mil — falou Armstrong, fingindo azedume. — Aí você não teria aceito.

— Experimente para ver.

— Não posso. Quem sou eu para perder todo esse tutu? Você pode ser morto, ou coisa parecida, neste ano ou no próximo, ou pedir demissão... mas se nada disso acontecer, vai para o posto antes de se aposentar, presumindo-se que queira chegar lá.

— Nós dois.

— Eu não... sou um inglês fanático demais. — Armstrong bateu-lhe nas costas, satisfeito. — Vai ser um grande dia. Mas você também não vai acabar com os Dragões... mesmo que consiga provar a coisa, do que duvido.

— Não?

— Não. Pouco se me dá a jogatina. Todos os chineses querem jogar, e se alguns sargentos chineses da polícia controlam a jogatina ilegal de rua, na sua maior parte ela será limpa e justa, embora ilegal pra caramba. Se eles não a controlarem, as tríades o farão, e então os pequenos grupos de sacanas nojentos que conseguimos manter afastados com tanto cuidado vão se unir de novo num único e grande tong, e aí teremos um problema de verdade. Você me conhece, rapaz, não sou cara de balançar nenhum coreto, e é por isso que não cheguei a comissário assistente. Gosto do status quo. Os Dragões controlam a jogatina, e assim mantemos as tríades divididas... e enquanto a polícia se mantiver unida e for a tríade mais forte de Hong Kong, sempre teremos paz nas ruas, uma população bem-comportada e quase nenhum crime, crime violento.

Brian Kwok fitou-o.

— Você acredita mesmo nisso, não é?

— Acredito. No momento, de uma maneira meio estranha, os Dragões são um dos nossos esteios mais fortes. Sejamos realistas, Brian, só os chineses podem governar os chineses. O status quo também é bom para eles... o crime violento é ruim. E assim, obtemos ajuda quando precisamos, e às vezes, ajuda que nós, demônios estrangeiros, provavelmente não conseguiríamos obter de outra maneira. Não sou favorável à corrupção deles, ou à infração da lei, de modo algum... ou ao suborno e a todos os outros golpes baixos que temos que dar, ou aos delatores. Mas qual a força policial do mundo que pode operar sem sujar as mãos algumas vezes, e sem os alcagüetes filhos da mãe? Assim, o mal que os Dragões representam preenche uma necessidade existente aqui, acho eu. Hong Kong é a China, e a China é um caso especial. Enquanto for só o jogo ilegal, pouco se me dá. Se estivesse nas minhas mãos, tornaria o jogo legal hoje mesmo, mas arrasaria com qualquer um por rede de proteção a lojas, cabarés, garotas, ou seja lá o que for. Não suporto cafetão, como bem sabe... O jogo já é outra história. Como se pode impedir que um chinês jogue? Não se pode. Assim, tornemo-lo legal, e deixemos todo mundo feliz. Há quantos anos a polícia de Hong Kong vem aconselhando isso, e todo ano a proposta é rejeitada? Que eu saiba, vinte anos. Mas, ah, não, e por quê? Macau. Claro como a água. A boa e velha Macau portuguesa se alimenta do jogo ilegal e do contrabando de ouro, e é isso o que a mantém viva, e nós não podemos nos dar ao luxo, nós, o Reino Unido, não podemos nos dar ao luxo de deixar o nosso velho aliado entrar pelo cano.

— Robert Armstrong para primeiro-ministro!

— Vá tomar no rabo! Mas é verdade. O que recolhemos com o jogo ilegal é o nosso único dinheiro para suborno... um bocado da grana vai para o pagamento da nossa rede de informantes. Onde mais podemos conseguir esse dinheiro? Com o nosso governo agradecido? Não me faça rir! De alguns dólares extras de impostos da população agradecida que protegemos? Ah!

— Talvez. Talvez não, Robert. Mas o tiro vai sair pela culatra, qualquer dia desses. Os pagamentos especiais... o dinheiro solto e sem origem definida que, "por acaso", vai parar numa gaveta de delegacia? Não é?

— É, mas não no meu bolso, porque não estou metido nisso, não recebo nada por fora, e nem a grande maioria, quer seja britânica, quer chinesa. Entrementes, como podemos nós, trezentos e vinte e sete pobres demônios estrangeiros policiais superiores, controlar oito mil e tantos policiais subalternos e tiras, e mais três milhões e meio de filhos da mãe civilizados que nos odeiam? É essa a questão.

Brian Kwok riu. Foi uma risada contagiosa, e Armstrong riu com ele, acrescentando:

— Vá tomar no rabo de novo, por provocar o meu desabafo.

— Da mesma forma. Como é, quem vai ler primeiro, você ou eu?

Armstrong olhou para a pasta que tinha nas mãos. Era fina continha doze páginas datilografadas em espaço 1, e mais parecia um relatório confidencial de análise de notícias, com tópicos sob cabeçalhos diferentes. A página do índice dizia: "Parte 1: Previsão política e comercial do Reino Unido. Parte 2: O KGB na Ásia. Parte 3: Ouro. Parte 4: Progressos recentes da CIA".

Com ar cansado, Armstrong pôs os pés em cima da mesa e se acomodou mais confortavelmente na cadeira. Depois, mudou de idéia e entregou a pasta ao outro.

— Tome, leia você. Lê mais depressa do que eu, mesmo. Já estou cansado de ler sobre desgraças.

Brian Kwok pegou a pasta, mal contendo a impaciência, o coração batendo forte e pesadamente. Abriu-a e começou a ler.

Armstrong observava-o. Viu o rosto do amigo se modificar imediatamente e perder a cor. Aquilo o perturbava demais. Brian Kwok não se chocava com facilidade. Observou-o enquanto lia até o fim sem fazer comentário, depois voltava a reler um ou outro parágrafo, até que fechou a pasta, devagar.

— É tão ruim assim? — falou Armstrong.

— É pior. Parte dele... bem, se não fosse assinado por A. Medford Grant, eu diria que ele estava doido. Alega que a gia tem uma ligação séria com a Máfia, que estão tramando e já tramaram o assassinato de Castro, estão com força total no Vietnam, envolvidos em drogas e sabe lá Deus o que mais... tome... leia você mesmo.

— E quanto ao agente inimigo infiltrado, ao "toupeira"?

— Temos um toupeira, sem dúvida. — Brian reabriu a pasta e achou o parágrafo que queria. — Escute: "Não há dúvida de que atualmente existe um agente comunista de alto nível infiltrado na polícia de Hong Kong. Documentos altamente secretos que foram trazidos para o nosso lado pelo general Hans Richter (segundo em comando do Departamento de Segurança Interna da Alemanha Oriental), quando se bandeou para nós em março deste ano, afirmam claramente que o codinome do agente é 'Nosso Amigo', e que está na posição há pelo menos dez, ou talvez quinze anos. O contato dele é provavelmente um oficial do KGB em Hong Kong, fazendo-se passar por um empresário amigável em visita, vindo dos países da Cortina de Ferro, possivelmente por um banqueiro ou um jornalista, ou um marujo de um dos cargueiros soviéticos visitando Hong Kong ou sendo consertado aqui. Entre outras informações documentadas que agora sabemos que Nosso Amigo forneceu ao inimigo estão: todos os canais de rádio reservados, todos os números de telefone particulares do governador, chefe de polícia e altos escalões do governo de Hong Kong, juntamente com dossiês muito particulares sobre a maioria deles..."

— Dossiês? — interrompeu Armstrong. — Estão incluídos?

— Não.

— Merda! Continue, Brian.

— "...sobre a maioria deles; os planos de batalha secretos da polícia para enfrentar uma insurreição provocada pelos comunistas, ou uma repetição dos tumultos de Kowloon; cópias dos dossiês particulares de todos os policiais acima do posto de inspetor; os nomes dos seis principais agentes secretos nacionalistas do Kuomintang, operando em Hong Kong sob a autoridade atual do general Jen Tang-wa (Apêndice A); uma lista detalhada dos agentes do Serviço Especial de Informações em Kwantung, sob a autoridade geral do agente graduado Wu Fong Fong (Apêndice B)."

— Meu Deus! — Armstrong soltou uma exclamação abafada.
— É melhor tirarmos o velho Fong Fong e o pessoal dele de lá, rapidinho.

— Wu Tat-sing está na lista? Kwok examinou o apêndice.

— Está. Ouça, o parágrafo termina assim: "...O comitê chegou à conclusão de que, até que este traidor seja eliminado, a segurança interna de Hong Kong está em perigo. Ignoramos por que esta informação ainda não foi passada adiante à própria polícia. Imaginamos que isso tenha ligação com a atual infiltração política soviética na administração do Reino Unido, em todos os níveis, o que permite a existência de Philbys e que informações como estas sejam

omitidas, suavizadas ou até alteradas (o que foi material do Estudo 4/1962). Sugerimos que este relatório, ou parte dele, chegue imediatamente por vias indiretas aos ouvidos do governador ou do comissário de polícia de Hong Kong (se os considerar dignos de confiança)". — Brian Kwok ergueu os olhos, a mente em torvelinho. — Tem mais umas coisinhas aqui. Deus, a situação política no Reino Unido, e depois Sevrin... Leia. — Sacudiu a cabeça, desalentado. — Pombas, se isso é verdade... estamos atolados até o pescoço. Deus do céu!

Armstrong praguejou baixinho.

— Quem? Quem poderia ser o espião? Tem que ser lá de cima. Quem?

Depois de um grande silêncio, Brian disse:

— O único... o único que poderia saber disso tudo é o próprio Crosse.

— Ora, qual é, pela madrugada!

— Pense bem, Robert. Ele conhecia Philby. Não frequentou Cambridge, também? Ambos têm origens semelhantes, estão na mesma faixa de idade, pertenceram à Inteligência durante a guerra... como Burgess e Maclean. Se Philby conseguiu tapear o mundo por todos esses anos, por que não Crosse?

— Impossível!

— Quem mais, senão ele? Não pertenceu à MI-6 a vida toda? Não passou um período trabalhando aqui, no começo dos anos 50, e não foi trazido de volta para organizar o nosso sei como setor separado da sb há cinco anos? Não tem sido o diretor, desde então?

— Isso não prova nada.

— É?

Fez-se um longo silêncio. Armstrong observava o amigo atentamente. Conhecia-o bem demais e sabia que falava sério.

— O que você sabe? — perguntou, inquieto.

— Digamos que Crosse seja homossexual.

— Você está completamente louco — explodiu Armstrong. — Ele é casado e... e pode ser um filho da mãe safado, mas nunca houve sequer um murmúrio a respeito disso, nunca.

— É, mas ele não tem filhos, a mulher mora quase permanentemente na Inglaterra, e, quando está aqui, dormem em quartos separados.

— Como sabe?

— A amab sabe, portanto, se eu quisesse saber, seria fácil descobrir.

— Isso não prova nada. Muita gente tem quartos separados. Está errado sobre Crosse.

— Digamos que eu pudesse apresentar-lhe provas?

— Que provas?

— Onde vai sempre passar parte da sua licença? Nas montanhas Cameron, na Malásia. Digamos que tenha um amigo ali, um jovem malaio, um conhecido pervertido.

— Eu precisaria de fotografias, e ambos sabemos que elas podem ser adulteradas — disse Armstrong, asperamente. — Precisaríamos de fitas gravadas, e ambos sabemos que também podem ser adulteradas. O jovem? Isso nada prova... é o truque mais antigo do mundo apresentar falso testemunho e falsas testemunhas. Nunca houve nem mesmo uma insinuação... e ainda que seja "gilete", isso nada prova... nem todos os pervertidos são traidores.

— Não. Mas todos os pervertidos são um excelente alvo para a chantagem. E se ele for, é altamente suspeito. Altamente suspeito. Certo?

Armstrong olhou à sua volta, inquieto.

— Ele pode ter posto escutas na sala.

— E se tiver?

— Se tiver e for verdade, pode acabar com a gente num piscar de olhos. Sendo verdade ou não.

— Pode ser... mas se ele for o espião, saberá que nós estamos sabendo, e se não for, rirá na nossa cara, e eu estou fora do sei. De qualquer maneira, Robert, ele não pode acabar com todos os chineses da força policial.

Armstrong fitou-o.

— O que quer dizer com isso?

— Talvez também haja uma pasta sobre ele. Talvez todo chinês, de cabo para cima, já a tenha lido.

— Como?

— Qual é, Robert? Você sabe como os chineses são unidos. Talvez haja uma pasta, tal...

— Está querendo dizer que estão todos organizados numa irmandade? Uma tong, uma sociedade secreta? Uma tríade dentro da polícia?

— Eu disse "talvez". Tudo isso são suposições, Robert. Eu disse "talvez" e "pode ser".

— Quem é o Grande Dragão? Você?

— Nunca disse que havia tal agrupamento. Disse "talvez". — Existem outras pastas? Sobre mim, por exemplo?

— Talvez.

— E?

— E, se houvesse, Robert — disse Brian Kwok, suavemente —, ela diria que você é um excelente policial, incorrupto, que jogou muito na Bolsa, e jogou mal, e precisava de vinte e tantos mil dólares para pagar umas dívidas urgentes... e mais algumas coisinhas.

— Que coisinhas?

— Estamos na China, amigão. Sabemos de quase tudo o que se passa com os quai loh. Temos que sobreviver, não?

Armstrong olhou para ele, de modo estranho.

— Por que não me contou antes?

— Não lhe contei nada, agora. Nada. Disse "talvez" e repito: "talvez". Mas se tudo isso for verdade... — entregou a pasta e enxugou o suor do lábio superior. — Leia você mesmo. Se for verdade, estamos no mato sem cachorro e teremos que agir muito rapidamente. O que eu falei foram apenas suposições. Mas não quanto a Crosse. Escute, Robert, aposto mil... mil contra um que o toupeira é ele.

10

19h43m

Dunross acabou de ler a pasta de capa azul pela terceira vez. Leu-a logo que chegou, como sempre, depois mais uma vez, enquanto se dirigia para o palácio do governador. Fechou a capa azul e pousou-a por um momento no colo, a mente tumultuada. Agora, estava no seu escritório no segundo andar da Casa Grande, que se situava num cômodo na parte superior do Pico, os janelões envidraçados dando para jardins iluminados por holofotes, e depois, bem lá embaixo, a cidade e a imensidão do porto.

O relógio de pé, antigo, bateu um quarto para as oito.

"Faltam quinze minutos", pensou. "Depois, nossos convidados chegam, a festa começa e todos tomamos parte numa nova charada. Ou quem sabe apenas continuamos com a mesma."

A sala tinha teto alto e lambris de carvalho velho, cortinas de veludo verde-escuro e tapetes de seda chineses. Era um aposento masculino, confortável, antigo, um pouco gasto e decorado com carinho. Ouviu as vozes abafadas dos criados, lá embaixo. Um carro subiu o morro e passou adiante.

O telefone tocou.

— Sim? Ah, alô, Claudia.

— Ainda não consegui falar com Tsu-yan, tai-pan. Não estava no escritório. Já ligou para o senhor?

— Não, ainda não. Continue tentando.

— Certo. Até daqui a pouco. Tchau.

Estava sentado numa poltrona funda, de braços e espaldar alto, e usava um dinner jacket com o nó na gravata ainda por dar. Ficou olhando distraído pela janela, a vista sempre agradável. Mas naquele dia estava cheio de maus pressentimentos, pensando em Sevrin, no traidor, e em todas as outras coisas más que o relatório previra.

O que fazer?

— Rir — falou em voz alta. — E lutar.

Levantou-se e caminhou com passos suaves até o retrato a óleo de Dirk Struan que estava na parede, acima da cornija da lareira. A moldura era pesada, dourada e velha, o dourado estava lascado aqui e ali, e havia dobradiças secretas num dos lados. Afastou-a da parede e abriu o cofre que a tela escondia. No cofre havia muitos papéis, alguns amarrados com capricho com fitas escarlates, alguns antigos, outros novos, umas poucas caixinhas,

uma Mauser carregada e bem lubrificada presa a um dos lados do cofre, uma caixa de munição, uma imensa Bíblia antiga com as armas da Struan gravadas no belo couro velho, e sete pastas de capa azul, semelhantes à que trazia nas mãos.

Pensativo, colocou a pasta ao lado das outras, em seqüência. Fitou-as por um momento, e começou a fechar o cofre, mas mudou de idéia quando seus olhos depararam com a Bíblia antiga. Acariciou-a de leve, depois tirou-a de lá e abriu-a. Presas à grossa folha de rosto com lacre velho, havia as metades de duas velhas moedas de bronze chinesas, partidas grosseiramente. Era óbvio que, antigamente, tinha havido quatro daquelas meias moedas, pois ainda havia a impressão das duas que faltavam, e os restos do mesmo lacre vermelho presos ao papel antigo. A caligrafia que encabeçava a página era linda e nítida: "Juro pelo Senhor Deus, que, quem quer que seja que apresente a outra parte de qualquer dessas moedas, eu lhe concederei qualquer coisa que pedir". Estava assinado: "Dirk Struan, 10 de junho de 1841", e abaixo da assinatura dele havia a de Culum Struan e as de todos os outros tai-pans, e o último nome era Ian Dunross.

Ao lado do primeiro espaço, onde antes houvera uma moeda, fora escrito: "Wu Fang Choi, pago parcialmente, 16 de agosto, Ano do Nosso Senhor de 1841", e havia novamente a assinatura de Dirk Struan, com a co-assinatura de Culum Struan logo abaixo, e, datado de 18 de junho de 1845, "pago integralmente". Ao lado do segundo: "Sun Chen-yat, pago integralmente, 10 de outubro de 1911", assinado, ousadamente, pela Bruxa Struan.

"Ah", disse Dunross para si mesmo, perturbado, "que bela arrogância! Ser segura ao ponto de assinar o livro daquele jeito, e não como Tess Struan, para que as futuras gerações vissem.

"Quantas gerações mais?", perguntou-se. "Quantos tai-pans mais terão que assinar cegamente, e fazer o juramento sagrado de cumprir os desejos de um homem morto há quase um século e meio?"

Pensativo, correu os dedos pelas beiradas irregulares das duas meias moedas que restavam. Depois de um momento, fechou a Bíblia com firmeza, colocou-a de novo no lugar, tocou-a uma vez para dar sorte e trancou o cofre. Girou a tela de volta para o lugar, e fitou o quadro, agora de pé, com as mãos enfiadas nos bolsos, diante da cornija da lareira, o carvalho velho e pesado entalhado com as armas da Struan, lascado e quebrado aqui e ali, um velho pára-fogo chinês em frente da imensa lareira.

Aquele retrato a óleo de Dirk Struan era o seu preferido. Quando se tornara tai-pan, ele o havia tirado da Galeria Longa e o pendurara ali no lugar de honra, em substituição ao retrato da Bruxa Struan que encimara a lareira do escritório do tai-pan desde que existira uma Casa Grande. Ambos tinham sido pintados por Aristotle

Quance. No retrato, Dirk Struan estava de pé diante de uma cortina carmesim, ombros largos, arrogante, seu casaco preto bem-talhado, o colete, a gravata e a camisa de babados brancos e bem-talhados. Sobrancelhas cerradas, nariz forte, cara raspada, cabelos avermelhados e suíças, lábios encrespados, e podia-se sentir os seus olhos penetrantes, o verde deles realçado pelo preto, o branco e o escarlata.

Dunross deu um meio sorriso, sem medo, sem inveja, mais acalmado do que qualquer outra coisa pelo olhar do seu ancestral... sabendo que era possuído, parcialmente possuído por ele. Ergueu a taça de champanha para a tela numa brincadeira meio zombeteira, como havia feito tantas vezes antes.

— Saúde!

Os olhos o fitavam, também.

"O que faria você, Dirk... fantástico Dirk?", pensou.

— Provavelmente diria: "Encontre os traidores e mate-os" — refletiu em voz alta —, e provavelmente teria razão.

O problema do traidor na polícia não o abalava tanto quanto a informação sobre a rede de espionagem Sevrin, suas ligações nos Estados Unidos e os lucros secretos e espantosos obtidos pelos comunistas na Grã-Bretanha. "Mas que diabo, onde Grant consegue todas essas informações?", perguntou a si mesmo, pela centésima vez.

Lembrou-se do primeiro encontro que tiveram. Alan Medford Grant era um homem baixo, com jeito de gnomo, quase calvo, e tinha olhos e dentes grandes. Usava um terno riscadinho e chapéu-coco, e Dunross gostou dele imediatamente.

— Não se preocupe, Sr. Dunross — dissera Grant quando Dunross o contratara em 1960, logo que se tornara tai-pan. — Asseguro-lhe que não haverá interesses conflitantes com o governo de Sua Majestade, se eu presidir o seu comitê de pesquisas, sem exclusividade, como combinamos. Para falar a verdade, já obtive a aprovação deles. Dar-lhe-ei apenas, confidencialmente, é claro, para o senhor pessoalmente, é claro, e com a publicação absolutamente vedada, dar-lhe-ei apenas as informações sigilosas que, na minha opinião, não põem em risco o interesse nacional. Afinal de contas, nossos interesses são os mesmos, não são?

— Acho que sim.

— Posso perguntar-lhe como soube de mim?

— Temos amigos em altas esferas, Sr. Grant. Em certos círculos o seu nome é muito famoso. Talvez até mesmo um secretário do exterior o recomendasse — acrescentara, delicadamente.

— Ah, sei.

— Nosso arranjo é satisfatório?

— Sim... um ano, inicialmente, podendo ser prorrogado para cinco, se tudo correr bem. Após os cinco?

— Mais cinco — disse Dunross. — Se obtivermos os resultados que quero, seu pagamento antecipado será dobrado.

— Ah, quanta generosidade! Mas posso perguntar-lhe por que está sendo tão generoso, talvez "extravagante" fosse a palavra certa, comigo e com esse comitê em projeto?

— Sun Tse disse: "O que permite a um sábio soberano ou a um bom general atacar, conquistar e obter coisas fora do alcance dos homens normais é o conhecimento antecipado. O conhecimento antecipado vem somente através dos espões. Nada é mais importante para o Estado do que a qualidade dos seus espões. É dez mil vezes mais barato pagar regamente aos melhores espões do que até mesmo a um pequeno exército pobremente".

Alan Medford Grant riu de orelha a orelha.

— Certíssimo! As minhas oito mil e quinhentas libras por ano são um régio pagamento, Sr. Dunross. Ah, sim, sem dúvida.

— Consegue pensar num melhor investimento para mim?

— Não, se eu atuar corretamente, se eu e os que escolher formos os melhores existentes. Mesmo assim, trinta e tantas mil libras em salários por ano... um fundo de até cem mil libras para... para informantes e informações, tudo dinheiro sigiloso... bem, espero que fique satisfeito com o seu investimento.

— Se você for o melhor, recuperarei dez mil vezes o meu investimento. Espero recuperá-lo dez mil vezes — disse, falando sério.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance, é claro. Agora, especificamente, que tipo de informação quer?

— Toda e qualquer informação, comercial, política, que ajude a Struan a fazer planos antecipados, especialmente no tocante à costa do Pacífico, ao modo de pensar russo, americano e japonês. Nós próprios provavelmente saberemos mais sobre as atitudes chinesas. Por favor, dê-me sempre mais do que menos. Na verdade, qualquer coisa seria mais valiosa, porque estou querendo tirar a Struan do comércio da China... mais especificamente, quero que a companhia seja internacional, e quero diversificar, sair da nossa dependência atual do comércio com a China.

— Muito bem. Primeiro: não gostaria de confiar os nossos relatórios aos correios.

— Providenciarei um mensageiro.

— Obrigado. Segundo: preciso ter carta branca para escolher, nomear e demitir os outros membros do comitê... e gastar o dinheiro como achar apropriado.

— De acordo.

— Cinco membros serão suficientes.

— Quanto quer lhes pagar?

— Cinco mil libras por ano, pagamento antecipado, sem exclusividade, para cada um, seria excelente. Por esse preço posso conseguir os melhores homens. É. Nomearei membros associados para estudos especiais, à medida que for precisando. Como a maioria dos nossos contatos serão no exterior, muitos na Suíça, será que poderia haver fundos à disposição lá?

— Digamos que eu deposite a quantia total combinada trimestralmente numa conta suíça numerada. Pode sacar os fundos à medida que for precisando... somente a sua assinatura, ou a minha. Preste contas a mim, exclusivamente, trimestralmente. Se quiser estabelecer um código, tudo bem para mim.

— Excelente. Não poderei dar o nome de ninguém... não posso prestar contas das pessoas a quem vou dar o dinheiro.

Depois de uma pausa, Dunross disse:

— Está bem.

— Obrigado. Acho que nos entendemos. Pode me dar um exemplo do que deseja?

— Por exemplo, não quero ser pego de surpresa, como aconteceu com meu predecessor, no caso de Suez.

— Ah! Está se referindo ao fiasco de 1956, quando Eisenhower nos traiu de novo e causou o fracasso do ataque britânico-franco-israelense ao Egito... porque Nasser nacionalizara o canal?

— É. Aquilo nos custou uma fortuna... acabou com os nossos interesses no Oriente Médio, quase nos arruinou. Se o tai-pan anterior tivesse sabido sobre um provável fechamento de Suez, teríamos ganho uma fortuna reservando espaço para carga, aumentando nossa frota... ou se tivéssemos conhecimento, antecipadamente, do modo de pensar americano, especialmente de que Eisenhower ficaria novamente do lado da Rússia, contra nós, poderíamos ter diminuído em muito as nossas perdas.

O homenzinho comentou, com tristeza:

— Sabe que ele ameaçou congelar todos os bens britânicos, franceses e israelenses nos Estados Unidos, instantaneamente, se não nos retirássemos de pronto do Egito, quando estávamos a poucas horas da vitória? Acredito que todos os nossos problemas atuais no Oriente Médio derivam daquela decisão americana. É. Inadvertidamente, os Estados Unidos aprovaram a pirataria internacional pela primeira vez, e estabeleceram um precedente para piratarias futuras. Nacionalização. Que piada! "Roubo" é uma palavra melhor... ou "pirataria". É. Eisenhower foi mal assessorado. E muito mais mal assessorado ao prosseguir com o insensato acordo político de Yalta, de um Roosevelt doente, do incompetente Attlee, permitindo que Stálin engolissem a maior parte da Europa, quando era militarmente claro até para o político mais burro ou para o general mais turrão que era contrário aos nossos absolutos interesses nacionais, nossos e dos Estados Unidos, nos determos. Acho que Roosevelt realmente nos detestava, a nós e ao nosso Império Britânico.

O homenzinho formou um triângulo com os dedos e abriu um sorriso.

— Temo que haja uma grande desvantagem em me contratar, Sr. Dunross. Sou inteiramente pró-britânico, anticomunista e, especialmente, contra o KGB, que é o principal instrumento da política externa soviética, que é aberta e eternamente dedicada à nossa destruição, portanto o senhor pode dar o desconto em algumas das minhas previsões mais apimentadas, se quiser. Sou completamente contra um Partido Trabalhista dominado pela ala

esquerdista, e constantemente lembro a quem queira ouvir que o hino do Partido Trabalhista é A bandeira vermelha. — Alan Medford Grant deu aquele seu sorriso de elfo. — É melhor que conheça a minha posição desde o início. Sou monarquista, legalista, e acredito no sistema parlamentar britânico. Jamais, conscientemente, lhe darei informações falsas, embora minhas avaliações sejam parciais. Posso perguntar-lhe qual é a situação política de vocês?

— Não temos política em Hong Kong, Sr. Grant. Não votamos, não temos eleições... somos uma colônia, especificamente uma colônia de porto livre, não uma democracia. A coroa governa... na verdade o governador o faz, despoticamente, em nome da coroa. Ele tem um conselho legislativo, mas é um conselho "vaca de presépio", e a orientação política histórica é o laissez-faire. Sabiamente, ele deixa as coisas como estão. Ouve a comunidade empresarial, faz mudanças sociais, muito cautelosamente, e deixa todos em paz para ganhar ou não ganhar dinheiro, criar, expandir-se, arruinar-se, ir ou vir, sonhar ou ficar acordado, viver ou morrer como puder. E o imposto máximo é de quinze por cento, mas só sobre dinheiro ganho em Hong Kong. Não temos política aqui, não queremos política aqui... nem a China quer que a tenhamos. Eles também são a favor do status quo. Minha posição política pessoal? Sou monarquista, a favor da liberdade, da pirataria e do livre comércio. Sou escocês, sou a favor da Struan, do laissez-faire em Hong Kong e da liberdade em todo o mundo.

— Acho que nos entendemos. Ótimo. Nunca trabalhei antes para um indivíduo, só para o governo. Esta será uma nova experiência para mim. Espero satisfazê-lo. — Grant fez uma pausa e pensou por um momento. — Como Suez em 56? — Formaram-se

ruguinhas fundas ao redor dos olhos do homenzinho. — Muito bem, faça planos para a perda do Canal do Panamá pelos americanos.

— Isso é ridículo!

— Ora, não fique tão chocado, Sr. Dunross! É fácil demais. Bastam dez ou quinze anos de trabalho constante do inimigo e muito papo liberal nos Estados Unidos, muito bem auxiliados pelos inocentes úteis que acreditam na benevolência da natureza humana, acrescentada a tudo isso uma quantidade modesta de agitação panamenha calculada, estudantes e coisa e tal (de preferência, ah, sempre estudantes), hábil e secretamente assistidos por alguns agitadores profissionais pacientes e altamente treinados, e a técnica pericial, o financiamento e um plano a longo prazo, oh, tão secretos, do KGB — pronto, no devido tempo o canal passaria das mãos dos Estados Unidos para as do inimigo.

— Eles jamais aceitariam isso.

— Certo, Sr. Dunross. Mas terão outra alternativa? Que garrote melhor contra seu principal inimigo capitalista declarado, em tempo de hostilidades, ou até de crise, do que ser capaz de impedir o Canal do Panamá, ou mesmo bloqueá-lo? Um navio afundado em

qualquer um de uma centena de locais, ou uma tranca destruída, poderia deixar o canal obstruído durante anos.

Dunross lembrou-se de que servira mais dois drinques antes de responder:

— Está sugerindo seriamente que façamos planos para essa eventual conjuntura?

— Estou — disse o homenzinho, com sua extraordinária inocência. — Levo meu trabalho muito a sério, Sr. Dunross.

Meu trabalho, aquele que escolhi, é o de procurar, pôr a descoberto e avaliar as jogadas inimigas. Não sou anti-russo, antichinês, antigermânico oriental ou contra qualquer um do bloco... pelo contrário, desejo desesperadamente ajudá-los. Estou convencido de que estamos num estado de guerra, de que o inimigo de todo o povo são os membros do Partido Comunista, seja ele britânico, soviético, chinês, húngaro, americano, irlandês... até marciano... e que todos eles estão ligados, de um jeito ou de outro. E que o KGB, quer a gente goste ou não, está no centro da teia deles. — Tomou um gole da nova dose de uísque que Dunross acabara de servir-lhe. — Que uísque maravilhoso, Sr. Dunross.

— Loch Vey... fabricado numa pequena destilaria perto da nossa terra natal, em Ayr. É uma companhia da Struan.

— Maravilhoso!

Mais um gole apreciador, e Dunross lembrou-se de mandar uma caixa do uísque para Alan Medford Grant, pelo Natal... se os relatórios iniciais fossem interessantes.

— Não sou fanático, Sr. Dunross, nem agitador. Apenas uma espécie de repórter e de prognosticador. Há quem colecione selos. Eu coleciono segredos...

As luzes de um carro que dobrava a curva semi-escondida da estrada, lá embaixo, distraíram Dunross momentaneamente. Caminhou até a janela e ficou olhando o carro até ele sumir, apreciando o barulho do motor bem regulado. Depois, sentou-se numa cadeira de espaldar alto e deixou de novo o pensamento vagar. "É, Sr. Grant, o senhor realmente coleciona segredos",

pensou, abalado como sempre pelo raio de alcance dos conhecimentos do homenzinho.

"Sevrin. Deus todo-poderoso! Se isso for verdade..."

"Até que ponto você está sendo exato, dessa vez? Até onde confiarei em você, dessa vez... até onde me arriscarei?"

Em relatórios anteriores, Grant fizera duas previsões que, até então, haviam sido confirmadas. Com um ano de antecedência, Grant predissera que De Gaulle vetaria os esforços da Grã-Bretanha para ingressar no Mercado Comum Europeu, que a posição do general francês seria cada vez mais antibritânica, antiamericana e pró-soviética, e que De Gaulle, instado por influências externas e encorajado por um dos seus assessores mais chegados (um espião secretíssimo, dissimulado, do KGB), desfecharia um ataque a longo prazo na economia americana, especulando com ouro. Dunross achara que isso era excesso de imaginação, e perdera uma fortuna potencial.

Recentemente, com seis meses de antecedência, Grant previra a crise dos mísseis em Cuba, e que Kennedy bancaria o durão, impor o bloqueio a Cuba, exerceria a pressão necessária e não se curvaria sob a tensão da proximidade, e que Khruchov

recuaría sob pressão. Apostando que Grant estava certo, desta vez — embora, na época prevista, uma crise de mísseis cubana fosse altamente improvável —, Dunross ganhara meio milhão de libras para a Struan, comprando a termo títulos de açúcar havaiano, mais seiscentas mil na Bolsa, mais seiscentas mil para o fundo secreto do tai-pan... e cimentara um plano de longo alcance para investir em canaviais havaianos logo que pudesse obter o instrumento financeiro. "E agora obtive", disse a si mesmo, radiante, "a Par-Con."

— Quase obtive — resmungou, corrigindo-se.

"Até onde posso confiar neste relatório? Até o momento, o comitê de Alan Medford Grant foi um investimento gigantesco, a despeito de todos os seus meandros", pensou. "É. Mas é quase como ter meu próprio astrólogo. Alguns prognósticos exatos não significam que todos eles o serão. Hitler tinha o seu prognosticador. Júlio César também. Seja sensato, seja cauteloso", lembrou a si mesmo.

"O que fazer? É agora ou nunca."

Sevrin. Alan Medford Grant escrevera: "Documentos trazidos a nós, consubstanciados pela espiã francesa Marie d'Orléans, presa pela Sûreté no dia 16 de junho, indicam que o Departamento V do

KGB (Desinformação — extremo oriente) tem bem colocada uma rede de espionagem secretíssima, até agora desconhecida, espalhada por todo o Extremo Oriente, codinome 'Sevrin'. O propósito da Sevrin está claramente definido no principal documento roubado:

"Objetivo: Desmantelar a China revisionista — formalmente reconhecida pelo Comitê Central da URSS como o principal inimigo, perdendo apenas para os Estados Unidos capitalista.

"Norma: A eliminação permanente de Hong Kong como o bastião do capitalismo no Extremo Oriente e fonte preeminente para a China de todas as moedas estrangeiras, assistência estrangeira e toda assistência técnica e manufatureira, de qualquer tipo.

"Método: Infiltração a longo prazo na imprensa e meios de comunicação, governo, polícia, empresariado e educação por estrangeiros amistosos controlados pelo Centro... mas somente segundo normas especialíssimas, em toda a Ásia.

"Data de início: Imediata.

"Duração da operação: Provisoriamente, trinta anos.

"Data-alvo: 1980-83.

"Classificação: Vermelho Um.

"Fundos: O máximo.

"Aprovação: L. B., 14 de março de 1950.

"É interessante notar", continuara Grant, "que o documento foi assinado em 1950 por L. B. Supõe-se que seja La-vrenti Béria, quando a Rússia soviética era abertamente aliada da China comunista, e que, já naquele tempo, a China fosse secretamente considerada o seu inimigo número 2 (reportar-se ao nosso relatório anterior, 3/1962, Rússia versus China).

"A China, historicamente, é o grande prêmio que sempre foi (e sempre será) cobiçado pela Rússia imperialista e hegemônica. A posse da China, ou sua mutilação em Estados súditos balcanizados, é a tônica perpétua da política externa russa. Primeiramente, é claro, virá a eliminação da Europa Ocidental, pois então, segundo acredita a Rússia, a China será engolida sem problemas.

"Os documentos revelam que a célula de Hong Kong da Sevrin consiste em um superintendente residente, de codinome Arthur, e seis agentes. Nada sabemos sobre Arthur, exceto que é agente do KGB desde que foi recrutado na Inglaterra, nos anos 30 (não se sabe se nasceu na Inglaterra, ou se seus pais são ingleses, mas deve ter quarenta e tantos ou cinquenta e poucos anos). Sua missão, naturalmente, é uma operação ultra-secreta, a longo prazo.

"Documentos de apoio altamente secretos do serviço de informações, roubados da STB (Segurança Secreta do Estado) da Tchecoslováquia, datados de 6 de abril de 1959, dizem, em parte: '...entre 1946 e 1959, seis agentes-chaves, ultra-secretos, foram recrutados através de informação fornecida pelo superintendente, Arthur, um em cada um dos seguintes lugares: Ministério Colonial de Hong Kong (codinome Charles), Tesouro (Mason), Base Naval (John), Banco de Londres, Cantão e Xangai (Vincent), Companhia Telefônica de Hong Kong (William) e Struan e Companhia (Frederick). Segundo as normas costumeiras, só o superintendente conhece a verdadeira identidade dos demais. Sete endereços seguros foram estabelecidos, entre eles o Sinclair Towers, na ilha de Hong Kong, e o Hotel Nove Dragões, em Kowloon. O contato da Sevrin em Nova York tem o codinome Guillio. É muito importante para nós por causa das suas ligações com a Máfia e a CIA'."

Grant continuara dizendo "que se acreditava que Guillio fosse Vincenzo Banastasio, um escroque importante e atual chefe da família Sallapione. Isso está sendo verificado pelas nossas fontes americanas. Não sabemos se o agente inimigo infiltrado na polícia (tratamos disso em detalhes em outra seção) faz ou não parte da Sevrin, mas presumimos que sim.

"Na nossa opinião, a China será forçada a buscar um aumento cada vez maior do comércio com o Ocidente, para contrabalançar a hegemonia imperialista soviética e para preencher o vácuo e o caos criados pela retirada súbita, em 1960, de toda a ajuda técnica e financeira dos soviéticos. As forças armadas da China precisam desesperadamente se modernizar. As colheitas têm sido ruins. Portanto, todas as formas de materiais estratégicos e equipamentos militares encontrarão um mercado fácil por muitos anos, assim como a comida, alimentos básicos. A compra de títulos a termo de arroz americano é um investimento de longo alcance recomendado.

"Tenho a honra de ser, senhor, seu servo obediente, A. M. G.,
Londres, 15 de agosto de 1963."

"Jatos, tanques, porcas, parafusos, foguetes, motores, caminhões, gasolina, pneus, material eletrônico e alimentos", pensou Dunross, animadíssimo. "Uma variedade ilimitada de mercadorias, fáceis de obter, fáceis de transportar por navio, e nada no mundo como uma guerra para dar lucro, se a gente sabe comerciar. Mas a China não está comprando agora, mesmo que esteja precisando, não importa o que Grant diga.

"Quem pode ser Arthur?"

"E na Struan, quem? Santo Deus! John Chen e Tsu-yan, e armas contrabandeadas, e agora um agente do KGB lá dentro. Quem? E quanto a..."

Ouviu uma leve batidinha na porta.

— Entre — falou, reconhecendo o modo de bater da mulher.

— Ian, são quase oito horas — disse Penelope. — Achei melhor avisá-lo. Sabe como você é.

— Sei.

— Que tal o dia de hoje? Horrível o que aconteceu com John Chen, não é? Leu os jornais, não leu? Vai descer?

— Vou. Champanha?

— Obrigada.

Ele serviu uma taça para ela, e voltou a encher a sua.

— Ah, Penn, a propósito, convidei um sujeito que conheci hoje à tarde, ex-membro da RAF. Pareceu-me um cara simpático... Peter Marlowe.

— Piloto de caças?

— É. Mas de Hurricanes, não Spits. Vestido novo?

— É.

— Está bonita — disse ele.

— Obrigada, mas não estou. Sinto-me tão velha! Mas obrigada. — Sentou-se na outra poltrona de braços, seu perfume tão delicado quanto suas feições. — Peter Marlowe, é o nome dele?

— É. O pobre infeliz foi preso em Java, em 42. Foi prisioneiro de guerra durante três anos e meio.

— Oh, pobre homem. Foi abatido?

— Não, os japoneses destruíram o aeroporto antes que ele pudesse escapar. Talvez tenha tido sorte. Os Zeros pegaram dois aviões em terra, e os dois últimos pouco depois de terem levantado vôo... os pilotos morreram queimados. Parece que aqueles Hurricanes eram os últimos dos Poucos¹... o resto de toda a defesa aérea do Extremo Oriente. Que estrago, aquele!

¹ Referência à frase de Churchill: "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos". (N. da T.)

— Terrível.

— É. Graças a Deus nossa guerra foi na Europa. — Dunross observou-a. — Ele disse que passou um ano em Java, depois os

japoneses o mandaram para Cingapura, num destacamento de trabalho.

— Para Changi? — perguntou, a voz diferente.

— É.

— Ah!

— Passou dois anos e meio ali. — "Changi", em malaio, queria dizer "trepadeira", e Changi era o nome da cadeia em Cingapura usada pelos japoneses, na Segunda Guerra Mundial, como um dos seus nefastos campos para prisioneiros de guerra.

Ela pensou por um momento, depois deu um sorriso nervoso:

— Será que ele conheceu Robin lá?

Robin Grey era irmão dela, seu único parente vivo; seus pais haviam morrido num ataque aéreo a Londres, em 1943, pouco antes de seu casamento com Dunross.

— Marlowe disse que sim, que parecia recordar-se dele, mas era evidente que não queria falar daquela época, portanto não puxei mais pelo assunto.

— Posso imaginar. Disse a ele que Robin era meu irmão?

— Não.

— Quando é que Robin deve voltar para cá?

— Não sei ao certo. Dentro de alguns dias. Esta tarde o governador me disse que a delegação está agora em Pequim. — Uma delegação comercial parlamentar britânica, com deputados dos três partidos (Conservador, Liberal e Trabalhista), fora convidada em

Londres por Pequim para debater todas as formas de comércio. A delegação chegara a Hong Kong fazia duas semanas e seguira diretamente para Cantão, onde todas as negociações comerciais eram realizadas. Era muito raro alguém receber um convite, muito menos uma delegação parlamentar, e mais raro ainda o convite incluir uma ida a Pequim. Robin Grey era um dos membros, representando o Partido Trabalhista. — Penn, querida, não acha que devíamos receber Robin, dar uma festa para ele? Afinal, há anos que não o vemos, e esta é a primeira vez que ele vem à Ásia... não acha que está na hora de esquecer o passado e fazer as pazes?

— Ele não receberá convites para a minha casa. Para nenhuma das minhas casas.

— Não acha que devia relaxar um pouco? Afinal, águas passadas não movem moinhos.

— Não, eu o conheço, você não. Robin tem a vida dele, nós temos a nossa. Há anos que eu e ele chegamos a este acordo. Não tenho a menor vontade de revê-lo. É horrível, perigoso, desbocado e um chato de galocha.

Dunross riu.

— Concordo que seja odioso, e detesto suas opiniões políticas... mas é apenas um entre meia dúzia de deputados. Esta delegação é importante. Tenho que entretê-los de alguma forma, Penn.

— Pois faça-o, Ian. Mas não aqui, de preferência. Ou então me avise com bastante antecedência, para eu ter algum mal-estar, e providenciar para que as crianças também tenham. É uma questão de prestígio, e ponto final. — Penelope sacudiu a cabeça, afastando o mau humor. — Deus! Não vamos deixar que ele estrague esta noite! O que esse Marlowe está fazendo em Hong Kong?

— É escritor. Quer escrever um livro sobre Hong Kong. Mora nos Estados Unidos, agora. A mulher dele também vem. Ah, a propósito, convidei também os americanos, Linc Bartlett e Casey Tcholak.

— Ah! — Penelope Dunross achou graça. — Ora, afinal quatro ou quarenta pessoas a mais não farão nenhuma diferença... não conheço a maioria mesmo, e Claudia organizou tudo com sua eficiência de sempre. — Arqueou uma sobrancelha. — Vejam só! Um contrabandista de armas entre os piratas! Isso não vai nem causar uma pequena comoção.

— E ele é?

— Todo mundo diz que sim. Não leu o artigo do Mirror de hoje à tarde, Ian? Ah Tat está convencida de que o americano dá azar. Informou a todos os empregados, às crianças e a mim, o que torna a coisa oficial. Ah Tat contou a Adryon que o astrólogo dela pediu que ela dissesse a você para ficar alerta contra a má influência vinda do Leste. Ah Tat está certa de que isso se refere aos ianques. Ainda não veio fazer fofoca no seu ouvido?

— Ainda não.

— Deus, como gostaria de poder tagarelar em cantonense como você e as crianças. Diria àquela harpia velha para guardar para si suas superstições e opiniões... ela é uma péssima influência...

— Daria a vida pelas crianças.

— Sei que é a sua gan sun, e que praticamente o criou, e que se acha uma dádiva de Deus para o clã dos Dunrosses. Mas, no que me diz respeito, é uma vaca velha rabugenta e detestável, eu a odeio. — Penelope sorriu docemente. — Ouvi dizer que a moça americana é bonita.

— Atraente... não bonita. Andrew está cortando um dobrado com ela.

— Acredito. Uma dama falando de negócios! Aonde vamos parar, neste nosso grande mundo! Ela é capaz?

— Ainda é cedo para dizer. Mas é muito esperta. Está criando... irá criar situações constrangedoras, sem dúvida.

— Já viu Adryon hoje?

— Não... o que foi? — perguntou, reconhecendo imediatamente seu tom de voz.

— Andou mexendo de novo no meu armário... metade das minhas melhores meias sumiu, o resto está espalhado, meus lenços de seda estão todos remexidos, minha blusa e meu cinto novos desapareceram. Mexeu até no meu melhor Hermes... essa garota é o fim da picada!

— Com dezenove anos, não é uma garota — disse ele, cansadamente.

— É o fim da picada! Perdi a conta das vezes que falei com ela!

— Falarei de novo.

— Não vai adiantar nada.

— Eu sei.

Ela riu junto com ele.

— Ela é uma parada!

— Tome. — Entregou a ela um estojo fino. — Feliz vigésimo!

— Oh, obrigada, Ian. O seu está lá embaixo. Você o... — Interrompeu-se e abriu o estojo. Continha uma pulseira de jade entalhado, o jade encravado em filigrana de prata, finíssima, antiqüíssima... uma peça de colecionador. — Ah, que lindo! Obrigada, Ian. — Colocou-a no pulso, sobre a corrente fina de ouro que usava, e ele não notou prazer verdadeiro ou desapontamento verdadeiro no seu tom de voz, embora estivesse atento às nuances. — É uma beleza — falou, debruçando-se para a frente e roçando os lábios no rosto dele. — Obrigada, querido. Onde o conseguiu? Em Formosa?

— Não, aqui na Cat Street. Na loja de Wong Chun Kit, ele ga...

A porta se escancarou, e uma garota entrou atropeladamente. Era alta, esguia e claríssima, e disse, depressa e sem fôlego:

— Espero que não haja problemas. Convidei um rapaz para hoje à noite e acabo de receber seu telefonema confirmando que virá e que vai chegar atrasado. Mas achei que não faria mal. Ele é legal, um barato.

— Pelo amor de Deus, Adryon — disse Dunross, suavemente —, quantas vezes já lhe disse para bater antes de irromper sala adentro, e quer por favor falar inglês? Que diabo é um barato?

— Bom, grande, legal, um barato. Desculpe, papai, mas você é mesmo muito careta, porque "legal" e "um barato" estão na moda, até mesmo em Hong Kong. Até já. Tenho que correr, depois da festa eu vou sair... vou chegar tarde, portanto não...

— Espere um mi...

— Essa blusa é minha, a minha blusa nova — explodiu Penelope. — Adryon, tire-a imediatamente! Já lhe disse umas cinqüenta vezes para não mexer no meu armário!

— Ora, mamãe — retrucou Adryon, com a mesma brusquidão —, você não está precisando dela, não posso usá-la esta noite? — O tom de voz dela mudou. — Por favor! Puxa, por favor! Papai, fale com ela. — Passou a falar em perfeito cantonense de amah: — Honorável Pai... por favor, ajude sua Filha Número Um a obter o impossível de obter, senão eu chorarei, chorarei, chorarei oh ko... — Depois, no mesmo fôlego, voltando ao inglês: — Mamãe... você não precisa dela, e vou tomar cuidado, juro. Por favor!

— Não.

— Vamos, por favor, eu tomo cuidado, prometo.

— Não.

— Mamãe!

— Bem, se você pro...

— Puxa, obrigada.

A garota riu de orelha a orelha, virou-se e saiu correndo, batendo a porta atrás de si.

— Puta que o pariu — disse Dunross, com azedume —, mas por que as portas sempre têm que bater atrás dela?

— Bem, pelo menos agora ela não bate de propósito. — Penelope soltou um suspiro. — Acho que não agüentaria passar por aquilo tudo de novo.

— Nem eu. Graças a Deus Glenna é razoável.

— É puramente temporário, Ian. Ela também puxou ao pai, como Adryon.

— Hum! Eu não tenho um gênio dos diabos — disse ele, vivamente. — E já que estamos falando no assunto, estou torcendo para que Adryon tenha encontrado um sujeito decente para trazer, ao invés do palhaço de costume. Quem é esse que vem hoje?

— Não sei, Ian. Também estou sabendo disso agora.

— Eles são sempre um horror! O gosto dela em matéria de homem é um espanto... Lembra-se daquele pateta de cabeça de melão com braços neolíticos por quem estava "loucamente apaixonada"? Santo Deus, mal tinha quinze anos e...

— Tinha quase dezesseis.

— Como era o nome dele? Ah, é, Byron. Byron, pela madrugada!

— Você não devia ter ameaçado estourar os miolos dele, Ian. Era só uma paixãozinha juvenil.

— Era mais uma paixão de gorila, por Deus — resmungou Dunross, com maior azedume. — Era um maldito gorila... Lembra-se do outro, daquele antes do desgraçado do Byron... aquele filho da mãe psiquiátrico... como se chamava?

— Victor. É, Victor Hopper. Foi ele que... é, estou lembrando, foi ele que perguntou se não faria mal se ele dormisse com Adryon.

— Ele o quê?

— Foi, sim. — Sorriu para ele, não tão inocentemente. — Não lhe contei, na época... achei que seria melhor.

— Ele o quê?

— Não fique irritado agora, Ian. Isso aconteceu há quatro anos. Eu disse a ele que não, não no momento, que Adryon tinha apenas catorze anos, mas sim, certamente, quando tivesse vinte e um anos. Aquele foi outro que morreu no nascedouro.

— Santo Deus! Ele perguntou se po...

— Pelo menos perguntou, Ian! Já é alguma coisa. Tudo isso é tão comum! — Levantou-se, serviu mais champanha para ele e para si mesma. — Você tem apenas mais uns dez anos de purgatório, e depois virão os netos. Feliz aniversário de casamento, e o melhor das coisas britânicas para você!

Ela riu, encostou a taça na dele, bebeu e sorriu para ele.

— Está certa, mais uma vez — retrucou ele, devolvendo o sorriso, gostando muito dela.

Tantos anos, anos bons. "Tive sorte", pensou. "É. Fui abençoado, naquele primeiro dia." Estava no seu posto da RAF em Biggin Hill, numa manhã quente e ensolarada de agosto de 1940, durante a Batalha da Grã-Bretanha, e ela era do Corpo Auxiliar Feminino, recém-destacada para lá. Era o oitavo dia de guerra dele, sua terceira missão naquele dia, e a primeira vez que abatera alguém. Seu Spitfire estava todo pontilhado de buracos de bala, partes da asa haviam sido derrubadas, a cauda parecia tatuada. Por todas as regras da sorte, devia estar morto, mas não estava, e o Messerschmitt e seu piloto estavam, e ele estava em casa, seguro, o sangue fervendo, tonto de medo e vergonha e alívio porque voltara, e o jovem que vira na outra cabine de piloto, o inimigo, incendiara-se berrando, enquanto descia em espiral.

— Alô, senhor — dissera Penelope Grey. — Bem-vindo, senhor. Tome.

Entregara-lhe uma xícara de chá quente e doce, e nada mais dissera, embora devesse ter começado imediatamente a interrogá-lo sobre os detalhes da missão... fazia parte do Serviço de Comunicações. Ela nada dissera, apenas sorrira, dando-lhe tempo para descer dos céus da morte para a vida, novamente. Ele não lhe agradecera, apenas tomara o chá, que fora o melhor que jamais bebera.

— Peguei um Messerschmitt — dissera, quando estava em condições de falar, a voz tão trêmula quanto os joelhos. Não se lembrava de ter se soltado dos cintos de segurança, de sair da cabine ou de entrar no caminhão junto com os outros sobreviventes. — Era um 109.

— Sim, senhor, o líder da Esquadrilha Miller confirmou a destruição do aparelho inimigo e disse que o senhor se aprontasse, pois deve voltar a subir a qualquer minuto. Vai levar o Poppa Mike Kilo, desta vez. Obrigada pelo avião derrubado, senhor, é um daqueles demônios a menos... ah, como gostaria de poder ir com vocês para ajudar a matar todos aqueles monstros...

Mas eles não eram monstros, pensou, pelo menos o primeiro piloto e o primeiro avião que abatera não haviam sido... apenas um jovem como ele próprio, quem sabe da mesma idade, que se incendiara berrando, que morrera berrando, uma folha caída em chamas, e naquela tarde, ou na próxima, ou em breve, seria a vez dele... inimigos demais, gente nossa de menos.

— Tommy voltou, Tom Lane?

— Não, senhor. Lamento, senhor. Ele... o líder da esquadrilha disse que o capitão-aviador Lane foi derrubado sobre Dover.

— Tenho pavor de ser derrubado, de pegar fogo — dissera ele.

— Ah, mas não vai, senhor, não o senhor. Eles não vão derrubá-lo. Eu sei. Não vai, senhor, não, o senhor não. Nunca irão pegá-lo, nunca, nunca, nunca — dissera ela, os olhos azuis muito claros, cabelos claros, rosto bonito, dezoito anos incompletos, mas forte, muito forte e muito confiante.

Ele acreditara nela, e sua fé o acompanhara durante mais quatro meses de missões — às vezes cinco missões por dia — e mais aviões derrubados, e, embora ela estivesse errada e mais tarde ele também tivesse sido acertado em pleno ar, ele sobreviveu. Apenas se queimou um pouquinho. E depois, quando saiu do hospital, impossibilitado para sempre de voltar a pilotar, eles se casaram.

— Nem parece que foram vinte anos — disse ele, contendo a sua felicidade.

— E mais dois antes — disse ela, contendo a sua felicidade.

— E mais dois na...

A porta se abriu. Penelope soltou um suspiro quando Ah Tat invadiu o aposento, falando pelos cotovelos em cantonense.

— Ayeeyah, meu Filho, mas você ainda não está pronto, os nossos honrados convidados chegarão a qualquer momento, e o nó de sua gravata ainda não foi dado, e aquele estrangeiro sem mãe trazido desnecessariamente de Kwantung Norte para a nossa casa para cozinhar... aquele rebento fedido de uma meretriz de um dólar de Kwantung Norte, de onde vêm os melhores ladrões e as piores prostitutas, e que se considera um cozinheiro... Ah!... Esse homem e a sua equipe igualmente desprezível estão sujando a nossa cozinha e roubando a nossa paz. Oh ko — continuou a velhinha enrugada, sem tomar fôlego, enquanto seus dedos encurvados subiam automaticamente e habilmente davam o nó na gravata dele — e isso não é tudo! A Filha Número Dois... a Filha Número Dois não quer botar o vestido que a Honorável Primeira Mulher escolheu para ela, e está tendo um ataque de raiva que se ouve em Java! Eeee, esta família! Tome, meu Filho — tirou do bolso um envelope de telex e passou-o a Dunross —, eis outra mensagem dos bárbaros dando mais parabéns por este dia feliz, e que sua pobre velha Mãe teve

que trazer ela mesma, escada acima, com suas pobres e velhas pernas, porque os outros criados ociosos são vadios e preguiçosos...

Fez uma pausa momentânea para tomar fôlego.

— Obrigado, Mãe — agradeceu ele, cortesmente.

— Na época do seu Honorável Pai, os criados trabalhavam e sabiam o que fazer, e sua velha Mãe não tinha que aturar estranhos sujos na nossa Casa Grande! — Foi saindo, xingando ainda mais o pessoal do bufê. — Não se atrase, Filho, senão...

Ainda falava, mesmo depois de ter fechado a porta.

— O que há com ela? — indagou Penelope, desanimada.

— Está reclamando do pessoal do bufê, não gosta de estranhos... sabe como ela é.

Abriu o envelope, onde estava o telex dobrado.

— O que estava falando de Glenna? — perguntou a mulher, tendo reconhecido yee-chat, Segunda Filha, embora seu cantonense fosse mínimo.

— Só que estava tendo um ataque por causa do vestido que você escolheu para ela.

— O que há de errado nele?

— Ah Tat não disse. Olhe, Penn, quem sabe Glenna devesse ir logo para a cama... já está quase passando da hora de ela dormir e...

— Imagine! Só quando as galinhas criarem dentes. Até mesmo a Bruxa Struan não conseguiria evitar que Glenna

comparecesse à sua primeira festa adulta, como ela diz. Você concordou, Ian, você concordou. Eu, não. Foi você!

— É, mas não ach...

— Não. Tem idade suficiente. Afinal, está com treze anos. — Penelope terminou calmamente o seu champanha. — Mesmo assim, agora vou ter uma palavrinha com a senhorita, pode deixar.

Levantou-se. Depois, notou a fisionomia dele, que fitava o telex.

— O que aconteceu?

— Um empregado nosso foi morto em Londres. Grant. Alan Medford Grant.

— Ah. Será que eu o conhecia?

— Acho que foi apresentada a ele uma vez, em Ayrshire. Era um homenzinho com jeito de gnomo. Esteve numa das nossas festas no Castelo Avisyard... na nossa última viagem.

Ela franziu o cenho.

— Não me lembro. — Pegou o telex que ele lhe oferecia. Dizia: "Lamento informar-lhe que A. M. Grant foi morto em acidente de motocicleta hoje de manhã. Os detalhes seguirão quando eu os tiver. Lamento. Lembranças, Kiernan". — Quem é Kiernan?

— O assistente dele.

— Esse Grant... era amigo seu?

— De certo modo.

— É importante para você?

— É.

— Ah, sinto muito.

Dunross forçou-se a dar de ombros e a manter a voz serena. Mas, no íntimo, praguejava obscenamente.

— Coisas da vida. Joss.

Penelope queria lamentar com ele, reconhecendo de pronto a profundidade do choque que tivera. Sabia que ele estava perturbadíssimo, tentando disfarçar... e queria saber imediatamente quem era e que importância tinha aquele desconhecido. Mas ficou calada.

"Esse é o meu papel", lembrou a si mesma. "Não fazer perguntas, ficar calma e estar presente... para apanhar os cacos, mas só quando ele me permite."

— Vai descer?

— Num minuto.

— Não demore, Ian.

— Está bem.

— Mais uma vez, obrigada pela minha pulseira — disse, apreciando-a.

— De nada — ele respondeu.

Mas ela sabia que ele não a escutara, de verdade. Já estava ao telefone, pedindo uma ligação interurbana. Ela saiu e fechou a porta suavemente, e ficou parada tristemente no longo corredor que levava às alas leste e oeste, o coração disparado. "Malditos sejam todos os telex e todos os telefones, e maldita seja a Struan e Hong Kong, e malditos sejam todas as festas e todos os bicões, e, ah, como gostaria que pudéssemos ir embora para sempre, esquecer Hong Kong, esquecer o trabalho, a Casa Nobre, os Grandes Negócios, a costa do Pacífico e a Bolsa de Valores, e maldi..."

— Mamãeeeeee!

Ouviu a voz estridente de Glenna vinda do fundo do seu quarto, dobrando o ângulo mais afastado da ala leste, e imediatamente todos os seus sentidos se concentraram. Havia raiva frustrada na voz de Glenna, mas não havia perigo, portanto ela não se apressou, simplesmente respondeu:

— Já vou... o que é, Glenna ?

— Onde você estááááá?

— Já estou indo, querida — respondeu, pensando agora em coisas importantes. "Glenna vai ficar linda naquele vestido. Ah, já sei", pensou, satisfeita, "vou lhe emprestar o meu colarzinho de pérolas. Vai ficar perfeito." Apressou o passo.

Do outro lado do porto, em Kowloon, o sargento comissionado Tang-po, DIC, subiu as escadas desconjuntadas e entrou na sala. O âmago da sua tríade secreta já estava ali.

— Enfiem isso nesse osso que alguns de vocês têm entre as orelhas: os Dragões querem que se encontre o Chen da Casa Nobre, e que esses Lobisomens bexigentos, comedores-de-bosta, sejam presos tão rapidamente que até os deuses piscarão os olhos!

— Sim, senhor — responderam os subalternos em coro, chocados com o seu tom de voz.

Estavam no esconderijo de Tang-po, um pequeno e desenhado apartamento de três peças, atrás de uma porta de entrada desenhada no quinto andar de um prédio de apartamentos igualmente desenhado, encimando umas lojas muito modestas num beco sujo, a apenas três quarteirões de distância do quartel-general da polícia do distrito de Tsim Sha Tsui, que ficava de frente para o porto e o Pico, na ponta da península de Kowloon. Eles eram em número de nove: um sargento, dois cabos, os outros guardas — todos detetives à paisana do DIC, todos cantonenses, todos escolhidos a dedo, tendo feito juramentos de sangue, de lealdade e sigilo. Eram o tong, ou irmandade secreta, de Tang-po, que protegia toda a jogatina de rua no distrito de Tsim Sha Tsui.

— Olhem em toda parte, falem com todo mundo. Temos três dias — falou Tang-po. Era um homem corpulento, de cinquenta e cinco anos, com cabelos levemente grisalhos e sobrancelhas cerradas, e seu posto era o mais alto que podia alcançar, sem ser oficial. — Esta é a minha ordem, de todos os meus irmãos Dragões e do Altíssimo em pessoa. Além disso — acrescentou, com azedume —, a Grande Montanha de Bosta prometeu rebaixar-nos e destacar-nos para a fronteira ou outros lugares, a todos nós, se falharmos, e esta é a primeira vez que nos ameaça com isso. Que todos os deuses mijem de uma grande altura sobre os demônios estrangeiros, especialmente aqueles fornicadores sem mãe que não aceitam sua situação difícil e se comportam como gente civilizada!

— Amém! — exclamou o sargento Lee, com grande fervor. Ele era católico de vez em quando, porque, na juventude, freqüentara uma escola católica.

— A Grande Montanha de Bosta deixou bem claro, hoje à tarde: resultados, caso contrário, rumo à fronteira, onde não há um penico onde mijar, nem ninguém para ser extorquido num raio de trinta quilômetros. Ayeeyah, que todos os deuses nos protejam do fracasso!

— É — disse o cabo Ho, em nome de todos, tomando notas no seu livro. Era um homem de feições marcadas, que estudava à noite para ser contador, e era ele que cuidava dos livros da irmandade e das atas das suas reuniões.

— Irmão Mais Velho — começou o sargento Lee, cortesmente —, há uma recompensa fixa que possamos oferecer aos nossos informantes? Há um máximo ou um mínimo?

— Há — Tang-po lhes disse, acrescentando cuidadosamente: — O Grande Dragão falou cem mil HK, se for dentro de três dias... — A sala ficou repentinamente silenciosa, com o vulto da recompensa — metade para encontrar o Chen da Casa Nobre, metade para encontrar os raptos. E uma bonificação de dez mil para o irmão cujo informante apresentar ou um ou outro... e uma promoção.

— Dez mil por Chen e mais dez mil pelos raptos? — indagou o cabo. "Oh, deuses, concedam-me o prêmio", orava ele, assim como oravam os demais. — É isso mesmo, Irmão Mais Velho?

— Dew neh loh moh, foi o que eu disse — replicou Tang-po bruscamente, tirando baforadas do cigarro. — Está com as orelhas cheias de pus?

— Não, lamento, Honorável Senhor. Por favor, desculpe.

Todos estavam absortos no prêmio. O sargento Lee pensava: "Eee, dez mil, e promoção, se for dentro de três dias! Ah, se for dentro de três dias, então será a tempo para o Dia da Corrida, e aí... Ah, todos os deuses grandes e pequenos, abençoem-me uma vez, e a segunda vez na loteria dupla de sábado".

Tang-po estava consultando suas anotações.

— Vamos agora tratar de outros assuntos. Através da cooperação do Diurno Chan e do Honorável Song, a irmandade poderá usar os chuveiros deles no Victoria diariamente entre oito e nove horas da manhã, não mais entre sete e oito horas, como antes. Mulheres e concubinas numa base de rodízio. Cabo Ho, reorganize o rodízio.

— Ei, Honrado Senhor — chamou um dos jovens detetives —, ouviu falar da Pêlos Púbicos Dourados?

— Hem?

O jovem relatou o que o Diurno Chang lhe contara, pela manhã, quando fora tomar café na cozinha do hotel. Riram.

— Ayeeyah, imagine só! Como ouro, heya?

— Já deitou com algum demônio-fêmea estrangeiro, Honorável Senhor?

— Não, nunca. Não. Ayeeyah, só de pensar... eca!

— Eu gostaria de possuir uma — falou Lee, com uma risada —, só para ver como é a coisa!

Todos riram com ele, e um falou:

— Um Portão de Jade é um Portão de Jade, mas dizem que algumas fêmeas estrangeiras são tortas!

— Ouvi dizer que são rachadas de banda!

— Honorável Senhor, mais uma coisa — o jovem detetive falou, quando as risadas haviam cessado. — O Diurno Chang me disse que lhe contasse que a Pêlos Púbicos Dourados tem um transmissor-receptor em miniatura... o melhor que ele já viu, melhor do que qualquer um que tenhamos, mesmo na Seção Especial. Ela o leva sempre consigo.

Tang-po fitou-o.

— Curioso. Ora, por que um demônio-fêmea estrangeiro iria querer uma coisa dessas?

Lee perguntou:

— Algo a ver com as armas?

— Não sei, Irmão Mais Moço. Mulheres com transmissores-receptores? Interessante. Não estava na bagagem dela quando o nosso pessoal a revistou, ontem à noite, portanto tinha que estar na bolsa. Bom, muito bom. Cabo Ho, depois da nossa reunião, deixe um presente para o Diurno Chang, duas vermelhas. — Uma nota vermelha valia cem HK. — Realmente, gostaria de saber para quem se destinavam aquelas armas — acrescentou, pensativo. — Certifiquem-se de que todos os informantes saibam que também estou muito interessado nisso.

— O Chen da Casa Nobre está metido com as armas e os demônios estrangeiros? — quis saber Lee.

— Acho que sim, Irmão Mais Moço, acho que sim. Outra curiosidade... mandar uma orelha não é civilizado... não cedo assim. Não é nada civilizado.

— Ah, então acha que os Lobisomens são demônios estrangeiros? Ou mestiços fornicadores? Ou portugueses?

— Não sei — disse Tang-po, com azedume. — Mas aconteceu no nosso distrito, portanto é uma questão de prestígio para todos nós. A Grande Montanha de Bosta está com muita raiva. Ele também está desprestigiado.

— Eee — comentou Lee —, aquele sacana tem um gênio dos diabos!

— É. Quem sabe a informação sobre o transmissor-receptor o acalme um pouco. Acho que vou pedir a todos os meus irmãos para ficarem de olho na Pêlos Púlicos Dourados e no seu amigo contrabandista de armas, por via das dúvidas. Ora, havia mais alguma coisa... — Novamente, Tang-po consultou as anotações. — Ah, sim, por que a nossa contribuição da Boate Recepcionista Feliz baixou trinta por cento?

— Ela mudou de dono, Honrado Senhor — respondeu o sargento Lee, em cuja zona ficava o cabaré. — Pok Um Olho Só vendeu a casa para um xangaiense sacana chamado Wang... Wang Feliz. Wang Feliz disse que a Graxa Fragrante é muito alta, os negócios vão mal, muito mal.

— Dew neh loh moh para todos os xangaienses. E vão mesmo?

— O movimento baixou, mas não muito.

— É verdade, Honrado Senhor — falou o cabo Ho. — Estive lá à meia-noite para recolher o dinheiro adiantado da semana, a bosta do lugar fedorento estava meio cheio.

— Havia ali demônios estrangeiros?

— Dois ou três, Honrado Senhor. Ninguém de importância.

— Dê ao Honorável Wang Feliz um recado meu: ele tem três semanas para melhorar os negócios. Depois, vamos pensar de novo no caso dele. Cabo Ho, diga a algumas garotas do Grande Novo Oriental para recomendarem a Recepcionista Feliz por um mês, mais ou menos... elas têm bastantes fregueses entre os demônios estrangeiros... e diga ao Wang que vai chegar um porta-aviões nuclear, o Corregidor, depois de amanhã, para R e R... — Ele usou as letras inglesas, pois todos compreendiam rest and recreation¹ da época da Guerra da Coréia.

¹ "Descanso e recreação." (N. da T.)

— Perguntarei ao meu Irmão Dragão em Wanchai e na zona do cais se Wang Feliz pode distribuir por lá alguns cartões de visita. Cerca de mil bárbaros do País Dourado ajudariam muito a receita! Vão passar oito dias aqui.

— Honrado Senhor, farei isso ainda hoje — prometeu o cabo Ho.

— Meu amigo da polícia marítima me contou que vai haver muitos vasos de guerra em visita, brevemente; a Sétima Frota Americana está sendo aumentada. — Tang-po franziu a testa. — Dobrada, segundo ele. O que se comenta no continente é que os soldados americanos vão entrar no Vietnam com força total... já têm uma linha aérea ali... pelo menos — acrescentou — a tríade CIA deles tem.

— Eeee, isso é bom para os negócios! Teremos que consertar os navios deles. E entreter os seus homens! Bom. Ótimo para nós.

— É. Ótimo. Mas uma burrice para eles. O Honorável Chu En-lai já os vem advertindo, há meses, educadamente, de que a China não os quer lá! Por que não escutam? O Vietnam é a nossa esfera externa bárbara! É uma burrice escolher aquela selva horrorosa e aqueles bárbaros detestáveis para fazer uma guerra. Se a China não conseguiu subjugar aqueles bárbaros estrangeiros durante séculos, como poderão eles fazê-lo? — Tang-po riu e acendeu outro cigarro. — Para onde foi Pok Um Olho Só?

— A raposa velha conseguiu o visto permanente e se mandou para San Francisco no primeiro avião. Ele, a mulher e oito filhos.

Tang-po virou-se para o contador.

— Ele nos devia algum dinheiro?

— Ah, não, Honrado Senhor. Estava com os pagamentos integralmente atualizados. O sargento Lee cuidou disso.

— Quanto custou àquele fornicador velho? Para obter o visto?

— Sua saída foi facilitada por um presente de três mil HK para o cabo Sek Pun So, da Imigração, segundo nossas recomendações. Nossa porcentagem foi paga, e também o ajudamos a encontrar o mercador de diamantes certo para converter sua fortuna nas melhores pedras branco-azuladas disponíveis. — Ho consultou os seus livros. — Nossa comissão de dois por cento foi de oito mil novecentos e sessenta HK.

— O velho e bom Um Olho Só! — exclamou Tang-po, contente por ele. — Saiu-se muito bem. Com que emprego "especializado" conseguiu o visto?

O sargento Lee explicou:

— O de cozinheiro num restaurante do Bairro Chinês, chamado O Lugar de Comer Bem. Oh ko, já provei a comida feita por ele, e o velho Um Olho Só é ruim pra cachorro.

— Vai contratar outro para tomar o seu lugar, e vai se meter no ramo imobiliário, ou com jogo e cabarés — disse alguém. —

Eeee, que sorte!

— Mas quanto lhe custou o visto americano?

— Ah, o dom dourado para o Paraíso! — Ho suspirou. — Ouvi dizer que pagou cinco mil dólares americanos para encabeçar a lista.

— Ayeeyah, é mais do que o costumeiro. Por quê?

— Parece que há também a promessa de um passaporte americano, logo que acabe o prazo de cinco anos, e de ignorarem o fato de o velho Um Olho Só não falar inglês...

— Aqueles sacanas do País Dourado... extorquem, mas não são organizados. Não têm classe nenhuma — falou Tang-po, desdenhosamente. — Um ou dois vistos, aqui e ali... quando todos aqui sabem que se pode comprar um, na hora certa e com a propina certa. Então por que não agem direito, de modo civilizado? Vinte vistos por semana... até mesmo quarenta... são todos doidos, esses demônios estrangeiros!

— Dew neh loh moh, mas como está certo! — falou o sargento Lee, tonto com a quantidade potencial das propinas que poderia ganhar, se fosse vice-cônsul do consulado dos Estados Unidos em Hong Kong, no Departamento de Vistos. — Eeee!

— Deveríamos ter uma pessoa civilizada nesse cargo, logo estaríamos estabelecidos como mandarins e policiando San Francisco! — disse Tang-po, e todos riram junto com ele. A seguir, acrescentou, enojado: — Pelo menos deviam ter um homem no cargo, não um que goste de uma Haste Ardente na sua Cloaca Medonha, ou da sua na de outro homem!

Riram ainda mais.

— Ei — exclamou um deles —, ouvi dizer que o parceiro dele é o Jovem Demônio Estrangeiro Fedorento Barriga de Porco, das Obras Públicas... sabe, aquele que está vendendo licenças para construções que não deviam ser feitas!

— Isso são águas passadas, Chan, há muito tempo. Ambos já estão de cacho novo. O último boato é que o nosso demônio vice-cônsul está ligado a um jovem... — Tang-po acrescentou, delicadamente: — filho de um contador de destaque, que também é um comunista de destaque.

— Eeee, isso não é bom — disse o sargento Lee, identificando o homem imediatamente.

— Não — concordou Tang-po. — Especialmente porque ouvi dizer, ontem, que o jovem tem um apartamento secreto dobrando a esquina. No meu distrito! E o meu distrito é o que tem menos crimes.

— Isso mesmo — concordaram todos, com orgulho.

— Devemos falar com ele, Irmão Mais Velho? — perguntou Lee.

— Não, apenas mantê-lo sob vigilância especial. Quero saber tudo sobre esses dois. Tudo. Até mesmo se arrotam. — Tang-po

soltou um suspiro. Deu ao sargento Lee o endereço e distribuiu as missões a cada um. — Já que estão todos aqui, decidi antecipar o pagamento de amanhã.

Abriu a sacola grande, que continha dinheiro em notas. Cada homem recebeu o equivalente ao seu pagamento na polícia, mais despesas autorizadas.

Trezentos HK por mês, sem custas, não era um salário suficiente para um guarda alimentar uma família, mesmo pequena, e ter um pequeno apartamento, nem mesmo de duas peças, com uma pia e sem sanitários, e para mandar um filho para a escola; ou o suficiente para conseguir mandar um pouco para a sua aldeia natal, em Kwantung, para pais, avós, mães, tios e avôs necessitados, muitos dos quais, há tantos anos, haviam dado as economias de toda uma vida para ajudá-lo a se pôr a caminho, na estrada irregular para Hong Kong.

Tang-po fora um desses. Sentia muito orgulho por ter sobrevivido à viagem, aos seis anos de idade, sozinho, por ter encontrado os parentes, e depois, aos dezoito anos, ter entrado para a polícia... há trinta e seis anos. Servira bem à rainha, impecavelmente à força policial, não servira aos inimigos japoneses durante a ocupação, e agora chefiava uma divisão-chave na colônia de Hong Kong. Respeitado, rico, com um filho cursando a universidade em San Francisco, outro dono de metade de um restaurante em Vancouver, no Canadá, sua família em Kwantung

sustentada... e, o que era mais importante, seu distrito de Tsim Sha Tsui com menos roubos sem solução, menos ferimentos, mutilações e guerras entre tríades sem solução do que qualquer outro distrito... e apenas três assassinatos em quatro anos, todos resolvidos e os culpados presos e condenados, e um deles um demônio estrangeiro marujo que matara outro por causa de uma dançarina de cabaré. E quase nenhum furto de pouca monta, e nunca um demônio estrangeiro turista incomodado por mendigos ou pivetes, e era a maior área turística, com mais de trezentas mil pessoas civilizadas para policiar e proteger dos bandidos e delas mesmas.

"Ayeeyah, é", Tang-po disse para si mesmo. "Se não fosse por nós, aqueles camponeses fornicadores de cabeça dura estariam se engalfinhando uns com os outros, brigando, pilhando, matando, e depois o grito inevitável da turba se ergueria: 'Matem os demônios estrangeiros!' E eles tentariam, e depois voltariam os levantes outra vez. Fodam-se todos os malfeitores e as pessoas arruaceiras!"

— Agora — disse ele amavelmente —, vamos nos reunir daqui a três dias. Encomendei um jantar de dez pratos do Chang Boa Comida. Até lá, que todos encostem o olho no orifício dos deuses, e me arranjem as respostas. Quero os Lobisomens... e quero John Chen de volta. Sargento Lee, fique mais um momento. Cabo Ho, escreva a ata e me entregue as contas amanhã às cinco.

— Sim, Honrado Senhor.

Saíram todos. Tang-po acendeu outro cigarro. O sargento Lee fez o mesmo. Tang-po tossiu.

— Devia parar de fumar, Irmão Mais Velho.

— Você também! — Tang-po deu de ombros. — Joss! Quando eu tiver que ir, eu vou. Joss! Mesmo assim, para ter paz, disse à minha Mulher Principal que parei. Ela fica reclamando o tempo todo.

— Mostre-me uma que não reclame, e vai ver que ela é um ele com a Cloaca Medonha.

Riram juntos.

— É verdade. Heya, na semana passada ela insistiu em que eu fosse consultar um médico, e sabe o que o sacana sem mãe me disse? Disse: "É melhor parar de fumar, velho amigo, ou não passará de cinzas num vaso funerário antes de ficar vinte luas mais velho, e

aposto que a sua Mulher Principal vai gastar todo o seu dinheiro com rapazes de vida livre, e a sua concubina vai provar os frutos de outro!"

— O porco! Ah, mas que porco!

— É. Ele me assustou de verdade. Senti as palavras dele me atingirem no Saco Secreto! Mas quem sabe falava a verdade.

Pegou um lenço, assoou o nariz, com a respiração asmática, pigarreou ruidosamente e cuspiu na escarradeíra.

— Ouça, Irmão Mais Moço, o nosso Grande Dragão disse que chegou a hora de organizar o Contrabandista Yuen, Lee Pó Branco e o primo dele, Wu Quatro Dedos.

O sargento Lee fitou-o, chocadíssimo. Aqueles três homens tinham a fama de ser os Grandes Tigres do comércio de ópio. Importadores e exportadores. Para uso local e também, segundo a voz corrente, para exportação para o País Dourado, onde havia o

dinheiro grosso. Ópio trazido para Hong Kong secretamente e convertido em morfina e, depois, em heroína.

— Ruim, muito ruim. Nunca tocamos nesse comércio antes.

— É — falou Tang-po delicadamente.

— Seria muito perigoso. O Departamento de Narcóticos é seriamente contra ele. A Grande Montanha de Bosta em pessoa está muito seriamente interessada em apanhar esses três... interessada pra caralho.

Tang-po fitou o teto. Depois, falou:

— Q Grande Dragão explicou assim: uma tonelada de ópio no Triângulo Dourado custa sessenta e sete mil dólares americanos. Transformada na porra da morfina, e depois na porra da heroína, e a heroína pura diluída a cinco por cento, a proporção costumeira nas ruas do País Dourado, e entregue ali, já se tem quase seiscentos e oitenta milhões em dólares americanos. Com uma tonelada de ópio.

Tang-po tossiu e acendeu outro cigarro.

O suor começou a porejar nas costas de Lee.

— Quantas toneladas poderiam passar através desses três fornicadores?

— Não sabemos. Mas disseram-lhe que cerca de trezentos e oitenta toneladas por ano são produzidas no Triângulo Dourado — Yunan, Birmânia, Laos e Tailândia. Grande parte vem para cá. Eles lidariam com cinquenta toneladas, falou ele. Tem certeza de cinquenta toneladas.

— Oh ko!

— É. — Tang-po também suava. — Nosso Grande Dragão disse que chegou a hora de investirmos no negócio. Vai crescer e crescer. Ele tem um plano para fazer a marinha se unir a nós...

— Dew neh loh moh, não se pode confiar naqueles filhos da mãe marítimos.

— Foi o que eu disse, mas ele falou que precisamos dos filhos da mãe marítimos, e que podemos confiar em alguns, selecionados. Quem mais poderá agarrar e interceptar uns vinte por cento de sinal... quem sabe até cinqüenta por cento para apaziguar a Grande Montanha de Bosta em pessoa, em momentos pré-combinados? — Tang-po cuspiu certamente, de novo. — Se pudéssemos juntar a marinha, o Departamento de Narcóticos e o Bando dos Três, o nosso h'eung yan atual seria igual à mijada de uma criança nas águas do porto.

Fez-se um silêncio sério no aposento.

— Teríamos que recrutar novos membros, e isso é sempre perigoso.

— É.

Lee pegou o bule de chá e serviu-se de um pouco de chá de jasmim, com o suor escorrendo costas abaixo, o ar abafado e cheio de densa fumaça. Esperou.

— O que acha, Irmão Mais Moço?

Os dois homens não eram aparentados, mas usavam a cortesia chinesa entre si porque há mais de quinze anos confiavam um no outro. Lee salvara a vida do seu superior nos levantes de 1956. Estava agora com trinta e cinco anos, e seu heroísmo nos levantes lhe garantira uma medalha da polícia. Era casado e tinha três filhos. Há dezesseis anos estava na força policial, e seu salário integral era de oitocentos e quarenta e três HK por mês. Tomava o bonde para ir para o trabalho. Se não complementasse a sua renda através da irmandade, como todos eles, teria tido que ir a pé ou de bicicleta, na maior parte dos dias. O bonde levava duas horas.

— Acho que a idéia é muito ruim — falou. — Drogas, qualquer tipo de droga é ruim pra caralho... é, muito ruim. O ópio é ruim, embora seja bom para gente velha... o pó branco, cocaína, é ruim, mas não tão ruim quanto as seringas da morte. Dá azar comerciar com as seringas da morte.

— Foi o que eu lhe disse.

— Vai obedecê-lo?

— O que é bom para um irmão deve ser bom para todos — disse Tang-po, cautelosamente, evitando uma resposta direta.

Novamente, Lee esperou. Não sabia como um Dragão era eleito, ou exatamente quantos havia, ou quem era o Grande Dragão. Sabia apenas que o seu Dragão era Tang-po, um homem sábio e cauteloso, que pensava nos interesses deles.

— Falou também que um ou dois dos nossos demônios estrangeiros superiores estão ficando com cócegas quanto às suas malditas fatias do dinheiro do jogo.

Lee cuspiu, enojado.

— O que esses fornicadores fazem para merecer a sua parte? Nada. Só fecham os olhos malditos. Exceto o Cobra.

Esse era o apelido do inspetor-chefe Donald C. C. Smyth, que organizara abertamente seu distrito de Aberdeen Leste e vendia favores e proteção em todos os níveis, diante dos seus subalternos chineses.

— Ah, ele! Devia ser enfiado esgoto abaixo, o sacana. Logo, aqueles a quem paga, acima deles, não poderão mais esconder o seu fedor. E o fedor dele se espalhará sobre todos nós.

— Ele deve se aposentar daqui a dois anos — falou Lee, sombriamente. — Talvez fique puxando o saco de todos os figurões até sair, e eles não poderão fazer nada. Os amigos dele estão lá no alto, segundo dizem.

— E enquanto isso? — perguntou Tang-po. Lee soltou um suspiro.

— Meu conselho, Irmão Mais Velho, é ser cauteloso, não entrar nessa se puder evitar. Se não puder... — deu de ombros. — É o destino. Já está decidido?

— Não. Ainda não. O assunto foi mencionado na nossa reunião semanal. Para ser estudado.

— Já se dirigiram ao Bando dos Três?

— Parece que foi Lee Pó Branco que nos procurou em primeiro lugar, Irmão Mais Moço. Parece que os três vão se unir.

Lee soltou uma exclamação abafada.

— Com juramentos de sangue?

— Parece que sim.

— Vão trabalhar juntos? Aqueles demônios?

— Foi o que disseram. Aposto que Wu Quatro Dedos vai ser o Tigre Maior.

— Ayeeyah, ele? Dizem que matou pessoalmente cinquenta homens — falou Lee, sombriamente. Estremeceu ao pensar no perigo. — Devem ter uns trezentos lutadores no seu rol de pagamento. Seria melhor para todos nós se aqueles três estivessem mortos... ou atrás das grades.

— É. Mas, entrentes, Lee Pó Branco diz que eles estão prontos para se expandir, e que em troca de uma pequena cooperação da nossa parte poderão garantir um lucro gigantesco. — Tang-po enxugou a testa, tossiu e acendeu outro cigarro. — Ouça, Irmãozinho — falou, suavemente. — Ele jura que lhes ofereceram uma grande fonte de dinheiro americano, dinheiro vivo e de banco, e um grande mercado varejista para a sua mercadoria lá, com sede nesse lugar chamado Manhattan.

Lee sentiu o suor na testa.

— Um mercado varejista lá... ayeeyah, isso significa milhões. Eles garantem?

— Garantem. Com muito pouca coisa para fazermos. Exceto fechar os olhos e cuidar para que a marinha e o Departamento de Narcóticos apreendam apenas os carregamentos corretos, e fechem os olhos quando for a hora. Não está escrito nos Livros Antigos: se você não der um aperto, o raio o atingirá?

Um novo silêncio.

— Quando é que a decisão... quando vai ser decidido?

— Na semana que vem. Se for sim, bem, o fluxo do tráfico vai levar meses para ser organizado, quem sabe um ano. — Tang-po

deu uma olhada no relógio e se levantou. — Hora do nosso banho. O Noturno Song providenciou jantar para nós, depois.

— Eeeee, que ótimo. — Inquieto, Lee apagou a única lâmpada do teto. — E se a decisão for não?

Tang-po apagou o cigarro e tossiu.

— Se for não... — Deu de ombros. — Temos uma só vida, a despeito dos deuses, portanto é nosso dever pensar nas nossas famílias. Um dos seus parentes trabalha como comandante com Wu Quatro Dedos...

11

20h30m

— Alô, Brian — cumprimentou Dunross. — Seja bem-vindo.

— Boa noite, tai-pan... parabéns... bela noite para uma festa — respondeu Brian Kwok. Um garçom de libre apareceu vindo do nada e ele aceitou uma taça de champanha, servido num cristal finíssimo. — Obrigado pelo convite.

— É sempre bem-vindo.

Dunross estava ao lado da porta do salão de baile da Casa Grande, alto e garboso. Penelope estava a poucos passos de distância, recebendo outros convidados. O salão de baile meio cheio dava para terraços e jardins superlotados e iluminados por holofotes, onde a maioria das senhoras vistosamente trajadas e cavalheiros de dinner jacket conversavam em grupos, ou sentavam-se a mesas redondas. Uma brisa fresca chegara junto com a noite.

— Penelope querida — chamou Dunross —, lembra-se do superintendente Brian Kwok?

— Mas é claro — disse ela, abrindo caminho na direção deles, ostentando um sorriso feliz, sem absolutamente lembrar-se dele. — Como vai?

— Muito bem, obrigado... parabéns!

— Obrigada... fique à vontade. O jantar vai ser servido às nove e quinze. Claudia tem a lista dos lugares às mesas, caso tenha perdido o seu cartão. Ah, com licença, um momentinho...

Virou-se para interceptar outros convidados, tentando olhar para toda parte para ver se tudo corria bem e se ninguém estava isolado... sabendo, no íntimo, que, se houvesse um desastre, ela não teria nada a fazer, pois outros dariam um jeito de consertar de novo as coisas.

— Tem muita sorte, Ian — disse Brian Kwok. — Ela fica mais moça a cada ano que passa.

— É.

— É isso aí. Brindemos a mais vinte anos. Saúde! Fizeram tintim com as taças. Eram amigos desde o início da década de 50, quando se haviam encontrado na primeira corrida realizada nos morros, e desde então tinham-se tornado rivais amistosos... e membros fundadores do Clube de Rally e Carros Esporte de Hong Kong.

— Mas e você, Brian, nenhuma garota especial? Veio sozinho?

— Estou curtindo as garotas, sem compromisso. — Brian Kwok baixou o tom de voz. — Na verdade, vou ficar solteiro permanentemente.

— Que idéia! Este é o seu ano... você é o partidão de Hong Kong. Até Claudia está de olho em você. Está ferrado, amigão.

— Oh, Deus! — Brian parou de brincar, por um momento. — Escute, tai-pan, posso falar-lhe uns dois minutos em particular, ainda hoje?

— John Chen? — perguntou Dunross, prontamente.

— Não. Todos os nossos homens estão procurando, mas até agora, nada. É outra coisa.

— Negócios?

— Sim.

— Muito em particular?

— Em particular.

— Está certo — retrucou Dunross. — Procuro você logo após o jantar. Que...

Uma explosão de risadas fez com que ambos olhassem à sua volta. Casey estava no centro de um grupo de admiradores — Linbar Struan, Andrew Gavallan e Jacques de Ville entre eles —, junto a uma das grandes portas envidraçadas que davam para o terraço, do lado de fora.

— Eeee — murmurou Brian Kwok.

— É isso aí — falou Dunross, sorrindo.

Ela usava um vestido justo e longo de seda verde-esmeralda, ajustado na conta certa e transparente na conta certa.

— Pombas, ela está ou não está?

— O quê?

— Usando roupa de baixo?

— Procurai e achareis.

— Gostaria. Ela é deslumbrante.

— Também acho — concordou Dunross, amavelmente —, embora imagine que cem por cento das outras senhoras não achem.

— Os seios dela são perfeitos, dá para se ver.

— Na verdade, não dá. Quase que dá. Está tudo na sua cabeça.

— Aposto que não há um par em Hong Kong que se compare a eles.

— Aposto cinquenta dólares contra uma moeda de cobre que você está errado... desde que incluamos as eurásianas.

— Como vamos provar quem ganhou?

— Não podemos. Para falar a verdade, sou mais ligado em tornozelos.

— Como?

— O velho tio Chen-Chen costumava dizer: "Olhe primeiro para os tornozelos dela, meu filho, então ficará sabendo a sua raça, como se comportará, como cavalgará, como... igual a qualquer égua. Mas não se esqueça de que todas as galhas sob os céus são negras!"

Brian Kwok sorriu junto com ele, depois acenou amistosamente para alguém. Do outro lado da sala, um homem alto, de rosto marcado, acenava também. Ao lado dele estava uma mulher extremamente bela, alta, loura, de olhos cinzentos. Também ela acenou alegremente.

— Aquilo sim é que é uma beldade inglesa!

— Quem? Ah, Fleur Marlowe? É, é mesmo. Não sabia que conhecia os Marlowes, tai-pan.

— A recíproca é verdadeira! Conheci-o hoje à tarde, Brian. Conhece-o há muito tempo?

— Uns dois meses e pouco. Ele é persona grata para nós.

— É?

— É. Estamos lhe mostrando como funcionam as coisas.

— É? Por quê?

— Faz alguns meses ele escreveu ao comissário, disse que vinha a Hong Kong fazer pesquisas para escrever um romance, e pediu a nossa colaboração. Parece que o Velho leu o primeiro romance dele e viu alguns dos seus filmes. Claro que fizemos uma

verificação e ele nos pareceu legal. — Os olhos de Brian Kwok voltaram para Casey. — O Velho achou que uma imagem melhorada só nos podia fazer bem, então mandou avisar que, dentro de limites, Peter fora aprovado, e que lhe mostrássemos as coisas. — Lançou um olhar para Dunross e deu um breve sorriso. — Não nos cabe discutir por quê!

— Qual é o livro dele?

— Chama-se Changi, e é sobre seus dias como prisioneiro de guerra. O irmão do Velho morreu lá, portanto creio que isso o tocou fundo.

— Já o leu?

— Quem sou eu... tenho muitas montanhas para subir!

Folheei-o, apenas. Peter diz que é ficção, mas não acredito. — Brian deu uma risada. — Mas ele sabe entornar uma cerveja. Robert levou-o a dois dos seus Festivais de Cerveja, e ele se saiu muito bem.

Os Festivais eram festas dadas pelos policiais, só para homens, para as quais os oficiais contribuíaam com um barril de cinqüenta litros de cerveja. A festa acabava quando a cerveja acabava.

Os olhos de Brian Kwok banquetevam-se em Casey, e Dunross se perguntou pela milionésima vez por que os asiáticos preferiam os anglo-saxões, e os anglo-saxões preferiam os asiáticos.

— Por que o sorriso, tai-pan?

— Por nada. Mas Casey não é nada má, hem?

— Aposto cinqüenta dólares que é bat jam gai, heya?

Dunross pensou um momento, sopesando a aposta cuidadosamente. "Bat jam gai" queria dizer, literalmente, "carne

branca de galinha". Era assim que os cantonenses se referiam às mulheres que raspavam os pêlos púbicos.

— Tá valendo! Está errado, Brian, ela é see yau gai — que significava "galinha com molho de soja" —, ou, no caso dela, vermelha, macia, e com tempero gostoso. Opinião das mais abalizadas!

Brian achou graça.

— Apresente-me.

— Vá você mesmo se apresentar. Já tem mais de vinte e um anos.

— Deixarei que você ganhe a subida do morro, no domingo.

— Essa é boa! Pode ir, e aposto mil que não consegue.

— Quanto me dá de vantagem?

— Deve estar brincando!

— Perguntar não ofende. Puxa, mas gostaria de faturar aquela. Onde está o sortudo Sr. Bartlett?

— Acho que está no jardim... mandei Adryon fazer-lhe sala. Com licença...

Dunross virou-se para receber um convidado que Brian Kwok não reconheceu.

Mais de cento e cinqüenta convivas já haviam chegado, sendo recebidos pessoalmente. O jantar era para duzentas e dezessete pessoas, todas cuidadosamente sentadas de acordo com a posição e o costume, em mesas redondas que já estavam postas, e com luz de velas, nos gramados. Velas e candelabros nos corredores, garçons

de libre servindo champanha em finas taças de cristal, ou salmão defumado e caviar em travessas e salvas de prata.

Um pequeno conjunto tocava sobre uma plataforma, e Brian Kwok notou algumas fardas em meio aos dinner jackets, americanas e inglesas, exército, marinha e força aérea. Não surpreendia que o número de europeus fosse dominante. Aquela festa era estritamente para o círculo interno britânico que mandava no distrito central e era o bloco de poder da colônia, para os seus amigos caucasianos e uns poucos eurásianos, chineses e indianos escolhidos. Brian Kwok reconheceu a maioria dos convidados: Paul Havergill, do Victoria Bank de Hong Kong, o velho Sir Samuels, multimilionário, tai-pan de vinte companhias imobiliárias, bancárias, de transporte por barcas e de valores mobiliários; Christian Toxe, editor do China Guardian, conversando com Richard Kwang, presidente da junta diretora do Ho-Pak Bank; o armador multimilionário V. K. Lam, conversando com Phillip e Dianne Chen, cujo filho, Kevin, estava com eles; o americano Zeb Cooper, herdeiro da mais antiga firma mercantil americana, Cooper-Tillman, de conversa com Sir Dunstan Barre, tai-pan das Fazendas de Hong Kong e Lan Tao. Notou Ed Langan, o homem do FBI, entre os convidados, e isso o surpreendeu. Não sabia que Langan, ou o homem com quem estava conversando, Stanley Rosemont, um subdiretor do contingente da CIA de vigia à China, eram amigos de Dunross. Deixou os olhos correrem pelos grupos de homens que tagarelavam, e pelos grupos das suas mulheres, a maioria separadamente.

"Estão todos aqui", pensou, "todos os tai-pans, exceto Gornt e Plumm, todos os piratas, todos aqui, com ódio incestuoso, rendendo homenagens a o tai-pan.

"Qual deles é o espião, o traidor, o controlador da Sevrin, Arthur?"

"Tem que ser europeu.

"Aposto que está aqui. E eu vou pegá-lo. É, vou pegá-lo em breve, agora que sei a seu respeito. Vamos pegá-lo, e pegar todos", pensou, sombriamente. "E vamos pegar estes ladrões com a boca na botija, vamos acabar de vez com as suas piratarias, para o bem comum."

— Champanha, Honrado Senhor — ofereceu o garçom, em cantonense, com um sorriso cheio de dentes.

Brian aceitou uma taça cheia.

— Obrigado.

O garçom se curvou, para ocultar os lábios.

— O tai-pan trouxe uma pasta de capa azul entre os seus papéis, quando chegou hoje — murmurou, rapidamente.

— Aqui existe um esconderijo seguro e secreto? — Brian perguntou, igualmente cauteloso, e no mesmo dialeto.

— Os criados dizem que fica no escritório dele, no outro andar — replicou o homem. Chamava-se Feng Garçom de Vinhos e fazia parte da rede sigilosa de agentes do sei. Seu disfarce como garçom do bufê responsável por todas as melhores e mais exclusivas festas de Hong Kong dava-lhe um grande valor. — Pode ser que fique atrás do quadro, foi o que ouvi... — Deteve-se, repentinamente, e começou a falar em inglês ar-revesado com sotaque chinês: — Champigni, senholita? — perguntou, com os dentes à mostra, oferecendo a bandeja à minúscula velhinha eurásiana que se aproximava: — Muito, muito plimeila classe.

— Não me venha com "senholita", seu fedelho impertinente
— ela replicou altivamente, em cantonense.

— Sim, Honrada Tia-Avó, desculpe, Honrada Tia-Avó. Sorriu de orelha a orelha, e sumiu.

— E então, jovem Brian Kwok — falou a velhinha, erguendo para ele os olhos apertados. Sarah Chen, tia de Phillip Chen, tinha oitenta e oito anos e era uma pessoa miudinha de pele branca e pálida e olhos asiáticos que se moviam incessantemente. E embora aparentasse ser frágil, mantinha as costas bem retas e o espírito forte. — Que bom vê-lo. Onde está John Chen? Onde está meu pobre sobrinho-neto?

— Não sei, Grande Senhora — respondeu ele, polidamente.

— Quando vai trazer de volta o meu Sobrinho-Neto Número Um?

— Logo. Estamos fazendo tudo o que podemos.

— Ótimo. E não atrapalhem o jovem Phillip, se ele quiser pagar o resgate particularmente. Cuide disso, ouviu?

— Sim, farei o que puder. A mulher de John está aqui?

— Hem? Quem? Fale alto, rapaz!

— Barbara Chen está aqui?

— Não. Ela veio, mas logo que aquela mulher chegou, "ficou com dor de cabeça" e foi embora. Não a culpo nem um pouquinho!
— Seus velhos olhos lacrimejantes fitavam Dianne Chen, do outro lado da sala. — Ah, aquela mulher! Viu a entrada que fez?

— Não, Grande Senhora.

— Ah, como se fosse a Dama Nellie Melba em pessoa. Entrou sala adentro, de lenço aos olhos, trazendo a tiracolo o filho mais velho, Kevin (não gosto desse rapaz), e o meu pobre sobrinho Phillip os seguia, como um ajudante de cozinha de segunda classe. Ah! A única vez que Dianne Chen chorou foi em 1956, na queda da Bolsa, quando suas ações baixaram e ela perdeu uma fortuna e molhou a roupa de baixo. Ah! Olhe só para ela, pavoneando-se! Fingindo estar perturbada, quando todo mundo sabe que já está agindo como se fosse a imperatriz mãe! Tenho vontade de beliscar-lhe as bochechas! Revoltante! — Voltou a olhar para Brian Kwok. — Encontre o meu sobrinho-neto John... não quero aquela mulher ou o seu moleque lok-pan na nossa casa.

— Mas ele pode ser tai-pan?

Os dois riram juntos. Pouquíssimos europeus sabiam que, embora "tai-pan" significasse "grande líder", na China antiga era o título coloquial dado ao encarregado de um bordel ou de um banheiro público. Assim, chinês algum se denominaria "tai-pan", apenas "loh-pan", que também significava "grande líder" ou "líder supremo". Os chineses e os eurasiáticos achavam divertidíssimo que os europeus gostassem de se denominar "tai-pan", deixando de lado, estupidamente, o título correto.

— Pode. Se for o pan certo — falou a velha, e os dois deram uma risada abafada. — Trate de achar o meu John Chen, jovem Brian Kwok!

— Sim, vamos achá-lo.

— Ótimo. Bem, o que me diz das chances de Golden Lady, no sábado?

— Boas, se a pista estiver seca. A três contra um ela está valendo uma nota. Fique de olho em Noble Star... também tem chances.

— Ótimo. Venha me ver depois do jantar. Quero falar com você.

— Sim, Grande Senhora.

Sorriu, e ficou vendo a mulher se afastar, sabendo que só o que ela queria era bancar a casamenteira para alguma sobrinha-neta. "Ayeeyah, vou ter que tomar alguma providência nesse sentido logo", pensou.

Os olhos dele voltaram-se para Casey. Ficou encantado com os olhares de reprovação de todas as mulheres... e com a admiração cautelosa e disfarçada de todos os seus acompanhantes. Então Casey ergueu os olhos e notou que ele a observava, do lado oposto da sala. Ela devolveu o olhar avaliador, com igual franqueza, por um breve instante.

"Dew neh loh moh", pensou, contrafeito, sentindo-se despido. "Gostaria de possuir aquela mulher." Foi então que notou Roger Crosse, com Armstrong ao lado. Pôs as idéias em ordem e foi juntar-se a eles.

— Boa noite, senhor.

— Boa noite, Brian. Está com um ar muito distinto.

— Obrigado, senhor. — Não era bobo de replicar com uma palavra amável. — Vou falar com o tai-pan depois do jantar.

— Ótimo. Logo depois de falar com ele, venha me procurar.

— Sim, senhor.

— Quer dizer que acha a moça americana deslumbrante?

— Sim, senhor.

Brian suspirou, intimamente. Esquecera-se de que Crosse sabia fazer leitura labial em inglês, francês e um pouco de árabe (não falava nenhum dialeto chinês) e que a sua visão era excepcional.

— Na verdade, é um pouco escandalosa — falou Crosse.

— Sim, senhor.

Notou que Crosse estava se concentrando nos lábios dela, e soube que estava prestando atenção à conversa dela, no outro lado da sala, e ficou furioso consigo mesmo, por não ter desenvolvido esse talento.

— Ela parece ter paixão por computadores. — Crosse voltou a olhar para eles. — Curioso, não?

— Sim, senhor.

— O que foi que o Feng Garçom de Vinhos disse? Brian contou.

— Ótimo. Providenciarei para que Feng ganhe uma gratificação. Não esperava ver Langan e Rosemont aqui.

— Pode ser coincidência, senhor — comentou Brian Kwok. — Ambos são ávidos apostadores. Ambos já estiveram no reservado do tai-pan.

— Não confio em coincidências — disse Crosse. — No que tange a Langan, claro que vocês não sabem nada, nenhum dos dois.

— Sim, senhor.

— Ótimo. É melhor vocês dois irem cuidar dos nossos negócios.

— Sim, senhor.

Satisfeitos, os dois homens se viraram para ir embora, mas se detiveram, ao notar o súbito silêncio. Todos os olhos se voltaram para a porta de entrada. Quillan Gornt ali se encontrava, barba e sobrancelhas negras, cômico de que fora notado. Os outros convivas

apressadamente continuaram as conversas interrompidas e desviaram os olhos, mas aguçaram os ouvidos.

Crosse assobiou baixinho.

— Ora, por que estará aqui?

— Aposto cinqüenta contra um que está tramando alguma sujeira — respondeu Brian Kwok, igualmente espantado.

Ficaram observando Gornt entrar no salão de baile e estender a mão a Dunross e a Penelope, ao seu lado. Claudia Chen, próxima a eles, estava quase em estado de choque, imaginando como poderia reorganizar a mesa de Dunross assim, em cima da hora, pois é claro que Gornt teria que se sentar ali.

— Espero que não se incomodem por eu ter mudado de idéia em cima da hora — dizia Gornt, sorridente.

— Absolutamente — retrucou Dunross, sorridente.

— Boa noite, Penelope. Achei que devia dar-lhes os parabéns pessoalmente.

— Ah, obrigada. — O sorriso dela permaneceu intacto, mas o coração batia descompassadamente, agora. — Eu, eu sinto muito o que houve com sua mulher.

— Obrigado. — Emelda Gornt sofrerá de artrite, e há anos vivia presa a uma cadeira de rodas. No começo do ano, pegara pneumonia e falecera. — Ela teve muito azar — disse Gornt. Olhou para Dunross. — Foi azar o que houve com John Chen, também.

— Muito.

— Suponho que tenha lido a Gazette da tarde. Dunross fez que sim com a cabeça, e Penelope disse:

— É de deixar qualquer um morto de medo. — Todos os jornais da tarde exibiram manchetes enormes e se regalaram com os detalhes da orelha mutilada e dos Lobisomens. Houve uma ligeira pausa. Ela apressou-se a preenchê-la. — Os seus filhos vão bem?

— Vão. Annagrey vai para a Universidade da Califórnia em setembro... Michael está aqui, passando as férias de verão. Estão em muito boa forma, folgo em dizer. E os seus?

— Vão muito bem. Embora eu tivesse muita vontade de que Adryon fosse para a universidade. Puxa vida, mas como as crianças são difíceis, hoje em dia, não é?

— Acho que sempre foram. — Gornt deu um ligeiro sorriso. — Meu pai vivia reclamando que eu era muito difícil.

Olhou novamente para Dunross.

— É. E como vai seu pai?

— Muitíssimo bem-disposto, folgo em dizer. O clima da Inglaterra lhe faz muito bem, diz ele. Vem passar o Natal aqui. — Gornt aceitou uma taça de champanha que lhe fora oferecida. O garçom estremeceu sob seu olhar, e afastou-se depressa, ergueu a taça. — Uma vida feliz e parabéns.

Dunross retribuiu o brinde, ainda atônito com a chegada de Gornt. Fora apenas por educação e classe que Gornt e outros inimigos haviam recebido convites formais. Uma recusa polida era só o que se esperava deles... Gornt já havia recusado.

"Por que ele está aqui?"

"Veio gozar com a minha cara", pensou Dunross. "Como o maldito do pai dele. O motivo deve ser esse. Mas por quê? O que ele andou aprontando contra nós? Bartlett? Será através de Bartlett?"

— Que bela sala, lindas proporções — dizia Gornt. — E que bela casa. Sempre invejei essa sua bela casa.

"É, seu filho da mãe, eu sei", pensou Dunross, furioso, recordando a última vez que qualquer dos Gornts tinha estado na Casa Grande. Há dez anos, em 1953, quando o pai de Ian, Colin Dunross, ainda era o tai-pan. Fora durante a festa de Natal da Struan, tradicionalmente a maior da temporada natalina, e Quillan Gornt havia chegado, junto com o pai, William, na época tai-pan da Rothwell-Gornt, e também inesperadamente. Depois do jantar houvera um bate-papo público e amargo entre os dois tai-pan, no salão de bilhar onde cerca de uma dúzia de homens se havia reunido para um joguinho. Fora na época em que a Struan havia sido bloqueada pelos Gornts e seus amigos xangaienses na sua tentativa de tomar posse da South Orient Airways, que, devido à conquista do continente pelos comunistas, ficara disponível. Essa companhia aérea auxiliar monopolizava todo o tráfego aéreo de e para Xangai, vindo de Hong Kong, Cingapura, Taipé, Tóquio e Bangkok, e se houvesse uma fusão dela com a Air Struan, a recém-fundada companhia aérea deles, a Struan obteria o virtual monopólio do Extremo Oriente, com sede em Hong Kong. Os dois homens se haviam acusado de práticas escusas... e as acusações de ambas as partes eram verdadeiras.

É, pensou Ian Dunross consigo mesmo, os dois homens haviam ido a extremos, daquela vez. William Gornt tentara de todas as formas estabelecer-se em Hong Kong depois das perdas imensas da Rothwell-Gornt em Xangai. E quando Colin Dunross sentiu que a Struan não seria mais a companhia dominante, tirara a South Orient das mãos de William Gornt, unindo-se a um grupo cantonense seguro.

— E foi o que você fez, Colin Dunross, foi o que você fez. Caiu na armadilha e agora jamais nos deterá — jactara-se William Gornt. — Viemos para ficar. Vamos expulsá-los da Ásia, a você e à sua amaldiçoada Casa Nobre. A South Orient é apenas o começo. Vencemos!

— Venceram, uma ova! O grupo Yan-Wong-Sun associou-se a nós. Temos um contrato!

— Está cancelado. — William Gornt fizera sinal a Quillan, seu filho mais velho e herdeiro presumível, que pegou uma cópia de um contrato. — Este contrato aqui é com o grupo Yan-Wong-Sun, representantes do grupo Tso-Wa-Feng — disse, alegremente —, representantes do Ta-Weng-Sap, que vende o controle da South Orient para a Rothwell-Gornt por um dólar além do custo original! — Quillan Gornt colocara o documento sobre a mesa de bilhar, ostensivamente. — A South Orient é nossa!

— Não acredito!

— Pode acreditar. Feliz Natal!

William Gornt dera uma risada grande, debochada, e fora embora. Quillan colocara no lugar seu taco de bilhar, rindo também. Ian Dunross estava junto à porta.

— Um dia vou ser dono desta casa — Quillan Gornt sibilara para ele, depois virara-se e dissera para os outros, em voz alta: — Se algum de vocês quiser um emprego, venha nos procurar. Não demora estarão desempregados. Sua Casa Nobre não vai ser nobre por muito tempo.

Lá estavam Andrew Gavallan, Jacques de Ville, Alastair Struan, Lechie e David MacStruan, Phillip Chen, até mesmo John Chen.

Dunross lembrava-se de como o pai esbravejara, naquela noite, e amaldiçoara a traição, os representantes e o azar, sabendo o tempo todo que o filho o advertira, muitas vezes, e que suas advertências haviam sido postas de lado. "Santo Deus, como fomos humilhados! Hong Kong inteira riu de nós, daquela vez... os Gornts e seus xangaienses intrusos mijando de uma grande altura sobre a Casa Nobre.

"É. Mas aquela noite marcou o início da derrubada de Colin Dunross. Foi naquela noite que decidi que ele tinha que ser afastado antes que a Casa Nobre se perdesse para sempre. Usei Alastair Struan. Ajudei-o a tirar meu pai da jogada. Alastair Struan tinha que ser tai-pan. Até que eu fosse sagaz e forte o suficiente para tirá-lo da jogada.

"Será que sou suficientemente sagaz agora?"

"Não sei", pensou Dunross, concentrando-se agora em Quillan Gornt, escutando suas amenidades, ouvindo-se reagir com igual galanteria, enquanto intimamente dizia "Não esqueci a South Orient, ou que tivemos que fundir a nossa linha aérea com a sua a preço de banana e perder o controle da nova linha, rebatizada Ail Ásia Airways. Nada foi esquecido. Perdemos, daquela vez, mas ganharemos desta. Ganharemos tudo, por Deus".

Casey observava os dois homens, fascinada. Notara Quillan Gornt desde o primeiro momento, reconhecendo-o das fotos do dossiê. Pressentira sua força e masculinidade mesmo do outro lado do aposento, e sentira-se estranhamente excitada por ele. Enquanto os observava, quase podia tocar a tensão que emanava dos dois homens... dois touros se desafiando. Andrew Gavallan contara-lhe

imediatamente quem era Gornt. Ela não mencionara que o reconhecera, apenas perguntara a Gavallan e Linbar Struan por que haviam ficado tão chocados com a chegada de Gornt. E então, como agora estavam sozinhos, os quatro — Casey, Gavallan, De Ville e Linbar Struan — contaram-lhe sobre o "Feliz Natal" e "Um dia vou ser dono desta casa".

— O que foi que o tai-pan... o que foi que Ian fez? — perguntou.

Gavallan respondeu:

— Ele simplesmente olhou para Gornt. Sabíamos que, se tivesse um revólver, uma faca ou um porrete, ele os teria usado, dava para se sentir isso. E como não tinha arma alguma, sabíamos que, a qualquer momento, usaria as mãos ou os dentes... Ficou absolutamente imóvel e olhou para Gornt, e este recuou um passo, saindo do seu alcance... literalmente. Mas o sacana do Gornt tem cojones. Recuperou o controle e devolveu o olhar de Ian, por um momento. Depois, sem dizer palavra, virou-se muito devagar, com muito cuidado, sem desfitar Ian, e foi embora.

— O que esse filho da mãe está fazendo aqui hoje? — murmurou Linbar.

Gavallan disse:

— Tem que ser importante.

— Qual deles? — perguntou Linbar. — Qual é o importante?

Casey olhou para ele, e com o canto dos olhos viu Jacques de Ville sacudir a cabeça, em sinal de advertência, e imediatamente Linbar e Gavallan se retraíram. Mesmo assim, ela perguntou:

— O que Gornt está fazendo aqui?

— Não sei — respondeu Gavallan, e ela acreditou nele.

— Eles voltaram a se encontrar, desde aquele Natal?

— Oh, sim, muitas vezes, o tempo todo — disse Gavallan. — Socialmente, é claro. Além disso, pertencem às mesmas juntas diretoras, comitês, conselhos administrativos. — Contrafeito, acrescentou: — Mas... bem, estou certo de que estão apenas esperando.

Ela viu os olhos deles se voltarem para os dois inimigos, e os dela fizeram o mesmo. Seu coração batia fortemente. Viram Penelope se afastar para falar com Claudia Chen. Daí a um momento, Dunross olhou na direção deles. Ela sabia que ele estava fazendo alguma espécie de sinal para Gavallan. A seguir, seus olhos detiveram-se nela. Gornt acompanhou-lhe o olhar. Agora, os dois homens olhavam para ela. Sentiu o magnetismo deles intoxicando-a. Um demônio dentro dela guiou seus passos na direção deles. Sentia-se contente, agora, por ter-se vestido daquele jeito, mais provocantemente do que planejara, mas Linc lhe dissera que naquela noite devia parecer menos "executiva".

Enquanto caminhava, sentia o roçar da seda no corpo, e seus mamilos endureceram. Sentiu os olhos deles percorrendo o seu corpo, despindo-a, e desta vez, estranhamente, não se incomodou. Seu andar tornou-se imperceptivelmente mais felino.

— Alô, tai-pan — falou, com fingida inocência. — Queria que viesse fazer-lhes companhia?

— Sim — replicou ele, prontamente. — Creio que vocês dois se conhecem.

Ela sacudiu a cabeça e sorriu para os dois, sem perceber a armadilha.

— Não, não nos conhecemos. Mas é claro que sei quem é o Sr. Gornt. Andrew me contou.

— Ah, então deixe-me apresentá-los, formalmente. Sr. Quillan Gornt, tai-pan da Rothwell-Gornt. Srta. Tcholak, Ciranoush Tcholak, dos Estados Unidos.

Ela estendeu a mão, ciente do perigo de se meter entre os dois homens, metade da sua mente excitada pelo perigo, a outra metade gritando: "Meu Deus, o que estou fazendo aqui?"

— Ouvi falar muito a seu respeito, Sr. Gornt — disse, satisfeita porque sua voz estava controlada, satisfeita com o toque da mão dele... diferente da de Dunross, mais áspera, e não tão forte. — Creio que a rivalidade entre as suas firmas existe há gerações.

— Apenas três. Foi meu avô quem primeiro sentiu a misericórdia não tão suave dos Struans — disse Gornt, tranqüilamente. — Um dia desses gostaria de lhe contar a nossa versão das lendas.

— Acho que vocês dois deviam fumar o cachimbo da paz — falou. — Certamente a Ásia é ampla o bastante para os dois.

— O mundo inteiro não o é — replicou Dunross, afavelmente.

— Não — concordou Gornt, e se ela não tivesse ouvido a história real, teria imaginado, pelo tom de voz e pelo jeito deles, que eram apenas rivais cordiais.

— Nos Estados Unidos temos muitas companhias enormes... e elas convivem em paz. Em competição.

— Aqui não é a América — disse Gornt, calmamente. — Quanto tempo vai ficar aqui, srta. Tcholak?

— Depende de Linc... Linc Bartlett. Trabalho nas Indústrias Par-Con.

— É, eu sei. Ele não lhe contou que vamos jantar juntos na terça-feira?

Os sinais de alerta percorreram o corpo dela.

— Terça-feira?

— É. Combinamos hoje de manhã. Na nossa reunião. Ele não lhe contou?

— Não — disse, momentaneamente abalada. Os dois homens a fitavam atentamente, e ela teve vontade de poder sair de fininho e voltar dali a cinco minutos, depois de ter pensado direito no caso. "Caramba", pensou, e lutou para manter a serenidade, enquanto todas as implicações vinham à sua mente. — Não — repetiu —, Linc não me falou de nenhuma reunião. O que combinaram?

Gornt lançou um olhar para Dunross, que ainda escutava tudo com fisionomia inexpressiva.

— Apenas um jantar na terça-feira. O Sr. Bartlett e a senhorita... se estiver livre.

— Seria ótimo... obrigada.

— E onde está o seu Sr. Bartlett, agora? — perguntou ele.

— No... no jardim, acho. Dunross falou:

— A última vez que o vi estava no terraço. Adryon estava com ele. Por quê?

Gornt pegou uma cigareira de ouro e ofereceu-a à moça.

— Não, obrigada. Não fumo.

— Incomoda-se se eu fumar? Ela fez que não com a cabeça.

Gornt acendeu um cigarro e olhou para Dunross.

— Só gostaria de cumprimentá-lo antes de ir embora — falou, amavelmente. — Espero que não se incomode por eu ter vindo

apenas por alguns minutos... desculpe não poder ficar para o jantar. Tenho um compromisso urgente... você compreende.

— Claro. — Dunross acrescentou. — Lamento que não possa ficar.

Nenhum dos dois homens demonstrava coisa alguma, na fisionomia. Só nos olhos. Era neles que se via o ódio. A fúria. Sua profundidade chocou Casey.

— Peça a Ian Dunross para mostrar-lhe a Galeria Longa — dizia Gornt para ela. — Ouvei dizer que há nela excelentes retratos. Eu próprio nunca estive na Galeria Longa... apenas no salão de bilhar.

Ela sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha enquanto ele olhava para Dunross, que retribuía o olhar.

— A tal reunião de hoje de manhã — falou Casey, pensando agora com clareza, achando mais sensato falar logo tudo na frente de Dunross. — Quando foi marcada?

— Há umas três semanas — disse Gornt. — Pensei que fosse sua principal executiva. Estou surpreso de ele não a ter mencionado para a senhorita.

— Linc é o nosso tai-pan, Sr. Gornt. Trabalho para ele, que não é obrigado a me contar tudo — respondeu, agora mais calma. — Ele deveria ter-me contado, Sr. Gornt? Quero dizer, era importante?

— Poderia ser. É. Confirmei, oficialmente, que podemos cobrir qualquer oferta que a Struan faça. Qualquer oferta. — Gornt voltou a olhar para o tai-pan. A voz dele ficou uma fração mais dura. — Ian, queria dizer-lhe, pessoalmente, que estamos no mesmo mercado.

— Foi por esse motivo que veio?

— Um dos motivos.

— O outro?

— Prazer.

— Há quanto tempo conhece o Sr. Bartlett?

— Uns seis meses. Por quê?

Dunross deu de ombros, depois olhou para Casey, e ela não pôde lhe notar no rosto, na voz, nem nos modos nada além de simpatia.

— Não sabia nada das negociações com a Rothwell-Gornt? Sinceramente, sacudiu a cabeça, impressionada com o habilidoso planejamento a longo prazo de Bartlett.

— Não. Existem negociações em andamento, Sr. Gornt?

— Eu diria que sim. Gornt sorriu.

— Então veremos, não é mesmo? — falou Dunross. — Veremos quem fará a melhor proposta. Obrigado por contar-me pessoalmente, embora não houvesse necessidade. Eu sabia, naturalmente, que você estaria interessado. Não há necessidade de repisar o assunto.

— Na verdade, há um bom motivo para isso — retrucou Gornt, vivamente. — Nem o Sr. Bartlett nem esta moça podem se dar conta de como a Par-Con é vital para você. Senti-me obrigado a vir pessoalmente para apontar a eles esse fato. E a você. E, naturalmente, para dar os meus parabéns.

— "Vital" por quê, Sr. Gornt? — indagou Casey, agora interessada.

— Sem a transação com a Par-Con e o fluxo de caixa que ela vai gerar, a Struan vai soçobrar. Poderia soçobrar facilmente dentro

de alguns meses.

Dunross soltou uma risada, e aqueles poucos que escutavam disfarçadamente estremeceram e elevaram o nível de sua conversa um decibel, estupefatos com a idéia do fracasso da Struan, e pensando ao mesmo tempo: "Que transação? Par-Con? Devemos vender ou comprar? Ações da Struan ou da Rothwell-Gornt?"

— Não há a menor chance disso — falou Dunross. — Mas nem por sombra!

— Acho que há uma chance muito boa. — O tom de voz de Gornt mudou. — De qualquer modo, como você diz, veremos.

— É, veremos... nesse meio tempo... — Dunross se interrompeu ao ver Claudia se aproximando, constrangida.

— Desculpe, tai-pan — falou —, seu telefonema pessoal para Londres está na linha.

— Oh, obrigado. — Dunross virou-se e fez sinal para Penelope, que se aproximou imediatamente. — Penelope, quer entreter Quillan e a srta. Tcholak por um momento? Tenho que atender a um telefonema. Quillan não vai ficar para jantar, tem um compromisso urgente.

Acenou alegremente e deixou-os. Casey notou a graça animal do seu andar.

— Não vai ficar para o jantar? — dizia Penelope, com um alívio evidente que procurava disfarçar.

— Não. Lamento ter-lhe dado trabalho... chegando tão abruptamente, depois de ter recusado seu gentil convite. Infelizmente, não posso ficar.

— Ah! Então... queiram me dar licença um momento. Volto já.

— Não precisa se preocupar conosco — disse Gornt, gentilmente. — Podemos cuidar de nós mesmos. Mais uma vez, desculpe ter sido um transtorno... está com uma aparência maravilhosa, Penelope. Nunca muda.

Ela agradeceu, e ele esperou que ela se fosse. Agradecida, Penelope dirigiu-se para junto de Claudia Chen, que esperava a curta distância.

— Você é um homem curioso — falou Casey. — Num momento, guerra; no seguinte, um grande charme.

— Temos regras, nós, ingleses, na paz e na guerra. Só porque se odeia alguém, não é motivo para xingá-lo, cuspir-lhe na cara ou ser grosseiro com a sua mulher. — Gornt sorriu para ela. — Vamos procurar o seu Sr. Bartlett? Depois, preciso mesmo sair.

— Por que agiu assim? Com o tai-pan? O desafio para a batalha... aquela "vital" que mencionou. Foi um desafio formal, não? Em público.

— A vida é um jogo — disse ele. — Toda a vida é um jogo, e nós, ingleses, obedecemos a regras diferentes das de vocês, americanos. É. E a vida é para ser curtida. Ciranoush... que lindo nome o seu. Posso chamá-la assim?

— Pode — replicou ela, depois de uma pausa. — Mas, por que o desafio, agora?

— A hora era agora. Não exagerei sobre a importância de vocês para a Struan. Vamos sair em busca do seu Sr. Bartlett?

"É a terceira vez que ele diz seu Sr. Bartlett", pensou ela. "Será para sondar, ou para irritar?"

— Claro, por que não? — Virou-se na direção dos jardins, consciente dos olhares, francos ou discretos, dos outros convivas, sentindo o perigo de modo agradável. — Sempre faz entradas dramáticas como a de hoje?

Gornt achou graça.

— Não. Perdoe se fui abrupto, Ciranoush... se a perturbei.

— Está se referindo ao seu encontro particular com Linc? Não me perturbou. Foi muito astuto da parte de Linc se acercar da oposição sem que eu soubesse. Isso me deu uma liberdade de ação que, de outro modo, eu não teria tido hoje de manhã.

— Ah, então não está irritada porque ele não confiou em você, nesse caso?

— Não tem nada a ver com confiança. Eu, com freqüência, oculto informações de Linc, até a hora adequada, para protegê-lo. É óbvio que ele estava fazendo o mesmo por mim. Linc e eu nos entendemos. Pelo menos, acho que o entendo.

— Então, diga-me como concluir uma transação.

— Primeiro, preciso saber o que você quer. Além da cabeça de Dunross.

— Não quero a cabeça dele, a sua morte, nada disso... só uma breve transferência da sua Casa Nobre. Tão logo a Struan seja destruída, nós nos tornaremos a Casa Nobre. — O rosto dele ficou duro. — Então, todos os fantasmas poderão descansar.

— Fale-me deles.

— A hora não é apropriada, Ciranoush, não mesmo. Ouvidos hostis em demasia. É algo só para os seus ouvidos.

Estavam agora no jardim, tocado por uma brisa suave, encimado por um lindo céu estrelado. Linc Bartlett não estava nesse terraço, portanto desceram os largos degraus de pedra em direção ao terraço inferior, passando por entre outros convivas, dirigindo-se para as trilhas que cortavam o relvado. Então, foram interceptados.

— Alô, Quillan, que surpresa agradável.

— Alô, Paul. Srta. Tcholak, deixe-me apresentá-la a Paul Havergill, atualmente diretor do Victoria Bank.

— Temo que seja uma posição temporária, srta. Tcholak, e somente porque nosso gerente-geral está licenciado por motivo de saúde. Vou me aposentar daqui a alguns meses.

— O que muito lamentamos — falou Gornt. Depois, apresentou Casey ao resto do grupo: Lady Joanna Temple-Smith, uma mulher alta, de rosto esticado, na casa dos cinqüenta, e Richard Kwang e a mulher, Mai-ling. — Richard Kwang é o presidente da junta diretora do Ho-Pak, um dos nossos melhores bancos chineses.

— No ramo bancário, somos todos competidores cordiais, srta.... senhorita, com exceção, naturalmente, do Blacs — disse Havergill.

— Como? — indagou Casey.

— Blacs? Ah, é o apelido do Banco de Londres, Cantão e Xangai. Podem ser maiores do que nós, cerca de um mês mais antigos, mas somos o melhor banco daqui, srta....

— O Blacs é o meu banco — disse Gornt para Casey. — Servem-me muito bem. São banqueiros de primeira classe.

— Segunda classe, Quillan. Gornt voltou-se para Casey.

— Temos um ditado aqui que diz que o Blacs é constituído de cavalheiros tentando ser banqueiros, e o Victoria, de banqueiros tentando ser cavalheiros.

Casey riu. Os outros sorriram educadamente.

— São todos apenas competidores amistosos, Sr. Kwang? — perguntou.

— Oh, sim. Não ousaríamos nos opor ao Blacs ou ao Victoria — disse Richard Kwang, afavelmente. Era baixo, atarracado, de meia-idade, com cabelos pretos salpicados de fios grisalhos, e um sorriso fácil, falando um inglês perfeito. — Ouvi dizer que a Par-Con vai investir em Hong Kong, srta. Tchelek.

— Estamos apenas estudando o assunto, Sr. Kwang. Não há nada decidido, ainda.

Ignorou a pronúncia errada do seu nome. Gornt baixou o tom de voz.

— Cá entre nós, já disse formalmente ao Sr. Bartlett e à srta. Tcholak que cobrirei qualquer oferta que a Struan possa fazer. O Blacs me dá apoio de cem por cento. E tenho amigos banqueiros em outros lugares. Estou torcendo para que a Par-Con considere todas as possibilidades antes de assumir qualquer compromisso.

— Imagino que isso seria muito sensato — falou Havergill. — Naturalmente, a Struan está correndo por dentro.

— O Blacs e a maioria de Hong Kong não concordariam com você — disse Gornt.

— Espero que não chegue a haver um choque, Quillan — disse Havergill. — A Struan é nosso principal cliente.

Richard Kwang falou.

— De qualquer forma, srta. Tchelek, seria muito bom ter uma grande companhia como a Par-Con aqui. Bom para vocês, bom para nós. Esperamos que seja encontrado um acordo que agrade à Par-Con. Se o Sr. Bartlett precisar de qualquer assistência...

O banqueiro ofereceu o seu cartão comercial. Ela o pegou, abriu a sua bolsa de seda e ofereceu o seu com igual presteza, tendo vindo preparada para a troca de cartões imediata que é de bom-tom e obrigatória na Ásia. O banqueiro chinês olhou para o cartão, depois seus olhos se estreitaram.

— Desculpe ainda não tê-lo traduzido para caracteres chineses — disse ela. — Nossos banqueiros nos Estados Unidos são o First Central New York Bank e o Califórnia Merchant Bank and Trust Company. — Casey citou-os orgulhosamente, certa de que o ativo combinado desses gigantes bancários superava seis bilhões. — Terei pr... — Interrompeu-se, espantada com a súbita frieza que a cercava. — Algo errado?

— Sim e não — disse Gornt, após um momento. — É só que o First Central New York Bank não é nada popular por aqui.

— Por quê?

Havergill explicou, desdenhosamente:

— Mostraram-se desprezíveis, srta.... senhorita. O First Central New York fez alguns negócios aqui antes da guerra, depois se expandiu, em meados dos anos 40, enquanto nós, do Victoria e de outras instituições britânicas, ainda estávamos nos erguendo do chão. Em 49, quando o presidente Mao jogou Chang Kai-chek para fora do continente, para Formosa, as tropas de Mao estavam em massa na nossa fronteira, a poucos quilômetros para o norte, nos

Novos Territórios. A invasão e destruição da colônia pelas hordas estavam por um fio. Um bocado de gente se apavorou e arrepiou carreira. Nenhum de nós, é claro. Mas todos os chineses que puderam saíram. Sem nenhum aviso, o First Central New York rescindiu todos os seus empréstimos, pagou a seus depositantes, cerrou suas portas e fugiu... tudo no espaço de uma semana.

— Eu não sabia — disse Casey, consternada.

— Foram um bando de covardes sujos, minha cara, se me desculpa a expressão — falou Lady Joanna, com desprezo evidente. — Claro que foi o único banco que se mandou... que fugiu. Mas, afinal, eram... bem, o que se podia esperar, minha cara?

— Provavelmente que se comportassem melhor, Lady Joanna — disse Casey, furiosa com o vice-presidente encarregado da sua conta, por não os ter advertido. — Talvez haja atenuantes, Sr. Havergill. Os empréstimos eram substanciais?

— Infelizmente sim, e muito, naquela época. É. Aquele banco arruinou muita gente e muitas empresas importadoras. Causou muita dor e desprestígio. Apesar disso — continuou, com um sorriso —, todos nos beneficiamos com a partida dele. Há uns dois anos,

tiveram a desfaçatez de pedir ao secretário de Finanças uma nova licença para operar!

Richard Kwang acrescentou, jovialmente:

— Essa é uma licença que jamais será renovada! Sabe, srta. Tchelek, todos os bancos estrangeiros operam com uma licença renovável anualmente. Podemos passar muito bem sem eles, ou outro banco americano qualquer, diga-se de passagem. São tão... bem, verá que o Victoria, o Blacs ou o Ho-Pak, quem sabe os três, srta. K. C, atenderão perfeitamente a todas as necessidades da Par-Con. Se a senhorita e o Sr. Bartlett quiserem ter uma conversinha...

— Terei prazer em conversar com o senhor, Sr. Kwang. Digamos, amanhã? Inicialmente, sou eu que trato da maioria das nossas necessidades bancárias. Quem sabe pela manhã?

— Mas claro. Verá que somos competitivos — falou Richard Kwang, sem vacilar. — Às dez?

— Ótimo. Estamos no Victoria, em Kowloon. Se dez horas não lhe convier, basta me avisar — falou. — Gostei de conhecê-lo pessoalmente, também, Sr. Havergill. Suponho que nosso compromisso para amanhã ainda esteja de pé.

— Naturalmente. Às quatro, não é? Espero ansioso a oportunidade de conversar com calma com o Sr. Bartlett... e com você também, é claro, minha cara.

Era um homem alto e esbelto, e ela notou que seus olhos haviam estado fitos no decote dela. Pôs de lado a antipatia imediata que sentiu. "Posso precisar dele", pensou, "e do seu banco."

— Obrigada — falou, com a dose exata de deferência, e passou a agradecer Lady Joanna. — Mas que lindo vestido, Lady Joanna — falou, detestando-o, e ao fio de pequenas pérolas que rodeava o pescoço esquálido da mulher.

— Oh, obrigada, querida. O seu também é de Paris?

— Indiretamente. É um Balmain, mas foi comprado em Nova York. — Sorriu para a mulher de Richard Kwang, uma senhora cantonense baixa, sólida e bem-conservada, com o penteado rebuscado, pele muito pálida e olhos apertados. Usava um imenso pingente de jade imperial e um anel de brilhantes de sete quilates. — Pra2er em conhecê-la, sra. Kwang — disse, atônita com a fortuna que aquelas jóias representavam. — Estávamos procurando Linc Bartlett. Vocês o viram?

— Faz algum tempo que não o vemos — adiantou Haver-gill. — Acho que foi para a ala leste. Acredito que há um bar por lá. Estava com Adryon... filha de Dunross.

— Adryon virou uma mocinha tão linda! — falou Lady Joanna. — Fazem um casal muito bonito. Um homem encantador, o Sr. Bartlett. Não é casado, é, querida?

— Não — disse Casey, de modo igualmente agradável, acrescentando Lady Joanna Temple-Smith à sua lista particular de pessoas detestáveis. — Linc não é casado.

— Vai ser encaçapado muito em breve, escute o que eu digo. Acredito que Adryon está verdadeiramente fascinada. Quem sabe gostaria de vir tomar chá comigo na quinta-feira, minha cara?

Gostaria muito que conhecesse algumas das moças. Quinta é o dia do nosso Clube das Maiores de Trinta.

— Obrigada — Casey falou. — Não me enquadro na categoria, mas adoraria ir assim mesmo.

— Ah, desculpe, querida! Imaginei que... mandarei um carro ir buscá-la. Quillan, vai ficar para o jantar?

— Não posso. Tenho um compromisso urgente.

— Que pena.

Lady Joanna sorriu, deixando à mostra os dentes estragados.

— Se nos derem licença... preciso achar Bartlett, depois vou embora. Até sábado.

Gornt segurou Casey pelo braço, e foi se afastando. Eles ficaram olhando enquanto os dois se distanciavam.

— Ela é bem atraente, de uma maneira vulgar, não é? — comentou Lady Joanna. — Chuluk. É da Europa central, não é?

— Possivelmente. Podia ser do centro-leste, Joanna, turca, ou coisa assim, possivelmente dos Bálcãs... — Havergill se deteve. — Ah, estou entendendo. Não, não acho. Ela certamente não tem cara de judia.

— Hoje em dia nunca se pode saber ao certo, não é? Podia ter feito plástica no nariz... hoje em dia fazem-se maravilhas, não é?

— Nunca me ocorreu prestar atenção. Hum! Acha mesmo?

Richard Kwang passou o cartão de Casey para a mulher, que o leu instantaneamente, e entendeu, instantaneamente.

— Paul, o cartão dela diz: "tesoureira e vice-presidente-executiva da companhia holding"... muito impressionante, não? A Par-Con é uma grande companhia.

— Ora, meu caro, mas eles são americanos. Fazem coisas extraordinárias por lá. Claro que é só um título... nada mais.

— Dando cartaz para a amante? — indagou Joanna.

12

21h

O taco de bilhar acertou na bola branca, ela voou pela mesa verde, enfiou a vermelha numa caçapa oposta e parou perfeitamente atrás da outra vermelha.

Adryon bateu palmas, alegremente.

— Oba, Linc, que legal! Pensei que você só estava contando vantagem. Faça de novo!

Linc Bartlett abriu um sorriso.

— Por um dólar, a vermelha correndo a mesa e entrando naquela caçapa, e a branca aqui.

Marcou o local com a ponta do giz.

— Fechado!

Ele se debruçou sobre a mesa, mirou, e a branca parou a um milímetro da marca, a vermelha encaçapada com inevitabilidade maravilhosa.

— Ayeeyah! Não tenho um dólar aqui. Droga! Posso ficar devendo?

— Uma dama... não importa o quanto seja bela... tem que pagar suas dívidas de jogo imediatamente.

— Eu sei. É o que papai sempre diz. Posso lhe pagar amanhã?

Ele a observava, curtindo-a, satisfeito porque sua perícia a encantara. Ela usava uma saia preta na altura dos joelhos, e uma linda blusa de seda. Tinha as pernas longas, muito longas e perfeitas.

— Nada disso!

Fingiu mau humor, e então riram juntos na sala imensa, as luzes fortes e baixas encimando a mesa de bilhar grande, o resto da sala escuro e íntimo, exceto pela réstia de luz que vinha pela porta aberta.

— Você joga incrivelmente bem — disse ela.

— Não conte a ninguém, mas ganhei a vida no exército jogando sinuca.

— Na Europa?

— Não. No Pacífico.

— Meu pai era piloto de caça. Derrubou seis aviões antes de ser abatido e proibido de voar.

— Acho que isso o tornou um ás, não é?

— Você tomou parte naqueles terríveis desembarques contra os japoneses?

— Não. Eu fazia parte das equipes de construção. Vínhamos quando tudo já havia sido tomado.

— Ah!

— Construimos bases, pistas de pouso em Guadalcanal, e nas ilhas por todo o Pacífico. A minha guerra foi fácil... não foi parecida com a do seu pai. — Enquanto ia guardar o taco, lamentou pela primeira vez não ter pertencido aos Fuzileiros Navais. A expressão do rosto dela quando ele falou em construção fê-lo sentir-se emasculado. — Devíamos ir procurar o seu namorado. Quem sabe já chegou.

— Ah, ele não é importante! Não é um namorado de verdade, conheci-o há cerca de uma semana, na festa de uma amiga. Martin é jornalista, trabalha no China Guardian. Não é um amante.

— Todas as jovens inglesas falam tão abertamente sobre seus amantes?

— É a pílula. Libertou-nos para sempre da servidão masculina. Agora, somos iguais.

— São?

— Eu sou.

— Então tem sorte.

— É, eu sei que tenho muita sorte. — Ficou olhando para ele.
— Que idade tem, Linc?

— Bastante.

Enfiou o taco no porta-tacos. Era a primeira vez na vida que não quisera dizer a sua idade. "Merda", pensou, curiosamente perturbado. "Qual é o problema?"

"Nenhum. Não há problema. Há?"

— Tenho dezenove anos — dizia ela.

— Quando faz anos?

— No dia 27 de outubro, sou Escorpião. E você?

— Em 1.º de outubro.

— Mentira! Diga a verdade.

— Juro, de pés juntos. Ela bateu palmas de alegria.

— Oh, que maravilha! Papai faz anos no dia 10. Que maravilha... é um bom sinal!

— Por quê?

— Vai ver.

Toda contente, abriu a bolsa e achou um maço de cigarros amassado e um isqueiro de ouro gasto. Ele tirou o isqueiro das mãos dela e acionou-o, mas ele não acendeu. Uma segunda e uma terceira vez, e nada.

— Droga de isqueiro — falou ela. — Essa droga nunca funciona direito, mas foi papai quem me deu. Eu o adoro. É claro que já o deixei cair umas duas vezes.

Ele ficou olhando para o isqueiro, soprou o pavio, e ficou brincando com ele por um momento.

— De qualquer modo, você não devia fumar.

— É o que papai sempre diz.

— Ele tem razão.

— É. Mas gosto de fumar, por enquanto. Quantos anos tem,
Linc?

— Quarenta.

— Oh! — Ele notou a surpresa. — Então tem a mesma idade que papai! Bem, quase. Ele tem quarenta e um.

— São, ambas, excelentes idades — Linc falou, secamente, pensando: "Seja lá de que modo você o encare, Adryon, tenho realmente idade para ser seu pai".

Ela franziu a testa de novo.

— É gozado, vocês não parecem nem um pouco ter a mesma idade. — A seguir, acrescentou, aos borbotões: — Daqui a dois anos, terei vinte e um anos, praticamente dobrando o cabo da Boa Esperança, nem posso me imaginar tendo vinte e cinco anos, que dirá trinta, e quanto a quarenta... Deus, acho que prefiro estar embaixo da terra.

— Vinte e um anos é idade... sim, senhora, idade pra burro. — Pensou: "Faz muito tempo que você não passa o seu tempo na companhia de uma garota tão jovem. Cuidado. Essa aí é dinamite". Acionou o isqueiro, e ele acendeu. — Ora, vejam só!

— Obrigada — disse ela, acendendo o cigarro na chama. — Você não fuma? — perguntou.

— Não, agora não. Antes eu fumava, mas Casey me mandava panfletos ilustrados sobre o câncer e o fumo de hora em hora, até que eu saquei o perigo. Não me grilou nem um pouco parar... uma vez que tomei a decisão. Realmente, houve uma melhora dos diabos no meu golfe e no tênis e... — sorriu — e em todas as formas de esporte.

— Casey é espetacular. É mesmo a sua vice-presidente-executiva?

— É.

— Ela vai... vai ser muito difícil para ela, aqui. Os homens não vão gostar nada de ter que lidar com ela.

— Nos Estados Unidos é igual. Mas estão se acostumando. Criamos a Par-Con em seis anos. Casey sabe trabalhar como ninguém. É uma vencedora.

— Ela é sua amante?

Ele tomou um gole da sua cerveja.

— Todas as jovens inglesas são assim tão diretas?

— Não. — Ela riu. — É que eu estava curiosa. Todo mundo diz... todo mundo supõe que seja.

— Não diga!

— Digo. Vocês são o prato da sociedade de Hong Kong, e esta noite vai coroar a coisa. Os dois fizeram uma entrada espetacular, com o seu jato particular, as armas contrabandeadas, e Casey a última européia a ver John Chen, segundo os jornais. Gostei da sua entrevista.

— É, aqueles filh... aqueles sujeitos da imprensa estavam à minha espera na soleira da porta, hoje à tarde. Tentei ser breve e brusco.

— A Par-Con vale mesmo meio bilhão de dólares?

— Não. Vale uns trezentos milhões... mas logo será uma companhia de um bilhão de dólares. É, agora, logo será.

Notou que ela o olhava com aqueles olhos francos, cinza-esverdeados, tão adultos, e no entanto tão jovens.

— É um homem muito interessante, Sr. Linc Bartlett. Gosto de conversar com você. Gosto de você, também. Não gostei, de início. Fiz o maior escândalo quando papai disse que eu tinha de lhe fazer companhia, acompanhá-lo e apresentá-lo aos outros, durante algum tempo. Não fiz um trabalho muito bom, não é mesmo?

— Foi legal.

— Ora, corta essa. — Ela também deu um amplo sorriso. — Monopolizei-o totalmente.

— Não é verdade, conheci Christian Toxe, o editor, Richard Kwang e aqueles dois americanos do consulado. Lannan, não é?

— Langan, Edward Langan. É simpático. Não guardei o nome do outro... na verdade, não os conheço, têm apenas vindo às corridas conosco. Christian é simpático, e a mulher dele é muito legal. Ela é chinesa, por isso não está aqui, hoje.

Bartlett fechou o cenho.

— Porque é chinesa?

— Ah, foi convidada, mas não veio. É uma questão de prestígio, para não desprestigiar o marido. A "gente fina" não aprova casamentos entre raças diferentes.

— Casamentos com os nativos?

— Mais ou menos isso. — Ela deu de ombros. — Você vai ver. É melhor eu apresentá-lo a mais pessoas, senão vou levar a maior bronca.

— Que tal ao banqueiro Havergill? Como é ele?

— Papai acha que ele é um bobalhão.

— Então, por Deus, ele é um bobalhão de vinte e dois quilates, de agora em diante.

— Ótimo — falou ela, e os dois riram juntos.

— Linc?

Viraram-se para olhar para as duas figuras recortadas na réstia de luz que entrava pela porta. Reconheceu o contorno e a voz de Casey imediatamente, mas não o homem. Não era possível, de onde estavam, ver contra a luz.

— Oi, Casey! Como vão indo as coisas?

Ele pegou o braço de Adryon com naturalidade, e foi levando-a na direção da silhueta.

— Estive ensinando a Adryon alguns macetes da sinuca. Adryon riu.

— Mas que excesso de modéstia! Ele joga espetacularmente, não é, Casey?

— É, sim. Oh, Linc, Quillan Gornt queria se despedir antes de ir embora.

Abruptamente, Adryon parou onde estava, e seu rosto ficou branco. Linc parou, espantado.

— O que foi? — perguntou.

— Boa noite, Sr. Bartlett — falou Gornt, dirigindo-se para junto deles, perto da luz. — Alô, Adryon.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela, com voz fina.

— Vim só por alguns minutos — replicou Gornt.

— Já viu papai?

— Já.

— Então, saia. Saia e deixe esta casa em paz.

Adryon voltou a falar na mesma vozinha fina. Bartlett a fitava.

— Mas que diabo está acontecendo?

Gornt disse, calmamente:

— É uma longa história. Pode esperar até amanhã... ou até a semana que vem. Só queria confirmar o nosso jantar na terça-feira... e se estiverem livres no fim de semana, quem sabe gostariam de passar o dia no meu barco. No domingo, se o tempo estiver bom.

— Obrigado, acho que sim, mas podemos confirmar amanhã?
— indagou Bartlett, ainda intrigado com o comportamento de Adryon.

— Adryon — disse Gornt, suavemente —, Annagrey vai embora na semana que vem, e pediu-me que lhe dissesse para telefonar para ela. — Adryon não respondeu, apenas o fitava, e Gornt acrescentou, para os outros dois: — Annagrey é minha filha. Elas são boas amigas... freqüentaram as mesmas escolas quase a vida toda. Ela vai para a universidade, na Califórnia.

— Ah, então se houver alguma coisa que possamos fazer por ela... — disse Casey.

— Muita gentileza sua. Vocês a conhecerão na terça-feira. Quem sabe então possamos conversar a resoeito. Vou dar-lhes b...

A porta do outro extremo da sala de bilhar se abriu e Dunross apareceu.

Gornt sorriu e voltou sua atenção para os outros.

— Boa noite, Sr. Bartlett... Ciranoush. Até terça, para os dois. Boa noite, Adryon. — Fez uma leve curvatura para eles e atravessou

toda a sala, depois parou. — Boa noite, Ian — falou, cortesmente. — Obrigado pela sua hospitalidade.

— Boa noite — respondeu Dunross, igualmente cortês, e se afastou, com um leve sorriso retorcendo-lhe os lábios.

Ficou vendo Gornt sair pela porta da frente, depois voltou a atenção para a sala de bilhar.

— Está quase na hora do jantar — falou, a voz calma. E cálida. — Devem estar mortos de fome. Eu estou.

— O que... o que ele queria? — perguntou Adryon, com voz trêmula.

Dunross acercou-se dela com um sorriso, acalmando-a.

— Nada. Nada de importante, benzinho. Quillan está amolecendo, com a idade.

— Tem certeza?

— Claro. — Envolveu-a com um dos braços, dando-lhe um apertão carinhoso. — Não precisa preocupar essa linda cabecinha.

— Ele já foi?

— Já.

Bartlett começou a abrir a boca, mas parou instantaneamente, ao perceber o olhar de Dunross, por cima da cabeça de Adryon.

— Pronto, está tudo bem, minha querida — dizia Dunross, dando-lhe outro abraço, e Bartlett viu Adryon envolver-se naquele

calor, e acalmar-se. — Não há com que se preocupar.

— Linc estava me mostrando como jogava sinuca e então... Foi tão repentino. Era como se ele fosse um fantasma.

— Eu também fiquei completamente atônito quando ele apareceu, como a Fada Má. — Dunross riu, depois acrescentou para Casey e Bartlett: — Quillan é muito teatral. — Depois, só para Bartlett: — Vamos conversar sobre isso depois do jantar, você e eu.

— Claro — disse Bartlett, notando que os olhos do outro não sorriam.

Soou o gongo anunciando o jantar.

— Ah, graças a Deus! — exclamou Dunross. — Venham todos, é a comida, finalmente. Casey, você está à minha mesa.

Ele manteve o braço carinhoso ao redor de Adryon, e levou-a para a luz.

Casey e Bartlett os acompanharam.

Gornt sentou-se ao volante do Silver Cloud Rolls preto que estacionara bem diante da Casa Grande. A noite estava agradável, embora a umidade houvesse aumentado outra vez. Estava muito satisfeito consigo mesmo. "E agora, jantar e Jason Plumm", pensou. "Logo que aquele sacana se comprometer, Ian Dunross pode se considerar acabado, e serei o dono desta casa e da Struan e da tralha toda!"

Não podia ter sido melhor: primeiro, Casey e Ian quase simultaneamente, e tudo exposto às claras diante deles. Depois, Havergill e Richard Kwang juntos. Depois Bartlett, no salão de bilhar, e depois Ian em pessoa, de novo. Perfeito!

"Agora, Ian vai pagar para ver, e Bartlett também, e Casey, Havergill, Richard Kwang, e o Plumm. Ah! Se eles soubessem!"

"Tudo está perfeito. Exceto por Adryon. Tenho pena dela, é uma pena que os filhos tenham que herdar as rixas dos pais. Mas, é a vida, é o destino. Uma pena que não queira se mandar de Hong Kong, como Annagrey... pelo menos até que Ian Dunross e eu tenhamos acertado nossas contas definitivamente. Seria melhor que ela não estivesse aqui para vê-lo destroçado... nem Penelope. Azar delas se estiverem aqui, sorte se não estiverem. Quero que ele esteja aqui quando eu tomar posse do seu reservado nas corridas, do lugar permanente em todas as juntas diretoras, todas as sinecuras, na legislatura... ah, sim. Logo será tudo meu. Junto com a inveja da Ásia inteira."

Soltou uma risada. "É. E já não era sem tempo. Então, todos os fantasmas poderão descansar. Danem-se todos os fantasmas!"

Girou a chave na ignição e ligou o motor, curtindo o luxo do couro verdadeiro e da bela madeira, o cheiro forte e exclusivo. Depois, engrenou a primeira e foi descendo, passando pelo estacionamento onde estavam todos os outros carros, até chegar aos imensos portões principais de ferro batido, com as armas da Struan entrelaçadas. Parou para poder entrar no fluxo do tráfego, e enxergou a Casa Grande pelo espelho retrovisor. Alta, imponente, as janelas iluminadas, dando as boas-vindas.

"Logo serei realmente seu dono", pensou. "Darei festas aqui como a Ásia jamais viu, e jamais verá. Suponho que precisarei de uma anfitriã."

"Que tal a moça americana?"

Deu uma risadinha abafada.

— Ah, Ciranoush, que lindo nome! — falou em voz alta, com a mesma dose perfeita de charme másculo que usara anteriormente. "Essa vai cair feito um patinho", disse a si mesmo, Confiantemente. "Basta usar o charme do Velho Mundo e ótimos vinhos, comida leve mas excelente, e paciência... juntamente com o máximo da sofisticação masculina da classe alta inglesa, nada de palavrões, e ela cairá onde e quando você quiser. E depois, se escolher o momento correto, pode usar um palavreado de sarjeta e um pouco de brutalidade controlada, e porá a nu as paixões recolhidas dela como nenhum homem jamais o fez.

"Se saquei corretamente, ela está muito precisada de uma boa trepada. Portanto, ou Bartlett não está à altura, ou eles não são realmente amantes, como sugeriu o relatório confidencial. Interessante.

"Mas, você a quer? Como brinquedo... talvez. Como instrumento... é claro. Como anfitriã, não, entrona demais."

Agora o caminho estava livre, portanto ele saiu com o carro e foi até o cruzamento e virou à esquerda, e logo estava descendo a Peak Road, na direção da Magazine Gap, onde ficava o apartamento de cobertura de Plumm. Depois de jantar com ele, ia a um encontro, depois para Wanchai, para um dos seus apartamentos particulares, e o abraço quente de Mona Leung. Seu pulso se acelerou ao pensar no modo violento como ela fazia amor, com o seu ódio maldisfarçado por ele e todos os quai loh em permanente conflito com seu gosto pelo luxo, o apartamento que ele lhe emprestava e a quantia modesta que lhe dava mensalmente.

— Nunca lhes dê dinheiro suficiente — dissera-lhe seu pai, William, há muito tempo. — Roupas, jóias, férias... tudo bem. Mas nada de dinheiro demais. Controle-as com os dólares. E nunca pense que o amam por você mesmo. Não amam. É só o seu dinheiro, só dinheiro, e sempre o será. Pouco abaixo da superfície elas o desprezarão sempre. Isso é justo, se pararmos para pensar... não somos chineses, e nunca seremos.

— Não há exceções?

— Acho que não. Não para um quai loh, meu filho. Acho que não. Nunca aconteceu comigo, e olhe que conheci algumas. Oh, ela lhe dará o corpo, os filhos, até a vida, mas sempre o desprezará. Tem que ser assim, ela é chinesa e somos quai loh!

"Ayeeyah", pensou Gornt. "Seu conselho provou-se verdadeiro, vezes sem conta. E me poupou muita angústia. Vai ser bom ver o Velho", pensou. "Este ano lhe darei um belo presente de Natal: a Struan."

Guiava com cuidado pelo lado esquerdo da estrada sinuosa, grudada à montanha, a noite gostosa, a superfície lisa e o tráfego leve. Normalmente, quem estaria guiando seria o motorista, mas naquela noite não queria testemunhas do seu encontro com Plumm.

"Não", pensou. "Nem testemunhas quando for me encontrar com Wu Quatro Dedos. Que diabo aquele pirata está querendo? Nada de bom. Com certeza é coisa perigosa. É. Mas durante a Guerra da Coréia Wu me fez um enorme favor, e talvez agora esteja querendo que seja pago. Sempre há um acerto de contas, mais cedo ou mais tarde. É justo, e é a lei chinesa. Ganha-se um presente, dá-se outro um pouquinho mais valioso. Alguém lhe faz um favor..."

Em 1950, quando os exércitos comunistas chineses estavam abrindo um caminho sangrento para o sul, vindos de Yalu, com perdas monstruosas, tinham uma falta desesperada de todos os suprimentos estratégicos, e estavam dispostos a pagar muitíssimo bem àqueles que conseguissem furar o bloqueio com os suprimentos de que necessitavam. Naquela época, a Rothwell-Gornt também estava em dificuldades, por causa das suas perdas imensas em Xangai, no ano anterior, devido à conquista de Mao. Assim, em dezembro de 1950, ele e o pai haviam feito pesados empréstimos e comprado secretamente um enorme carregamento de penicilina, morfina, sulfa e outros suprimentos médicos nas Filipinas, evitando a licença de exportação obrigatória. Haviam ocultado o carregamento num junco marítimo alugado, com uma das suas tripulações de confiança, e o tinham enviado para Wampoa, uma ilha desolada no rio Pearl, perto de Cantão. O pagamento seria em ouro, contra a entrega, mas, a meio caminho, nos remansos secretos do estuário do rio Pearl, o junco deles fora interceptado por piratas fluviais favoráveis aos nacionalistas de Chang Kai-chek, que exigiram um resgate. Não tinham dinheiro para resgatar o carregamento, e se os nacionalistas descobrissem que a Rothwell-Gornt estava negociando com o odiado inimigo comunista, o futuro da companhia na Ásia estaria perdido para sempre.

Através do seu representante nativo, Gornt arranjara um encontro no porto de Aberdeen com Wu Quatro Dedos, supostamente um dos maiores contrabandistas do estuário do rio Pearl.

— Onde navio agora? — indagara Wu Quatro Dedos, no seu execrável inglês arrevesado, com sotaque chinês.

Gornt lhe respondera do melhor modo possível, expressando-se no mesmo inglês, já que não sabia falar haklo, o dialeto de Wu.

— Talvez, talvez não! — sorrira Wu Quatro Dedos. — Ligo três dias. Senha nee choh wah. Três dias, heya?

No terceiro dia, ele telefonara.

— Ruim, bom, não sei. Encontro dois dias Aberdeen. Começo Hora do Macaco.

A referida hora era às dez da noite. Os chineses dividiam o dia em doze segmentos de duas horas, cada um com um nome, sempre na mesma seqüência, começando às quatro da madrugada com o Galo, depois às seis da manhã com o Cão, e daí por diante: Javali, Rato, Boi, Tigre, Coelho, Dragão, Cobra, Macaco, Cavallo e Carneiro.

No Hora do Macaco, no junco de Wu, em Aberdeen, daí a dois dias, ele recebera o pagamento integral pelo seu carregamento em ouro, mais quarenta por cento extra. Um lucro fabuloso de quinhentos por cento.

Wu Quatro Dedos sorria amplamente.

— Faço melhor negócio do que quai loh, tudo bem, vinte oito mil taéis de ouro. — Um tael pesava um pouco mais do que uma onça. — Próxima vez mim transporta. Sim?

— Sim.

— Você compra, mim transporta, mim vende, quarenta por cento meu, preço de venda.

— Sim.

Gornt, agradecido, tentara dar-lhe uma percentagem muito maior, daquela vez, mas Wu a recusara.

— Quarenta por cento só, preço de venda.

Mas Gornt compreendera que agora devia o favor ao contrabandista.

O ouro estava em barras de contrabando de cinco taéis. À taxa oficial, era avaliado em trinta e cinco dólares americanos a onça. Mas, no câmbio negro, contrabandeado para a Indonésia, a Índia, ou de volta para a China, valia duas ou três vezes essa quantia... às vezes, mais. Nesse único carregamento, de novo com a ajuda de Wu, a Rothwell-Gornt ganhara um milhão e meio de dólares americanos, e estava a caminho da recuperação.

Depois disso, houvera mais três carregamentos, imensamente lucrativos para os dois lados. Depois, a guerra acabara, e o relacionamento deles também.

"Nem uma só palavra desde então", pensou Gornt. "Até o telefonema de hoje à tarde."

— Ah, velho amigo, pode encontrar? Hoje? — perguntara Wu Quatro Dedos. — Pode ser? Qualquer hora... eu espero. Mesmo lugar antigamente. Sim?

Bem, tinha chegado a hora de retribuir o favor.

Gornt ligou o rádio. Chopin. Guiava automaticamente pela estrada sinuosa, concentrado nos encontros que teria a seguir, o motor do carro quase silencioso. Diminuiu a marcha por causa de um caminhão em sentido contrário, depois girou o volante e acelerou na reta curta para ultrapassar um táxi vagaroso. Agora em velocidade bem alta, freou bruscamente a uma distância segura da curva cega, depois algo pareceu se romper nas entranhas do motor, seu pé afundou o quanto pôde no freio; seu estômago deu uma cambalhota, e ele entrou na curva muito fechada ligeiro demais.

Em pânico, enfiou o pé no freio até o fundo de novo, e de novo, mas nada acontecia, e ele girava o volante com as mãos. Entrou mal na primeira curva, serpenteando como se estivesse bêbado, ao ver que saíra dela no lado oposto da estrada. Felizmente, não vinha nada na sua direção, e ele corrigiu a posição do carro,

com exagero, indo quase para cima da montanha, o estômago revirado de náusea. Corrigiu a posição de novo, em alta velocidade, e a curva seguinte surgiu à sua frente. Aqui a inclinação era maior, a estrada mais estreita e sinuosa. Novamente, fez a curva mal, mas depois dela teve uma fração de segundo para puxar o freio de mão, e isso diminuiu só um pouco a velocidade. Uma nova curva estava à sua frente, e ele saiu dela completamente fora da sua mão, com os faróis do carro na direção contrária a cegarem-no.

O táxi deslizou apavorado para o acostamento, e quase rolou lá para baixo, a buzina à toda, mas passou por ele a alguns centímetros de distância, enquanto ele jogava o carro, desesperado, para o lado certo, e depois descia o morro, completamente descontrolado. Um momento de estrada reta, e ele conseguiu engrenar uma primeira, enquanto enfrentava nova curva cega, com o motor agora uivando. Se não fosse pelo cinto de segurança, a súbita diminuição de velocidade o teria arremessado pelo pára-brisa, com as mãos quase grudadas ao volante.

Conseguiu passar pela nova curva, mas fê-la muito aberta, novamente, e não atingiu por um milímetro o carro que vinha em sua direção; deslizou de novo para o seu lado da estrada, manobrou para corrigir a posição, agora um pouco mais devagar, mas não havia alívio na inclinação ou na sinuosidade da estrada à sua frente. Ainda ia depressa demais na nova curva fechadíssima, e, ao sair da primeira parte da curva, já se encontrava totalmente na pista contrária. O caminhão supercarregado que subia o morro não podia fazer nada.

Desesperado, girou violentamente o volante para a esquerda e conseguiu passar pelo caminhão com apenas um raspão. Tentou engrenar uma ré, mas ela não obedeceu, as engrenagens guinchando em protesto. Então, apavorado, viu o tráfego vagaroso adiante, na sua faixa, tráfego vindo em sua direção na faixa oposta, e a estrada sumir por detrás da curva seguinte. Estava tão perdido que virou à esquerda, para cima da montanha, tentando ricochetear e parar, daquela maneira.

Houve um uivo do metal que protestava, a janela lateral de trás se estilhaçou, e ele ricocheteou. O carro que se aproximava jogou-se para o acostamento, o motorista deitado na buzina. Ele fechou os olhos e preparou-se para a colisão de frente, mas, não sabia como, ela não aconteceu, e ele tinha passado, e teve apenas força suficiente para girar violentamente o volante de novo e bater na encosta do morro, de raspão. O pára-lama esquerdo dianteiro foi arrancado. O carro entrou vegetação e terra adentro, depois bateu com força numa formação rochosa, empinou e lançou Gornt para o lado. Mas quando o carro ia voltar a tocar o chão, a roda mais próxima entrou na calha de chuva e engatou ali e, pouco antes de entrar de cara no Mini paralisado à sua frente, parou completamente.

Gornt levantou-se debilmente. O carro ainda estava semi-aprumado. O suor escorria do seu corpo e o coração lhe batia descompassadamente. Mal conseguia respirar ou pensar. O tráfego

nas duas faixas estava parado, congestionado. Ouviu buzinas tocando impacientemente, acima e abaixo, depois passos apressados.

— Está bem, meu velho? — perguntou o estranho.

— É, acho que estou. Fiquei, fiquei sem freios. — Gornt enxugou o suor da testa, tentando fazer o cérebro funcionar. Tateou o peito, depois mexeu os pés, e não sentiu dor. — Eu... fiquei sem freios... ia fazer uma curva... e depois tudo...

— Freios, hem? Isso não é coisa de Rolls. Pensei que você estava fingindo ser o Stirling Moss. Teve muita sorte.

Pensei umas vinte vezes que tinha chegado o seu fim. Se fosse você, desligaria o motor.

— Hem?

Foi então que Gomt percebeu que o motor ainda funcionava suavemente, e o rádio ainda tocava. Desligou a ignição e, depois de um momento, retirou as chaves.

— Belo carro — falou o estranho —, mas está num estado lamentável, agora. Sempre gostei deste modelo, 62, não é?

— É, é sim.

— Quer que eu chame a polícia?

Gornt fez um grande esforço e pensou por um momento, as têmporas ainda latejando. Debilmente, soltou o cinto de segurança.

— Não. Há uma delegacia logo ali atrás. Poderia me dar uma carona até lá?

— Com prazer, meu velho. — O estranho era baixo e rotundo. Olhou à sua volta para os outros carros e táxis e caminhões que estavam parados em ambas as direções, os motoristas e passageiros chineses fitando-os, aparvalhados, das janelas. — Gente danada — resmungou, com azedume. — A gente podia estar morrendo no meio da rua, e ainda teria sorte se eles não pisassem na gente.

Abriu a porta e ajudou Gornt a sair.

— Obrigado.

Gornt sentiu os joelhos trêmulos. Por um momento, não pôde dominar o tremor e apoiou-se no carro.

— Está certo de estar se sentindo bem?

— Estou, sim. É só que... isso me matou de medo! — Examinou os danos, o nariz do carro enfiado na vegetação e na terra, um enorme arranhão do lado direito, o carro batera com força na curva interna. — Que estrago!

— É, mas não teve um final trágico! Teve uma sorte dos diabos de estar num bom carro, meu velho. — O estranho deixou a porta se abrir inteiramente, depois fechou-a com um clique abafado. — Execução de mestre. Bem, pode deixá-lo aqui. Não creio que ninguém vá roubá-lo. — O estranho riu, e foi mostrando o caminho até seu próprio carro, estacionado, com o pisca-pisca ligado, logo atrás. — Pode entrar, logo estará lá.

Foi então que Gornt se lembrou do meio sorriso zombeteiro no rosto de Dunross, que ele tomara por bravata, ao se retirar. Sua mente se desanuviou. Teria havido tempo para Dunross mexer... com seu conhecimento de motores... mas teria coragem... ?

— Filho da puta — resmungou, estupefato.

— Não se preocupe, meu velho — disse o estranho, ultrapassando o local do desastre, fazendo a volta. — A polícia cuidará de tudo para você.

O rosto de Gornt ficou sombrio.

— É, cuidará, sim.

13

22h25m

— Excelente jantar, Ian, melhor do, que o do ano passado — comentou expansivamente Sir Dunstan Barre, do lado oposto da mesa.

— Obrigado.

Dunross ergueu seu copo polidamente, depois tomou um gole do conhaque de primeira.

Barre engoliu de uma vez o vinho do Porto, depois encheu de novo o cálice, o rosto mais rosado do que de costume.

— Comi demais, como sempre, por Deus! Hem, Phillip?
Phillip!

— Ah... é sim... muito melhor — murmurou Phillip Chen.

— Está bem, meu velho?

— Estou... é só que... ah, estou.

Dunross franziu a testa, depois correu os olhos pelas outras mesas, mal escutando o que eles diziam.

Estavam só eles três agora, sentados à mesa redonda que acomodara doze pessoas confortavelmente. Às outras mesas, espalhadas pelos terraços e gramados, os homens se demoravam tomando conhaque, vinho do Porto, fumando charutos, ou formavam grupinhos, em pé, já que todas as senhoras haviam entrado na casa. Viu Bartlett de pé junto às mesas do bufê, que uma hora antes gemiam ao peso de pernis de carneiro assado, saladas, rosbifes malpassados, imensos empadões de carne e rins, batatas assadas e legumes de vários tipos, doces, bolos e esculturas de sorvete. Um pequeno exército de criados estava retirando as sobras, esvaziando as mesas. Bartlett estava muito entretido conversando com o superintendente-chefe Roger Crosse e o americano, Ed Langan. "Daqui a pouco vou tratar dele", pensou, sombriamente... "mas primeiro vem Brian Kwok." Olhou ao seu redor. Brian Kwok não estava à sua mesa, aquela em que Adryon fora a anfitriã, nem sentado a outra mesa qualquer, portanto ele se recostou pacientemente, bebericou o seu conhaque e deixou o pensamento vagar.

Arquivos secretos, MI-6, Serviço Especial de Informações, Bartlett, Casey, Gornt, nada de Tsu-yan, e agora Alan Medford Grant mortinho da Silva. Seu telefonema de antes do jantar para Kiernan, o assistente de Alan Medford Grant em Londres, fora chocante.

— Foi hoje de manhã, Sr. Dunross — dissera Kiernan. — Chovia, estava muito escorregadio, e ele era um motoqueiro entusiástico, como o senhor sabe. Vinha para a cidade, como de costume. Ao que nos consta, não houve testemunhas. O sujeito que o encontrou, na estrada rural perto de Esher e da Auto-Estrada A3, disse que vinha guiando em meio à chuva quando, de repente,

deparou com a moto virada de lado e um homem caído na beira da estrada. Disse que, ao que lhe parecera, Alan já estava morto quando chegou junto dele. Chamou a polícia, e ela começou as investigações, mas... bem, que posso dizer? É uma grande perda para todos nós.

— É. Ele deixou família?

— Não que eu saiba, senhor. Naturalmente, informei a MI-6 imediatamente.

— É?

— É, sim, senhor.

— Por quê?

Houve forte estática na linha.

— Ele deixara instruções comigo, senhor. Se alguma coisa lhe acontecesse, eu devia ligar para dois números imediatamente, e passar-lhe um telegrama, o que fiz. Nenhum dos números me dizia nada. O primeiro deles acabou sendo o número particular de um alto funcionário da MI-6... chegou aqui em meia hora, com alguns auxiliares, e eles revistaram a escrivaninha e os documentos pessoais de Alan. Levaram a maioria, quando se foram. Quando ele viu a cópia do último relatório, daquele que acabáramos de lhe mandar, ficou uma fera, e quando pediu cópias de todos os outros, e eu lhe disse, seguindo as instruções de Alan, que eu sempre destruía a cópia do escritório logo que tínhamos notícia de que o senhor recebera a sua, ele quase teve um derrame. Parece que Alan não tinha, realmente, permissão do governo de Sua Majestade para trabalhar para o senhor.

— Mas eu tenho, por escrito, a garantia de Grant de que obtivera autorização, prévia do governo.

— Sei, senhor. O senhor não fez nada de ilegal, mas o tal sujeito da MI-6 quase ficou maluco.

— Quem era ele? Como se chamava?

— Disseram-me, senhor, disseram-me, que não devia mencionar nome algum. Ele era muito pomposo, e resmungou algo sobre a Lei dos Segredos Oficiais.

— Você falou em dois números de telefone?

— Sim, senhor. O outro ficava na Suíça. Uma mulher atendeu, e quando lhe contei, ela disse: "Ah, que pena", e desligou. Era estrangeira, senhor. Uma coisa interessante, nas instruções finais de Alan, ele mandara que eu não mencionasse nenhum dos números um para o outro, mas, como o cavalheiro da MI-6 estava, digamos assim, nervoso, eu lhe contei. Ligou prontamente, mas a linha estava ocupada, e ficou ocupada muito tempo, e então a telefonista avisou que o número fora temporariamente desligado. Ele ficou um bocado furioso, senhor.

— Pode continuar com os relatórios de Alan?

— Não, senhor. Eu era apenas um auxiliar... punha em ordem as informações que ele arranjava. Apenas escrevia os relatórios para

ele, atendia ao telefone quando ele não estava, pagava as contas do escritório. Ele passava uma boa parte do tempo no continente, mas nunca dizia onde tinha estado, nem me confidenciava nada. Ele era... bem, jogava com as cartas bem grudadas ao nariz. Não sei quem lhe dava coisa alguma... nem conheço o número do seu telefone em Whitehall. Como disse, ele era muito reservado...

Dunross suspirou e tomou o seu conhaque. "Uma pena", pensou. "Foi mesmo um acidente... ou ele foi assassinado? E quando a MI-6 vai pular no meu pescoço? A conta numerada na Suíça? Isso também não é ilegal, e não é da conta de ninguém, salvo minha e dele.

"O que fazer? Tem que haver um substituto, em algum lugar.

"Foi um acidente? Ou ele foi morto?"

— Como disse? — falou, sem ter percebido o que Barre dissera.

— Eu estava dizendo que foi gozado à beca quando Casey não quis ir e você a mandou embora. — O grandalhão riu. — Você tem peito, meu velho.

No final do jantar, pouco antes da chegada do porto, do conhaque e dos charutos, Penelope se levantara da mesa, onde Linc Bartlett estava entretidíssimo conversando com Havergill, e as senhoras a acompanharam, e depois Adryon, à sua mesa, e então, vindas de todos os lados, as senhoras se levantaram e a seguiram. Lady Joanna, sentada à direita de Dunross, dissera:

— Vamos, garotas, hora de empoar o nariz. Obedientemente, as outras mulheres se levantaram com ela, e os homens, educadamente, fingiram não estar aliviados com o êxodo delas.

— Vamos indo, querida — disse Joanna a Casey, que permanecera sentada.

— Não, obrigada, estou bem.

— Sei que está, mas... venha, mesmo assim. Então, Casey notou que todos a fitavam.

— O que é que há?

— Nada, querida — disse Lady Joanna. — É costume as senhoras deixarem os homens sozinhos por algum tempo, com o vinho do Porto e os charutos. Portanto, venha comigo.

Casey a fitou, surpresa.

— Quer dizer que somos mandadas embora enquanto os homens discutem negócios de Estado e o preço do chá na China?

— É questão de bons modos, querida. Em Roma, faça como os romanos...

Lady Joanna a observava, com um leve sorriso desdenhoso nos lábios, curtindo o silêncio embaraçado e o ar chocado da maioria dos homens. Todos os olhares se voltaram para a moça americana.

— Não pode estar falando a sério. Esse costume acabou antes da Guerra Civil — falou Casey.

— Estou certa que sim, nos Estados Unidos. — Joanna deu o seu sorriso retorcido. — Aqui é diferente, faz parte da Inglaterra. É uma questão de bons modos. Vamos, minha cara.

— Já vou... minha cara — retrucou Casey, com igual doçura. — Daqui a pouco.

Joanna soltou um suspiro, deu de ombros, olhou para Dunross com a sobrancelha levantada, deu o seu sorriso torto e se retirou com as outras senhoras. Fez-se um silêncio atônito à mesa.

— Tai-pan, não se incomoda que eu fique, não é? — perguntou Casey, rindo.

— Infelizmente, incomodo-me — disse ele, gentilmente. — É só um costume, nada importante. É apenas para que as senhoras possam se utilizar primeiro do banheiro e dos baldes de água.

O sorriso dela se desvaneceu, e começou a empinar o queixo.

— E se eu preferir não ir?

— É só um costume nosso, Ciranoush. Na América é costume chamar pelo primeiro nome uma pessoa a quem se acaba de conhecer, aqui não é. Mesmo assim... — Dunross devolveu o olhar calma, mas inflexivelmente. — Não é nenhum desprestígio.

— Acho que é.

— Lamento... mas lhe asseguro que não é.

Os outros esperavam, observando-o e observando-a, curtindo o confronto, mas ao mesmo tempo estupefatos com ela. Exceto Ed Langan, que estava constrangidíssimo por causa dela.

— Qual é, Casey — falou, tentando levar a coisa na brincadeira —, não se pode lutar contra a prefeitura.

— É o que venho tentando fazer a vida inteira — disse ela, vivamente... claro que furiosa. Depois, abruptamente, deu um sorriso glorioso. Tamborilou com os dedos momentaneamente na toalha da mesa, e se levantou. — Se os cavalheiros me dão licença... — disse, meigamente, e se foi, com um silêncio atônito seguindo seus passos.

— Não é que eu a tenha mandado embora — disse Dunross.

— Mas foi gozado à beca, mesmo assim — disse Barre. — O que a fez mudar de idéia? Hem, Phillip?

— O quê? — indagou Phillip Chen, distraído.

— Houve um momento em que pensei que ela ia dar um soco no pobre do Ian, você não pensou? Mas ela pensou em alguma coisa que a fez mudar de idéia. O quê?

Dunross sorriu.

— Aposto que não foi boa coisa. Aquela fulana é perigosa como um punhado de escorpiões.

— Mas tem uma bela peitaria — comentou Barre.

Eles riram. Phillip Chen não riu. A preocupação de Dunross com ele aumentou. Tentara animá-lo a noite toda, mas nada afastara aquele véu. Durante todo o jantar Phillip estivera apagado, monossilábico. Barre levantou-se, soltando um arrote.

— Acho que vou dar uma mijada enquanto ainda há espaço.

Saiu aos tropeções para o jardim.

— Não mije em cima das camélias — disse Ian, distraidamente, depois forçou-se a se concentrar. — Phillip, não fique preocupado — falou, agora que estavam sozinhos. — Logo vão encontrar John.

— É, estou certo que sim — disse Phillip Chen, desanimado, a mente não propriamente embotada pelo seqüestro, mas aparvalhada com o que descobrira na caixa de depósito bancário do filho, naquela tarde. Ele a abriu com a chave que tirara da caixa de sapatos.

— Ande, Phillip, pegue-a, não seja bobo — sibilara-lhe a mulher, Dianne. — Pegue-a... se não a pegarmos, o tai-pan a pegará!

— É, é, eu sei.

"Graças a todos os deuses que a peguei", pensou, ainda em choque, lembrando-se do que encontrara ao examinar o conteúdo da caixa. Envelopes de papel pardo de diversos tamanhos, a maior parte especificando os itens, um diário e um caderno de telefones. No envelope marcado "dívidas", papéis de apostas no valor de noventa e oito mil HK de dívidas com jogadores ilegais e clandestinos de Hong Kong. Uma promissória em favor de Avarento Sing, um agiota notório, no valor de trinta mil HK, com juros de três por cento ao mês. Uma promissória há muito vencida no Ho-Pak Bank, no valor de vinte mil dólares americanos, e uma carta de Richard Kwang, datada da semana anterior, dizendo que, a não ser que John Chen tomasse logo providências, seria forçado a conversar com o pai dele. Depois havia cartas que documentavam uma amizade crescente entre o filho e um jogador americano, Vincenzo Banastasio, que assegurava a John Chen que não havia pressa no pagamento das suas dívidas para com ele: "...não se apresse, John, seu crédito é o melhor; em qualquer época, este ano, estará ótimo..." Anexo às cartas, a fotocópia de uma nota promissória autenticada, perfeitamente legal, pela qual o filho, seus herdeiros ou procuradores, obrigavam-se a pagar a Banastasio, mediante requisição, quatrocentos e oitenta e cinco mil dólares americanos, mais juros.

"Burro, burro", vociferara intimamente, sabendo que o filho não tinha mais do que um quinto daquele valor, e que portanto ele próprio acabaria tendo que pagar a dívida.

Fora então que um envelope grosso em que estava escrito "Par-Con" chamara sua atenção.

Nele havia um contrato de emprego com a Par-Con assinado por K. C. Tcholak, há três meses, contratando os serviços de John Chen como consultor particular da Par-Con por "... cem mil de entrada (dos quais cinquenta mil são por este considerados como já tendo sido pagos) e, tão logo um negócio satisfatório seja fechado e assinado entre a Par-Con e a Struan, a Rothwell-Gornt ou qualquer outra companhia escolhida pela Par-Con, mais um milhão de dólares pagos ao longo de um período de cinco anos, em prestações iguais; e dentro de trinta dias, a partir da assinatura do contrato acima mencionado, uma dívida contraída com o Sr. Vincenzo Banastasio, de Orchard Road, 85, Las Vegas, Nevada, de quatrocentos e oitenta e cinco mil dólares, será paga, mais a prestação de duzentos mil referente ao primeiro ano, juntamente com o saldo de cinquenta mil..."

— Em troca do quê? — murmurara Phillip Chen, ofegante e impotente, dentro do cofre-forte do banco.

Mas o longo contrato nada mais indicava além de que John Chen seria um "consultor particular na Ásia". Não havia notas ou

papéis anexos ao contrato.

Apressadamente, verificara de novo o envelope, para ver se deixara escapar algo, mas ele estava vazio. Uma verificação rápida dos outros envelopes dera em nada. Fora então que notara um fino envelope aéreo meio grudado a outro. Nele estava escrito "Par-Con II". Continha fotocópias de bilhetes escritos à mão pelo filho para Linc Bartlett.

O primeiro era datado de seis meses atrás, e confirmava que ele, John Chen, forneceria à Par-Con as informações mais confidenciais sobre o funcionamento secreto de todo o complexo Struan. "...naturalmente, isto tem que ser mantido em completo sigilo, mas, por exemplo, Sr. Bartlett, o senhor pode ver pelas folhas de balanço geral da Struan, anexas, desde 1954 até 1961 (quando ela se tornou empresa de capital aberto), que o que aconselho é perfeitamente exeqüível. Se examinar o mapa da estrutura corporativa da Struan, e a lista de alguns dos mais importantes acionistas da Struan, e seus bens secretos, inclusive os do meu pai, não terá problemas com nenhuma proposta de compra de controle que a Par-Con queira compor. Acrescente a essas fotocópias a outra coisa que lhe contei (juro por Deus que pode crer em mim) e garanto o seu êxito. Estou pondo minha vida em risco. Isso deve ser garantia suficiente, mas se me adiantar agora cinqüenta dos cem primeiros, deixarei que tome posse, tão logo chegue — comprometendo-se o senhor a devolvê-la logo que o seu negócio seja fechado — ou para ser usada contra a Struan. Garanto usá-la contra a Struan. No final das contas, Dunross terá que fazer qualquer coisa que o senhor queira. Por favor, responda para a caixa postal de costume, e destrua este, conforme combinamos."

— Posse do quê? — Phillip Chen murmurara, desesperado de ansiedade. Suas mãos tremiam enquanto lia a segunda carta, datada de três semanas atrás. "Caro Sr. Bartlett. Esta confirmará a sua data de chegada. Tudo está preparado. Espero com prazer poder revê-lo e conhecer o Sr. K. C. Tcholak. Obrigado pelos cinqüenta mil, que chegaram em segurança... todas as quantias futuras deverão ir para uma conta numerada em Zurique. Dar-lhe-ei os detalhes bancários quando chegar. Obrigado também por ter concordado com o nosso trato não escrito de que, se eu puder ajudá-lo da maneira que aleguei, receberei três por cento do movimento da nova Companhia Mercantil Par-Con (Ásia).

"Anexo mais algumas coisas de interesse: repare nas datas de vencimento das promissórias da Struan (rubricadas por meu pai) a favor das Indústrias de Navegação Toda pelos seus novos supercargueiros: dias 1.º, 11 e 15 de setembro. A Struan não tem dinheiro bastante para quitá-las.

"A seguir: em resposta à pergunta do Sr. Tcholak sobre a posição do meu pai em qualquer briga de compra de controle ou procurações. Ele pode ser neutralizado. As fotocópias anexas são uma amostra de muitas que possuo. Mostram um relacionamento muito chegado com Lee Pó Branco e seu primo, Wu Sang Fang, também conhecido como Wu Quatro Dedos, desde o começo da década de 50, e posse secreta junto com eles (até mesmo hoje) de uma companhia imobiliária, duas companhias de navegação e

interesses comerciais em Bangkok. Embora na aparência, atualmente, ambos se façam passar por comerciantes respeitáveis, donos de empreendimentos imobiliários e armadores milionários, é do conhecimento geral que há anos são piratas e contrabandistas bem-sucedidos... e corre um forte boato nos círculos chineses de que são eles os Grandes Dragões do comércio de ópio. Se a ligação de meu pai com eles fosse tornada pública, ele perderia seu prestígio para sempre, os elos íntimos que tem com a Struan, e com todas as outras hongts que existem hoje, seriam desfeitos e, o que é mais importante, sua chance de tornar-se cavaleiro (a coisa que mais deseja no mundo) seria destruída para sempre. A simples ameaça de fazer isso seria o suficiente para neutralizá-lo... até mesmo torná-lo um aliado. Claro que me dou conta de que esses papéis e outros que possuo necessitam de maior documentação para valerem num tribunal, mas já a tenho em abundância, num local seguro..."

Phillip Chen se lembrava de como, tomado de pânico, procurara desesperadamente a tal documentação mencionada, sua mente berrando que era impossível o filho dispor de tantas informações secretas, impossível ele ter os balanços gerais da Struan antes de ela se ter tornado empresa de capital aberto, impossível saber sobre Wu Quatro Dedos e todas aquelas coisas secretas.

"Oh, deuses, isto é quase tudo o que eu sei... nem mesmo Dianne sabe da metade! O que mais John sabe... o que mais contou ao americano?"

Alucinado de ansiedade, revistara cada envelope, mas nada mais havia.

— Ele deve ter outra caixa em algum lugar... ou um cofre — resmungara em voz alta, mal conseguindo pensar.

Furioso, enfiara tudo aquilo em sua pasta, esperando que um exame mais minucioso respondesse às suas perguntas... depois fechara com força a caixa e a trancara. Num repente, reabriria-a. Tirara a bandeja fina de dentro do cofre individual e virara-a ao contrário. Presas com fita adesiva, na parte externa, havia duas chaves. Uma delas era a chave de uma caixa de depósito bancário com o número cuidadosamente obliterado. A outra o deixara paralisado. Reconhecera-a, imediatamente. Era a chave do seu próprio cofre, da casa no morro. Teria apostado a vida em que a única chave existente era a que usava sempre à volta do pescoço, que nunca saíra de junto dele... desde que seu pai lha dera, no leito de morte, há dezesseis anos.

— Oh ko — dissera em voz alta, mais uma vez consumido de fúria.

Dunross perguntou:

— Está bem? Quer tomar um conhaque?

— Não, não, obrigado — respondeu Phillip Chen, com voz trêmula, de volta ao presente. Com esforço, controlou-se e fitou o tai-pan, sabendo que lhe devia contar tudo, mas sem ter coragem. Pelo menos até saber a extensão dos segredos roubados. Mesmo então, não teria coragem. Além das muitas transações que as autoridades poderiam facilmente interpretar mal, e outras que poderiam ser altamente embaraçosas e dar início a todo tipo de ações civis, se não criminais... "Maldita lei inglesa!", pensou furioso. Era uma cretinice haver uma só lei para todos, cretinice não haver uma lei para os ricos e outra para os pobres. Por que então trabalhar, sacrificar-se, arriscar e tramar para ser rico... além disso tudo, ainda teria que admitir para Dunross que vinha documentando os segredos da Struan há anos, que seu pai já agira assim antes dele... folhas de balanço, investimento em ações, e outras coisas secretas e muito, muito particulares, pessoais e familiares, contrabandos e subornos... e sabia que de nada adiantaria dizer que agira assim para proteger a Casa, porque o tai-pan diria, e corretamente, que agira para proteger a Casa de Chen, e não a Casa Nobre, e o atacaria justificadamente, e voltaria toda a sua ira contra ele e sua família, e no holocausto de uma luta contra a Struan ele perderia na certa (o testamento de Dirk Struan se encarregara disso), e tudo o que levava quase um século e meio para ser construído desapareceria.

Graças a todos os deuses não estava tudo no cofre, pensou, fervorosamente. Graças a todos os deuses as outras coisas estavam bem enterradas.

Então, subitamente, algumas palavras da primeira carta do filho atingiram brutalmente sua consciência: "...Acrescente a estas fotocópias as outras coisas de que lhe falei..."

Ele empalideceu e pôs-se de pé, com esforço. — Se me dá licença, tai-pan... eu... vou me despedindo. Vou buscar Dianne e... eu... obrigado, boa noite. Saiu apressado em direção à casa. Dunross ficou olhando enquanto ele se afastava, chocado.

— Oh, Casey — dizia Penelope —, deixe-me apresentar-lhe Kathren Gavallan. Kathren é irmã de Ian.

— Oi! — cumprimentou Casey, sorrindo, simpatizando com ela à primeira vista. Estavam numa das antecâmaras do andar térreo, entre outras mulheres que conversavam, retocavam a maquilagem, ou faziam fila, esperando a vez para visitar o banheiro anexo. A sala era ampla, confortável e espelhada.

— Ambos têm os mesmos olhos... reconheceria a semelhança em qualquer parte — disse. — Ele é um homem e tanto, não é?

— Nós achamos que sim — replicou Kathren, com um sorriso vivo. Tinha trinta e oito anos, era atraente, possuía um sotaque escocês agradável, e o vestido de seda estampado que usava era longo e fresco. — Essa falta d'água é um abacaxi, não é?

— É. Deve ser muito difícil, tendo crianças.

— Não, chérie, as crianças a adoram — manifestou-se Susanne de Ville. Estava com quarenta e tantos anos, era chique, com ligeiro sotaque francês. — Como se pode insistir em que tomem banho todas as noites?

— Os meus dois são iguaizinhos — sorriu Kathren. — Isso incomoda a nós, pais, mas não a eles. Mas é um abacaxi tentar fazer uma casa correr nos eixos.

Penelope disse:

— Deus, como detesto isso! Este verão foi um horror. Você está com sorte hoje, geralmente já estaríamos pingando!

— Retocava a maquiagem no espelho. — Mal posso esperar até o mês que vem. Kathren, já lhe contei que vamos para casa por duas semanas? Pelo menos, eu vou. Ian prometeu ir também, mas com ele nunca se pode ter certeza.

— Ele precisa de umas férias — disse Kathren, e Casey percebeu sombras nos seus olhos, e olheiras sob a maquiagem.

— Vão para Ayr?

— Vamos, e para Londres, por uma semana.

— Que sortuda! Quanto tempo vai ficar em Hong Kong, Casey?

— Não sei. Tudo depende da Par-Con.

— Sei. Andrew me contou que você teve uma reunião de dia inteiro, com eles.

— Não creio que lhes tenha agradado muito falar de negócios com uma mulher.

— Como você está sendo delicada — riu-se Susanne de Ville, levantando a saia para puxar a blusa para baixo. — Claro que meu Jacques é meio francês, portanto entende que as mulheres estejam no mundo dos negócios. Mas os ingleses...

Ergueu bem alto as sobrancelhas.

— O tai-pan não pareceu se importar — falou Casey —, mas, na verdade, ainda não discuti direito negócios com ele.

— Mas discuti com Quillan Gornt — disse Kathren, e Casey, muito em guarda, mesmo na privacidade do banheiro das senhoras, percebeu a tensão latente na sua voz.

— Não — replicou —, não discuti... só o conheci hoje à noite... mas meu patrão, sim.

Pouco antes do jantar, encontrara um tempinho para contar a Bartlett a história do pai de Gornt e de Colin Dunross.

— Puxa vida! Não admira que Adryon tenha ficado tonta! — dissera Bartlett. — E logo no salão de bilhar! — Pensara por um momento, depois dera de ombros. — Mas só o que isso significa é mais pressão sobre Dunross.

— Pode ser. Mas a inimizade deles é a mais profunda que já vi, Linc. O tiro nos pode sair pela culatra.

— Não sei como... ainda. Gornt estava apenas abrindo um flanco, como compete a um bom general. Se não tivéssemos tido as informações antecipadas de John Chen, o que Gornt disse poderia ter sido vital para nós. Gornt não tem meios de saber que estamos à sua frente. Portanto, está acelerando o ritmo. Ainda nem puxamos as nossas grandes armas, e os dois já estão nos cortejando.

— Já decidiu com qual vai ficar?

— Não. Qual é o seu palpite?

— Não tenho nenhum. Ainda. Os dois são impressionantes. Linc, acha que John Chen foi seqüestrado porque vinha nos dando informações?

— Não sei. Por quê?

— Antes da chegada de Gornt, fui interceptada pelo superintendente Armstrong. Interrogou-me sobre o que John Chen disse ontem à noite, o que conversamos, o que foi dito, exatamente. Contei-lhe tudo de que me lembrava... exceto que nunca mencionei que deveria receber "aquilo". Já que ainda não sei o que "aquilo" é.

— Não é nada ilegal, Casey.

— Não gosto de ficar no escuro. Não agora. Está ficando... forte demais para mim, as armas, o seqüestro brutal e a polícia tão insistente,

— Não é nada ilegal. Deixemos a coisa nesse pé. Armstrong disse que havia uma ligação?

— Não mencionou nada. É um policial inglês, cavalheiro, forte e silencioso, e tão inteligente e bem-treinado quanto os que já vi no cinema. Estou certa de que ele sabia que eu estava ocultando alguma coisa. — Hesitara. — Linc, o que John Chen tem que é tão importante para nós?

Lembrou-se de como ele a fitara, os olhos profundos e azuis, zombeteiros e risonhos.

— Uma moeda — dissera, calmamente.

— O quê? — perguntara ela, atônita.

— É. Na verdade, meia moeda.

— Mas, Linc, o que uma moe...

— É só o que vou lhe contar por ora, Casey, mas, diga-me, será que Armstrong acha que há alguma ligação entre o seqüestro de Chen e as armas?

— Não sei. — Dera de ombros. — Acho que não, Linc. Nem posso arriscar um palpite. Aquele cara é vivo demais. — Nova

hesitação por parte dela. — Linc, fechou negócio, qualquer negócio, com Gornt?

— Não. Nada definitivo. Gornt só quer destruir a Struan, e quer se unir a nós para fazer o serviço. Disse que discutiríamos o assunto na terça-feira. Durante o jantar.

— O que vai dizer ao tai-pan, depois do jantar?

— Depende das perguntas dele. Ele sabe que é boa estratégia sondar as defesas do inimigo.

Casey começava a se perguntar quem era o inimigo, sentindo-se estranha demais, mesmo ali, entre todas as outras mulheres. Sentira apenas hostilidade, exceto da parte dessas duas, Penelope e Kathren Gavallan... e de uma mulher que encontrara antes, na fila do banheiro.

— Alô — dissera a mulher, suavemente. — Ouvi dizer que você também é uma estranha, aqui.

— É, sou, sim — replicou Casey, assombrada com a beleza da outra.

— Sou Fleur Marlowe. Meu marido é Peter Marlowe. É escritor. Acho que você está lindérrima!

— Obrigada. Você também. Acabaram de chegar a Hong Kong?

— Não. Estamos aqui há três meses e dois dias, mas esta é a primeira festa realmente inglesa a que comparecemos — disse Fleur, seu sotaque britânico não tão carregado quanto o dos outros. — Passamos a maior parte do tempo com os chineses, ou sozinhos. Temos um apartamento no anexo do Victoria. Meu Deus — acrescentou, olhando para a porta do reservado, logo à frente —, gostaria que ela andasse depressa. Estou apertadíssima.

— Também estamos hospedados no Victoria.

— É, eu sei. Vocês dois são famosos. — E Fleur Marlowe riu.

— Mal-afamados! Não sabia que o hotel tinha apartamentos.

— Não são bem apartamentos. Só dois quatinhos de dormir e uma saleta. A cozinha parece um armário. Mas é o nosso lar. Temos um banheiro, água corrente, e as privadas dão descarga.

Fleur Marlowe tinha grandes olhos cinzentos que se inclinavam de modo agradável, e longos cabelos louros, e Casey julgou que teria mais ou menos a sua idade.

— Seu marido é jornalista?

— Escritor. De um único livro. O que faz mesmo é escrever e dirigir filmes em Hollywood. É isso o que paga o aluguel.

— Por que estão com os chineses?

— É que Peter está interessado neles. — Fleur Marlowe sorriu e deu um sussurro de conspiradora, olhando para o resto das mulheres à sua volta. — Elas são bastante assustadoras, não?... mais inglesas do que os ingleses. Cheias de tradição e coisa e tal.

Casey franziu o cenho.

— Mas você também é inglesa.

— Sim e não. Sou inglesa, mas de Vancouver, no Canadá. Moramos nos Estados Unidos, Peter, eu e as crianças, na velha Hollywood, Califórnia. Não sei direito o que sou, metade uma coisa, metade outra.

— Nós também moramos em Los Angeles, Linc e eu.

— Acho que ele é um pão. Você tem sorte.

— Que idade têm seus filhos?

— Quatro e oito anos... graças a Deus ainda não racionaram a nossa água.

— Que tal está achando Hong Kong?

— É fascinante, Casey. Peter está aqui fazendo pesquisas para um livro, portanto é maravilhoso para ele. Meu Deus, se a metade das lendas for verdade... os Struans, os Dunrosses e todos os outros, e o seu Quillan Gornt.

— Não é meu. Conheci-o esta noite.

— Criou um pequeno terremoto ao atravessar a sala ao lado dele. — Fleur riu. — Se vai ficar por aqui, fale com Peter. Ele lhe

contará os mais diversos tipos de escândalos. — Fez um sinal de cabeça na direção de Dianne Chen, que empoava o nariz diante de um dos espelhos. — Aquela é a madrasta de John Chen, a mulher de Phillip Chen. É a segunda mulher... a primeira morreu. Ela é eurásiana, e quase todos a odeiam, mas é uma das pessoas mais bondosas que já conheci.

— Por que a odeiam?

— A maioria tem inveja. Afinal de contas, é a mulher do representante nativo da Casa Nobre; conhecemo-nos faz algum tempo, e ela foi formidável para mim. É... é difícil para uma mulher viver em Hong Kong, especialmente uma mulher de fora. Não sei bem por quê, mas ela me tratou como pessoa da família. Tem sido formidável.

— Ela é eurásiana? Parece chinesa.

— Às vezes, é difícil dizer-se. O nome de solteira dela é T'Chung, segundo Peter, e da família da mãe é Sung. Os T'Chungs descendem de uma das amantes de Dirk Struan, e a linhagem dos Sungs é igualmente ilegítima, do famoso pintor Aristotle Quance. Já ouviu falar nele?

— Ah, já.

— Muitas das... melhores famílias de Hong Kong são... bem, o velho Aristotle gerou quatro ramos... — Neste exato momento a porta do reservado se abriu, dando passagem a uma mulher, e Fleur exclamou: — Graças a Deus!

Enquanto esperava a sua vez, Casey prestava alguma atenção à conversa das outras. O papo era sempre o mesmo: roupas, o calor, a falta d'água, queixas sobre amahs e outros criados, como tudo estava caro, ou as crianças e as escolas. Aí, chegou a vez dela e, quando saiu, Fleur Marlowe desaparecera, e Penelope se acercou dela.

— Oh, acabo de saber que você não queria se retirar. Não ligue para Joanna — disse Penelope, serenamente. — É uma chata, e sempre foi.

— Foi minha culpa... ainda não me habituei aos seus costumes.

— É tudo uma bobagem, mas, no final das contas, é muito mais fácil fazer a vontade dos homens. Eu, pessoalmente, fico muito satisfeita em me retirar. Acho a maioria das conversas deles uma amolação.

— É, às vezes é. Mas é o princípio da coisa. Devíamos ser tratadas como iguais.

— Jamais seremos iguais, querida. Não aqui. Esta é a colônia da coroa de Hong Kong.

— É o que todos me dizem. Quanto tempo devemos ficar afastadas?

— Ah, cerca de meia hora. Não há um período exato. Há muito tempo que conhece Quillan Gornt?

— Hoje foi a primeira vez que o vi — disse Casey.

— Ele... não é bem-vindo nesta casa — falou Penelope.

— É, eu sei. Contaram-me sobre a festa de Natal.

— O que lhe contaram?

Ela relatou o que sabia.

Fez-se um silêncio cortante. Depois, Penelope falou:

— Não é bom para os estranhos se envolverem em brigas de família, é?

— Não — respondeu Casey. — Mas todas as famílias têm as suas briguinhas. Estamos aqui, Linc e eu, para começar um

negócio... esperamos começar o negócio com uma das suas grandes companhias. Somos estranhos aqui, sabemos disso... mas é por este motivo que estamos procurando um sócio.

— Bem, minha querida, estou certa de que se decidirão. Sejam pacientes e cautelosos. Não concorda, Kathren? — perguntou à cunhada.

— Sim, Penelope, concordo. — Kathren fitou Casey com o mesmo olhar franco de Dunross. — Espero que façam a escolha correta, Casey. O pessoal aqui é muito vingativo.

— Por quê?

— Um dos motivos é que somos uma sociedade muito fechada, muito interligada, e todos se conhecem uns aos outros... e quase todos os seus segredos. O outro é porque os ódios por aqui florescem há gerações, e vêm sendo alimentados há gerações. Quando se odeia, odeia-se de todo o coração. Outro ainda é que esta é uma sociedade à moda dos piratas, com pouquíssimos freios, portanto a gente pode se safar com todos os tipos de vingança. Ah, sim. Mais um: aqui os prêmios são altos... se você ganhar um monte de ouro, pode ficar com ele, legalmente, mesmo se o tiver conseguido ilegalmente. Hong Kong é um lugar de trânsito...

ninguém vem para cá para ficar, nem mesmo os chineses, só para ganhar dinheiro, e ir embora. É o local mais extraordinário do mundo.

— Mas os Struans, os Dunrosses e os Gornts estão aqui há gerações — disse Casey.

— É, mas individualmente vieram para cá por um único motivo: dinheiro. Aqui, nosso deus é o dinheiro. E logo que se põe a mão nele, some, quer seja europeu, americano... e especialmente chinês.

— Está exagerando, Kathy querida — falou Penelope.

— É. Mas é a verdade. Outro motivo é que vivemos o tempo todo à beira da catástrofe: fogo, inundação, peste, avalanche, levantes. Metade da nossa população é comunista, metade nacionalista, e se odeiam de uma maneira que nenhum europeu jamais poderá compreender. E a China... a China pode nos engolir a qualquer momento. Portanto, a gente vive o dia de hoje, e para o diabo com tudo, agarre o que puder, porque amanhã, quem sabe? Não se interponha no caminho! As pessoas são mais brutais aqui porque tudo realmente é precário, e nada dura em Hong Kong.

— Exceto o Pico — disse Penelope. — E os chineses.

— Até mesmo os chineses querem enriquecer depressa para ir embora depressa... eles, mais do que a maioria. Espere só, Casey, e verá. Hong Kong a afetará com a sua magia... ou a sua maldade, dependendo do ponto de vista. Para os negócios, é o lugar mais excitante do mundo, e logo você sentirá que está no centro do mundo. É selvagem e excitante para os homens, meu Deus, é maravilhoso para um homem, mas para nós é horrível, e toda mulher, toda esposa, odeia Hong Kong apaixonadamente, embora finja o contrário.

— Kathren — começou Penelope —, está exagerando de novo.

— Não. Não estou. Estamos todas ameaçadas aqui, Penny, você sabe! Nós, mulheres, estamos numa batalha perdida...

— Kathren se deteve e forçou um sorriso cansado. — Desculpe, entusiasmei-me demais. Penn, acho que vou procurar

Andrew, e se ele quiser ficar, eu vou indo, se você não se importa.

— Está se sentindo bem, Kathy?

— Estou, sim, só cansada. O meu caçula é uma parada, mas no ano que vem irá para o colégio interno.

— Que tal foi o seu checkup?

— Bom. — Kathy deu um sorriso cansado para Casey. — Quando estiver disposta, ligue para mim. O número está no catálogo. Não escolham Gornt. Seria fatal. Adeus, querida — acrescentou para Penelope, e se retirou.

— Ela é um amor — disse Penelope. — Mas fica baratinada à toa.

— Você se sente ameaçada?

— Estou muito satisfeita com as minhas filhas e meu marido.

— Ela perguntou se você se sentia ameaçada, Penelope.

— Susanne de Ville empooou habilmente o nariz e examinou o seu reflexo. — Sente-se?

— Não. Às vezes sinto-me oprimida. Mas... mas não estou mais ameaçada do que você.

— Ah, chérie, mas eu sou panúenne. Como posso estar ameaçada? já estive em Paris, mademoiselle?

— Já — disse Casey. — É linda.

— É o mundo — declarou Susanne, com modéstia gaulesa. — Puxa, mas estou com cara de pelo menos trinta e seis anos.

— Bobagem, Susanne. — Penelope olhou para o relógio de pulso. — Acho que já podemos voltar. Com licença um minutinho...

Susanne fitou-a enquanto ela se afastava, depois voltou a se concentrar em Casey.

— Jacques e eu viemos para Hong Kong em 1946.

— Também fazem parte da família?

— O pai de Jacques casou-se com uma Dunross na Primeira Grande Guerra... uma tia do tai-pan. — Inclinou-se para junto do espelho e tirou um tiquinho do excesso de pó. — Na Struan é importante ser da família.

Casey notou os astutos olhos gauleses observando-a pelo espelho.

— Claro, concordo com você que é uma bobagem as mulheres se retirarem depois do jantar, pois, obviamente, quando vamos embora, o calor também vai, não?

Casey sorriu.

— Acho que sim. Por que Kathren falou "ameaçada"? Ameaçada pelo quê?

— Pela juventude, claro que pela juventude! Aqui existem dezenas de milhares de lindas jovens chinesas, chiques, sensatas, de cabelos negros e longos, derrières bonitos e atrevidos e pele dourada, que realmente entendem os homens e encaram o sexo pelo que representa: comida e, com freqüência, permuta. Foi o inglês puritano e gaúche que torceu a mente das suas damas, pobrezinhas! Graças a Deus nasci francesa! Pobre Kathy!

— Oh — disse Casey, compreendendo imediatamente. — Descobriu que Andrew tem um caso?

Susanne sorriu e não respondeu, apenas fitou o seu reflexo. Depois, disse:

— O meu Jacques... claro que tem casos, claro que todos os homens têm casos, e nós também, se somos sensatas. Mas nós, franceses, compreendemos que essas transgressões não devem interferir num bom casamento. Damos a elas a dose exata de importância, non? — Seus olhos castanho-escuros se alteraram um pouco. — Oui!

— Isso é duro, não é? Duro para uma mulher ter que conviver com isso.

— Tudo é duro para a mulher, chérie, porque os homens são uns crétins. — Susanne de Ville alisou uma prega, depois pôs um pouco de perfume atrás das orelhas e no meio dos seios. — Você falhará aqui, se tentar jogar usando regras masculinas, e não regras femininas. Tem uma chance rara aqui, mademoiselle, se é mulher o bastante. E se se lembrar de que os Gornts são todos venenosos. E cuidado com o seu Linc Bartlett, Ciranoush, já há mulheres aqui querendo possuí-lo, e humilhá-la.

14

22h42m

Lá em cima, no segundo andar, o homem saiu cautelosamente das sombras do balcão comprido e entrou pelas portas envidraçadas abertas na escuridão mais profunda do escritório de Dunross. Hesitou, ouvidos atentos, suas roupas negras tornando-o quase invisível. Os sons distantes da festa entravam pelo aposento adentro, tornando o silêncio e a espera mais pesados. Acendeu uma pequena lanterna elétrica.

O círculo de luz caiu sobre o quadro que encimava a lareira. Ele se acercou ainda mais. Dirk Struan parecia observá-lo, o leve sorriso debochado. Agora a luz se moveu para as beiradas da

moldura. A mão dele se estendeu delicadamente e experimentou-a, primeiro para um lado, depois para o outro. Silenciosamente, o quadro se afastou da parede.

O homem soltou um suspiro.

Espiou de perto a fechadura, depois apanhou um pequeno molho de chaves-mestras. Escolheu uma, experimentou-a, mas ela não girou. Mais outra. Novo fracasso. Outra, e mais outra, depois um leve estalido, e a chave quase girou, quase, mas ficou no quase. As demais chaves também falharam.

Irritado, tentou de novo a chave do quase, mas ela não abriu a fechadura.

Com perícia, seus dedos correram pelas beiradas do cofre, mas não conseguiu achar nenhum interruptor ou fecho secreto. Tentou de novo a chave do quase, para cá e para lá, suave ou firmemente, mas ela não girou.

Hesitou de novo. Depois de um momento, recolocou com cuidado o quadro no lugar, os olhos agora zombando dele, e foi até a escrivaninha. Havia dois telefones sobre a mesa. Pegou o aparelho, que sabia não possuir outras extensões na casa, e discou.

O telefone soou monotonamente, depois parou. — Sim? — atendeu uma voz masculina, em inglês.

— O Sr. Lop-sing, por favor — disse ele, suavemente, começando o código.

— Aqui não há nenhum Lop-sing. Lamento, é engano. Essa era a resposta em código que queria ouvir. Continuou:

— Queria deixar um recado.

— Lamento, discou o número errado. Olhe no catálogo. Novamente a resposta correta, a derradeira.

— Aqui é Lim — sussurrou, usando o seu codinome. — Arthur, por favor. Urgente.

— Um momentinho.

Ouviu o telefone sendo passado a outra pessoa, e a tosse seca que reconheceu imediatamente.

— Sim, Lim? Encontrou o cofre?

— Encontrei. Fica atrás do quadro acima da lareira, mas nenhuma das chaves serviu. Vou precisar de equipamento espe...

Interrompeu-se, subitamente. Vozes se aproximavam. Desligou, suavemente. Uma verificação rápida e nervosa de que tudo estava no lugar, e ele desligou a lanterna elétrica correndo para o balcão que acompanhava toda a extensão da face norte. O luar iluminou-o por um instante. Era Feng Garçom de Vinhos. Depois ele desapareceu, suas roupas negras de garçom misturando-se perfeitamente com a escuridão.

A porta se abriu. Dunross entrou, seguido por Brian Kwok. Acendeu as luzes. Imediatamente, a sala ficou cálida e cordial.

— Não seremos perturbados aqui — falou. — Fique à vontade.

— Obrigado.

Era a primeira vez que Brian Kwok era convidado a subir ao andar superior da casa.

Os dois homens carregavam copos de conhaque e foram para junto do frescor das janelas, a brisa leve movendo as cortinas finas, e sentaram-se nas poltronas de espaldar alto, um de frente para o outro. Brian Kwok fitava o quadro, com a sua luz própria perfeitamente colocada.

— Que beleza de quadro.

— É, sim.

Dunross olhou para o quadro, e ficou gelado. A tela estava imperceptivelmente fora do lugar. Mais ninguém o teria notado.

— Algum problema, Ian?

— Não. Nada — disse Dunross, recobrando os sentidos que instintivamente haviam entrado em alerta, sondando o aposento atrás de uma presença estranha. Agora, voltou sua atenção integral para o superintendente chinês, mas se preocupava profundamente com quem havia mexido na tela, e por quê.

— O que queria falar comigo?

— Duas coisas. Primeiro, o seu cargueiro, Eastern Cloud. Dunross ficou espantado.

— Sim?

Aquele era um dos muitos cargueiros costeiros sem rota regular da Struan, que servia aos portos comerciais da Ásia. O Eastern Cloud era um navio de dez toneladas na rota altamente lucrativa de Hong Kong, Bangkok, Cingapura, Calcutá, Madrasta e Bombaim, com uma parada ocasional em Rangum, na Birmânia, transportando todo tipo de mercadoria fabricada em Hong Kong e enviada para o exterior, e todo tipo de matéria-prima, sedas, pedras preciosas, juta, teca, alimentos da Índia, Malásia, Tailândia e Birmânia vindos para Hong Kong. Seis meses antes, fora apreendido pelas autoridades indianas em Calcutá, depois de uma revista surpresa da alfândega ter revelado trinta e seis mil taéis de ouro contrabandeados num dos seus depósitos de carvão. Um pouco mais de uma tonelada.

— O ouro é uma coisa, Excelência, e nada tem a ver conosco — dissera Dunross ao cônsul-geral da Índia em Hong Kong —, mas apreender o nosso navio já é outra história!

— Ah, sinto muito, Sr. Dunross. Lei é lei, e contrabandear ouro para a Índia é coisa muito séria, sah, e a lei diz que qualquer

navio com mercadoria contrabandeada a bordo pode ser confiscado e vendido.

— É, pode ser. Quem sabe, Excelência, nesse caso o senhor poderia interceder junto às autoridades...

Mas todos os pedidos tinham sido postos de lado, e tentativas de intercessão a alto nível ao longo dos meses, ali, na Índia, até mesmo em Londres, não haviam dado em nada. As investigações policiais na Índia e em Hong Kong não haviam apresentado nenhuma prova contra membro algum da sua tripulação, mas mesmo assim o Eastern Cloud ainda estava preso no porto de Calcutá.

— O que é que tem o Eastern Cloud? — perguntou.

— Achamos que podemos persuadir as autoridades indianas a liberá-lo.

— Em troca do quê? — perguntou Dunross, desconfiado. Brian Kwok riu.

— De nada. Não sabemos quem são os contrabandistas, mas sabemos quem fez a denúncia.

— Quem?

— Há cerca de sete meses vocês mudaram a política de recrutamento de tripulação. Até então, a Struan utilizava exclusivamente tripulações cantonenses nos seus navios, mas de repente, por algum motivo, resolveu empregar xangaienses. Certo?

— É — concordou Dunross, lembrando-se de que Tsu-yan, também xangaiense, dera a sugestão, dizendo que faria muito bem à Struan dar também alguma ajuda aos refugiados nortistas.

"Afim, tai-pan", dissera ele, "são marinheiros tão bons quanto os outros... e seus salários são muito competitivos."

— E então a Struan contratou uma tripulação xangaiense para o Eastern Cloud. Foi a primeira, se não me falha a memória. E a tripulação cantonense que não foi contratada sentiu-se humilhada, e então queixou-se a Cajado Vermelho, líder daquela tríade, que...

— Corta essa, pelo amor de Deus, nossas tripulações não pertencem a nenhuma tríade!

— Já disse muitas vezes que os chineses adoram aderir, Ian. Está certo, chamemos ao chefe de tríade com o posto de Cajado Vermelho de seu representante sindical... embora saiba que vocês também não têm sindicatos... mas o sacana disse, sem medir palavras: "Oh ko, fomos realmente humilhadíssimos por causa daqueles cretinos do norte. Vou dar um jeito nos filhos da mãe", e deu a dica a um delator indiano aqui, que, em troca de uma boa parte da recompensa, naturalmente combinada previamente, concordou e passou a informação ao consulado indiano.

— O quê?

Brian Kwok sorriu de orelha a orelha.

— É isso aí. A recompensa foi rachada. Vinte por cento para o indiano e os oitenta por cento para a tripulação cantonense que devia ter embarcado no Eastern Cloud... os cantonenses recuperaram o prestígio e os desprezíveis rebotalhos xangaienses nortistas foram postos numa fedorenta cadeia indiana, e foi a vez deles de ficarem desprestigiados.

— Ah, Deus!

— É.

— Tem provas?

— Claro que sim! Mas digamos que o nosso amigo indiano está nos ajudando em investigações futuras, em troca de... bem, serviços prestados, portanto prefiro não mencionar seu nome. Seu "representante sindical"? Ah, um dos nomes dele era Tuk Boca Grande, e foi foguista no Eastern Cloud por mais de três anos. Foi, porque, infelizmente, não o veremos de novo.

Prendemo-lo todo paramentado como membro da 14K (todo paramentado como Cajado Vermelho, muito graduado), graças a um delator xangaiense amistoso, irmão de um dos membros da sua tripulação que penou na mencionada cadeia indiana fedorenta.

— Foi deportado?

— Ah, foi, num piscar de olhos. Nós realmente não aprovamos as tríades. Atualmente são quadrilhas criminosas, metidas em todo tipo de atividades vis. Foi mandado para Formosa, onde creio que não será nem um pouco bem-vindo... já que a tríade xangaiense Pang Verde, do norte, e a tríade cantonense 14K, do sul, ainda estão brigando pelo controle de Hong Kong. Tuk Boca Grande era mesmo um 426...

— O que é um 426?

— Ah, pensei que soubesse. Todos os componentes das tríades são conhecidos por números, assim como por títulos simbólicos... os números sempre divisíveis pelo algarismo místico 3. Um líder é um 489, que também soma 21, que soma 3, e 21 é um múltiplo de 3, representando a criação, vezes 7, morte, significando o renascer. Um membro do segundo time é um Leque Branco 438, e um Cajado Vermelho é 426. O mais baixo é um 49.

— Pombas, mas 49 não é divisível por 3!

— É, mas 4 vezes 9 dá 36, o número dos juramentos de sangue secretos. — Brian Kwok deu de ombros. — Sabe como nós, chineses, somos loucos por números e numerologia. Ele era um Cajado Vermelho, um 426, Ian. Nós o prendemos. Portanto, as tríades existem, ou existiam, pelo menos num dos seus navios. Não é?

— É o que parece.

Dunross estava se xingando por não ter previsto que era claro que o prestígio xangaiense e cantonense estaria em jogo, e portanto haveria encrencas. E agora sabia que estava noutra armadilha. Agora tinha sete navios com tripulações xangaienses contra cinquenta e tantas cantonenses.

— Pombas, não posso despedir as tripulações xangaienses que já contratei, e, se não o fizer, haverá mais encrencas

semelhantes, e desprestígio de ambos os lados. Qual a solução para esse problema? — indagou.

— Destaque certas rotas exclusivamente para os xangaienses, mas só depois de consultar os seus Cajados Vermelhos 426... desculpe, os seus representantes e, naturalmente, os seus equivalentes cantonenses... e apenas depois de consultar um vidente famoso que lhe sugira que essa atitude trará uma sorte fantástica para os dois lados. Que tai o Velho Cego Tung?

— O Velho Cego Tung? — Dunross riu. — Perfeito! Brian, você é um gênio. Uma mão lava a outra. Quer ouvir um segredo?

— Está certo.

— Garantido?

— Sim.

— Compre ações da Struan amanhã bem cedinho.

— Quantas?

— As que puder comprar.

— Seguro-as por quanto tempo?

— Que tal estão os seus cojones? Brian soltou um assobio mudo.

— Obrigado. — Pensou por um momento, depois forçou-se de novo a se concentrar no assunto em questão. — Voltando ao Eastern Cloud. Agora é que chegamos à parte interessante, Ian: trinta e seis mil taéis de ouro valem legalmente um milhão quinhentos e catorze mil quinhentos e vinte dólares americanos. Mas, derretidos nas barras de contrabando de cinco taéis e entregues secretamente em terra, em Calcutá, o carregamento valeria duas, talvez três vezes essa quantia para compradores particulares... digamos, quatro e meio milhões americanos. Certo?

— Não sei exatamente.

— Ah, mas eu sei. O lucro perdido foi de mais de três milhões... O investimento perdido de cerca de um milhão e meio.

— E daí?

— Daí que todos sabemos que os xangaienses são tão reservados e unidos quanto os cantonenses, os chu chow, os fukienenses ou qualquer outro pequeno agrupamento de chineses. Portanto, é claro que a tripulação xangaiense foi quem contrabandeou... têm que ser eles, Ian, embora não possamos prová-lo, ainda. Portanto, pode apostar seu último tostão que os xangaienses também contrabandearam o ouro de Macau para Hong Kong, e para dentro do Eastern Cloud, que foi dinheiro xangaiense que comprou o ouro originariamente em Macau, e que, portanto, é certo que parte desse dinheiro pertencia aos fundos da Pang Verde.

— Não tem sentido.

— Já teve notícias de Tsu-yan? Dunross fitou-o.

— Não. E vocês?

— Ainda não, mas estamos investigando. — Brian fitou-o, também. — O ponto que estou enfatizando é que a Pang

Verde foi massacrada, e que os criminosos odeiam perder o seu dinheiro ganho com tanto esforço, portanto a Struan pode esperar um bocado de encrenca, a não ser que você corte o mal pela raiz, como sugeri.

— Nem todos os membros da Pang Verde são criminosos.

— Isso é questão de opinião, Ian. Segundo ponto, exclusivamente para os seus ouvidos: temos certeza de que Tsu-yan está no negócio de contrabando de ouro. Meu terceiro e último ponto é que, se uma certa companhia não quer seus navios

apreendidos por contrabandear ouro, devia diminuir facilmente o risco, reduzindo suas importações de ouro para Macau.

— Como disse? — falou Dunross, agradavelmente surpreso por notar que conseguira manter a voz calma, perguntando-se quanto o sei sabia, e quanto estava tentando adivinhar.

Brian Kwok soltou um suspiro e continuou a apresentar as informações que Roger Crosse lhe dera:

— Nelson Trading.

Com grande esforço, Dunross manteve o rosto impassível.

— Nelson Trading?

— É. Nelson Trading Company Limited of London. Como sabe, a Nelson Trading tem a licença exclusiva do governo de Hong Kong

para a compra de ouro em barra no mercado internacional para os joalheiros de Hong Kong e, o que é muitíssimo mais importante, o monopólio igualmente exclusivo para o transbordo das barras de ouro sob retenção alfandegária através de Hong Kong para Macau... juntamente com uma segunda companhia menor, a Companhia de Metais Preciosos Saul Feinheimer, também de Londres. A Nelson Trading e a Feinheimer têm diversas coisas em comum. Diversos diretores, por exemplo, os mesmos advogados, por exemplo.

— É?

— É. Creio que você também faz parte das juntas diretoras.

— Faço parte das juntas de quase setenta companhias — disse Dunross.

— É verdade, e nem todas são total ou parcialmente de propriedade da Struan. É claro que algumas delas podem ser de propriedade total da Struan, secretamente, através de representantes, não é?

— É, claro.

— É uma sorte que em Hong Kong não tenhamos que enumerar os diretores... ou os bens, não é?

— Aonde está querendo chegar, Brian?

— Outra coincidência: os escritórios da Nelson Trading na cidade de Londres ficam no mesmo prédio de sua subsidiária britânica, a Struan London Limited.

— É um prédio grande, Brian, num dos melhores pontos da cidade. Lá deve haver umas cem companhias.

— Muitos milhares, se incluirmos todas as companhias registradas com advogados, ali, todas as companhias holding que incluem outras companhias, com diretores representantes, que escondem todo tipo de esqueletos no armário.

— E daí?

Dunross agora pensava com toda a clareza, imaginando aonde Brian conseguira todas aquelas informações, perguntando-se também que diabo significava aquela conversa. A Nelson Trading fora uma subsidiária secreta, de propriedade integral da Struan, através de representantes, desde que fora formada em 1953, especificamente para o comércio de ouro em Macau — já que Macau era o único lugar da Ásia onde a importação de ouro era legal.

— A propósito, Ian, já conheceu aquele gênio português de Macau, Sr. Lando Mata?

— Já. Já, sim. Homem encantador.

— É mesmo... e muito bem relacionado. É voz corrente que há uns quinze anos ele persuadiu as autoridades de Macau a criarem um monopólio para a importação de ouro, depois a venderem o monopólio para ele, e mais dois amigos, por uma modesta taxa anual: cerca de um dólar americano a onça. É o mesmo sujeito, Ian, que conseguiu que as autoridades de Macau legalizassem o jogo... e, curiosamente, que lhe concedessem, e a mais dois amigos, o mesmo monopólio. Tudo muito cômodo, não é?

Dunross não respondeu, apenas ficou fitando o sorriso e os olhos que não sorriam.

— Assim, tudo correu mansamente por alguns anos — continuou Brian. — Depois, em 1954, alguns entusiastas do ouro de Hong Kong o procuraram (a nossa lei do ouro foi mudada em 1954) e lhe ofereceram um aperfeiçoamento, agora legal, do seu plano: a companhia deles compra o ouro em barra legalmente nos mercados mundiais para esse sindicato de Macau ao preço legal de trinta e cinco dólares a onça, e o traz para Hong Kong abertamente, de avião ou navio. Ao chegar, o pessoal alfandegário de Hong Kong vigia e supervisiona, legalmente, o transbordo de Kai Tak, ou do cais, para as barcas de Macau ou o hidroavião Catalina. Quando a barca ou o hidroavião chega a Macau, é recebido pelos guardas alfandegários portugueses, e o ouro, todo em barras regulamentares de quatrocentas onças, é levado sob guarda até os carros, na verdade, táxis, que o conduzem ao banco. Fica num prediozinho feio e escondido, não faz transações bancárias normais, não tem clientes, ao que se saiba... exceto o sindicato... nunca abre as portas... exceto para o ouro... e não gosta nem um pouco de visitantes. Adivinhe quem é o dono dele? O Sr. Mata... e o seu sindicato. Uma vez dentro do banco, o ouro some! — Brian Kwok abriu um sorriso como um mágico fazendo o seu melhor truque. — Até agora, neste ano, cinqüenta e três toneladas; quarenta e oito toneladas no ano passado! A mesma coisa no ano anterior, e no ano anterior a ele, e assim por diante.

— É um bocado de ouro — disse Dunross, prestativo.

— É, sim. O que é muito estranho é que nem as autoridades de Macau nem as de Hong Kong parecem se importar com o fato de que o que entra parece nunca sair. Está me acompanhando ?

— Estou.

— Claro que o que acontece é que, uma vez dentro do banco, o ouro é derretido das barras regulamentares de quatrocentas onças para pequenos pedaços, barras de dois taéis, ou, com mais freqüência, de cinco taéis, que são carregadas e contrabandeadas mais facilmente. Agora, chegamos à única parte ilegal de toda a maravilhosa cadeia: retirar o ouro de Macau e contrabandear-lo para Hong Kong. Claro que não é ilegal retirá-lo de Macau, somente contrabandear-lo para Hong Kong. Mas você e eu sabemos que é relativamente fácil contrabandear qualquer coisa para Hong Kong. E a beleza incrível da coisa é que, uma vez dentro de Hong Kong, não importa como o ouro chegou aqui, é perfeitamente legal para qualquer pessoa possuí-lo, e não se fazem perguntas. Ao contrário de, digamos, nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha, onde nenhum cidadão tem o direito de possuir, particularmente, ouro em barra. Uma vez que se tem posse legal dele, pode-se exportá-lo legalmente.

— Qual é o propósito de toda essa conversa, Brian? — perguntou Dunross, tomando o seu conhaque.

Brian Kwok girou a bebida envelhecida e perfumada no copo imenso e deixou o silêncio pesar. Finalmente, falou:

— Nós queremos ajuda.

— Nós? Está se referindo ao Serviço Especial de Informações?

Dunross estava espantado.

— Quem no SEI? Você?

Brian Kwok hesitou.

— O Sr. Crosse em pessoa.

— Que ajuda?

— Ele gostaria de ler todos os seus relatórios de Alan Medford Grant.

— Como disse? — falou Dunross, dando-se um tempo para pensar, pois jamais esperara aquilo.

Brian Kwok apanhou uma fotocópia da primeira e última páginas do relatório interceptado, e estendeu-a.

— Uma cópia disto acaba de chegar às nossas mãos. — Dunross lançou um olhar às páginas. Era evidente que eram genuínas. — Gostaríamos de dar uma olhada rápida nos outros.

— Não estou entendendo.

— Não trouxe todo o relatório, só por conveniência, mas, se quiser, posso trazê-lo amanhã — falou Brian, e seu olhar se manteve firme. — Gostaríamos muito... o Sr. Crosse disse que apreciaria a ajuda.

A enormidade das implicações do pedido deixou Dunross paralisado por um momento.

— Este relatório (e os outros, se ainda existirem) são particulares — ouviu sua voz dizer, cautelosamente. — Pelo menos todas as informações nele contidas são particulares para mim, pessoalmente, e para o governo. Certamente vocês poderão conseguir tudo o que desejam através dos seus próprios canais de informações.

— É. Nesse meio tempo, Ian, o superintendente Crosse realmente apreciaria se você nos deixasse dar uma espiada ligeira.

Dunross tomou um gole de conhaque, a mente em estado de choque. Sabia que poderia facilmente negar que os outros existiam e queimá-los, ocultá-los ou simplesmente deixá-los onde estavam, mas não queria deixar de ajudar o Serviço Especial de Informações. Era seu dever ajudá-los. O sei era uma parte vital da Seção Especial, e da segurança da colônia, e ele estava convencido de que, sem eles, a colônia e toda a posição deles na Ásia seriam insustentáveis. E sem um maravilhoso serviço de contra-informações, se um vigésimo dos relatórios de Alan Medford Grant fosse verdade, seus dias estariam contados.

"Santo Deus, nas mãos erradas..."

Sentiu uma opressão no peito enquanto tentava resolver o seu dilema. Parte daquele último relatório lhe viera à cabeça: sobre o traidor na polícia. Depois, lembrou-se de que Kiernan lhe contara que suas cópias atrasadas eram as únicas que existiam. Quanta coisa era só do seu conhecimento, quanta era do conhecimento do Serviço de Informações britânico? Por que o sigilo? Por que Grant não recebera permissão? "Deus, digamos que eu esteja errado afirmando serem algumas coisas excesso de imaginação! Nas mãos erradas, nas mãos inimigas, muito daquela informação será letal."

Com esforço, acalmou-se e concentrou-se.

— Pensarei no que disse e falarei com você amanhã. Bem cedinho.

— Desculpe, Ian. Mandaram que eu insis... que eu lhe fizesse ver a urgência da situação.

— Você ia dizer insistisse?

— Ia. Lamento. Queremos pedir a sua ajuda. Este é um pedido formal de cooperação.

— E o Eastern Cloud e a Nelson Trading são o outro lado da permuta?

— O Eastern Cloud é um presente. A informação também foi um presente. A Nelson Trading não nos diz respeito, exceto por um

interesse passageiro. Tudo o que foi dito é confidencial. Ao que eu saiba, não temos registros.

Dunross examinou o amigo, as maçãs do rosto altas, os olhos largos, de pálpebras pesadas, francos e firmes, o rosto atraente e bem-proporcionado, com sobrancelhas negras e grossas.

— Leu o relatório, Brian?

— Li.

— Então entende o meu dilema — falou, testando-o.

— Ah, está se referindo ao tal traidor da polícia?

— O que disse?

— Está certo ao ser cauteloso. Certíssimo. Está se referindo à parte que cita um ser hostil possivelmente ao nível de superintendente?

— Estou. Sabem quem ele é?

— Não. Ainda não.

— Suspeitam de alguém?

— Suspeitamos. Está sendo vigiado, agora. Não precisa se preocupar com isso, Ian, as cópias atrasadas serão vistas apenas por mim e pelo Sr. Crosse. Nada transpirará, não se preocupe.

— Um momentinho, Brian... eu não disse que elas existiam — falou Dunross, fingindo irritação, e imediatamente notou um lampejo nos olhos do outro, que tanto poderia ser de raiva como de desapontamento. O rosto continuara impassível. — Ponha-se na

minha posição, um leigo — falou, os sentidos aguçadíssimos, continuando na mesma linha. — Seria um imbecil chapado de manter informações como essas soltas por aí, não acha? Muito mais inteligente seria destruí-las... uma vez que tivesse tomado providências quanto às partes pertinentes. Não acha?

— É.

— Deixemos a coisa nesse pé, por hoje. Até cerca de dez horas da manhã.

Brian Kwok hesitou. Depois, sua fisionomia endureceu.

— Isso não é um jogo de salão, Ian. Não vale algumas toneladas de ouro, ou algumas transações na Bolsa, ou alguns negócios imobiliários escusos, não importa quantos milhões estejam envolvidos. Este jogo é mortal, e os milhões envolvidos são gente, gerações por nascer e a praga comunista. A Sevrin é um perigo. O KGB também... até os nossos amigos da CIA e do KMT podem ser igualmente perversos, se preciso for. É melhor postar uma forte guarda nos seus arquivos aqui, hoje à noite.

Dunross fitou o amigo, impassível.

— Então, sua posição oficial é de que esse relatório é exato?

— Crosse acha que pode ser. Talvez fosse de bom alvitre termos um homem aqui, por via das dúvidas, não acha?

— Faça o que achar melhor, Brian.

— Devemos botar um homem em Shek-O?

— Faça o que achar melhor, Brian.

— Não está cooperando muito, não é?

— Está errado, amigão. Estou levando o que você disse muito a sério — disse Dunross, vivamente. — Quando arranhou a cópia, e como?

Brian Kwok hesitou.

— Não sei, e se soubesse, não sei se deveria lhe dizer. Dunross se pôs de pé.

— Bem, então vamos procurar Crosse.

— Mas por que os Gornts e os Rothwells odeiam tanto os Struans e os Dunrosses, Peter? — perguntava Casey. Ela e Bartlett estavam passeando pelos lindos jardins na noite fresca, ao lado de Peter Marlowe e da mulher, Fleur.

— Ainda não conheço todos os motivos — respondeu o inglês. Era um homem alto de trinta e nove anos, cabelos claros, sotaque distinto e uma estranha intensidade por trás dos olhos azul-

acinzentados. — Dizem os boatos que a inimizade remonta aos Brocks... que há um tipo de ligação, uma ligação de família entre os Gornts e os Brocks. Talvez remonte ao velho Tyler Brock em pessoa. Ouviu falar nele?

— Claro — respondeu Bartlett. — Como começou a rixa?

— Quando Dirk Struan era garoto, foi aprendiz de marinheiro num dos navios mercantes armados de Tyler Brock. A vida no mar era muito brutal, na época, a vida em qualquer parte, na verdade, mas então no mar... nem se fala! Bem, de qualquer modo, Tyler Brock açoitou impiedosamente o jovem Struan por uma falta imaginária, depois deixou-o como morto em algum local da costa da China. Dirk Struan tinha catorze anos, na época, e jurou por Deus e pelo Diabo que quando fosse homem arrasaria a Casa de Brock e Filhos e iria atrás de Tyler com um chicote de múltiplas pontas. Ao que me conste, nunca o fez, embora contem que espancou até a morte o filho mais velho de Tyler, com um ferro de combate chinês.

— O que é isso? — quis saber Casey, inquieta.

— É como uma clava, Casey, três ou quatro pequenos elos de ferro com uma bola de pregos numa das extremidades e um cabo na outra.

— Ele o matou para vingar-se do pai dele? — perguntou ela, chocada.

— Esse detalhe ainda não sei, mas aposto que tinha seus motivos. — Peter Marlowe deu um sorriso estranho. — Dirk Struan, o velho Tyler e todos os outros homens que fizeram o Império Britânico, conquistaram a Índia, abriram a China, meu Deus, eram gigantes! Será que já lhes contei que Tyler tinha um olho só? Um dos seus olhos foi arrancado por uma adriça açoitada por um temporal na década de 1830, quando corria com seu veleiro de três mastros, o White Witch, atrás de Struan, com um grande carregamento de ópio a bordo, Struan ia um dia à frente dele no seu veleiro, o China Cloud, na corrida dos campos de ópio britânico da Índia para os mercados da China. Dizem que Tyler apenas derramou conhaque no buraco do olho arrancado e xingou seus marinheiros para que soltassem mais as velas. — Peter Marlowe hesitou, depois continuou: — Dirk foi morto por um tufão que atingiu Happy Valley em 1841, e Tyler morreu sem um tostão, falido, em 1863.

— Por que sem um tostão, Peter? — perguntou Casey.

— Conta a lenda que Tess, sua filha mais velha, a futura Bruxa Struan, vinha tramando a derrocada do pai há anos... sabiam

que ela se casou com Culum, o único filho de Dirk? Bem, a Bruxa Struan tramou secretamente com o Victoria Bank, que Tyler fundara na década de 1840, e com a Cooper-Tillman, os sócios de Tyler nos Estados Unidos. Eles o atraíram e derrubaram a grande Casa de Brock e Filhos num só golpe gigantesco. Ele perdeu tudo... os navios, as cargas de ópio, propriedades, armazéns, ações, tudo. Foi destruído.

— O que lhe aconteceu?

— Não sei, ninguém sabe ao certo. Mas contam que naquela mesma noite, 31 de outubro de 1863, o velho Tyler foi para Aberdeen (um porto que fica do outro lado de Hong Kong) com o neto, Tom, que tinha então vinte e cinco anos, e seis marujos, tomaram à força uma lorcha marítima (a lorcha é um navio com casco chinês mas equipamento europeu) e se puseram ao mar. Dizem que ele estava louco de raiva, e hasteou a flâmula dos Brocks no mastro; tinha pistolas na cinta e uma espada de abordagem sangrenta na mão... eles haviam matado quatro homens para tomar o navio. Na garganta do porto, um cúter veio atrás dele, e ele o fez em pedaços... naquele tempo quase todos os barcos eram armados com canhões por causa dos piratas... estes mares têm sempre sido infestados de piratas, desde tempos imemoriais. E assim, o velho Tyler pôs-se ao mar, um bom vento soprando do leste, e uma tempestade chegando. Na desembocadura de Aberdeen, ele começou a soltar pragas. Amaldiçoou a Bruxa Struan e amaldiçoou a ilha, amaldiçoou o Victoria Bank, que o traía, e os Coopers da Cooper-Tillman. Porém, mais do que todos, amaldiçoou o tai-pan que estava morto há mais de vinte anos. E o velho Tyler Brock jurou vingança. Dizem que berrou que ia para o norte fazer pilhagens e

que ia começar de novo. Ia construir de novo a sua Casa, e então: "...então, eu volto, por Deus... eu volto e me vingo, e vou ser a Casa Nobre, por Deus... eu volto..."

Bartlett e Casey sentiram um frio na espinha quando Peter Marlowe engrossou a voz. Depois, ele continuou:

— Tyler foi para o norte, e nunca mais se soube notícias dele, nenhum vestígio dele, da lorchá ou da tripulação, nunca mais. Mesmo assim, a presença dele ainda está aqui... como a de Dirk Struan. É melhor que não esqueçam que, ao lidarem com a Casa Nobre, também estarão lidando com esses dois, os seus fantasmas. Na noite em que Ian Dunross assumiu o posto de tai-pan, a Struan perdeu o seu principal cargueiro, o Lasting Cloud, num tufão. Foi um desastre financeiro gigantesco. Ele soçobrou perto de Formosa, e perdeu-se com todos os seus marinheiros, exceto um moço de convés inglês. O jovem estivera na ponte e jurou que havia sido atraído para cima das rochas por luzes falsas, e que ouvira um maníaco rindo enquanto iam a pique.

Casey estremeceu involuntariamente.

Bartlett notou, e deu-lhe o braço, com naturalidade, e ela sorriu para ele. Linc disse:

— Peter, as pessoas aqui falam sobre gente que já morreu há cem anos como se estivessem na sala ao lado.

— É um antigo hábito chinês — replicou Peter Marlowe, prontamente. — Os chineses acreditam que o passado controla o futuro e explica o presente. Claro que Hong Kong tem apenas cento e vinte anos de existência, portanto, um homem de oitenta anos hoje... Veja por exemplo Phillip Chen, o atual representante nativo da Struan. Está com sessenta e cinco anos... o seu avô foi o famoso Sir Gordon Chen, filho ilegítimo de Dirk Struan, que morreu em 1907, com oitenta e seis anos. Phillip Chen estaria então com nove anos. Um garoto vivo de nove anos se lembraria de todas as histórias que seu adorado avô lhe teria contado sobre o seu pai, o tai-pan, e May-may, sua famosa amante. Dizem que o velho Sir Gordon Chen era uma figura e tanto, um verdadeiro ancestral. Teve duas mulheres oficiais, oito concubinas de idades variadas, e deixou a imensa família Chen rica, poderosa, e metida em tudo o que era possível. Peça a Dunross para lhe mostrar os seus retratos... vi apenas cópias das telas, mas, puxa vida, que homem bonito era! Há dúzias de pessoas vivas aqui, hoje em dia, que o conheceram... um dos grandes fundadores originais. E, meu Deus, a Bruxa Struan morreu faz apenas quarenta e seis anos. Olhe ali... — Fez sinal para um homenzinho murcho, magro como bambu, e igualmente resistente, conversando animadamente com uma jovem. — Aquele é Vincent McGore, tai-pan da quinta grande hong, a International Asian Trading. Trabalhou durante anos para Sir Gordon, e depois para a Casa Nobre. — Abriu um sorriso de repente. — Conta a lenda que ele foi amante da Bruxa Struan quando tinha dezoito anos e

acabara de saltar de um cargueiro de gado vindo de algum porto do Oriente Médio... ele de escocês não tem nada.

— Pare com isso, Peter — exclamou Fleur. — Você acaba de inventar esta história!

— Como ousa? — disse ele, sem deixar de sorrir. — Ela só tinha setenta e cinco anos, na época.

Todos riram.

— Qual é a verdade? — perguntou Casey.

— Quem sabe o que é verdade e o que é ficção, Casey? Foi o que me contaram.

— Eu não acredito — disse Fleur, Confiantemente. — Peter inventa histórias.

— Onde descobriu tudo isso, Peter? — perguntou Bartlett.

— Uma parte eu li. Na biblioteca do Tribunal de Justiça há exemplares de jornais que datam de 1870. Há também a História dos Tribunais de Justiça de Hong Kong. É um livro que mostra o lado pior de Hong Kong, se você estiver interessado. Pombas, as coisas que aprontavam, os pseudojuízes e secretários coloniais, governadores e policiais, os tai-pans, os bem-nascidos e os malnascidos. Roubalheira, assassinato, corrupção, adultério, pirataria, suborno... está tudo lá!

"Além disso, fiz perguntas. Há dúzias de velhos moradores da China que adoram lembrar os velhos tempos, e que sabem um bocado de coisas sobre a Ásia e Xangai. Além disso, há gente que odeia, ou tem inveja, e mal pode esperar para derramar um pouco de veneno numa boa reputação, ou numa que seja má. Naturalmente, a gente peneira, tenta peneirar a verdade da mentira, e isso é muito difícil, se não impossível."

Por um momento, Casey ficou imersa em seus pensamentos. Depois, indagou:

— Peter, como era Changi? De verdade?

O rosto dele não se alterou, mas os olhos, sim.

— Changi foi a gênese, o lugar de recomeçar. — O tom de voz dele deixou-os a todos gelados, e ela viu Fleur dar a mão ao marido, e num momento ele voltou ao presente. — Estou bem, querida — falou. Em silêncio, um tanto encabulados, eles saíram do caminho e passaram para o terraço inferior. Casey soube que tinha se metido onde não devia. — Que tal tomarmos uma bebida, hem, Casey? — falou Peter Marlowe, bondosamente, consertando a situação.

— Sim. Obrigada, Peter.

— Linc — falou Peter Marlowe —, existe uma incrível inclinação para a violência que passa de geração a geração nesses bucaneiros... porque é o que são. Este é um lugar muito especial... gera gente muito especial. — Depois de uma pausa, acrescentou, pensativo: — Ouvi dizer que está pensando em fazer negócios por aqui. Se eu fosse você, seria muito, muito cuidadoso.

15

23h05m

Dunross, seguido por Brian Kwok, dirigia-se para Roger Crosse, chefe do Serviço Especial de Informações, que estava no terraço, batendo papo amavelmente com Armstrong e os três americanos, Ed Langan, comandante John Mishauer, o oficial de marinha fardado, e Stanley Rosemont, um homem alto, na casa dos cinquenta. Dunross não sabia que Langan era do FBI, nem que Mishauer pertencia ao Serviço de Informações da Marinha americana, apenas que serviam no consulado. Mas sabia que Rosemont era da CIA, embora desconhecesse o seu posto. As senhoras ainda estavam voltando devagar para as suas mesas, ou tagarelando nos terraços e no jardim. Os homens saboreavam seus drinques, e a festa seguia gostosa e suave como a noite. Alguns casais dançavam no salão, ao som de música lenta e doce. Adryon estava entre essas pessoas, e ele viu Penelope aturando

estoicamente Havergill. Notou Casey e Bartlett conversando animadamente com Peter e Fleur Marlowe, e teria adorado poder escutar o que diziam. Aquele tal de Marlowe podia facilmente tornar-se uma pedrinha no sapato, pensou, de passagem. "Já está sabendo segredos demais, e se lesse o nosso livro... De maneira alguma!", pensou. "Absolutamente. Esse é um livro que jamais lerá. Como Alastair pôde ser tão estúpido?"

Alguns anos atrás, Alastair Struan contratara um famoso escritor para escrever a história da Struan, para comemorar os seus cento e vinte e cinco anos de comércio, e entregara a ele velhos livros razão e malas cheias de velhos documentos, sem tê-los lido ou selecionado. Dentro de um ano, o escritor produzira um trabalho inflamado que documentava muitos acontecimentos e transações que se pensava enterrados para sempre. Em choque, agradeceram ao escritor, pagaram o seu serviço, acrescentando uma gratificação generosa, e o livro (dois únicos exemplares) fora colocado no cofre do tai-pan.

Dunross chegara a pensar em destruir os exemplares. Mas depois pensou: "A vida é a vida, a sorte é a sorte, e desde que apenas nós leiamos o livro, não há perigo".

— Alô, Roger — disse, sombriamente divertido. — Podemos lhes fazer companhia?

— Claro, tai-pan. — Crosse cumprimentou-o calorosamente, e os outros também. — Está em casa!

Os americanos sorriram educadamente da piada. Bateram papo por um momento sobre coisas inconseqüentes e as corridas de sábado, depois Langan, Rosemont e o comandante Mishauer, pressentindo que os outros queriam conversar em particular, pediram licença e saíram. Quando estavam sozinhos, Brian Kwok resumiu exatamente o que Dunross lhe dissera.

— Nós certamente apreciaremos a sua ajuda, Ian — disse Crosse, os olhos claros e penetrantes. — Brian tem razão sobre os prováveis riscos envolvidos... se, é claro, existirem outros relatórios de Alan Medford Grant. Mesmo que não existam, alguns homens maus podem querer investigar.

— Exatamente como e quando arranjou uma cópia do meu último relatório?

— Por quê?

— Vocês mesmos a conseguiram... ou foi por intermédio de uma terceira pessoa?

— Por quê?

A voz de Dunross endureceu.

— Porque é importante.

— Por quê?

O tai-pan o fitou, e os três homens sentiram a força da sua personalidade. Mas Crosse era igualmente voluntarioso.

— Posso responder parcialmente à sua pergunta, Ian — disse, serenamente. — Se o fizer, responderá à minha?

— Responderei.

— Conseguimos uma cópia do seu relatório hoje de manhã. Um agente de informações (imagino que na Inglaterra) deu a dica a um amigo aqui de Hong Kong que um mensageiro estava lhe trazendo algo que nos interessaria. Esse contato de Hong Kong nos perguntou se estaríamos interessados em dar uma espiada na coisa... por um preço, é claro.

— Crosse era tão convincente que os dois outros policiais que conheciam a história real ficaram duplamente impressionados.

— Hoje de manhã, a fotocópia foi entregue na minha casa por um chinês que eu nunca tinha visto antes. Ele foi pago... naturalmente, você há de compreender que nessas coisas não se perguntam nomes. Agora, por quê?

— A que horas, hoje de manhã?

— Às seis horas e quatro minutos, se quer a hora exata. Mas por que isso é tão importante para você?

— Porque Alan Medford Grant...

— Ah, papai, desculpe interrompê-lo — falou Adryon, aparecendo sem fôlego, trazendo consigo um rapaz alto e bonito, o dinner jacket largo e amassado, a gravata torta e os sapatos gastos e mal engraxados destoando de toda aquela elegância. — Desculpe interromper, mas posso mexer na música?

Dunross fitava o rapaz. Conhecia Martin Haply e a sua reputação. O jornalista canadense treinado na Inglaterra tinha vinte e cinco anos, e estava há dois na colônia, e agora era o flagelo da comunidade empresarial. Seu sarcasmo cortante e devassas penetrantes na vida de personalidades e em práticas comerciais que eram legais em Hong Kong, mas em nenhuma outra parte do mundo ocidental, eram uma irritação constante.

— A música, papai — repetiu Adryon, continuando —, é pavorosa. Mamãe disse que tinha que pedir licença a você. Posso pedir-lhe que toquem algo diferente, por favor?

— Tudo bem, mas não vá transformar minha festa num happening.

Ela riu, e ele voltou sua atenção para Martin Haply.

— Boa noite.

— Boa noite, tai-pan — disse o rapaz com um sorriso confiante e desafiador. — Adryon me convidou. Espero não incomodar por ter vindo depois do jantar.

— Claro que não. Divirta-se — disse Dunross, depois acrescentou, secamente: — Há muitos amigos seus, aqui.

Haply riu.

— Perdi o jantar porque estava seguindo a pista de uma fofoca e tanto.

— É?

— É. Parece que certos interesses, em conjunção com um certo grande banco, têm espalhado boatos maldosos sobre a solvência de um certo banco chinês.

— Está se referindo ao Ho-Pak?

— Mas é tudo besteira. Os boatos. Só mais tapeações hong-konguianas.

— É? — O dia todo Dunross ouvira boatos sobre a situação periclítante do Ho-Pak Bank de Richard Kwang. — Tem certeza?

— Vou escrever um artigo a respeito no Guardian de amanhã. Mas, por falar no Ho-Pak... — Martin Haply acrescentou, despreocupadamente: — souberam que mais de cem pessoas tiraram todo o seu dinheiro da agência de Aberdeen, hoje à tarde? Pode ser o começo de uma corrida e...

— Desculpe, papai... vamos indo. Martin, não está vendo que papai está ocupado?

Ela se esticou e deu um leve beijo em Dunross, e a mão dele automaticamente enlaçou-a e apertou-a.

— Divirta-se, querida.

Ele ficou olhando enquanto ela se afastava rapidamente, com Haply logo atrás. "Filho da puta atrevido", pensou Dunross distraidamente, ansioso agora pelo artigo do dia seguinte, sabendo que Haply era meticoloso, insubornável, e muito bom na sua profissão. Será que Richard tinha mesmo ultrapassado os seus limites?

— O que dizia, Ian? Sobre Alan Medford Grant? — falou uma voz, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Ah, sim, desculpe. — Dunross voltou a sentar-se à mesa, pondo em compartimentos mentais os outros problemas. — Alan está morto — falou, suavemente.

Os três policiais fitaram-no, boquiabertos.

— O quê?

— Recebi um telegrama a um minuto para as oito desta noite, e falei com o assistente dele em Londres às nove horas e onze minutos. — Dunross observava-os. — Queria saber o seu "quando", porque é óbvio que daria tempo de sobra para o seu espião do KGB (se existir) ligar para Londres e mandar assassinar o pobre Alan. Não daria?

— Daria. — A fisionomia de Crosse estava séria. — A que horas ele morreu?

Dunross contou-lhe toda a conversa que tivera com Kiernan, exceto o detalhe do telefonema para a Suíça. Uma intuição advertiu-o para ficar calado.

— Agora, a pergunta é: foi acidente, coincidência ou assassinato?

— Não sei — disse Crosse. — Mas não creio em coincidências.

— Nem eu.

— Santo Deus — falou Armstrong, entre dentes —, se Alan não tinha autorização... só Deus sabe o que há naqueles relatórios, Deus e você, Ian. Se você possui as únicas cópias existentes, isso as torna potencialmente mais explosivas do que nunca.

— Se é que existem — disse Dunross.

— E existem?

— Eu lhes direi amanhã. Às dez horas. — Dunross se levantou. — Querem me dar licença, por favor — disse cortesmente, com o seu charme tranqüilo. — Preciso ir atender agora aos meus outros convidados. Ah, só mais uma coisa. E quanto ao Eastern Cloud? Roger Crosse respondeu:

— Será liberado amanhã.

— Haja o que houver? Crosse pareceu ficar chocado.

— Santo Deus, tai-pan, não estávamos negociando! Brian, você não disse que estávamos apenas tentando ajudar?

— Disse, sim, senhor.

— Os amigos devem sempre se ajudar entre si, não é, tai-pan?

— É. Sem dúvida. Obrigado.

Ficaram vendo-o afastar-se até sumir de vista.

— Sim ou não? — murmurou Brian Kwok.

— Se existem? Eu diria que sim — falou Armstrong.

— Claro que existem — disse Crosse, cheio de irritação. — Mas onde? — Pensou por um momento, depois acrescentou, com mais irritação ainda, e o coração dos dois homens bateu fora do compasso: — Brian, enquanto você estava com o Ian, Feng Garçom de Vinhos me contou que nenhuma das suas chaves serviu.

— Puxa, que pena, senhor — disse Brian Kwok, cautelosamente.

— É. O cofre aqui não vai ser moleza. Armstrong se manifestou:

— Quem sabe devíamos procurar em Shek-O, senhor, por via das dúvidas.

— Você guardaria ali tais documentos... se existissem?

— Não sei, senhor. Dunross é imprevisível. Eu diria que estão na sua cobertura na Struan, seria o local mais seguro.

— Já esteve lá?

— Não, senhor.

— Brian?

— Não, senhor.

— Nem eu. — Crosse sacudiu a cabeça. — Mas que merda.

Brian Kwok disse, pensativo:

— Poderíamos somente mandar uma equipe à noite, senhor. Existe um elevador particular que leva àquele andar, mas é preciso uma chave especial. Parece que há também um outro elevador direto que sai da garagem subterrânea.

— Deram uma mancada dos diabos em Londres — falou Crosse. — Não entendo por que aqueles cretinos não estavam por dentro. Nem por que Alan não pediu permissão.

— Quem sabe não queria que o pessoal interno soubesse que estava transando com um cara de fora.

— Se havia um cara de fora, podia haver outros. Crosse soltou um suspiro e, imerso em seus pensamentos, acendeu um cigarro. Armstrong sentiu as pontadas de fome de tabaco. Tomou um gole de conhaque, mas isso não aliviou a dor.

— Langan passou a sua cópia adiante, senhor?

— Sim, para Rosemont, aqui, e, pela mala diplomática, para o seu QG do FBI em Washington.

— Pombas — lamentou-se Brian Kwok —, então Hong Kong inteira vai ficar sabendo, pela manhã.

— Rosemont me assegurou que não. — Crosse deu um sorriso sem humor. — Contudo, é melhor estarmos preparados.

— Quem sabe o Ian cooperaria mais prontamente, se soubesse, senhor.

— Não, melhor deixarmos isso entre nós. Mas ele está aprontando alguma coisa.

Armstrong falou:

— Quem sabe se o superintendente Foxwell falasse com ele, senhor, são velhos amigos.

— Se Brian não conseguiu persuadi-lo, ninguém mais conseguirá.

— O governador, senhor? Crosse sacudiu a cabeça.

— Não há por que envolvê-lo. Brian, cuide de Shek-O.

— Encontro e abro o cofre dele, senhor?

— Não. Basta levar uma equipe para lá e cuidar para que ninguém mais entre. Robert, vá para o QG e ligue para Londres. Chame Pensely na MI-5 e Sinderson na MI-6. Descubra a hora exata do ocorrido com Alan. Tudo o que puder. Verifique a história do tai-pan. Verifique tudo... pode ser que haja outras cópias. A seguir, mande uma equipe de três agentes para cá, para vigiar o local hoje à noite, especialmente para vigiar Dunross, sem que ele saiba, é claro. Vou me encontrar com o chefe deles na junção da Peak Road com a Culum's Way dentro de uma hora, e isso lhe dará tempo o bastante. Mande outra equipe vigiar o prédio da Struan. Ponha um homem na garagem... por via das dúvidas. Deixe o seu carro comigo, Robert. Encontro vocês no meu gabinete dentro de uma hora e meia. Tratem de ir andando.

Os dois homens foram se despedir do anfitrião, e agradecer-lhe; depois foram para o carro de Brian Kwok. Enquanto desciam a Peak Road no velho Porsche, Armstrong disse o que ambos vinham pensando desde que Dunross lhes contara.

— Se Crosse é o espião, teria tempo de sobra para ligar para Londres, ou avisar a Sevrin, o KGB, ou quem diabo seja.

— Saímos do gabinete dele às seis e dez, onze horas de Londres, portanto não podíamos ter sido nós, não haveria tempo. — Armstrong mudou de posição para aliviar a dor nas costas. — Porra, mas que vontade de fumar um cigarrinho.

— Há um maço no porta-luvas, amigão.

— Amanhã... vou fumar amanhã. Igualzinho aos AA, a um maldito viciado! — Armstrong riu, mas não havia humor na sua risada. Lançou um olhar para o amigo. — Descubra discretamente quem mais leu a pasta de Alan hoje... além de Crosse... o mais rápido que puder.

— Foi o que também pensei.

— Se ele tiver sido o único a lê-la... bem, é mais uma evidência. Não chega a ser uma prova, mas estaremos chegando lá.
— Abafou um bocejo nervoso, sentindo-se muito cansado. — Se for mesmo ele, estamos atolados na merda.

Brian dirigia muito depressa e muito bem.

— Ele disse quando deu a cópia para Langan?

— Disse. Ao meio-dia. Almoçaram juntos.

— Bem, então o vazamento de informações poderia ser deles, do pessoal do consulado... aquele lugar está cheio de boquirrotos.

— É possível, mas meu faro diz que não. Rosemont é legal, Brian... e o Langan. São profissionais.

— Não confio neles.

— Você não confia em ninguém. Ambos pediram aos seus QGs para verificarem as viagens de Bartlett e Casey a Moscou.

— Ótimo. Acho que vou mandar um telex para um amigo em Ottawa. Lá também pode haver alguma ficha deles. Aquela Casey é mesmo uma uva, não é? Será que estava usando alguma coisa sob a roupa?

— Aposto dez dólares contra um pêni como você nunca vai descobrir.

— Fechado.

Ao dobrarem uma esquina, Armstrong olhou para a cidade lá embaixo, para o porto, o cruzador americano todo iluminado ancorado no cais, do lado de Hong Kong.

— Nos bons tempos teríamos ali meia dúzia dos nossos vasos de guerra — comentou, tristemente. — A boa Marinha Real!

Ele servira em torpedeiros durante a guerra, tenente da Marinha Real. Fora a pique duas vezes, uma em Dunquerque, a segunda vez três dias após o Dia D, perto de Cherburgo.

— É. Uma pena, quanto à marinha, mas, bem, o tempo vai passando.

— Mas não melhora nada, Brian. Uma pena que o raio do Império tenha ido para o brejo! As coisas eram melhores antes. Melhores para toda esta droga de mundo! Maldita guerra! Malditos alemães, malditos japoneses...

— É. Falando na marinha, que tal o Mishauer?

— O sujeito do Serviço de Informações da Marinha americana? Foi legal — disse Armstrong, cansadamente. — Falou muito sobre assuntos navais. Murmurou para o Velho que os Estados Unidos vão dobrar a sua Sétima Frota. É tão super-secreto que nem quis confiar no telefone. Vai haver uma grande expansão por terra no Vietnam.

— Um bando de idiotas... vão ser triturados, como os franceses. Será que não lêem os jornais, para não falar nos relatórios dos serviços de informações?

— Mishauer murmurou também que o porta-aviões nuclear deles vai chegar depois de amanhã para uma visita de oito dias de descanso e recreação. Outro assunto ultra-secreto. Pediu-nos que dobrássemos a segurança... e bancássemos a ama-seca para os ianques em terra.

— Mais chateação.

— É. — E Armstrong acrescentou, secamente: — Especialmente porque o Velho mencionou que um cargueiro soviético danificado chegara à noite, para sofrer reparos.

— Puta que o pariu! — exclamou Brian, corrigindo um golpe de direção involuntário.

— Foi o que eu pensei. Mishauer quase teve um enfarte, e Rosemont soltou palavrões por dois minutos inteiros. O Velho Ihes assegurou que, naturalmente, nenhum marujo russo poderá baixar a terra sem permissão especial, como sempre, e que nós os seguiremos, como sempre, mas um ou dois darão um jeito de precisar de um médico, ou coisa parecida, de repente, e talvez escapem da rede.

— É. — Depois de uma pausa, Brian Kwok disse: — Espero que possamos pôr as mãos naquelas pastas de Alan, Robert. A Sevrin é uma faca nas entranhas da China.

— É.

Guiaram em silêncio durante algum tempo.

— Estamos perdendo a nossa guerra, não estamos? —
comentou Armstrong.

— Estamos.

16

23h25m

O cargueiro soviético Soviétski Ivãnov estava ancorado no cais do imenso Estaleiro Wampoa, que fora construído sobre terras recuperadas no lado oriental de Kowloon. Estava todo iluminado por holofotes. Era um navio de vinte mil toneladas que seguia as rotas comerciais da Ásia, partindo de Vladivostok, bem ao norte. Na sua ponte havia muitas antenas e equipamentos modernos de radar. Marinheiros russos rodeavam as pranchas de desembarque da proa e da popa, já em terra. Próximo de cada prancha havia um policial fardado, um jovem chinês usando as calças curtas caqui regulamentares, meias três-quartos, cinto e sapatos pretos. Um marujo que se dirigia a terra teve seu passe examinado pelos colegas, depois pelo guarda, e então, enquanto caminhava para os portões do estaleiro, dois chineses em trajés civis saíram das sombras e começaram a seguir-lhe os passos... abertamente.

Outro marujo desceu pela prancha da popa. Verificaram-lhe o passe e então, logo a seguir, mais policiais chineses à paisana saíram silenciosamente atrás dele.

Sem ser notado, um barco a remo saiu sem fazer barulho do lado oposto da popa do navio e enfiou-se sob as sombras do cais. Deslizou suavemente ao longo da muralha alta na direção de um lance de degraus úmidos que adentravam o mar, a uns cinquenta metros de distância. Havia dois homens a bordo, e as forquetas estavam abafadas. Na base dos degraus, o barco parou. Os dois homens começaram a aguçar os ouvidos.

Na prancha da proa, um terceiro marujo que ia para a terra desceu cambaleante os degraus escorregadios. Ao chegar ao chão, foi interceptado, examinaram-lhe o passe e começou uma discussão. A guarda de terra recusou-lhe permissão. Ele estava obviamente bêbado, e, portanto, xingando em altos brados, e largou um soco num dos guardas. O homem se desviou e acertou o marujo com um forte soco. A atenção dos dois guardas chineses concentrou-se na luta unilateral. O homem corpulento e despenteado que estava sentado na popa do barco a remo subiu correndo os degraus, cruzou correndo o cais iluminado e os trilhos da estrada de ferro, e sumiu nos becos do estaleiro, sem ser visto. Calmamente, o barco a remo começou a voltar pelo caminho pelo qual viera, e, num momento, a briga acabou. O pobre bêbado foi carregado de volta para bordo, sem brutalidade.

Nos atalhos do estaleiro, o homem despenteado seguia o seu caminho. De quando em vez, hábil e descontraidamente, olhava para trás, para certificar-se de que não estava sendo seguido. Usava terno de tropical escuro e sapatos de boa qualidade de sola de borracha. Seus papéis identificavam-no como Ígor Voranski, marinheiro de primeira classe, marinha mercante soviética.

Ele evitou os portões do estaleiro e o policial que os vigiava, e acompanhou o muro por uns cem metros, até uma porta lateral. A porta ia dar num beco da área de reurbanização de Tai-wan Shan — um labirinto de barracos de ferro corrugado, madeira compensada e papelão. Apressou o passo. Logo saía da área e entrava em ruas fortemente iluminadas, cheias de lojas, barraquinhas e gente, que acabaram por conduzi-lo à Chatham Road, onde fez sinal para um táxi.

— Mong Kok, o mais rápido que puder — disse, em inglês. — Balsas Yaumati.

O motorista fitou-o com insolência.

— Hem?

— Ayeeyah! — replicou Voranski imediatamente, e acrescentou em cantonense rude e perfeito: — Mong Kok! Está surdo? Andou cheirando o Pó Branco? Está me tomando por um demônio estrangeiro turista da Montanha Dourada... eu, claramente uma pessoa de Hong Kong, que morou aqui vinte anos? Ayeeyah! Balsas Yaumati, do outro lado de Kowloon. Precisa de orientação? É da Mongólia Exterior? É um estranho, hem?

O motorista abaixou a bandeira, carrancudo, e arrancou, dirigindo-se para o sul, e depois para o oeste. O homem no assento traseiro vigiava a rua atrás deles. Não enxergou nenhum carro a segui-los, mas mesmo assim não se descontraíu. "São espertos demais aqui", pensou. "Tenha cuidado!" Na estação das Balsas Yaumati, pagou o táxi, deu ao homem a gorjeta estritamente correta, depois entrou no meio do povo, saiu, e fez sinal para outro táxi.

— Balsa Dourada.

O motorista concordou com ar de sono, bocejou e foi para o sul.

No terminal das balsas, ele pagou ao motorista quase antes que este parasse o carro, e se meteu no meio do povo que se apressava para chegar às borboletas das barcas e balsas de Hong Kong. Porém, depois de cruzar a borboleta, ele não se dirigiu para o portão das balsas, mas sim para o banheiro dos homens. Logo saiu de lá e entrou numa cabine telefônica. Agora, bem certo de que não fora seguido, estava mais descontraído.

Enfiou uma moeda no aparelho e discou.

— Sim? — atendeu um homem, falando inglês.

— Sr. Lop-sing, por favor.

— Não conheço tal nome. Aqui não há nenhum Sr. Lop-ting. É engano.

— Quero deixar um recado.

— Lamento, discou o número errado. Olhe no catálogo. Voranski relaxou, o coração bateu mais devagar.

— Quero falar com Arthur — disse, num inglês perfeito.

— Desculpe, ele ainda não chegou.

— Mandaram-lhe que ficasse aí, à espera do meu telefonema — disse, secamente. — Por que houve alteração?

— Quem fala, por favor?

— Brown — falou bruscamente, usando o seu codinome. Acalmou-se um pouco ao notar que a outra voz imediatamente assumiu a justa deferência.

— Ah, Sr. Brown, bem-vindo de volta a Hong Kong. Arthur ligou e me disse que esperasse o seu telefonema. Pediu-me que lhe desse as boas-vindas e dissesse que tudo está preparado para a reunião, amanhã.

— Para quando o espera?

— Estará chegando a qualquer momento, senhor. Voranski praguejou em silêncio, pois tinha obrigação de telefonar para o navio dentro de uma hora. Não gostava de divergências em nenhum plano.

— Está certo — disse. — Diga-lhe que ligue para mim no 32. — Este era o codinome do apartamento seguro deles, no Sinclair Towers. — O americano já chegou?

— Já.

— Ótimo. Veio acompanhado?

— Sim.

— Ótimo. E então?

— Arthur não me contou mais nada.

— Já a conheceu?

— Não.

— E Arthur?

— Não sei.

— Já foi feito contato com qualquer um dos dois?

— Desculpe, não sei. Arthur não me contou.

— E o tai-pan? E quanto a ele?

— Está tudo acertado.

— Ótimo. Quanto tempo vocês levariam para chegar ao 32, se fosse necessário?

— De dez a quinze minutos. Quer que o encontremos lá?

— Decido mais tarde.

— Ah, Sr. Brown, Arthur achou que o senhor talvez gostasse de companhia, depois de uma viagem tão longa. O nome dela é Koh, Maureen Koh.

— Gentil da parte dele... muito gentil.

— O número do telefone dela está ao lado do telefone, no 32. Basta ligar, e ela chegará dentro de meia hora. Arthur queria saber se o seu superior estava com o senhor hoje... talvez também gostasse de companhia.

— Não. Ele virá amanhã, conforme o planejado. Mas amanhã à noite estará esperando a hospitalidade. Boa noite. — Voranski desligou arrogantemente, consciente da sua posição hierárquica mais alta no KGB. Neste exato instante a porta da cabine telefônica se abriu e um chinês entrou violentamente, enquanto outro bloqueava a abertura. — Mas o que...

As palavras morreram enquanto ele morria. O estilete era longo e fino. Saiu com facilidade. O chinês deixou o corpo cair. Fitou

o monte inerte por um momento, depois limpou a faca no cadáver e enfiou-a de volta na bainha, na manga da sua roupa. Deu um amplo sorriso para o chinês corpulento que ainda bloqueava a janela de vidro da parte superior da cabine, como se fosse o freguês seguinte, depois colocou uma moeda no aparelho e discou.

No terceiro toque uma voz educada disse:

— Delegacia de Tsim Sha Tsui, boa noite.

O homem deu um sorriso sardônico e perguntou rudemente, em xangaiense:

— Fala xangaiense?

Uma hesitação, um estalido, e agora nova voz, em xangaiense, falou:

— Aqui é o sargento comissionado Tang-po. O que é?

— Um porco soviético escapou da sua rede filha da puta esta noite, com a mesma facilidade com que o novilho caga, mas agora já foi se juntar aos seus ancestrais. Será que nós, da 14K, temos que fazer todo o seu trabalho infestado de estrume para vocês?

— Que sovi...

— Cale a boca e escute! O cadáver de bosta de tartaruga dele está numa cabine telefônica na Balsa Dourada, do lado de Kowloon. Diga aos cornos dos seus superiores para ficarem de olho nos inimigos da China, e não fitando os próprios eus!

Desligou imediatamente e saiu da cabine. Virou as costas momentaneamente e cuspiu no corpo, depois fechou a porta, e foi, junto com o amigo, unir-se às filas de passageiros que se dirigiam para a balsa que partiria para Hong Kong.

Eles não notaram o homem que os seguia. Era um americano baixo e gorducho, vestido como todos os outros turistas, com a

inevitável máquina fotográfica à volta do pescoço. Agora, ele se apoiava à amurada de boreste, misturando-se perfeitamente com a multidão, apontando a câmara daqui para lá, enquanto a balsa seguia para a ilha de Hong Kong. Mas, ao contrário dos demais turistas, o filme dele era muito especial, assim como as lentes e a câmara.

— Alô, amigo — disse outro turista, sorriso amplo, aproximando-se dele. — Divertindo-se?

— Claro — retrucou o homem. — Hong Kong é uma beleza, hem?

— Sem dúvida. — Virou-se e admirou a vista. — Deixa Minneapolis no chinelo.

O primeiro homem também se virou, mas sem tirar os chineses da sua linha de visão, depois baixou a voz.

— Temos encrenca.

O outro turista perdeu a cor.

— Nós o perdemos? Ele não deu meia-volta, Tom, estou certo. Cobri as duas saídas. Pensei que você o tinha na mira, dentro da cabine.

— Pode apostar as calças que ele estava na mira. Olhe lá para trás, fileira do centro: o palhaço chinês de camisa branca e o que está ao lado dele. Os dois filhos da puta fecharam o paletó dele!

— Puta que o pariu! — Marty Povitz, um dos agentes da equipe da CIA encarregada da cobertura do Soviétski Ivánov, olhou com cuidado para os dois chineses. — Kuomintang? Nacionalistas? Ou comunas?

— Porra, e eu lá sei. Mas o presunto está numa cabine telefônica, lá atrás. Onde está Rosemont?

— Foi... — Povitz se deteve, depois ergueu a voz e tornou-se afável e turista de novo, enquanto os passageiros começaram a se amontoar perto da saída. — Olhe para lá! — falou, apontando para o topo do Pico. Os prédios de apartamentos eram altos e bem-iluminados, assim como as casas que pontilhavam as encostas, uma delas em especial, muito lá no alto, a mansão particular mais alta em Hong Kong. Estava iluminada por holofotes, e brilhava como uma jóia. — Puxa, quem mora lá mora quase no topo do mundo, hem?

Tom Connochie, o mais velho dos dois, soltou um suspiro.

— Só pode ser a casa do tai-pan. — Meditativo, acendeu um cigarro, e deixou o fósforo descer em espiral até as águas negras. Depois, tagarelado abertamente, como qualquer turista, tirou uma foto da casa e terminou com naturalidade o rolo do filme, tirando mais diversas fotos dos dois chineses. Recarregou a máquina fotográfica, e, sem ser observado, passou para o parceiro o outro rolo de filme. Mal movendo os lábios, falou:

— Mande chamar Rosemont lá, tão logo atraquemos... diga-lhe que temos problemas... depois vá mandar revelar isso ainda hoje. Ligo para você quando esses dois estiverem na cama.

— Está louco? — exclamou Povitz. — Não vai atrás deles sozinho.

— É preciso, Marty, o filme pode ser importante. Não vamos arriscar.

— Não.

— Porra, Marty, eu sou o tai-pan desta operação.

— As ordens dizem que dois...

— Fodam-se as ordens! — sibilou Connochie. — Basta ligar para Rosemont, e não deixe pintar sujeira com o filme.

— A seguir, ergueu a voz e comentou, animado: — Bela noite para um passeio de barco, não?

— É, sim.

Ele fez um sinal de cabeça para a luz que rebrilhava no alto do Pico, depois focalizou-a através do seu visor superpotente com lentes telescópicas.

— Quem mora lá em cima está mesmo numa boa, hem?

Dunross e Bartlett se fitavam na Galeria Longa no topo da escadaria. Sozinhos.

— Já fechou o negócio com Gornt? — indagou Dunross.

— Não — replicou Bartlett. — Ainda não.

Era vivaz e durão como Dunross, e seu traje a rigor lhe caía com igual elegância.

— Nem você nem Casey? — perguntou Dunross.

— Não.

— Mas estudou as possibilidades?

— Fazemos negócios para ganhar dinheiro, Ian... como você!

— É. Mas há uma questão de ética.

— Ética de Hong Kong?

— Posso perguntar-lhe há quanto tempo vem mantendo conversações com Gornt?

— Há uns seis meses. Vai concordar com a nossa proposta hoje?

Dunross tentou afastar o seu cansaço. Não tinha a menor vontade de falar com Bartlett ainda naquele dia, mas era necessário. Sentiu os olhos de todos os retratos pintados a observá-lo, da parede.

— Você falou terça-feira. Eu lhe direi na terça-feira.

— Bem, então até lá, se quiser negociar com Gornt, ou qualquer outro, estou no meu direito. Se você aceitar a nossa oferta agora, é negócio fechado. Disseram-me que é o melhor, a Casa Nobre, portanto prefiro negociar com você do que com ele... desde que consiga o maior valor pelo meu dólar, com todas as garantias necessárias. Eu tenho o ativo disponível, você não. Você tem a Ásia na palma da mão, eu não. Assim, deveríamos fazer negócio.

"É", disse Bartlett consigo mesmo, disfarçando seus pressentimentos, embora radiante de que sua entrevista com Gornt no dia seguinte houvesse produzido o confronto tão depressa, e encurralado o seu oponente... "No momento, Ian, você não passa disso, um oponente. Até fecharmos negócios, se fecharmos."

Chegara a hora da Blitzkrieg?

Estivera estudando Dunross a noite toda, fascinado por ele, pelas correntes ocultas, por tudo o que dizia respeito a Hong Kong, tão totalmente estranho a tudo o que jamais conhecera. Nova selva, novas regras, novos perigos. "Claro", pensou sombriamente, "com Dunross e com Gornt, tão perigosos quanto um pântano cheio de cascavéis, e sem um padrão para julgá-los, tenho que ser cauteloso como nunca."

Sentiu fortemente a tensão, cômico dos olhos que o fitavam das paredes. "Até onde ousou forçá-lo, Ian? Até onde devo arriscar? O lucro em potencial é imenso, o prêmio é imenso, mas um só erro e você nos engolirá, a mim e a Casey. Você é o tipo de homem que aprecio, mas mesmo assim um oponente, e governado por fantasmas. Ah, sim, acho que Peter Marlowe estava certo sobre isso, embora não sobre tudo.

"Deus! Fantasmas e a extensão do ódio deles! Dunross, Gornt, Penelope, o jovem Struan, Adryon... Adryon, tão corajosa após o susto inicial!"

Voltou a fitar os frios olhos azuis que o observavam. "O que eu faria agora, Ian, se fosse você, com essa sua ascendência tão maluca, parado aí, aparentemente tão confiante?"

"Não sei. Mas eu me conheço, e sei o que Sun Tse falou sobre os campos de batalha: só leve o seu oponente à luta na hora e local de sua própria escolha. Bem, já escolhi: é aqui e agora."

— Diga-me, Ian, antes de decidirmos, como vai pagar as suas três notas promissórias de setembro para as Indústrias de Navegação Toda?

Dunross ficou chocado.

— Como disse?

— Você ainda não tem um fretador, e seu banco não lhe pagará sem que o tenha, portanto depende de você, não é?

— O banco... não há problema.

— Mas ao que eu saiba você já passou vinte por cento dos limites da sua linha de crédito. Isso não significa que terá que arranjar uma nova linha de crédito?

— Terei uma, se precisar — disse Dunross, com um toque de irritação na voz, e Bartlett percebeu que ele fechara a guarda.

— Doze milhões para a Toda é um bocado de dinheiro, quando a gente o soma às outras dívidas.

— Que outras dívidas?

— A prestação de seis milhões e oitocentos mil dólares americanos, que vence a 8 de setembro, do seu empréstimo do Orlin Internacional Banking, de trinta milhões a descoberto. Você tem quatro milhões e duzentos mil em perdas do grupo consolidado este ano, até agora, contra um lucro escriturai aumentado de sete milhões e meio no ano passado; e doze milhões de perda do Eastern Cloud e todas aquelas máquinas de contrabando.

O rosto de Dunross estava sem cor.

— Você parece estar especialmente bem informado.

— E estou. Sun Tse disse que é preciso estar bem informado sobre os seus aliados.

A pequena veia na testa de Dunross pulsava.

— Quer dizer inimigos.

— Os aliados às vezes se tornam inimigos, Ian.

— É. Sun Tse também se referiu muito a espiões. Seu espião pode ser apenas um dentre sete homens.

Bartlett replicou, com igual aspereza.

— Por que deveria ter um espião? Esta informação pode ser obtida dos bancos... só é preciso cavoucar um pouco. O banco da Toda é o Yokohama National do Japão, que está metido em muitas transações junto com o Orlin... assim como nós, nos Estados Unidos.

— Seja lá quem for o seu espião, está errado. O Orlin aumentará o prazo. Sempre o fez.

— Não aposte nisso, dessa vez. Conheço aqueles sacanas, e, se farejarem um sucesso financeiro grande e rápido, terão a sua cabeça numa bandeja antes que você saiba o que aconteceu.

— Fazer uma coisa dessas com a Struan? — riu Dunross, sardonicamente. — Não há jeito de o Orlin, ou qualquer outro banco amaldiçoado, poder (ou querer) nos destruir.

— Talvez Gornt esteja em conluio com eles.

— Santo Deus... — Dunross controlou-se com esforço. — Está ou não está?

— Pergunte a ele.

— Perguntarei. Nesse meio tempo, se sabe de alguma coisa, conte-me agora!

— Você tem inimigos por toda parte.

— Você também.

— É. Isso nos torna sócios bons ou maus?

Bartlett fitava Dunross. Depois, seu olhar deparou com um retrato no final da galeria. Ian Dunross fitava-o do alto da parede, parte de um veleiro de três mastros pintado ao fundo. Que maravilhosa semelhança!

— Aquele é... pombas, tem que ser Dirk, Dirk Struan! Dunross virou-se para olhar para o quadro.

— É.

Bartlett foi até o quadro e examinou-o. Agora que olhava mais de perto, podia ver que o comandante não era Dunross, mas, mesmo assim, havia uma semelhança curiosa.

— Jacques estava certo — falou.

— Não.

— Ele está certo. — Virou-se e estudou Dunross como se o homem fosse um quadro, comparando um com o outro. Finalmente, falou: — São os olhos e a linha do maxilar. E o ar de desafio nos olhos, que diz: "Pode apostar que sou capaz de encher você de porrada na hora em que me der na telha".

Ian sorriu para ele.

— Está dizendo isso agora?

— Está.

— Não há problemas com linhas de crédito, novas ou antigas.

— Acho que há.

— O Victoria é o nosso banco... somos grandes acionistas.

— Grandes, como?

— Temos fontes alternativas de crédito, se houver necessidade. Mas teremos tudo o que quisermos do Vic. Eles também têm ativo disponível.

— Não é o que acha o seu Richard Kwang. Dunross afastou os olhos da tela, vivamente.

— Por quê?

— Ele não disse, Ian. Não disse nada, mas Casey conhece banqueiros e leu nas entrelinhas, e é isso o que ela acha que ele acha. Penso que ela também não foi muito na conversa do Havergill.

Depois de uma pausa, Dunross perguntou:

— O que mais ela acha?

— Que talvez devamos nos unir ao Gornt.

— À vontade.

— Pode ser. E quanto a Taipé? — perguntou Bartlett, tentando manter Dunross desconcertado.

— O que é que tem?

— O convite ainda está de pé?

— Está, é claro. Isso me lembra que você está entregue à minha custódia por gentil permissão do comissário assistente da polícia. Armstrong será informado disso amanhã. Você terá que assinar um pedaço de papel em que garante que voltará quando eu voltar.

— Obrigado por ter arranjado tudo. Casey não será mesmo convidada?

— Pensei que tínhamos deixado isso acertado hoje de manhã.

— Estava só perguntando. E quanto ao meu avião? Dunross franziu a testa, desconcertado.

— Suponho que ainda esteja retido. Queria usá-lo para a viagem a Taipé?

— Seria conveniente, não acha? Assim poderíamos partir ao nosso bel-prazer.

— Vou ver o que posso fazer. — Dunross observava-o. — E sua oferta vale até terça-feira?

— Vale, como Casey falou. Até o fim do expediente comercial de terça-feira.

— Até a meia-noite de terça-feira — retrucou Dunross.

— Você sempre barganha, independentemente de que diabo a outra pessoa diga?

— E você, não?

— Está certo, meia-noite de terça-feira. A um minuto da quarta, todas as dívidas e amizades ficam canceladas. — Bartlett precisava manter a pressão sobre Dunross, precisava da contraproposta agora, e não terça-feira, para poder usá-la com, ou contra, Gornt. — O sujeito do Blacs, o presidente da junta, como se chama?

— Compton Southerby.

— É, Southerby. Estava conversando com ele, depois do jantar. Disse que apoiavam Gornt integralmente. Insinuou também que Gornt tem um bocado de eurodólares à sua disposição, quando precisar. — Novamente, Bartlett viu uma informação atingir em cheio o alvo. — Portanto, ainda não sei como você vai pagar às Indústrias de Navegação Toda — concluiu.

Dunross não respondeu de pronto. Ainda estava tentando descobrir uma saída do labirinto. Todas as vezes, voltava ao começo: o espião tinha que ser Gavallan, De Ville, Linbar Struan, Phillip Chen, Alastair Struan, David MacStruan, ou seu pai, Colin Dunross. Algumas das informações de Bartlett seriam do conhecimento dos bancos... mas não as perdas da companhia naquele ano. A quantia

fora precisa demais. Aquilo é o que o chocara. E o "...lucros escriturais aumentados".

Olhava para o americano, imaginando que outras informações confidenciais teria, sentindo a armadilha fechar-se sobre ele, sem espaço para manobrar, e no entanto sabendo que não poderia conceder demais, ou perderia tudo.

O que fazer?

Lançou um olhar a Dirk Struan, no alto da parede, e viu o meio sorriso retorcido e o olhar que lhe dizia: "Arrisque, rapaz, cadê os seus colhões?"

Pois bem.

— Não se preocupe com a Struan. Se decidir unir-se a nós, quero um contrato de dois anos... vinte milhões no ano que vem, também — falou, arriscando tudo. — Quero sete na assinatura do contrato.

Bartlett não demonstrou no rosto a alegria que sentia.

— Concordo com o contrato de dois anos. Quanto ao fluxo de caixa, Casey ofereceu dois milhões no ato e depois um e meio por mês no dia 1." de cada mês. Gavallan disse que era aceitável.

— Não é. Quero sete à vista, o resto dividido mensalmente.

— Se eu concordar com isso, quero o título dos seus novos navios da Toda como garantia, este ano.

— Mas para que diabo quer garantias? — falou Dunross, bruscamente. — O objetivo do negócio todo é sermos sócios, sócios numa imensa expansão pela Ásia.

— É. Mas os nossos sete milhões à vista cobrem os seus pagamentos de setembro para a Toda, livram-no do arrocho do Orlin. E não recebemos nada em troca?

— Por que lhe devo dar qualquer concessão? Posso descontar o seu contrato imediatamente, e receber um adiantamento de dezoito dos vinte milhões que você fornece, sem problema algum.

"É, pode sim", pensou Bartlett, "assim que o contrato esteja assinado. Mas, antes disso, não tem nada."

— Concordo em alterar o pagamento inicial, Ian. Mas em troca do quê?

Casualmente, olhou para o retrato à sua frente, mas sem vê-lo, pois todos os seus sentidos se concentravam em Dunross, sabendo que estavam chegando ao ponto que interessava. O título dos imensos cargueiros da Toda cobririam todos os riscos da Par-Con, fosse lá o que Dunross fizesse.

— Não se esqueça — acrescentou —, os seus vinte e um por cento das ações do Victoria já estão empenhados, entregues como garantia da sua dívida para com eles. Se você falhar no pagamento à

Toda ou ao Orlin, seu velho amigo Havergill puxará o tapete de sob os seus pés. Eu puxaria.

Dunross sabia que estava derrotado. Se Bartlett sabia a quantidade exata de seus valores bancários secretos, dos valores secretos de Chen, junto com seus valores mobiliários conhecidos, era impossível prever que outro poder o americano teria sobre ele.

— Está bem — falou. — Dou-lhe o título dos meus navios por três meses, desde que, primeiro: você prometa que isso ficará apenas entre nós dois; segundo, que nossos contratos sejam assinados dentro de sete dias, a partir de hoje; terceiro, que concorde com o fluxo de caixa que sugeri; e último: que garantirá não deixar escapar uma só palavra do que foi dito entre nós até que eu anuncie a decisão.

— E quando fará isso?

— Entre a sexta e a segunda-feira.

— Eu gostaria de saber antecipadamente — falou Bartlett.

— Claro, vinte e quatro horas.

— Quero o título dos navios por seis meses, os contratos dentro de dez dias.

— Não.

— Então, nada feito — falou Bartlett.

— Pois bem — retrucou Dunross, imediatamente. — Então, voltemos à festa.

Virou-se prontamente e dirigiu-se com serenidade para as escadas.

Bartlett ficou espantado com o término abrupto das negociações.

— Espere — falou, o coração batendo fora do compasso. Dunross parou na balaustrada e fitou-o, uma das mãos pousada com naturalidade no corrimão.

Sombriamente, Bartlett tentou sondar Dunross, com o estômago dando voltas. Leu a decisão definitiva nos olhos do outro.

— Está certo, o título até 1.º de janeiro, são quatro meses e tanto, segredo entre mim, você e Casey, contratos terça-feira que vem (isso me dá tempo de trazer meus especialistas em impostos para cá), o fluxo de caixa como você quer, sujeito a... quando vai ser a nossa reunião de amanhã?

— Estava marcada para as dez. Pode ser às onze horas?

— Claro. Então, negócio fechado, sujeito a confirmação amanhã às onze horas.

— Não. Você não precisa de mais tempo. Eu posso precisar, mas você, não. — Outra vez, o sorriso seco. — Sim ou não?

Bartlett hesitou, todos os seus instintos dizendo "Feche agora, estenda a mão e feche, você tem tudo o que queria. É... mas e quanto a Casey?"

— Este negócio é de Casey. Ela pode negociar até vinte milhões. Incomoda-se de fechar apertando a mão dela?

— Um tai-pan só fecha com outro tai-pan, é um velho costume chinês. Ela é tai-pan da Par-Con?

— Não — disse Bartlett, serenamente. — Eu sou.

— Ótimo. — Dunross voltou e estendeu a mão, incitando-o, jogando com ele, lendo-lhe o pensamento. — Negócio fechado?

Bartlett olhou para a mão, depois para os frios olhos azuis, o coração batendo com força.

— Negócio fechado... mas quero que ela o feche com você.

Dunross deixou cair a mão.

— Repito, quem é o tai-pan da Par-Con? Bartlett devolveu-lhe o olhar, serenamente.

— Promessa é promessa, Ian. É importante para ela, e prometi-lhe que, até vinte milhões, a bola era dela.

Viu que Dunross começava a se afastar. Por isso, falou, com firmeza:

— Ian, se eu tiver que escolher entre o negócio e Casey, minha promessa a Casey, não há competição. Nenhuma. Consideraria um fa...

Interrompeu-se. Os dois moveram violentamente a cabeça ao ouvirem um barulho leve e involuntário de um espreitador oculto nas sombras do final da galeria, onde havia um grupo de sofás e poltronas de espaldar alto. Instantaneamente, Dunross girou nos calcanhares e, com a agilidade de um gato, lançou-se ao ataque, silenciosamente. As reações de Bartlett foram quase tão rápidas. Também partiu para ajudar.

Dunross parou junto ao sofá de veludo verde. Soltou um suspiro. Não era nenhum espreitador, era sua filha de treze anos, Glenna, ferrada no sono, toda enroscada, só braços e pernas, como uma potrinha, angelical no vestido de festa amassado, o fino colar de pérolas da mãe no pescoço.

O coração de Bartlett começou a bater mais devagar, ele murmurou:

— Deus, por um momento... Ei, mas ela é uma gracinha!

— Você tem filhos?

— Um menino e duas meninas. Brett tem dezesseis anos, Jenny, catorze, e Mary, treze. Infelizmente, não os vejo com muita frequência. — Bartlett, recobrando o fôlego, continuou em voz baixa: — Moram agora na costa leste. Parece que não sou muito popular. A mãe deles... bem, nós nos divorciamos faz sete anos. Ela se casou de novo, mas... — Bartlett deu de ombros, depois olhou para a garota. — É uma bonequinha. Você tem sorte!

Dunross inclinou-se e levantou com cuidado a filha. Ela mal se moveu, apenas aninhou-se mais junto dele, satisfeita. Ele olhou pensativo para o americano. A seguir disse:

— Traga Casey para cá em dez minutos. Farei o que me pede, embora desaprove completamente, porque você deseja cumprir sua promessa.

Afastou-se, com passos firmes, e desapareceu na ala leste, onde ficava o quarto de Glenna.

Após uma pausa, Bartlett olhou para o retrato de Dirk Struan. O sorriso debochava dele.

— Vá se foder — resmungou, sentindo que Dunross lhe havia passado a perna, de alguma maneira. Depois, abriu um sorriso. — Que diabo, porra! O seu rapaz está se saindo bem, Dirk, meu velho!

Caminhou para as escadas. Foi então que notou um quadro sem iluminação, numa alcova semi-escondida. Parou. A tela representava um velho comandante de navio, de barba grisalha, com um olho só, nariz de gancho, ar arrogante, cicatrizes no rosto, uma espada de abordagem na mesa ao seu lado.

Bartlett soltou uma exclamação abafada ao ver que a tela fora cortada, numa direção e na outra, e que havia uma faca curta enfiada no coração do homem, prendendo o quadro à parede.

Casey fitava a faca. Tentou disfarçar o seu choque. Estava sozinha na galeria, esperando, irrequieta. O som de música para dançar chegava aos seus ouvidos, vindo lá de baixo... música

rhythm-and-blues. Um vento breve repuxou as cortinas e moveu uma mecha de seus cabelos. Um mosquito zumbia.

— Este é Tyler Brock.

Casey deu meia-volta, assustada. Dunross a observava.

— Ah, não o escutei voltar — disse ela.

— Desculpe. Não quis assustá-la.

— Tudo bem.

Ela voltou a olhar para a tela.

— Peter Marlowe estava nos falando dele.

— Ele sabe muita coisa sobre Hong Kong, mas não tudo, e nem todas as informações que tem são precisas. Algumas são até bem erradas.

Após um momento, ela comentou:

— É... é um pouco melodramático, não é, deixar a faca aí, desse jeito?

— Foi a Bruxa Struan quem a pôs aí. Deu ordens para que não fosse retirada.

— Por quê?

— Dava-lhe prazer. Ela era tai-pan.

— Falando sério, por quê?

— Eu falava a sério. — Dunross deu de ombros. — Ela odiava o pai e queria que todos nos lembrássemos da nossa herança familiar.

Casey franziu o cenho, depois indicou uma tela na parede oposta.

— É ela?

— É. Foi pintada logo depois de seu casamento.

A moça do quadro era esbelta, teria uns dezessete anos, olhos azuis bem claros, cabelos louros. Usava um vestido de baile decotado — cintura fina, colo cheio —, um colar verde trabalhado enfeitando-lhe o pescoço.

Ficaram ali parados, fitando o quadro por um momento. Não havia nome na pequena placa de bronze ao pé da moldura dourada trabalhada, apenas os anos: 1825-1917. Casey falou:

— É um rosto comum, bonitinho mas comum, exceto pelos lábios. São finos, apertados, desaprovadores... e duros. O artista captou bem a força deles. É um Quance?

— Não. Nem sabemos quem o pintou. Dizem que era o seu retrato favorito. Há um Quance dela na cobertura da Struan, pintado mais ou menos na mesma época. É bem diferente, no entanto muito parecido.

— Pintaram algum retrato dela, quando mais velha?

— Três. Destruiu todos eles, no momento em que ficaram prontos.

— Existe alguma fotografia dela?

— Não que eu saiba. Odiava máquinas fotográficas... não admitia nenhuma dentro de casa. — Dunross riu, e ela notou como ele estava cansado. — Certa vez um repórter do China Guardian tirou uma foto dela, pouco antes da Grande Guerra. Dentro de uma hora ela havia mandado uma tripulação armada de um dos nossos navios mercantes para os escritórios do jornal, com ordens de tocar fogo no local se não lhe entregassem o negativo e todas as cópias, e se o editor não promettesse "desistir de atormentá-la". Ele prometeu.

— Mas não é possível agir assim impunemente!

— Realmente, não é... a não ser que se seja tai-pan da Casa Nobre. Além disso, todo mundo sabia que a Bruxa Struan não queria que tirassem seu retrato, e aquele filhinho da mãe atrevido infringira a regra. Ela era como os chineses. Acreditava que, cada vez que alguém tira o seu retrato, você perde parte da sua alma.

Casey fitou o colar. Perguntou:

— É de jade?

— De esmeraldas.

Ela soltou uma exclamação abafada.

— Devia valer uma fortuna.

— Dirk Struan legou-lhe o colar... jamais poderia sair da Ásia... teria que pertencer à mulher de cada tai-pan da Casa Nobre, uma herança que passaria de senhora a senhora. — Deu um estranho sorriso. — A Bruxa Struan guardou o colar a vida inteira, e, quando morreu, deu ordem para que fosse queimado com ela.

— Meu Deus! E foi?

— Foi.

— Que desperdício!

Dunross voltou a olhar para o quadro.

— Não — falou, a voz diferente. — Ela manteve a Struan como Casa Nobre da Ásia durante quase setenta e cinco anos. Era a tai-pan, a verdadeira tai-pan, embora outros tivessem o título. A Bruxa Struan derrotou inimigos e catástrofes, manteve-se fiel ao legado de Dirk e arrasou os Brocks, fez o que era necessário. Portanto, o que significa um enfeite bonito que provavelmente nada custou, para começo de conversa? Foi provavelmente surrupiado do tesouro de algum mandarim, que o roubou de outra pessoa, cujos camponeses pagaram por ele com o seu suor.

Casey ficou observando enquanto ele fitava o rosto, quase alçado a outra dimensão.

— Só espero me sair igualmente bem — murmurou, distraidamente, e parecia a Casey que ele estava falando com ela, com a moça do quadro.

Os olhos dela foram para além de Dunross, para o quadro de Dirk Struan, e ela notou outra vez a maravilhosa semelhança. Havia uma forte parecença de família em todos os dez grandes retratos pintados (nove homens e a moça) pendurados nas paredes, em meio a paisagens de todos os tamanhos de Hong Kong, Xangai e Tien-tsin e muitas marinhas dos elegantes veleiros da Struan, e alguns dos seus navios mercantes. Ao pé do retrato de cada tai-pan havia uma pequena placa de bronze com o seu nome e os anos da sua vida: "Dirk Dunross, 4.º tai-pan, 1852-1894, perdido no oceano Índico com todos os seus marujos, no Sunset Cloud"... "Sir Lochlin Struan, 3.º tai-pan, 1841-1915"... "Alastair Struan, 9.º tai-pan, 1900-..." "Dirk Struan, 1798-1841"... "Ross Lechie Struan, 7.º tai-pan, 1887-1915, capitão do Regimento Real Escocês, morto em ação em Ypres"...

— Quanta história — falou ela, achando que era hora de desviá-lo de seus pensamentos.

— É. É mesmo — replicou, olhando agora para ela.

— Você é o décimo tai-pan?

— Sou.

— Já mandou pintar o seu retrato?

— Não.

— Vai ter que mandar, não é?

— É, vou, quando chegar a hora. Não há pressa.

— Como a pessoa se torna tai-pan, Ian?

— É preciso ser escolhido pelo anterior. É decisão dele.

— Já escolheu quem o sucederá?

— Não — retrucou ele, mas Casey achava que sim. "E por que deveria contar-me?", perguntou-se. "E por que você está lhe fazendo tantas perguntas?"

Desviou o olhar dele. Um quadro pequeno chamou sua atenção.

— Quem é esse? — perguntou, inquieta. O homem era deformado, um anão corcunda, os olhos curiosos e o sorriso sardônico. — Também foi tai-pan?

— Não. Esse é Stride Orlov, era o comandante-em-chefe de Dirk. Depois que o tai-pan foi morto no grande tufão, e Culum assumiu seu lugar, Stride Orlov tornou-se o mestre da nossa frota de veleiros. Conta a lenta que era um marujo e tanto.

Depois de uma pausa, ela disse:

— Desculpe, mas há alguma coisa nele que me dá arrepios.
— Havia pistolas na cinta de Orlov e um veleiro ao fundo. — É um rosto assustador.

— Ele produzia esse efeito em todos... exceto no tai-pan e na Bruxa Struan. Dizem que até mesmo Culum o odiava.

Dunross virou-se e estudou-a. Ela sentiu o seu olhar perscrutador, que fez com que se sentisse excitada e perturbada, a um só tempo.

— Por que ela gostava dele? — indagou.

— Diz a história que logo após o grande tufão, quando todo mundo em Hong Kong ainda estava juntando os pedaços, inclusive Culum, o Demônio Tyler começou a tomar conta da Casa Nobre. Deu ordens, assumiu o controle, tratou Culum e Tess como se fossem crianças... mandou Tess para o seu navio, o White Witch, e ordenou a Culum que estivesse a bordo antes do pôr-do-sol, senão ia se ver com ele. No que dizia respeito a Tyler, a Casa Nobre agora era a

Brock-Struan, e ele era o tai-pan! De um jeito ou de outro, ninguém sabe por quê ou como, Culum teve coragem... meu Deus, Culum tinha apenas vinte anos, na época, e Tess mal completara dezesseis... mas Culum ordenou a Orlov que subisse a bordo do White Witch e trouxesse sua mulher para terra. Orlov foi sozinho, imediatamente... Tyler ainda estava em terra, na ocasião. Orlov trouxe-a de volta, deixando atrás de si um homem morto e mais meia dúzia com cabeças ou membros quebrados. — Dunross olhava-a, e ela reconheceu o mesmo sorriso semizombeteiro, semiviolento, semidiabólico que havia no rosto d'o taipan, o do retrato. — Desde então, para todo o sempre, Tess (a futura Bruxa Struan) o adorou, é o que dizem. Orlov serviu bem à nossa frota, até que desapareceu. Era um bom homem, e um grande marujo, a despeito de toda a sua feiúra.

— Desapareceu? Perdeu-se no mar?

— Não. A Bruxa Struan contou que ele desembarcou certo dia em Cingapura, e jamais voltou. Estava sempre ameaçando partir e voltar para sua terra, a Noruega. Assim, pode ser que tenha ido para casa. Talvez tenha sido esfaqueado. Quem sabe? A Ásia é um lugar violento, embora a Bruxa Struan tenha jurado que homem algum poderia matar Stride Orlov, e que deve ter sido uma mulher. Talvez Tyler o tenha pegado de emboscada. Quem sabe?

Inexoravelmente, os olhos dela se voltaram para Tyler Brock. Ela estava fascinada com o rosto e as implicações da faca.

— Por que ela fez isso com a imagem do pai?

— Algum dia eu lhe contarei, mas hoje só vou dizer que ela martelou a faca na parede com o bastão de críquete de meu avô, e amaldiçoou ante Deus e o Diabo a quem tirasse a faca dela da parede dela. — Sorriu para Casey, e novamente ela notou o seu extremo cansaço, e ficou satisfeita, porque ela mesma estava ficando exausta, e não queria cometer nenhum erro, agora. Ele estendeu a mão. — Temos que fechar um negócio.

— Não — falou Casey, calmamente, feliz por poder começar.
— Desculpe, estou fora dessa.

O sorriso dele se evaporou.

— Como?

— É, Linc me falou das alterações que você quer. É um negócio de dois anos... isso faz subir o nosso pagamento, portanto não posso aprová-lo.

— É?

— Pois é. — Ela continuou no mesmo tom de voz monótono mas agradável. — Desculpe, meu limite é vinte milhões, portanto vai ter que fechar com o Linc. Ele está esperando no bar.

A compreensão estampou-se no rosto dele por um instante (junto com alívio, achou ela), mas logo ficou sereno de novo.

— Está, é? — falou, suavemente, observando-a.

— Está.

Casey sentiu uma onda de calor percorrê-la, suas faces começaram a arder e ela ficou imaginando se estaria vermelha.

— Então, não podemos fechar, você e eu. Tem que ser Linc Bartlett?

Ela manteve o olhar firme, com esforço.

— Um tai-pan deve tratar com um tai-pan.

— É uma regra básica, mesmo na América? A voz dele era suave e meiga.

— É.

— Isso foi idéia sua ou dele?

— Isso importa?

— MUITÍSSIMO.

"Se eu disser que foi do Linc, ele fica desmoralizado, e se eu disser que foi minha, também fica, embora de forma diferente."

Dunross sacudiu de leve a cabeça e sorriu. O calor do seu sorriso aumentou a íntima excitação de Casey. Embora estivesse muito controlada, sentiu-se reagir à sua masculinidade intacta.

— Todos nós estamos presos a esse tipo de convenção, de uma forma ou de outra, não é? — comentou ele.

Ela não respondeu. Olhou para o outro lado para dar-se um tempo. Seus olhos detiveram-se no retrato da moça. Como era possível uma moça tão bonita ficar conhecida como a Bruxa, pensou. Devia ser horrível envelhecer no rosto e no corpo, quando

ainda se é jovem de coração, e forte e decidida... era tão injusto para a mulher. "Será que, algum dia, também ficarei sendo conhecida como a Bruxa Tcholak? Ou como 'aquele chinelo velho Tcholak', se ainda estiver sozinha, solteira, no mundo dos negócios, no mundo dos homens, ainda lutando pelas mesmas coisas por que eles lutam — identidade, poder e dinheiro —, e odiada por ser igual ou melhor do que eles no meu trabalho? Pouco me importa, contanto que ganhemos, Linc e eu. Portanto, desempenhe o papel que escolheu para esta noite", disse consigo mesma, "e agradeça à senhora francesa o conselho que lhe deu."

"Lembre-se, menina", o pai lhe repetira inúmeras vezes, "lembre-se de que os conselhos, os bons conselhos, surgem em locais inesperados, em horas inesperadas."

"É", pensou Casey, feliz "se não fosse pelo lembrete de Susanne de como uma mulher deve operar neste mundo masculino, Ian, talvez eu não lhe tivesse oferecido essa fórmula para ficar por cima. Mas não se engane, Ian Struan Dunross. Este negócio é meu, e nele eu sou tai-pan da Par-Con."

Casey sentiu uma sensação gostosa e diferente percorrer-lhe o corpo. Nunca anteriormente definira sua posição real na Par-Con para si mesma. "É", pensou, muito satisfeita, "é isso o que sou."

Olhou para a moça do retrato com ar crítico, e notou, agora, o quanto estivera errada antes, e como a jovem era especialíssima. Não era a tai-pan em embrião, já naquela época?

— Você é muito generosa — disse Dunross, interrompendo os pensamentos dela.

— Não — replicou imediatamente, preparada, e voltou a olhar para ele, pensando: "Se quer a verdade, tai-pan, não sou nada generosa. Estou simplesmente sendo modesta, doce e meiga porque isso o faz se sentir mais à vontade". Mas não foi isso o que disse. Apenas baixou o olhar e murmurou com a dose certa de suavidade: — Você é que é generoso.

Ele tomou sua mão, curvou-se sobre ela e beijou-a com galanteria à moda antiga.

Ela ficou espantada, e tentou disfarçar. Nunca ninguém fizera aquilo com ela antes. Emocionou-se, apesar de tudo.

— Ah, Ciranoush — disse ele, com falsa gravidade —, sempre que precisar de um campeão, mande me chamar. — Abriu um sorriso repentino. — Provavelmente meterei os pés pelas mãos, mas tudo bem.

Ela achou graça, toda a tensão evaporada, agora, simpatizando demais com ele.

— Negócio fechado.

Com naturalidade, ele a enlaçou pela cintura e conduziu-a suavemente para as escadas. O contato dele era agradável... agradável demais. "Esse aí não é nenhum garoto", pensou. "Tenha cuidado."

17

23h58m

O Rolls de Phillip Chen freou ruidosamente diante de sua casa. Ele saltou do banco traseiro, o rosto rubro de raiva, Dianne caminhando nervosa, atrás dele. A noite estava escura, as luzes da cidade, dos navios e dos prédios altos brilhavam forte bem lá embaixo.

— Tranque os portões, depois entre você também — falou com brusquidão para o chofer, igualmente nervoso. Depois dirigiu-se apressado para a porta da frente.

— Ande logo, Dianne — falou, irritado, enfiando a chave na fechadura.

— Phillip, mas que diabo está lhe acontecendo? Por que não pode me contar? Por que...

— Cale a boca! — berrou, perdendo a paciência, e ela parou de chofre, chocada. — Cale a boca e faça o que estou mandando! — Escancarou violentamente a porta da frente. — Chame aqui as criadas!

— Mas, Phil...

— Ah Sun! Ah Tak!

As duas amahs sonolentas e despenteadas vieram às pressas da cozinha e fitaram-no boquiabertas, chocadas com aquela raiva fora do comum.

— Sim, Pai? Sim, Mãe? — perguntaram em coro, em cantonense. — Mas o que aconteceu, em nome dos deus...

— Bico fechado! — rugiu Phillip Chen, o pescoço vermelho e agora o rosto mais vermelho. — Entrem nessa sala e fiquem aí até que eu mande todos saírem! — Escancarou a porta. Era a sala de jantar deles, e as janelas davam para a estrada norte. — Fiquem todos aqui até eu mandar que saiam, e se algum de vocês se mexer ou olhar pela janela, antes que eu volte... mandarei alguns amigos meus amarrar pesos nos seus corpos e jogá-los na baía!

As duas amahs começaram a choramingar, mas todos obedeceram rapidamente, e ele bateu a porta com força.

— Parem já com isso, as duas! — gritou Dianne Chen para as amahs. Depois estendeu a mão e beliscou com força a bochecha de uma delas. A velha parou de choramingar, e falou, ofegante, revirando os olhos:

— O que deu em todo mundo? O que deu no Pai? Oh, oh, oh, a fúria dele se ouve em Java... oh, oh, oh...

— Cale-se, Ah Tak!

Dianne se abanou, fumegando, desnorteada de raiva. "Em nome de todos os deuses, o que deu nele? Não confia em mim... sua única mulher verdadeira e o amor da sua vida? Em toda a minha vida... E sair correndo daquele jeito da festa do tai-pan quando tudo ia indo tão bem... todo mundo em Hong Kong falando de nós, todos admirando o meu querido Kevin, bajulando-o, certos de que agora é o novo herdeiro da Casa de Chen, pois todos concordaram em que John Chen certamente morreu de choque quando lhe cortaram fora a orelha. Qualquer um morreria! Eu, na certa, morreria."

Estremeceu, sentindo de novo a sua orelha sendo cortada e vendo-se raptada, como no sonho daquela tarde, quando acordara da sesta suando frio.

— Ayeeyah — murmurou, para ninguém em especial. — Ele enlouqueceu?

— É, Mãe — disse o chofer, Confiantemente —, acho que sim. É o resultado do seqüestro. Nunca vi o Pai assim, em todos os meu an...

— Quem lhe perguntou alguma coisa? — gritou Dianne. — E depois, é tudo culpa sua! Se tivesse trazido o meu pobre John para casa em vez de deixá-lo com suas meretrizes nojentas, isso nunca teria acontecido!

As duas amahs recomeçaram a choramingar, por causa da fúria dela, e Dianne descarregou nelas o seu mau humor, por um momento, acrescentando:

— E quanto a vocês duas, já que estamos nesse assunto, a qualidade do serviço nesta casa está de dar desarranjo em qualquer um. Alguém me perguntou se preciso de um calmante, ou de aspirinas? Ou de chá? Ou de uma compressa fria?

— Mãe — disse uma delas, apaziguadoramente, apontando esperançosa para o aparador laqueado —, não posso fazer chá, mas gostaria de um pouco de conhaque?

— Wat? Ah, ótimo. Sim, sim, Ah Tak. Prontamente a velha se dirigiu ao aparador, apanhou uma garrafa do conhaque que sabia que a patroa apreciava e serviu-o num copo.

— Pobre Mãe, ver o Pai tão furioso! Terrível! O que deu nele, e por que não quer que a gente olhe pela janela?

"Porque não quer que vocês, seus ladrões de bosta, o vejam desenterrar seu cofre secreto no jardim", pensava Dianne. "Não quer nem que eu veja." Sorriu sombriamente consigo mesma, bebericando o conhaque suave e gostoso, acalmada pelo conhecimento do lugar onde a caixa de ferro estava enterrada. Estava no seu direito ao protegê-lo, observando secretamente quando ele a enterrara, para o caso de, Deus nos livre, os deuses o levarem deste mundo antes que lhe pudesse revelar o esconderijo. Fora seu dever quebrar a promessa de não ir espiá-lo, naquela noite, durante a ocupação japonesa, quando ele sabiamente arrebanhara todos os seus objetos de valor e os escondera.

Ela não sabia o que havia realmente na caixa. Nem se importava. Ela fora aberta e fechada muitas vezes, sempre em segredo, ou assim ele pensava. A mulher não se importava, contanto que soubesse onde estava o marido, onde estavam todas as suas

diversas caixas de depósito bancário, e as suas chaves, por via das dúvidas.

"Afinal de contas", disse consigo mesma, confiante, "se ele morrer, a Casa de Chen desmoronará sem mim."

— Pare de choramingar, Ah Sun!

Levantou-se e cerrou as longas cortinas. Do lado de fora a noite estava escura, e ela não conseguia enxergar o jardim, apenas a entrada dos carros, os altos portões de ferro e a estrada que ficava além deles.

— Mais uma bebida, Mãe? — perguntou a velha amah.

— Obrigada, sua bajuladora — replicou, afetuosamente, o calor da bebida alcoólica afastando sua ira. — E depois pode massagear o meu pescoço. Estou com dor de cabeça. Vocês dois fiquem sentados, de boca fechada, não dêem um pio até o Pai voltar!

Phillip Chen descia apressado a trilha que cortava o jardim, uma lanterna elétrica numa das mãos, uma pá na outra. A trilha se enroscava pelo meio de jardins bem-cuidados, que iam terminar num bosque de árvores e arbustos. Parou um momento, para se orientar, depois achou o lugar que procurava. Hesitou e olhou para trás, embora soubesse que agora estava bem escondido de olhares vindos da casa. Tranqüilizado, pois não podiam observá-lo, acendeu a lanterna. O círculo de luz percorreu a vegetação rasteira e foi parar ao pé de uma árvore. O local aparentava não ter sido tocado. Cuidadosamente, afastou a cobertura natural de matéria vegetal. Quando viu que a terra por baixo fora remexida, xingou obscenamente:

— Ah, que porco... meu próprio filho! Controlando-se com dificuldade, começou a cavar. A terra estava macia.

Desde a hora em que saíra da festa, estivera tentando lembrar-se exatamente de quando desenterrara a caixa pela última vez. Agora, estava certo de que fora na primavera, quando precisara das escrituras de uma fila de cortiços em Wanchai, que vendera cinquenta vezes mais caro a Donald McBride, para um dos seus grandes novos empreendimentos imobiliários.

— Onde estava John, então? — resmungava. — Estava em casa?

Enquanto cavava, tentava recordar-se, mas não conseguia. Sabia que jamais teria desenterrado a caixa quando fosse perigoso, ou quando houvesse estranhos na casa, e que tinha sido sempre cuidadoso. Mas John? "Jamais me ocorreria... John deve ter dado um jeito de me seguir."

A pá bateu no metal. Cuidadosamente, afastou a terra, tirou o pano que protegia a caixa e a pesada fechadura, e abriu-a. As dobradiças da tampa estavam bem lubrificadas. Com os dedos trêmulos, iluminou a caixa aberta com a lanterna elétrica. Todos os seus papéis, escrituras e folhas de balanço particulares pareciam estar em ordem e não ter sido mexidos, mas ele sabia que todos deviam ter sido retirados da caixa e lidos... e copiados ou memorizados. Algumas das informações encontradas na caixa de depósito bancário do filho só poderiam provir dali.

Todas as caixas de jóias, grandes e pequenas, estavam lá. Nervosamente, buscou a que o preocupava, e abriu-a. A meia moeda tinha sumido, assim como o documento que explicava sobre a moeda.

Lágrimas de ódio desceram pelas suas faces. Sentiu o coração batendo forte, as narinas aspiraram o cheiro da terra úmida, e teve certeza de que, se o filho estivesse ali, ele o teria estrangulado com prazer com as próprias mãos.

— Ah, meu filho, meu filho... maldito seja, para todo o sempre!

Sentiu os joelhos fracos. Sentou-se, trêmulo, numa pedra, e tentou pôr as idéias em ordem. Podia ouvir a voz do pai no leito de morte, a alertá-lo:

— Nunca perca a moeda, meu filho... é a nossa chave para a sobrevivência derradeira e o poder sobre a Casa Nobre.

Aquilo ocorrera em 1937, e fora a primeira vez que conhecera os mais íntimos segredos da Casa de Chen: que aquele que se tornava o representante nativo da Casa Nobre tornava-se o mais alto líder em Hong Kong da Hung Mun — a grande sociedade tríade secreta da China, que, sob o comando de Sun Yat-sen, se tornara a 14K, formada originariamente como ponta de lança na revolta da China contra seus odiados senhores manchus; que o representante era o elo principal e legítimo entre a hierarquia chinesa na ilha e os herdeiros da 14K no continente; que, por causa de Chen-tse Jin Arn,

conhecido como Jin-qua, o lendário mercador chefe da co-hong que possuía o monopólio do imperador sobre todo o comércio exterior, a Casa de Chen estava perpetuamente interligada com a Casa Nobre por direito de posse e por sangue.

— Ouça atentamente, meu filho — murmurara o moribundo.
— O tai-pan, Bisavô Dirk Struan, foi criação de Jin-qua, assim como a Casa Nobre. Jin-qua criou-a, formou-a, e ao Dirk Struan. O tai-pan teve duas concubinas. A primeira foi Kai-sung, uma das filhas de Jin-qua com uma quinta mulher. O filho deles foi Gordon Chen, meu pai, seu avô. A segunda concubina do tai-pan foi T'Chung Jin May-may, sua amante durante seis anos, com quem se casou em segredo pouco antes do grande tufão que os matou, aos dois. Ela estava com vinte e três anos na época, uma neta brilhante e favorita de Jin-qua, vendida ao tai-pan quando tinha dezessete anos para ensinar-lhe modos civilizados, sem que ele soubesse que estava sendo ensinado. Deles nasceram Duncan e Kate, que tomaram o sobrenome T'Chung, e foram criados na casa de meu pai. Papai casou Kate com um comerciante de Xangai chamado Peter Gavallan. Andrew Gavallan também é nosso primo, embora não o saiba... Tantas histórias para contar, tão pouco tempo para contá-las, agora. Não faz mal, todas as árvores genealógicas da família estão no cofre. Existem tantas! Somos todos aparentados, os Wu, Kwang, Sung, Kau, Kwok, Ng... todas as antigas famílias. Use esse conhecimento com cuidado. Eis a chave do cofre.

"Outro segredo, Phillip, meu filho. Nossa linhagem descende da segunda mulher de meu pai, que se casou com ela quando tinha cinqüenta e três anos, e ela, dezesseis. Ela era a filha de John Yuan, o filho ilegítimo do grande mercador americano Jeff Cooper, com

uma moça eurásiana, Isobel Yau. Isobel Yau era a filha eurásiana supersecreta de Robb Struan, o meio irmão do tai-pan e co-fundador da Casa Nobre. Portanto, temos sangue dos Struans de ambos os lados. Alastair Struan é primo e Colin Dunross é primo... os MacStruans não são, a história deles está nos diários do Avô. Meu filho, os bárbaros ingleses e escoceses vinham para a China e nunca se casavam com aquelas a quem adoravam, e a quem, na maioria das vezes, abandonavam quando voltavam para a ilha cinzenta de névoa, chuva e céu coberto. Meu Deus, como odeio o clima inglês e abomino o passado!

"É, Phillip, somos eurásianos, não pertencemos nem a um lado nem a outro. Nunca consegui me acostumar com isso. É a nossa maldição e a nossa cruz, mas cabe a todos nós torná-la uma bênção. Passo a nossa Casa para você, rica e forte como era o desejo de Jin-qua... faça o mesmo com seu filho, e certifique-se de que ele faça o mesmo com o dele. Jin-qua nos deu à luz, de uma certa maneira, deu-nos fortuna, conhecimentos secretos, continuidade e poder... e deu-nos uma das moedas. Tome, Phillip, leia sobre a moeda."

A caligrafia do pergaminho antigo era exótica.

"Neste oitavo dia do sexto mês do ano de 1841, segundo a contagem bárbara, eu, Chen-tse Jin Arn, de Cantão, mercador-chefe da co-hong, emprestei no dia de hoje ao Demônio de Olhos Verdes, tai-pan da Casa Nobre, pirata-chefe de todos os demônios

estrangeiros que guerrearam contra o Reino Celestial e roubaram a nossa ilha de Hong Kong, quarenta laques de prata... um milhão de esterlinas na moeda deles... e, com esta quantia, salvei-o de ser engolido por Um Olho Só, seu arquiinimigo e rival. Em troca, o tai-pan nos concede vantagens comerciais especiais pelos próximos vinte anos, promete que um membro da Casa de Chen será para sempre o representante nativo da Casa Nobre, e jura que ele ou seus descendentes honrarão todas as dívidas e a dívida das moedas. Elas são quatro. As moedas foram partidas ao meio. Dei ao tai-pan quatro metades. Sempre que uma das outras metades lhe for apresentada, ou a um dos tai-pans que o sucederem, ele jurou que qualquer favor que seja pedido será atendido... quer dentro da lei deles, da nossa, ou fora delas.

"Uma das moedas fica comigo; uma dou ao senhor de guerra Wu Fang Choi, meu primo; uma será dada ao meu neto, Gordon Chen; e quem fica com a última eu guardo em segredo. Lembre-se, quem ler isso no futuro: não use a moeda levemente, pois o tai-pan da Casa Nobre tem que conceder qualquer coisa... mas apenas uma vez. E lembre-se de que, embora o Demônio de Olhos Verdes em pessoa honre sua promessa, assim como seus descendentes, ainda é um bárbaro cão danado, astuto como um manchu nojento, graças ao nosso treinamento, e sempre tão perigoso quanto um ninho de víboras."

Phillip Chen estremeceu involuntariamente, lembrando-se da violência sempre pronta para explodir em Ian Dunross. "Sem dúvida é um descendente do Demônio de Olhos Verdes", pensou. "É, ele e o pai dele."

"Maldito John! O que deu nele? Que patifaria tramou com Linc Bartlett? Será que a moeda agora está nas mãos de Bartlett? Ou será que John ainda está com ela? Quem sabe agora não estará nas mãos dos seqüestradores?"

Enquanto o seu cérebro cansado examinava as possibilidades, os dedos verificavam as caixas de jóias, uma por uma. Não faltava nada. Deixou a maior para o fim. Sua garganta estava apertada ao abri-la, mas o colar ainda estava lá. Soltou um grande suspiro de alívio. A beleza das esmeraldas à luz da lanterna elétrica deu-lhe um enorme prazer e afastou um pouco da sua ansiedade. Que cretinice da Bruxa Struan ordenar que o colar fosse queimado com seu corpo! Que desperdício arrogante, terrível, sacrílego, seria! Como seu pai fora sensato ao interceptar o caixão, antes de ser queimado, e retirar as esmeraldas!

Com relutância, recolocou o colar na caixa e começou a fechar o cofre. "O que fazer quanto à moeda? Quase a usei quando o tai-pan nos tirou as ações do banco... e a maior parte do nosso poder. É. Mas decidi dar-lhe tempo para provar o seu valor. Já estamos no terceiro ano e nada ainda foi provado, e embora o negócio americano pareça excelente, ainda não foi assinado. E agora a moeda desapareceu."

Gemeu em voz alta, perturbadíssimo, as costas lhe doendo como a cabeça. Podia ver toda a cidade lá embaixo, navios amarrados em Glessing's Point, e outros ancorados na baía-Kowloon estava igualmente brilhante, e podia ver um avião a jato decolando de Kai Tak, outro virando-se para pousar, outro sobrevoando bem alto, as luzes piscando.

"O que fazer?", perguntava-se incansavelmente. "Será que Bartlett está de posse da moeda? Ou John? Ou os Lobisomens?"

"Nas mãos erradas poderia destruir-nos a todos."

Terça-feira

18

0h36m

— É claro que Dunross podia ter mexido nos meus freios, Jason! — disse Gornt.

— Ora, qual é, pelo amor de Deus! Meter-se debaixo do seu carro durante uma festa com duzentos convidados à solta? Ian não é assim tão burro.

Estavam na cobertura de Jason Plumm, acima de Happy Valley, o ar da meia-noite gostoso, embora a umidade houvesse aumentado de novo. Plumm levantou-se e jogou fora a guimba do charuto, pegou um novo e acendeu-o. O tai-pan das Propriedades Asiáticas, a terceira maior hong, era mais alto do que Gornt, estava com cinquenta e muitos anos, tinha rosto magro e elegante e usava um paletó caseiro de veludo vermelho.

— Até mesmo o maldito Ian Dunross não é um idiota tão chapado — repetiu.

— Errado. Apesar de toda a sua astúcia de escocês, é um animal impulsivo, e esta é a sua falha. Acho que foi ele.

Plumm formou um triângulo com os dedos, pensativo.

— O que foi que a polícia disse?

— Tudo o que lhes disse foi que meus freios haviam pifado. Não havia necessidade de envolver esses sacanas abelhudos, pelo menos não por enquanto. Mas os freios de um Rolls não pifam assim

sozinhos, sem mais nem menos, pelo amor de Deus. Bem, deixe para lá. Amanhã farei com que Tom Nikklin me dê uma resposta, uma resposta definitiva, se houver uma. Tempo bastante para se chamar a polícia, então.

— Concordo. — Plumm deu um sorriso seco. — Não precisamos da polícia para lavar a nossa roupa suja... não importa o quão estranha seja... não é?

— É.

Os dois homens riram.

— Você teve muita sorte. A Peak Road não é uma estrada boa para se descer sem freios. Deve ter sido muito desagradável.

— Foi, por um momento, Jason, mas depois não houve problema, após passado o choque inicial. — Gornt floreceu a verdade e bebeu o seu uísque com soda. Haviam saboreado um elegante jantar no terraço que dava para o Happy Valley, a pista de corridas, a cidade e o mar logo além, os dois sozinhos — a mulher de Plumm

estava de férias na Inglaterra, e seus filhos já estavam crescidos e não moravam mais em Hong Kong. Agora, fumavam charutos sentados em amplas poltronas no escritório cheio de livros de Plumm, a sala luxuosa mas discreta, de muito bom gosto, como o resto da cobertura de dez cômodos. — Se há alguém que poderá descobrir se mexeram no meu carro, é Tom Nikklin — disse, resolutamente.

— É. — Plumm bebia um copo de Perrier gelada. — Vai dar corda de novo no jovem Nikklin sobre Macau?

— Eu? Deve estar brincando!

— Não. Para falar a verdade, não estou — replicou Plumm, com sua risadinha zombeteira e bem-educada. — O motor de Dunross não explodiu durante a corrida, faz três anos, e ele quase bateu as botas?

— Sempre acontecem coisas com os carros de corrida.

— É, é verdade, embora nem sempre a oposição dê uma mãozinha.

Plumm sorriu.

Gornt conservou o seu sorriso, mas intimamente não sorria.

— O que isso significa?

— Nada, meu rapaz. Só boatos. — O homem mais velho se inclinou e serviu mais uísque para Gornt, depois usou o sifão de soda. — O boato é que um certo mecânico chinês, por uma pequena quantia, usou... digamos, usou uma chave de parafuso onde não devia.

— Duvido que seja verdade.

— Duvido que possa ser provado. De uma maneira ou de outra. É revoltante, mas certas pessoas fazem qualquer coisa por uma quantia bem pequena.

— É. Felizmente estamos no mercado das quantias grandes.

— Exatamente o que eu queria dizer, meu rapaz. Bem.

— Plumm deu uma batidinha e soltou a cinza do charuto. — Qual é o plano?

— E muito simples: desde que Bartlett não assine contrato com a Struan nos próximos dez dias, poderemos deparar a Casa Nobre como um pato morto.

— Muita gente já pensou assim antes, e a Struan ainda é a Casa Nobre.

— É. Mas, no momento, estão vulneráveis.

— Como?

— As promissórias das Indústrias de Navegação Toda, e a prestação do Orlin.

— Não é verdade. O crédito da Struan é excelente... claro, eles ultrapassaram o limite, mas não mais que outro qualquer. Apenas aumentarão a sua linha de crédito... Ian se dirigirá a Richard Kwang, ou ao Blacs.

— Digamos que o Blacs não ajude, e não ajudará, e digamos que Richard Kwang esteja neutralizado. Isso lhe deixa apenas o Victoria.

— Então Dunross pedirá mais crédito ao banco, e teremos que dá-lo. Paul Havergill levará o pedido à votação da diretoria. Todos sabemos que não podemos derrotar o bloco da Struan, portanto concordaremos, para não perder prestígio, fingindo que estamos muito contentes em conceder o crédito, como sempre.

— É. Mas, desta feita, folgo em dizer que Richard Kwang votará contra a Struan. Haverá empate, o pedido de crédito será adiado... ele não conseguirá fazer seus pagamentos, e Dunross afundará.

— Pelo amor de Deus, Richard Kwang nem faz parte da diretoria! Você ficou maluco?

Gornt fumava o seu charuto.

— Não. Você esqueceu o meu plano de jogo. Aquele chamado Competição. Começou faz dois dias.

— Contra Richard?

— É.

— Pobre do velho Richard!

— É. Ele será o nosso voto decisivo. E Dunross jamais esperará um ataque vindo desse lado.

Plumm fitou-o.

— Richard e Dunross são grandes amigos.

— Mas Richard está encrencado. A derrocada do Ho-Pak já começou. Ele fará qualquer coisa para se salvar.

— Entendo. Quantas ações do Ho-Pak você vendeu a descoberto?

— Muitas.

— Tem certeza de que Richard não tem recursos para deter a corrida... que não pode arranjar fundos extras?

— Se conseguir, sempre podemos fazer abortar, você e eu.

— É, podemos, sim. — Jason Plumm ficou olhando a fumaça em espiral do seu charuto. — Mas mesmo que Dunross não consiga fazer os pagamentos dentro do prazo, isso não quer dizer que estará acabado.

— Concordo. Mas depois do "desastre" do Ho-Pak, a notícia de que a Struan não cumpriu seus compromissos fará suas ações caírem verticalmente. O mercado estará muito nervoso, haverá todos os sinais de uma queda da Bolsa no horizonte, e nós aticaremos o fogo vendendo a descoberto. Não há nenhuma reunião de diretoria marcada para dentro de duas semanas, a não ser que Paul Havergill convoque uma reunião especial. E não o fará. Por que o faria? Quer sua fatia de ações de volta, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Portanto, tudo será combinado com antecedência. Ele estabelecerá as regras para salvar Richard Kwang, e votar conforme os desejos de Paul será uma delas. Portanto, a diretoria deixa Ian em banho-maria por alguns dias, depois se

oferece para aumentar o crédito e restaurar a confiança... em troca das ações do banco que a Struan possui... que já estão empenhadas como garantia do crédito, de qualquer forma.

— Dunross jamais concordará... nem ele, nem Phillip Chen, nem Tsu-yan.

— Ou isso, ou a Struan soçobra... desde que você fique firme e tenha o controle da votação. Uma vez que o banco retire dele o seu bloco de ações... se você controla a junta diretora, e portanto o Victoria Bank, então ele está acabado.

— É. Mas digamos que ele consiga uma nova linha de crédito.

— Então ficará apenas muito machucado, quem sabe permanentemente enfraquecido, Jason, mas nós teremos um lucro, de uma forma ou de outra. É tudo uma questão de agir na hora certa, sabe disso.

— E Bartlett?

— Bartlett e a Par-Con são meus. Ele jamais entrará no navio da Struan, que está indo a pique. Eu me encarrego disso.

Depois de uma pausa, Plumm disse:

— É possível, sim, é possível.

— Você topa, então?

— Depois de Struan, como vai engolir a Par-Con?

— Eu não vou. Mas nós talvez pudéssemos. — Gornt apagou o charuto. — A Par-Con é um trabalho a longo prazo, e um grupo de problemas totalmente diferentes. Primeiro a Struan. E então?

— Se eu ficar com a divisão de propriedades de Hong Kong da Struan... trinta e cinco por cento de suas terras na Tailândia e em Cingapura, e mais meio a meio da operação deles de Kai Tak?

— Sim, tudo exceto Kai Tak... preciso dela para rematar a Ail Ásia Airways. Estou certo de que compreende, meu velho. Mas você tem lugar garantido na nova diretoria, dez por cento das ações ao valor nominal, lugares na junta diretora da Struan, é claro, e de todas as suas subsidiárias.

— Quinze por cento. E a presidência da junta da Struan, em anos alternados. Um ano eu, outro você.

— De acordo, mas eu serei o primeiro. — Gornt acendeu um cigarro. "Por que não?", pensou, expansivamente. "A essa altura, no ano que vem, a Struan já estará desmembrada, portanto sua posição de presidência é uma mera questão acadêmica, Jason, meu velho." — Então, tudo acertado? Podemos fazer um memorando conjunto, se você quiser, uma cópia para cada um.

Plumm sacudiu a cabeça, e sorriu.

— Nada por escrito, Deus nos livre! Tome. — Estendeu a mão. — De acordo.

Os dois homens trocaram um firme aperto de mão.

— Abaixo a Casa Nobre!

Os dois riram, muito satisfeitos com a transação combinada. A aquisição das terras que a Struan possuía faria das Propriedades Asiáticas a maior companhia imobiliária de Hong Kong. Gornt adquiriria o monopólio quase total de todo o transporte de carga aérea, marítima e das fábricas de Hong Kong... e a primazia na Ásia.

"Ótimo", pensou Gornt. "Agora, vou tratar de Wu Quatro Dedos."

— Se puder me chamar um táxi, já vou indo.

— Leve meu carro, meu chofer o...

— Não, obrigado, prefiro ir de táxi. Mas, de qualquer modo, obrigado, Jason.

Então Plumm telefonou para a zeladora do prédio de vinte andares que as Propriedades Asiáticas possuíam e administravam. Enquanto esperavam, brindaram um ao outro, à destruição da Struan e aos lucros que iam obter. Um telefone tocou no quarto ao lado.

— Dê-me licença um momentinho, meu velho.

Plumm cruzou a porta e deixou-a meio aberta às suas costas. Aquele era seu dormitório particular, que às vezes usava quando trabalhava até tarde. Era um quarto pequeno e impecável, à prova de som, decorado como se fosse uma cabine de navio, com um beliche embutido, alto-falantes que transmitiam música, um pequeno fogareiro e geladeira. E, num dos lados, um imenso e complicado equipamento de ondas curtas de radioamador, que fora o hobby permanente de Jason desde criança.

Ele atendeu ao telefone.

— Sim?

— O Sr. Lop-sing, por favor — disse uma voz feminina.

— Aqui não há nenhum Sr. Lop-ting — retrucou, com naturalidade__Lamento, é engano.

— Quero deixar um recado.

— Discou o número errado. Olhe no catálogo.

— Um recado urgente para Arthur: o Centro avisou por rádio que a reunião foi adiada até depois de amanhã. Fique a postos para

instruções urgentes às seis horas.

Desligaram. Ouviu-se de novo o ruído de disar. Plumm franziu o cenho ao recolocar o aparelho no gancho.

Wu Quatro Dedos estava à amurada do seu junco com Poon Bom Tempo, vendo Gornt entrar na sampana que havia enviado para apanhá-lo.

— Não mudou muito nesse tempo todo, não é? — falou Wu, descuidadamente, os olhos apertados brilhando.

— Os demônios estrangeiros me parecem todos iguais, de qualquer modo. Quantos anos faz? Dez? — perguntou Poon, coçando as hemorróidas.

— Não, faz quase doze. Bons tempos aqueles, heya — disse Wu. — Grandes lucros. Muito bom subir rio acima na direção de Cantão, driblando os demônios estrangeiros e seus lacaios, o povo do presidente Mao nos dando as boas-vindas. É. O nosso povo no comando, e nem um só demônio estrangeiro à vista... tampouco

algun funcionário gordo estendendo a mão para a graxa fragrante. A gente podia visitar toda a família e os amigos, então, sem problemas, heya? Não como agora, heya?

— Os vermelhos estão ficando durões, muito espertos e muito durões... piores do que os mandarins.

Wu voltou-se quando seu sétimo filho apareceu no convés. Agora, o rapaz usava uma camisa branca limpa, calças cinzentas e bons sapatos.

— Tenha cuidado — falou, com brusquidão. — Está certo de que sabe o que tem que fazer?

— Sim, Pai.

— Ótimo — disse Quatro Dedos, disfarçando o orgulho. — Não quero nenhum erro.

Ficou olhando enquanto ele se dirigia, desajeitadamente, para a prancha desconjuntada de tábuas que unia o seu junco ao seguinte, e daí para outros juncos, até chegar a um cais improvisado a oito barcos de distância.

— O Sétimo Filho já está sabendo de alguma coisa? — perguntou Poon, suavemente.

— Não, não, ainda não — falou Wu, com azedume. — Aqueles idiotas de merda, serem apanhados com as minhas armas! Sem as armas, todo o nosso trabalho será em vão.

— Boa noite, Sr. Gornt. Sou Paul Choy... meu tio Wu mandou-me vir lhe mostrar o caminho — disse o jovem, num inglês perfeito, repetindo a mentira que agora era quase verdade para ele.

Gornt parou, espantado. Depois continuou a subir as escadas desconjuntadas, com mais equilíbrio do que o rapaz.

— Boa noite — respondeu. — É americano? Ou apenas estudou lá, Sr. Choy?

— As duas coisas. — Paul Choy sorriu. — Sabe como é. Cuidado com a cabeça nas cordas... e está escorregadio como o diabo.

Virou-se e começou a mostrar o caminho de volta. Seu nome verdadeiro era Wu Fang Choi, e era o sétimo filho de seu pai com a terceira mulher, mas, quando nasceu, seu pai, Wu Quatro Dedos, lhe arranjara uma certidão de nascimento de Hong Kong, um gesto incomum para os moradores dos barcos, pusera o nome de solteira da mãe na certidão, acrescentara "Paul" e arrumara um dos seus primos para fazer o papel do pai de verdade.

— Ouça, meu filho — dissera Wu Quatro Dedos, tão logo Paul pôde compreendê-lo —, quando estiver falando em haklo no meu navio, pode me chamar de pai... mas jamais na frente de um demônio estrangeiro, mesmo em haklo. Todas as outras vezes, sou seu tio, somente um dos muitos tios. Compreendeu?

— Compreendi. Mas por quê, Pai? Fiz alguma coisa errada? Desculpe se o ofendi.

— Não ofendeu. É um bom menino, e dá duro no trabalho. Só que é melhor para a família que tenha outro nome.

— Mas por quê, Pai?

— Quando chegar a hora, saberá. — Então, quando estava com doze anos, e treinado, e provara o seu valor, o pai o mandara para os Estados Unidos. — Agora vai aprender os costumes dos demônios estrangeiros. Deve começar a falar como se fosse um deles, dormir como se fosse um deles, tornar-se externamente um deles, mas nunca se esquecer de quem é, de quem é o seu povo, ou de que todos os demônios estrangeiros são inferiores, mal são seres humanos e não são civilizados porra nenhuma.

Paul Choy riu consigo mesmo. "Se os americanos soubessem — desde os tai-pans até a escória —, se os britânicos, iranianos, alemães, russos, gente de todas as raças e cores, se todos eles soubessem realmente o que até o mais ínfimo cule pensa deles, teriam um derrame", disse para si mesmo pela milionésima vez. "Não é que todos os povos da China desprezem os estrangeiros. É só que os estrangeiros estão abaixo de qualquer consideração. Claro que estamos errados", disse consigo mesmo. "Os estrangeiros são humanos, e alguns são civilizados (à moda deles), e muito à nossa frente, tecnicamente. Mas nós somos melhores..."

— Do que está sorrindo? — perguntou Gornt, abaixando a cabeça para não tocar nas cordas, desviando-se do lixo espalhado por todos os tombadilhos.

— Ah, estava só pensando como esta vida é maluca. No mês passado, nesta época, eu estava fazendo surfe em Malibu Colony, Califórnia. Pombas, Aberdeen é bem diferente, não é?

— Está se referindo ao cheiro?

— Claro.

— É mesmo.

— Não é muito melhor na maré alta. Parece que só eu sinto o fedor!

— Quando esteve aqui pela última vez?

— Faz uns dois anos... durante dez dias... depois que me formei em administração de empresas, mas não me acostumo com ele. — Choy riu. — Não tem nada a ver com a Nova Inglaterra!

— Onde estudou?

— Primeiro em Seattle. Depois, cursei a Universidade de Washington em Seattle. Depois, fiz mestrado em Harvard, na Escola de Administração de Harvard.

Gornt parou.

— Harvard?

— É isso aí, consegui uma bolsa, como assistente.

— Que beleza! Quando se formou?

— Em junho do ano passado. Foi como sair da prisão! Puxa, eles realmente fazem você cortar um dobrado, se não tira notas altas. Dois anos de inferno! Quando saí de lá, me mandei para a Califórnia com um amigo, fazendo biscates aqui e ali, ganhando o bastante para sustentar o nosso surfe, divertindo-nos um bocado para compensar o sufoco da escola. Então... — Choy abriu um sorriso — então há dois meses o Tio Wu me procurou e disse: "Chegou a hora de trabalhar", e cá estou eu! Afinal, foi ele quem pagou os meus estudos. Meus pais morreram há anos.

— Você foi o primeiro da turma em Harvard?

— Fui o terceiro.

— Que beleza!

— Obrigado. Não falta muito, agora. O nosso é o último junco.

Conseguiram atravessar uma prancha precária, enquanto Gornt era observado com desconfiança pelos habitantes dos barcos, em silêncio, quando passavam de casa flutuante para casa flutuante, as famílias cochilando, cozinhando, comendo, ou jogando mah-jong, alguns ainda consertando redes de pescar, algumas crianças fazendo pescaria noturna.

— Este pedaço é escorregadio, Sr. Gornt. — Saltou para o convés pegajoso. — Chegamos! Lar, doce lar! — Despenteou o cabelo do garotinho sonolento que fazia as vezes de vigia, e disse em haklo, que sabia que Gornt não compreendia: — Fique acordado, Irmãozinho, senão os demônios vêm nos pegar.

— Fico, sim — disse logo o menino, os olhos desconfiados fitos em Gornt.

Paul Choy desceu na frente. O velho junco cheirava a piche e teca, peixe podre, maresia e mil tormentas. Sob o convés, a prancha da meia-nau dava para a única grande cabine normal, para vante, que ocupava toda a extensão e a largura do navio, até a proa. Um fogo de carvão aberto queimava numa lareira de tijolos malcuidada,

com uma chaleira suja de fuligem fervendo sobre ele. A fumaça se enroscava para o alto, e chegava ao exterior através de um conduto tosco aberto no convés. Umhas velhas cadeiras de palhinha, mesas e camadas de beliches toscos ocupavam um dos lados da cabine.

Wu Quatro Dedos estava sozinho; indicou uma das cadeiras e abriu um amplo sorriso.

— Heya, prazer em ver — falou, num inglês incerto, quase incompreensível. — Uísque?

— Obrigado — replicou Gornt. — Prazer em vê-lo, também.

Paul Choy serviu o bom uísque em dois copos semilimpos.

— Quer água, Sr. Gornt? — perguntou.

— Não, puro está ótimo. Apenas um pouco, por favor.

— Certo.

Wu aceitou o copo e brindou a Gornt.

— Prazer ver você, heya?

— É. Saúde!

Observaram-no enquanto Gornt bebia o seu uísque.

— Bom — aprovou Gornt. — Muito bom uísque.

Wu sorriu amplamente de novo, e indicou Paul.

— Ele filho irmã.

— Sei.

— Boa escola... País Dourado.

— É. É, ele me contou. Você deve estar muito orgulhoso.

— Como?

Paul Choy traduziu para o velho.

— Ah, obrigado, obrigado. Ele fala bom, heya?

— É. — Gornt sorriu. — Muito bom.

— Ah, bom, tudo bem. Fuma?

— Obrigado. — Ficaram olhando-o enquanto Gornt aceitava um cigarro. Depois Wu apanhou um, e Paul Choy acendeu ambos. Novo silêncio.

— Tudo bom com velho amigo?

— Tudo. E com você?

— Bom. — Novo silêncio. — Ele filho irmã — falou o velho marujo outra vez, e viu Gornt sacudir a cabeça e ficar calado, esperando. Ficou contente ao ver que Gornt permanecia sentado, esperando pacientemente que ele fosse ao assunto que interessava, como convém a uma pessoa civilizada.

"Alguns desses diabos rosados estão aprendendo, finalmente. É, mas alguns aprenderam bem demais, porra, como o tai-pan, por exemplo, aquele com os olhos azuis de peixe, feios e frios, que a maioria dos demônios estrangeiros tem, e que fitam a gente como um tubarão morto, o tal que até sabe falar um pouquinho do dialeto haklo. É, o tai-pan é astuto e civilizado demais, mas, enfim, teve gerações antes dele, e todos os seus ancestrais tiveram o Mau-Olhado, antes dele. É, mas o velho Demônio de Olhos Verdes, o primeiro da família, que fez um pacto com o meu ancestral, o grande senhor da guerra do mar, Wu Fang Choi, e seu filho, Wu Kwok, o cumpriu e fez com que seus filhos o cumprissem... e os filhos deles. Portanto, este tai-pan atual deve ser considerado um velho amigo, embora seja o mais mortífero de toda a descendência."

O velho conteve um estremeamento, esgarrou e cuspiu para afastar o deus mau da saliva que espreitava na garganta de todos os homens. Examinou Gornt. "Eeee", falou consigo, "deve ser terrível ter que olhar para aquele rosto rosado em cada espelho... todo aquele pêlo facial, feito um macaco, e uma pele pálida de barriga de sapo branco no resto do corpo. Arre!".

Forçou um sorriso para disfarçar o seu embaraço e tentou ler o rosto de Gornt, o que havia por detrás dele, mas não conseguiu. "Não faz mal", disse para si mesmo, alegremente, "foi para isso que se gastou tanto tempo e dinheiro a fim de preparar o Filho Número Sete... ele conseguirá".

— Poderia pedir favor? — perguntou, testando.

As vigas do navio rangiam agradavelmente, enquanto ele forçava as suas amarras.

— Sim. Que favor, velho amigo?

— Filho irmã... hora trabalhar... dá emprego? — Notou o espanto evidente no rosto de Gornt, e isso o irritou, mas soube disfarçar. — Explique — falou, em inglês. Depois acrescentou para Paul Choy, num haklo gutural: — Explique para esse Comedor de Bosta de Tartaruga o que eu quero. Como lhe ensinei.

— Meu tio pede desculpas por não poder falar-lhe diretamente, por isso pediu-me para explicar, Sr. Gornt — falou Paul Choy, educadamente. — Quer pedir-lhe que me dê um emprego... como uma espécie de estagiário... na sua divisão de aviões e navegação.

Gornt bebericava o seu uísque.

— Por que nessa divisão, Sr. Choy?

— Meu tio possui substanciais interesses em navegação, como o senhor sabe, e deseja que eu modernize a sua operação. Posso dar-lhe todas as informações sobre os meus antecedentes, se resolver me aceitar, senhor... meu segundo ano em Harvard foi dirigido para essas áreas... meu principal interesse era todo tipo de transportes. Já tinha sido aceito na Divisão Internacional do Ohio Bank quando meu tio me arran... mandou me chamar. — Paul Choy hesitou. — Bem, é isso o que ele está pedindo.

— Que dialetos fala, além do haklo?

— Mandarim.

— Quantos caracteres sabe escrever?

— Cerca de quatro mil.

— Sabe taquigrafia?

— Apenas datilografia rápida, senhor. Posso bater oitenta palavras por minuto, mas não perfeitas.

— O quê? — perguntou Wu.

Gornt esperou que Paul Choy traduzisse o que fora dito para o tio, observando-o... e a Wu Quatro Dedos. Finalmente, perguntou:

— Que espécie de estagiário quer ser?

— Ele quer que eu aprenda tudo o que for possível sobre a administração de navios e aviões. Também o negócio de corretagem e fretagem, o funcionamento prático e, é claro, quer que eu seja uma engrenagem lucrativa para o senhor, na sua máquina. Talvez a minha perícia técnica ianque, ao menos teórica, possa lhe ser de alguma ajuda. Estou com vinte e seis anos. Tenho o meu mestrado. Estou por dentro de todas as novas teorias de computadores. Claro que sei programar um. Em Harvard, especializei-me em conglomerados, fluxos de caixa.

— E se não se sair bem, ou se houver, digamos, um conflito de personalidades?

O rapaz disse com firmeza:

— Não haverá, Sr. Gornt. Pelo menos, trabalharei feito um burro de carga para evitar isso.

— O que foi que ele disse exatamente? — Quatro Dedos perguntou vivamente em haklo, notando uma mudança de inflexão, os olhos e os ouvidos ultra-atentos.

O filho explicou, exatamente.

— Ótimo — falou Wu, a voz roufenha. — Diga-lhe, exatamente, que se você não cumprir suas tarefas como for do agrado dele, será escorraçado da família, e a minha ira destruirá os seus dias.

Paul Choy hesitou, ocultando o seu choque, todo o seu treinamento americano gritando que mandasse o pai ir se foder, que era formado por Harvard, que era americano, e tinha um passaporte americano que ele próprio ganhara, não importa de que maldita sampana ou maldita família tivesse vindo. Mas manteve os olhos baixos e não deixou transparecer no rosto a raiva que sentia.

"Não seja ingrato", ordenou a si mesmo. "Você não é americano, americano de verdade. É chinês, e o chefe de sua família tem o direito de mandar. Se não fosse por ele, você provavelmente estaria dirigindo um bordel flutuante, aqui em Aberdeen."

Paul Choy soltou um suspiro. Sabia que era mais afortunado do que os seus onze irmãos. Quatro eram comandantes de juncos em Aberdeen, um morava em Bangkok e navegava no rio Mekong,

um tinha uma balsa em Cingapura, outro tinha um negócio de importação e exportação de material de construção naval na Indonésia, dois haviam morrido no mar, um estava na Inglaterra (fazendo o quê, não sabia) e o último, o mais velho, chefiava, no porto de Aberdeen, a dúzia de sampanas auxiliares que eram cozinhas flutuantes... e também três barcos-bordel e oito damas da noite.

Depois de uma pausa, Gornt perguntou:

— O que foi que ele disse? Exatamente?

Paul Choy hesitou, depois resolveu dizer-lhe, exatamente.

— Obrigado por ter sido franco comigo, Sr. Choy. Foi muito sensato da sua parte. É um rapaz realmente notável. — falou Gornt. — Compreendo perfeitamente. — Agora, pela primeira vez desde que Wu fizera a pergunta original, voltou o olhar para o velho marujo e sorriu. — Mas, claro. Prazer em dar emprego sobrinho.

Wu sorriu de orelha a orelha, e Paul Choy tentou não demonstrar na fisionomia o seu alívio.

— Não o desapontarei, Sr. Gornt.

— É, sei que não. Wu indicou a garrafa.

— Uísque?

— Não, obrigado. Já chega — disse Gornt.

— Quando começa emprego? Gornt olhou para Paul Choy.

— Quando gostaria de começar?

— Amanhã? Quando for conveniente para o senhor.

— Amanhã. Quarta-feira.

— Puxa, obrigado. Oito horas?

— Nove; do dia seguinte em diante, às oito. Semana de seis dias. Trabalhará muitas horas, e eu ficarei em cima de você. Dependerá de você o quanto poderá aprender, e a presteza com que poderei aumentar suas responsabilidades.

— Obrigado, Sr. Gornt.

Muito contente, Paul Choy traduziu para o pai. Wu tomou goles do seu uísque, sem se apressar.

— Qual dinheiro? — perguntou.

Gornt hesitou. Sabia que tinha que ser a quantia certa, nem de mais nem de menos, para não desprestigiar nem Paul Choy nem o tio.

— Mil HK por mês, nos três primeiros meses, depois revejo a quantia.

O rapaz não demonstrou na fisionomia o seu aborrecimento. Mal chegava a duzentos dólares americanos, mas traduziu para o haklo.

— Quem sabe dois mil? — falou Wu, disfarçando o seu prazer. Mil era a quantia perfeita, mas estava barganhando meramente para não desprestigiar o demônio estrangeiro, nem o filho.

— Se vai ser treinado, muitos gerentes valiosos terão que perder tempo, afastando-se de suas outras obrigações — Gornt disse, cortesmente. — Sai caro treinar uma pessoa.

— Muito dinheiro Montanha Dourada — Wu falou, com firmeza. — Dois?

— Mil no primeiro mês, mil duzentos e cinquenta nos dois meses seguintes?

Wu franziu o cenho, e acrescentou:

— Mês três, mil e quinhentos?

— Pois bem, mil e quinhentos no terceiro e quarto meses. E reexaminarei o salário dele depois de quatro meses. E Paul Choy se compromete a trabalhar para a Rothwell-Gornt durante pelo menos dois anos.

— Hem?

Paul Choy traduziu de novo. "Merda", pensava, "como vou poder tirar férias nos Estados Unidos com cinquenta mangos por mês, ou mesmo sessenta? Merda! E onde vou morar, porra? Numa bosta duma sampana?" Então ouviu Gornt dizer algo que o desnor-teou inteiramente.

— Senhor?

— Falei que, como você foi muito honesto comigo, dar-lhe-mos acomodações grátis numa das casas da nossa companhia: The Gables. É onde colocamos todos os nossos gerentes estagiários que vêm da Inglaterra. Se vai fazer parte de uma hong de demônios estrangeiros, então é melhor se misturar aos seus futuros líderes.

— Sim, senhor! — Paul Choy não conseguiu conter o amplo sorriso. — Sim, senhor, obrigado, senhor.

Wu Quatro Dedos perguntou alguma coisa em haklo.

— Ele está perguntando onde fica a casa, senhor.

— Fica no Pico. É realmente muito simpática, Sr. Choy. Estou certo de que ficará mais do que satisfeito.

— Pode apostar que... sim, senhor.

— Esteja preparado para mudar-se amanhã à noite.

— Sim, senhor.

Depois que Wu compreendeu o que Gornt dissera, concordou com um aceno de cabeça.

— Tudo concordado. Dois anos, depois ver. Quem sabe mais, heya?

— É.

— Bom. Obrigado, velho amigo. — Depois, em haklo: — Agora pergunte a ele o que queria saber... sobre o banco.

Gornt preparava-se para se levantar quando Paul Choy disse:

— Há mais uma coisinha que meu tio queria perguntar-lhe, senhor, se dispuser de tempo.

— Claro.

Gornt acomodou-se na cadeira, e Paul Choy notou que o homem parecia mais atento agora, mais cauteloso.

— Meu tio gostaria de saber sua opinião sobre a corrida à agência do Ho-Pak Bank de Aberdeen, hoje.

Gornt fitou-o, olhar firme.

— O que é que tem?

— Corre todo tipo de boatos — dizia Paul Choy. — Meu tio tem muito dinheiro lá, a maioria dos amigos dele também. Uma corrida àquele banco seria uma péssima notícia.

— Acho que seria uma boa idéia sacar o dinheiro dele — disse Gornt, radiante com a oportunidade inesperada de alimentar o fogo.

— Deus — murmurou Paul Choy, estupefato. Estivera sondando Gornt com muito cuidado, e percebera a súbita tensão, e agora um prazer igualmente súbito o surpreendera. Pensou por um momento, depois decidiu mudar de tática e mostrar as cartas. — Ele queria saber se o senhor estava vendendo a descoberto.

Gornt falou, ironicamente:

— Ele ou o senhor, Sr. Choy?

— Nós dois, senhor. Ele tem uma grande carteira de ações que quer que eu administre, no futuro — falou o jovem, o que era um exagero completo. — Estive lhe explicando a mecânica da operação moderna dos bancos e da Bolsa de Valores... como funcionam, e como Hong Kong é diferente dos Estados Unidos. Ele entendeu facilmente, senhor. — Novo exagero. Paul Choy descobrira ser impossível derrubar os preconceitos do pai. — Pergunta se deve vender a descoberto.

— Sim, acho que deve. Tem havido muitos boatos de que o Ho-Pak ultrapassou seus limites... pedindo emprestado a curto prazo e juros baixos, emprestando a longo prazo e juros altos, especialmente com propriedades, o meio clássico de qualquer banco se meter em sérias dificuldades. Por medida de segurança, ele devia retirar todo o seu dinheiro e vender a descoberto.

— Próxima pergunta, senhor: o Blacs ou o Victoria Bank salvarão o Ho-Pak?

Foi com esforço que Gornt manteve a fisionomia impassível. O velho junco inclinou-se de leve quando as ondas formadas por outro junco que passava lambeiram seus flancos.

— Por que outros bancos fariam tal coisa?

"Estou encurralado", pensava Gornt, estupefato. "Não posso contar-lhes a verdade... é impossível saber quem mais obterá a informação. Ao mesmo tempo, não ousa não contar ao velho sacana e ao seu maldito pirralho. Ele está pedindo a retribuição do favor, e eu tenho que pagar, é uma questão de prestígio."

Paul Choy inclinou-se para a frente, na cadeira, com excitação evidente:

— A minha teoria é que, se houver mesmo uma corrida de verdade ao Ho-Pak, os outros não deixarão que entre em colapso... não como o desastre do East Índia and Canton Bank no ano passado, porque isso criaria ondas de choque que o mercado, os grandes operadores do mercado, não apreciariam. Todo mundo aqui

está à espera de uma alta repentina, e aposto que os figurões não vão deixar que uma catástrofe destrua esta chance. Como o Blacs e o Victoria são os bancos da pesada, é lógico imaginar que eles salvarão o outro.

— Aonde quer chegar, Sr. Choy?

— Se alguém soubesse antecipadamente quando as ações do Ho-Pak chegariam ao fundo do poço, e quando um dos bancos, ou os dois, começariam a operação para tirá-lo do buraco, essa pessoa poderia ganhar uma fortuna.

Gornt estava tentando decidir o que fazer, mas agora estava cansado, sua mente não estava tão aguçada quanto deveria. "O acidente deve ter me esgotado mais do que imaginei", disse consigo mesmo. "Será que foi Dunross? O filho da mãe estaria tentando acertar as contas, me fazer pagar por aquela noite de Natal, ou pela vitória do Pacific Orient, ou cinquenta outras vitórias... talvez até mesmo a velha ferida de Macau."

Gornt sentiu uma súbita animação ao recordar-se da excitação febril que sentira ao assistir à corrida, sabendo que a qualquer momento o motor do tai-pan pifaria... vendo os carros passarem roncando, volta após volta, e então, Dunross, o líder, não

mais apareceria... depois a espera da torcida, e depois a notícia de que ele saíra fora da pista na curva Melco, superfechada, numa batida ruidosíssima, quando seu motor pifara. Nova espera, o estômago dando voltas. Depois, a notícia de que o carro de corrida explodira numa bola de fogo, mas que Dunross tivera tempo de pular fora, incólume. Ficara a um só tempo muito triste e muito feliz.

Não queria que Dunross morresse. Queria-o vivo e destruído; queria-o vivo para dar-se conta da sua destruição.

Riu baixinho, consigo mesmo. "Ora, não fui eu que apertei o botão que deu início à operação. Claro que dei um empurrãozinho no jovem Donald Nikklin, sugerindo-lhe todos os meios e modos pelos quais um pouquinho de h'eung yau nas mãos apropriadas..."

Percebeu que Paul Choy e o velho marujo esperavam, fitando-o, e todo o seu bom humor desapareceu. Afastou os pensamentos errantes e concentrou-se.

— É, claro que tem razão, Sr. Choy. Mas está partindo da premissa errada. Claro que isso tudo não passa de teoria, o Ho-Pak ainda não entrou em colapso. Talvez nem entre. Mas não há motivo para que qualquer banco fizesse o que sugeriu, nenhum o fez no passado. Cada banco fica de pé ou cai graças aos seus próprios

méritos. Essa é a glória do nosso sistema de livre empresa. Um plano como o que o senhor propõe abriria um precedente perigoso. Seria certamente impossível sustentar cada banco que fosse mal administrado. Nenhum desses bancos precisa do Ho-Pak, Sr. Choy. Ambos têm um número mais do que suficiente de clientes próprios. Nenhum deles jamais adquiriu outros interesses bancários aqui, e duvido que algum deles jamais precise fazê-lo.

"Papo furado", pensava Paul Choy. "Um banco tem o compromisso de crescer, como qualquer outro negócio, e o Blacs e o Victoria são os mais rapaces de todos... exceto a Struan e a Rothwell-Gornt. Merda, e as Propriedades Asiáticas, e todas as outras hongts."

— Estou certo de que tem razão, senhor. Mas meu tio Wu agradecerá se o senhor soubesse algo, fosse o que fosse.

Virou-se para o pai e disse em haklo:

— Terminei agora, Honrado Tio. Este bárbaro concorda que o banco possa estar em dificuldades.

O rosto de Wu ficou sem cor.

— Hem? A coisa é ruim?

— Serei o primeiro da fila, amanhã. O senhor deve sacar todo o seu dinheiro, e depressa.

— Ayeeyah! Por todos os deuses! — disse Wu, a voz áspera.
— Eu pessoalmente cortarei a garganta do Banqueiro Kwang se perder uma só moeda de merda, mesmo sendo meu sobrinho!

Paul Choy não tirou os olhos dele.

— Ele é?

— Os bancos são invenções de merda dos demônios estrangeiros para roubar a fortuna das pessoas honestas — esbravejava Wu. — Eu vou recuperar cada moeda de cobre, caso contrário o sangue dele vai correr! Conte-me o que ele falou do banco.

— Por favor, seja paciente, Honrado Tio. É cortês, segundo o costume dos bárbaros, não deixar este bárbaro esperando.

Wu guardou a sua ira, e disse para Gornt, num inglês execrável:

— Banco ruim, heya? Obrigado diz verdade. Banco mau costume, heya?

— Às vezes — falou Gornt, cautelosamente.

Wu Quatro Dedos abriu os punhos ossudos e procurou acalmar-se.

— Obrigado por favor... sim... também quero como filho irmã diz, heya?

— Desculpe, não estou entendendo. O que seu tio quer dizer, Sr. Choy?

Depois de falar um pouquinho com o pai, para manter às aparências, o rapaz disse:

— Meu tio consideraria um grande favor se pudesse saber, em particular, adiantadamente, de qualquer incursão, tentativa de compra de controle ou de salvação do banco... naturalmente, isso seria estritamente confidencial.

Wu balançou a cabeça, e apenas a sua boca sorria, agora.

— Sim. Favor.

Estendeu a mão e apertou a de Gornt amistosamente, sabendo que os bárbaros apreciavam tal costume, embora ele o achasse de mau gosto e incivilizado, e contrário às boas maneiras, desde tempos imemoriais. Mas queria o filho treinado rapidamente, e tinha que ser com a Segunda Grande Companhia, e precisava da informação de Gornt. Sabia bem da importância do conhecimento antecipado. "Eee", pensou, "sem meus amigos nas forças da Polícia Marítima da Ásia, minhas frotas seriam impotentes."

— Vá para terra com ele, sobrinho. Ponha-o num táxi e depois me espere. Vá buscar Tok Duas Machadinhas e espere por mim, lá junto ao ponto de táxis.

Agradeceu a Gornt de novo, depois acompanhou-os até o convés e ficou vendo enquanto se afastavam. Sua balsa-sampana estava esperando, e eles entraram nela e dirigiram-se para terra.

Era uma noite gostosa, e ele sentiu o gosto do vento. Havia umidade nele. Chuva? Prontamente examinou as estrelas e o céu noturno, todos os seus anos de experiência se concentrando. A chuva só viria com a tempestade. Tempestade poderia significar tufão. Já estava no fim da estação, para chuvas de verão, mas as chuvas podiam chegar tarde e ser repentinas e muito fortes, e o

tufão podia vir até novembro, ou começar em maio, e, se fosse a vontade dos deuses, chegar em qualquer estação do ano.

A chuva seria bem-vinda, pensou. Mas não o tufão.

Estremeceu. Estavam quase entrando no nono mês.

O nono mês lhe trazia más lembranças. Durante os anos da sua vida, o tufão o atingira dezenove vezes nesse mês, sete vezes desde que o pai morrera e ele se tornara chefe da Casa dos Wus Marítimos e Comandantes das Frotas.

Dessas sete vezes, a primeira fora naquele mesmo ano. Ventos de cento e quinze nós sopraram violentamente do nor-noroeste e afundaram uma frota inteira de cem juncos no estuário do rio Pearl. Mais de mil pessoas morreram afogadas, daquela vez... o filho mais velho dele e toda a sua família. Em 1949, quando ordenara a toda a sua armada sediada no rio Pearl que fugisse do continente comunista e se radicasse permanentemente nas águas de Hong Kong, fora apanhado no mar e afundado junto com noventa juncos e trezentas sampanas. Ele e a família foram salvos, mas perdera oitocentos e dezessete do seu povo. Aqueles ventos tinham vindo do leste. Doze anos atrás, novamente do leste-nordeste, e setenta juncos perdidos. Dez anos atrás, o tufão Susan, com suas

rajadas de vento e chuva de oitenta nós, vindas do nordeste, mudando de direção para o leste-sudeste, dizimara a sua frota sediada em Formosa, e custara-lhe outras quinhentas vidas ali, e mais duzentas para o sul, até Cingapura, e outro filho com toda a família. O tufão Glória, em 57, rajadas de vento de chuva de cem nós, outra multidão afogada. No ano passado viera o tufão Wandâ, que destruíra Aberdeen e a maioria das aldeias marítimas haklo nos Novos Territórios. Aqueles ventos tinham vindo do nor-noroeste, voltado para o noroeste, depois mudado de direção e ido para o sul.

Wu conhecia bem os ventos, e o número dos dias também: 2, 8, 2 de novo, 18, 22, 10 de setembro, e o tufão Wanda no dia 1.º. "É", pensou, "e esses números somam 63, que é divisível pelo algarismo mágico 3, que dá 21, que dá 3 de novo. Será que o tufão virá no terceiro dia do nono mês, este ano? Nunca veio antes, nunca, ao que me conste, mas virá este ano? O número 63 também dá 9. Virá no nono dia?"

Provou o vento de novo. Continha umidade. Vinha chuva. O vento refrescara ligeiramente. Agora vinha do nor-nordeste.

O velho marinheiro escarrou e cuspiu. "Joss! Seja no terceiro, ou nono, ou segundo, só depende dos fados. A única coisa certa é que o tufão virá de um canto ou de outro, e virá no nono mês... ou neste mês, o que é igualmente ruim."

Observava agora a sampana, e via o filho sentado na meianau, ao lado do bárbaro, e ficou pensando até onde poderia confiar nele. "O rapaz é esperto, e conhece muito bem os costumes dos demônios estrangeiros", pensou, cheio de orgulho. "É, mas até onde converteu-se aos seus hábitos daninhos? Bem, logo vou descobrir. Uma vez que o rapaz passe a fazer parte da cadeia, será obediente. Ou morrerá. No passado, a Casa de Wu sempre comercializou com ópio, com ou para a Casa Nobre, e às vezes para nós mesmos. Antigamente, o ópio era honroso.

"Ainda é, para alguns. Eu, Mo Contrabandista, Lee Pó Branco, ah, e quanto a eles? Devemos formar uma irmandade ou não?"

"Mas os Pós Brancos? São assim tão diferentes? Não são apenas um ópio mais forte... como a bebida alcoólica comparada à cerveja?"

"Qual a diferença comercial entre os Pós Brancos e o sal? Nenhuma. Só que agora a lei cretina dos demônios estrangeiros diz que um é contrabando, e o outro não! Ayeeyah, até vinte e tantos anos atrás, quando os bárbaros perderam a sua bosta de guerra para os monstros do mar do Leste, o governo monopolizava o comércio aqui.

"O comércio de Hong Kong com a China não se baseou no ópio, alimentado apenas pelo ópio produzido na Índia bárbara?"

"Mas agora que destruíram seus próprios campos produtores, estão tentando fingir que o comércio nunca existiu, que é imoral e um crime terrível, passível de vinte anos de cadeia!"

"Ayeeyah, como pode uma pessoa civilizada compreender um bárbaro?"

Enojado, voltou para baixo.

"Eeee", pensou, cansado, "que dia difícil! Primeiro, John Chen some. Depois aqueles dois cantonenses filhos da puta são presos no aeroporto, e meu carregamento de armas é roubado pela merda da polícia. Então, hoje à tarde, chegou a carta do tai-pan, entregue em mãos."

"Saudações, Honrado Velho Amigo. Pensando bem, sugiro que ponha o Filho Número Sete com o inimigo — melhor para ele, melhor para nós. Peça ao Barba Negra para vê-lo hoje à noite. Telefone-me depois." Estava assinada "Velho Amigo" e trazia o carimbo oficial do tai-pan.

"Velho Amigo", para um chinês, era uma pessoa ou uma companhia que lhe havia feito um favor extremo no passado, ou alguém no setor comercial que provara ser digno de confiança e lucrativo, ao longo dos anos. Às vezes, os anos abrangiam gerações.

"É", pensou Wu, "este tai-pan é um Velho Amigo." Fora ele que sugerira a certidão de nascimento e o novo nome para o Sétimo Filho, que sugerira mandá-lo para o País Dourado, e que aplainara o terreno por lá, e o terreno que levava à grande universidade, e cuidara dele lá sem que ele soubesse... o subterfúgio resolvendo o dilema de como conseguir que um de seus filhos fosse treinado nos Estados Unidos sem a mácula da ligação com o ópio.

"Que tolos são os bárbaros! É, mas mesmo assim, este tai-pan não é. Ele é verdadeiramente um Velho Amigo... e a Casa Nobre também."

Wu lembrou-se de todos os lucros que ele e a família haviam ganho secretamente durante gerações, com ou sem a ajuda da Casa Nobre, na paz e na guerra, comerciando onde os navios bárbaros não podiam: contrabando, ouro, gasolina, ópio, borracha, maquinaria, remédios, toda e qualquer coisa que estivesse em escassez. Até mesmo gente. Ajudando as pessoas a fugir do ou para o continente, sendo considerável o dinheiro da passagem. Com ou sem, mas principalmente com a assistência da Casa Nobre, com esse tai-pan e seu antecessor, o Velho Nariz Aquilino, seu velho primo, e antes dele, Cão Danado, seu pai, e antes dele o pai do primo, o clã dos Wus prosperara.

Agora, Wu Quatro Dedos possuía seis por cento da Casa Nobre, adquiridos ao longo dos anos, e escondidos com a ajuda deles num labirinto de representantes, mas mesmo assim sob seu controle exclusivo, a maior parte do seu negócio de transmissão de ouro, juntamente com grandes investimentos aqui, em Macau, Cingapura e Indonésia, e em propriedades, navegação, operações bancárias.

"Operações bancárias", pensou, com azedume. "Vou cortar a garganta do meu sobrinho, depois de fazê-lo comer o seu Saco Secreto, se perder uma moeda de cobre!"

Já estava sob o convés, e entrou na cabine principal desarrumada e nada atraente onde ele e a mulher dormiam. Ela

estava deitada no grande beliche cheio de palha, e virou-se, semi-adormecida.

— Já acabou? Já vem para a cama?

— Não. Vá dormir — disse ele, bondosamente. — Tenho trabalho para fazer.

Obedientemente, ela fez o que ele mandou. Era a tai-tai dele, a sua mulher principal, e estavam casados há quarenta e sete anos.

Ele tirou as roupas, e vestiu outras: uma camisa branca limpa, meias e sapatos limpos, e as calças cinzentas estavam bem vincadas. Fechou a porta da cabine às suas costas e subiu agilmente ao convés, sentindo-se muito desconfortável e constrangido dentro das roupas.

— Volto antes do alvorecer, Quarto Neto — disse.

— Sim, Avô.

— Trate de ficar acordado!

— Sim, Avô.

Ele deu um cascudo de leve no garoto. Depois cruzou as pranchas e parou no terceiro junco.

— Poon Bom Tempo? — chamou.

— Sim... sim? — retrucou a voz sonolenta. O velho estava enrascado sobre um saco velho, cochilando.

— Reúna todos os comandantes. Volto dentro de duas horas.

Poon ficou imediatamente alerta.

— Vamos zarpar? — indagou.

— Não. Volto daqui as duas horas, reúna os comandantes! Wu continuou o seu caminho, e entrou na sua balsa-sampana pessoal, sob as reverências da tripulação. Olhou para terra. O filho estava de pé, ao lado do seu grande Rolls preto com a chapa do número da sorte — um único algarismo 8 — que comprara por cento e cinqüenta mil HK no leilão do governo, seu chofer uniformizado e seu guarda-costas, Tok Duas Machadinhas, esperando deferentemente ao lado dele. Como sempre, sentiu prazer ao ver seu grande automóvel, e isso sobrepujou sua preocupação crescente. Naturalmente, não era o único morador das aldeias marítimas que possuía um Rolls. Mas, por costume, o dele era sempre o maior e o mais novo. Oito, baat, era o número de maior sorte, porque rimava com faat, que queria dizer "prosperidade em expansão".

Sentiu o vento mudar de posição um ponto, e sua ansiedade aumentou. "Eeee, hoje foi um dia ruim, mas amanhã será pior.

"Aquele bolo de carne de cachorro, John Chen, fugiu para o País Dourado ou foi realmente seqüestrado? Sem aquele pedaço de

bosta ainda sou o menino de recados do tai-pan. Estou cansado de ser um menino de recados. A recompensa de cem mil por John Chen é dinheiro bem investido. Eu pagaria doze vezes essa quantia por John Chen e sua merda de moeda. Graças a todos os deuses que coloquei espões na casa do Chen da Casa Nobre."

Fez um sinal firme com a mão, na direção da terra.

— Ande ligeiro, velho — ordenou ao barqueiro, o rosto sombrio. — Tenho muito o que fazer antes do alvorecer!

19

14h23h

O dia estava muito quente e muito úmido, o ar abafado, as nuvens começando a se juntar. Desde a hora em que o Ho-Pak Bank abriu, de manhã, não houvera nenhuma diminuição no movimento das multidões suadas e barulhentas, tanto dentro quanto fora da pequena agência de Aberdeen.

— Não tenho mais dinheiro para pagar, Honorável Sung — sussurrou a caixa, assustada, o suor manchando o seu cheong-sam bem-feito.

— De quanto precisa?

— De sete mil quatrocentos e cinqüenta e sete dólares para o cliente Tok-sing, mas deve haver mais umas cinqüenta pessoas esperando.

— Volte para o seu guichê — replicou o gerente, igualmente nervoso. — Protele. Finja estar examinando mais atentamente a conta... a matriz jura que mais um carregamento de dinheiro saiu de seus escritórios faz uma hora... quem sabe o tráfego... Volte para o seu guichê, srta. Pang. — Apressadamente, fechou a porta do seu gabinete atrás dela e, suando, pegou novamente no telefone: — O Honorável Richard Kwang, por favor. Depressa...

Desde que o banco abrira, às dez horas em ponto, quatrocentas ou quinhentas pessoas haviam aberto caminho até um dos três guichês e exigido o seu dinheiro e seus depósitos na poupança, integralmente, e depois, abençoando sua sorte, tinham aberto caminho aos empurrões de volta ao mundo exterior.

Aqueles que possuíam caixas de depósito bancário haviam exigido acesso a elas. De um em um, acompanhados por um

funcionário, haviam descido para o cofre-forte, extáticos ou tontos de alívio. Lá embaixo, o funcionário usara a sua chave, o cliente a dele, depois o funcionário se retirara. Sozinho no ar abafado, o cliente suado abençoara os deuses porque seu destino lhe permitira ser um dos afortunados. Então, as mãos trêmulas tinham agarrado seus títulos, dinheiro vivo, barras de ouro, jóias e todas as outras coisas secretas, enfiando-os numa pasta, mala ou saco de papel... ou quem sabe nos bolsos estufados, já cheios de notas. Então, subitamente, assustado por estar de posse de tal fortuna, de modo tão aberto e tão vulnerável, toda a fortuna de seu mundo individual, a felicidade dele se evaporava, e ele se afastava cabisbaixo, dando lugar a outro cliente, igualmente nervoso, e de início igualmente extático.

A fila começara a formar-se bem antes do alvorecer. O pessoal de Wu Quatro Dedos pegou os trinta primeiros lugares. A notícia logo corraera pelo porto, portanto outros haviam se juntado a eles, instantaneamente, depois mais outros, depois todo mundo que tinha qualquer tipo de conta, à medida que a notícia se espalhava, aumentando a multidão. Por volta das dez horas, a aglomeração ansiosa, nervosa, assumia proporções de levante. Agora, alguns policiais fardados caminhavam por entre o povo, calados e atentos, sua presença tendo um efeito calmante. Mais policiais chegaram no decorrer do dia, seu número discreta e cuidadosamente determinado pela delegacia de Aberdeen Leste. Lá pelo meio-dia, dois camburões da polícia estacionaram num dos becos próximos, com um pelotão de combate especialmente treinado a postos. E oficiais europeus.

A maior parte da multidão era composta de pescadores e gente simples do lugar, haklos e cantonenses. Talvez um em dez

tivesse nascido em Hong Kong. Os demais eram migrantes recentes da República Popular da China, o Reino Médio, como chamavam à sua terra. Tinham vindo aos montes para o santuário de Hong Kong, fugindo dos comunistas, ou dos nacionalistas, da fome, ou da simples miséria, como seus antepassados haviam feito por mais de um século. Noventa e oito por cento da população de Hong Kong eram chineses, e essa proporção se mantinha a mesma desde o início da colônia.

Cada pessoa que saía do banco dizia a quem lhe perguntasse que havia sido paga integralmente. Mesmo assim, os outros que esperavam permaneciam apreensivos. Todos se lembravam do colapso do ano anterior, e de uma vida inteira, nas suas aldeias natais, de outros colapsos e fracassos, fraudes, agiotas rapaces, desfalques, corrupção, e de como era fácil ver as economias de toda uma vida se evaporarem sem que a pessoa tivesse culpa alguma, não importa qual fosse o governo, comunista, nacionalista ou dos senhores feudais. Há quatro mil anos era a mesma coisa.

E todos odiavam sua dependência aos bancos... mas tinham que guardar seu dinheiro em algum lugar, a vida sendo o que era e os ladrões abundando como pulgas. "Dew neh loh moh para todos os bancos", pensava a maioria. Eram invenções do demônio... dos demônios estrangeiros! É. Antes dos demônios estrangeiros chegarem ao Reino Médio, não havia dinheiro de papel, só dinheiro de verdade, prata, ouro ou cobre... na maioria prata e cobre... que podiam tocar e esconder, que jamais se evaporaria. Não como o papel nojento. Os ratos podiam comer papel, os homens também. O dinheiro de papel era mais uma invenção do demônio estrangeiro.

Antes da vinda deles para o Reino Médio a vida era boa. E agora... Dew neh loh moh para todos os demônios estrangeiros!

Às oito horas daquela manhã, o ansioso gerente da agência ligara para Richard Kwang.

— Mas, Honrado Senhor, já deve haver umas quinhentas pessoas, e a fila sai daqui e corre pela beira do cais.

— Não faz mal, Honorável Sung! Pague àqueles que exigirem o seu dinheiro. Não se preocupe! Fale com eles, a maioria não passa de pescadores supersticiosos. Convença-os a não sacarem. Mas pague àqueles que insistirem! O Ho-Pak é tão forte quanto o Blacs ou o Victoria! É uma mentira maliciosa que estamos em dificuldades! Pague! Verifique cuidadosamente as cadernetas de poupança deles, e não se apresse com cada cliente. Seja metódico.

E assim o gerente e os caixas do banco tentaram persuadir os seus clientes de que não havia necessidade de ficarem ansiosos, de que boatos falsos estavam sendo difundidos por gente maliciosa.

— Claro que pode tirar o seu dinheiro, mas não acha...

— Ayeeyah, dê-lhe o seu dinheiro — dizia o seguinte da fila, irritado —, ela quer o seu dinheiro, eu quero o meu, e o irmão da minha mulher atrás de mim quer o dele, e a minha tia está na fila lá fora. Ayeeyah, não posso perder o dia todo! Tenho que sair para o mar. Com este vento, não demora vai haver tempestade, e preciso fazer uma boa pescaria...

E o banco começara a fazer os pagamentos. Integrais.

Como todos os bancos, o Ho-Pak usava seus depósitos para fazer empréstimos para outras pessoas... todo tipo de empréstimos. Em Hong Kong havia poucos regulamentos e poucas leis. Alguns bancos emprestavam até oitenta por cento dos seus bens em caixa, porque tinham certeza de que os clientes jamais iriam querer o dinheiro de volta, todos de uma só vez.

Exceto naquele dia, em Aberdeen. Mas, felizmente, aquela era apenas uma das dezoito agências espalhadas pela colônia. O Ho-Pak ainda não estava ameaçado.

Três vezes durante o dia o gerente tivera que ligar para a matriz para pedir dinheiro extra. E duas vezes para pedir conselhos.

Passava um minuto das dez horas da manhã, e Wu Quatro Dedos estava sentado, de cara fechada, ao lado da mesa do gerente, junto com Paul Choy, tendo Tok Duas Machadinhas de pé atrás de si.

— Quer encerrar todas as suas contas no Ho-Pak? — exclamou o Sr. Sung, com voz trêmula.

— Quero. Agora — falou Wu, e Paul Choy concordou com um movimento de cabeça.

— Mas não temos di... — começou a dizer o gerente, com voz débil.

Wu sibilou:

— Quero todo o meu dinheiro agora. Em espécie ou em barras. Agora! Não está entendendo?

O Sr. Sung fez uma careta assustada. Ligou para Richard Kwang e explicou rapidamente.

— Sim, sim, senhor. — Estendeu o telefone. — O Honorável Kwang quer falar com o senhor, Honorável Wu.

Mas não houve conversa que conseguisse fazer o velho marujo mudar de idéia.

— Não. Agora. Meu dinheiro, e o dinheiro do meu pessoal, agora. E também daquelas contas... bem... contas especiais, estejam onde estiverem.

— Mas não há tanto dinheiro assim aí na agência, Honrado Tio — disse Richard Kwang, apaziguadoramente. — Terei prazer em

dar-lhe um cheque de administração.

Wu explodiu.

— Não quero cheques, quero dinheiro! Não entendeu?
Dinheiro!

Ele não sabia o que era um cheque de administração, portanto o atemorizado Sr. Sung começou a explicar. Paul Choy ficou mais animado.

— Tudo bem, Honrado Tio — disse. — Um cheque de administração...

O velho trovejou:

— Como é que um pedaço de papel pode ser igual a dinheiro de verdade? Quero dinheiro, meu dinheiro, agora!

— Por favor, deixe-me falar com o Honorável Kwang, Grande Tio — falou Paul Choy, buscando tranqüilizá-lo, compreendendo o dilema. — Talvez possa ajudar.

— Pois bem, fale — concordou Wu, azedamente —, mas consiga o meu dinheiro vivo.

Paul Choy apresentou-se ao telefone e falou:

— Talvez seja mais fácil em inglês, senhor. — Conversou durante alguns momentos. Depois, sacudiu a cabeça, satisfeito. — Só um momentinho, senhor. — A seguir, em haklo: — Grande Tio — explicou —, o Honorável Kwang lhe dará o pagamento integral em apólices do governo, ouro ou prata lá na matriz, e um pedaço de papel que o senhor poderá levar ao Blacs ou ao Victoria, para pegar o restante. Mas, se puder fazer uma sugestão, como o senhor não tem cofre para guardar todo esse montante, quem sabe devesse aceitar o cheque de administração do Honorável Kwang... com ele, posso abrir conta em qualquer dos dois bancos para o senhor. Imediatamente.

— Bancos! Bancos são armadilhas dos demônios estrangeiros para pegar lagostas civilizadas!

Paul Choy levava meia hora para convencê-lo. A seguir, haviam-se dirigido para a matriz do Ho-Pak, mas Wu deixara Tok Duas Machadinhas com o apavorado Sr. Sung.

— Fique aqui, Tok. Se eu não conseguir o meu dinheiro, você o arranca desta agência.

— Sim, senhor.

E assim, dirigiram-se à matriz, e ao meio-dia Wu Quatro Dedos tinha novas contas, metade no Blacs, metade no Victoria. Paul Choy ficara estonteado com o número de contas separadas que tiveram que ser encerradas e abertas. E com a quantia.

Vinte e tantos milhões de HK.

A despeito de todas as suas súplicas e explicações, o velho marujo se recusara a investir um pouco de dinheiro vendendo ações da Ho-Pak a descoberto, dizendo que aquilo era jogo para ladrões quai loh. Então, Paul saíra de fininho e se dirigira a todos os corretores que pudera encontrar, tentando vender a descoberto, por conta própria.

— Mas, meu caro rapaz, você não tem crédito. Claro, se me apresentar o carimbo oficial de seu tio, ou a palavra dele por escrito, então...

Descobriu que as firmas de corretagem eram quase exclusivamente européias, e na sua grande maioria britânicas. Não havia uma só chinesa. Todas as posições na Bolsa de Valores eram ocupadas por europeus, novamente britânicos em grande maioria.

— Isso não me parece direito, Sr. Smith — disse Paul Choy.

— Ah, infelizmente o pessoal local, Sr... Sr... Sr. Chee, não é?

— Choy, Paul Choy.

— Ah, sim. Infelizmente o pessoal local não se interessa realmente por práticas complicadas e modernas, como corretagem e Bolsa de Valores... como sabe, o pessoal local é todo composto de imigrantes. Quando viemos para cá, Hong Kong não passava de uma rocha estéril.

— Sei. Mas eu estou interessado, Sr. Smith. Nos Estados Unidos, um corret...

— Ah, sei, a América! Estou certo de que agem de modo diferente por lá, Sr. Chee. Bem, se me dá licença... boa tarde.

Furioso, Paul Choy fora de corretor em corretor, mas era sempre a mesma coisa. Ninguém o apoiaria sem o carimbo oficial do pai.

Agora, estava sentado num banco de praça, na Memorial Square, perto do Tribunal de Justiça e dos altos prédios da Struan e da Rothwell-Gornt, fitando a baía e pensando. A seguir, entrou na biblioteca do tribunal e passou a conversa no pedante bibliotecário.

— Sou da Sims, Dawson e Dick — falou, despreocupadamente. — Sou o novo advogado deles, dos Estados Unidos. Querem algumas informações rápidas sobre Bolsa de Valores e corretagem.

— Regulamentos do governo, senhor? — perguntou o idoso eurasiático, prestativamente.

— É.

— Não há nenhum, senhor.

— Hem?

— Bem, praticamente nenhum. — O bibliotecário foi até as prateleiras. A seção de exigências não passava de uns poucos parágrafos num tomo gigantesco.

Paul Choy fitou-o, boquiaberto.

— Mas é só isso?

— Sim, senhor.

A cabeça de Paul Choy começou a rodar.

— Mas então está totalmente aberto, o mercado está totalmente aberto!

O bibliotecário mostrou-se levemente divertido.

— Está, comparado ao de Londres, ou de Nova York. Quanto à corretagem, senhor, bem, qualquer um pode se estabelecer como

corretor, desde que haja alguém que queira que ele venda ações, e haja alguém que queira que ele as compre, e ambos estejam preparados para pagar-lhe uma comissão. O problema é que, bem, as firmas existentes controlam completamente o mercado.

— Como se acaba com esse monopólio?

— Ah, não faríamos isso, senhor. Somos todos a favor do status quo, aqui em Hong Kong.

— Bem, então como se entra na "panelinha", para aproveitar também?

— Duvido que o senhor conseguisse, senhor. Os britânicos controlam tudo com muito cuidado — disse o homem, delicadamente.

— Isso não me parece direito.

O homem idoso sacudiu a cabeça e sorriu suavemente. Formou um triângulo com os dedos, simpatizando com o jovem chinês à sua frente, invejando-lhe a pureza... e a educação americana.

— Suponho que queira jogar na Bolsa por conta própria... — perguntou, em voz baixa.

— É... — Paul Choy tentou mascarar o seu erro, e gaguejou: — Pelo menos... Dawson mandou que eu...

— Ora, vamos, Sr. Choy, o senhor não pertence a Sims, Dawson e Dick — falou, admoestando-o polidamente. — Se tivessem contratado um americano (uma inovação surpreendente), eu teria sabido disso, juntamente com centenas de outras pessoas, muito antes que o senhor chegasse aqui. Deve ser o Sr. Paul Choy, sobrinho do grande Wu Sang Fang, que acaba de retornar de Harvard, nos Estados Unidos.

Paul Choy fitou-o, boquiaberto.

— Como sabia?

— Estamos em Hong Kong, Sr. Choy. É um lugarzinho minúsculo. Temos que saber o que ocorre. É assim que sobrevivemos. Quer jogar na Bolsa?

— Quero, Sr.... ?

— Manuel Pereira. Sou português de Macau. — O bibliotecário apanhou uma caneta-tinteiro e escreveu com bela caligrafia uma apresentação nas costas de um dos seus cartões de visita. — Tome. Ishwar Soorjani é um velho amigo. Seu local de trabalho fica junto da Nathan Road, em Kowloon. É um par se da Índia, e lida com dinheiro e câmbio, compra e vende ações, de vez em quando. Poderá ajudá-lo... mas lembre-se de que, se ele emprestar dinheiro, será com juros altos. Portanto não deve cometer nenhum erro.

— Puxa, obrigado, Sr. Pereira. — Paul Choy estendeu a mão. Surpreso, Pereira fez o mesmo. Paul Choy apertou-lhe a mão efusivamente, depois começou a se afastar depressa, mas se deteve. — Escute, Sr. Pereira... a Bolsa de Valores. Não existe nenhum macete? Nada? Nenhum modo de faturar o meu?

Manuel Pereira tinha cabelos prateados, mãos longas e belas e feições chinesas pronunciadas. Fitou o jovem à sua frente. Depois falou, suavemente:

— Não há nada que o impeça de formar uma companhia para criar a sua própria Bolsa de Valores, uma Bolsa chinesa. Isso se enquadra nas leis de Hong Kong... ou na ausência delas. — Os velhos olhos brilhavam. — Você só precisa de dinheiro, contatos, conhecimentos e telefones...

— Meu dinheiro, por favor — sussurrou a velha amah, com voz rouca. — Aqui está a minha caderneta de poupança. — Estava com o rosto afogueado pelo calor dentro da agência do Ho-Pak em Aberdeen. Faltavam agora dez minutos para as três horas, e ela esperava desde o alvorecer. O suor manchava sua blusa branca velha e as calças negras. Uma trança comprida, suja e grisalha, lhe descia pelas costas. — Ayeeyah, não empurrem — gritou para os que estavam atrás. — Logo chegará a sua vez!

Com ar cansado, a jovem caixa apanhou a caderneta e olhou de novo para o relógio. "Ayeeyah, graças a todos os deuses que fechamos às três", pensou, e ficou se perguntando, ansiosamente, com a cabeça latejando de dor, como iam poder fechar as portas

com tanta gente irritada espremida diante das caixas, empurrada pelos que se encontravam do lado de fora.

A quantia da caderneta de poupança era trezentos e vinte e três HK e quarenta e dois centavos. Cumprindo as instruções do Sr. Sung para ir com calma e ser meticulosa, caminhou até os arquivos, tentando fazer ouvidos moucos à corrente de obscenidades impacientes e resmungos que escutava há horas. Certificou-se de que a quantia estava correta, depois olhou de novo para o relógio e voltou para o seu banquinho alto, para destrancar e abrir a gaveta de dinheiro. Não havia dinheiro o bastante na sua caixa. Por isso, trancou de novo a gaveta e foi para o gabinete do gerente. Uma corrente oculta de ódio percorreu o povo que esperava. Ela era uma mulher baixa e desajeitada. Foi seguida por vários pares de olhos, que logo se desviaram para o relógio, depois retornaram para ela.

A moça bateu à porta do gerente e a fechou atrás de si.

— Não posso pagar à Velha Ah Tam — disse, desalentada. — Tenho apenas cem HK. Já protelei o quanto pude...

O gerente Sung enxugou o suor do lábio superior.

— São quase três horas. Portanto, que ela seja a sua última cliente, srta. Cho.

Conduziu-a por uma porta lateral até o cofre-forte. A porta do cofre era pesadíssima. Ela soltou uma exclamação abafada ao ver as prateleiras vazias. Nessa altura do dia, geralmente, as prateleiras estavam cheias de pilhas certinhas de notas e tubinhos de papel cheios de moedas, as notas presas em grupos de centenas, milhares e dezenas de milhares. Separar o dinheiro depois que o banco fechava era a tarefa de que ela mais gostava, além da de tocar nos maços sensuais de notas estalando de tão novas.

— Ah, mas que coisa terrível, Honorável Sung! — falou, quase chorando, os grossos óculos embaçados, o penteado desfeito.

— É só temporário, só temporário, srta. Cho. Lembre-se do que o Honorável Haply escreveu no Guardian de hoje! — Esvaziou a última prateleira, apanhando suas reservas finais, amaldiçoando o carregamento que ainda não havia chegado. — Tome.

Deu-lhe quinze mil para exhibir, mandou que assinasse o recibo, e levou mais quinze mil para cada um dos outros caixas. Agora, o cofre-forte estava vazio.

Quando ele apareceu na sala principal, houve um silêncio repentino, elétrico, excitante, à visão da quantia aparentemente grande de dinheiro vivo.

Entregou o dinheiro aos outros dois caixas, depois sumiu de novo dentro do gabinete.

A srta. Cho empilhava o dinheiro meticulosamente na gaveta, todos os olhos fitos nela e nos outros caixas. Deixou uma das pilhas de mil sobre a mesa. Rasgou o selo e contou metodicamente trezentos e vinte, mais três notas de um e os trocados. Recontou-os e passou-os para o outro lado do balcão. A velha enfiou tudo dentro de um saco de papel, e o seguinte da fila veio bruscamente para a frente e enfiou sua caderneta de poupança na cara da srta. Cho.

— Tome, por todos os deuses. Quero sete mil... Naquele momento, soou o gongo das três horas, e o Sr. Sung apareceu instantaneamente e falou, em voz muito alta:

— Lamento, temos que fechar agora. Todos os caixas, cerrem suas...

O resto das suas palavras foi abafado pelo vozerio raivoso.

— Por todos os deuses, estou esperando desde o alvorecer...

— Dew neh loh moh, mas faz oito horas que estou aqui...

— Ayeeyah, paguem-me, vocês têm o bastante...

— Oh, por favor, por favor, por favor... Normalmente, o banco teria cerrado as portas e atendido aos clientes que já estavam lá dentro, mas, desta feita, obedientemente, os três caixas assustados trancaram as gavetas no meio do tumulto, colocaram o cartaz de fechado e se afastaram das mãos estendidas.

Repentinamente, a multidão dentro do banco virou uma turba.

Os que estavam na frente foram espremidos contra o balcão, enquanto outros lutavam para entrar no banco. Uma moça berrou, ao ser jogada com força contra o balcão. Mãos se estenderam para as grades, que eram mais um elemento de decoração do que de proteção. Agora, todos estavam enfurecidos; Um velho marujo, que era o seguinte da fila, tentou se esticar para abrir à força a gaveta do dinheiro. A velha amah ficou imprensada na massa fervilhante de cem ou mais pessoas, e lutou para se afastar, o dinheiro agarrado com firmeza nas mãos esqueléticas. Uma moça perdeu o equilíbrio e foi pisoteada. Tentou levantar-se, mas o monte de pernas não deixava. Portanto, desesperada, mordeu uma das pernas, e conseguiu espaço suficiente para se levantar, as meias desfiadas, cheong-sam rasgado, tomada de pânico, agora. O pânico dela atijou ainda mais a turba, depois alguém gritou:

— Matem o filho da puta sem mãe... — e logo todos repetiram: — Matemmmmmmm!

Houve uma fração de segundo de hesitação. Depois, como se fossem uma só pessoa, lançaram-se à frente.

— Parem!

A palavra irrompeu na atmosfera em inglês, depois em haklo, depois em cantonense, novamente em inglês.

Fez-se um silêncio vasto e repentino.

O inspetor-chefe fardado apareceu diante deles, calmo e desarmado, um megafone elétrico nas mãos. Viera pela porta dos fundos. Estivera numa sala interna, e agora os fitava.

— São três horas — disse suavemente, em haklo. — A lei diz que os bancos fecham às três horas. Este banco está fechado. Por favor, voltem para casa. Calmamente!

Outro silêncio, desta feita mais irado, depois o começo de uma violenta agitação, quando um homem resmungou, aborrecido:

— E quanto à porra do meu dinheiro...

Outros quase chegaram a repetir-lhe as palavras, mas o policial moveu-se rápido, muito rapidamente, na direção exata do homem, ergueu destemidamente o tampo do balcão e partiu para cima dele, metendo-se no meio da turba. A turba recuou.

— Amanhã — disse o policial, gentilmente, superando-o, e muito, em altura. — Receberá todo o seu dinheiro amanhã.

O homem baixou os olhos, odiando os olhos frios e azuis de peixe e a proximidade do demônio estrangeiro. Aborrecido, deu um passo para trás.

O policial olhou para o resto deles, para dentro dos seus olhos.

— Você, aí no fundo — ordenou, selecionando o homem instantaneamente, com cuidado infalível, a voz autoritária, mas com a mesma confiança tranqüila. — Vire-se e deixe os outros passarem.

Obedientemente, o homem fez o que lhe tinha sido ordenado. A turba voltou a ser multidão. Uma hesitação momentânea, depois outro homem se virou e começou a abrir caminho em direção à porta.

— Dew neh loh moh, não tenho o dia inteiro, ande logo — falou, com azedume.

Todos começaram a sair, resmungando, furiosos... mas individualmente, não como uma turba. Sung e os caixas enxugaram a testa suada, depois sentaram-se, trêmulos, por trás da segurança do balcão.

O inspetor-chefe ajudou a velha amah a se levantar. Havia uma gota de sangue no canto de sua boca.

— Está bem, Velha Senhora? — indagou em haklo. Ela o fitou, sem compreender. Ele repetiu a pergunta em cantonense.

— Ah, sim, sim — replicou em voz rouca, ainda agarrando o saco de papel firmemente junto ao peito. — Obrigada, Honrado Senhor.

Meteu-se no meio do povo e sumiu. A sala ficou vazia. O inglês saiu para a calçada após o último cliente e ficou parado diante da porta, assobiando desafinadamente, observando enquanto sumiam de vista.

— Sargento!

— Sim, senhor.

— Pode dispensar os homens, agora. Mande um destacamento para cá amanhã às nove horas. Instale barreiras e deixe os sacanas entrarem no banco apenas de três em três. Você e mais quatro homens serão mais do que o suficiente.

— Sim, senhor. — O sargento bateu continência. O inspetor-chefe voltou a entrar no banco. Trancou a porta da frente e sorriu para o gerente Sung. — Uma tarde bastante úmida, não é? — disse em inglês, para prestigiar Sung; todos os chineses instruídos em Hong Kong orgulhavam-se de falar o idioma internacional.

— Sim, senhor — replicou Sung, nervosamente. Normalmente, apreciava e admirava imensamente aquele inspetor-chefe. Mas aquela fora a primeira vez que vira com os próprios olhos um quai loh com mau-olhado, desafiando uma turba, sozinho como um deus malévolos de pé diante dela, desafiando-a a se mexer, para dar-lhe a oportunidade de cuspir fogo e enxofre. Sung estremeceu de novo.

— Obrigado, inspetor-chefe.

— Vamos para o seu escritório, para eu tomar uma declaração sua.

— Sim, por favor. — Sung empertigou-se diante do seu pessoal, reassumindo o comando. — Todos vocês, acertem os livros e arrumem as coisas.

Foi na frente, conduzindo o inglês, sentou-se e abriu um amplo sorriso.

— Chá, inspetor-chefe?

— Não, obrigado. — O inspetor-chefe Donald C. C. Smyth media cerca de um metro e setenta e oito, era forte, tinha os olhos azuis, cabelos louros e um rosto bronzeado, de pele esticada. Pegou um maço de papéis e colocou-os sobre a mesa. — Estas são as contas dos meus homens. Amanhã, às nove, o senhor encerrará as contas deles e lhes pagará. Virão pela porta dos fundos.

— Ora, claro. Sentir-me-ei honrado. Mas ficarei desmoralizado se tantas contas valiosas me deixarem. O banco está tão firme quanto estava ontem, inspetor-chefe.

— Claro. Nesse meio tempo, amanhã, às nove. Dinheiro vivo, por favor. — Entregou-lhe mais alguns papéis. E quatro cadernetas de poupança. — Aceitarei um cheque administrativo por todos esses. Agora.

— Mas, inspetor-chefe, hoje foi um dia extraordinário. Não há problema com o Ho-Pak. Certamente o senhor poderia...

— Agora. — Smyth sorriu docemente. — Os talões de retirada já estão todos assinados e prontos.

Sung olhou para eles. Todos eram nomes chineses que ele sabia serem representantes de representantes daquele homem cujo apelido era Cobra. As contas totalizavam quase oitocentos e cinqüenta mil HK. "E isso é só nesta agência", pensou, impressionadíssimo com a sagacidade do Cobra. "E quanto ao Victoria, e ao Blacs, e a todas as outras agências em Aberdeen?"

— Pois bem — falou, cansado. — Mas lamento muito ver tantas contas deixarem o banco.

Smyth sorriu de novo.

— O Ho-Pak inteiro ainda não está quebrado, não é mesmo?

— Oh, não, inspetor-chefe — exclamou Sung, chocado. — Temos um ativo publicado no valor de um bilhão de HK e reservas em dinheiro de muitas dezenas de milhões. É só esse pessoal simplório, um problema temporário de confiança. Leu a coluna do Sr. Haply, no Guardian?

— Li.

— Ah. — O rosto de Sung ficou sombrio. — Boatos maliciosos espalhados por tai-pans invejosos, e outros bancos! Se Haply alega isso, naturalmente é verdade.

— Naturalmente! Bem, estou um pouco atarefado, esta tarde.

— Sim, é claro. Vou fazê-los imediatamente. Ah! li no jornal que pegou um daqueles malvados Lobisomens.

— Temos um suspeito de uma tríade, Sr. Sung, só um suspeito.

Sung estremeceu.

— Demônios! Mas o senhor pegará todos eles... demônios, enviando uma orelha! Devem ser estrangeiros. Aposto que são estrangeiros, pode crer. Pronto, senhor, já preenchi os cheques...

Bateram à porta. Um cabo entrou e bateu continência.

— Com licença, senhor, há um carro blindado lá fora. Diz que é da matriz do Ho-Pak.

— Ayeeyah — falou Sung, muitíssimo aliviado —, e já não é sem tempo. Prometeram a entrega às duas. É mais dinheiro.

— Quanto? — quis saber Smyth.

— Meio milhão — informou o cabo, prontamente, entregando o manifesto de carga. Era um homem baixo e vivo, de olhos alegres.

— Ótimo — falou Smyth. — Bem, Sr. Sung, isso aliviará a pressão de cima do senhor, não é?

— É, é, sim. — Sung viu que os dois homens o fitavam e falou imediata e expansivamente. — Se não fosse pelo senhor, e os seus homens... Com sua permissão, gostaria de ligar agora para o Sr. Richard Kwang. Estou certo de que ele se sentirá honrado, como eu, em dar uma modesta contribuição ao seu fundo de caridade da polícia, em sinal de agradecimento.

— É muita gentileza, mas não é necessário, Sr. Sung.

— Mas ficarei desprestigiadíssimo se o senhor não aceitar, inspetor-chefe.

— O senhor é muito gentil — disse Smyth, sabendo que, na realidade, sem sua presença dentro do banco, e a dos seus homens do lado de fora, Sung, os caixas e muitos outros estariam mortos. — Obrigado, mas não é necessário.

Aceitou os cheques administrativos e foi embora.

O Sr. Sung insistiu com o cabo, que, finalmente, mandou buscar o seu superior. O sargento comissionado Mok também declinou da oferta.

— Vinte mil vezes — declarou.

Mas o Sr. Sung não desistia. Sabiamente. E Richard Kwang ficou igualmente encantado e honrado em aprovar o presente não

solicitado. Vinte mil HK. Em dinheiro vivo.

— Com os profundos agradecimentos do banco, sargento comissionado Mok.

— Obrigado, Honorável Gerente Sung — falou Mok, cortesmente, botando o dinheiro no bolso, satisfeito por pertencer à divisão do Cobra, e totalmente impressionado, pois vinte mil era o preço justo de mercado que o Cobra considerara que valia o trabalho daquela tarde. — Espero que o seu grande banco se mantenha solvente, e que vença essa tormenta com a sua esperteza habitual. Amanhã tudo correrá ordeiramente, é claro. Estaremos aqui às nove da manhã em ponto para receber o nosso dinheiro.

A velha amah ainda estava sentada na amurada do porto, recuperando o fôlego. As costelas lhe doíam, mas, afinal, sempre doíam, pensou, cansada. Era joss. Seu nome era Ah Tam, e estava começando a se levantar quando um jovem se acercou dela e falou:

— Sente-se, Velha Senhora, quero lhe falar. — Era baixo e atarracado, tinha vinte e um anos, e o rosto marcado de cicatrizes de varíola. — O que tem nesse saco?

— Como? Que saco?

— O saco de papel que mantém grudado aos seus trapos fedorentos.

— Este? Nada, Honrado Senhor. São só minhas pobres compras que...

Ele sentou-se no banco, ao lado dela, aproximou-se mais e sibilou:

— Cale-se, Bruxa Velha! Vi você sair da porra do banco. Quanto tem aí?

A velha agarrou-se desesperadamente ao saco de papel, os olhos fechados de terror, e falou, com voz ofegante:

— São todas as minhas economias, Hon... Ele arrancou o saco das mãos dela e o abriu.

— Ayeeyah! — As notas eram velhas, e ele as contou. — Trezentos e vinte e três dólares! — exclamou, desdenhosamente. — Você é amah de quem... de um mendigo? Não foi muito esperta, nessa vida.

— Ah, sim, tem toda a razão, senhor! — replicou, os olhinhos pretos agora fitos nele.

— O meu h'eung yan é de vinte por cento — falou, começando a contar as notas.

— Mas, Honrado Senhor — disse ela, agora choramingando —, vinte por cento é alto demais. Mas eu me sentiria honrada se aceitasse cinco, com os agradecimentos de uma pobre velha.

— Quinze.

— Seis!

— Dez, e é a minha oferta final. Não posso ficar aqui o dia todo!

— Mas, senhor, é um homem moço e forte, evidentemente um 489. Os fortes devem proteger os velhos e fracos.

— É verdade, é verdade. — Ele pensou por um momento, querendo ser justo. — Está certo, sete por cento.

— Oh, como é generoso, senhor! Obrigada, obrigada.

Toda contente, ela o viu contar vinte e dois dólares, depois enfiar a mão nos bolsos do jeans e contar sessenta e um cents.

— Tome.

Devolveu à velha os trocados e o resto do seu dinheiro.

Ela lhe agradeceu efusivamente, radiante com a pechincha que fizera. "Por todos os deuses", pensou, radiante, "sete por cento, ao invés de, bem, pelo menos quinze seria justo".

— Também tem dinheiro no Ho-Pak, Honrado Senhor?

— indagou, cortesmente.

— Claro — disse o jovem, com ar de importância, como se fosse verdade. — A minha irmandade tem uma conta lá há anos. Temos... — dobrou a quantia que primeiro veio à sua cabeça — temos mais de vinte e cinco mil só nessa agência.

— Eeee! — exclamou a velha. — Ser rico desse jeito! No momento em que botei os olhos em cima de você, soube que era da 14K... e certamente um Honorável 489.

— Sou mais do que isso — falou o jovem, prontamente, cheio de orgulho e bravata. — Sou... — Mas se deteve, lembrando-se das recomendações do seu líder para ser cauteloso, e deixou de dizer: "Sou Kin Sop-ming, Kin Bexiguento, e sou um dos famosos Lobisomens, e somos em número de quatro".

— Vá andando, Velha Senhora — falou, cansando-se dela. — Tenho coisas mais importantes a fazer do que papear com você.

Ela se levantou e fez uma reverência, e então seus olhos se detiveram no homem que estivera na fila, à sua frente. Era cantonense como ela. Era um comerciante rechonchudo que ela conhecia, dono de uma barraca de aves num dos fervilhantes mercados de Aberdeen.

— Sim — falou com voz rouca —, mas se quer outro freguês, estou vendo um que é moleza. Estava na fila, na minha frente. Retirou mais de oito mil dólares.

— É, onde? Onde está ele? — indagou o jovem, imediatamente.

— Por uma comissão de quinze por «cento?

— De sete... e fim de papo, sete!

— Está bem, sete. Ali, olhe lá! — sussurrou. — O gordo, redondo como um mandarim, de camisa branca... aquele que está suando como se acabasse de curtir o Nuvens e Chuva!

— Estou vendo.

O jovem levantou-se e caminhou rapidamente para interceptar o homem. Apanhou-o na esquina. O homem parou, petrificado, barganhou por algum tempo, pagou dezesseis por cento e se mandou, bendizendo a sua argúcia. O jovem voltou para junto dela.

— Tome, Velha Senhora — falou. — O sacana tinha oito mil cento e sessenta e dois dólares; dezesseis por cento dá...

— Dá mil trezentos e cinco dólares e noventa e dois cents, e os meus sete por cento são noventa e um dólares e quarenta e um cents — replicou ela, prontamente.

Ele pagou-lhe a quantia exata, e ela concordou em voltar no dia seguinte para lhe servir de olheira.

— Como se chama? — perguntou ele.

— Ah Su, senhor — replicou, dando-lhe um nome falso. — E o senhor?

— Mo Wu-fang — disse, usando o nome de um amigo.

— Até amanhã — disse ela, satisfeita. Agradecendo-lhe mais uma vez, lá se foi, radiante com o lucro do dia.

O lucro dele também fora bom. Agora, tinha mais de três mil no bolso, e pela manhã tinha apenas o suficiente para a passagem de ônibus. E fora tudo um golpe de pura sorte, pois viera de Glessing's Point para Aberdeen apenas para enviar outra nota de resgate pelo Chen da Casa Nobre.

— É por medida de segurança — dissera-lhe o pai, o líder deles. — Para lançar um rastro falso para a porra da polícia.

— Mas isso não nos trará dinheiro — ele respondeu, aborrecido, dirigindo-se ao pai e aos outros. — Como vamos apresentar o sacana do filho, se já está morto e enterrado? Você pagaria sem alguma prova de que ele estava vivo? Claro que não! Foi um erro bater-lhe com a pá.

— Mas o cara estava tentando fugir! — disse o irmão.

— É verdade, Irmão Mais Moço. Mas o primeiro golpe não o matou, apenas entortou-lhe um pouquinho a cabeça. Você devia ter parado por ali.

— E teria parado, mas os maus espíritos entraram dentro de mim, por isso bati nele de novo. Só bati nele quatro vezes! Eeee, mas esses grã-finos têm os crânios moles!

— É, tem razão — disse o pai. Era baixo e careca, com muitos dentes de ouro, e chamava-se Kin Careca. — Dew neh loh moh, mas já está feito, portanto não resolve nada ficar lembrando. Foi azar. A culpa foi dele, por tentar fugir! Já viu a primeira edição do Times?

— Não... ainda não, Pai — replicara.

— Deixe que eu leia para você: "O chefe de polícia disse hoje que prenderam um tríade que suspeitam seja um dos Lobisomens, a perigosa quadrilha de criminosos que seqüestrou John Chen. As autoridades esperam resolver o caso a qualquer momento".

Todos riram, ele, o irmão mais moço, o pai e o último membro, seu grande amigo Chen Vincado — Pun Po Chen —, pois sabiam que era tudo mentira. Nenhum deles era tríade ou tinha ligações com as tríades, e nenhum jamais fora preso por qualquer crime, anteriormente, embora houvessem formado sua própria irmandade, e o pai costumasse dirigir, de tempos em tempos, um pequeno sindicato de jogo em North Point. Fora o pai que propusera o primeiro seqüestro. "Eeee, que esperteza!", pensou, recordando. E quando John Chen, infelizmente, buscara a própria morte ao tentar fugir, estupidamente, o pai também sugerira que lhe cortassem a orelha e a enviassem à família.

— Transformaremos o azar dele na nossa boa sorte. "Matar um para aterrorizar dez mil!" O envio da orelha aterrorizará Hong Kong inteira e nos tornará famosos e ricos!

"É", pensou, sentado ao sol em Aberdeen. "Mas ainda não ganhamos riqueza alguma." Por isso, naquela manhã, ele dissera ao pai:

— Não me incomodo de ir longe para botar a carta no correio, pai. É sensato, e é o que Humphrey Bogart ordenaria. Mas ainda não acho que isso nos traga qualquer recompensa.

— Fique quieto e escute! Tenho um novo plano digno do próprio Al Capone. Esperamos alguns dias. Depois, ligamos para o Chen da Casa Nobre. Se não recebermos o dinheiro imediatamente, seqüestramos o próprio Phillip Chen! O Grande Pão-Duro Chen em pessoa!

Todos o fitaram, assombrados.

— É, e acham que ele não vai pagar rapidinho, depois de ver a orelha do filho? Claro que lhe diremos que era a orelha do filho... quem sabe até possamos desenterrar o corpo e mostrar para ele, heya?

Kin Bexiguento sorriu de orelha a orelha, lembrando-se de como todos haviam rido. Ah, como haviam rido, segurando a barriga, quase rolando no chão do seu apartamento de cortiço.

— Bem, vamos aos negócios. Chen Vincado, precisamos dos seus conselhos de novo.

Chen Vincado era um primo afastado de John Chen, e trabalhava para ele como gerente de uma das múltiplas companhias Chen.

— Sua informação sobre o filho foi perfeita. Quem sabe não poderá nos fornecer também os movimentos do pai?

— Claro, Honrado Líder, é fácil — disse Chen Vincado. — É um homem metódico... e muito assustadiço. E sua tai-tai também... ayeeyah, aquela piranha hipócrita sabe muito bem o quanto ele vale! Pagará rapidinho para tê-lo de volta. É, estou certo de que ele agora estará muito disposto a cooperar. Mas teremos que pedir o dobro do que queremos, porque ele é um negociador de mão cheia. Trabalho para a porra da Casa de Chen desde que me entendo por gente. Portanto, conheço bem o quanto ele é pão-duro.

— Excelente. Agora, por todos os deuses, como e quando deveremos seqüestrar o Chen da Casa Nobre em pessoa?

20

16h01m

Sir Dunstan Barre foi conduzido ao escritório de Richard Kwang com a deferência a que achava que tinha direito. O Edifício Ho-Pak era pequeno e despretensioso, numa transversal, a Ice House Street, na zona central, e o escritório era como a maioria dos escritórios chineses: pequeno, atravancado e modesto, um lugar de trabalho, não de ostentação. Na maioria das vezes, duas ou três pessoas dividindo um único escritório, dirigindo dali dois ou três negócios separados, partilhando o mesmo telefone e a mesma secretária. E por que não?, diria um homem sensato. Um terço das despesas gerais significa mais lucro pela mesma quantidade de mão-de-obra.

Mas Richard Kwang não compartilhava o seu escritório. Sabia que aquilo não agradava aos seus clientes quai loh... e os poucos que tinha eram importantes para o banco e para ele próprio, pelo prestígio e pelos benefícios suplementares muito ambicionados que podiam trazer. Como a possível e, ah, tão importante eleição para membro com direito a voto do super-fechado Turf Club, ou o título de sócio do Hong Kong Golf Club ou do Cricket Club... ou até mesmo para o Clube... ou qualquer outro dos clubes menores, mas igualmente exclusivos, que eram firmemente controlados pelos tai-pans britânicos das grandes hongos, onde todos os negócios que realmente contavam aconteciam.

— Alô, Dunstan — cumprimentou, afavelmente. — Como vão indo as coisas?

— Bem. E com você?

— Muito bem. Meu cavalo fez um grande treino, hoje de manhã.

— É. Eu estive no prado, hoje.

— Ah, não o vi!

— Só dei uma passadinha de um ou dois minutos. Meu capão está com uma ponta de febre... talvez não possa correr no sábado. Mas Butterscotch Lass estava voando, hoje de manhã.

— Quase quebrou o recorde da pista. Vai ser dura na queda, no sábado!

Barre deu uma risadinha abafada.

— Falo com você pouco antes da hora da corrida, e você poderá me dar as dicas, então! Nunca se pode confiar em treinadores e jóqueis, não é?... os seus, os meus, ou os de qualquer outra pessoa!

Bateram papo, com naturalidade, e depois Barre chegou aonde queria.

Richard Kwang tentou disfarçar o seu choque.

— Fechar todas as contas da sua companhia?

— É, meu velho. Hoje. Lamento muito, e coisa e tal, mas a minha diretoria acha que no momento é a atitude sensata a tomar, até vocês supera...

— Mas vocês pensam mesmo que estamos em dificuldades?
— Richard Kwang riu. — Não leu o artigo do Haply no Guardian? "...mentiras maliciosas difundidas por certos tai-pans e um certo grande banco..."

— Ah, sim, li. Mais baboseiras dele, diria eu. Ridículo! Espalhar boatos? Por que alguém agiria assim? Conversei tanto com Paul Havergill quanto com Southerby hoje de manhã, e eles disseram que é bom Haply se cuidar, dessa vez, pois, se insinuar que são eles, vão processá-lo por difamação. Aquele rapaz merece uma boa surra! Bem... mas eu gostaria de um cheque administrativo, agora... lamento, mas sabe como são as diretorias.

— Sim, claro que sei. — Richard Kwang manteve o sorriso na face, mas intimamente odiava o homem grande e rosado mais do que de costume. Sabia que a diretoria apenas corroborava as decisões de Barre. — Não temos problemas. Somos um banco de um bilhão de dólares. Quanto à agência de Aberdeen, aquilo não passa de uma gatinha supersticiosa.

— É, eu sei. — Barre o observava. — Ouvi dizer que teve alguns problemas na sua agência de Mong Kok, hoje à tarde, também, e em Tsim Sha Tsui... em Sha Tin, nos Novos Territórios, e até mesmo, Deus nos ajude, em Lan Tao.

A ilha de Lan Tao ficava uns dez quilômetros a leste de Hong Kong, a maior ilha do arquipélago de quase trezentas ilhas que formavam a colônia... mas quase sem população, porque não tinha água.

— Alguns clientes sacaram suas economias — declarou Richard Kwang, com escárnio. — Não há problemas.

Mas havia problemas. Ele sabia, e temia que todos soubessem. A princípio, fora apenas em Aberdeen. Depois, durante o dia, os outros gerentes começaram a ligar para ele, com ansiedade crescente. Ele tinha dezoito agências espalhadas por toda a colônia. Em quatro delas, as retiradas foram pesadas e fora do comum. Em Mong Kok, uma colméia agitada dentro da cidade fervilhante de Kowloon, formara-se uma fila no começo da tarde. Todos queriam o seu dinheiro, integralmente. Não se comparava às proporções assustadoras de Aberdeen, mas fora o suficiente para demonstrar nitidamente uma queda de confiança. Richard Kwang compreendia que as aldeias marítimas logo soubessem dos saques de Wu Quatro Dedos e se apressassem a segui-lo... mas e quanto a Mong Kok? Por que ali? E por que Lan Tao? Por que em Tsim Sha Tsui, sua agência mais rendosa, que ficava quase ao lado do movimentado Terminal da Balsa Dourada, por onde cento e cinquenta mil pessoas passavam diariamente, indo e vindo de Hong Kong?

Devia ser uma conspiração!

"Será que meu inimigo e arquirival Ching Sorridente está por detrás disso? Será que são aqueles sacanas, aqueles sacanas invejosos do Blacs ou do Victoria?"

"Será o Tubo Fino de Bosta Havergill o cérebro do ataque? Ou será Compton Southerby, do Blacs? Ele sempre me odiou. Esses quai loh nojentos! Mas por que me atacar? Claro que sou muito melhor banqueiro do que eles, e que eles me invejam, mas lido com gente

civilizada e mal lhes faço concorrência. Por quê? Ou será que, de alguma forma, transpirou que, contra os meus conselhos, superando as minhas objeções, meus sócios que controlam o banco têm insistido em que eu peça emprestado a curto prazo e com juros baixos, e empreste a longo prazo e com juros altos, em transações com bens imóveis, e agora, graças à estupidez deles, estamos em dificuldades temporárias e não podemos cobrir uma corrida ao banco?"

Richard Kwang tinha vontade de gritar, berrar, arrancar os cabelos. Seus sócios secretos eram Lando Mata e Tung Pão-Duro, os maiores acionistas do sindicato de jogo e ouro de Macau, além de Mo Contrabandista. Todos o tinham ajudado a formar e financiar o Ho-Pak, há dez anos.

— Leu as previsões do Velho Cego Tung essa manhã? — perguntou, o sorriso ainda grudado no rosto.

— Não. O que foi que disse?

Richard Kwang apanhou o jornal e passou-o para o outro.

"Todos os presságios indicam que estamos prontos para uma alta repentina. O 8 da sorte está nos céus, em toda parte, e estamos no oitavo mês, meu aniversário é no dia 8 do oitavo mês..."

Barre leu a coluna. Apesar de sua descrença em videntes, estava na Ásia há tempo demais para ignorá-los totalmente. Seu coração bateu mais depressa. O Velho Cego Tung tinha uma bela reputação em Hong Kong.

— Se a gente for acreditar nele, estamos à beira da maior alta na história do mundo — falou.

— Geralmente ele é bem mais cauteloso. Ayeeyah, seria bom, heya?

— Melhor do que bom. Enquanto isso, Richard, meu velho, vamos acertando as nossas contas, está bem?

— Certamente. É tudo um tufão dentro de uma concha de ostra, Dunstan. Estamos mais fortes do que nunca... nossas ações mal caíram um ponto. — Quando a Bolsa abriu, tinha havido uma massa de pequenas ofertas de venda, que, se não sofressem uma pronta reação, teriam feito suas ações baixarem loucamente. Richard Kwang havia ordenado instantaneamente aos seus corretores para comprar e continuar comprando. Isso estabilizara as ações. Durante o dia, para manter a posição, tivera que comprar quase cinco milhões de ações, um número absurdo para ser negociado num só dia. Nenhum dos seus peritos soube precisar quem estava vendendo alto. Não havia motivo para falta de confiança, exceto pelos saques de Wu Quatro Dedos. Que todos os deuses amaldiçoassem aquele velho demônio e o sacana do seu sobrinho metido a sabido, ex-estudante de Harvard! — Por que não dei...

O telefone tocou.

— Com licença — disse. Depois, secamente, ao aparelho:

— Falei que não queria interrupções!

— É o Sr. Haply, do Guardian, disse que é importante

— falou sua secretária e sobrinha, Mary Yok. — E a secretária do tai-pan ligou. A reunião de diretoria da Nelson Trading foi antecipada para hoje, às cinco da tarde. O Sr. Mata telefonou avisando que também vai comparecer a ela.

O coração de Richard Kwang falhou três batidas. "Por quê?", perguntou-se, estupefato. "Dew neh loh moh, ela devia ser adiada para a semana que vem. Oh ko, por quê?" Afastou da cabeça rapidamente a pergunta para considerar Haply. Concluiu que atender agora, na frente de Barre, era perigoso demais.

— Ligo para ele daqui a alguns minutos. — Sorriu para o homem de rosto vermelho, à sua frente. — Deixe tudo como está por um dia ou dois, Dunstan, não estamos com problemas.

— Não posso, meu velho, desculpe. Houve uma reunião especial, tenho que resolver hoje. A diretoria insistiu.

— Temos sido generosos, no passado... vocês têm quarenta milhões do nosso dinheiro não garantido, agora... vamos investir

mais setenta milhões junto com vocês, no seu' novo programa de construções.

— É verdade, Richard, e seu lucro será substancial. Mas isso é outra história, e aqueles empréstimos foram negociados em boa fé faz meses, e serão pagos em boa fé quando chegar a hora do vencimento. Nunca falhamos num pagamento ao Ho-Pak, ou a outro qualquer. — Barre devolveu o jornal e, junto com ele, documentos assinados e carimbados com o selo da companhia. — As contas são consolidadas, portanto um cheque será o bastante.

A quantia passava um pouco de nove milhões e meio.

Richard Kwang assinou o cheque administrativo e acompanhou Sir Dunstan Barre até a porta, sorrindo; depois, quando era seguro, xingou todo mundo à vista, e voltou para o seu escritório, batendo com força a porta atrás de si. Chutou a mesa, depois pegou o telefone e berrou para a sobrinha que completasse a ligação para Haply, e quase quebrou o aparelho ao repô-lo no gancho.

— Dew neh loh moh para todos os quai loh nojentos — berrou para o teto, e depois sentiu-se muito melhor. "Esse bolo de carne de cachorro! Será que... ah, será que posso pedir ao Cobra

para impedir a formação de filas, amanhã? Talvez ele e seus homens pudessem quebrar alguns braços."

Sombriamente, Richard Kwang deixou o pensamento vagar. Fora uma merda de dia. Já começara mal no prado. Tinha certeza de que seu treinador (ou o jóquei) estava dando estimulantes a Butterscotch Lass para fazê-la correr mais depressa, para torná-la a favorita... depois, no sábado, cortariam os estimulantes, apostariam num azarão e ganhariam uma nota, sem que ele participasse dos lucros. "Ossos de cão sujos, todos eles! Mentirosos! Acham que sou dono de um cavalo de corrida para perder dinheiro?"

O banqueiro escarrou e cuspiu na escarradeira.

"Barre boca de verme, e Tio Wu osso de cachorro! As retiradas deles acabarão com a maioria do meu dinheiro. Não faz mal. Com Lando Mata, Mo Contrabandista, Tung Pão-Duro e o tai-pan, estou bem seguro. Ah, terei que gritar, berrar, xingar e chorar, mas nada pode realmente tocar-me, ou ao Ho-Pak. Sou importante demais para eles."

É, fora uma merda de dia. O único ponto alto fora o seu encontro matinal com Casey. Curtira olhar para ela, curtira seu jeito americano de vida ao ar livre, cheiroso, vivo, elegante. Haviam

esgrimido agradavelmente sobre financiamento, e estava certo de que poderia conseguir todos, ou pelos menos parte dos seus investimentos. Era evidente que os lucros seriam imensos. "Ela é tão ingênua", pensou. "Seu conhecimento de finanças e operações bancárias é impressionante, mas não conhece coisa alguma do mundo asiático! É tão ingênua, falando abertamente dos planos deles. Graças a todos os deuses pelos americanos!"

— Adoro os Estados Unidos, srta. Casey. É. Duas vezes por ano vou até lá, para comer bons bifés e ir a Las Vegas... e para tratar de negócios, é claro.

"Eeee", pensou, satisfeito, "as prostitutas do País Dourado são as quai loh melhores e mais disponíveis do mundo, e as quai loh são tão baratas, comparadas às garotas de Hong Kong! Oh, oh, oh! Sinto-me tão bem indo para a cama com elas, com suas grandes axilas desodorizadas, suas grandes mamas, coxas e bundas! Mas, em Las Vegas, é que há as melhores. Lembra a beldade de cabelos dourados, tão mais alta que você, mas que deitada..."

Seu telefone particular tocou. Atendeu, irritado como sempre por ter tido que instalá-lo. Mas não tivera escolha. Quando sua secretária anterior, que o servira durante muitos anos, saíra para se casar, a mulher dele colocara a sobrinha favorita no lugar dela. "Claro que para me espionar", pensou, com azedume. "Eeee, o que pode um homem fazer?"

— Sim? — perguntou, imaginando o que a mulher queria, agora.

— Você não ligou para mim o dia todo... Há horas que estou esperando!

Seu coração deu um salto, ao som inesperado da voz da garota. Ignorou a petulância dela, seu cantonense doce como o seu Portão de Jade.

— Ouça, Tesourinho — falou, apaziguadoramente. — Seu pobre Pai esteve muito ocupado hoje. Tive...

— Você não quer mais a sua pobre Filha. Vou ter que me jogar na baía, ou achar outra pessoa para cuidar de mim, oh, oh, oh...

A pressão sangüínea dele subiu ao escutar o som das lágrimas da moça.

— Escute, sua bajuladorazinha, vejo você logo mais às dez horas. Vamos comer um banquete de oito pratos em Wan-chai, no meu restau...

— Dez horas é muito tarde, e não quero nenhum banquete, quero um bife e quero ir para a cobertura do Victoria e tomar champanha!

O espírito dele gemeu à idéia do perigo de ser visto e delatado secretamente para a sua tai-tai. Oh, oh, oh! Mas perante os amigos e inimigos e toda a Hong Kong ele ficaria prestigiadíssimo por levar ao Victoria a sua nova amante, a jovem e exótica estrela que subia no firmamento da TV, Vênus Poon.

— Apanho você às dez...

— Dez é muito tarde. Nove.

Rapidamente, tentou escalonar todas as suas reuniões para aquela noite, para ver como poderia encaixá-la. — Escute, Tesourinho, vou ver...

— Dez é muito tarde. Nove. Acho que vou morrer, já que você não gosta mais de mim.

— Ouça. O seu Pai tem três reuniões, e ach...

— Ah, minha cabeça dói só de pensar que você não me quer mais, oh, oh, oh. Esta pessoa abjeta terá que cortar os pulsos ou... — Ele notou a alteração na voz dela, e seu estômago se revirou com a ameaça. — Ou atender aos telefonemas de outros, inferiores ao amado Pai, é claro, mais igualmente ricos em...

— Está certo, Tesourinho. Às nove!

— Ah, você me ama, não é? — Embora estivesse falando em cantonense, Vênus Poon usou a palavra inglesa, e o coração dele deu uma cambalhota. O inglês era o idioma do amor para os chineses modernos. Não havia palavras românticas na língua deles. — Diga! — ordenou, imperiosamente. — Diga que me ama!

Ele lhe disse, abjetamente, depois desligou. "Piranha safadinha", pensou com irritação. "Mas, afinal, aos dezenove anos, ela tem o direito de ser exigente, petulante e difícil, pois você está com quase sessenta, e ela o faz se sentir como se tivesse vinte, e torna feliz o Yang Imperial. Eeee, mas Vênus Poon é a melhor que já possuí. Eeee, e tem músculos na sua Ravina Dourada iguais aos que descreveu o lendário imperador Kung!"

Sentiu o seu yang se excitar, e coçou-o, satisfeito. "Vou aprontar com aquela garota hoje", pensou. "Vou comprar um dispositivo especialmente grande, ah, sim, um anel cheio de sinos. Oh, oh, oh. Como ela vai se contorcer!"

"É, mas nesse meio tempo, trate de pensar em amanhã. Como preparar-se para amanhã?"

"Ligue para o seu amigo Grande Dragão, sargento comissionado Tang-po, em Tsim Sha Tsui, e peça sua ajuda para que

a agência dele e todas as agências de Kowloon sejam bem policiadas. Ligue para o Blacs e para o Primo Tung, do enorme Tung Po Bank, e para o Primo Ching Sorridente e Havergill, para pedir dinheiro, dando como garantia os títulos e propriedades do Ho-Pak. Ah, sim, e telefone para o seu grande amigo, Joe Jacobson, vice-presidente do Chicago Federal and International Merchant Bank — o banco dele tem um ativo de quatro bilhões, e ele lhe deve muitos favores. Muitos. Existem muitos quai loh que têm dívidas profundas para com você, e gente civilizada. Ligue para todos!

Abruptamente, Richard Kwang acordou dos seus devaneios ao se lembrar do chamado do tai-pan. Sua alma se contorceu. Os depósitos da Nelson Trading em barra e espécie eram imensos. "Oh ko, se a Nel..."

O telefone tocou, irritantemente.

— Tio, o Sr. Haply está ao aparelho.

— Alô, Sr. Haply, que prazer falar com o senhor! Desculpe por não tê-lo atendido antes.

— Tudo bem, Sr. Kwang. Só queria verificar um ou dois fatos, se puder. Primeiro, o levante em Aberdeen. A polícia fo...

— Não se pode falar em levante, Sr. Haply. Algumas pessoas ruidosas e impacientes, só isso — falou, desprezando o sotaque canadense-americano de Haply, e a necessidade de ser cortês.

— Estou olhando para umas fotos neste momento, Sr. Kwang, as que foram publicadas no Times desta tarde... para mim parece um levante.

O banqueiro se retorceu na cadeira e lutou para manter a voz calma.

— Ah... bem, eu não estava lá... Terei que conversar com o Sr. Sung.

— Já o fiz, Sr. Kwang. Às três e meia. Passei meia hora com ele, que me contou que, se não fosse pela polícia, o povo teria

destruído o banco. — Ligeira hesitação. — O senhor está certo, tentando minimizar a coisa. Mas, escute, estou tentando ajudar e não posso, sem os fatos. Portanto, seja sincero comigo... Quantas pessoas sacaram em Lan Tao?

— Dezoito — disse Richard Kwang, cortando o número pela metade.

— O nosso homem falou em trinta e seis, e oitenta e duas em Sha Tin. E quanto a Mong Kok?

— Um punhado.

— Meu informante falou em quarenta e oito, e que havia uma fila de mais de cem na hora do encerramento. E quanto a Tsim Sha Tsui?

— Ainda não estou com o número nas mãos, Sr. Haply — retrucou Richard Kwang suavemente, consumido de ansiedade, odiando aquele interrogatório em stacatto.

— Todas as edições vespertinas estão fervendo com acorrida ao Ho-Pak. Alguns jornais estão até empregando a palavra.

— Ohko...

— É isso aí. Acho melhor o senhor se preparar para um dia quente amanhã, Sr. Kwang. Diria que sua oposição está muito bem organizada. Tudo está se encaixando bem demais para ser uma simples coincidência.

— Agradeço de verdade o seu interesse. — A seguir, Richard Kwang perguntou, delicadamente: — Se houver algo que eu possa fazer...

Novamente a risada irritante.

— Algum dos seus grandes depositantes já sacou tudo, hoje?

Richard Kwang hesitou uma fração de segundo, e ouviu Haply aproveitar rapidamente a brecha:

— Claro que já sei sobre Wu Quatro Dedos. Estou me referindo às grandes hongts britânicas.

— Não, Sr. Haply, ainda não.

— Corre um forte boato de que as Fazendas de Hong Kong e Lan Tao vão mudar de banco.

Richard Kwang sentiu uma pontada no seu Saco Secreto.

— Vamos torcer para que não seja verdade, Sr. Haply. Quem são os tai-pans e os grandes bancos? É o Victoria ou o Blacs?

— Talvez seja chinês. Lamento, mas não posso divulgar uma fonte de informações. Mas é melhor o senhor se organizar... está na cara que os grandalhões estão atrás do senhor.

21

16h25m

— Eles não dormem juntos, tai-pan — disse Claudia Chen.

— Hem? — falou Dunross, levantando os olhos distraidamente da pilha de papéis que estava folheando.

— Não. Pelo menos ontem não dormiram.

— Quem?

— Bartlett e a sua Cirrannoushee. Dunross parou de trabalhar.

— É?

— É. Quartos separados, camas separadas, café da manhã juntos na sala principal, os dois arrumadinhos, vestindo robes modestos, o que é interessante, já que nenhum deles veste nada para dormir.

— Verdade?

— Não, pelo menos ontem não vestiram.

Dunross abriu um sorriso, e ela ficou contente porque sua fofoca o deixara satisfeito. Era o seu primeiro sorriso real do dia. Desde que ela chegara, às oito, ele estivera trabalhando como um alucinado, saindo às pressas para reuniões, voltando novamente às pressas: a polícia, Phillip Chen, o governador, duas vezes para o banco, uma vez para a cobertura, para encontrar-se com alguém que ela ignorava. Nem tivera tempo para almoçar, e o porteiro lhe contara que o tai-pan chegara ao alvorecer.

Hoje ela vira o peso sobre o seu espírito, o peso que mais cedo ou mais tarde vergava todos os tai-pans... e às vezes os quebrava. Vira o pai de Ian ir se consumindo com as imensas perdas de navios durante a guerra, a perda catastrófica de Hong Kong, dos filhos e sobrinhos... azar em cima de azar. Fora a perda do continente chinês que finalmente o destroçara. Ela vira como Suez derrubara Alastair Struan, como esse tai-pan nunca se recuperara daquele desastre, e como azar se empilhara sobre azar, para ele, até que a corrida para a venda de suas ações, organizada por Gornt, o destroçara.

"Deve ser uma tensão terrível", pensou. "Toda a nossa gente com quem se preocupar, e a nossa Casa, todos os nossos inimigos, todas as inesperadas catástrofes da natureza e do homem, que parecem estar onipresentes... e todos os pecados, piratarias e diabruras do passado que estão esperando para saltar de dentro da nossa própria caixa de Pandora, o que acontece de vez em quando. É uma pena que os tai-pans não sejam chineses", pensou. "Então os pecados do passado seriam bem mais leves."

— O que lhe dá tanta certeza, Claudia?

— Nenhuma roupa de dormir, para nenhum dos dois... pijamas ou coisinhas transparentes.

Abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Como sabe?

— Por favor, tai-pan, não posso revelar as minhas fontes!

— O que mais sabe?

— Ah! — exclamou, depois mudou serenamente de assunto.
— A reunião de diretoria da Nelson Trading é daqui a meia hora. O

senhor queria que eu lhe lembrasse. Pode me dar alguns minutos antes dela?

— Sim. Daqui a um quarto de hora. Agora — disse ele, com um tom resolutivo na voz, que ela conhecia muito bem. — O que mais você sabe?

Ela soltou um suspiro, depois consultou seu bloquinho com ar de importância.

— Ela nunca se casou. Oh, muitos pretendentes, mas nenhum durou, tai-pan. Na verdade, segundo os boatos, nenhum jamais...

Dunross ergueu alto as sobrancelhas.

— Está querendo dizer que ela é virgem?

— Disso não temos certeza... sabemos apenas que não tem a reputação de ficar fora até tarde, ou de passar a noite na companhia de cavalheiros. Não. O único cavalheiro com quem sai socialmente é o Sr. Bartlett, e mesmo assim, não com muita frequência. Exceto em viagens de negócios. Ele, a propósito, tai-pan, é um belo de um paquerador, foi o termo usado. Nada de uma só moça, mas...

— Usado por quem?

— Ah! O Sr. Bonitão Bartlett não tem uma garota especial, tai-pan. Nada firme, como dizem. Divorciou-se em 1956, no mesmo ano em que a sua Cirrrannnoussehe entrou na firma dele.

— Ela não é a minha Ciranoush — disse ele.

Claudia abriu um sorriso mais amplo.

— Está com vinte e seis anos, e é sagitariana.

— Você arranhou alguém para roubar o passaporte dela... ou para dar uma espiada nele?

— Pela madrugada! Não, tai-pan. — Claudia fingiu estar chocada. — Não espiono as pessoas. Só faço perguntas. Mas aposto cem que ela e o Sr. Bartlett foram amantes, numa época ou noutra.

— Essa aposta não vale, eu ficaria atônito se não fossem. Ele está apaixonado por ela, sem dúvida... e ela por ele. Viu como dançavam juntos. Isso não é aposta que se faça.

As ruguinhas à volta dos olhos dela se aprofundaram.

— Quanto me dá de vantagem se eu apostar que nunca foram amantes?

— Hem? O que você está sabendo?— perguntou, desconfiado.

— Quanto me dá, tai-pan?

Ele a observou, atento, depois disse:

— Mil contra... não, dou dez contra um.

— Feito! Cem. Obrigada, tai-pan. Agora, quanto à Nels...

— Onde arranhou toda essa informação, hem?

Ela extraiu um telex do meio dos papéis que carregava. O resto, colocou na bandeja de entrada de expediente, na mesa dele.

— O senhor mandou um telex para o nosso pessoal em Nova York, anteontem, pedindo que arranjasse informações sobre ela, e verificassem o dossiê de Bartlett. Isto acaba de chegar.

Ele tomou o telex das mãos dela, e correu os olhos pelo papel. Lia muito rapidamente, e tinha uma memória quase fotográfica. O telex dava as informações que Claudia relatara, em termos simples, sem a interpretação floreada dela, e acrescentava que K. C. Tcholak não tinha ficha na polícia, tinha quarenta e seis mil dólares numa caderneta de poupança no Banco de Poupança e Empréstimos de San Fernando, e oito mil e setecentos dólares na sua conta corrente no Los Angeles and Califórnia Bank.

— É chocante a facilidade com que nos Estados Unidos se descobre quanto uma pessoa tem num banco, não é, Claudia?

— Chocante. Jamais me utilizaria de um, tai-pan. Ele deu um largo sorriso.

— Exceto para pedir um empréstimo! Claudia, basta me dar o telex, da próxima vez.

— Sim, tai-pan. Mas meu jeito de contar certas coisas não é mais excitante?

— É. Mas onde é que fala aí em nudez? Foi você que inventou!

— Ah, não, isso eu soube da minha própria fonte, aqui. A Terceira Camareira...

Claudia se deteve, mas era tarde demais, e já caíra na armadilha.

O sorriso dele era angelical.

— Ora vejam só! Uma espiã no Victoria! Uma Terceira Camareira! Quem? Qual delas, Claudia?

Para não desmoralizá-lo, ela fingiu estar aborrecida.

— Ayeeyah! Uma espiã-chefe não pode revelar nada, heya?
— O sorriso dela era bondoso. — Eis aqui uma lista dos seus telefonemas. Adiei o máximo que pude para amanhã... avisarei o senhor na hora da reunião.

Ele fez que sim com a cabeça, mas ela viu que o sorriso dele havia desaparecido, e estava de novo imerso em seus pensamentos. Ela saiu, e ele nem ouviu a porta se fechar. Estava pensando em espiões-chefes, Alan Medford Grant e sua reunião com Brian Kwok e Roger Crosse, pela manhã, às dez horas, e a reunião que teria às dezoito horas.

A reunião matinal fora curta, brusca e tempestuosa.

— Primeiro, alguma novidade sobre Alan Medford Grant? — indagara.

Roger Crosse respondera imediatamente:

— Aparentemente, foi mesmo um acidente. Nenhuma marca suspeita no corpo dele, ninguém foi visto nas proximidades, não havia marcas de carros, marcas de impacto ou de derrapagem... exceto as da motocicleta. Agora, Ian, quanto às pastas... oh, a propósito, sabemos agora que você tem as únicas cópias existentes.

— Lamento, mas não posso fazer o que me pedem.

— Por quê?

Havia uma nota de azedume na voz do policial.

— Ainda não estou admitindo ou negando que elas existam, mas...

— Ora, pela madrugada, Ian, não seja ridículo! Claro que as cópias existem. Acha que somos idiotas? Se elas não existissem, você teria dito logo ontem à noite, sem rodeios. Aconselho-o severamente a nos deixar copiá-las.

— E eu o aconselho severamente a controlar mais o seu mau gênio.

— Se acha que me descontrolei, Ian, então sabe muito pouco a meu respeito. Estou lhe pedindo, formalmente, que apresente esses documentos. Se recusar, usarei dos poderes que me concede a Lei dos Segredos Oficiais, às seis horas de hoje à tarde, e tai-pan ou não, da Casa Nobre ou não, amigo ou não, às seis e um você será preso, incomunicável, e nós revistaremos todos os seus documentos, cofres, caixas de depósito bancário, até encontrá-las! Agora, queira ter a gentileza de nos entregar as pastas!

Dunross lembrou-se do rosto esticado e dos olhos gelados a fitá-lo, do seu amigo verdadeiro Brian Kwok em estado de choque.

— Não.

Crosse soltara um suspiro. A ameaça contida naquele som fizera com que um arrepio o percorresse.

— Pela última vez, por quê?

— Porque, nas mãos erradas, acho que seriam prejudiciais à Sua Majes...

— Santo Deus, sou o chefe do Serviço Especial de Informações!

— Eu sei.

— Então queira fazer a gentileza de atender o meu pedido.

— Lamento. Passei a maior parte da noite tentando descobrir uma maneira segura de da...

Roger Crosse se pusera de pé.

— Voltarei logo mais, às seis horas, para buscar as pastas. Não as queime, Ian. Eu saberei se você tentar, e você será impedido. Seis horas.

Na noite anterior, enquanto a casa dormia, Dunross fora ao seu escritório e releu os relatórios. Ao relê-los agora, sabendo da morte de Alan, do seu possível assassinato, do envolvimento da MI-5 e da MI-6, provavelmente do KGB, da ansiedade espantosa de Crosse, imaginando que talvez parte daquele material não estivesse ainda à disposição do serviço secreto, pensando na possibilidade de que muitas das coisas que ele achava exageradas demais talvez não o fossem... agora todos os relatórios ganhavam uma nova importância. Alguns deles o deixaram alucinado.

Entregar os relatórios era arriscado demais. Guardá-los, agora, era impossível.

Na quietude da noite, Dunross pensara em destruí-los. Finalmente, concluiu que era seu dever não fazê-lo. Por um momento, pensou em deixá-los abertamente sobre a sua mesa, as portas envidraçadas escancaradas dando para a escuridão do terraço, e ir para a cama dormir. Se Crosse estava tão preocupado

com os papéis, então ele e seus homens o estariam vigiando. Trancá-los no cofre não era seguro. Já haviam mexido no cofre uma vez, mexeriam de novo. Nenhum cofre era à prova de um ataque profissional completo e organizado.

Lá, na escuridão, os pés para o alto, confortavelmente, sentira a excitação borbulhando, o calor magnífico, intoxicante, gostoso do perigo a cercá-lo, perigo físico. De inimigos próximos. De estar por um fio, entre a vida e o vácuo. A única coisa que atrapalhava o seu prazer era saber que a Struan estava sendo atraída por gente de dentro, a mesma pergunta sempre a remoê-lo: o espião da Sevrin era o mesmo que entregara os segredos deles para Bartlett? Um dos sete? Alastair, Phillip, Andrew, Jacques, Linbar, David MacStruan, em Toronto, ou o pai dele. Impossível acreditar que fosse qualquer um deles.

Sua mente examinara cada um. Clinicamente, sem paixão. Todos tinham oportunidade, todos o mesmo motivo: inveja e ódio, nos mais variados graus. Mas nenhum deles venderia a Casa Nobre a um estranho. Nem um só deles. No entanto, um deles o tinha feito.

Quem?

As horas se passaram.

Quem? Sevrin. O que fazer com as pastas? Alan fora mesmo assassinado? Quanta coisa existente nos relatórios era verdade?

Quem?

A noite agora estava fresca, e o terraço o atraía. Caminhou sob as estrelas. A brisa e a noite lhe deram boas-vindas. Sempre adorara a noite. Voando sozinho acima das nuvens, à noite, era tão melhor do que de dia, as estrelas tão próximas, os olhos sempre atentos ao bombardeiro ou ao caça inimigo, o polegar a postos no gatilho... Ah, como a vida era simples, então. Matar ou ser morto.

Ficou parado ali, por certo tempo. Depois, descansado, voltou, trancou as pastas no cofre e ficou sentado na grande poltrona que dava para as portas envidraçadas, atento, matutando nas suas opções, escolhendo. Depois, satisfeito, cochilou cerca de uma hora, e acordou, como de costume, pouco antes da aurora.

Seu quarto de vestir dava para o escritório, que ficava ao lado do dormitório principal. Vestira-se informalmente e saíra. A estrada estava desimpedida. Abateu dezesseis segundos do seu recorde. Na cobertura da Struan, tomara banho, barbeara-se e vestira um terno de tropical. Depois dirigira-se ao seu gabinete, no andar inferior. O dia estava muito úmido, e o céu tinha uma aparência curiosa. "Uma tempestade tropical está a caminho", pensara. "Talvez tenhamos sorte e ela não passe por nós, como todas as outras, e traga chuva." Afastou-se das janelas e concentrou-se em dirigir a Casa Nobre.

Tinha que enfrentar uma pilha de telex chegados durante a noite, sobre todo tipo de negociações e empreendimentos, problemas e oportunidades comerciais em toda a colônia, e no exterior. De todos os pontos da bússola. Tão ao norte quanto o Yukon, onde a Struan tinha uma joint venture de prospecção de petróleo, junto com a gigantesca companhia canadense de madeira e mineração, a McLean-Woodley. Cingapura, Malásia, e tão ao sul quanto a Tasmânia, para frutas e minerais a serem transportados para o Japão. A oeste, para a Inglaterra, a leste, para Nova York, os tentáculos da nova Casa Nobre internacional com que Dunross sonhara estavam começando a se estender, ainda fracos, ainda especulativos e sem o sustento que ele sabia ser vital para o seu crescimento.

"Não importa. Logo serão fortes. A transação com a Par-Con fortalecerá nossa teia, Hong Kong será o centro da terra, e nós, o núcleo do centro. Graças a Deus pelo telex e pelos telefones."

— O Sr. Bartlett, por favor.

— Alô?

— Ian Dunross, bom dia. Desculpe incomodá-lo tão cedo. Poderíamos adiar o nosso encontro para as dezoito e trinta?

— Claro. Algum problema?

— Não. Só negócios. Estou com muita coisa acumulada.

— Alguma notícia de John Chen?

— Não, ainda não. Lamento. Avisarei a você logo que houver. Dê lembranças a Casey.

— Darei. Foi uma festa e tanto a de ontem à noite! Sua filha é uma graça!

— Obrigado. Chegarei ao hotel às dezoito e trinta. Naturalmente, Casey está convidada. Até logo mais, então.

Ah, Casey!, pensou.

Casey e Bartlett. Casey e Gornt. Gornt e Wu Quatro Dedos.

Naquele dia cedinho soubera notícias do encontro de Gornt com Wu Quatro Dedos, pelo último. Uma corrente de prazer correu pelo seu corpo ao saber que seu inimigo quase morrera. A Peak Road não era lugar para se perder os freios, pensou.

"Uma pena que o filho da mãe não tenha morrido. Isso me pouparia muita angústia." A seguir, deixou Gornt de lado e pensou de novo em Wu Quatro Dedos.

Juntando o inglês errado do velho marujo e o seu haklo, os dois conseguiam conversar direitinho. Wu lhe contara tudo o que pudera. O comentário de Gornt, aconselhando Wu a sacar seu dinheiro, era surpreendente. E motivo de preocupação. Aquilo, e o artigo de Haply.

"Será que o sacana do Gornt sabe de alguma coisa que não sei?"

Fora até o banco.

— Paul, o que está havendo?

— Com quê?

— Com o Ho-Pak.

— Oh, a corrida? Muito má para a nossa imagem bancária, tenho que admitir. Pobre Richard! Temos quase certeza de que ele tem todas as reservas de que precisa para superar essa crise, mas não sabemos direito a extensão dos seus compromissos. Claro que liguei para ele no momento em que li o artigo ridículo de Haply. Devo dizer-lhe, Ian, que também liguei para Christian Toxe e lhe disse, sem rodeios, que ele devia controlar os seus repórteres, e que era melhor ele cessar e desistir, senão ia ver.

— Contaram-me que havia uma fila no Tsim Sha Tsui.

— É? Dessa não sabia. Vou verificar. Mesmo assim, é certo que os bancos Ching Prosperity e Lo Fat o ajudarão. Meu Deus, ele fez do Ho-Pak uma importante instituição bancária. Se falisse, sabe lá Deus o que aconteceria. Nós mesmos tivemos algumas retiradas em Aberdeen. Não, Ian, vamos torcer para que tudo passe logo. Mudando de assunto, acha que vamos ter chuva? Está estranho, hoje, não é? O noticiário informou que pode estar chegando uma tempestade. Acha que vai chover?

— Não sei. Vamos torcer para que chova. Mas não no sábado!

— Meu Deus, isso mesmo! Se os páreos forem cancelados por causa da chuva, será terrível. Isso não pode acontecer. Oh, a propósito, Ian, a festa de ontem foi linda. Gostei de conhecer Bartlett e a namorada. Como vão indo as suas negociações com Bartlett?

— MUITÍSSIMO BEM! Ouça, Paul...

Dunross sorriu consigo mesmo, lembrando-se de como baixara o tom de voz, mesmo estando no escritório de Havergill... O referido escritório, que tinha uma vista que abrangia todo o distrito central, era forrado de livros, e à prova de som.

— Fechei meu negócio. São dois anos, inicialmente. Assinamos os papéis dentro de sete dias. Eles vão entrar com vinte milhões em dinheiro em cada um dos anos, e os anos seguintes poderão ser negociados.

— Parabéns, meu caro. Meus calorosos parabéns! E o pagamento à vista?

— Sete.

— Que maravilha! Isso cobre tudo, direitinho. Vai ser uma maravilha afastar o espectro da Toda do balanço... e com mais um milhão para o Orlin, bem, quem sabe lhe darão mais tempo, depois? Finalmente, você poderá esquecer todos os anos ruins e caminhar para um futuro muito rendoso.

— É.

— Já arranjou fretador para seus navios?

— Não. Mas terei os fretadores a tempo de saldar o nosso empréstimo.

— Notei que suas ações subiram dois pontos.

— Está só começando. Vão dobrar de valor, dentro de trinta dias.

— É. O que o faz pensar assim?

— A alta.

— Hem?

— É o que todos os sinais indicam, Paul. O pessoal está confiante. Nossa transação com a Par-Con vai liderar a alta, que já vem com atraso!

— Isso seria uma maravilha! Quando vai fazer a declaração inicial sobre a Par-Con?

— Na sexta, após o encerramento do expediente da Bolsa.

— Excelente. Concordo inteiramente. Quando chegar a segunda-feira, estará todo mundo embarcando nessa!

— Mas vamos manter o assunto em família, até lá.

— Naturalmente. Ah, você soube que Quillan quase morreu, ontem à noite? Depois da sua festa. Os freios dele falharam, na Peak Road.

— É, eu soube. Devia mesmo ter morrido... isso faria as ações da Segunda Grande Companhia subirem como um foguete, de felicidade!

— Pare com isso, Ian. Uma alta repentina, hem? Acha mesmo que vai haver?

— Sim, o bastante para comprar maciçamente. Que tal um milhão de crédito... para comprar ações da Struan?

— Pessoal... ou para a Casa?

— Pessoal.

— Ficaríamos com as ações?

— É claro.

— E se elas baixarem?

— Não baixarão.

— Mas, e se baixarem, Ian?

— O que você sugere?

— Bem, está tudo em família. Portanto acertemos assim: se estiverem dois pontos abaixo do preço do mercado no fechamento de hoje da Bolsa, podemos vender e debitar as perdas na sua conta?

— Três. A Struan vai dobrar de valor.

— Sei. Nesse meio tempo, fiquemos com dois, até você assinar o negócio com a Par-Con. A Casa já ultrapassou bastante o seu crédito. Fiquemos com dois, certo?

— Está bem.

"Estou seguro com dois", pensou Dunross novamente, tranquilizando a si mesmo. "Acho eu."

Antes de sair do banco, passara pela sala de Johnjohn. Bruce Johnjohn, segundo vice-gerente, e futuro herdeiro de Havergill, era um sujeito atarracado e suave, com uma vitalidade de colibri. Dunross lhe contara as mesmas notícias. Johnjohn ficara igualmente satisfeito. Mas aconselhara cautela nos projetos de uma alta e, ao contrário de Havergill, ficara preocupadíssimo com a corrida ao Ho-Pak.

— Não estou gostando nada disso, Ian. Não me está cheirando bem.

— É. E quanto ao artigo de Haply?

— Qual! Tudo uma tolice. Não aprontamos esse tipo de coisa. O Blacs? A mesma bobagem. Por que desejaríamos eliminar um importante banco chinês, mesmo que pudéssemos? O Ching Bank pode ser o culpado. Quem sabe? Talvez o velho Ching Sorridente fosse capaz... há anos que ele e Richard são rivais. Podia ser uma combinação de meia dúzia de bancos, incluindo o Ching. Pode até mesmo ser que os depositantes de Richard estejam realmente assustados. Há uns três meses que ouço todo tipo de boato. Eles

estão atolados em dúzias de negócios imobiliários dúbios. De qualquer modo, se ele afundar, isso nos afetará a todos. Tenha o máximo cuidado, Ian!

— Ficarei contente quando você estiver lá no andar superior, Bruce.

— Não subestime o Paul... é muito esperto, e tem sido excelente para Hong Kong e o banco. Mas tempos difíceis nos esperam na Ásia, Ian. Acho que você está agindo muito sensatamente, tentando diversificar para a América do Sul... é um mercado imenso, ainda não alcançado por nós. Já pensou na África do Sul?

— Como assim?

— Vamos almoçar juntos na semana que vem. Na quarta? Ótimo. Tenho uma idéia para você.

— É? Qual?

— Dá para esperar, amigão. Soube do que aconteceu com o Gornt?

— Soube.

— Incomum para um Rolls, não é?

— É.

— Ele está certíssimo de que pode tirar a Par-Con de você.

— Mas não vai.

— Viu Phillip, hoje?

— Phillip Chen? Não, por quê?

— Por nada.

— Por quê?

— Encontrei-o no prado. Parecia... bem, estava com uma cara horrível, muito perturbado. Ele está reagindo... está reagindo muito mal ao seqüestro de John.

— Você não sentiria o mesmo?

— Sim, sentiria. Mas nunca imaginei que ele e o Filho Número Um fossem tão unidos.

Dunross pensou em Adryon, em Glenna e no filho Duncan, que tinha quinze anos e estava de férias na fazenda de um amigo que criava ovelhas, na Austrália. "O que eu faria se um deles fosse seqüestrado? O que faria se recebesse pelo correio uma orelha mutilada?"

"Ficaria louco.

"Ficaria louco de ódio. Esqueceria tudo o mais e sairia à caça dos seqüestradores, e então, então minha vingança duraria mil anos. Eu..."

Bateram à porta.

— Sim? Oh, alô, Kathy — cumprimentou, feliz como sempre ao ver a irmã mais moça.

— Desculpe interrompê-lo, Ian querido — falou Kathy Gavallan, aos borbotões, da porta da sala —, mas Claudia me disse que você tinha alguns minutos livres antes do próximo compromisso. Posso entrar?

— Claro que pode — disse ele, com uma risada, deixando de lado o memorando em que estava trabalhando.

— Ah, ótimo, obrigada.

Ela fechou a porta e sentou-se na poltrona de espaldar alto que ficava perto da janela.

Ele se espreguiçou para aliviar a dor nas costas e sorriu para ela.

— Ei, gosto do seu chapéu. — Era de palha clara, com uma faixa amarela combinando com o vestido de seda leve. — O que há?

— Estou com esclerose múltipla. Ele a fitou, apalermado.

— O quê?

— Foi o que revelaram os exames. O médico me contou ontem, mas ontem não podia contar a você ou... Hoje ele examinou os testes junto com outro especialista, e não há possibilidade de erro. — A voz dela estava calma, seu rosto calmo, e sentava-se muito ereta na cadeira, mais bonita do que ele jamais a vira. — Precisava contar para alguém. Desculpe ter contado assim, de chofre. Pensei que você poderia me ajudar a fazer um plano, não hoje, mas quando tiver tempo, quem sabe no fim de semana... — Viu a expressão do rosto dele e riu nervosamente. — A coisa não é assim tão ruim. Acho.

Dunross recostou-se na grande poltrona de couro e lutou para pôr sua mente abalada para funcionar.

— Esclerose múl... é barra pesada, não é?

— É, sim. Aparentemente, é uma coisa que ataca o sistema nervoso da gente, e que eles ainda não conseguem curar. Não sabem o que é, ou onde ou como... a gente pega.

— Vamos consultar outros especialistas. Melhor ainda, você vai para a Inglaterra com Penn. Lá haverá especialistas, ou na Europa. Tem que haver alguma forma de cura, Kathy!

— Não há, querido. Mas a Inglaterra é uma boa idéia. Eu... o dr. Tooley disse que gostaria que consultasse um especialista da Harley Street, para fazer o tratamento. Gostaria muito de ir com Penn. A doença ainda não está numa fase muito avançada, e não há com que se preocupar, se eu tomar cuidado.

— Como assim?

— Se eu me cuidar, tomar os remédios que eles mandarem, tirar um cochilo à tarde, para evitar o cansaço, ainda serei capaz de cuidar do Andrew, da casa e das crianças, e jogar um pouco de tênis ou golfe, ocasionalmente. Mas só uma partida, de manhã. Sabe, eles podem deter a moléstia, mas não podem consertar o mal que já está feito. Ele disse que se eu não me cuidar e descansar... o descanso é o mais importante, falou... se eu não descansar, ela vai recomeçar, e cada vez a gente baixa mais um degrau. É. E nunca mais se pode subi-lo de novo. Entendeu, querido?

Ele a fitava, trancando dentro de si a agonia que sentia por ela. O coração dele se retorcia dentro do peito, e ele tinha planos para ela, e pensava: "Oh, Deus, pobre Kathy!"

— Entendi. Bem, graças a Deus que você pode descansar à vontade — falou, mantendo a voz tão calma quanto a dela. — Incomoda-se se eu falar com Tooley?

— Acho que não faz mal. Não há necessidade de ficar alarmado, Ian. Ele disse que eu ficaria bem se me cuidasse, e e eu lhe disse que seria muito obediente, e que quanto a isso não precisava se preocupar.

Kathy se surpreendeu ao notar que sua voz estava calma e que as mãos e os dedos repousavam tranqüilamente em seu colo, sem deixar transparecer o horror que sentia dentro de si. Quase podia sentir os germes, micróbios ou vírus da moléstia infiltrando-se no seu organismo, alimentando-se dos seus nervos, devorando-os muito devagarinho, segundo após segundo, hora após hora, até que houvesse mais formigamento e mais dormência nos dedos das mãos e dos pés, depois nos pulsos, tornozelos e pernas e... "Ah, Deus Todo-Poderoso..."

Pegou um lençinho de papel de dentro da bolsa e enxugou suavemente os lados do nariz e a testa.

— Está um bocado úmido hoje, não é?

— Está. Kathy, por que foi tão repentino?

— Mas não foi, querido. Só que eles não conseguiam diagnosticar o que era. Para isso foi que pediram tantos exames.

A coisa começara com uma leve tontura e dores de cabeça, há uns seis meses. Ela as sentia mais quando estava jogando golfe. Ficava de pé, com a bola à sua frente, firmando-se, mas os olhos ficavam turvos, ela não conseguia focalizá-la, e depois a bola se dividia em duas ou três, depois duas de novo, e não ficava parada. Andrew achara graça, e mandara que fosse ao oculista. Mas não era necessidade de óculos, e aspirina não adiantava, nem comprimidos mais fortes. Então o querido velho Tooley, o eterno médico da família deles, mandara que ela fosse ao Matilda Hospital, no Pico, para exames e mais exames, e exames de cérebro para ver se havia algum tumor, mas eles nada revelaram, assim como todos os demais testes e exames. Apenas a horrível punção na espinha dera uma pista. Outros exames levaram à confirmação. No dia anterior. "Oh,

meu Deus, foi mesmo ontem que me condenaram a uma cadeira de rodas, para acabar virando uma coisa impotente?"

— Já contou ao Andrew?

— Não, querido — respondeu, voltando mais uma vez da beira do abismo. — Ainda não contei a ele. Não pude, ainda não. O pobrezinho do Andrew fica perturbado com tanta facilidade! Vou lhe contar logo mais à noite. Não podia contar a ele antes de contar a você. Tinha que contar primeiro a você. Sempre contávamos tudo primeiro a você, não é? Lechie, Scotty e eu? Você sempre sabia em primeiro lugar...

Estava recordando a época em que eram todos jovens, todas as horas felizes ali em Hong Kong e em Ayr, no Castelo Avisyard, em sua antiga, adorável e espaçosa casa, no topo da colina, em meio ao urzal, com vista para o mar... Natal, Páscoa e as longas férias de verão, ela e Ian... e Lechie, o mais velho, e Scott, o irmão gêmeo dela... dias tão felizes quando o pai não estava presente, todos mortos de medo dele, exceto Ian, que era sempre o porta-voz deles, sempre o seu protetor, que sempre recebia os castigos... dormir sem jantar, escrever quinhentas vezes "Não vou mais discutir. As crianças só devem falar com permissão"... que levava todas as surras e não se queixava. Oh, pobres Lechie e Scotty...

— Oh, Ian — falou, as lágrimas vindo à tona, repentinamente —, que tristeza! — E então sentiu os braços dele à sua volta, sentiu-se finalmente segura, e o pesadelo tornou-se mais suave. Mas sabia que nunca acabaria. Nem agora, nem nunca. Nem seus irmãos voltariam, exceto nos seus sonhos, ou o seu querido Johnny. — Tudo bem, Ian — falou, em meio às lágrimas. — Não choro por mim. Verdade. Estava lembrando de Lechie e Scotty, da nossa casa em Ayr quando éramos pequenos, e do meu Johnny, e senti tanta tristeza, por todos eles...

Lechie fora o primeiro a morrer. Segundo-tenente, Infantaria Ligeira da Escócia. Perdera-se na França, em 1940. Nunca se encontrou resto algum dele. Num minuto estava de pé, ao lado da estrada, no seguinte tinha sumido, o ar cheio da fumaça acre do fogo de barragem que os Panzers nazistas haviam aberto sobre a pequena ponte de pedras que cruzava o riacho no caminho para Dunquerque. Durante o resto da guerra, tinham vivido com a esperança de que Lechie estivesse como prisioneiro de guerra num bom campo de concentração... não num daqueles terríveis. E, depois da guerra, os meses de busca, mas sem ter nunca uma pista, uma testemunha, nem o mais ínfimo sinal, e então eles, a família, e finalmente o pai, consagraram o espírito de Lechie ao repouso.

Scotty tinha dezesseis anos em 39, e fora para o Canadá por medida de segurança, para terminar os estudos, e então, já piloto, no dia em que fez dezoito anos, apesar dos uivos de protesto do pai, ingressara na Força Aérea Canadense, querendo vingar-se pelo que acontecera a Lechie. Recebera as asas prontamente, fora engajado

em um esquadrão de bombardeiros e voltara bem a tempo para o Dia D. Alegrementemente, destruíra muitas cidades, grandes e pequenas, até o dia 14 de fevereiro de 1945. Então, líder de esquadrilha, DFC¹, voltando do supremo holocausto de Dresden, seu Lancaster fora atacado de surpresa por um Messerschmitt, e embora o seu copiloto conseguisse pousar com o avião avariado na Inglaterra, Scotty estava morto no assento esquerdo.

¹ *Distinguished Flying Cross, Medalha de Mérito Aeronáutico.*
(N. da T.)

Kathy comparecera ao enterro, e Ian também... fardado, de licença, vindo de Chungking, onde se ligara à força aérea de Chang Kai-chek, depois que fora abatido e impedido de voar. Ela chorara então no ombro de Ian, chorara por Lechie, chorara por Scotty e chorara pelo seu Johnny. Já era viúva. O capitão-aviador John Selkirk, dfc, outro alegre deus da guerra, inviolado, invencível, explodira nos céus, fora abatido no espaço, os destroços descendo em chamas até o chão.

Johnny não tivera enterro. Não sobrara nada para enterrar. Tal como Lechie. Só veio um telegrama. Um para cada um dos dois.

"Oh, Johnny, meu querido, meu querido, meu querido..."

— Que desperdício terrível, Ian, todos eles. E para quê?

— Não sei, minha pequena Kathy — falou, ainda abraçado a ela. — Não sei. E não sei por que sobrevivi e ele não.

— Ah, mas como estou feliz que tenha sobrevivido! — Ela deu-lhe um breve abraço apertado e se controlou. Deu um jeito de afastar sua tristeza por todos eles. A seguir, enxugou as lágrimas, pegou um espelhinho e se mirou. — Puxa, mas estou um horror! Desculpe.

O banheiro particular dele ficava oculto atrás de uma estante de livros, e ela foi para lá retocar a maquilagem. Quando retornou,

ele ainda olhava pela janela.

— Andrew não está no escritório, no momento, mas logo que ele voltar, falarei com ele — disse Ian.

— Ah, não, querido, essa tarefa é minha. Tenho que cumpri-la. Preciso. É minha obrigação. — Sorriu para ele, e tocou-o. — Amo você, Ian.

— Amo você, Kathy.

22

16h55m

A caixa de papelão que os Lobisomens haviam mandado para Phillip Chen encontrava-se sobre a mesa de Roger Crosse. Ao lado da caixa estavam o bilhete de resgate, o chaveiro, a carteira de motorista, a caneta, até mesmo os pedaços amarfanhados do jornal rasgado que fora usado como envoltório. O saquinho de plástico estava lá, assim como o trapo manchado. Só faltava o seu conteúdo.

Tudo fora etiquetado.

Roger Crosse estava sozinho na sala, e fitava os objetos, fascinado. Pegou um pedaço do jornal. Cada pedaço havia sido cuidadosamente desamassado, a maioria tinha uma etiqueta com a data e o nome do jornal chinês a que pertencia. Ele o virou ao contrário, buscando informações ocultas, uma pista oculta, alguma coisa que houvesse deixado escapar. Não tendo achado nada, recolocou-o direitinho no lugar, e apoiou-se nas mãos, imerso em pensamentos.

O relatório de Alan Medford Grant também estava sobre a mesa, junto do intercomunicador. A sala estava em silêncio completo. Janelas pequenas davam para Wanchai e para parte do porto, na direção de Glessing's Point.

O telefone dele tocou.

— Pronto?

— O Sr. Rosemont, da CIA, e o Sr. Langan, do FBI, senhor.

— Ótimo.

Roger Crosse repôs o fone no gancho. Destrancou a primeira gaveta da sua escrivaninha, colocou com cuidado a pasta de Alan Medford Grant sobre o telex decifrado e trancou-a de novo. A gaveta do meio continha um gravador de excelente qualidade. Examinou-o, e tocou num botão oculto. Silenciosamente, os carretéis começaram a rodar. O intercomunicador sobre a mesa continha um potente microfone. Satisfeito, trancou também essa gaveta. Outro botão oculto na mesa fez correr silenciosamente uma tranca na porta da sala. Levantou-se e foi abrir a porta.

— Alô, pessoal. Vamos entrando, por favor — falou, amavelmente. Fechou a porta às costas dos dois americanos e apertou-lhes as mãos. Sem ser percebido, tocou no botão, e a tranca voltou ao seu lugar, na porta. — Sentem-se. Um chá?

— Não, obrigado — disse o homem da CIA.

— Em que lhes posso ser útil?

Os dois homens carregavam envelopes de papel pardo. Rosemont abriu o dele e tirou de dentro um maço de fotos 20 x 24, dividido em duas partes, presas com cliques.

— Tome — falou, passando-lhe o maço de cima.

Havia diversas fotos de Voranski correndo pelo cais, nas ruas de Kowloon, entrando e saindo de táxis, telefonando, e muitas mais dos seus assassinos chineses. Uma das fotos mostrava os dois chineses saindo da cabine telefônica, com uma visão clara do corpo caído ao fundo.

Somente a disciplina soberba de Crosse impediu-o de demonstrar assombro, depois uma fúria cega.

— Muito boas — falou, gentilmente, colocando-as sobre a mesa e fitando aquelas que Rosemont guardava nas mãos. — E então?

Rosemont e Ed Langan franziram o cenho.

— Vocês também o estavam seguindo?

— Claro — falou Crosse, mentindo com uma sinceridade maravilhosa. — Meu caro rapaz, estamos em Hong Kong. Gostaria muito que vocês nos deixassem fazer o nosso serviço, sem interferir.

— Rog, nós não... queremos interferir, queremos apenas escorá-lo.

— Talvez não precisemos de escoras — retrucou ele, e havia um toque de aspereza em sua voz.

— Claro. — Rosemont apanhou um cigarro e acendeu-o. Era alto e magro, com cabelos grisalhos cortados à escovinha e feições regulares. Tinha as mãos fortes, como todo o resto do corpo, — Sabemos onde os dois assassinos estão escondidos. Achamos que sabemos — continuou. — Um dos nossos acha que os encontrou.

— Quantos homens seus estão vigiando o navio?

— Dez. Nossos homens não notaram nenhum dos seus na cola desse sujeito. O despiste quase nos enganou, também.

— Muito bem bolado — disse Crosse, afavelmente, perguntando-se que despiste seria aquele.

— Nossos homens não chegaram a revistar os bolsos dele... sabemos que deu dois telefonemas da cabine... —

Rosemont notou que os olhos de Crosse se estreitaram de leve. "Curioso", pensou. "Crosse não sabia disso. Se não sabia disso, talvez o pessoal dele também não estivesse na cola do alvo. Talvez esteja mentindo, e o comuna esteve à solta em Hong Kong até ser apunhalado." — Mandamos uma foto dele pelo rádio para os Estados Unidos... logo teremos alguma resposta. Quem era ele?

— Seus documentos diziam Ígor Voranski, marujo de primeira classe, marinha mercante soviética.

— Tem ficha dele, Rog?

— É um pouco estranho vocês virem fazer uma visita juntos, não é? Quero dizer, no cinema sempre nos fazem crer que o FBI e a CIA vivem às turras.

Ed Langan sorriu.

— Claro que vivemos... assim como vocês e a MI-5, como o KGB, o gru e cinquenta outras operações soviéticas. Mas às vezes os nossos casos se cruzam... operamos nos Estados Unidos, Stan, fora, mas ambos somos dedicados à mesma coisa: segurança. Pensamos... estamos perguntando se podemos todos cooperar. Este caso pode ser dos grandes, e nós... Stan e eu estamos um pouco deslocados.

— É isso aí — falou Rosemont, sem acreditar no que dizia.

— Está certo — disse Crosse, necessitando das informações deles. — Mas vocês começam.

Rosemont soltou um suspiro.

— Tá legal, Rog. Há tempos ouvimos um zunzum de que algo vai acontecer em Hong Konk... não sabemos o quê... mas que sem dúvida nenhuma tem conexões nos Estados Unidos. Imagino que a pasta de Alan Medford Grant seja o elo. Veja só: Banastasio... é da Máfia. Figuraço. Narcóticos, a coisa toda. O tal de Bartlett e as armas. Armas...

— Bartlett tem ligação com Banastasio?

— Não temos certeza. Estamos verificando. Temos certeza de que as armas foram embarcadas em Los Angeles, que é a base do avião. Armas! Armas, narcóticos, e nosso interesse crescente no Vietnam. De onde vêm os narcóticos? Do Triângulo Dourado. Vietnam, Laos, e a província de Yun-nan, na China. Agora, nos metemos no Vietnam e...

— É, e estão se metendo numa fria, meu velho... já lhe disse isso umas cinquenta vezes.

— Não somos nós que tomamos as decisões políticas, Rog, igualzinho a você. Tem mais: nosso porta-aviões nuclear está aqui, e o maldito Soviétski Ivánov chega à noite. É conveniente demais. Quem sabe se o vazamento de informações não saiu daqui? Depois, o Ed lhe dá a dica, e pegamos as cartas malucas de Alan, de Londres, e agora há a Sevrin! Quer dizer que o KGB tem gente infiltrada por toda a Ásia, e você tem um inimigo num alto cargo, em algum lugar.

— Isso ainda não foi provado.

— Certo. Mas eu conheço o Alan. Não é nenhuma besta. Se diz que a Sevrin existe e que vocês têm um agente infiltrado, um toupeira, então vocês têm um toupeira. Claro que temos gente inimiga na CIA, também, igualzinho ao KGB. Estou certo de que o Ed tem no FBI...

— Não acredito — interrompeu Ed Langan, vivamente.

— Nosso pessoal é escolhido a dedo, e treinado. Vocês pegam os seus bombeiros vindos de onde vierem.

— Certo — concordou Rosemont. Depois acrescentou para Crosse: — Voltando aos narcóticos. A China Vermelha é a nossa grande inimiga e...

— Está errado de novo, Stanley. A República Popular da China não é a grande inimiga em parte alguma. A Rússia é que é.

— A China é comuna. Os comunas são o inimigo. Bem, seria muita esperteza inundar os Estados Unidos com narcóticos baratos, e a China Vermelha... vá lá, a República Popular da China pode abrir as comportas da represa.

— Mas não o fez. Nosso Departamento de Narcóticos é o melhor da Ásia... nunca apresentou nada para apoiar sua teoria oficial errônea de que os chineses estão por trás do tráfico. Nada. A República Popular da China é tão antidroga quanto todos nós.

— Acredito no que quiser — falou Rosemont. — Rog, tem uma ficha desse agente? É do KGB, não é?

Crosse acendeu um cigarro.

— Voranski esteve aqui no ano passado. Então, disfarçou-se sob o nome de Serguei Kudriov, novamente marujo de primeira classe, novamente do mesmo navio... não tem muita imaginação, não é? — Nenhum dos dois homens sorriu. — O nome verdadeiro dele é major Iúri Bakian, Primeiro Diretório, KGB, Departamento 6.

Rosemont soltou um pesado suspiro. O homem do FBI olhou para ele.

— Então você está certo. Tudo se encaixa.

— Pode ser. — O homem alto pensou por um momento.

— Rog, e quanto aos contatos dele do ano passado?

— Agiu como turista, ficou no Nove Dragões, em Kowloon...

— Isso consta do relatório de Alan. Esse hotel é mencionado — disse Langan.

— É. Há cerca de um ano que está sob vigilância. Não encontramos nada. Bakian (Voranski) fez as coisas comuns que todo turista faz. Mantivemo-lo sob vigilância as vinte e quatro horas do dia. Ficou aqui duas semanas, e então, pouco antes de o navio zarpar, esgueirou-se de volta para ele.

— Namorada?

— Não. Nada sério. Costumava fazer ponto no Cabaré Boa Sorte, em Wanchai. Aparentemente um garanhão, mas não fazia perguntas, e não se encontrou com ninguém fora do comum.

— Alguma vez esteve no Sinclair Towers?

— Não.

— Que pena — falou Langan —, seria bom demais. Tsu-yan tem um apartamento ali, Tsu-yan conhece Banastasio, John Chen conhece Banastasio, e estamos de volta às armas, aos narcóticos, Alan Medford Grant e Sevrin.

— É — concordou Rosemont, e depois acrescentou: — Já encontraram Tsu-yan?

— Não. Ele chegou a Taipé em segurança, depois sumiu.

— Acha que está escondido lá?

— Imagino que sim — respondeu Crosse. Mas, intimamente, acreditava que ele estivesse morto, já eliminado por nacionalistas,

comunistas, mafiosos ou tríades. Seria um agente duplo... ou o demônio supremo de todos os serviços de informação, um agente triplo?

— Vocês o encontrarão... ou nós... ou os rapazes de Formosa.

— Roger, Voranski o conduziu a alguma parte? — indagou Langan.

— Não, a parte alguma, embora estejamos de olho nele há anos. Esteve ligado à Comissão Comercial Soviética em Bangkok, passou algum tempo em Hanói, em Seul, mas, ao que sabemos, nunca exerceu atividades secretas. Certa vez o sacana atrevido chegou a pedir um passaporte britânico, e quase o arranjou. Felizmente o nosso pessoal verifica todos os pedidos, e descobriu falhas no disfarce dele. Lamento que esteja morto... sabe como é difícil identificar os homens maus. Perde-se muito tempo e esforço. — Crosse fez uma pausa e acendeu um cigarro. — Seu posto de major é bem alto, o que sugere algo que não cheira nada bem. Talvez fosse apenas outro dos agentes especiais deles, que recebem ordens para viajar por toda a Ásia, mantendo-se ultra-secretos durante vinte ou trinta anos.

— Os filhos da mãe já tinham o plano do jogo pronto há muito tempo, que descarados! — suspirou Rosemont. — O que vão fazer com o cadáver? Crosse sorriu.

— Mandei um dos meus homens que falam russo ligar para o comandante do navio, Grigóri Suslev. Ele é membro do partido, é claro, mas praticamente inofensivo. Tem uma namorada esporádica num apartamento em Mong Kok... uma garota de cabaré que recebe dele uma mesada modesta e fica às suas ordens quando ele está aqui. Ele vai às corridas, ao teatro, vai jogar em Macau algumas vezes, fala bem inglês. Suslev está sob vigilância. Não quero nenhum dos seus apressadinhos se metendo com um dos nossos inimigos conhecidos.

— Quer dizer que Suslev é habitue por aqui?

— É, há anos que viaja por esses mares, tendo por base Vladivostok... A propósito, é ex-comandante de submarino. Vive aqui pela periferia, geralmente meio tocado.

— Como assim?

— Bêbado, mas não demais. Relaciona-se com alguns dos nossos britânicos "cor-de-rosa", como Sam e Molly Finn.

— Os tais que vivem escrevendo cartas para os jornais?

— É. São mais uns chatos do que propriamente uma ameaça à segurança. Bem, de qualquer modo, seguindo as minhas instruções, meu subordinado que fala russo disse ao comandante Suslev que sentíamos demais, mas que parecia que um de seus marujos sofrerá um ataque cardíaco dentro de uma cabine telefônica, no Terminal da Balsa Dourada. Suslev mostrou-se convenientemente chocado, e muito razoável. "Por acaso", havia no bolso de Voranski um relatório exato, palavra por palavra, da conversa telefônica do assassino. Escrevemo-lo em russo, para demonstrar ainda mais o nosso desprazer. Todos são profissionais, a bordo daquele navio, e sofisticados o bastante para saber que não removemos os agentes deles sem causa e provocação fora de série. Sabem que apenas vigiamos aqueles cuja existência conhecemos, e que, se ficamos realmente irritados, nós o deportamos. — Crosse lançou um olhar para Rosemont, os olhos duros, embora a voz se mantivesse natural. — Achamos que nossos métodos são mais eficazes do que a faca, o garrote, o veneno ou a bala.

O homem da CIA balançou a cabeça.

— Mas quem iria querer matá-lo?

Crosse voltou a olhar para as fotos. Não reconheceu os dois chineses, mas seus rostos eram nítidos, e o corpo ao fundo era uma prova incrível.

— Nós os encontraremos. Sejam quem forem. O que telefonou para a nossa delegacia disse que eram da 14K. Mas falava apenas xangaiense com um dialeto ningpo, portanto não é provável. Talvez fosse alguma espécie de tríade. Poderia ser um Pang Verde. Era certamente um profissional treinado... a faca foi usada à perfeição, com grande precisão... foi assassinado num piscar de olhos, sem emitir um som. Poderia ser um dos seus estagiários da CIA no serviço de informações de Chang Kai-chek. Ou quem sabe da CIA coreana, mais gente treinada por vocês... são anti-soviéticos também, não é? Possivelmente agentes da RPC, mas isso é improvável. Os agentes deles não costumam assassinar quai loh, especialmente aqui em Hong Kong.

Rosemont sacudiu a cabeça, e ignorou a censura. Entregou a Crosse as fotografias restantes, querendo a cooperação do inglês, precisando dela.

— Estas são fotos da casa em que entraram. E o nome da rua. Nosso homem não sabia ler os caracteres, mas traduzido dá "Rua da Primeira Estação, número 14". É um becozinho nojento nos fundos da rodoviária, em North Point.

Crosse começou a examiná-las com igual cuidado. Rosemont olhou para o relógio, depois levantou-se e foi até a única janela que dava para parte do porto.

— Olhem! — exclamou, com orgulho.

Os outros dois foram para junto dele. O grande porta-aviões nuclear acabava de dobrar o North Point, dirigindo-se para o arsenal, no lado de Hong Kong. Estava todo engalanado, todas as bandeiras obrigatórias ao vento, uma multidão de marujos de branco no seu imenso convés, com fileiras bem-arrumadas dos seus ferozes caças a jato. Quase oitenta e quatro mil toneladas. Nada de chaminé, apenas um complexo de ponte vasto e ameaçador, com uma pista angular de trezentos e trinta metros que podia lançar e receber jatos, simultaneamente. O primeiro de uma geração.

— É um navio e tanto — comentou Crosse, com inveja. Era a primeira vez que o colosso entrava em Hong Kong, desde que fora posto em serviço, em 1960. — Bonito — falou, odiando o fato de o navio ser americano, e não britânico. — Qual a sua velocidade máxima?

— Não sei... é segredo, assim como tudo o mais. — Rosemont virou-se para encará-lo. — Não pode mandar aquele maldito navio espião soviético sair daqui do porto?

— Posso, e poderíamos explodi-lo, o que seria uma tolice igual. Stanley, relaxe. Tem que ser um pouco mais civilizado quanto a essas coisas. O reparo desses navios (e alguns deles realmente estão precisando) é uma boa fonte de renda, e de informações, e eles pagam as contas com presteza. Nossos métodos têm sido experimentados e testados, ao longo dos anos. "É", pensava Rosemont, sem rancor, "mas seus métodos não funcionam mais. O Império Britânico não existe mais, os rajás britânicos não existem mais, e agora temos um inimigo diferente, mais esperto, mais durão, um fanático dedicado e totalitário, que não segue as regras de Queensberry, e tem um plano mundial com fundos inesgotáveis. Vocês, britânicos, agora não têm dinheiro, nem força, nem marinha, nem exército, nem aeronáutica, e seu maldito governo está cheio de socialistas e pústulas inimigos, e nós achamos que eles venderam vocês ao bandido. Vocês foram fodidos de dentro para fora, sua segurança já era, de Klaus Fuchs e Philby para baixo. Meu Deus, ganhamos as duas guerras para vocês, pagamos pela maior parte delas, e nas duas vezes vocês esculhambaram com a paz. E se não fosse pelo nosso Comando Aéreo Estratégico, nossos mísseis, nossa força de ataque nuclear, nossa marinha, nosso exército, nossa

aviação, nossos contribuintes, nossa grana, vocês todos estariam mortos ou na porra da Sibéria. Entrementes, quer me agrade ou não, tenho que tratar com você. Precisamos de Hong Kong como janela, e nesse momento precisamos dos seus tiras para tomarem conta do porta-aviões."

— Rog, obrigado pelos homens extras — falou. — Ficamos muito agradecidos.

— Também não íamos querer nenhuma encrenca enquanto ele estiver aqui. Belo navio. Invejo vocês por possuírem-no.

— Seu comandante vai manter o navio e a tripulação sob rédea curta... o pessoal que vier a terra será bem instruído, e advertido, e vamos colaborar cem por cento.

— Darei a vocês uma cópia da lista de bares que sugeri que seus marujos evitassem... alguns são "pontos" conhecidos de comunistas, alguns são freqüentados pelos nossos rapazes do H.M.S. Dart. — Crosse sorriu. — São capazes de puxar uma ou outra briguinha entre si.

— Claro. Rog, este assassinato do Voranski é coincidência demais. Posso mandar um orador de Xangai para ajudar no interrogatório?

— Avisarei se precisarmos de ajuda.

— Pode nos dar agora as cópias dos outros relatórios de Alan para o tai-pan? Aí nós o deixaremos em paz.

Crosse devolveu-lhe o olhar, retorcendo-se por dentro, embora estivesse preparado para o pedido.

— Precisurei da aprovação de Whitehall. Rosemont ficou surpreso.

— Nosso homem-chefe na Inglaterra já esteve com o seu

Grande Pai Branco, e a coisa foi aprovada. Você já devia ter recebido a notícia faz uma hora.

— É?

— Claro. Pombas, não tínhamos a menor idéia de que Alan estava na folha de pagamento do tai-pan, e ainda mais que Ihe estava passando informações sigilosas! Os fios de comunicação têm estado em brasa desde que Ed recebeu a cópia principal das últimas vontades e testamento de Alan. Recebemos ordens expressas de Washington para arranjar cópias dos outros relatórios, e estamos tentando localizar a chamada para a Suíça, mas...

— Como disse?

— O telefonema de Kiernan. O segundo que deu.

— Não estou entendendo. Rosemont explicou. Crosse franziu o cenho.

— Meu pessoal não me falou nele. Nem Dunross. Ora, por que Dunross mentiria... ou evitaria me contar isso? — Relatou aos outros exatamente o que Dunross lhe dissera. — Não havia motivo para ele ocultar isso, havia?

— Não. Bem, Rog: o tai-pan é legal? Crosse riu.

— Se está querendo saber se ele é um flibusteiro monarquista britânico cem por cento, fiel à sua Casa, a si mesmo e à rainha... não necessariamente nessa ordem... a resposta é um enfático sim.

— Então, Rog, se puder nos dar as nossas cópias agora, já vamos andando.

— Quando eu tiver a aprovação de Whitehall.

— Ligue para a sua sala de decifrar códigos... é uma Prioridade I-4a. Diz para você nos entregar as cópias ao receber a mensagem.

As I-4a eram muito raras. Exigiam liberação e ação imediatas.

Crosse hesitou, querendo evitar a armadilha em que se encontrava. Não ousava dizer-lhe que ainda não estava de posse dos relatórios de Alan. Pegou no telefone e discou.

— Aqui fala o Sr. Crosse. Alguma coisa para mim da Fonte? Uma I-4a?

— Não, senhor, exceto aquela que já lhe enviamos faz uma hora, cujo talão de recebimento o senhor assinou — respondeu a mulher do sei.

— Obrigado — Crosse desligou. — Nada, ainda — falou.

— Merda — resmungou Rosemont, e depois acrescentou: — Juraram que já a tinham enviado, e que estaria nas suas mãos quando chegássemos aqui. Vai chegar a qualquer segundo. Esperaremos, se não se importar.

— Tenho um encontro na Central daqui a pouquinho. Quem sabe logo mais à noite?

Os dois homens sacudiram a cabeça. Langan falou:

— Vamos esperar. Ordenaram-nos que os enviássemos de volta, imediatamente, por mensageiro, com uma guarda vinte quatro horas por dia. Um avião-transporte do exército deve chegar agora em Kai Tak, para levar o mensageiro: não podemos nem copiar os relatórios aqui.

— Não estão exagerando?

— Isso é você quem pode responder. O que há neles? Crosse brincava com o isqueiro, onde estavam gravadas as palavras "Universidade de Cambridge". Possuía-o desde antes de se formar.

— É verdade o que Alan Medford Grant disse sobre a CIA e a Máfia?

Rosemont devolveu-lhe o olhar.

— Não sei. Vocês utilizaram todo tipo de vigaristas durante a Segunda Guerra Mundial. Aprendemos com vocês a tirar vantagem do que tivéssemos... essa era a sua primeira regra. Além disso — acrescentou Rosemont, cheio de convicção —, esta guerra é nossa, e vamos ganhá-la, não importa como.

— É, é, sim, temos que ganhar — ecoou Langan, igualmente convencido. — Porque, se a perdermos, o mundo inteiro irá pro bebeléu, e jamais teremos nova chance.

Na ponte envidraçada do Soviétski Ivâttov, três homens observavam com binóculos o porta-aviões nuclear. Um dos homens era civil, e usava um microfone ligado a um gravador. Estava fazendo um relatório técnico, pericial, sobre o que via. De quando em vez, os outros dois acrescentavam um comentário. Ambos usavam um

uniforme naval claro. Um deles era o comandante Grigóri Suslev, o outro, seu imediato.

O porta-aviões vinha entrando direitinho no porto, com rebocadores a postos, mas sem cordas de rebocadores. Barcas, balsas e cargueiros apitavam as boas-vindas. Uma banda de fuzileiros tocava no tombadilho de popa. Marujos de branco acenavam para navios que passavam. O dia estava muito úmido, e o sol da tarde projetava longas sombras.

— O comandante é um cobra — comentou o imediato.

— É. Mas com todos aqueles radares, até uma criança poderia manejá-lo — replicou o comandante Suslev. Era um homem de ombros fortes, barbudo, os olhos eslavos castanhos e fundos, num rosto amistoso. — Aquelas varredeiras no topo dos mastros me parecem as novas ge para radar de longuíssimo alcance. São, Vassíli?

O perito técnico interrompeu momentaneamente a sua transmissão.

— Sim, camarada comandante. Mas, olhe para a popa! Há quatro interceptadores F5 estacionados no convés de pista direito.

Suslev soltou um assobio mudo.

— Não deviam estar em uso senão no ano que vem.

— Não — concordou o civil.

— Relate isso em separado logo que ele ataque. Somente essa notícia já valeu a nossa viagem.

Suslev apurou o foco do binóculo, enquanto o navio virava ligeiramente. Dava para ver as prateleiras de bombas dos aviões.

— Quantos F5 mais carregará no bojo, e quantas ogivas atômicas para eles?

Todos observaram o porta-aviões, por um momento.

— Talvez dessa vez tenhamos sorte, camarada comandante
— disse o imediato.

— Espero que sim. Desse modo, a morte de Voranski não terá saído tão cara.

— Os americanos são idiotas em trazê-lo para cá... não sabem que todos os agentes na Ásia serão tentados por ele?

— Sorte nossa que sejam. Torna o nosso serviço bem mais fácil.

Mais uma vez, Suslev concentrou-se nos F5, que pareciam vespões-soldados entre outros vespões.

À sua volta, a ponte estava lotada de equipamento de vigilância avançadíssimo. Um radar varria o porto. Um marujo de cabelos grisalhos, impassível, fitava a tela, o porta-aviões representado por um blip alto e nítido, que se destacava dos demais.

O binóculo de Suslev moveu-se para o ominoso complexo da ponte do porta-aviões, depois percorreu toda a extensão do navio. Sem conseguir se controlar, estremeceu frente ao seu tamanho e potência.

— Dizem que nunca foi reabastecido... desde o seu lançamento, em 1960.

Às suas costas a porta da sala de rádio anexa à ponte se abriu e um radiotelegrafista chegou junto dele, bateu continência e estendeu um telegrama.

— Urgente, do Centro, camarada comandante.

Suslev pegou o telegrama e assinou um recibo. Era um amontoado de palavras sem sentido. Com um último olhar para o porta-aviões, ele pousou o binóculo sobre o peito e saiu em largas passadas da ponte. Seu camarote ficava no mesmo convés, um pouco mais para a popa. Havia um guarda na porta, assim como nas duas entradas da ponte.

Trancou de novo a porta do camarote atrás de si, e abriu o pequeno cofre disfarçado. Seu livro de códigos estava escondido numa parede falsa. Sentou-se à sua mesa. Rapidamente, decifrou a mensagem. Leu-a com atenção, depois ficou com o olhar perdido no espaço, por um momento.

Leu-a pela segunda vez, depois guardou o livro de códigos, fechou o cofre e queimou o original do telegrama num cinzeiro. Pegou o telefone.

— Ponte? Mandem o camarada Metkin ao meu camarote! Enquanto esperava, ficou de pé junto à vigia, imerso em pensamentos. O camarote dele estava desarrumado. Fotos de uma mulher corpulenta, que sorria constrangida, pousavam emolduradas sobre sua mesa. Havia outra foto de um jovem bem-apessoado, com

a farda da marinha, e de uma garota adolescente. Livros, uma raquete de tênis e um jornal sobre o beliche desfeito.

Bateram à porta. Ele foi destrancá-la. O marujo que estivera observando a tela de radar estava à sua frente.

— Entre, Dmítiri.

Suslev indicou o telegrama decifrado com um gesto e trancou novamente a porta do camarote.

O marujo era baixo e atarracado, de cabelos grisalhos e um rosto simpático. Era, oficialmente, comissário do povo, e portanto o oficial mais antigo do navio. Apanhou a mensagem decifrada. Dizia: "Prioridade Um. Grigóri Suslev. Assumirá imediatamente os deveres e responsabilidades de Voranski. Londres relata interesse máximo da CIA e da MI-6 em informações contidas em pastas de capa azul, entregues extra-oficialmente a Ian Dunross, da Struan, pelo coordenador do Serviço de Informações Britânico, Alan Medford Grant. Ordene a Arthur que obtenha cópias imediatamente. Se Dunross destruiu as cópias, mande avisar por telegrama se é exeqüível um plano para detê-lo e extrair dele o que sabe por processos químicos".

A fisionomia do marujo se fechou. Olhou para o comandante Suslev.

— Alan Medford Grant?

— É.

— Que ele arda no inferno por mil anos!

— Arderá, se existir alguma justiça neste mundo ou no outro.
— Suslev deu um sorriso sombrio. Foi até um aparador, onde pegou uma garrafa de vodca pela metade e dois copos. — Ouça, Dmítiri, se eu falhar ou não voltar, assumo o comando. — Mostrou a chave. — Destranque o cofre. Lá há instruções para decifrar códigos e tudo o mais.

— Deixe-me ir hoje, em seu lugar. Você é mais impor...

— Não. Obrigado, velho amigo. — Suslev deu-lhe um abraço caloroso. — Em caso de acidente, assumo o comando e cumpra a nossa missão. Para isso fomos treinados. — Tocou com seu copo no do outro. — Não se preocupe. Tudo vai dar certo — falou, contente por poder fazer o que queria, e muito satisfeito com o seu emprego e posição na vida. Secretamente, era vice-controlador na Ásia do primeiro diretório do KGB, Departamento 6, responsável por todas as atividades sigilosas na China, na Coréia do Norte e no Vietnã; conferencista sênior no Departamento de Assuntos Externos da Universidade de Vladivostok, 2A-Contra-Inteligência; coronel do KGB; e, o que era o mais importante, membro destacado do partido no Extremo Oriente. — O Centro deu a ordem; você precisa vigiar a nossa retaguarda aqui. Hem?

— Claro. Não precisa se preocupar com isso, Grigóri. Posso cuidar de tudo. Mas fico preocupado com você — disse Metkin. Há anos navegavam juntos, e ele respeitava muito Suslev, embora não soubesse de que fonte provinha a sua autoridade suprema. Às vezes, sentia-se tentado a procurar descobrir. "Você está ficando velho", dizia consigo mesmo. "Vai se aposentar no ano que vem, e talvez precise de amigos poderosos, e o único meio de ter a ajuda de amigos poderosos é conhecer os seus segredos. Mas, com ou sem Suslev, sua bem-merecida aposentadoria será honrosa, tranqüila, em sua casa na Criméia." O coração de Metkin bateu mais forte ao pensar naquela linda paisagem e no clima excelente do mar Negro, na vida que levaria ao lado da mulher, e vendo de vez em quando o filho, um oficial promissor do KGB, no momento em Washington, não mais correndo riscos ou perigos, vindos de dentro ou de fora.

"Oh, Deus, proteja o meu filho de ser traído ou cometer um erro", orou fervorosamente. Logo sentiu uma onda de náusea, como sempre, temendo que seus superiores soubessem que, intimamente, era um crente, e que seus pais, camponeses, o haviam criado dentro dos ensinamentos da Igreja. Se eles soubessem, jamais haveria aposentadoria na Criméia, só um lugar remoto e gelado qualquer, e nunca um lar de verdade.

— Voranski — falou, como sempre disfarçando cuidadosamente o ódio que sentia pelo homem. — Ele era dos grandes, não? Onde foi que errou?

— Foi traído, eis o problema — falou Suslev, com ar sombrio. — Vamos achar seus assassinos, e eles pagarão. Se eu for o próximo da lista... — O homenzarrão deu de ombros, depois serviu-se de mais vodca, com uma risada repentina. — E daí, não é? Tudo em nome da causa, do partido e da Mãe Rússia!

Encostaram os copos um no outro, e os esvaziaram.

— Quando vai para terra?

Suslev sentiu o travo da bebida forte. Depois, agradecido, saboreou o gostoso calor que crescia dentro de si, e seus terrores e ansiedades pareceram menos reais. Fez um sinal para a vigia.

— Logo que ele esteja atracado e seguro — falou, com sua risada ressonante. — Ah, mas é um belo navio, não?

— Não temos nada que se iguale àquele filho da mãe, comandante, temos? Ou àqueles caças. Nada.

Suslev sorriu enquanto se servia de novo.

— Não, camarada. Mas se o inimigo não tiver força de vontade real para resistir, pode ter cem daqueles porta-aviões, não faz diferença.

— É, mas os americanos são excêntricos. Um general pode tornar-se um tanto belicoso, e eles podem nos varrer da face da terra.

— Concordo que agora possam, mas não o farão. Não têm colhões para tanto. — Suslev bebeu de novo. — E então? Só mais um tempinho e acabaremos com a alegria deles! — Soltou um suspiro. — Vai ser bom, quando começarmos.

— Vai ser terrível.

— Não; uma guerra curta, quase sem derramamento de sangue contra os Estados Unidos, e depois o resto desabar, como um cadáver cheio de pus.

— Sem derramamento de sangue? E quanto às bombas atômicas deles? Bombas de hidrogênio?

— Jamais usarão armas atômicas ou mísseis contra nós, têm medo demais, mesmo agora, dos nossos! Porque estão certos de que os usaremos.

— E usaremos?

— Não sei. Alguns comandantes usariam. Eu não sei. É certo que replicaremos com eles. Mas usá-los em primeiro lugar? Não sei. A ameaça será sempre o bastante. Estou certo de que jamais precisaremos de uma guerra de verdade. — Tocou fogo num dos cantos da mensagem decifrada e botou-a no cinzeiro. — Mais vinte anos de detente (ah, que gênio russo inventou isso) e teremos uma marinha maior e melhor que a deles, uma força aérea maior e melhor que a deles. Agora temos mais tanques e mais soldados, mas sem navios e aviões, teremos que esperar. Vinte anos não é esperar muito para que a Mãe Rússia domine a terra.

— E a China? E quanto à China?

Suslev engoliu a vodca e encheu os dois copos de novo. Agora a garrafa estava vazia, e ele a jogou sobre o beliche. Fitou o papel que ardia no cinzeiro, retorcendo-se e crepitando, morrendo.

— Talvez a China seja o único lugar onde usar nossas armas atômicas — disse, com naturalidade. — Não há ali nada de que precisemos. Nada. Isso resolveria o nosso problema chinês definitivamente. Quantos homens em idade militar tinham eles, na última estimativa?

— Cento e dezesseis milhões com idade entre dezoito e vinte e cinco.

— Imagine só! cento e dezesseis milhões de demônios amarelos partilhando oito mil quilômetros das nossas fronteiras... e depois os estrangeiros dizem que somos paranóicos quando se trata da China! — Bebericou a vodca, saboreando-a devagar, desta feita. — Armas atômicas resolveriam o nosso problema com a China. De modo rápido e permanente.

O outro homem fez que sim com a cabeça.

— E esse Dunross? Os documentos de Alan Medford Grant?

— Nós os tiraremos dele. Afinal de contas, Dmítiri, um dos nossos, é gente da família dele, outro é um de seus sócios, outro trabalha no sei. Arthur e a Sevrin estão em qualquer lado para onde ele se vire, e ainda temos uns doze decadentes para quem apelar no seu Parlamento, alguns no seu governo.

Os dois desataram a rir.

— E se ele tiver destruído os papéis? Suslev deu de ombros.

— Dizem que ele tem uma memória fotográfica.

— Faria o interrogatório aqui?

— Seria perigoso utilizar as substâncias químicas, em profundidade, e depressa. Nunca fiz um serviço desses. E você?

— Não.

O comandante franziu o cenho.

— Quando fizer seu relatório, hoje à noite, diga ao Centro para deixar um perito a postos, para o caso de precisarmos — Koronski, de Vladivostok, se estiver disponível.

Dmítri concordou com a cabeça, imerso em pensamentos. O Guardian matutino, meio amassado, largado sobre o beliche do comandante, chamou sua atenção. Foi até lá pegá-lo, os olhos acesos.

— Grigóri... se tivermos que prender Dunross, por que não culpá-los? Então você teria todo o tempo que fosse preciso. — A manchete berrava suspeitos em caso de seqüestro dos lobisomens. — Se Dunross não voltar... quem sabe nosso homem seria o tai-pan! Hem?

Suslev começou a rir baixinho.

— Dmíttri, você é um gênio.

Rosemont lançou um olhar ao relógio de pulso. Já esperara o bastante.

— Rog, posso usar seu telefone?

— É claro — respondeu Crosse.

O homem da CIA apagou o cigarro e ligou para o ramal central da CIA no consulado.

— Aqui é Rosemont... ligue-me com 2022. Era o número do centro de comunicações da CIA.

— 2022. Chapman... quem está falando?

— Rosemont. Alô, Phil, alguma novidade?

— Não, exceto que o Marty Povitz relatou que há um bocado de atividade na ponte do Ivánov, binóculos superpotentes. Três sujeitos, Stan. Um é civil, os outros são o comandante e o imediato. Uma das suas varredoras de radar de curto alcance está sempre operando. Quer que a gente avise ao comandante do Corregidor?

— Pombas, não, para que aborrecê-lo mais do que o necessário? Escute, Phil, tivemos confirmação do nosso 40-41?

— Claro, Stan. Chegou às... chegou às dezesseis horas e três minutos, hora local.

— Obrigado, Phil, até logo.

Rosemont acendeu outro cigarro. Azedamente, Langan, que não fumava, fitou-o, mas ficou calado, já que Crosse também estava

fumando.

— Rog, que brincadeira é essa? — perguntou Rosemont, com aspereza, chocando Langan. — Você recebeu a sua Prioridade I-4a às dezesseis e três, na mesma hora que nós. Por que toda essa protelação?

— No momento, acho conveniente — retrucou Crosse, com voz agradável.

Rosemont enrubesceu, e Langan também.

— Pois eu não acho, e temos instruções, instruções oficiais, para pegarmos as nossas cópias imediatamente.

— Lamento muito, Stanley.

O pescoço de Rosemont agora estava muito vermelho, mas ele manteve o controle.

— Não vai obedecer à I-4a?

— Não no momento.

Rosemont levantou-se e dirigiu-se para a porta.

— Tudo bem, Rog, mas vão arrancar o seu couro. Jogou para trás a tranca com força, escancarou a porta e saiu. Langan se pôs de pé, de cara amarrada também.

— Qual é o motivo, Roger? — perguntou. Crosse devolveu-lhe o olhar, calmamente.

— Motivo para quê?

Ed Langan começou a ficar zangado, mas se deteve, subitamente estupefato.

— Deus, Roger, ainda não tem os papéis? É isso?

— Qual é, Ed? — replicou Crosse, tranqüilamente. — Logo você saberá como somos eficientes.

— Isso não é resposta, Roger. Tem ou não tem?

Os olhos serenos do homem do FBI se mantiveram fixos em Crosse, e não o abalaram. Depois ele saiu, fechando a porta atrás de si. Crosse tocou prontamente no botão oculto. A tranca foi para o lugar. Outro botão oculto desligou o gravador. Ele apanhou o telefone e discou.

— Brian? Já teve notícias de Dunross?

— Não, senhor.

— Encontre-se comigo lá embaixo imediatamente. Com Armstrong.

— Sim, senhor.

Crosse desligou. Apanhou o documento formal de prisão intitulado ordem de detenção segundo a lei de segredos oficiais. Rapidamente preencheu a lacuna com "Ian Struan Dunross" e assinou as duas cópias. Ficou com a primeira, a segunda trancou na sua gaveta. Correu os olhos pelo gabinete, verificando tudo. Satisfeito, colocou cuidadosamente uma nesguinha de papel na fenda da gaveta, para que somente ele pudesse saber se alguém a havia aberto, ou mexido nela. Saiu da sala. Pesadas trancas de segurança encaixaram-se na porta, às suas costas.

23

17h45m

Dunross estava na sala de diretoria da Struan com os outros diretores da Nelson Trading, olhando para Richard Kwang.

— Não, Richard, sinto muito. Não posso esperar até depois da hora do encerramento, amanhã.

— Não fará diferença para você, tai-pan. Para mim, fará. Richard Kwang suava. Os outros o observavam: Phillip

Chen, Lando Mata e Tung Zeppelin.

— Discordo, Richard — falou Lando Mata, vivamente. — Nossa Senhora, até parece que você não se dá conta da gravidade da corrida!

— É — concordou Tung Zeppelin, o rosto tremendo de raiva contida.

Dunross soltou um suspiro. Sabia que, se não fosse pela sua presença, estariam todos gritando e esbravejando uns com os outros, as obscenidades voando de parte a parte, como acontece em qualquer negociação formal entre os chineses, ainda mais numa tão grave quanto aquela. Mas era uma regra da Casa Nobre que todas as reuniões de diretoria fossem realizadas em inglês, e o idioma inglês inibia os xingamentos chineses e também desconcertava os chineses, o que naturalmente era o que realmente se almejava.

— O assunto tem que ser resolvido agora, Richard.

— Concordo. — Lando Mata era um português bonito, de feições marcadas, na casa dos cinquenta anos, o sangue chinês da mãe evidente nos olhos, nos cabelos escuros e na pele dourada. Seus dedos longos e finos tamborilavam na mesa de reunião, continuamente, e ele sabia que Richard Kwang jamais ousaria revelar que ele, Tung Pão-Duro e Mo Contrabandista controlavam o banco. "Nosso banco é um empreendimento", pensou, raivoso, "mas nossas reservas são outra história." — Não podemos arriscar o nosso ouro, o nosso dinheiro vivo!

— De jeito nenhum — falou Tung Zeppelin, nervosamente — Meu pai quer que eu deixe isso bem claro. Ele quer o seu ouro!

— Mãe de Deus, temos quase cinquenta toneladas de ouro nos seus cofres-fortes.

— Na verdade, são mais de cinquenta toneladas — falou Tung Zeppelin, o suor porejando-lhe a testa. — Meu velho me deu as cifras... são 1 792 668 onças em 298 778 barras de cinco taéis. — O ar no salão estava quente e úmido, as janelas, abertas. Tung Zeppelin era um homem corpulento e bem-vestido de quarenta anos, de olhos pequenos e estreitos, o filho mais velho de Tung Pão-Duro, e falava com sotaque britânico de gente fina. Seu apelido

provinha de um filme que Pão-Duro assistira no dia em que ele nascera. — Não estão certas, Richard?

Richard Kwang mexeu na folha de agenda à sua frente, em que estavam anotados a quantidade de ouro e o saldo atual da Nelson Trading. Se tivesse que entregar o ouro e o dinheiro naquela noite, abalaria fortemente a liquidez do banco, e quando a notícia transpirasse, como era evidente que transpiraria, aquilo estremeceria os alicerces do banco.

— O que vai fazer, seu osso de cachorro idiota! — gritara-lhe a mulher pouco antes que deixasse o escritório.

— Protelar, protelar e esperar que...

— Não! Finja que está doente! Se estiver doente, não poderá lhes dar o nosso dinheiro! Não pode ir a essa reunião. Venha depressa para casa e fingiremos...

— Não posso, o tai-pan ligou pessoalmente. E o mesmo fez o Mata, aquele osso de cachorro! Não tenho coragem de faltar! Oh,

oh, oh!

— Então descubra quem está nos perseguindo e pague a ele para parar! Use a cabeça! A quem ofendeu? Deve ter ofendido algum quai loh sujo. Descubra-o, pague-lhe, ou perderemos o banco, nosso título de sócio do Turf Club, perderemos os cavalos, o Rolls, o nosso prestígio para sempre! Ayeeyah! Se perdermos o banco você nunca será Sir Richard Kwang. Não que ser Lady Kwang seja importante para mim, oh, não! Faça alguma coisa! Descubra-o...

Richard Kwang sentia o suor escorrer-lhe pelas costas, mas mantinha a pose, e tentava achar uma saída do labirinto.

— O ouro está totalmente seguro, e seu dinheiro vivo também. Temos sido os banqueiros da Nelson Trading desde o seu início, nunca tivemos o menor problema. Arriscamos muito com vocês, no princípio...

— Qual é, Richard? — falou Mata, disfarçando seu desprezo.
— Não há risco com ouro. Certamente não com o nosso ouro.

O ouro pertencia à Great Good Luck Company of Macao, que também possuía o monopólio da jogatina há quase trinta anos. A companhia valia atualmente mais de dois bilhões de dólares americanos; Tung Pão-Duro era dono de trinta por cento, pessoalmente, Lando Mata, de quarenta por cento, pessoalmente, e os descendentes de Mo Contrabandista, que morrera no ano anterior, dos outros trinta por cento.

"E todos juntos", pensava Mata, somos donos de cinquenta por cento do Ho-Pak, que você, seu cretino, bosta de cachorro, deu um jeito de botar em dificuldades."

— Lamento muito, Richard, mas meu voto é para que a Nelson Trading mude de banco... pelo menos temporariamente. Tung Pão-Duro está muito nervoso... e eu tenho a procuração da família Chin.

— Mas, Lando — começou Richard Kwang —, não há motivo para preocupação. — Cutucou com o dedo o jornal entreaberto, o China Guardian, que jazia sobre a mesa. — O novo artigo de Haply ressalta de novo que estamos firmes... que tudo não passa de uma tempestade num copo d'água iniciada por banqueiros malicio...

— É possível. Mas os chineses acreditam em boatos, e a corrida ao banco é um fato — falou Mata, vivamente.

— Meu velho acredita em boatos — falou Tung Zeppelin, fervorosamente. — Também acredita em Wu Quatro Dedos. Quatro Dedos telefonou para ele, hoje à tarde, contando que havia sacado todo o seu dinheiro, e sugerindo que ele fizesse o mesmo, e dentro de uma hora nós, Lando e eu, estávamos no nosso Catalina, vindo para cá, e você sabe como eu detesto andar de avião. Richard, você sabe muitíssimo bem que se o velho quer que uma coisa seja feita agora, tem que ser agora.

É, pensou Richard Kwang, enojado, aquele velho sovina e nojento saltaria de dentro do túmulo por uma moeda de cinquenta cents.

— Sugiro que esperemos um dia ou dois...

Dunross estava deixando que conversassem para não desprestigiá-los. Já havia decidido o que fazer. A Nelson Trading era uma subsidiária de propriedade integral da Struan, portanto os outros diretores não tinham que dar opinião, na realidade. Mas embora a Nelson Trading tivesse a licença exclusiva para importação de ouro do governo de Hong Kong, sem os negócios com o ouro da

Great Good Luck Company (o que significava: sem os favores de Tung Pão-Duro e Lando Mata), os lucros da companhia seriam praticamente nulos.

A Nelson Trading ganhava uma comissão de um dólar por onça sobre cada onça importada para a companhia, entregue no molhe em Macau, e mais um dólar por onça sobre as exportações de Hong Kong. Como mais uma consideração por ter sugerido o esquema global de Hong Kong para a companhia, a Nelson Trading recebia dez por cento do lucro real. Naquele ano, o governo japonês fixara arbitrariamente a sua taxa oficial de ouro em cinquenta e cinco dólares a onça... um lucro de quinze dólares por onça. No mercado negro, seria ainda maior. Na Índia seriam quase noventa e oito dólares.

Dunross olhou para o relógio. Crosse chegaria dali a alguns minutos.

— Temos um ativo de mais de um bilhão, Lando — repetia Richard Kwang.

— Ótimo — intrometeu-se Dunross, vivamente, encerrando a reunião. — Então, Richard, não faz diferença, de qualquer maneira. Não há por que esperar. Já tomei certas providências. Nosso

caminhão de transferência estará na sua porta lateral às oito em ponto.

— Mas...

— Por que tão tarde, tai-pan? — quis saber Mata. — Ainda não são seis horas.

— Já estará escuro, então, Lando. Não me agradaria transferir cinquenta toneladas de ouro à luz do dia. Pode haver bandidos à solta. Nunca se sabe. Não é?

— Meu Deus, você acha... tríades? — Tung Zeppelin estava chocado. — Vou ligar para meu pai. Mandará alguns guardas extras.

— É — disse Mata —, ligue logo.

— Não é preciso — falou Dunross. — A polícia sugeriu que sejamos discretos. Disseram que estarão presentes, a postos.

Mata hesitou.

— Bem, você é que sabe, tai-pan. É o responsável.

— Naturalmente — disse Dunross, com polidez.

— Como ter certeza de que o Victoria é seguro?

— Se o Victoria afundar, é melhor sairmos da China. — Dunross pegou o telefone e discou para o número particular de Johnjohn, no banco. — Bruce? Ian. Vamos precisar do cofre-forte... às vinte e trinta em ponto.

— Tudo bem. Nossa segurança estará a postos para dar assistência. Use a porta lateral... a da Dirk's Street.

— Sei.

— A polícia já foi informada? -Já.

— Ótimo. A propósito, Ian, Richard ainda está com vocês?

— Sim.

— Ligue para mim quando puder... estarei em casa logo mais, à noite. Andei fazendo verificações, e as coisas não estão nada boas para o lado dele. Meus amigos banqueiros chineses estão todos muito nervosos. Até mesmo o Mok-tung sofreu uma pequena corrida lá em Aberdeen, e nós também. Claro que adiantaremos a Richard todo o dinheiro de que precisar, com os seus títulos mobiliários como garantia, títulos negociáveis em banco. Mas se eu fosse você sacaria todo o dinheiro vivo que pudesse ainda hoje. Faça com que o Blacs cuide do seu cheque em primeiro lugar, logo mais, na compensação.

Toda a compensação de cheques e empréstimos bancários era feita no porão do Blacs à meia-noite, cinco dias por semana.

— Obrigado, Bruce. Até mais ver. — A seguir, para os outros:
— Tudo já está arranjado. Naturalmente, a transferência deve ser mantida em sigilo. Richard, vou precisar de um cheque administrativo para o saldo da Nelson Trading.

— E eu de um para o saldo do meu pai! — ecoou Zeppelin.

Richard Kwang disse:

— Enviarei os cheques amanhã, logo de manhã.

— Ainda hoje — declarou Mata —, para que possam ser compensados logo mais. — Suas pálpebras ficaram ainda mais fechadas. — E, naturalmente, um outro para o meu saldo pessoal.

— Não há dinheiro bastante para cobrir esses três cheques... banco algum poderia ter tal quantia — explodiu Richard Kwang. — Nem mesmo o Banco da Inglaterra.

— É claro. Por favor, ligue para quem quiser para empenhar parte dos seus títulos negociáveis. Ou para Havergill, ou para Southerby. — Os dedos de Mata pararam de tamborilar. — Estão esperando o seu telefonema.

— O quê?

— É. Conversei com ambos hoje à tarde.

Richard Kwang ficou calado. Tinha que achar um meio de evitar entregar o dinheiro naquela noite. Se não pagasse agora, ganharia os juros de um dia, e talvez no dia seguinte não fosse preciso pagar, "Dew neh loh moh para todos os quai loh e meio quai loh, que são os piores!" O sorriso dele era tão doce quanto o de Mata.

— Bem, como queiram. Se os dois se encontrarem comigo no banco dentro de uma hora...

— Melhor ainda — falou Dunross. — Phillip irá com você agora. Você poderá entregar-lhe todos os cheques. Está bem assim, Phillip?

— Ora, claro que sim, tai-pan.

— Ótimo, obrigado. Então, se os levar diretamente para o Blacs, estarão compensados à meia-noite. Richard, isso lhe dará bastante tempo, não é?

— Oh, sim, tai-pan — disse Richard Kwang, animando-se. Descobrira uma solução brilhante. Um falso infarto! "Fingirei que estou tendo um, no carro, a caminho do banco, e então..."

Foi então que notou a firmeza nos olhos de Dunross, e seu estômago se retorceu. Mudou de idéia. "Por que devem ficar com tanto dinheiro meu?", pensava, enquanto se levantava.

— Não precisam de mim para mais nada, no momento?
Ótimo, então vamos, Phillip.

Os dois saíram. Fez-se um grande silêncio.

— Pobre Phillip, está com uma cara terrível — falou Mata.

— É. Não é de admirar.

— Malditas tríades — falou Tung Zeppelin, estremeendo. — Os Lobisomens devem ser estrangeiros, para enviarem uma orelha daquele jeito! — Estremeceu de novo. — Espero que não venham para Macau. Corre um forte boato de que Phillip já está tratando com eles, negociando com os Lobisomens em Macau.

— Isso não é verdade — declarou Dunross.

— Ele não lhe contaria, se estivesse negociando, tai-pan. Eu também guardaria segredo, de todo mundo. — Tung Zeppelin fitou carrancudo o telefone. — Dew neh loh moh para todos os seqüestradores nojentos.

— O Ho-Pak está acabado? — perguntou Mata.

— A não ser que Richard Kwang consiga manter a liquidez, está. Hoje à tarde Dunstan encerrou as suas contas.

— Ah, então, novamente, um boato é verdade!

— Parece que sim, infelizmente! — Dunross sentia pena de Richard Kwang e do Ho-Pak, mas no dia seguinte iria vender a descoberto. — As ações dele vão cair vertiginosamente.

— Como isso irá afetar a alta que você previu?

— Eu previ?

— Você está comprando muitas ações da Struan, ao que me consta. — Mata deu um leve sorriso. — Phillip também, a tai-tai dele e a família dela.

— Todos agem bem ao comprar as nossas ações, Lando, a qualquer hora. Estão com um preço muito baixo.

Tung Zeppelin escutava atentamente. Seu coração bateu mais depressa. Também ouvira os boatos de que os Chens da Casa Nobre estavam comprando.

— Leram a coluna do Velho Cego Tung hoje? Sobre a próxima alta? Ele falava sério, mesmo.

— É — disse Dunross, com ar solene. Quando a lera, pela manhã, dera uma risada abafada, e sua opinião sobre a influência de

Dianne Chen aumentara enormemente. Mesmo a contragosto, Dunross relera o artigo, e imaginara brevemente se o vidente estava realmente prevendo a sua própria opinião.

— O Velho Cego Tung é parente seu, Zep? — perguntou.

— Não, tai-pan, não ao que eu saiba. Dew neh loh moh, mas está quente hoje. Vou ficar feliz em voltar para Macau... o clima é muito melhor em Macau. Vai participar da corrida de automóveis este ano, tai-pan?

— Espero que sim.

— Ótimo! Maldito seja o Ho-Pak! Richard nos dará os cheques administrativos, não é? Meu velho vai ter um derrame se estiver faltando um tostão.

— É — concordou Dunross, depois notou um ar estranho nos olhos de Mata. — O que há?

— Nada. — Mata olhou para Zeppelin. — Zep, é realmente importante que obtenhamos rapidamente a aprovação de seu pai. Por que você e Claudia não vão descobrir onde ele anda?

— Boa idéia.

Obedientemente, o chinês levantou-se e saiu, fechando a porta. Dunross concentrou a atenção em Mata.

— Bem?

Mata hesitou. Depois, falou, serenamente:

— Ian, estou pensando em sacar todos os meus fundos de Macau e Hong Kong e investi-los em Nova York.

Dunross fitou-o, perturbado.

— Se você fizer isso, abalará todo o nosso sistema. Se você sacar, Pão-Duro fará o mesmo, os Chins, Quatro Dedos... e todos os outros.

— O que é mais importante, tai-pan, o sistema ou o nosso dinheiro?

— Não gostaria que o sistema fosse abalado assim.

— Já fechou com a Par-Con? Dunross fitava-o.

— Verbalmente, já. Contratos daqui a sete dias. Se você sacar vai nos fazer muito mal, Lando. Muito mesmo. O que é mau para nós será mau para você e muito, muito mau para Macau.

— Levarei em consideração o que está dizendo. Com que então a Par-Con vem para Hong Kong. Ótimo... e, se realmente ocorrer a compra do controle da Hong Kong General Stores pela American Superfood, isso dará novo incremento ao mercado. Talvez o Velho Cego Tung não estivesse exagerando. Quem sabe não teremos sorte? Ele já errou antes, alguma vez?

— Não sei. Pessoalmente, não acho que ele tenha uma ligação particular com o Todo-Poderoso, embora muita gente ache.

— Uma alta seria uma coisa realmente excelente. Um cálculo de tempo perfeito. E — acrescentou Mata, de modo estranho — poderíamos adicionar um pouco de combustível à maior alta da nossa história, não?

— Você ajudaria?

— Eu e os Chins juntos daríamos dez milhões de dólares americanos... Pão-Duro não vai se interessar, que eu sei. Sugira você onde e quando...

— Meio milhão na Struan, no final do expediente de quinta-feira, o resto distribuído pela Rothwell-Gornt, Propriedades Asiáticas, Cais de Hong Kong, Força de Hong Kong, Balsa Dourada, Investimentos Kowloon e General Stores.

— Por que quinta-feira? Por que não amanhã?

— O Ho-Paíc vai fazer baixar o mercado. Se comprarmos em grandes quantidades na quinta, pouco antes do encerramento do expediente, ganharemos uma fortuna.

— Quando vai anunciar a transação com a Par-Con? Dunross hesitou. Depois, falou:

— Na sexta, depois que a Bolsa fechar.

— Ótimo. Estou nessa, Ian. Quinze milhões. Quinze, ao invés de dez. Vai vender ações do Ho-Pak a descoberto, amanhã?

— Claro. Lando, sabe quem está por trás da corrida ao Ho-Pak?

— Não. Mas Richard ultrapassou os seus limites, e não tem agido sensatamente. As pessoas falam, os chineses sempre desconfiam de qualquer banco, e reagem aos boatos. Acho que o banco vai falir.

— Meu Deus!

— É o destino. — Os dedos de Mata pararam de tamborilar.
— Quero triplicar as nossas importações de ouro.

Dunross fitou-o.

— Por quê? Estão no limite da sua capacidade, agora. Se os pressionarem depressa demais, cometerão erros, e sua taxa de confisco subirá. No momento, vocês estão com tudo perfeitamente equilibrado.

— É, mas Quatro Dedos e outros nos asseguram que podem fazer alguns carregamentos substanciais de ouro em segurança.

— Não há necessidade de pressioná-los... ou ao seu mercado. Necessidade nenhuma.

— Ian, preste atenção um momento. Há encrencas na Indonésia, encrencas na China, Índia, Tibete, Malásia, Cingapura, agitação nas Filipinas, e agora os americanos vão invadir o sudeste asiático, o que será maravilhoso para nós, e pavoroso para eles. A inflação vai disparar, e então, como sempre, todo comerciante sensato na Ásia, especialmente os comerciantes chineses, vai querer trocar o dinheiro-papel pelo ouro. Temos que estar prontos para atender à demanda.

— O que foi que andou ouvindo, Lando?

— Muitas coisas curiosas, tai-pan. Por exemplo, que certos generais americanos importantes estão querendo defrontar-se em alta escala com os comunistas. O Vietnam foi o local escolhido.

— Mas os americanos jamais vencerão ali. A China não poderá permitir isso, como não pôde permitir na Coréia. Qualquer livro de história lhes dirá que a China sempre cruza as suas fronteiras para proteger os seus Estados-tampão quando qualquer invasor se aproxima.

— Mesmo assim, o confronto ocorrerá.

Dunross examinou atentamente Lando Mata, cuja imensa fortuna e envolvimento antigo na honorável profissão de comerciar, como ele a descrevia, davam-lhe uma entrada fantástica nos lugares mais sigilosos.

— O que mais ouviu dizer, Lando?

— O orçamento da CIA foi dobrado.

— Isso é coisa ultra-secreta. Ninguém poderia saber disso.

— Pois é. Mas eu sei. A segurança deles é assombrosa, Ian. A CIA tem o dedo metido em tudo, no sudeste asiático. Acredito até que alguns dos seus fanáticos mal orientados estão tentando intrometer-se no comércio de ópio do Triângulo Dourado para favorecer seus grupos amistosos das montanhas Mekong... para encorajá-los a lutar contra os vietcongs.

— Santo Deus!

— É. Nossos irmãos em Formosa estão furiosos. E há uma abundância crescente de dinheiro do governo americano sendo utilizado em pistas de pouso, portos, estradas. Em Okinawa, Formosa, e especialmente no Vietnã do Sul. Certas famílias muito conceituadas politicamente estão ajudando a fornecer o cimento e o aço, sob condições muito favoráveis.

— Quais?

— Quem fabrica cimento? Talvez em... digamos, na Nova Inglaterra?

— Meu Deus, tem certeza? Mata deu um sorriso sem humor.

— Ouvi até dizer que parte de um grande empréstimo do governo para o Vietnam do Sul foi gasto num campo de pouso inexistente, que ainda é selva impenetrável. Ah, sim, Ian, os lucros já são imensos. Assim, por favor, encomende carregamentos triplos, de amanhã em diante. Vamos começar o nosso novo sistema de hidroaviões no mês que vem... isso diminuirá a viagem para Macau de três horas para setenta e cinco minutos.

— O Catalina não seria ainda mais seguro?

— Não, não creio. Os hidroaviões podem transportar muito mais ouro e podem correr mais depressa do que qualquer outra embarcação nessas águas... teremos comunicações constantes por radar, as melhores, para podermos ganhar qualquer pirata na corrida.

Após uma pausa, Dunross disse:

— Uma quantidade tão grande de ouro poderia atrair todo tipo de bandidos. Até ladrões internacionais.

Mata deu o seu sorrisinho ligeiro.

— Eles que venham. Nunca irão embora. Temos braços compridos, na Ásia. — Recomeçou o tamborilar com os dedos.

— Ian, somos velhos amigos. Gostaria de uns conselhos seus.

— Às suas ordens... qualquer coisa.

— Acredita em mudanças?

— Mudanças comerciais?

— É.

— Depende, Lando — respondeu Dunross, prontamente.

— A Casa Nobre mudou pouco, em quase um século e meio. Em outros aspectos, mudou imensamente.

Ficou olhando para o homem mais velho, e esperando. Finalmente, Mata falou:

— Dentro de algumas semanas, o governo de Macau será obrigado a pôr em leilão novamente a concessão para o jogo... — Instantaneamente, Dunross ficou totalmente concentrado. Todos os grandes negócios em Macau eram conduzidos na base de monopólio, e este era dado à pessoa ou companhia que oferecesse mais impostos por ano pelo privilégio. — Este é o quinto ano. A cada cinco anos, nosso departamento pede lances fechados. O leilão é aberto a todos, mas, na prática, examinamos minuciosamente aqueles que são convidados a dar lances. — O silêncio pesou por um

momento, depois Mata continuou: — Meu velho sócio, Mo Contrabandista, já morreu.

Os rebentos dele são na maioria esbanjadores, ou estão mais interessados no mundo ocidental — cassinos no sul da França, partidas de golfe — do que na saúde e futuro do sindicato. Para os Mos, é o destino antiqüíssimo: o cule, um em dez mil, que acha ouro, guarda dinheiro, investe em terras, poupa, fica rico, compra jovens concubinas que o desgastam rapidamente. A segunda geração é descontente, gasta o dinheiro, hipoteca as terras para comprar prestígio e os favores das mulheres. A terceira geração vende as terras, vai à falência pelos mesmos favores. A quarta geração é cule de novo. — Sua voz estava calma, até meiga. — Meu velho amigo está morto, e não sinto nada pelos filhos dele, ou pelos netos. São ricos, imensamente ricos por minha causa, e encontrarão seu próprio nível; bom, mau ou péssimo. Quanto a Pão-Duro... — Os dedos pararam de se mexer, de novo. — Pão-Duro está morrendo. Dunross ficou espantado.

— Mas eu o vi faz mais ou menos uma semana, e parecia saudável, frágil como sempre, mas cheio de vida e malícia.

— Está morrendo, Ian. Sei disso porque fui seu intérprete junto aos especialistas portugueses. Não queria confiar em nenhum dos filhos... foi o que me disse. Levei meses para conseguir que fosse aos médicos, mas ambos deram o mesmo diagnóstico: câncer do cólon. O organismo dele está saturado de câncer. Deram-lhe um,

dois meses de vida... isso foi há uma semana. — Mata sorriu. — O velho Pão-Duro xingou os dois, disse que estavam errados, que eram idiotas, e que jamais pagaria por um diagnóstico errado. — O português esbelto riu sem achar graça. — Ele vale mais de seiscentos milhões de dólares americanos, mas jamais pagará aquela conta médica, ou fará outra coisa senão continuar a beber chás de ervas chineses fedorentos e amargos, e a fumar o seu cachimbo de ópio ocasional. Não vai aceitar um diagnóstico ocidental, de quai loh... você o conhece. Conhece muito bem, não é?

— É.

Quando Dunross estava em férias escolares, o pai costumava mandá-lo trabalhar para certos velhos amigos. Tung Pão-Duro fora um deles, e Dunross lembrava-se do verão pavoroso que passara suando no porão nojento do banco do sindicato em Macau, tentando agradar o seu mentor e não chorar de raiva ao pensar no que estava tendo que suportar enquanto todos os seus amigos se divertiam. Mas, agora, sentia-se grato por aquele verão. Pão-Duro lhe ensinara muita coisa sobre o dinheiro... seu valor, como ganhá-lo, como ficar com ele, sobre a usura, a cobiça e a taxa de juros normal dos chineses, de dois por cento ao mês, nos bons tempos.

— Pegue o dobro da quantia necessária, mas se ele não tiver nenhuma, olhe dentro dos olhos de quem está pedindo o empréstimo! — berrava Tung para ele. — Se não houver garantia, cobre juros maiores, é claro. Agora, pense; pode confiar nele? Vai

poder pagar o empréstimo? Ele é trabalhador ou vadio? Olhe para ele, pateta, ele é a sua garantia! Quanto ele quer do meu dinheiro suado? É um trabalhador esforçado? Se for, o que são dois por cento ao mês para ele... ou quatro? Nada. Mas é o meu dinheiro que fará o sacana ficar rico, se for o destino dele ficar rico. O homem em si é toda a garantia de que jamais se precisará! Empréstimo qualquer coisa ao filho de um homem rico, se estiver dando a sua herança como garantia, e tiver o carimbo oficial do pai... vai ser tudo gasto com piranhas, mas e daí?, o dinheiro é dele, não seu! Como se fica rico? Poupança! Poupa-se dinheiro, compra-se terra com um terço, empresta-se um terço e guarda-se um terço em dinheiro vivo. Empréstimo apenas à gente civilizada, e nunca confie num quai loh... — casquinava ele.

Dunross recordava-se bem daquele velho de olhos duros como pedra, quase desdentado... um analfabeto que sabia ler e escrever apenas três caracteres (os do seu nome), mas que tinha uma mente como a de um computador, que sabia, até o último tostão, quem lhe devia, e quando tinha que receber. Ninguém jamais deixara de lhe pagar uma dívida. Não valia a pena sofrer a perseguição incessante.

Naquele verão ele tinha treze anos, e Lando Mata se tornara seu amigo. Então, como agora, Mata era quase um espectro, uma presença misteriosa que entrava e saía das esferas governamentais de Macau como bem queria, sempre discretamente, uma figura que mal se via, de quem pouco se conhecia, um asiático estranho que ia e vinha quando lhe dava na telha, apanhava o que queria, colhendo riquezas incríveis como e quando tinha vontade. Mesmo hoje havia apenas um punhado de pessoas que sabia o seu nome, e menor

ainda era o número dos que o conheciam pessoalmente. O próprio Dunross nunca fora à sua villa na Rua da Fonte Quebrada, o prédio baixo e espaçoso oculto por trás dos portões de ferro e muros de pedra enormes, nem sabia direito coisa alguma a seu respeito — de onde viera, quem eram seus pais ou como conseguira adquirir aqueles dois monopólios de riqueza ilimitada.

— Lamento saber sobre o velho Pão-Duro — disse Dunross.
— Sempre foi um filho da mãe durão, mas não mais durão para comigo do que para com qualquer dos filhos.

— É. E está morrendo. Joss. E estou pouco ligando para os herdeiros dele. Como os Chins, serão ricos, todos eles. Até o Zeppelin — disse Lando Mata, com um ar de desdém. — Até o Zeppelin vai receber de cinqüenta a setenta e cinco milhões americanos.

— Santo Deus, quando a gente pára para pensar no dinheiro que o jogo dá...

As pálpebras de Mata se fecharam mais.

— Devo fazer uma mudança?

— Se quiser deixar um monumento, sim. Atualmente, o sindicato só permite jogos chineses: fan-tan, dominó e dados. Se o novo grupo tivesse visão, e se ele se modernizasse... se construísse um imenso cassino novo, com mesas para roleta, vinte-e-um, chemin-de-fer, até mesmo dados americanos, a Ásia inteira se dirigiria para Macau.

— Quais são as chances de o jogo ser legalizado em Hong Kong?

— Nenhuma... sabe melhor do que eu que sem o jogo e o ouro, Macau acabaria indo pro brejo, e é um ponto de honra da política comercial da Grã-Bretanha e de Hong Kong jamais permitir que isso aconteça. Temos as nossas corridas de cavalos... vocês, as mesas de jogo. Mas com proprietários com uma visão mais moderna, novos hotéis, novos jogos, novos hidroaviões, vocês ganhariam tanto que teriam que abrir o seu próprio banco.

Lando Mata apanhou um pedaço de papel, olhou para ele, depois passou-o a Dunross.

— Aqui estão quatro grupos de três nomes de pessoas que talvez tenham o direito de dar lances. Gostaria de saber sua opinião.

Dunross nem olhou para a lista.

— Quer que eu escolha o grupo de três que você já escolheu?

Mata riu.

— Ah, Ian, você me conhece bem demais! É, já escolhi o grupo que deve ser o mais bem-sucedido, se seu lance for substancial o bastante.

— Algum dos grupos está sabendo que você está pensando em tomá-lo como sócio?

— Não.

— E quanto ao Pão-Duro... e os Chins? Não vão perder o seu monopólio sem chiar.

— Se o Pão-Duro morrer antes do leilão, haverá um novo sindicato. Caso contrário, a mudança será feita, porém de modo diferente.

Dunross olhou para a lista. E soltou uma exclamação abafada. Todos os nomes eram de chineses conhecidos, de Hong Kong e Macau, tudo gente de peso, alguns com passado curioso.

— Bem, pelo menos são todos famosos, Lando.

— É. Para ganhar tanto dinheiro, para dirigir um império do jogo, é preciso homens de visão.

Dunross sorriu junto com ele.

— Concordo. Então, por que não estou na lista?

— Demita-se da Casa Nobre até o fim do mês e poderá formar o seu próprio sindicato. Garanto que o seu lance será aceito. Fico com quarenta por cento.

— Lamento, mas não é possível, Lando.

— Poderia obter uma fortuna pessoal de quinhentos milhões a um bilhão de dólares em dez anos.

— O que é o dinheiro? — falou Dunross, dando de ombros.

— Moh ching, moh meng! Sem dinheiro, não há vida.

— É, mas não há dinheiro bastante no mundo para fazer com que eu me demita. Apesar disso, farei um trato com você. A Struan dirigirá o jogo para você, por meio de representantes.

— Desculpe, não. Tem que ser tudo ou nada.

— Poderíamos fazer a coisa melhor e mais barato do que qualquer outro, e com mais classe.

— Se você se demitir. Tudo ou nada, tai-pan.

A cabeça de Dunross doía ao pensar em tanto dinheiro, mas percebeu o tom de voz resolutivo e definitivo de Mata.

— É justo. Desculpe, não estou disponível — falou.

— Estou certo de que você, pessoalmente, seria bem-vindo como... como consultor.

— Se eu escolher o grupo certo?

— Talvez. — O português sorriu. — E então? Dunross se perguntava se poderia correr o risco de uma tal associação. Fazer parte do sindicato de jogo de Macau não era como pertencer ao Turf Club.

— Vou pensar no assunto, depois darei uma resposta.

— Ótimo, Ian. Diga-me qual a sua opinião dentro de dois dias, certo?

— Certo. Vai me contar qual foi o lance vencedor... se decidir mudar?

— Um associado ou consultor precisa ter conhecimento disso. Agora, um último tópico, depois eu vou indo. Acho que jamais verá de novo seu amigo Tsu-yan.

Dunross fitou-o.

— Como?

— Ele ligou para mim de Taipé, ontem de manhã, nervosíssimo. Pediu-me que mandasse o Catalina especialmente para apanhá-lo. Disse que era urgente, que explicaria quando me visse. Viria direto para a minha casa, logo que chegasse. — Mata deu de ombros e examinou as unhas muitíssimo bem-tratadas. — Tsu-yan é um velho amigo. Já atendi a velhos amigos antes, portanto autorizei o vôo. Ele não apareceu, Ian. Oh, veio com o hidroplano... meu chofer estava no molhe para apanhá-lo. — Mata ergueu os olhos. — É uma coisa incrível. Tsu-yan vestia trapos imundos de cule e um chapéu de palha. Resmungou que iria me ver logo mais, à noite, enfiou-se no primeiro táxi e arrancou como se estivesse sendo perseguido por todos os diabos do inferno. Meu chofer ficou estupefato.

— Não houve um engano? Tem certeza de que era ele?

— Ah, tenho, Tsu-yan é muito conhecido... felizmente meu chofer é português, e tem alguma iniciativa. Saiu correndo atrás dele. Disse que o táxi de Tsu-yan se dirigiu para o norte. Perto do Portão da Barreira, o táxi parou, e então Tsu-yan fugiu a pé, o mais rápido possível, cruzou o Portão da Barreira e entrou na China. Meu empregado o viu correr até chegar junto dos soldados do lado da RPC, e depois sumir dentro da casa da guarda.

Dunross fitou Mata, sem poder acreditar. Tsu-yan era um dos capitalistas e anticomunistas mais conhecidos de Hong Kong e Formosa. Antes da queda do continente, fora quase que um minissenhior da guerra na área de Xangai.

— Tsu-yan jamais seria bem-vindo na República Popular da China — disse. — Jamais! Deve estar no topo da lista negra deles.

Mata hesitou.

— A não ser que estivesse trabalhando para eles.

— Não é possível.

— Qualquer coisa é possível, na China.

Vinte andares abaixo deles, Roger Crosse e Brian Kwok estavam saindo do carro da polícia, seguidos por Robert Armstrong. Um policial à paisana do sei veio ao seu encontro.

— Dunross ainda está no escritório, senhor.

— Ótimo.

Robert Armstrong ficou na porta de entrada, os outros dois se dirigiram para o elevador. Saltaram no vigésimo andar.

— Ah, boa noite, senhor — cumprimentou Claudia, e sorriu para Brian Kwok. Tung Zeppelin esperava ao lado do telefone. Fitou os policiais, com choque repentino, obviamente reconhecendo-os.

Roger Crosse disse:

— O Sr. Dunross está me esperando.

— Sim, senhor. — Apertou o botão da sala de reuniões, e logo falou ao seu telefone: — O Sr. Crosse está aqui, tai-pan.

Dunross disse:

— Dê-me um minutinho, depois faça-o entrar, Claudia. — Recolocou o seu telefone no gancho, depois virou-se para Mata. — Crosse está aqui. Se não o vir logo mais no banco, falo com você amanhã de manhã.

— Sim, eu... por favor, ligue para mim, Ian. É. Quero alguns minutos em particular com você. Logo mais ou amanhã.

— Logo mais às nove — replicou Ian imediatamente. — Ou amanhã, a qualquer hora.

— Ligue para mim às nove. Ou amanhã. Obrigado. Mata cruzou a sala e abriu uma porta que mal se notava, camuflada como parte das estantes de livros. A porta se abria para um corredor particular que levava ao andar inferior. Ele fechou a porta atrás de si.

Dunross ficou olhando para o lugar por onde ele se fora, pensativo. O que estaria querendo? Guardou os papéis da agenda numa gaveta, trancou-a, depois recostou-se na cabeceira da mesa, tentando se concentrar, olhos fitos na porta de entrada, o coração batendo mais depressa. O telefone tocou e ele deu um pulo.

— Sim?

— Papai — falou Adryon, sempre afobada —, desculpe interromper, mas mamãe quer saber a que horas você vem jantar.

— Vou chegar tarde. Diga a ela para não esperar, que como qualquer coisa no caminho. A que horas chegou ontem à noite? — indagou, recordando-se de que ouvira o carro dela voltar pouco antes da aurora.

— Cedo — retrucou, e ele já ia dar-lhe uma bronca daquelas, quando percebeu a tristeza na voz da moça.

— O que há, meu bem? — perguntou.

— Nada.

— O que há?

— Nada, verdade. Tive um dia ótimo, almocei com o seu Linc Bartlett... fomos fazer compras. Mas aquela besta do Martin me deu o bolo.

— O quê?

— É. Esperei uma hora inteira por ele. Tínhamos combinado ir tomar chá juntos no Victoria, mas ele nem deu as caras. É uma besta!

Dunross abriu um sorriso.

— Não se pode confiar em certas pessoas, não é mesmo, Adryon? Veja só! Dar o bolo em você! Mas que audácia! — falou, adequadamente solene, radiante porque Haply ia ouvir poucas e boas.

— Ele é um monstro! Um monstro de vinte e quatro quilates!

A porta se abriu. Crosse e Brian entraram. Ele lhes fez um gesto de cabeça, chamando-os para perto. Claudia fechou a porta atrás deles.

— Tenho que desligar, agora. Ei, boneca, amo você! Tchau! — Desligou o aparelho, e não estava mais perturbado. — Boa noite — cumprimentou.

— As pastas, Ian, por favor.

— Por certo, mas primeiro temos que ir ver o governador.

— Primeiro eu quero aquelas pastas.

Crosse tirou do bolso o mandado de prisão, enquanto Dunross pegava o telefone e discava. Esperou apenas um momento.

— Boa noite, senhor. O superintendente Crosse está aqui... sim, senhor. — Estendeu o aparelho. — Para você.

Crosse hesitou, a fisionomia dura, depois pegou o aparelho.

— Superintendente Crosse — falou. Escutou durante um momento. — Sim, senhor. Pois não, senhor. — Colocou o fone no gancho. — Ora, que diabo você está aprontando?

— Nada. Estou apenas sendo cauteloso. Crosse ergueu o mandado.

— Se não me der as pastas, tenho autorização de Londres para entregar-lhe isto aqui às dezoito horas, com ou sem governador!

Dunross devolveu-lhe o olhar, igualmente duro.

— Por favor, à vontade.

— O mandado está entregue, Ian Struan Dunross! Sinto muito, mas está preso.

O queixo de Ian empinou um pouco.

— Muito bem. Mas antes, por Deus, iremos ver o governador!

24

18h20m

O tai-pan e Roger Crosse cruzavam o chão de pedrinhas brancas em direção à porta da frente do Palácio do Governo. Brian Kwok esperava ao lado do carro da polícia. A porta da frente se abriu e o jovem camarista com a farda da Marinha Real cumprimentou-os educadamente, depois fê-los entrar numa ante-sala exótica.

Sua Excelência, Sir Geoffrey Allison, DSO¹, OBE², era um homem de cabelos avermelhados de cinquenta e muitos anos, impecável, de fala macia e extremamente durão. Estava sentado a uma escrivaninha antiga, e os observava.

¹ "Distinguished Service Order", comenda por destacados serviços. (N. da T.)

² "Order of British Empire", comenda do Império Britânico. (N. da T.)

— Boa noite — cumprimentou, serenamente, fazendo sinal para que se sentassem. Seu camarista fechou a porta, deixando-os a sós. — Parece que temos um problema, Roger. Ian possui legalmente certos documentos particulares que reluta em lhe entregar... e que você quer...

— Quero legalmente, senhor. Tenho autorização para isso, conferida por Londres a mim, de conformidade com a Lei dos

Segredos Oficiais.

— É, eu sei, Roger. Falei com o ministro faz uma hora. Ele disse, e eu concordo, que não tem sentido prendermos o Ian e revistarmos a Casa Nobre como se fosse uma casa qualquer. Isso não ficaria bem, nem seria sensato, embora estejamos muito decididos a obter as pastas de Alan Medford Grant. E, igualmente, não ficaria bem nem seria sensato obtê-las à moda de capa-e-espada... sabe a que me refiro, não é?

Crosse retrucou:

— Com a cooperação de Ian nada disso seria necessário. Já o fiz ver que o governo de Sua Majestade está completamente envolvido. Ele parece que não quer entender, senhor. Devia cooperar.

— Concordo inteiramente. O ministro disse a mesma coisa. Naturalmente, quando Ian esteve aqui, pela manhã, explicou seus motivos para ser tão... tão cauteloso... motivos bem justos, devo dizer. O ministro também concorda. — Seus olhos cinzentos tornaram-se penetrantes. — Exatamente, quem é o agente comunista infiltrado na minha polícia? Quem são os agentes da Sevrin?

Fez-se um vasto silêncio.

— Não sei, senhor.

— Então, queira me fazer a gentileza de descobrir bem rápido. Ian foi bastante gentil, e me deixou ler o relatório de Alan Medford Grant que vocês corretamente interceptaram. — O rosto do governador ficou rubro, ao citar um trecho dele:

— "... esta informação deve ser transmitida particularmente ao comissário de polícia e ao governador, caso sejam considerados leais..." Virgem Santíssima! O que está havendo no mundo?

— Não sei, senhor.

— Mas devia saber, Roger. É. — O governador fitou-os.

— Bem, e quanto ao tal toupeira? Que tipo de homem poderia ser?

— O senhor, eu, Dunross, Havergill, Armstrong... qualquer um — replicou Crosse imediatamente. — Mas com uma característica: acho que ele se infiltrou tão fundo que provavelmente quase esqueceu quem realmente é, ou de que lado ficam seu verdadeiro interesse político e sua verdadeira lealdade. Deve ser alguém muito especial... como todo o pessoal da Sevrin. — O homem de rosto magro fitou Dunross. — Tem que ser gente muito especial. As verificações e vistorias do sei são realmente excelentes, assim como as da CIA, mas jamais tivemos sequer uma sombra de idéia da existência da Sevrin.

— Como vai pegá-lo? — perguntou Dunross.

— Como vai pegar o agente infiltrado na Struan?

— Não tenho a menor idéia. — "O espião da Sevrin será o mesmo que revelou nossos segredos a Bartlett?", perguntava-se

Dunross, inquieto. — Se for do primeiro escalão, é um entre sete... todos acima de qualquer suspeita.

— Aí está — disse Crosse. — Todos acima de qualquer suspeita. Mas um deles é um espião. Se conseguirmos pegar um deles, provavelmente arrancaremos dele os nomes dos outros, se ele os souber. — Sua calma perversidade deixou os dois homens gelados. — Mas, para pegar um, alguém tem que cometer um deslize, ou teremos que ter um pouco de sorte.

O governador pensou por um momento. Depois, disse:

— Ian me assegurou que em momento algum os relatórios anteriores citam o nome de alguém... ou dão alguma pista. Sendo assim, os outros relatórios não teriam utilidade imediata para nós.

— Teriam, senhor. Em outras áreas, senhor.

— Eu sei. — As palavras foram ditas serenamente, mas significavam: "Cale a boca, sente-se e espere até eu acabar". Sir Geoffrey deixou o silêncio pesar por alguns momentos. — Portanto,

nosso problema parece ser simplesmente uma questão de pedir a Ian a sua cooperação. Repito: concordo que sua precaução seja justificada. — Seu rosto enrijeceu-se. — Philby, Burgess e Maclean nos ensinaram a todos uma bela lição. Devo confessar que cada vez que telefono para Londres fico imaginando se não estarei falando com outro maldito traidor. — Assoou o nariz com um lenço de tecido. — Bem, chega dessa conversa. Ian, faça a gentileza de dizer ao Roger as circunstâncias sob as quais entregará as cópias dos relatórios de Alan Medford Grant.

— Eu as entregarei, pessoalmente, ao chefe ou subchefe da MI-6 ou da MI-5, desde que tenha a garantia por escrito de Sua Excelência de que o homem para quem as estou entregando é quem alega ser.

— O ministro concorda com isso, senhor?

— Se você concordar, Roger.

Novamente, ele falou de modo cortês, mas estava subentendido: "É melhor concordar, Roger".

— Muito bem, senhor. O Sr. Sinderson concordou com o plano?

— Estará aqui na sexta-feira, se a BOAC quiser.

— Sim, senhor. — Roger Crosse olhou para Dunross. — É melhor eu ficar com as pastas, até lá. Você me dará um pacote lacra...

Dunross fez que não com a cabeça.

— Estarão em segurança até que eu as entregue. Crosse fez que não com a cabeça.

— Não. Se nós estamos sabendo, outros também estão. Os outros não jogam tão limpo quanto nós. Precisamos saber onde estão... temos que pô-las sob guarda, vinte e quatro horas por dia.

Sir Geoffrey concordou.

— Parece-lhe justo, Ian? Dunross pensou por um momento.

— Está certo. Coloquei-as numa caixa-forte do Victoria Bank.
— O pescoço de Crosse ficou rosado quando Dunross tirou do bolso uma chave e colocou-a sobre a mesa. Os números haviam sido cuidadosamente apagados. — Existem cerca de mil cofres individuais. Só eu conheço o número. Esta é a única chave. Se quiser guardá-la, Sir Geoffrey... bem, é o máximo que posso fazer para evitar riscos.

— Roger?

— Sim, senhor. Se está de acordo.

— Lá estão realmente em segurança. É impossível arrombar todos eles. Ótimo, então isso está resolvido. Ian, o mandado está cancelado. Promete, Ian, entregá-las a Sinderson, tão logo ele chegue?
— Os olhos ficaram penetrantes de novo. — Tive uma trabalhadora para resolver isso.

— Sim, senhor.

— Ótimo. Então, estamos conversados. Ainda nenhuma notícia do pobre John Chen, Roger?

— Não, senhor, estamos tentando tudo.

— Que coisa terrível. Ian, e essa história do Ho-Pak? Estão mesmo em dificuldades?

— Estão, senhor.

— Vão soçobrar?

— Não sei. Corre o boato de que vão.

— Que merda! Não estou gostando nada disso. Muito ruim para a nossa imagem. E a transação com a Par-Con?

— Parece boa. Espero ter um relatório favorável para o senhor na semana que vem.

— Excelente. Bem que podíamos usar umas boas firmas americanas por aqui. — Sorriu. — Ouvi dizer que a garota é um encanto! A propósito, a Delegação Comercial Parlamentar deve chegar de Pequim amanhã. Vou dar um jantar para eles na quinta-feira... você virá, é claro.

— Sim, senhor. O jantar será só para homens?

— É, boa idéia.

— Vou convidá-los para as corridas de sábado... o pessoal que sobrar poderá ir para o reservado do banco.

— Ótimo. Obrigado, Ian. Roger, se tiver um momentinho sobrando...

Dunross levantou-se, apertou a mão dos outros e saiu. Embora tivesse vindo com Crosse no carro da polícia, seu Rolls estava à espera. Brian Kwok interceptou-o.

— A que conclusão chegaram, Ian?

— Pediram-me para deixar que seu patrão lhe contasse.

— É justo. Ele vai demorar?

— Não sei. Está tudo bem, Brian. Não há com que se preocupar. Acho que resolvi o dilema corretamente.

— Espero que sim... que merda de situação.

— É. — Dunross entrou no banco traseiro do Silver Cloud. — Balsa Dourada — falou, vivamente.

Sir Geoffrey servia o excelente xerez em duas exóticas xícaras de porcelana casca de ovo.

— Essa história de Alan Medford Grant é bem assustadora, Roger — falou. — Infelizmente ainda não me acostumei às traições, e a toda a podridão de que o inimigo é capaz... mesmo depois de todo esse tempo. — Sir Geoffrey servira no corpo diplomático desde que começara a trabalhar, exceto na época da guerra, quando fora oficial do estado-maior do exército britânico. Falava russo, mandarim, francês e italiano. — É terrível.

— É sim, senhor. — Crosse observava-o. — Tem certeza de que pode confiar em Ian?

— Na sexta-feira você não necessitará da autorização de Londres para prosseguir. Tem uma ordem no conselho. Na sexta-feira, nós nos apossaremos das pastas.

— Sim, senhor. — Crosse aceitou a xícara de porcelana, preocupado com a sua fragilidade. — Obrigado, senhor.

— Sugiro que mantenha dois homens nas caixas-fortes ininterruptamente, um do sei e outro do DIC, para efeito de segurança, e um vigia à paisana atrás do tai-pan... discretamente, é claro.

— Providenciarei quanto ao banco antes de sair. Quanto a ele, já está sob vigilância discreta.

— Ah, já?

— Sim, senhor. Imaginei que ele manipularia a situação para ir de encontro aos seus propósitos. Ian é um sujeito muito ardiloso. Afinal, o tai-pan da Casa Nobre nunca é um tolo.

— Não. Saúde! — Tocaram as xícaras delicadamente, uma na outra. O ruído emitido era lindo. — Este tai-pan é o melhor dentre todos com quem já lidei.

— Ian mencionou se tinha relido todas as pastas recentemente, senhor? Ontem à noite, por exemplo?

— Não creio — disse Sir Geoffrey franzindo o cenho, lembrando a conversa deles, pela manhã. — Espere aí, ele falou... falou exatamente: "Quando li os relatórios de Alan pela primeira vez, achei que algumas das idéias dele eram exageradas demais. Mas agora... e agora que está morto, mudei de idéia..." Isso pode significar que ele as tenha relido recentemente. Por quê?

Crosse examinava contra a luz a xícara de porcelana delicadíssima.

— Sempre ouvi dizer que ele tem uma memória notável. Se as pastas na caixa-forte são intocáveis... bem, não gostaria que o KGB se sentisse tentado a seqüestrá-lo.

— Santo Deus, não acha que seriam burros a esse ponto, acha? O tai-pan?

— Depende da importância que dêem aos relatórios, senhor — falou Crosse, serenamente. — Talvez nossa vigilância deva ser relativamente ostensiva... isso os faria correr, caso estivessem com tal idéia. Quer explicar isso a ele, senhor?

— Mas, claro. — Sir Geoffrey tomou nota no seu bloquinho. — Boa idéia. É um caso sério. Será que os Lobisomens... será que existe algum elo entre as armas contrabandeadas e o seqüestro de John Chen?

— Não sei, senhor. Ainda. Já encarreguei Armstrong e Brian Kwok do caso. Se houver alguma ligação, eles a encontrarão. — Ficou olhando a luz do pôr-do-sol que tocava na porcelana translúcida, azul-pálida, que parecia realçar o brilho dourado do xerez seco La Ina. — Interessante, o jogo de cores.

— É. São T'ang Ying... têm o nome do diretor da fábrica do imperador, em 1736. Na verdade, o imperador Ch'en Leung. — Sir Geoffrey ergueu os olhos para Crosse. — Um espião infiltrado na minha polícia, na minha secretaria colonial, no meu Departamento do Tesouro, na base naval, no Victoria, na companhia telefônica, e até mesmo na Casa Nobre. Poderiam paralisar-nos e criar a maior confusão entre nós e a RPC.

— Sim, senhor. — Crosse examinou a xícara. — Parece impossível que seja tão fina. Nunca vi uma xícara assim antes.

— Você é colecionador?

— Não, senhor. Infelizmente, não sei nada sobre elas.

— Essas são as minhas favoritas, Roger. Muito raras. Têm o nome de t'o t'ai: "sem corpo". São tão finas que os esmaltes, por dentro e por fora, parecem tocar-se.

— Quase me dá medo segurá-la.

— Ah, mas são bem fortes. Delicadas, é claro, mas fortes. Quem poderia ser Arthur?

Crosse soltou um suspiro.

— Não há pista alguma neste relatório. Nenhuma. Já o li cinquenta vezes. Deve haver alguma nos outros, não importa o que Dunross ache.

— Possivelmente.

A xícara delicada parecia fascinar Crosse.

— A porcelana é uma argila, não é?

— É. Mas este tipo é feito de uma mistura de duas argilas, Roger: caulim (em homenagem à zona montanhosa de King-tehchen, onde é encontrada) e pan tun tse, os chamados bloquinhos brancos. Os chineses os chamam a carne e os ossos da porcelana. — Sir Geoffrey foi até junto da mesa de tampo de couro trabalhado que fazia as vezes de bar e trouxe de lá a garrafa de licor. Tinha uns vinte centímetros de altura, e era bastante translúcida, quase transparente. — O azul também é admirável. Quando o corpo está bem seco, sopra-se cobalto em pó sobre a porcelana com um pedaço de bambu. Na realidade, a cor é composta de milhares de pintinhas minúsculas individuais de azul. Depois, ela é vitrificada e levada ao forno... a cerca de mil e trezentos graus.

Ele a devolveu ao bar, o toque de artesanato e a visão da peça encantando-o.

— Notável.

— Sempre houve um decreto imperial proibindo a sua exportação. Nós, quai loh, tínhamos apenas direito a artigos feitos de hua shih, "pedra escorregadia", ou tun ni, "lama de tijolo". — Olhou de novo para a sua xícara, como um connaisseur. — O gênio que fez isto provavelmente ganhava cem dólares por ano.

— Talvez estivesse ganhando demais — disse Crosse, e os dois homens sorriram juntos.

— Talvez.

— Vou descobrir Arthur, senhor, e os outros. Pode contar com isso.

— Parece que tenho que contar, Roger. Tanto o ministro quanto eu estamos de acordo. Ele terá que informar ao primeiro-ministro, e aos chefes do estado-maior.

— Então a informação passará por toda espécie de mãos e línguas, e o inimigo sem dúvida descobrirá que estamos no seu rastro.

— É. Portanto, teremos que andar depressa. Comprei quatro dias de vantagem para você, Roger. O ministro não passará nada adiante durante esse período.

— Comprou, senhor?

— É um modo de falar. Na vida, obtemos e damos vales... até mesmo no corpo diplomático.

— Sim, senhor. Obrigado.

— Nada ainda sobre Bartlett e a srta. Casey?

— Não, senhor. Rosemont e Langan solicitaram dossiês atualizados. Parece haver alguma ligação entre Bartlett e Banastasio... não temos ainda certeza do que é. Tanto ele quanto a srta. Tcholak estiveram em Moscou no mês passado.

— Ah! — Sir Geoffrey voltou a encher as xícaras. — O que fez com relação àquele pobre sujeito, o Voranski?

— Devolvi o corpo ao navio, senhor.

Crosse resumiu para ele o seu encontro com Rosemont e Langan, e a história das fotos.

— Mas que golpe de sorte! Nossos primos estão ficando muito sabidos — comentou o governador. — É melhor você achar os tais assassinos antes do KGB... ou da CIA, não?

— Tenho equipes agora cercando a casa. Tão logo apareçam, nós os agarraremos. Ficarão incomunicáveis, é claro. Mandeí apertar a segurança ao redor do Ivânov. Ninguém mais vai escapar pelas malhas da rede, prometo. Ninguém.

— Ótimo. O comissário de polícia me disse que mandou o DIC ficar mais alerta, também. — Sir Geoffrey pensou por um momento. — Vou mandar um memorando ao secretário explicando por que você não obedeceu à I-4a. O pessoal americano da ligação em Londres vai ficar muito aborrecido, mas, sob tais circunstâncias, como poderia você obedecer?

— Se posso fazer uma sugestão, senhor, talvez fosse melhor pedir-lhe que não mencionasse que ainda não temos as pastas, senhor. Essa informação também poderia cair em mãos erradas. Deixemos isso de lado, enquanto pudermos.

— É, concordo. — O governador bebericou o seu xerez. — Há um bocado de sabedoria no laissez-faire, não é?

— Sim, senhor.

Sir Geoffrey lançou um olhar ao relógio de pulso.

— Vou ligar para ele daqui a alguns minutos, para pegá-lo ainda antes do almoço. Bem. Mas há um problema que não posso deixar de lado: o Ivânov. Hoje de manhã soube pelo nosso intermediário não-oficial que Pequim encara a presença do tal navio aqui com a maior preocupação.

O porta-voz não-oficial da República Popular da China em Hong Kong, e o mais alto funcionário comunista, era, ao que constava, atualmente, um dos vice-presidentes da junta diretora do Banco da China, o banco central da China, pelo qual passava todo o câmbio exterior e todos os bilhões de dólares americanos ganhos com o suprimento de bens de consumo e de quase toda a comida e a água de Hong Kong. A Grã-Bretanha sempre afirmara, intransigentemente, que Hong Kong era solo britânico, uma colônia da coroa. Em toda a história de Hong Kong, desde 1841, a Grã-Bretanha jamais permitira que qualquer representante oficial da China residisse na colônia. Nenhum.

— Ele me atçou ao máximo, com relação ao Ivânov — continuou Sir Geoffrey —, e fez questão de registrar o extremo desprazer de Pequim ao saber que um navio espião soviético estava aqui. Chegou a sugerir que eu talvez achasse de bom alvitre expulsá-lo... "Afinal de contas", disse, "soubemos que um dos espiões do KGB soviético, fazendo-se passar por marinheiro, chegou a ser morto em nosso solo." Agradei-lhe pelo seu interesse e disse que falaria com meus superiores... na devida hora. — Sir Geoffrey bebericou um pouco de xerez. — O curioso é que não pareceu irritado com a presença do porta-aviões nuclear aqui.

— Que estranho! — Crosse ficou igualmente surpreso.

— Será que isso indica outra alteração na política... uma mudança distinta e significativa de política externa, um desejo de

paz com os Estados Unidos? Não posso crer nisso. Tudo indica um ódio patológico aos Estados Unidos. Se transpirasse a existência da Sevrin, que estão infiltrados aqui... Deus todo-poderoso, eles teriam convulsões, e com toda a razão! — falou o governador com um suspiro e tornando a encher as xícaras.

— Encontraremos os traidores, senhor, não se preocupe. Nós os encontraremos!

— Será? É o que me pergunto. — Sir Geoffrey sentou-se no banco embutido sob a janela e fitou os gramados bem-tratados, o jardim inglês, arbustos, canteiros de flores cercados pelo muro alto e branco, o belo pôr-do-sol. Sua mulher estava cortando flores, caminhando por entre os canteiros nos fundos do jardim, seguida por um jardineiro chinês de cara amarrada. Sir Geoffrey observou-a por um momento. Estavam casados há trinta anos, tinham três filhos, todos casados, e viviam satisfeitos e em paz, mutuamente. — Sempre traidores — falou, tristemente. — Os soviéticos são mestres no emprego deles. É tão fácil para os traidores causarem uma agitação, espalharem um pouco de veneno aqui e ali, tão fácil deixar a China perturbada, a pobre China, que já é xenófoba, de qualquer modo! Ah, como é fácil balançar o nosso coreto aqui! O pior de tudo, quem é o seu espião? O espião da polícia? Tem que ser um inspetor-chefe, no mínimo, para ter acesso a essa informação.

— Não tenho idéia. Se tivesse, ele já estaria neutralizado há muito tempo.

— O que vai fazer sobre o general Jen e os seus agentes secretos nacionalistas?

— Vou deixá-los em paz... há meses que estão na nossa mira. É muito melhor deixar os agentes inimigos conhecidos onde estão do que ter de descobrir seus substitutos.

— Concordo... eles certamente seriam todos substituídos. Os deles, os nossos. Triste, muito triste! Nós o fazemos, eles o fazem. Tão triste e tão estúpido... este mundo é um paraíso, poderia ser um paraíso.

Uma abelha entrou zumbindo pelos janelões, depois voltou voando para o jardim, quando Sir Geoffrey afastou as cortinas.

— O ministro me pediu que eu me certificasse de que nossos deputados visitantes (a delegação comercial que foi à China, e que volta amanhã) tivessem a mais completa segurança, embora totalmente discreta.

— Sim, senhor. Compreendo.

— Parece que um ou dois deles poderão ser futuros ministros do governo, se o Partido Trabalhista for eleito. Seria bom para a colônia dar-lhes uma excelente impressão.

— Acha que terão uma chance na próxima vez? Quero dizer, o Partido Trabalhista?

— Não dou respostas a esse tipo de perguntas, Roger. — A voz do governador era seca, desaprovadora. — Não me interessa a política partidária... represento Sua Majestade, a rainha... mas, pessoalmente, gostaria muito que alguns dos seus extremistas fossem embora e nos deixassem viver a nossa vida, pois está claro que grande parte da sua filosofia socialista de esquerda é estranha ao modo de vida inglês. — Sir Geoffrey falou mais duramente. — É bastante óbvio que alguns deles ajudam o inimigo, de bom grado... ou como inocentes úteis. Já que estamos falando no assunto, algum dos nossos convidados é um risco para a segurança?

— Depende do que quer dizer com isso, senhor. Dois apoiam os sindicalistas de extrema esquerda, Robin Grey e Lochlin Donald McLean. McLean se vangloria abertamente da sua filiação ao Partido Comunista Britânico. Figura bem no alto da nossa lista de riscos para a segurança, lista S. Todos os outros socialistas são moderados. Os membros do Partido Conservador são moderados, da classe média, todos ex-militares. Um deles é um tanto imperialista, Hugh Guthrie, o representante do Partido Liberal.

— E os da extrema esquerda? São ex-militares?

— McLean era mineiro, pelo menos o pai era. Passou a maior parte da sua vida comunista como representante dos empregados e sindicalistas nas minas de carvão da Escócia. Robin Grey pertenceu ao exército, foi capitão da infantaria.

Sir Geoffrey ergueu os olhos.

— Não se costuma considerar ex-capitães como sindicalistas radicais, não é?

— Não, senhor. — Crosse tomou um gole do xerez, apreciando-o, saboreando ainda mais a informação que possuía. — Nem como aparentados com um tai-pan.

— Como?

— A irmã de Robin Grey é Penelope Dunross.

— Santo Deus! — Sir Geoffrey fitou-o, atônito. — Tem certeza?

— Tenho sim, senhor.

— Mas por que... por que motivo Ian não mencionou tal fato?

— Não sei, senhor. Quem sabe sinta vergonha dele. O Sr. Grey é o oposto absoluto da sra. Dunross.

— Mas... meu Deus do céu, tem certeza?

— Sim, senhor. Na verdade, foi Brian Kwok que percebeu a ligação. Por puro acaso. Os deputados tinham que dar as informações pessoais de praxe à RPC para obterem seus vistos, data do nascimento, parentes mais próximos, etc. Brian estava fazendo uma verificação de rotina para se certificar de que todos os vistos estavam em ordem, para evitar qualquer problema na fronteira. Ele notou, por acaso, que o Sr. Grey colocara como parente mais próximo "irmã, Penelope Grey", dando como endereço o Castelo Avisyard, em Ayr. Brian lembrou-se de que aquele era o endereço da casa da família Dunross. — Crosse tirou do bolso a cigarreira de prata. — Importa-se se eu fumar, senhor?

— Não, por favor, à vontade.

— Obrigado. Isso faz cerca de um mês. Achei que era importante o bastante para pesquisar a informação. Levou relativamente pouco tempo para estabelecermos que a sra. Dunross era realmente sua irmã e parente mais próxima. Segundo sabemos agora, a sra. Dunross brigou com o irmão logo após a guerra. O capitão Grey foi prisioneiro de guerra em Changi, preso em Cingapura em 1942. Voltou para casa no final de 1945... a propósito,

os pais de ambos foram mortos na Blitz de Londres, em 1943. A essa altura, ela já estava casada com Dunross... haviam se casado em 43, senhor, pouco depois de ele ter sido abatido. Ela trabalhava no Corpo Auxiliar Feminino da Força Aérea. Sabemos que os dois irmãos se encontraram quando Grey foi solto. Ao que nos consta, jamais se encontraram novamente. Claro que não é da nossa conta, mas a briga deve ter sido...

Crosse interrompeu-se ao ouvir uma batida discreta. Sir Geoffrey respondeu, com certa irritação:

— O que é?

A porta se abriu.

— Com licença, senhor — disse seu assessor, cortesmente. — Lady Allison pediu-me que o avisasse de que a água acaba de ser ligada.

— Ah, que maravilha! Obrigado. — A porta se fechou.

Crosse levantou-se imediatamente, mas o governador fez-lhe sinal para que voltasse a se sentar. — Não, por favor, Roger, termine. Alguns minutos não vão fazer diferença, embora deva confessar que mal posso esperar. Gostaria de tomar uma chuveirada antes de partir?

— Obrigado, senhor, mas temos as nossas caixas-d'água no QG da polícia.

— Ah, é, tinha esquecido. Continue... você falava da briga?

— A briga deve ter sido bem séria, porque parece que foi definitiva. Um amigo íntimo de Grey contou ao nosso pessoal, faz alguns dias, que, ao que lhe constava, Robin Grey não tinha parentes vivos. Devem realmente se odiar.

Sir Geoffrey fitou a sua xícara, sem vê-la. De repente estava se lembrando da própria infância desgraçada, e de como odiara o pai. Odiara-o tanto que durante trinta anos jamais lhe telefonara, ou lhe escrevera, e, quando ele estava morrendo, no ano anterior, não

se dera ao trabalho de ir procurá-lo, de fazer as pazes com o homem que lhe dera a vida.

— As pessoas são terríveis umas com as outras — resmungou, tristemente. — Eu sei. É. As brigas de família são fáceis demais. E depois, quando é tarde demais, a gente as lamenta, é, lamenta de verdade. As pessoas são terríveis umas com as outras...

Crosse observava e esperava, deixando-o divagar, deixando-o revelar-se, tomando cuidado para não fazer o menor movimento para distraí-lo, querendo conhecer os segredos do outro, as coisas vergonhosas que porventura ocultasse. Como Alan Medford Grant, Crosse colecionava segredos. "Maldito seja aquele filho da mãe e suas pastas amaldiçoadas! Maldito seja Dunross e sua astúcia diabólica! Como, em nome de Deus, posso pegar aquelas pastas antes de Sinderson?"

Sir Geoffrey fitava o vazio. A seguir, a água borbulhou gostosamente nos canos das paredes, e ele voltou ao presente. Viu que Crosse o observava.

— Humm, pensando em voz alta! Mau hábito para um governador, não é?

Crosse sorriu, mas não caiu na armadilha.

— Senhor?

— Bem. Como você falou, não é mesmo da nossa conta. — O governador terminou seu drinque com ar decidido, e Crosse compreendeu que fora dispensado. Levantou-se.

— Obrigado, senhor.

Quando ficou a sós, o governador soltou um suspiro. Pensou por um momento, depois apanhou o telefone especial e deu à telefonista o número particular do ministro, em Londres.

— Aqui fala Geoffrey Allison. Ele está, por favor?

— Alô, Geoffrey!

— Alô, senhor. Acabo de estar com Roger, que me assegurou que o esconderijo e Dunross serão estreitamente vigiados. O Sr. Sindors está a caminho?

— Estará aí na sexta-feira. Presumo que não houve repercussões do acidente infeliz com aquele marinheiro...

— Não, senhor. Tudo parece estar sob controle.

— O primeiro-ministro ficou muito preocupado.

— Sim, senhor. — E acrescentou: — Quanto à I-4a... quem sabe não deveríamos contar nada aos nossos amigos, ainda.

— Já tive notícias deles. Estavam tremendamente irritados. Nosso pessoal também estava. Está certo, Geoffrey. Felizmente, esse fim de semana é mais longo, portanto eu os informarei na segunda-feira, e prepararei então a reprimenda dele.

— Obrigado, senhor.

— Geoffrey, esse senador americano que está com vocês, no momento... Acho que devia ser orientado.

O governador franziu o cenho. "Orientado" era uma palavra-código entre eles, e queria dizer "vigiado muito cuidadosamente". O senador Wilf Tillman, que ambicionava ser presidente, estava de visita a Hong Kong, a caminho de Saigon, para uma missão muito divulgada de verificação de fatos.

— Vou cuidar do assunto logo que desligar. Alguma coisa mais, senhor? — perguntou, impaciente agora para tomar banho.

— Não, basta me dar um minutinho do seu tempo para me contar qual foi o programa do senador. — "Programa" era outra

palavra-código, que queria dizer "fornecer à secretaria colonial informações detalhadas". — Quando tiver tempo.

— Estará na sua mesa na sexta-feira.

— Obrigado, Geoffrey. Conversaremos amanhã, na hora de costume.

O aparelho emudeceu.

O governador recolocou o fone no gancho, pensativo. A conversa deles sofrerá interferências eletrônicas, e as interferências haviam sido eliminadas, em ambos os lados. Mesmo assim, estavam protegidos. Sabiam que o inimigo tinha o equipamento de escuta secreta mais avançado e sofisticado do mundo. Para qualquer conversa ou reunião realmente sigilosa, ele se dirigia ao quarto de concreto tipo cela, no porão, permanentemente vigiado, e que era reexaminado meticulosamente por peritos em segurança semanalmente, contra possíveis aparelhos de escuta eletrônicos.

"Mas que merda", pensou Sir Geoffrey. "Uma merda duma amolação, toda essa história de capa-e-espada! Roger? Inconcebível. Mas também era inconcebível que Philby..."

25

18h20m

O comandante Grigóri Suslev acenou atrevidamente para a polícia que guardava os portões do arsenal em Kowloon, seus dois detetives à paisana seguindo-o a uns cinqüenta metros de distância. Vestia trajes civis bem-cortados, e ficou parado junto ao meio-fio por um momento, observando o tráfego, depois fez sinal para um táxi que passava. O táxi arrancou, e um pequeno Jaguar cinzento, com o sargento Lee e ao volante outro homem do DIC, à paisana, saiu em seu encalço.

O táxi seguiu a Chatham Road no trânsito pesado de costume, dirigindo-se para o sul, acompanhando a linha da estrada

de ferro, depois virou para o leste na Salisbury Road, na ponta mais meridional de Kowloon, passando a estação final da estrada de ferro, perto do Terminal da Balsa Dourada. Parou aí. Suslev pagou o táxi e subiu correndo os degraus do Victoria and Albert Hotel. O sargento Lee seguiu-o, enquanto o outro detetive estacionava o Jaguar da polícia.

Suslev caminhava com passadas descontraídas, e ficou parado por um momento no saguão imenso e lotado, com seu teto alto, lindo e enfeitado, e ventiladores elétricos antiquados girando lá em cima, e procurou uma mesa vazia entre inúmeras delas. A sala inteira vibrava com o tinir do gelo nos copos de bebida e as conversas. Na maioria, europeus. Uns poucos casais chineses. Suslev caminhou por entre o povo, achou uma mesa, pediu em voz alta uma vodca dupla, sentou-se e começou a ler o jornal. E então, a garota apareceu junto dele.

— Alô — disse ela.

— Ginny, doragaya! — exclamou, com um amplo sorriso, e abraçou-a, levantando seus pezinhos do chão, ante a desaprovação chocada de todas as mulheres presentes e a inveja disfarçada de todos os homens. — Há quanto tempo, golubchik.

— Ayeeyah — disse ela, sacudindo a cabeça, o cabelo curto se movendo, e sentou-se, consciente dos olhares fixos, saboreando-os, detestando-os. — Você atrasado. Por que me deixa esperar? Uma senhora não gosta esperar sozinha no Victoria, heya?

— Tem razão, golubchik! — Suslev tirou do bolso um pacote fino e entregou-o à moça, com outro amplo sorriso. — Tome, veio de Vladivostok!

— Oh! Como agradecer você? — Ginny Fu tinha vinte e oito anos de idade, e na maioria das noites trabalhava no Bar Bebedores Felizes, num beco perto de Mong Kok, a uns oitocentos metros para o norte. Algumas noites, ia ao Salão de Baile Boa Sorte. Na maioria dos dias, substituía as amigas atrás dos balcões de lojinhas dentro de lojas, quando estavam com algum cliente. Dentes brancos, cabelos negros, olhos negros e pele dourada, o cheong-sam espalhafatoso aberto até o alto das coxas longas e cobertas com meias. Olhou toda animada para o presente. — Oh, obrigada, Grigóri, muito obrigada!

Pôs o presente na bolsa grande e sorriu para ele. A seguir, seus olhos depararam com o garçom que vinha trazendo a vodca de Suslev, ostentando o claro desprezo reservado por todos os chineses a todas as jovens chinesas que se sentavam com quai loh. Era óbvio que deviam ser meretrizes de terceira classe... quem mais se sentaria com um quai loh num local público, especialmente no

saguão do Vic? Ele largou o drinque sobre a mesa com insolência estudada, e fitou a moça.

— Dew neh loh moh para todos os seus ancestrais, que não passam de lavagem para porcos — sibilou ela em cantonense de sarjeta. — Meu marido aqui é um 489 na polícia, e basta eu pedir-lhe que mande arrancar esses amendoins insignificantes que você chama de colhões do seu corpo nojento uma hora após você largar o serviço, hoje à noite!

O garçom ficou sem cor.

— Hem?

— Chá quente! Traga-me uma porra dum chá quente, e se você cuspir nele, mando meu marido dar um nó nesse canudo que você chama de pau!

O garçom se retirou.

— O que foi que disse a ele? — perguntou Suslev, compreendendo apenas algumas palavras de cantonense, embora seu inglês fosse muito bom.

Ginny Fu sorriu meigamente.

— Só pedi ele trazer chá. — Sabia que o garçom automaticamente cuspiria agora no seu chá, ou mais provavelmente, por medida de segurança, mandaria um amigo fazê-lo por ele. Portanto, ela não o tomaria, e deste modo faria com que ele ficasse ainda mais desmoralizado. Osso de cachorro sujo! — Outra vez, não gosta encontrar aqui, muita gente nojenta — falou imperiosamente, olhando ao seu redor, depois franziu o nariz para um grupo de inglesas de meia-idade que a fitavam. — Fedor demais — acrescentou em voz alta, sacudindo de novo os cabelos, e riu consigo mesma ao vê-las ficarem rubras e desviarem o olhar. — Este presente, Gregy. Tão grata!

— De nada — retrucou Suslev. Sabia que ela não abriria o presente agora (nem na frente dele), o que mostrava o senso de boas maneiras chinesas, hábito muito prudente. Assim, se ela não gostasse do presente, ficasse desapontada ou xingasse em voz alta porque o que fora dado era do tamanho errado, ou da cor errada, ou

amaldiçoasse a sovinice do presenteador, seu mau gosto, ou lá o que fosse, nem ele nem ela ficariam desprestigiados. — Muito sensato!

— O quê?

— Nada.

— Está bonito.

— Você também.

Fazia três meses desde a sua última visita, e embora a sua amante em Vladivostok fosse uma eurásiana filha de mãe russa branca com pai chinês, ele gostava de Ginny Fu.

— Gregy — disse ela, depois baixou a voz, o sorriso malicioso. — Acabe bebida. Começamos feriado! Tenho vodca...

tenho outras coisas!

Ele lhe devolveu o sorriso.

— Ah, lá isso tem, golubchik!

— Quantos dias tem?

— Pelo menos três, mas...

— Oh!

Ela tentou ocultar o desapontamento.

—...tenho que ficar indo e vindo para o navio. Temos esta noite, quase toda, amanhã e toda a noite de amanhã. E as estrelas brilharão!

— Três meses muito tempo, Gregy.

— Vou voltar logo.

— É. — Ginny Fu escondeu seu desapontamento e voltou a ser pragmática. — Acabe bebida e começamos! — Viu o garçom que trazia apressado o seu chá. Seus olhos vararam o homem enquanto ele pousava a xícara. — Uh! Evidentemente está frio e não é fresco! — falou, com ar de nojo. — Quem sou eu? Um monte sujo de carne de cachorro dum demônio estrangeiro? Não, sou uma pessoa civilizada das Quatro Províncias, que, porque seu pai perdeu no jogo toda a sua fortuna, foi vendida por ele para ser concubina, para tornar-se a Esposa Número Dois desse chefe de polícia dos demônios estrangeiros! Então, vá para o raio que o parta!

Pôs-se de pé.

O garçom deu um passo para trás.

— O que aconteceu? — quis saber Suslev.

— Não pagar os chás, Gregy! Não quente! — falou, imperiosamente. — Não dar gorjeta!

Apesar disso, Suslev pagou. Ela tomou-lhe o braço e saíram juntos, seguidos por olhares. Ela ia de cabeça erguida, mas por dentro detestava os olhares que recebia de todos os chineses, até mesmo do jovem pajem engomado do hotel, que lhes abriu a porta... a cara do seu irmão mais moço, a quem sustentava e cujos estudos pagava.

Dunross vinha subindo as escadas. Esperou que eles passassem, com um brilho divertido no olhar, depois foi recebido com uma curvatura polida pelo pajem sorridente. Dirigiu-se para o telefone do hotel, em meio à multidão. Muitos o notaram imediatamente, e pares de olhos o seguiram. Rodeou um grupo de turistas, de máquinas fotográficas a tiracolo, e notou Jacques de Ville e a mulher Susanne numa mesa de canto. Os dois estavam de cara fechada, fitando seus copos de bebida. Sacudiu a cabeça, um tanto divertido. "O pobre velho Jacques foi pego com a boca na

botija de novo, e ele está remexendo na ferida já gasta de sua infidelidade. Azar!" Quase podia ouvir o velho Chen-chen rindo.

— A vida do homem é sofrer, jovem Ian! É, é o eterno yin guerreando contra o nosso yang tão vulnerável...

Normalmente, Dunross fingiria não tê-los visto, deixando-os gozar a sua privacidade, mas algum instinto alertou-o para que agisse de outro modo.

— Alô, Jacques... Susanne. Como vão indo?

— Oh, alô, alô, tai-pan. — Jacques de Ville levantou-se, educadamente. — Quer nos fazer companhia?

— Não, obrigado, não posso. — Foi então que viu a extensão da agonia do amigo, e lembrou-se do acidente de carro na França. A filha de Jacques, Avril, e o marido! — O que aconteceu? Exatamente!...

Dunross falou como um líder o faria, exigindo uma resposta instantânea.

Jacques hesitou, depois disse:

— Exatamente, tai-pan: soube notícias de Avril. Ligou de Cannes, na hora em que eu ia saindo do escritório. Ela, ela falou: "Papai... papai, Borge está morto... Está me ouvindo? Há dois dias que tento falar com você... foi um choque de frente, e o... o outro homem estava... Meu Borge está morto... está me ouvindo?" — A voz de Jacques estava sem emoção. — Depois, o telefone emudeceu. Sabemos que ela está no hospital, em Carmes. Achei melhor que Susanne fosse para lá imediatamente. O vôo dela está atrasado, então... então resolvemos esperar aqui. Estão tentando completar uma ligação para Cannes, mas não tenho muita esperança.

— Santo Deus, sinto muito — disse Dunross, tentando ignorar a pontada que percorreu seu corpo enquanto sua mente substituía Avril por Adryon. Avril tinha apenas vinte anos, e Borge Escary era um excelente moço. Estavam casados há apenas um ano e meio, e aquelas eram suas primeiras férias depois do nascimento de um filho. — A que horas sai o vôo?

— Às oito, agora.

— Susanne, quer que cuidemos do bebê? Jacques, por que você não toma o avião... eu cuido de tudo por aqui.

— Não — replicou Jacques. — Não, obrigado. É melhor que Susanne vá. Ela trará Avril para casa.

— É — disse Susanne, e Dunross notou que ela parecia ter ficado frágil. — Temos as atnajs... é melhor que eu vá só, tai-pan. Merci, mas não, essa é a melhor maneira. — As lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. — Não é justo, não acha? Borge era um rapaz tão bom!

— É. Susanne, Penn irá a sua casa diariamente, portanto não se preocupe, cuidaremos bem do bebê, e de Jacques também. — Dunross considerou bem os dois. Concluiu que Jacques estava bem controlado. Ótimo, pensou. Depois disse, como se fosse uma ordem: — Jacques, depois que Susanne tiver embarcado, volte para o escritório. Mande um telex para o nosso homem em Marselha. Diga-

Ihe que reserve uma suíte no Capi-tol, vá recebê-la com um carro e dez mil dólares em francos. Diga que mandei que fique à inteira disposição dela enquanto estiver lá. Ele deverá ligar para mim amanhã, com um relatório completo sobre Avril, o acidente, quem estava dirigindo e quem era o outro motorista.

— Sim, tai-pan.

— Tem certeza de que está bem? Jacques forçou um sorriso.

— Oui. Merci, mon ami.

— Rien. Sinto tanto, Susanne... telefone a cobrar se houver algo que possamos fazer.

Foi embora. "Nosso homem em Marselha é bom", pensou. "Cuidará de tudo. E Jacques é um homem de ferro. Já cuidei de tudo? É, acho que sim. No momento, é o que se pode fazer.

"Deus proteja Adryon, Glenna, Duncan e Penn", pensou. "E Kathy e todos os outros. E eu... até que a Casa Nobre seja inviolável." Deu uma olhada no relógio. Eram exatamente dezoito e trinta. Pegou um dos telefones do hotel.

— Sr. Bartlett, por favor.

Um momento depois, ouviu a voz de Casey.

— Alô?

— Ah, alô, Ciranoush — disse Dunross. — Quer dizer a ele que estou no saguão?

— Oh, alô, claro! Não quer subir? Estamos...

— Por que não desce? Pensei que, se você não estivesse muito ocupada, poderia ir comigo ao meu próximo compromisso...

poderia ser interessante para você. Poderíamos comer depois, se você estiver livre.

— Eu adoraria. Deixe-me verificar se posso.

Ouviu-a repetir o que acabara de dizer, e ficou pensando seriamente na aposta que fizera com Claudia. "É impossível que esses dois não sejam amantes", pensou, "ou não tenham sido amantes, vivendo assim tão juntos. Não seria natural!"

— Desceremos já, tai-pan!

Notou o sorriso na voz dela, enquanto desligava.

O primeiro maitre estava a rondá-lo agora, esperando pela rara honraria de sentar o tai-pan. Fora chamado pelo segundo maitre no momento em que se soubera que Dunross vinha se aproximando da porta de entrada. Chamava-se Pok Tarde, era grisalho, majestoso, e governava seu turno com um chicote de bambu.

— Ah, Honrado Senhor, mas que prazer! — falou o velho em cantonense, com uma curvatura respeitosa. — Já comeu arroz hoje?

Esse era o modo polido de dizer-se "bom dia", ou "boa noite" ou "como está?", em chinês.

— Já, obrigado, Irmão Mais Velho — replicou Dunross. Conhecera Pok Tarde quase toda a sua vida. Até onde alcançava a sua lembrança, Pok Tarde fora o garçom-chefe do saguão do meio-dia às seis, e, muitas vezes, quando Dunross era jovem, e o mandavam ao hotel para cumprir alguma incumbência, dolorido por causa de uma surra ou uns cascudos, o velho fazia-o sentar-se numa mesinha de canto, dava-lhe um docinho, batia-lhe carinhosamente na cabeça, e nunca lhe cobrava nada. — Está com uma aparência de prosperidade!

— Obrigado, tai-pan. Ah, também está com uma cara muito saudável! Mas ainda tem um filho só! Não acha que está na hora de a sua ilustre Mulher Principal arrumar-lhe uma segunda mulher?

Sorriram juntos.

— Por favor, siga-me — disse o velho, com ar importante, e foi mostrando o caminho até a mesa especial que aparecera miraculosamente num lugar espaçoso e preferencial, conseguido por quatro garçons cheios de energia que haviam espremido para os lados outros convidados e mesas. Agora estavam em pé, sorridentes, quase em posição de sentido.

— O de costume, senhor? — indagou o garçom de vinhos. — Tenho uma garrafa do 52.

— Perfeito — falou Dunross, sabendo que ela seria do La Doucette de que tanto gostava. Teria preferido tomar chá, mas era necessário prestigiar o outro, aceitando o vinho. A garrafa já estava lá, num balde de gelo. — Estou esperando o Sr. Bartlett e a srta. Tcholak.

Um outro garçom foi imediatamente esperá-los na porta do elevador.

— Se precisar de alguma coisa, por favor, chame-me. Pok Tarde curvou-se e afastou-se, cada garçom do saguão nervosamente cômico da sua presença. Dunross sentou-se e notou Peter e Fleur Marlowe tentando controlar duas lindas garotinhas agitadas de quatro e oito anos, e soltou um suspiro, agradecendo a Deus porque suas filhas tinham passado daquela idade. Enquanto bebia o vinho, gostosamente, viu o velho Willie Tusk olhar para o lado dele e acenar. Acenou em resposta. Quando era garoto, costumava vir de Hong Kong três ou quatro vezes por semana, com pedidos comerciais para Tusk do velho Sir Ross Struan, pai de Alastair... ou, mais freqüentemente, pedidos do seu próprio pai, que, durante anos, dirigira os negócios exteriores da Casa Nobre. Ocasionalmente, Tusk servia à Casa Nobre nas áreas em que era perito — qualquer coisa que consistisse em tirar qualquer coisa da Tailândia, Birmânia ou Malásia e a enviá-la para qualquer lugar, com só um pouquinho de h'eung yau e seus honorários comerciais normais de sete e meio por cento.

— Para que é o meio por cento, Tio Tusk? — lembrava-se de ter perguntado certo dia, olhando para cima para o homem que agora sobrepujava tanto em altura.

— É o que eu chamo de dinheiro das bonecas, jovem Ian.

— O que é dinheiro das bonecas?

— É um dinheirinho extra para você gastar com as bonequinhas, as moças que você preferir.

— Mas por que você dá dinheiro para as moças?

— Essa é uma longa história, meu rapaz.

Dunross sorriu consigo mesmo. É, era uma história muito longa. Nessa parte da sua educação tivera diversas professoras, algumas boas, algumas ótimas, e algumas ruins. O velho Chen-chen providenciara para ele sua primeira amante, quando tinha catorze anos.

— Ah, está falando a sério, Tio Chen-chen?

— É, mas não deve contar a ninguém, senão seu pai vai arrancar minhas tripas! Ah... — continuara o maravilhoso velhinho —

seu pai devia ter providenciado isso, ou pedido que eu providenciasse, mas não faz mal. Agora, o que...

— Mas quando é que eu, quando é... oh, tem certeza? Quero dizer, como, quanto eu pago, e quando, Tio Chen-chen? Quando? Quero dizer, antes ou... ou depois, ou quando? É isso o que não sei.

— Não sabe muita coisa! Ainda não sabe quando falar e quando ficar calado! Como posso instruí-lo se fica falando? Tenho o dia todo?

— Não, senhor.

— Eeee — dissera o velho Chen-chen, com aquele seu imenso sorriso. — Eeee, mas que sorte você tem! Sua primeira vez num Lindo Vale Estreito! Será a primeira vez, não é? Diga a verdade!

— Bem... é... bem, é... é, sim.

— Ótimo!

Passaram-se muitos anos antes que Dunross descobrisse que algumas das mais famosas casas de Hong Kong e Macau haviam feito lances, secretamente, para obterem o privilégio de servir pela "primeira vez" um futuro tai-pan e o tataraneto do Demônio de Olhos Verdes em pessoa. Além do prestígio que a casa ganharia por gerações, por ter sido a escolhida pelo representante nativo da Casa Nobre, seria também uma sorte imensa para a mulher escolhida. A Essência da Primeira Vez até da mais ínfima personagem era um elixir de valor maravilhoso... assim como, na tradição chinesa, para o homem idoso, os sumos do yin da virgem eram igualmente valorizados e procurados, para rejuvenescer o yang.

— Santo Deus, Tio Chen-chen! — explodira ele. — É verdade? Você realmente me vendeu? Está querendo me dizer que me vendeu para um maldito bordel? A mim?

— É claro. — O velho erguera os olhos para ele, e dera muitas risadinhas abafadas, agora preso ao leito na grande casa dos Chens no cume do Mirante de Struan, quase cego e próximo da morte, mas docemente tranquilo e satisfeito. — Quem lhe contou? Quem, hem? Hem, jovem Ian?

Fora Tusk, um viúvo, grande freqüentador dos cabarés, bares e bordéis de Kowloon, que soubera da história, agora uma lenda, contada por uma das "damas", que ouvira falar sobre o costume na Casa Nobre de que o representante nativo tinha de providenciar a "primeira vez" dos descendentes do Demônio Struan de Olhos Verdes.

— É, meu velho — contara-lhe Tusk. — Dirk Struan disse a Sir Gordon Chen, o pai do velho Chen-chen, que poria o seu Mau-Olhado na Casa de Chen, se eles não escolhessem corretamente.

— Pombas — exclamara Dunross para Tusk, que continuara, constrangido, dizendo que só estava passando adiante uma lenda que agora fazia parte do folclore de Hong Kong. "Pombas, Ian, amigão, verdade ou não, sua primeira trepada valeu mil HK para aquele velho safado!"

— Acho que isso foi uma coisa horrorosa, Tio Chen-chen!

— Mas, por quê? Foi um leilão muito lucrativo. Não lhe custou nada, mas deu-lhe muito prazer. Não me custou nada, mas lucrei vinte mil HK. A casa da garota ficou prestigiadíssima, e ela também. Não lhe custou nada, mas deu-lhe anos de uma imensa clientela,

que queria partilhar do que havia de especial na sua Escolha Número Um!

O único nome pelo qual ele a conhecera fora Jade Elegante. Tinha vinte e dois anos e muita prática, uma profissional desde que fora vendida ao bordel pelos pais, com a idade de doze anos. Seu bordel chamava-se Casa dos Mil Prazeres. Jade Elegante era meiga e doce... quando queria, e um verdadeiro dragão, quando queria. Ele se apaixonara loucamente por ela, e o caso deles durara dois verões, as férias do colégio interno na Inglaterra, que era o tempo do contrato feito por Chen-chen. No minuto em que voltara no primeiro dia do terceiro verão, correria para a casa, mas ela havia sumido.

Dunross nunca se esqueceu de como ficara desesperado, de como tentara encontrá-la. Mas a garota sumira sem deixar vestígio.

— O que aconteceu com ela, Tio Chen-chen? O que aconteceu de verdade?

O velho soltou um suspiro, recostado na imensa cama, agora cansado.

— Estava na hora de ela partir. É sempre fácil demais para um jovem dedicar a uma moça tempo demais, pensamentos demais. Estava na hora de ela partir... depois dela, você poderia escolher por si mesmo, e precisava concentrar-se na Casa, e não nela... Ah, não tente disfarçar o seu desejo, eu compreendo. Como compreendo! Não se preocupe, meu filho, ela foi bem paga, e você não teve filhos com ela...

— Onde está ela, agora?

— Foi para Formosa. Certifiquei-me de que tinha dinheiro bastante para começar sua própria casa. Ela disse que era o que queria fazer e... e fazia parte do meu arranjo livrá-la do seu contrato. Isso me custou acho que cinco... ou talvez dez mil... não estou lembrado... Por favor, dê-me licença agora, estou cansado. Preciso dormir um pouco. Por favor, volte amanhã, meu filho...

Dunross bebericava o seu vinho, recordando. Aquela fora a única vez que o velho Chen-chen o chamara de "meu filho", pensou. "Que magnífico velho, aquele! Se eu pudesse ser igualmente sábio, bondoso e sábio, e digno dele!"

Chen-chen morrerá uma semana mais tarde. Seu enterro fora o maior que Hong Kong já vira, com mil carpideiras profissionais e tambores acompanhando o caixão até a sepultura. As mulheres vestidas de branco haviam sido pagas para acompanhar o caixão, lamentando-se em altos brados, suplicando aos deuses que facilitassem o caminho do espírito desse grande homem para o Vácuo, o renascimento ou seja lá o que acontece ao espírito dos mortos. Chen-chen era um cristão, portanto, teve dois serviços religiosos, por medida de precaução, um cristão e o outro budista...

— Alô, tai-pan!

Casey apareceu, com Linc Bartlett ao lado. Ambos sorriam, embora estivessem com uma aparência um pouco cansada.

Ele os cumprimentou, e Casey pediu um uísque com soda. Linc, uma cerveja.

— Que tal foi o seu dia? — perguntou Casey.

— Cheio de altos e baixos — respondeu, depois de uma pausa. — E o seu?

— Atarefado, mas estamos chegando lá — disse ela. — Seu advogado, Dawson, cancelou nosso encontro de hoje de manhã... e marcou outro para amanhã ao meio-dia. O resto do dia passei ao telefone e ao telex para os Estados Unidos, organizando as coisas. O serviço é bom, este é um grande hotel. Estamos prontos para completar o nosso lado do acordo.

— Ótimo. Acho que comparecerei à reunião com Dawson — disse Dunross. — Isso apressará as coisas. Direi a ele que venha aos nossos escritórios. Mandarei um barco buscá-los às onze e dez.

— Não há necessidade, tai-pan. Já sei usar as barcas — disse ela. — Andei daqui para lá durante a tarde. Os melhores cinco cents americanos que já gastei. Como conseguem manter os preços tão baixos?

— Transportamos quarenta e sete milhões de passageiros no ano passado. — Dunross olhou para Bartlett. — Vai comparecer à reunião amanhã?

— Só se você precisar de mim para alguma coisa especial — replicou, serenamente. — Casey cuida da parte legal, inicialmente. Sabe o que queremos, e além disso Seymour Steigler III chega no vôo da Pan Am de quinta-feira... é nosso principal advogado, e encarregado da parte dos impostos. Manterá tudo funcionando suavemente com seus advogados, para que possamos fechar em sete dias, facilmente.

— Excelente.

Um garçom obsequioso e sorridente trouxe as bebidas e voltou a encher o copo de Dunross. Quando estavam novamente a sós, Casey disse, serenamente:

— Tai-pan, e quanto aos seus navios? Você os quer num contrato em separado? Se os advogados o redigirem, não será particular. Como o manteremos particular?

— Eu redigirei o documento e porei nele o nosso carimbo. Isso o tornará legal e obrigatório. Assim, o contrato fica sendo um

segredo entre nós três, certo?

— Como assim, um carimbo, Ian? — indagou Bartlett.

— É o equivalente a um selo. — Dunross tirou do bolso um recipiente fino e alongado de bambu, com cerca de cinco centímetros de comprimento e um centímetro e pouco de espessura, e puxou para trás a tampa justa. Tirou o carimbo, que se encaixava no recipiente forrado de seda escarlate, e mostrou-o a eles. Era feito de marfim. Havia alguns caracteres chineses entalhados em relevo na base. — Este é o meu carimbo particular... é entalhado à mão, e portanto é quase impossível falsificá-lo. Enfia-se esta extremidade na tinta... — A tinta era vermelha e quase sólida, e ficava num compartimento numa das extremidades da caixa. —...e imprime-se no papel. É muito freqüente em Hong Kong a pessoa não assinar papéis, apenas carimbá-los. A maioria deles não é legal sem um carimbo. O selo da companhia é igual a este, só que um pouquinho maior.

— O que significam os caracteres? — perguntou Casey.

— São um trocadilho com o meu nome, e o do meu ancestral. Literalmente, querem dizer "Ilustre, afiado como uma navalha, através dos nobres mares verdes". O trocadilho é sobre o Demônio

de Olhos Verdes, como Dirk era chamado, a Casa Nobre e um punhal ou faca¹. — Dunross sorriu e guardou o carimbo. — Tem outros significados... o aparente é "tai-pan da Casa Nobre". Em chinês... — Olhou à sua volta ao ouvir o ruído de uma campainha de bicicleta. O jovem empregado do hotel andava pelo meio do povo com uma pequena lousa no alto de uma vara, onde se via rabiscado o nome da pessoa a quem se procurava. Não eram eles os procurados, por isso ele continuou: — Com a escrita chinesa há sempre vários níveis de significado. É o que a torna complexa e interessante.

¹ "Dirk" quer dizer "punhal", em inglês. (N. da T.)

Casey se abanava com um cardápio. Fazia calor no salão, embora os ventiladores no teto proporcionassem uma leve brisa. Ela pegou um lenço de papel e apertou-o junto ao nariz.

— É sempre tão úmido assim? — perguntou. Dunross sorriu.

— Hoje está relativamente seco. Às vezes faz trinta e dois graus e noventa e cinco por cento de umidade durante semanas a fio. O outono e a primavera são as melhores épocas aqui. Julho, agosto e setembro são quentes e úmidos. Na verdade, estão prevendo chuva, Podemos até ter um tufão. Ouvi no rádio que há uma depressão tropical se formando a sudeste. É. Se tivermos sorte, vai chover. Ainda não há racionamento de água aqui no Victoria, não é?

— Não — disse Bartlett —, mas depois de ver os baldes na sua casa ontem à noite, acho que nunca mais farei pouco-caso da água.

— Nem eu — falou Casey. — Deve ser duríssimo.

— Ah, a gente se acostuma. A propósito, minha sugestão quanto ao documento é satisfatória? — perguntou Dunross a Bartlett, querendo resolver logo aquilo, e irritado consigo mesmo porque fora forçado a perguntar. Ficou sombriamente divertido ao notar que Bartlett hesitara uma fração de segundo e lançara um olhar imperceptível para Casey antes de responder:

— Claro. Ian — continuou Bartlett —, Forrester, o chefe da nossa divisão de espuma, vem no mesmo vôo. Achei que era melhor começarmos logo a função. Não há motivo para esperar até termos os papéis, há?

— Não. — Dunross pensou por um momento e resolveu testar sua teoria. — Ele é mesmo perito?

— Um perito. Casey acrescentou:

— Charlie Forrester conhece tudo o que é preciso saber sobre espuma de poliuretano: fabricação, distribuição e vendas.

— Ótimo. — Dunross virou-se para Bartlett e disse, inocentemente: — Gostaria de levá-lo a Taipé? — Viu um lampejo perpassar pelos olhos do americano e soube que estava certo. "Vire-se, seu filho da mãe, ainda não contou a ela! Não me esqueci do aperto que você me fez passar na noite passada, com sua informação secreta. Saia dessa sem perder a moral!" — Enquanto estivermos jogando golfe, ou lá o que for, entregarei

Forrester aos meus peritos... ele poderá examinar as possíveis localizações e botar a bola em jogo.

— Boa idéia — disse Bartlett, sem demonstrar embaraço, e subiu mais na opinião de Dunross.

— Taipé? Taipé, em Formosa? — perguntou Casey, animadamente. — Vamos a Taipé? Quando?

— No domingo à tarde — falou Bartlett, a voz calma. — Vamos passar lá dois dias, Ian e...

— Perfeito, Linc — replicou ela, com um sorriso. — Enquanto você joga golfe, posso examinar as coisas com Charlie. Deixe-me jogar na próxima vez. Qual é o seu handicap, tai-pan?

— Dez — respondeu Dunross —, e já que Linc Bartlett sabe, estou certo de que você também sabe.

Ela riu.

— Tinha me esquecido deste dado significativo. O meu é 14, num dia muito bom.

— Com uma diferençazinha de uma ou duas tacadas?

— Claro. As mulheres roubam no golfe tanto quanto os homens.

— É?

— É, mas ao contrário dos homens, roubam para baixar o seu handicap. Um handicap é um símbolo de status, certo? Quanto mais baixa a contagem, maior o status! As mulheres geralmente não apostam mais do que uns poucos dólares, portanto um handicap baixo não é vital, salvo para o prestígio. Mas os homens? Já os vi lançarem uma bola deliberadamente na parte não tratada da pista

para ganhar duas tacadas extras, se estivessem numa rodada crucial que baixaria o seu handicap um ponto. Claro que só se estivessem jogando essa determinada rodada a dinheiro. Quanto vocês apostam?

— Quinhentos HK. Casey assobiou.

— Por buraco?

— Pombas, não — retrucou Bartlett. — Pelo jogo.

— Mesmo assim, acho melhor ficar só olhando. Dunross perguntou:

— O que isso quer dizer?

— Observar. Se eu não tomar cuidado, Linc vai pôr em perigo a minha parte da Par-Con.

O sorriso dela aqueceu a ambos, e depois, como Dunross havia deixado Bartlett cair deliberadamente na armadilha, resolveu tirá-lo de lá.

— É uma boa idéia, Casey — falou, observando-a com cuidado. — Mas, pensando bem, talvez fosse melhor para você e Forrester examinarem Hong Kong antes de Taipé... aqui será o nosso maior mercado. E seu advogado vai chegar na quinta-feira. Você decerto vai querer passar algum tempo aqui com ele. — Olhou diretamente para Bartlett, o retrato da inocência. — Se quiser cancelar a viagem, tudo bem. Haverá tempo de sobra para você ir a Taipé. Mas eu preciso ir.

— Não — disse Bartlett. — Casey, você fica por aqui. Seymour vai precisar de toda a ajuda que lhe puder dar. Farei uma viagem preliminar dessa vez, e depois poderemos ir juntos.

Ela tomou um gole da bebida, e manteve a fisionomia serena. "Quer dizer que não fui convidada, não é?", pensou, com um lampejo de irritação.

— Quer dizer que vão no domingo?

— É — disse Dunross, certo de que sua classe havia funcionado, sem notar nenhuma mudança nela. — No domingo à tarde. Vou subir montanhas de manhã, portanto é o mais cedo que posso partir.

— Subir montanhas? Alpinismo, tai-pan?

— Ah, não. Só de carro... nos Novos Territórios. São ambos bem-vindos, se estiverem interessados. — Acrescentou para Bartlett: — Podíamos ir direto para o aeroporto. Se puder liberar seu avião, eu o farei. Vou perguntar amanhã.

— Linc — comentou Casey —, e quanto a Armstrong e à polícia? Você está detido aqui.

— Já cuidei disso hoje — disse Dunross. — Ele está sob liberdade condicional, aos meus cuidados.

Ela riu.

— Fantástico! Não vá escapulir!

— Pode deixar.

— Vão no domingo, tai-pan? E voltam quando?

— Terça-feira, a tempo de jantar.

— É na terça que assinamos?

— É.

— Linc, não é um pouco apertado?

— Não, estarei sempre em contato com você. O negócio está feito. Só falta botá-lo no papel.

— Você é quem manda, Linc. Tudo estará pronto para ser assinado quando vocês dois voltarem. Tai-pan, devo falar com Andrew se houver algum problema?

— Sim, ou com Jacques. — Dunross lançou um olhar para a mesa deles, no canto. Agora estava ocupada por outras pessoas. "Não se preocupe", disse consigo mesmo. "Tudo o que podia ser feito foi feito." — As comunicações telefônicas com Taipé são boas, portanto não há com que se preocupar. Bem, estão livres para o jantar?

— Sem dúvida — disse Bartlett.

— Que tipo de comida vão querer?

— Que tal chinesa?

— Desculpe, mas vocês têm que ser mais específicos — falou Dunross. — Isso é como dizer que querem comida européia... que pode ir da italiana até a inglesa.

— Linc, não é melhor deixarmos nas mãos do tai-pan? — disse Casey, acrescentando: — Tai-pan, tenho que confessar que gosto de agridoce, rolinhos primavera, chop suey e arroz frito. Não curto nada muito exagerado.

— Nem eu — concordou Bartlett. — Nada de cobra, cão ou qualquer coisa exótica.

— As cobras são muito boas, na época — disse Dunross. — Especialmente a bile... misturada com chá. É muito revigorante, um grande tônico! E um cachorrinho ensopado em molho de ostra é perfeito.

— Já experimentou? Experimentou cachorro?

Ela estava chocada.

— Disseram-me que era galinha. Tinha gosto de galinha. Mas nunca coma cachorro e beba uísque ao mesmo tempo, Casey. Dizem que transforma a carne em bolas de ferro que farão você passar um mau pedaço...

Ele ouvia a si próprio fazer piadinhas, conversar fiado, enquanto observava Jacques e Susanne entrarem num táxi. Emocionou-se, sentiu tanta pena deles, de Kathy e de todos os outros, que teve vontade de tomar o avião ele mesmo, correr para lá e trazer Avril de volta em segurança... uma garota tão boazinha, parte da sua família...

"Como, em nome de Deus, se pode viver como um homem, governar a Casa Nobre e não enlouquecer? Como ajudar a família, fechar negócios e viver com tudo isso?"

— Esta é a alegria e a dor de ser tai-pan — dissera-lhe Dirk Struan em sonhos, muitas vezes.

"É, mas há muito pouca alegria.

"Você está errado, e Dirk está certo, e você está sendo sério demais", falou consigo mesmo. "Os únicos problemas sérios são a Par-Con, a alta, Kathy, os documentos de Alan Medford Grant, Crosse, John Chen, a Toda, e o fato de ter recusado a oferta de Lando Mata, não necessariamente nessa ordem. Tanto dinheiro!

"O que quero da vida? Dinheiro? Poder? Ou toda a China?"

Notou que Casey e Bartlett o observavam. Depois que aqueles dois haviam chegado, pensou, só tinha tido aborrecimentos. Voltou a olhar para eles. Valia a pena olhar para ela, com suas calças justas e a blusa colante.

— Deixe comigo — falou, resolvendo que naquela noite gostaria de jantar comida cantonense.

Ouviram de novo a campainha e viram o nome na lousa: "Srta. K. C. Tchuluk".

Dunross fez sinal para o jovem.

— Ele a levará ao telefone, Casey.

— Obrigada.

Levantou-se. Pares de olhos acompanharam as pernas longas e elegantes, e o andar sensual... as mulheres com inveja, detestando-a.

— Você é um filho da puta — disse Bartlett, calmamente.

— É?

— É. — Sorriu, e com isso anulou o xingamento. — Aposto vinte contra um que Taipé foi sacanagem... mas não estou achando ruim, Ian. Não. Fui duro a noite passada. Tive que ser. Portanto, mereci o troco. Mas não faça isso uma segunda vez com Casey, caso contrário, prometo que lhe arranco a cabeça.

— Não diga!

— Digo. Ela é intocável. — Os olhos de Bartlett se voltaram para Casey. Viu que passava pela mesa dos Marlowes, parava um segundo, cumprimentava-os, e às crianças, depois seguia em frente. — Ela sabe que não foi convidada.

Dunross ficou perturbado.

— Tem certeza? Pensei... será que não disfarcei direito? No momento em que percebi que você ainda não lhe havia contado... Desculpe, pensei ter disfarçado.

— Pombas, você esteve perfeito! Mas ainda aposto cinco contra dez que ela sabe que não foi convidada.

Bartlett sorriu de novo, e mais uma vez Dunross se perguntou o que haveria sob aquele sorriso. "Preciso ficar de olho nesse sacana", pensou. "Com que então Casey é intocável, é? O que será que ele realmente quis dizer com isso?"

Dunross escolhera o saguão deliberadamente, querendo ser visto com o agora famoso (ou mal-afamado) Bartlett e sua companheira. Sabia que isso tocara fogo nos boatos do seu negócio iminente, agitaria ainda mais a Bolsa de Valores e deixaria tontos os apostadores. Se o Ho-Pak fosse à falência, desde que não arrastasse outros bancos junto, a alta ainda poderia acontecer. "Se Bartlett e Casey cedessem um pouco", pensou, "e se eu realmente pudesse confiar neles, poderia ter o lucro dos lucros. Tantos ses. Demais. Não estou no controle dessa batalha, no momento. Bartlett e Casey estão com todo o impulso. Até onde cooperarão?"

E então algo que o superintendente Armstrong e Brian Kwok tinham dito trouxe à baila um pensamento errante, e sua ansiedade aumentou.

— O que acha daquele sujeito, o Banastasio? — perguntou, tentando manter a voz bem natural.

— Vincenzo? — perguntou Bartlett prontamente. — Sujeito interessante. Por quê?

— Curiosidade — replicou Dunross, externamente calmo, mas intimamente chocado por estar certo. — Há quanto tempo o conhece?

— Três ou quatro anos. Casey e eu fomos às corridas com ele algumas vezes... em Del Mar. É um jogador da pesada, tanto ali quanto em Las Vegas. Chega a apostar cinqüenta mil num páreo... pelo menos foi o que nos disse. Ele e John Chen se dão muito bem. É amigo seu?

— Não. Não o conheço, mas ouvi John falar nele uma ou duas vezes — falou —, e Tsu-yan.

— Como vai Tsu-yan? É outro jogador. Quando o vi em Los Angeles, mal podia esperar para ir a Las Vegas. Estava nas corridas na última vez em que estivemos lá com John Chen. Nenhuma notícia ainda sobre John ou os seqüestradores?

— Não.

— Mas que azar.

Dunross mal ouvia. O dossiê que mandara preparar sobre Bartlett não dera nenhuma indicação de ligações com a Má-fia... mas Banastasio era o elo com tudo. As armas, John Chen, Tsu-yan e Bartlett...

Máfia significava dinheiro sujo e narcóticos, com uma busca constante de fachadas legítimas para "passar a limpo" o dinheiro. Tsu-yan costumava negociar muito com suprimentos médicos, durante a Guerra da Coréia... e agora, ao que se dizia, estava

profundamente metido em contrabando de ouro para Taipé, Indonésia e Malásia, com Wu Quatro Dedos. Será que Banastasio estava enviando armas para... para quem? Será que o pobre John Chen descobrira alguma coisa por acaso, e fora seqüestrado por esse motivo?

Será que isso queria dizer que parte do dinheiro da Par-Con era dinheiro da Máfia... seria a Par-Con dominada ou controlada pela Máfia?

— Parece que ouvi John dizer que Banastasio era um dos seus maiores acionistas — falou, jogando verde de novo.

— Vincenzo tem uma porção de ações. Mas não é um funcionário ou diretor. Por quê?

Dunross viu que agora os olhos azuis de Bartlett estavam concentrados, e quase podia sentir as ondas mentais a alcançá-lo, questionando-se sobre esse tipo de interrogatório. Assim, encerrou-o.

— É curioso como esse mundo é pequeno, não é?

Casey pegou o telefone, fumegando intimamente.

— Telefonista, aqui é a srta. Tcholak. Tem uma ligação para mim?

— Ah, um momento, por favor.

"Quer dizer que não fui convidada para ir a Taipé", pensava furiosamente. "Por que o tai-pan não falou logo abertamente, sem torcer as coisas, e por que Linc também não me contou? Meu Deus, ele está sob o fascínio do tai-pan, como eu estive na noite passada? Por que o segredo? O que mais estão tramando?"

"Taipé, hem? Já ouvi dizer que é um lugar para homens, portanto, se o que estão planejando é só um fim de semana de sacanagem, para mim está tudo bem. Mas não se for a negócios. Por que Linc não disse nada? O que está escondendo?"

A fúria de Casey começou a crescer. Depois lembrou-se do que a francesa dissera sobre as belas chinesas, tão acessíveis, e sua fúria transformou-se numa ansiedade incomum quanto a Linc.

"Malditos homens!

"Malditos homens e o mundo que fizeram exclusivamente para ajustar-se a eles. E aqui é pior do que em qualquer outro lugar que já estive.

"Malditos ingleses! São todos distintos e elegantes, educadíssimos, cheios de 'obrigado' e 'por favor', e ficam de pé quando a gente entra, e seguram a cadeira para a gente sentar, mas, debaixo da superfície, são tão podres quanto o resto. São piores. São hipócritas, é o que são! Bem, vou à forra. Um dia ainda jogaremos golfe, Sr. tai-pan Dunross, e é melhor que seja bom, porque eu posso jogar até chegar a 10 num bom dia... aprendi cedo sobre o golfe no mundo dos homens... portanto vou esfregar o seu nariz no chão. É. Ou quem sabe um jogo de sinuca... ou bilhar. Claro, e sei dar efeito na bola, também."

Casey pensou no pai com uma súbita pontada de alegria, em como ele lhe havia ensinado os rudimentos dos dois jogos. Mas fora Linc quem lhe ensinara a dar uma tacada baixa no lado esquerdo para dar uma torcida na bola para a direita e rodear a bola oito... mostrara-lhe isso, quando, tolamente, ela o desafiara para uma partida. Ele a massacrara antes de lhe dar qualquer lição.

— Casey, tem que se certificar de que conhece todos os pontos fracos de um homem antes de lutar com ele. Arrasei com você para lhe provar uma coisa: não jogo por prazer, jogo só para ganhar. Não estou fazendo nenhum jogo com você. Quero você, nada mais importa. Vamos esquecer o trato que fizemos, vamos nos casar e...

Isso fora alguns meses depois que ela começara a trabalhar para Linc Bartlett. Tinha apenas vinte anos, e já estava apaixonada por ele. Mas ainda desejava mais a vingança contra o outro homem, e mais a independência financeira, e mais encontrar a si mesma, portanto dissera:

— Não, Linc, concordamos com sete anos. Concordamos em ir na dianteira, como iguais. Ajudarei você a ficar rico, e ficarei rica também enquanto você ganha os seus milhões, e nenhum de nós deve nada ao outro. Você pode me despedir a qualquer hora, por qualquer motivo, e eu posso ir-me embora por qualquer motivo. Somos iguais. Não nego que o amo de todo o coração, mas ainda assim não vou modificar o nosso trato. Mas se ainda estiver disposto

a me pedir em casamento no meu vigésimo sétimo aniversário, eu o farei. Casarei com você, irei viver com você, deixarei você... o que você quiser. Mas não agora. É, eu o amo, mas se nos tornarmos amantes agora, nunca... jamais conseguirei... Não posso, Linc, não agora. Existem coisas demais que tenho que descobrir sobre mim mesma.

Casey soltou um suspiro. Mas que arranjo maluco e esquisito. Será que todo o poder e as transações... e todos os anos e as lágrimas e a solidão tinham valido a pena?

"Não sei; simplesmente não sei. E a Par-Con? Será que algum dia alcançarei meu objetivo: a Par-Con e Linc, ou terei que escolher entre os dois?"

— Ciranoush? — ouviu pelo telefone.

— Oh! Alô, Sr. Gornt! — Sentiu uma onda de calor. — Mas que surpresa agradável — acrescentou, controlando-se.

— Espero não estar incomodando.

— De modo algum. O que posso fazer pelo senhor?

— Será que já pode confirmar sobre este domingo, se você e o Sr. Bartlett estão disponíveis? Quero planejar «ninha festa no barco, e gostaria que vocês dois fossem meus convidados de honra.

— Lamento, Sr. Gornt, mas Linc não poderá ir. Está cheio de compromissos.

Ela ouviu a hesitação, depois o prazer disfarçado na voz dele.

— Gostaria de vir sem ele? Estava pensando em convidar algumas relações comerciais. Estou certo de que achará a festa interessante.

"Poderia ser muito bom para a Par-Con se eu fosse", pensou. "Além do mais, se Linc e o tai-pan vão para Taipé sem mim, por que não posso ir passear de barco sem eles?"

— Adoraria — disse, com calor na voz —, se tem certeza de que não vou atrapalhar.

— Claro que não. Apanharemos você no cais, bem em frente ao hotel, perto do Terminal da Balsa Dourada. Dez horas... vestida bem à vontade. Sabe nadar?

— Claro.

— Ótimo. A água é refrescante. Esqui aquático?

— Adoro!

— Excelente!

— Quer que eu leve alguma coisa? Bebida ou vinho ou qualquer coisa?

— Não. Acho que teremos tudo a bordo. Iremos para uma das ilhas externas e faremos piquenique, esqui aquático... voltaremos logo depois do pôr-do-sol.

— Sr. Gornt, gostaria de manter essa excursão entre nós. Disseram-me que Confúcio falou: "Em boca fechada não entra mosca".

— Confúcio disse muitas coisas. Uma vez comparou uma moça a um raio de luar.

Ela hesitou, sentindo os sinais de perigo. E então ouviu-se dizer, brincalhona:

— Devo levar uma dama de companhia?

— Talvez deva — replicou ele, e ela notou que ele sorria.

— Que tal Dunross para o papel?

— Ele não serviria para isso... seria apenas a destruição do que talvez pudesse ser um dia perfeito.

— Estou torcendo para que chegue o domingo, Sr. Gornt.

— Obrigado.

O telefone foi desligado instantaneamente.

"Seu filho da mãe arrogante!", quase exclamou em voz alta.
"O que está pensando? Só 'obrigado' e desliga sem um 'até logo'?"

"Pertença a Linc, e não estou no mercado.

"Então por que banquei a coquete ao telefone e na festa?", perguntou a si mesma. "E por que quis que aquele filho da mãe ficasse de bico calado sobre o programa de domingo? "As mulheres também gostam de segredos", disse consigo mesma, sombriamente. "As mulheres gostam de um bocado de coisas de que os homens gostam."

26

20h35m

O cule estava nas sombrias caixas-fortes de ouro do Ho-Pak Bank. Era um velho miúdo, usando uma camiseta suja e rasgada, e calções esfarrapados. Enquanto os dois porteiros erguiam o saco de lona e o colocavam sobre as suas costas curvadas, ele ajustava o cabresto à testa e apoiava-se nele, suportando o peso com os músculos do pescoço, as mãos agarrando as duas tiras gastas. Agora que agüentava o peso total, sentia o coração sobrecarregado batendo forte, rebelando-se contra o fardo, as juntas gritando por alívio.

O saco pesava pouco mais de quarenta quilos... quase mais do que o seu próprio peso. Os contadores haviam acabado de lacrá-lo. Continha exatamente duzentos e cinqüenta dos pequenos lingotes de contrabandista, cada um com cinco taéis — pouco mais de cento e setenta gramas —, e bastaria um deles para mantê-lo, e à sua família, em segurança durante meses. Mas o velho nem sequer pensava em tentar roubar um só deles. Todo o seu ser estava concentrado em como dominar a agonia, como manter os pés em movimento, como fazer sua parte do trabalho, receber o seu pagamento no fim do turno e depois descansar.

— Ande logo — falou com azedume o capataz —, ainda temos mais vinte malditas toneladas para carregar. O seguinte!

O velho não replicou. Fazê-lo gastaria mais da sua preciosa energia. Tinha que poupar avaramente suas forças naquela noite, se é que pretendia terminar. Com esforço, pôs os pés em movimento, as batatas das pernas duras, cheias de varizes e cicatrizes, fruto de tantos anos de trabalho.

Outro cule tomou o seu lugar enquanto ele se arrastava devagar para fora do úmido aposento de concreto, as prateleiras abarrotadas de um suprimento aparentemente inesgotável de pilhas meticulosas de lingotes de ouro que esperavam sob os olhos atentos dos dois funcionários bem-arrumados do banco... esperavam para ser enfiados no próximo saco de lona, para ser contados e recontados, e depois lacrados, com um floreio. Na escada estreita, o

velho falseou o pé. Recuperou o equilíbrio com dificuldade, depois ergueu um pé para subir mais um degrau... agora só faltavam mais vinte e oito... e depois mais outro. Mal tinha acabado de chegar ao patamar quando suas pernas cederam. Oscilou de encontro à parede, apoiando-se nela para suavizar o peso, o coração sofrendo com o esforço, agarrando as tiras com ambas as mãos, sabendo que jamais conseguiria acomodar de novo o fardo se se soltasse do cabresto, apavorado de que passasse por ali o capataz ou um subcapataz. Através do espectro da dor, ouviu passos que vinham em sua direção, e lutou para colocar o saco mais no alto das costas, e para voltar a se mover. Quase caiu de cara no chão.

— Ei, Chu Nove Quilates, está passando bem? — perguntou o outro cule em dialeto de Chantung, ajeitando o saco para ele.

— Sim... sim... — Soltou um suspiro de alívio, agradecido por ser o seu amigo, da sua aldeia bem ao norte, e o líder do seu grupo de dez. — Danem-se todos os deuses, eu... só escorreguei...

O outro homem espiou-o à luz áspera da única lâmpada nua do teto. Notou os velhos olhos torturados e lacrimejantes, os músculos estirados.

— Eu carrego esse, você descansa um momento — falou. Habilmente, tirou o saco das costas do outro e colocou-o no chão. — Direi àquele estrangeiro sem mãe que acha que tem inteligência bastante para ser capataz que você foi fazer as necessidades. — Enfiou a mão no bolso da calça rasgada e passou para o velho um dos seus pedaços pequenos e amassados de folha laminada de cigarro. — Pegue. Descontarei do seu pagamento, logo mais.

O velho resmungou seus agradecimentos. Agora mal pensava de tanta dor. O outro homem jogou o saco às costas, gemendo com o esforço, apoiou-se contra a faixa de cabeça, depois, os músculos da barriga da perna retesados, voltou a subir as escadas, satisfeito com o negócio que fizera.

O velho esgueirou-se para fora do patamar, enfiou-se numa alcova poeirenta e se agachou. Os dedos lhe tremiam enquanto desamassava o papel laminado de cigarro, com sua pitada de pó branco. Acendeu um fósforo e colocou-o cuidadosamente sob o papel laminado, para aquecê-lo. O pó começou a ficar preto e a fumar. Cuidadosamente, segurou o pó fumegante sob as narinas e inspirou profundamente, repetidas vezes, até que cada grão tivesse desaparecido na fumaça que ele tragava tão agradecido para dentro dos pulmões.

Recostou-se na parede. Logo a dor sumiu, e veio a euforia, que o invadiu totalmente. Sentiu-se jovem de novo, forte de novo, agora sabia que terminaria seu turno perfeitamente, e nesse sábado,

quando fosse às corridas, ganharia o prêmio da loteria dupla. É, aquela seria a sua semana de sorte, e ele aplicaria a maior parte dos seus ganhos num terreno. "É, um terre-ninho pequeno, a princípio, mas com a alta minha propriedade subirá de preço, e mais e mais, e depois eu a venderei e ganharei uma fortuna, e comprarei mais e mais, e então serei um ancestral, meus netos à volta dos meus joelhos..."

Levantou-se e ficou ereto; depois desceu as escadas de novo e entrou na fila, esperando sua vez com impaciência.

— Dew neh loh moh, andem depressa — falou no seu dialeto cantante de Chantung —, não tenho a noite toda! Tenho outro emprego à meia-noite.

O outro emprego era numa obra na zona central, que não ficava longe do Ho-Pak, e ele sabia que era abençoado por ter dois empregos extras numa noite, além do seu trabalho regular diurno como operário de obra. Sabia, também, que fora o dispendioso pó branco que o transformara e afastara de si a fadiga e a dor. Claro que sabia que o pó branco era perigoso. Mas era um homem sensato e cauteloso, e só fazia uso dele quando estava no limite de suas forças. O fato de estar fazendo uso dele agora quase todos os dias, duas vezes por dia, na maioria das vezes, não o preocupava. "Joss", falou consigo mesmo, colocando nas costas o novo saco de lona.

No passado fora fazendeiro, o filho mais velho de fazendeiros proprietários de terras na província setentrional de Chantung, no delta fértil e móvel do rio Amarelo, onde, durante séculos, haviam plantado cereais, frutas e soja, amendoim, tabaco e todos os legumes que podiam comer.

"Ah, nossos belos campos!", pensou, feliz, subindo agora as escadas, ignorando o coração disparado, "nossos belos campos cheios de colheitas florescentes. Tão lindo! É. Mas depois começou a Época Ruim, faz trinta anos. Os Demônios do Mar do Leste vieram com suas armas e tanques e violentaram a nossa terra, e depois, quando o senhor da guerra Mao Tsé-tung e o senhor da guerra Chang Kai-chek os expulsaram, lutaram entre si, e novamente a terra foi destroçada. Assim, fugimos da fome, eu, minha jovem mulher e meus dois filhos, e viemos para este lugar, o Porto Fragrante, para viver no meio de estranhos, bárbaros meridionais e demônios estrangeiros. Viemos a pé. Sobrevivemos. Carreguei meus filhos a maior parte do trajeto, e agora eles estão com catorze e dezesseis anos, e temos duas filhas, e todos comem arroz uma vez por dia, e este será o meu ano da sorte. É, vou ganhar a loteria, ou a dupla diária, e um dia voltaremos à minha aldeia, recuperarei minhas terras, plantarei nelas de novo. O presidente Mao nos receberá de volta ao lar, deixará que eu retome as minhas terras e viveremos tão felizes, tão ricos e tão felizes..."

Agora, já estava do lado de fora do prédio, na noite, ao lado do caminhão. Outras mãos ergueram o saco e empilharam-no junto com todos os outros sacos de ouro, mais funcionários do banco verificando e reverificando os números. Havia dois caminhões na rua lateral. Um deles já estava cheio, e esperando sob guarda. Um único policial desarmado observava despreocupado o tráfego que passava. A noite estava quente.

O velho virou-se para ir embora. Foi então que notou os três europeus, dois homens e uma mulher, que se aproximavam. Pararam perto do caminhão mais afastado, olhando para ele, que ficou de queixo caído.

— Dew neh loh moh! Olhe para aquela piranha... o monstro com o cabelo cor de palha — falou, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Incrível! — um outro replicou.

— É — concordou ele.

— É revoltante o modo como as piranhas deles se vestem em público, não é? — comentou um velho carregador enrugado, enjoado. — Exibindo suas partes íntimas com essas calças justas. Dá para a gente ver cada porra de prega nos seus lábios inferiores.

— Aposto que dava para a gente enfiar nela o punho inteiro e o braço inteiro e nunca chegar ao fundo! — riu um outro.

— E quem iria querer fazer isso? — perguntou Chu Nove Quilates, escarrando ruidosamente e cuspiendo, e depois deixando a mente vagar agradavelmente para o sábado, enquanto descia de novo.

— Gostaria que eles não cuspissem desse jeito. É nojento! — comentou Casey, com o estômago embrulhado.

— É um velho costume chinês — disse Dunross. — Eles acreditam que existe um espírito mau na garganta, do qual é preciso se livrarem constantemente, para que não os sufoque. Claro que cuspir é contra a lei, mas isso nada significa para eles.

— O que foi que aquele velho falou? — perguntou Casey, vendo-o arrastar-se de volta para dentro do banco, pela porta lateral. Agora já não sentia raiva, e estava muito satisfeita de ter ido jantar fora com os dois.

— Não sei... não entendi o dialeto dele.

— Aposto que não foi um elogio.

Dunross riu.

— Essa aposta você ganharia, Casey. Eles não nos apreciam, absolutamente.

— Aquele velho deve ter no mínimo uns oitenta anos, e carregou o seu fardo como se fosse uma pena. Como eles se mantêm assim tão em forma?

Dunross deu de ombros e ficou calado. Ele sabia. Outro cule jogou sua carga para dentro do caminhão, fitou-a, escarrou, cuspiu, e foi se afastando.

— Vá tomar no rabo você também — resmungou Casey, e depois parodiou um tremendo escarro e um cuspe à distância, e eles riram com ela. O chinês apenas ficou olhando.

— Ian, do que se trata? Para que estamos aqui? — quis saber Bartlett.

— Pensei que gostariam de ver cinqüenta toneladas de ouro.

Casey soltou uma exclamação abafada.

— Esses sacos estão cheios de ouro?

— Estão. Vamos.

Dunross foi na frente, descendo as escadas sombrias que levavam à caixa-forte do banco. Os funcionários do banco cumprimentaram-no cortesmente, e os guardas desarmados e os carregadores os fitaram. Os dois americanos sentiram-se inquietos, sob os olhares fixos. Mas a inquietação deles foi sufocada pelo ouro. Pilhas certinhas de barras de ouro sobre as prateleiras de aço que os cercavam... dez em cada camada, cada pilha com dez camadas de altura.

— Posso segurar uma? — perguntou Casey.

— À vontade — falou Dunross, observando-os e tentando testar a extensão da sua cobiça. "Estou apostando alto", pensou de novo. "Tenho que conhecer até onde vão esses dois."

Casey nunca tocara em tanto ouro na sua vida. Nem Bartlett. Os dedos deles tremiam. Ela acariciou uma das barrinhas, olhos arregalados, antes de erguê-la.

— É pesada, para o tamanho — murmurou.

— São chamadas de barras de contrabandista, porque são fáceis de esconder e transportar — falou Dunross, escolhendo as palavras deliberadamente. — Os contrabandistas usam uma espécie de colete de lona com bolsinhos, que acomodam direitinho as barras. Dizem que um bom mensageiro pode carregar até trinta e seis quilos por viagem... são quase mil e trezentas onças. Claro que têm que estar em forma, e bem treinados.

Bartlett sopesava duas em cada mão, fascinado por elas.

— Quantas delas perfazem trinta e seis quilos?

— Umas duzentas, aproximadamente.

Casey olhou para ele, os olhos cor de avelã maiores do que de costume.

— É tudo seu, tai-pan?

— Santo Deus, não! Pertencem a uma firma de Macau. Estão transferindo-as daqui para o Victoria. Pela lei, os americanos ou ingleses sequer têm o direito de possuir uma delas. Mas pensei que poderiam se interessar, porque não é sempre que se vêem cinquenta toneladas juntas num só lugar.

— Nunca me dei conta do que era o dinheiro de verdade, antes — dizia Casey. — Agora posso entender por que os olhos do meu pai e do meu tio se iluminavam quando falavam em ouro.

Dunross a observava. Não via cobiça nela, apenas assombro.

— Os bancos fazem muitas transferências como esta? — perguntou Bartlett, com voz rouca.

— Sim, o tempo todo — falou Dunross, imaginando se Bartlett havia mordido a isca e estava planejando um assalto à moda da Máfia, com seu amigo Banastasio. — Vai chegar um carregamento muito grande daqui a umas três semanas — falou, aumentando a tentação.

— Quanto valem cinqüenta toneladas? — perguntou Bartlett.

Dunross sorriu consigo mesmo, recordando Tung Zeppelin com sua exatidão de cifras. Como se isso tivesse importância!

— Legalmente, sessenta e três milhões de dólares, com uma diferença para mais ou para menos de alguns milhares.

— E vocês os estão transportando só com um bando de velhos, dois caminhões que nem sequer são blindados, e sem guardas?

— Claro. Isso não é problema em Hong Kong, o que é um dos motivos pelo qual nossa polícia é tão sensível quando se fala em armas. Se eles possuem as únicas armas da colônia, bem, o que podem os bandidos e os homens maus fazer, exceto xingar?

— Mas onde está a polícia? Só vi um guarda, e não estava armado.

— Ah, está por aí, acho eu — disse Dunross, deliberadamente bancando o indiferente.

Casey olhou para o lingote de ouro, curtindo o toque do metal.

— Parece tão fresco e permanente. Tai-pan, se elas valem legalmente sessenta e três milhões, qual o seu valor no mercado negro?

Dunross notou agora leves gotículas de suor no seu lábio superior.

— O quanto alguém estiver disposto a pagar. No momento, soube que o melhor mercado é a Índia. Pagariam de oitenta a noventa dólares americanos a onça, entregues na Índia.

Bartlett deu um sorriso torto e relutantemente recolocou seus quatro lingotes na pilha deles.

— É um bocado de lucro.

Ficaram olhando em silêncio enquanto outro saco de lona era lacrado, as barras verificadas e reverificadas por ambos os bancários. Novamente, o saco foi colocado sobre as costas curvadas de um homem, e ele foi embora, caminhando penosamente.

— E aquelas, o que são? — indagou Casey, apontando para umas barras bem maiores que estavam noutra parte da caixa-forte.

— São as barras regulamentares de quatrocentas onças — disse Dunross. — Pesam cerca de onze quilos cada. — A barra estava marcada com a foice e o martelo, e 99,999. — Esta é russa. É 99,99 por cento pura. O ouro da África do Sul é geralmente 99,98 por cento puro, portanto o russo é mais procurado. Claro que ambos são fáceis de comprar no mercado de ouro de Londres. — Deixou que olhassem mais um pouco, depois falou: — Vamos indo, agora?

Na rua estavam apenas um único policial e os guardas do banco desleixados e desarmados, os dois motoristas de caminhão fumando nas suas boléias. O tráfego passava por ali, ocasionalmente. Uns poucos pedestres.

Dunross ficou contente por sair do confinamento da caixa-forte. Sempre detestara porões e masmorras desde que o pai o trancara num armário, quando era muito pequeno, por um delito de que agora não se recordava. Mas recordava-se da velha Ah Tat, sua amah, salvando-o e defendendo-o... enquanto ele fitava o pai, tentando deter as lágrimas de terror que não podiam ser detidas.

— É bom estar de volta ao ar livre — falou Casey. Usou um lenço de papel. Inexoravelmente, seus olhos foram atraídos para os sacos no caminhão quase cheio. — Isso é dinheiro de verdade — murmurou, quase consigo mesma. Um leve estremecimento a percorreu, e Dunross soube imediatamente que descobrira a sua jugular.

— Estou com vontade de tomar uma cerveja — falou Bartlett.
— Tanto dinheiro me dá sede.

— E eu de tomar um uísque com soda! — disse ela, e o encantamento se quebrou.

— Vamos até o Victoria ver a entrega começar a ser feita, e depois comeremos...

Dunross se interrompeu. Vira os dois homens batendo papo perto dos caminhões, parcialmente ocultos nas sombras. Enrijeceu-se ligeiramente.

Os dois homens o viram. Martin Haply, do China Guardian, e Peter Marlowe.

— Oh, alô, tai-pan — disse o jovem Martin Haply, aproximando-se dele com seu sorriso confiante. — Não esperava vê-lo aqui. Boa noite, srta. Casey, Sr. Bartlett. Tai-pan, gostaria de fazer algum comentário sobre o assunto do Ho-Pak?

— Que assunto do Ho-Pak?

— A corrida ao banco, senhor.

— Não sabia que estava havendo uma.

— Não leu a minha coluna sobre as várias agências e os
boa...

— Meu caro Haply — falou Dunross, com o seu charme
tranquilo —, sabe que não procuro entrevistas, nem as dou por
qualquer motivo... e nunca nas esquinas.

— Sim, senhor. — Haply fez sinal para os sacos. — Transferir
todo esse ouro é um golpe duro para o Ho-Pak, não é? Será o beijo
da morte para o banco, quando isso transpirar.

Dunross soltou um suspiro.

— Esqueça o Ho-Pak, Sr. Haply. Posso lhe falar em particular?
— Segurou o jovem pelo cotovelo e afastou-o dali com firmeza de veludo. Quando estavam sozinhos, meio encobertos por um dos caminhões, soltou o braço do outro. Sua voz baixou. Involuntariamente, Haply se crispou e deu meio passo para trás. — Já que anda saindo com minha filha, só quero que saiba que gosto muito dela, e que entre cavalheiros existem certas regras. Estou supondo que seja um cavalheiro. Se não for, Deus o ajude. Terá que prestar contas a mim, pessoalmente, imediatamente e sem piedade.
— Dunross deu meia-volta e foi juntar-se aos outros, cheio de súbita bonomia. — Boa noite, Marlowe, como vão indo as coisas?

— Muito bem, obrigado, tai-pan. — O homem alto fez um sinal de cabeça para os caminhões. — É um espanto, toda essa fortuna!

— Onde ouviu falar da transferência?

— Um amigo jornalista tocou no assunto há cerca de uma hora. Falou que umas cinqüenta toneladas de ouro estavam sendo transferidas daqui para o Victoria. Pensei que seria interessante ver como a coisa é feita. Espero que não... espero não estar pisando em nenhum calo.

— De modo algum. — Dunross virou-se para Casey e

Bartlett. — Estão vendo, não falei que Hong Kong era como uma aldeia... nunca se pode guardar segredos aqui por muito tempo. Mas tudo isso... — indicou os sacos — tudo isso é chumbo... ouro de tolos. O carregamento real foi completado há uma hora. Não eram cinqüenta toneladas, e sim alguns milhares de onças. A maior parte das reservas em ouro do Ho-Pak ainda está intacta.

Sorriu para Haply, que não estava sorrindo, mas ouvindo, de cara fechada.

— Então é tudo mentira, afinal? — exclamou Casey, com voz abafada.

Peter Marlowe riu.

— Devo confessar que achei toda essa operação um tanto descontraída!

— Bem, boa noite, vocês dois — Dunross disse despreocupadamente para Marlowe e Martin Haply. Tomou o braço de Casey, momentaneamente. — Vamos, está na hora do jantar.

Começaram a descer a rua, Bartlett ao seu lado.

— Mas, tai-pan, aquelas que nós vimos — disse Casey —, aquela que peguei, era de mentira? Teria apostado a minha vida, você não, Linc?

— É — concordou Linc. — Mas o despiste foi muito sensato. É o que eu teria feito.

Dobraram a esquina, na direção do imenso prédio do Victoria, o ar quente e pegajoso.

Casey soltou uma risada nervosa.

— Aquele metal dourado estava mexendo comigo... e era falso o tempo todo!

— Na verdade, era real — Dunross falou em voz baixa, e ela parou. — Desculpe confundi-la, Casey. Falei aquilo apenas para os ouvidos de Marlowe e Haply, para criar desconfiança na sua fonte. Eles não podiam provar nem uma coisa nem outra. Pediram-me que tomasse as providências para a transferência há pouco mais de uma hora... o que fiz, obviamente, com grande cautela.

Seu coração bateu mais depressa. Perguntou-se quantas outras pessoas sabiam dos documentos de Alan Medford Grant e da caixa-forte e do número do cofre individual na caixa-forte.

Bartlett o observava.

— Eu acreditei no que você disse, e portanto, acho que eles também acreditaram — falou, enquanto pensava: "Por que nos trouxe para ver o ouro? É o que eu gostaria de saber".

— É curioso, tai-pan — disse Casey com uma risadinha nervosa. — Eu sabia, simplesmente sabia que o ouro era de verdade, para começo de conversa. Depois acreditei em você quando disse que era falso, e agora voltei a acreditar que é real. É tão fácil falsificar ouro?

— Sim e não. Só se sabe ao certo quando se põe ácido nele. Tem que passar pelo teste do ácido. Este é o único teste verdadeiro para o ouro. Não é? — acrescentou para Bartlett, e viu o sorriso e ficou se perguntando se o americano compreendia.

— Acho que é, Ian. Para o ouro... ou para as pessoas. Dunross devolveu o sorriso. "Ótimo", pensou sombriamente, "entendemo-nos perfeitamente."

Agora era bem tarde. As barcas e balsas do Terminal da Balsa Dourada tinham parado de funcionar, e Casey e Linc Bartlett estavam numa lanchinha alugada, atravessando a baía, a noite maravilhosa, um cheiro gostoso de maresia no vento, o mar calmo. Estavam sentados num dos bancos de frente para Hong Kong, de braços dados. O jantar fora o melhor que já haviam comido, a conversa entremeada de muitas risadas, Dunross encantador. Tinham terminado a noite tomando conhaque no topo do Hilton.

Ambos estavam se sentindo maravilhosamente em paz com o mundo e consigo mesmos.

Casey sentiu a ligeira pressão do braço dele, e apoiou-se de leve contra ele.

— É romântico, não é, Linc? Olhe para o Pico, e todas as luzes. Incrível. É o lugar mais lindo e excitante em que já estive.

— Melhor do que o sul da França?

— Aquilo foi muito diferente. — Haviam passado umas férias juntos na Cote d'Azur, há dois anos. Fora a primeira vez que tiraram férias juntos. E a última. Fora um esforço grande demais para ambos se manterem separados. — Ian é fantástico, não é?

— É. E você também.

— Obrigada, gentil senhor, e você também. Eles riram, felizes, juntos.

No cais, no lado de Kowloon, Linc pagou ao barqueiro e foram andando devagar até o hotel, de braços dados. Alguns garçons ainda estavam de serviço no saguão.

— Boa noite, senhor, boa noite, senholita — falou o velho ascensorista, sibilantemente, e, no andar deles, Chang Noturno saiu apressado à sua frente para abrir a porta da suíte. Automaticamente, Linc deu-lhe um dólar, e ele curvou-se enquanto eles entravam. Chang Noturno fechou a porta.

Ela a trancou.

— Uma bebida? — indagou ele.

— Não, obrigada. Iria estragar o conhaque.

Ela o viu olhando para ela. Estavam de pé no meio da sala de estar, a imensa janela panorâmica descortinando Hong Kong inteira às costas dele, seu quarto à direita, o dela à esquerda. Ela podia sentir a veia no seu pescoço pulsando, sentia-se toda molhada, e ele lhe parecia tão belo!

— Bem, é... obrigada por uma noite maravilhosa, Linc. Eu... até amanhã — falou. Mas não se mexeu.

— Faltam três meses para seu aniversário, Casey.

— Treze semanas e seis dias.

— Por que não os driblamos e nos casamos agora? Amanhã.

— Você... tem sido tão maravilhoso comigo, Linc, tão bom ao ser paciente e aturar a minha... doidice. — Ela sorriu para ele, um sorriso tentador. — Não vai demorar muito agora. Vamos fazer o que combinamos. Por favor?

Ele ficou ali parado, desejando-a. Depois, falou:

— Claro. — Quando chegou à porta, parou. — Casey, você tem razão quanto a este lugar. É romântico e excitante. Também mexeu comigo. Quem sabe... quem sabe não seria melhor você arranjar outro quarto?

Fechou a porta.

Naquela noite, ela chorou até dormir.

Quarta-feira

27

5h45m

Os dois cavalos de corrida fizeram a curva e entraram na reta final em grande velocidade. Era a falsa aurora, o céu ainda escuro do lado oeste, e o Hipódromo Happy Valley estava pontilhado de pessoas no treino matinal.

Dunross estava montado em Buccaneer, o grande baio capão, e corria lado a lado com Noble Star, montada pelo seu jóquei principal, Tom Leung. Noble Star corria por dentro, e os dois cavalos estavam correndo bem, com bastante reserva. Então, Dunross viu o poste de chegada adiante, e teve aquele ímpeto súbito de enfiar os calcanhares no animal e derrotar o outro. O outro jóquei pressentiu

o desafio e olhou para ele. Mas os dois cavaleiros sabiam que só estavam ali para se exercitar, não para apostar corrida, estavam ali apenas para confundir a oposição, portanto Dunross abafou o seu desejo quase alucinante.

Agora, os dois cavalos tinham arriado as orelhas. Seus flâncos estavam molhados de suor. Ambos sentiam o freio nos dentes. E agora, bem na reta final, dirigiam-se excitadamente para o poste de chegada, a pista interna de areia de treinamento não tão rápida quanto a de grama que a rodeava, exigindo mais deles. Os dois cavaleiros estavam de pé nos estribos, o mais alto que podiam, debruçados para a frente, com a rédea curta.

Noble Star carregava menos peso. Começou a sair na frente, Dunross automaticamente usou os calcanhares e xingou Buccaneer, que apressou o passo. A brecha começou a diminuir. A euforia dele aumentou. O galope não ultrapassou mais que meia pista, portanto Dunross achou que estava seguro. Nenhum treinador adversário poderia calcular exatamente o tempo de cada um, portanto chutou com mais força e a corrida passou a ser para valer. Os dois cavalos o sabiam. Suas passadas tornaram-se maiores. Noble Star estava com o focinho à frente, e então, sentindo que Buccaneer se acercava rapidamente, ela disparou, por conta própria, e ganhou de Dunross por meio corpo.

Então, os cavaleiros diminuíram a velocidade e, à vontade, continuaram em volta da linda pista... um pedaço de verde cercado

por prédios amontoados e fileiras de apartamentos que pontilhavam as encostas das montanhas. Quando Dunross acabou de trotar de novo pela reta final, interrompeu o exercício, parou junto de onde seria normalmente o círculo do vencedor, e desmontou. Deu uma palmadinha afetuosa no pescoço do potro, e jogou suas rédeas para um cavaliço. O homem subiu na sela e continuou a exercitá-lo.

Dunross distendeu os ombros, o coração batendo gostosamente, o gosto de sangue na boca. Sentia-se bem, os músculos estirados doendo agradavelmente. Cavalgara toda a sua vida. A corrida de cavalos ainda era oficialmente um esporte amador em Hong Kong. Quando era jovem, havia competido durante duas temporadas, e teria continuado, mas fora aconselhado a deixar as pistas por seu pai, naquela época tai-pan e administrador-chefe, e novamente por Alastair Struan, quando assumiu os dois cargos, que lhe ordenou que parasse de correr sob pena de demissão imediata. Assim, parará de correr, embora continuasse a exercitar os cavalos da Struan quando lhe dava na telha. E corria na madrugada, quando sentia vontade.

Era o levantar-se quando a maior parte do mundo ainda dorme, o galopar à meia-luz... o exercício e a excitação, a velocidade e o perigo que lhe desanuviavam a cabeça.

Dunross cuspiu fora o gosto enjoativo de não ter vencido. "Assim está melhor", pensou. "Poderia ter ganho de Noble Star hoje, mas o teria feito na curva, não na reta."

Outros cavalos estavam se exercitando na pista de areia, entrando no circuito, ou deixando-o. Grupos de proprietários, treinadores e jóqueis conferenciavam, ma-foos — "cavalariços" — fazendo andar os cavalos cobertos com mantas. Viu Butter-scotch Lass, a grande égua de Richard Kwang, passar por ele a meio galope, uma estrela branca na testa, machins elegantes, seu jóquei segurando firme as rédeas, parecendo tudo muito bem. No extremo oposto, Pilot Fish, o garanhão de estimação de Gornt, saiu num galope controlado, atrás de outro animal do haras da Struan, Impatience, uma potranca nova, jovem, inexperiente, adquirida recentemente nas primeiras vendas da temporada. Dunross examinou-a com ar crítico, e achou que lhe faltava resistência. "Vamos dar-lhe uma ou duas temporadas, e depois veremos", pensou. Então Pilot Fish passou violentamente por ela, que escorregou de medo por um instante, e depois saiu a persegui-lo até que seu jóquei a controlou, ensinando-lhe a galopar segundo a vontade dele.

— E então, tai-pan? — perguntou o seu treinador. Era um imigrante russo de cara curtida, duro como aço, de sessenta e tantos anos, cabelos grisalhos. Aquela era a sua terceira temporada com a Struan.

— E então, Aleksei?

— Então você ficou com o diabo no corpo e enfiou os calcanhares nele, e viu como a Noble Star disparou à frente?

— Ela é esforçada. Noble Star é esforçada, todo mundo sabe disso — replicou Dunross, calmamente.

— É, mas eu teria preferido que somente eu e você fôssemos alertados para isso hoje, e não — o homenzinho apontou um dedo calejado para os espectadores e abriu um sorriso —...e não todo vibliadok na Ásia.

Dunross devolveu o sorriso.

— Você repara demais.

— Sou pago para reparar demais.

Aleksei Travkin suplantava qualquer homem com a metade da sua idade cavalgando, bebendo, trabalhando e resistindo. Era um solitário, entre os outros treinadores. Ao longo dos anos, contara diversas histórias sobre seu passado... como a maioria das pessoas apanhadas nos grandes tumultos da Rússia e suas revoluções, da China e suas revoluções, e que agora vagavam pelas veredas da Ásia buscando uma paz que jamais poderiam encontrar.

Aleksei Ivánovitch Travkin viera da Rússia para Harbin, na Manchúria, em 1919, depois seguira trabalhando para o sul, até o Povoado Internacional de Xangai. Lá, começou a cavalgar vencedores. Como era muito bom, e sabia mais sobre cavalos do que a maioria dos homens sabem sobre si mesmos, logo se tornou treinador. Quando o êxodo aconteceu novamente, em 49, ele fugiu para o sul, desta feita para Hong Kong, onde ficou durante alguns anos, depois se mandou de novo para o sul, para a Austrália, e os circuitos de lá. Mas a Ásia o chamava, e ele voltou. Dunross estava sem treinador, na época, e ofereceu-lhe a coudelaria da Casa Nobre.

— Aceito, tai-pan — respondera ele, prontamente.

— Ainda não discutimos dinheiro — dissera Dunross.

— O senhor é um cavalheiro, e eu também. Pagar-me-á o máximo para ficar por cima... e também porque sou o melhor.

— É?

— Por que outro motivo me ofereceria o lugar? Também não gosta de perder.

A temporada passada fora boa para ambos. A primeira não fora tão boa. Os dois sabiam que a temporada que estava prestes a se iniciar seria o teste real.

Noble Star passava devagar por eles, acomodando-se, com perfeição.

— E quanto ao sábado? — perguntou Dunross.

— Ela estará se esforçando.

— E Butterscotch Lass?

— Estará se esforçando. Assim como Pílot Fish. Assim como todos os outros... em todos os oito páreos. Será uma competição muito especial. Teremos que vigiar atentamente os nossos inscritos.

Dunross concordou. Viu Gornt conversando com Sir Dunstan Barre, junto ao círculo dos vencedores.

— Vou ficar muito puto da vida se perder para Pilot Fish. Aleksei riu, depois acrescentou, mordaz:

— Nesse caso, talvez seja melhor o senhor mesmo montar Noble Star, tai-pan. Assim, poderá empurrar Pílot Fish contra o gradil, na curva, se ele representar uma ameaça, ou chicotear os olhos do seu jóquei. Não? — O velho ergueu os olhos para ele. — Não é isso o que teria feito com Noble Star hoje, se fosse um páreo de verdade?

Dunross sorriu.

— Como não era verdade, nunca saberá... não é mesmo? Um ma-foo se aproximou e saudou Travkin, entregando-lhe um bilhete.

— Recado, senhor. O Sr. Choi gostaria que o senhor examinasse as ataduras de Chardistan, quando tiver um momentinho.

— Vou já para lá. Diga a ele para pôr farelo extra na ração de Buccaneer, hoje e amanhã. — Travkin voltou a olhar para Dunross, que observava atentamente Noble Star. Franziu o cenho. — Não está pensando em cavalgar no sábado?

— Não no momento.

— Eu não o aconselharia. Dunross riu.

— Eu sei. Até amanhã, Aleksei. Amanhã exercitarei Impatience.

Abraçou-o amistosamente e foi embora.

Aleksei Travkin ficou olhando enquanto ele se afastava; seus olhos voltaram-se depois para os cavalos sob seus cuidados, e para os adversários que estavam à vista. Sabia que esse sábado seria cheio de maldade, e que Noble Star teria que ser protegida. Sorriu consigo mesmo, satisfeito por estar num jogo cujas apostas eram tão altas.

Abriu o bilhete que estava na sua mão. Era curto, escrito em russo.

"Saudações de Kurgan, Alteza. Tenho notícias de Nestorova..."

Aleksei soltou uma exclamação abafada. Seu rosto ficou sem cor. "Pelo sangue de Cristo!", tinha vontade de gritar. "Ninguém na

Ásia sabe que vim de Kurgan, nas planícies às margens do rio Tobol, nem que meu pai era o príncipe de Kurgan e Tobol, nem que minha querida Nestorova, minha mulher-criança de mil vidas atrás, foi engolida pela revolução enquanto eu estava com meu regimento... Juro por Deus que jamais mencionei seu nome a ninguém, nem a mim mesmo."

Releu o bilhete, em choque. "Será mais uma tortura deles, os soviéticos... os inimigos de todos os russos? Ou será de um amigo? Ah, Santo Deus, permita que seja um amigo!"

Depois de "Nestorova", o bilhete terminava:

"Por favor, encontre-me no Restaurante Dragão Verde, no beco junto à Nathan Road, 189, na sala dos fundos, às três da tarde de hoje".

Não havia assinatura.

Do outro lado do paddock, perto do poste de chegada, Richard Kwang dirigia-se para junto do seu treinador quando viu seu

primo em sexto grau, Ching Sorridente, presidente da junta diretora do imenso Ching Prosperity Bank, nas arquibancadas, os binóculos dirigidos para Pilot Fish.

— Alô, Sexto Primo — cumprimentou amavelmente, em cantonense —, já comeu arroz hoje?

O velho astuto pôs-se em guarda instantaneamente.

— Não vai arrancar nenhum dinheiro de mim — falou rudemente, os lábios afastando-se dos dentes saltados que lhe davam um ar de perpétua careta sorridente.

— Por que não? — falou Richard Kwang, com a mesma rudeza. — Tenho dezessete milhões emprestados a você e...

— É, mas vencem daqui a noventa dias, e estão bem investidos. Sempre pagamos os juros de quarenta por cento — rosnou o velho.

— Seu velho osso de cachorro miserável, ajudei-o quando precisava de dinheiro! Agora chegou a hora de retribuir!

— Retribuir o quê? O quê? — cuspiu Ching Sorridente. — Retribuí a você uma fortuna, ao longo dos anos. Assumi os riscos, e você acumulou os lucros. Esse desastre todo não podia ter acontecido numa hora pior! Estou com cada tostão de cobre investido... até o último! Não sou como certos banqueiros. Meu dinheiro está sempre bem empregado.

Empregado em narcóticos, ao que constava. Claro que Richard Kwang nunca perguntara, e ninguém sabia ao certo, mas todos acreditavam que o banco de Ching Sorridente era, secretamente, uma das principais câmaras de compensação para o comércio de drogas, a maioria proveniente de Bangkok.

— Escute, primo, pense na família — começou Richard Kwang. — É apenas um problema temporário. Esses demônios estrangeiros de merda estão nos atacando. Quando isso acontece, as pessoas civilizadas têm que se unir!

— Concordo. Mas você é o culpado da corrida ao Ho-Pak. Você. É no seu banco... não no meu. Você ofendeu os sacanas, de algum modo! Estão atrás de você! Não lê os jornais? É, e você está com todo o seu dinheiro investido nuns negócios muito ruins, ao que me contaram. Você, primo, colocou a própria cabeça na canga. Arranque dinheiro daquele maldito mestiço filho de uma puta malaia do seu sócio. Ele tem bilhões... ou do Pão-Duro... — O velho repentinamente casquinou. — Darei dez por cada um que aquele velho fornicador emprestar a você!

— Se eu entrar pelo cano, o Ching Prosperity virá atrás!

— Não me ameace! — exclamou o velho, raivosamente. Seus lábios tinham permanentemente um pouco de saliva nos cantos, depois eles cobriram os dentes uma vez e separaram-se de novo na careta habitual. — Se você entrar pelo cano, não será por minha culpa... por que desejar seu terrível azar para a minha família? Não fiz nada para prejudicá-lo... por que tentar passar seu azar para mim? Se hoje... ayeeyah, se hoje seu azar transbordar e aqueles depositantes de merda começarem uma corrida ao meu banco, não durarei um dia!

Richard Kwang sentiu-se momentaneamente melhor porque o império de Ching estava igualmente ameaçado. "Bom, muito bom. Eu poderia aproveitar todos os seus negócios... especialmente a operação Bangkok." Foi então que olhou para o grande relógio que encimava o totalizador, e gemeu. Eram pouco mais de seis horas. Às

dez os bancos abriam, a Bolsa de Valores abriria, e, embora já tivessem sido tomadas providências com o Blacs, o Victoria e o Banco Oriental e de Bombaim, de Kowloon, para penhorar títulos que deviam cobrir tudo, com sobra, ainda estava nervoso. E furioso. Tivera que fazer uns tratos muito duros, que não desejava cumprir.

— Vamos lá, primo, só cinqüenta milhões durante dez dias... prorrogarei os dezessete milhões por dois anos, e acrescentarei outros vinte em trinta dias.

— Cinqüenta milhões por três dias a dez por cento de juros por dia, e o empréstimo atual como garantia. E também aceitarei a escritura da sua propriedade na zona central como garantia!

— Vá foder na orelha da sua mãe! A propriedade vale quatro vezes esse valor.

Ching Sorridente deu de ombros e voltou a focalizar os binóculos em Pilot Fish.

— O preto grande vai derrotar Butterscotch Lass, também?

Richard Kwang olhou com azedume para o cavalo de Gornt.

— Só se os cretinos do meu treinador e do meu jóquei se unirem para refreá-la ou dopá-la!

— Ladrões nojentos! Não se pode confiar num só deles! Meu cavalo nunca foi classificado. Nunca. Nem chegou em terceiro. Revoltante!

— Cinqüenta milhões por uma semana... dois por cento ao dia?

— Cinco. E mais a propriedade...

— Jamais!

— Aceitarei uma fatia de cinqüenta por cento da propriedade.

— Seis por cento — rebateu Richard Kwang.

Ching Sorridente calculou o seu risco. E seu lucro potencial. O lucro seria imenso. Se o Ho-Pak não falisse. Mas, mesmo que falisse, o empréstimo seria bem coberto pela propriedade. É, o lucro seria imenso, desde que não houvesse uma corrida ao seu próprio banco. Talvez ele pudesse arriscar e penhorar alguns carregamentos futuros e levantar os cinqüenta milhões.

— Quinze por cento, e fim de papo — falou, sabendo que retiraria a oferta, ou a modificaria ao meio-dia, depois de ter visto como estava o mercado, e a corrida... e continuaria a vender ações do Ho-Pak a descoberto e obter grande lucro. — E pode incluir também Butterscotch Lass.

Richard Kwang praguejou obscenamente, e ficaram ambos barganhando, depois concordaram que os cinqüenta milhões estariam à disposição às duas horas. Em espécie. Penhoraria também a Ching Sorridente trinta e nove por cento da sua propriedade na zona central como garantia adicional, e um quarto de

participação na égua. Butterscotch Lass foi o argumento decisivo para fecharem o negócio.

— E quanto ao sábado?

— Como? — disse Richard Kwang, detestando a careta e os dentes saltados.

— Nosso cavalo está no quinto páreo, heya? Ouça, Sexto Primo, talvez devêssemos fazer um arranjo com o jóquei de Pilot Fish. Refreamos o nosso animal... será o favorito... e apostaremos em Pilot Fish e Noble Star, por segurança!

— Boa idéia. Decidiremos no sábado de manhã.

— Melhor eliminar Golden Lady também, não?

— O treinador de John Chen sugeriu isso.

— Eeee, aquele idiota, deixar-se seqüestrar! Espero que você me dê a informação real sobre quem vai vencer. Também quero o vencedor!

Sorridente escarrou e cuspiu.

— Todos os deuses defequem! Esses treinadores e jóqueis nojentos! É revoltante como nos manipulam, a nós, proprietários. Quem paga os salários deles, heya?

— O Turf Club, os proprietários, mas especialmente os apostadores que estão por fora. Ouvi dizer que você esteve no Old Vic ontem à noite, jantando comida de demônio estrangeiro.

Richard Kwang sorriu de orelha a orelha. Seu jantar com Vênus Poon fora um enorme sucesso. Ela usara o novo vestido pelos joelhos de Christian Dior que ele lhe comprara, seda negra colante, e gaze por baixo. Quando a vira saltar do Rolls dele e subir os degraus do Old Vic, seu coração dera uma cambalhota, e seu Saco Secreto tremera.

Ela ficara toda sorridente ao notar o efeito da sua entrada no saguão, suas pesadas pulseiras de ouro brilhando, e insistira em subir a ampla escadaria, ao invés de usar o elevador. O peito dele ficara apertado de alegria abafada e terror. Cruzaram por entre os comensais formais e bem-vestidos, europeus e chineses, alguns a rigor... casais, turistas e nativos, homens em jantares de negócios, amantes e candidatas a amantes de todas as idades e nacionalidades. Ele estava usando um terno novo e escuro de Savile Row, da caxemira mais leve e mais cara. Enquanto se dirigiam para a mesa especial que lhe custara uma vermelha — cem dólares —, acenara para muitos amigos, e gemera intimamente quatro vezes ao ver quatro amigos chineses muito chegados com as esposas, empetecadas e cheias de jóias. As mulheres o fitaram gelidamente.

Richard Kwang estremeceu. "As mulheres são uns verdadeiros dragões, e todas iguais", pensou. "Oh, oh, oh! E as nossas mentiras soam falsas aos seus ouvidos antes mesmo que as pronunciemos." Ainda não fora para casa enfrentar Mai-ling, que a essa altura já saberia de Vênus Poon por intermédio de pelo menos três grandes amigas. Ele deixaria que ela esbravejasse, berrasse, chorasse e arrancasse os cabelos por algum tempo, para soltar o vento do diabo, e depois diria que os inimigos haviam enchido sua cabeça de veneno... como podia acreditar naquelas mulheres tão maldosas?... e depois contar-lhe-ia humildemente sobre o casaco de vison comprido que encomendara há três semanas e que iria buscar a tempo de ela poder usá-lo para as corridas no sábado. E então haveria paz em casa... até a próxima vez.

Riu da sua perspicácia em ter encomendado o vison. O fato de tê-lo encomendado para Vênus Poon, e ter prometido naquela manhã, no calor do seu abraço, entregá-lo à noite a Mai-ling para que ela o usasse nas corridas de sábado, não o incomodava nem um pouco. "É bom demais para aquela piranha, afinal de contas", pensava. Custara-lhe quarenta mil HK. "Comprarei outro para ela. Talvez possa arranjar um de segunda mão..."

Viu Ching Sorridente olhando de esquelha para ele.

— O quê?

— Vênus Poon, heya?

— Estou pensando em produzir filmes e fazer dela uma estrela — falou altivamente, orgulhoso da história que inventara como parte da desculpa para a mulher.

Ching Sorridente ficou impressionado.

— Eeee, mas isso é um negócio arriscado, heya?

— É, mas há meios de... pôr no seguro o risco. Deu uma piscadela safada.

— Ayeeyah, quer dizer um filme pornô? Oh, avise-me quando marcar a produção. Posso investir alguma coisa. Vênus Poon nua! Ayeeyah, a Ásia inteira pagaria para ver! Que tal ela é na cama?

— Perfeita! Agora que a eduquei. Era virgem da primeira...

— Que sorte! — falou Ching Sorridente, depois acrescentou:
— Quantas vezes escalou as Muralhas?

— Ontem? Três vezes... e cada vez mais forte do que a anterior! — Richard Kwang inclinou-se para a frente. — O Coração de Flor dela é o melhor que já vi. È. E o seu triângulo! Lindos cabelos sedosos e os lábios internos rosados e delicados. Eeee, e o

seu Portão de Jade... o seu Portão de Jade tem mesmo o formato de um coração, e a sua "polegada quadrada" é de um oval perfeito, rosada e cheirosa, e a Pérola no Degrau também é rosada...

Richard Kwang sentiu que começava a suar ao lembrar-se de como ela abria as pernas no sofá e lhe entregara uma grande lente de aumento.

— Tome — dissera com orgulho. — Examine a deusa que o seu monge careca está prestes a adorar.

E ele o fizera. Meticulosamente.

— A melhor parceira de cama que já tive — continuou Richard Kwang, animado, exagerando a verdade. — Estava pensando em comprar-lhe um grande anel de diamantes. A pobre Fala Macia chorou hoje de manhã quando saí do apartamento que lhe dei. Estava jurando que ia cometer suicídio, porque está apaixonada por mim.

Usou a palavra inglesa.

— Eeee, mas você é um homem de sorte!

Ching Sorridente não falava nada de inglês, exceto as palavras de amor. Sentiu um par de olhos fitos nas suas costas, e olhou para trás. Na seção seguinte das arquibancadas, a uns cinquenta metros de distância, ligeiramente acima dele, estava o policial demônio estrangeiro Grande Montanha de Bosta, o odiado chefe do DIC de Kowloon. Os frios olhos de peixe o fitavam, e um binóculo pendia do pescoço do homem. Ayeeyah, resmungou Ching consigo mesmo, sua mente dardejando pelos diversos controles, armadilhas e saldos que protegem sua principal fonte de renda.

— Hem? O que é? O que houve com você, Ching Sorridente?

— Nada. Só estou com vontade de mijar. Mande os papéis para mim às duas horas, se quiser meu dinheiro.

Aborrecido, virou-se para ir ao banheiro, perguntando-se se a polícia tinha conhecimento da chegada iminente do demônio

estrangeiro da Montanha Dourada, um Grande Tigre dos Pés Brancos com o exótico nome de Vincenzo Banastasio.

Escarrou e cuspiu ruidosamente. "Tanto se me dá que saibam ou não. Não podem tocar em mim, sou apenas um banqueiro."

Robert Armstrong notara que Ching Sorridente estava conversando com o banqueiro Kwang e tinha certeza de que o par estava aprontando alguma. A polícia estava bem por dentro dos murmúrios sobre Ching, seu Prosperity Bank e o tráfico de narcóticos, mas até agora não tinha nenhuma prova concreta implicando-o, ou ao seu banco, nem mesmo provas circunstanciais que fizessem jus a detenção, interrogatório e deportação sumária.

"Bem, um dia desses ele vai escorregar", pensou Robert Armstrong, calmamente, e voltou a focalizar o binóculo em Pilot Fish, em Noble Star, em Butterscotch Lass, depois em Golden Lady, a égua de John Chen. Qual deles estaria em forma para vencer?

Bocejou e espreguiçou-se, cansado. Fora outra longa noite, e ele ainda não fora para a cama. Bem na hora em que estava saindo do QG da polícia em Kowloon, na véspera, houvera um alvoroço danado por causa de mais um telefonema anônimo avisando que John Chen fora visto nos Novos Territórios, na minúscula aldeia

pesqueira de Sha Tau Kwok, que dividia em dois a ponta oriental da fronteira.

Ele correria para lá com uma equipe e revistara a aldeia, choça por choça. A revista tivera que ser feita com muita cautela, pois toda a área da fronteira era muito sensível, especialmente na aldeia, onde havia um dos três postos de controle da fronteira. Os aldeões eram uma turma dura, inflexível e belicosa, que queria ser deixada em paz. Especialmente pela polícia dos demônios estrangeiros. A revista provara ser apenas mais um alarme falso, embora tivessem descoberto dois alam-biques ilegais, uma pequena fábrica de heroína que transformava ópio bruto em morfina, e daí em heroína, e desmantelassem seis antros de jogatina ilegais.

Quando voltara ao QG de Kowloon, soubera de outro telefonema sobre John Chen, desta feita no lado de Hong Kong, em Wanchai, perto do Glessing's Point, na zona das docas. Aparentemente, John Chen fora visto sendo enfiado para dentro de um cortiço, com uma atadura suja cobrindo a orelha direita. Dessa vez, a pessoa que tinha ligado deixara o nome e o número de sua carteira de motorista, para poder reclamar a recompensa de cinqüenta mil HK oferecida pela Struan e pelos Chens da Casa Nobre. Novamente, Armstrong reunira unidades para cercar a área e dirigira a revista meticulosamente. Já eram cinco da madrugada quando cancelara a operação e dispensara os homens.

— Brian, vou direto para a cama — falou. — Que desperdício de outra noite fang-pi.

Brian Kwok também bocejou.

— É. Mas já que estamos deste lado, que tal tomarmos café no Para e depois irmos dar uma espiada nos exercícios matinais?

Imediatamente, quase todo o cansaço de Robert Armstrong se dissipou.

— Grande idéia!

O Restaurante Para, na Wanchai Road, perto do Hipódromo Happy Valley, estava sempre aberto. A comida era excelente, barata, e era um local de encontro costumeiro dos tríades e suas garotas. Quando os dois policiais entraram na sala grande, barulhenta, tumultuada, fez-se um súbito silêncio no ambiente. O proprietário, Ko Um Pé Só, veio mancando até eles, e acompanhou-os com um sorriso até a melhor mesa da casa.

— Dew neh loh moh para você também, Velho Amigo — falou Armstrong, sombriamente, e acrescentou algumas obscenidades escolhidas a dedo em cantonense de sarjeta, fitando intencionalmente o grupo mais próximo de jovens rufiões boquiabertos, que nervosamente lhe viraram as costas.

Ko Um Pé Só riu, mostrando os dentes estragados.

— Ah, senhores, honram o meu pobre estabelecimento. Dim sum?

— Por que não?

Dim sum — "pequenos alimentos" — eram pequenos envelopes de massa recheados de camarões, legumes moídos ou carnes diversas e depois cozidos ou fritos, e comidos com um pouco de soja, de galinha e outras carnes em vários molhos ou pastéis de todos os tipos.

— Vossas Excelências vão ao prado?

Brian Kwok fez que sim com a cabeça, bebericando seu chá de jasmim, correndo os olhos pelos fregueses, deixando muitos deles nervosos.

— Quem vai ganhar o quinto páreo? — perguntou.

O dono do restaurante hesitou, sabendo que era melhor contar a verdade. Falou cautelosamente, em cantonense:

— Dizem que nem Golden Lady, Noble Star, Pilot Fish ou Butterscotch Lass ainda... ainda não se comentou que um tenha vantagem sobre o outro. — Viu os frios olhos castanho-escuros pousarem nele, e tentou não estremecer. — Por todos os deuses, é o que dizem!

— Ótimo. Virei aqui sábado de manhã. Ou mandarei meu sargento. Então você poderá sussurrar no ouvido dele se há boatos

de jogo sujo. É. E se por acaso um desses for dopado ou cortado, e se eu não for informado no sábado de manhã... talvez as suas sopas fiquem apodrecendo por cinquenta anos.

Um Pé Só sorriu nervosamente.

— Sim, senhor. Deixe-me agora tratar da sua comi...

— Antes de ir, quais as últimas fofocas sobre John Chen?

— Nenhuma. Ah, não há nenhuma, Honrado Senhor — disse o homem, o lábio superior perolado de suor. — O Porto Fragrante está tão limpo de informações sobre ele quanto um tesouro de virgem. Nada, senhor. Nem um peido de cachorro ou um rumor verdadeiro, embora todos estejam procurando. Ouvi dizer que há um grande prêmio extra.

— Como? Quanto?

— Cem mil dólares extras, se for descoberto dentro de três dias.

Os dois policiais soltaram um assobio.

— Oferecidos por quem? — quis saber Armstrong. Um Pé Só deu de ombros, os olhos duros.

— Ninguém sabe, senhor. Dizem que por um dos Dragões... ou todos os Dragões. Cem mil, e promoção, se for dentro de três dias... se for descoberto vivo. Por favor, agora deixe-me ir tratar da sua comida.

Ficaram olhando enquanto ele se afastava.

— Por que pressionou Um Pé Só? — perguntou Armstrong.

— Estou cheio da hipocrisia bajuladora dele... e de todos esses bandidinhos nojentos. A lei do chicote resolveria o nosso problema das tríades.

Armstrong pediu uma cerveja.

— Quando dei duro no sargento Tang-po não pensei que ia ter resultados tão rápidos. Cem mil é um bocado de grana! Isso não pode ser apenas um simples seqüestro. Santo Deus, é recompensa às pampas! Tem que haver algo de especial sobre John.

— É. Se for verdade.

Mas não haviam chegado a nenhuma conclusão, e quando chegaram ao Prado Brian Kwok ligara para o QG e agora Armstrong focalizava o binóculo na égua. Butterscotch Lass estava deixando a pista para voltar para cima do morro, para os está-bulos. "Parece em grande forma", pensou. "Todos parecem. Merda, qual deles?"

— Robert?

— Oh, alô, Peter.

Peter Marlowe sorriu para ele.

— Está acordando cedo ou indo dormir tarde?

— Dormindo tarde.

— Notou como Noble Star disparou sem que seu jóquei fizesse nada?

— É bom observador.

Peter Marlowe sorriu, balançou a cabeça e indicou um grupo de homens que rodeavam um dos cavalos.

— Donald McBride me contou.

— Ah! — McBride era um organizador de corridas imensamente popular, um empresário imobiliário eurasiático que viera de Xangai para Hong Kong em 49. — Ele já lhe deu o nome do vencedor? Se alguém souber, esse alguém é ele.

— Não, mas me convidou para o seu camarote, no sábado. Vai correr?

— Mas, o que é isso? Vejo você no camarote dos sócios... eu não tranco com a gente bem!

Os dois ficaram observando os cavalos durante algum tempo.

— Golden Lady parece bem.

— Todos parecem.

— Ainda nenhuma notícia de John Chen?

— Nada. — O foco do binóculo de Armstrong pegou Dunross, que conversava com alguns administradores. A pouca distância estava o guarda do sei que Crosse designara para vigiá-lo. "Que chegue logo a sexta-feira!", pensou o policial. "Quanto mais cedo virmos as tais pastas de Alan Medford Grant, melhor." Sentiu-se levemente indisposto, e não conseguiu chegar à conclusão se era de apreensão pelos papéis, pela Sevrin, ou se era apenas fadiga. Já ia estender a mão para pegar um cigarro... deteve-se. "Não precisa de um cigarro", ordenou para si mesmo. — Devia parar de fumar, Peter. Faz mal.

— É, devia mesmo. Como você está se saindo?

— Sem problema. O que me faz lembrar, Peter, que o Velho aprovou sua viagem pela estrada da fronteira. Depois de amanhã, sexta-feira, seis da manhã em ponto no QG de Kowloon. Está bem?

O coração de Peter Marlowe deu um salto. Finalmente poderia olhar para a China continental, para o desconhecido. Em toda a terra fronteiriça dos Novos Territórios havia apenas um mirante acessível que os turistas podiam usar para olhar para a China, mas a montanha ficava tão longe que não se podia ver grande coisa. Mesmo de binóculo.

— Espetacular! — exclamou, eufórico. Seguindo a sugestão de Armstrong, escrevera para o comissário, solicitando aquela permissão. A estrada da fronteira ia de costa a costa. Era proibida a todo o tráfego e todas as pessoas... exceto os habitantes locais, em certas áreas. Era uma vasta extensão de terra de ninguém, entre a colônia e a China. Uma vez por dia, era patrulhada sob circunstâncias muito controladas. O governo de Hong Kong não tinha nenhuma vontade de balançar o coreto da República Popular da China.

— Uma condição, Peter: não a mencione, nem fale nela por mais ou menos um ano.

— Tem a minha palavra. Armstrong abafou outro bocejo.

— Você vai ser o único ianque que já andou por ela, que talvez jamais andará.

— Fantástico! Obrigado.

— Por que se naturalizou americano?

Depois de uma pausa, Peter Marlowe falou:

— Sou um escritor. Toda a minha renda vem de lá, quase toda ela. Agora, as pessoas estão começando a ler o que escrevo. Talvez eu queira ter o direito de criticar.

— Já estive em algum país da Cortina de Ferro?

— Ah, já. Estive em Moscou em julho, para o festival de cinema. Um dos roteiros que escrevi foi o do candidato americano. Por quê?

— Por nada — replicou Armstrong, lembrando-se do trânsito livre de Bartlett e Casey para Moscou. Sorriu. — Perguntei por perguntar.

— Um favor merece outro em troca. Ouvi uma fofoca sobre as armas de Bartlett.

— É? — perguntou Armstrong, instantaneamente alerta. Peter Marlowe era uma figura muito rara em Hong Kong, pelo fato de cruzar as barreiras sociais e ser aceito como amigo por muitos grupos normalmente hostis.

— Provavelmente não passa de conversa fiada, mas alguns amigos têm uma teoria...

— Amigos chineses?

— É. Acham que as armas são um carregamento para amostra, destinado a um dos nossos cidadãos piratas chineses, pelo menos, um com passado de contrabandista, para ser entregue a um dos grupos de guerrilheiros que operam no Vietnam do Sul, os vietcongues.

Armstrong resmungou.

— Excesso de imaginação, Peter. Hong Kong não é local para trânsito de armas.

— Sei, mas esse carregamento era especial, o primeiro. Foi encomendado às pressas, para ser entregue às pressas. Já ouviu falar na Força Delta?

— Não — retrucou Armstrong, abismado porque Peter Marlowe já tinha ouvido falar naquilo que Rosemont, da CIA, lhe assegurara sigilosamente que era uma operação ultra-secreta.

— Ao que sei, é um grupo de soldados de combate americanos especialmente treinados, Robert, uma força especial que está operando no Vietnã em pequenas unidades sob o controle do Grupo Técnico Americano, que é um nome sob o qual se oculta a CIA. Parece que estão se saindo tão bem que os vietcongues precisam de armas modernas rapidamente, e em grande quantidade, e estão preparados para pagar generosamente. Assim, essas foram mandadas imediatamente para cá, no avião de Bartlett.

— Ele está envolvido?

— Meus amigos duvidam que esteja — falou, depois de uma pausa. — De qualquer modo, as armas são de uso do exército americano, Robert, certo? Bem, uma vez que esse carregamento fosse aprovado, a entrega em grandes quantidades seria fácil.

— É, como?

— Os Estados Unidos vão fornecer as armas.

— O quê?

— Claro. — A fisionomia de Peter Marlowe endureceu. — É realmente muito simples: digamos que esses guerrilheiros vietcongues soubessem antecipadamente todas as datas exatas dos carregamentos americanos, pontos de destino, quantidades e tipos de armas (desde as menores até foguetes) exatos, quando chegassem ao Vietnam?

— Santo Deus!

— É. Conhece a Ásia. Um pouco de h'eung yan aqui e ali, e os assaltos constantes seriam simples.

— Seria como se eles tivessem suas próprias reservas! — exclamou Armstrong, estupefato. — Como vão ser pagas as armas? Um banco aqui?

Peter Marlowe olhou para ele.

— Ópio a granel. Entregue aqui. Um dos nossos bancos faz o financiamento.

O policial soltou um suspiro. A coisa se encaixava.

— Impecável — comentou.

— É. Um filho da mãe de um traidor nojento nos Estados Unidos simplesmente passa adiante as relações, itinerários, datas. Isso dá ao inimigo todas as armas e a munição de que precisa para acabar com nossos próprios soldados. O inimigo paga pelas armas com um veneno que nada lhe custa... imagino que seja o único artigo vendável que tenha a granel, e que possa adquirir facilmente. O ópio é entregue aqui pelo contrabandista chinês, e convertido em heroína, porque aqui é que eles têm os peritos para isso. Os traidores nos Estados Unidos fazem um trato com a Máfia, que vende a heroína com lucro enorme para mais garotos, e assim subvertem e destroem o bem mais importante que temos: os jovens.

— Como já falei, impecável! O que alguns sacanas não fazem por dinheiro! — Armstrong soltou outro suspiro, e relaxou os ombros. Pensou por um momento. A teoria fazia tudo se encaixar muito direitinho. — O nome Banastasio significa alguma coisa?

— Parece italiano.

Peter Marlowe manteve a fisionomia impassível. Seus informantes eram dois jornalistas portugueses eurasiáticos que detestavam a polícia. Quando Marlowe lhes perguntara se poderia passar adiante a teoria, Da Vega dissera:

— Claro, mas a polícia jamais acreditará. Não fale em nós, e nem mencione nomes, nem o de Wu Quatro Dedos, Pa Contrabandista, Ching Prosperity, Banastasio, nenhum.

Após uma pausa, Armstrong disse:

— O que mais ouviu dizer?

— Muita coisa, mas por hoje chega... é minha vez de acordar as crianças, fazer o café e mandá-las para a escola. — Peter Marlowe acendeu um cigarro, e de novo Armstrong sentiu dolorosamente a necessidade do fumo nos pulmões. — Exceto uma coisa, Robert. Um membro da imprensa, amigo meu, pediu-me que o avisasse de que ouviu falar numa grande reunião de narcóticos a ser realizada em breve em Macau.

Os olhos azuis se estreitaram.

— Quando?

— Não sei.

— Que espécie de reunião?

— Gente da pesada. "Fornecedores, importadores, exportadores, distribuidores", foi o que ele disse.

— Onde, em Macau?

— Não disse.

— Nomes?

— Nenhum. Mas acrescentou que a reunião incluirá um visitante VIP dos Estados Unidos.

— Bartlett?

— Meu Deus, Robert, não sei! E nem ele falou nisso. Linc Bartlett me parece um sujeito simpático, e corretíssimo. Acho que é tudo fofoca e inveja, tentando implicá-lo.

Armstrong sorriu seu sorriso amarelo.

— Sou apenas um tira desconfiado. Os bandidos existem nas altas esferas, assim como nos esgotos. Peter, meu velho, dê o seguinte recado ao seu amigo jornalista: se quiser me dar uma informação, ligue diretamente para mim.

— Ele tem medo de você. E eu também!

— Tem, uma ova. — Armstrong devolveu-lhe o sorriso, simpatizando com ele, muito satisfeito pela informação e pelo fato de Peter Marlowe ser um intermediário que sabia ficar de boca fechada. — Peter, pergunte-lhe onde em Macau, e quando, e quem e... — Repentinamente, Armstrong deu um tiro no escuro: — Peter, se você fosse escolher o melhor lugar da colônia para a entrada e saída de contrabando, qual seria?

— Aberdeen, ou a baía Mirs. Qualquer tolo sabe disso... são os locais que sempre foram usados primeiro, desde que existe Hong Kong.

Armstrong soltou um suspiro.

— Concordo...

"Aberdeen", pensou. "Qual contrabandista de Aberdeen? Qualquer um entre duzentos. Wu Quatro Dedos seria a primeira escolha. Quatro Dedos, com seu grande Rolls negro e chapa de sorte número 8, aquele maldito capanga Tok Duas Machadinhas e aquele seu jovem sobrinho, o que tem o passaporte ianque, o tal de Yale. É mesmo Yale? Quatro Dedos seria a primeira escolha. Depois Poon Bom Tempo, Pa Contrabandista, Ta Sap-fok, Pok Pescador... Deus, a lista é interminável, e só daqueles que conhecemos. Na baía Mirs, a nordeste dos Novos Territórios? Os Irmãos Pa, Fang Bocarra e mil outros..."

— Bem — falou, satisfeitíssimo agora pela informação... algo incomodando-o sobre Wu Quatro Dedos, embora nunca tivesse havido nenhum boato de que estava envolvido com heroína. — Um favor merece outro: diga ao seu amigo jornalista que nossos deputados visitantes, a delegação comercial, chegam hoje de Pequim... O que há?

— Nada — disse Peter Marlowe, tentando manter a fisionomia desanuviada. — O que estava dizendo?

Armstrong observou-o atentamente, depois acrescentou:

— A delegação chega no trem da tarde de Cantão. Estará na fronteira, trocando de trem, às quatro horas e trinta e dois minutos... soubemos da mudança de planos ontem à noite. Talvez seu amigo possa conseguir uma entrevista exclusiva. Parece que os deputados fizeram grandes progressos.

— Obrigado. Em nome do meu amigo. È, obrigado. Direi a ele imediatamente. Bem, tenho que ir andando...

Brian Kwok vinha caminhando apressado na direção deles.

— Alô, Peter. — Estava ofegante. — Robert, desculpe, mas Crosse quer nos ver imediatamente.

— Puta que o pariu! — disse Armstrong, cansado. — Disse a você que era melhor esperar um pouco antes de ligar para lá.

Aquele sacana nunca dorme. — Esfregou o rosto para afastar a fadiga, os olhos vermelhos. — Apanhe o carro, Brian. Vou encontrá-lo na porta da frente.

— Certo.

Brian Kwok afastou-se rapidamente. Perturbado, Armstrong acompanhou-o com o olhar. Peter Marlowe falou, brincalhão:

— A prefeitura está pegando fogo?

— No nosso ramo a prefeitura está sempre pegando fogo, rapaz, em alguma parte. — O policial examinou Peter Marlowe.

— Antes de partir, Peter, gostaria de saber o que há de tão importante na delegação comercial para você.

Depois de uma pausa, o homem dos olhos curiosos falou: — Conheci um deles durante a guerra. Tenente Robin Grey. Foi o chefe da polícia militar de Changi nos dois últimos anos. — Sua voz estava seca, mais seca e gelada do que Armstrong imaginara ser possível. — Eu o odiava e ele me odiava. Só espero não encontrá-lo, isso é tudo.

Do outro lado do círculo dos vencedores, Gornt acompanhava Armstrong pelo binóculo, enquanto este ia atrás de Brian Kwok. Depois, pensativo, voltou a focalizar Peter Marlowe, que se dirigia para um grupo de treinadores e jóqueis.

— Sacana abelhudo! — disse Gornt.

— Hem? Quem? Ah, Marlowe? — Sir Dunstan Barre deu uma risadinha. — Não é abelhudo, só quer saber tudo sobre Hong Kong. É o seu passado negro que o fascina, meu velho. O seu e o do tai-pan.

— Você não tem nenhum segredo a esconder, Dunstan? — perguntou Gornt suavemente. — Está dizendo que você e sua família são imaculados?

— Deus me livre! — Barre ficou rapidamente afável, tentando transformar o súbito veneno de Gornt em mel. — Santo Deus, não! Risque o verniz de um inglês e encontrará um pirata. Somos todos suspeitos! É a vida, não é?

Gornt ficou calado. Desprezava Barre, mas precisava dele.

— Vou dar uma festinha no meu iate no domingo, Dunstan. Quer vir? Creio que achará interessante.

— É? Quem é o convidado de honra?

— Pensei em convidar só os homens... nada de mulheres, certo?

— Ah, pode contar comigo — disse Barre prontamente, animando-se. — Mas não posso levar uma amiguinha?

— Leve duas, se quiser, meu velho, quanto mais, melhor. Será um grupo pequeno, seletivo, seguro. Plumm é um cara legal, e a garota dele é muito divertida. — Gornt viu Marlowe mudar de direção quando foi chamado por um grupo de administradores e organizadores dominado por Donald McBride. Depois, num súbito impulso, acrescentou: — Acho que também vou convidar Marlowe.

— Por quê, se o acha abelhudo?

— Pode ser que se interesse pelas histórias reais sobre os Struans, os nossos piratas fundadores e os dos dias de hoje.

Gornt sorriu apenas com o rosto, e Barre se perguntou que safadeza Gornt estaria planejando. O homem do rosto vermelho enxugou a testa.

— Deus, gostaria que chovesse. Sabia que Marlowe voou com os Hurricanes... derrubou três malditos boches na Batalha da Inglaterra, antes de ser mandado para Cingapura e toda aquela

desgraça? Jamais perdoarei aos malditos japoneses pelo que fizeram aos nossos rapazes ali, aqui ou na China.

— Nem eu — concordou Gornt, com ar sombrio. — Sabia que meu velho esteve em Nanquim em 37, durante a pilhagem de Nanquim?

— Não. Deus, como saiu de lá?

— Alguns dos nossos conhecidos o esconderam durante alguns dias... há gerações que tínhamos associados ali. Depois, ele fingiu para os japoneses que era um correspondente amistoso do Times de Londres, e conseguiu voltar a Xangai com esse argumento. Ainda tem pesadelos com isso.

— Por falar em pesadelos, meu velho, estava tentando fazer com que Ian tivesse um, ontem à noite, aparecendo na festa dele?

— Acha que ele acertou as contas, mexendo no meu carro?

— Como? — Barre ficou abismado. — Santo Deus! Quer dizer que alguém mexeu no seu carro?

— O cilindro-mestre foi quebrado por alguma espécie de golpe. O mecânico falou que poderia ter sido feito com uma pedra que se chocasse com ele.

Barre fitou-o e sacudiu a cabeça.

— Ian não é um tolo. É louco, mas não é nenhum tolo. Isso seria tentativa de assassinato.

— Não seria a primeira vez.

— Se eu fosse você, não diria uma coisa dessas em público, meu velho.

— Você não é o público, meu velho. É?

— Não. Natural...

— Ótimo. — Gornt fixou nele os olhos escuros. — Esta é uma época em que os amigos devem se manter unidos.

— É? — Barre pôs-se em guarda, imediatamente.

— É. O mercado está muito nervoso. Essa confusão com o Ho-Pak pode atrapalhar um bocado os nossos planos.

— As minhas fazendas de Hong Kong e Lan Tao são tão sólidas quanto o Pico.

— É, desde que seus banqueiros suíços continuem a lhe conceder sua nova linha de crédito.

O rosto rosado de Barre empalideceu.

— Como?

— Sem o empréstimo deles você não poderá assumir o controle das Docas e Cais Hong Kong, da Real Seguros de Hong Kong e Malásia, expandir para Cingapura ou completar diversas outras transações escusas que tem na sua agenda... você e seu novo amigo, Mason Loft, o menino prodígio da Threadneedle Street. Certo?

Barre fitou-o, com o suor frio escorrendo pelas costas, chocado por Gornt saber dos seus segredos.

— Onde ouviu contar isso? Gornt deu uma risada.

— Tenho amigos nas altas esferas, meu velho. Não se preocupe, seu calcanhar-de-aquiles está a salvo comigo.

— Não estamos... não estão em perigo?

— Claro que não. — Gornt dirigiu o binóculo para o seu cavalo. — Ah, a propósito, Dunstan, posso precisar do seu voto na próxima assembleia.

— Para quê?

— Ainda não sei. — Gornt baixou os olhos para ele. — Só preciso saber que posso contar com você.

— Sim, claro. — Barre se perguntava nervosamente o que Gornt pretendia e onde estava o "vazamento". — Tenho sempre prazer em colaborar, meu velho.

— Obrigado. Está vendendo Ho-Pak a descoberto?

— Claro. Saquei todo o meu dinheiro ontem, graças a Deus. Por quê?

— Ouvi dizer que o negócio de Dunross com a Par-Con vai furar. Estou pensando em vender as ações dele a descoberto, também.

— É? O negócio vai furar? Por quê? Gornt sorriu sardonicamente.

— Porque, Dunstan...

— Alô, Quillan, Dunstan, desculpe interromper — disse Donad McBride, aproximando-se deles, trazendo junto dois homens. — Deixem-me apresentar-lhes o Sr. Charles Biltzmann, vice-presidente da American Superfoods. Vai dirigir a nova fusão General Stores-Superfoods, sediada na colônia, daqui para a frente. Sr. Gornt e Sir Dunstan Barre.

O americano alto, de cabelos cor de areia, usava terno e gravata cinza e óculos sem aro. Estendeu a mão, amavelmente.

— Prazer em conhecê-los. Pradozinho simpático vocês têm aqui.

Gornt apertou a mão do outro, sem entusiasmo. Ao lado de Biltzmann estava Richard Hamilton Pugmire, o atual tai-pan da General Stores de Hong Kong, um dos administradores do Turf Club, um homem baixo e arrogante de quarenta e muitos anos, que ostentava sua baixa estatura como um desafio constante.

— Alô, vocês dois! Bem, quem vai ganhar o quinto? Gornt parecia um gigante ao lado dele.

— Digo a você depois do páreo.

— Ora, qual é, Quillan? Você sabe que o resultado já estará definindo antes de os cavalos desfilarem.

— Se puder provar isso, estou certo de que todos gostaremos de saber. Eu pelo menos gostaria. E você, Donald?

— Tenho certeza de que Richard estava só brincando — replicou Donald McBride. Estava na casa dos sessenta, tinha feições eurásianas agradáveis, e o calor do seu sorriso era penetrante. Acrescentou para Biltzmann: — Sempre existem esses boatos sobre corridas com cartas marcadas, mas fazemos o que podemos, e quando pegamos alguém... cortamos-lhe a cabeça! Pelo menos, expulsamo-lo das pistas.

— Que diabo, as corridas também são "arranjadas" nos Estados Unidos, mas acho que aqui, onde têm o status amador, fica tudo mais fácil — falou Biltzmann, despreocupadamente. — Aquele seu garanhão, Quillan. É australiano, pedigree parcial, não é?

— É — retrucou Gornt abruptamente, detestando a familiaridade dele.

— Don estava me explicando algumas das regras das suas corridas. Gostaria muito de fazer parte da sua irmandade de corridas... espero poder ser sócio votante, também.

O Turf Club era muito exclusivo e fortemente controlado. Havia duzentos sócios votantes e quatro mil não-votantes. Apenas os sócios votantes podiam entrar no camarote dos sócios. Apenas os sócios votantes podiam possuir cavalos. Apenas os sócios votantes podiam propor duas pessoas por ano como sócios não-votantes. E a decisão dos administradores, fosse ela pela aprovação ou não, era definitiva, e a votação, secreta. E apenas sócios votantes podiam ser administradores.

— É — repetiu Biltzmann —, seria legal.

— Tenho certeza de que se pode dar um jeito nisso falou McBride, com um sorriso. — O clube está sempre procurando sangue novo... e cavalos novos.

— Pretende ficar em Hong Kong, Sr. Biltzmann? — perguntou Gornt.

— Chame-me de Chuck. Vou ficar aqui o tempo que for preciso — replicou o americano. — Suponho que sou o novo tai-pan da Superfoods da Ásia. Legal, não é?

— Maravilhoso! — disse Barre, ironicamente.

Biltzmann continuou alegremente, ainda não habituado ao sarcasmo inglês:

— Sou o bode expiatório da nossa diretoria em Nova York. Como disse o homem de Missouri, a transferência das responsabilidades acaba aqui. — Sorriu, mas ninguém sorriu com ele. — Vou passar pelo menos dois anos aqui, e estou ansiando por cada minuto. Estamos nos preparando para nos instalar imediatamente. Minha noiva chega amanhã e...

— É recém-casado, Sr. Biltzmann?

— Oh, não, isso é só uma expressão americana. Estamos casados há dois anos. Logo que nossa nova casa estiver arrumada a seu gosto, teríamos prazer em recebê-los para jantar. Quem sabe um churrasco? Já temos tudo bem organizado, as melhores carnes virão dos Estados Unidos de avião, uma vez por mês. E batatas de Idaho — acrescentou, com orgulho.

— Parabéns pelas batatas — disse Gornt, e os outros se acomodaram, esperando, sabendo que ele desprezava a cozinha americana, especialmente churrascos, hambúrgueres e "batatas assadas amanteigadas", como se referia a elas. — Quando a fusão será assinada?

— No fim do mês. Nossa proposta foi aceita. Tudo já está acertado. Espero realmente que nosso know-how americano se adapte a esta ilhazinha formidável.

— Suponho que vão construir uma mansão...

— Não, senhor. Dickie — continuou Blitzmann, e todos se crisparam — arranjou para nós a cobertura do apartamento da companhia na Blore Street. Portanto, estamos numa boa.

— É conveniente — comentou Gornt. Os outros sufocaram o riso. A mais antiga e mais famosa das casas de tolerância da colônia sempre fora na Blore Street, no número 1. O negócio do número 1 da Blore Street fora iniciado por uma das "garotas" da sra. Fotheringill, Nellie Blore, nos anos 1860, com dinheiro dado por Culum Struan, ao que constava, e ainda operava segundo os regulamentos originais: senhoras européias e australianas somente, e não se permitia a entrada de nativos ou cavalheiros estrangeiros. — Muito conveniente — repetiu Gornt —, mas não sei se você se enquadraria.

— Senhor?

— Nada, estou certo de que a Blore Street está bem de acordo.

— Uma linda vista, mas os encanamentos não prestam — disse Biltzmann. — Minha noiva dará um jeito nisso.

— Ela também é encanadora? — perguntou Gornt. O americano achou graça.

— Claro que não. Mas é muito jeitosa com as coisas da casa.

— Se me dá licença, tenho que ir ver meu treinador. — Gornt cumprimentou os outros com um gesto de cabeça e afastou-se, dizendo: — Donald, tem um momentinho? É sobre o sábado.

— Claro, até já, Sr. Bützmann.

— Pois não. Mas chame-me de Chuck. Tenha um bom dia. McBride emparelhou com Gornt. Quando estavam a sós,

Gornt falou:

— Não está falando a sério quando sugere que ele seja sócio votante, não é?

— Bem, estou sim. — McBride parecia constrangido. — É a primeira vez que uma grande companhia americana faz uma oferta para vir para Hong Kong. Ele seria muito importante para nós.

— Isso não é motivo para metê-lo aqui, é? Façam dele um sócio não-votante. Assim, poderá ir para as tribunas. E se você quiser convidá-lo para o seu camarote, problema seu. Mas um sócio votante? Santo Deus! Provavelmente escolherá "Superfoods" para as suas cores!

— Ele é novo, está desambientado, Quillan. Estou certo de que vai aprender. É um sujeito decente, embora cometa lá suas gafes. É muito rico e...

— E desde quando o dinheiro funcionou como "abre-te Sésamo" para o Turf Club? Santo Deus, Donald, se fosse assim, cada chinês novo-rico que tivesse ganho uma fortuna jogando no mercado imobiliário ou na Bolsa iria cair em cima de nós. Não íamos ter espaço nem para peidar.

— Não concordo. Quem sabe a solução seja aumentar o número de sócios votantes.

— Não, de modo algum. É claro que vocês, administradores, farão o que quiserem. Mas sugiro que reconsiderem.

Gornt era sócio votante, mas não administrador. Os duzentos sócios votantes elegiam anualmente os doze administradores e organizadores por voto secreto. A cada ano o nome de Gornt era colocado na lista aberta de candidatos a administrador, e a cada ano não conseguia obter os votos suficientes. A maioria dos administradores era reeleita pelos sócios automaticamente até se aposentarem, embora de quando em vez houvesse campanha eleitoral.

— Pois bem — falou McBride —, quando o nome dele for proposto, mencionarei que você se opõe.

Gornt deu um débil sorriso.

— Isso eqüivalerá a elegê-lo.

McBride deu uma risadinha.

— Acho que não, Quillan, não desta vez. Pug me pediu que o apresentasse às pessoas, e tenho que admitir que ele só dá mancada. Apresentei-o a Paul Havergill, e Biltzmann começou imediatamente a comparar os métodos bancários daqui com os dos Estados Unidos, e de um modo nada agradável. E com o tai-pan... — As sobrelhas grisalhas de McBride ergueram-se bem alto — falou que tinha muito prazer em conhecê-lo, já que queria saber sobre a Bruxa Struan e Dirk Struan e todos os outros piratas e contrabandistas de ópio do seu passado! — Soltou um suspiro. — Ian e Paul na certa lhe darão bola preta. Portanto creio que você não precisa se preocupar. Não consigo entender por que Pug se associou a eles, afinal de contas.

— Porque não é o pai. Desde que o velho Sir Thomas morreu que a General Stores vem caindo. Apesar disso, Pug ganha seis milhões de dólares americanos pessoalmente, e tem um contrato inviolável de cinco anos; assim, tem todos os prazeres, nenhuma dor de cabeça, e a família está protegida. Quer se aposentar, ir para a Inglaterra, Ascot e tudo o mais.

— Ah, é um belo negócio para o velho Pug! — McBride ficou mais sério. — Quillan, o quinto páreo... o interesse é enorme. Estou preocupado de que haja interferência. Vamos aumentar a vigilância sobre os cavalos. Fala-se em...

— Em doping?

— É.

— Sempre há quem fale, e sempre haverá quem tente. Acho que os administradores fazem um belo trabalho.

— Os administradores concordaram, ontem à noite, em criar uma nova regra: no futuro haverá uma análise química obrigatória antes e depois de cada corrida, como fazem nos principais hipódromos da Inglaterra ou dos Estados Unidos.

— A tempo para o sábado? Como vão arranjar isso?

— O dr. Meng, patologista da polícia, concordou em ser responsável... até podermos obter um perito.

— Boa idéia — falou Gornt. McBride soltou um suspiro.

— É, mas o Poderoso Dragão não pode competir com a Serpente Local.

Virou-se e foi embora.

Gornt hesitou, depois foi até junto do seu treinador, que estava ao lado de Pilot Fish, conversando com o jóquei, outro australiano, Bluey White. Bluey White era ostensivamente o gerente de uma das divisões de navegação de Gornt... título que servia para manter sua condição de amador.

— Bom dia, Sr. Gornt — disseram. O jóquei tocou a ponta do topete.

— Bom dia. — Gornt olhou para eles por um momento, depois disse, serenamente: — Bluey, se você ganhar, terá uma bonificação de cinco mil. Se terminar atrás de Noble Star, está despedido.

O homenzinho rijo empalideceu.

— Sim, patrão.

— É melhor ir se trocar, agora — falou Gornt, para que se afastasse.

— Vou ganhar — dizia Bluey "White, enquanto ia embora.

O treinador falou, constrangido:

— Pilot Fish está em muito boa forma, Sr. Gornt. Vai tenta...

— Se Noble Star ganhar, você está despedido. Se Noble Star terminar na frente de Pilot Fish, você está despedido.

— Puxa vida, Sr. Gornt! — O homem enxugou o repentino suor que lhe cobrira a boca. — Não sou eu quem "arruma" quem vai...

— Não estou lhe sugerindo que faça nada. Só estou lhe dizendo o que vai acontecer com você.

Gornt fez um aceno afável de cabeça, e se afastou. Foi para o restaurante do clube, que dava para a pista, e pediu o seu desjejum predileto, ovos Benedict com o molho especial que guardavam para o seu uso exclusivo, e o café javanês que ele também fornecia.

Quando estava tomando a terceira xícara de café, o garçom se aproximou.

— Com licença, senhor, chamam-no ao telefone. Foi até o telefone.

— Gornt.

— Alô, Sr. Gornt, aqui é Paul Choy... o sobrinho do Sr. Wu... espero não estar incomodando.

Gornt disfarçou a surpresa.

— Está telefonando um tanto cedo, Sr. Choy.

— Sim, senhor, mas quis chegar cedo no primeiro dia — falou o rapaz, aos borbotões —, portanto eu era o único que estava aqui, há uns dois minutos, quando o telefone tocou. Era o Sr. Bartlett, Linc Bartlett, sabe, o tal das armas contrabandeadas, o milionário.

Gornt ficou espantado.

— Bartlett?

— É, sim, senhor. Disse que queria falar com o senhor, insinuou que era um tanto urgente, disse que já ligara para a sua casa. Juntei dois e dois e cheguei à conclusão de que o senhor deveria estar assistindo aos exercícios, e que era melhor eu me mexer. Espero não estar incomodando.

— Não. O que foi que ele disse? — indagou Gornt.

— Só que lhe queria falar. Perguntou se o senhor estava na cidade. Falei que não sabia, mas que ia me informar, deixar recado e depois ligar para ele.

— De onde ele estava falando?

— Do Victoria. Kowloon 662233, ramal 773... é o ramal do seu escritório, não da suíte.

Gornt ficou muito impressionado.

— Em boca fechada não entra mosca, Sr. Choy.

— Deus, Sr. Gornt, isso é uma coisa com que nunca precisa se preocupar — disse Paul Choy, fervorosamente. — Meu velho Tio Wu enfiou isso a muque na cabeça da gente.

— Ótimo. Obrigado, Sr. Choy. Até breve.

— Sim, senhor.

Gornt desligou, pensou um momento, depois ligou para o hotel.

— 773, por favor.

— Linc Bartlett.

— Bom dia, Sr. Bartlett, aqui é o Sr. Gornt. Estou às ordens.

— Ei, obrigado por responder ao meu telefonema. Soube de notícias perturbadoras que se encaixam naquilo que estivemos discutindo.

— É?

— É. As Indústrias de Navegação Toda significam alguma coisa para o senhor?

O interesse de Gornt cresceu vertiginosamente.

— A Toda é um imenso conglomerado japonês, estaleiros, siderúrgicas, engenharia pesada. A Struan tem um negócio de dois navios com eles, grandes cargueiros, se não me engano. Por quê?

— Parece que a Toda tem algumas promissórias da Struan, seis milhões de dólares em três prestações, que vencem nos dias 1.º, 11 e 15 do mês que vem, e mais outros seis em noventa dias. Há também outros seis milhões e oitocentos mil que vencem no dia 8, para o Orlin International Bank... conhece-os?

Com um grande esforço, Gornt manteve o tom de voz natural.

— É, ouvi falar neles — disse, abismado de que o americano soubesse tais detalhes das dívidas. — E daí? — perguntou.

— Daí soube que a Struan tem apenas um milhão e trezentos mil em dinheiro, sem reserva alguma, e sem fluxo de caixa suficiente para efetuar o pagamento. Não estão esperando um volume de renda significativo até obterem dezessete milhões, como sua parte

em um dos negócios imobiliários da Investimentos Kowloon, e isso só em novembro, e já ultrapassaram vinte por cento dos seus limites no Victoria Bank.

— Isso... isso é estar muito por dentro — falou Gornt, com voz ofegante, o coração disparando no peito, sentindo o colarinho apertado. Sabia sobre a conta bancária a descoberto em vinte por cento. Plumm lhe contara, todos os diretores deviam saber. Mas não os detalhes da disponibilidade em dinheiro deles, nem do seu fluxo de caixa. — Por que está me contando isso, Sr. Bartlett?

— Qual é a sua liquidez?

— Já lhe disse, sou vinte vezes mais forte do que a Struan — falou automaticamente, a mentira saindo com facilidade, remoendo a oportunidade maravilhosa que toda essa informação lhe abria. — Por quê?

— Se eu for em frente no negócio com a Struan, ele estará usando o meu pagamento à vista para se livrar dos apertos com a Toda e o Orlin... se o seu banco não lhe aumentar o crédito.

— O Vic o apoiará?

— Sempre o fez. Por quê?

— Se não o fizer, ele estará com a corda no pescoço.

— A Struan é uma acionista substancial. O banco é obrigado a apoiá-la.

— Mas ele já sacou a descoberto no banco, e Havergill o odeia. Juntando as ações de Chen, da Struan e dos seus representantes, detêm vinte e um por cento...

Gornt quase deixou cair o aparelho.

— Que diabo, onde arranjou essa informação? Ninguém de fora poderia saber disso!

— É isso aí — ouviu o americano responder calmamente —, mas é verdade. Você poderia reunir os outros setenta e nove por cento?

— O quê?

— Se eu tivesse um sócio que pudesse colocar o banco contra ele, só desta vez, e ele não conseguisse obter crédito noutra lugar... abrindo o jogo: é uma questão de oportunidade. Dunross passou exageradamente dos limites, o que significa que está vulnerável. Se seu banco não lhe der crédito, terá que vender alguma coisa... ou obter uma nova linha de crédito. Em qualquer dos casos, está completamente vulnerável a um ataque e no ponto para uma compra de controle a preço de liquidação.

Gornt enxugou a testa, a cabeça rodando.

— Que diabo, onde arranjou todas essas informações?

— Depois, não agora.

— Quando?

— Quando chegarmos aos detalhes finais.

— Tem... tem mesmo certeza de que seus dados estão corretos?

— Tenho. Temos as folhas do balanço geral deles dos últimos sete anos.

A contragosto, Gornt soltou uma exclamação abafada.

— É impossível!

— Quer apostar?

Gornt agora estava abaladíssimo, e tentou pôr a mente para funcionar. "Seja cuidadoso", avisou a si mesmo. "Pelo amor de Deus, controle-se."

— Se... se tem tudo isso, se sabe isso, e se obtiver uma última coisa... a estrutura corporativa encadeada deles, se você soubesse isso, poderíamos fazer qualquer coisa que quiséssemos com a Struan.

— Também temos isso. Quer entrar no jogo?

Gornt ouviu-se respondendo calmamente, embora não se sentisse nada calmo.

— Mas claro! Quando poderíamos nos encontrar? Na hora do almoço?

— Que tal agora? Mas não aqui, nem no seu escritório. Temos que manter muita discrição.

O coração de Gornt doía dentro do peito. Sentia um gosto de estragado na boca, e perguntava-se até onde poderia realmente confiar em Bartlett.

— Posso... posso mandar um carro apanhá-lo. Poderíamos conversar no carro.

— Boa idéia, mas por que não o encontro no lado de Hong Kong? No Terminal da Balsa Dourada, dentro de uma hora.

— Excelente. Meu carro é um Jaguar... placa 8888. Estarei junto ao ponto de táxis.

Desligou e ficou olhando para o telefone por um momento, depois voltou para a mesa.

— Não foram más notícias, espero, Sr. Gornt.

— Ah, não, não mesmo. Obrigado.

— Mais um pouco do seu café especial? Foi feito agora.

— Não, não, obrigado. Quero uma meia garrafa de Taittinger Blanc de Blancs. De 55.

Recostou-se na cadeira, sentindo-se estranhíssimo. Seu inimigo estava quase nas suas mãos... se os fatos do americano fossem verídicos, e se o americano fosse de confiança, e não estivesse metido em alguma trama diabólica com Dunross.

O vinho chegou, mas ele mal o provou. Todo o seu ser estava concentrado, peneirando as coisas, preparando-se.

Gornt viu o americano alto cruzar a multidão, e por um momento invejou-lhe o corpo esbelto, em forma, e o modo esportivo e informal como se vestia (jeans, camisa desabotoada, paletó esporte) e sua evidente confiança. Viu a máquina fotográfica complicada, deu um sorriso sardônico, depois procurou Casey. Quando ficou evidente que Bartlett estava sozinho, ficou desapontado. Mas esse desapontamento não maculou a gloriosa expectativa que tomara conta dele desde que desligara o telefone.

Gornt debruçou-se e abriu a porta lateral.

— Bem-vindo ao lado de Hong Kong, Sr. Bartlett — disse com jovialidade forçada, dando partida no carro. Seguiu pela Gloucester Road, na direção do Glessing's Point e do Yacht Club. — As suas informações confidenciais são espantosas.

— Não se pode trabalhar sem espões, não é mesmo?

— Pode-se, mas é trabalho de amador. Como vai a srta. Casey? Pensei que viria com você.

— Não está por dentro disso. Ainda não.

— É?

— É. Não, não está por dentro do ataque inicial. É mais valiosa se não souber de nada.

— Ela não está sabendo de nada disso? Nem do seu telefonema para mim?

— Não. De nada.

Depois de uma pausa, falou:

— Pensei que ela fosse a sua vice-presidente-executiva!... seu braço direito, foi como a chamou.

— E é, mas eu sou o patrão da Par-Con, Sr. Gornt. Gornt viu os olhos serenos, e, pela primeira vez, sentiu que isso era verdade, e que sua suposição inicial estava errada.

— Nunca duvidei disso — falou, esperando, os sentidos aguçados, de sobreaviso.

Então, Bartlett falou:

— Há algum lugar em que possamos estacionar... tenho algo para lhe mostrar.

— Por certo.

Gornt guiava pela Gloucester Road, à beira-mar, no tráfego cerrado de costume. Num momento encontrou um local para estacionar, perto do abrigo contra tufões da baía Cause-way, com suas ilhas flutuantes e amontoadas de barcos de todos os tamanhos.

— Tome.

Bartlett entregou-lhe uma pasta de documentos. Continha uma cópia detalhada do balanço geral do ano anterior àquele em que a companhia se tornara de capital aberto. Os olhos de Gornt percorreram rapidamente os números.

— Santo Deus! — murmurou. — Com que então o Lasting Cloud custou-lhes doze milhões!

— Quase os levou à falência. Parece que tinham todo tipo de carga maluca a bordo. Motores a jato para a China, que não estavam no seguro.

— Claro que não estariam no seguro... que diabo, como se pode pôr contrabando no seguro? — Gornt estava tentando

entender todos aqueles números complicados. Estava atordoado. — Se eu tivesse sabido de metade disso, tê-los-ia apanhado da última vez. Posso ficar com ela?

— Quando tivermos fechado negócio, eu lhe darei uma cópia.
— Bartlett pegou a pasta de volta, e entregou-lhe um papel. — Que tal este aqui?

Ele mostrava, graficamente, os investimentos em ações da Struan na Investimentos Kowloon, e detalhava como, através de representantes, o tai-pan da Struan exercia controle completo sobre a imensa companhia de seguros, propriedades e desembarcadouros que era, supostamente, uma companhia completamente independente e citada como tal na Bolsa.

— Maravilhoso — disse Gornt, com um suspiro, assombrado com a beleza da coisa. — A Struan possui abertamente apenas uma pequenina parcela das ações, mas retém cem por cento do controle, e sigilo perpétuo.

— Nos Estados Unidos, quem bolasse uma coisa dessas estaria na cadeia.

— Graças a Deus as leis de Hong Kong não são as mesmas, e tudo isso é perfeitamente legal, embora um tanto tortuoso.

Os dois homens riram. Bartlett embolsou o papel.

— Tenho detalhes semelhantes do resto dos bens deles.

— Falando francamente, o que tem em mente, Sr. Bartlett?

— Um ataque conjunto à Struan, a partir de hoje. Uma

Blitzkrieg. Racharemos meio a meio todo o espólio. Você fica com a Casa Grande no Pico, o prestígio, o iate... e cem por cento do camarote do Turf Club, inclusive o posto de administrador.

Gornt olhou para ele, vivamente. Bartlett sorriu.

— Sabemos como isso é importante para você. Mas todo o resto será rachado ao meio.

— Exceto as operações deles em Kai Tak. Preciso delas para a minha companhia de aviação.

— Está certo. Mas então eu quero a Investimentos Kowloon.

— Não — disse Gornt, pondo-se imediatamente em guarda.
— Temos que rachar isso meio a meio, e tudo meio a meio.

— Não. Você precisa de Kai Tak, eu preciso da Investimentos Kowloon. Será um grande núcleo para o salto da Par-Con na Ásia.

— Por quê?

— Porque todas as grandes fortunas em Hong Kong têm por base os bens imóveis. A IK me dará uma base perfeita.

— Para novas incursões?

— Claro — respondeu Bartlett, calmamente. — Seu amigo Jason Plumm é o seguinte da lista. Podíamos engolir facilmente as suas Propriedades Asiáticas. Meio a meio. Certo?

Gornt ficou calado por um longo tempo.

— E depois dele?

— As Fazendas Hong Kong e Lan Tao.

O coração de Gornt deu novo salto. Sempre odiara Dun-stan Barre, e esse ódio fora triplicado no ano passado, quando Barre fora feito cavaleiro na Lista de Honra do Aniversário da Rainha — uma honraria conseguida, Gornt tinha certeza, com contribuições criteriosas para o fundo do Partido Conservador.

— E como você o engoliria?

— Há sempre uma hora em que qualquer exército, qualquer país, qualquer companhia fica vulnerável. Todo general ou presidente de companhia tem que se arriscar, numa hora qualquer, para continuar na frente. É preciso, para continuar na frente. Há sempre algum inimigo mordendo-lhe os calcanhares, desejando o que é seu, querendo o seu lugar ao sol, querendo o seu território. É preciso ter cuidado, quando se está vulnerável.

— Você está vulnerável agora?

— Não. Estive, faz dois anos, mas não agora. Agora tenho a força de que preciso... de que precisamos. Se você topa.

Um bando de aves marinhas mergulhava, ondulava e crocitava, acima deles.

— O que quer que eu faça?

— Você é o batedor, o ponta de lança. Eu defendo a retaguarda. Depois que você tiver aberto um buraco nas defesas dele, eu entro com o golpe do nocaute. Vendemos as ações da Struan a descoberto... imagino que tenha assumido uma posição quanto ao Ho-Pak.

— Vendi a descoberto, sim. Modestamente. Gornt contou tranqüilamente a mentira.

— Ótimo. Nos Estados Unidos, a gente poderia fazer com que os contadores deles "vazassem" os dados do fluxo de caixa para o falastrão certo. Logo a cidade inteira saberia. A mesma coisa não funcionaria aqui?

— Provavelmente. Mas você jamais conseguiria que os contadores deles fizessem isso.

— Nem pela quantia certa?

— Não. Mas pode-se dar início aos boatos. — Gornt deu um sorriso sombrio. — É muito ruim da parte de Dunross ocultar sua posição inepta dos seus acionistas. É. Isso seria possível. E depois?

— Você vende ações da Struan a descoberto, logo que a Bolsa abrir. Em grande quantidade.

Gornt acendeu um cigarro.

— Eu vendo a descoberto. E você, o que faz?

— Nada, abertamente. Esse será o nosso ás na manga.

— Talvez seja realmente, e eu esteja bancando o otário —
falou Gornt.

— E se eu cobrir todos os prejuízos? Seria prova suficiente de
que estou com você?

— Como?

— Eu pago todos os prejuízos e fico com a metade do lucro
de hoje, amanhã e sexta-feira. Se ele não estiver desesperado até
sexta-feira à tarde, você volta a comprar, pouco antes da hora de
fechar, e nós falhamos. Se estiver parecendo que o pegamos,
vendemos até o limite, pouco antes da hora de fechar. Isso o fará
passar um mau pedaço no fim de semana. Na segunda, puxo o
tapete de sob os pés dele, e começa a nossa Blitzkrieg. É infalível.

— É. Se você for digno de confiança.

— Depositarei dois milhões de dólares em qualquer banco
suíço que você indique, até as dez horas de hoje. São dez milhões
de HK, que dão de sobra para cobrir suas perdas nas vendas a

descoberto. Dois milhões, limpinhos, sem documento, sem nota promissória, só sua palavra, que são para cobrir quaisquer prejuízos, e que, se ganharmos, rachamos os lucros, e o resto do negócio, como combinado... meio a meio, exceto a Investimentos Kowloon para mim, a Struan do aeroporto Kai Tak para você, e para Casey e eu, títulos de sócios votantes no Turf Club. Poremos tudo no papel na terça-feira... depois que ele tiver desabado.

— Você depositará dois milhões de dólares americanos, e a decisão é minha de quando comprar para cobrir quaisquer prejuízos?

Gornt estava incrédulo.

— É. Dois milhões é o quanto vou arriscar. Assim, como pode você sair machucado? Não pode. E como ele sabe o que você sente a seu respeito, não ficará desconfiado se você comandar o ataque, não estará preparado para uma blitz lateral da minha parte.

— Isso tudo depende de seus números estarem corretos, tanto as quantias quanto as datas.

— Verifique-as você mesmo. Tem que haver um jeito de você fazer isso... ao menos para se convencer.

— Por que a súbita mudança, Sr. Bartlett? Disse que esperaria até terça-feira... talvez mais tarde.

— Andamos fazendo umas verificações, e não gostei dos números que apareceram. Não devemos nada a Dunross. Seríamos malucos de nos unirmos a ele, quando está tão fraco. Na verdade, o que estou lhe oferecendo é uma grande jogada, grandes vantagens: a Casa Nobre contra uns míseros dois milhões. Se ganharmos, eles serão transformados em centenas de milhões.

— E se falharmos? Bartlett deu de ombros.

— Talvez eu volte para casa. Talvez possamos combinar um negócio entre a Rothwell-Gornt e a Par-Con. Às vezes a gente ganha, e perde um número de vezes bem maior. Mas esta incursão é boa demais para não ser tentada. Sem vocês, jamais funcionaria. Já vi o bastante de Hong Kong para saber que tem as suas regras especiais. Não tenho tempo para aprendê-las. Por que o faria... quando tenho você?

— Ou Dunross?

Bartlett achou graça, e Gornt não viu maldade nele.

— Você não está em dificuldades, não está vulnerável, ele está... azar dele. O que diz? A incursão está valendo?

— Diria que você é muito persuasivo. Quem lhe deu a informação... e o documento?

— Na terça-feira eu digo. Quando a Struan estiver no chão.

— Ah, tem que fazer algum pagamento para o Sr. X?

— Tem-se sempre que fazer algum pagamento. Sairá do topo, mas não será mais do que cinco por cento... se houver algo mais a ser pago, sairá da minha parte.

— Sexta-feira às duas, Sr. Bartlett? É quando eu decido recomprar e você talvez perca os seus dois milhões... ou conferenciamos e continuamos o ataque?

— Sexta às duas.

— Se continuarmos durante o fim de semana, você cobrirá qualquer risco posterior com fundos posteriores?

— Não. Não precisará de mais. Dois milhões é o máximo. Até sexta à tarde, ou as ações dele estarão lá embaixo e ele estará correndo, desesperado, ou não. Esta não é uma incursão a longo prazo, bem organizada. É uma tentativa única, de uma só vez, de burlar um oponente. — Bartlett abriu um sorriso feliz. — Arrisco dois míseros milhões num jogo que fará parte dos livros de história. Em menos de uma semana, derrubamos a Casa Nobre da Ásia!

Gornt balançou a cabeça, dividido. "Até onde posso confiar em você, Sr. Maldito Incursor, você, com a chave para o Demônio Dunross?" Olhou pela janela e viu uma criança dirigindo um barco a remo por entre os juncos, o mar tão seguro e familiar para ela quanto a terra seca.

— Vou pensar no que disse.

— Quanto tempo?

— Até as onze.

— Desculpe, esta é uma incursão, não um negócio comercial. É agora, ou nunca!

— Por quê?

— Há muita coisa a ser feita, Sr. Gornt. Quero que isso fique acertado agora, ou nunca.

Gornt olhou para o relógio. Havia tempo de sobra. Um telefonema para o jornal chinês certo, e o que quer que lhes contasse estaria nas bancas dentro de uma hora. Sorriu sombriamente consigo mesmo. O seu ás na manga era Havergill. Tudo se encaixava perfeitamente.

Uma ave marinha crocitou e voou para o interior, na direção do Pico, acompanhando alguma onda de calor. Ele a acompanhou com os olhos. Então, deparou com a Casa Grande no topo, branca, contrastando com o verde das encostas.

— Negócio fechado — falou, estendendo a mão. Bartlett apertou-a.

— Ótimo. Isso fica estritamente entre nós?

— Fica.

— Onde quer que deposite os dois milhões?

— No Banco da Suíça e Zurique, em Zurique, conta número 181819. — Gornt tateou no bolso, notando que seus dedos tremiam.
— Vou anotar para você.

— Não precisa. A conta está em seu nome?

— Santo Deus, não! Canberra Limitada.

— Canberra Limitada está dois milhões mais rica! E dentro de três dias, com sorte, você será o tai-pan da Casa Nobre! Que tal? — Bartlett abriu a porta e saiu. — Até logo.

— Espere — falou Gornt, espantado. — Deixo você em...

— Não, obrigado. Preciso achar um telefone. Depois, às nove e quinze, tenho uma entrevista com sua amiga Orlanda, srta. Ramos... achei que não faria mal. Depois, quem sabe tire algumas fotos.

Acenou alegremente e se afastou.

Gornt enxugou o suor das mãos. Antes de sair do clube, ligara para Orlanda, mandando que ligasse para Bartlett e marcasse um encontro. "Isso é muito bom", pensou, ainda em choque. "Ficará de olho nele depois que se tornarem amantes, e se tornarão, com ou sem Casey. Orlanda tem muito a ganhar."

Ficou observando Bartlett, invejando-o. Num instante o americano sumira por entre as multidões de Wanchai.

Repentinamente, sentiu-se muito cansado. "É tudo certinho demais, arrumadinho demais, fácil demais", disse consigo mesmo. "E no entanto... no entanto!" Com mãos trêmulas, acendeu um cigarro. "Onde foi que Bartlett arranjou aqueles documentos? "

Inexoravelmente, seus olhos se voltaram para a Casa Grande do Pico. Sentia-se possuído por ela, e por um ódio tão imenso, que o fez pensar nos seus ancestrais, em Sir Morgan Brock, a quem os Struans levaram à falência, em Gorth Brock, assassinado por Dirk Struan, em Tyler Brock, cuja filha o traíra. Sem querer, renovou o juramento de vingança que fizera ao pai, que o pai fizera ao pai dele... assim sucessivamente, até Sir Morgan Brock, que, sem um tostão, destruído pela irmã, a Bruxa Struan, paralisado, uma sombra de homem, implorara por vingança, em nome de todos os fantasmas Brock, vingança da Casa Nobre e de todos os descendentes do homem mais malvado que jamais existira.

"Oh, deuses, dêem-me força", orava Quillan Gornt. "Que o americano esteja dizendo a verdade. Terei a minha vingança."

28

10h50m

Por entre um céu ligeiramente nublado, os raios de sol caíam sobre Aberdeen. O ar estava pesado, a temperatura era de trinta e três graus, com noventa por cento de umidade. A maré estava baixa. O cheiro de algas marinhas, peixes podres e baixios de lama aumentava o peso opressivo do dia.

Havia quinhentas ou mais pessoas carrancudas e impacientes, empurrando-se umas às outras, tentando furar o bloqueio das barreiras à frente, erigida pela polícia diante da agência do Ho-Pak. As barreiras permitiam o acesso de uma só pessoa de cada vez. Homens e mulheres de todas as idades, alguns com

crianças de colo, atropelavam-se constantemente, ninguém esperando a sua vez, todos tentando mover-se para a frente, para o começo da fila.

— Olhe só para esses cretinos — dizia o inspetor-chefe Donald C. C. Smyth. — Se ficassem na fila, e não se amontoassem tanto, todos passariam mais depressa, poderíamos deixar um policial aqui para manter a ordem, e o resto de nós poderia ir almoçar, ao invés de mandar chamar o pelotão anti-motim. Faça-o!

— Sim, senhor — falou o sargento comissionado Mok, educadamente.

"Ayeeyah", pensava enquanto se dirigia para o carro-patrolha, "o pobre idiota ainda não entende que nós, chineses, não somos demônios estrangeiros burros — ou demônios do mar do Leste — para ficarmos em fila pacientemente, durante horas. Ah, não, nós, pessoas civilizadas, compreendemos a vida, e é cada um por si." Ligou o radiotransmissor da polícia.

— Sargento comissionado Mok! O inspetor-chefe quer um pelotão antimotim aqui, e rapidinho. Estacionem logo atrás do mercado de peixe, mas fiquem em contato.

— Sim, senhor.

Mok suspirou e acendeu um cigarro. Mais barreiras haviam sido levantadas do outro lado da rua, diante das agências de Aberdeen do Blacs e do Victoria, e mais outras diante do Ching Prosperity, dobrando a esquina. Seu uniforme caqui estava amassado, e havia grandes anéis de suor nas suas axilas. Estava muito preocupado. Aquela multidão era muito perigosa, e ele não queria uma repetição da véspera. Se o banco fechasse as portas antes das três, tinha certeza de que o povo destroçaria o local. Sabia que, se ainda tivesse dinheiro lá dentro, seria o primeiro a arrombar a porta para pegar o seu dinheiro. Ayeeyah, pensou, muito grato pela autoridade do Cobra, que fizera chegar às mãos deles todo o seu dinheiro, até o último tostão, pela manhã.

— Danem-se todos os bancos! — Mok resmungou, sem se dirigir a ninguém em especial. — Todos os deuses, que o Ho-Pak pague a todos os seus clientes hoje! Que falhe amanhã! Amanhã é meu dia de folga, portanto que falhe amanhã!

Apagou o cigarro.

— Sargento!

— Sim?

— Olhe ali! — exclamou, ansioso, o jovem detetive à paisana que se aproximava do sargento comissionado Mok apressadamente. Usava óculos e tinha vinte e poucos anos. — Junto do Victoria. A velha. A velha amah.

— Onde? Ah, sim, estou vendo.

Mok observou-a durante algum tempo, mas nada notou de anormal. Então, viu-a atravessar célere a multidão e sussurrar para um jovem valentão, vestindo jeans, que estava encostado a um gradil. Ela apontou para um velho que acabara de sair do banco. Imediatamente, o valentão saiu em seu encalço, e a velha amah foi abrindo caminho, espremendo-se e xingando, de volta ao começo da barreira, de onde podia ver quem entrava e quem saía.

— É a terceira vez, senhor — falou o jovem detetive. — A velha amah indica alguém que saiu do banco para o valentão, e lá vai ele. Dentro de alguns minutos, está de volta. É a terceira vez. Estou certo de que o vi passar algo para as mãos dela, uma das vezes. Acho que era dinheiro.

— Bom! Muito bom, Wu Óculos. Tem que ser um golpe das tríades. A bruxa velha provavelmente é mãe dele. Siga o jovem filho da mãe, e eu vou interceptá-lo pelo outro lado. Não o deixe vê-lo!

O sargento comissionado Mok dobrou a esquina, descendo um beco tumultuado, cheio de barracas, camelôs e lojas abertas, movendo-se cuidadosamente por entre a multidão. Virou noutra beco bem a tempo de ter uma rápida visão do velho entregando algum dinheiro. Esperou até que Wu tivesse bloqueado a outra extremidade do beco, depois adiantou-se, caminhando pesadamente.

— O que está se passando aqui?

— Como? O quê? Nada, nada mesmo — falou o velho nervosamente, o suor escorrendo-lhe pelo rosto. — O que é? Não fiz nada!

— Por que deu dinheiro para esse rapaz, heya? Eu o vi lhe dar dinheiro! — O jovem desordeiro devolveu o olhar de Mok com insolência, sem medo, sabendo que era Kin Bexiguento, um dos Lobisomens, que trazia Hong Kong inteira apavorada. — Ele o está abordando? Tentando extorquir-lhe dinheiro? Parece um tríade!

— Oh! Eu... eu... eu lhe devia quinhentos dólares. Acabei de sacar do banco, e paguei. — O velho estava evidentemente apavorado, mas continuou: — Ele é meu primo.

Começou a juntar gente. Alguém escarrou e cuspiu.

— Por que está suando tanto?

— Todos os deuses fodam todos os porcos! Está quente! Todo mundo está suando. Todo mundo!

— Porra, é verdade — exclamou alguém.

Mok voltou a atenção para o jovem, que esperava com ar truculento.

— Como se chama?

— Sexto Filho Wong!

— Mentiroso! Esvazie os bolsos!

— Mas não fiz nada! Conheço a lei. Não pode revistar as pessoas sem um manda...

Mok estendeu o punho de aço e torceu o braço do jovem, e ele guinchou. A multidão achou graça. Ficaram calados quando Wu Óculos apareceu, surgido do nada, para revistá-lo. Mok segurava firme Kin Bexiguento. Outra onda de inquietação percorreu os espectadores, ao verem os maços de notas e as moedas.

— Onde arranhou tudo isso? — rosnou Mok.

— É meu. Sou... sou agiota, e estou recolhendo as por...

— Onde fica a sua loja?

— Na... no Terceiro Beco, transversal à Aberdeen Road.

— Vamos lá, vamos dar uma olhada.

Mok soltou o rapaz, que, destemidamente, ainda olhava para ele com raiva.

— Primeiro dê-me o meu dinheiro! — Virou-se para o povo, pedindo apoio. — Vocês o viram tirá-lo de mim! Sou um agiota

honesto! Eles são criados dos demônios estrangeiros, e vocês todos os conhecem! A lei dos demônios estrangeiros proíbe que se revistem cidadãos honestos!

— Devolva-lhe a porra do dinheiro! — berrou alguém.

— Se é um agiota...

O pessoal começou a discutir entre si, e então Kin Bexiguento viu uma pequena abertura no meio do povo, e se jogou nela. A multidão se abriu para deixá-lo passar, e ele correu beco acima, sumindo no trânsito. Mas quando Wu Óculos saiu no seu encalço, ela voltou a se fechar e empurrou-o, ficando um pouco mais ameaçadora. Mok mandou que ele voltasse. Na confusão momentânea, o velho desaparecera. Cansado, Mok falou:

— Deixe o bosta sem mãe ir embora! Era só um tríade... outro bosta de tríade que se aproveita das pessoas que respeitam a lei.

— O que vai fazer com a porra do dinheiro dele? — gritou alguém, do fundo da multidão.

— Vou dá-lo a um asilo de velhas — gritou Mok com rudeza igual. — Vá defecar na orelha da sua avó!

Alguém riu, a multidão começou a se dispersar, e cada um foi cuidar da sua vida. Num instante, Mok e Wu Óculos estavam parecendo pedras num rio, com os transeuntes redemoinhando ao seu redor. Logo que voltaram à rua principal, Mok enxugou a testa.

— Dew neh loh moh!

— É. Por que são assim, sargento? — perguntou o jovem detetive. — Estamos apenas tentando ajudá-los. Por que o velho simplesmente não admitiu que o filho da mãe do tríade estava lhe extorquindo dinheiro?

— Não se aprende sobre turbas nos livros da escola — disse Mok, bondosamente, sabendo que o jovem estava ansioso por ter êxito. Wu Óculos era novo, um dos recém-formados pela

universidade que entrara para a polícia. Não pertencia à unidade de Mok. — Seja paciente. Nenhum deles quis ter nada a ver conosco porque somos da polícia, e todos eles ainda acreditam que jamais os ajudaremos, apenas a nós mesmos. Tem sido a mesma coisa na China desde o primeiro policial.

— Mas estamos em Hong Kong — falou o jovem, com orgulho. — Somos diferentes. Somos policiais britânicos.

— É.

Mok sentiu uma friagem repentina. Não queria desiludir o rapaz. "Eu também era leal, leal à rainha e à bandeira quai loh. Apreendi outra coisa. Quando precisei de ajuda, proteção e segurança, não obtive nada. Nem uma só vez. Os britânicos eram ricos e poderosos, mas perderam a guerra para aqueles Demônios do Mar do Leste. A guerra os desmoralizou, os humilhou e pôs os grandes tai-pans na Prisão Stanley, como ladrões comuns... até mesmo os tai-pans da Casa Nobre e do Grande Banco, até mesmo Sua Excelência, o governador... trancafiou-os como criminosos comuns, em Stanley, com todas as suas mulheres e filhos, e tratou-os como se fossem pedaços de cocô!

"E após a guerra, embora houvessem humilhado os Demônios do Leste, nunca recuperaram o seu poder, ou o seu prestígio.

"Agora, em Hong Kong e em toda a Ásia, não é mais a mesma coisa, e nunca será como antes. Agora, a cada ano que passa, os britânicos ficam mais pobres e menos poderosos. E como poderão proteger a mim e a minha família dos malfeitores, se não forem ricos e poderosos? Pagam-me uma ninharia, e tratam-me como comida de cachorro! Agora, minha única proteção é o dinheiro, dinheiro em ouro para podermos fugir, se for o caso... ou dinheiro em terras e casas, se não for necessário fugir. Como posso educar meus filhos na Inglaterra ou nos Estados Unidos sem dinheiro? Será que o governo, agradecido, pagará? Nem uma merda numa moeda, e no entanto querem que arrisque a minha vida para manter as ruas livres dos merdas dos tráfades, dos batedores de carteiras e montes de bosta leprosos e amotinados!"

Mok estremeceu. "A única segurança para a minha família está nas minhas mãos, como sempre. Oh, como são sábios os ensinamentos dos nossos ancestrais! O comissário de polícia foi leal comigo, quando precisei de dinheiro, mesmo para a passagem de terceira classe, para o meu filho ir estudar nos Estados Unidos? Não, mas o Cobra foi. Empréstou-me dez mil dólares, com juros de apenas dez por cento, e então meu filho viajou como um mandarim, de avião, pela Pan American, com dinheiro para pagar três anos de anuidade escolar, e agora é arquiteto formado com Cartão Verde, e no mês que vem terá um passaporte americano, e depois poderá voltar para cá, e ninguém poderá tocar nele. Poderá ajudar a proteger a minha geração e protegerá a sua própria, e a do seu filho, e a dos seus netos!"

"É, o Cobra me deu dinheiro, pago há muito tempo com juros integrais, tirados do dinheiro que me ajudou a ganhar. Serei leal ao Cobra... até que mude de rumo. Um dia mudará, todos os quai loh mudam, todos os cobras mudam, mas agora sou um Grande Dragão, e nem os deuses nem os demônios, nem o Cobra em pessoa pode ferir minha família ou minhas contas bancárias na Suíça e no Canadá."

— Vamos indo, é melhor voltarmos, jovem Wu Óculos — disse, bondosamente. E quando chegou junto às barreiras, contou ao inspetor-chefe Smyth o que acontecera.

— Ponha o dinheiro na nossa caixinha, sargento — falou Smyth. — Encomende um grande banquete para os nossos rapazes, hoje.

— Sim, senhor.

— Foi o oficial detetive Wu? O tal que quer entrar para o sei?

— Sim, senhor. Óculos é muito dedicado. Smyth mandou chamar Wu e elogiou-o.

— Bem, e onde está a velha amah?

Wu a indicou. Viram-na olhar para a esquina que o valentão dobrara, esperando, impaciente. Depois de um minuto, ela saiu de dentro do aglomerado de gente e se afastou, resmungando obscenidades.

— Wu — ordenou Smyth —, siga-a. Não deixe que o veja. Ela o levará ao sacaninha que fugiu. Tome cuidado, e quando ela chegar lá, ligue para o sargento.

— Sim, senhor.

— Não corra nenhum risco... talvez possamos pegar o bando todo. Tem que haver um bando.

— Sim, senhor.

— Pode ir. — Eles o observaram sair atrás da velha. — Esse rapaz vai ser bom. Mas não para nós, hem, sargento?

— Não, senhor.

— Acho que vou recomendá-lo para o sei. Talvez...
Subitamente fez-se um silêncio ominoso, depois ouviram-se gritos e um rugido irado. Os dois policiais dobraram correndo a esquina. Na sua ausência, a turba afastara parte das barricadas, dominando os quatro policiais, e agora estava invadindo o banco. O gerente Sung e seu assistente tentavam em vão fechar as portas, contra a turba vociferante. As barricadas começaram a ceder.

— Chame o pelotão antimotim!

Mok saiu correndo para o carro-patrulha. Destemidamente, Smyth correu para a frente da fila, com o seu megafone. O tumulto abafou sua ordem para pararem de brigar. Mais reforços vieram correndo do outro lado da rua. Rápida e eficientemente, acorreram em auxílio de Smyth, mas a turba ganhava forças. Sung e seus caixas bateram a porta, mas ela foi aberta de novo pela violência do povo. Então, surgiu um tijolo do meio da multidão, que quebrou uma das vidraças. Houve um rugido de aprovação. As pessoas da frente estavam tentando sair do caminho, e as de trás estavam tentando chegar à porta. Mais tijolos foram arremessados contra o prédio, depois pedaços de madeira tirados de um edifício em construção próximo. Outra pedra varou a vidraça, que se estilhaçou totalmente. Rugindo, a turba avançou. Uma moça caiu e foi pisoteada.

— Vamos — berrou Smyth —, ajudem-me aqui! Agarrou uma das barreiras e, junto com quatro outros policiais, usou-a como escudo, empurrando-a contra a frente da turba, forçando-a a recuar. Fazendo-se ouvir acima do vozerio, berrou para que eles usassem os ombros, e lutaram contra a multidão enlouquecida. Outros policiais seguiram-lhe o exemplo. Mais tijolos foram arremessados para dentro do banco, e então começou a gritaria:

— Matem os malditos ladrões do banco! Matem-nos! Roubaram o nosso dinheiro...

— Matem os sacanas...

— Quero o meu dinheiro...

— Matem os demônios estrangeiros...

Smyth viu que mudou o humor daqueles que estavam perto dele, e seu coração parou de bater quando eles repetiram o grito, se esqueceram do banco e estenderam as mãos na sua direção. Já tinha visto aquele olhar antes, e sabia que era um homem morto. A outra vez fora nos distúrbios de rua em 56, quando duzentos mil chineses subitamente promoveram desordens violentas e sem sentido em Kowloon. Teria sido morto por eles, se não tivesse nas mãos uma arma potente. Matara quatro homens, e abriu uma trilha para a segurança. Agora, não tinha armas e estava lutando pela vida. Arrancaram-lhe o chapéu. Alguém o agarrou pelo cinto e meteu-lhe um soco na virilha. Levou outro soco no rosto, garras buscavam-lhe os olhos. Destemidamente, Mok e outros meteram-se no meio da confusão para salvá-lo. Alguém atingiu Mok com um tijolo, outro com um pedaço de madeira, que abriu um corte feio no seu rosto. Smyth foi tragado, os braços e as mãos tentando desesperadamente proteger a cabeça. E então o camburão do pelotão antimotim, com as sirenes tocando, dobrou rapidamente a esquina. A equipe de dez homens caiu brutalmente sobre a multidão, e arrancou Smyth de lá. O sangue escorria de sua boca. Seu braço esquerdo pendia, inutilizado.

— Está bem, senhor?

— Estou, pelo amor de Deus, levantem de novo as malditas barreiras! Afastem aqueles filhos da mãe do banco... mangueiras!

Mas as mangueiras não foram necessárias. Ao primeiro ataque violento do pelotão antimotim, a frente da turba murchara, e agora o resto se afastava para uma distância segura e ficava ali parado, de cara fechada, alguns deles ainda gritando obscenidades. Smyth agarrou o megafone. Em cantonense, falou:

— Se alguém chegar a vinte metros daqui, será preso e deportado. — Tentou recobrar o fôlego. — Se alguém deseja visitar o Ho-Pak, entre na fila a cem metros de distância.

A turba carrancuda hesitou, depois, enquanto Mok e o pelotão antimotim se adiantaram velozmente, recuou às pressas e começou a se afastar, pisando uns nos outros.

— Acho que o maldito do meu ombro está deslocado — falou Smyth, e praguejou obscenamente.

— O que vamos fazer com esses filhos da mãe, senhor? — perguntou Mok, sentindo muita dor, respirando pesadamente, a face ferida e sangrando, o uniforme rasgado.

Smyth segurou o braço para suavizar a dor crescente, e olhou para o outro lado da rua, para a multidão carrancuda e embasbacada.

— Mantenha o pelotão antimotim aqui. Mande vir outro de Aberdeen Oeste, informe a central. Onde está o diabo do meu chapéu? Se botar as mãos no filh...

— Senhor! — chamou um dos seus homens. Estava ajoelhado junto à moça que fora pisoteada. Era uma garota de bar, ou de cabaré: tinha aquele ar triste, doce, ah, tão duro, jovem e velho ao mesmo tempo! O sangue escorria da sua boca, e ela respirava estertorosamente.

— Deus, chamem uma ambulância!

Enquanto Smyth olhava, impotente, a moça sufocou no próprio sangue, e morreu.

Christian Toxe, editor do Guardian, rabiscava algumas anotações, o telefone colado ao ouvido.

— Como era o nome dela, Dan? — perguntou, abafando o vozerio da redação.

— Não tenho certeza. Uma caderneta de poupança dizia Su Tzee-Ian — disse Dan Yap, o repórter do outro lado da linha, em Aberdeen. — Havia quatro mil trezentos e sessenta dólares nela... a outra estava no nome... Espere aí, a ambulância acaba de sair. Está ouvindo direito, Chris? O tráfego aqui está intenso.

— Estou. Continue. A segunda caderneta de poupança?

— A segunda caderneta estava no nome de Tak H'eung fah. Exatamente três mil, nessa.

Tak H'eung fah parecia evocar alguma lembrança.

— Algum desses nomes lhe diz alguma coisa? — perguntou Toxe. Era um homem alto e amarrotado, no seu minúsculo escritório desmazelado.

— Não. Exceto que um deles quer dizer Glicínia Su, e o outro Flor Fragrante Tak. Era bonita, Chris. Talvez fosse eurásiana...

Toxe sentiu uma repentina estocada de gelo no estômago, ao lembrar das suas três filhas, de seis, sete e oito anos, e da sua linda mulher chinesa. Tentou empurrar aquela cruz perpétua para o recesso da sua mente, a preocupação secreta quanto ao acerto de misturar o Leste e o Oeste. "O que o futuro lhes reserva, às minhas queridas, neste mundo podre, nojento, preconceituoso?"

Com esforço, voltou a concentrar-se.

— É um bocado de dinheiro para uma dançarina de cabaré, não acha?

— Acho. Eu diria que tinha um protetor. Uma coisa interessante: na sua bolsa havia um envelope amassado, datado de umas duas semanas atrás, contendo uma carta de amor melosa. Estava endereçado a... espere aí... a Tak H'eung fah, apartamento 14, Quinto Beco, Tsung-pan Street, em Aberdeen. Era sentimental, jurava amor eterno. Mas escrito por pessoa instruída.

— Em inglês? — perguntou Toxe, surpreso, anotando rapidamente.

— Não. Em caracteres. Havia algo na escrita... podia ser um quai loh.

— Arranjou uma cópia?

— A polícia não deix...

— Arranje uma fotocópia. Implore, peça emprestado ou roube uma fotocópia, a tempo de sair na edição da tarde. Gratificação de uma semana de salário, se conseguir.

— Em dinheiro, hoje à tarde?

— Está bem.

— Já a tem.

— Tem assinatura?

— "Seu único amor." "Amor" está escrito em inglês.

— Sr. Toxe! A senhora editora na linha 2! — avisou a secretária inglesa pela porta aberta. Sua mesa ficava logo do lado de fora da divisão de vidro.

— Ah, Deus, eu... ligo para ela depois. Diga-lhe que estou com uma história e tanto estourando. — Depois, falando de novo ao telefone: — Dan, fique com esta história... grude-se na polícia, vá com eles para o apartamento da moça morta, se é que é o apartamento dela. Descubra quem é o proprietário, quem é a família dela, onde mora. Depois ligue de novo para mim! — Toxe desligou e chamou o seu chefe de redação. — Ei, Mac!

O homem esguio, grisalho e azedo levantou-se da sua escrivaninha e foi entrando.

— Sim?

— Acho que devemos fazer uma edição extra. Manchete... — rabiscou num pedaço de papel. — "Turba mata Flor Fragrante!"

— Que tal "Turba assassina Flor Fragrante"?

— Ou "Primeira morte em Aberdeen"?

— "Turba assassina" é melhor.

— Tudo bem, é isso aí. Martin! — chamou Toxe. Martin Haply levantou os olhos do seu trabalho e veio juntar-se a eles. Toxe correu os dedos pelos cabelos, enquanto lhes contava o que Dan Yap relatara. — Martin, escreva mais o seguinte: "A bela jovem foi esmagada pelos pés da turba... mas quem foram seus verdadeiros matadores? Será um governo incompetente, que se recusa a regular o nosso sistema bancário ultrapassado? Os matadores serão aqueles que começaram os boatos? A corrida ao Ho-Pak será tão simples quanto parece?" E continue por aí.

— Já saquei.

Martin Haply abriu um sorriso e voltou à sua mesa, na sala principal. Engoliu uma xícara de café frio, num recipiente de plástico, e começou a datilografar, a mesa cheia de pilhas de livros de consulta, jornais chineses e boletins da Bolsa de Valores. Os

teletipos soavam ao fundo. Alguns estagiários e contínuos silenciosos entregavam ou apanhavam textos.

— Ei, Martin! Qual a última da Bolsa?

Martin Haply discou um número sem olhar para o aparelho, depois respondeu ao editor:

— Ho-Pak desceu para 24,60. Baixou quatro pontos, de ontem para hoje. Struan baixou um ponto, embora tenham sido compradas muitas ações. Hong Kong Lan Tao subiu três pontos... a história acaba de ser confirmada. Dunstan Barre sacou o dinheiro deles ontem.

— Foi? Então você estava certo de novo. Merda!

— O Victoria baixou meio ponto... todos os bancos estão nervosos, e não há compradores. Corre um boato de que uma fila está se formando do lado de fora da sede do Blacs e do Victoria, na zona central.

Os dois homens soltaram exclamações abafadas.

— Mande alguém ir verificar no Vic!

Mac saiu apressado. "Meu Deus", pensou Toxe, com o estômago embrulhado. "Meu Deus, se começar uma corrida ao Vic, o diabo da ilha inteira vai desabar, e o diabo das minhas economias junto com ela."

Recostou-se na sua velha cadeira e pôs os pés em cima da mesa, adorando o seu trabalho, as pressões e a urgência.

— Quer que ligue para ela? — perguntou a secretária. Era redonda e imperturbável.

— Quem? Ora, merda, Peg, tinha esquecido... É... ligue para o Dragão.

O Dragão era a mulher do editor, Mong Pa-tok, chefe atual da imensa família Mong, dona do jornal, de três outros jornais chineses e cinco revistas, cujos antecedentes remontavam aos primeiros dias. Dizia-se que os Mongs descendiam do primeiro editor-proprietário do jornal, Morley Skinner. Contava-se que Dirk Struan dera a Skinner o controle do jornal em troca da sua ajuda contra Tyler Brock e seu filho Gorth, abafando a história da morte de Gorth em Macau. Dizia-se que Dirk Struan provocara o duelo. Os dois homens lutaram com ferros de combate. Uma vez, há muitos anos, Toxe ouvira a velha Sarah Chen, meio bêbada, relatar que, quando os Brocks vieram buscar o corpo de Gorth, não o reconheceram. A velha acrescentara que seu pai, Sir Gordon Chen, tivera que mobilizar quase todo o Bairro Chinês para impedir que os Brocks ateassem fogo aos armazéns da Struan. Tyler Brock incendiara Tai-ping Shan, em seu lugar. Apenas o grande tufão que veio naquela noite impediu que toda a cidade fosse destruída pelo fogo... o mesmo holocausto que destruíra a Casa Grande de Dirk Struan, e ele e sua mulher secreta, May-may.

— Está na linha 2.

— Hem? Ah, está bem, Peg. Toxe soltou um suspiro.

— Ah, Sr. Toxe, estava esperando o seu telefonema, heya?

— No que posso servi-la, ou ao Sr. Mong?

— Seus artigos sobre o Ho-Pak Bank, ontem e hoje, que os rumores adversos sobre o Ho-Pak são inverídicos e iniciados por tai-pans e outro grande banco. Vejo que há mais, hoje.

— É. Haply tem absoluta certeza.

— Meu marido e eu ouvimos não ser verdade. Nenhum tai-pan ou banco estão espalhando boatos, ou já espalharam boatos. Talvez sensato abandonar ataque.

— Não é um ataque, sra. Mong, só uma atitude. Sabe como os chineses são suscetíveis aos boatos. O Ho-Pak é tão forte quanto qualquer banco da colônia. Estamos certos de que os boatos foram iniciados por um gran...

— Não por tai-pans nem por grande banco. Meu marido e eu não gostamos desta atitude, faz favor. Queira mudar — falou, e ele ouviu o granito na sua voz.

— Isso é política editorial, e eu tenho controle sobre a política editorial — respondeu ele sombriamente.

— Nós somos editor. É o nosso jornal. Nós dizemos você parar, então você pára.

— Está me ordenando que pare?

— Claro que é ordem.

— Pois bem. Como ordenou, paramos.

— Ótimo! — O aparelho ficou mudo. Christian Toxe quebrou o lápis, jogou-o contra a parede, e começou a xingar. A secretária

soltou um suspiro e fechou discretamente a porta; quando acabou, Toxe abriu a porta. — Peg, quer me trazer um café? Mac! Martin!

Toxe recostou-se na cadeira, que rangeu. Enxugou o suor das faces, acendeu um cigarro e tragou profundamente.

— Sim, Chris? — perguntou Haply.

— Martin, cancele o artigo que íhe pedi e faça outro sobre o sistema bancário de Hong Kong e a necessidade de se ter algum tipo de seguro bancário...

Os dois homens o fitaram, boquiabertos.

— Nosso editor não gosta do enfoque dos boatos. Martin Haply enrubesceu.

— Ora, ele que se foda! Você mesmo ouviu os caras, na festa do tai-pan.

— Isso nada prova. Você não tem provas. Vamos parar com esse enfoque. Não está provado, portanto não posso tomar posição.

— Mas, olh...

O pescoço de Toxe ficou roxo.

— Paramos e pronto! — rugiu. — Entendeu?

Haply começou a dizer qualquer coisa, mas mudou de idéia. Sufocado de raiva, girou sobre os calcanhares e se afastou. Cruzou o salão, abriu com violência a porta da frente, e bateu-a atrás de si.

Christian Toxe soltou a respiração.

— Mas que droga de gênio terrível tem esse rapaz! Apagou o cigarro e acendeu outro.

— Deus, estou fumando demais! — Ainda fervendo, seus olhos castanhos fitaram o homem mais velho. — Alguém deve ter ligado para ela, Mac. Agora, que favor você gostaria de receber em troca, se fosse a sra. Dragão Mong?

Subitamente, Mac abriu um sorriso.

— Não um título de sócio votante do Turf Club!

— Primeiro da turma!

Singh, o repórter indiano, entrou na sala, trazendo trinta centímetros de teletipo.

— Pode precisar disso para a edição extra, Chris. Era uma série de boletins Reuter do Oriente Médio. "Teerã, 8h32m. — Fontes diplomáticas de alto nível no Irã relatam que súbitas e extensas manobras militares soviéticas tiveram início junto de sua fronteira setentrional, perto da área fronteiriça petrolífera de Azerbaijão, onde mais distúrbios ocorreram. Consta que Washington pediu permissão para mandar observadores para aquela área."

O parágrafo seguinte dizia:

"Tel Aviv, 6 h. — O Parlamento israelense confirmou no fim da noite de ontem que outro imenso projeto de irrigação foi iniciado para desviar ainda mais as águas do rio Jordão para o deserto meridional de Neguev. Houve uma reação adversa e hostil imediata da Jordânia, Egito e Síria".

— Neguev? A usina atômica novinha em folha de Israel não fica no Neguev? — perguntou Toxe.

— Fica. Que bela adição para as mesas de conferências de paz. A água seria para isso?

— Não sei, Mac, mas isso com certeza vai deixar secas algumas gargantas jordanianas e palestinas. Água, água por todo canto, e nenhuma gota para se tomar um banho. Puxa vida, seria bom se chovesse! Singh, ajeite esses boletins, e nós os colocaremos na última página. Não venderão um mísero jornal. Faça um novo artigo sobre os Lobisomens para a primeira página: "A polícia estendeu uma vasta rede, mas os perversos seqüestradores do Sr. John Chen continuam a enganá-la. Segundo fontes chegadas à família de seu pai, o representante nativo da Struan, ainda não se recebeu nenhuma nota de resgate, mas espera-se uma a qualquer momento. O China Guardian pede a todos os seus leitores que ajudem na captura desses monstros..." Esse tipo de coisa.

Em Aberdeen, Wu Óculos viu a velha sair do cortiço, com uma cesta de compras na mão, e se meter no meio da multidão barulhenta, no beco estreito. Ele a seguiu cautelosamente, sentindo-se muito satisfeito consigo mesmo. Enquanto esperava que ela reaparecesse, puxara conversa com um vendedor ambulante cujo local de vendas permanente era um pedaço de calçada quebrada, do lado oposto. O ambulante vendia chá e pequenas tigelas de congee (mingau de arroz) quente. Wu pedira uma tigela, e durante a refeição o ambulante lhe falara da velha, Ah Tam, que estava no bairro desde o ano passado. Chegara à colônia vinda de uma aldeia perto de Cantão, junto com as imensas ondas de imigrantes que tinham cruzado a fronteira no verão anterior. Não tinha família, e as pessoas para quem trabalhava não tinham filhos com cerca de vinte

anos, embora a tivesse visto com um rapaz dessa idade naquela manhã.

— Disse que a aldeia dela era Ning-tok...

Foi então que Wu sentiu-se animar por aquele golpe de sorte. Ning-tok era a aldeia de onde vinham seus próprios pais, e ele falava o dialeto do lugar.

Agora, estava vinte passos atrás dela, e ficou vendo-a pechinchar habilmente ao comprar legumes, selecionando apenas as melhores cebolas e verduras, todas fresquinhas, recém-chegadas dos campos dos Novos Territórios. Comprou muito pouco, e ele deduziu que a família para a qual ela trabalhava era pobre. Depois, ficou diante da barraca de aves, com suas camadas de galinhas esqueléticas, que mal viviam ainda, enfiadas nas gaiolas, de pernas atadas. O barraqueiro rotundo barganhava com ela, ambos curtindo a linguagem obscena, os insultos, escolhendo esta ave, depois aquela, depois outra, cutucando-as, deixando-as de lado, até o negócio ser feito. Como era uma boa negociante, tinhosa, o homem concordou em reduzir seu lucro. Depois, estrangulou a ave habilmente, sem pensar, jogando a carcaça para a filha de cinco anos, acorada numa pilha de penas e restos, para que a depenasse e limpasse.

— Ei, senhor vendedor — chamou Wu. — Quero uma ave pelo mesmo preço. Aquela! — Apontou para uma galinha razoável, e não ligou para os resmungos do homem. — Irmã Mais Velha — dirigiu-se a ela cortesmente —, está claro que me poupou muito dinheiro. Gostaria de tomar uma xícara de chá enquanto esperamos que nossas aves sejam limpas?

— Ah, sim, obrigada, meus velhos ossos estão cansados. Iremos para lá! — O dedo nodoso dela apontou para uma barraca em frente. — Assim, poderemos vigiar, e receber as aves por que pagamos.

O vendedor de aves resmungou uma obscenidade, e eles riram.

Ela foi abrindo caminho aos empurrões para o outro lado da rua, sentou-se num banco, pediu chá e um bolo, e não demorou estava contando a Wu como detestava Hong Kong e viver no meio de estranhos. Foi fácil para ele amolecê-la pelo uso casual de uma palavra no dialeto de Ning-tok, depois fingir surpresa quando ela passou a falar naquele dialeto e contou que vinha da mesma aldeia, e ah, que maravilha encontrar um vizinho, depois de tantos meses entre estranhos! Contou-lhe que trabalhara para a mesma família, em Ning-tok, desde os sete anos. Mas, infelizmente, há três anos,

sua patroa — a criança que criara, agora uma senhora de idade igual a ela — morrerá.

— Fiquei na casa, mas eles estavam passando por um período difícil. E então, no ano passado, a fome foi grande. Muitos resolveram vir para este lugar. O pessoal do presidente Mao não se incomodou. Ao contrário, nos encorajou... "Bocas Inúteis", era como eles nos chamavam. Não sei como nos separamos, e consegui cruzar a fronteira e chegar até aqui, sem tostão, faminta, sem família, sem amigos, sem saber para que lado me virar. Finalmente, arrumei um emprego, e agora trabalho como cozinheira e amah para a família Ch'ung, que é de varredores de ruas. Os miseráveis só me dão casa e comida, e a primeira mulher Ch'ung é uma bruxa desbocada, mas logo estarei livre de todos eles! Disse que seu pai veio para cá com a família há dez anos?

— É. Tínhamos um campo perto da vereda de bambus junto do rio. O nome dele era Wu Cho-tam e...

— Ah, sim, acho que me lembro da família. É, acho que sim. É, e conheço o campo. A minha família era a Wu Ting-top, e a família deles era dona da farmácia da encruzilhada há mais de cem anos.

— Ah, o Honorável Wu Farmácia? Mas claro!

Wu Óculos lembrava-se bem da família. Wu Farmácia sempre fora um simpatizante maoísta. Certa vez, tivera que fugir dos nacionalistas. Naquela aldeia de mil pessoas, fora muito apreciado e respeitado, e mantivera a vida na aldeia o mais calma e protegida dos estranhos possível.

— Quer dizer que é um dos filhos de Wu Cho-tam, Irmão Mais Moço? — dizia Ah Tam. — Eeee, antigamente era uma maravilha em Ning-tok, mas nos últimos anos... terrível.

— É. Nós tivemos sorte. Nosso campo era fértil, e cultivávamos a terra como sempre, mas após alguns anos chegou gente de fora, que acusou todos os proprietários de terras... como se fôssemos exploradores! Nós apenas cultivávamos o nosso próprio campo. Mesmo assim, de vez em quando alguns proprietários eram levados dali, outros, fuzilados. Certa noite, há dez anos, meu pai fugiu com todos nós. Agora meu pai está morto, mas moro com minha mãe, não muito distante daqui.

— Houve muitas fugas e fome no início. Ouvi dizer que agora está melhor. Também ouviu? Gente de fora chegou, não foi? Eles chegaram e foram embora. A aldeia não está tão ruim, novamente,

Irmão Mais Moço, ah, não! Gente de fora nos deixou em paz. É, eles deixaram a nós e a minha patroa em paz porque o Pai era importante, e um dos simpatizantes do presidente Mao, desde o começo. O nome da minha patroa era Fang-ling, mas agora está morta. Não há nenhuma organização coletivista perto de nós, portanto a vida é como sempre foi, embora todos tenhamos que estudar o Livro vermelho do presidente Mao. A aldeia não é tão ruim, todos os meus amigos estão lá... Hong Kong é um lugar horrível, e a minha aldeia é o meu lar. A vida sem família não vale nada. Mas agora...

— A velha baixou o tom de voz, e casquinou, cheia de prazer.

— Mas agora os deuses me favoreceram. Dentro de um ou dois meses irei para casa, para sempre. Terei dinheiro bastante para me aposentar, e comprarei a casinha que fica no fim da minha rua, e quem sabe um campo pequeno e...

— Aposentar? — perguntou Wu, instigando-a a continuar. — E quem tem dinheiro para isso, Irmã Mais Velha? Disse que não lhe pagavam nada...

— Ah — replicou a velha, toda inchada —, tenho um amigo importante.

— Que espécie de amigo?

— Um amigo de negócios, muito importante, que precisa da minha ajuda! Como lhe fui muito útil, prometeu me dar uma imensa quantia...

— Está inventando tudo isso, Irmã Mais Velha — debochou.
— Será que sou um estranho tonto que...

— Estou lhe dizendo que meu amigo é tão importante que pode manter a ilha inteira escravizada!

— Não existe gente assim!

— Ah, mas existe, sim! — Ela baixou a voz e murmurou, roucamente: — E quanto aos Lobisomens?

Wu Óculos fitou-a, de boca aberta.

— O quê?

Ela casquinou de novo, radiante com o impacto da sua confiança.

— É.

O rapaz recompôs rapidamente os pedaços de sua mente baratinada. Se aquilo fosse verdade, receberia a recompensa e a promoção, e quem sabe o convite para ingressar no Serviço Especial de Informações.

— Está inventando essa história!

— E eu lá ia mentir para alguém da minha própria aldeia? Meu amigo é um deles, estou lhe dizendo. Também é um 489; e a irmandade dele vai ser a mais rica de toda a Hong Kong.

— Eeee, que sorte tem, Irmã Mais Velha! E quando o vir de novo, pergunte-lhe por favor se tem utilidade para alguém como eu. Sou lutador de rua, de profissão, embora minha tríade seja pobre, e o líder, um burro e um estrangeiro. Ele é de Ning-tok?

— Não. Ele... é meu sobrinho — disse ela, e o rapaz percebeu que era mentira. — Vou vê-lo mais tarde. É, ele vem aí, mais tarde. Está me devendo algum dinheiro.

— Eeee, que bom! Mas não o ponha no banco, especialmente no Ho-Pak ou...

— Ho-Pak? — replicou, desconfiada, os olhinhos estreitando-se subitamente nos vincos do rosto. — Por que fala no Ho-Pak? O que o Ho-Pak tem a ver comigo?

— Nada, Irmã Mais Velha — disse Wu, amaldiçoando-se pelo deslize, sabendo que agora ela fechara a guarda. — Vi as filas hoje de manhã, só isso.

Ela balançou a cabeça, sem se sentir convencida. Depois notou que sua galinha já estava pronta e embrulhada, portanto agradeceu-lhe pelo chá e o bolo e se afastou, resmungando sozinha. Com muito cuidado, ele a seguiu. De vez em quando, ela olhava para trás, mas não o viu. Tranqüilizada, foi para casa.

O homem da CIA saltou do carro e entrou rapidamente no quartel-general da polícia. O sargento uniformizado na mesa de informações cumprimentou-o.

— Boa tarde, Sr. Rosemont.

— Tenho hora marcada com o Sr. Crosse.

— Sei, ele o está esperando.

Azedamente, Rosemont dirigiu-se ao elevador. "Esta merda de ilha maldita! Tenho vontade de cagar nela, e nos malditos britânicos."

— Alô, Stanley — cumprimentou Armstrong. — O que está fazendo aqui?

— Ah, oi, Robert. Tenho um encontro com o seu chefe.

— Já tive esse desprazer hoje, uma vez. Exatamente às sete horas e um minuto.

A porta do elevador se abriu. Rosemont entrou, e Armstrong o seguiu.

— Espero que tenha boas novas para Crosse — comentou Armstrong, bocejando. — Ele está num humor terrível.

— E? Você também vai participar do encontro?

— Parece que sim. Rosemont enrubesceu.

— Merda, pedi um encontro particular.

— Sou particular.

— Claro que é, Robert. E Brian, e todo mundo. Mas tem um filho da mãe que não é.

O bom humor de Armstrong desapareceu.

— É?

— É.

Rosemont não disse mais nada. Sabia que magoara o inglês, mas não se importava. "É a verdade", pensou, com amargura. "Quanto mais cedo esses malditos ingleses abrirem os olhos, melhor."

O elevador parou. Desceram o corredor, e Brian Kwok os fez entrar na sala de Crosse. Rosemont sentiu as duas trancas correrem, às suas costas, e pensou: "Que idiotice inútil e desnecessária; o homem é um cretino".

— Pedi um encontro particular, Rog.

— É particular. Robert é muito particular, Brian também. O que posso fazer por você, Stanley?

Crosse estava polidamente frio.

— Pois bem, Rog, hoje tenho uma longa lista para você: primeiro, você está pessoalmente cem por cento enrascado comigo, com todo o meu departamento, até com o próprio diretor em Washington. Mandaram que eu lhe dissesse, entre outras coisas, que o seu toupeira superou a si mesmo, desta vez.

— É?

A voz de Rosemont agora estava áspera.

— Só para começar, acabamos de saber por uma das nossas fontes em Cantão que Fong-fong e todos os seus rapazes foram atingidos, ontem à noite. Foram expostos... e estão perdidos! — Armstrong e Brian Kwok pareciam chocados. Crosse devolveu-lhe o olhar, e não pôde ler nada no rosto dele. — Tem que ser o seu toupeira, Rog. Tem que ser identificado pelos documentos de Alan Medford Grant que estão em poder do tai-pan.

Crosse olhou para Brian Kwok.

— Use o código de rádio de emergência. Verifique isso! Enquanto Brian Kwok se afastava às pressas, Rosemont repetiu:

— Eles já eram, os pobres coitados!

— Vamos verificar, de qualquer forma. A seguir? Rosemont sorriu sem humor.

— A seguir: quase tudo o que estava nos relatórios de Alan que estão com o tai-pan já está espalhado pela comunidade dos agentes de informações, em Londres... do lado errado.

— Deus amaldiçoe todos os traidores — resmungou Armstrong.

— É, foi o que pensei, Robert. A seguir, outra preciosidade: a morte de Alan não foi nenhum acidente.

— Como?

— Ninguém sabe quem foi, mas todos sabemos o porquê. A moto foi atingida por um carro. Ainda não se sabe a marca, o número de série, se há testemunhas, nada, ainda, mas foi atingido... e, naturalmente, denunciado daqui.

— Então, por que não fui informado pela Fonte? Por que a informação está vindo de você? — perguntou Crosse.

A voz de Rosemont tornou-se mais cortante.

— Acabo de desligar o telefone, falando com Londres. Passa um pouco das cinco da manhã, lá. Portanto talvez seu pessoal pretenda informá-lo quando chegar ao escritório, depois de comer tranqüilamente bacon com ovos, e beber uma boa xícara de chá!

Armstrong lançou um rápido olhar para Crosse, e crispou-se ao ver a cara dele.

— Provou... provou bem seu ponto de vista, Stanley — falou Crosse. — A seguir?

— As fotos que lhe demos dos caras que mataram Voranski... o que aconteceu?

— Estávamos vigiando a casa deles. Os dois homens não voltaram. Portanto invadi o local hoje de madrugada. Revistamos o cortiço inteiro, aposento por aposento, mas não encontramos ninguém que, mesmo de leve, se assemelhasse às fotos. Revistamos durante duas horas, e não havia portas secretas ou coisa semelhante. Eles não estavam lá. Talvez seu agente se tivesse enganado...

— Não desta vez. Marty Povitz tinha certeza. Cercamos o lugar tão logo deciframos o endereço. Mas houve um tempinho em que não estava sendo vigiado, na frente e atrás. Acho que foram avisados, novamente pelo seu toupeira.

Rosemont pegou uma cópia do telex, e entregou-a a Crosse. Ele a leu, ficou vermelho, e passou-a a Armstrong:

"Decifrado do diretor, Washington, para Rosemont, vice-diretor, Estação de Hong Kong: Sinderson, MI-6, traz ordens da Fonte, Londres, para você ir com ele na sexta-feira assistir à entrega dos documentos e obter uma fotocópia imediata".

— Receberá a sua cópia pelo correio, hoje, Rog — disse o americano.

— Posso ficar com isso? — perguntou Crosse.

— Claro. A propósito, botamos alguém seguindo o Dunross, também. Nós...

Crosse exclamou, irado:

— Quer fazer o favor de não interferir na nossa jurisdição?

— Disse-lhe que estava atolado na merda, Rog!

Secamente, Rosemont colocou outro telegrama na mesa.

"Rosemont, Hong Kong. Entregue este telegrama pessoalmente ao chefe do sei. Até novas ordens, Rosemont está autorizado a atuar independentemente para ajudar a descobrir o inimigo, da forma que escolher. Ele, contudo, deve manter-se dentro da lei e informar-lhe pessoalmente o que está fazendo. Fonte 8-98/3."

Rosemont viu Crosse refrear uma explosão.

— O que mais você autorizou? — indagou Crosse.

— Nada. Ainda. Outro assunto: estaremos no banco na sexta-fei...

— Sabe onde Dunross colocou as pastas?

— Todo mundo sabe... toda a comunidade. Já lhe falei que seu toupeira vem fazendo serão. — Abruptamente, Rosemont explodiu: — Ora, qual é, Rog? Você sabe que é só contar uma notícia "quente" para alguém, em Londres, e toda a cidade fica sabendo! Todos temos problemas de segurança, mas os seus são piores! — Com esforço, o americano controlou-se. — Podia ter sido franco comigo sobre a mancada com Dunross... teria nos poupado muito sofrimento e constrangimento!

Crosse acendeu um cigarro.

— Talvez. Talvez não. Estava tentando manter a segurança.

— Lembra-se de mim? Estou do seu lado!

— Está?

— Pode apostar que sim, porra! — exclamou Rosemont, muito irado. — E se dependesse de mim, mandaria abrir todas as caixas de depósito individuais do banco antes do anoitecer... e danem-se as conseqüências!

— Graças a Deus não pode fazer isso.

— Pela madrugada! Estamos em guerra, e só Deus sabe o que há naquelas outras pastas. Talvez nos revelem o seu maldito toupeira, e então poderemos pôr as mãos no filho da mãe, e dar-lhe o que merece.

— É — falou Crosse, a voz cortante como uma chicotada —, ou talvez não haja nada nos documentos, afinal!

— Como assim?

— Dunross concordou em entregar as pastas a Sindere na sexta-feira. E se não houver nada nelas? E se ele tiver queimado as páginas, e nos entregar apenas as capas? Que diabo faremos, então?

Rosemont fitou-o, boquiaberto.

— Deus... e existe tal possibilidade?

— Claro que sim! Dunross é esperto. Pode ser que não estejam lá, ou que as que estão no cofre sejam falsas. Não sabemos se ele as guardou lá. É o que ele diz. Santo Deus, existem cinquenta possibilidades. Vocês, da CIA, que são tão espertos, digam-me em qual caixa de depósito está, e eu a abrirei pessoalmente.

— Pegue a chave com o governador. Entregue-a para mim e para alguns dos meus rapazes durante cinco horas e...

— Nem pense nisso! — rosnou Crosse, o rosto subitamente vermelho.

Armstrong sentiu a violência no ar. "Pobre Stanley", pensou, "hoje você é o alvo." Abafou um estremeção, recordando-se das vezes em que tivera que enfrentar Crosse. Logo aprendera que era melhor contar a verdade ao sujeito, contá-la logo. Se Crosse realmente se dispusesse a interrogá-lo, sabia, sem sombra de dúvida, que "abriria o jogo". Graças a Deus ele nunca tivera motivos para tentar, pensou, agradecido, e depois voltou o olhar para Rosemont, que estava vermelho de raiva. "Quem serão os informantes de Rosemont, e como ele sabe ao certo que Fong-fong e sua equipe foram dizimados?"

— Nem pense nisso — repetiu Crosse.

— Então, que diabo vamos fazer? Ficar com a bunda na cadeira até sexta?

— É. Esperamos. Mandaram que esperássemos. Mesmo que Dunross tenha arrancado páginas, ou parágrafos, ou destruído todos os documentos, não podemos botá-lo na prisão... ou forçá-lo a lembrar-se, ou a nos contar qualquer coisa.

— Se o diretor ou a Fonte resolverem que ele tem que sofrer um aperto, há maneiras. Isso é o que o inimigo faria.

Crosse e Armstrong fitaram Rosemont. Finalmente, Armstrong falou, friamente:

— Mas isso não quer dizer que é direito.

— Nem tampouco errado. Há uma coisa, mas apenas para os seus ouvidos, Rog.

Armstrong levantou-se imediatamente, mas Crosse fez sinal para que se sentasse.

— Robert é os meus ouvidos.

Armstrong disfarçou a vontade de rir que o invadiu, ante uma afirmação tão ridícula.

— Não. Desculpe, Rog, são ordens... dos seus superiores e dos meus.

Armstrong percebeu distintamente que Crosse hesitava.

— Robert, espere do lado de fora. Quando eu tocar a campainha, torne a entrar. Vá dar uma espiada no Brian.

— Sim, senhor.

Armstrong saiu e fechou a porta, lamentando não estar presente para o golpe final.

— E então?

O americano acendeu outro cigarro.

— Máximo sigilo. Às quatro horas de hoje, toda a 92.a Divisão de Pára-Quedistas saltou no Azerbaijão, apoiada por grandes unidades da Força Delta, e se espalhou ao longo da fronteira Irã-União Soviética. — Os olhos de Crosse se arregalaram. — Isso foi feito atendendo a um pedido direto do xá, em resposta a maciços preparativos militares soviéticos logo além das fronteiras, e aos costumeiros distúrbios patrocinados pelos soviéticos em todo o Irã. Meu Deus, Rog, não pode pôr um condicionador de ar aqui? — Rosemont enxugou a testa. — Há um manto de segurança cobrindo todo o Irã, agora. Às seis horas, unidades de apoio desembarcaram no aeroporto de Teerã. A nossa Sétima Frota está se dirigindo para o golfo; a Sexta, a do Mediterrâneo, já está em posição de combate perto de Israel; a Segunda, do Atlântico, dirige-se para o Báltico. A norad foi alertada, a OTAN foi alertada, e todos os Poseidons estão a um passo do Vermelho.

— Meu Deus, mas que diabo está acontecendo?

— Khruchov está tentando outra investida sobre o Irã... sempre um alvo soviético por excelência, certo? Acha que está com

a vantagem. Fica bem na fronteira dele, onde suas próprias linhas de comunicação são curtas, e as nossas, imensas. Ontem, o pessoal da segurança do xá descobriu uma insurreição "socialista democrática" que deveria explodir dentro dos próximos dias em Azerbaijão. Então o Pentágono está reagindo feito um alucinado. Se o Irã cair, cai todo o golfo Pérsico, depois a Arábia Saudita, e isso acaba com o petróleo da Europa, e acaba com a Europa.

— O xá já esteve encrencado antes. Isso não é mais um pouco de exagero de vocês?

O americano ficou mais duro.

— Khruchov recuou no caso de Cuba. Foi a primeira vez em que houve um recuo soviético, pombas, porque Kennedy não estava blefando, e a única coisa que os comunas entendem é a força. Força-bruta-maciça-para-valer! O Grande K que recue dessa vez também, ou lhe entregaremos a própria cabeça!

— Vocês vão arriscar a explosão do mundo inteiro por causa de uns birutas analfabetos, fanáticos, arruaceiros, que provavelmente têm alguma razão, no fim das contas?

— Não me interessa a política, Rog, só me interessa vencer. O petróleo iraniano, o petróleo do golfo Pérsico, o petróleo saudita são a jugular do Ocidente. Não vamos deixar que o inimigo fique com ele.

— Se o quiserem, eles o tomarão.

— Não desta vez. Chamamos a operação de Dry Run¹. A idéia é entrar de sola, assustá-los e fazer com que fujam; depois ir embora rapidamente, discretamente, para que ninguém saiba que agimos, exceto o inimigo, e especialmente para que nenhum maldito congressista ou jornalista liberal americano o saiba. O Pentágono acha que os soviéticos não acreditam que somos capazes de uma reação tão rápida, tão maciça, vinda de tão longe, portanto tomarão um choque, correrão para se abrigar, e deixarão a idéia toda de lado... até a próxima vez.

¹ *"Exercício de tiro com pólvora seca." (N. da T.)*

O silêncio tornou-se mais pesado. Crosse tamborilou os dedos na mesa.

— O que quer que eu faça? Por que está me contando tudo isso?

— Porque meus chefões mandaram. Querem que todos os chefes do sei aliados saibam, porque, se essa merda se espalhar, haverá motins de apoio por toda parte, como sempre, motins de fachada, bem-coordenados, e vocês terão que estar preparados. Os relatórios de Alan Medford Grant diziam que a Sevrin fora ativada aqui... Talvez haja alguma ligação. Além disso, vocês, aqui em Hong Kong, são vitais para nós. São a porta dos fundos que dá para a China, a porta dos fundos para Vladivostok e todo o leste da Rússia... e o nosso melhor atalho para as bases navais e de submarinos atômicos deles no Pacífico. — Rosemont pegou outro cigarro, com dedos trêmulos. — Ouça, Rog — falou, controlando sua raiva violenta —, vamos esquecer toda a merda burocrática, certo? Quem sabe não podemos nos ajudar mutuamente?

— Que submarinos atômicos? — falou Crosse, com um sorriso de deboche deliberado, jogando verde. — Eles ainda não têm submarinos atômicos, e...

— Santo Deus! — explodiu Rosemont. — Vocês estão com as cabeças enfiadas rabo acima, e não querem escutar. Elogiam a distensão, tentam amordaçar-nos, e eles estão rindo a bandeiras despregadas! Eles têm submarinos nucleares, postos de mísseis e bases navais espalhados por todo o mar de Okhotsk! — Rosemont levantou-se e foi até o imenso mapa da China e da Ásia que ocupava uma das paredes e cutucou a península Kamtchatka, ao norte do Japão. —... Petropavlovsk, Vladivostok... têm operações gigantescas ao longo de toda esta costa siberiana, aqui em Komsomolsk, na foz do Amur e em Sacalina. Mas Petropavlovsk é que é a tal. Daqui a dez anos, será o maior porto de guerra na Ásia, com campos de pouso de apoio, recintos para submarinos protegidos atômica-mente, pistas para caças idem e silos de mísseis. E dali ameaçarão toda a Ásia... Japão, Coréia, China, as Filipinas... sem esquecer do Havaí e da nossa costa oeste.

— As forças americanas são preponderantes, e sempre serão. Está exagerando de novo.

A fisionomia de Rosemont se fechou.

— As pessoas me chamam de falcão. Não sou. Sou apenas realista. Eles estão em pé de guerra. Os nossos Midas III indicaram toda espécie de sujeira, nossos... — Parou, e quase deu um chute em si mesmo, por ter aberto tanto o bico.

— Bem, sabemos um bocado do que eles estão fazendo nesse momento, e pode apostar que não são relhas de arado.

— Acho que está errado. Não querem a guerra, como nós não queremos.

— Quer prova? Pois a terá amanhã, logo que eu obtiver autorização! — disse o americano, irritado. — Se isso for provado, poderemos esperar cooperação?

— Pensei que já estávamos cooperando.

— Cooperará?

— Como queira. A Fonte quer que eu reaja de alguma forma específica?

— Não, apenas que fique preparado. Acho que tudo isso passará pelos canais competentes, hoje.

— É. — Crosse tornou-se repentinamente suave. — O que realmente está chateando você, Stanley?

A hostilidade de Rosemont abandonou-o.

— Perdemos um dos nossos melhores aparelhos em Berlim Oriental, ontem à noite, um bocado de caras legais. Um amigo meu foi atingido ao tentar voltar para o nosso lado, e temos certeza de que tudo tem ligação com Alan Medford Grant.

— Ah, lamento muito. Não foi Tom Owen, foi?

— Não. Ele saiu de Berlim no mês passado. Foi Frank O'Connel.

— Acho que não o conheci. Uma pena.

— Ouça, Rog, esse tal de agente infiltrado é uma merda.

— Levantou-se e foi para junto do mapa. Fitou-o durante longo tempo. — Está sabendo de Iman?

— Como?

O dedo rombudo de Rosemont indicou um local no mapa. A cidade ficava no interior, a uns duzentos e noventa quilômetros ao norte de Vladivostok, num entroncamento ferroviário.

— É um centro industrial, ferrovias, muitas fábricas.

— E daí? — quis saber Crosse.

— Sabe do campo de pouso de lá?

— Que campo de pouso?

— É subterrâneo, todo ele, pertinho da cidade, construído num labirinto gigantesco de cavernas naturais. É certamente uma das maravilhas do mundo. Tem capacidade atômica, Rog. A base inteira foi construída por mão-de-obra escrava dos japoneses e nazistas, em 45, 46 e 47. Cem mil homens, ao que consta. Fica tudo debaixo da terra, Rog, com espaço para dois mil e quinhentos aviões, tripulações e pessoal de apoio. É à prova de bombas... até atômicas... com oitenta pistas secundárias, que vão dar numa gigantesca pista que rodeia dezoito morros baixos. Um dos nossos levou nove horas para percorrê-la de carro. Isso foi em 46... Como será hoje em dia?

— Muito melhorada... se é que existe.

— Atualmente está em condições de entrar em operação. Alguns caras do serviço de informações, nosso e de vocês, até mesmo alguns dos melhores jornalistas, sabiam de sua existência já em 46. Portanto, por que o silêncio, agora? Aquela base, por si só, é uma ameaça maciça a todos nós, e ninguém dá uma porra dum berro. Até mesmo a China, que sem dúvida está sabendo sobre Iman.

— Não posso lhe dar uma resposta.

— Eu posso. Acho que essa informação está sendo abafada, deliberadamente, junto com um bocado de outras coisas. — O americano se levantou e se espreguiçou. — Meu Deus, o mundo inteiro está caindo aos pedaços, e eu estou com dor nas costas. Conhece um bom quiroprático?

— Já experimentou o dr. Thomas, na Pedder Street? Vou a ele a toda hora.

— Não o tolero. Faz a gente esperar na fila, não marca hora. Deus abençoe os quiropráticos! Estou tentando convencer meu filho a estudar isso, ao invés de formar-se em medicina.

O telefone tocou, e Crosse atendeu.

— Sim, Brian? — Rosemont ficou olhando para Crosse, enquanto este escutava. — Só um minutinho, Brian. Stanley, já acabamos?

— Claro. Só faltam umas coisinhas de rotina, sem segredo.

— Certo. Brian, entre com o Robert logo que subir. — Crosse desligou. — Não pudemos manter contato com Fong-fong. Serão DPM ou DPC em quarenta e oito horas.

— Não entendi.

— Desaparecidos Presumivelmente Mortos ou Desaparecidos Presumivelmente Capturados.

— Que azar. Desculpe trazer más notícias.

— Joss.

— Com Dry Run e Alan Medford Grant, que tal colocar Dunross sob custódia?

— Nem pensar.

— Você tem a Lei dos Segredos Oficiais.

— Nem pensar.

— Vou recomendar que seja feito. A propósito, o pessoal do FBI de Ed Langan conseguiu achar uma ligação de Banastasio com Bartlett. Ele é um grande acionista da Par-Con. Dizem que foi quem deu a grana que permitiu a última fusão que fez da Par-Con uma das grandes.

— Algo sobre os vistos de Moscou para Bartlett e Tcholak?

— Só o que pudemos saber é que entraram como turistas. Talvez fosse apenas disfarce.

— Algo sobre as armas?

Pela manhã Armstrong contara a Crosse a teoria de Peter Marlowe, e ele ordenara que Wu Quatro Dedos fosse colocado imediatamente sob vigilância, e oferecera uma grande recompensa por informações.

— O FBI tem certeza que foram colocadas a bordo em Los Angeles. Seria fácil, o hangar da Par-Con não tem segurança. Verificaram também os números de série que você nos deu. Todos

faziam parte de um carregamento que foi "extraviado", indo da fábrica para Camp Pendleton, o almoxarifado dos Fuzileiros Navais no sul da Califórnia. Quem sabe não acabamos por descobrir uma grande operação de contrabando de armas? Mais de setecentos M14 se extraviaram nos últimos seis meses. Por falar nisso... — Interrompeu-se ao ouvir uma batida discreta. Viu Crosse tocar no interruptor. A porta se abriu, e Brian Kwok e Armstrong entraram. Crosse fez sinal para que se sentassem. — Por falar nisso, lembra-se do caso da CARE?

— A suspeita de corrupção, aqui em Hong Kong?

— Esse mesmo. Talvez tenhamos uma pista para vocês.

— Ótimo. Robert, foi você que cuidou do caso, na época, não é?

— Sim, senhor. — Robert Armstrong soltou um suspiro.

Há três meses, um dos vice-cônsules do consulado americano pedira ao DIC para investigar a administração do fundo de caridade,

para ver se algum administrador mão-leve estava envolvido em manobras para obter lucro pessoal. As entrevistas e averiguações ainda continuavam. — O que é que você tem, Stanley?

Rosemont revistou os bolsos e puxou uma folha datilografada. Continha três nomes e um endereço: Thomas K. K. Lim (Lim Estrangeiro), Tak Chou-lan (Tak Mãos Grandes), Lo Tup-lin (Lo Dentuço), sala 720, Edifício Princes, centro.

— Thomas K. K. Lim é americano, cheio da nota e com boas ligações em Washington, no Vietnam e na América do Sul. Está metido em negócios com os outros dois palhaços no citado endereço. Deram-nos uma dica de que está envolvido em algumas transações escusas com a AID e que Tak Mãos Grandes está metido com a CARE. Não fica na nossa jurisdição, portanto, está entregue a vocês. — Rosemont deu de ombros e espreguiçou-se de novo. — Talvez dê em alguma coisa. O mundo inteiro está pegando fogo, e ainda temos que cuidar dos vigaristas! Uma loucura! Ficarei em contato com vocês. Lamento sobre Fong-fong e o seu pessoal.

Foi embora.

Crosse contou a Armstrong e Brian Kwok, em breves palavras, o que soubera sobre a Operação Dry Run. Brian Kwok

comentou, com azedume:

— Qualquer dia um desses ianques malucos vai cometer um erro. É uma estupidez botar armas atômicas numa situação tão delicada.

Crosse olhou para eles, que fecharam a guarda.

— Quero o toupeira. Quero esse agente antes que a CIA descubra quem é. Se eles o pegarem primeiro... — O homem de rosto magro estava nitidamente irado. — Brian, vá ver Dunross. Conte-lhe que a morte de Alan Medford Grant não foi acidental, e diga-lhe para não sair sem o nosso pessoal por perto. Sob qualquer circunstância. Diga-lhe que eu preferiria que ele nos desse os papéis antes, confidencialmente. Assim, nada terá a temer.

— Sim, senhor.

Brian Kwok sabia que Dunross faria exatamente o que quisesse, mas ficou de boca fechada.

— Nosso planejamento normal antimotim cobrirá qualquer desdobramento do problema iraniano e da Dry Run. Mas é melhor alertar o DIC e... — Interrompeu-se. Robert Armstrong olhava de testa franzida para o pedaço de papel que Rosemont lhe dera. — O que foi, Robert?

— Tsu-yan não tinha um escritório no Edifício Princes?

— Brian?

— Nós o seguimos até lá várias vezes, senhor. Visitava um conhecido, relação comercial... — Brian Kwok vasculhou a memória. — Navegação. O nome dele é Ng, Vee Cee Ng, apelidado Ng Fotógrafo. Sala 721. Fizemos uma verificação sobre ele, mas tinha a ficha limpa. Vee Cee Ng dirige a Companhia de Navegação Ásia e China e cerca de cinquenta outros pequenos negócios correlatos. Por quê?

— Neste endereço consta: sala 720. Tsu-yan pode ter ligação com John Chen, as armas, Banastasio, Bartlett... até os Lobisomens

— disse Armstrong.

Crosse pegou o pedaço de papel. Depois de uma pausa, disse:

— Robert, pegue uma equipe e vá verificar as salas 720 e 721, imediatamente.

— Não ficam na minha área, senhor.

— Tem toda a razão! — disse Crosse prontamente, a voz pesada de sarcasmo. — É, eu sei. Você é do DIC de Kowloon, Robert, não da zona central. Contudo, eu autorizo a incursão. Vá fazê-la. Agora.

— Sim, senhor.

Armstrong saiu, o rosto vermelho.

O silêncio tornou-se mais denso.

Brian Kwok esperou, fitando estoicamente o tampo da mesa. Crosse escolheu um cigarro com cuidado, acendeu-o, depois recostou-se na cadeira.

— Brian! Acho que Robert é o toupeira.

29

13h38m

Robert Armstrong e um sargento da polícia fardado saltaram do carro-patrolha e atravessaram a multidão, dirigindo-se para o vasto interior da Arcada Princes, com suas lojas de jóias e curiosidades, de aparelhos fotográficos e rádios abarrotadas dos últimos milagres eletrônicos, que ficava no andar térreo do prédio de escritórios antigo e alto na zona central. Foram abrindo caminho até os elevadores, juntando-se ao monte de gente que esperava. Depois, ele e o sargento conseguiram espremer-se para dentro de um elevador. O ar estava pesado, fétido e nervoso. Os passageiros chineses olhavam-nos de esquelha, contrafeitos.

No sétimo andar, Armstrong e o sargento saltaram. O corredor era estreito e sujo, com portas de escritórios indefiníveis de cada lado. Armstrong parou por um momento, olhando para o quadro de indicações. Ao lado do número 720 lia-se "Empreendimentos Ping-sing Wah", ao lado do 721, "Companhia de Navegação Ásia e China". Começou a percorrer pesadamente o corredor, com o sargento Yat ao seu lado.

Ao dobrarem o corredor, viram um chinês de meia-idade, usando camisa branca e calças escuras, saindo da sala 720. Ele os viu, empalideceu e voltou depressa para dentro. Quando Armstrong chegou à porta, esperava encontrá-la trancada, mas não estava, e ele a abriu bruscamente, a tempo de ver o homem de camisa branca desaparecer pela porta dos fundos, um outro homem quase a atropelá-lo, na ânsia de fugir também. A porta dos fundos bateu, fechando-se.

Armstrong soltou um suspiro. Havia duas secretárias amarrotadas no grupo de três salas apertadas, pobres e desarrumadas, e ambas o fitaram espantadas, uma delas segurando no ar os pauzinhos, acima de uma tigela com galinha e talharim. O talharim escorregou dos pauzinhos e caiu dentro da sopa.

— Boa tarde — cumprimentou Armstrong.

As duas mulheres olharam boquiabertas dele para o sargento, e de novo para ele.

— Onde estão o Sr. Lim, o Sr. Tak e o Sr. Lo, por favor?

Uma das moças deu de ombros, e a outra, sem se importar, recomeçou a comer. Ruidosamente. O grupo de salas era sujo e desmazelado. Havia dois telefones, papéis jogados por toda parte, xícaras de plástico, pratos e tigelas sujos e pauzinhos de comer usados. Um bule de chá e xícaras. Latas de lixo cheias.

Armstrong pegou o mandado de busca e mostrou-o às moças.

Elas ficaram olhando para ele. Irritado, Armstrong falou com aspereza:

— Falam inglês?

As duas deram um salto.

— Sim, senhor — disseram em coro.

— Ótimo. Dêem seus nomes ao sargento e respondam às perguntas dele. O... — Nesse momento, a porta dos fundos se abriu de novo, e os dois homens entraram na sala, escoltados por dois policiais fardados de fisionomia dura que tinham estado à espera, de tocaia. — Ah, ótimo. Muito bem. Obrigado, cabo. E então, aonde iam vocês dois?

Imediatamente os dois homens começaram a protestar inocência num cantonense gárrulo.

— Calem-se! — rosnou Armstrong. Eles pararam. — Dêem-me os seus nomes! — Eles ficaram olhando para ele. Em cantonense, falou: — Digam como se chamam, e é melhor que não mintam, senão vou ficar muito puto da vida.

— Ele é Tak Chou-lan — falou o que tinha os dentes muito saltados, apontando para o outro.

— E o seu nome, qual é?

— É... Lo Tup-sop, senhor. Mas não fiz na...

— Lo Tup-sop? Não Lo Tup-lin?

— Ah, não, senhor superintendente, esse é meu irmão.

— Onde está ele?

O dentuço deu de ombros.

— Não sei. Por favor, o que está...

— Aonde ia com tanta pressa, Lo Dentuço?

— Tinha me esquecido de um compromisso, senhor. De grande importância! É urgente, e perderei uma fortuna, senhor, se não for imediatamente. Por favor, posso ir agora, Honrado Sen...

— Não! Eis aqui o mandado de busca. Vamos revistar e levar embora quaisquer papéis que...

Imediatamente, os dois homens começaram a protestar energicamente. Novamente, Armstrong os interrompeu.

— Querem ser levados para a fronteira, neste minuto? — Os dois homens empalideceram e sacudiram a cabeça. — Ótimo. Agora, onde está Thomas K. K. Lim? — Nenhum dos dois respondeu, então Armstrong cutucou com o dedo o mais jovem deles. — Você, Sr. Lo Dentuço! Onde está Thomas K. K. Lim?

— Na América do Sul, senhor — disse Lo, nervosamente.

— Onde?

— Não sei, senhor, apenas dividimos o escritório. Aquela é a droga da mesa dele. — Lo Dentuço fez um gesto nervoso com a mão para o canto da sala, onde havia uma mesa em desordem, um arquivo e um telefone. — Não fiz nada errado, senhor. Lim Estrangeiro é um estranho da Montanha Dourada. O Primo em Quarto Grau Tak aluga-lhe o espaço, senhor. Lim Estrangeiro entra e sai quando lhe dá na telha, e não tenho nada a ver com isso. Ele é um criminoso terrível? Se há alguma coisa errada, não estou sabendo de nada!

— Então, o que sabe do roubo dos fundos do programa da CARE?

— O quê? — exclamaram os dois, fitando-o, boquiabertos.

— Informantes deram-nos provas de que todos vocês estão roubando dinheiro de caridade, que pertence a mulheres e crianças famintas!

Prontamente, ambos começaram a protestar inocência.

— Chega! O juiz decidirá! Vocês irão ao quartel-general, prestar depoimento. — Voltou a falar em inglês: — Sargento, leve-os para o quartel-general. Cabo, vamos come...

— Honrado Senhor — Lo Dentuço começou a falar num inglês hesitante e nervoso —, posso conversar, no escritório, faz favor?

Indicou a sala interna, igualmente desarrumada e atulhada.

— Está bem.

Armstrong acompanhou Lo, sobrepujando-o muito em altura. O homem fechou a porta nervosamente e começou a falar em cantonense, rapidamente e em voz baixa.

— Não sei nada sobre nada criminoso, senhor. Se tem alguma coisa errada, é com aqueles dois sacanas. Sou apenas um comerciante honesto que quer ganhar dinheiro e mandar os filhos para a universidade na América e...

— Sim, naturalmente. O que queria me dizer em particular antes de ir para o quartel-general da polícia?

O homem sorriu nervosamente. Foi até a mesa e começou a destrancar uma gaveta.

— Se há um culpado, não sou eu, senhor. Não sei nada sobre coisa alguma. — Abriu a gaveta. Estava cheia de notas usadas, vermelhas, de cem dólares, presas em grupos de mil. — Se me deixar ir, senhor...

Sorriu para ele, mexendo nas notas.

O pé de Armstrong se esticou com força e a gaveta se fechou, prendendo as pontas dos dedos de Lo, e fazendo-o soltar um uivo de dor. Abriu às pressas a gaveta com a mão sã.

— Oh, oh, oh, a porra da...

Armstrong encostou a cara junto da do chinês apavorado.

— Escute aqui, seu bosta de cachorro, é contra a lei tentar subornar um policial, e se você disser que seus dedos foram feridos pela brutalidade da polícia, eu, pessoalmente, farei picadinho do seu Saco Secreto!

Apoiou-se contra a mesa, o coração disparado, um gosto de fel na garganta, furioso com a tentação e a visão de todo aquele dinheiro. Como seria fácil pegá-lo, pagar suas dívidas e ainda ter dinheiro de sobra para jogar na Bolsa e nas corridas, e depois sair de Hong Kong, antes que fosse tarde demais.

Tão fácil! Muito mais fácil pegar do que resistir... dessa vez, ou de todas as outras mil vezes. Devia haver trinta ou quarenta mil apenas naquela gaveta. "E se há uma gaveta cheia, deve haver outras, e se eu der um aperto nesse filho da mãe, ele vai cuspir dez vezes essa quantia."

Brutalmente, estendeu o braço e agarrou a mão do homem, que gritou de novo. A ponta de um dedo estava esmagada. Armstrong imaginou que Lo iria perder duas unhas, e sentir um bocado de dor, porém nada além disso. Ficou com raiva de si mesmo por ter perdido a paciência, mas estava cansado, e sabia que não era apenas o cansaço.

— O que sabe sobre Tsu-yan?

— Quem? Eu? Nada. Tsu-yan de quê? Armstrong agarrou-o e sacudiu-o.

— Tsu-yan! O contrabandista de armas Tsu-yan!

— Nada, senhor!

— Mentiroso! O Tsu-yan que visita o Sr. Ng, seu vizinho de porta!

— Tsu-yan? Ah, ele? Contrabandista de armas? Não sabia disso! Sempre pensei que fosse um comerciante. É um outro nortista, como o Ng Fotógrafo...

— Quem?

— Ng Fotógrafo, senhor. Vee Cee Ng, nosso vizinho de porta. Ele e esse Tsu-yan nunca entram aqui ou falam com a gente... Ai, preciso de um médico... ai, minha mão...

— Onde está Tsu-yan, agora?

— Não sei, senhor... ai, a porra da minha mão, oh, oh, oh... juro por todos os deuses que não o conheço... oh, oh, oh...

Com irritação, Armstrong jogou-o numa cadeira e abriu bruscamente a porta. Os três policiais e as duas secretárias fitaram-no em silêncio.

— Sargento, leve este sacana para o QG, sob a acusação de tentar subornar um policial. Olhe para isso...

Fez sinal para que entrasse, e mostrou-lhe a gaveta. Os olhos do sargento Yat se arregalaram.

— Dew neh loh moh!

— Conte-o e faça com que os dois homens assinem o recibo pela quantia exata, e leve-o para o QG com eles, e entregue ali o dinheiro.

— Sim, senhor.

— Cabo, comece a revistar os arquivos. Vou à sala ao lado. Volto já.

— Sim, senhor.

Armstrong se retirou. Sabia que o dinheiro seria contado rapidamente, assim como o restante do dinheiro que havia nas salas (se aquela gaveta estava cheia, outras também estariam), depois o dinheiro a ser entregue seria negociado rapidamente entre as partes, o sargento Yat, Lo e Tak, e o restante dividido entre eles. Lo e Tak acreditariam que ele receberia uma fatia grande, e seus próprios homens o considerariam louco por não recebê-la. Não fazia mal. Não se importava. O dinheiro era roubado, o sargento Yat e seus homens eram bons policiais, e seu salário totalmente inadequado para as suas responsabilidades. Um pouco de h'eung yau não lhes faria mal, seria um presente dos céus.

Não seria?

Na China era preciso ser pragmático, disse consigo mesmo, sombriamente, enquanto batia na porta do 721 e entrava. Uma secretária atraente ergueu os olhos do seu almoço — uma tigela de arroz branco, fatias de carne de porco assada e brócolos verdes fumegando agradavelmente.

— Boa tarde. — Armstrong mostrou rapidamente o seu cartão de identificação. — Gostaria de ver o Sr. Vee Cee Ng, por favor.

— Lamento, senhor — disse a moça, o inglês bom, e os olhos inexpressivos. — Ele saiu, foi almoçar.

— Onde?

— No clube dele, acho. Hoje não volta antes das cinco.

— Que clube?

Ela lhe disse. Jamais ouvira falar nele, o que não queria dizer nada, já que havia centenas de clubes chineses particulares para almoço, jantar ou mah-jong.

— Como se chama?

— Virgínia Tong, senhor — acrescentou, pensando melhor.

— Importa-se se eu der uma olhada por aí? — Viu os olhos dela brilharem nervosamente. — Eis aqui o meu mandado de busca.

Ela o pegou e leu, e ele pensou: "Nota 10, mocinha".

— Não pode esperar até as cinco? — indagou.

— Vou dar só uma espiadinha, agora.

Ela deu de ombros, levantou-se, e abriu a porta da sala interna. Era pequena e vazia, excetuando duas mesas desarrumadas, telefones, arquivos, cartazes de navegação e itinerários dos navios. A sala tinha duas portas internas e mais uma porta dos fundos. Abriu uma delas, no lado da 720, mas era um banheiro úmido e fétido, com uma pia suja. A porta dos fundos estava trancada com ferrolhos. Ele correu os ferrolhos e saiu para o escuro patamar das escadas de serviço, que serviam como saída de incêndio improvisada e meio alternativo de saída. Voltou a trancar a porta, observado o tempo todo por Virgínia Tong. A última porta, do outro lado, estava trancada.

— Quer abri-la, por favor?

— O Sr. Vee Cee tem a única chave, senhor. Armstrong soltou um suspiro.

— Eu tenho um mandado de busca, srta. Tong, e o direito de arrombar a porta, se necessário.

Ela apenas o fitou. Então ele deu de ombros, afastou-se da porta e preparou-se para arrombá-la com um chute. De verdade.

— Só... só um momento, senhor — gaguejou ela. — Vou... vou ver se... se ele deixou a chave antes de sair.

— Ótimo. Obrigado.

Armstrong olhou enquanto ela abria uma gaveta da mesa, e fingia procurar, depois outra gaveta, e mais outra, e então, pressentindo a impaciência dele, encontrou a chave debaixo de uma caixinha de dinheiro.

— Ah, aqui está! — exclamou, como se um milagre tivesse acontecido. Ele notou que ela estava suando. Ótimo, pensou. Ela destrancou a porta e recuou. A porta dava diretamente para uma outra. Armstrong abriu-a, e soltou um assobio involuntário. A sala que ficava do outro lado era grande, luxuosa, com carpete espesso, sofás elegantes de couro acamurçado, mobília de pau-rosa e belos quadros. Foi entrando. Virgínia Tong ficou olhando, parada à porta. A bela mesa antiga de pau-rosa, tampo de couro, estava nua, limpa e lustrada. Sobre ela apenas um vaso de flores, e algumas fotos emolduradas, todas de um chinês sorridente segurando um cavalo de corrida com uma guirlanda ao pescoço, e uma do mesmo chinês

em traje a rigor, apertando a mão do governador, Dunross nas proximidades.

— Este é o Sr. Ng?

— Sim, senhor.

De um lado da sala, um toca-discos de alta qualidade e um armário alto, tipo bar. A sala tinha outra porta, que estava parcialmente aberta. Ele a empurrou, deparando com um dormitório elegante e muito feminino, com uma cama imensa e desfeita, teto de espelhos, e um banheiro adjacente todo decorado, com perfumes, loções após barba, ferragens modernas e brilhantes e muitos baldes de água.

— Interessante — comentou, e olhou para ela. Ela ficou calada, esperando.

Armstrong viu que usava meias de náilon e era muito jeitosa, com cabelos e unhas bem-tratados. Aposto que é um dragão, e dispendiosa. Deu-lhe as costas e olhou ao seu redor, pensativo.

Estava claro que aquele apartamento independente ocupava a suíte adjacente. "Bem", disse para si mesmo, com um toque de inveja, "se você é rico e quer um apartamento particular e secreto para uma tarde de prazer por trás do seu escritório, não há lei que o proíba. Nenhuma. E nenhuma lei que proíba ter uma secretária atraente. Filho da mãe sortudo. Eu mesmo não acharia ruim ter um lugar desses."

Distraidamente, abriu uma gaveta da mesa. Estava vazia. Todas as gavetas estavam vazias. A seguir, vasculhou as gavetas do dormitório, mas não encontrou nada de interessante. Um dos armários continha uma boa máquina fotográfica, algum equipamento de iluminação portátil e alguns materiais de limpeza, mas nada de suspeito.

Voltou à sala principal, satisfeito por não ter deixado passar nada. Ela ainda o fitava, e embora tentasse disfarçar, ele podia sentir o seu nervosismo.

"É compreensível", falou consigo mesmo. "Se eu fosse ela, meu patrão tivesse saído e um quai loh nojento viesse bisbilhotar, também ficaria nervosa. Não há mal em ter um lugar particular como esse. Muita gente rica tem, em Hong Kong." Teve a atenção despertada pelo armário de pau-rosa, tipo bar. A chave na fechadura o atraía. Abriu a porta. Nada fora do comum. E então, seus olhos vivos e bem-treinados notaram a largura incomum das portas. Uma inspeção de momento, e abriu as portas falsas. Caiu-lhe o queixo.

As paredes laterais do armário estavam cobertas com dúzias de fotos de Portões de Jade em toda a sua glória. Cada foto estava emoldurada com capricho, e etiquetada com um nome e uma data datilografados. Involuntariamente, deixou escapar uma risada de embaraço, depois olhou ao seu redor. Virgínia Tong havia sumido. Rapidamente, correu os olhos pelos nomes. O dela era o antepenúltimo.

Outro paroxismo de riso foi contido a custo. O policial sacudiu a cabeça, desanimado. "O que certos sacanas fazem para se divertir... e certas moças por dinheiro! Pensei que já tinha visto de tudo, mas isto... Ng Fotógrafo, hem? Então, é daí que vem o apelido dele."

Tendo superado o choque inicial, examinou as fotos. Cada uma fora tirada com a mesma lente, da mesma distância.

"Santo Deus", pensou depois de um minuto, estupefato, "tem mesmo um bocado de diferença entre... Quero dizer, se a gente puder esquecer o que está vendo, e apenas olhar, bem, tem uma diferença fantástica no formato e tamanho do todo, na posição e protuberância da Pérola no Degrau, na qualidade e quantidade de pêlos púbicos... ayeeyah, tem uma aqui pat jam gai." Olhou para o

nome: "Mona Leung... ora, onde ouvi esse nome antes? É curioso... geralmente os chineses consideram a falta de pêlos uma coisa azarada. Ora, por que... ah, meu Deus!" Espiou bem para a próxima etiqueta, para certificar-se. Não havia erro algum. Vênus Poon. "Ayeeyah", pensou, encantado, "então esta é a dela, é assim que ela é realmente, a queridinha da TV que diariamente projeta tão bem uma inocência assaz doce e virginal!"

Concentrou-se nela, os sentidos bestificados. "Suponho que, se compararmos a dela com, digamos, digamos, a de Virginia Tong, bem, ela não deixa de ter uma certa delicadeza. É, mas se quiserem a minha opinião abalizada, eu preferiria ter conservado o mistério e não ter visto nada disso. Nenhuma delas."

Indolentemente, seus olhos iam de nome em nome.

— Puta que o pariu! — exclamou, reconhecendo um deles: Elizabeth Mithy. Fora secretária da Struan, uma dos bandos de garotas das cidades pequenas da Austrália e Nova Zelândia, moças que apareciam em Hong Kong, sem destino certo, para passar algumas semanas, e ficavam durante meses, talvez anos, em empregos sem importância, até que se casavam, ou sumiam para sempre. "Ora, vejam só! Liz Mithy!"

Armstrong estava tentando ser desapaixonado, mas não pôde deixar de comparar as caucasianas com as chinesas, e não achou diferença alguma. "Graças a Deus por isso", disse com seus botões, e deu uma risadinha abafada. Mesmo assim, ficou contente pelas fotos serem em preto e branco, e não em cores.

— Bem — falou em voz alta, ainda muito encabulado —, não há lei contra tirar fotografias, ao que eu saiba, e pregá-las no próprio armário. As mocinhas devem ter cooperado... — Soltou um resmungo, divertido e enojado a um só tempo. — Macacos me mordam se vou chegar a entender os chineses! Liz Mithy, hem? — murmurou. Conhecera-a ligeiramente quando estivera na colônia, sabia que era bem "avançada". "Mas o que deu nela para posar para Ng? Se o pai dela soubesse, teria um derrame. Graças a Deus que não temos filhos, Mary e eu.

"Seja honesto, você morre de vontade de ter filhos e filhas, mas não pode tê-los, pelo menos Mary não pode, ao que dizem os médicos... portanto você não pode."

Com um esforço, Armstrong abafou de novo a eterna imprecisão, trancou outra vez o armário e saiu, fechando as portas atrás de si.

Na ante-sala, Virgínia Tong passava esmalte nas unhas, evidentemente furiosa.

— Pode ligar para o Sr. Ng, por favor?

— Não, antes das quatro não — falou, de cara fechada, sem olhar para ele.

— Então, por favor, ligue para o Sr. Tsu-yan — pediu Armstrong, dando um tiro no escuro.

Sem procurar o número, ela discou, esperou impaciente, tagarelou guturalmente por um momento em cantonense, depois bateu o telefone.

— Não está. Saiu da cidade, e ninguém no seu escritório sabe onde se encontra.

— Quando o viu pela última vez?

— Há uns três ou quatro dias. — Com irritação, abriu a agenda e verificou. — Foi na sexta-feira.

— Posso dar uma olhada, por favor?

Ela hesitou, deu de ombros e passou-a para ele. Depois voltou a passar esmalte nas unhas.

Rapidamente, ele correu os olhos pelas semanas e meses. Muitos nomes conhecidos: Richard Kwang, Jason Plumm, Dunross — Dunross várias vezes —, Thomas K. K. Lim (o misterioso americano-chinês da sala vizinha), Johnjohn do Victoria Bank, Donald McBride, Mata diversas vezes. "Ora, quem é esse Mata?", perguntou-se, pois nunca ouvira o nome antes. Já ia entregar a agenda à moça, quando resolveu folhear as páginas vindouras. "Sábado, dez da manhã — V. Banastasio." Seu coração se apertou. O sábado seguinte.

Não disse nada, recolocou a agenda sobre a mesa e encostou-se num dos arquivos, imerso em pensamentos. Ela não

prestava atenção nele. A porta se abriu.

— Com licença, telefone para o senhor! — disse o sargento Yat. Estava com uma cara muito mais feliz, e Armstrong imaginou que as negociações deviam ter sido rendosas. Gostaria de poder saber quanto, exatamente, mas isso envolveria o seu prestígio, e ele teria que tomar uma atitude, fosse qual fosse.

— Está bem, sargento, fique aqui até que eu volte — disse, querendo certificar-se de que não seria dado nenhum telefonema secreto. Virgínia Tong não ergueu os olhos enquanto ele se retirava.

No outro escritório, Lo Dentuço ainda gemia, segurando a mão machucada, e o outro sujeito, Tak Mãos Grandes, fingia estar despreocupado, examinando alguns papéis, recriminando em altas vozes a secretária pela sua ineficiência. Quando ele entrou, os dois homens começaram a protestar em altos brados a sua inocência, e Lo gemeu com mais vigor.

— Quietos! Quem mandou prender os dedos na gaveta?

— Armstrong perguntou, e acrescentou, sem esperar resposta:

— Gente que tenta subornar policiais honestos merece ser deportada imediatamente. — No silêncio estarecido, atendeu ao telefone. — Armstrong.

— Alô, Robert, aqui fala Don, Don Smyth de Aberdeen Leste...

— Oh, alô! — Armstrong ficou surpreso, pois não esperava ouvir o Cobra, mas manteve a voz educada, embora o detestasse, assim como ao que se suspeitava que ele fizesse na sua jurisdição. Uma coisa era os guardas e os escalões inferiores da polícia chinesa suplementarem seus ganhos com a jogatina ilícita. Outra era. um oficial de polícia britânico fazer tráfico de influência, e extorquir como um mandarim do tempo antigo. Mas embora quase todos achassem que Smyth recebia grana por fora, não havia provas, ele nunca fora apanhado, ou sequer investigado. Dizia-se que era protegido por certos vips que estavam envolvidíssimos com ele, assim como com a sua própria corrupção. — O que há? — indagou.

— Tive um pouquinho de sorte. Acho. Está encarregado do seqüestro de John Chen, não é?

— Estou. — O interesse de Armstrong aumentou vertiginosamente. A corrupção de Smyth não tinha nada a ver com a qualidade do seu trabalho policial; Aberdeen Leste tinha o índice de crimes mais baixo da colônia. — O que descobriu?

Smyth contou-lhe sobre a velha amah e o que acontecera com o sargento Mok e Wu Óculos, depois acrescentou:

— Ele é um rapaz muito vivo, Robert. Eu o recomendaria para o sei, se você quiser endossar a recomendação. Wu seguiu a velhota até o seu covil imundo, depois ligou para nós. Ele obedece ordens, também, o que é coisa rara, atualmente. Tive um palpite e mandei que esperasse e, caso ela saísse, fosse atrás dela. O que acha?

— Uma pista de vinte e quatro quilates!

— O que você prefere? Esperamos, ou vamos prendê-la para interrogatório?

— Esperamos. Aposto que o tal Lobisomem nunca vai voltar, mas vale a pena esperar até amanhã. Mantenha o local sob vigilância, e avise-me de qualquer coisa.

— Está bem, ótimo!

Armstrong ouviu Smyth casquinar no telefone, e não pôde imaginar por que estaria tão feliz. Então, lembrou-se da imensa recompensa que os Grandes Dragões haviam oferecido.

— Como está o seu braço?

— É o meu ombro. O danado está deslocado, e perdi a porra do meu chapéu predileto. Tirando isso, tudo bem. O sargento Mok está examinando todos os retratos do fichário de criminosos, e um dos meus rapazes está fazendo um retrato falado dele... acho que eu mesmo vi o sacana. O rosto dele é todo marcado de varíola. Se for fichado, botaremos as mãos nele até o anoitecer.

— Excelente. Como vão as coisas por aí?

— Tudo sob controle, mas está ruim. O Ho-Pak ainda está pagando, mas devagar demais... todo mundo sabe que estão ganhando tempo. Ouvi dizer que é a mesma coisa por toda a colônia. Estão acabados, Robert. A fila vai continuar até que todo centavo tenha sido sacado. Há outra corrida aqui no Vic, e as multidões não diminuem...

Armstrong soltou uma exclamação abafada:

— No Vic?

— É, estão entregando dinheiro aos montes, e não está entrando nada. Os tríades estão enxameando... os lucros devem estar sendo imensos. Prendemos oito batedores de carteira e acabamos com vinte e tantas brigas. Diria que a coisa está preta.

— Mas sem dúvida o Vic está bem, não?

— Não em Aberdeen, meu rapaz. Quanto a mim, tudo bem. Fechei todas as minhas contas. Saquei cada tostão. Estou numa boa. Se fosse você, faria o mesmo.

Armstrong sentiu-se nauseado. Todas as suas economias estavam no Victoria.

— O Vic tem que estar bem. Todos os fundos do governo estão depositados lá.

— É isso aí. Mas nada nos estatutos deles diz que seu dinheiro também está protegido. Bem, tenho que voltar ao trabalho.

— É. Obrigado pela informação. Lamento quanto ao seu ombro.

— Pensei que iam esmagar a minha maldita cabeça. Os sacanas começaram com a velha história: "matem os quai loh".

Pensei que tinha chegado a minha hora.

Armstrong não conseguiu conter um arrepio. Desde os levantes de 56, ele tinha freqüentes pesadelos de que estava de novo no meio daquela turba enlouquecida e ululante. Fora em Kowloon. A turba tinha acabado de virar o carro em que estavam o cônsul da Suíça e a mulher e ateara fogo nele. Ele e outros policiais haviam aberto caminho à força entre a turba para salvá-los. Quando chegaram ao carro, o homem já estava morto, e a jovem mulher, em chamas. Quando conseguiram arrastá-la para fora, o fogo devorara cada peça de roupa dela, e a sua pele soltara-se inteiramente do corpo. E ao redor deles, homens, mulheres e jovens esbravejavam "Matem os quai loh..."

Ele estremeceu de novo, as narinas ainda sentindo o cheiro da carne queimada.

— Deus, que filhos da mãe!

— É, mas tudo faz parte de um dia de trabalho. Se aquele maldito Lobisomem voltar a Aberdeen, estará numa rede mais apertada do que o eu de um borrachudo.

30

14h20m

Phillip Chen parou de manusear sua correspondência, o rosto subitamente sem cor. No envelope estava escrito: "Sr. Phillip Chen, pessoal".

— O que foi? — perguntou a mulher.

— É da parte deles. — Com mãos trêmulas, mostrou-lho. — Dos Lobisomens.

— Oh! — Estavam à mesa do almoço, posta descuidadamente num canto da sala de estar da casa que ficava bem na crista do Mirante de Struan. Nervosamente, ela pousou a xícara de café. — Abra-a, Phillip. Mas... mas é melhor usar o lenço, para... o caso de haver impressões digitais — acrescentou, inquieta.

— É, mas é claro, Dianne, que burrice a minha! — Phillip Chen parecia muito velho. Seu casaco estava nas costas da cadeira, e a camisa, úmida. Da janela aberta às suas costas vinha uma leve brisa, mas era quente e úmida, e uma névoa vespertina pairava sobre a ilha. Cuidadosamente, ele usou um cortador de papel de marfim e desdobrou o papel. — É, é dos... Lobisomens. É... sobre o resgate.

— Leia em voz alta.

— Está bem: "Para Phillip Chen, representante nativo da Casa Nobre, saudações. Venho lhe informar agora como deve ser pago o dinheiro do resgate. Quinhentos mil para você significa tanto quanto o grito de um porco no matadouro, mas para nós, pobres agricultores, seria uma herança para os nossos..."

— Mentirosos! — sibilou Dianne, o belo colar de ouro e jade brilhando à luz de um raio de sol discreto. — Como se os agricultores fossem capazes de seqüestrar John, e mutilá-lo daquele jeito. Tríades estrangeiros sujos, nojentos! Continue, Phillip.

— "... seria uma herança para nossos netos esfaimados.

Que você já tenha consultado a polícia, para nós é a mesma coisa que mijar no oceano. Mas agora não consultará. Não. Agora manterá segredo, ou a segurança de seu filho estará ameaçada. Ele não voltará, e tudo será culpa sua. Cuidado, temos olhos em toda parte. Se tentar nos trair, o pior acontecerá, e será tudo culpa sua. Hoje à noite, às seis horas, vou lhe telefonar. Não conte a ninguém, nem à sua mulher. Nesse mei..."

— Tríades sujos! Filhos da puta sujos, tentando criar problemas entre marido e mulher — disse Dianne, com raiva.

— "... nesse meio tempo prepare o dinheiro do resgate em notas usadas de cem dólares..." — Com irritação, Phillip Chen olhou para o relógio. — Não tenho muito tempo para chegar ao banco. Terei...

— Acabe a carta!

— Está certo, seja paciente, minha querida — falou, apaziguadoramente, o coração sobrecarregado falhando uma batida, ao reconhecer a irritação na voz dela. — Onde estava? Ah, sim... "dólares. Se obedecer fielmente às minhas instruções, poderá ter seu filho de volta ainda hoje..." Ah, Deus, espero que sim — falou, interrompendo-se momentaneamente, depois continuou: — "Não consulte a polícia ou tente nos preparar uma armadilha. Nossos olhos o estão vigiando agora mesmo. Assinado: Lobisomem". — Tirou os óculos. Os olhos estavam vermelhos e cansados. A testa estava molhada de suor. — "Vigiando-o, agora mesmo"? Será que um dos criados... ou o motorista está a serviço deles?

— Não, claro que não. Há anos que estão conosco.

Ele enxugou o suor, sentindo-se muito mal, querendo John de volta, querendo que estivesse a salvo, querendo estrangulá-lo.

— Isso não quer dizer nada. Acho... melhor chamar a polícia.

— Deixe para lá! Deixe para lá até sabermos o que você tem a fazer. Vá ao banco. Pegue apenas duzentos mil... deve conseguir que eles aceitem essa quantia. Se pegar mais, pode sentir-se tentado a entregar-lhes tudo, se esta noite... se eles realmente estão falando a sério.

— É... muito sensato. Se conseguirmos que aceitem isso... — Hesitou. — E quanto ao tai-pan? Acha que devo contar ao tai-pan, Dianne? Ele, ele poderia ajudar.

— Hum! — exclamou ela, desdenhosamente. — Que ajuda pode nos dar? Estamos lidando com tríades ossos-de-cachorro, não demônios estrangeiros ladrões. Se precisarmos de ajuda, teremos que contar com a nossa gente. — Os olhos dela fitaram-no intensamente. — E agora é melhor que me conte qual é o problema, realmente. Por que ficou tão zangado, anteontem à noite, e por que tem estado como um gato irritado com um espinho no rabo, desde então, sem cuidar dos negócios?

— Tenho cuidado dos negócios — disse, na defensiva.

— Quantas ações comprou? Hem? Ações da Struan? Tirou vantagem do que o tai-pan nos contou sobre a alta vindoura? Lembra-se do que o Velho Cego Tung predisse?

— Claro, claro que lembro — gaguejou. — Eu, eu dobrei secretamente os nossos valores, e dei ordens secretas a vários corretores para dobrarem mais metade.

A mente de ábaco de Dianne Chen iluminou-se ao pensar no vasto lucro, e em todo o lucro particular que ela ganharia com todas as ações que comprara em seu próprio nome, dando como garantia toda a sua carteira de ações. Mas manteve a fisionomia fria e a voz gelada.

— E quanto pagou?

— Em média 28,90.

— Hum! Segundo os jornais de hoje, a Casa Nobre abriu a 28,80 — falou com um fungado de reprovação, furiosa porque ele pagara cinco cents menos por ação do que ela. — Devia ter estado

na Bolsa hoje de manhã, ao invés de ficar aqui em casa pelos cantos, passando o tempo dormindo.

— Não estava me sentindo muito bem, querida.

— Tudo está ligado a anteontem à noite. O que o fez ficar furioso daquela maneira? Heya?

— Não foi nada. — Levantou-se, na esperança de fugir.

— Nada...

— Sente-se! Nada para que você tenha gritado comigo, sua fiel mulher, na frente dos criados? Nada para que eu fosse mandada para dentro da minha sala de jantar, como uma prostituta comum? Heya? — A voz dela começou a aumentar de volume, e ela continuou, sabendo instintivamente que aquela era a hora certa, agora que estavam sozinhos na casa, sabendo que ele estava indefeso e que ela podia tirar vantagem disso.

— Acha que não é nada o fato de me tratar mal, a mim, que lhe dei os melhores anos da minha vida, trabalhando, mourejando e cuidando de você por vinte e três anos? Eu, Dianne Mai-wei T'Chung, em cujas veias corre o sangue dó grande Dirk Struan, que o conheceu virgem, com propriedade em Wanchai, North Point e até em Lan Tao, com títulos e ações e a melhor educação na Inglaterra? Eu, que nunca reclamo dos seus roncos, das suas prevaricações, ou do moleque que teve com aquela dançarina de cabaré que mandou estudar nos Estados Unidos!

— Hem?

— É, sei tudo sobre você e ela e todas as outras, e todas as outras coisas feias que você faz, e que nunca me amou, mas só queria os meus bens e um enfeite perfeito para a sua vida insípida...

Phillip Chen estava tentando fechar os ouvidos, mas não conseguia. Seu coração batia com força. Detestava brigas, e detestava a voz aguda dela, que conseguia o tom exato para fazê-lo rilhar os dentes, que fazia com que seu cérebro oscilasse e seus intestinos ficassem revoltos. Tentou interrompê-la, mas ela não deixou, atormentando-o, acusando-o de todo tipo de prevaricações,

erros e assuntos particulares. Saber o quanto ela sabia o deixou chocado.

—... e quanto ao seu clube?

— Hem, que clube?

— O clube chinês particular para almoço de quarenta e três membros, chamado 74, num quarteirão perto da Pedder Street, com um cozinheiro gourmet de Xangai, recepcionistas adolescentes, dormitórios, saunas e dispositivos que os velhotes sujos precisam para levantar os seus Talos Murchos? Hem?

— Não é nada disso — gaguejou Phillip Chen, aterrorizado ao ver que ela sabia. — É um lug...

— Não minta para mim! Você pagou oitenta e sete mil bons dólares americanos de sinal, com Shitee TChung e aqueles seus dois amigos sebosos, e continua pagando quatro mil HK de mensalidade. A troco do quê? É melhor... Aonde pensa que vai?

Humildemente, ele se sentou de novo.

— Ia... estou com vontade de ir ao banheiro.

— Hum! Sempre que temos uma discussão, quer ir ao banheiro! O que você tem é vergonha do modo como me trata, e sentimento de culpa... — Então, vendo que ele estava prestes a estourar com ela, mudou de tática rapidamente, a voz meiga e baixa. — Pobre Phillip! Pobrezinho! Por que estava tão zangado? Quem o magoou?

Então ele lhe contou, e logo que começou a contar, sentiu-se melhor. Sua angústia, medo e fúria começaram a se dissolver. As mulheres eram espertas e astutas nessas coisas, disse com seus botões, confiante, continuando a narrativa. Contou-lhe como abrira a caixa de depósito bancário de John, falou-lhe das cartas para Linc Bartlett, da duplicata da chave do próprio cofre do quarto deles.

— Trouxe todas as cartas de volta — falou, quase à beira das lágrimas. — Estão lá em cima, pode lê-las você mesma. Meu próprio

filho! Ele nos traiu!

— Meu Deus, Phillip — exclamou ela —, se o tai-pan descobrir que você e o Pai Chen-chen estavam guardando... se soubesse, nos arruinaria!

— É, eu sei! Foi por isso que fiquei tão nervoso! Pelas regras do legado de Dirk, ele tem o direito e os meios. Ficaríamos arruinados. Mas, mas não é só isso. John sabia onde ficava o nosso cofre secreto no jardim e...

— O quê?

— É, e o desenterrou. Contou a ela sobre a moeda.

— Ayeeyah! — Ela o fitou em choque absoluto, metade da sua mente cheia de terror, a outra de êxtase, pois agora, quer John voltasse, quer não, ele estava destruído. John jamais herdaria, agora! Seu Kevin era o Filho Número Um, agora, e futuro representante nativo da Casa Nobre! Então, seus temores abafaram

o entusiasmo, e ela murmurou, aterrorizada: — Se ainda existir a Casa dos Chens.

— Como? O que foi que disse?

— Nada, deixe para lá. Espere um momento, Phillip, deixe-me pensar. Ah, o rapaz perverso! Como pôde John fazer isso com a gente, nós que o adoramos toda a sua vida! É... é melhor você ir ao banco. Saque trezentos mil para o caso de ter que barganhar mais um pouco. Precisamos trazer o John de volta, custe o que custar. Será que guardava a moeda com ele, ou estaria na outra caixa de depósito bancário?

— Estaria na caixa... ou escondida no seu apartamento no Sinclair Towers.

A fisionomia dela se fechou.

— Como podemos revistar aquele lugar com ela morando ali? Aquela mulher dele? Aquela vagabunda da Barbara! Se ela suspeitar que estamos atrás de alguma coisa... — Sua mente agarrou um fio

solto. — Phillip, seja quem for que apresente a moeda, receberá o que quiser?

— É.

— Eeeee! Que poder!

— É.

Agora, sua mente funcionava com clareza.

— Phillip — disse, novamente controlada, todo o resto esquecido —, precisamos de toda a ajuda que conseguirmos obter. Telefone para o seu primo Quatro Dedos... — Ele olhou para ela, espantado, depois começou a sorrir. — Peça a ele para mandar alguns dos seus lutadores de rua seguirem você secretamente para protegê-lo quando for pagar o resgate, depois para seguirem o Lobisomem até o covil dele, e salvarem John, custe o que custar. Haja o que houver, não mencione a moeda... só que você quer ajuda para salvar o pobre John. Só isso. Temos que trazer o pobre John de volta, custe o que custar.

— É — replicou ele, muito mais feliz, agora. — Quatro Dedos é a escolha perfeita. Deve-nos um ou dois favores. Sei onde posso encontrá-lo, hoje à tarde.

— Ótimo. Pode ir indo para o banco, mas dê-me a chave do cofre. Vou cancelar a minha hora no cabeleireiro e ler os papéis de John, agora mesmo.

— Muito bem. — Levantou-se, imediatamente. — A chave está lá em cima — mentiu, e saiu às pressas, não querendo que ela fosse bisbilhotar o cofre.

Havia lá várias coisas que não queria que ela visse. "É melhor que eu as esconda noutra lugar, por via das dúvidas", pensou, inquieto. Sua euforia desapareceu, e a ansiedade sufocante retornou. "Oh, meu pobre filho", falou consigo mesmo, quase em lágrimas. "O que deu em você? Fui um bom pai para você, e será sempre meu herdeiro, e amei-o como amei sua mãe. Pobre Jennifer, pobrezinha, morrendo de parto do meu primeiro filho. Oh, todos os deuses: permitam que o meu pobre filho volte para mim em segurança, não importa o que tenha feito, deixem que nos livremos de toda esta loucura, e dotarei um templo novo para todos vocês, igualmente!"

O cofre ficava por trás da armação da cama de metal. Ele a afastou da parede, abriu o cofre e tirou de lá todos os papéis de John, depois as suas escrituras, cartas e notas promissórias particulares, que enfiou no bolso do casaco, e desceu de novo as escadas.

— Tome as cartas de John — falou. — Quis lhe poupar o trabalho de arrastar a cama.

Ela notou o volume no bolso do casaco dele, mas ficou calada.

— Estarei de volta às cinco e meia em ponto.

— Tudo bem. Guie com cuidado — falou, distraidamente, todo o seu ser concentrado num único problema... como obter a moeda para Kevin e para si mesma. Secretamente.

O telefone tocou. Phillip Chen parou à porta de entrada, enquanto ela atendia.

— Weyyyy? — Seus olhos ficaram vidrados. — Oh, alô, tai-pan, como está?

Phillip Chen empalideceu.

— Muito bem, obrigado — respondeu Dunross. — Phillip está?

— Está, sim, um minutinho. — Podia ouvir muitas vozes ao fundo, além da de Dunross, e pensou ter notado na voz dele uma urgência velada que aumentou o seu pavor. — Phillip, é para você — disse, tentando disfarçar o nervosismo. — O tai-pan!

Estendeu-lhe o fone, fazendo um sinal silencioso para que ele o mantivesse um pouco afastado do ouvido, para ela poder escutar também.

— Sim, tai-pan?

— Alô, Phillip. Quais são seus planos para hoje à tarde?

— Nada de especial. Estava saindo para ir ao banco, por quê?

— Antes de ir, passe pela Bolsa. O mercado enlouqueceu. A corrida ao Ho-Pak agora está espalhada por toda a colônia, e as ações estão balançando, embora Richard as esteja apoiando com tudo o que tem ao seu alcance. A qualquer momento, vão cair. A corrida está se espalhando para muitos outros bancos, ao que consta... o Ching Prosperity, até mesmo o Vic... — Phillip Chen e a mulher se entreolharam, perturbados. — Parece que o Vic está com problemas em Aberdeen e na central. Tudo baixou, todas as nossas blue chips: O Victoria and Albert, Investimentos Kowloon, Companhia de Força de Hong Kong, Rothwell-Gornt, Propriedades Asiáticas, Títulos Mobiliários Zong, Tecelagem Solomon, nós... todo mundo.

— Quantos pontos baixamos?

— Desde hoje de manhã? Três pontos.

Phillip Chen soltou uma exclamação abafada e quase deixou cair o aparelho.

— Como?

— É — disse Dunross, amavelmente. — Alguém começou uns boatos a nosso respeito. O mercado todo já está sabendo que estamos encencados, que não podemos pagar a Toda na semana que vem... nem a prestação do Orlin. Acho que estão vendendo nossas ações a descoberto.

31

14h45m

Gornt estava sentado ao lado do seu corretor, Joseph Stern, na Bolsa de Valores, observando radiante o grande quadro. Estava quente e muito úmido no salão lotado e ruidoso, telefones tocando, corretores suando, funcionários e operadores chineses. Normalmente a Bolsa era um local calmo. Mas não nesse dia. Todos estavam tensos e concentrados. E inquietos. Muitos haviam tirado o paletó.

As ações do próprio Gornt haviam baixado um ponto, mas aquilo não o incomodava nem um pouco. As da Struan haviam baixado 3,50, e o Ho-Pak estava balançando. "O tempo está se

esgotando para a Struan", pensou, "tudo está preparado, tudo começou." O dinheiro de Bartlett fora depositado no seu banco suíço no prazo de uma hora, sem restrições... apenas dois milhões transferidos de uma conta desconhecida para a dele. Sete telefonemas tinham dado início aos rumores. Outro telefonema para o Japão confirmara a exatidão das datas de pagamento da Struan. "É", pensou, "o ataque começou."

Sua atenção prendeu-se à posição do Ho-Pak no quadro, enquanto um corretor anotava mais ofertas de venda. Não houve compradores imediatos.

Como começara a vender secretamente ações do Ho-Pak a descoberto na segunda-feira, pouco antes de a Bolsa fechar, às três horas — muito antes de a corrida ter começado para valer —, estava milhões à frente. Na segunda-feira as ações haviam sido vendidas a 28,60, e agora, mesmo com o apoio que Richard Kwang estava dando, tinham baixado para 24,30... a cotação mais baixa de toda a sua história, desde que o banco fora fundado, há onze anos.

"4,30 vezes quinhentas mil dá dois milhões cento e cinquenta mil", pensava Gornt, satisfeito. "Tudo em moeda corrente legítima de Hong Kong, se eu quisesse recomprar agora, o que não é nada mau para quarenta e oito horas de trabalho. Mas ainda não vou recomprar, claro que não. Ainda não. Agora tenho certeza de que as ações vão desabar, se não hoje, amanhã, quinta-feira. Se não na quinta, na sexta... o mais tardar na segunda, pois não há banco no

mundo que possa agüentar uma corrida dessas. Então, quando houver a queda, recomprarei a poucos cents por dólar e ganharei vinte vezes meio milhão."

— Venda duzentas mil — disse, começando a vender a descoberto abertamente, agora... as outras ações escondidas cuidadosamente, espalhadas pelos seus representantes secretos.

— Santo Deus, Sr. Gornt — exclamou o seu corretor. — O Ho-Pak terá que levantar quase cinco milhões para cobrir isso. Vai sacudir todo o mercado.

— É — concordou, jovialmente.

— Vamos ter uma trabalhadeira para tomar emprestadas as ações.

— Pois faça-o.

Relutante, o corretor começou a se retirar, mas um dos telefones tocou.

— Sim? Oh, alô, Chang Diurno — falou, num cantonense passável. — O que deseja?

— Que possa salvar todo o meu dinheiro, Honorável Intermediário. A quanto está vendendo a Casa Nobre?

— 25,30.

Ouviu-se um guincho de pesar.

— Ai, ai, ai, tem só pouco mais de meia hora de movimento na Bolsa. Maldição! Ai, ai, ai! Por favor, venda! Por favor, venda imediatamente todas as companhias da Casa Nobre. Casa Nobre, Propriedades Boa Sorte e Balsa Dourada, também... a quanto está vendendo a Segunda Grande Companhia?

— 23,30.

— Ayeeyah, um ponto a menos do que hoje de manhã? Todos os deuses testemunhem o grande azar! Venda. Por favor, venda tudo imediatamente!

— Mas, Chang Diurno, o mercado está muito firme e...

— Imediatamente! Não ouviu os rumores? A Casa Nobre vai falir! Eeee, venda, não perca um minuto! Espere um momento, minha sócia Fung-tat também quer lhe falar.

— Sim, Terceira Arrumadeira Fung?

— O mesmo que disse Chang Diurno, Honorável Intermediário! Venda! Antes que eu esteja perdida! Venda e liguemos dando os preços, oh, oh, oh! Depressa, por favor.

Ele desligou. Fora o quinto telefonema que recebera de velhos clientes em pânico, e não estava gostando nada daquilo. "É uma burrice entrar em pânico", pensou, verificando o seu livro de ações. Juntos, Chang Diurno e a Terceira Arrumadeira Fung haviam investido mais de quarenta mil HK em diversas ações. Se ele vendesse agora, ainda levariam vantagem, exceto pelas perdas da Struan hoje, que tirariam a maior parte dos seus lucros.

Joseph Stern era o chefe da firma Stern and Jones, que estava em Hong Kong há cinquenta anos. Fora somente depois da guerra que tinham se tornado corretores. Antes disso, tinham sido agiotas, fornecedores de navios e proprietários de uma casa de câmbio. Stern era um homem pequeno e de cabelos escuros, bastante calvo, na casa dos sessenta anos, e muita gente achava que tinha sangue chinês nas veias, de algumas gerações passadas.

Caminhou para junto do quadro e parou diante da coluna que indicava as cotações da Balsa Dourada. Escreveu o número de ações combinadas de Chang e Fung na coluna de venda. Era uma oferta pequena.

— Compro a trinta cents abaixo da cotação — disse um corretor.

— Não há corrida alguma à Balsa Dourada — replicou, vivamente.

— Não, mas é uma companhia da Struan. Sim ou não?

— Sabe muito bem que os lucros da Balsa Dourada subiram este trimestre.

— Não diga! Porra, mas como está quente! Não acha que podíamos instalar condicionadores de ar aqui na Bolsa? Como é, meu velho, sim ou não?

Joseph Stern pensou por um momento. Não queria pôr lenha na fogueira e aumentar o nervosismo. Na véspera a Balsa Dourada subira um dólar porque todo o ramo sabia que a assembléia anual deles era na semana vindoura. Fora um bom ano, e comentava-se que haveria distribuição de ações aos acionistas. Mas ele conhecia a primeira regra de todas as Bolsas: um dia não tinha nada a ver com o seguinte. O cliente dissera: "Venda".

— Vinte cents abaixo? — perguntou.

— Trinta. Minha oferta derradeira. O que lhe importa, ainda recebe o seu dinheiro. Como é, trinta?

— Está bem.

Stern foi correndo as companhias no quadro, vendendo a maioria das ações delas sem problema, embora a cada vez tivesse que ceder no preço. Com dificuldade, tomou emprestadas ações do Ho-Pak. Agora, parou diante da coluna referente ao banco. Havia muitas ordens de venda, a maioria de pequenas quantidades. Escreveu "200 000" no fim da lista da coluna de venda. Uma onda de choque varreu a sala. Ele a ignorou. Apenas olhou para Forsythe, que era o corretor de Richard Kwang. Era o único comprador das Ho-Pak.

— O Quillan está tentando acabar com o Ho-Pak? — perguntou um corretor.

— Já está sitiado. Quer comprar as ações?

— Nem por sombra! Também está vendendo Struan a descoberto?

— Não. Não estou.

— Meu Deus, não estou gostando nada disso.

— Fique calmo, Harry — falou alguém. — Pelo menos o mercado ganhou vida, é o que conta.

— Grande dia, não? — comentou com ele outro corretor. — Já começou a queda? Eu mesmo não tenho mais dinheiro aplicado, vendi tudo o que tinha hoje cedo. Vai ser mesmo uma queda?

— Não sei.

— Que coisa chocante, sobre a Struan, não é?

— Acredita em todos os boatos?

— Não, claro que não, mas para bom entendedor meia palavra basta, não é?

— Eu não acredito.

— A Struan baixou 3,50 pontos em um dia, meu velho. Muita gente acredita — interrompeu outro corretor. — Vendi tudo o que tinha da Struan hoje cedo. Será que Richard vai conseguir deter a corrida?

— Está nas mãos de... — Joseph Stern ia dizer Deus, mas sabia que o futuro de Richard Kwang estava nas mãos dos seus clientes, e que estes já haviam decidido. — Joss — disse, com tristeza.

— É. Graças a Deus recebemos as nossas comissões de qualquer maneira, na fartura ou na escassez. Tudo bem, não é?

— Tudo bem — ecoou Stern, detestando intimamente o sotaque inglês convencido, metido a besta, de gente bem, das exclusivas escolas particulares britânicas que nunca pôde freqüentar porque era judeu. Viu Forsythe desligar o telefone e olhar para o quadro. Mais uma vez, indicou sua oferta. Forsythe chamou-o. Ele cruzou a multidão, acompanhado por vários pares de olhos.

— Vai comprar? — perguntou.

— Quando chegar a hora, Joseph, meu velho! — Forsythe acrescentou baixinho: — Aqui entre nós, não há um jeito de fazer o Quillan largar o nosso pé? Tenho motivos para acreditar que está mancomunado com aquele cretino do Southerby.

— É uma acusação pública?

— Ora, qual é? É uma opinião particular, pombas! Ainda não leu a coluna do Haply? Tai-pans e um grande banco espalhando boatos? Sabe que Richard é estável. Richard é tão estável quanto... quanto os Rothschilds! Sabe que Richard tem mais de um bilhão de res...

— Eu vi a queda da Bolsa de 29, meu velho. Havia trilhões de reserva, naquela época, mas mesmo assim todo mundo faliu. É uma questão de dinheiro vivo, crédito e liquidez. E confiança. Vai comprar as nossas ofertas, sim ou não?

— Provavelmente.

— Até quando vão poder agüentar isso? Forsythe ergueu os olhos para ele.

— Para sempre. Não passo de um corretor. Obedeço ordens. Compre ou venda, ganho um quarto de um por cento.

— Se o cliente pagar.

— Tem que pagar. Temos as ações dele, não? Temos regras. Mas, por falar nisso, vá pro inferno.

Stern riu.

— Sou britânico, vou para o céu, não sabia? — Inquieto, voltou para sua mesa. — Acho que ele vai comprar antes de o mercado fechar.

Faltavam quinze para as três.

— Ótimo — disse Gornt. — Agora, quer... Calou-se. Ambos olharam para trás, ao sentirem a agitação velada. Dunross estava acompanhando Casey e Linc Bartlett até a mesa de Alan Holdbrook (o corretor da Struan), do outro lado do salão.

— Pensei que ele tivesse ido embora de vez — debochou Gornt.

— O tai-pan nunca foge da raia. Não é do feitio dele. — Stern observou-os, pensativo. — Parecem muito amigos. Talvez os boatos estejam todos errados, e Ian vá fechar o negócio com a Par-Con e fazer os pagamentos.

— Ele não pode. O negócio não vai ser realizado — disse Gornt. — Bartlett não é nenhum tolo. Bartlett seria louco de se unir a esse império oscilante.

— Eu nem sabia, até algumas horas atrás, que a Struan estava devendo ao Orlin. Ou que os pagamentos à Toda venciam dentro de mais ou menos uma semana. Ou até o boato mais absurdo de que o Vic não iria apoiar a Casa Nobre. Quanta bobagem! Liguei para Havergill, e foi isso o que ele disse.

— O que mais poderia dizer? Depois de uma pausa, Stern falou:

— É curioso que todas as notícias tenham vindo à tona hoje.

— Muito. Venda duzentas mil da Struan.

Os olhos de Stern se arregalaram, e ele puxou as sobrancelhas espessas.

— Sr. Gornt, não acha que...

— Não. Por favor, faça o que pedi.

— Acho que está errado, desta vez. O tai-pan é esperto demais. Arranjará todo o apoio de que precisa. O senhor vai se queimar.

— Os tempos mudam. As pessoas mudam. Se a Struan passou dos seus limites, e agora não pode pagar... Bem, meu caro,

estamos em Hong Kong, e espero que os sacanas fiquem encurralados. Venda trezentas mil.

— Vender a que preço, Sr. Gornt?

— Ao do mercado.

— Levará tempo para tomar emprestadas as ações. Terei que vender em lotes muito menores. Terei...

— Está sugerindo que meu crédito não é bom, ou você não sabe realizar as funções normais de corretagem?

— Não. Claro que não — replicou Stern, sem querer ofender o seu maior cliente.

— Ótimo, então venda Struan a descoberto. Agora. Gornt o observou enquanto ele se afastava. Seu coração batia

agradavelmente.

Stern foi até Sir Luís Basílio, da velha firma de corretagem Basílio e Filhos, que detinha, pessoalmente, um grande bloco de ações da Struan, além de ter muitos clientes substanciais que detinham número ainda maior. Tomou emprestadas as ações, depois caminhou até o quadro e escreveu a imensa oferta na coluna de venda. O giz fez muito barulho. Gradativamente, fez-se silêncio na sala. Os olhares se voltavam para Dunross e Alan Holdbrook, para os americanos, depois para Gornt, e de novo para Dunross. Gornt viu Linc Bartlett e Casey a observá-lo, e ficou contente porque ela estava lá. Casey usava saia e blusa de seda amarela, muito californiana, e um lenço de cabeça verde prendendo os cabelos. "Por que será que ela é tão sensual?", perguntou-se Gornt, distraidamente. "Uma estranha aura de convite parece cercá-la. Por quê? Será que é porque nenhum homem ainda a satisfaz?"

Sorriu para ela, com um leve aceno de cabeça. Ela lhe retribuiu com um meio sorriso, e ele pensou ter notado nele uma sombra. Cumprimentou Bartlett polidamente, e recebeu de volta um cumprimento igualmente polido. Os olhos dele fixaram-se nos de Dunross, e os dois homens ficaram se fitando.

O silêncio aumentou. Alguém tossiu nervosamente. Todos estavam conscientes da imensidão da oferta, e das implicações que ela trazia.

Stern indicou com uma batidinha a sua oferta, novamente. Holdbrook inclinou-se para a frente e consultou Dunross, que alçou ligeiramente os ombros e sacudiu a cabeça, depois começou a conversar baixinho com Bartlett e Casey.

Joseph Stern esperou. Então, alguém se ofereceu para comprar uma parte, e ficaram discutindo o preço. Logo, cinqüenta mil ações tinham mudado de dono, e a nova cotação do mercado era 24,90. Ele mudou o número 300 000 para 250 000 e ficou esperando. Vendeu mais algumas, mas o grosso permaneceu. Então, como não houve compradores, voltou para o seu lugar. Estava suando.

— Se esse número ficar ali de um dia para o outro, não vai fazer nenhum bem à Struan.

— É. — Gornt ainda observava Casey, que escutava atentamente o que Dunross dizia. Ele se recostou na cadeira e pensou por um momento. — Venda mais cem mil do Ho-Pak.....e duzentas mil da Struan.

— Santo Deus, Sr. Gornt, se a Struan cair, o mercado inteiro vai balançar, até sua própria companhia vai perder.

— Haverá uma adaptação. Várias adaptações, é claro.

— Haverá um banho de sangue. Se a Struan cair, outras companhias também cairão, milhares de investidores perderão tudo e...

— Não estou precisando de um sermão sobre a economia de Hong Kong, Sr. Stern — disse Gornt, friamente. — Se não quiser seguir minhas instruções, vou procurar quem o faça.

Stern enrubesceu.

— Eu... terei que arrebanhar as ações primeiro. Um número desses... conseguir tal soma...

— Então sugiro que se apresse! Quero isso no quadro ainda hoje!

Gornt ficou olhando enquanto ele se afastava, saboreando tremendamente aquele momento. "Filho da mãe atrevido!", pensava. "Os corretores não passam de parasitas, todos eles." Sentia-se muito seguro. O dinheiro de Bartlett estava na sua conta. Podia recomprar Ho-Pak e Struan naquele momento, e ficar milhões à frente. Satisfeito, seu olhar voltou a se fixar em Casey. Ela o observava. Não pôde ler nada na fisionomia da moça.

Joseph Stern circulava por entre os corretores. Parou de novo à mesa de Basílio. Sir Luís Basílio afastou os olhos do quadro e sorriu para ele.

— Então, Joseph? Quer tomar emprestadas mais ações da Casa Nobre?

— Sim, por favor.

— Para Quillan? — perguntou Sir Luís. Era um belo velho, pequeno, elegante, muito magro, na casa dos setenta. Era o presidente do comitê que dirigia a Bolsa naquele ano.

— Sim.

— Venha sentar-se aqui, vamos conversar um momento, velho amigo. Quantas está querendo, agora?

— Duzentas mil.

Sir Luís franziu o cenho.

— Já há trezentas mil no quadro... mais duzentas? É um ataque sem quartel?

— Ele... ele não disse, mas acho que sim.

— É uma grande pena que aqueles dois não possam fazer as pazes.

— É.

O homem mais velho pensou por um momento, depois falou, em voz mais pausada:

— Estou pensando em suspender as transações com as ações do Ho-Pak e, desde a hora do almoço, com as da Casa Nobre. Estou muito preocupado. Neste exato momento, uma derrocada do Ho-Pak, juntamente com uma derrocada da Casa Nobre, poderia destruir todo o mercado. Minha nossa! É inconcebível uma derrocada da Casa Nobre. Arrastaria consigo centenas de nós, talvez toda a Hong Kong. É inconcebível.

— Talvez a Casa Nobre precise de uma vistoria. Posso tomar emprestadas duzentas mil ações?

— Primeiro me responda, sim ou não, e se for sim, quando: devemos suspender as transações com as do Ho-Pak? Devemos suspender também as da Struan? Já colhi os votos de todos os membros do comitê, exceto o seu. Estão divididos quase igualmente.

— Nenhuma delas jamais foi suspensa. Seria ruim suspender qualquer uma delas. Esta é uma sociedade livre... no melhor sentido, creio. Deixe que as coisas se ajeitem por si. Eles que se entendam, os Struans, os Gornts, e todo o resto, que os melhores atinjam o topo, e os piores... — Stern sacudiu a cabeça, cansadamente. — Ah, mas para mim é fácil falar, Luís, não sou grande investidor em nenhuma das duas.

— Onde está o seu dinheiro?

— Em diamantes. Todos os judeus precisam de coisas pequenas, coisas que possam ser carregadas e escondidas, coisas que possam ser convertidas em dinheiro vivo com facilidade.

— Não há necessidade de você ter medo aqui, Joseph. Há quantos anos a sua família está aqui, e prosperando? Olhe para

Solomon... certamente ele e sua família são os mais ricos de toda a Ásia.

— Para os judeus, o medo é um estilo de vida. E ser odiado também.

Mais uma vez, o velho soltou um suspiro.

— Ah, este mundo, este belo mundo, como deveria ser belo. — Um telefone tocou, e ele atendeu delicadamente, as mãos minúsculas, seu português soando doce e líquido aos ouvidos de Stern, embora não entendesse uma palavra. Percebeu apenas "Sr. Mata" dito respeitosamente várias vezes, mas o nome nada significava para ele. Dentro de um momento, Sir Luís recolocara o fone no gancho, com ar muito pensativo, — O secretário de finanças ligou logo depois do almoço, muito perturbado. Há uma delegação do Parlamento aqui, e uma falência de banco ficaria extremamente mal para todos nós — disse. Deu um sorriso matreiro. — Sugeri que ele apresentasse ao governador legislação que regulamente os bancos, como na Inglaterra, e o pobre coitado quase teve um treco. Não devo implicar tanto com ele! — Stern sorriu junto com ele. — Como se precisássemos da interferência do governo aqui! — Seus olhos ficaram mais penetrantes. — Então, Joseph, vota para deixar as coisas como estão... ou para suspender uma, ou as duas ações, e quando?

Stern olhou para o relógio. Se fosse até o quadro agora, teria tempo de sobra para anotar as duas ofertas de venda, e ainda desafiar Forsythe. Era uma sensação gostosa saber que tinha o destino das duas casas nas mãos, ainda que temporariamente.

— Talvez fosse muito bom, talvez ruim. Como está a votação, até agora?

— Como falei, quase empatada.

Houve outra explosão de alvoroço, e os dois homens ergueram os olhos. Mais ações da Struan mudavam de mãos. A cotação baixara para 24,70. Agora, era Phillip Chen que se debruçava sobre a mesa de Holdbrook.

— Pobre Phillip, não está com uma cara nada boa — disse Sir Luís, penalizado.

— É. Uma pena a história do John. Eu gostava dele. E quanto aos Lobisomens? Acha que os jornais estão exagerando?

— Não, não acho. — Os velhos olhos brilhavam maliciosos. — Não mais do que você, Joseph.

— Como?

— Decidiu deixar como está. Quer deixar o tempo de hoje se esgotar, não é? É o que quer, não é?

— Que melhor solução poderia haver?

— Se eu não fosse tão velho, concordaria com você. Mas, sendo velho, e desconhecendo o dia de amanhã, ou se viverei para ver o amanhã, prefiro o meu drama hoje mesmo. Muito bem. Não contarei o seu voto, desta vez, e agora a votação do comitê está empatada, portanto decidirei, como me cabe por direito. Pode tomar emprestadas duzentas mil ações da Casa Nobre até sexta-feira, sexta-feira às duas. Então, poderei pedi-las de volta... tenho que pensar na minha própria Casa, não? — Os olhos vivos mas bondosos

no rosto enrugado instaram Stern a se levantar. — O que vai fazer agora, meu amigo?

Joseph Stern deu um sorriso triste.

— Sou corretor.

Foi até o quadro e escreveu na coluna de venda do Ho-Pak com mão firme. Depois, no novo silêncio, foi até a coluna da Struan e escreveu o número com clareza, cômico de que agora era o alvo de todas as atenções. Podia sentir a inveja e o ódio. Mais de quinhentas mil ações da Casa Nobre estavam em oferta agora, mais do que em qualquer época na história da Bolsa. Esperou, desejando que o tempo se esgotasse. Houve um alvoroço de interesse quando Soorjani, o parse, comprou alguns blocos de ações, mas era notório que ele era representante de muitos membros das famílias Struan e Dunross, e de seus correligionários. E embora tivesse comprado cento e cinquenta mil, aquilo fazia pouca diferença diante da enormidade da oferta de Gornt. O silêncio chegava a doer. Faltava um minuto.

— Nós compramos!

A voz do tai-pan quebrou o silêncio.

— Todas as minhas ações? — perguntou Stern, com voz rouca, o coração disparado.

— É. As suas e todo o resto. Ao preço de mercado! Gornt se pôs de pé.

— Com o quê? — perguntou, sardonicamente. — São quase nove milhões em dinheiro.

Dunross também se pôs de pé, um meio sorriso de sarcasmo no rosto.

— A Casa Nobre tem crédito para isso... e milhões a mais. Alguém já duvidou disso?

— Eu duvido... e vendo a descoberto amanhã!

Nesse momento, a campainha de encerramento tocou, estridente, a tensão se rompeu, e ouviu-se um rugido de aprovação.

— Meu Deus, mas que dia...

— O bom e velho tai-pan...

— Não dava para eu agüentar muito mais...

— Será que o Gornt o derrota, desta vez?...

— Talvez todos aqueles malditos boatos não passem de besteira...

— Pombas, ganhei uma fortuna em comissões...

— Acho que o Ian está com medo...

— Não esqueça que ele tem cinco dias para pagar as ações...

— Não vai poder comprar assim amanhã...

— Meu Deus, amanhã! O que vai acontecer amanhã?... Casey mudou de posição na cadeira, o coração batendo loucamente. Afastou com esforço o olhar de cima de Gornt e Dunross, e fitou Bartlett, que estava simplesmente olhando para o quadro, soltando um assobio mudo. Estava assombrada... assombrada e um pouco assustada.

Pouco antes de vir encontrar-se com Dunross, Linc lhe falara dos seus planos, do seu telefonema para Gornt, do encontro que tinham tido.

— Agora, está sabendo de tudo, Casey — dissera suavemente, sorrindo para ela. — Agora, os dois foram engabelados, e nós controlamos o campo de batalha, tudo por dois milhões. Os dois estão se engalfinhando, cada um procurando a jugular do outro, prontos para se devorarem. Agora, é só esperar. Segunda-feira é o Dia D. Se Gornt ganhar, nós ganhamos. Se Dunross ganhar, nós ganhamos. Haja o que houver, seremos a Casa Nobre.

32

15h03m

Aleksei Travkin, que treinava os cavalos de corrida da Casa Nobre, subiu o beco movimentado que dava para a Nathan Road, em Kowloon, e entrou no Restaurante Dragão Verde. Usava um pequeno 38 sob o braço esquerdo, e tinha o passo leve para um homem da sua idade.

O restaurante era pequeno, comum e escuro, e não havia toalhas na dúzia de mesas ali existentes. Sentados a uma delas, quatro chineses tomavam ruidosamente sopa de talharim e, quando ele entrou, um garçom entediado junto à caixa registradora ergueu os olhos do programa de corridas e começou a levantar-se,

segurando um cardápio. Travkin fez que não com a cabeça e cruzou o arco que levava à parte dos fundos.

A salinha continha quatro mesas. Estava vazia, exceto pela presença de um homem.

— Zdrástvuitie!¹— disse Suslev indolentemente, nas suas roupas leves e bem-talhadas.

¹ "Boa tarde." Em russo no original. (N. do E.)

— Zdrástvuitie — replicou Travkin, seus olhos eslavos estreitando-se ainda mais. Depois, continuou, em russo: — Quem é você?

— Um amigo, Alteza.

— Por favor, não me chame assim, não sou alteza. Quem é você?

— Ainda um amigo. No passado, você foi um príncipe. Quer me fazer companhia? — Suslev indicou cortesmente uma cadeira. Havia uma garrafa de vodca aberta sobre a mesa, e dois copos. — Seu pai, Nikolai Petróvitch, também foi príncipe, como o pai dele, e diversas gerações passadas, príncipe de Kurgan e Tobol.

— Está falando por enigmas, amigo — falou Travkin, aparentemente calmo, e sentou-se diante do outro. O contato do 38 contra seu corpo diminuiu um pouco sua apreensão. — Pelo seu sotaque, é moscovita... e georgiano. Suslev riu.

— Tem bom ouvido, príncipe de Kurgan. É, sou moscovita, mas nasci na Geórgia. Meu nome não importa, mas sou um amigo que...

— Meu, da Rússia ou dos soviéticos?

— Dos três. Vodca? — perguntou Suslev, levantando a garrafa.

— Por que não? — Travkin ficou vendo o outro homem servir os dois copos, depois, sem hesitar, pegou o copo errado, aquele que estava mais longe de si, e ergueu-o. — Saúde!

Sem hesitar, Suslev pegou o outro, fez "tim-tim", esvaziou-o e encheu-o outra vez.

— Saúde!

— É o homem que me escreveu?

— Tenho notícias de sua mulher.

— Não tenho mulher. O que quer de mim, amigo?

O modo como Travkin empregou a palavra era um insulto. Viu o clarão de raiva quando Suslev ergueu os olhos do copo, e se preparou.

— Desculpo sua grosseria por esta vez, Aleksei Ivánovitch — disse Suslev, com dignidade. — Não tem motivo para ser grosseiro comigo. Nenhum. Por acaso o insultei?

— Quem é você?

— O nome de sua mulher é Nestorova Mikail, e o pai dela era o príncipe Anatóli Zergueiev, cujas terras abrangem Karaganda, que não fica muito longe das terras da sua própria família, a leste dos Urais. Ele era um casaque, não era?, um grande príncipe dos casaques, a quem algumas pessoas ainda chamam de cossacos?

Travkin manteve as mãos nodosas imóveis, e a fisionomia impassível, mas não pôde evitar que o sangue lhe fugisse do rosto. Estendeu a mão e serviu mais dois copos, a garrafa ainda cheia pela metade. Sorveu a bebida.

— Boa vodca, não como o mijo aqui de Hong Kong. Onde a conseguiu?

— Em Vladivostok.

— Ah. Estive lá, certa vez. É uma cidade chata e suja, mas a vodca é boa. Bem, qual é o seu nome verdadeiro, e o que quer?

— Conhece bem Ian Dunross? Travkin ficou surpreso.

— Treino os cavalos dele... já há... este é o meu terceiro ano, por quê?

— Gostaria de ver a princesa Nestoro...

— Santo Deus, seja você quem for, já lhe disse que não tenho mulher. Agora, pela última vez, o que quer comigo?

Suslev encheu o seu copo, e a sua voz tornou-se ainda mais bondosa.

— Aleksei Ivánovitch Travkin, sua mulher, a princesa, hoje está com sessenta anos. Mora em Iakutsk, no...

— No Lena? Na Sibéria? — Travkin sentiu que o coração ia explodir. — Em que gulag, seu bosta?

Do outro lado do arco, na outra sala, que agora estava vazia, o garçom ergueu os olhos momentaneamente, depois bocejou e continuou a ler.

— Não é um gulag, por que seria um gulag? — falou Suslev, a voz tornando-se mais dura. — A princesa foi para lá por vontade própria. Mora lá desde que saiu de Kurgan. A...

— Suslev enfiou a mão no bolso, tirando de lá a carteira. — Esta é a sua dacha, em Iakutsk — disse, pousando na mesa uma fotografia. — Creio que pertencia à família dela.

O chalé estava cercado de neve, dentro de uma clareira simpática, as árvores ao fundo, as cercas bem-cuidadas, e era bonito, com a fumaça saindo da chaminé. Uma figurinha encapotada acenava alegremente para a máquina fotográfica... longe demais para que se pudesse ver com clareza o seu rosto.

— E essa é a minha mulher? — perguntou Travkin, a voz áspera.

— É.

— Não acredito!

Suslev mostrou uma fotografia. Um retrato. A senhora era grisalha, na casa dos cinqüenta ou sessenta anos, e, embora os problemas de todo um mundo a tivessem marcado, o rosto dela era ainda elegante, ainda aristocrático. O calor de seu sorriso pareceu chegar a ele, e o arrasou.

— Seu... seu bosta do KGB — disse com voz rouca, certo de tê-la reconhecido. — Seu nojento, seu podre, seu filho da m...

— Por tê-la encontrado? — exclamou Suslev, com raiva.

— Por ter visto que cuidaram dela, deixaram-na em paz, não a incomodaram, nem a mandaram para... para os locais de correção que ela e toda a sua classe mereciam? — Irritado, serviu-se de outra bebida. — Sou russo, e tenho orgulho disso. Você emigrou, você saiu de lá. Meu pai e o pai dele foram propriedade de um dos da sua classe. Meu pai morreu nas barricadas em 1916, e minha mãe... e antes de morrerem já viviam à míngua. Eles... — Deteve-se, com esforço. Depois, falou, num tom de voz diferente: — Concordo que há muito o que perdoar e esquecer, dos dois lados, e tudo isso já

passou, mas digo-lhe que nós, soviéticos, não somos todos animais... não todos nós. Não somos como o Béria Sanguinário e aquele arqui-demônio assassino, o Stálin... Não todos. — Apanhou o seu maço de cigarros. — Fuma?

— Não. Você é do KGB ou do gru?

O KGB era o Comitê para Segurança do Estado; o gru era o Diretório de Informações do Estado-Maior. Não era a primeira vez que Travkin era abordado por um deles. Antes, sempre conseguira despistá-los, disfarçado em alguém desinteressante e sem importância. Mas agora estava numa armadilha. Aquele homem sabia demais a seu respeito, verdades demais. "Quem é você, seu filho da mãe? E o que está realmente querendo?", pensou, ao ver Suslev acender um cigarro.

— Sua mulher sabe que está vivo.

— Impossível. Ela está morta. Foi assassinada pelas turbas quando o nosso pala... quando nossa casa em Kurgan foi saqueada, incendiada, destrocada... a mansão mais linda, e a mais desarmada, num raio de quilômetros.

— As massas tinham o direito de...

— Aquele não era o meu povo. Estava sendo guiado por trotskistas importados, que depois assassinaram os meus camponeses aos milhares... até que eles próprios foram todos eliminados por outros da sua própria ralé.

— Talvez sim, talvez não — disse Suslev, friamente. — Mesmo assim, príncipe de Kurgan e Tobol, ela escapou com uma velha criada e fugiu para o leste, pensando que poderia encontrá-lo, que poderia escapar atrás de você, pela Sibéria, para a Manchúria. A criada era natural da Áustria, e se chamava Pavchen.

Os pulmões de Travkin pareciam não ter mais ar.

— Mais mentiras — ouviu-se dizer, sem acreditar mais nas suas palavras, o espírito destroçado pelo lindo sorriso dela. — Minha mulher está morta. Jamais iria tanto para o norte.

— Ah, mas foi. O trem em que fugia foi desviado para o norte. Era outono. As primeiras nevadas já tinham chegado, e então ela resolveu esperar o inverno passar, em Iakutsk. Tinha que esperar... — Suslev pousou outra foto na mesa. — Estava grávida. Este é o seu filho, e a família dele. Foi tirada no ano passado. — O homem era bonito, quarentão, usando a farda de major da força aérea soviética, e sorria constrangido para a câmara, enlaçando com o braço uma bela mulher na casa dos trinta anos, com três crianças felizes, um bebê, uma garota sorridente de seis ou sete anos, com os dentes da frente faltando, e um garoto de dez anos que tentava bancar o sério.

— Sua mulher deu-lhe o nome de Piotr Ivánovitch, como seu avô.

Travkin não tocou na foto. Apenas a fitou, o rosto sem cor. Depois, desviou os olhos dela, com esforço, e serviu-se de uma bebida. A seguir, serviu também uma para Suslev.

— É... é uma reconstrução brilhante — disse, tentando ser convincente. — Brilhante.

— A criancinha se chama Viktoria, a garota é Nichola, como sua avó. O garoto é Aleksei. O major Ivánovitch é piloto de bombardeiro.

Travkin ficou calado. Seus olhos voltaram para a foto da bela senhora idosa. Estava quase chorando, mas ainda controlava a voz.

— Ela sabe que estou vivo, é?

— Sabe.

— Há quanto tempo?

— Três meses. Há uns três meses. Um dos nossos lhe contou.

— Quem são eles?

— Quer vê-la?

— Por que apenas há três meses... por que não um ano, três anos?

— Foi apenas há seis meses que descobrimos quem você é.

— Como fizeram isso?

— Esperava ficar anônimo para sempre?

— Se ela soubesse que estou vivo, se um dos seus lhe contou, ela teria me escrito... É. Eles teriam pedido a ela que o fizesse, se... — A voz de Travkin estava esquisita. Parecia estar fora de si, num pesadelo, enquanto tentava pensar com clareza. — Ela me teria escrito uma carta.

— E escreveu. Eu a darei a você dentro dos próximos dias. Quer vê-la?

Travkin forçou-se a engolir sua agonia. Indicou o retrato da família.

— E... ele também sabe que estou vivo?

— Não. Nenhum deles sabe. Isso não foi sugestão nossa, Aleksei Ivánovitch. Foi idéia da sua mulher. Por medida de segurança... para protegê-lo, pensou. Como se fôssemos nos vingar dos filhos pelos pecados dos pais! Ela passou dois invernos esperando em Iakutsk. A essa altura, a Rússia já estava em paz, e então ela ficou lá. Nessa época, imaginava que você estivesse morto, embora tivesse esperança de que ainda vivesse. O menino cresceu acreditando que você tivesse morrido, e nada sabia a seu respeito. Ainda não sabe. Como pode ver, é motivo de orgulho para vocês dois. Foi primeiro aluno da escola local, depois foi para a universidade, como vão todas as crianças bem-dotadas, hoje em dia... Sabe, Aleksei Ivánovitch, na minha época fui o primeiro de toda a minha província a freqüentar uma universidade, o primeiríssimo, de uma família de camponeses. Hoje em dia somos justos, na Rússia.

— Quantos cadáveres teve que fazer, para se tornar o que é hoje?

— Alguns — disse Suslev, de cara fechada —, todos eles criminosos ou inimigos da Rússia.

— Fale-me a respeito deles.

— Falarei. Algum dia.

— Lutou na última guerra... ou era do comissariado?

— Fui comandante do 16.º Batalhão Blindado, 45.º Exército. Estive em Sebastópol... e em Berlim. Quer ver sua mulher?

— Daria a minha vida, se esta é realmente a minha mulher, e se está viva.

— Está. Posso dar um jeito.

— Onde?

— Em Vladivostok.

— Não. Aqui em Hong Kong.

— Lamento, é impossível.

— Claro. — Travkin soltou uma risada sem humor. — Claro, amigo. Beba! — Serviu o restante da vodca, dividindo-a igualmente. — Saúde!

Suslev fitou-o. Depois, olhou para o retrato da mulher e para a foto do major da força aérea com a família, e apanhou-os, imerso em pensamentos. O silêncio aumentou. Ele cocou a barba. Depois disse, decisivamente:

— Está bem. Aqui em Hong Kong. O coração de Travkin deu um salto.

— Em troca do quê? Suslev apagou o cigarro.

— Informações. E cooperação.

— Como?

— Quero saber tudo o que você sabe sobre o tai-pan da Casa Nobre, tudo o que você fez na China, quem conhece, com quem se encontrou.

— E a cooperação?

— Isso vem depois.

— E, em troca, trará a minha mulher para Hong Kong?

— Trarei.

— Quando?

— Até o Natal.

— Como posso confiar em você?

— Não pode. Mas, se cooperar, ela estará aqui pelo Natal. — Travkin observava as duas fotos com que Suslev brincava, depois notou o olhar dele, e seu estômago se retorceu. — De qualquer maneira, tem que ser sincero comigo. Com ou sem sua mulher, príncipe de Kurgan, ainda temos o seu filho e netos como reféns.

Travkin sorveu sua bebida demoradamente.

— Agora, acredito que você seja o que é. Por onde quer começar?

— Pelo tai-pan. Mas, primeiro, vou dar uma mijada. Suslev se levantou, perguntou ao garçom onde ficava o banheiro, e saiu pela porta da cozinha.

Agora que Travkin estava sozinho, o desespero tomou conta dele. Pegou a foto do chalé que ainda estava sobre a mesa, e olhou para ela. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Afastou-as com a mão, e sentiu a arma sob o ombro. Não o ajudaria, agora. Com toda a sua força interior resolveu ser sensato e não acreditar, mas no

fundo do coração sabia que tinha visto a foto dela, e que faria qualquer coisa, arriscaria qualquer coisa para vê-la.

Durante anos tentara evitar os caçadores, sabendo que era sempre perseguido. Fora o líder dos brancos na sua área junto à Ferrovia Transiberiana, e matara muitos vermelhos. Finalmente, cansara-se das matanças e, em 1919, fora para Xangai e um novo lar, até que chegaram os exércitos japoneses. Fugira deles para se unir aos guerrilheiros chineses, abrindo caminho, sempre lutando, para o sul e para o oeste, para Chungking, onde se unira a outros saqueadores, ingleses, franceses, australianos, chineses — qualquer um que pagasse —, até que os japoneses se renderam incondicionalmente, e ele voltara para Xangai, de onde em breve fugiria outra vez. Sempre fugindo, pensou.

"Pelo sangue de Cristo, minha querida, sei que você está morta. Eu sei. Quem me contou viu a turba saquear o nosso palácio, depois cair sobre você..."

"Mas, agora?"

"Você está mesmo viva?"

Travkin olhou com ódio para a porta da cozinha, sabendo que se sentiria atormentado eternamente, até ter certeza quanto a ela. "Quem é este filho da puta?", pensou. "Como foi que me encontraram?"

Sombriamente, esperou e esperou, e então, num pânico repentino, foi procurá-lo. O banheiro estava vazio. Correu para a rua, mas estava cheia de outras pessoas. O homem desaparecera.

Travkin sentiu um gosto amargo na boca, e ficou doente de apreensão. "Em nome de Deus, o que ele quer com o tai-pan?"

33

17h50m

— Alô, Ian — disse Penelope. — Chegou cedo! Como foi o dia?

— Bom, bom — disse Dunross, distraidamente. Além de todos os outros desastres, pouco antes de sair do escritório recebera um relatório de Brian Kwok dizendo, entre outras coisas, que Alan Medford Grant fora provavelmente assassinado, e advertindo-o para tomar sérias precauções.

— Ah, foi um dia daqueles, é? — disse ela, prontamente. — Que tal uma bebida? É. Que tal um pouco de champanha?

— Boa idéia. — Então, notou o sorriso dela, retribuiu-o, e sentiu-se muito melhor. — Penn, você sabe ler pensamentos!

Jogou a pasta sobre um aparador e acompanhou-a até uma das salas de estar da Casa Grande. O champanha já estava no balde de gelo, aberto, com duas taças parcialmente cheias e outra esperando por ele, no gelo.

— Kathy está lá em cima. Está lendo uma história para Glenna dormir — disse Penelope, servindo-lhe a bebida. — Ela... ela acaba de me contar sobre... sobre a moléstia.

— Ah! — Aceitou a taça. — Obrigado. Como foi que Andrew reagiu? Ele não tocou no assunto hoje.

— Ela vai lhe contar hoje à noite. O champanha era para lhe dar alguma coragem. — Penelope ergueu os olhos para ele, angustiada. — Ela vai ficar boa, não vai, Ian?

— Acho que sim. Tive uma longa conversa com o dr. Tooley. Ele foi animador, deu-me os nomes dos três maiores especialistas da Inglaterra, e outros três dos Estados Unidos. Já telegrafei marcando hora com os três da Inglaterra, e o dr. Ferguson vai mandar pelo correio o histórico dela... estará lá quando vocês chegarem.

Ela sorveu o seu champanha. Uma leve brisa tornava o dia abafado mais ameno. As portas envidraçadas estavam abertas para o jardim. Eram quase seis horas.

— Acha que devemos ir imediatamente? Será que alguns dias farão diferença?

— Acho que não.

— Mas devemos ir?

— Se fosse você, Penn, teríamos tomado o primeiro avião.

— É. Se eu tivesse lhe contado.

— Teria me contado.

— É, suponho que sim. Fiz reservas para amanhã. Kathy também achou boa idéia. No vôo da BOAC.

Ele ficou surpreso.

— Claudia não me disse nada. Ela sorriu.

— Eu mesma as fiz. Sou bastante capaz. Fiz reservas para Glenna, Kathy e eu. Poderemos levar o histórico conosco. Achei melhor Kathy não levar nenhum dos filhos. Ficarão perfeitamente bem com as mães.

— É, é muito melhor assim. O dr. Tooley foi inflexível sobre a questão do repouso. É o principal, disse ele, muito descanso. — Dunross sorriu para ela. — Obrigado, Penn.

Ela fitava as gotas de condensação no lado externo da garrafa e do balde de gelo.

— Que coisa horrível, não é?

— Pior, Penn. Não há cura. Ele acha... acha que a medicação deterá a doença. — Terminou de beber, e serviu novamente as duas taças. — Algum recado?

— Ah, desculpe! Sim, estão sobre o aparador. Houve um telefonema interurbano de Marselha, há pouco.

— Susanne?

— Não. Um tal Sr. Deland.

— É o nosso agente lá.

— Uma desgraça o que aconteceu com o jovem Borge.

— É.

Dunross correu os olhos pelos recados. Johnjohn, no banco, Holdbrook, Phillip Chen, e o inevitável "por favor, ligue para Claudia". Soltou um suspiro. Fazia apenas meia hora desde que deixara o escritório, e ia ligar para ela, de qualquer modo. "Os maus não têm descanso", pensou, e sorriu com os seus botões.

Gostara de ter passado a perna no Gornt, na Bolsa. O fato de não ter dinheiro no momento para pagar não o preocupava. "Tenho cinco dias de prazo", pensou. "Tudo está sob controle... com sorte. Ah, sim, com joss!"

Desde que seu corretor lhe telefonara em pânico, alguns minutos depois das dez, contando os boatos que varriam a Bolsa, e que as ações dele estavam oscilando, ele estivera guardando suas defesas contra o ataque repentino e inesperado. Junto com Phillip Chen, Holdbrook, Gavallan e De Ville, reunira todos os principais acionistas que puderam encontrar e contara-lhes que os boatos de que a Struan não poderia cumprir suas obrigações eram bobagem, e sugeriu que se recusassem a emprestar a Gornt grandes blocos de ações da Struan, mas que lhe cedessem algumas ações, aqui e ali. Contou a uns poucos escolhidos, muito confidencialmente, que o contrato com a Par-Con estava assinado, selado, e prestes a ser carimbado, e que aquela era uma oportunidade maravilhosa de esmagar para sempre a Rothwell-Gornt.

— Se o Gornt vender a descoberto, ele que o faça. Fingiremos ser vulneráveis, mas sustentaremos as ações. Então, na sexta, faremos o comunicado, nossas ações subirão vertiginosamente, e ele perderá a camisa, a gravata e as calças — dissera-lhes. — Teremos de volta a nossa companhia aérea, além da dele, e, com os navios dele e os nossos, juntos, dominaremos todo o comércio aéreo e terrestre que entra e sai da Ásia!

"Se pudéssemos realmente esmagar o Gornt", pensou fervorosamente, "ficaríamos a salvo por gerações. E poderemos, com joss, a Par-Con e mais joss! Mas vai ser um sufoco!"

Ele transpirara confiança o dia todo, sem se sentir nada confiante. Muitos dos seus grandes acionistas lhe tinham telefonado, nervosos, mas ele os acalmara. Tanto Tung Pão-Duro quanto Wu Quatro Dedos possuíam grandes blocos de ações, através de representantes tortuosos. Ele ligara para ambos, à tarde, para obter sua concordância em não emprestar ou vender seus principais títulos, durante a próxima semana. Ambos haviam concordado, mas a coisa não fora fácil com nenhum dos dois.

"Bem", pensou Dunross, "de um modo geral eu me livrei do ataque inicial. Amanhã é que se saberá a história real... ou na sexta-feira: Bartlett é um inimigo, um amigo ou um judas?"

Sentiu a raiva crescer, mas controlou-se. "Acalme-se", disse para si mesmo, "pense calmamente. É o que farei, mas é curioso que tudo o que Bartlett disse na noite da festa (todas aquelas coisas secretíssimas que apresentou tão pronta e subitamente para abalar minhas defesas) tenha hoje milagrosamente varrido o mercado como um tufão. Quem é o espião? Quem lhe deu as informações? Será o mesmo espião da Sevrin? Bem, deixe para lá, no momento tudo está sob controle. Acho eu."

Dunross foi até o telefone e pediu à telefonista uma ligação pessoal para o Sr. Deland, e que ela o chamasse quando ele estivesse na linha.

— Será que Susanne já chegou lá? — indagou Penelope.

— Acho que sim, se o avião estiver no horário. São cerca de onze horas, hora de Marselha, portanto não deve ser uma emergência. Uma tristeza o que houve com o Borge! Eu gostava dele.

— O que Avril vai fazer?

— Vai ficar tudo bem com ela. Avril vai voltar para casa para criar o filho, e logo encontrará um Príncipe Encantado, um príncipe novo, e o filho dela entrará para a Struan, e nesse meio tempo ela estará protegida e amparada.

— Acredita mesmo nisso, Ian... sobre o Príncipe Encantado?

— Sim — disse ele com firmeza. — Acredito que tudo vai dar certo. Vai dar tudo certo, Penn, para ela, para Kathy, para... para todo mundo.

— Você não pode carregar todo mundo, Ian.

— Eu sei. Mas ninguém, ninguém na família vai sentir falta de coisa alguma enquanto eu estiver vivo, e isso será para sempre.

A mulher olhou para ele, e lembrou-se da primeira vez que o vira, um jovem semelhante a um deus sentado no seu caça destruído que deveria ter sido abatido, mas que, milagrosamente, não o fora. Ian, simplesmente sentado ali, depois saindo do avião, abafando o terror, ela vendo nos olhos dele pela primeira vez o que era a morte, mas ele a dominando, e voltando, e simplesmente aceitando a xícara de chá, dizendo: "Oh, mas que ótimo, obrigado. Você é nova aqui, não é?"

Seu lindo sotaque aristocrático era tão distante do ambiente dela!

Fazia tanto tempo, fazia mil anos, uma outra vida, pensou. Que dias maravilhosos, pavorosos, terríveis, belos, angustiantes. "Será que ele vai morrer hoje, ou voltar hoje? Será que vou morrer hoje, no bombardeio matutino ou no noturno? Onde estão papai e mamãe, e será que o telefone não está funcionando, como de costume, ou será que a casinha miserável em Streat-ham sumiu junto com outros milhares iguais a ela?"

E, certo dia, sumira, e então ela não tinha mais passado. Apenas Ian, seus braços, sua força e confiança, e ela apavorada de que ele se fosse, como os demais. Aquela fora a pior parte, disse consigo mesma. A espera, a expectativa, sabendo como os aviadores eram vulneráveis, e como todos o somos. "Meu Deus, como tivemos que crescer depressa!"

— Espero que seja para sempre, querido — falou, na sua voz fria, inexpressiva, querendo ocultar a imensidão do seu amor. — É, quero que você seja imortal!

Ele abriu um sorriso para ela, cheio de amor.

— Sou imortal, Penn, não se preocupe. Depois de morto, ainda estarei cuidando de você, Glenna, Duncan, Adryon e todo o resto.

Ela o fitou.

— Como faz Dirk Struan?

— Não — disse, agora com seriedade. — Ele é uma presença que jamais igualarei. Ele é perpétuo... eu sou temporário. — Os olhos dele a observavam. — Está um tanto séria, hoje, não está?

— Está um tanto sério, hoje, não está? Riram.

— Estava só pensando em como a vida é transitória, como é violenta, inesperada, cruel — disse ela. — Primeiro John Chen, e agora Borge, Kathy... — Um arrepio percorreu seu corpo, sempre o medo de perdê-lo. — Quem será o próximo?

— Qualquer um de nós. Nesse meio tempo, seja chinesa. Lembre-se de que, sob os céus, todos os corvos são pretos. A vida é boa. Os deuses cometem erros e vão dormir. Assim sendo, a gente faz o melhor que pode, e nunca confia num quai loh!

Ela riu, em paz novamente.

— Há momentos, Ian Struan Dunross, em que gosto muito de você. Acho...

O telefone tocou. Ela parou e pensou: "Maldito seja esse desgraçado desse telefone. Se fosse onipotente, proibiria todos os telefonemas depois das seis da tarde, mas aí o pobre do Ian ficaria maluco e a maldita Casa Nobre desmoronaria, e ela é a vida do pobre Ian. Eu estou em segundo lugar, e as crianças também, e é assim que tem que ser. Não é?"

— Oh, alô, Lando — dizia Dunross —, o que há de novo?

— Espero não estar incomodando, tai-pan.

— De modo algum — replicou, toda a sua energia concentrada. — Acabo de chegar. Em que posso ajudá-lo?

— Lamento, mas vou retirar os quinze milhões de apoio que lhe prometi para amanhã. Temporariamente. O mercado está me deixando nervoso.

— Não há com o que se preocupar — disse Dunross, o estômago se contorcendo. — É só o Gornt fazendo das dele. Só isso.

— Estou realmente muito preocupado. Não é só o Gornt. É o Ho-Pak e o modo pelo qual todo o mercado está reagindo — disse Mata. — Com a corrida aos bancos atingindo o Ching

Prosperity e até mesmo o Vic... todos os sinais são muito ruins. Portanto, quero esperar e ver.

— O dia é amanhã, Lando. Amanhã. Estava contando com você.

— Triplicou a nossa próxima remessa de ouro, como pedi?

— Sim, fiz isso pessoalmente. Tenho as confirmações por telex de Zurique no código de costume.

— Excelente, excelente!

— Vou precisar de sua carta de crédito amanhã.

— Naturalmente. Se mandar um mensageiro agora até minha casa, dar-lhe-ei o meu cheque com a quantia integral.

— Cheque pessoal? — Dunross conteve o seu espanto. — De que banco, Lando?

— Do Victoria.

— Pombas, mas é um bocado de dinheiro para retirar agora.

— Não o estou retirando, estou apenas pagando por um pouco de ouro. Prefiro ter um pouco dos meus fundos em ouro fora de Hong Kong durante a próxima semana, e este é o momento ideal para fazê-lo. Mande que avisem por telex amanhã logo cedo. Logo cedo. É. Não estou sacando fundos, Ian, apenas pagando pelo ouro. Se eu fosse você, também tentaria obter liquidez.

O estômago dele deu outra reviravolta.

— O que foi que você andou ouvindo? — perguntou, com voz controlada.

— Você me conhece. Sou mais cauteloso do que você, tai-pan. O custo do meu dinheiro é muito alto.

— Não mais do que o meu.

— É. Esperemos o dia de amanhã, depois veremos. Mas não conte com os nossos quinze milhões. Lamento.

— Você soube de alguma coisa, conheço-o muito bem. O que é? Chi pao pu chu huó. Literalmente, "O papel não pode embrulhar o fogo", isto é, não se pode manter um segredo para sempre.

Fez-se uma longa pausa, depois Mata falou em voz mais baixa:

— Confidencialmente, Ian, o velho Pão-Duro está vendendo com força total. Está se preparando para se desfazer de todos os seus títulos. O diabo velho pode estar morrendo, mas seu faro para a perda de uma moeda é tão apurado como sempre foi, e jamais soube que ele se tivesse enganado.

— Todos os seus títulos? — perguntou Dunross, vivamente.
— Quando foi que falou com ele?

— Estivemos em contato o dia todo. Por quê?

— Falei com ele depois do almoço, e ele me prometeu que não venderia ou emprestaria nenhuma ação da Struan. Mudou de idéia?

— Não. Estou certo de que não. Não pode. Não tem nenhuma ação da Struan.

— Tem quatrocentas mil ações!

— Tinha, tai-pan, embora na verdade o número estivesse mais próximo de seiscentas mil. Sir Luís tinha muito poucas ações, pessoalmente, é um dos muitos representantes de Pão-Duro. Desfez-se de todas as seiscentas mil ações. Hoje.

Dunross abafou uma exclamação obscena.

— É mesmo?

— Ouça, meu jovem amigo, isto é estritamente confidencial, mas você deve estar preparado: Pão-Duro ordenou a Sir Luís que vendesse ou emprestasse todos os seus títulos da Casa Nobre no momento em que os boatos começaram, hoje de manhã. Cem mil foram distribuídos pelos corretores e vendidos prontamente, o restante... o meio milhão de ações que você comprou de Gornt eram do Pão-Duro. No momento em que ficou evidente que havia um grande ataque à casa, e que Gornt estava vendendo a descoberto, Pão-Duro ordenou a Sir Luís que emprestasse tudo, exceto mil ações simbólicas, que conservou. Para não desmoralizar você quando a Bolsa fechou, Pão-Duro estava muito satisfeito. Teve hoje quase dois milhões de lucro.

Dunross estava imóvel. Notou que sua voz estava natural, serena e controlada, e isso o deixou satisfeito, mas estava em choque. Se Pão-Duro vendera, os Chins venderiam, e mais uma dúzia de amigos lhe seguiriam o exemplo, e isso seria o caos.

— O velho sacana! — exclamou, sem raiva dele. A culpa era sua, pois não falara com Pão-Duro a tempo. — Lando, e quanto às

suas trezentas mil ações?

Ouviu o português hesitar, e seu estômago se revolveu outra vez.

— Ainda as tenho. Comprei-as a 16 logo que vocês se tornaram empresa de capital aberto. Portanto, ainda não estou preocupado. Talvez Alastair Struan tivesse razão quando desaconselhou a medida... a Casa Nobre só é vulnerável por esse motivo.

— Nosso índice de crescimento é cinco vezes o de Gornt, e sem termos nos tornado empresa de capital aberto jamais teríamos podido agüentar os desastres que herdei. Temos o apoio do Victoria. Ainda temos nossas ações do banco e um voto majoritário na diretoria. Portanto, eles têm que nos apoiar.

Somos realmente muito fortes, e uma vez que esta situação temporária tenha sido resolvida, seremos o maior conglomerado da Ásia.

— Talvez. Mas talvez você tivesse agido mais sensatamente aceitando a nossa proposta, ao invés de ficar permanentemente aberto aos riscos de compras de controle e desastres de mercado.

— Não podia naquela época. Não posso agora. Nada mudou.

Dunross deu um sorriso amargo. Lando Mata, Tung Pão-Duro e Chin Jogador, coletivamente, lhe haviam oferecido vinte por cento das rendas do seu sindicato de ouro e jogo em troca de cinquenta por cento da Struan, se ele a mantivesse como companhia totalmente particular.

— Vamos, tai-pan, seja sensato! Pão-Duro e eu lhe daremos cem milhões em espécie hoje, em troca de cinquenta por cento da empresa. Dólares americanos. Sua posição como tai-pan será intocável, dirigirá o novo sindicato e administrará os nossos monopólios de ouro e jogo, secreta ou abertamente... com dez por cento de todos os lucros a título de honorários pessoais.

— Quem indica o próximo tai-pan?

— Você... dependendo de consulta.

— Pronto. Está vendo? É impossível. Um controle de cinquenta por cento dá a vocês poder sobre a Struan, e isso não me é permitido dar. Isso negaria o legado de Dirk, invalidaria o meu juramento, e cederia o controle absoluto. Lamento, não é possível.

— Por causa de um juramento a um deus desconhecido e incognoscível em que você não acredita... em nome de um pirata assassino que está morto há mais de cem anos?

— Seja por que motivo for, a resposta é não, obrigado.

— Você bem que pode perder toda a companhia.

— Não. Os Struans e os Dunrosses juntos temos sessenta por cento do controle de votação, e eu sozinho voto todas as ações. O que tenho a perder são todas as coisas materiais que possuímos, e deixar de ser a Casa Nobre, e juro pelo Senhor Deus que isso também não vai acontecer.

Fez-se um longo silêncio. Depois Mata disse, a voz amistosa como sempre:

— Nossa oferta é válida por duas semanas. Se a sorte estiver contra você, e você falhar, a oferta para dirigir o novo sindicato permanece de pé. Venderei ou emprestarei minhas ações a 21.

— Abaixo de 20... não a 21.

— Vai baixar tanto assim?

— Não. É só um hábito que tenho. 20 é melhor que 21.

— É. Bem. Então, vejamos o que o amanhã trará. Desejo-lhe boa sorte. Boa noite, tai-pan.

Dunross desligou o telefone e tomou o resto do seu champanha. Estava no mato sem cachorro. "Aquele velho sacana do Pão-Duro", pensou de novo, admirando a esperteza dele. "Concordar com tanta relutância em não vender nem negociar nenhuma ação da Struan, sabendo que só lhe restavam mil, sabendo que a renda das quase seiscentas mil já estava segura... aquele velho safado é um grande negociador. É muita esperteza da parte do Lando e do Pão-Duro fazerem a nova oferta agora. Cem milhões! Santo Deus, isso faria o Gornt parar de peidar na igreja! Eu podia usar essa grana para esmagá-lo, e logo a seguir assumir o controle das Propriedades Asiáticas e aposentar o Dunstan prematuramente. A seguir, passaria a Casa para o Jacques ou o Andrew, em grande forma, e...

"E depois, o quê? O que iria fazer, então? Mudar-me para as charnecas e caçar tetrazes? Dar festancas em Londres? Ou ir para o Parlamento e dormir na bancada dos deputados novatos, enquanto os socialistas entregam o país aos comunistas? Santo Deus, iria morrer de tédio! Iria..."

— O que foi? — exclamou, espantado. — Ah, desculpe, Penn, o que foi que disse?

— Disse que parece que você teve más notícias.

— É, foi sim. — Então, Dunross abriu um sorriso e toda a sua ansiedade se desfez. — É joss! Sou o tai-pan — disse, satisfeito —, é de se esperar. — Pegou a garrafa. Estava vazia. — Acho que merecemos outra... Deixe, meu bem, eu pego. — Foi até a geladeira, embutida num imenso aparador chinês antigo, laqueado de escarlata.

— Como é que você agüenta, Ian? — perguntou ela. — Quero dizer, sempre parece acontecer algo de ruim, desde que você assumiu o cargo... e há sempre algum desastre, a cada telefonema. Você trabalha o tempo todo, nunca tira férias... desde que voltamos para Hong Kong. Primeiro seu pai, depois Alastair, e depois... será que nunca vai parar de chover a cântaros?

— Claro que não... o serviço é esse.

— E vale a pena?

Ele se concentrou na rolha, sabendo que a conversa não tinha razão de ser.

— Claro.

"Vale para você, Ian", pensou ela. "Mas não para mim." Após um momento, disse:

— Então quer dizer que posso ir?

— Sim, claro. Ficarei de olho em Adryon, e não se preocupe com Duncan. Divirta-se bastante e volte logo.

— Vai subir a montanha, no domingo?

— Vou. Depois vou para Taipé, e volto na terça-feira. Vou levar Bartlett comigo.

Ela ficou pensando em Taipé, e imaginando se haveria uma garota lá, uma garota especial, uma chinesa, com a metade da sua idade, com uma pele linda e macia, e com calor, não muito mais quente do que ela mesma, nem mais macia, nem mais esguia, mas com a metade da sua idade, com um sorriso sempre a postos, sem os terríveis anos de sobrevivência a curvá-la... os anos nojentos do crescimento, os anos bons e terríveis da guerra, os anos em que teve filhos, criou filhos, e a realidade exaustiva do casamento, mesmo com um bom homem.

"Fico pensando, pensando, pensando. Se eu fosse homem... há tantas belezas aqui, tão ansiosas por agradar, tão facilmente disponíveis! Se a gente acreditar em um décimo do que se conta..."

Ela o observou enquanto ele servia o vinho fino, as bolhas e a espuma, o rosto dele forte, vigoroso e muito agradável, e perguntou-se: "Será que alguma mulher possui qualquer homem por mais do que uns poucos anos?"

— O quê? — perguntou ele.

— Nada — disse, amando-o. Levantaram as taças e brindaram. — Cuidado na subida da montanha.

— Claro.

— Como você dá conta de ser tai-pan, Ian?

— Como você dá conta de cuidar da casa, criar as crianças, levantando-se às horas mais estranhas, ano após ano, mantendo a paz, e todas as outras coisas que teve que fazer? Eu não poderia. Jamais. Teria batido as botas há muito tempo. É parte treinamento, e parte o que a gente nasceu para fazer.

— O lugar de uma mulher é dentro de casa?

— Não sei quanto às outras, Penn, mas contanto que você esteja na minha casa, tudo vai bem no meu mundo.

Estourou a rolha com capricho.

— Obrigada, querido — disse ela, sorrindo. Depois, franziu o cenho. — Mas temo não ter muita opção, nem nunca ter tido. Claro que agora é diferente, e a próxima geração tem sorte, vai mudar as coisas, provocar uma virada e dar aos homens o troco que merecem, de uma vez por todas.

— É? — comentou ele, mais concentrado em Lando Mata, no dia seguinte, e em como obter os cem milhões sem ceder o controle.

— É, sim. As moças da nova geração não vão agüentar a chatura do "lugar de mulher é no tanque". Deus, como odeio o serviço doméstico, como toda mulher odeia o serviço doméstico! Nossas filhas vão mudar tudo isso! Pelo menos Adryon. Meu Deus, detestaria ser marido dela!

— Toda geração pensa que vai mudar o mundo — disse Dunross, enchendo as taças. — Excelente champanha. Lembra como nós pensávamos? Lembra como nos queixávamos, ainda nos queixamos, das atitudes dos nossos pais?

— É verdade. Mas nossas filhas têm a pílula, e isso muda completamente a coisa, e...

— Hem? — Dunross fitou-a, chocado. — Quer dizer que Adryon toma pílula? Santo Deus, há quanto tempo... quer dizer que ela...

— Acalme-se, Ian, e ouça. Aquela pilulazinha trancou para sempre as portas do medo para a mulher... para os homens também, de certo modo. Acho que pouquíssimas pessoas se dão conta da enorme revolução social que ela vai criar.

— Agora, todas as mulheres podem fazer amor sem medo de ficarem grávidas, podem usar seus corpos como os homens usam os deles, para a gratificação, para o prazer, e sem vergonha. — Olhou vivamente para ele. — Quanto a Adryon, toma pílulas desde os dezessete anos.

— O quê?

— Claro. Preferiria que ela tivesse um filho?

— Santo Deus, Penn, claro que não — gaguejou Dunross.

— Mas, Santo Deus, quem? Quer... quer dizer que ela está tendo um caso, teve casos ou...

— Mandei-a ao dr. Tooley. Achei melhor que fosse consultá-lo.

— Você o quê?

— É. Quando estava com dezessete anos, veio me perguntar o que fazer. Disse que a maioria das suas amigas tomava pílula. Como existem vários tipos, quis que ela tivesse orientação de um perito. O dr. Too... Por que está assim tão vermelho, Ian? Adryon está com dezenove anos, fará vinte no mês que vem. É tudo muito comum.

— Não é, por Deus que não é!

— Och, meu rapaz, mas é — falou ela, imitando o sotaque escocês da Vovó Dunross, a quem ele adorara —, e o que estou querendo enfatizar é que as moças de hoje sabem o que estão fazendo. E não ouse contar a Adryon que lhe contei, senão esquento suas calças!

Ele a fitou.

— Saúde! — Com ar satisfeito, ela ergueu a taça. — Viu o Guardian extra desta tarde?

— Não mude de assunto, Penn. Não acha que devo falar com ela?

— De jeito nenhum. Não. É... um assunto muito particular. É o corpo dela, e a vida dela. E não importa o que você diga, Ian, ela tem o direito de fazer da sua vida o que lhe aprouver, e nada do que você diga vai fazer nenhuma diferença. Será tudo muito embaraçoso para vocês dois. É uma questão de prestígio — acrescentou, satisfeita com a sua esperteza. — Claro que Adryon vai ouvir com

carinho os seus pontos de vista, mas você realmente precisa ser adulto e moderno, tanto para o seu bem quanto para o dela.

Subitamente, uma onda incontrolável de calor subiu ao rosto dele.

— O que foi? — perguntou ela.

— Estava pensando em... estava só pensando.

— Em quem foi, é ou poderá ser o amante dela?

— É.

Penelope Dunross soltou um suspiro.

— Pelo bem da sua sanidade, Ian, não pense! Ela é muito sensata, tem mais de dezenove anos... bem, é bastante sensata. Por falar nisso, não a vi hoje o dia todo. A safadinha fugiu com o meu lenço novo antes que eu pudesse pegá-la. Lembra da blusa que lhe emprestei? Encontrei-a toda amassada, largada no chão do banheiro! Ficarei muito satisfeita quando ela ficar independente, morando no seu próprio apartamento.

— Ela é menina demais, pelo amor de Deus!

— Não estou de acordo, querido. Como eu dizia, não há nada que se possa fazer contra o progresso, e a pílula é um salto à frente maravilhoso, fantástico, inacreditável. Você precisa ser mais sensato. Por favor.

— É que... pombas, foi uma coisa muito repentina, só isso.

Ela deu uma risada gostosa.

— Se estivéssemos falando de Glenna, eu poderia compre... Ora, Ian, pelo amor de Deus, estou só brincando! Nunca me ocorreu

que você não tivesse imaginado que Adryon era uma senhorita muito saudável, ajustada, embora com um gênio terrível, irritante, e muito frustrada, sendo que a maioria dessas frustrações deriva de tentar nos agradar, a nós, com as nossas idéias antiquadas.

— Tem razão. — Tentou parecer convincente, mas não conseguiu, e disse com azedume: — Tem razão, embora... tem razão.

— Meu rapaz, não acha que está na hora de visitar a nossa Árvore dos Gritos? — falou, com sotaque escocês, e um sorriso.

Era um costume antigo do clã, no país de origem deles, que próximo da moradia da mulher mais velha da família do chefe ficaria a Árvore dos Gritos. Quando Ian era moço, Vovó Dunross era a mais velha, e o seu chalé se situava numa clareira nas colinas atrás de Kilmarnock e Ayrshire, onde ficavam as terras dos Struans. A árvore era um grande carvalho. Era para essa árvore que a pessoa se dirigia quando estava "com o diabo no corpo", e então, sozinha, a pessoa gritava e xingava o quanto queria.

—... e assim, minha filha — a linda velhinha lhe dissera na primeira noite —...e assim, minha filha, sempre há paz no lar, e ninguém precisa xingar o marido, a mulher, o amante, o filho. É

apenas uma árvore, e a árvore pode suportar todos os xingamentos que o próprio Diabo inventou.

Penelope estava se lembrando de como a velha Vovó Dunross a aceitara no clã e no seu coração, desde o primeiro momento. Fora pouco depois de eles terem se casado. Era a sua segunda visita, Ian de licença por motivos de saúde, ainda de muletas, as pernas muito queimadas, mas sarando, o resto do corpo intacto, depois da aterrissagem forçada, flamejante, e ele furioso por não mais poder voar, ela secretamente feliz, agradecendo a Deus pela trégua.

— Mas, minha menina — acrescentara Vovó Dunross com uma risadinha, naquela noite, com os ventos do inverno uivando nas charnecas, granizo do lado de fora, e eles quentinhos e aconchegados diante do fogo da lareira, a salvo dos bombardeios, bem alimentados, e sem outra preocupação que não fosse Ian ficar bom depressa —, certa vez, quando este Dunross tinha seis anos, e, puxa vida, que gênio tinha já nessa idade, e o pai dele, Colin, tinha viajado para um desses países pagãos estrangeiros, como sempre, este Dunross vinha passar as férias do colégio interno aqui em Ayr. É, e às vezes vinha me visitar, e eu lhe contava histórias do clã e do seu avô, e do seu bisavô. Mas, desta feita, nada conseguia afastar o demônio que tomara conta dele. Era uma noite igual a esta, e então eu o mandei lá para fora, o pirralhinho, é, eu o mandei para a Árvore dos Gritos... — A velhinha dera muitas risadinhas, sorvera o seu uísque e continuara: — É, e lá se foi o diabinho, todo empertigado, o vento levantando o seu saiote, e xingou a árvore. É, até os animais da floresta fugiram ante a sua ira, e depois ele voltou.

"— Deu-lhe uma boa bronca? — perguntei eu.

"— Dei — disse ele na sua vozinha. — É, vovó, dei-lhe uma boa bronca, a melhor de todas.

"— Ótimo — falei. — E agora está em paz!

"— Bem, não exatamente, vovó, mas estou cansado.

"E foi então, menina, naquele momento, que se ouviu um estrondo pavoroso, a casa inteira tremeu e pensei que era o fim do mundo, mas o pirralhinho correu para ver o que tinha acontecido e um raio fizera em pedaços a Árvore dos Gritos.

"— Puxa, vovó — disse na sua vozinha aguda, quando voltou, de olhos arregalados —, essa foi mesmo a melhor que já fiz. Posso fazer de novo?

"Ian caíra na risada.

"— Isso é história sua, não lembro de nada disso. Você está inventando, vovó!

"— Pois sim! Você estava com cinco ou seis anos, e no dia seguinte fomos escolher a nova árvore, a que você verá amanhã, menina, e a abençoamos em nome do clã, e eu disse ao jovem Ian que fosse um pouco mais cuidadoso, da próxima vez!"

Haviam rido juntos e depois, durante a noite, ela acordara e não encontrara Ian, nem suas muletas. Ficara atenta, esperando. Quando ele voltou, estava ensopado, mas cansado e em paz. Fingiu que dormia até que ele tivesse se metido na cama de novo. Aí, virou-se para ele, dando-lhe todo o calor de que era capaz.

— Lembre-se, minha menina — Vovó Dunross dissera-lhe em particular, no dia em que partiram —, se quiser manter o seu casamento, providencie para que este Dunross tenha sempre por perto uma Árvore dos Gritos. Não tenha medo. Escolha uma, sempre

escolha uma, onde quer que estejam. Este Dunross precisa de uma Árvore dos Gritos por perto, embora não o admita, e só vai usá-la raramente. Ele é como Dirk. É forte demais...

E assim, aonde quer que fossem, tinham uma árvore. Penelope insistira. Certa vez, em Chungking, para onde Dunross fora mandado como oficial de ligação dos Aliados, depois que se curou, ela fizera de um bambu a Árvore dos Gritos deles. Ali em Hong Kong era um imenso jacarandá que dominava o jardim inteiro.

— Não acha que devia fazer uma visitinha a ela?

A árvore era sempre "ela" para ele, e "ele" para ela.

"Todo mundo devia ter uma Árvore dos Gritos", pensou Penelope. "Todo mundo."

— Obrigado — disse ele. — Agora estou bem.

— Como foi que Vovó Dunross teve tanta sabedoria e continuou tão maravilhosa depois de tanta tragédia na vida?

— Não sei. Vai ver que elas eram feitas de material mais forte, naquela época.

— Sinto saudade dela. — Vovó Dunross estava com oitenta e cinco anos quando morreu. Era Agnes Struan quando se casou com o primo Dirk Dunross, Dirk McCloud Dunross, cuja mãe, Winifred, única filha de Dirk Struan, dera-lhe o nome do pai, como homenagem. Dirk Dunross fora o quarto tai-pan, e morrera no mar, levando o Sunset Cloud para casa. Tinha apenas quarenta e dois anos, ao desaparecer, e ela, trinta e um. Jamais se casou de novo. Tiveram três filhos e uma filha. Dois dos filhos morreram na Primeira Guerra, o mais velho em Galípoli, com vinte e um anos, o outro em Ypres, Flandres, com dezenove. A filha Anne casara-se com Gaston de Ville, pai de Jacques. Anne morrera nos bombardeios de Londres, para onde haviam fugido todos os De Villes, exceto Jacques, que ficara na França e lutara contra os nazistas, com os maquis. Colin, o último dos seus filhos, pai de Ian, também tivera três filhos e uma filha, Kathren. Dois filhos também tinham morrido na Segunda Guerra Mundial. O primeiro marido de Kathren, líder da esquadrilha de Ian, fora morto na Batalha da Inglaterra. — Tantas mortes, mortes violentas — disse Penelope, com tristeza. — Ver todos eles nascerem, e todos morrerem... terrível! Pobre vovó! No entanto, quando morreu, pareceu partir tão serenamente, com aquele seu lindo sorriso.

— Talvez fosse joss. Mas os outros, também era o destino deles. Apenas fizeram o que tinham que fazer, Penn. Afinal de contas, nesse aspecto, a história da nossa família é bem comum. Somos britânicos. A guerra tem sido um meio de vida há séculos. Olhe só para a sua família. Um dos seus tios morreu no mar, na marinha, na Primeira Grande Guerra; outro na última, em El-Alamein; seus pais morreram na blitz... tudo muito comum. — A voz dele endureceu. — Não é fácil explicar para um estranho, é?

— Não. Todos tivemos que crescer tão depressa, não é, Ian?
— Ele fez que sim com a cabeça, e depois de um momento, ela falou: — É melhor ir se vestir para o jantar, querido, vai se atrasar.

— Ora, qual é, Penn? Você leva uma hora a mais do que eu. Ficaremos só um pouco, sairemos logo depois do jantar. Quan... — O telefone tocou, e ele atendeu. — Sim? Oh, alô, Sr. Deland.

— Boa noite, tai-pan. Quero informar sobre a filha de Mme de Ville e seu genro, M. Escary.

— Por favor, prossiga.

— Sinto-me consternado por ter de dar notícias tão más. O acidente foi, como se diz, uma batida de raspão na parte de cima da Corniche, pertinho de Èze. O motorista do outro carro estava bêbado. Foi mais ou menos às duas da manhã, e quando a polícia chegou, M. Escary já estava morto, e sua mulher, inconsciente. O doutor diz que ela vai sarar, muito bem. Mas teme que os... os órgãos internos dela, seus órgãos reprodutores, possam ter sido afetados permanentemente. Pode precisar de uma operação. Ele...

— Ela está sabendo disso?

— Não, monsieur, ainda não, mas Mme de Ville sabe, o médico lhe contou. Fui recebê-la, como o senhor mandou, e cuidei de tudo. Pedi a um especialista nessas coisas, de Paris, que viesse dar o seu parecer, e ele chega ao Hospital de Nice hoje à tarde.

— Mais algum dano?

— Não externamente. Um pulso quebrado, alguns cortes, nada. Mas a pobre moça está arrasada. Foi bom... fiquei feliz por a

mãe dela ter vindo, isso ajudou, ajudou. Está hospedada numa suíte no Metrópole, e fui recebê-la no aeroporto. Claro que estarei sempre em contato com ela.

— Quem dirigia?

— Mme Escary.

— E o outro motorista? Uma hesitação.

— O nome dele é Charles Sessonne. É padeiro em Èze, e ia voltando para casa, depois de uma noitada de cartas com amigos. A polícia já... Mme Escary jura que o carro dele estava na contramão. Ele não se lembra. Naturalmente, lamenta muito, e a polícia já o indiciou por dirigir bêbado, e...

— É a primeira vez?

— Non. Non, já houve uma vez em que foi detido e multado.

— O que acontecerá, segundo a lei francesa?

— Haverá um julgamento e depois... não sei, monsieur. Não houve outras testemunhas. Talvez uma multa, talvez a cadeia, não sei. Talvez ele se recorde de que estava na mão, quem sabe? Lamento muito.

Dunross pensou por um momento.

— Onde mora esse homem?

— Rue de Verte, 14, Èze.

Dunross lembrava-se bem da aldeia, não ficava longe de Monte Carlo, bem no alto, e de lá se enxergava toda a Côte d'Azur, a Itália, para além de Monte Carlo, e Nice, para além de Cap Ferrat.

— Obrigado, Sr. Deland. Mandei-lhe por telex dez mil dólares para as despesas de Mme de Ville e qualquer outra coisa. Faça o que for necessário. Ligue para mim, imediatamente, se houver algum problema... e por favor peça ao especialista para ligar para mim logo após ter examinado Mme Escary. Já falou com o Sr. Jacques de Ville?

— Não, tai-pan, o senhor não me deu ordens para isso. Quer que eu ligue?

— Não, eu ligo. Mais uma vez, obrigado.

Dunross desligou e contou tudo para Penelope, exceto sobre os ferimentos internos.

— Que horrível! Que coisa mais... sem sentido! Dunross estava olhando pela janela para o pôr-do-sol. Fora ele que sugerira que o jovem casal fosse para Nice e Monte Carlo, onde ele e Penelope tinham se divertido tanto: comida maravilhosa, vinhos maravilhosos e um pouco de jogo. "Joss", pensou, depois acrescentou: "puta que o pariu!"

Ligou para a casa de Jacques de Ville, mas não o achou. Deixou um recado para que lhe telefonasse.

— Eu o verei logo mais, no jantar — disse, o champanha agora sem gosto. — Bem, é melhor nos vestirmos.

— Eu não vou, querido.

— Ora, mas...

— Tenho um monte de coisas para aprontar para amanhã. Arranje uma desculpa para mim... claro que você tem de ir. Estarei ocupadíssima. As coisas de escola de Glenna... e Duncan chega na segunda, e o material e roupas de escola dele têm que ser preparados. Você terá que levá-lo até o avião, e cuidado para ele não esquecer o passaporte... É fácil você arranjar uma desculpa para mim hoje, já que vou viajar.

Ele deu um débil sorriso.

— Claro, Penn, mas qual é o verdadeiro motivo?

— Vai ser uma festança. Robin estará lá.

— Eles só voltam amanhã!

— Não, estava na edição extra do Guardian. Chegaram esta tarde. A delegação inteira sem dúvida será convidada. — O banquete estava sendo oferecido por um multimilionário do mercado de imóveis, Sir Shi-teh T'Chung, em parte para comemorar o título de cavaleiro que recebera na última Lista de Honrarias, mas principalmente para dar início ao seu mais recente programa de caridade, a construção da nova ala do Elizabeth Hospital. — Não tenho mesmo vontade de ir, e contanto que você vá, tudo bem. Também estou querendo dormir cedo. Por favor.

— Está bem. Vou cuidar desses telefonemas, depois vou para lá. Mas falo com você antes de sair. — Dunross subiu as escadas e entrou no seu gabinete. Lim esperava. Usava uma túnica branca,

calças pretas e sapatos macios. — Boa noite, Lim — disse Dunross em cantonense.

— Boa noite, tai-pan. — Discretamente, o velho chamou-o até a janela. Dunross podia ver dois homens, chineses, vadiando do outro lado da rua, do lado de fora do muro alto que cercava a Casa Grande, junto dos portões de ferro altos e abertos. — Há algum tempo que estão ali, tai-pan.

Dunross observou-os por um momento, inquieto. Seus próprios guardas haviam sido dispensados, e Brian Kwok, que também fora convidado para a festa de Sir Shi-teh, viria buscá-lo dali a pouco, no papel de substituto.

— Se não tiverem ido embora até o anoitecer, ligue para o gabinete do superintendente Crosse. — Anotou o número, depois acrescentou em cantonense, com a voz subitamente dura:

— Por falar nisso, Lim, se eu quiser que se mexa em algum carro de demônio estrangeiro, darei a ordem.

Viu que os velhos olhos o fitavam, impassíveis. Lim Chu estava com a família desde os sete anos, como o seu pai antes dele, e o pai dele, o primeiro da sua linhagem, que, antigamente, antes da existência de Hong Kong, fora o Empregado Número Um, e cuidara da mansão dos Struans em Macau.

— Não estou entendendo, tai-pan.

— Não se pode embrulhar fogo com papel. A polícia é esperta, e o velho Barba Negra é um grande amigo da polícia. Os peritos sabem examinar os freios e tirar toda espécie de informações.

— Não sei nada sobre a polícia. — O velho deu de ombros, depois abriu um sorriso. — Tai-pan, não subo em árvores para achar peixes. Nem o senhor. Preciso contar-lhe que, durante a noite, não pude dormir e vim para cá. Havia uma sombra no balcão. No momento em que abri a porta do gabinete, a sombra escorregou pelo cano de escoamento e sumiu no meio dos arbustos. — O velho apanhou um pedaço rasgado de pano.

— Isto aqui estava no cano.

A fazenda era comum, sem nada de especial.

Dunross examinou-a, perturbado. Lançou um olhar para o retrato de Dirk Struan, encimando a lareira. Estava na posição exata. Ele o afastou e viu que o fio de cabelo que havia equilibrado delicadamente numa dobradiça do cofre não fora tocado. Satisfeito, recolocou o quadro no lugar, depois foi verificar as trancas das portas envidraçadas. Os dois homens continuavam lá. Pela primeira vez, Dunross ficou muito contente por ter uma guarda do sei.

34

19h58m

Estava quente e úmido no escritório de Phillip Chen, e ele estava sentado ao lado do telefone, fitando-o nervosamente. A porta se abriu e ele deu um salto. Dianne foi entrando.

— Não há motivo para esperar mais, Phillip — falou, com irritação. — É melhor ir mudar de roupa. Aquele demônio do Lobisomem não vai ligar hoje à noite. Alguma coisa deve ter acontecido. Vamos indo! — Usava um cheong-sam de noite, no estilo mais moderno e dispendioso, o cabelo armado, e estava enfeitada de jóias como uma árvore de Natal. — É. Alguma coisa deve ter acontecido. Quem sabe a polícia... hum, é esperar demais

que o tenham agarrado. O mais provável é que o demônio fang pi esteja brincando conosco. É melhor ir se vestir, ou chegaremos tarde. Se andar depressa...

— Não estou com vontade de ir — falou ele bruscamente. Shitee T'Chung é um chato, e agora que virou Sir Shitee, é um chato ao quadrado. — Há anos o nome Shi-teh fora adulterado e se transformara em "Shitee", apelido usado pelos amigos íntimos. — De qualquer maneira, ainda nem são oito horas, o jantar é só às nove e meia, e ele está sempre atrasado. Os banquetes dele começam sempre uma hora atrasados, pelo menos. Pelo amor de Deus, vá você!

— Ayeeyah, você tem que ir. É uma questão de prestígio — replicou, igualmente mal-humorada. — Meu Deus, depois do que houve hoje na Bolsa... se não formos, ficaremos terrivelmente desprestigiados, e isso vai fazer com que as ações caiam mais ainda! Hong Kong inteira vai rir de nós. Mal podem esperar. Dirão que estamos com tanta vergonha de a Casa não poder pagar as suas contas que nem queremos dar as caras em público. Hum! E quanto à nova mulher de Shitee, Constance, aquela meretriz bajuladora nem pode esperar para me ver humilhada! — Estava quase guinchando. As perdas dela naquele dia ultrapassavam cem mil, dos seus dólares secretos e particulares. Quando Phillip telefonara da Bolsa, pouco depois das três, para contar-lhe o que se passara, ela quase desmaiara. — Oh ko, você tem que vir, ou ficaremos arruinados!

Com ar infeliz, o marido concordou. Sabia que fofocas e fofoqueiros abundariam no banquete. O dia todo fora inundado de perguntas, gemidos e pânico.

— Suponho que tenha razão. — Perdera quase um milhão naquele dia, e se a corrida continuasse e Gornt vencesse, sabia que seria destruído. "Oh, oh, oh, por que fui confiar no Dunross e comprar tanto?", perguntava-se, com tanta raiva que sentia vontade de dar um chute em alguém. Ergueu os olhos para a mulher. Seu coração se apertou ao notar os sinais do formidável desprazer dela em relação ao mundo em geral, e a ele em particular. Tremeu por dentro. — Está bem — disse, humildemente. — Não demoro nada.

Quando chegou à porta, o telefone tocou. Mais uma vez, seu coração se apertou, e sentiu-se nauseado. Recebera quatro telefonemas desde as seis horas. Todos tinham sido telefonemas comerciais lamentando o destino das ações, e "será que os boatos eram verdade, e oh ko, Phillip, é melhor eu vender...", cada um deles pior do que o anterior.

— Weyyyy? — atendeu, irado.

Fez-se uma breve pausa, depois uma voz igualmente rude disse num cantonense grosseiro:

— Você está de péssimo humor, seja lá quem for! Onde estão os seus bons modos, porra?

— Quem é? Quem está falando? — indagou em cantonense.

— Aqui é o Lobisomem. O Lobisomem-Chefe, por todos os deuses! Quem é você?

— Oh! — O sangue fugiu do rosto de Phillip Chen. Em pânico, fez sinal para a mulher. Ela veio depressa, e inclinou-se para ouvir também, tudo o mais esquecido, exceto a segurança da Casa. — Aqui... aqui fala o Honorável Chen — disse, cautelosamente. — Por favor, qual... qual é o seu nome?

— Está com cera nos ouvidos? Falei que era o Lobisomem. Acha que sou burro de lhe dar o meu nome?

— Des... desculpe, mas como posso saber que... que está falando a verdade?

— Como posso saber quem você é? Talvez seja um polícia comedor de bosta. Quem é você?

— Sou o Chen da Casa Nobre. Juro!

— Ótimo. Então, eu lhe escrevi uma carta dizendo que ligaria por volta das dezoito horas de hoje. Não recebeu a carta?

— Sim, recebi, sim — dizia Phillip Chen, tentando controlar um alívio a que se misturavam fúria, frustração e terror. — Deixe-me falar com meu Filho Número Um, por favor.

— Isso não é possível, não, não é possível! Um sapo pode pensar em comer um cisne? Seu filho está noutra parte da ilha... na verdade está nos Novos Territórios, longe de um telefone, mas a

salvo, Chen da Casa Nobre, ah, sim, a salvo. Nada lhe falta. Tem o dinheiro do resgate?

— Tenho... pelo menos pude levantar cem mil. O...

— Todos os deuses testemunhem a porra da minha paciência!
— exclamou o homem, irado. — Sabe muito bem que pedimos quinhentos mil. Quinhentos ou um milhão ainda é o mesmo que um fio de pêlo em dez bois, para você!

— Mentiras! — guinchou Phillip Chen. — Tudo mentiras e boatos difundidos por meus inimigos! Não sou tão rico assim... Não ouviu falar do que houve na Bolsa, hoje?

Phillip Chen tateou em busca de uma cadeira, o coração batendo com violência, e sentou-se, ainda segurando o fone de maneira a que Dianne também pudesse escutar.

— Ayeeyah, Bolsa! Nós, pobres agricultores, não aplicamos na Bolsa de Valores! Está querendo a outra orelha dele?

Phillip Chen empalideceu.

— Não. Mas precisamos negociar. Quinhentos é demais. Posso dar um jeito de arranjar cento e cinqüenta mil.

— Se eu aceitar cento e cinqüenta mil serei motivo de chacota de toda a China! Está me acusando de vender gato por lebre? Cento e cinqüenta pelo Filho Número Um dos Chens da Casa Nobre? Impossível! Eu ficaria desmoralizado! Certamente, pode entender isso.

Phillip Chen hesitou.

— Bem — falou, razoavelmente —, nesse ponto tem razão. Primeiro, quero saber quando vou ter meu filho de volta.

— Logo que o resgate seja pago! Prometo-lhe pelos ossos dos meus ancestrais! Poucas horas depois de recebermos o dinheiro,

nós o poremos na estrada principal de Sha Tin.

— Ah, ele está em Sha Tin, agora?

— Ayeeyah, você não consegue me fazer cair em armadilhas, Chen da Casa Nobre. Estou sentindo cheiro de bosta nessa conversa! A merda da polícia está escutando? O cão está bancando o valente porque o amo está escutando? Chamou a polícia?

— Não, juro. Não chamei a polícia e não estou tentando fazê-lo cair em nenhuma armadilha, mas, por favor, preciso de garantias, garantias razoáveis. — Phillip Chen estava orvalhado de suor. — Você está seguro, tem minha palavra, não chamei a polícia. Por que chamaria? Se o fizer, como poderemos negociar?

Outra longa hesitação, depois o homem disse, um pouco apaziguado:

— Concordo. Mas estamos com o seu filho; assim, qualquer coisa que aconteça é culpa sua, não nossa. Está certo, também serei razoável. Aceitarei quatrocentos mil, mas tem que ser esta noite!

— É impossível! Está me pedindo para pescar no mar e apanhar um tigre! Só recebi sua carta depois que os bancos tinham fechado, mas tenho cem mil em notas de baixo valor... — Dianne cutucou-o e ergueu dois dedos. — Ouça, Honorável Lobisomem, quem sabe posso pedir mais emprestado, ainda hoje. Quem sabe... ouça, dou-lhe duzentos mil esta noite. Estou certo de poder levantar essa quantia, em uma hora. Duzentos mil!

— Que todos os deuses me abatam e matem, se aceitar essa merda dessa ninharia. Quero trezentos e cinqüenta mil!

— Duzentos mil dentro de uma hora!

— A outra orelha dele dentro de dois dias, ou trezentos mil esta noite!

Phillip Chen gemeu, suplicou, bajulou e xingou, e negociaram mutuamente. Os dois homens eram peritos. Logo estavam engajados numa batalha de habilidade, cada um usando todos os

seus poderes, o seqüestrador usando ameaças, Phillip Chen usando malícia, lisonja e promessas. Finalmente, Phillip Chen falou:

— Você é bom demais para mim, um negociador bom demais. Pagarei duzentos mil esta noite, e mais cem mil dentro de quatro meses.

— Dentro de um mês!

— Três!

Phillip Chen ficou estarelecido com o fluxo de obscenidades que se seguiu, e perguntou-se se tinha avaliado mal o adversário.

— Dois!

Dianne cutucou-o de novo, para que concordasse.

— Pois bem, concordo. Mais cem mil em dois meses.

— Ótimo! — O homem parecia satisfeito, depois acrescentou:
— Pensarei no que propôs, e ligarei depois.

— Mas, espere um momento, Honorável Lobisomem. Quando
li...

— Dentro de uma hora.

— Ma... — O telefone emudeceu. Phillip Chen praguejou,
depois enxugou de novo a testa. — Pensei que o tinha nas mãos.
Deus amaldiçoe o bosta de cachorro sem mãe.

— É. — Dianne estava eufórica. — Agiu muito bem, Phillip!
Apenas duzentos agora e mais cem daqui a dois meses! Perfeito!
Tudo pode acontecer em dois meses. Quem sabe a suja da polícia os
prende, e então não teremos que pagar os cem mil! — Toda feliz,

pegou um lenço de papel e enxugou delicadamente o suor que lhe encimava os lábios. A seguir, seu sorriso desapareceu. — E quanto a Shitee T'Chung? Temos que ir, mas você tem que esperar.

— Ah, já sei! Leve o Kevin, eu vou depois. Haverá espaço bastante para mim, quando chegar lá. Fico... fico esperando que ele telefone de novo.

— Excelente! Como você é esperto! Temos que pegar a nossa moeda de volta. Ah, que ótimo! Talvez nossa sorte tenha mudado e a alta do mercado possa acontecer, como predisse o Velho Cego Tung. Kevin está tão preocupado com você, Phillip! O pobrezinho está muito nervoso com todos os problemas que você está tendo. Está muito preocupado com a sua saúde! — Saiu apressadamente agradecendo aos deuses, sabendo que estaria de volta muito antes de John Chen voltar em segurança. "Perfeito", pensava, "Kevin pode usar o seu novo dinner jacket branco lustroso. Está na hora de começar a viver de acordo com a sua nova posição." — Kevinnnn!

A porta se fechou. Phillip Chen soltou um suspiro. Quando conseguiu reunir forças, foi até o aparador e serviu-se de um conhaque. Depois que Dianne e Kevin foram embora, serviu-se de outro. Às quinze para as nove, o telefone tocou de novo.

— Chen da Casa Nobre?

— Sim... sim, Honorável Lobisomem?

— Aceitamos. Mas tem que ser esta noite. Phillip Chen soltou um suspiro.

— Pois bem. Agora, que...

— Pode conseguir todo o dinheiro?

— Posso.

— As notas serão de cem, como pedi?

— Sim. Tenho cem mil e posso obter mais cem com um amigo...

— Tem amigos ricos — disse o homem, desconfiado. — Mandarins.

— Ele é bookmaker — disse Phillip Chen rapidamente, amaldiçoando-se pelo deslize. — Quando você desligou, eu... entrei em contato com ele. Felizmente, hoje foi uma das suas grandes noites.

— Está bem. Escute, tome um táxi...

— Ah, mas tenho carro e...

— Sei que tem uma merda dum carro, sei qual é a placa — disse o outro com grosseria —, e sabemos tudo a seu respeito; se tentar nos atraiçoar com a polícia, jamais verá seu filho de novo, e será o próximo da nossa lista. Compreendeu?

— Sim, sim, claro, Honorável Lobisomem — disse Phillip Chen, apaziguadoramente. — Devo tomar um táxi... para onde?

— O jardim em triângulo em Kowloon Tong. Ali há uma estrada chamada Essex Road. Ali há um muro, e um buraco no muro. Uma flecha desenhada na calçada terá a ponta indicando o buraco. Enfie a mão pelo buraco e receberá uma carta. Leia-a e depois os nossos combatentes de rua se acercarão de você e dirão Tin koon chi fook, e você lhes entregará a sacola.

— Oh! Não é possível que eu a entregue ao homem errado?

— Não entregará. Entendeu a senha, e todo o resto?

— Sim... sim.

— Quanto tempo demorará para chegar lá?

— Irei imediatamente. Eu... pegarei a outra quantia no caminho, posso ir imediatamente.

— Então venha imediatamente. Venha só, não pode vir com mais ninguém. Estará sendo vigiado no momento em que sair pela porta.

Phillip Chen enxugou a testa.

— E meu filho? Quando vou...

— Obedeça às instruções! Tome cuidado e venha sozinho. Novamente o aparelho emudeceu. Os dedos dele tremiam ao pegar o copo e engolir todo o conhaque. Sentiu o calorzinho gostoso, mas aquilo não diminuiu em nada sua apreensão. Quando se sentiu mais controlado, ligou para um número muito particular.

— Quero falar com Wu Quatro Dedos — disse, no dialeto de Wu.

— Um momento, por favor. — Ouviu algumas vozes abafadas em haklo, e depois: — É o Sr. Chen, Sr. Phillip Chen? — a voz perguntou, num inglês dos Estados Unidos.

— Oh! — exclamou, espantado, depois acrescentou, cautelosamente: — Quem fala?

— Aqui é Paul Choy, Sr. Chen, sobrinho do Sr. Wu. Meu tio precisou sair, mas deixou instruções para que eu esperasse até o senhor ligar. Tomou algumas providências para o senhor. É mesmo o sr, Chen?

— Sim, sim, sou eu.

— Ah, ótimo! Teve notícias dos seqüestradores?

— Sim, sim, tive.

Phillip Chen não se sentia bem falando com um estranho, mas agora não tinha opção. Contou a Paul Choy as instruções que recebera.

— Um momentinho, senhor. — Ouviu uma mão tapando o bocal, e novamente uma conversa indistinta e abafada no dialeto haklo. — Tudo acertado, senhor. Mandaremos um táxi para a sua casa... está telefonando do Mirante de Struan?

— É, estou em casa.

— O motorista será um dos nossos. Haverá mais... gente do meu tio espalhada por Kowloon Tong, portanto não se preocupe, estará coberto a cada passo do caminho. Basta entregar o dinheiro, e eles... cuidarão de tudo. O lugar-tenen... o ajudante dele disse para não se preocupar, a área inteira estará enxameando de... Sr. Chen?

— Ainda estou aqui. Obrigado.

— O táxi chegará aí em vinte minutos.

Paul Choy desligou o aparelho.

— O Chen da Casa Nobre manda agradecer, Honorável Pai — disse para Wu Quatro Dedos, apaziguadoramente, no dialeto deles, tremendo sob o olhar de pedra do velho. O suor orvalhava-lhe o rosto. Tentou, sem êxito, disfarçar dos outros o seu medo. Estava quente e abafado na cabine principal, lotada, do junco antigo, amarrado numa vaga permanente a uma doca igualmente antiga num dos inúmeros estuários de Aberdeen. — Posso ir com seus combatentes, também?

— A gente manda um coelho lutar contra um dragão? — rosnou Wu Quatro Dedos. — Você é treinado como combatente de rua? Eu sou um idiota feito você? Traçoeiro feito você? — Apontou um polegar caloso para Poon Bom Tempo.

— Guie os combatentes!

O homem saiu, às pressas. Os outros o seguiram.

Agora, os dois homens estavam sozinhos na cabine.

O velho estava sentado em cima de um barril de cabeça para baixo. Acendeu outro cigarro, tragou profundamente, tossiu e cuspiu ruidosamente no chão do convés. Paul Choy o fitava, com o suor escorrendo pelas costas, mais de medo do que de calor. Ao seu redor havia algumas escrivaninhas velhas, arquivos, cadeiras desconjuntadas e dois telefones, pois ali ficava o escritório e o centro de comunicações de Quatro Dedos. Era dali, principalmente, que mandavam mensagens para a sua frota. Grande parte dos seus negócios era transporte de carga legal, mas onde quer que tremulasse a bandeira com a Lótus Prateada, sua ordem para os capitães era: qualquer coisa, transportada para qualquer lugar, a qualquer hora... pelo preço certo.

O velho durão tossiu de novo e fitou-o ferozmente sob as sobrancelhas espessas.

— Eles ensinam modos curiosos na Montanha Dourada, heya?

Paul Choy ficou calado e esperou, o coração disparado, e desejou jamais ter voltado para Hong Kong, estar ainda nos Estados Unidos, ou melhor ainda, em Honolulu, surfando nas Grandes Ondas, ou deitado na areia ao lado da sua namorada. Seu espírito se retorceu ao pensar nela.

— Ensinam você a cuspir no prato em que comeu, heya?

— Não, Honrado Pai, lamen...

— Ensinam que meu dinheiro é seu, minha fortuna é sua, e meu carimbo é seu, para usar como desejar, heya?

— Não, Honrado Senhor. Lamento tê-lo desagradado — murmurou Paul Choy, fraquejando ante o peso do próprio medo.

Naquela manhã bem cedo, quando Gornt entrara animado no escritório, vindo do seu encontro com Bartlett, as secretárias ainda não tinham chegado. Portanto Paul Choy perguntou se poderia ajudá-lo em alguma coisa. Gornt mandou que ligasse para diversas pessoas. Para outras ele próprio discou, na sua linha particular. Paul Choy não dera importância, na hora, até que, por acaso, ouviu parte do que eram, obviamente, informações sigilosas da Struan sendo sussurradas confidencialmente pelo telefone. Lembrando-se do telefonema de Bartlett, logo cedo, deduzindo que Gornt e Bartlett tinham tido um encontro (bem-sucedido, a julgar pelo bom humor de Gornt), e dando-se conta de que Gornt estava fazendo as mesmas confidências, repetidas vezes, sua curiosidade aumentou. Mais tarde, conseguiu ouvir Gornt dizer aos seus advogados:

— "...vendendo a descoberto... Não, não se preocupe, nada vai acontecer até que eu esteja coberto, não antes das onze horas... Claro. Mando o pedido, carimbado, tão logo..."

O telefonema seguinte que Gornt solicitou que ele desse foi um interurbano para o gerente do Banco da Suíça e Zurique, ao qual, discretamente, prestou atenção.

—...estou esperando um depósito grande de dólares americanos hoje de manhã, antes das onze horas. Ligue para mim no instante preciso em que estiver na minha conta.

Assim, intrigado, juntara as diversas peças da equação e formulara uma teoria: "Se Bartlett estabeleceu uma sociedade súbita e secreta com Gornt, o inimigo declarado da Struan, para dar início a uma de suas incursões; se Bartlett também assume parte do risco, ou a sua maioria — colocando secretamente uma grande quantia em uma das contas numeradas de Gornt na Suíça, para cobrir quaisquer prejuízos com as vendas a descoberto; — e, finalmente, se convenceu Gornt a ser o testa-de-ferro enquanto ele fica em cima do muro, vai dar a maior confusão na Bolsa, e as ações da Struan vão cair."

Isso precipitou uma decisão comercial imediata: "Entre na dança depressa e venda ações da Struan a descoberto antes dos figurões, e ganhe uma nota preta!"

Lembrava-se agora como quase gemera em voz alta porque não tinha dinheiro, nem crédito, nem ações, nem meios de tomá-las emprestadas. A seguir, lembrou-se do que um dos seus instrutores na Escola de Administração de Harvard vivia martelando na cabeça deles: um coração débil jamais conquistou uma bela moça. Assim, entrou numa sala particular e ligou para o seu novo amigo, Ishwar Soorjani, o agiota e dono da casa de câmbio, a quem ficara conhecendo por intermédio do velho eurasiiano da biblioteca.

— Escute, Ishwar, seu irmão é o chefe dos Corretores Soorjani, não é?

— Não, Jovem Amo. Ar jan é meu primo-irmão. Por quê?

— Se eu quisesse vender ações a descoberto, ele me apoiaria?

— Certamente, como já lhe disse antes, vendendo ou comprando eu o apoiarei integralmente, se tiver uma quantia razoável para cobrir os prejuízos... ou o equivalente. Sem dinheiro ou equivalente, nada feito.

— E se eu tiver uma informação quentíssima?

— O caminho para o inferno e para a prisão dos devedores está coalhado de informações quentíssimas, Jovem Amo. Aconselho-o a não se fiar em informações quentíssimas.

— Puxa — exclamou com tristeza Paul Choy. — Poderíamos ganhar algumas centenas de milhares antes das três.

— É? Gostaria de sussurrar o ilustre nome das ações?

— Você me apoiaria com... vinte mil dólares americanos?

— Ah, lamento, Jovem Amo, eu empresto dinheiro, não dou. Meus ancestrais o proibem!

— Vinte mil HK?

— Nem mesmo dez dólares em dinheiro confederado.

— Puxa, Ishwar, você não está sendo de grande ajuda!

— Por que não pede ao seu ilustre tio? O carimbo dele... e eu lhe daria imediatamente até meio milhão de HK.

Paul Choy sabia que entre o dinheiro e os papéis do pai transferidos do Ho-Pak para o Victoria havia muitos certificados de ações e uma lista de títulos mobiliários nas mãos de diversos corretores. Uma delas era de cento e cinquenta mil ações da Struan. "Meu Deus", pensou, "se eu estiver certo, o velho pode se dar mal. Se Gornt for adiante com a incursão, o velho pode entrar pelo cano."

— Boa idéia, Ishwar. Ligo depois para você! Telefonou para o pai imediatamente, mas não conseguiu localizá-lo. Deixou recados onde pôde, e começou a esperar. Sua ansiedade aumentava. Pouco antes das dez, ouviu a secretária de Gornt atender ao telefone.

— Sim?... Ah, um momento, por favor... Sr. Gornt? Uma ligação pessoal de Zurique... Pode falar.

Mais uma vez tentara encontrar o pai, querendo dar-lhe a notícia urgente. Então, Gornt mandara chamá-lo.

— Sr. Choy, queira entregar isto imediatamente ao meu advogado. — Dera-lhe um envelope lacrado. — Entregue-o a ele pessoalmente.

— Sim, senhor.

Saíra do escritório. Parava a cada telefone que encontrava, tentando falar com o pai. Depois, entregara a carta em mãos, observando atentamente o rosto do advogado. Notou satisfação.

— Há resposta, senhor? — perguntou cortesmente.

— Diga apenas que tudo será feito como ele mandou. Passava um pouquinho das dez horas.

Saindo do escritório e descendo no elevador, Paul Choy pesara os prós e os contras. Com o estômago dando voltas, parou no telefone mais próximo.

— Ishwar? Escute, tenho uma ordem urgente do meu tio. Quer vender suas ações da Struan, cento e cinquenta mil ações.

— Ah, muito sensato, os boatos mais terríveis estão correndo à solta.

— Sugeri a ele que você e Soorjani deviam cuidar disso. Cento e cinquenta mil ações. Ele quer saber se vocês podem vendê-las imediatamente. É possível?

— Sem dúvida. Para o Estimado Quatro Dedos, iremos em frente como os Rothschilds! Onde estão as ações?

— Na caixa-forte.

— Precisarei imediatamente do carimbo dele.

— Estou indo buscá-lo, mas ele mandou vender sem mais delongas. Mandou vender em blocos pequenos, para não abalar o mercado. Quer o melhor preço. Venderá imediatamente?

— Sim, não se preocupe, imediatamente. E obteremos o melhor preço!

— Ótimo. E, o mais importante, mandou que isso ficasse em segredo.

— Sem dúvida, Jovem Amo, pode confiar em nós implicitamente. E as ações que você mesmo queria vender a descoberto?

— Bem, acho que... elas terão que esperar... até eu ter crédito, heya?

— Muito, muito sensato.

Paul Choy estremeceu. Seu coração batia fortemente agora, no silêncio, e ele ficou olhando para o cigarro do pai, não para o seu rosto irado, sabendo que aqueles olhos negros e frios o fitavam penetrantes, decidindo o seu destino. Lembrou-se de como quase gritara de entusiasmo quando as ações tinham começado a baixar quase imediatamente, controlando-as minuto a minuto, depois mandando Soorjani recomprá-las pouco antes de a Bolsa encerrar o expediente, e sentindo-se eufórico e tonto de alegria. Prontamente fora telefonar para a sua garota, gastando quase trinta dos seus valiosos dólares americanos, contando-lhe que dia fantástico tivera, e como sentia saudade dela. Ela dissera que também estava morrendo de saudade, e perguntara quando ele ia voltar para Honolulu. Ela se chamava Mika Kasunari, e era sansei, americana de terceira geração, descendente de japoneses. Os pais dela o odiavam porque era chinês, assim como ele sabia que o pai dele a odiaria porque era japonesa, só que eles eram americanos, os dois, e haviam se conhecido e apaixonado na universidade.

— Muito breve, meu bem — prometera-lhe, radiante —, até o Natal, prometo! Depois do dia de hoje, sem dúvida meu tio me dará uma gratificação...

Fez brincando o trabalho que Gornt lhe dera durante o resto do dia. No final da tarde, Poon Bom Tempo telefonara para lhe avisar que o pai o veria em Aberdeen, às dezenove e trinta. Antes de ir para lá, fora buscar o cheque de Soorjani para o pai: seiscentos e quinze mil HK, menos a comissão de corretagem.

Radiante, viera para Aberdeen e lhe entregara o cheque, e quando lhe contara o que havia feito, ficara estupefato ao constatar a extensão da fúria do pai. A bronca violenta fora interrompida pelo telefonema de Phillip Chen.

— Lamento profundamente tê-lo ofendido, Hon...

— Com que então meu carimbo é seu, minha fortuna é sua, heya? — berrou Wu Quatro Dedos subitamente.

— Não, Honrado Pai — exclamou, com voz abafada —, mas a informação era tão boa! E quis proteger suas ações, além de ganhar dinheiro para o senhor.

— Mas não para você, heya?

— Não, Honrado Pai. Era para o senhor. Para ganhar dinheiro para o senhor e ajudar a retribuir todo o dinheiro que investiu em mim... eram as suas ações, e é o seu dinheiro. Tentei...

— Isso não é porra de desculpa nenhuma! Venha comigo! Trêmulo, Paul Choy levantou-se e acompanhou o velho até o tombadilho. Wu Quatro Dedos mandou embora com um palavrão o seu guarda-costas e apontou com um dedo rombudo as águas lamacentas e fétidas do porto.

— Se não fosse meu filho — sibilou —, se não fosse meu filho, estaria alimentando os peixes ali, com os pés acorrentados, neste exato momento.

— Sim, Pai.

— Se usar o meu nome de novo, meu carimbo, seja lá o que for, sem minha aprovação, é um homem morto.

— Sim, Pai — murmurou Paul Choy, petrificado, dando-se conta de que o pai tinha os meios, a vontade e a autoridade para levar a ameaça a cabo sem medo de retaliação. — Desculpe, Pai, juro que nunca mais faço isso.

— Ótimo. Se tivesse perdido uma simples moedinha, estaria ali agora. Só está vivo agora porque ganhou, porra!

— Sim, Pai.

Wu Quatro Dedos olhou feio para o filho e continuou a esconder sua alegria com a dinheirama: seiscentos e quinze mil HK, menos uns poucos dólares. "Inacreditável! Tudo com alguns telefonemas e informações confidenciais", pensava. "Isso é tão milagroso como ver dez toneladas de ópio saltarem para a terra firme, passando sobre as cabeças dos funcionários do barco da alfândega! O rapaz pagou mais de vinte vezes pela educação que lhe dei, e mal faz três semanas que está aqui. Que esperto... mas também que perigoso!"

Estremeceu à idéia de outros subalternos tomando as próprias decisões. "Dew neh loh moh, então eu estaria nas mãos deles, e pararia na cadeia pelos erros deles, não pelos meus. E no entanto", disse, desanimado, para si mesmo, "este é o modo como os bárbaros fazem negócios. O Filho Número Sete foi treinado como bárbaro. Que todos os deuses sejam testemunhas, eu não quis criar uma víbora!"

Olhou para o filho, sem entendê-lo, odiando seu modo direto de falar, o modo dos bárbaros, não o modo sutil e oblíquo das pessoas civilizadas.

E no entanto... no entanto mais de seiscentos mil HK num só dia. Se tivesse falado antes com ele, jamais teria concordado, e teria perdido todo esse lucro! "Ayeeyah! É, minhas ações baixariam e eu perderia toda essa fortuna em um dia... oh, oh, oh!"

Tateou em busca de um caixote e sentou-se, o coração disparando com a idéia terrível.

Fitava o filho. O que fazer com ele?, perguntava-se. Podia sentir o peso do cheque no bolso. Parecia inacreditável que o filho pudesse ter ganho tal quantia para ele num espaço de poucas horas, sem tirar as ações do seu esconderijo.

— Explique-me por que aquele demônio estrangeiro de cara preta com o nome horroroso me deve tanto dinheiro!

Paul Choy explicou pacientemente o mecanismo, desesperado para agradá-lo.

O velho pensou no assunto.

— Quer dizer que amanhã devo fazer o mesmo e ganhar o mesmo?

— Não, Honrado Pai. Pegue os seus lucros, e fique com eles. Hoje, era praticamente uma certeza. Foi um ataque súbito, uma incursão. Não sabemos como a Casa Nobre vai reagir amanhã, ou se Gornt realmente pretende continuar a incursão. Ele pode recomprar e sair lucrando bastante. Seria perigoso seguir os passos de Gornt amanhã, muito perigoso.

Wu Quatro Dedos jogou fora o cigarro.

— Então, o que devo fazer amanhã?

— Esperar. O mercado de capitais dos demônios estrangeiros está nervoso e nas mãos dos demônios estrangeiros. Aconselho-o a esperar e ver o que acontece com o Ho-Pak e o Victoria. Posso usar seu nome para perguntar ao demônio estrangeiro Gornt sobre o Ho-Pak?

— Como?

Pacientemente, Paul Choy refrescou a memória do pai sobre a corrida ao banco e a possível manipulação das ações.

— Ah, sei, entendo — disse o velho altivamente. Paul Choy ficou calado, sabendo que ele não entendia. — Entre nós... então eu só espero?

— Sim, Honrado Pai.

Quatro Dedos pegou o cheque, desdenhosamente.

— E este pedaço de papel de merda? O que faço com ele?

— Converta-o em ouro, Honrado Pai. O preço varia pouquíssimo. Eu poderia falar com Ishwar Soorjani, que tem uma casa de câmbio, se o senhor quiser.

— E onde iria guardar o ouro?

Uma coisa era contrabandear o ouro dos outros, outra bem diferente era preocupar-se com o próprio.

Paul Choy explicou que não era necessário a posse física do ouro para ser dono dele.

— Mas não confio em bancos — disse o velho, zangado. — Se o ouro é meu, é meu, e não do banco!

— Sim, Pai. Mas o banco seria na Suíça, não em Hong Kong, e estaria completamente seguro.

— Você me dá sua vida como garantia?

— Sim, Pai.

— Ótimo. — O velho pegou uma caneta e assinou seu nome nas costas do cheque, com instruções para Soorjani convertê-lo imediatamente em ouro. Entregou-o ao filho. — Está valendo a sua cabeça, meu filho. E amanhã nós esperamos? Não ganhamos dinheiro amanhã?

— Talvez haja oportunidade para novos lucros, mas não posso garantir. Talvez eu fique sabendo lá pelo meio-dia.

— Ligue para mim aqui, ao meio-dia.

— Sim, Pai. Claro, se tivéssemos a nossa própria Bolsa, poderíamos manipular cem ações...

Paul Choy deixou a idéia pairando no ar...

— Como?

Cuidadosamente, o rapaz começou a explicar como seria fácil para eles formarem sua própria Bolsa de Valores, uma Bolsa dominada pelos chineses, e as oportunidades ilimitadas de lucro que tal empreendimento daria. Falou durante uma hora, ganhando confiança a cada minuto que passava, explicando o mais simplesmente que podia.

— Se é assim tão fácil, meu filho, por que o Tung Pão-Duro não fez isso, o Sung Barulho Grande, o Ng Ricaço, aquele

contrabandista de ouro metade bárbaro de Macau, o Banqueiro Kwang, ou dezenas de outros, heya?

— Talvez nunca tenham tido a idéia, ou a coragem. Talvez prefiram trabalhar dentro do sistema dos demônios estrangeiros... o Turf Club, o Cricket Club, títulos de cavaleiro, e toda essa baboseira inglesa. Talvez tenham medo de nadar contra a maré, ou não tenham os conhecimentos necessários. Nós temos os conhecimentos e a habilidade. É. E tenho um amigo na Montanha Dourada, um bom amigo, que estudou comigo, que...

— Que amigo?

— É um xangaiense, um cobra em ações, e agora é corretor em Nova York. Juntos, com apoio financeiro, sei que teríamos êxito. Sei que sim.

— Ayeeyah! Com um bárbaro do norte? — zombou Wu Quatro Dedos. — Como poderia confiar nele?

— Acho que poderia confiar nele, Honrado Pai... naturalmente, o senhor estabeleceria os limites contra as ervas daninhas, como faz um bom horticultor.

— Mas todo o poder do ramo em Hong Kong está nas mãos dos demônios estrangeiros. As pessoas civilizadas não iriam apoiar uma Bolsa de oposição.

— Pode ser que tenha razão, Honrado Pai — concordou Paul Choy cautelosamente, não deixando transparecer o seu entusiasmo nem na fisionomia nem na voz. — Mas todos os chineses gostam de jogar. Contudo, no momento, não há um só corretor civilizado! Por que os demônios estrangeiros nos boicotam? Porque nós levaríamos a melhor sobre eles. Para nós, o mercado de capitais é a melhor profissão do mundo. Logo que o nosso povo souber que o nosso mercado em Hong Kong está totalmente aberto para as pessoas civilizadas e as suas companhias, passará para o nosso lado. Os demônios estrangeiros serão forçados a abrir a Bolsa deles também para nós. Somos melhores jogadores que eles. Afinal de contas, Honrado Pai — fez um gesto de mão abrangendo a terra, os prédios altos, os barcos, os juncos, os restaurantes flutuantes —, tudo isso poderia ser seu! É com títulos, ações e o mercado de capitais que o homem moderno possui o poder do seu mundo.

Quatro Dedos fumava sem pressa.

— E quanto custaria o seu mercado de capitais, Filho Número Sete?

— Um ano, em termos de tempo. Um investimento inicial de... não sei exatamente. — O coração do jovem se remoía. Podia sentir a avareza do pai. As implicações de se formar uma Bolsa de Valores chinesa naquela sociedade capitalista sem regras eram tão fantásticas que o deixavam tonto. Seria tão fácil, tendo tempo e... e quanto? — Posso dar-lhe uma estimativa dentro de uma semana.

Quatro Dedos fitou o filho com seus velhos olhos astutos, e podia ler a excitação do rapaz, e sua cobiça. "De dinheiro ou de poder?", perguntou-se.

"De ambos", concluiu. "O jovem tolo não sabe que ambos são a mesma coisa." Pensou no poder de Phillip Chen, no poder da Casa Nobre também, e no poder da meia moeda que John Chen roubara. "Phillip Chen e a mulher também são tolos", disse com seus botões. "Deviam lembrar-se de que há sempre ouvidos do outro lado das paredes, e que uma vez que uma mãe ciumenta fica sabendo um segredo, este deixa de ser segredo. Também não se pode guardar segredos em hotéis entre os demônios estrangeiros, que sempre

imaginam que os criados não sabem falar o idioma dos bárbaros, nem têm orelhas compridas e olhos aguçados.

"Ah, filhos!", refletiu. "Os filhos são sem dúvida a riqueza de um pai... mas, às vezes, também causam a morte do pai.

"Um homem é um idiota de confiar num filho. Completamente. Heya?"

— Pois bem, meu filho — falou, com naturalidade. — Dê-me o seu plano, por escrito, e a quantia. E decidirei.

Phillip Chen saltou do táxi no triângulo de grama em Kowloon Tong, com a pasta de executivo agarrada ao peito. O motorista desligou o taxímetro e olhou para ele. Marcava dezessete HK e oitenta cents. Se dependesse de Phillip, não teria usado o mesmo táxi desde o Mirante de Struan, o que significava usar a balsa dos táxis, com o taxímetro correndo o tempo todo. Não. Teria atravessado a baía pela Balsa Dourada, por quinze cents, tomado outro táxi em Kowloon e poupado pelo menos oito dólares. Que terrível desperdício de dinheiro!, pensou.

Cuidadosamente, contou dezoito dólares. Pensando melhor, acrescentou uma gorjeta de trinta cents, sentindo-se generoso. O homem foi embora, deixando-o perto do triângulo de grama.

Kowloon Tong era apenas mais um subúrbio de Kowloon, um ninho fervilhante de prédios, cortiços, becos, gente e trânsito. Achou a Essex Road, que rodeava o jardim, e caminhou pela rua. A pasta de executivo parecia ficar cada vez mais pesada, e teve certeza de que todos sabiam que ela continha duzentos mil HK. Seu nervosismo aumentou. Numa zona como aquela, podia-se comprar a morte de um homem por algumas centenas de dólares, se se sabia a quem procurar... e por aquela quantia, podia-se contratar um exército. Os olhos dele estavam fixos na calçada quebrada. Quando já tinha dado a volta quase completa ao redor do triângulo, viu a flecha na calçada, apontando para o muro. O coração lhe pesava no peito, e doía. Estava bem escuro ali, com poucos postes de iluminação. O buraco era formado por alguns tijolos que haviam caído. Pôde ver o que parecia ser um jornal amassado dentro do buraco. Tirou-o de lá apressadamente, certificou-se de que não ficara nada lá dentro, depois caminhou até um banco sob um poste de luz e se sentou. Quando o coração começou a diminuir o ritmo e a respiração tornou-se mais calma, abriu o jornal. Dentro dele havia um envelope. O envelope era plano, e um pouco da sua ansiedade o abandonou. Ficava morto de medo de achar ali a outra orelha.

O bilhete dizia: "Ande até a Waterloo Road. Vá para o norte, na direção do acampamento do exército, mantendo-se no lado oeste da rua. Cuidado, estamos de olho em você neste momento".

Um arrepio o percorreu, e olhou ao seu redor. Ninguém parecia vigiá-lo. Nem amigo nem inimigo. Mas podia sentir os olhares. Sua pasta de executivo parecia ainda mais pesada.

"Todos os deuses me protejam", orou fervorosamente, tentando reunir coragem para continuar. "Que diabo, onde estão os homens de Wu Quatro Dedos?"

A Waterloo Road ficava perto, uma rua movimentada. Não deu importância às multidões, apenas caminhou pesadamente para o norte, sentindo-se despido, sem ver ninguém em especial. As lojas estavam todas abertas, os restaurantes, lotados, os becos, cheios de povo. No aterro próximo, um trem de carga apitou tristemente, indo para o norte, misturando seu apito às buzinas ruidosas que todos os motoristas usavam indiscriminadamente. O céu estava feio, encoberto, e a noite, muito úmida.

Cansadamente, caminhou oitocentos metros, cruzando ruas laterais e becos. Parou no meio de um monte de gente para deixar passar um caminhão, depois passou pela boca de mais um beco estreito, movendo-se para cá e para lá, ao ser empurrado pelos transeuntes. De repente, dois jovens surgiram à sua frente, impedindo-lhe o caminho, e um deles sibilou:

— Tin koon chi fook!

— Como?

Os dois usavam bonés enterrados na cabeça, óculos escuros, e tinham rostos semelhantes.

— Tin koon chi fook! — repetiu Kin Bexiguento, malevolamente. — Dew neh loh moh, passe a maleta!

— Oh! — Aparvalhado, Phillip Chen passou-a para ele. Kin Bexiguento agarrou-a.

— Não olhe à sua volta, e continue andando para o norte!

— Está bem, mas, por favor, cumpra a sua promes...

Phillip Chen se interrompeu. Os dois rapazes tinham sumido. Parecia que haviam estado à sua frente apenas uma fração de segundos. Ainda em choque, forçou os pés a se movimentarem, tentando gravar na lembrança o pouco que vira dos rostos. Então, uma mulher que vinha na direção oposta empurrou-o com rudeza, e ele praguejou, os rostos sumindo da sua memória. Então, alguém o agarrou bruscamente.

— Onde está a porra da maleta?

— O quê? — exclamou, com voz abafada, fitando o rufião com cara de mau que era Poon Bom Tempo.

— Sua maleta... cadê?

— Dois rapazes. . ,

Impotente, apontou para trás. O homem praguejou e saiu às pressas, "costurando" por entre a multidão, depois levou os dedos aos lábios e soltou um assobio agudo. Poucas pessoas prestaram-lhe atenção. Outros rufiões começaram a convergir para ele, então Poon Bom Tempo avistou os dois rapazes com a mala de executivo, quando saíam da rua principal bem-iluminada e entravam num beco. Começou a correr, seguido pelos outros.

Kin Bexiguento e o Irmão Mais Moço se meteram no meio do povo, sem pressa, o beco iluminado apenas pelas lâmpadas nuas das barracas e lojas sujas. Os dois riram um para o outro. Agora completamente confiantes, tiraram os bonés e os óculos, e enfiaram-nos nos bolsos. Eram muito parecidos — quase gêmeos —, e agora se misturavam ainda mais aos fregueses ruidosos que faziam compras.

— Dew neh loh moh, mas como aquele velho parecia morto de medo! — casquinava Kin Bexiguento. — Num só passo chegamos ao céu!

— É. E na semana que vem, quando o agarrarmos, pagará com a mesma facilidade com que um cão velho peida!

Riram, pararam por um momento sob a luz de uma barraca e espiaram para dentro da maleta. Quando viram os maços de notas, ambos soltaram um suspiro.

— Ayeeyah, é verdade, chegamos ao céu com um só passo, Irmão Mais Velho. Pena que o filho esteja morto e enterrado.

Kin Bexiguento deu de ombros enquanto continuavam a andar, entrando num beco pequeno, depois noutro, sem hesitar, no labirinto cada vez mais escuro.

— O Honorável Pai tem razão. Transformamos o azar em sorte. Não foi culpa sua que a cabeça do filho da mãe fosse mole! De jeito nenhum! Quando o desenterrarmos e o deixarmos na Sha Tin Road, com o bilhete na porra do peito dele...

Parou um momento, e se afastaram para o lado, no meio do povo agitado, para deixar passar um caminhão carregado e caindo aos pedaços. Enquanto esperavam, ele olhou para trás, casualmente. No fim do beco viu três homens mudarem de direção, ao vê-lo, e depois começarem a vir depressa para o lado deles.

— Dew neh loh moh, fomos traídos — exclamou, com voz abafada, depois foi abrindo caminho aos empurrões, e botou sebo nas canelas, com o irmão logo atrás.

Os dois jovens eram muito velozes. O terror dava agilidade aos seus pés, enquanto "costuravam" por entre a multidão irada, desviando-se dos buracos inevitáveis e das barraquinhas, a escuridão a seu favor. Kin Bexiguento ia na frente.

Agachou-se entre algumas barracas e fugiu pela passagem estreita e sem iluminação, a maleta agarrada firmemente ao peito.

— Vá para casa por um caminho diferente, Irmão Mais Moço — falou, ofegante.

Na esquina seguinte, dobrou à esquerda, e o irmão continuou em frente. Seus perseguidores também se dividiram, dois deles a seguirem-no. Agora, era quase impossível enxergar, na escuridão, e os becos eram sinuosos, tortuosos, e não havia nenhum sem saída. Ele ofegava, mas levava uma boa dianteira dos seus perseguidores. Tomou um atalho e deu de cara com uma loja suja que, como as demais, servia de moradia. Indiferente à família amontoada em

frente a uma televisão barulhenta, passou correndo pelo meio deles e saiu pela porta dos fundos, depois retornou para a extremidade do beco. Espiou com muita cautela para o outro lado da esquina. Algumas pessoas olhavam-no com curiosidade, mas continuavam o seu caminho sem parar, sem a menor vontade de se meterem no que, evidentemente, era alguma encrenca.

Então, esperando estar a salvo, meteu-se no meio do povo e se afastou sem pressa, de cabeça baixa. Sua respiração ainda era ofegante, e tinha a cabeça cheia de obscenidades e juramentos de vingança contra Phillip Chen por tê-los atraído. "Que todos os deuses sejam testemunhas", pensou, furioso, "quando o seqüestrarmos na semana que vem, antes de o soltarmos, vou cortar fora o seu nariz! Como ousou trair-nos para a polícia! Ei, espere aí, aquela gente era da polícia?"

Pensou no assunto enquanto seguia no meio do povo, retornando sobre os passos, cautelosamente, de vez em quando, por via das dúvidas. Mas, agora, tinha certeza de que não fora seguido. Deixou o pensamento se fixar no dinheiro e abriu um amplo sorriso. "Vejam o que farei com os meus cinqüenta mil! Darei quarenta de sinal num apartamento e o alugarei imediatamente. Ayeeyah, sou proprietário de um imóvel! Comprarei um Rolex, um revólver e uma nova faca de arremesso. Darei uma ou duas pulseiras para a minha mulher, e mais duas para Rosa Branca, na Casa dos Mil Prazeres. Hoje teremos um banquete..."

Todo feliz, seguiu seu caminho. Numa barraca de rua, comprou uma maleta barata, e num beco transferiu o dinheiro discretamente para ela. Descendo mais a rua, noutra beco escondido vendeu a bela maleta de executivo de couro de Phillip Chen para um vendedor ambulante por uma boa quantia, depois de pechinchar por cinco minutos. Agora, muito satisfeito consigo mesmo, pegou um ônibus para Kowloon City, onde o pai alugara um pequeno apartamento sob um nome falso, como um dos seus refúgios, bem distante da sua casa verdadeira, em Wanchai, perto do Glessing's Point. Não notou Poon Bom Tempo tomar o ônibus, nem os outros dois homens, ou o táxi que seguiu o ônibus.

Kowloon City era uma confusão supurante de cortiços, bueiros abertos e habitações esquálidas. Kin Bexiguento sabia que ali estava a salvo. A polícia não entrava ali, a não ser em grandes contingentes. Quando a China arrendara os Novos Territórios por noventa e nove anos, em 1898, mantivera a soberania sobre Kowloon City, perpetuamente. Em teoria, os dez acres quadrados eram território chinês. As autoridades britânicas deixavam o local em paz, desde que se mantivesse calmo. Era uma massa fervilhante de antros de ópio, escolas de jogo ilegais, qqs das tríades, e um santuário para os criminosos. De tempos em tempos, a polícia dava uma batida. No dia seguinte, Kowloon City voltava a ser o que sempre fora.

As escadas que levavam ao apartamento do quinto andar do cortiço eram desconjuntadas e sujas, o reboco, rachado e mofado. Estava cansado, agora. Bateu à porta, no seu código secreto. A porta se abriu.

— Alô, Pai, alô Chen Orelha de Cão — disse, feliz. — Eis a grana! — Foi então que viu o Irmão Mais Moço. — Ah, que bom, você também escapou?

— Claro! Polícia comedora de bosta à paisana! Devíamos matar um ou dois deles, pela sua impertinência. — Kin Pak sacudiu um 38. — Devíamos nos vingar!

— Talvez tenha razão, agora que recebemos o primeiro pagamento — disse o Pai Kin.

— Acho que não devíamos matar nenhum policial, isso os deixaria doidos — disse Chen Orelha de Cão, com voz trêmula.

— Dew neh loh moh para a polícia inteira! — falou o jovem Kin Pak, e guardou a arma no bolso.

Kin Bexiguento deu de ombros.

— Temos a grana que...

Nesse momento, a porta foi escancarada. Poon Bom Tempo e três dos seus homens estavam no aposento, de faca na mão. Todos ficaram imóveis. Abruptamente, o Pai Kin tirou uma faca da manga e se jogou para a esquerda. Mas antes que pudesse arremessá-la, a faca de Poon Bom Tempo voava pelos ares e se enfiava na sua garganta. Ele procurou agarrá-la, enquanto caía de costas. Nem Chen Orelha de Cão nem os irmãos se haviam movido. Ficaram olhando enquanto ele morria. O corpo se crispou, os músculos tiveram um espasmo momentâneo, depois tudo acabou.

— Onde está o Filho Número Um Chen? — perguntou Poon Bom Tempo, uma segunda faca na mão.

— Não conhecemos nenhum Fi...

Dois dos homens saltaram sobre Kin Bexiguento, espalmaram suas mãos em cima da mesa e as mantiveram nessa posição. Poon Bom Tempo se inclinou para a frente e cortou fora o seu indicador.

Kin Bexiguento ficou cinza. Os outros dois ficaram paralisados de medo.

— Onde está o Filho Número Um Chen?

Kin Bexiguento fitava abobalhado o seu dedo cortado e o sangue que pulsava sobre a mesa. Soltou um grito quando Poon Bom Tempo fez menção de atacar de novo.

— Não, não — suplicou —, ele está morto... morto, e nós o enterramos, juro!

— Onde?

— Perto da Sha... da Sha Tin Road. Ouça — guin-chava, desesperado —, nós rachamos o dinheiro com vocês. Nós...

Imobilizou-se quando Poon Bom Tempo pôs a ponta da faca dentro da sua boca.

— Trate de responder às perguntas, seu bosta de um filho da puta, ou corto a sua língua. Onde estão as coisas do Filho Número Um? As coisas que trazia consigo?

— Nós... nós mandamos tudo para o Chen da Casa Nobre, tudo, exceto o dinheiro que estava com ele. Juro. — Choramingava de dor. Subitamente, os dois homens fizeram pressão no seu cotovelo e ele gritou: — Todos os deuses são testemunhas de que é verdade!

Berrou quando a junta cedeu, e desmaiou. Do outro lado da sala, Chen Orelha de Cão gemeu de medo. Começou a gritar, mas um dos homens deu-lhe um soco na cara. A cabeça dele bateu contra a parede, e ele caiu ao chão, inconsciente.

Agora, todos os olhos se voltaram para Kin Pak.

— É verdade — disse ele, aterrorizado com a rapidez com que tudo acontecera. — Tudo o que ele falou. É verdade!

Poon Bom Tempo xingou-o. Depois, disse:

— Vocês revistaram o Chen da Casa Nobre antes de enterrá-lo?

— Sim, senhor, pelo menos eu não, mas ele... — Com um dedo trêmulo apontou para o corpo do pai. — Ele revistou.

— Você estava lá?

O jovem hesitou. Instantaneamente, Poon lançou-se sobre ele, movendo-se com uma rapidez incrível para um homem tão idoso. A faca dele cortou de leve a face de Kin Pak, deliberadamente uma fração abaixo dos olhos, e ali permaneceu.

— Mentiroso!

— Eu estava lá, sim — disse o rapaz, com voz sufocada. — Ia contar-lhe, senhor, eu estava lá. Não lhe mentirei, juro!

— Da próxima vez que mentir será o seu olho esquerdo. Estava lá, heya?

— Sim... sim, senhor!

— Ele estava lá? — falou, apontando para Kin Bexiguento.

— Não, senhor.

— E ele?

— Estava, Orelha de Cão estava lá!

— Você revistou o corpo?

— Sim, senhor, sim, ajudei o nosso pai.

— Todos os bolsos dele, tudo?

— Sim, sim, tudo.

— Ele tinha papéis? Caderno de notas, agenda? Jóias?

O jovem hesitou, desesperado, tentando se lembrar, e a faca não se afastava do seu rosto.

— Nada, senhor, nada de que me recorde. Mandamos todas as coisas dele para o Chen da Casa Nobre, exceto... exceto o dinheiro. Ficamos com o dinheiro. E o relógio dele... tinha esquecido do relógio! É... é aquele ali!

Apontou para o relógio no pulso esticado do pai.

Poon Bom Tempo praguejou novamente. Wu Quatro Dedos mandara que ele recapturasse John Chen, que apanhasse qualquer dos seus bens que ainda estivessem nas mãos dos seqüestradores, em especial quaisquer moedas ou pedaços de moedas, e depois, com igual anonimato, que se desfizesse dos seqüestradores. "É melhor eu ligar para ele daqui a pouco. É melhor pedir novas instruções. Não quero cometer erros."

— O que fizeram com o dinheiro?

— Nós o gastamos, senhor. Havia apenas algumas centenas de dólares e uns trocados. Acabou tudo.

— Acho que ele está mentindo — disse um dos homens.

— Não estou, senhor, juro! — Kin Pak quase desatou a chorar.
— Não estou. Por fa...

— Cale-se! Devo cortar a garganta deste aqui? — disse o homem, jovialmente, indicando Kin Bexiguento, que ainda estava inconsciente, largado sobre a mesa, a poça de sangue cada vez maior.

— Não, ainda não. Segure-o aí. — Poon Bom Tempo cocou suas hemorróidas enquanto pensava um momento. — Vamos desenterrar o Filho Número Um Chen. É, é o que vamos fazer. Bem, seu merdinha, quem o matou?

Imediatamente, Kin Pak apontou para o cadáver do pai.

— Foi ele. Foi terrível. Ele é nosso pai, e bateu nele com uma pá... bateu nele com uma pá quando tentou fugir, na noite... na noite em que o pegamos. — O jovem estremeceu, o rosto sem cor, o medo da faca sob o olho a consumi-lo. — Não, não foi culpa minha, senhor.

— Qual é o seu nome?

— Soo Tak-gai, senhor — disse instantaneamente, usando os nomes de emergência previamente combinados.

— E ele?

O dedo apontava para o irmão dele.

— Soo Tak-tong.

— Ele?

— Wu-tig Sup.

— E ele?

O jovem olhou para o cadáver do pai.

— Ele era Soo Dente de Ouro, senhor. Era muito mau, mas nós... nós tínhamos que obedecer. Tínhamos que obedecê-lo, era nosso... nosso pai.

— Para onde levaram o Filho Número Um Chen antes de matá-lo?

— Para Sha Tin, senhor, mas eu não o matei. Nós o pegamos em Hong Kong, depois o pusemos na traseira de um carro que roubamos e fomos para Sha Tin. Lá há um velho casebre que nosso pai alugou, juntinho da aldeia... ele planejou tudo. Tivemos que obedecer.

Poon resmungou e fez sinal para seus homens.

— Vamos revistar aqui primeiro!

Prontamente, largaram Kín Bexiguento, e o rapaz inconsciente desabou no chão, deixando atrás de si uma trilha de sangue.

— Você, amarre o dedo dele!

Rapidamente, Kin Pak agarrou um velho pano de prato e, quase vomitando, começou a fazer um torniquete tosco no coto do dedo.

Poon soltou um suspiro, sem saber o que fazer primeiro. Após um momento, abriu a mala. Todos os olhos se voltaram para a montanha de notas. Todos sentiram a cobiça. Poon mudou a faca para a outra mão e fechou a mala. Deixou-a no centro da mesa, e começou a revistar o apartamento miserável. Havia apenas uma mesa, algumas cadeiras e uma velha armação de cama de ferro, com um colchão sujo. O papel das paredes estava descascando, as janelas praticamente não tinham vidros, e estavam presas com

tábuas. Virou o colchão ao contrário, revistou-o, mas nada achou. Entrou na cozinha imunda, quase vazia, e acendeu a luz. Depois foi para o banheiro fedorento. Kin Bexiguento choramingava, voltando a si.

Numa gaveta, Poon Bom Tempo encontrou papel, tinta e pincéis para escrever.

— Para que é isso? — perguntou, erguendo um dos papéis. Nele estava escrito, em caracteres: "Este Filho Número Um Chen fez a estupidez de tentar escapar de nós. Ninguém pode escapar dos Lobisomens! Que toda a Hong Kong se cuide. Nossos olhos estão em toda parte!" — Para que é isto, heya?

Kin Pak ergueu os olhos do chão, tentando desesperadamente agradar.

— Não podíamos devolvê-lo com vida para o Chen da Casa Nobre, então nosso pai ordenou que... esta noite desenterrássemos o Filho Número Um, puséssemos isto em cima do seu peito e o largássemos junto à Sha Tin Road.

Poon Bom Tempo olhou para ele.

— Quando começar a cavar, é melhor que o encontre logo — falou, com ar malévolos. — É. Caso contrário, seu merdinha, seus olhos não estarão em lugar algum.

35

21h30m

Orlanda Ramos subiu a larga escadaria do imenso navio-restaurante Dragão Flutuante, em Aberdeen, e foi passando por entre os convidados tagarelas e barulhentos do banquete de Sir Shi-teh T'Chung, procurando por Linc Bartlett... e Casey.

As duas horas que passara com Linc pela manhã, para a entrevista do jornal, haviam sido reveladoras, especialmente no tocante a Casey. Seus instintos lhe diziam que quanto mais cedo fosse à luta com a inimiga, melhor. Fora fácil arranjar convites para os dois naquela noite... Shi-teh era um antigo associado de Gornt e um velho amigo. A idéia agradara a Gornt.

Estavam no tombadilho superior. Um cheiro gostoso de mar entrava pelos janelões, a noite estava agradável, embora úmida, com o céu encoberto, e ao redor só se viam as luzes dos altos prédios e do município de Aberdeen. Na baía, bem próximo dali, ficavam as ilhas lúgubres de juncos, parcialmente iluminados, onde cento e cinquenta mil pessoas viviam suas vidas.

A sala em que estavam, escarlate, ouro e verde, ocupava metade do comprimento e toda a largura do barco, e dava para a escadaria principal. Gárgulas, unicórnios e dragões, adornados, de madeira e gesso, estavam por toda parte, em todos os três tombadilhos do restaurante fartamente iluminado e lotado de comensais. Na primeira coberta, nas cozinhas apertadas, havia vinte e oito cozinheiros, um exército de ajudantes, uma dúzia de imensos caldeirões... vapor, suor e fumaça. Oitenta e dois garçons serviam no Dragão Flutuante. Havia lugares para quatrocentas pessoas em cada um dos dois primeiros tombadilhos, e para duzentas no terceiro. Sir Shi-teh alugara todo o convés superior, e agora ele estava abarrotado com os seus convidados, de pé em grupos impacientes em meio às mesas redondas para doze pessoas.

Orlanda sentia-se ótima, e muito confiante. Novamente, vestira-se com capricho para Bartlett. Pela manhã, quando o entrevistara, usara roupas americanas esportivas e pouca maquilagem, e a blusa de seda solta que escolhera com tanto cuidado não exibia seus seios sem sutiã, apenas os sugeria. Aquela

moda nova e ousada a agradava imensamente, tornando-a ainda mais cônica da sua feminilidade. Agora, à noite, usava seda branca e delicada. Sabia que seu corpo era perfeito, que era invejada por sua sensualidade franca e inconsciente.

"Foi isso o que Quillan fez por mim", pensou, a bela cabeça erguida e o curioso meio sorriso iluminando-lhe o rosto, "entre muitas coisas. Fez com que eu entendesse a sensualidade."

Havergill e a mulher estavam diante dela, e notou seus olhos fitos no seu busto. Riu sozinha, cônica de que, embora de maneira discreta, seria a única mulher presente a ousar ser tão moderna, a imitar a moda que começara o ano passado na badalada Londres.

— Boa noite, Sr. Havergill, sra. Havergill — cumprimentou, educadamente, passando por eles, no meio da multidão. Conhecia-o bem. Muitas vezes ele fora convidado para o iate de Gornt. Às vezes o iate saía do Yacht Club, do lado de Hong Kong, levando a bordo apenas ela, Quillan e seus amigos, e ia para Kowloon, para os degraus molhados pelo mar junto da Balsa Dourada, onde as moças estavam esperando, vestindo roupas de praia ou de velejar.

No princípio do seu caso com Quillan, também ela tivera que esperar em Kowloon, honrando a regra de ouro da colônia de que a

discrição era de suma importância, e que quem mora em Hong Kong diverte-se em Kowloon, quem mora em Kowloon diverte-se em Hong Kong.

Na época em que a mulher de Quillan vivia presa ao leito, e Orlanda era abertamente, embora ainda muito discretamente, sua amante, ele a levava consigo para o Japão, Cingapura e Formosa, mas nunca para Bangkok. Naquela época, Paul Havergill era Paul, ou mais provavelmente Tesudo... Tesudo Come Garotas, como era conhecido entre os seus amigos mais íntimos. Mas mesmo então, quando o encontrava em público, como naquela noite, deixava de tratá-lo por Sr. Havergill "Ele não é um mau sujeito", disse consigo mesma, recordando que, embora a maioria das suas garotas não gostasse dele, elas viviam a bajulá-lo, pois era razoavelmente generoso, e sempre dava um jeito de arranjar um empréstimo rápido a juros baixos para uma amiga, através de seus conhecidos em outros bancos, embora jamais no Vic.

"Sensato", pensou, divertida, "é uma questão de prestígio. Ah, mas eu poderia escrever um livro e tanto sobre todos eles, se quisesse. Não o farei... acho que nunca o farei. Por que o faria? Não há motivo. Mesmo depois de Macau, sempre guardei segredos. Foi outra coisa que aprendi com Quillan... discrição.

"Macau! Que desperdício! Mal me lembro da cara do rapaz, agora. Só que era muito ruim de cama, e por causa dele minha vida foi destruída. O idiota não passou de um capricho repentino, o

primeiro. Foi apenas solidão, porque Quillan estava fora há um mês, e todo mundo estava fora, e foi desejo de juventude... só o corpo cheio de juventude me atraiu, e afinal provou ser tão inútil. Idiota! Como fui idiota!"

Seu coração começou a palpitar, ao pensar em todos aqueles pesadelos: ser descoberta, ser mandada para a Inglaterra, ter que ser grosseira com o rapaz, desesperada para agradar Quillan, depois voltar e encontrar Quillan tão frio, e nunca mais ir para a cama com ele. E depois, o pesadelo maior de ter que se adaptar a uma vida sem ele.

Dias pavorosos. O desejo terrível e insaciável. Sentir-se só. Sentir-se excluída. Todas as lágrimas e o sofrimento, depois tentando recomeçar, mas cautelosamente, sempre esperando que ele cedesse, se ela fosse paciente. Jamais alguém em Hong Kong, sempre sozinha em Hong Kong. E quando o desejo ficava intenso demais, ir para outro lugar e tentar, sem nunca ficar satisfeita. "Ah, Quillan, que amante você era!"

Há pouco tempo a mulher dele falecera, e então, na hora propícia, Orlanda fora procurá-lo. Para seduzi-lo, trazê-lo de volta. Naquela noite, pensara que tinha tido êxito, mas ele estava apenas se divertindo com ela.

— Vista-se, Orlanda. Só estava curioso quanto ao seu corpo. Queria ver se ainda era tão lindo quanto no meu tempo. É com prazer que lhe digo que é... você ainda é perfeita. Mas, que pena, não desejo você. — E todo o choro e as súplicas desesperadas dela não tinham surtido efeito. Ele apenas ouvira e fumara um cigarro, depois o apagara no cinzeiro. — Orlanda, por favor, jamais volte aqui sem ser convidada — dissera, com toda a suavidade. — Você escolheu Macau.

"E ele tinha razão, escolhi, desprestiguei-o publicamente. Por que ele ainda me sustenta?", perguntou a si mesma, os olhos correndo pelos convidados, à procura de Bartlett. "É preciso que se perca alguma coisa para dar-lhe o seu devido valor? Isso é que é a vida?"

— Orlanda!

Deteve-se, espantada, quando alguém parou diante dela. Viu que era Richard Hamilton Pugmire. Ele era um pouco mais baixo do que ela.

— Quero lhe apresentar Charles Biltzmann, dos Estados Unidos — dizia, com um olhar de soslaio malicioso que a deixava arrepiada. — Charles vai ser o... bem... o novo tai-pan da General Stores. Chuck, esta é Orlanda Ramos!

— Prazer em conhecê-la, senhora!

— Como vai? — respondeu cortesmente, antipatizando com ele de cara. — Desculpe...

— Chame-me de Chuck. É Orlanda? Puxa, mas que nome bonito, e que vestido bonito! — Biltzmann ofereceu-lhe o seu cartão de visitas, com um floreio. — Velho costume chinês!

Ela o aceitou, mas não retribuiu.

— Obrigada. Desculpe, Sr. Biltzmann, mas vai me dar licença. Estou procurando uns amigos e...

Antes que pudesse impedi-lo, Pugmire pegou-a pelo braço, afastou-se ligeiramente com ela e sussurrou, com voz rouca:

— Quer jantar comigo? Você está fantás...

Ela afastou bruscamente o braço, tentando não dar muito na vista.

— Vá embora, Pug.

— Escute, Orlan...

— Já lhe disse com educação, mais de cinqüenta vezes, para me deixar em paz! Agora, dew neh loh moh para você e toda a sua descendência! — falou, e Pugmire enrubesceu. Sempre o detestara, mesmo nos velhos tempos. Sempre olhava para ela com ar lascivo, por trás das costas de Quillan, e quando fora posta de lado, Pugmire dera em cima dela e tentara, por todos os meios, dormir com ela... e ainda tentava. — Se você ligar para mim ou falar comigo de novo, contarei a toda a Hong Kong sobre você e seus hábitos esquisitos.

Fez um sinal de cabeça polido para Biltzmann, deixou cair o cartão dele, discretamente, e se afastou. Daí a um momento, Pugmire voltou para junto do americano.

— Que corpo! — disse Biltzmann, os olhos ainda fixos nela.

— Ela... ela é uma das nossas prostitutas notórias — disse Pugmire, com um sorriso de desprezo. — Puxa, tomara que andem logo com a comida. Estou morto de fome.

— Ela é uma vagabunda? — indagou Biltzmann, boquiaberto.

— Aqui, nunca se sabe — Pugmire acrescentou, em voz baixa. — Estou surpreso ao ver que Shi-teh T'Chung a convidou. É, mas agora acho que está pouco se lixando, uma vez que já comprou o seu título de cavaleiro. Há anos, Orlanda era a garota de um amigo, mas ficava naquela de se vender por fora. Ele descobriu e deu-lhe a Grande C.

— A Grande C?

— A Grande Cotovelada... mandou-a passear.

Biltzmann não conseguia desviar os olhos dela.

— Pombas — murmurou —, não sei da Grande C, mas pode apostar que eu adoraria dar-lhe a Grande F, se é que me entende.

— É só uma questão de dinheiro, meu velho, mas posso lhe assegurar que ela não vale a pena. Orlanda é ruim de cama à beca, eu sei, e hoje em dia não se pode saber quem esteve lá antes, não é? — Pugmire achou graça da expressão do americano. — Depois da primeira vez, não quis mais nada com ela. Mas se vai molhar o pavio ali, é melhor tomar suas precauções.

Dunross acabara de chegar, e estava ouvindo, sem prestar muita atenção, as bazófias de Richard Kwang sobre as transações

que fizera para segurar a corrida, e como havia gente suja o bastante para difundir tais boatos.

— Concordo plenamente, Richard — falou Dunross, querendo se reunir aos deputados visitantes que estavam do outro lado do aposento. — O que não falta por aí é filho da mãe. Se me dá licença...

— Claro, tai-pan. — Richard Kwang baixou o tom de voz, mas não pôde evitar que transparecesse um pouco da sua ansiedade. — Posso precisar de uma mãozinha.

— O que quiser, é claro, exceto dinheiro.

— Poderia falar com Johnjohn no Vic, para mim. Ele...

— Não o fará, você sabe disso, Richard. Sua única chance é um dos seus amigos chineses. Que tal o Ching Sorridente?

— Hum, aquele vigarista velho! Eu não pediria o seu dinheiro sujo! — disse Richard Kwang, com uma expressão de desdém. Ching Sorridente voltara atrás na sua combinação, e se recusara a lhe emprestar dinheiro... ou crédito. — Aquele velho safado merece ir para a cadeia! Está havendo uma corrida ao banco dele, também, mas é o que merece! Acho que é tudo coisa dos comunistas, estão tentando nos arruinar a todos. O Banco da China! Ouviu falar das filas no Vic, na central? E mais filas no Blacs. O Banco do Leste da Ásia e Japão, do Velho Tok Barrigudo, foi pro brejo. Não vai abrir as portas amanhã...

— Meu Deus, tem certeza?

— Ele me ligou hoje à noite, pedindo vinte milhões. Dew neh loh moh, tai-pan, a não ser que obtenhamos ajuda, Hong Kong inteira vai pro brejo. Vamos...

Então viu Vênus Poon parada à porta, de braços com Wu Quatro Dedos, e seu coração falhou oito batidas. Naauele dia ela ficara furiosa quando ele não chegara com o casaco de vison que lhe havia prometido. Chorara, gritara, sua amah se lamentara, e não queria aceitar a desculpa dele de que seu peleiro o deixara na mão, e as duas não pararam de reclamar até que ele prometeu que, antes das corridas, sem falta, lhe levaria o presente prometido.

— Vai me levar à festa de Shi-teh?

— Minha mulher mudou de idéia e agora quer ir. Portanto, não posso levar você, mas depois iremos...

— Depois, estarei cansada! Primeiro, nada de presente, e agora não posso ir à festa! Cadê o pingente de água-marinha que você me prometeu no mês passado? Cadê o meu vison? Aposto que está nas costas da sua mulher! Ayeeyah, meu cabeleireiro e o dela são amigos. Portanto, vou descobrir a verdade. Ai, ai, ai, você não tem mais amor de verdade pela sua filha. Terei que me matar ou aceitar o convite de Wu Quatro Dedos.

— Wat?

Richard Kwang se lembrava de que quase tivera um derrame ali na hora, e esbravejara, deblaterara e berrara que o apartamento dela lhe custava uma fortuna, e suas roupas custavam milhares de dólares por semana, e ela esbravejara, deblaterara e berrara também.

— E quanto à corrida ao banco? Você está solvente? E as minhas economias? Estão seguras, heya?

— Ayeeyah, sua prostituta miserável, que economias? As economias que vou botar no banco para você? Hum! Claro que estão seguras, tão seguras quanto o Banco da Inglaterra!

— Ai de mim, estou sem tostão, agora! Sua pobre filha desamparada! Terei que me vender, ou cometer suicídio. É, é isso! Veneno... é isso! Acho que vou tomar uma dose excessiva de... de aspirinas! Ah Poo! Traga-me uma dose excessiva de aspirinas!

E então ele implorara, suplicara, e ela acabara por ceder, permitindo que ele levasse embora as aspirinas, e ele prometera voltar correndo logo que o jantar terminasse; agora seus olhos estavam quase saltando das órbitas porque, parada à porta, estava Vênus Poon de braço dado com Wu Quatro Dedos, os dois resplandecentes, ele inchado de orgulho, e ela meiga e inocente, usando o vestido que ele acabara de lhe comprar.

— O que houve, Richard? — perguntou Dunross, preocupado.

Richard Kwang tentou falar, mas não conseguiu. Saiu caminhando tropeçadamente na direção da mulher, que tirou o olhar maligno de cima de Vênus Poon para fixá-lo nele.

— Alô, querida — disse, a espinha dorsal mole como gelatina.

— Alô, querido — replicou docemente Mai-ling Kwang. — Quem é aquela vaca?

— Qual?

— Aquela.

— Não é a... como se chama... a estrelinha da TV?

— Não se chama Coceira nas Calças Poon, a estrelinha da DV¹?

¹ *"Doença Venérea." (N. da T.)*

Fingiu rir junto com ela, mas tinha vontade de arrancar fora os próprios cabelos. O fato de que sua amante mais recente viera com outra pessoa teria o seu impacto em Hong Kong. Todos interpretariam aquilo como um sinal infalível de que ele estava em total dificuldade financeira, e que ela, sensatamente, abandonara o junco que afundava e procurara um abrigo seguro. E o fato de vir com o tio dele, Wu Quatro Dedos, era ainda pior. Aquilo confirmaria que toda a fortuna de Wu fora retirada do Ho-Pak, e que, portanto, o mais provável é que Lando Mata e o sindicato do ouro houvessem feito o mesmo. Toda a população civilizada de importância tinha certeza de que Wu era o principal contrabandista do sindicato, agora que Mo Contrabandista estava morto. Ai, ai, ai! Os problemas nunca vêm sozinhos.

— Hem? — perguntou, com voz cansada. — O que foi que disse?

— Perguntei se o tai-pan vai procurar o Victoria em nosso nome.

Passou a falar em cantonense, pois havia europeus próximo.

— Infelizmente, o filho da puta também está encrencado. Não, não vai nos ajudar. Estamos encrecadíssimos, o que não é culpa nossa. O dia foi terrível, exceto por uma coisa: tivemos um bom lucro hoje. Vendi todas as nossas ações da Casa Nobre.

— Excelente. A que preço?

— Ganhamos dois dólares e setenta cents por ação. Está tudo em ouro, agora, em Zurique. Vou botar tudo na nossa conta conjunta — acrescentou com cuidado, torcendo a verdade, o tempo

todo imaginando um jeito de tirar a mulher da sala para que ele pudesse ir até Wu Quatro Dedos e Vênus Poon para fingir para todos que tudo estava bem.

— Ótimo. Excelente. Muito melhor. — Mai-ling brincava com o seu imenso pingente de água-marinha. Repentinamente, os testículos de Richard Kwang ficaram gelados. Aquele era o pingente que prometera a Vênus Poon. Ai, ai, ai... — Está sentindo alguma coisa? — indagou Mai-ling.

— Eu... bem... devo ter comido algum peixe estragado. Acho que preciso ir ao banheiro.

— É melhor ir logo. Imagino que o jantar não vá demorar muito. Shi-teh sempre atrasa tudo! — Ela notou que ele olhou de esguelha, nervosamente, para Vênus Poon e Tio Wu, e seu olhar tornou-se maligno de novo. — Aquela vaca é mesmo muito fascinante. Vou ficar de olho nela até você voltar.

— Por que não vamos juntos? — Tomou-lhe o braço e foi descendo com ela as escadas que conduziam à porta que dava para os banheiros, cumprimentando amigos na passagem, tentando transpirar confiança. No momento em que ela entrou no banheiro das senhoras, ele voltou depressa lá para cima, e foi para junto de

Tung Zeppelin, que estava perto deles. Bateu papo por um momento, depois fingiu notar Quatro Dedos.

— Oh, alô, Honrado Tio — disse, expansivamente. — Obrigado por trazê-la aqui. Alô, sua bajuladorazinha!

— O quê? — exclamou o velho, desconfiado. — Eu a trouxe para mim, não para você.

— É, e não venha com papo furado pra cima de mim — sibilou Vênus Poon, segurando deliberadamente o braço do velho, e Richard Kwang quase cuspiu sangue. — Falei com meu cabeleireiro esta noite! Meu vison está nas costas dela! E aquele não é o meu pingente de água-marinha, que ela está usando também? E pensar que quase cometi suicídio esta noite, por achar que tinha desagradado ao meu Honrado Pai... e o tempo todo mentiras, mentiras, mentiras. Ah, quase tenho vontade de me suicidar outra vez!

— Ah, não faça isso ainda, Falinha Macia — sussurrou Wu Quatro Dedos, ansioso, tendo já fechado um negócio com ela, superando a oferta de Ching Sorridente. — Vá embora, Sobrinho, está fazendo com que ela fique com indigestão. Desse modo, ela não vai poder fazer o seu papel!

Richard Kwang forçou um sorriso amarelo, murmurou algumas amenidades, e foi embora, tropegamente. Dirigiu-se para as escadas, para esperar a mulher, e ouviu alguém dizer:

— Vejo que uma certa eguazinha largou a pastagem em troca de uma grama com mais estrume!

— Quanta bobagem! — replicou prontamente. — Claro que pedi ao velho tonto para trazê-la, já que minha mulher está aqui. Por que outro motivo ela estaria com ele? Acha que o velho idiota tem o órgão de um novilho? Ou mesmo de um garnisé? Não. Ayeeyah! Nem mesmo Vênus Poon, com toda a técnica que lhe ensinei, pode levantar o que não levanta mais!

É bom para o prestígio dele fingir que não é assim, heya? Claro, e ela queria ver o seu Velho Pai e ser vista, também!

— Eeee, que esperteza, Banqueiro Kwang! — disse o homem, afastando-se e sussurrando no ouvido de um outro, que comentou ferinamente:

— Hum, você engoliria um balde de merda se alguém lhe dissesse que era carne ensopada com molho de feijão-preto! Não sabe que o Talo do velho Quatro Dedos é tratado com os mais caros unguentos, pomadas e ginseng que o dinheiro pode comprar? Ora, se no mês passado a sua Concubina Número Seis deu à luz um menino! Eeee, não se preocupe com ele. Antes de ele terminar, esta noite, Vênus Poon vai agüentar uma parada que vai fazer sua Ravina Dourada pedir arrego em oito dialetos!...

— Vai ficar para o jantar, tai-pan? — perguntou Brian Kwok, interceptando-o. — Quando e se ele for servido...

— Vou. Por quê?

— Desculpe, tenho que ir trabalhar. Mas virá outra pessoa para acompanhá-lo até sua casa.

— Santo Deus, Brian, vocês não estão exagerando? — perguntou Dunross, no mesmo tom de voz discreto.

Brian não alteou a voz.

— Não creio. Acabei de ligar para Crosse para saber o que houve com aqueles dois desocupados que estavam rondando a sua casa. No momento que o nosso pessoal chegou, eles deram no pé.

— Talvez fossem apenas desordeiros que não gostam da polícia.

Brian Kwok sacudiu a cabeça.

— Crosse pediu de novo para você lhe entregar os papéis de Alan Medford Grant agora.

— Sexta-feira.

— Mandou que lhe dissesse que há um navio espião soviético no porto. Já houve uma morte... um dos agentes deles, esfaqueado.

Dunross ficou chocado.

— O que isso tem a ver comigo?

— Sabe melhor do que nós. Sabe o que há naqueles relatórios. Tem que ser coisa séria, ou você mesmo não se faria de tão difícil... ou cauteloso. Crosse disse que... Deixe-o pra lá! Escute, Ian, somos velhos amigos. Estou preocupado de verdade. — Brian Kwok passou a falar em cantonense. — Até mesmo os sábios podem cair sobre espinhos... espinhos envenenados.

— Daqui a dois dias o mandarim policial vai chegar. Dois dias não é muito tempo.

— É verdade. Mas em dois dias o espião pode nos causar muito dano. Por que tentar os deuses? Eu estou pedindo.

— Não. Desculpe.

Brian Kwok fechou a cara. Em inglês, falou:

— Nossos amigos americanos nos pediram para colocá-lo sob custódia protetora.

— Que bobagem!

— Não é tanta bobagem assim, Ian. Todo mundo sabe que você tem uma memória fotográfica. Quanto mais cedo entregar os papéis, melhor. Mesmo depois, precisa ter cuidado. Por que não me diz onde estão, e nós cuidaremos de tudo?

Dunross também tinha a fisionomia dura.

— Já cuidei de tudo, Brian. Tudo continua como foi planejado.

O chinês alto soltou um suspiro. Depois, deu de ombros.

— Pois bem. Desculpe, mas depois não venha dizer que não foi avisado. Gavallan e Jacques também vão ficar para o jantar?

— Não creio. Pedi-lhes apenas que dessem uma chegadinha aqui. Por quê?

— Poderiam ir para casa com você. Por favor, não vá a lugar algum sozinho durante algum tempo, não tente despistar seus guardas. No momento, se tiver algum, . . encontro particular, avise-me.

— Eu, um encontro particular? Aqui em Hong Kong? Francamente, que idéia!

— O nome Jen não lhe diz nada?

Os olhos de Dunross ficaram duros como pedra.

— Que bando de sacanas abelhudos vocês são!

— E você parece que não se dá conta de que está num jogo muito sujo, sem regras civilizadas.

— Está bem, entendi.

— Boa noite, tai-pan.

— Boa noite, Brian. — Dunross foi até junto dos deputados, que estavam num grupo, conversando com Jacques de Ville, a um canto. Agora, eram em número de quatro, os demais descansavam

após a longa viagem. Jacques de Ville fez as apresentações. Sir Charles Pennyworth, conservador; Hugh Guthrie, liberal; Julian Broadhurst e Robin Grey, trabalhistas. — Alô, Robin — cumprimentou.

— Alô, Ian. Há quanto tempo!

— É.

— Se me dão licença, vou andando — disse De Ville, a fisionomia cansada e preocupada. — Minha mulher está viajando, e meu netinho está lá em casa.

— Falou com Susanne na França? — perguntou Dunross.

— Falei, tai-pan. Ela... vai ficar boa. Obrigado por ter ligado para Deland. Até amanhã. Boa noite, senhores.

Retirou-se.

Dunross voltou a olhar para Robin Grey.

— Você não mudou nada.

— Nem você — disse Grey. Depois virou-se para Pennyworth.
— Ian e eu conhecemo-nos em Londres há alguns anos, Sir Charles. Foi pouco depois da guerra, e eu acabava de me tornar representante sindical.

Robin era um homem esguio, de lábios finos, cabelos grisalhos ralos e feições marcantes.

— É, faz algum tempo — disse Dunross, polidamente, continuando a combinação feita por Penelope e pelo irmão, há tantos anos... que entre eles não havia relação alguma de parentesco. — Vai demorar muito por aqui, Robin?

— Uns poucos dias — falou Grey. O sorriso dele era seco. — Nunca estive neste paraíso dos trabalhadores antes, portanto quero visitar alguns sindicatos, ver como vivem os outros noventa e nove por cento.

Sir Charles Pennyworth, o chefe da delegação, riu. Era um homem rosado e carnudo, um ex-coronel do Regimento Escocês de Londres, com condecorações.

— Não creio que aqui liguem muito para sindicatos, Robin. Não é, tai-pan?

— A nossa mão-de-obra se dá muito bem sem eles — falou Dunross.

— Mão-de-obra explorada, tai-pan — disse Grey, prontamente. — De acordo com algumas das suas próprias estatísticas, estatísticas do governo.

— Não as nossas estatísticas, Robin, simplesmente os seus estatísticos — replicou Dunross. — O nosso pessoal é o que recebe o

maiores salários da Ásia, depois dos japoneses, e esta é uma sociedade livre.

— Livre? Corta essa! — zombou Grey. — Quer dizer livre para explorar os trabalhadores. Bem, deixe pra lá. Quando o Partido Trabalhista vencer as próximas eleições, vamos mudar tudo isso.

— Ora, qual é, Robin? — falou Sir Charles. — Os trabalhistas não têm a menor chance na próxima eleição.

Grey sorriu.

— Não aposte nisso, Sir Charles. O povo da Inglaterra quer mudanças. Não fomos todos para a guerra para manter a mesma situação podre. Os trabalhistas querem as mudanças sociais... e que os trabalhadores recebam uma porção justa dos lucros que criam.

Dunross falou:

— Sempre achei injusto que os socialistas falem sobre os "trabalhadores", como se eles fizessem todo o trabalho, e nós, nenhum. Também somos trabalhadores. Trabalhamos tanto quanto eles, se não mais, períodos maiores e...

— Ah, mas você é um tai-pan, e mora numa casa imponente que herdou, juntamente com seu poder. Todo aquele capital derivou do suor de algum pobre coitado, e nem vou falar do comércio de ópio que deu origem a tudo. É justo que o capital seja dividido, justo que todos possam ter o mesmo começo. Os ricos deveriam pagar impostos maiores. Devia haver um imposto sobre o capital. Quanto mais cedo as grandes fortunas forem divididas, melhor para todos os ingleses, hem, Julian?

Julian Broadhurst era um homem alto e distinto, de quarenta e tantos anos, um defensor decidido da Sociedade Fabiana, que era o grupo de conselheiros intelectuais do movimento socialista.

— Bem, Robin — falou, na sua voz indolente, quase acanhada —, certamente não aconselho, como você, irmos todos às barricadas, mas realmente acho, Sr. Dunross, que aqui em Hong Kong faz falta um conselho de sindicatos, um salário mínimo, legisladores eleitos, sindicatos e salvaguardas, medicina socializada, indenização para os trabalhadores e todas as modernas inovações britânicas.

— Totalmente errado, Sr. Broadhurst. A China jamais concordaria com uma mudança do nosso status colonial, jamais toleraria qualquer forma de cidade-Estado na sua fronteira. Quanto ao resto, quem pagará as reformas? — perguntou Dunross. — Nosso sistema não-tolhido aqui está superando em vinte vezes a atuação da Grã-Bretanha, e...

— Vocês pagarão, dos seus lucros, Ian — disse Robin Grey, com uma risada. — Pagarão um imposto justo, não quinze por cento. Pagarão a mesma coisa que pagamos na Grã-Bretanha e...

— Deus nos livre! — exclamou Dunross, esforçando-se por não perder a paciência. — Com o excesso de impostos vocês estão acabando com os seus negócios e...

— Lucros? — o quarto deputado, o liberal Hugh Guthrie, interrompeu causticamente. — O último e infeliz governo trabalhista acabou com os nossos lucros faz anos, com malditos gastos desregrados, nacionalizações ridículas, a distribuição do império aos pedacinhos, com um abandono estúpido e insensato, despedaçando o Commonwealth e enfiando a cara da pobre da Inglaterra na lama! Um coisa ridícula! Attlee e toda aquela patuscada!

Robin Grey disse, apaziguadoramente:

— Ora, Hugh, o governo trabalhista fez o que o povo queria, o que as massas queriam.

— Bobagem! O que o inimigo queria. Os comunistas! Em dezoito anos vocês deram de bandeja o maior império que o mundo já viu, fizeram de nós uma potência de segunda classe, e permitiram que o desgraçado inimigo soviético devorasse a maior parte da Europa. Uma coisa ridícula!

— Concordo inteiramente que o comunismo é uma coisa horrível. Mas, quanto a "dar de bandeja" o nosso império, foram os ventos das mudanças, Hugh — disse Broadhurst, acalmando-o. — O colonialismo já deu tudo o que tinha que dar. Você precisa ver as coisas a longo prazo.

— E vejo. Acho que estamos no mato sem cachorro. Churchill está certo, sempre esteve.

— O povo não achou — disse Grey, sombriamente. — Por isso ele perdeu as eleições. Foram os votos dos combatentes que o derrotaram. Já estavam cheios dele. Quanto ao império, desculpe, Hugh, meu velho, mas não passava de uma desculpa para explorar nativos ignorantes. — Robin Grey olhou para seus rostos, e leu o que estava escrito neles. Estava acostumado ao ódio que o cercava. Ele os odiava mais, e fora sempre assim. Depois da guerra, quisera continuar no exército, mas fora rejeitado... havia capitães demais, na época, cheios de condecorações e uma bela folha de serviço, enquanto ele passara a guerra como prisioneiro em Changi. Então, cheio de raiva e ressentimento, entrara para a Crawley, uma imensa fábrica de automóveis, como mecânico. Logo se metera a organizar sindicatos e fora eleito representante sindical. Depois ingressara nas fileiras inferiores do Conselho Geral dos Sindicatos. Há cinco anos, fora eleito deputado trabalhista, e agora atuava no Parlamento como um membro novato, mordaz, colérico, hostil, um protegido do falecido socialista de extrema esquerda Aneurin Bevan. — É, livramo-nos de Churchill, e quando tomarmos o poder, no ano que vem, vamos botar para fora muitos outros costumes velhos e desgastados, e infecções das classes superiores. Vamos nacionalizar todas as indústrias e...

— Francamente, Robin — disse sir Charles —, estamos num banquete, não fazendo comício no Hyde Park. Todos concordamos em deixar a política de lado durante esta viagem.

— Tem razão, Sir Charles. Foi só o que o tai-pan da Casa Nobre me perguntou. — Grey virou-se para Dunross. — Como vai a Casa Nobre?

— Bem, muito bem.

— Segundo o jornal da tarde está havendo uma corrida às suas ações.

— Um dos nossos competidores está bancando o engraçadinho, só isso.

— E as corridas aos bancos? Também não são sérias?

— São sérias. — Dunross escolhia as palavras com cuidado. Sabia que havia forte campanha anti-Hong Kong no Parlamento, e que muitos deputados dos três partidos eram contrários ao seu status colonial, o status não-votante e sua natureza independente... e, principalmente, invejavam a quase ausência de impostos. "Não faz mal", pensou. "Desde 1841, sobrevivemos a Parlamntos hostis, incêndio, tufão, peste, epidemia, embargo, depressão, ocupação e

às convulsões periódicas pelas quais a China passa, e sempre continuaremos sobrevivendo." — A corrida é ao Ho-Pak, um dos nossos bancos chineses — disse Dunross.

— É o maior deles, não? — indagou Grey.

— Não, mas é grande. Estamos todos torcendo para que supere o problema.

— Se ele falir, o que acontece ao dinheiro dos depositantes?

— Infelizmente, eles o perdem — respondeu Dunross, encurralado.

— Vocês precisam de leis bancárias inglesas.

— Não, pensamos que o nosso sistema funciona muito bem. O que acharam da China? — perguntou Dunross.

Antes que Sir Charles pudesse responder, Grey o fez:

— O ponto de vista da maioria é que eles são perigosos, hostis, deviam ser trancafiados, e a fronteira com Hong Kong, lacrada. Eles estão abertamente dedicados a se tornarem agentes agitadores mundiais, e o comunismo deles é simplesmente uma desculpa para a ditadura e exploração das suas massas.

Dunross e os outros yan de Hong Kong empalideceram, enquanto Sir Charles dizia vivamente:

— Qual é, Robin? Esta é apenas a sua opinião e do com... de McLean. Eu achei exatamente o contrário. Acho que a China é muito sincera ao tentar lidar com os problemas da China, que são medonhos, monumentais e, a meu ver, insolúveis.

— Graças a Deus vai haver encrenca da grossa por lá — disse Grey, com ar de escárnio. — Até os russos estão sabendo. Caso contrário, por que sairiam?

— Porque são inimigos, compartilham oito mil quilômetros de fronteiras comuns — disse Dunross, tentando conter sua ira. — Sempre desconfiaram um do outro. Porque o invasor da China sempre veio do oeste, e o da Rússia sempre do leste. A posse da China sempre foi a obsessão e preocupação da Rússia.

— Ora, o que é isso, Sr. Dunross? — começou Broad-hurst. — Sem dúvida está exagerando.

— Interessa à Rússia ver a China fraca e dividida, e Hong Kong, desintegrada. A Rússia necessita de uma China fraca como pedra angular da sua política externa.

— Pelo menos a Rússia é civilizada — falou Grey. — A China Vermelha é fanática, perigosa e paga, e devia ser isolada, especialmente daqui.

— Ridículo! — disse Dunross, secamente. — A China tem a civilização mais antiga da Terra. A China deseja desesperadamente

fazer amizade com o Ocidente. A China é chinesa em primeiro lugar, e comunista em segundo.

— Hong Kong e vocês, "comerciantes", estão mantendo os comunistas no poder.

— Besteira! Mao Tsé-tung e Chu En-lai não precisam de nós, ou dos soviéticos, para ficar em Pequim!

Hugh Guthrie falou:

— No que me diz respeito, a China Vermelha e a Rússia soviética são igualmente perigosas.

— Não há comparação! — exclamou Grey. — Em Moscou come-se com garfo e faca, e compreende-se a comida! Na China não tivemos outra coisa que não comida pavorosa, hotéis pavorosos e um bocado de conversa fiada.

— Não consigo entender você, meu rapaz — disse Sir Charles, com irritação. — Lutou feito louco para fazer parte deste comitê, diz estar interessado na situação asiática, e não fez outra coisa senão reclamar.

— Criticar não é reclamar, Sir Charles. Falando francamente, sou contra dar-se qualquer ajuda à China Vermelha. Qualquer ajuda. E quando voltar, vou apresentar um projeto para mudar totalmente o status de Hong Kong: embargar qualquer produto de e para a China comunista, realizar eleições imediatas aqui, introduzir uma taxaço adequada, sindicatos e justiça social britânica adequados!

O queixo de Dunross projetou-se para a frente.

— Então destruirá a nossa posição na Ásia!

— Dos tai-pans, sim, do povo, não! A Rússia tinha razão sobre a China.

— Estou falando do mundo livre! Meu Deus, devia ser evidente para todos: a Rússia soviética só visa a hegemonia, a

dominação do mundo e a nossa destruição. A China, não — disse Dunross.

— Está errado, Ian. Não está vendo o todo, preso a detalhes — falou Grey.

— Escute! Se a Rússia... Broadhurst interrompeu, suavemente:

— A Rússia está apenas tentando resolver os próprios problemas, Sr. Dunross, e um deles é a política de contenção americana. Querem apenas ficar em paz, e não cercados por americanos altamente emotivos com suas mãos bem-alimentadas nos gatilhos nucleares.

— Besteira! Os ianques são os únicos amigos que temos — disse Hugh Guthrie, irado. — E quanto aos soviéticos, o que me dizem da guerra fria? Berlim? Hungria? Cuba, Egito... estão nos engolindo aos pedaços.

Sir Charles Pennyworth soltou um suspiro.

— A vida é estranha, e a memória é curta. Em 45, no dia 2 de maio, à noitinha, unimo-nos aos russos em Wismar, na Alemanha setentrional. Nunca senti tanto orgulho e felicidade na vida. É, orgulho. Cantamos, bebemos, demos vivas e fizemos brindes mútuos. Depois a minha divisão, e todos nós, na Europa, todos os aliados, ficamos durante semanas sem avançar, para deixar os russos invadirem a Alemanha, os Bálcãs, a Tchécoslováquia, a Polônia e todos os outros lugares. Na época não parei muito para pensar no assunto. Estava tão grato porque a guerra finalmente estava quase acabando, e tão orgulhoso dos nossos aliados russos. Mas, olhando para trás, agora, acho que fomos traídos, nós, os soldados, fomos traídos... inclusive os soldados russos. Fomos sacaneados. Não sei direito como aconteceu, ainda não sei, mas acredito realmente que fomos traídos, Julian, por nossos próprios líderes, os seus malditos socialistas, juntamente com Eisenhower, Roosevelt e seus assessores mal-orientados. Juro por Deus que ainda não sei como aconteceu, mas perdemos a guerra. Vencemos, mas perdemos.

— Ora, Charles, você está totalmente errado. Todos vencemos — dizia Broadhurst. — Os povos do mundo venceram quando a Alemanha nazista foi destru... — Parou, espantado, ao ver a expressão no rosto de Grey. — O que foi, Robin?

Grey olhava fixo para o outro lado da sala.

— Ian! Aquele homem ali, conversando com os chineses... conhece-o? O sacana alto, de blazer?

Igualmente espantado, Dunross olhou para o outro lado da sala.

— O sujeito de cabelos avermelhados? Está falando de Marlowe, Pete...

— Maldito Peter Marlowe! — murmurou Grey. — O que está fazendo em Hong Kong?

— Está só de visita. Veio dos Estados Unidos. É escritor. Parece que está escrevendo um livro sobre Hong Kong, ou fazendo pesquisas para o livro.

— Escritor, hem? Curioso. É amigo seu?

— Conheci-o há poucos dias. Por quê?

— Aquela é a mulher dele... a moça ao seu lado?

— É. Aquela é Fleur Marlowe. Por quê?

Grey não respondeu. Havia uma gota de saliva no canto dos seus lábios.

— Qual a ligação dele com você, Robin? — perguntou Broadhurst, estranhamente perturbado.

Com esforço, Grey desviou os olhos de Marlowe.

— Estivemos juntos em Changi, Julian, o campo de prisioneiros de guerra japoneses. Eu fui chefe da polícia militar durante os dois últimos anos, encarregado da disciplina do campo. — Enxugou o suor do lábio superior. — Marlowe era um dos que transavam com o mercado negro, no campo.

— Marlowe? Dunross ficou estupefato.

— É, sim, o capitão-aviador Marlowe, o grande cavalheiro inglês — disse Grey, a voz áspera de amargura. — É. Ele e o amigão, um americano chamado King, cabo King, eram os principais. Havia também um sujeito chamado Timsen, um australiano... mas o americano era o maior de todos, era o rei¹ mesmo. Um texano. Tinha coronéis na sua folha de pagamento, todos cavalheiros ingleses... coronéis, majores, capitães. Marlowe era o intérprete deles junto aos guardas japoneses e coreanos... na sua maioria, nossos guardas eram coreanos. Eram os piores. — Grey tossiu. — Santo Deus, faz tão pouco tempo! Marlowe e o Rei viviam na fartura... os dois sacanas comiam pelo menos um ovo por dia, enquanto o resto de nós morria de fome. Não podem imaginar como...

¹ Referência ao nome do cabo King. "King", em inglês, "rei".
(N. do E.)

Grey voltou a enxugar o suor dos lábios sem notar.

— Por quanto tempo foi prisioneiro de guerra? — perguntou Sir Charles, compassivamente.

— Três anos e meio.

— Terrível — disse Hugh Guthrie. — Meu primo passou o diabo na ferrovia na Birmânia. Terrível!

— Foi tudo terrível! — disse Grey. — Mas não tão terrível para aqueles que se venderam. Na ferrovia ou em Changi! — Olhou para Sir Charles, e seus olhos estavam estranhos e injetados. — Foram os

Marlowes do mundo que nos traíram, às pessoas comuns sem os privilégios do berço. — A voz dele ficou ainda mais amarga. — Sem querer ofender, mas agora vocês estão todos tendo o troco que merecem, e já não é sem tempo. Meu Deus, preciso de uma bebida. Com licença, um momento.

Saiu às pressas, dirigindo-se para o bar que estava armado a um lado.

— Extraordinário — comentou Sir Charles. Guthrie falou, com uma risada ligeira e nervosa:

— Por um momento pensei que ele ia avançar sobre Marlowe.

Todos o observavam. Então Broadhurst notou a testa franzida de Dunross, a fisionomia fechada e fria.

— Não ligue para ele, Sr. Dunross. Infelizmente Grey é muito cansativo, é um chato muito vulgar. Ele... bem, não é representativo dos escalões trabalhistas, graças a Deus. O senhor gostaria do nosso novo líder, Harold Wilson, ele teria a sua aprovação. Da próxima vez

que estiver em Londres, terei prazer em apresentá-lo a ele, se tiver tempo.

— Obrigado. Na verdade, estava pensando em Marlowe. É difícil acreditar que ele se tenha "vendido" ou atraído alguém.

— Nunca se conhece bem as pessoas, não é?

Grey pegou um uísque com soda, voltou e cruzou a sala.

— Ora, se não é o capitão-aviador Marlowe!

Peter Marlowe virou-se, espantado. O sorriso dele desapareceu, e os dois homens se fitaram. Fleur Marlowe ficou imóvel.

— Alô, Grey — disse Marlowe, com a voz inexpressiva. — Soube que estava em Hong Kong. Na verdade, li sua entrevista no

jornal da tarde. — Virou-se para a mulher. — Querida, este é o deputado Robin Grey.

Apresentou-o aos chineses, um dos quais era Sir Shi-teh T-Chung.

— Ah, Sr. Grey, que honra tê-lo aqui! — disse Shi-teh, com um sotaque inglês de Oxford. Era alto, moreno, bonito, ligeiramente chinês, e principalmente europeu. — Esperamos que tenha uma estadia agradável em Hong Kong. Se houver algo que eu possa fazer, é só dizer.

— Tá — replicou Grey, displicentemente. Todos notaram a sua grosseria. — Então, Marlowe! Não mudou muito.

— Nem você. Tem se saído muito bem na vida. — Marlowe acrescentou para os outros: — Estivemos juntos na guerra. Não vejo Grey desde 1945.

— Fomos prisioneiros de guerra, Marlowe e eu — disse Grey, e depois acrescentou: — Estamos em lados opostos, politicamente.

— Parou e saiu do caminho para deixar Orlanda Ramos passar. Ela cumprimentou Shi-teh com um sorriso, e seguiu em frente. Grey observou-a rapidamente, depois se voltou. — Marlowe, meu velho, ainda está no comércio? — Era um insulto inglês particular. "Comércio", para alguém como Marlowe, que descendia de uma linhagem de oficiais ingleses, significava tudo o que era vulgar e de classe baixa.

— Sou escritor — disse Marlowe. Voltou os olhos para a mulher, sorrindo-lhe com os olhos.

— Pensei que ainda estivesse na RAF, um oficial de carreira como seus ilustres antepassados.

— Fui reformado por invalidez, malária e tudo o mais. Uma coisa muito tediosa — disse Marlowe, acentuando deliberadamente o seu sotaque aristocrático, sabendo que deixaria Grey furioso. — E você está no Parlamento? Que sabido! Representa Streatham East? Não foi lá que nasceu?

Grey enrubesceu.

— É, foi, sim...

Shi-teh disfarçou o seu embaraço ante a tensão entre os dois homens.

— Tenho que ver... bem... como vai indo o nosso jantar.

Saiu apressadamente. Os outros chineses pediram licença e se retiraram.

Fleur Marlowe se abanava.

— Talvez devamos ir procurar a nossa mesa, Peter — falou.

— Uma boa idéia, Sr. Marlowe — disse Grey. Estava sob um controle tão severo quanto Peter Marlowe. — Como vai o Rei?

— Não sei. Não o vejo desde Changi. Marlowe olhava de cima para Grey.

— Mas você está em contato com ele, não é?

— Não. Para falar a verdade, não.

— Não sabe onde ele está?

— Não.

— É estranho, já que eram tão íntimos. — Grey desviou os olhos dele com esforço, e olhou para Fleur Marlowe, achando que era a mulher mais bonita que já vira. Tão bonita, fina, inglesa e loura como a sua ex-mulher, Trina, que se mandara com um americano pouco mais de um mês depois que ele fora dado como desaparecido em combate. Mal se passara um mês. — Sabia que

fomos inimigos em Changi, sra. Marlowe? — disse, com uma suavidade que ela achou assustadora.

— Peter nunca falou de Changi comigo, Sr. Grey. Ou com qualquer outra pessoa, que eu saiba.

— Curioso. Foi uma experiência aterradora, sra. Marlowe. Não esqueci coisa alguma dela. Eu... bem, lamento interromper...

Ergueu os olhos para Marlowe. Começou a dizer qualquer coisa, mas mudou de idéia e se afastou.

— Oh, Peter, que homem horrível! — disse Fleur. — Deixou-me toda arrepiada.

— Não há com que se incomodar, querida.

— Por que vocês foram inimigos?

— Agora não, meu bem, depois. — Marlowe sorriu para ela, com amor. — Grey não significa nada para nós.

36

21h45m

Linc Bartlett viu Orlanda antes que ela o visse, e ela o deixou sem fôlego. Não pôde evitar compará-la com Casey, que estava ao seu lado, conversando com Andrew Gavallan. Orlanda usava um vestido longo de seda branca, de frente única, decotadíssimo nas costas, que, de um modo discreto, parecia oferecer seu corpo dourado. Casey usava o vestido verde que ele já vira diversas vezes, a cabeleira fulva cascadeante.

— Vocês dois gostariam de vir à festa de Shi-teh, logo mais à noite? — perguntara Orlanda de manhã. — Poderia ser importante para você e a sua Casey estarem presentes.

— Por quê?

— Porque quase todos os negócios importantes em Hong Kong são tratados nesses acontecimentos sociais, Sr. Bartlett. Poderia ser muito importante para vocês envolverem-se com pessoas como Shi-teh... e com o Turf Club, o Cricket Club, até mesmo o Clube, embora isso seja impossível.

— Porque sou americano?

— Porque alguém tem que morrer para abrir uma vaga... um inglês ou um escocês. — Ela dera uma risada. — A lista de espera é do tamanho da Queen's Road! É exclusivo para homens, muito formal, velhas poltronas de couro, homens idosos fazendo a sesta depois de um almoço de três horas e dez doses de gim, The Times, e todo o resto!

— Pombas, parece excitante!

Ela rira outra vez. Tinha os dentes brancos, e ele não via imperfeições nela. Conversaram enquanto tomavam o café da manhã, e ele achava um prazer falar com ela. E estar com ela. Seu perfume era tentador. Casey raramente usava perfume — dizia que ele apenas distraía ainda mais os empresários com quem tinha que tratar. Com Orlanda, comeria ovos com bacon bem frito, torradas e tomara café. Um desjejum à moda americana, num hotel novo em folha que ela sugerira, chamado O

Mandarim. Casey não tomava desjejum. Apenas café e torrada, às vezes, ou croissants.

A entrevista transcorreria com facilidade, e o tempo passara depressa demais. Jamais estivera na companhia de uma mulher com uma feminilidade tão franca e confiante. Casey era sempre forte, eficiente, serena, e pouco feminina. "Por escolha, escolha dela e concordância minha", lembrou a si mesmo.

— Aquela é Orlanda?

Casey olhava para ele com uma das sobrancelhas arqueada.

— É — replicou, tentando sem êxito saber o que ela estava pensando. — O que você acha?

— Acho que ela é dinamite.

— De que maneira?

Casey achou graça. Virou-se para Gavallan, que estava tentando concentrar-se e ser polido, mas cujos pensamentos estavam voltados para Kathy. Depois que Kathy lhe contara, à noitinha, não quisera sair de junto dela, mas ela insistira, dizendo que era importante para ele estar presente.

— Você a conhece, Andrew?

— Quem?

— A moça de branco.

— Onde? Ah, sim, mas só de reputação.

— É boa ou ruim?

— Bem, isso depende do ponto de vista, Casey. Ela é portuguesa, eurásiana, é claro. Orlanda foi amiga de Gornt durante vários anos.

— Quer dizer sua amante?

— É, suponho que seja a palavra certa — disse, educadamente, detestando intensamente a franqueza de Casey. — Mas foi tudo muito discreto.

— Gornt tem bom gosto. Sabia que ela foi amiguinha dele, Linc?

— Ela me disse, hoje de manhã. Eu a conheci no escritório de Gornt, faz dois dias. Ele me disse que ainda são amigos.

— Não se pode confiar em Gornt — disse Gavallan. Casey falou:

— Há muita gente forte apoiando-o, dentro e fora de Hong Kong, segundo me disseram. Ao que me consta, não está em dificuldades no momento, como vocês. Deve ter ouvido dizer que quer que fechemos negócio com ele, não com vocês.

— Não estamos em dificuldades — retrucou Gavallan. Olhou para Bartlett. — O nosso negócio está valendo?

— Assinamos na terça-feira. Se vocês estiverem prontos — falou Bartlett.

— Estamos prontos agora.

— O Ian quer que a gente fique na moita até sábado. Pra nós, tudo bem — disse Casey. — Não é, Linc?

— Certo.

Bartlett lançou um olhar para Orlanda. Casey acompanhou o movimento dos seus olhos.

Notara a moça no primeiro momento em que ela hesitara, à entrada da sala.

— Com quem ela está conversando, Andrew?

O homem tinha um ar interessante, era esbelto, elegante, na casa dos cinquenta anos.

— Aquele é Lando Mata. Também é português, de Macau.

Gavallan se perguntava, angustiada, se Dunross conseguiria persuadir Mata a vir salvá-lo com todos os seus milhões. "O que eu faria se fosse tai-pan?", perguntou-se, cansado. "Compraria amanhã, ou fecharia o negócio com Mata e Pão-Duro, hoje. Com o dinheiro deles, a Casa Nobre ficaria a salvo por gerações, embora fora do nosso controle. Não há por que se preocupar agora. Espere até ser tai-pan." Então viu Mata sorrir para Orlanda, e ambos olharam para aquele lado, e começaram a abrir caminho entre os convidados, em sua direção. Os olhos dele fitavam os seios firmes dela, livres sob a seda. Mamilos duros. "Santo Deus", pensou, assombrado, "nem mesmo Vênus Poon ousaria tanto!" Ao chegarem até eles, Gavallan fez as apresentações e postou-se de lado para observá-los.

— Alô — Orlanda cumprimentou Casey, carinhosamente. — Linc me falou muito a seu respeito, e de como é importante para ele.

— Também me falou a seu respeito — disse Casey, no mesmo tom. — Mas não o bastante. — "Você é muito mais linda do que Linc deixou transparecer", pensou. "Muitíssimo mais. Com que então é

Orlanda Ramos? Bonita, de fala macia, feminina, e uma piranha safada que está de olho no meu Linc. Meu Deus, o que faço agora?"

Ouviu a si mesma conversando fiado, mas sua mente ainda estava pesando e analisando Orlanda Ramos. "Por um lado seria bom para o Linc ter um caso. Faria com que esfriasse um pouco. Ontem à noite foi tão horrível para ele quanto para mim. Ele tinha razão sobre eu me mudar de quarto. Mas, se a magia dessa aí o envolver, será que conseguirei arrancá-lo dela? Será apenas uma garota como as outras, que nada significaram para mim e que, depois de uma semana, também nada significaram para ele?"

"Essa não", concluiu Casey, decisivamente. "Tenho duas escolhas. Ou mantenho as treze semanas e quatro dias e entro na luta, ou não mantenho e entro na luta."

Sorriu.

— Orlanda, seu vestido é espetacular.

— Obrigada. Posso chamá-la de Casey?

As duas mulheres sabiam que a guerra tinha começado.

Bartlett ficou encantado ao ver que Casey simpatizara obviamente com Orlanda. Gavallan observava, fascinado pelos quatro. Havia um calor estranho entre todos. Especialmente entre Bartlett e Orlanda.

Voltou sua atenção para Mata e Casey. Mata era gentil, cheio de charme do Velho Mundo, concentrando-se em Casey, procurando fasciná-la. "Até onde ele conseguirá chegar com ela?", pensou. "É curioso que Casey não pareça se importar absolutamente com Orlanda. Será que não notou que o namorado está enrabichado? Pode ser que não. Ou pode ser que esteja se lixando, e que ela e Bartlett sejam apenas sócios comerciais e nada mais. Talvez ela não passe de um sapatão. Ou talvez seja apenas frígida, como tantas. Que pena!"

— O que está achando de Hong Kong, srta. Casey? — perguntou Mata, imaginando como ela seria na cama.

— Infelizmente ainda não vi muita coisa, embora tenha ido aos Novos Territórios, na excursão do hotel, dar uma espiada na China.

— Gostaria de ir? Quero dizer, ir mesmo para a China? Entrar lá, digamos, em Cantão? Posso dar um jeito para que a senhorita seja convidada.

Ela ficou chocada.

— Mas somos proibidos de entrar na China... nossos passaportes não são válidos.

— Ah, não teria que usar o seu passaporte. A RPC não liga para passaportes. Tão poucos quai loh entram na China que não há problema. Eles lhe dão um visto por escrito, e carimbam-no.

— Mas o nosso Departamento de Estado... acho que não iria me arriscar agora.

Bartlett concordou.

— Não devemos nem entrar na loja comunista aqui. A loja de departamentos.

— É, o seu governo é mesmo muito estranho — disse Mata.
— Como se entrar numa loja fosse subversivo! Ouviu falar sobre o Hilton?

— Falar o quê?

— Dizem que compraram uma coleção maravilhosa de antigüidades chinesas para o novo hotel. — Mata sorriu. — Parece que agora os Estados Unidos decidiram que eles não poderão usar nada daquilo, nem mesmo aqui em Hong Kong. Está tudo no depósito. Pelo menos, é o que dizem.

— Não é de admirar. Quem não tem êxito, nos Estados Unidos, entra para o governo — disse Bartlett, com azedume.

— Casey, decida por si mesma — falou Mata. — Visite a loja. Chama-se China Arts and Crafts, e fica na Queen's Road. Os preços são bem razoáveis, e os comunistas não têm chifres e rabos pontudos.

— É bem diferente do que eu esperava — disse Bartlett. — Casey, você ia ficar fascinada com algumas das coisas.

— Você esteve lá? — indagou, surpresa.

— Claro.

— Levei o Sr. Bartlett lá hoje de manhã — explicou Orlanda. — íamos passando e entramos. Terei prazer em ir fazer compras com você, se quiser.

— Obrigada, gostaria muito — replicou Casey, igualmente simpática, consciente de todos os sinais de perigo. — Mas disseram-nos, em Los Angeles, que a CIA vigia os americanos que entram e saem, porque tem certeza de que é um ponto de encontro comunista.

— Para mim pareceu uma loja comum, Casey — falou Bartlett. — Só o que vi de diferente foram uns cartazes de Mao. Mas não se pode pechinchar. Todos os preços estão marcados. Coisas baratíssimas. Uma pena que não possamos levá-las para casa.

Nos Estados Unidos havia um embargo total a todas as mercadorias de origem chinesa, até mesmo antigüidades que estavam em Hong Kong há cem anos.

— Isso não é problema — falou Mata prontamente, imaginando o quanto ganharia como intermediário. — Se houver algo que deseje, terei prazer em comprar.

— Mas, ainda assim, não poderemos levar nada para os Estados Unidos, Sr. Mata — disse Casey.

— Ah, isso também é fácil. Faço-o para amigos americanos o tempo todo. Envio as compras deles para uma companhia que tenho em Cingapura ou em Manila. Por uma pequena taxa, eles as enviam para os Estados Unidos com um certificado de origem: Malásia ou Filipinas, o que preferirem.

— Mas isso é trapaça. Contrabando.

Mata, Gavallan e Orlanda riram abertamente, e Gavallan disse:

— O comércio é a graxa do mundo. Mercadorias embargadas dos Estados Unidos ou Formosa chegam à República

Popular da China, mercadorias da RPC vão para Formosa e Estados Unidos... se há procura. Claro que sim!

— Eu sei — disse Casey —, mas não acho que esteja certo.

— A Rússia soviética dedica-se à sua destruição, mas ainda assim comerciam com ela — disse Gavallan para Bartlett.

— Nós, não — retrucou Casey. — Não a Par-Con, embora nos tenham procurado para vender computadores. Gostamos muito de lucros, mas, nesse caso, negativo. O governo comercia, mas com mercadorias controladas com muito cuidado. Trigo, coisas assim.

— Onde houver um comprador disposto a comprar alguma coisa, sempre haverá um vendedor — disse Gavallan, irritado com ela. Olhou pelas janelas e desejou estar de volta a Xangai. — Vejam por exemplo o Vietnam, a sua Argélia.

— Como? — perguntou Casey. Gavallan voltou a olhar para ela.

— Quero dizer que o Vietnam sangrará a sua economia até a morte, como fez com a França, e como a Argélia fez com a França.

— Jamais entraremos no Vietnam — disse Bartlett, confiante.
— Por que entraríamos? Não tem nada a ver conosco.

— Concordo — disse Mata —, mas, apesar disso, os Estados Unidos estão tendo um envolvimento crescente. Na verdade, Sr. Bartlett, acho que estão sendo sugados para o abismo.

— De que maneira?

— Acho que os soviéticos os atraíram deliberadamente para o Vietnam. Vocês enviarão tropas, mas eles, não. Vocês lutarão contra os vietnamitas e a selva, e os soviéticos serão os vencedores. A CIA já está lá com força total. Tem uma linha aérea funcionando. Já estão sendo construídos campos de pouso com dinheiro americano, armas americanas estão vindo aos borbotões. Já há soldados lutando lá.

— Não acredito — disse Casey.

— Pode acreditar. São chamadas de Forças Especiais, às vezes Força Delta. Desculpe, mas o Vietnam vai ser um grande problema para o seu governo, a não ser que ele seja muito esperto.

Bartlett falou, confiante:

— Graças a Deus, é. Kennedy cuidou de Cuba. Cuidará do Vietnam também. Fez o Grande K recuar em Cuba, e o fará de novo. Ganhamos, daquela vez. Os soviéticos retiraram seus mísseis.

Gavallan estava sombriamente divertido.

— Devia falar com o Ian sobre Cuba, meu velho, ele fica com a corda toda. Ele diz, e eu concordo, que vocês perderam. Os soviéticos sugaram vocês para outra armadilha. Vocês fizeram papel de bobos. Ele acredita que construíram as bases dos mísseis quase abertamente, querendo que vocês os detectassem, o que fizeram, e então houve um bocado de ameaças de lá e de cá, o mundo todo morto de medo, e, em troca da promessa soviética de retirar os mísseis de Cuba, seu presidente rasgou a sua Doutrina Monroe, a pedra angular de todo o seu sistema de segurança.

— Como?

— Claro. Kennedy não deu a Khruchov uma promessa por escrito de não invadir Cuba, de não permitir uma invasão vinda de território americano... ou de qualquer outro lugar no hemisfério ocidental? Por escrito, Santo Deus! Então, agora, uma potência européia inimiga, a Rússia soviética, totalmente contra a sua Doutrina Monroe, está abertamente estabelecida a cento e cinquenta quilômetros da sua costa, num local cujas fronteiras são protegidas por escrito pelo seu próprio presidente, proteção ratificada pelo seu Congresso. O Grande K aplicou-lhes um golpe colossal, jamais igualado em toda a sua história. E tudo por nada! — A voz de Gavallan ficou mais áspera. — Agora Cuba está segura, e sem dúvida crescerá, expandir-se-á e acabará por contagiar toda a América do Sul. Segura para submarinos, navios, aviões soviéticos... Santo Deus, mas que vitória maravilhosa!

Casey olhou para Bartlett, chocada.

— Mas, Linc, claro que não é assim! Bartlett estava igualmente chocado.

— Acho que... se a gente pensar direito, é, sim. Na verdade, não lhes custou nada.

— Ian está convencido disso — falou Gavallan. — Converse com ele. Quanto ao Vietnam, aqui ninguém acha que o presidente Kennedy vai saber cuidar do assunto, por mais que o admiremos pessoalmente. A Ásia não é como a Europa, ou as Américas. Aqui se pensa diferente, se age diferente, e se tem valores diferentes.

Fez-se um silêncio repentino, rompido por Bartlett.

— Então acha que vai haver guerra? Gavallan lançou-lhe um olhar.

— Não é motivo para você se preocupar. A Par-Con vai se sair muito bem. Vocês têm indústria pesada, computadores, espuma de poliuretano, contratos do governo para equipamentos aeroespaciais, produtos petroquímicos, equipamentos de rádio... Com suas mercadorias e a nossa técnica pericial, se houver uma guerra... bem, o céu é o limite.

— Não acho que gostaria de ter lucro dessa maneira — falou Casey, irritada com ele. — É um modo nojento de se faturar.

Gavallan virou-se para ela, com raiva.

— Muitas coisas neste mundo são nojentas, erradas e injustas... — Já ia sair com quatro pedras na mão, furioso pelo modo como ela interrompia a conversa dele com Bartlett, mas resolveu que ali não era a hora nem o lugar, portanto disse, amavelmente: — Mas, claro, tem razão. Ninguém quer lucrar com a morte. Se me dão licença, tenho que ir andando... Sabem que todos têm lugares marcados? O jantar vai começar a qualquer momento. Uma questão de prestígio.

Afastou-se.

— Acho que ele não gosta nem um pouco de mim — disse Casey.

Eles acharam graça no modo como ela falou.

— O que você disse está certo, Casey — falou Orlanda. — Tem razão. A guerra é terrível.

— Esteve aqui durante a guerra? — perguntou Casey, inocentemente.

— Estive, mas em Macau. Sou portuguesa. Minha mãe me contou que lá não foi muito terrível. Os japoneses não perturbaram Macau porque Portugal era neutro. — Orlanda acrescentou, docemente: — Estou com apenas vinte e cinco anos, portanto mal me lembro da guerra. Ainda não tinha sete anos quando ela acabou. Macau é uma cidade gostosa, Casey. Tão diferente de Hong Kong! Você e Linc talvez queiram ir até lá. Vale a pena. Adoraria ser sua guia.

"Aposto que sim", pensou Casey, sentindo que seus vinte e seis anos pesavam contra os vinte e cinco de Orlanda, que tinha a pele de uma menina de dezessete.

— Seria ótimo. Mas, Lando, o que há com o Andrew? Por que estava tão bronqueado? Porque sou uma mulher vice-presidente e tudo o mais?

— Duvido. Estou certo de que você está exagerando — replicou Mata. — Acontece que ele não é muito pró-americanos, e fica doido porque o Império Britânico não existe mais. Os Estados Unidos são o árbitro dos destinos do mundo e estão cometendo erros evidentes, acha ele. A maioria do povo britânico concorda com ele, infelizmente! É em parte inveja, claro. Mas sejam pacientes com o Andrew. Afinal, seu governo entregou Hong Kong para Chang em 45... foi a marinha britânica que o impediu. Os americanos ficaram do lado dos russos, contra eles, no caso de Suez, e apoiaram os judeus contra eles na Palestina... há dúzias de exemplos. Também é verdade que aqui muitos de nós acham errada a hostilidade atual dos Estados Unidos contra a China.

— Mas eles são tão comunistas quanto a Rússia. Entraram em guerra conosco quando estávamos apenas tentando proteger a liberdade da Coreia do Sul. Não íamos atacá-los.

— Mas, historicamente, a China sempre cruzou o Yalu quando qualquer invasor estrangeiro se aproximava daquela fronteira. Sempre. O seu MacArthur tinha fama de ser historiador — disse Mata pacientemente, imaginando se ela seria assim tão ingênua na cama —, devia ter sabido. Ele... ou o seu presidente... forçou a

China a tomar um caminho que não queria tomar. Tenho certeza absoluta disso.

— Mas não fomos invasores. Foi a Coréia do Norte que invadiu a do Sul. Nós só estávamos querendo ajudar um povo a ser livre. Não tínhamos nada a ganhar com a Coréia do Sul. Gastamos bilhões tentando ajudar o povo a continuar livre. Veja o que a China fez ao Tibete... e à Índia, no ano passado. Parece que sempre somos o bode expiatório, e só o que queremos é proteger a liberdade. — Interrompeu-se quando um murmúrio de alívio correu a sala e as pessoas começaram a se dirigir para as suas mesas. Garçons carregando travessas com tampos de prata entravam em grande número no aposento. — Graças a Deus! Estou morta de fome!

— Eu também — disse Bartlett.

— Até que o Shitee está adiantado, hoje — disse Mata, com uma risada. — Orlanda, devia tê-los avisado de que é um velho costume fazer sempre uma boquinha antes dos banquetes de Shitee.

Orlanda apenas dirigiu-lhes seu lindo sorriso, enquanto Casey dizia:

— Orlanda avisou o Linc, que me avisou, mas achei que dava para agüentar.

Olhou para a sua inimiga, que era quase meia cabeça mais baixa do que ela, com cerca de um metro e sessenta. Pela primeira vez na vida sentiu-se grande e desajeitada. "Seja sincera", falou com seus botões, "desde que saiu do hotel para as ruas e viu todas as moças e mulheres chinesas com mãos, pés e corpos minúsculos, tão pequeninas, de olhos e cabelos escuros, sentiu-se imensa e estranha. É. Agora posso entender por que nos fitam tanto, de boca aberta. E quanto ao turista comum, barulhento, gordo, balançando as banhas...

"Mesmo assim, Orlanda Ramos, embora seja bonita e pense que é esperta, não é a garota certa para Linc Bartlett. Portanto, vá esfregar o rabo nas ostras!"

— Da próxima vez, Orlanda — falou, amavelmente —, vou dar mais atenção às suas recomendações.

— Recomendo que a gente vá comer, Casey. Também estou com fome.

Mata falou:

— Acredito que estejamos todos à mesma mesa. Devo confessar que mexi meus pauzinhos.

Satisfeito, foi mostrando o caminho, mais excitado do que nunca com o desafio de levar Casey para a cama. No momento em que pusera os olhos nela, tinha decidido isso. Em parte por causa de sua beleza, altura e lindos seios, um contraste tão agradável com a miudeza e monotonia da moça asiática normal. Em parte por causa das pistas que Orlanda lhe dera. Mas principalmente por causa de sua idéia repentina de que, rompendo a ligação Bartlett-Casey, poderia destruir a investida da Par-Con na Ásia. "É muito melhor manter os americanos, com a sua moralidade hipócrita e nada prática, e a sua intromissão, fora da nossa área o máximo possível", falou com seus botões. "E se Dunross não tiver fechado o negócio com a Par-Con, terá que me vender o controle que desejo. Então, finalmente, eu serei o tai-pan da Casa Nobre, independente de todos os Dunrosses e Struans.

"Minha Nossa Senhora, a vida é mesmo boa! Curioso que esta mulher possa ser a chave para a melhor fechadura da Ásia", pensou. A seguir, acrescentou, satisfeito: "É evidente que pode ser comprada. É apenas uma questão de preço".

37

23h01m

O jantar teve doze pratos. Haliote refogado com couve-de-bruxelas, fígado de galinha e molho de perdiz em fatias, sopa de barbatana de tubarão, galinha grelhada, verduras chinesas, ervilhas, brócolos e cinquenta outras variedades de legumes com carne de siri, pele de pato de Pequim assado com molho de ameixas, cebolinhas em fatias, panquecas fininhas, cogumelos cozidos no vapor e ovas de peixe, chaputa defumado com salada, arroz à moda de Yangchow, talharim Lar Doce Lar... depois sobremesa da felicidade, sementes de lótus cristalizadas e lírios com arroz-doce. E chá, continuamente.

Mata e Orlanda ajudaram Casey e Bartlett. Fleur e Peter Marlowe eram os únicos outros europeus à mesa. Os chineses entregaram seus cartões de visita, e receberam outros em troca.

— Ah, vocês sabem comer com pauzinhos!

Todos os chineses ficaram francamente espantados, depois voltaram confortavelmente a falar em cantonense, as mulheres cheias de jóias evidentemente comentando Casey e Bartlett, e os Marlowes. Seus comentários eram ligeiramente policiados apenas devido à presença de Lando Mata e Orlanda.

— O que estão dizendo, Orlanda? — perguntou Bartlett suavemente, em meio à exuberância ruidosa, especialmente dos chineses.

— Estão impressionados com você e a srta. Casey — respondeu, cautelosamente, sem traduzir os comentários indecentes sobre o tamanho do busto de Casey, as indagações sobre onde compraria suas roupas, quanto custariam, por que não usava jóias, e como devia se sentir uma pessoa daquela altura! Quanto a Bartlett pouco falavam, exceto para se perguntarem em voz alta se pertencia mesmo à Máfia, como sugerira um dos jornais chineses.

Orlanda estava certa de que não pertencia. Mas estava certa, também, de que teria que ser muito circunspecta diante de Casey, nem avançada nem retraída demais, e nunca poderia tocá-lo. E que teria que ser meiga com ela, para tentar desconcertá-la.

A cada novo prato que era servido, removiam-se os usados, e trazia-se louça limpa, pousada ruidosamente sobre a mesa. Os garçons corriam para os aparadores na parte central, junto das escadas, para se desfazerem dos pratos sujos e pegarem os limpos, quentinhos, trazidos pelo elevador.

As cozinhas, três cobertas abaixo, eram um inferno, com imensos woks¹ de ferro, de um metro e vinte de comprimento, que se utilizavam de gás canalizado para bordo. Alguns woks serviam para ferver a comida, outros para fritar, outros para abafar, outros para ensopar, e muitos para o arroz branco simples. Havia também uma churrasqueira a lenha. Um exército de ajudantes dos vinte e oito cozinheiros estava preparando as carnes e os legumes, depenando galinhas, matando peixes, lagostas e siris frescos, limpando-os, executando as mil tarefas que a cozinha chinesa exige... pois cada prato é preparado na hora, para cada freguês.

¹ Utensílios de cozinha usados especialmente no preparo da comida chinesa. (N. da T.)

O restaurante abria às dez da manhã, e a cozinha fechava às dez e quarenta e cinco da noite, às vezes até mais tarde, quando havia alguma festa especial programada. Poderia haver danças, e até um show, se o anfitrião fosse rico. Naquela noite, embora não houvesse turno extra, show ou baile, todos sabiam que sua gorjeta seria muito boa. Shitee T'Chung era um anfitrião generoso, embora a maioria deles acreditasse que muito do dinheiro para fundos de caridade que reunia ia para sua barriga, a de seus convidados, ou para o corpo de suas amiguinhas. Ele também tinha a reputação de ser implacável com os críticos, um unha-de-fome com a família, e vingativo com os inimigos.

"Não faz mal", pensou o cozinheiro-chefe. "Um homem precisa de lábios macios e dentes duros, neste mundo, e todo mundo sabe qual vai durar mais."

— Andem logo! — berrou. — Pensam que posso esperar toda esta noite cheia de estrume? Camarões, tragam os camarões!

Um ajudante suado, de calças rasgadas, camiseta suada e velhíssima, veio correndo com uma travessa de bambu de camarões recém-pescados e recém-limpos. O cozinheiro jogou-os no vasto wok, acrescentou uma pitada de glutamato monossódico, deu duas mexidas rápidas neles e retirou-os. Colocou um punhado de ervilhas fumegantes em dois pratos e jogou por cima os camarões rosados, brilhantes e suculentos, divididos igualmente.

— Que todos os deuses urinem em cima de todos os camarões! — exclamou com azedume, sentindo a úlcera doer, os pés e a barriga das pernas pesados como chumbo, depois de dez horas de trabalho. — Mandem esses logo lá para cima, antes que estraguem! Dew neh loh moh... é meu último pedido. Hora de ir para casa!

Outros cozinheiros estavam berrando as últimas ordens, e praguejando enquanto cozinhavam. Estavam todos impacientes para ir embora.

— Andem logo com isso!

Então, um jovem ajudante carregando uma vasilha de gordura usada tropeçou, e a gordura caiu sobre um dos grandes bicos de gás, pegando fogo com um ruído alto. Houve um súbito pandemônio. Um cozinheiro berrou quando o fogo o cercou. Ele tentou afastá-lo com as mãos, o rosto e o cabelo chamuscados. Alguém jogou um balde d'água no fogo, e espalhou-o violentamente. As chamas subiram até o teto, formando ondas de fumaça. Os cozinheiros que gritavam e se empurravam para fugir ao fogo entupiam a saída. A fumaça preta, acre e gordurosa começou a encher os ares.

O homem que estava mais próximo da única escada estreita que levava ao convés superior agarrou um dos extintores de incêndio, apertou o embolo e apontou o bocal para o fogo. Nada aconteceu. Ele repetiu o processo, até que alguém o tirou de suas mãos com um palavrão, tentou sem êxito fazê-lo funcionar, depois jogou-o para o lado. O outro extintor também não funcionou. O pessoal nunca se dera ao trabalho de testá-los.

— Que todos os deuses defequem sobre essas invenções dos demônios estrangeiros sem mãe! — choramingou um cozinheiro, preparando-se para fugir se o fogo se aproximasse dele. Um cule assustado, sufocado com a fumaça do outro lado da cozinha, recuou de uma coluna de chama, bateu em alguns vidros e acabou derrubando-os. Alguns deles continham ovos-de-mil-anos, e outros, óleo de gergelim. O óleo inundou o chão e pegou fogo. O cule

desapareceu no súbito lençol de chamas. Agora, o fogo dominava metade da cozinha.

Passava bastante das onze horas, e a maioria dos fregueses do restaurante já se havia retirado. O convés superior do Dragão Flutuante ainda estava parcialmente cheio. A maioria dos chineses, entre eles Wu Quatro Dedos e Vênus Poon, estava saindo ou já tinha saído, pois o último prato já fora servido há bastante tempo, e era um costume chinês de boa educação partir logo que o último prato tivesse sido servido em todas as mesas. Somente os europeus se demoravam tomando o seu conhaque, ou porto, e fumando charutos.

Por todo o barco, mesas de mah-jong estavam sendo armadas por chineses, e o barulhinho das peças de marfim batendo nas mesas começou a dominar.

— Joga mah-jong, Sr. Bartlett? — perguntou Mata.

— Não. Por favor, chame-me de Linc.

— Devia aprender, é melhor do que bridge. Joga bridge, Casey?

Linc Bartlett riu.

— É cobra no jogo, Lando. Não jogue com ela a dinheiro.

— Quem sabe possamos marcar um joguinho, qualquer hora. Você joga, não é, Orlanda? — disse Mata, lembrando-se de que Gornt era excelente jogador.

— Jogo, um pouco — respondeu Orlanda, suavemente, e Casey pensou sombriamente: "Aposto que a safada também é cobra".

— Adoraria um joguinho — disse Casey, meigamente.

— Ótimo — falou Mata. — Um dia da próxima semana... oh, alô, tai-pan!

Dunross cumprimentou a todos com seu sorriso.

— Que tal acharam a comida?

— Fantástica! — disse Casey, feliz por vê-lo e notando como estava elegante no seu traje a rigor. — Quer sentar-se conosco?

— Obrigado, mas...

— Boa noite, tai-pan — disse Dianne Chen, aproximando-se dele com o filho Kevin, um jovem baixo e corpulento, de cabelos crespos escuros e lábios cheios.

Dunross fez as apresentações.

— Onde está Phillip?

— Pretendia vir, mas ligou para avisar que houve um contratempo. Bem, boa noite...

Dianne sorriu, e Kevin também, e dirigiram-se para a porta, enquanto Casey e Orlanda ficavam embasbacadas com as jóias de Dianne.

— Bem, tenho que ir andando, também — falou Dunross.

— Que tal foi a sua mesa?

— Um tanto exasperante — disse Dunross, com uma risada contagiante. Jantara com os deputados, com Gornt, Shi-teh e a mulher na mesa número 1, e houvera explosões iradas e esporádicas abafando o barulho dos pratos. — Robin Grey é franco demais, e mal-informado, e alguns de nós nos irritamos com ele. Pela primeira

vez Gornt e eu estávamos do mesmo lado. Devo confessar que serviram nossa mesa primeiro, para que o pobre e velho Shi-teh e a mulher pudessem fugir. Deram no pé feito doidos faz quinze minutos.

Todos riram com ele. Dunross observava Marlowe. Perguntava-se se Marlowe sabia que Grey era seu cunhado.

— Grey parece conhecê-lo muito bem, Sr. Marlowe.

— Ele tem boa memória, tai-pan, mas maus modos.

— Bem, quanto a isso não sei. Mas se conseguir convencer o Parlamento, Deus tenha pena de Hong Kong! Bem, só queria dizer alô a todos vocês. — Sorriu para Bartlett e Casey. — Que tal almoçarmos juntos amanhã?

— Ótimo — disse Casey. — Que tal no Vic? — Percebeu Gornt preparando-se para partir, do lado oposto da sala, e perguntou-se novamente quem venceria. — Pouco antes do jantar, Andrew estava diz...

Então, como todos eles, ela ouviu débeis gritos. Fez-se silêncio repentino, todos de ouvido atento.

— Fogo!

— Meu Deus, olhem!

Todos fitaram o aparador. Fumaça jorrava de dentro dele. Depois, uma pequena língua de fogo.

Houve uma fração de segundo de incredulidade. Em seguida todos se puseram de pé, de um salto. Aqueles que estavam mais perto da escadaria principal correram para a saída, entupindo-a, enquanto outros começavam a gritar também. Bartlett pôs-se de pé bruscamente, arrastando Casey consigo. Mata e alguns dos convidados começaram a correr para a saída entupida.

— Parem aí! — rugiu Dunross, abafando o barulho. Todos pararam. — Há tempo de sobra. Não se apressem! — ordenou. — Não há necessidade de correr, vamos com calma! Ainda não há perigo!

Sua advertência ajudou aqueles que estavam excessivamente assustados. Começaram a se afastar da saída entupida. Mas, lá embaixo, nas escadas, os gritos e a histeria tinham aumentado.

Nem todos haviam saído correndo ao primeiro grito de perigo. Gornt não se movera. Fumava o seu charuto, todos os sentidos concentrados. Havergill e a mulher tinham ido até as janelas, para olhar para fora. Outros se reuniram a eles. Podiam ver multidões cercando a entrada principal, dois tombadilhos abaixo.

— Acho que não precisamos nos preocupar, minha cara — disse Havergill. — Depois que o grosso sair, podemos segui-los calmamente.

Lady Joanna, ao lado deles, falou:

— Viu como Biltzmann saiu correndo? Que cretino! — Olhou à sua volta e viu Bartlett e Casey do outro lado da sala, esperando ao lado de Dunross. — Ora, pensei que também tivessem fugido!

Havergill falou:

— Ora, qual é, Joanna? Nem todos os ianques são covardes!

Uma súbita coluna de fogo e fumaça espessa começou a sair de dentro do aparador. Os gritos de "Depressa!" recomeçaram.

No outro lado da sala, mais perto do fogo, Bartlett disse, ansioso:

— Ian, existe outra saída?

— Não sei — retrucou Dunross. — Dê uma olhada lá fora. Eu seguro as pontas por aqui. — Bartlett saiu apressado em direção à

porta de saída para o convés, e Dunross virou-se para os demais. — Não há motivo para preocupação — disse, acalmando-os e avaliando-os rapidamente. Fleur Marlowe estava pálida, mas controlada. Casey fitava, em choque, as pessoas que se comprimiam contra a saída. Orlanda estava apavorada, quase descontrolada. — Orlanda! Tudo bem — falou. — Não há perigo...

Do outro lado da sala, Gornt levantou-se e acercou-se mais da porta. Podia ver o entupimento, e sabia que as escadas lá embaixo estariam congestionadas. Gritos e alguns berros aumentavam o medo, mas Sir Charles Pennyworth estava ao lado da porta, tentando organizar a retirada pelas escadas. Mais nuvens de fumaça surgiram, e Gornt pensou: "Santo Deus, um maldito incêndio, meia centena de pessoas e uma saída". Então, notou o bar desguarnecido. Foi até lá e, aparentemente calmo, serviu-se de um uísque com soda, mas o suor escorria-lhe pelas costas.

No patamar congestionado do segundo convés, Lando Mata tropeçou e arrastou consigo um grupo inteiro, entre o qual estavam Dianne Chen e Kevin, bloqueando o único caminho de fuga. Homens e mulheres gritavam, impotentes, esmagados de encontro ao chão, enquanto outros caíam ou tropeçavam neles, numa arremetida para a segurança. Acima, na escadaria, Pugmire agarrou-se a um corrimão e conseguiu manter-se de pé, usando sua grande força para empurrar com as costas as pessoas, e impedir que mais delas caíssem. Julian Broadhurst estava ao seu lado, assustado também, mas igualmente controlado, usando sua altura e peso, juntamente com Pugmire. Os dois juntos conseguiram conter o povo momentaneamente, mas gradativa-mente o peso dos que vinham atrás venceu-os. Pugmire sentiu a mão escorregar. Dez degraus

abaixo, Mata conseguiu pôr-se de pé, pisoteou algumas pessoas, no seu desespero, depois mandou-se escada abaixo, com o casaco meio arrancado do corpo. Dianne Chen também lutou bravamente para ficar de pé, arrastando Kevin consigo. Na massa humana que empurrava e lutava, não notou uma mulher que agarrou discretamente o seu pingente de brilhantes e embolsou-o, depois continuou a descer aos empurrões. As grandes nuvens de fumaça que vinham do convés inferior aumentavam a sensação de horror. Pugmire teve que soltar o corrimão. Foi empurrado contra a parede pela torrente humana, e Broadhurst falseou o pé. Começou outra pequena avalanche de gente. Agora, as escadas das duas cobertas estavam entupidas.

Wu Quatro Dedos e Vênus Poon estavam no primeiro patamar quando irrompera o grito de "Fogo!", e ele descera desabalado o último lanço e abrira caminho aos empurrões para a ponte levadiça que dava para o cais, Vênus Poon alguns passos atrás dele, apavorada. A salvo no cais, virou-se e olhou, o coração disparado, a respiração pesada. Homens e mulheres saíam aos tropeções pela porta de entrada enfeitada que dava para o molhe, algumas chamas saindo pelas vigias próximo à linha-d'água. Um policial que fazia a ronda ali por perto olhou horrorizado por um momento, depois deu no pé em busca do telefone mais próximo. Wu ainda estava tentando recobrar o fôlego quando viu Richard Kwang e a mulher saírem aos trambolhões. Começou a rir, e sentiu-se muito melhor. Vênus Poon também estava achando as pessoas muito engraçadas. Espectadores agrupavam-se em segurança, sem fazer nada para ajudar, apenas olhando. "O que é certo", pensou Wu, de passagem. "Nunca se deve interferir nas decisões dos deuses. Os deuses têm suas próprias regras, e eles decidem o destino dos humanos. Meu destino foi escapar e curtir esta prostituta esta noite. Que todos os deuses me ajudem a sustentar o meu Ferro Imperial até que ela suplique misericórdia!"

— Vamos indo, Falinha Macia — disse Quatro Dedos, com uma risadinha —, podemos deixá-los entregues ao seu destino. Estamos perdendo tempo.

— Não, Pai — disse ela, rapidamente. — A qualquer momento as câmeras de tv e a imprensa vão chegar... temos que pensar na nossa imagem, heya?

— Imagem? Vamos para a cama e a Ravína F...

— Mais tarde! — exclamou ela, imperiosamente, e ele abafou o palavrão que ia acrescentar. — Não quer ser aclamado herói? — disse vivamente. — Quem sabe até ser feito cavaleiro, como o Shitee, heya?

Rapidamente, sujou as mãos e o rosto, rasgou com cuidado uma das alças acima do seio e foi para junto da escada do costado, onde podia ver e ser vista. Quatro Dedos fitava-a, pasmado. "Uma honraria quai loh, como Shitee?", pensou, atônito. "Eeee, por que

não?" Seguiu-a, prudentemente, tomando muito cuidado para não chegar perto demais do perigo.

Viram uma língua de fogo sair da chaminé do tombadilho superior, e gente assustada espiando das janelas dos três tombadilhos. Agora já havia um ajuntamento no cais. Pessoas saíam aos tropeções para a segurança, em crises histéricas, muitos tossindo por causa da fumaça, que começava a tomar conta do restaurante inteiro. Houve outro entupimento na porta de saída, alguns caíram e alguns fugiram às pressas de sob a confusão de pés, os de trás gritando para os da frente se apressarem, e novamente Quatro Dedos e outros espectadores acharam graça.

No tombadilho superior, Bartlett debruçou-se sobre a amurada e olhou para o casco e o molhe lá embaixo. Podia ver uma multidão no cais, e gente histérica se comprimindo para sair pela porta de entrada. Não havia outra escadaria, escada ou possibilidade de fuga, em qualquer dos lados. O coração dele batia com força, mas não estava com medo. "Ainda não há perigo real", pensou. "Podemos saltar na água, lá embaixo. Fácil. São... nove, doze metros... não há problema, se não se cair de barriga." Voltou correndo pelo convés que tomava metade do comprimento do barco. Fumaça negra, fagulhas e algumas chamas saíam pelas chaminés.

Abriu a porta do convés superior e fechou-a rapidamente, a fim de não criar nenhuma corrente de ar adicional. A fumaça havia aumentado, e agora as chamas que saíam do aparador eram

contínuas. O cheiro de fumaça no ar era acre, e trazia consigo o cheiro de carne queimada. Quase todos estavam aglomerados junto à porta do outro extremo. Gornt estava afastado, sozinho, fitando as pessoas, e tomando um drinque. Bartlett pensou: "Meu Deus, que sangue-frio tem esse filho da mãe!" Desviou-se com cuidado do aparador, os olhos ardendo por causa da fumaça, e quase derrubou Christian Toxe, que estava dobrado sobre o telefone, berrando por sobre a barulheira:

—...estou me cagando, mande um fotógrafo para cá imediatamente, e depois chame o Corpo de Bombeiros! — Raivosamente, Toxe bateu o telefone, resmungando: — Filhos da mãe cretinos!

Depois, voltou para junto da mulher, uma chinesa matronal que o fitava inexpressivamente. Bartlett foi depressa para junto de Dunross. O tai-pan estava imóvel ao lado de Peter e Fleur Marlowe, Orlanda e Casey, soltando um assobio mudo.

— Nada, Ian — disse, calmamente, notando que sua voz soava estranha —, porra nenhuma. Nenhuma escada, nada. Mas podemos saltar com facilidade, se for preciso.

— É. Temos sorte de estar neste convés. Os outros podem não ter tanta sorte. — Dunross ficou vendo o fogo e a fumaça que brotavam do aparador perto da saída. — Em breve teremos que decidir para onde ir — falou, suavemente. — O fogo pode nos isolar do lado de fora. Se formos para fora, talvez não possamos mais voltar, e teremos que saltar. Se ficarmos aqui dentro, só nos restam as escadas.

— Meu Deus! — murmurou Casey. Estava tentando acalmar seu coração disparado e a sensação de claustrofobia que ameaçava dominá-la. Sentia a pele pegajosa, e seus olhos corriam da saída para a porta e voltavam para a saída. Bartlett enlaçou-a.

— Não tem grilo, poderemos saltar quando quisermos.

— Sim, claro, Linc.

Casey controlava-se, sombriamente.

— Sabe nadar, Casey? — quis saber Dunross.

— Sei. Eu... fiquei presa num incêndio, certa vez. Desde então, morro de medo deles. — Fora há alguns anos, quando um dos súbitos incêndios de verão tomara o caminho de sua casinha em Hollywood Hills, Los Angeles. Ela ficara presa na casa, com a estrada sinuosa do vale já queimando, lá embaixo. Ligara todos os borrifadores de água e começara a molhar o telhado da casa com a mangueira. O calor escaldante parecia querer agarrá-la. Então, o fogo se espalhou, saltando do topo de um vale para o lado oposto, alastrando-se pelos dois lados, em direção ao leito do vale, atizado pelas rajadas de vento de cento e sessenta quilômetros por hora geradas pelo fogo. As chamas violentas destruíam árvores e casas, chegavam cada vez mais perto, e não havia para onde fugir. Apavorada, continuava a molhar o telhado com a mangueira. Gatos e cães das casas acima da sua passavam por ela, fugindo, e um pastor-alemão, apavorado, encolhera-se sob a proteção do telhado da casa. O calor, a fumaça e o terror cercaram-na. O incêndio continuou durante muito tempo, mas o fogo propriamente dito parou a cinquenta metros dos limites da casa. Sem nenhum motivo. Acima, todas as casas à beira da estrada tinham desaparecido. A maior parte do vale, também. Uma clareira de quase oitocentos metros de largura e três quilômetros de extensão ardera durante três dias nas colinas que dividiam a cidade de Los Angeles. — Estou bem, Linc — falou, com voz trêmula.

— Eu... acho que prefiro ficar lá fora do que aqui dentro. Vamos nos mandar daqui. Uma nadadinha seria formidável.

— Eu não sei nadar!

Orlanda estava tremendo. Então, perdeu o controle e se levantou para correr para a escada. Bartlett a agarrou.

— Tudo vai dar certo. Meu Deus, nunca conseguirá sair por aquele caminho! Escute aqueles desgraçados lá embaixo, estão encrocados de verdade. Fique aqui, está bem? Pelas escadas não é boa idéia.

Ela agarrou-se a ele, petrificada.

— Tudo vai dar certo — disse Casey, compassivamente.

— É — concordou Dunross, de olho no fogo e na fumaça negra.

— Nós... bem... não estamos em má situação, não é, tai-pan? É. O fogo deve estar vindo das cozinhas. Logo o terço sob controle. Fleur, meu bem, não haverá necessidade de pular do navio — disse Marlowe.

— Não tem grilo — tranqüilizou-o Bartlett. — Há um bocado de sampanas para nos recolher!

— É, eu sei, mas ela também não sabe nadar.

Fleur pôs a mão no braço do marido.

— Sempre disse que eu devia aprender, Peter.

Dunross não prestava atenção à conversa. Estava consumido pelo medo, e tentando dominá-lo. Suas narinas estavam cheias do fedor de carne queimada que conhecia tão bem. Tinha vontade de vomitar. Estava de volta ao seu Spitfire ardente, abatido nos céus por um Messerschmitt sobre o canal da Mancha, os rochedos de Dover longe demais. Sabia que o fogo o consumiria antes que pudesse arrancar fora o teto emperrado e danificado da cabine e

saltar fora, o cheiro apavorante de carne chamuscada, a sua própria, a cercá-lo. Aterrorizado, esmurrava impotente o vidro da cabine, e com o outro punho tentava afastar as chamas que cercavam seus pés e joelhos, sufocando com a fumaça acre que o cegava. Então, quando a capota se soltou, ouvira um rugido súbito e desesperado. Um inferno de chamas cercara-o, e, sem saber como, estava do lado de fora, afastando-se das chamas, sem saber se seu rosto estava destruído, a pele das mãos e dos pés, as botas e o macacão de vôo ainda fumegando. E então, a sacudidela nauseante, quando o seu pára-quadras se abriu, e depois a silhueta escura do avião inimigo vindo em sua direção, o sol às costas, e as metralhadoras em ação, e uma bala que arrancou fora parte da sua barriga da perna. Não se lembrava de mais nada, exceto do cheiro de carne queimada, o mesmo que sentia agora.

— O que acha, tai-pan?

— Como?

— Vamos ficar ou sair? — repetiu Marlowe.

— Vamos ficar, por enquanto — disse Dunross, e todos se perguntavam como podia parecer tão calmo. — Quando as escadas

ficarem desimpedidas, poderemos descer. Não há necessidade de nos molharmos.

Casey lançou-lhe um sorriso hesitante.

— Esses incêndios ocorrem com freqüência?

— Aqui não, mas infelizmente ocorrem em Hong Kong. Nossos amigos chineses não ligam muito para regulamentos contra incêndios...

Fazia apenas alguns minutos que a primeira rajada violenta de fogo explodira na cozinha, mas agora o fogo a dominava completamente, e, pelo acesso do aparador, se alastrava fortemente pelas seções centrais dos três tombadilhos acima. O fogo na cozinha dividia o aposento pela metade, bloqueando o acesso à única escada existente. Vinte homens apavorados estavam presos do lado errado. O resto do pessoal há muito fugira para se reunir à massa ondulante de gente no convés superior. Havia meia dúzia de vigias, mas eram pequenas e estavam enferrujadas. Em pânico, um dos cozinheiros correu para a barreira chame-jante, berrando quando as chamas o envolveram. Quase chegou do outro lado, mas escorregou, e continuou berrando por muito tempo. Um gemido apavorado escapou da boca dos outros. Não havia outra possibilidade de fuga.

O cozinheiro-chefe também estava preso. Era um homem corpulento, e já estivera em muitos incêndios em cozinhas, portanto não entrara em pânico. Sua mente se voltava para todos os incêndios anteriores, buscando desesperadamente uma pista. Então, lembrou-se.

— Depressa — berrou —, peguem sacos de farinha de arroz... farinha... depressa!

Os outros o fitaram sem se mover, paralisados pelo terror. Então ele desceu a mão sobre alguns deles, arremessando-os para a despensa. Agarrou ele próprio um saco de vinte e dois quilos, arrancando-lhe a parte de cima.

— Fodam-se todos os incêndios! Depressa, mas esperem até eu mandar — falou, ofegante, a fumaça o sufocando e quase o cegando.

Uma das vigias se estilhaçou e a súbita corrente de ar lançou as chamas sobre eles. Aterrorizados, agarraram um saco cada um,

tossindo enquanto a fumaça aumentava.

— Agora! — rugiu o cozinheiro-chefe, e jogou o saco sobre o corredor chamejante entre os fogões. O saco se rasgou e as nuvens de farinha apagaram algumas das chamas. Outros sacos seguiram o primeiro, e mais chamas foram engolidas. Outra barragem de farinha cobriu as bancadas ardentes, apagando o fogo. A passagem ficou momentaneamente livre. Imediatamente o cozinheiro-chefe liderou a investida pelas chamas restantes, e todos o seguiram, aos trambolhões, saltando sobre os dois corpos carbonizados, e chegaram às escadas do outro lado antes que as chamas voltassem a fechar a passagem. Os homens subiram desesperadamente a escada estreita e chegaram ao ar parcialmente livre do patamar, juntando-se à turba que empurrava, se atropelava, gritava e tossia, tentando passar pela fumaça negra e alcançar o ar livre.

Lágrimas corriam pela maioria dos rostos. A fumaça agora estava muito densa, nas cobertas inferiores. Então, a parede atrás do primeiro patamar, onde ficava o vão do elevador do aparador, começou a se retorcer e escurecer. Abruptamente estourou, espalhando gárgulas por toda parte, e as chamas jorraram. Os que estavam nas escadas logo abaixo começaram a empurrar para a frente, em pânico. Os que estavam no patamar procuraram recuar. Então, vendo que estavam tão perto da segurança, as primeiras fileiras lançaram-se para diante, rodeando o inferno, descendo os degraus de dois em dois. Hugh Guthrie, um dos deputados, viu uma mulher cair. Agarrou-se ao corrimão e parou para ajudá-la, mas os que vinham atrás dele derrubaram-no, e ele caiu com outros. Levantou-se, praguejando, e abriu uma clareira, com esforço, o tempo suficiente para levantar também a mulher, antes de ser

engolido de novo e empurrado pelos últimos degraus até chegar em segurança à entrada.

A metade do patamar entre o convés inferior e o segundo convés ainda estava livre das chamas, embora o fogo se mantivesse firme. A multidão agora estava diminuindo, embora mais de cem pessoas ainda entupissem as portas e escadarias superiores. Os que estavam lá em cima esmurravam-se e xingavam, sem conseguir enxergar nada à frente.

— Por que estão demorando tanto, puta que o pariu...

— As escadas ainda estão impedidas... ?

— Pela madrugada, andem logo...

— Está ficando quente pra caramba, aqui...

— Que confusão desgraçada...

Grey era um dos que tinham ficado presos nas escadas do segundo convés. Podia ver as chamas brotando da parede à sua frente, e sabia que a parede próxima cederia a qualquer instante. Não conseguia decidir se devia recuar ou avançar. Então, viu uma criança encolhida nos degraus, sob o corrimão. Conseguiu tomar o garotinho nos braços, depois avançou, xingando quem estava na frente, rodeou rapidamente o fogo, e encontrou o caminho para a segurança lá embaixo ainda congestionado.

No convés superior, Gornt e os outros ouviam o pandemônio lá embaixo. Havia apenas cerca de trinta pessoas ali. Ele terminou a sua bebida, largou o copo e caminhou até o grupo que cercava Dunross. Orlanda ainda estava sentada, torcendo o lenço nas mãos, Fleur e Peter Marlowe ainda aparentavam calma, e Dunross, como sempre, mostrava-se controlado. "Ótimo", pensou, abençoando a sua própria linhagem e treinamento. Fazia parte da tradição britânica não demonstrar medo em situações de perigo, por mais apavorado que se estivesse, sob pena de ficar desprestigiado. "Além disso", lembrou a si mesmo, "quase todos nós fomos bombardeados a maior parte da vida, levamos tiros, fomos afundados, enfiados em campos de prisioneiros de guerra ou servimos nas forças armadas." A irmã de Gornt pertencera ao Corpo Feminino da Marinha Real... a mãe fora encarregada da segurança nos ataques aéreos, o pai servira ao exército, o tio morrera em Monte Cassino, e ele próprio servira com os australianos na Nova Guiné depois de fugir de Xangai, lutara para chegar à Birmânia e de lá a Cingapura.

— Ian — disse, mantendo a voz adequadamente descontraída —, parece que o fogo agora está no primeiro patamar. Sugiro uma nadadinha.

Dunross olhou para o fogo perto da porta da saída.

— Algumas das senhoras não sabem nadar. Vamos esperar mais dois minutinhos.

— Pois bem. Acho que aqueles que não se incomodam de saltar devem ir para o tombadilho. Este incêndio está mesmo muito enfadonho.

— Não estou achando nada enfadonho — disse Casey. Todos acharam graça.

— É só uma expressão — explicou Peter Marlowe. Uma explosão na primeira cobertura sacudiu ligeiramente o barco. O

silêncio momentâneo foi lúgubre.

Da cozinha, o fogo se alastrara para os depósitos e estava cercado os quatro tambores de cem galões de óleo restantes. O que explodira abriu um buraco imenso no chão e fizera o barco adernar. Brasas ardentes, óleo fervente e um pouco de água do mar derramavam-se nos embornais. A força da explosão rompera alguns dos grandes pedaços de madeira do casco plano de fundo, e a água se infiltrava pelas junções. Hordas de ratos surgiram buscando um meio de fuga.

Outro dos grossos tambores de metal explodiu e abriu um buraco imenso na lateral do barco, logo abaixo da linha-d'água, espalhando fogo em todas as direções. As pessoas no cais soltaram uma exclamação abafada, e algumas recuaram rapidamente, embora não houvesse perigo. Outras riram nervosamente. Mais outro tambor explodiu, e outra coluna de chamas espalhou-se por toda parte. Os suportes e as vigas do teto estavam seriamente enfraquecidos e, ensopados de óleo, começaram a arder. Acima, no primeiro convés, os pés dos fugitivos desesperados batiam neles, perigosamente.

Logo acima do primeiro patamar, Grey ainda estava com a criança no colo. Segurava o corrimão com uma das mãos, assustado, cercado por todos os lados de pessoas alucinadas. Esperou a sua vez. Depois, protegendo a criança da melhor maneira possível, rodeou as chamas no patamar e correu escada abaixo, com o caminho praticamente desimpedido. O tapete perto da soleira da

porta começava a fumer, e um homem corpulento tropeçou, com todo o chão oscilando.

— Vamos — gritou Grey desesperadamente para os que vinham atrás. Cruzou a soleira, seguido de perto pelos outros. Quando chegou à ponte levadiça, os dois últimos tambores explodiram, todo o chão por trás dele desapareceu, e ele, o menino e outros foram arremessados para a frente como se fossem palha.

Hugh Guthrie saiu do meio dos circunstantes e puxou-os para um local seguro.

— Está bem, meu velho? — exclamou, com voz abafada. Grey estava meio tonto, sem fôlego, as roupas ardendo, e Guthrie ajudou a apagar as chamas.

— É... acho que estou — disse, meio fora de si. Guthrie ergueu suavemente a criança inconsciente e olhou para ela.

— Pobre infeliz!

— Está morto?

— Acho que não. Tome... — Guthrie entregou o garotinho chinês a um dos circunstantes, e os dois homens voltaram para o portão para dar ajuda a outros que ainda estavam tontos pela explosão, e impotentes. — Deus Todo-Poderoso! — exclamou, ao ver que agora a entrada estava intransponível. Acima da barulheira, ouviram o gemido de sirenes que se aproximavam.

O fogo no convés superior, perto da saída, crescia perigosamente. Assustadas, as pessoas retornavam à sala, tossindo, forçadas a retroceder escada acima pelo fogo que agora dominava o convés inferior. Pandemônio e o fedor do medo pesavam no ar.

— Ian, é melhor a gente se arrancar — disse Bartlett.

— É. Quillan, por favor, mostre o caminho e cuide do tombadilho — falou Dunross. — Eu cuido do lado de cá.

Gornt virou-se e rugiu.

— Todo mundo por aqui! Estarão a salvo no convés... um de cada vez...

Abriu a porta e postou-se ao lado dela, tentando trazer ordem à retirada apressada... alguns chineses, o resto, na sua maioria, britânicos. Uma vez ao ar livre, todos tiveram muito menos medo e sentiram-se gratos por estar longe da fumaça.

Bartlett, esperando na sala, sentiu-se excitado, mas ainda sem medo, pois sabia que podia arrebentar quaisquer das janelas e saltar ao mar com Casey. Gente passava por ele aos tropeções. As chamas que saíam do aparador aumentaram, e ouviu-se uma explosão abafada lá embaixo.

— Como está indo, Casey?

— Tudo bem.

— Trate de sair!

— Quando você sair.

— Certo.

Bartlett sorriu para ela. A sala estava quase vazia. Ajudou Lady Joanna a atravessar a porta, depois Havergill, que mancava, e a mulher dele.

Casey viu que Orlanda ainda estava grudada à cadeira. "Pobre moça!", pensou, com pena, recordando o seu próprio terror no incêndio perto de sua casa. Foi para junto dela.

— Vamos — falou, docemente, e ajudou-a a se levantar. Os joelhos da moça tremiam. Casey enlaçou-a.

— Eu... perdi... minha bolsa — murmurou Orlanda.

— Não, ela está aqui.

Casey pegou a bolsa de cima da cadeira e continuou abraçando a moça, enquanto a empurrava para o ar livre, passando pelo fogo. O tombadilho estava lotado, mas, uma vez do lado de fora, Casey sentiu-se bem melhor.

— Está tudo bem — disse Casey, encorajadoramente. Conduziu-a à amurada. Orlanda agarrou-se a ela firmemente. Casey virou-se para procurar Bartlett, e viu que ele e Gornt a observavam da sala. Bartlett acenou para ela, que devolveu o aceno, desejando que ele também estivesse fora, ao seu lado.

Peter Marlowe acompanhou a mulher ao convés, e vieram para junto delas.

— Tudo bem, Casey?

— Claro. Como está, Fleur?

— Bem. Bem. Aqui... aqui fora está agradável, não é? — disse Fleur Marlowe, sentindo-se tonta e péssima, aterrorizada à idéia de pular daquela altura. — Acha que vai chover?

— Quanto mais cedo, melhor.

Casey olhou pela amurada. Nas águas escuras, nove metros abaixo, as sampanas começavam a se reunir. Todos os barqueiros sabiam que o pessoal lá em cima teria que saltar em breve. Da sua posição privilegiada, podiam ver que o fogo tomava conta da maior parte do primeiro e segundo tombadilhos. Algumas pessoas estavam presas ali. Então um homem arremessou uma cadeira contra uma das janelas, afastou os pedaços de vidro, pulou pelo buraco e caiu ao mar. Uma sampana veio depressa para perto dele, lançando-lhe uma corda. Outros seguiram-lhe o exemplo. Uma mulher não veio à tona.

A noite estava escura, embora as chamas iluminassem tudo por perto, lançando sombras lúgubres. A multidão no cais abriu passagem para os carros de bombeiros com as sirenes ligadas. Tão logo pararam, bombeiros chineses e oficiais britânicos puxaram as mangueiras. Outro destacamento as ligou no hidrante mais próximo e o primeiro jato d'água molhou as chamas. Ouvia-se um viva. Em segundos, seis mangueiras estavam funcionando, e dois bombeiros protegidos com roupas de amianto e equipamento respiratório preso às costas correram para a entrada e começaram a arrastar para a segurança os que estavam inconscientes. Outra imensa explosão borrifou-os com brasas candentes. Um dos bombeiros jogou água em todo mundo, depois dirigiu de novo o jato da mangueira para a entrada.

O convés superior agora estava vazio, exceto por Bartlett, Dunross e Gornt. Sentiram o chão oscilar sob seus pés, e quase caíram.

— Meu Deus — exclamou Bartlett —, vamos afundar?

— Essas explosões podem ter destruído o fundo do navio — disse Gornt, com urgência. — Vamos!

Atravessou rapidamente a porta, Bartlett atrás dele.

Agora, Dunross estava só. A fumaça era muito densa, o calor e o fedor revoltavam-lhe o estômago. Fez um esforço consciente para não fugir, dominando o seu terror. Teve um pensamento repentino e voltou correndo até a porta da escadaria principal, para certificar-se de que não havia ninguém ali. Então viu a figura inerte de um homem na escada. Havia chamas por toda parte. Sentiu o medo acometê-lo outra vez, mas dominou-o novamente. Adiantou-se, célere, e começou a arrastar o homem escada acima. O chinês era pesado, e ele não sabia se o homem estava vivo ou morto. O calor era abrasador, e novamente ele sentiu cheiro de carne queimando; sentiu o gosto da bile na boca. E então Bartlett estava ao seu lado, e os dois juntos arrastaram o homem pelo salão, até o convés.

— Obrigado — falou Dunross, com voz ofegante.

Quillan Gornt veio para junto deles, inclinou-se e virou o homem de barriga para cima. O rosto estava parcialmente queimado.

— Podia ter-se poupado o heroísmo. Está morto.

— Quem é? — perguntou Bartlett. Gornt deu de ombros.

— Não sei. Você o conhece, Ian?

Dunross fitava o cadáver.

— Conheço. É o Zep... Tung Zeppelin.

— O filho do Pão-Duro? — Gornt ficou surpreso. — Meu Deus, como engordou! Jamais o teria reconhecido. — Ficou de pé. — É melhor preparar todo mundo para saltar. Este barco é um cemitério. — Viu Casey de pé junto da amurada. — Está bem? — perguntou, acercando-se dela.

— Estou, obrigada. E você?

— Ah, estou.

Orlanda ainda estava ao lado dela, fitando desamparada as águas lá embaixo. O pessoal começava a se acotovelar no convés.

— É melhor eu ir ajudá-los a se organizarem — falou Gornt.
— Volto num segundo.

Afastou-se.

Nova explosão sacudiu o barco, que começou a adernar cada vez mais. Várias pessoas subiram na amurada e saltaram. Sampanas foram recolhê-las.

Christian Toxe abraçava sua mulher chinesa, fitando as águas com azedume.

— Vai ter que pular, Christian — disse Dunross.

— Para dentro do porto de Aberdeen? Deve estar me gozando, meu velho. Se a gente não ricochetear nos eflúvios, sem dúvida vai pegar a peste!

— Ou isso, ou um rabo em fogo! — exclamou alguém rindo.

Na extremidade do convés, Sir Charles Pennyworth segurava-se à amurada, enquanto percorria o barco, encorajando todo mundo.

— Vamos, mocinha — dizia para Orlanda. — É um salto fácil.

Ela sacudia a cabeça, apavorada.

— Não... ainda não... não sei nadar.

Fleur Marlowe abraçou-a.

— Não se preocupe, também não sei nadar. Também vou ficar.

Bartlett disse:

— Peter, segure a mão dela, tudo vai dar certo. Só o que tem a fazer, Fleur, é prender a respiração.

— Ela não vai pular — disse Marlowe, suavemente. — Pelo menos, não até o último segundo.

— É seguro.

— É, mas não para ela. Está enceinte.

— Como?

— Fleur está esperando bebê. De três meses.

— Ah, meu Deus.

Chamas saíram rugindo de um dos fumeiros, em direção aos céus. Dentro do convés superior as mesas do restaurante ardiam, assim como os grandes biombos entalhados dos fundos da sala. Houve uma grande rajada de fagulhas quando a escadaria interna central desabou.

— Meu Deus, este barco todo é um perigo, em caso de incêndio. E quanto ao pessoal lá embaixo? — perguntou Casey.

— Já saíram faz um tempão — disse Dunross, sem acreditar. Agora que estava ao ar livre, sentia-se ótimo. O modo como

consequira dominar o medo deixara-o delirante. — A vista daqui é esplêndida, não acham?

Pennyworth falou, jovialmente:

— Estamos com sorte. O navio está adernando para este lado, assim, quando afundar, estaremos bem seguros. A não ser que emborque. Como nos velhos tempos — acrescentou. — Afundei três vezes no Mediterrâneo.

— Eu também — falou Marlowe —, mas foi no estreito de Bangka, perto de Sumatra.

— Não sabia disso, Peter — disse Fleur.

— Não foi nada.

— Qual é a profundidade da água, aqui? — quis saber Bartlett.

— Uns seis metros, ou mais — disse Dunross.

— Será o sufi...

Ouviu-se o cantar das sirenes quando a lancha da polícia veio chegando, passando pelas veredas estreitas entre as ilhas de barcos, o holofote iluminando aqui e ali. Quando estava quase ao lado do Dragão Flutuante, o megafone soou bem alto, primeiro em chinês:

— Todas as sampanas, desimpeçam a área, desimpeçam a área... — Depois, em inglês: — Todos os que estão no convés superior, preparem-se para abandonar o navio! O casco está furado, preparem-se para abandonar o navio!

Christian Toxe resmungou com azedume, falando sozinho:

— Pois sim que vou estragar o meu único smoking. A mulher dele puxou-lhe o braço.

— Você jamais gostou dele, mesmo, Chris.

— Mas agora gosto, querida. — Tentou sorrir. — Você também não sabe nadar, porra.

Ela deu de ombros.

— Aposto cinquenta dólares como eu e você vamos nadar tão bem como uma enguia.

— Sra. Toxe, aposta fechada. Mas é apropriado que saltemos por último. Afinal quero um testemunho ocular.

Meteu a mão no bolso e pegou os cigarros. Deu um para ela, tentando sentir-se corajoso, temendo pela segurança dela. Procurou

um fósforo, não achou. Ela meteu a mão na bolsa e mexeu aqui e ali. Acabou encontrando o isqueiro. Ele acendeu na terceira tentativa. Ambos estavam indiferentes às chamas três metros às suas costas.

Dunross disse:

— Você fuma demais, Christian.

O convés girou nauseantemente. O barco começou a afundar. A água jorrava pelo grande buraco no costado. Os bombeiros usavam as mangueiras com grande bravura, mas elas surtiam pouco efeito contra o fogo. Um murmúrio varreu a multidão quando o barco inteiro estremeceu. Dois cabos de amarração se partiram.

Pennyworth apoiava-se contra a amurada, ajudando os outros a saltar em segurança. Muitos estavam saltando, agora. Lady Joanna caiu, desajeitadamente. Paul Havergill ajudou a mulher a saltar. Quando viu que ela vinha à tona, pulou também. Da lancha da polícia ouviam-se ainda berros em cantonense, ordenando que desimpedissem a área. Marinheiros jogavam ao mar coletes salva-vidas, enquanto outros lançavam ao mar um escaler. A seguir, comandados por um jovem inspetor naval, meia dúzia de marujos mergulharam para ajudar os homens, mulheres e crianças em

dificuldades. Uma sampana veio ajudar Lady Joanna, Havergill e a mulher. Agradecidos, eles subiram na embarcação desconjuntada. Outros do convés superior saltaram para dentro d'água.

O Dragão Flutuante adernava perigosamente. Alguém escorregou no convés superior e desequilibrou Pennyworth. Ele oscilou, antes de poder se reequilibrar, e caiu de costas feito uma pedra. Bateu com a cabeça na popa da sampana, partindo o pescoço. Deslizou para dentro d'água e afundou. No pandemônio, ninguém notou.

Casey segurava-se à amurada com Bartlett, Dunross, Gornt, Orlanda e os Marlowes. Próximo a eles, Toxe soltava baforadas do cigarro, tentando criar coragem. A mulher dele apagou o seu cigarro com cuidado. Chamas brotavam de dentro dos respiradouros, das clarabóias e da porta de saída. O navio encalhou pesadamente e balançou-se bruscamente quando outro dos cabos de amarração se partiu. Gornt soltou-se da grade e bateu de cabeça na amurada, ficando tonto. Toxe e a mulher se desequilibraram e caíram ao mar, desajeitadamente. Peter Marlowe conseguiu ficar agarrado à mulher, evitando que fosse esmagada de encontro a um antepara, enquanto Bartlett e Casey passaram por eles, aos trambolhões, e caíram, amontoados, junto da ba-laustrada, com Bartlett a protegê-la como podia, os saltos altos dos sapatos dela oferecendo perigo.

Lá embaixo, na água, os marinheiros ajudavam as pessoas a subir para o barco de resgate. Um deles viu Toxe e a mulher subirem

à superfície por um instante, a quinze metros de distância, ofegantes, cuspidos água, antes de sufocarem e, espadanando água, voltarem a afundar. Imediatamente, mergulhou atrás deles, e, depois do que parecia ser uma eternidade, agarrou a mulher pelas roupas e empurrou-a, semi-afogada, para a superfície. O jovem tenente nadou para onde vira Toxe e mergulhou, mas não o achou na escuridão. Subiu para tomar ar e mergulhou de novo na escuridão, tateando, desesperado. Quando seus pulmões estavam quase estourando, seus dedos estendidos encontraram uma peça de roupa, e ele agarrou-a e subiu violentamente para a superfície. Toxe agarrava-se a ele, em pânico, com ânsias de vômito devido a toda a água que engolira. O rapaz soltou-se de Toxe, virou-o de barriga para cima e o foi puxando até o escaler.

Acima deles, o barco inclinava-se perigosamente, e Dunross levantou-se. Viu Gornt largado, inerte, e foi tropeçando para perto dele. Tentou levantá-lo, mas não conseguiu.

— Eu... estou bem — disse Gornt, ofegante, voltando a si, e sacudindo a cabeça, como um cachorro. — Puxa, obrigado... — Ergueu os olhos, viu que era Dunross. — Obrigado — falou, sorrindo amargamente, enquanto se levantava, trêmulo. — Ainda vou vender amanhã, e na semana que vem você estará acabado.

Dunross riu.

— Pois boa sorte! A idéia de morrer queimado ou me afogar com você me enche de igual desalento.

A dez metros dali, Bartlett estava levantando Casey. O ângulo do convés agora estava péssimo, o fogo cada vez mais forte.

— Esta banheira velha pode emborcar a qualquer segundo.

— E quanto a elas? — perguntou Casey suavemente, indicando Fleur e Orlanda.

Ele pensou por um segundo, depois disse, decisivamente:

— Salte primeiro, espere lá embaixo!

— Já saquei!

Prontamente, entregou-lhe a sua bolsinha. Ele a enfiou num dos bolsos e se afastou, enquanto ela chutava fora os sapatos, corria o zíper do vestido longo e saía de dentro dele. Imediatamente improvisou uma corda com a seda leve, amarrou-a na cintura, subiu na amurada, ficou parada na beirada por um momento, verificou cuidadosamente o seu ponto de impacto e saltou num mergulho perfeito. Gornt e Dunross observaram o seu mergulho, o perigo imediato esquecido.

Bartlett agora estava ao lado de Orlanda. Viu Casey subir à tona com perfeição, e antes que Orlanda pudesse fazer alguma coisa, pegou-a no colo, passou-a por sobre a amurada e disse:

— Prenda a respiração, meu bem.

Largou-a cuidadosamente. Todos observaram sua queda. Caiu de pé, a alguns metros de distância de Casey, que já previra o local e nadara por baixo d'água. Pegou Orlanda com facilidade, subiu à tona, e Orlanda estava respirando quase antes de se dar conta de que saíra do tombadilho. Casey segurou-a com firmeza e nadou rapidamente em direção ao escaler, com controle perfeito.

Gornt e Dunross deram vivas entusiasmados. O barco balançou bruscamente de novo, e eles quase caíram, enquanto Bartlett ia aos tropeções para junto dos Marlowes.

— Peter, sabe nadar bem? — perguntou Bartlett.

— Regularmente.

— Confia em mim para cuidar dela? Fui salva-vidas, vagabundo de praia durante anos.

Antes que Marlowe pudesse dizer não, Bartlett tomou Fleur no colo, saltou por cima da grade e ficou parado por um segundo na beira da amurada.

— Prenda a respiração!

Ela enlaçou-lhe o pescoço com um braço e apertou o nariz, depois ele saltou no espaço, com Fleur aninhada em segurança nos seus braços. Mergulhou cuidadosamente no mar, protegendo-a do choque com o seu corpo, depois subiu suavemente à superfície. A cabeça dela ficou sob a água por poucos segundos, e nem estava cuspidando água, embora tivesse o coração disparado. Dali a segundos estava no escaler. Ficou agarrada no lado do escaler, e ambos olharam para trás.

Quando Peter Marlowe viu que ela estava em segurança, seu coração recomeçou a bater.

— Ah, que bom! — murmurou.

— Viu Casey mergulhar? — perguntou Dunross. — Fantástica!

— O quê? Ah, não, tai-pan.

— Só de sutiã e calcinhas com meias e nada de ligas, um mergulho de sonho. Puxa, e que corpo!

— Ah, são meias-calças — disse Marlowe, distraído, olhando para as águas lá embaixo, tomando coragem. — Acabam de ser lançadas nos Estados Unidos, estão fazendo sucesso...

Dunross mal ouvia.

— Puta que o pariu, que corpo!

— É — ecoou Gornt. — E que cojones!

O barco guinchou quando se partiu o último cabo de amarração. O convés tombou para a frente de modo nauseante.

Como se fossem um só, os três homens saltaram ao mar. Dunross e Gornt mergulharam, Peter Marlowe pulou. Os mergulhos

foram bonitos, mas ambos sabiam que não se igualavam ao de Casey.

38

23h30m

Do outro lado da ilha, o velho táxi subia com esforço a rua estreita lá no alto do West Point, em Mid Leveis, com Suslev esparramado no banco traseiro, cheio de bebida. A noite estava escura, e ele cantava uma triste balada russa para o motorista suado, com a gravata torta, sem casaco, a camisa molhada de suor. As nuvens que cobriam o céu estavam mais espessas e baixas. A umidade estava pior, o ar, abafado.

— Matieriebiets! — resmungou, xingando o calor, depois sorriu, satisfeito com a obscenidade proferida. Olhou pela janela. As luzes da cidade e do porto lá embaixo estavam embaçadas por tufos

de nuvens, Kowloon em grande parte obscurecida. — Vai chover logo, camarada — disse para o motorista, num inglês engrolado, sem se importar se o homem entendera ou não.

O táxi muito velho chiava. O motor tossiu de repente, e isso o fez lembrar-se da tosse de Arthur, e do seu próximo encontro. Sua excitação aumentou.

O táxi o pegara no Terminal da Balsa Dourada, depois subira para Mid Levels, no Pico, virará para o oeste, rodeando o Palácio do Governo, onde morava o governador, e o Jardim Botânico. Ao passar pelo palácio, Suslev se perguntara, distraidamente, quando a bandeira da foice e do martelo tremularia no mastro de bandeira vazio. Brevemente, pensara, satisfeito. Com a ajuda de Arthur e da Sevrín... muito brevemente. Só mais alguns anos.

Olhou para o relógio de pulso. Chegaria um pouco atrasado, mas aquilo não o preocupava. Arthur estava sempre atrasado, nunca menos de dez minutos, nunca mais de vinte. "É perigoso ser um homem metódico na nossa profissão", pensou. "Mas, perigoso ou não, Arthur é de imenso valor para nós, e a Sevrin, criação dele, um instrumento brilhante e vital no armamento do nosso KGB, enterrado bem fundo, esperando pacientemente, como todas as outras Sevrins espalhadas pelo mundo.

Apenas noventa e tantos mil oficiais do KGB, como eu, e no entanto quase dominamos o mundo. Já o modificamos, já o modificamos permanentemente, já possuímos metade dele... e em tão pouco tempo, desde 1917.

"Tão poucos de nós, tantos deles. Mas agora nossos tentáculos se estendem para todo e qualquer canto. Nossos exércitos de colaboradores... informantes, idiotas, parasitas, traidores, os inocentes úteis, e os crentes deformados que deliberadamente recrutamos em todos os países, alimentando-se uns dos outros como vermes que realmente são, impulsionados pelos próprios desejos e temores egoístas, todos sacrificados, mais cedo ou mais tarde. E em toda parte um de nós, um da elite, os oficiais do KGB, no centro de cada teia, controlando, orientando, eliminando. Teias dentro de teias, até chegar ao Presidium de todos os soviets, agora tão intimamente entrelaçadas no sistema da Mãe Rússia, a ponto de serem indestrutíveis. Nós somos a Rússia moderna", pensou, com orgulho. "Somos a ponta de lança de Lênin. Sem nós, nossas técnicas e nosso uso orquestrado do terror, não haveria a Rússia soviética, nem o império soviético, nem a força propulsora para manter os todo-poderosos do partido... e em lugar algum do mundo haveria um Estado comunista. É, somos a elite."

Seu sorriso aumentou.

Embora as janelas estivessem abertas, estava quente e abafado dentro do táxi, que serpenteava por aquela área residencial com as suas filas de grandes blocos de apartamentos sem jardins, erguidos sobre pequenos caminhos abertos nas montanhas. Uma gota de suor escorreu pelo seu queixo, e ele a enxugou, sentindo o corpo todo pegajoso.

"Adoraria tomar um banho de chuveiro", pensou, deixando o pensamento vagar. "Um banho com água fresca e doce da Geórgia, não este lixo salino que corre pelos encanamentos de Hong Kong. Adoraria estar na dacha perto de Tiflis, ah, seria formidável! É, de novo na dacha, com papai e mamãe, nadaria no riacho que corre pelas nossas terras, e depois me secaria ao sol, com um bom vinho da Geórgia conservado a uma temperatura fresca, dentro do riacho, e as montanhas bem próximas. Lá é o paraíso, se é que existe um paraíso. Montanhas e pastos, uvas e colheitas, e o ar tão puro!"

Deu uma risadinha ao se lembrar das histórias que inventara sobre seu passado para Travkin. Aquele parasita! Apenas mais um idiota, mais outro instrumento a ser usado e, depois, descartado.

O pai dele fora comunista desde os primeiros dias... primeiro na Tcheka, secretamente, e depois, desde o seu início, em 1917, no KGB. Agora com setenta e muitos anos, ainda alto e ereto, reformado honradamente, vivia como um príncipe à antiga, com criados, cavalos e guarda-costas. Suslev tinha certeza de poder herdar a mesma dacha, a mesma terra, a mesma honra, no seu

devido tempo. O mesmo aconteceria com seu filho, ainda um principiante no KGB, se o seu serviço continuasse a ser excelente. Seu próprio trabalho merecia a honraria, sua folha de serviços era impressionante, e tinha apenas cinquenta e dois anos.

"É", pensou com seus botões, Confiantemente, "daqui a treze anos devo me reformar. Mais treze anos formidáveis, ajudando o ataque a ir para a frente, nunca fraquejando, faça o inimigo o que fizer.

"E quem é o inimigo, o verdadeiro inimigo?"

"Todos aqueles que nos desobedecem, todos aqueles que recusam a nossa superioridade... especialmente os russos."

Riu alto.

O jovem e cansado motorista, de fisionomia azeda, deu uma olhada rápida pelo espelho retrovisor, depois voltou a se concentrar na direção, esperando que o passageiro estivesse bêbado o bastante

para ler errado o que marcava o taxímetro e dar-lhe uma bela gorjeta. Parou diante do endereço que lhe haviam dado.

Rose Court, na Kotewall Road, era um prédio de apartamentos modernos de catorze andares. Tinha três andares subterrâneos de garagens, era cercado por uma pequena faixa de concreto, e, abaixo desta, descendo um leve aterro de concreto, ficavam a Sinclair Road e o Sinclair Towers, e mais prédios de apartamentos que se aninhavam na encosta da montanha. Era uma zona privilegiada para se morar. A vista era espetacular. Os apartamentos ficavam abaixo das nuvens que freqüentemente envolviam as partes mais altas do Pico, onde as paredes suavam, as roupas de cama e mesa mofavam, e tudo parecia estar perpetuamente úmido.

O taxímetro marcava oito HK e setenta cents. Suslev olhou para um maço de notas, deu ao motorista uma de cem, ao invés de uma de dez, e saiu do carro pesadamente. Uma chinesa estava se abanando, impaciente. Ele saiu aos tropeções em direção ao porteiro eletrônico do prédio. A mulher disse ao motorista para esperar pelo marido, e ficou olhando a figura de Suslev, enojada.

Ele cambaleava. Achou o botão que queria e apertou-o: Sr. Ernest Clinker, zelador. — Pronto?

— Ernie, sou eu, Grigóri — falou, enrolando a língua e soltando um arrote. — Está em casa?

A voz com sotaque cockney achou graça.

— De jeito nenhum! Ora, claro que estou, meu chapa! Está atrasado! Parece que andou correndo os bares! Tenho cerveja, tenho vodca, e eu e Mabel estamos aqui para recebê-lo!

Suslev dirigiu-se ao elevador. Apertou o botão de descida. No subsolo, saltou na garagem aberta e dirigiu-se para o outro extremo. A porta do apartamento já estava aberta, e um homenzinho feio e rosado na casa dos sessenta anos estendia-lhe a mão.

— Puta que o pariu — disse Clinker, com um amplo sorriso que deixava ver uma dentadura postiça barata —, está meio de porre, hem?

Suslev deu-lhe um forte abraço, que foi retribuído, e os dois entraram.

O apartamento constava de dois minúsculos dormitórios, sala, cozinha e banheiro. Os aposentos eram modestamente mobiliados, mas agradáveis, e o único luxo visível era um pequeno gravador que tocava ópera a todo o volume.

— Cerveja ou vodca?

Suslev abriu um sorriso e arrotou.

— Primeiro uma mijada, depois vodca, depois... depois outra... e depois... cama.

Soltou um imenso arrote, dirigindo-se para o banheiro.

— É isso aí, comandante, meu chapa! Ei, Mabel, diga alô para o comandante! — A velha cadela buldogue, sonolenta, deitada no seu tapetinho muito mastigado, abriu um dos olhos brevemente, latiu uma vez, e quase instantaneamente dormiu ruidosamente de novo. Clinker abriu um sorriso, foi até a mesa e serviu uma dose forte de vodca e um copo d'água. Nada de gelo. Ele tomou um pouco de cerveja, depois perguntou: — Quanto tempo vai ficar, Grigóri?

— Só esta noite, tovârich¹. Talvez amanhã à noite. Amanhã... amanhã tenho que estar de novo a bordo. Mas amanhã à noite... quem sabe, hem?

¹ "*Camarada.*" Em russo no original. (N. do E.)

— E quanto a Ginny? Botou você para fora de novo... ? No furgão comum estacionado na rua, Roger Crosse, Brian

Kwok e o técnico da polícia ouviam a conversa através de um alto-falante, graças à boa qualidade do microfone escondido, com um pouco de estática, o furgão lotado de equipamentos de vigilância por rádio. Ouviram Clinker dar uma risadinha e dizer de novo:

— Ela botou você para fora, não foi?

— Todo começo de noite a gente fuque-fuque, e ela... ela diz: "Vá ficar com o Ernie e me deixe dormir!"

— Ô seu sacana de sorte! Aquela é uma princesa. Traga-a para cá amanhã.

— Trago... trago, sim. É, ela é o máximo. Ouviram Suslev derramar um balde d'água na privada e voltar.

— Tome, amigão!

— Obrigado. — O barulho de quem bebia sofregamente. — Acho... acho que quero me deitar por... me deitar. Alguns minutos...

— Algumas horas, aposto! Não se incomode, eu preparo o desjejum. Tome, quer outra bebida?...

Os policiais no furgão prestavam cuidadosa atenção à conversa. Crosse mandara que a escuta fosse colocada no apartamento de Clinker há dois anos. Periodicamente, ele era controlado, e sempre quando Suslev estava presente. Suslev, sempre sob vigilância frouxa, conhecera Clinker num bar. Os dois homens eram marujos de submarino, e haviam feito amizade. Clinker o convidara para ficar em sua casa, e de quando em vez Suslev aceitava o convite. Imediatamente, Crosse ordenara uma verificação de segurança na pessoa de Clinker, mas ela nada revelara de incomum. Durante vinte anos Clinker fora marujo na Marinha Real. Depois da guerra, pulara de serviço em serviço na marinha mercante, através de toda a Ásia até Hong Kong, onde se radicara ao se reformar. Era um homem quieto e tranqüilo, que vivia sozinho, e já há cinco anos era o zelador do Rose Court. Suslev e Clinker formavam um belo par: bebiam muito, farreavam muito e contavam histórias um ao outro. Nenhuma das suas horas de conversa produzira coisa alguma considerada valiosa.

— Ele está de porre, como de costume, Brian — disse Crosse.

— Sim, senhor — respondeu Brian Kwok, entediado, mas procurando não demonstrar.

Na pequena sala de estar, Clinker ofereceu o ombro a Suslev.

— Vamos, está na hora da caminha.

Passou por cima do copo no chão e ajudou Suslev a entrar no pequeno dormitório. Suslev largou-se pesadamente na cama e soltou um suspiro.

Clinker fechou as cortinas, depois foi até outro pequeno gravador e ligou-o. Daí a um momento, a fita começou a emitir sons de respiração pesada e roncos. Suslev levantou-se sem fazer barulho, sem sinal da falsa bebedeira. Clinker já estava de quatro no chão. Afastou um capacho e abriu o alçapão. Suslev desceu por ele sem fazer ruído. Clinker abriu um sorriso, deu-lhe uma palmadinha nas costas e fechou a porta bem-lubrificada do alçapão atrás dele. Os degraus do alçapão levavam a um túnel tosco que rapidamente

se ligava à galeria subterrânea do escoamento pluvial, grande e seca. Suslev foi seguindo cuidadosamente, utilizando-se da lanterna elétrica que ficava num suporte na base dos degraus. Dali a um momento, ouviu um carro passar pela Sinclair Road, bem acima da sua cabeça. Mais alguns degraus, e estavam embaixo do Sinclair Towers. Outro alçapão ia dar num armário de material de limpeza, que se abria para uma escada fora de uso. Começou a subir.

Roger Crosse ainda escutava a respiração pesada, misturada com ópera. O furgão era apertado e abafado, suas camisas estavam suadas. Crosse fumava.

— Parece que apagou pelo resto da noite — disse. Podiam ouvir Clinker cantarolando, e seus movimentos enquanto limpava o copo quebrado. Uma luz vermelha no painel de rádio começou a piscar. O operador ligou o transmissor.

— Radiopatrulha 1423, pronto?

— Quartel-general para o superintendente Crosse, urgente.

— Aqui fala Crosse.

— Gabinete de serviço, senhor. Acaba de chegar uma informação de que o navio-restaurante Dragão Flutuante está pegando fogo... — Brian Kwok soltou uma exclamação abafada — Os carros de bombeiros já estão lá, e o guarda disse que pelo menos vinte pessoas podem estar mortas ou afogadas. Parece que o fogo começou na cozinha. Houve diversas explosões. Arrebentaram a maior parte do casco e... Um momento, senhor, está chegando nova informação da marinha.

Esperaram. Brian Kwok rompeu o silêncio.

— Dunross?

— A festa era no convés superior? — perguntou Crosse.

— Sim, senhor.

— Ele é esperto demais para morrer queimado... ou afogado
— disse Crosse, suavemente. — O incêndio foi acidental, ou deliberado?

Brian Kwok não respondeu.

A voz do QG entrou no ar de novo.

— A marinha informa que o barco emborcou. Dizem que foi um desastre e tanto, e que parece que algumas pessoas ficaram presas sob o barco.

— O nosso agente estava com o nosso VIP?

— Não, senhor, estava esperando no cais, perto do carro. Não deu tempo de chegar até ele.

— E quanto às pessoas que ficaram presas no convés superior?

— Um momentinho, vou perguntar... Novo silêncio. Brian Kwok enxugava o suor.

—...dizem que vinte ou trinta saltaram lá de cima, senhor. Infelizmente, a maioria abandonou o navio um pouco tarde, logo antes de o barco emborcar. A marinha não sabe dizer quantos ficaram presos sob o barco.

— Fique a postos. — Crosse pensou por um momento. Depois falou novamente ao microfone: — Vou mandar o superintendente Kwok para lá imediatamente neste veículo. Mande uma equipe de homens-rãs ir encontrar-se com ele. Peça à marinha para dar ajuda, Prioridade Um. Estarei em casa, se precisarem de mim. — Desligou o microfone. Depois, virando-se para Brian Kwok: — Vou a pé até minha casa. Ligue para mim no momento em que souber algo sobre Dunross. Se estiver morto, iremos aos cofres do banco imediatamente, e para o diabo as conseqüências. Vá o mais depressa que puder!

Saltou. O furgão saiu montanha acima. Aberdeen ficava acima da crista das montanhas, e para o sul. Lançou um rápido olhar

para o Rose Court, depois para o outro lado da rua, para o Sinclair Towers, mais abaixo. Um das suas equipes ainda vigiava a entrada, esperando pacientemente pela volta de Tsu-yan. Onde estaria aquele filho da mãe?, perguntou-se, irritado.

Muito preocupado, começou a descer a colina. Gotas de chuva começaram a molhá-lo. Apressou o passo.

Suslev tirou uma cerveja geladíssima da geladeira moderna e abriu-a. Bebeu, agradecido. O apartamento 32 do Sinclair Towers era espaçoso, luxuoso, limpo e bem-mobiliado, com três dormitórios e uma grande sala. Ficava no décimo primeiro andar. Cada andar tinha três apartamentos, dois elevadores apertados e uma escadinha estreita. O Sr. e sra. John Chen eram os donos do 31. O 33 pertencia a um Sr. K. V. Lee. Arthur contara a Suslev que K. V. Lee era um nome falso sob o qual se escondia Ian Dunross, que, seguindo os passos dos seus antepassados, tinha acesso exclusivo a três ou quatro apartamentos particulares espalhados pela colônia.

Suslev jamais conhecera pessoalmente John Chen ou Dunross, embora os tivesse visto nas corridas, e em outros lugares, muitas vezes.

"Se tivermos que entrevistar o tai-pan, o que poderia ser mais conveniente?", perguntou-se, sombriamente. "E com o Travkin como isca alternativa..."

Uma rajada súbita de vento fustigou as cortinas corridas sobre as janelas abertas, e ele ouviu o barulho da chuva. Fechou as janelas com cuidado, e olhou para fora. Gotas grossas manchavam as vidraças. As ruas e os telhados já estavam molhados. Um raio cruzou os céus. O barulho da trovoada o acompanhou. A temperatura já baixara alguns graus. "Será um bom temporal", falou com seus botões, agradecido, satisfeito por não estar no apartamento minúsculo e modesto de Ginny Fu, no quinto andar de um prédio sem elevador, em Mong Kok, e igualmente contente por não estar na casa de Clinker.

Fora Arthur quem arranjara tudo: Clinker, Ginny Fu, aquele local seguro, o túnel que ele certamente imitaria em Vladivostok. Clinker era um marujo de submarino e um cockney e tudo o mais que se supunha que fosse, exceto que sempre detestara a classe dos oficiais. Arthur contara que fora fácil subverter Clinker para a causa deles, usando as desconfianças, os ódios e a simulação naturais do sujeito.

— O Ernie Feio sabe muito pouco a seu respeito, Grigóri, apenas que é russo, naturalmente, e comandante do Ivãnov. Quanto ao túnel, contei-lhe que você está tendo um caso com uma mulher casada no Sinclair Towers, a mulher de um dos tai-pans. Contei-lhe

que os roncos gravados e o sigilo são necessários porque os peelers nojentos estão atrás de você, entraram no apartamento dele e ocultaram escutas.

— Peelers?

— Policial, em cockney. Vem de Sir Robert Peel, primeiro-ministro da Inglaterra, que fundou a primeira força policial. Os cockneys sempre odiaram os peelers, e o Ernie Feio ficaria encantado em passar-lhes a perna. Basta você ser pró-Marinha Real, e ele será seu cão fiel até a morte...

Suslev sorriu. "Clinker não é um mau sujeito", pensou, "só um chato."

Sorveu sua cerveja enquanto voltava para a sala. O jornal da tarde estava ali. Era a edição extra do Guardian, com as manchetes a berrar turba assassina flor Fragrante, e uma boa foto do levante. Sentou-se numa poltrona e leu rapidamente.

Então, seus ouvidos aguçados ouviram o elevador parar. Foi até a mesa que ficava junto da porta e tirou de baixo dela a automática carregada com silenciador. Pôs a arma no bolso e foi espiar pelo olho mágico.

A campainha soou, abafada. Ele abriu a porta e sorriu.

— Entre, velho amigo. — Abraçou Jacques de Ville carinhosamente. — Faz muito tempo.

— É, faz sim, camarada — respondeu De Ville com igual carinho. A última vez que vira Suslev fora em Cingapura, há cinco anos, num encontro secreto arranjado por Arthur, pouco depois de De Ville ter sido induzido a entrar para a Sevrin. Ele e Suslev se haviam encontrado pela primeira vez, da mesma maneira sigilosa, no grande porto de Lyon, na França, em junho de 1941, poucos dias antes de a Alemanha nazista invadir a Rússia soviética, quando os dois países ainda eram aliados, aparentemente. Naquela época, De Ville fazia parte dos maquis, e Suslev era o segundo em comando e comissário do povo secreto de um submarino soviético que estava ostensivamente no porto para reparos depois de uma patrulha no Atlântico. Foi então que perguntaram a De Ville se ele queria continuar com a guerra real, a guerra contra o inimigo capitalista, como agente secreto, depois que os fascistas tivessem sido destruídos.

Ele concordara de todo o coração.

Fora fácil para Suslev subvertê-lo. Devido à grande utilidade que De Ville poderia ter depois da guerra, o KGB o atraíra secretamente para a Gestapo, depois o salvara da morte numa prisão da Gestapo, através de guerrilheiros comunistas. Os guerrilheiros tinham-lhe mostrado provas falsas de que fora traído por um dos seus próprios homens, por dinheiro. De Ville tinha trinta e dois anos na época, e, como muitos, estava encantado com o socialismo e com algumas idéias de Marx e Lênin. Nunca havia ingressado no Partido Comunista francês, mas agora, graças à Sevrin, era um capitão honorário da Força de Segurança Soviética do KGB.

— Parece cansado, Frederick — disse Suslev, usando o codinome de De Ville. — Conte-me o que há de errado.

— Apenas um problema de família.

— Conte-me.

Suslev escutou atentamente a triste história sobre o genro e a filha de De Ville. Desde o seu encontro em 1941, Suslev era o controlador de De Ville. Em 1947, ordenara que ele viesse para Hong Kong, para ingressar na Struan. Antes da guerra, De Ville e o pai possuíam um negócio muito bem-sucedido de importação e exportação, com laços estreitos com a Struan — além dos laços de família —, portanto a mudança fora fácil e bem-vinda. A missão secreta de De Ville era tornar-se um membro da assembléia interna e, no futuro, tai-pan.

— Onde está sua filha, agora? — perguntou, compassivo. De Ville contou-lhe.

— E o motorista do outro carro? — Suslev guardou de cor o nome e o endereço. — Providenciarei para que cuidem dele.

— Não — disse De Ville, prontamente. — Foi... foi um acidente. Não podemos punir um homem por um acidente.

— Ele estava bêbado. Não há desculpa para quem dirige bêbado. De qualquer modo, você é importante para nós. Cuidamos da nossa gente. Eu darei um jeito no homem.

De Ville sabia que não adiantava discutir. Uma rajada de vento e chuva bateu nas vidraças.

— Merde, mas que chuva boa! A temperatura deve ter baixado uns cinco graus. Será que vai durar?

— Dizem que a frente do temporal é grande.

De Ville ficou olhando as gotas d'água que escorriam pela vidraça, imaginando por que fora chamado.

— Que tal as coisas com você?

— Muito bem. Quer uma bebida? — Suslev caminhou até o bar espelhado. — Tenho boa vodca.

— Vodca está ótimo, obrigado. Mas uma dose pequena.

— Se Dunross se aposentasse, você seria o próximo tai-pan?

— Acho que a escolha ficaria entre quatro de nós: Gavallan, David MacStruan, eu e Linbar Struan.

— Nessa ordem?

— Não sei. Exceto que Linbar provavelmente é o último. Obrigado. — De Ville aceitou a bebida. Brindaram um ao outro. — Apostaria no Gavallan.

— Quem é esse MacStruan?

— Um primo afastado. Trabalhou seus cinco anos como mercador da China. No momento está chefiando a nossa expansão no Canadá... estamos tentando diversificar, e comerciar com fibras de madeira, cobre, todos os minerais canadenses, especialmente na Colúmbia Britânica.

— Ele é bom?

— Muito bom. Muito duro. Um lutador muito sujo. Tem quarenta e um anos, ex-tenente pára-quedista. Sua mão esquerda quase foi arrancada sobrevoando a Birmânia, quando se enroscou nas cordas do pára-quedas. Ele simplesmente fez um torniquete na mão e continuou lutando. Ganhou a Cruz Militar por isso. Eu o escolheria, se fosse tai-pan. — De Ville deu de ombros. — Pela lei da nossa companhia, somente o tai-pan pode indicar seu sucessor. Pode fazê-lo na hora que quiser, até no seu testamento, se desejar. De qualquer modo, a Casa Nobre terá que acatar sua decisão. Suslev observava-o.

— Dunross já fez testamento?

— Ian é muito eficiente. Fez-se um silêncio.

— Mais uma vodca?

— Non, merci, esta chega. O Arthur vem se encontrar conosco?

— Vem. Como poderíamos influir a seu favor? De Ville hesitou, depois deu de ombros. Suslev serviu-se de outra bebida.

— Seria fácil desacreditar esse MacStruan e os outros. É fácil eliminá-los. — Suslev virou-se e olhou para ele. — Até mesmo o Dunross.

— Não. Não é a melhor solução.

— Existe outra?

— Ser paciente. — De Ville sorriu, mas seus olhos estavam muito cansados, e havia neles uma sombra à espreita. — Não gostaria de ser a causa de... de sua eliminação, ou da dos outros.

— Não é necessário matar para eliminar! — riu-se Suslev. — Será que somos bárbaros? Claro que não. — Observava atentamente seu protegido. "De Ville precisa endurecer", pensava. — Conte-me sobre o americano, Bartlett, e o negócio entre a Struan e a Par-Con.

De Ville contou-lhe tudo o que sabia.

— O dinheiro de Bartlett nos dará tudo de que precisamos.

— Esse Gornt pode efetuar uma compra de controle acionário?

— Sim e não. É possivelmente. Ele é durão e nos odeia de verdade. É uma rixa antiga...

— É, eu sei. — Suslev ficou surpreso ao ver que De Ville repetia informações que ele já conhecia. "Mau sinal", pensou, e olhou para o relógio. — Nosso amigo está vinte e cinco minutos atrasado. Não é comum.

Ambos eram traquejados demais para se preocupar. Reuniões como aquela nunca eram totalmente certas, porque ninguém podia jamais impedir que o inesperado acontecesse.

— Ouviu falar do incêndio em Aberdeen? — perguntou De Ville, tendo um pensamento súbito.

— Que incêndio?

— Ouvi o noticiário pelo rádio pouco antes de subir. — De Ville e a mulher ocupavam o apartamento 20, no sexto andar. — O Dragão Flutuante se incendiou em Aberdeen. Talvez Arthur estivesse lá.

— Você o viu? — Suslev ficou preocupado, de repente.

— Não. Mas podia ter me desencontrado dele. Saí bem antes do jantar.

Suslev sorveu sua vodca, pensativo.

— Ele já lhe contou quem são os outros na Sevrin?

— Não. Perguntei-lhe, ponderadamente, como você ordenou, mas ele nunca...

— Ordenou? Eu não lhe ordeno, továrích, apenas sugiro.

— Claro. Tudo o que ele disse foi: "Todos nos conheceremos, no seu devido tempo".

— Ambos saberemos em breve. Ele está perfeitamente correto em ser cauteloso.

Suslev quisera testar De Ville e testar Arthur. Era uma das regras básicas no KGB que nunca se pode ser cauteloso o bastante em relação aos seus espiões, não importa o quão importantes sejam. Lembrava-se do seu instrutor repetindo infinitamente outra citação direta de A arte da guerra, de Sun Tse, que era leitura obrigatória para todos os militares soviéticos: "Existem cinco classes de espiões: os locais, os internos, os convertidos, os condenados e os sobreviventes. Quando todas as cinco categorias estiverem trabalhando em uníssono, o Estado estará seguro, e o exército, inviolável. Os espiões locais são os moradores do lugar. Os internos são os funcionários do inimigo. Os convertidos são os espiões do inimigo que foram convertidos para o nosso lado. Os condenados são aqueles a quem damos informações falsas, e depois denunciaremos anonimamente ao inimigo, que arrancará deles sob tortura essas informações falsas. Os sobreviventes são aqueles que trazem notícias do campo inimigo. Lembrem-se, no exército inteiro, ninguém deve ser mais liberalmente recompensado. Porém, se uma notícia secreta for divulgada por um espião antes da hora apropriada, ele deve ser morto, juntamente com a pessoa a quem o segredo foi contado".

"Se os outros relatórios de Alan Medford Grant forem iguais ao já descoberto", pensou Suslev, sem emoção, "então Dunross está

com os dias contados."

Observava De Ville, avaliando-o, gostando dele, satisfeito por ele ter passado novamente no teste... assim como Arthur. O último parágrafo de A arte da guerra — um livro tão importante para a elite soviética que muitos sabiam de cor o volume fino — veio à sua mente: "Somente o governante esclarecido e o general sábio usarão as maiores inteligências do exército para espionar. Os espões são o elemento mais importante da guerra, porque deles depende a capacidade de um exército se mover".

"E é isso o que o KGB faz", pensou, satisfeito. "Buscamos os melhores talentos entre todos os soviéticos. Nós somos a elite. Precisamos de espões de todas as cinco categorias. Precisamos desses homens, Jacques, Arthur e todos os outros.

"É, precisamos muito deles."

— Arthur nunca deu nenhuma pista de quem são os outros. Nada — dizia De Ville —, apenas que somos sete.

— Precisamos ser pacientes — disse Suslev, aliviado por ver que Arthur também era corretamente cauteloso, pois parte do plano era que os sete nunca deviam se conhecer, nunca deviam saber que Suslev era o controlador da Sevrin, e o superior de Arthur. Suslev conhecia a identidade de todos os agentes infiltrados da Sevrin. Junto com Arthur, aprovara todos eles ao longo dos anos, testando-os continuamente, apurando sua lealdade, eliminando alguns, substituindo outros. "A gente sempre testa, e no momento em que um espião vacila, chegou a hora de neutralizá-lo, ou eliminá-lo... antes que ele o neutralize ou elimine. Até mesmo Ginny Fu", pensou, "embora não seja espiã e não saiba de nada. Nunca se pode ter confiança absoluta em ninguém, exceto em si mesmo... é o que ensina o nosso sistema soviético. É. Está na hora de levá-la na viagem que sempre lhe prometi. Uma viagem curta, na semana que vem. Para Vladivostok. Chegando lá, ela pode ser purificada, reabilitada e tornada útil, para nunca mais voltar para cá."

Sorveu sua vodca, rolando o líquido ardente na boca.

— Daremos meia hora ao Arthur. Por favor — falou indicando uma poltrona.

De Ville tirou os jornais do caminho e sentou-se na poltrona.

— Leu sobre as corridas aos bancos?

— Li, tovãricb. Uma maravilha — falou Suslev, com um amplo sorriso.

— É uma operação do KGB?

— Não que eu saiba — disse Suslev, jovialmente. — Se for, alguém vai ser promovido. — Era uma chave da política leninista dar especial atenção aos bancos ocidentais que ficavam no centro da força ocidental, infiltrar-se neles até o mais alto escalão, para encorajar outros a fomentarem desastres contra moedas ocidentais, mas, ao mesmo tempo, pedir capital emprestado a eles até o limite máximo, fossem quais fossem os juros, quanto mais longo o empréstimo, melhor, certificando-se de que nenhum soviético jamais faltasse aos pagamentos custasse o que custasse. — A ruína do Ho-Pak certamente arrastará outros bancos. Os jornais dizem que pode haver até uma corrida ao Victoria, hem?

De Ville estremeceu, sem poder se controlar, e Suslev não deixou de perceber. Sua preocupação aumentou.

— Merde, mas isso acabaria com Hong Kong — disse De Ville.
— Ah, sei que quanto mais cedo melhor, mas... infiltrado tão profundamente às vezes a gente chega a esquecer quem realmente é.

— Não se preocupe com isso. Acontece com todos nós. Você está confuso por causa de sua filha. Qual o pai que não estaria? Vai passar.

— Quando poderemos agir? Estou cansado, tão cansado de esperar!

— Logo. Escute — disse Suslev para encorajá-lo. — Em janeiro estive numa reunião do escalão superior em Moscou. As transações bancárias figuravam no alto da nossa lista. Pela última contagem, devemos aos capitalistas quase trinta bilhões em empréstimos... a maior parte para os Estados Unidos.

— Minha nossa! Não fazia idéia de que tinham tido tanto êxito! — comentou De Ville, com uma exclamação abafada.

O sorriso de Suslev ficou mais amplo.

— Só a Rússia! Os nossos satélites devem mais seis bilhões e trezentos milhões. A Alemanha Oriental acaba de conseguir mais um bilhão e trezentos para comprar laminadores capitalistas, tecnologia de computadores e mais um bocado de coisas de que precisamos. — Ele riu, esvaziou o copo e serviu mais outro, o álcool lubrificando a sua língua. — Não compreendo os capitalistas. Eles se iludem. Nós estamos francamente dedicados a consumi-los, e eles nos dão os meios para isso. São espantosos. Se tivermos tempo, vinte anos (vinte no máximo), nossa dívida atingirá sessenta ou setenta bilhões, e no que lhes diz respeito, ainda seremos devedores seguros... já que nunca falhamos num pagamento, nem na guerra, nem na paz ou na depressão. — Soltou uma risada alta e repentina. — O que foi que o banqueiro suíço disse? "Empreste um pouco e você terá um devedor... empreste muito e terá um sócio!" Setenta bilhões, Jacques, velho amigo, e seremos donos deles; setenta bilhões, e poderemos torcer a política deles como nos aprouver, e então, a qualquer momento, virá o golpe final: "Mil desculpas, Sr. Banqueiro Capitalista Sionista. Lamentamos, mas estamos falidos! Ah, lamentamos muito, mas não podemos mais pagar os empréstimos, nem sequer os juros dos empréstimos. Sentimos muito, mas deste momento em diante toda a nossa moeda atual não tem valor. Nossa nova moeda é o rublo vermelho, um rublo vermelho vale cem dos seus dólares capitalistas..."

Suslev achou graça, sentindo-se muito feliz.

—...e não importa o quanto os bancos sejam ricos, coletivamente, jamais conseguirão dar baixa em setenta bilhões. Jamais. Setenta e tantos a essa altura, com todos os bilhões do bloco oriental! E se o aviso repentino for dado na hora de uma de suas inevitáveis recessões capitalistas, como o será... estarão atolados na merda do seu pânico até a ponta dos seus narizes hebraicos, suplicando que salvemos suas peles nojentas. — Acrescentou, desdenhosamente: — Os filhos da mãe cretinos merecem perder! Por que deveríamos combatê-los quando a sua própria cobiça e estupidez os está destruindo, hem?

De Ville sacudiu a cabeça, inquieto. Suslev o assustava. "Devo estar ficando velho", pensou. "No começo era fácil acreditar na causa das massas. Os gritos dos oprimidos eram tão altos e nítidos, então. Mas agora? Agora não são tão nítidos. Ainda estou comprometido, profundamente comprometido. Não lamento coisa alguma. A França será melhor quando for comunista.

"Será?"

"Não sei mais, não com a certeza que costumava ter. É uma pena para todas as pessoas que tenha que haver um ismo ou outro", falou consigo mesmo, tentando disfarçar sua angústia. "Seria melhor

que não houvesse ismos, apenas a minha amada Cote d'Azur curtindo o sol."

— Estou lhe dizendo, velho amigo, Stálin e Béria eram gênios — dizia Suslev. — São os maiores russos que já existiram.

De Ville conseguiu com esforço deixar que o choque não transparecesse em sua fisionomia. Lembrava-se do horror da ocupação alemã, a humilhação da França, todas as aldeias e vilas e vinhedos. Lembrava-se de que Hitler jamais ousaria ter atacado a Polônia e começar tudo aquilo sem o pacto de não-agressão de Stálin a apoiá-lo. "Sem Stálin não teria havido guerra, nem holocausto, e todos estaríamos muito melhor."

— Vinte milhões de russos? Incontáveis milhões de outros — disse.

— Um preço modesto. — Suslev serviu-se de outro drinque, seu zelo e a vodca soltando-lhe a língua. — Por causa de Stálin e Béria temos toda a Europa Oriental, do Báltico aos Bálcãs... Estônia, Lituânia, Letônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária, toda a Polônia, a Prússia, metade da Alemanha, a Mongólia Exterior — Suslev arrotou, satisfeito —, a Coréia do Norte, e pontos de apoio por toda parte. A Operação Leão destruiu o Império Britânico.

Graças ao apoio deles, nasceu a ONU, para nos dar a nossa maior arma no nosso arsenal de muitas armas. E ainda há Israel. — Começou a rir. — Meu pai foi um dos controladores desse programa. De Ville sentiu a nuca arrepiada.

— Como?

— Israel foi um golpe de proporções monumentais de Stálin e Béria! Quem ajudou, disfarçada e abertamente, o nascimento da nação? Quem a reconheceu imediatamente? Nós, e por quê? — Suslev arrotou de novo. — Para cimentar nas entranhas da Arábia um câncer perpétuo que vai supurar e destruir os dois lados, e, junto com eles, provocar a derrocada industrial do Ocidente. Judeus contra muçulmanos contra cristãos. Esses fanáticos nunca viverão em paz uns com os outros, embora o pudessem, facilmente. Jamais deixarão de lado suas diferenças, mesmo que isso lhes custe as vidas cretinas.

Ele riu e fitou o copo com olhos turvos, girando-o. De Ville o observava, odiando-o, desejando desmenti-lo, sem coragem para tal, sabendo que estava totalmente nas mãos de Suslev. Uma vez, há alguns anos, ele reclamara de ter que mandar alguns números de rotina da Struan para uma caixa postal em Berlim. Dentro de um dia, um estranho ligara para ele, em sua casa. Nunca recebera antes um telefonema desses. Fora amistoso. Mas ele entendera.

De Ville abafou um estremecimento e manteve a fisionomia desanuviada quando Suslev ergueu os olhos para ele.

— Não concorda, továrich? — disse o homem do KGB, abrindo um sorriso. — Juro que jamais entenderei os capitalistas. Fazem-se inimigos dos quatrocentos milhões de árabes que possuem todas as reservas de petróleo do mundo, de que eles necessitarão tão desesperadamente um dia. E logo teremos o Irã, o golfo Pérsico e o estreito de Ormuz. Então, estaremos com a mão na torneira dos barris do Ocidente, serão nossos, e não haverá necessidade de guerra... apenas execução.

Suslev esvaziou seu copo de vodca e serviu-se de outro.

De Ville observava-o, detestando-o agora, questionando desesperadamente seu próprio papel. "Foi para isso que fui um toupeira quase perfeito durante dezesseis anos, mantendo-me preparado e pronto, sem nenhuma suspeita recaindo sobre mim? Até mesmo Susanne de nada desconfia, e todos acreditam que sou anticomunista e pró-Struan, que é a criação arquicapitalista de toda a Ásia. Os pensamentos de Dirk Struan nos guiam. Lucro. Lucro para o tai-pan, para a Casa Nobre e para Hong Kong, nesta ordem, e para o diabo com todo mundo, exceto a Inglaterra e a China. E mesmo

que não me torne o tai-pan, ainda posso fazer da Sevrin a destruidora da China que Suslev e Arthur querem que ela seja. Mas é isso o que quero, agora? Agora, que pela primeira vez enxerguei este... este monstro e toda a sua hipocrisia?"

— Stálin — disse, quase se crispando ante o olhar de Suslev.
— Conheceu-o pessoalmente?

— Estive perto dele, certa vez. A três metros dele. Era baixinho, mas podia-se sentir o seu poder. Isso foi em 1953, numa festa que Béria ofereceu a alguns oficiais superiores do KGB. Meu pai foi convidado, e permitiram que eu fosse com ele. — Suslev tomou mais uma vodca, mal vendo De Ville, envolvido pelo passado e pela participação de sua família no movimento. — Stálin estava lá, Béria, Malenkov... Sabia que o nome real de Stálin era Iossif Vissarionovitch Djugatchvili? Era filho de um sapateiro, em Tiflis, minha cidade natal, destinado ao sacerdócio, mas expulso do seminário de lá. Estranho, estranho, estranho!

Fizeram "tim-tim" com os copos.

— Não precisa fazer uma cara tão solene, camarada — disse, interpretando mal De Ville. — Independente da sua perda pessoal. Você faz parte do futuro, parte da marcha para a vitória! — Suslev

esvaziou o copo. — Stálin deve ter morrido feliz. Quem nos dera igual sorte, hem?

— E Béria?

— Béria tentou tomar o poder tarde demais. Fracassou. Nós, no KGB, concordamos com os japoneses em que o único pecado é o fracasso. Mas Stálin... Meu pai conta uma história que, em Yalta, quando, em troca de nenhuma concessão, Roosevelt concordou em dar a Stálin a Manchúria e as ilhas Kurilas, que nos garantiram o predomínio sobre a China e o Japão e todas as águas asiáticas, Stálin teve um derrame segurando o riso, e quase morreu!

Depois de uma pausa, De Ville disse:

— E Soljenítsin e os gulags?

— Estamos em guerra, meu amigo, existem traidores internos. Sem terror, como podem os poucos governar os muitos? Stálin sabia disso. Era um homem verdadeiramente formidável. Até

mesmo sua morte nos serviu. Foi brilhante da parte de Khruchov usá-lo para "humanizar" a URSS.

— Foi apenas outro golpe? — perguntou De Ville, abalado.

— Isso é segredo de Estado. — Suslev engoliu um arrote. — Não faz mal, logo Stálin será devolvido à sua glória. Bem, e quanto a Ottawa?

— Ah! Estive em contato com Jean-Charles e...

O telefone tocou abruptamente. Um único toque. Os olhos de ambos voltaram-se para ele, e eles quase pararam de respirar. Depois de vinte e tantos segundos, houve mais um toque único. Ambos relaxaram ligeiramente. Mais vinte e tantos segundos, e o terceiro toque tornou-se contínuo. Um toque significava "Perigo, saiam imediatamente"; dois, que a reunião estava cancelada; três, que quem estivesse telefonando logo estaria ali; três, ficando contínuo, que era seguro conversar. Suslev atendeu ao telefone. Ouviu uma respiração, depois Arthur perguntou no seu curioso sotaque:

— O Sr. Lop-sing está?

— Aqui não há nenhum Lop-ting, é engano — disse Suslev, numa voz diferente, concentrando-se com esforço.

Seguiram o código cuidadosamente, Suslev ainda mais tranqüilizado pela ligeira tosse seca de Arthur. Então, Arthur falou:

— Não posso encontrá-los hoje. Sexta-feira às três seria conveniente?

"Sexta-feira" queria dizer "quinta-feira" (que era o dia seguinte), "quarta-feira" queria dizer "terça-feira", e assim por diante. O 3 era o código para o local do encontro: O Hipódromo Happy Valley, nos treinamentos do alvorecer.

Amanhã, ao alvorecer!

— Sim.

O telefone foi desligado. Restou apenas o som de linha desocupada.

Quinta-feira

39

4h50m

Cerca de uma hora antes do amanhecer, sob a chuva torrencial, Poon Bom Tempo olhou para o corpo meio despido de John Chen e soltou um palavrão. Revistara as roupas dele cuidadosamente, e examinara vários quilos de lama do túmulo que os dois jovens, Kin Pak e Chen Orelha de Cão, haviam cavado. Mas nada encontrara — nem moedas, nem partes de moedas ou jóias, nada. E Wu Quatro Dedos lhe dissera, anteriormente:

— Trate de achar aquela meia moeda, Poon Bom Tempo. Então, o velho lhe dera novas instruções, e Poon Bom

Tempo ficara muito satisfeito, porque aquilo o aliviava de qualquer responsabilidade, e assim não poderia cometer erro algum. Mandara que Chen Orelha de Cão e Kin Pak carregassem o cadáver para baixo e ameaçara Kin Bexiguento, que segurava a mão mutilada, de cortar fora a sua língua, caso o jovem gemesse mais

uma vez. Deixaram o cadáver do Pai Kin num beco. A seguir, Poon Bom Tempo procurou o rei dos mendigos de Kowloon City, que era primo afastado de Wu Quatro Dedos. Todos os mendigos eram membros da Associação dos Mendigos e havia um rei em Hong Kong, um em Kowloon e um em Kowloon City. Antigamente, a mendicância era uma profissão rendosa, mas não agora, devido a severas sentenças de prisão, multas e muitos empregos que pagavam bem.

— Sabe, Honrado Rei Mendigo, esse conhecido nosso acaba de morrer — Poon Bom Tempo explicou pacientemente ao velho distinto. — Não tem parentes, portanto foi colocado no Beco dos Floristas. Meu Grande Dragão apreciaria muito uma ajudazinha. Quem sabe o senhor não poderia providenciar um enterro discreto? — Negociou polidamente, depois pagou o preço combinado, e encaminhou-se para o táxi e o carro deles, que estavam esperando fora dos limites da cidade, satisfeito porque o corpo agora ia desaparecer para sempre, sem deixar vestígios. Kin Pak já estava no banco da frente do táxi. Entrou ao seu lado. — Leve-nos a John Chen — ordenou. — E depressa!

— Pegue a Sha Tin Road — disse Kin Pak, com ar importante, para o motorista. Chen Orelha de Cão encolhia-se no banco de trás com outros combatentes de Poon Bom Tempo. Kin Bexiguento e os outros iam no carro.

Os dois veículos seguiram para o noroeste, para os Novos Territórios, pela Sha Tin-Tai Po Road, que atravessava aldeias, zonas de recolonização e favelas, cruzava a garganta da montanha, ladeando a ferrovia que se dirigia para a fronteira norte, passando por hortas férteis que exalavam um forte cheiro de estrume. Pouco

antes da aldeia pesqueira de Sha Tin, com o mar à sua direita, eles viraram à esquerda numa estrada lateral, saindo da via principal. A superfície da estrada estava rachada, cheia de poças. Pararam numa clareira e saltaram.

Estava quentinho, na chuva. A terra cheirava bem. Kin Pak pegou a pá e foi mostrando o caminho, por entre a vegetação rasteira. Poon Bom Tempo segurava a lanterna elétrica, enquanto Kin Pak, Chen Orelha de Cão e Kin Bexiguento procuravam. Ficava difícil para eles, na escuridão, encontrar o local exato. Duas vezes começaram a cavar antes que Kin Pak se lembrasse de que o pai havia marcado o local com uma pedra em forma de meia-lua. Praguejando, ensopados, finalmente encontraram a pedra e começaram a cavar. A terra estava ressecada, sob a superfície. Logo desenterraram o corpo, enrolado num cobertor. O cheiro era forte. Embora Poon Bom Tempo os tivesse feito despir o corpo e o tivesse revistado cuidadosamente, nada fora encontrado.

— Mandaram todo o resto para o Chen da Casa Nobre? — perguntou novamente, a chuva no seu rosto, as roupas ensopadas.

— Sim — respondeu o jovem Kin Pak, com truculência.

— Quantas vezes tenho que lhe repetir, porra?

Estava muito cansado, as roupas encharcadas, e tinha certeza de que ia morrer.

— Vocês todos, tirem essas roupas infestadas de estrume. Sapatos, meias, tudo. Quero revistar os seus bolsos.

Obedeceram. Kin Pak usava um cordão à volta do pescoço, do qual pendia um disco de jade barato. Quase todo mundo na China usava um pedaço de jade para dar sorte, porque todos sabiam que, se um deus malvado fizesse você tropeçar, o espírito do jade se meteria entre você e o mal, agüentaria o tranco da queda e se despedaçaria, evitando que você se despedaçasse. E se não o fizesse, então o Deus do Jade devia estar dormindo, infelizmente, e era azar seu.

Poon Bom Tempo não achou nada nos bolsos de Kin Pak. Jogou as roupas de volta para ele. A essa altura também ele estava ensopado, e muito irritado.

— Podem se vestir, e vestir o cadáver também. E andem depressa com isso!

Chen Orelha de Cão tinha quase quatrocentos HK e uma pulseira de jade de boa qualidade. Um dos homens ficou com a pulseira, Poon embolsou a grana e virou-se para Kin Bexiguento. Os olhos de todos saltaram ao ver o grande maço de notas que ele achou no bolso das calças do jovem.

Poon Bom Tempo protegeu-o cuidadosamente da chuva.

— Onde, em nome da Puta Celestial, arranhou tudo isso? Ele lhes contou como achacara o pessoal de dinheiro diante do Ho-Pak, e eles riram e o cumprimentaram pela sua sagacidade.

— Muito bem, quanta esperteza! — disse Poon. — Você é um bom negociante. Vista-se. Como se chamava a velha?

— Disse que se chamava Ah Tam. — Kin Bexiguento tirou a água da chuva dos olhos com a mão, os dedos do pé retorcendo-se na lama, a mão mutilada em fogo, agora, e doendo demais. — Eu o levarei até ela, se quiser.

— Ei, preciso da porra da luz aqui! — exclamou Kin Pak. Estava de quatro, tentando enfiar as roupas no cadáver de John Chen. — Alguém pode me dar uma ajuda?

— Ajudem-no!

Chen Orelha de Cão e Kin Bexiguento apressaram-se a ajudar, enquanto Poon Bom Tempo dirigia o jato de luz de volta ao cadáver. O corpo estava inchado e tumefato, e a chuva lavava a terra de cima dele. A parte de trás da cabeça de John Chen estava esmagada e cheia de sangue pisado, mas seu rosto ainda era reconhecível.

— Ayeeyah — disse um dos homens de Poon —, vamos andando com isso. Sinto espíritos maus a rondarem por aqui.

— Basta pôr as calças e a camisa — falou Poon Bom Tempo, com azedume. Esperou até o corpo estar parcialmente vestido. Depois, fitou os três. — Agora, qual de vocês, seus safados sem mãe, ajudou o velho a matar este pobre fornicador?

Kin Pak começou a dizer:

— Já lhe cont...

Parou ao ver que os outros dois apontavam para ele e diziam a uma voz, afastando-se dele:

— Foi ele.

— Era o que eu já suspeitava! — Poon Bom Tempo ficou satisfeito por ter finalmente chegado ao fundo do mistério. Apontou o dedo rombudo para Kin Pak. — Entre no buraco e deite-se.

— Temos um plano fácil para seqüestrar o próprio Chen da Casa Nobre, um plano que nos renderá a todos duas, três vezes o que rendeu este fornicador. Eu lhes conto, heya? — falou Kin Pak.

Poon Bom Tempo hesitou um momento diante da nova idéia. Depois, lembrou-se das instruções de Quatro Dedos.

— Enfie a cara na terra do buraco!

Kin Pak fitou seus olhos inflexíveis, e soube que era um homem morto. Deu de ombros. Joss.

— Mijo em toda a sua descendência — falou. Entrou na cova e se deitou.

Apoiou a cabeça sobre os braços, na terra, e começou a apagar a luz da sua vida. Do nada ao nada, sempre parte da família Kin, de todas as suas gerações, vivendo para sempre na sua corrente perpétua, de geração a geração, através da história para o futuro eterno.

Poon Bom Tempo pegou uma das pás e, por causa da coragem do jovem, despachou-o instantaneamente, colocando a parte cortante da lâmina entre as suas vértebras e empurrando para baixo. Kin Pak morreu sem saber,

— Encham a cova!

Chen Orelha de Cão estava apavorado, mas apressou-se a obedecer. Poon Bom Tempo riu, fê-lo tropeçar e deu-lhe um chute violento pela sua covardia. O homem caiu em parte dentro da cova. Prontamente a pá na mão de Poon girou num arco e atingiu a parte de trás da cabeça de Chen Orelha de Cão, e ele desabou com um suspiro em cima de Kin Pak. Os outros acharam graça, e um deles falou:

— Eeee, você usou a pá como se fosse um bastão de críquete dos demônios estrangeiros! Ótimo. Ele está morto?

Poon Bom Tempo não respondeu, apenas olhou para o último Lobisomem, Kin Bexiguento. Todos os olhares se voltaram para ele, que ficou parado, rígido, sob a chuva. Foi então que Poon Bom Tempo notou o cordão atado ao seu pescoço. Pegou a lanterna elétrica, foi até junto dele e viu que a outra extremidade pendia pelas suas costas abaixo. Na ponta dela estava uma meia moeda partida, em que fora feito um furo com cuidado. Era uma moeda de cobre e parecia antiqüíssima.

— Que todos os deuses peidem na cara de Tsao Tsao! Onde arranjou isto? — perguntou, abrindo um sorriso.

— Foi meu pai quem me deu.

— Onde ele a arranjou, seu bostinha?

— Não me contou.

— Será que a tirou do Filho Número Um Chen?

Ele deu de ombros, novamente.

— Não sei. Não estava lá quando ele foi morto. Juro pela minha mãe que sou inocente!

Com um movimento repentino, Poon Bom Tempo arrancou o cordão do seu pescoço.

— Levem-no para o carro — disse para dois dos seus homens. — Vigiem-no com muito cuidado. Vamos levá-lo conosco. É, vamos levá-lo, sim. O resto de vocês, terminem de encher a cova, e camuflem-na cuidadosamente.

A seguir, mandou que os dois últimos homens pegassem o cobertor que continha o corpo de John Chen e o seguissem. Assim o fizeram, desajeitadamente, na escuridão.

Ele foi se dirigindo para a Sha Tin Road, desviando-se das poças d'água. Ali perto ficava uma parada de ônibus coberta, meio

desmoronada. Quando a estrada ficou desimpedida, ele fez sinal para os seus homens, e eles rapidamente tiraram o corpo de dentro do cobertor e encostaram-no num canto do abrigo. A seguir, tirou o cartaz que os Lobisomens haviam feito anteriormente e grudou-o com cuidado no corpo.

— Para que está fazendo isso, Poon Bom Tempo, heya? Para que está fazen...

— Porque o Quatro Dedos mandou! Como vou saber? Feche essa porra de bo...

Os faróis de um carro que fazia a curva os iluminaram, repentinamente. Eles ficaram gelados, e viraram o rosto, fingindo ser passageiros à espera do ônibus. Depois que o carro passou, deram no pé. A aurora pintava o céu, a chuva diminuía.

O telefone tocou, e Armstrong acordou com dificuldade. Na semi escuridão, tateou em busca do fone e atendeu. A mulher dele remexeu-se, inquieta, e acordou.

— Segundo-sargento comissionado Tang-po, senhor. Lamento acordá-lo, senhor, mas encontramos John Chen. Os Lobiso...

Armstrong sentiu-se instantaneamente desperto.

— Vivo?

— Dew neh loh moh, não, senhor. Encontraram o corpo dele numa parada de ônibus coberta, senhor, e aqueles safados dos Lobisomens deixaram um bilhete no peito dele, senhor:

Este Filho Número Um Chen cometeu a estupidez de tentar escapar de nós. Ninguém pode escapar dos Lobisomens! Que toda a Hong Kong se cuide. Nossos olhos estão em toda parte!" Ele est...

Armstrong ficou escutando, horrorizado, enquanto o homem agitado contava que a polícia de Sha Tin fora chamada por um passageiro de ônibus madrugador. Imediatamente, toda a área fora isolada, e eles tinham ligado para o DIC de Kowloon.

— O que devemos fazer, senhor?

— Mande um carro vir me buscar, imediatamente. Armstrong desligou e esfregou os olhos, tentando afastar o cansaço. Usava um sarongue, que caía bem no seu corpo musculoso.

— Problemas?

Mary abafou um bocejo e se espreguiçou. Tinha apenas quarenta anos, dois anos menos que ele. Era rija, de cabelos castanhos, o rosto simpático, embora vincado.

Ele lhe contou, observando-a.

— Oh! — O rosto dela ficara sem cor. — Que terrível! Oh, que terrível! Pobre John!

— Vou fazer o chá — falou Armstrong.

— Não, não, deixe que eu faço. — Saltou da cama, o corpo firme. — Vai ter tempo de tomá-lo?

— Só uma xícara. Ouça só a chuva... estava mais do que na hora! — Pensativo, Armstrong foi para o banheiro, barbeou-se e vestiu-se rapidamente, como só um policial e um médico sabem fazer. Dois goles do chá quente e doce, e pouco antes de morder a torrada a campainha tocou. — Ligo para você mais tarde. Que tal um curry hoje à noite? Podemos ir ao Singh's.

— Está bem — respondeu ela —, está bem, se você quiser.

A porta se fechou atrás dele.

Mary Armstrong ficou olhando para a porta. "Amanhã faremos quinze anos de casados", pensou. "Será que ele vai se lembrar? Provavelmente não. Em catorze anos, oito vezes ele estava trabalhando num caso, uma vez eu estava no hospital, e o resto... bem, o resto foi tudo bem, imagino. "

Foi até a janela e afastou as cortinas. Torrentes de chuva manchavam as vidraças, à meia-luz, mas agora estava fresco e agradável. O apartamento tinha dois dormitórios, e os móveis eram deles, embora o apartamento pertencesse ao governo.

"Pombas, que emprego!

"É um nojo ser mulher de um policial. Você passa a vida esperando que ele volte para casa, esperando que algum maldito bandido o apunhale, atire nele ou o machuque... na maioria das noites, você dorme sozinha, ou é acordada nas horas mais estranhas, com mais desgraças, e lá se vai ele de novo. Mal pago, e com excesso de trabalho. Ou então vai ao Clube da Polícia e fica sentada com as outras mulheres, enquanto os homens tomam um porre, e você permuta mentiras com as mulheres, e bebe gim demais. Pelo menos, elas têm filhos.

"Filhos! Ah, Deus... como queria que tivéssemos filhos!

"Mas, afinal, a maioria das mulheres vive se queixando de como estão cansadas, de como as crianças são exaustivas, das amahs, dos colégios, das despesas... e de tudo. Mas que diabo significa essa vida? Que maldito desperdício! Que absoluto desesper..."

O telefone tocou.

— Cale a bocal — berrou, depois riu nervosamente. — Mary, Mary, mas que mau gênio! — repreendeu a si mesma e atendeu: — Alô?

— Mary, é Brian Kwok. Desculpe acordá-la, mas o Rob...

— Oh, alô, querido. Não, desculpe, ele acaba de sair. Algo a ver com os Lobisomens.

— É, eu também soube, e foi por isso que liguei. Ele foi para Sha Tin?

— Foi. Você também vai?

— Não. Estou com o Velho.

— Pobrezinho!

Ouviu a risada dele. Bateram papo por mais um momento, depois ele desligou.

Ela soltou um suspiro, serviu-se de outra xícara de chá, adicionou leite e açúcar, e pensou em John Chen. Houve uma época em que fora loucamente apaixonada por ele. Os dois tinham sido amantes por mais de dois anos, e ele fora o seu primeiro homem. Tudo acontecera no campo japonês de prisioneiros de guerra da Prisão Stanley, na parte sul da ilha.

Em 1940, ela passara com distinção no concurso para o funcionalismo público, na Inglaterra, e depois de alguns meses fora enviada para Hong Kong, por mar. Chegara no fim de 1941, com dezenove anos, bem a tempo de ser internada, junto com todos os civis europeus, no campo de prisioneiros, onde permaneceu até 1945.

"Eu tinha vinte e dois anos quando saí de lá, e nos dois últimos anos fomos amantes, John e eu. Pobre John, atormentado constantemente pelo pai nojento, e a mãe doente, sem meio de fugir a eles, e quase sem privacidade no campo, confinado com famílias, crianças, bebês, maridos, mulheres, ódio, fome, inveja e muito pouco riso, todos aqueles anos. Amá-lo tornou o campo suportável.

"Não quero pensar naqueles tempos horríveis.

"Ou naquela época horrível, depois do campo, em que ele se casou com a escolhida do pai, uma sujeitinha nojenta, mas com dinheiro, influência e ligações familiares em Hong Kong. Eu não tinha nada disso. Devia ter ido para casa, mas não queria ir para casa... o que havia lá a me esperar? Então fiquei e trabalhei na Secretaria Colonial e me diverti bastante. E então conheci Robert.

"Ah, Robert. Você foi um bom homem, bom para mim. Nós nos divertimos, e fui boa mulher para você, ainda tento ser. Mas não posso ter filhos, e você... nós dois queremos filhos. Certo dia, há alguns anos, você descobriu sobre John Chen. Nunca me perguntou sobre ele, mas sei que você sabe, e desde então você o odiou. Tudo aconteceu muito antes de eu conhecer você, e você sabia sobre o campo, mas não sobre o meu amante. Lembra-se de que, antes de nos casarmos, quando lhe perguntei: 'Quer saber do passado, meu querido?', você respondeu: 'Não, minha velha'?

"Você costumava me chamar de 'minha velha' o tempo todo. Agora, não me chama de nada. Apenas Mary, às vezes.

"Pobre Robert!

"Como devo tê-lo desapontado!

"Pobre John, como você me desapontou! No passado tão belo, agora tão morto!

"Queria estar morta, também. "

Começou a chorar.

40

7h15m

— Vai continuar a chover, Aleksei — disse Dunross, a pista já encharcada, o dia escuro e nublado.

— Concordo, tai-pan. Se chover amanhã também, mesmo que seja um pouco, a coisa vai ser feia no sábado.

— O que acha, Jacques?

— Concordo — disse De Ville. — Graças a Deus pela chuva. Mas, merde, seria uma pena se as corridas fossem canceladas.

Dunross concordou.

Estavam de pé na grama perto do círculo do vencedor no Hipódromo Happy Valley, os três vestindo capas de chuva e chapéu. O rosto de Dunross exibia um vergão feio, e equimoses, mas seus olhos estavam firmes e desanuviados. Postava-se com uma confiança serena, fitando o toldo de nuvens, a chuva ainda caindo, mas sem a mesma força da noite anterior. Outros treinadores, donos de cavalos e curiosos, espalhavam-se pelo paddock e pelas tribunas, igualmente pensativos. Alguns cavalos estavam sendo exercitados, entre eles Noble Star, Buccaneer Lass, montada por um cavaleiro, e o Pilot Fish de Gornt. Todos os cavalos estavam sendo exercitados com muito cuidado, com a rédea bem curta: a pista e o caminho que levava à pista estavam muito escorregadios. Mas Pilot Fish estava saltitante, curtindo a chuva.

— O boletim meteorológico da manhã informou que o temporal vai ser imenso. — Os olhos pretos de Travkin, vermelhos de cansaço, observavam Dunross. — Se a chuva parar amanhã, a pista ainda vai estar mole no sábado.

— Isso vai ajudar ou atrapalhar as chances de Noble Star, Aleksei? — perguntou Jacques.

— Deus é quem sabe, Jacques. Ela nunca correu em pista molhada.

Travkin não conseguia concentrar-se. Na noite anterior o telefone tocara. De novo o estranho do KGB, que interrompera grosseiramente as suas perguntas quando ele quisera saber por que sumira tão repentinamente.

— Não é privilégio seu fazer perguntas, príncipe de Kurgan. Basta contar-me tudo o que sabe sobre Dunross. Agora. Tudo. Seus hábitos, boatos a seu respeito, tudo.

Travkin obedecera. Sabia que estava numa camisa de onze varas, sabia que o estranho devia ser do KGB e estaria gravando tudo o que ele dizia, para verificar a veracidade de suas palavras, a mais leve variação da verdade significando talvez um dobre de finados para a mulher, ou o filho, ou a mulher do filho, ou os filhos do filho... se é que realmente existiam.

E existiam?, perguntou-se agoniado, mais uma vez.

— O que há, Aleksei?

— Nada, tai-pan — respondeu Travkin, sentindo-se sujo. — Estava pensando no que o senhor passou, ontem à noite. — As notícias do incêndio em Aberdeen tinham inundado os meios de comunicação, especialmente o testemunho ocular impressionante de Vênus Poon, que fora o foco de todos os noticiários. — Terrível sobre os outros, não é?

— É. — Até aquele momento, o total de mortos conhecido era de quinze queimados e afogados, inclusive duas crianças. — Vai levar dias para se descobrir realmente quantos se perderam.

— Terrível! — manifestou-se Jacques. — Quando ouvi a notícia... se Susanne estivesse aqui, teríamos ficado presos no incêndio. Ela... como a vida é curiosa, às vezes!

— Maldito convite ao incêndio! Nunca me dei conta disso antes — falou Dunross. — Todos nós já comemos lá dúzias de vezes... vou falar ao governador logo mais sobre todos esses restaurantes flutuantes.

— Mas o senhor está bem, pessoalmente? — perguntou Travkin.

— Ah, estou, sem problemas. — Dunross sorriu sombriamente. — A não ser que todos peguemos crupe por termos nadado naquela cloaca.

Quando o Dragão Flutuante subitamente emborcara, Dunross, Gornt e Peter Marlowe estavam na água, bem embaixo do barco. O megafone da lancha da polícia berrara um aviso desesperado, e todos começaram a nadar alucinadamente. Dunross nadava muito bem, e ele e Gornt conseguiram se livrar, embora a água os sugasse para trás. Quando sua cabeça submergiu, ele viu o escaler quase cheio ser arrastado para o redemoinho, e emborcar, e percebeu que Marlowe estava em apuros. Deixou-se ir com a torrente que remoinhava quando o navio afundou de lado, e atirou-se sobre Marlowe. Os dedos dele pegaram a camisa do outro, e eles remoinharam juntos por um momento, arrastados alguns metros

para o fundo, batendo contra o convés. O golpe quase o atordoou, mas não largou Marlowe, e quando o repuxo diminuiu, subiu à superfície. Marlowe agradeceu com voz ofegante e nadou em direção a Fleur, que se agarrava com outras pessoas ao escaler virado. À sua volta havia o caos, gente sufocando, afogando-se e sendo salva pelos marujos e por outros homens. Dunross viu Casey mergulhar no encalço de alguém. Gornt não estava à vista. Bartlett veio à tona com Christian Toxe e saiu à cata de um salva-vidas. Certificou-se de que Toxe estivesse firmemente agarrado à bóia antes de gritar para Dunross:

— Acho que Gornt foi tragado, e havia uma mulher... Depois, mergulhou de novo.

Dunross olhou ao seu redor. O Dragão Flutuante agora estava quase completamente deitado de lado. Sentiu uma ligeira explosão submarina, e a água ferveu à sua volta, por um momento. Casey subiu para tomar ar, encheu os pulmões e voltou para baixo d'água. Dunross também mergulhou. Era quase impossível enxergar, mas ele foi Tateando ao longo do convés superior, que agora estava quase vertical, dentro d'água. Nadou ao redor do navio sinistrado, procurando. Permaneceu embaixo d'água o máximo que agüentou, depois subiu à tona com cuidado, pois havia muitos nadadores se debatendo por ali. Toxe estava vomitando água do mar, agarrado precariamente à bóia. Dunross nadou até junto dele e o arrastou na direção de um marinheiro, pois sabia que ele não sabia nadar.

— Agüente firme, Christian... tudo bem, agora. Toxe tentava desesperadamente falar, em meio às ânsias de vômito:

— Minha... minha mulher... ela está lá embaixo... lá embaixo... lá...

O marinheiro chegou junto deles.

— Já o peguei, senhor. Tudo bem?

— Sim... sim... ele disse que a mulher dele foi tragada.

— Meu Deus! Eu não vi ninguém... vou buscar ajuda!

O marujo se virou e berrou para a lancha da polícia, pedindo ajuda. Imediatamente vários marujos mergulharam e começaram a procurar. Dunross procurou Gornt, sem achá-lo. Casey veio à tona, ofegante, e agarrou-se ao escaler emborcado para recobrar o fôlego.

— Está bem?

— Sim... sim... graças a Deus você está bem... — falou ela, a voz ofegante, o peito arfante. — Há uma mulher lá embaixo, acho que é chinesa, eu a vi sendo tragada.

— Viu Gornt?

— Não... Talvez esteja...

Ela indicou a lancha. Havia gente subindo pela escada do costado, mais gente encolhida no convés. Bartlett veio à tona por um instante, depois mergulhou de novo. Casey tomou ar novamente e deslizou para as profundezas. Dunross a seguiu, ligeiramente à sua direita.

Os três procuraram até que todos os demais estivessem a salvo na lancha ou nas sampanas. Não conseguiram encontrar a mulher.

Quando Dunross chegou a casa, Penelope estava profundamente adormecida. Acordou momentaneamente.

— Ian?

— É. Durma de novo, querida.

— Divertiu-se? — perguntou ela, sem estar realmente desperta.

— Sim, durma de novo.

Naquela manhã, uma hora antes, ele não a acordara quando saíra da Casa Grande.

— Ouviu dizer que Gornt se salvou, Aleksei? — perguntou.

— Ouvi, sim, tai-pan. Foi a vontade de Deus.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, depois do que houve ontem na Bolsa, teria sido muito conveniente que não tivesse se salvado.

Dunross abriu um sorriso e esticou-se para aliviar uma dor na coluna.

— Ah, mas nesse caso eu teria ficado muito chateado, muito chateado mesmo, pois não teria o prazer de aniquilar a Rothwell-Gornt pessoalmente, não é?

— É espantoso que não tenha morrido mais gente — comentou De Ville após uma pausa.

Ficaram vendo Pilot Fish passar por eles num meio galope, parecendo ótimo. Os olhos de De Ville correram o hipódromo.

— É verdade que Bartlett salvou a mulher de Peter Marlowe?
— quis saber Travkin.

— Saltou com ela. É. Tanto Linc quanto Casey fizeram um belo trabalho. Maravilhoso.

— Quer me dar licença, tai-pan? — Jacques de Ville fez um gesto de cabeça na direção das tribunas. — Lá está Jason Plumm. Devo jogar bridge com ele hoje à noite.

— Vejo você na hora das preces, Jacques. — Dunross sorriu para ele, e De Ville se afastou. Dunross soltou um suspiro, triste pelo amigo. — Vou para o escritório, Aleksei. Ligue para mim às seis.

— Tai-pan...

— Sim?

Travkin hesitou. Depois falou, simplesmente:

— Só queria que soubesse... que eu o admiro imensamente.

Dunross ficou intrigado com o gesto inesperado, e com a melancolia curiosa e sem disfarce que emanava do outro homem.

— Obrigado — disse, com carinho, e bateu no ombro do outro. Nunca anteriormente havia tocado nele como amigo. — Você também não é nada mau.

Travkin ficou olhando enquanto ele se afastava, sentindo uma dor no peito, lágrimas de vergonha misturando-se à chuva. Enxugou o rosto com as costas da mão, e voltou a observar Noble Star, tentando concentrar-se.

Na periferia da sua visão, viu alguém e se virou, espantado. O homem do KGB estava num canto das tribunas, e outro homem vinha reunir-se a ele. O homem era velho e curtido pelo tempo, e muito conhecido como apostador em Hong Kong. Travkin procurou lembrar-se do nome. Clinker. Era isso! Clinker!

Estupefato, fitou-os por um momento. Jason Plumm estava nas tribunas, logo atrás do homem do KGB, e ele viu Plumm levantar-se para retribuir o aceno de Jacques de Ville, depois descer os degraus para ir ao seu encontro. Nesse momento o homem do KGB olhou na sua direção, e ele se virou cautelosamente, tentando não ser muito brusco de novo. O homem levou o binóculo aos olhos, e Travkin não sabia se fora notado ou não. Ficou arrepiado ao imaginar aquele binóculo potente focalizado na sua pessoa. "Será

que o homem conhece leitura labial?", pensou, aterrorizado. "Jesus, Maria e José, graças a Deus não contei a verdade ao tai-pan. "

Seu coração batia dolorosamente, e sentia-se nauseado. Um raio cortou o céu, no oriente. A chuva fazia poças no concreto e na parte inferior e descoberta das tribunas. Tentou acalmar-se e olhou ao seu redor, impotente, sem saber o que fazer, desejando muito saber quem era o homem do KGB. Distraidamente, notou que Pilot Fish estava terminando o seu treino em excelente forma. Atrás dele, Richard Kwang conversava animadamente com um grupo de outros chineses que ele não conhecia. Linbar Struan e Andrew Gavallan apoiavam-se nas grades com o americano Rosemont e outros do consulado, que conhecia de vista. Todos observavam os cavalos, indiferentes à chuva. Perto do vestiário, abrigado, Donald McBride conversava com outros administradores, Sir Shi-teh T'Chung, Pugmire e Roger Crosse entre eles. Viu McBride olhar para o lado de Dunross, acenar e pedir-lhe que se reunisse a eles. Brian Kwok esperava por Roger Crosse, um pouco afastado dos administradores. Travkin conhecia os dois, mas não sabia que pertenciam ao sei.

Involuntariamente, seus pés começaram a impulsioná-lo na direção deles. O gosto amargo de bile subiu-lhe à boca. Dominou o impulso de correr até eles e contar-lhes toda a verdade. Ao invés disso, falou para o seu principal ma-foo:

— Mande os nossos cavalos para casa. Todos eles. Certifique-se de que estejam secos antes de alimentá-los.

— Sim, senhor.

Desanimado, Travkin foi se arrastando para o vestiário. Pelo canto dos olhos, viu que o homem do KGB focalizava-o com o binóculo. A chuva escorreu pelo seu pescoço, misturando-se ao suor provocado pelo medo.

— Ah, Ian, estávamos pensando que, se chover amanhã, é melhor cancelarmos a corrida. Digamos amanhã às seis da tarde — disse McBride. — Concorda?

— Não, para falar a verdade, não concordo. Sugiro que tomemos a decisão final às dez horas de sábado.

— Não é um pouco tarde, meu chapa? — perguntou Pugmire.

— Não, se os administradores alertarem o pessoal do rádio e da TV. Vai aumentar a animação. Especialmente se vocês derem a notícia hoje.

— Boa idéia — disse Crosse.

— Então, está resolvido — disse Dunross. — Mais alguma coisa?

— Não acha... é por causa da pista — disse McBride. — Não queremos estragá-la.

— Concordo inteiramente, Donald. Tomaremos a decisão final no sábado às dez. Todos a favor? — Não houve votos contrários. — Ótimo! Nada mais? Lamento, mas tenho uma reunião daqui a meia hora.

— Ah, tai-pan, lamento muito o que houve ontem... foi terrível — disse Shi-teh, constrangido.

— É. Shitee, quando nos reunirmos com o governador no conselho ao meio-dia, devemos sugerir que implante regulamentos contra incêndio novos e muito severos em Aberdeen.

— De acordo — falou Crosse. — É um milagre que mais gente não tenha morrido.

— Está falando em fechar os restaurantes, meu chapa?

— Pugmire estava chocado. Sua companhia tinha participação em dois deles. — Isso prejudicaria demais o turismo. Não dá para se colocar mais saídas... Teria que se começar do zero! Dunross voltou a olhar para Shi-teh.

— Por que não sugere ao governador que ordene que todas as cozinhas sejam instaladas imediatamente em barcaças que possam ser atracadas ao lado do navio-mãe? Carros de bombeiro poderiam ficar por perto até que todas as alterações tenham sido feitas. O custo seria modesto, haveria facilidade de operação, e o risco de incêndio seria eliminado de uma vez por todas.

Eles o fitaram. Shi-teh abriu um amplo sorriso.

— Ian, você é um gênio!

— Não. Só lamento que não tenhamos pensado nisso antes. Nunca me ocorreu. Foi uma pena a morte do Zep... e da mulher do Christian, não é? Já acharam o corpo dela?

— Acho que não.

— Sabe lá Deus quantos outros se foram! Os deputados se salvaram, Pug?

— Sim, meu velho. Exceto Sir Charles Pennyworth. O pobre coitado esmagou a cabeça contra uma sampana, quando caiu.

Dunross ficou chocado.

— Simpatizei com ele! Mas que azar desgraçado!

— Dois outros deputados estiveram perto de mim, a certa altura. Aquele filho da mãe radical, como se chama? Grey? Ah, sim, Grey, é isso. E o outro, o maldito cretino socialista, Broadhurst. Achei que os dois até que se comportaram muito bem.

— Ouvi dizer que o seu Superfoods também escapou, Pug. O nosso "Chame-me Chuck" não foi o primeiro a chegar a terra?

Pugmire deu de ombros, sem jeito.

— Não sei dizer. — Depois, abriu um sorriso. — Eu... ouvi dizer que Casey e Bartlett fizeram um belo trabalho, não foi? Quem sabe não deviam receber uma medalha?

— Por que não o sugere? — falou Dunross, ansioso por partir.
— Se houver mais alguma coisa...

Crosse falou:

— Ian, se eu fosse você, tomaria uma vacina. Deve haver micróbios naquela baía que ainda nem foram inventados.

Todos riram junto com ele.

— Para falar a verdade, fiz mais do que isso. Depois que saímos da água, agarrei Linc Bartlett e Casey, e nos mandamos para o dr. Tooley. — Dunross sorriu de leve. — Quando lhe contei que estivéramos nadando na baía de Aberdeen, ele quase teve um derrame. "Bebam isso", disse, e, como um bando de cretinos, nós bebemos; antes de nos darmos conta do que acontecia, estávamos vomitando até as tripas. Se eu tivesse alguma força sobrando, teria dado um soco nele, mas estávamos todos de quatro, procurando a privada, feito uns alucinados. Depois, Casey começou a rir, por entre as ânsias de vômito, e logo estávamos rolando de rir no chão! — Acrescentou, com tristeza fingida: — Depois, antes de nos darmos conta do que estava acontecendo, o velho doutor enfiou comprimidos aos montes pela nossa goela abaixo, até que Bartlett disse "Pela madrugada, doutor, agora só falta um supositório para completar o serviço!" Eles riram de novo.

— É verdade sobre Casey? Que se despiu e mergulhou como se fosse uma campeã olímpica? — perguntou Pugmire.

— Melhor ainda! E nuazinha em pêlo, meu velho — exagerou Dunross. — Como a Vênus de Milo! Provavelmente o melhor... de tudo... que já vi.

— É? — comentaram eles, de olhos saltados.

— É.

— Meu Deus, mas nadar na baía de Aberdeen! Naquele esgoto! — falou McBride, as sobrancelhas erguidas. — Se vocês sobreviverem vai ser um milagre!

— O dr. Tooley disse que o mínimo que teremos será gastroenterite, disenteria ou a peste. — Dunross revirou os olhos. — Bem, para morrer basta estar vivo. Alguma coisa mais?

— Tai-pan — disse Shi-teh. — Eu... espero que não se incomode, mas... bem... gostaria de dar início a um fundo beneficente para as famílias das vítimas.

— Boa idéia! O Turf Club também devia contribuir. Donald, quer procurar os outros administradores hoje, e obter a aprovação deles? Que tal cem mil?

— É um pouco generoso demais, não é? — comentou Pugmire.

Dunross empinou o queixo.

— Não. Vamos contribuir com cento e cinqüenta mil, então. A Casa Nobre contribuirá com a mesma quantia. — Pugmire ruborizou-se. Ninguém disse nada. — Reunião encerrada? Ótimo. Bom dia.

Dunross ergueu o chapéu polidamente, e afastou-se.

— Com licença um momento! — Crosse fez sinal a Brian Kwok para segui-lo. — Ian!

— Sim, Roger?

Quando Crosse chegou junto de Dunross, falou suave-

— Ian, está confirmada a chegada de Sindors no vôo da boac de manhã. Iremos do aeroporto direto para o banco, se for conveniente.

— O governador também estará presente?

— Pedirei a ele que vá. Devemos estar lá por volta das seis.

— Se o avião chegar no horário — disse Dunross, sorrindo.

— Já conseguiu a liberação formal do Eastern Cloud?

— Já, obrigado. Recebi a notícia por telex ontem, de Delhi. Mandei que ele voltasse para cá, imediatamente, e zarpou com a maré. Brian, lembra-se da aposta que você queria fazer... aquela sobre Casey? Sobre os peitos dela... cinqüenta dólares contra uma moeda de cobre que são os melhores em Hong Kong?

Brian Kwok enrubesceu, cômico do olhar gélido de Crosse.

— Bem... lembro, sim, por quê?

— Não sei se são os melhores, mas como o julgamento de Paris, você teria um problema e tanto se... eles fossem realmente avaliados!

— Então é verdade que ela estava pelada?

— A própria Lady Godiva em ação de salvamento. — Dunross despediu-se com um gesto de cabeça amável e foi saindo, dizendo: — Até amanhã.

Os dois ficaram olhando enquanto ele se afastava. À saída, um agente do sei esperava para acompanhá-lo.

— Ele está tramando alguma coisa — disse Crosse.

— Concordo, senhor.

Crosse desviou os olhos de Dunross e olhou para Brian Kwok.

— Você costuma fazer apostas sobre as glândulas mamárias de uma senhora?

— Não, senhor. Sinto muito, senhor.

— Ótimo. Felizmente, as mulheres não são as únicas fontes de beleza, são?

— Não, senhor.

— Existem os cães de caça, os quadros, a música, até mesmo uma boa bolada, não é?

— É, sim, senhor.

— Espere aqui, por favor — falou Crosse, voltando para junto dos outros administradores.

Brian Kwok soltou um suspiro. Estava entediado e cansado. A equipe de homens-rãs havia se encontrado com ele em

Aberdeen, e embora ele houvesse sabido quase imediatamente que Dunross estava a salvo, e já tinha até ido para casa, tivera que passar metade da noite ajudando a organizar a busca dos corpos. Fora uma tarefa lúgubre. Então, quando estava prestes a ir para casa, Crosse ligara para ele, mandando que estivesse em Happy Valley ao alvorecer. Portanto, não havia por que ir dormir. Ao invés disso, fora ao Restaurante Para e ficara olhando com cara feia para os tríades e para Ko Um Pé Só.

Agora observava Dunross. "O que aquele sacana guarda no mais íntimo da sua mente?", perguntou-se, sentindo uma pontada de inveja. "O que eu não faria com o poder e o dinheiro dele!"

Viu Dunross mudar de direção, indo para a tribuna mais próxima. Depois notou Adryon sentada ao lado de Martin Haply, ambos fitando os cavalos, sem perceber a presença de Dunross. "Dew neh loh moh", pensou, surpreso. "Curioso, esses dois estarem juntos. Puxa, mas que beldade! Graças a Deus não sou o pai daquela garota. Ficaria doido."

Crosse e os outros também haviam notado Adryon e Martin Haply, com espanto.

— O que aquele filho da mãe está fazendo com a filha do tai-pan? — perguntou Pugmire, com azedume.

— Boa coisa não pode ser — disse alguém.

— Aquele desgraçado só cria problemas! — resmungou Pugmire, e os outros concordaram. — Não sei por que o Toxe não o despede!

— O cretino é socialista, esse é o motivo! Também devia ser dispensado.

— Ora, corta essa, Pug! Toxe é legal... assim como alguns socialistas — disse Shi-teh. — Mas ele devia despedir o Haply. Seria melhor para todos nós!

Todos eles haviam sido alvo dos ataques de Haply. Algumas semanas antes, ele escrevera uma série de artigos reveladores e mordazes sobre algumas das transações comerciais de Shi-teh dentro do seu imenso conglomerado de companhias, e insinuara que todo tipo de contribuições dúbias estavam sendo feitas para diversos VIPS no governo de Hong Kong, em troca de favores.

— Concordo — disse Pugmire, cheio de ódio por ele, também. Haply, com a sua precisão, relatara os detalhes particulares da próxima fusão de Pugmire com a Superfoods, e deixara bem evidente que Pugmire lucraria bem mais do que seus acionistas da General Stores, que mal haviam sido consultados quanto aos termos da fusão. — Filho da mãe safado! Gostaria de saber onde obtém suas informações.

— É curioso que Haply esteja com ela — disse Crosse, observando os lábios deles, esperando que falassem. — A única grande companhia que ainda não atacou é a Struan.

— Acha que agora é a vez da Struan, e que Haply está tentando extrair informações de Adryon? — perguntou um dos outros. — Mas seria fantástico!

Excitados, ficaram olhando enquanto Dunross entrava nas tribunas, ainda sem ter sido notado pelos dois jovens.

— Talvez o Ian vá surrá-lo como surrou aquele outro filho da mãe — comentou Pugmire, alegremente.

— Hem? — disse Shi-teh. — Quem? Que história é essa?

— Ora, pensei que você soubesse. Faz uns dois anos um jovem executivo do Vic recém-chegado da Inglaterra começou a

perseguir Adryon. Ela tinha dezesseis, talvez dezessete anos... ele tinha vinte e dois. Era como uma casa, maior do que o Ian, e se chamava Byron. Pensava que era lorde Byron no ataque, e montou uma campanha. A pobre garota ficou fascinada. Ian advertiu-o uma última vez. O safado continuava a procurá-la. Então Ian convidou-o para ir ao seu ginásio em Shek-O, calçou luvas de boxe (sabia que o cretino se considerava um boxeador) e deu-lhe uma surra em regra. — Os outros acharam graça. — Até o final da semana o banco o dispensara.

— Você assistiu à luta? — perguntou Shi-teh.

— Claro que não. Estavam a sós, é claro, mas o infeliz ficou num estado lastimável. Não gostaria de me opor ao tai-pan... não quando está irritado.

Shi-teh voltou a olhar para Dunross.

— Quem sabe não fará o mesmo com aquele cretino? — falou, satisfeito.

Todos ficaram olhando, esperançosos. Crosse afastou-se com Brian Kwok, chegando mais para perto.

Dunross agora subia correndo os degraus das tribunas, com sua força serena, e parou ao lado deles.

— Alô, querida, acordou cedo — falou.

— Oh, alô, papai — disse Adryon, espantada. — Não o tinha vis... O que houve com o seu rosto?

— Bati na traseira de um ônibus. Bom dia, Haply.

— Bom dia, senhor.

Haply fez menção de se levantar, mas voltou a se sentar.

— Um ônibus? — falou ela, e então, subitamente: — Amassou o Jaguar? Foi multado? — perguntou, esperançosa, tendo sido já multada três vezes naquele ano.

— Não. Acordou cedo, não foi? — falou, sentando-se ao lado dela.

— Para falar a verdade, ainda nem dormi. Passamos a noite toda acordados.

— Ah, é? — Guardou as quarenta e oito perguntas imediatas que vieram à sua mente, e comentou: — Deve estar cansada.

— Não, para falar a verdade, não estou.

— Estão comemorando alguma coisa?

— Não, na verdade o problema é o pobre Martin.

Colocou a mão meigamente no ombro do rapaz. Com esforço, Dunross manteve o sorriso tão meigo quanto a mão dela. Depois, virou-se para o jovem canadense:

— O que está havendo?

Haply hesitou, depois contou-lhe o que acontecera no jornal, quando o editor telefonara e Christian Toxe mandara que ele suspendesse a sua série de artigos sobre os boatos.

— O filho da mãe nos vendeu. Permitiu que o editor nos censurasse. Sei que estou certo. Sei que estou certo.

— Como? — indagou Dunross, pensando "Mas que filho da mãe insensível você é!"

— Desculpe, não posso revelar minha fonte.

— Não pode mesmo, papai, estaria violando a liberdade de imprensa — disse Adryon, na defensiva.

Haply mantinha os punhos cerrados. Depois, distraidamente, pôs a mão no joelho de Adryon. Ela a cobriu com a sua própria mão.

— O Ho-Pak está sendo enfiado na terra por nada.

— Por quê?

— Não sei. Mas Gor... mas há tai-pans por trás do ataque, e isso não tem sentido.

— Gornt está por trás disso? — perguntou Dunross, franzindo o cenho ante a nova idéia.

— Eu não falei Gornt, senhor, não falei mesmo.

— Ele não falou, papai — disse Adryon. — O que Martin deve fazer? Deve se demitir ou engolir o orgulho e...

— Isso eu não posso fazer, Adryon — disse Martin Haply.

— Deixe meu pai falar, ele saberá o que você deve fazer. Dunross viu que ela voltava para ele seus lindos olhos, e sentiu uma emoção ante a sua confiança inocente que nunca sentira antes.

— Duas coisas: primeiro, volte para o jornal imediatamente. Christian vai precisar de toda a ajuda que puder obter, segundo, vo...

— Ajuda?

— Não soube o que houve com a mulher dele?

— O que foi?

— Não sabe que está morta?

Eles o fitaram, assustados. Rapidamente, contou-lhes sobre Aberdeen. Os dois ficaram chocados, e Haply gaguejou:

— Meu Deus, nós... não ouvimos rádio, nem nada... estávamos apenas dançando e conversando... — Pôs-se de pé num salto, e começou a se retirar, depois voltou: — É... é melhor eu ir logo para lá. Meu Deus!

Adryon também se levantara.

— Deixo você lá.

— Haply — disse Dunross —, peça ao Christian para enfatizar em **negrito** que qualquer pessoa que submergiu ou nadou naquelas águas deve procurar com urgência o seu médico... é muito importante.

— Entendido!

— Papai, você foi consultar o dr. Too... — perguntou Adryon, ansiosa.

— Claro que sim — disse Dunross. — Estou limpo por dentro e por fora. Vão andando!

— Qual era a segunda coisa, tai-pan? — perguntou Haply.

— A segunda é que você deve se lembrar de que o dinheiro é do editor. O jornal é dele, e ele pode fazer o que bem entender. Mas os editores podem ser persuadidos. Eu me pergunto, por exemplo, quem entrou em contato com ele, ou com ela, e por que eles concordaram em ligar para o Christian... se você tem tanta certeza de que sua história é verdadeira.

Subitamente, Haply abriu um amplo sorriso.

— Vamos, meu bem — falou, e gritou os seus agradecimentos. Saíram correndo de mãos dadas.

Dunross ficou sentado nas tribunas, por um momento. Soltou um profundo suspiro, depois se levantou e foi embora.

Roger Crosse e Brian Kwok estavam ocultos junto ao vestiário dos jóqueis. Crosse fizera a leitura labial da conversa do tai-pan. Observou enquanto ele se afastava, seguido pelo guarda do sei.

— Não há motivo para perdermos mais tempo aqui, Brian. Vamos indo. — Dirigiu-se para a saída mais afastada. — Será que Robert achou alguma coisa em Sha Tin?

— Aqueles malditos Lobisomens vão ficar numa boa. Hong Kong inteira vai morrer de medo. Aposto que nós... — Brian Kwok se deteve, subitamente. — Senhor! Olhe! — Indicou com um gesto de cabeça as tribunas, tendo percebido Suslev e Clinker no meio dos grupos dispersos que olhavam os cavalos, protegidos da chuva. — Não imaginei que ele já estaria acordado!

Os olhos de Crosse se estreitaram.

— É curioso. — Hesitou, depois mudou de direção, observando atentamente os lábios deles. — Já que ele nos honrou com a sua presença, é melhor batermos um papinho. Ah... já nos viram. Clinker não gosta nem um pouquinho de nós.

Vagarosamente, caminhou para as arquibancadas, Kwok atrás.

O russo grandão armou um sorriso, pegou um frasco fino e tomou um gole. Ofereceu-o a Clinker.

— Não, obrigado, companheiro, só tomo cerveja. — Os olhos frios de Clinker estavam pousados nos policiais que se aproximavam. — O ambiente está meio esnobe, não está? — falou em voz alta.

— Bom dia, Clinker — disse Crosse, com igual frieza. Depois, sorriu para Suslev. — Bom dia, comandante. Diazinho horrível, não é?

— Estamos vivos, továrich. Como o dia pode ser horrível, hem? — Suslev estava cheio de bonomia exterior, continuando a representar o seu papel de boa-praça. — Vai haver corrida no sábado, superintendente?

— Provavelmente. A decisão final será tomada no sábado de manhã. Quanto tempo vai ficar atracado aqui?

— Não muito, superintendente. Os reparos do timão são feitos com certo vagar.

— Não com vagar demasiado, espero. Ficamos muito nervosos se os nossos convidados importantes ancorados não são atendidos com toda a presteza. — A voz de Crosse era viva. — Falarei com o mestre do porto.

— Obrigado, é... muita gentileza da sua parte. E foi gentileza do seu departamento... — Suslev hesitou, depois virou-se para Clinker. — Amigão, importa-se de nos deixar a sós um instante?

— Nem um pouco — falou Clinker. — Os meganhas me deixam nervoso. — Brian Kwok olhou para ele. Clinker devolveu-lhe o olhar, sem medo, — Estou no meu carro.

Afastou-se.

A voz de Suslev endureceu.

— Foi gentileza do seu departamento devolver o corpo do nosso pobre camarada Voranski. Já achou os assassinos?

— Infelizmente, não. Podiam ser mercenários... de qualquer ponto da bússola. Naturalmente, se ele não tivesse se esgueirado para terra misteriosamente, ainda seria um operador útil do... do departamento a que servia.

— Era apenas um marujo, e um bom homem. Pensei que Hong Kong fosse um lugar seguro.

__ Passou adiante as fotos dos assassinos e a informação sobre o telefonema deles para os seus superiores do KGB?

— Não sou do KGB, dane-se o KGB! É, a informação foi passada adiante... pelo meu superior — disse Suslev, irritado.

__ Sabe como é, superintendente. Mas, pelo amor de Deus,

Voranski era um bom homem, e seus assassinos precisam ser apanhados.

— Logo os encontraremos — disse Crosse, serenamente.

— Sabia que Voranski era na realidade o major Iúri Bakian, do Primeiro Diretório, Departamento 6, KGB?

Viram o choque estampado no rosto de Suslev.

— Ele era... apenas um amigo, para mim, e vinha conosco de vez em quando.

— Quem organiza isso, comandante? — perguntou Crosse. Suslev olhou para Brian Kwok, que lhe devolveu o olhar com antipatia sem disfarces.

— Por que está com tanta raiva? O que lhe fiz?

— Por que o império russo é tão ganancioso, especialmente quando se trata do solo chinês?

— Política! — exclamou Suslev, com azedume, depois acrescentou para Crosse: — Não me meto em política.

— Vocês se metem o tempo todo, seus sacanas! Qual o seu posto no KGB?

— Não tenho nenhum.

— Um pouquinho de cooperação poderia ser de muita utilidade — disse Crosse. — Quem organiza as suas tripulações, comandante Suslev?

Suslev lançou-lhe um olhar. Depois, disse:

— Que tal uma palavrinha em particular?

— Pois não — falou Crosse. — Espere aqui, Brian. Suslev deu as costas a Brian Kwok e foi descendo a escada da saída que levava ao gramado. Crosse foi atrás dele.

— O que acha das chances de Noble Star? — perguntou Suslev, cordialmente.

— Boas. Mas ela nunca correu no molhado.

— Pilot Fish?

— Olhe para ele... veja por si mesmo. Adora o molhado. Será o favorito. Pretende estar aqui no sábado? Suslev apoiou-se na cerca. E sorriu.

— Por que não? Crosse riu baixinho.

— É mesmo, e por que não? — Tinha certeza de que agora estavam realmente a sós. — Você é um bom ator, Grigóri, muito bom.

— Você também, camarada.

— Está se arriscando pra burro, não está? — disse Crosse, os lábios mal se movendo enquanto falava.

— Estou, mas afinal a vida toda é um risco. O Centro ordenou que eu assumisse até que chegue o substituto do Voranski... há muitos contatos e decisões importantíssimos a serem realizados nesta viagem. Um deles, sem dúvida, a Sevrin. E, de qualquer modo, como sabe, é isso o que Arthur queria.

— Às vezes eu me pergunto se ele está sendo sensato.

— Está sendo sensato. — Suslev sorriu, e algumas pequenas rugas se formaram ao redor dos seus olhos. — Oh, sim. Muito sensato. Estou satisfeito em vê-lo. O Centro está muito satisfeito com o seu trabalho. Tenho muito o que lhe contar.

— Quem foi o sacana que "vazou" a Sevrin para A. M. Grant?

— Não sei. Algum desertor. Assim que o descobirmos, será um homem morto.

— Alguém traiçou um grupo do meu pessoal para a RPC. O "vazamento" deve ter vindo do relatório de Alan. Você leu a minha cópia. Quem mais no seu navio leu? Alguém se infiltrou na sua operação aqui!

Suslev empalideceu.

— Vou ordenar uma imediata verificação de segurança. O traidor poderia ter vindo de Londres, ou de Washington.

— Duvido. Não haveria tempo. Acho que veio daqui. E ainda há o caso de Voranski. Há alguém infiltrado na operação de vocês.

— Se a RPC... é, a investigação será feita. Mas quem? Apostaria a minha vida que não há nenhum espião a bordo.

Crosse estava igualmente sombrio.

— Há sempre alguém que pode ser subornado.

— Tem um plano de fuga?

— Vários.

— Tenho ordens de ajudá-lo de todas as maneiras. Quer um beliche no Ivánov?

Crosse hesitou.

— Vou esperar até ler as pastas de A. M. Grant. Seria uma pena, depois de tanto tempo...

— Concordo.

— Para você, é fácil concordar. Se o prenderem, será deportado, e eles lhe pedirão, educadamente, para fazer o favor de não voltar. Eu? Não gostaria de ser apanhado com vida.

— Claro. — Suslev acendeu um cigarro. — Você não será apanhado, Roger. É esperto demais. Tem algo para mim?

— Olhe lá para baixo, junto da cerca. O homem alto.

Com naturalidade, Suslev levou o binóculo aos olhos. Demorou até focalizar o homem indicado, depois olhou para outro lado.

— Aquele é Stanley Rosemont, CIA. Sabe que estão seguindo você?

— Ah, sei. Posso despistá-los, se quiser.

— O homem ao seu lado é Ed Langan, do FBI. O sujeito de barba é Mishauer, do Serviço de Informações da Marinha americana.

— Mishauer? O nome me parece familiar. Tem o dossiê deles?

— Ainda não, mas há um homossexual no consulado que está tendo um caso com o filho de um dos nossos mais destacados advogados chineses. Quando você voltar, na próxima viagem, ele terá o maior prazer em atender ao seu menor desejo.

Suslev deu um sorriso sombrio.

— Ótimo. — Outra vez, com naturalidade, olhou para Rosemont e os outros, cimentando suas fisionomias na memória. — O que ele faz?

— É o subchefe da estação. Pertence à CIA há quinze anos, oss¹, e tudo o mais. Têm mais de doze negócios de fachada aqui, e casas seguras por toda parte. Mandeí uma lista em micropontos para 32.

¹ *Office of Strategic Services, Departamento de Serviços Estratégicos. (N. do E.)*

— Ótimo. O Centro quer que se aumente a vigilância sobre todos os movimentos da CIA.

— Não há problema. Eles são descuidados, e estão se atolando cada vez mais.

— No Vietnam?

— Claro que no Vietnam. Suslev deu uma risadinha abafada.

— Aqueles pobres idiotas não sabem em que fria foram forçados a entrar. Ainda pensam que podem lutar na selva com táticas da Coréia ou da Segunda Guerra Mundial.

— Não são todos idiotas — disse Crosse. — Rosemont é bom, muito bom. A propósito, estão sabendo da base aérea de Iman.

Suslev praguejou baixinho e apoiou-se numa das mãos, mantendo-a com naturalidade junto da boca, para impedir a leitura labial.

— ... Iman e quase tudo sobre Petropavlovsk, a nova base de submarinos em Korsakov, em Sacalina... Suslev soltou outro palavrão.

— Como descobriram?

— Traidores — disse Crosse, com um débil sorriso.

— Por que você é agente duplo, Roger?

— Por que me faz essa pergunta sempre que nos encontramos?

Suslev soltou um suspiro. Recebera ordens específicas para não sondar Crosse e para ajudá-lo de todas as maneiras possíveis. E, embora fosse o controlador de todas as atividades de espionagem do KGB no Extremo Oriente, somente no ano anterior tinham-lhe permitido tomar conhecimento do segredo da identidade de Crosse. Nos arquivos do KGB, Crosse tinha a mais alta classificação secreta, ao nível de um Philby. Mas, nem mesmo Philby sabia que Crosse vinha trabalhando para o KGB durante os últimos sete anos.

— Pergunto porque sou curioso.

— Não recebeu ordens de não ser curioso, camarada?

— Nenhum de nós obedece às ordens o tempo todo, não é?
— disse Suslev, rindo. — Lá no Centro gostaram tanto do seu último relatório, que me mandaram lhe dizer que no dia 15 do mês que

vem será creditada na sua conta da Suíça uma bonificação extra de cinqüenta mil.

— Ótimo. Obrigado. Mas não é uma bonificação, é um pagamento pelos serviços prestados.

— O que o sei sabe sobre a delegação visitante do Parlamento?

Crosse contou-lhe o que já dissera ao governador.

— Por que quer saber?

— Verificação de rotina. Três deles são potencialmente muito influentes: Guthrie, Broadhurst e Grey. — Suslev ofereceu-lhe um cigarro. — Estamos manobrando Grey e Broadhurst para entrarem no nosso Conselho para a Paz Mundial. Seus sentimentos antichineses serão de grande ajuda para nós. Roger, quer pôr alguém na cola de Guthrie? Talvez ele tenha alguns maus hábitos. Se fosse pego com a boca na botija, quem sabe fotografado com uma garota de Wanchai, poderia ser útil mais tarde, não?

— Verei o que posso fazer — concordou Crosse.

— Pode encontrar a escória que assassinou o pobre Voranski?

— Talvez. — Crosse o observava. — Ele já devia estar marcado há algum tempo. E isso é de mau agouro para todos nós.

— Seria gente do Kuomintang? Ou bandidos de Mao?

— Não sei. — Crosse sorriu com sarcasmo. — A Rússia não é muito popular junto a chinês algum.

— É essa a política?

— Os líderes deles são traidores do comunismo. Devemos esmagá-los antes que fiquem fortes demais.

— Desde Genghis Khan. — Suslev riu. — Mas, agora... agora temos que ser pacientes. Você não precisa ser. — Indicou com um gesto do polegar a figura de Brian Kwok. — Por que não desacreditar aquele matieriebiets? Não gosto dele nem um pouquinho.

— O jovem Brian é muito bom. Preciso de gente boa. Informe ao Centro que Sinderson, da MI-6, chega amanhã de Londres para receber os papéis de Alan Medford Grant. Tanto a MI-6 quanto a CIA suspeitam que Alan foi assassinado. Foi?

— Não sei. Devia ter sido, há anos. Como vai obter uma cópia?

— Não sei. Tenho quase certeza de que Sindors deixará que eu leia os documentos antes de voltar.

— E se não deixar? Crosse deu de ombros.

— Nós os leremos, de uma forma ou de outra.

— Dunross?

— Só em último caso. Ele é valioso demais onde está, e prefiro tê-lo sob meus olhos. E quanto ao Travkin?

— Sua informação não tem preço. Tudo foi confirmado. — Suslev contou-lhe o resumo do seu encontro com Travkin, acrescentando: — Agora, ele será nosso cão eternamente. Fará qualquer coisa que quisermos. Qualquer coisa. Acho que até mataria Dunross, se necessário.

— Ótimo. Quanto do que você lhe contou era verdade?

— Não muito — respondeu Suslev, sorrindo.

— A mulher dele está viva?

— Oh, sim, továrich, está viva.

— Mas não na sua própria dacha?

— Agora, está.

— E antes?

Suslev deu de ombros.

— Conte para ele o que me mandaram que contasse.

— O que sabe sobre o Irã? — perguntou Crosse, acendendo um cigarro.

Suslev olhou para ele vivamente, de novo.

— Um bocado. É um dos nossos oito grandes alvos restantes, e há uma grande operação funcionando lá, agora.

— A 92a Divisão de Pára-Quedistas dos Estados Unidos esta na fronteira soviético-iraniana neste exato momento! — O quê? — exclamou Suslev, boquiaberto. Crosse relatou tudo o que Rosemont lhe contara sobre a Dry Run. Quando se referiu às armas nucleares que as forças americanas possuíam, Suslev empalideceu visivelmente.

— Mãe de Deus! Qualquer dia esses americanos amaldiçoados vão cometer um erro, e então nós não conseguiremos nos safar! São idiotas de desenvolver tais armas.

— Vocês podem combatê-los?

— Claro que não, ainda não — disse Suslev, com irritação. — A essência da nossa estratégia é evitar um confronto direto até que os Estados Unidos estejam totalmente isolados e não haja dúvidas sobre a vitória final. Um confronto direto agora seria suicídio. Vou me comunicar com o Centro imediatamente.

— Enfatize que os americanos consideram a operação apenas experimental, um exercício. Mande o Centro evacuar as suas forças e acalmar a situação. Que eles o façam imediatamente, caso contrário haverá encrenca. Não ofereçam nenhuma provocação às

forças americanas. Daqui a alguns dias os americanos irão embora. Não deixem "vazar" a invasão para os seus espiões internos em Washington. Deixe que a informação venha primeiro do seu pessoal na CIA.

— A 92a está mesmo lá? Parece impossível.

— É melhor que vocês aumentem o seu poderio de pára-quedistas, tornem seus exércitos mais móveis, com mais potência de fogo.

Suslev resmungou.

— As energias e recursos de trezentos milhões de russos estão canalizados para a solução desse problema, továrích. Se tivermos vinte anos... só mais vinte anos...

— E então?

— Na década de 80 dominaremos o mundo.

— Já estarei morto há muito tempo.

— Não você. Governará a província ou o país que desejar. A Inglaterra?

— Lamento, o clima lá é terrível. Exceto por um ou dois dias no ano, quando é o lugar mais belo do mundo.

— Ah, devia ver minha casa na Geórgia e as redondezas de Tiflis. — Os olhos de Suslev brilhavam. — É o Éden.

Crosse não deixava de olhar para todos os lados, enquanto conversavam. Sabia que não podiam ser ouvidos. Brian Kwok estava sentado na tribuna, esperando, quase dormindo. Rose-mont e os outros observavam-no disfarçadamente. Junto do círculo dos vencedores Jacques de Ville passeava naturalmente com Jason Plumm.

— Já falou com o Jason?

— Claro que sim, enquanto estávamos nas tribunas.

— Ótimo. O que ele disse de De Ville?

— Que também duvida de que Jacques seja escolhido tai-pan. Depois do encontro que tive com ele, ontem à noite, concordo, ele é obviamente fraco demais, ou amoleceu com o tempo. — E

Suslev acrescentou: — Isso geralmente acontece com os agentes supersecretos que não têm nada pra fazer, só esperar. É o trabalho mais duro de todos.

— É.

— Ele é um bom homem, mas temo que não leve a cabo a sua missão.

— O que planeja fazer com ele? — Ainda não decidi.

— Convertê-lo de espião interno em espião condenado?

— Apenas se você ou os outros da Sevrin forem ameaçados. — Para impressionar os possíveis observadores, Suslev levou o frasco aos lábios, e ofereceu-o a Crosse, que sacudiu a cabeça. Ambos sabiam que ele continha apenas água. Suslev baixou a voz. — Tenho uma idéia. Estamos aumentando nossas atividades no Canadá. É evidente que o Movimento Separatista Francês é uma tremenda oportunidade para nós. Se Quebec se desligasse do Canadá, isso abalaria o continente norte-americano inteiro, criando uma estrutura de poder inteiramente nova. Estava pensando que seria perfeito se De Ville assumisse a direção da Struan no Canadá. Que tal?

— Muito bom. Muito, muito bom — disse Crosse, sorrindo. — Também gosto de Jacques. Seria uma pena desperdiçá-lo. É, seria

um golpe muito inteligente.

— É mais do que isso, Roger. Ele tem alguns amigos franco-canadenses muito importantes, dos seus dias de Paris do pós-guerra, todos abertamente separatistas, todos esquerdistas. Alguns estão se tornando uma força política nacional de destaque no Canadá.

— Ele revelaria sua posição falsa?

— Não. Jacques poderia dar impulso ao movimento separatista sem pôr sua posição e disfarce em risco. Como chefe de um ramo importante da Struan... e se um dos seus amigos especiais se tornasse ministro do Exterior, ou primeiro-ministro, hem?

— Isso é possível?

— É possível.

Crosse soltou um assobio.

Se o Canadá se bandeasse para longe dos Estados Unidos, seria o golpe dos golpes.

Depois de uma pausa, Crosse falou:

— Era uma vez um sábio chinês a quem um amigo pediu que abençoasse o seu filho recém-nascido. Sua bênção foi "Rezemos para que ele viva numa época interessante". Bem, Grigóri Petróvitch Suslev, cujo nome verdadeiro é Piotr Oleg Mzitrik, certamente vivemos numa época interessante. Não vivemos?

Suslev fitava-o, chocado.

— Quem lhe contou o meu nome?

— Seus superiores. — Crosse fitava-o, os olhos subitamente impiedosos. — Você me conhece, eu o conheço. É justo, não?

— Mas... claro. Eu... — A risada do homem era forçada. — Eu não uso esse nome há tanto tempo que... quase tinha me esquecido dele. — Voltou a fitar os olhos do outro, lutando para controlar-se. — O que há? Por que está tão nervoso, hem?

— Alan Medford Grant. Acho melhor encerrarmos esta reunião, por hoje. Nossa desculpa é que tentei suborná-lo, mas você se recusou. Vamos nos encontrar amanhã, às sete. — Sete era o número de código para o apartamento vizinho ao de Ginny Fu, em Mong Kok. — Tarde. Lá pelas onze horas.

— Dez é melhor.

Crosse indicou cautelosamente Rosemont e os outros. — Antes de você ir, preciso de alguma coisa para eles.

— Está certo. Amanhã ter...

— Tem que ser agora. — Crosse ficou duro. — Algo especial... se eu não conseguir ler a cópia de Sinderson, terei que barganhar com eles.

— Você não divulgará a fonte para ninguém. Para ninguém.

— Está bem.

— Nunca?

— Nunca.

Suslev pensou por um momento, sopesando as possibilidades.

— Esta noite um dos nossos agentes receberá material ultra-secreto do porta-aviões. Que tal?

O rosto do inglês se iluminou.

— Perfeito! Foi por esse motivo que você veio?

— Um dos motivos.

— Quando e onde vai ser feita a entrega? Suslev lhe contou, depois acrescentou:

— Mas ainda vou querer cópias de tudo.

— Naturalmente. Ótimo, isso servirá muito bem. Rosemont ficará me devendo de verdade. Há quanto tempo seu auxiliar está infiltrado a bordo?

— Dois anos, pelo menos foi quando começou a trabalhar para nós.

— Ele lhe dá bom material?

— Qualquer coisa que se tire daquele prostituto é valiosa.

— Qual o preço dele?

— Para isso? Dois mil dólares. Ele não é caro, nenhum dos nossos auxiliares o é, exceto você.

Crosse deu um sorriso igualmente sem alegria.

— Ah, mas eu sou o melhor que vocês têm na Ásia, e provei minha qualidade cinqüenta vezes. Até agora tenho trabalhado praticamente por amor, meu velho.

— Seus custos, meu velho, são os maiores que temos! Compramos todo o plano de batalha da OTAN, códigos, tudo, anualmente por menos de oito mil dólares.

— Esses amadores safados estão arruinando o nosso negócio. É um negócio, não é?

— Não para nós.

— Não, uma ova! O pessoal do KGB é mais do que bem-recompensado. Dachas, casas em Tiflis, lojas especiais para fazer compras. Amantes. Mas, deixe que lhe diga: tirar dinheiro da sua companhia está ficando pior a cada ano que passa. Espero um grande aumento pela notícia da Dry Run e pelo caso Alan Medford Grant, quando estiver concluído.

— Fale diretamente com eles. Não tenho jurisdição sobre o dinheiro.

— Mentiroso! Suslev achou graça.

— É bom... e seguro... lidar com um profissional. Prosit!

Ergueu o frasco e esvaziou-o.

— Por favor, retire-se raivosamente. Sinto binóculos sobre nós! — disse Crosse abruptamente.

Prontamente, Suslev começou a xingá-lo em russo, em voz baixa, mas com veemência, depois sacudiu o punho cerrado no rosto do policial e se retirou.

Crosse ficou olhando para a figura que se afastava.

Na Sha Tin Road, Robert Armstrong estava olhando para o cadáver de John Chen, enquanto policiais de capa de chuva o enrolavam novamente no cobertor, depois o carregavam por entre a multidão embasbacada até a ambulância que esperava, peritos em impressões digitais e outros estavam por toda parte, procurando pistas. A chuva caía agora mais intensamente, e havia grande quantidade de lama em todo canto.

— Está tudo remexido, senhor — disse o sargento Lee, com azedume. — Há pegadas, mas podem ser de qualquer pessoa.

Armstrong concordou com um gesto de cabeça, e usou o lenço para secar o rosto. Havia muitos espectadores por trás das barreiras toscas erigidas ao redor da área. O tráfego que passava pela rua estreita estava vagaroso, quase congestionado, todo mundo buzinando, irritado.

— Que os homens continuem revistando numa área de cem metros. Mande alguém à aldeia mais próxima, alguém pode ter visto alguma coisa. — Deixou Lee e foi até o carro da polícia. Entrou, fechou a porta e apanhou o transmissor. — Aqui fala Armstrong. Ligue-me com o inspetor-chefe Donald Smyth em Aberdeen Leste, por favor.

Começou a esperar, sentindo-se péssimo.

O motorista era jovem, esperto e ainda estava seco.

— A chuva é uma maravilha, não é, senhor? Armstrong olhou para ele, com azedume. O jovem empalideceu.

— Fuma?

— Sim, senhor. — O rapaz pegou o seu maço e ofereceu-o. Armstrong ficou com o maço inteiro. — Por que não se reúne aos outros? Precisam de um rapaz esperto como você para ajudá-los. Ache algumas pistas, tá?

— Sim, senhor — respondeu o jovem, fugindo para dentro da chuva.

Cuidadosamente, Armstrong apanhou um cigarro. Contemplou-o. De cara fechada, devolveu-o ao maço, e enfiou-o num bolso lateral. Encolhendo-se no banco do carro, resmungou:

— Danem-se todos os cigarros, dane-se a chuva, dane-se aquele sabichão, e, mais do que tudo, danem-se os danados dos Lobisomens!

Dali a pouco o intercomunicador começou a funcionar.

— Fala o inspetor-chefe Donald Smyth.

— Bom dia! Estou aqui em Sha Tin — começou Armstrong, contando-lhe o que acontecera e como encontrara o corpo. — Estamos examinando toda a área, mas não creio que possamos encontrar alguma coisa nesta chuva. Quando os jornais souberem do cadáver e da mensagem, vão cair no nosso pêlo. Acho melhor prendermos a velha amah imediatamente. Ainda é a única pista que temos. Vocês ainda a mantêm sob vigilância?

— Ora, ainda!

— Ótimo. Espere por mim, depois atacaremos. Quero revistar a casa dela. Deixe uma equipe a postos.

— Quanto tempo você vai demorar?

— Vou levar umas duas horas para chegar até aí. O tráfego está engarrafado daqui até as balsas.

— Aqui também. Por toda a área de Aberdeen. Mas não é só por causa da chuva, meu rapaz. Deve haver uns mil mórbidos espiando o desastre de ontem, e ainda temos as malditas turbas no Ho-Pak, no Victoria... para falar a verdade, em toda porra de banco

da vizinhança, e já me contaram que deve haver umas quinhentas pessoas se reunindo diante do Vic, na zona central.

— Santo Deus! Todas as minhas economias de merda estão lá, porra!

— Não lhe falei ontem para retirar tudo, meu velho? — Armstrong ouviu a risada do Cobra. — E, a propósito, se tiver algum dinheiro sobrando, venda ações da Struan a descoberto... ouvi dizer que a Casa Nobre vai entrar em colapso.

41

8h29m

Claudia apanhou um bolo de notas, cartas e respostas da bandeja de "saída" de Dunross e começou a folheá-las. Chuva e nuvens baixas obscureciam a vista, mas a temperatura era baixa e muito confortável, depois da forte umidade da semana anterior. O relógio antigo, preso por argolas de prata, que ficava sobre a cornija da lareira, bateu oito e meia.

Um dos telefones tocou. Ela ficou olhando, mas sem fazer menção de atender. Continuou tocando e tocando, até cessar. Sandra Yi, a secretária de Dunross, entrou com nova leva de documentos e correspondência e voltou a encher a bandeja de "entrada".

— A minuta do contrato da Par-Con está em cima, Irmã Mais Velha. Eis aqui a lista dos compromissos dele para hoje, pelo menos aqueles de que tenho conhecimento. O superintendente Kwok ligou

faz dez minutos. — Ela enrubesceu ante o olhar de Claudia, o cheong-sam justo e fendido até em cima, o colarinho alto, como estava na moda. — Ligou para o tai-pan, não para mim, Irmã Mais Velha. Pediu para o tai-pan fazer a gentileza de telefonar depois para ele.

— Mas espero que tenha batido um longo papo com o Honorável Jovem Garanhão, e soltado suspiros e gemidos maravilhosos — replicou Claudia em cantonense. Depois passou para o inglês, sem perceber, ainda folheando os papéis enquanto falava, arrumando-os em duas pilhas diferentes. — Afinal de contas ele deve ser traçado e anexado rapidamente à família, antes que alguma puxa-saco de outro clã o agarre.

— É, sim. Também acendi cinco velas em cinco templos diferentes.

— Espero que nas suas horas de folga, não no horário de trabalho da companhia.

— Oh, sem dúvida! — As duas riram. — Mas temos um encontro marcado... vamos jantar amanhã.

— Excelente! Seja recatada, vista-se discretamente, mas não use sutiã... como Orlanda.

— Oh, então foi verdade! Puxa, acha que devo? — perguntou Sandra Yi, chocada.

— Para o jovem Brian, deve. — Claudia deu uma risadinha abafada. — Ele tem faro, o rapaz!

— Minha cartomante disse que este ia ser um ano maravilhoso para mim. Que coisa terrível o incêndio, não foi?

— Foi. — Claudia examinou a lista de compromissos. Linbar dali a alguns minutos, Sir Luís Basílio às oito e quarenta e cinco. — Quando Sir Luís chegar...

— Sir Luís está esperando agora na minha sala. Sabe que chegou cedo... já lhe dei café, e os jornais da manhã. — A fisionomia de Sandra Yi ficou apreensiva. — O que vai acontecer às dez?

— A Bolsa de Valores vai abrir — falou Claudia vivamente, e entregou-lhe a pilha maior. — Cuide disso aqui, Sandra. Ah, e ele também cancelou duas reuniões de diretoria e o almoço, mas desses cuide eu.

Ambas ergueram os olhos quando Dunross entrou.

— Bom dia — cumprimentou ele. Seu rosto estava mais sério do que antes, as equimoses realçando sua austeridade.

Sandra Yi disse, meigamente:

— Todos estão muito felizes porque o senhor não se machucou, tai-pan.

— Obrigado.

Ela se retirou. Ele ficou observando o andar dela, depois notou o olhar de Claudia. Um pouco da sua austeridade o abandonou.

— Nada como uma gatinha bonita, não é? Claudia achou graça.

— Enquanto você não estava, seu telefone particular tocou duas vezes.

Referia-se ao telefone que não constava do catálogo, que só ele atendia, e cujo número só era dado aos familiares e a um punhado de pessoas especiais.

— Ah, obrigado. Cancele todos os compromissos até o meio-dia, exceto Linbar, o velho Sir Luís Basílio e o banco. Certifique-se de que o tratamento vip será dado a Penn e à srta. Kathy. Gavallan vai levá-la ao aeroporto. Primeiro, ligue-me com Tung Pão-Duro. Com Lando Mata também... pergunte se posso vê-lo, de preferência às dez e vinte, no Coffee Place. Leu meu bilhete sobre o Zep?

— Li, é terrível. Cuidarei de tudo. O ajudante-de-ordens do governador telefonou: você estará presente à reunião do meio-dia?

— Estarei — respondeu Dunross, pegando um telefone e discando enquanto Claudia saía, fechando a porta atrás de si.

— Penn? Queria falar comigo?

— Oh, Ian, sim, mas não liguei para você. É isso o que quer dizer?

— Pensei que fosse você na linha particular.

— Não, mas como estou contente que tenha ligado. Ouvi a notícia do incêndio logo cedo no rádio e... não tinha muita certeza se tinha sonhado ou não com sua volta para casa ontem à noite. Eu... fiquei muito preocupada, desculpe. Ah Tat disse que você tinha saído bem cedo, mas não confio naquela bruxa velha... às vezes não diz coisa com coisa. Desculpe. Foi muito ruim?

— Não. Não de verdade. — Relatou-lhe tudo sucintamente. Agora que sabia que tudo estava bem com ela, queria que desligasse. — Contarei os mínimos detalhes quando for buscá-la para levá-la ao aeroporto. Já verifiquei o vôo, e está no horário... — Seu intercomunicador tocou. — Espere um instantinho, Penn... Sim, Claudia?

— O superintendente Kwok na linha 2. Diz que é importante.

— Está bem. Desculpe, Penn, tenho que desligar. Apanho você com tempo de sobra para o seu vôo. Tchau, querida... Mais alguma coisa, Claudia?

— O avião de Bill Foster, de Sydney, está atrasado mais de uma hora. O sr. Havergill e Johnjohn o receberão às nove e meia. Liguei para confirmar. Parece que estão no banco desde as seis horas.

A inquietação de Dunross aumentou. Tentara falar com Havergill desde as quinze horas do dia anterior, mas o vice-presidente da junta diretora não pudera atender, e não achara que fosse adequado falar-lhe à noite, durante a festa.

"Isso não é bom. Já havia uma multidão do lado de fora do banco quando cheguei, às sete e meia."

— O Vic não vai quebrar, vai? Ele notou a ansiedade na voz dela.

— Se quebrar, estamos todos ferrados. — Apertou a linha 2.
— Oi, Brian, o que há de novo?

Brian Kwok contou-lhe sobre John Chen.

— Meu Deus, pobre John! Depois do dinheiro do resgate ter sido entregue ontem à noite, pensei que... mas que filhos da mãe! Já está morto há algum tempo?

— Já. Pelo menos há três dias.

— Mas que filhos da mãe! Já contou a Phillip e a Dianne?

— Não, ainda não. Quis lhe contar primeiro.

— Quer que eu ligue para eles? Phillip está em casa, agora. Depois de ter feito o pagamento, ontem à noite, disse a ele que não precisava vir à reunião das oito horas. Liguei agora para ele.

— Não, Ian, isso compete a mim. Desculpe ser o portador de más notícias, mas achei que você devia saber sobre o John.

— Sim... sim, amigo velho, obrigado. Escute, tenho um compromisso na casa do governador Iá pelas sete, que acabará por volta das dez e meia. Quer tomar um drinque, ou comer alguma coisa?

— Boa idéia. Que tal o Quance Bar, no Mandarin?

— Às dez e quarenta e cinco?

— Ótimo. A propósito, deixei ordens para que sua tai-tai passasse direto pela Imigração. Lamento ter dado a má notícia. Tchau.

Dunross desligou o telefone, levantou-se e ficou olhando pela janela. O intercomunicador tocou, mas ele não escutou.

— Pobre infeliz! — resmungou. — Que desperdício! Ouviu-se uma ligeira batida, depois a porta se abriu um pouquinho, e Claudia disse:

— Com licença, tai-pan, Lando Mata na linha 2. Dunross sentou-se na borda da mesa.

— Alô, Lando, podemos nos encontrar às dez e vinte?

— Sim, claro. Soube do Zeppelin. Que terrível! Eu mal consegui salvar a pele! Maldito incêndio! Apesar de tudo, nós nos safamos, hem? Joss!

— Já entrou em contato com o Pão-Duro?

— Já. Vai chegar pela próxima barca.

— Ótimo. Lando, posso precisar de você para me apoiar hoje.

— Mas, Ian, já conversamos sobre isso ontem à noite. Pensei que tinha sido bem cla...

— É. Mas quero o seu apoio hoje — falou Dunross, a voz mais dura.

Houve uma longa pausa.

— Vou... vou falar com o Pão-Duro.

— Também vou falar com o Pão-Duro. Nesse meio tempo, gostaria de saber que conto com o seu apoio, agora.

— Já reconsiderou a nossa oferta?

— Tenho o seu apoio, Lando? Ou não?

Outra pausa. A voz de Mata revelava maior nervosismo.

— Eu lhe... eu lhe direi quando o vir, às dez e vinte. Lamento, Ian, mas tenho que falar primeiro com o Pão-Duro. Encontro você para tomarmos um café. Tchau.

O telefone foi desligado. Dunross recolocou o fone no gancho, com suavidade, e murmurou docemente:

— Dew neh loh moh, Lando, velho amigo. Pensou por um momento, depois discou.

— O sr. Bartlett, por favor.

— O telefone dele não responde. Quer deixar recado? — indagou a telefonista.

— Por favor, transfira a chamada para a srta. K. C. Tcholak.

— Como?

— Casey... srta. Casey!

O telefone tocou e Casey atendeu, com voz de sono.

— Alô?

— Ah, desculpe, ligo mais tarde...

— Ian? Não... não, tudo bem, eu já devia... estar de pé há horas... — Ouviu-a abafar um bocejo. — Meu Deus, como estou cansada! O incêndio não foi um sonho, foi?

— Não. Ciranoush, só queria me certificar de que vocês dois estavam bem. Como se sente?

— Não muito legal. Acho que devo ter distendido alguns músculos... não sei se foram as risadas ou os vômitos. Você está bem?

— Estou. Até agora. Não está com febre, nem nada? O dr. Tooley recomendou que prestássemos atenção a isso.

— Acho que não. Ainda não vi o Linc. Já falou com ele?

— Não... não respondem do quarto dele. Escute, quero convidar os dois para um drinque, às seis.

— Para mim, está ótimo. — Outro bocejo. — Estou contente de que você esteja bem.

— Ligo mais tarde para... Novamente o intercomunicador.

— O governador na linha 2, tai-pan. Disse-lhe que você iria à reunião matinal.

— Está certo. Ouça, Ciranoush, drinque às seis. Se não for possível, quem sabe uma ceia. Ligo mais tarde para confirmar.

— Certo, Ian. E Ian, obrigada pelo telefonema.

— De nada. Tchau. — Dunross apertou a linha 2. — Bom dia, senhor.

— Lamento incomodá-lo, Ian, mas preciso falar com você sobre aquele incêndio pavoroso — disse Sir Geoffrey. — É um milagre que não tenha morrido mais gente, o ministro está uma fera com a morte do pobre Sir Charles Pennyworth, e danado da vida porque os nossos regulamentos de segurança permitiram que tal coisa acontecesse. O gabinete foi informado, portanto podemos esperar repercussões de alto nível. Dunross falou-lhe da sua idéia sobre as cozinhas em Aberdeen, fingindo que era de Shi-teh T'Chung.

— Excelente! Shitee é esperto! Já é um começo. Enquanto isso, Robin Grey, Julian Broadhurst e os outros deputados já telefonaram solicitando um encontro para protestarem contra os nossos inadequados regulamentos contra incêndio. Meu ajudante-disse que Grey estava irritadíssimo. — Sir Geoffrey soltou um suspiro. — Com toda a razão, talvez. De qualquer modo, o cavalheiro vai agitar o mais que puder, pode crer. Parece que até já marcou uma entrevista coletiva com Broadhurst, para amanhã. Agora que o pobre Sir Charles morreu, Broadhurst ficou sendo o membro mais antigo, e sabe Deus o que acontecerá se aqueles dois começarem a meter o pau na China.

— Peça ao ministro para amordaçá-lo, senhor.

— Já pedi, e ele respondeu "Santo Deus, Geoffrey, amordaçar um deputado? Isso seria pior do que tentar atear fogo no Parlamento!" É tudo muito exasperante. Minha idéia foi que você poderia acalmar um pouco o sr. Grey. Vou sentá-lo ao seu lado, logo mais.

— Não acho que seja boa idéia, senhor. O sujeito é um lunático.

— Concordo plenamente, Ian, mas ficaria muito grato se você tentasse. É o único em quem posso confiar. Quillan bateria nele. Ele acabou de telefonar, recusando formalmente o convite, só por causa do Grey. Quem sabe você também não poderia convidar o sujeito para as corridas do sábado?

Dunross lembrou-se de Peter Marlowe.

— Por que não convida Grey e os outros para a sua tribuna? Eu cuidarei dele, durante parte do tempo.

"Graças a Deus Penn não estará aqui", pensou.

— Está certo. Mais uma coisa: Roger me pediu para encontrar você no banco, amanhã às seis horas.

Dunross deixou o silêncio pesar.

— Ian?

— Sim, senhor?

— Às seis. O Sinderson já deverá estar lá, a essa altura.

— O senhor o conhece? Pessoalmente?

— Sim. Por quê?

Só queria me certificar.

Dunross escutou o silêncio do governador. Sua tensão aumentou.

— Ótimo. Às seis. Mais uma coisa: já soube do pobre John Chen?

— Sim, senhor, faz alguns minutos. Uma desgraça.

— Concordo. Pobre coitado! Essa confusão dos Lobisomens não podia ter chegado numa hora pior. Certamente se tornará uma cause célèbre para todos os que se opõem a Hong Kong. Um aborrecimento dos diabos, além da tragédia propriamente dita. Ora, ora, bem, ao menos vivemos numa época interessante, com problemas para todo lado.

— É, sim, senhor. O Victoria está encencado? Dunross fez a pergunta com naturalidade, mas estava bem atento, e notou a ligeira hesitação antes de Sir Geoffrey responder, despreocupadamente:

— Santo Deus, não! Meu caro, mas que idéia espantosa! Bem, Ian, obrigado. O resto pode esperar até a nossa reunião do meio-dia.

— Sim, senhor.

Dunross desligou o telefone e enxugou a testa. "Aquela hesitação foi de muito mau agouro", pensou com os seus botões. "Se alguém realmente sabe a extensão dos problemas, esse alguém é Sir Geoffrey. "

Uma rajada de chuva fustigou as vidraças. Tanta coisa para fazer! Seus olhos se dirigiram para o relógio. Agora o Linbar, depois Sir Luís. Já decidira o que queria do presidente da Bolsa, o que precisava obter dele. Não havia tocado no assunto na reunião da assembléia interna, logo cedo. Os outros o haviam deixado irritado. Todos eles — Jacques, Gavallan, Linbar — estavam convencidos de que o Victoria apoiaria a Struan até o fim.

— E se não apoiar? — perguntara ele.

— Temos o negócio com a Par-Con. É inconcebível que o Victoria não ajude!

— E se não ajudar?

— Quem sabe, depois de ontem à noite, Gornt pare de vender.

— Não vai parar. O que faremos?

— A não ser que consigamos detê-lo, ou adiemos os pagamentos à Toda e ao Orlin, estaremos encrecadíssimos.

"Não podemos adiar os pagamentos", pensou mais uma vez. "Sem o banco, ou Mata, ou Pão-Duro... até mesmo o negócio com a Par-Con não deterá o Quillan. Ele sabe que tem todo o dia de hoje e toda a sexta-feira para vender, vender e vender, e eu não posso comprar nem... "

— O jovem Linbar, tai-pan.

— Mande-o entrar, por favor. — Lançou um olhar ao relógio. O homem mais moço entrou e fechou a porta. — Está quase dois minutos atrasado.

— É? Desculpe.

— Parece que não consigo convencê-lo da necessidade da pontualidade. É impossível dirigir sessenta e três companhias sem a pontualidade dos executivos. Se acontecer mais uma vez, você perde a sua gratificação anual.

Linbar enrubesceu.

— Desculpe.

— Quero que você ocupe o lugar de Bill Foster na nossa operação em Sydney.

Linbar Struan animou-se.

— Claro! Gostaria muito. Há bastante tempo que tenho vontade de ter uma operação só minha.

— Ótimo. Quero você no vôo da Qantas de amanhã e...

— Amanhã? Impossível! — exclamou Linbar, sua felicidade se evaporando. — Vou levar umas duas semanas para aprontar tu...

A voz de Dunross ficou tão suave, mas tão cortante, que Linbar Struan perdeu a cor.

— Sei disso, Linbar. Mas quero que vá para lá amanhã. Fique lá duas semanas e depois volte para me apresentar seu relatório. Compreendeu?

— Sim, compreendi. Mas... mas e quanto ao sábado? E quanto às corridas? Quero ver Noble Star correr.

Dunross simplesmente olhou para ele.

— Quero-o na Austrália. Amanhã. Foster não conseguiu se apossar das Propriedades Woolara. Sem a Woolara, não temos fretador para nossos navios. Sem fretador, nossos atuais acordos bancários são nulos e sem efeito. Você tem duas semanas para corrigir este fiasco e se apresentar de volta.

— E se não o fizer? — perguntou Linbar, furioso.

— Pela madrugada, não perca tempo! Sabe muito bem a resposta. Se falhar, não pertencerá mais à assembléia interna. E se não estiver naquele avião amanhã, está fora da Struan, e ficará fora enquanto eu for tai-pan.

Linbar começou a dizer alguma coisa, mas mudou de idéia.

— Ótimo — disse Dunross. — Se tiver êxito com a Woolara, seu salário será dobrado.

Linbar apenas fitou-o.

— Mais alguma coisa, senhor? — Não. Bom dia, Linbar.

Linbar balançou a cabeça e saiu, com largas passadas.

Quando a porta se fechou, Dunross permitiu-se a sombra de um sorriso.

— Sacaninha atrevido — resmungou. Levantou-se e foi até a janela de novo, sentindo-se confinado, desejando estar no seu barco a motor, ou melhor ainda, no seu carro, fazendo as curvas depressa demais, forçando o carro, e a si mesmo, um pouco mais a cada volta, para desanuviar a cabeça. Distraidamente, endireitou um dos quadros e ficou olhando as gotas de chuva, imerso em pensamentos, entristecido por causa de John Chen.

Uma gotinha percorreu uma pista de obstáculos molhada, e desapareceu, para ser seguida por outra e mais outra. Ainda não se enxergava a vista, e a chuva caía torrencialmente.

Seu telefone particular deu sinal de vida.

— Sim, Penn? — atendeu Dunross. Uma voz estranha perguntou:

— Sr. Dunross?

— Sim, quem está falando? — indagou ele, espantado, sem conseguir identificar a voz do homem, ou seu sotaque.

— Meu nome é Kirk, Jamie Kirk, sr. Dunross. Sou... sou amigo do sr. Grant, Alan Medford Grant... — Dunross quase deixou cair o aparelho. — Alô? Sr. Dunross?

— Sim, continue, por favor. — Dunross já superara o seu choque. Alan era um dos poucos a quem dera o número particular, e ele sabia que só devia ser usado em caso de emergência, e nunca passado adiante, exceto por um motivo muito especial. — Em que posso servi-lo?

— Sou... de Londres; da Escócia, para falar a verdade. Alan mandou que eu lhe telefonasse tão logo chegasse a Hong Kong. Ele... me deu o número do seu telefone. Espero não estar incomodando.

— Não, absolutamente, sr. Kirk.

— Alan me deu um pacote para lhe ser entregue, e também queria que eu conversasse com o senhor. Minha... minha mulher e eu passaremos três dias em Hong Kong, portanto eu... gostaria de saber se podemos nos encontrar.

— Naturalmente. Onde está hospedado? — perguntou calmamente, embora seu coração estivesse disparado.

— No Nove Dragões, em Kowloon, quarto 455.

— Quando viu Alan pela última vez, sr. Kirk?

— Quando saímos de Londres, está fazendo agora duas semanas. É, exatamente duas semanas. Estivemos... estivemos em Cingapura e na Indonésia. Por quê?

— Seria conveniente para o senhor depois do almoço?

Lamento, mas estarei ocupadíssimo até três e vinte. Poderia recebê-lo, então, se for conveniente para o senhor.

— Para mim, três e vinte está ótimo.

— Mandarei um carro ir apanhá-lo e...

— Oh, não há necessidade de se... incomodar. Saberemos como chegar ao seu escritório.

— Não é incômodo algum. Um carro os apanhará às duas e meia.

Dunross desligou o telefone, imerso em pensamentos.

O relógio bateu oito e quarenta e cinco. Uma batidinha. Claudia abriu a porta.

— Sir Luís Basílio, tai-pan.

Johnjohn, do Victoria, estava berrando ao telefone:

— ... estou me lixando para o que vocês, cretinos, em Londres pensem, estou lhe dizendo que estamos com um começo de corrida aqui, e a coisa está fedendo mesmo. Eu... o quê? Fale mais alto, homem! A ligação está péssima... O quê?... Pouco se me dá que seja uma e meia da madrugada... onde diabo você estava metido?... há quatro horas que venho tentando falar com você!... O quê?... Aniversário de quem? Deus todo-poderoso... — Suas sobrancelhas avermelhadas subiram bem alto, e ele tentou se controlar. — Ouça, vá para a City e a Casa da Moeda o mais cedo possível e diga a eles... Alô?... É, diga-lhes que esta porra de ilha pode ficar completamente sem dinheiro e... Alô?... Alô?... Ora, puta que o pariu! — Começou a apertar repetidamente o interruptor. — Alô? — Largou com violência o fone no gancho, soltou alguns palavrões, e depois apertou o botão do intercomunicador. — Srta. Mills, a ligação foi cortada, por favor, refaça a ligação o mais depressa que puder.

— Certamente — respondeu a voz serena, muito inglesa. — O sr. Dunross está aqui.

Johnjohn olhou para o relógio e empalideceu. Eram nove e trinta e três.

— Ah, meu Deus! Não faça a ligação agora, é... não faça, eu... — Apressadamente, largou o fone, correu até a por-ta, forçou uma fisionomia serena e abriu a porta com naturalidade estudada. — Meu caro Ian, desculpe tê-lo feito esperar. Como vão as coisas?

— Muito bem, e com você?

— Tudo maravilhoso!

Maravilhoso? Que interessante! Deve haver uns seiscentos ou setecentos clientes impacientes formando fila do lado de fora, e ainda falta meia hora para o banco abrir. Também há alguns diante do Blacs.

— Mais do que alguns... — Johnjohn interrompeu-se a tempo. — Não há motivo para preocupação, Ian. Quer tomar um café ou vamos direto para a sala de Paul?

— Para a sala do Paul.

— Ótimo. — Johnjohn foi na frente, descendo o corredor forrado de espesso carpete. — Não, não há nenhum problema, só alguns chineses supersticiosos... sabe como são, boatos e tudo o mais. Uma coisa horrível, o incêndio. Ouvei dizer que Casey tirou a roupa e mergulhou como um salva-vidas. Esteve no hipódromo, hoje? Esta chuva está formidável, hem?

A inquietação de Dunross aumentou.

— É. Ouvei dizer que há filas diante de quase todos os bancos da colônia. Exceto do Banco da China.

Johnjohn soltou uma risada oca.

— Nossos amigos comunistas não veriam com bons olhos uma corrida ao seu banco. Enviariam tropas!

— Então a corrida existe?

— Ao Ho-Pak, sim. Ao nosso banco? Não. De qualquer maneira, não estamos nem de longe tão fora dos nossos limites quanto Richard Kwang. Parece que ele realmente fez alguns empréstimos bem perigosos. Infelizmente, o Ching Prosperity também não está numa boa. Bem, mas o Ching Sorridente bem que merece uma esfrega depois de tantos anos lidando com empreendimentos tão dúbios.

— Drogas?

— Não sei dizer, Ian. Não oficialmente. Mas os boatos são fortes.

— Mas você afirma que a corrida não vai alcançar vocês?

— Não mesmo. Se alcançar... bem, tenho certeza de que tudo ficará bem.

Johnjohn continuou a descer o largo corredor de lambris. Tudo no ambiente era faustoso, sólido e seguro. Fez um gesto de cabeça para a secretária inglesa idosa, passou por ela e abriu a porta em que se lia Paul Haverhill, vice-presidente da junta diretora. A sala era ampla, com lambris de carvalho, a escrivaninha imensa e livre de papéis. As janelas davam para a praça.

— Ian, meu caro! — Haverhill se levantou e estendeu a mão.
— Lamento muito não ter podido atendê-lo ontem, e a festa de ontem à noite não era exatamente o local para se tratar de negócios, não é? Como está se sentindo?

— Bem. Acho. Até agora. E você?

— Estou um pouco desarranjado, mas Constance está bem, graças a Deus. Logo que chegamos a casa, os dois tomamos uma boa dose do velho e bom Remédio do Dr. Colicos.

Era um elixir inventado durante a Guerra da Criméia pelo dr. Colicos para curar distúrbios estomacais quando dezenas de milhares de soldados britânicos morriam de tifo, cólera e disenteria. A fórmula ainda era um segredo.

— Um remédio fantástico! O dr. Tooley também nos deu um pouco.

— Uma desgraça o que houve com os outros, não? A mulher de Toxe, hem?

Johnjohn disse, solenemente:

— Ouvi dizer que encontraram o corpo dela sob uma das estacas, hoje de manhã. Se eu não tivesse recebido um bilhete cor-de-rosa, Mary e eu também teríamos estado lá.

Um bilhete cor-de-rosa significava que você tinha a permissão da sua mulher para sair sem ela à noite, para jogar cartas com

amigos, para ir ao Clube, para mostrar a cidade a visitantes, ou lá o que fosse... mas com a permissão benevolente dela.

— É? — Havergill sorriu. — Quem era a moça de sorte?

— Eu estava jogando bridge com McBride no Clube. Havergill ri.

— Bem, a discrição é uma coisa importantíssima, e temos que pensar na reputação do banco.

Dunross sentiu a tensão na sala entre os dois homens. Sorriu educadamente, esperando.

— Em que posso servi-lo, Ian? — indagou Havergill.

— Quero cem milhões extras de crédito por trinta dias. Fez-se um silêncio mortal. Os dois homens o fitavam.

Dunross pensou ver a sombra de um sorriso surgir por trás dos olhos de Havergill.

— Impossível! — ouviu-o dizer.

— O Gornt está preparando um ataque contra nós, é óbvio para qualquer um. Vocês dois sabem que estamos firmes, seguros e em boa forma. Preciso do seu apoio aberto e maciço, então ele não ousará prosseguir, e eu não precisarei realmente do dinheiro. Mas preciso do compromisso de vocês. Agora.

Novo silêncio. Johnjohn esperava e observava. Havergill acendeu um cigarro.

— Como está a situação com a Par-Con, Ian? Dunross contou-lhes.

Assinamos na terça-feira — concluiu. Podemos confiar no americano?

— Fizemos um trato.

Outro silêncio. Constrangido, Johnjohn rompeu-o.

— É um negócio muito bom, Ian.

— É. Com o apoio aberto de vocês, Gornt e o Blacs retirarão o seu ataque.

— Mas cem milhões? — exclamou Havergill. — Está além de qualquer possibilidade.

— Já disse que não precisarei da quantia toda.

— Isso são suposições, meu caro. Poderíamos nos envolver num grande jogo de forças contra a nossa vontade. Ouvi boatos de que Quillan tem financiamento externo, apoio alemão. Não podemos correr o risco de entrar em luta com um consórcio de bancos alemães. Você já ultrapassou o limite do seu crédito. E ainda há as quinhentas mil ações que você comprou hoje, que terão que ser pagas até segunda-feira. Desculpe, mas a resposta é não.

— Submeta o meu pedido à apreciação da diretoria. Dunross sabia que tinha votos suficientes para derrubar a oposição de Havergill. Novo silêncio.

— Muito bem. É o que farei... na próxima reunião de diretoria.

— Não. Só será realizada daqui a três semanas. Por favor, convoque uma reunião de emergência.

— Desculpe, mas não.

— Por quê?

— Não tenho que lhe dar satisfações dos meus motivos, Ian — retrucou Havergill, vivamente. — A Struan não possui nem controla esta instituição, embora tenha grande participação no nosso banco, como temos nela, que é nossa cliente valiosa. Terei prazer em submeter seu pedido à apreciação da junta diretora, na próxima reunião. Convocar reuniões de emergência cabe a mim. Exclusivamente.

— Concordo. Assim como conceder crédito. Você não precisa de uma reunião. Poderia fazer isso agora.

— Terei prazer em submeter seu pedido à apreciação da junta diretora, na próxima reunião. Mais alguma coisa?

Dunross controlou o impulso de arrancar da cara do inimigo a satisfação mal disfarçada.

— Preciso do crédito para apoiar as minhas ações. Agora.

— Claro, e Bruce e eu compreendemos que o sinal da Par-Con lhe permitirá completar suas transações com o estaleiro, e fazer um pagamento parcial ao Orlin. — Havergill soltou uma baforada do

cigarro. — A propósito, estou sabendo que o Orlin não renovará... você terá que fazer o pagamento integral dentro de trinta dias, como consta do contrato.

Dunross enrubesceu.

— Como soube disso?

— Pelo presidente da junta, é claro. Liguei para ele ontem à noite para perguntar se...

— Você fez o quê?

— Naturalmente, meu caro — dizia Havergill, agora saboreando abertamente o choque de Dunross e Johnjohn —, temos todo o direito de perguntar. Afinal de contas, somos os banqueiros da Struan, e precisamos saber. Na qualidade de acionistas, também corremos riscos se você fracassar, não é?

— E você ajudará isso a acontecer?

Havergill apagou o cigarro com imenso prazer.

— Não é do nosso interesse que qualquer grande firma fracasse na colônia, muito menos a Casa Nobre. Claro que não! Não precisa se preocupar. Na hora certa interviremos e compraremos suas ações. Jamais permitiremos que a Casa Nobre fracasse.

— Quando é a hora certa?

— Quando as ações estiverem a um preço que considerarmos correto.

— E qual é ele?

— Terei que estudar o assunto, Ian.

Dunross sabia que estava derrotado, mas não deixou isso transparecer.

— Você vai permitir que as ações baixem até ficarem a preço de banana, e depois comprará o controle acionário.

— A Struan agora é uma companhia de capital aberto, não importa como as várias companhias se encadeiem — falou Havergill. — Talvez tivesse sido de bom alvitre seguir os conselhos de Alastair, e os meus... nós ressaltamos os riscos que você correria como empresa de capital aberto. E você deveria ter nos consultado antes

de comprar aquela quantidade maciça de ações. É evidente que Quillan acha que você está no papo, e você realmente passou um tanto dos limites. Bem, não tema, Ian, jamais permitiremos que a Casa Nobre fracasse.

Dunross achou graça. Levantou-se.

— A colônia será um lugar muito melhor quando você estiver fora daqui.

— É — disse Havergill, bruscamente. — Meu exercício vai até 23 de novembro. Você pode estar fora da colônia antes de mim!

— Não acha que... — começou Johnjohn, abismado com a fúria de Havergill. Mas interrompeu-se quando este se virou para ele, raivosamente.

Seu exercício começa a 24 de novembro. Desde que a assembléia geral anual confirme a sua indicação. Até então, eu dirijo o Victoria.

Dunross riu de novo.

— Não tenha tanta certeza disso. Retirou-se.

Raivosamente, Johnjohn rompeu o silêncio.

— Você poderia facilmente ter convocado uma reunião de emergência. Poderia facilmente te...

— O assunto está encerrado! Entendeu? Encerrado! — Furiosamente, Havergill acendeu outro cigarro. — Temos nossos próprios problemas, que precisam ser resolvidos primeiro. Mas se esse filho da mãe conseguir sair do aperto desta vez, ficarei muito surpreso. Ele está numa posição perigosa, muito perigosa. Nada sabemos sobre esse maldito americano e sua namorada. Sabemos que Ian é teimoso, arrogante e incapaz. É o homem errado para esse cargo.

— Não é ver...

— Somos uma instituição com fins lucrativos, não beneficente, e os Dunrosses e os Struans já se meteram demais nos nossos negócios, há tempo demais! Se pudermos ficar com o controle acionário, nós nos tornaremos a Casa Nobre da Ásia... sem dúvida! Pegamos de volta o bloco das nossas ações que eles possuem. Despedimos todos os diretores e colocamos novos imediatamente, dobramos o nosso dinheiro, e eu deixaria para o banco um legado eterno. É para isso que estamos aqui... para ganhar dinheiro para o nosso banco e para os nossos acionistas! Sempre considerei o seu amigo Dunross um risco muito grande, e

agora ele está indo para o brejo! E se puder ajudar a enforcá-lo, eu o farei!

O médico estava contando as pulsações de Fleur Marlowe pelo seu relógio antigo de bolso, de ouro. Cento e três. Rápido demais, pensou, com tristeza. O pulso dela era delicado. Ele colocou de novo sobre as cobertas seus dedos sensíveis, percebendo a febre. Peter Marlowe saiu do pequeno banheiro do apartamento deles.

— Nada bom, não é? — falou Tooley, com o seu jeito áspero.

O sorriso de Peter Marlowe era cansado.

— Um tanto enfadonho, para falar a verdade. Só cólicas e muito pouca coisa saindo, só um pouco de líquido. — Seus olhos pousaram na mulher, largada na pequena cama de casal. — Como vai, boneca?

— Bem — disse ela. — Bem, obrigada, Peter.

O médico apanhou a maleta e guardou o estetoscópio.

— Saiu... saiu algum sangue, sr. Marlowe?

Peter Marlowe balançou a cabeça e sentou-se, cansado. Nem ele nem a mulher haviam dormido muito. As cólicas haviam começado por volta das quatro da madrugada, e continuavam desde então, com maior intensidade.

— Não, pelo menos ainda não — disse. — Parece-me um ataque comum de disenteria... cólicas, muita conversa fiada, e pouca coisa de concreto.

— Comum? Já teve disenteria? Quando? Que tipo de disenteria?

— Acho que foi entérica. Eu... eu fui prisioneiro de guerra em Changi, em 45... na verdade entre 42 e 45. Algum tempo em Java, mas principalmente em Changi.

— Ah, sei. Lamento muito. — O dr. Tooley lembrava-se de todas as histórias de horror saídas da Ásia depois da guerra, sobre o tratamento dado às tropas americanas e britânicas pelo exército japonês. — Sempre me senti traído, de uma maneira curiosa — disse o médico, com tristeza. — Os japoneses sempre foram nossos aliados... são uma nação insular, nós também. Bons combatentes. Fui médico dos Chindits. Acompanhei Wingate duas vezes. — Wingate era um excêntrico general britânico que concebera um plano de batalha completamente heterodoxo para enviar colunas altamente móveis de soldados britânicos saqueadores, de codinome Chindits, da Índia para as selvas da Birmânia, bem atrás das linhas

japonesas, lançando-lhes suprimentos por avião. — Tive sorte... toda a Operação Chindit era meio arriscada — falou. Enquanto falava, observava Fleur, sopesando as pistas, observando-a com sua experiência, tentando identificar a moléstia agora, tentando isolar o inimigo entre uma infinidade de possibilidades, antes que ele danificasse o feto. — Os malditos aviões viviam errando o lugar onde deviam largar os suprimentos.

— Conheci dois dos seus companheiros em Changi. — O homem mais moço forçava a memória. — Em 43 ou 44, não me lembro exatamente de quando. Ou dos nomes. Foram mandados para Changi depois de capturados.

— Deve ter sido em 43. — O rosto do médico estava solene. — Uma coluna inteira foi pega numa emboscada, logo no começo. Aquelas selvas são inacreditáveis, se você nunca esteve numa. Nós nem sabíamos a quantas andávamos, na maior parte das vezes. Temo que muitos dos rapazes não tenham sobrevivido para chegar a Changi. — O dr. Tooley era um velho simpático, narigudo, cabelos ralos e mãos carinhosas, e sorriu para Fleur. — Então, mocinha — falou, com sua voz áspera e bondosa. — Está com uma pontinha de fe...

— Oh... desculpe, doutor — disse ela rapidamente, interrompendo-o, subitamente muito branca. — Eu... acho...

Saiu da cama e dirigiu-se rápida e desajeitadamente para o banheiro. A porta se fechou atrás dela. Havia uma gota de sangue nas costas da sua camisola.

— Ela está bem? — perguntou Marlowe, a fisionomia rígida.

— Está com trinta e oito e meio de febre, a pulsação está alta. Pode ser apenas uma gastroenterite... — disse o médico, olhando para ele.

— Pode ser hepatite?

— Não, não tão depressa. O período de incubação vai de seis semanas a dois meses. Infelizmente, essa espada está pendendo sobre a cabeça de todos. Lamento. — Uma rajada de chuva e vento fustigou as vidraças. Ele olhou naquela direção e franziu o cenho, lembrando-se de que não havia mencionado o perigo de hepatite a Dunross e aos americanos. "Talvez seja melhor esperar para ver no que dá, e ser paciente. Joss", pensou. — Dois meses, para ficar completamente seguro. Os dois tomaram todas as vacinas, portanto não deve haver perigo de tifo.

— E o bebê?

— Se as cólicas piorarem, ela poderá sofrer um aborto espontâneo, sr. Marlowe — disse o médico, suavemente. — Lamento, mas é melhor saber. Seja como for, não será fácil para ela. Só Deus sabe os vírus e bactérias que existem em Aberdeen. O lugar é um esgoto público, faz já um século. É chocante, mas nada podemos fazer a respeito. — Remexeu no bolso, procurando o bloco

de receitas. — Não se pode modificar os chineses, ou os hábitos de séculos. Sinto muito.

— Joss — disse Peter Marlowe, sentindo-se péssimo. — Todo mundo vai ficar doente? Devia haver uns quarenta ou cinqüenta de nós nos debatendo na água... era impossível não engolir um pouco daquela sujeira.

O médico hesitou.

— Dos cinqüenta, talvez cinco fiquem muito doentes. Cinco ficarão incólumes, e o resto vai ficar no meio. Os yan de Hong Kong, o pessoal local, deverão ser menos afetados do que os visitantes. Mas, como você disse, tem muito a ver com Joss. — Achou o bloco. — Vou lhe receitar um antibiótico intestinal moderno, mas continuem com o velho e bom Remédio do Dr. Colicos... vai dar um jeito nas suas barriguinhas, Vigie-a com muito cuidado. Tem um termômetro?

— Sim, claro! Com... — Um espasmo percorreu Peter

Marlowe, sacudiu-o e se foi. — Viajando com crianças, a gente tem que ter um estojo de emergência.

Os dois homens tentavam não olhar para a porta do banheiro. Podiam ouvi-la parcialmente, enquanto sua dor aumentava e diminuía.

— Quantos anos têm seus filhos? — perguntou o dr.

Tooley, distraidamente, tentando não demonstrar na voz a preocupação que sentia. Ao chegar, notara o caos alegre do minúsculo segundo dormitório que dava para a sala pequena e singela. No quatinho mal cabia o beliche duplo, e havia brinquedos espalhados por toda parte. — Minhas filhas já são crescidas. Tenho três moças.

— Como? Ah, as nossas têm quatro e oito anos... duas meninas.

— Têm uma amah?

— Temos, sim. Com toda essa chuva, hoje de manhã, ela levou as crianças à escola. Vão até o porto e pegam um bo-pi.

— O bo-pi era um táxi sem licença, totalmente ilegal, mas quase todo mundo se utilizava dele, de vez em quando. — A escola fica numa transversal da Garden Road. Na maior parte dos dias, elas insistem em ir por conta própria. Sentem-se perfeitamente seguras.

— Mas, sim, claro que sim.

Estavam agora de ouvidos atentos ao tormento dela. Cada esforço abafado refletia-se nos dois homens.

— Bem, não se preocupe — disse o médico, hesitante.

— Mandarei entregar aqui os remédios... há uma farmácia no hotel. Mandarei pôr na sua conta. Voltarei logo mais às seis horas, o mais próximo das seis que puder. Se houver algum problema... — Estendeu gentilmente uma folha do receituário.

Aqui está meu telefone. Não hesite em me chamar, ouviu?

— Obrigado. Bem, e quanto à sua conta?

— Não se preocupe com isso, sr. Marlowe. O que importa primeiro é que fiquem bem. — O dr. Tooley concentrava-se na porta. Estava com receio de ir embora. — Pertenceu ao exercito?

— Não. À força aérea.

— Ah! Meu irmão foi piloto. Espatifou-se em... Interrompeu-se. Fleur Marlowe chamava, hesitante, do outro lado da porta:

— Doutor... será que... por favor... Tooley foi até junto da porta. — Sim, sra. Marlowe? Está bem? — Será que... que... por favor...

Ele abriu a porta e fechou-a atrás de si. O fedor azedo no banheiro minúsculo era intenso, mas ele não ligou.

— Eu... — começou ela, interrompendo-se ao sentir novo espasmo.

— Vamos, não se preocupe — disse, acalmando-a, e colocou uma das mãos nas costas dela e outra no seu estômago, ajudando-a a sustentar seus torturados músculos abdominais. As mãos a massagearam suavemente, e com perícia. — Pronto, pronto! Pode relaxar, não vou deixá-la cair. — Sentiu os músculos retesados sob os dedos, e transmitiu sua força e calor para ela. — Você tem mais ou menos a idade de minha filha, a mais moça. Tenho três, e a mais velha tem dois filhos... Pronto, pode relaxar, pense que a dor vai passar. Logo vai se sentir bem, sem dor...

Dali a pouco as cólicas passaram.

— Eu... Deus, des... desculpe. — A moça tateou em busca de papel higiênico, mas logo foi tomada por outra cólica, e mais outra. Era desconfortável para ele, ali no banheirozinho, mas cuidou dela e manteve as mãos fortes sustentando-a da melhor maneira possível.

Sentiu uma pontada nas costas. Ela disse: — Estou... estou bem, agora. Obrigada.

Ele sabia que não era verdade. Estava ensopada de suor. Ele passou um pano molhado no rosto dela, depois secou-o. A seguir, ajudou-a a se levantar, sustentando-lhe o peso, acalmando-a o tempo todo. Limpou-a. O papel deixava ver vestígios de sangue, e havia vestígios de muco com sangue também na água suja do vaso, mas ela ainda não estava tendo hemorragia, e ele soltou um suspiro de alívio.

— Vai ficar boa — disse ele. — Pronto, espere um minuto. Não tenha medo! — Fez com que ela se segurasse na pia. Rapidamente, dobrou uma toalha seca ao comprido e amarrou-a na barriga dela, bem apertada, dobrando as pontas para dentro para ficar bem firme. — Isso é o melhor que existe para dor de barriga, o melhor mesmo. Sustenta a barriga e aquece-a. Meu pai também era médico, no exército indiano, e jurava que não havia coisa melhor. — Olhou para ela, atentamente. — É uma moça muito corajosa. Vai ficar boa. Pronta?

— Sim. Des... desculpe o que...

Ele abriu a porta. Peter Marlowe correu a ajudar. Puseram-na na cama.

Ela ficou largada ali, exausta, uma mecha de cabelo molhado na testa. O dr. Tooley afastou-a e fitou-a, pensativo.

— Acho, mocinha, que vamos interná-la numa casa de saúde, por um ou dois dias.

— Ah, mas... mas...

— Não há com que se preocupar. Mas é melhor darmos ao futuro bebê todas as chances, não é? E com duas crianças pequenas aqui para cuidar... Dois dias de descanso serão o bastante. — A voz áspera dele os tocou, acalmando-os. — Tomarei as providências e voltarei daqui a um quarto de hora. — Olhou para Peter Marlowe por sob as sobrancelhas espessas. — A casa de saúde fica em Kowloon. Isso evitará qualquer viagem longa para a ilha. Muitos de nós a usamos, e é boa, limpa, e equipada para qualquer emergência. Não quer arrumar uma maleta para ela? — Anotou o endereço e o telefone. — Pronto, mocinha, volto daqui a pouquinho. Vai ser melhor. Assim não terá que se preocupar com as crianças. Sei como isso angustia, quando se está doente. — Sorriu para ambos. — Não se preocupe com coisa alguma, ouviu, sr. Marlowe? Vou falar com o seu criado e pedir-lhe que ajude a manter tudo em ordem por aqui. E não se preocupem com dinheiro. — As rugas fundas ao redor dos seus olhos ficaram ainda mais fundas. — Somos muito filantrópicos, aqui em Hong Kong, com nossos jovens convidados.

Retirou-se. Peter Marlowe sentou-se na cama. Desconsolado.

— Espero que as crianças tenham chegado direitinho ao colégio — disse ela.

— Claro que sim. Ah Sop é ótima.

— Como vai se arranjar?

— Muito bem. Vou bancar a dona-de-casa por um dia ou dois.

Ela se moveu, cansada, apoiando-se numa das mãos e observando a chuva, e, para além dela, o hotel cinzento do outro lado da rua estreita, que ela detestava porque tirava a vista do céu.

— Eu... espero que não vá... custar muito — falou, a voz tênue.

— Não se preocupe com isso, Fleur. Não haverá problemas. A Associação dos Escritores pagará.

— Pagará mesmo? Aposto que não, Peter, não a tempo. Droga! O nosso... nosso orçamento já está tão apertado!

— Sempre posso fazer um empréstimo contando com o dinheiro do dane-se do ano que vem. Não...

— Oh, não! Não vamos fazer isso, Peter. Não podemos. Já resolvemos. Caso... contrário, você vai ficar enredado de... novo.

— Alguma coisa vai aparecer — disse ele, confiante. — mês que vem há uma sexta-feira 13, e isso sempre nos trouxe sorte. — Seu romance tinha sido publicado num dia 13, e entrara para a lista de best sellers num dia 13. Há três anos, quando eles estavam na pior, fora num dia 13 que ele assinara um bom contrato como roteirista. Seu primeiro trabalho como diretor fora confirmado num dia 13. E em abril do ano anterior, na sexta-feira 13, um dos estúdios de Hollywood comprara os direitos cinematográficos do seu romance por cento e cinqüenta e sete mil dólares. O agente ficara com dez por cento, e então Peter Marlowe dividira o restante pelos próximos cinco anos. Cinco anos de dinheiro do dane-se para a família: vinte e cinco mil a cada mês de janeiro. O suficiente, com controle, para despesas médicas e escolares, hipoteca, carro e outros pagamentos... cinco anos gloriosos de libertação de todos os problemas de costume. E liberdade de recusar um serviço de diretor-roteirista para vir passar um ano em Hong Kong, sem ganhar nada, mas livre para pesquisar o segundo livro. "Oh, Deus", pensou Peter Marlowe, subitamente aterrorizado. "Que diabo estou procurando afinal? Que diabo estou fazendo aqui?" — Meu Deus — falou, infeliz —, se eu não tivesse insistido para irmos àquela festa, isso não teria acontecido.

— Joss. — Ela deu um débil sorriso. — Joss, Peter. Lembre-se do que você está... sempre me dizendo. Destino, sorte, azar, é só joss, Peter. Ah, Meu Deus, como me sinto mal!

42

10h01m

Orlanda Ramos abriu a porta do seu apartamento e pôs o guarda-chuva ensopado num porta-guarda-chuvas.

— Entre, Linc — disse, radiante. — Minha casa é sua casa — falou em português, traduzindo depois.

— Tem certeza? — perguntou Linc, sorrindo. Ela riu e falou, brincalhona:

— Ah! Isso vamos ver. É só um velho costume português, de oferecer a casa da gente.

Ela estava tirando a capa de chuva brilhante, na última moda. No corredor, ele fazia o mesmo com um impermeável ensopado e muito usado.

— Pronto, deixe que eu penduro — disse a moça. — Ah, e não ligue para o molhado, a amah enxugará. Entre.

Ele notou que a sala era jeitosa e impecável, muito feminina, de bom gosto e acolhedora. Ela fechou a porta atrás dele e pendurou seu casaco num gancho. Ele foi até as portas envidraçadas que davam para uma varandinha. O apartamento ficava no oitavo andar do Rose Court, na Kotewall Road.

— A chuva é sempre assim tão forte? — perguntou ele.

— Num tufão de verdade é muito pior. Talvez de trezentos a quatrocentos e cinquenta milímetros num dia. Há também os deslizamentos de lama, e as áreas de recolonização são destruídas pelas águas.

Ele olhava para baixo, através da neblina. A maior parte da vista era bloqueada pelos prédios altos, construídos ao longo das estradas sinuosas cavadas na encosta das montanhas. Aqui e ali ele podia ver trechos da zona central e da orla marítima, lá embaixo.

— É como estar num avião, Orlanda. Numa noite gostosa deve ser fantástico.

— É. É, sim. Eu adoro isso aqui. Dá para se ver Kowloon inteira. Antes de construírem o Sinclair Towers, aquele prédio bem em frente, tínhamos a vista mais linda de Hong Kong.

Sabia que a Struan é dona do Sinclair Towers? Acho que Ian Dunross mandou construí-lo para irritar a Quillan. Quillan tem o apartamento de cobertura aqui no prédio... pelo menos, tinha.

— E atrapalhou a vista dele?

— Arruinou-a.

— Foi um ataque dispendioso.

— Não. Os dois prédios são altamente rendosos. Quillan me contou que tudo em Hong Kong é amortizado ao longo de três anos. Tudo. O negócio é possuir imóveis. Você podia ficar... — Ela riu. — Podia aumentar sua fortuna se quisesse.

— Se eu ficar, onde devo morar?

— Aqui em Mid Levels. Subindo mais o Pico, é tudo muito úmido, as paredes suam, tudo fica mofado.

Ela tirou o lenço de cabeça, sacudiu a cabeleira, depois sentou-se no braço de uma cadeira, olhando para as costas dele, esperando pacientemente.

— Há quanto tempo você mora aqui? — indagou ele.

— Há cinco, quase seis anos. Desde que o prédio foi construído.

Ele se virou, apoiando-se na janela.

— É formidável — disse ele. — E você também é.

— Obrigada, gentil senhor. Quer um pouco de café?

— Por favor. — Linc Bartlett correu os dedos pelos cabelos, olhando para um quadro a óleo. — É um Quance?

— É. É, sim. Foi Quillan quem me deu. Espresso?

— Sim. Preto, por favor. Gostaria de entender mais de pintura... — Já ia acrescentar "Casey entende", mas se deteve e ficou vendo a moça abrir uma das portas. A cozinha era grande, moderna e muito bem equipada. — Puxa, está parecendo coisa de Casa e Jardim!

— Foi tudo idéia do Quillan. Ele adora comida e adora cozinhar. Tudo aqui foi ele que projetou... o resto do apartamento foi decorado por mim, embora tenha aprendido com ele a diferenciar o bom do cafona.

— Lamenta ter acabado tudo com ele?

— Sim e não. É o destino, carma. Ele... era joss. Tinha chegado a hora. — A serenidade dela emocionou-o. — Nunca poderia ter durado. Nunca. Não aqui. — Notou que uma tristeza a invadiu, momentaneamente, mas ela a afastou e se ocupou com a impecável máquina de café. Todas as prateleiras brilhavam. — Quillan era maníaco por ordem e limpeza, e graças a Deus eu peguei o hábito. Minha amah, Ah Fat, me deixa maluca.

— Ela mora aqui?

— Ah, sim, naturalmente, mas saiu para fazer compras... o quarto dela fica no fim do corredor. Pode dar uma olhada por aí, se quiser. Não vou demorar quase nada.

Cheio de curiosidade, ele aceitou a sugestão. Uma boa sala de jantar com uma mesa redonda de oito lugares. O quarto dela era branco e rosa, leve e delicado, com cortinas macias cor-de-rosa que caíam do teto ao redor da cama enorme. Havia flores, num arranjo delicado. Um banheiro moderno, ladrilhado e perfeito, com toalhas combinando. Um segundo dormitório, com livros, telefone, hi-fi e uma cama menor, tudo muito arrumado e de bom gosto.

"Ela é mais organizada do que Casey", pensou, lembrando-se da desarrumação gostosa e informal da sua casinha no vale de Los Angeles, tijolinhos vermelhos, pilhas de livros por toda parte, churrasqueira, telefones, copiadoras e máquinas de escrever elétricas. Aborrecido por ter pensado e por estar automaticamente comparando-as, voltou à cozinha com passos silenciosos, ignorando o quarto da amah. Orlanda concentrava-se na máquina de fazer café, sem perceber que ele agora a observava. Gostava de observá-la.

Pela manhã ligara para ela bem cedo, muito preocupado, acordando-a, querendo lembrar-lhe de procurar um médico, por via das dúvidas. Na confusão da véspera, quando ele e Casey tinham finalmente chegado em terra, ela já tinha ido para casa.

— Ah, obrigada, Linc, quanta gentileza em me telefonar! Não, estou bem — disse, atropelando as palavras, contente. — Pelo menos, agora estou. Você está bem? E Casey está bem? Ah, nem sei como agradecer, eu estava apavorada... Você salvou minha vida, você e Casey...

Tagarelaram alegremente ao telefone, e ela prometeu ir ao médico, de qualquer forma, e depois ele a convidou para tomarem café juntos. Ela aceitou imediatamente, e ele se mandou para o lado de Hong Kong, curtindo a chuvarada, a temperatura agradável. Tomaram o desjejum no topo do Mandarin, ovos Benedict, torradas e café, sentindo-se ótimos, Orlanda animadíssima e muito agradecida a ele e a Casey.

— Pensei que era uma mulher morta. Sabia que ia me afogar, Linc, mas estava assustada demais para gritar. Se você não tivesse agido tão rapidamente, eu jamais... Mal mergulhei a querida Casey estava lá, e eu estava viva de novo, e segura, antes de me dar conta do que acontecera...

Foi o melhor desjejum que já tivera. Ela o paparicou, em pequenas coisas, passando-lhe a torrada, servindo o café, sem que ele precisasse pedir, apanhando o guardanapo dele quando caiu, entretendo, e sendo entretida, confiante e feminina, fazendo com que ele se sentisse masculino e forte. E uma vez estendeu a mão e apoiou-a no braço dele, dedos longos, unhas bem-tratadas. A sensação daquele toque permanecia na sua pele. Depois, ele a levara para casa, e dera um jeito para que ela o convidasse a subir, e agora ali estava ele, observando-a concentrar-se na cozinha, saia de seda e botas de chuva de estilo russo, uma blusa solta ajustada na cintura minúscula, deixando seus olhos percorrerem-na.

"Meu Deus", pensou, "é melhor eu tomar cuidado. "

— Oh, não o tinha visto, Linc. Você tem o andar leve para um homem da sua altura!

— Desculpe.

— Não se desculpe, Linc! — O vapor chiou até um crescendo. Gotinhas negras começavam a encher as xícaras. — Um pouquinho de limão?

— Obrigado. E você?

— Não. Prefiro cappuccino.

Ela esquentou o leite, o barulho gostoso e o cheiro do café fantástico, depois levou a bandeja até a copa. Colheres de prata e porcelana fina, ambos cômicos do clima reinante no aposento, mas fingindo não haver nenhum.

Bartlett sorveu o seu café.

— Está uma delícia, Orlanda! O melhor que já tomei. Mas é diferente.

— É a pitada de chocolate.

— Gosta de cozinhar?

— Gosto, sim, muito. Quillan disse que eu era boa aluna. Adoro cuidar da casa e organizar festas, e Quillan sempre... — Havia uma pequena ruga no seu rosto, agora. Olhou diretamente para ele. — Parece que estou sempre falando nele. Desculpe, mas ainda é... ainda é automático. Ele foi o primeiro homem na minha vida... o único... portanto é uma parte indelével de mim.

— Não precisa explicar, Orlanda, eu compreen...

— Eu sei, mas quero explicar. Não tenho amigos de verdade, nunca falei dele com ninguém, nunca tive vontade, mas agora... bem, gosto de estar com você e... — Um sorriso imenso e repentino iluminou-a. — Mas é claro! Tinha me esquecido! Agora você é responsável por mim!

Ela riu e bateu palmas com as mãozinhas delicadas.

— O que quer dizer?

— Segundo os costumes chineses, você interferiu no joss, ou o destino. Foi, sim. Interferiu nos desígnios dos deuses. Você salvou minha vida, porque sem você eu teria morrido na certa, ou provavelmente teria morrido, mas cabia aos deuses decidir. Mas porque você interferiu e assumiu as responsabilidades deles, agora

tem que cuidar de mim para sempre! É um costume chinês sensato e bom! — Os olhos dela dançavam, e ele nunca tinha visto brancos dos olhos tão brancos, pupilas castanho-escuras tão límpidas, ou um rosto tão agradável. — Para sempre!

— Negócio feito! — riu ele junto com a moça, a força da alegria dela a cercá-lo.

— Ah, que bom! — falou, depois ficou um pouco mais séria, e tocou-lhe o braço. — Estava só brincando, Linc. Você é tão galante... e não estou acostumada com tanta galanteria. Eu o libero formalmente... a minha metade chinesa o libera.

— Talvez eu não queira ser liberado. Imediatamente, notou que os olhos dela estavam maiores.

Sentia uma opressão no peito, o coração batendo mais rápido. O perfume dela o tantalizava. Abruptamente, a força entre eles se manifestou. Estendeu a mão e tocou o cabelo dela, sedoso e fino, sensual. Primeiro toque. Acariciando-a. Um pequeno arrepio, e logo estavam se beijando. Sentiu os lábios macios dela, acolhedores, só um pouco úmidos, sem batom, o gosto tão limpo e bom!

A paixão aumentou. A mão dele moveu-se para o seio dela, e o calor atravessou a seda. Ela estremeceu de novo e tentou debilmente recuar, mas ele a segurava com firmeza, o coração disparado, acarinhando-a. Depois as mãos dela dirigiram-se para o peito dele, e ali ficaram por algum tempo, tocando-o. Depois o

empurraram de leve, e ela interrompeu o beijo, mas continuou junto dele, recobrando o fôlego, o coração disparado, tão intoxicada quanto ele.

— Linc... você...

— Você é tão gostosinha! — disse ele, suavemente, abraçando-a. Inclinou-se para beijá-la de novo, mas ela evitou o beijo.

— Espere, Linc, primeiro...

— Primeiro beijar, depois esperar!

Ela riu. A tensão foi rompida. Ele se xingou por ter cometido aquele erro, o seu desejo forte, atizado pelo dela. Agora, o momento havia passado, e estavam esgrimindo de novo. A raiva o invadiu, mas, antes que ela tomasse conta dele, a moça se esticou e beijou-o com toda a perfeição. A raiva desapareceu imediatamente. Só o calor permaneceu.

— Você é forte demais para mim, Linc — disse, a voz roufenha, os braços ao redor do pescoço dele, mas cautelosamente. — Forte demais, atraente demais e simpático demais, e verdadeiramente, verdadeiramente devo-lhe a vida.

A mão dela acariciou-lhe o pescoço, e ele sentiu a carícia aquecer-lhe o sexo, enquanto ela erguia os olhos para ele, suas defesas estabelecidas, fortes, mas invioláveis. "Talvez", pensou ele.

— Primeiro conversar — disse ela, afastando-se —, depois, quem sabe, nos beijamos de novo.

— Ótimo — disse ele, dirigindo-se de imediato para perto dela, os dois agora de bom humor, mas ela tocou-lhe os lábios com o dedo, impedindo-o.

— Sr. Bartlett! Será que todos os americanos são como o senhor?

— Não — respondeu ele, prontamente, mas ela não engoliu a isca.

— É, eu sei. — A voz dela estava séria. — Eu sei. Era sobre isso que queria lhe falar. Café?

— Sim — disse, esperando, perguntando-se como agir, avaliando-a, desejando-a, sem conhecer direito essa selva, fascinado por ela e pela moça.

Ela serviu o café com cuidado. Tinha o mesmo gosto bom da primeira xícara. Ele estava controlado, embora a dor continuasse.

— Vamos para a sala — disse ela. — Eu levo a sua xícara. Ele se pôs de pé, a mão à volta da cintura dela. Ela não fez objeção, e ele sentiu que o contato dele lhe agradava, também. Sentou-se numa das poltronas fundas e chamou-a:

— Sente-se aqui — disse, batendo no braço da poltrona. — Por favor.

— Depois. Primeiro quero conversar. — Sorriu um tanto timidamente e sentou-se no sofá em frente, de veludo azul-escuro, combinando com o tapete chinês no chão de parquet lustroso. — Linc, só o conheço há dias, e não sou... não sou uma garota de programa. — Orlanda enrubesceu ao pronunciar essas palavras, e continuou, rapidamente, abafando o que ele pretendia dizer: — Desculpe, mas não sou. Quillan foi o primeiro e único, e não estou querendo um caso. Não quero uma trepada amistosa ou alucinada, e uma despedida tímida ou dolorosa. Aprendi a viver sem amor, não posso passar por tudo aquilo de novo. Amei Quillan, agora não amo. Tinha dezessete anos quando... começamos, e agora tenho vinte e cinco. Estamos separados há quase três anos. Tudo já acabou há três anos, e não mais o amo. Não amo ninguém, e sinto muito, sinto muito, mas não sou uma garota de programa.

— Nunca pensei que fosse — disse ele, sabendo no íntimo que era mentira, e amaldiçoou o seu azar. — Que diabo, o que pensa que sou?

— Acho que é um bom homem — retrucou ela, de pronto, com sinceridade —, mas na Ásia uma moça, qualquer moça, descobre muito depressa que os homens querem ir para a cama, e que é só o que querem. Desculpe, Linc, mas ir para a cama por ir não faz o meu gênero. Pode ser que venha a fazer, mas não faz agora. É, sou eurasiática, mas não sou... sabe o que estou querendo dizer?

— Claro — falou, e acrescentou, antes que pudesse se conter —, está querendo dizer que é intocável, proibida.

O sorriso dela desapareceu, e ela o fitou. O coração dele confrangeu-se ao notar sua tristeza.

— É — disse, levantando-se devagar, quase em lágrimas. — É, acho que sou.

— Meu Deus, Orlanda! — Ele foi para junto dela, abraçou-a. — Não quis ser grosseiro, não quis falar no mau sentido.

— Linc, não estou tentando provocar ou gozar com a sua cara ou bancar a difí...

— Compreendo. Que diabo, não sou criança e não estou forçando ou... nem uma coisa nem outra.

— Ah, mas que bom! Por um momento... — Ela ergueu os olhos para ele, e sua inocência derreteu-o. — Não está com raiva de mim, Linc? Quero dizer... não lhe pedi para subir, foi você que insistiu.

— Eu sei — disse ele, abraçando-a e pensando: "É verdade, e também é verdade que quero você agora, e que não sei o que você é, quem é, mas quero você. Mas o que quero de você? O que realmente quero? Quero magia? Ou só uma trepada? Você é a magia que venho buscando eternamente, ou mais uma fulana qualquer? Como se compara com a Casey? Será que devo medir a lealdade contra a seda da sua pele?" Lembrou-se do que Casey dissera, certa vez: "O amor consiste em muitas coisas, Linc. Apenas uma parte do amor é o sexo. Apenas uma. Pense em todas as outras partes. Julgue uma mulher pelo seu amor, sem dúvida, mas compreenda o que uma mulher é". Mas o calor dela o invadia, seu rosto contra o peito dele, e mais uma vez sentiu-se excitado. Beijou o pescoço dela, não querendo conter sua paixão.

— O que é você, Orlanda?

— Sou... só posso lhe dizer o que não sou — falou, na sua vozinha. — Não sou uma provocadora. Não quero que pense que estou tentando excitá-lo. Gosto de você, gosto muito, mas não sou... garota para uma noite.

— Eu sei. Meu Deus, quem meteu isso na sua cabeça?

— Viu que os olhos dela estavam úmidos. — Não precisa chorar. Mesmo. Está bem?

— Está bem. — Ela se afastou, abriu a bolsa, pegou um lençinho de papel e usou-o. — Ayeeyah, estou agindo como uma adolescente ou como uma vestal. Desculpe, mas foi tudo muito repentino. Eu não estava preparada para... senti que ia ceder. — Inspirou fundo. — As mais abjetas desculpas.

— Recusadas — disse ele, rindo.

— Graças a Deus! — Ela o fitou. — Na verdade, Linc, geralmente sei lidar com os fortes, os mansos, os astutos, até mesmo os muito astutos, sem muita dificuldade. Acho que já recebi todo tipo de cantada que é possível uma garota receber, e sempre achei que já tinha um plano de jogo automático para driblá-las quase antes que começassem. Mas com você...

— Hesitou, depois acrescentou: — Desculpe, mas com quase todo homem que conheço, bem, é sempre a mesma coisa.

— Isso é errado?

— Não, mas é exasperante entrar numa sala ou num restaurante e sentir aqueles olhares obscenos. Gostaria de saber como vocês, homens, se sentiriam. Você é moço e bonito. O que faria se as mulheres agissem assim com você, em todo lugar a que fosse? Digamos que, quando atravessou o saguão do Victoria, hoje de manhã, tivesse visto que todas as mulheres de todas as idades, as vovós de dentadura postiça, as bruxas de peruca, as gordas, as feias, as grosseiras, todas elas lhe lançavam abertamente olhares lascivos, despindo-o mentalmente, procurando chegar perto de você, tentando passar a mão no seu traseiro, olhando abertamente para a sua virilha ou o seu peito, a maioria com mau hálito, a maioria suando e fedendo, e você sabendo que elas o imaginam na cama delas, entusiástica e alegremente fazendo as coisas mais íntimas com elas.

— Não gostaria nem um pouco. Casey disse a mesma coisa com palavras diferentes quando veio trabalhar comigo. Sei o que quer dizer, Orlanda. Pelo menos, posso imaginar. Mas é assim que o mundo é.

— É, e às vezes é horrível. Oh, não gostaria de ser homem, Linc, estou muito feliz sendo mulher. Mas, realmente, às vezes é um horror. Saber que a consideram apenas um recipiente que pode ser comprado, e que depois de tudo deve agradecer muito ao velho safado e corpulento de mau hálito, aceitar sua nota de vinte dólares e ir embora, esgueirando-se como um ladrão dentro da noite.

— Como foi que esse assunto começou? — disse ele, franzindo o cenho.

Ela riu.

— Você me beijou.

Ele abriu um sorriso, contente por estarem juntos.

— Isso mesmo. Vai daí que talvez eu tenha merecido o sermão que levei. Sou culpado das acusações. Bem, e quanto àquele beijo que me prometeu... — Mas não se mexeu. Estava Tateando, sondando. "Tudo mudou agora", pensou. "Claro que queria ir para a cama com ela. Claro. Ainda quero, mais do que antes. Mas agora estamos mudados. Agora estamos num jogo diferente. Não sei se quero participar. As regras mudaram. Antes, era simples. Agora, quem sabe não é mais simples?" — Você é bonita. Já lhe disse isso? — falou, desviando-se do assunto que ela queria esclarecer.

— Eu ia falar sobre esse beijo. Sabe, Linc, a verdade é que não estava preparada para o modo como, falando francamente, como fui levada de roldão, acho que foi isso.

Ele deixou a frase no ar.

— Isso é bom ou ruim?

— Ambos. — Os olhos dela apertaram-se quando ela sorriu. — É, levada de roldão pelo meu próprio desejo. Você é demais, sr. Bartlett, e isso também é muito ruim, ou muito bom. Eu, eu gostei do seu beijo.

— Eu também. — Novamente, sorriu para ela. — E pode me chamar de Linc.

Depois de uma pausa, ela disse:

— Nunca me senti tão carente e envolvida, e por isso estou muito assustada.

— Não precisa ficar assustada — falou. Mas perguntava-se o que fazer. Seus instintos diziam-lhe que partisse. Seus instintos diziam-lhe que ficasse. O bom senso dizia-lhe que ficasse calado e esperasse. Podia ouvir seu coração bater e a chuva fustigar as vidraças. "É melhor eu ir", pensou. — Orlanda, acho que está...

— Tem tempo para conversar? Só um pouquinho? — perguntou, sentindo a indecisão dele.

— Claro. Claro que sim.

Ela afastou os cabelos do rosto.

— Queria lhe falar a meu respeito. Quillan era o patrão do meu pai em Xangai, e parece que o conheci toda a minha vida. Ajudou a pagar meus estudos, especialmente nos Estados Unidos, e sempre foi muito bondoso para mim e para minha família... tenho quatro irmãs e um irmão, e sou a mais velha, e estão todos em Portugal, agora. Quando voltei a Xangai, vinda de San Francisco, após me formar, estava com dezessete, quase dezoito anos, e... Bem, ele é um homem atraente, ao menos para mim, embora muito cruel, às vezes. Muito.

— Como?

— Acredita em vingança pessoal, que a vingança é um direito do homem, se ele for homem. E Quillan é homem à beça. Sempre foi bom para mim, ainda é. — Olhou-o atentamente. — Quillan ainda me dá mesada, ainda paga este apartamento.

— Não precisa me contar nada.

— Eu sei. Mas quero contar... se você quiser ouvir. Depois, pode decidir.

Ele a olhou atentamente.

— Está bem.

— Sabe, parte do problema é o fato de eu ser eurásiana. A maioria dos europeus nos despreza, aberta ou secretamente, especialmente os britânicos daqui... Linc, acabe de me ouvir. A maioria dos europeus despreza os eurásianos. Todos os chineses os desprezam. Assim, estamos sempre na defensiva, quase sempre desconfiados, quase sempre suspeitos de sermos ilegítimos, e sem dúvida uma trepada fácil. Deus, como odeio essa expressão! Como é nojenta, vulgar e barata! E reveladora da mentalidade do homem americano, que sempre a usa... embora tenha sido nos Estados Unidos, estranhamente, que adquiri respeito próprio e superei o meu complexo de culpa eurásiano. Quillan me ensinou muita coisa, e me formou, de muitas maneiras. Devo muito a ele. Mas não o amo. Era o que eu queria dizer. Quer mais um pouco de café?

— Quero, sim, obrigado.

— Vou fazer café fresco.

Ela se levantou, o andar inconscientemente sensual, e novamente ele amaldiçoou o seu azar.

— Por que rompeu com ele? Gravemente, ela lhe contou sobre Macau.

— Eu me deixei persuadir a ir para a cama com o tal sujeito, e dormi com ele, embora nada tenha acontecido, nada... o pobre coitado estava bêbado e impotente. No dia seguinte, fingi que ele tinha sido ótimo. — A voz dela era calma e natural, mas podia-se sentir a sua angústia. — Nada aconteceu, mas alguém contou a Quillan. Ele ficou furioso, e com razão. Eu não tenho justificativa. Foi... Quillan estava fora. Sei que isso não é desculpa, mas eu tinha aprendido a gostar de sexo e... — Uma sombra toldou-lhe o semblante. Deu de ombros. — Joss. Carma. — Na mesma voz apagada ela lhe contou a vingança de Quillan. — É o modo de ele ser, Linc. Mas tinha razão de estar furioso comigo. Eu estava errada. — O vapor chiou, e o café começou a gotejar. As mãos dela pegavam xícaras limpas, biscoitos feitos em casa e guardanapos limpos e engomados enquanto falava, mas os pensamentos deles estavam concentrados no triângulo amoroso.

— Eu ainda me encontro com ele, de vez em quando. Só para conversar. Agora somos apenas amigos, ele é bom para mim, e faço o que quero, saio com quem quero. — Desligou o aparelho e ergueu os olhos para ele. — Nós... tivemos uma filha, há quatro anos. Eu queria o bebê, ele não. Disse que eu poderia ter a criança, mas na Inglaterra. Ela agora está em Portugal, com meus pais... meu pai é aposentado, e ela mora com eles — concluiu ela, uma lágrima rolando-lhe pela face.

— Foi idéia dele manter a criança lá?

— Foi. Mas ele está certo. Uma vez por ano vou até lá. Meus pais... minha mãe queria a criança, pediu para criá-la. Quillan também é generoso com eles. — Às lágrimas agora corriam pelo seu rosto, mas o choro era silencioso. — Agora você já sabe de tudo,

Linc. Nunca contei a mais ninguém, só a você, e agora você sabe que não sou, não fui uma amante fiel, e não sou, não sou boa mãe e, e...

Ele foi para junto dela, abraçou-a bem apertado e sentiu que ela se derretia de encontro a ele, tentando sufocar os soluços, agarrando-se a ele, assimilando o seu calor e a sua força. Ele a acalmava, abraçando-a, o corpo contra o dele, inteirinho, quente, macio, tudo se encaixando.

Quando ela conseguiu se controlar, ergueu-se na ponta dos pés, beijou-o levemente, mas com grande carinho, e olhou para ele.

Ele retribuiu o beijo.

Olharam-se nos olhos, profundamente, depois beijaram-se de novo. A paixão aumentou, e parecia uma eternidade, mas não era, e ambos ouviram a chave na fechadura na mesma hora. Separaram-se, tentando recobrar o fôlego, escutando as batidas de seus corações, e ouvindo a voz áspera da amah, vinda do corredor:

— Weyyyyy?

Debilmente, Orlanda endireitou o penteado, deu ligeiramente de ombros, como a pedir desculpas.

— Estou na cozinha — disse em xangaiense. — Por favor, vá para o seu quarto até que eu a chame.

— Ah, quer dizer que o demônio estrangeiro ainda está aqui? E as minhas compras? Fiz algumas compras!

— Deixe junto à porta!

— Ah, está bem, Jovem Patroa — respondeu a amah, e se afastou, resmungando. A porta bateu com força às suas costas.

— Elas sempre batem as portas? — perguntou Linc, o coração ainda disparado.

— É, é, parece que sim. — Ela voltou a pôr a mão no ombro dele, as unhas acariciando o seu pescoço. — Desculpe.

— Não há do que se desculpar. Vamos jantar? Ela hesitou.

— Se você levar a Casey.

— Não. Só você.

— Linc, acho melhor não. Agora não estamos em perigo. É melhor dizermos adeus agora.

— Jantar. Às oito. Virei buscá-la. Você escolhe o restaurante. Comida de Xangai.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não. Já está mexendo demais comigo. Desculpe.

— Virei buscá-la às oito. — Bartlett beijou-a de leve, depois foi até a porta. Ela apanhou o impermeável dele e lhe entregou. — Obrigado — falou Linc, meigamente. — Não há perigo, Orlanda. Tudo vai ficar numa boa. Até às oito. Está bem?

— É melhor não.

— Quem sabe? — Ele sorriu para ela, estranhamente. — Isso seria joss... carma. Temos que nos lembrar dos deuses, não? — Ela não respondeu. — Estarei aqui às oito.

Ela fechou a porta atrás dele, caminhou devagar até a poltrona e se sentou, imersa em pensamentos, imaginando se o

teria afugentado, apavorada de o ter feito. Imaginando se ele realmente voltaria às oito, e, se voltasse, como poderia mantê-lo afastado, como manobrá-lo até que estivesse louco de desejo, louco o bastante para casar-se com ela.

Seu estômago deu voltas. "Tenho que agir depressa", pensou. "Casey o mantém cativo, enredou-o, e minha única saída é comida gostosa, lar e carinho, carinho, carinho, carinho, e tudo o que Casey não é. Mas nada de cama. Foi assim que Casey o prendeu. Tenho que fazer o mesmo.

"Então, ele será meu."

Orlanda sentia-se fraca. Tudo saíra perfeito, concluiu. Depois, novamente se lembrou do que Quillan dissera: "É a lei imemorial que todo homem é forçado pelas circunstâncias a se casar, preso na armadilha da sua luxúria, do seu sentimento de posse, da avareza, do dinheiro, do medo, da preguiça, ou seja lá o que for, mas forçado. E nenhum homem jamais se casa de bom grado com a sua amante".

"É. Quillan está certo, mais uma vez", pensou. "Mas está errado a meu respeito. Não vou me contentar com a metade do prêmio. Vou tentar conquistá-lo todo. Vou ter não apenas o Jaguar, e este apartamento, e tudo o que ele contém, mas uma casa na Califórnia e, principalmente, fortuna americana, longe da Ásia, onde não serei mais uma eurásiana, mas uma mulher como qualquer outra, bela, despreocupada e carinhosa.

"Ah, serei para ele a melhor mulher que um homem poderia ter. Atenderei a todos os seus desejos, farei o que ele quiser. Senti sua força, e serei boa para ele, maravilhosa para ele."

— Ele já foi? — Ah Fat entrou na sala sem fazer barulho, arrumando as coisas automaticamente, enquanto falava no dialeto de Xangai. — Bom, muito bom. Quer que faça um chá? Deve estar cansada. Um pouco de chá, heya?

— Não. Sim, sim, faça um chá, Ah Fat.

— Faça um chá! Trabalho, trabalho, trabalho! — A velha foi arrastando os pés até a cozinha. Usava calças pretas tipo bombacha, uma bata branca e uma trança comprida que lhe descia pelas costas. Cuidava de Orlanda desde o seu nascimento. — Dei uma boa olhada nele, lá embaixo, quando chegaram. Ele é bem apresentável para uma pessoa incivilizada — disse, com ar especulador.

— É? Não a vi. Onde você estava?

— Junto das escadas. — Ah Fat casquinou. — Eeeee, tomei o cuidado de me esconder direitinho, mas queria olhar para ele. Hum! Você manda a sua pobre escrava para a rua na chuva, com seus pobres ossos velhos, quando pouco importa se estou aqui ou não? Quem vai levar os seus doces e chá ou bebidas na cama quando você acabar seus afazeres, heya?

— Ora, cale a boca, cale a boca!

— Não mande a sua pobre e velha mãe calar a boca! Ela sabe como cuidar de você! Ah, sim, Pequena Imperatriz, mas era bem evidente que em ambos o yang e o yin estavam prontos para combater. Vocês dois pareciam tão contentes quanto gatos num barril de peixes! Mas não havia necessidade de eu sair!

— Os demônios estrangeiros são diferentes, Ah Fat. Queria ficar sozinha com ele. Os demônios estrangeiros são tímidos. Agora, vá fazer o chá e fique quieta, senão mando você à rua de novo!

— Ele vai ser o novo Patrão? — perguntou Ah Fat, esperançosa. — Está mais do que na hora de ter um Patrão. Não é bom para uma pessoa não ter um Talo Ardente às portas do Portão de Jade. O seu Portão vai enferrujar e ficar seco como pó, com o pouco uso que tem! Ah, esqueci de lhe dar duas notícias. Parece que os Lobisomens são estrangeiros de Macau; atacarão de novo antes da lua nova. É o que se fala. Todos juram que é a verdade. E a outra notícia é que o Velho Tok

Tosse-Tosse, da barraca de peixe, disse que este demônio estrangeiro da Montanha Dourada tem mais ouro que o Tung Eunuco! — Tung era um eunuco lendário da corte imperial da Cidade Proibida de Pequim, cuja ambição de ouro era tão imensa que nem toda a China podia satisfazê-la; era tão odiado que o imperador seguinte empilhou sobre ele toda a sua fortuna ilícita, até que o peso do ouro o esmagou, e ele morreu. — Você já não é mais tão jovem, Mãezinha! Devemos levar isso a sério. Ele vai ser o tal?

— Espero que sim — disse Orlanda, devagar.

"Ah, sim", pensou fervorosamente, tonta de ansiedade, sabendo que Linc Bartlett era a oportunidade mais importante de toda a sua vida. Abruptamente, ficou apavorada outra vez de ter exagerado o seu jogo, e que ele não fosse voltar. Desatou a chorar.

Oito andares abaixo, Bartlett atravessou o pequeno saguão e saiu para se reunir à meia dúzia de pessoas que esperavam impacientes por um táxi. A chuva torrencial caía agora constantemente, e descia do ressalto de concreto para se misturar à torrente que descia, como um pequeno rio, pela Kotewall Road, alagando as sarjetas, os bueiros há muito entupidos, carregando consigo pedras, lama e vegetação que despencavam das encostas e ladeiras altas. Carros e caminhões que subiam ou desciam cuidadosamente a rua íngreme espadanavam nos redemoinhos e torvelinhos, os limpadores de pára-brisa funcionando à toda, os vidros embaçados.

Do outro lado da rua, a montanha se erguia, muito íngreme, e Bartlett viu a infinidade de fios de água que cascadeavam pelas altas barragens de concreto que escoravam a terra. Ervas daninhas nasciam entre as rachaduras. Parte de um torrão ensopado se destacou e veio caindo para se juntar a mais entulho, pedras e lama. Um dos lados da barragem era uma garagem murada, e, subindo a encosta, havia uma mansão chinesa meio escondida, toda enfeitada, com um telhado de ladrilhos verdes e dragões nas empenas. Ao lado dela havia o andaime de uma construção e escavações para um

prédio de muitos andares. Ao lado, outro prédio de apartamentos, cujo topo desaparecia entre a neblina.

"Tantas construções!", falou Bartlett com seus botões. "Talvez devamos nos meter nesse ramo, aqui. Gente demais catando terra de menos significa lucro, muito lucro. E amortizado ao longo de três anos... Meu Deus!"

Um táxi se aproximou, indiferente às poças d'água. Alguns passageiros saltaram e outros entraram, resmungando. Um casal chinês saiu da porta do prédio e foi passando por ele e pelos outros, até a frente da fila... uma matrona tagarela e barulhenta, com um imenso guarda-chuva, um impermeável caro por cima do cheong-sam, o marido manso e humilde ao lado. "Foda-se, boneca", pensou Bartlett, "não vai tirar a minha vez. " Ajeitou-se numa posição melhor. Seu relógio marcava dez e trinta e cinco.

"E agora?", perguntou-se. "Não deixe que Orlanda o perturbe!"

"A Struan, ou Gornt?"

"Hoje é dia de escaramuça, amanhã — sexta-feira —, amanhã é dia de arrasar, o fim de semana é para reagrupar as forças, segunda é o dia do ataque final, e lá pelas três horas devemos conhecer o vencedor.

"Quem estou querendo que vença? Dunross ou Gornt?"

"Gornt é um cara de sorte... foi um cara de sorte", pensou, confuso. "Meu Deus, Orlanda é uma parada! Será que a teria largado, se fosse ele? Claro. Claro que sim. Bem, talvez não... nada aconteceu. Mas teria me casado com ela no minuto em que isso fosse possível, e não mandado a nossa filha para Portugal... Gornt é um filho da puta safado. Ou danado de esperto. Qual dos dois?"

"Ela botou as cartas na mesa direitinho... como a Casey, mas de modo diferente, embora o resultado seja o mesmo. Agora tudo está complicado, ou simples. Qual dos dois?"

"Será que quero me casar com ela? Não."

"Quero deixá-la na mão? Não."

"Quero ir para a cama com ela? Claro. Então, planeje uma campanha, manobre até levá-la para a cama, sem compromisso. Não faça o jogo da vida pelas regras femininas. Vale tudo na guerra e no amor. E o que é o amor, afinal de contas? É como disse a Casey: o sexo é apenas uma parte dele."

"Casey. E quanto a ela? Não vai ser preciso esperar muito pela Casey, agora. E então vai ser a cama, o casamento, um adeus, ou o quê? Deus me livre de me casar de novo. Uma vez só já foi terrível. É estranho, há muito tempo que não penso nela. "

Quando Bartlett voltara do Pacífico, em 45, conhecera-a em San Diego, e casara-se em uma semana, cheio de amor e ambição. Jogara-se de corpo e alma no ramo de construções, no sul da Califórnia, começando o seu próprio negócio. A época era adequada na Califórnia, todo tipo de construção florescendo. O primeiro filho nascera dali a dez meses, o segundo um ano mais tarde, e o terceiro dez meses depois. E ele trabalhando o tempo todo, inclusive sábados e domingos, curtindo o trabalho. Era moço e forte, e estava tendo um êxito imenso. Mas estavam se afastando cada vez mais. Depois as brigas e as lamentações, e o "Você não tem mais tempo para passar conosco, e fodam-se os negócios, não me importam os negócios, e quero ir para a França e Roma, e por que você não vem cedo para casa?, você tem uma namorada, sei que tem uma namorada... "

Mas não havia namorada, só trabalho. E então, certo dia, a carta do advogado. Pelo correio.

"Merda", pensou Bartlett com raiva, sentindo ainda a mesma dor. "Mas, sou apenas um entre milhões, e já aconteceu antes e vai acontecer outra vez. Mesmo assim, uma carta dela, um telefonema dela, ainda machuca. Machuca e custa dinheiro. Custa um bocado de dinheiro, e os advogados ficam com a maior parte, uma boa parte, e habilmente atizam o fogo entre nós para lucrarem ainda mais. Claro. Somos o ganha-pão deles, todos somos! Do berço à maldita sepultura, os advogados fomentam encrencas e se alimentam do nosso sangue. Merda. Os advogados é que são a verdadeira praga dos Estados Unidos. Só encontrei quatro bons em toda a minha vida! E o resto? São parasitas de todos nós. Ninguém está a salvo!

"É. Aquele filho da mãe do Stone! Ganhou uma fortuna à minha custa, transformou-a numa megera, virou-a, e às crianças, contra mim para todo o sempre e quase me destruiu, e ao meu negócio. Espero que o filho da mãe apodreça por toda a eternidade!"

Com esforço, Bartlett desviou o pensamento da ferida aberta e olhou para a chuva. Lembrou-se de que era apenas dinheiro, e que estava livre, livre, e isso o fez sentir-se ótimo.

"Deus! Estou livre, e existem Casey e Orlanda. "

Orlanda.

"Meu Deus!", pensou, a dor do desejo ainda presente, "eu estava doidão ainda há pouco. E Orlanda também. Puta merda, já é ruim o bastante com a Casey, mas agora são duas. "

Há dois meses não dormia com uma garota. A última vez fora em Londres, um encontro casual, um jantar casual, depois a cama. Ela estava hospedada no mesmo hotel, era divorciada, e não tinha havido problema. "O que foi que Orlanda disse? Uma trepada amistosa e um adeus encabulado? É, isso aí. Mas aquela moça não era encabulada. "

Ficou na fila, satisfeito, sentindo-se imensamente vivo, olhando a chuvarada, achando fantástico o cheiro da chuva na terra, a rua atulhada de pedras e lama, a torrente fazendo redemoinhos numa fenda grande do calçamento, e dançando no ar como cascatas de um riacho.

"A chuva vai trazer muita encrenca", pensou. "E Orlanda é muita encrenca, meu chapa. Claro. Mesmo assim, tem que haver um meio de levá-la para a cama. O que há nela que o deixa assim pirado? Parte é o rosto dela, parte é o corpo, parte é o olhar, parte é... Deus, admita, ela é toda mulher, e toda encrenca. É melhor esquecer Orlanda. Juízo, juízo, meu chapa. Como disse Casey, a fulana é dinamite!"

43

10h50m

Chovia há quase doze horas, e o solo da colônia estava encharcado, embora os reservatórios vazios mal tivessem sido tocados. A terra ressequida recebeu prazerosamente a chuva. A maior parte dela escorreu pela superfície endurecida e foi inundar os níveis mais baixos, transformando estradas de terra em lamaçais e locais de construção em lagos. Parte da água se infiltrou fundo. Nas áreas de recolonização que pontilhavam as encostas, a chuvarada foi um desastre.

Favelas de choças desconjuntadas feitas de sobras, papelão, tábuas, ferro corrugado, pedaços de cerca, lonas, pedaços de madeira, paredes de compensado e telhados para os abastados, encostadas umas às outras, grudadas umas às outras, umas em cima das outras, camada sobre camada, subindo e descendo as montanhas... todas com chão de terra batida e becos escuros, agora alagados e enlameados, empoçados, esburacados, perigosos. A chuva que entrava pelo telhado ensopava as camas, as roupas e os pertences de toda uma vida, gente empilhada em cima de gente,

cercada de gente, que estoicamente dava de ombros e esperava que a chuva passasse. Becos ordinários se entrelaçavam numa confusão, sem planejamento algum, exceto arranjar mais um espaçozinho para colocar outra família de refugiados e estrangeiros ilegais, mas não realmente estrangeiros, pois aqui era a China, e, uma vez cruzada a fronteira, qualquer chinês se tornava legalmente colono e poderia ficar o tempo que quisesse, segundo antiga permissão do governo de Hong Kong.

A força da colônia sempre residira na mão-de-obra barata, abundante e livre de contendas. A colônia oferecia um santuário permanente e pedia em troca apenas o trabalho pacífico, ao preço do momento. Hong Kong não buscava imigrantes, mas o povo da China sempre vinha. Vinha de dia e de noite, de navio, a pé, de maca. Cruzava a fronteira sempre que a fome ou uma convulsão abalava a China, famílias inteiras, homens, mulheres e crianças, vinham para ficar, para serem absorvidas, para no futuro voltarem para casa, porque a China era sempre a casa deles, mesmo depois de dez gerações.

Mas os refugiados não eram sempre bem-vindos. No ano anterior a colônia fora praticamente inundada por uma massa humana. Por algum motivo ainda desconhecido, e sem aviso prévio, os guardas da República Popular da China relaxaram o férreo controle na fronteira, e em uma semana os refugiados entravam aos milhares, diariamente. Na sua maioria vinham à noite, sobre e através da cerca simbólica de seis cordas que separava os Novos Territórios de Kwantung, a província vizinha. A polícia era impotente para conter o fluxo. Tiveram que chamar o exército. Numa noite de maio, quase seis mil da horda ilegal foram presos, alimentados, e no dia seguinte mandados de volta para o outro lado... porém outros milhares escaparam da rede da fronteira e se tornaram habitantes legais. A catástrofe continuou noite após noite, dia após dia.

Dezenas de milhares de recém-chegados. Logo turbas de chineses irados e compassivos reuniram-se na fronteira, tentando atrapalhar as deportações. As deportações eram necessárias porque a colônia estava sendo engolida pelos ilegais, e era impossível alimentar, acomodar e absorver um aumento tão vasto e repentino de população. Já havia os quatro milhões e tantos com que se preocupar, e a pequena porcentagem de ilegais que costumava entrar de cada vez.

Então, da mesma maneira repentina como começou, o jorro humano cessou, e a fronteira se fechou. Outra vez, sem nenhum motivo aparente.

Num período de seis semanas, quase setenta mil tinham sido presos e recambiados. Cerca de cem ou duzentos mil tinham conseguido furar o cerco e ficar, embora ninguém soubesse o número exato. Os avós, os quatro tios de Wu Óculos e suas famílias eram alguns desses, dezessete pessoas ao todo, e desde a sua chegada estavam vivendo numa área de recolonização bem acima de Aberdeen. Wu Óculos ajeitara tudo para eles. A terra era de propriedade da família Chen da Casa Nobre desde o começo da colônia, e, até recentemente, não tinha valor algum. Agora tinha valor. Os Chens a alugavam, metro por metro, a quem estivesse disposto a pagar. Wu Óculos alugara, agradecido, um pedaço de seis por três metros, a três HK o metro por mês, e, ao longo dos meses, ajudara a família a catar o material para fazer duas moradias, que, até a chegada da chuva, tinham se mantido secas. Havia uma bica de água para cem famílias. Não havia esgotos, nem eletricidade, mas a cidade de favelados florescia e era muito organizada, na sua maior parte. Um dos tios já tinha uma pequena fábrica de flores de plástico num barraco que alugava a quatro HK e meio o metro por mês; um pouco mais abaixo na encosta, outro alugara uma barraca no mercado para vender bolinhos de arroz temperados e mingau de

arroz à moda da sua aldeia de Ning-tok. Todos os dezessete estavam trabalhando... agora havia dezoito bocas para alimentar, contando com o bebê que nascera na semana anterior. Até mesmo as crianças de dois anos tinham tarefas simples a executar, separando as pétalas para as flores de plástico que os jovens e os velhos faziam, e que davam a muitos dos moradores da favela o dinheiro para comprar comida, e para o jogo.

"É", pensou Wu Óculos fervorosamente, "que todos os deuses me ajudem a ganhar um pouco do dinheiro da recompensa pela captura dos Lobisomens até o sábado, a tempo para as corridas, para apostar em Pilot Fish, o garanhão negro que, segundo todas as previsões, vai ser definitivamente o vencedor. "

Abafou um bocejo enquanto descia descalço por um dos becos estreitos e sinuosos na zona de recolonização, ao lado da sobrinha de seis anos, também descalça. A chuva embaçava as lentes grossas dos seus óculos. Ambos andavam com cuidado, evitando pisar nos çacos de vidro e peças enferrujadas que estavam sempre presentes. Às vezes, a lama chegava à altura dos tornozelos. Ambos usavam as calças enroladas até o alto, e ela tinha na cabeça um chapelão de palha, de cule, que a engolia. O chapéu dele era comum, e de segunda mão, como suas roupas, e não fazia parte do uniforme da polícia. Eram as únicas roupas que possuía, com exceção dos sapatos, que levava num saco de plástico sob a capa de chuva, para protegê-los. Ao pular por cima de um buraco malcheiroso, quase escorregou e caiu.

— Fodam-se todos os perigos — xingou, contente por não morar ali e porque o quarto alugado que dividia com a mãe, perto da delegacia de Aberdeen Leste, era seco e não estava sujeito aos

caprichos dos deuses dos climas. "Graças a todos os deuses que não tenho que fazer esta viagem todos os dias. Minhas roupas ficariam destruídas, e então todo o meu futuro estaria em perigo, porque o Serviço Especial de Informações admira o capricho e a pontualidade. Oh, deuses, que este seja o meu grande dia!"

Sentiu uma onda de cansaço. Estava de cabeça baixa, e sentia a chuva escorrer-lhe pelo pescoço. Estivera de serviço a noite toda. Quando saíra da delegacia, bem cedinho, disseram-lhe que iam dar uma batida na casa da velha amah, Ah Tam, aquela ligada aos Lobisomens, que ele descobrira e seguira até o seu covil. Então, ele dissera que faria uma visita ao seu avô, que ficara doente e estava quase morrendo, e voltaria a tempo para a batida.

Deu uma olhada no relógio. Ainda havia tempo de sobra para caminhar o quilômetro e meio até a delegacia. Tranqüilizado, continuou o seu caminho, passou por um monte de lixo e entrou num beco maior, que rodeava o bueiro. O bueiro tinha um metro e meio de profundidade e servia normalmente de esgoto, lavanderia ou pia, dependendo da quantidade de água ali existente. Agora estava transbordando, o excesso de água aumentando o sofrimento dos moradores mais abaixo.

— Tome cuidado, Quinta Sobrinha — disse.

— Sim, claro, Sexto Tio. Posso ir até o fim com o senhor? — perguntou ela, alegremente.

— Só até a barraquinha de doces. Cuidado! Olhe, mais um caco de vidro!

— O Honorável Avô vai morrer?

— Cabe aos deuses decidir. A hora da morte é decisão dos deuses, não nossa, portanto, para que nos preocuparmos, heya?

— É — concordou ela, com ar importante. — É, os deuses são os deuses.

"Que todos os deuses afaguem o Honorável Avô e tornem suave o resto da sua vida", rezou ele, depois acrescentou, com cuidado, por medida de segurança:

— Ave Maria Mãe e José, abençoem o velho Avô. "Quem sabe se o Deus cristão, ou mesmo os deuses reais existem?", perguntou-se. "Melhor apaziguar a todos, se possível. Não custa nada. Talvez ajudem. Talvez estejam dormindo, ou tenham saído para almoçar, mas tudo bem. A vida é a vida, os deuses são os deuses, o dinheiro é o dinheiro, as leis têm que ser obedecidas, e hoje tenho que ser muito vivo. "

Na noite anterior, ele saíra com o sargento comissionado Mok e o Cobra. Fora a primeira vez que eles o levaram numa de suas batidas especiais. Havia invadido três antros de jogo, mas, curiosamente, haviam deixado em paz cinco outros, muito mais

prósperos, embora estivessem localizados no mesmo andar do mesmo cortiço, e ele pudesse ouvir o barulho das pedras de mah-jong e os gritos dos crupiês de fan-tan.

"Dew neh loh moh", pensou, "quem me dera poder ficar com parte do suborno!" Mas logo acrescentou mentalmente: "Afastese de mim, Satã! Prefiro muito mais fazer parte do sei, porque então terei um emprego seguro e importante para o resto da vida, conhecerei todo tipo de segredos, e esses segredos me protegerão, e então, quando me aposentar, os segredos farão de mim um homem rico".

Viraram uma esquina e chegaram à barraquinha de doces. Ele pechinhou com a velha desdentada por um minuto ou dois, depois pagou-lhe duas moedas de cobre, e ela deu à garotinha um bolinho de arroz-doce e uma boa porção de pedaços de casca de laranja seca ao sol, puxa-puxa, agridoces e cheirosos, enrolados num pedaço de jornal.

— Obrigada, Sexto Tio — disse a garotinha, abrindo um sorriso sob o chapelão.

— Espero que goste, Quinta Sobrinha — retrucou ele, cheio de carinho, satisfeito porque ela era bonita. "Se os deuses nos favorecerem, ela vai crescer e ser muito bonita", pensou, contente, "e então poderemos vender a virgindade dela por uma boa quantia, e depois os seus serviços, lucrativamente, para o bem da família. "

"Wu Óculos sentia-se muito orgulhoso por ter podido fazer tanto por esse ramo da família, nas horas de dificuldade. "Todos seguros e alimentados, e agora a minha porcentagem da fábrica de flores de plástico do Nono Tio, negociada tão pacientemente, pagará, com sorte, o meu aluguel daqui a um ou dois anos, e posso comer um bom mingau de arroz de Ning-tok grátis, três vezes por semana, o que me ajuda a poupar dinheiro, e evita que arranje dinheiro de suborno, tão fácil de obter, mas que arruinaria o meu futuro.

"Não. Que todos os deuses sejam testemunhas! Não vou aceitar dinheiro de suborno enquanto houver chance de entrar para o sei, mas não é sensato pagarem-nos tão pouco. Recebo trezentos e vinte HK por mês, depois de dois anos de serviço. Ayeeyah, é impossível compreender os bárbaros!"

— Agora, trate de ir andando, que eu volto amanhã — disse ele. — Cuidado onde pisa.

— Claro, Tio!

Ele se inclinou e ela o abraçou. Ele retribuiu o abraço e foi embora. Ela foi subindo a colina, com parte do bolinho de arroz já na boca, o gosto adocicado e enjoativo do doce de laranja, tão delicioso!

A chuva era forte e monótona. A água que extravasava do bueiro inundado carregava entulho pela trilha entre os barracos, mas

ela subia a trilha com cuidado, desviando-se do entulho, fascinada pela corrente. Havia lugares em que a água era funda, e ali, onde o caminho era mais íngreme, parecia quase uma cascata. Sem aviso prévio, uma lata de cinco galões, com as beiradas irregulares, veio descendo com violência na direção dela, deixando de atingi-la por pouco e indo furar uma parede de papelão.

Ela ficou paralisada de susto.

— Vá andando, não há nada para roubar aqui! — berrou para ela um morador furioso. — Vá para casa! Não devia estar aqui. Vá para casa!

— Sim... sim — disse ela, e começou a andar depressa, a subida agora mais difícil. Nesse momento, a terra logo abaixo dela cedeu, e começou o deslizamento. Centenas de toneladas de lama, pedra e terra desataram a deslizar, enterrando tudo em sua descida. Em questão de segundos, descera mais de cinquenta metros, destruindo as estruturas frágeis, dispersando homens, mulheres e crianças, enterrando alguns, mutilando outros, abrindo uma clareira lamacenta onde antes era a aldeia.

Então parou. Tão subitamente como começara.

Em toda a encosta fez-se um grande silêncio, quebrado apenas pelo ruído da chuva. Abruptamente, o silêncio cessou. Começaram os gritos e pedidos de socorro. Mulheres e crianças saíram correndo dos seus barracos poupados, abençoando os deuses

pela sua segurança, aumentando o pandemônio e os lamentos de socorro. Amigos ajudavam amigos, vizinhos ajudavam vizinhos, mães procuravam os filhos, filhos, os pais, mas a grande maioria ficava apenas parada na chuva, abençoando a sua sorte por ter escapado do deslizamento.

A garotinha ainda se equilibrava na beirada do abismo onde a terra desabara. Olhava para dentro dele, incrédula. Uns três metros abaixo dos seus pés havia agora pontas agudas de rochas e lama, morte onde segundos antes era terra firme. A beirada estava desmoronando, e pequenas avalanches de lama e pedra desciam para dentro do abismo, ajudadas pelas águas que transbordavam do bueiro. Sentiu que escorregava. Com cuidado, deu um passo para trás; porém, um outro tanto de terra cedeu. Então ela parou, apavorada, os restos do bolinho de arroz ainda firmemente seguros nas mãos. Enterrou os dedos dos pés no solo macio, para tentar manter o equilíbrio.

— Não se mexa! — gritou um velho.

— Afaste-se da beirada! — berrou outro, e os demais olhavam, esperavam e prendiam a respiração para ver o que os deuses decidiriam.

Então uma lasca de dez metros da beirada desabou, e caiu dentro do buraco, levando consigo a garotinha. Ela ficou enterrada, mas só um pouquinho. Até os joelhos. Certificou-se de que seu bolinho de arroz estava seguro, e só então desatou a chorar.

11h30m

O carro de polícia do superintendente Armstrong abriu caminho entre as multidões iradas que lotavam a rua diante do Ho-Pak, transbordando das calçadas, dirigindo-se para a delegacia de Aberdeen Leste. Outras turbas congestionavam as ruas diante de todos os outros bancos da área, pequenos ou grandes (até mesmo o Victoria, que ficava do outro lado da rua, em frente ao Ho-Pak), todo mundo esperando impaciente para sacar seu dinheiro.

Por toda parte a atmosfera estava volátil e perigosa, com a chuva torrencial aumentando a tensão. As barricadas erguidas para controlar a entrada e a saída das pessoas nos bancos eram guarnecidas por policiais igualmente irritados e ansiosos — vinte para mil pessoas, desarmados, exceto pelos cassetetes.

— Graças a Deus pela chuva — resmungou Armstrong.

— Senhor? — perguntou o motorista, o barulho irritante dos limpadores de pára-brisa mal adaptados abafando a sua voz.

Armstrong repetiu em voz mais alta, e acrescentou:

— Se estivesse quente e úmido, toda esta porra de lugar estaria pegando em armas. A chuva é uma dádiva dos céus.

— Sim, senhor. É, sim.

Dali a pouco o carro parou diante da delegacia. Ele entrou, apressado. O inspetor-chefe Donald C. C. Smyth estava à sua espera, com o braço esquerdo na tipóia.

— Desculpe ter demorado tanto — disse Armstrong. — O maldito tráfego está com um engarrafamento de quilômetros.

— Não faz mal. Desculpe, mas estou com pouca gente, meu velho. Aberdeen Oeste está colaborando, e a Central também, mas também têm lá os seus problemas. Merda de bancos! Teremos que nos contentar com um tira nos fundos — já está em posição, para o caso de algum dos bandidos querer levantar vôo — e nós na frente, com Wu Óculos.

Smyth contou seu plano a Armstrong.

— Ótimo.

— Vamos indo? Não quero ficar afastado muito tempo.

— Claro. A barra está pesada, aí fora.

— Espero que a porra da chuva dure até que a porra dos bancos cerrem as portas ou paguem até o último tostão. Você sacou o que tinha?

— Está brincando! A mixaria que tenho não faz diferença! — Armstrong esticou-se, com as costas doendo. — Ah Tam está no apartamento?

— Ao que nos consta. A família para a qual trabalha chama-se Ch'ung. Ele é lixeiro. Um dos bandidos também pode estar lá, portanto teremos que entrar rapidamente. Tenho a permissão do comissário para levar um revólver. Quer um, também?

— Não. Não, obrigado. Vamos indo, então?

Smyth era mais baixo do que Armstrong, mas forte, e a farda caía-lhe bem. Desajeitadamente, por causa do braço, pegou a capa de chuva e começou a sair na frente, depois se deteve.

— Pombas, esqueci! Desculpe, o sei... Brian Kwok telefonou, pediu que ligasse para ele. Quer usar a minha sala?

— Obrigado. Tem café por aí? Bem que eu gostaria de uma xícara.

— Num instante.

A sala era arrumada, eficiente e simples, embora Armstrong notasse as cadeiras, a mesa, o rádio e atavios dispendiosos.

— Presentes de fregueses agradecidos — disse Smyth, despreocupadamente. — Vou deixá-lo a sós por uns dois minutos.

Armstrong sacudiu a cabeça e começou a disar.

— Sim, Brian?

— Oh, alô, Robert! Como vão as coisas? O Velho mandou que a trouxessem para o QG e não a interrogassem em Aberdeen Leste.

— Está certo. Estamos de saída. Qg, hem? Qual o motivo?

— Não me contou, mas está de bom humor, hoje. Parece que temos um 16/2, logo mais à noite.

O interesse de Armstrong aumentou. Um 16/2, em termos de sei, queria dizer que haviam descoberto um aparelho inimigo e iam prender o espião ou espiões.

— Algo a ver com o nosso problema? — perguntou cautelosamente, referindo-se à Sevrin.

— Talvez. — Fez-se uma pausa. — Lembra-se do que lhe falei sobre o nosso toupeira? Estou mais convencido do que nunca de que estou certo.

Brian Kwok começou a falar em cantonense, usando frases de duplo sentido e alusões indiretas, para o caso de estar sendo ouvido. Armstrong escutava com crescente preocupação, enquanto seu melhor amigo lhe contava o que acontecera no hipódromo, a conversa longa e particular entre Crosse e Suslev.

— Mas isso não quer dizer nada. Crosse conhece o sacana. Eu mesmo já bebi com ele uma ou duas vezes, sondando-o.

— Talvez. Mas se Crosse é o nosso homem, seria bem típico dele ter um encontro em público. Heya?

Armstrong sentiu-se doente de apreensão.

— Agora não é hora, amigão — falou. — Logo que eu chegar ao QG, bateremos um papo. Quem sabe almoçamos juntos e conversamos.

Outra pausa.

— O Velho quer que se apresente a ele logo que trazer a amah.

— Está bem. Até logo.

Armstrong desligou o aparelho. Smyth veio voltando. Pensativo, passou-lhe a xícara de café.

— Más notícias?

— Nada exceto encrenca — disse Armstrong, com azedume.
— Sempre uma porra de encrenca. — Sorveu o seu café. A xícara era de excelente porcelana, e o café, fresco, caro e delicioso. — Mas que café bom! Muito bom. Crosse quer que eu a leve diretamente para o QG, não a traga para cá.

As sobrancelhas de Smyth ergueram-se bem alto.

— Pombas, o que há de tão importante sobre uma bruxa amah? — perguntou, bruscamente. — Está na minha jurisdi...

— Porra, e eu lá sei! Estou me cagan... — O homem maior interrompeu a sua explosão. — Desculpe, quase não tenho dormido nos últimos dias. Não sou eu quem dá as ordens. Crosse mandou levá-la para o QG. Sem explicação. Ele pode passar por cima de qualquer um. O sei passa por cima de qualquer um, sabe como é!

— Filho da mãe arrogante! — Smyth acabou o seu café. — Graças a Deus não sou do sei. Detestaria ter que lidar com aquele sacana todos os dias.

— Não sou do sei, e mesmo assim ele me cria problemas.

— Foi sobre o nosso toupeira? Armstrong ergueu os olhos para ele.

— Que toupeira? Smyth soltou uma risada.

— Ora, qual é! Corre um boato entre os Dragões de que nossos intrépidos líderes foram aconselhados a descobrir o sacana bem depressinha. Parece que o ministro está caindo na pele até do governador! Londres está tão puta da vida que está mandando para cá o chefe da MI-6... imagino que saiba que o Sinderson chega amanhã no vôo da boac. Armstrong soltou um suspiro.

— Que diabo, onde conseguem todas essas informações?

— Telefonistas, amahs, varredores de rua... que importa! Mas pode apostar, meu velho, que pelo menos um deles sabe tudo. Conhece o Sinderson?

— Não, nunca o vi. — Armstrong sorvia o seu café, saboreando a qualidade, o gosto forte que o revigorava. — Se eles sabem tudo, quem é o toupeira?

Depois de uma pausa, Smyth falou:

— Esse tipo de informação sai caro. Quer que pergunte o preço?

— Sim, por favor. — O grandalhão pousou a xícara na mesa.
— O toupeira não o incomoda, não é?

— Não, nem um pouco. Estou fazendo o meu trabalho, muito obrigado, e não faz parte do meu trabalho me preocupar com agentes infiltrados ou tentar pegá-los. No momento em que vocês pegarem o sacana e o tirarem de circulação, haverá outro sacana subornado no lugar dele, e nós faremos o mesmo com eles, sejam eles quem forem. Nesse meio tempo, se não fosse por essa maldita confusão do Ho-Pak, esta delegacia ainda seria a mais bem dirigida, e minha área de Aberdeen Leste a mais tranqüila da colônia, e é só isso o que me interessa. — Smyth ofereceu um cigarro de uma cara cigarreira de ouro. — Fuma?

— Não, obrigado. Parei.

— Muito bem. Não, contanto que me deixem em paz até me aposentar, daqui a quatro anos, tudo vai bem no mundo. — Acendeu o cigarro com um isqueiro de ouro, e Armstrong odiou-o ainda mais um pouco. — A propósito, acho que é bobagem sua não aceitar o envelope deixado na sua mesa, mensalmente.

— Não diga! — falou Armstrong, a fisionomia endurecendo.

— Digo. Não precisa fazer nada para ganhá-lo. Nada mesmo. Garantido.

— Mas depois que a gente aceita um deles, fica no mato sem cachorro.

— Não. Aqui é a China, e não é a mesma coisa. — Os olhos azuis de Smyth também se tornaram mais duros. — Mas, afinal, você sabe disso melhor do que eu,

— Um dos seus "amigos" lhe pediu para me dar o recado?

Smyth deu de ombros.

— Ouvi outro boato. Sua parte da recompensa do Dragão por ter encontrado John Chen será de quarenta mil HK e...

— Não o encontrei! — exclamou Armstrong, com a voz áspera.

— Mesmo assim, estará num envelope na sua mesa, logo mais à noite. Foi o que ouvi dizer. Boatos, é claro.

A mente de Armstrong digerira a informação. Os quarenta mil HK cobririam exata e lindamente a sua dívida mais premente, e de há muito vencida, que ele tinha que saldar até segunda-feira, referente a perdas na Bolsa. Tinham-lhe dito: "Sabe como é, meu velho, precisa mesmo pagar. Já faz mais de um ano e temos as

nossas regras. Embora não o esteja pressionando, preciso sem falta resolver esse assunto... "

"Smyth tem razão de novo", pensou com amargura, "os filhos da mãe sabem de tudo, e seria tão fácil saber quais as minhas dívidas. Como é, vou aceitar ou não?"

— Só quarenta? — perguntou, com um sorriso retorcido.

— Imagino que seja o bastante para cobrir o seu problema mais premente — disse Smyth, com o mesmo olhar duro. — Não é?

Armstrong não estava zangado porque o Cobra sabia tanto sobre sua vida particular. "Sei igualmente muito sobre a dele, embora não saiba quanto tem, ou onde está guardado. Mas seria fácil descobrir, seria fácil dobrá-lo, se eu quisesse. Muito fácil. "

— Obrigado pelo café. É o melhor que já tomei em muitos anos. Vamos indo?

Desajeitadamente, Smyth vestiu a capa de chuva do uniforme sobre a farda bem-cortada, ajeitou o braço na tipóia, pôs o quepe no ângulo atrevido de costume e saiu na frente. Enquanto estavam a caminho, Armstrong fez Wu repetir o que tinha acontecido, o que fora dito pelo jovem que afirmava ser um dos Lobisomens, e depois pela velha amah.

— Muito bem, Wu — disse Armstrong, quando o rapaz acabou. — Um excelente trabalho de vigilância e investigação. Excelente. O inspetor-chefe Smyth me falou que você quer entrar para o sei.

— Sim, senhor.

— Por quê?

— É importante, um setor importante do Departamento Especial, senhor. Sempre me interessei pela segurança, por manter nossos inimigos longe e a colônia, segura, e acho que seria muito interessante e importante. Gostaria de ajudar, se pudesse, senhor.

Momentaneamente, ficaram de ouvido atento ao gemido distante dos carros de bombeiro que vinha da colina acima.

— Algum filho da mãe cretino derrubou mais um fogareiro — comentou Smyth, com azedume. — Pombas, graças a Deus pela chuva!

— É — concordou Armstrong, depois virou-se para Wu. — Se os fatos confirmarem o que você relatou, indicarei o seu nome para a de ou para o sei.

Wu Óculos não pôde conter o amplo sorriso.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor. Ah Tam é mesmo da minha aldeia. É sim, senhor.

Dobraram num beco. Multidões de fregueses, barraqueiros e lojistas debaixo de guarda-chuvas ou toldos de lona observaram-nos sombria e desconfiadamente, pois Smyth era o quai loh mais conhecido e temido em Aberdeen.

— É ali, senhor — sussurrou Wu.

Conforme o combinado, Smyth parou casualmente na barraca, do lado de fora da porta de entrada, olhando ostensivamente os legumes, o que deixou o proprietário imediatamente em choque. Armstrong e Wu passaram pela entrada, depois viraram-se abruptamente, e os três convergiram para o mesmo ponto. Subiram as escadas rapidamente, enquanto os dois policiais fardados que os seguiam a uma distância segura se aproximaram para cobrir a porta da entrada. Logo que a passagem estreita ficou segura, um deles subiu depressa um beco ainda menor, e deu a volta para se certificar de que o detetive à paisana ainda estava em posição, vigiando a única saída existente. Depois voltou correndo para reforçar as barricadas pouco guarnecidas diante do Victoria.

Por dentro o cortiço era tão esqualido e sujo quanto por fora, com entulho e lixo em cada patamar. Smyth ia na frente. Parou no terceiro patamar, desabotoou o coldre do revólver e se afastou para o lado. Sem hesitar, Armstrong jogou o corpo contra a porta frágil, arrombou-a e entrou rapidamente. Smyth seguiu-o de imediato, e Wu Óculos ficou de guarda na porta, nervoso. A sala era suja, com sofás e poltronas velhos, cortinas velhas e encardidas, o cheiro adocicado e rançoso de ópio e óleo de cozinha no ar. Uma matrona corpulenta de meia-idade fitou-os, boquiaberta, e largou o jornal. Os dois homens se dirigiram para as portas internas. Smyth abriu uma delas e deparou com um quarto de dormir desmazelado, a outra revelou um banheiro e uma privada sujos, a terceira outro quarto atulhado com catres para quatro pessoas, ainda por arrumar. Armstrong abriu a última porta, que dava para uma cozinha minúscula, atulhada, nojenta, onde Ah Tam se debruçava sobre uma pilha de louça suja na pia encardida. Ela o fitou, assustada. Às suas costas, outra porta. Imediatamente, ele se dirigiu para ela e a escancarou. Também estava vazio. Era mais um armário do que um quarto, sem janelas, com um respiradouro aberto na parede e espaço suficiente apenas para encaixar o pequeno catre de cordas, sem colchão, e uma cômoda desconjuntada.

Ele voltou para a sala, Ah Tam atrás dele, arrastando os pés. A respiração dele era normal, e seu coração estava se acalmando. A busca levava apenas alguns segundos. Smyth pegou os papéis e disse, meigamente:

— Lamento interromper, madame, mas temos um mandado de busca.

— Wat?

— Traduza para nós, Wu — ordenou Smyth, e imediatamente o jovem policial repetiu o que fora dito, e, como fora previamente combinado, começou a agir como se fosse o intérprete de dois policiais quai loh ignorantes que não sabiam falar cantonense.

A mulher ficou de queixo caído.

— De busca? — esganiçou-se. — Para revistar o quê? Nós aqui obedecemos a lei! Meu marido trabalha para o governo e tem amigos importantes, e se vocês estão procurando a escola de jogatina, não temos nada a ver com ela, e fica no quarto andar, nos fundos, e também não sabemos nada das piranhas fedorentas que se instalaram no 16 e que trabalham até altas horas, fazendo com que o resto de nós, gente civi...

— Chega! — falou Wu, bruscamente. — Somos policiais tratando de assuntos importantes! Esses senhores da polícia são importantes! Você é a mulher de Ch'ung, o lixeiro?

— Sou — respondeu, carrancuda. — O que quer da gente? Não fizemos na...

— Chega! — interrompeu Armstrong, em inglês, com arrogância deliberada. — Aquela é Ah Tam?

— Você! É Ah Tam?

— Quem, eu? Wat? — disse a velha amah, puxando nervosa o avental, sem reconhecer Wu.

— Então é Ah Tam! Está presa.

Ah Tam ficou branca, e a mulher de meia-idade soltou um palavrão e disse, atropeladamente:

— Ah! Então estão atrás de você! Hum, não sabemos nada sobre ela, exceto que a tiramos das ruas há alguns meses e lhe demos casa e um sala...

— Wu, diga a ela para calar a boca!

Ele disse, com maus modos. Ela obedeceu, ainda mais carrancuda.

— Esses senhores querem saber se tem mais alguém aqui.

— Claro que não. São cegos? Não violaram a minha casa, como assassinos, e viram com seus próprios olhos? — disse a

megeira, com truculência. — Não sei nada de nada.

— Ah Tam! Esses senhores querem saber onde fica o seu quarto.

A amah conseguiu falar, e começou a atropelar as palavras:

— O que quer comigo, Honorável Policial? Não fiz nada, não entrei ilegalmente, tenho meus documentos desde o ano passado. Não fiz nada. Sou uma pessoa civilizada, cumpridora das leis, que trabalhou a vida to...

— Onde fica o seu quarto? A mulher mais moça apontou.

— Ali — disse, na sua voz esganiçada e irritante —, onde mais poderia ficar? Claro que fica ali, depois da cozinha! Esses demônios estrangeiros não têm juízo? Em que outro lugar morariam as criadas? E você, seu verme velho! Metendo gente honesta em encrenca! O que foi que ela fez? Se roubou legumes, não tenho nada a ver com isso!

— Quieta, ou a levaremos para o nosso quartel-general, e na certa o juiz vai querer mantê-la sob custódia! Quieta!

A mulher ia começar a xingar, mas se conteve.

— Bem, agora... — começou a dizer Armstrong. Então, notou que vários chineses curiosos espiavam do patamar para dentro da sala. Ele os fitou, deu um passo repentino na direção deles, e eles sumiram. Fechou a porta, disfarçando o seu divertimento. — Agora, pergunte às duas o que sabem sobre os Lobisomens.

A mulher fitou Wu, boquiaberta. Ah Tam ficou ainda mais cinzenta.

— Quem, eu? Lobisomens? Nada! Por que iria saber sobre aqueles seqüestradores nojentos? O que têm a ver comiGo? Nada, absolutamente nada!

— E quanto a você, Ah Tam?

— Eu? Absolutamente nada — disse, em tom queixoso. — Sou uma amah respeitável, que faz o seu serviço, e nada mais!

Wu traduziu as respostas delas. Os dois homens notaram que a tradução era precisa, rápida e fácil. Os dois eram pacientes, e continuaram a fazer o joguinho que já tinham feito tantas vezes antes.

— Diga a ela que é melhor falar a verdade, e depressa

— falou Armstrong, olhando para ela de cara fechada. Não tinha raiva dela, e nem Smyth tinha. Só queriam a verdade. A verdade poderia levar à identidade dos Lobisomens, e quanto mais cedo os bandidos fossem enforcados por assassinato, mais fácil seria controlar Hong Kong, e mais cedo os cidadãos cumpridores da lei, incluindo eles próprios, poderiam ir tratar da sua vida, ou dos seus passatempos — ganhar dinheiro, andar com mulheres, apostar nas corridas. "É", pensou Armstrong, com pena da velha. "Vinte dólares contra um grampo quebrado como a megera não sabe de nada, mas Ah Tam sabe mais do que jamais nos contará." — Quero a verdade. Diga-lhe isso!

— Verdade? Que verdade, Honorável Senhor? Como poderia esta pobre coitada ser...

Armstrong ergueu a mão dramaticamente.

— Chega!

Esse era outro sinal combinado. Imediatamente Wu Óculos começou a falar no dialeto de Ning-tok, que sabia que os outros dois não compreendiam.

— Irmã Mais Velha, sugiro que fale rápida e claramente. Já sabemos de tudo!

Ah Tam fitava-o, boquiaberta. Possuía apenas dois dentes tortos na arcada inferior.

— Hem, Irmão Mais Moço? — replicou no mesmo dialeto, desprevenida. — O que quer de mim?

— A verdade! Sei tudo a seu respeito! Ela olhou para ele, sem reconhecê-lo.

— Que verdade? Nunca o vi mais gordo!

— Não se lembra de mim? No mercado de aves? Você me ajudou a comprar uma galinha, e depois tomamos chá juntos. Ontem. Não se lembra? Contou-me sobre os Lobisomens, disse que iam dar-lhe uma enorme recompensa...

Os três viram o lampejo momentâneo nos olhos dela.

— Lobisomens? — começou, em tom de queixume. — Impossível! Foi outra pessoa. Você me acusa falsamente. Diga aos Nobres Senhores que nunca o vi...

— Cale a boca, seu bagulho velho! — disse Wu, bruscamente, e soltou um monte de palavrões. — Você trabalhava para Wu Ting-top, e sua patroa se chamava Fang-ling. Ela morreu há três anos, e eles eram donos da farmácia da encruzilhada! Eu mesmo conheço bem o local!

— Mentiras... mentiras...

— Diz que é tudo mentira, senhor.

— Ótimo. Diga-lhe que vamos levá-la para a delegacia. Lá, ela falará.

Ah Tam começou a tremer.

— Tortura? Vão torturar uma velha? Ai, ai, ai...

— Quando é que esse Lobisomem vai voltar? À tarde?

— Ai, ai, ai... não sei... disse que viria me ver, mas o ladrão não voltou mais. Emprésteei-lhe cinco dólares para ir para casa e...

— Onde era a casa dele?

— Hem? Quem? Oh, ele... falou que era parente de um parente e... não me lembro. Acho que falou em North Point... não me lembro de nada.

Armstrong e Smyth esperaram, sondaram, e logo ficou evidente que a velha pouco sabia, embora se esquivasse às sondagens, enfeitando cada vez mais as mentiras.

— Vamos levá-la, de qualquer modo — disse Armstrong. Smyth concordou.

— Dá para você segurar as pontas até que eu mande uns dois homens? Acho que já está na hora de eu voltar.

— Claro. Obrigado.

Ele se retirou. Armstrong mandou Wu ordenar às duas mulheres que ficassem sentadas e caladas, enquanto ele fazia a revista. Elas obedeceram, assustadas. Ele entrou na cozinha e fechou a porta. Imediatamente, Ah Tam começou a puxar a sua longa trança suja.

— Jovem Irmão — sussurrou astutamente, sabendo que a patroa não entendia o dialeto de Ning-tok —, não sou culpada de

nada. Só conheci o jovem demônio, como conheci você. Não fiz nada. As pessoas da mesma aldeia devem se manter unidas, heya? Um homem bonito como você precisa de dinheiro... para as garotas, ou para a mulher. É casado, Honorável Irmão Mais Moço?

— Não, Irmã Mais Velha — disse Wu cortesmente, dando-lhe corda, como mandaram que desse.

Armstrong estava na porta do quartinho de Ah Tam, perguntando-se pela milionésima vez por que os chineses tratavam seus criados tão mal, por que os criados aceitavam trabalhar em condições tão miseráveis e nojentas, por que dormiam, moravam e prestavam serviços leais durante uma vida inteira, em troca de uma ninharia, pouco respeito e nenhum amor.

Lembrava-se de ter perguntado isso ao pai. O velho policial dissera:

— Não sei, meu rapaz, mas acho que é porque eles se tornam parte da família. Geralmente, é um serviço vitalício. Geralmente, a família deles também faz parte do trato. O criado se integra, e o how chew, ou seja, os aspectos positivos, é considerável. Não é preciso dizer que todos os criados se apossam de uma parte do dinheiro das despesas da casa, da comida, das bebidas, do material de limpeza, de tudo o que houver, não importa que seja de valor ou não, naturalmente com o conhecimento e aprovação integrais dos patrões, desde que isso seja mantido ao nível costumeiro... caso contrário, como poderiam pagar-lhes tão pouco, se eles não pudessem ganhar por fora?

"Talvez seja essa a resposta", pensou Armstrong. "É verdade que antes de um chinês aceitar um emprego, qualquer emprego, terá considerado o how chew do emprego com muito cuidado, e o valor do how chew é sempre o fator decisivo. "

O quarto fedia, e ele tentou ignorar o cheiro. Borrifos de água da chuva entravam pelo respiradouro, o barulho da chuva ainda forte, a parede inteira mofada e manchada por mil temporais. Ele fez uma revista metódica e cuidadosa, todos os sentidos aguçados. Havia pouco espaço onde esconder alguma coisa. A cama e os lençóis estavam relativamente limpos, embora houvesse muitos percevejos nos cantos do catre. Nada havia debaixo da cama, salvo um urinol lascado e malcheiroso e uma mala vazia. Umas velhas sacolas e uma bolsa a tiracolo nada revelaram. A cômoda continha umas poucas roupas, algumas jóias baratas, uma pulseira de jade de qualidade inferior. Escondida sob algumas roupas havia uma bolsa bordada de qualidade muito melhor. Dentro dela havia algumas cartas. Um recorte de jornal. E duas fotos.

O coração dele pareceu parar de bater.

Depois de um momento, foi para a cozinha, onde havia luz melhor, e olhou de novo para as fotos, mas não se havia enganado. Leu o recorte, com a cabeça tonta. Havia uma data no recorte e uma data numa das fotos.

No porão de estrutura semelhante a um favo de mel do QG da polícia, Ah Tam sentava-se numa cadeira dura e sem costas no centro de uma grande sala à prova de som, fortemente iluminada e pintada de branco, paredes brancas, teto branco, piso branco e uma única porta branca que parecia fazer parte da parede. Até mesmo a cadeira era branca. Ela estava sozinha, apavorada, e agora falava livremente.

— Bem, e o que sabe sobre o bárbaro que aparece no fundo da foto? — perguntou a voz seca e metálica de Wu, no dialeto de Ning-tok, vinda de um alto-falante oculto.

— Já contei e contei e não há... não sei, senhor — choramingou ela. — Quero ir para casa... já lhe contei, mal vi o demônio estrangeiro... ele só nos visitou essa única vez, ao que eu saiba, senhor... Não me lembro; faz anos, oh, posso ir agora? Já contei tudo, tudo...

Armstrong a espiava pelo falso espelho da sala de observação pouco iluminada, com Wu ao seu lado. Os dois homens estavam constrangidos e sérios. O suor orlava a testa de Wu, embora a sala fosse agradavelmente refrigerada. Um gravador girava, silencioso. Havia microfones e um monte de equipamentos eletrônicos às costas deles.

— Acho que ela já nos contou tudo o que precisamos saber — disse Armstrong, com pena dela.

— Sim, senhor — disse Wu, não deixando o seu nervosismo transparecer na voz. Era a primeira vez que fazia parte de um interrogatório do sei. Estava assustado e excitado, e doía-lhe a cabeça.

— Pergunte-lhe novamente onde arranjou a bolsa.

Wu fez o que ele mandou. Sua voz estava calma e autoritária.

— Mas já lhe contei inúmeras vezes — choramingou a velha.
— Por favor, posso ir...

— Conte-nos mais uma vez, e depois poderá ir.

— Está bem... está bem... Vou contar de novo... Pertencia à minha patroa, que a deu para mim no seu leito de morte, ela me deu, juro e...

— Na última vez você falou que ela a deu na véspera de morrer. Bem, qual é a verdade?

Ansiosa, Ah Tam ficou puxando a trança suja.

— Eu... não me lembro, senhor. Estava com ela... quando morreu... não me lembro. — A velha ficou mexendo a boca, sem emitir som, depois falou aos borbotões, em tom queixoso: — Eu a peguei e escondi, depois que ela morreu, e havia aquelas velhas fotos... não tenho nenhum retrato da minha patroa, portanto peguei-as, e havia um tael de prata, também, que pagou parte da minha viagem para Hong Kong, durante a grande fome. Eu a peguei porque nenhum dos filhos, filhas ou família nojentos dela, que a odiavam e me odiavam, me teriam dado coisa alguma. Portanto, eu a peguei quando ninguém estava... ela me deu antes de morrer, e eu a escondi, é minha, ela me deu...

Ficaram ouvindo a velha falar e falar, até cansar. O relógio de parede marcava uma e quarenta e cinco. Há meia hora que a interrogavam.

— Por ora, chega, Wu. Vamos repetir tudo daqui a três horas, por precaução, mas acho que nos contou tudo. — Cansadamente, Armstrong pegou um telefone e discou. — Armstrong... pode levá-la agora de volta à cela — falou. — Certifiquem-se de que esteja confortável e seja bem tratada, e mandem o médico examiná-la outra vez.

Era procedimento normal do sei examinar os prisioneiros antes e depois de cada interrogatório. O médico dissera que Ah Tam tinha o coração e a pressão de uma moça de vinte anos.

Dali a um momento viram a porta branca, quase escondida, se abrir. Uma policial fardada do sei fez sinal para Ah Tam, bondosamente. Ela foi saindo, andando com dificuldade. Armstrong

baixou as luzes, ligou o gravador para voltar atrás a fita. Wu enxugou a testa.

— Saiu-se muito bem, Wu. Aprende depressa.

— Obrigado, senhor.

O gemido estridente do gravador aumentou. Armstrong olhava para ele em silêncio, ainda em choque. O barulho cessou, e o grandalhão tirou a fita da máquina.

— Sempre marcamos a data, a hora exata e a duração exata do interrogatório, e usamos um codinome para o suspeito. Para segurança e sigilo. — Procurou um número num livro, marcou a fita, depois começou a preencher um formulário. — Fazemos a verificação comparando com este formulário. Nós o assinamos, como interrogadores, e colocamos aqui o código de Ah Tam — V-11-3. É altamente secreto, e arquivado no cofre. — Os olhos dele tornaram-se muito duros. Wu quase se encolheu. — Repito: É melhor você acreditar que em boca fechada não entra mosca, e que tudo no sei, tudo aquilo de que você participou hoje, é altamente secreto.

— Sim, senhor. Sim, pode contar comigo, senhor.

— É melhor também lembrar que o sei só obedece às próprias leis, ao governador e ao ministro em Londres. Somente. As boas leis inglesas, o jogo limpo e os códigos normais da polícia não

se aplicam ao de ou ao sei... habeas-corpus, julgamentos públicos e apelações. Num caso do sei, não há julgamento, nem apelação, apenas uma ordem de deportação para a RPC ou Formosa, o que for pior. Entendeu?

— Sim, senhor. Quero ser parte do sei, senhor. Portanto, pode crer em mim. Não sou de saciar a sede com veneno — assegurou-lhe Wu, doente de esperança.

— Ótimo. Durante os próximos dias, está confinado a este QG.

Wu ficou de queixo caído.

— Mas, senhor, meu... sim, senhor.

Armstrong saiu na frente, e depois fechou a porta atrás de si. Entregou a chave e o formulário a um agente do sei que estava de guarda na recepção.

— Vou guardar a fita, por enquanto. Já assinei o recibo.

— Sim, senhor.

— Quer cuidar do guarda Wu? Vai ser nosso hóspede por alguns dias. Comece a anotar os dados dele... tem sido muito, muito, muito prestimoso. Vou recomendá-lo para o sei.

— Sim, senhor.

Deixou-os, foi para o elevador e saltou no seu andar, com um gosto nauseante e adocicado de apreensão na boca. Os interrogatórios do sei eram um anátema para ele. Odiava-os, embora fossem rápidos, eficientes e sempre apresentassem resultados. Preferia a batalha de intelectos à moda antiga, o uso da paciência, e não esses instrumentos psicológicos novos e modernos.

— É tudo danado de perigoso, se querem a minha opinião — resmungou, cruzando o corredor, o leve cheiro mofado do quartel-general nas narinas, odiando Crosse, o sei e tudo o que representavam, odiando os fatos que descobrira. Sua porta estava aberta.

— Ah, alô, Brian — disse, fechando a porta, a fisionomia sombria. Brian Kwok estava com os pés sobre a mesa, lendo pachorrentamente um dos matutinos comunistas chineses, com as vidraças molhadas de chuva às costas. — O que há de novo?

— Um artigo bem grande sobre o Irã — disse o amigo, entretido com o que lia. — Diz: "Os senhores supremos capitalistas da CIA, em conjunção com o xá tirano, acabaram com uma revolução popular no Azerbaijão. Milhares foram mortos", etc. Não

acredito em tudo isso, mas parece que a CIA e a 92a Divisão de Pára-Quedistas apagaram o estopim naquela área, e os ianques agiram certo, pelo menos uma vez.

— Não vai adiantar porra nenhuma!

Brian Kwok ergueu os olhos. Seu sorriso desapareceu.

— O que foi?

— Estou me sentindo um lixo. — Armstrong hesitou. — Mandei buscar duas cervejas, depois almoçaremos. Que tal um curry? Está bem?

— Está, mas se está se sentindo um lixo, vamos deixar o almoço para outro dia.

— Não, não é a esse tipo de "lixo", que estou me referindo. É... é que detesto fazer interrogatórios brancos... isso me dá nos nervos.

Brian Kwok fitou-o.

— Interrogaram a velha amah ali? Porra, mas por quê?

— Ordens de Crosse. É um filho da mãe. Brian Kwok largou o jornal.

— É, sim, e estou certo de que tenho razão quanto a ele — falou, suavemente.

— Agora não, Brian. Quem sabe durante o almoço, mas agora não. Deus meu, mas como preciso de um drinque! Maldito Crosse e maldito sei! Não sou do sei, e no entanto ele age como se eu fosse um dos seus.

— É? Mas você vem junto no 16/2 desta noite. Pensei que tinha sido convocado.

— Ele não mencionou nada. O que é?

— Se ele não mencionou, é melhor eu ficar calado.

— Claro. — Era um procedimento normal do sei, para fins de segurança, minimizar a divulgação de informações, para que nem mesmo os agentes da mais alta confiança trabalhando no mesmo caso soubessem de todos os fatos. — Não vou ser convocado porra nenhuma — falou Armstrong, de cara feia, sabendo que, se Crosse

ordenasse, não havia nada que ele pudesse fazer. — A batida tem algo a ver com a Sevrin?

— Não sei. Espero que sim. — Brian Kwok olhou atentamente para ele, depois sorriu. — Anime-se, Robert, tenho boas novas para você — disse, e Armstrong notou mais uma vez como o amigo era bonitão, dentes brancos e fortes, pele dourada, linhas do queixo firmes, olhos vivos e um ar de confiança atrevida.

— Você é um sacana bonitão — falou. — Quais são as boas novas? Deu um aperto no amigo Um Pé Só do Restaurante Para, e ele lhe contou quais os quatro primeiros lugares para sábado?

— Sonhador! Não, é sobre aquelas pastas que você apanhou ontem no escritório de Lo Dentuço, e passou para a Anticorrupção. Está lembrado? Do Ng Fotógrafo?

— Hem? Ah, sim.

— Parece que o nosso simpático convidado sino-americano, Thomas K. K. Lim, que está "em algum lugar do Brasil", é uma figura e tanto. As pastas dele são de ouro. De ouro mesmo! E em inglês, sendo assim o nosso pessoal da Anticorrupção não teve trabalho para lê-las. Você descobriu um tesouro!

— Ele tem ligações com Tsu-yan? — perguntou Armstrong, com a atenção imediatamente desviada.

— Tem. E com muitas outras pessoas. Pessoas muito importantes, mui...

— Banastasio? Brian Kwok sorriu.

— O próprio. Isso engloba direitinho John Chen, as armas, Tsu-yan, Banastasio e a teoria de Peter Marlowe.

— Bartlett?

— Ainda não. Mas Marlowe conhece alguém que sabe muita coisa que não sabemos. Acho que devemos investigá-lo. Você o fará?

— Claro! O que mais havia nos papéis?

— Thomas K. K. Lim é católico, um sino-americano de terceira geração que é uma verdadeira pega. Coleciona todo tipo de correspondência comprometedora, cartas, bilhetes, memorandos, etc. — Brian Kwok sorriu de novo o seu sorriso sem humor. — Nossos amigos ianques são piores do que pensávamos.

— Por exemplo?

— Por exemplo: uma certa família da Nova Inglaterra, muito conhecida e bem relacionada, está envolvida com certos generais, americanos e vietnamitas, na construção de diversas bases da força aérea americana, muito grandes e muito desnecessárias, em termos muito lucrativos para eles.

— Aleluia! Nomes?

— Nomes, postos e números. Se os principais envolvidos soubessem que o amigo Thomas tem tudo documentado, um estremeamento de horror percorreria os Augustos Corredores da Fama, o Pentágono, e diversos salões caros e cheios de fumaça.

Armstrong resmungou.

— Ele é o intermediário?

— Organizador, é como chama a si mesmo. Ah, está em excelentes termos com muita gente notável. Americanos, italianos, vietnamitas, chineses, os dois lados da cerca. Os papéis documentam toda a fraude. Outro plano é o de canalizar milhões de fundos dos Estados Unidos em mais um programa falso de ajuda ao Vietnam. Oito milhões, para ser preciso. Um milhão já foi até pago. O amigo Lim até mesmo discutiu como o h'eung yau de um milhão vai ser desviado para a Suíça.

— Podemos fazer com que tudo isso cole?

— Oh, sim, se pegarmos Thomas K. K. Lim, e se quisermos fazer com que cole. Perguntei ao Crosse, mas ele apenas deu de ombros e disse que não era da nossa conta. Que se os ianques quiserem roubar o governo deles, problema deles. — Brian Kwok sorriu, mas seus olhos, não. — É uma informação valiosa, Robert. Se até mesmo parte dela tornar-se conhecida, criará uma zorra dos diabos, até bem lá em cima.

— Ele vai passar a informação adiante, ao Rosemont? Deixar "vazar"?

— Não sei. Acho que não. Numa coisa ele está certo. Não tem nada a ver conosco. Que burrice incrível anotar tudo isso! Uma burrice. Merecem se ferrar. Quando tiver um minuto leia os papéis, são uma parada!

— Alguma ligação entre Lim e os outros bandidos? Lo Dentuço e o outro homem? Estão roubando os fundos da CARE?

— Oh, sim, devem estar, mas todas as pastas deles estão em chinês, portanto vai demorar mais para meter-lhes a mão. — Brian Kwok acrescentou, de modo estranho: — Curioso o Crosse ter farejado isso, quase como se soubesse que haveria uma ligação. — Baixou a voz. — Sei que estou certo a respeito dele.

O silêncio tornou-se mais pesado. A boca de Armstrong estava ressecada, com um gosto ruim. Desviou os olhos da chuva e olhou para Brian Kwok.

— O que é que sabe?

— Sabe o tal vice-cônsul americano, o bicha, aquele que está vendendo os vistos?

— O que é que tem?

— No mês passado Crosse jantou com ele. No apartamento dele.

Armstrong esfregou o rosto, nervosamente.

— Isso não prova nada. Ouça, amanhã pegamos as pastas. Amanhã o Sind...

— Talvez nós não as possamos ler.

— Pessoalmente, estou me cagando. Isso é assunto do sei, e eu sou do DIC, e é por isso...

Uma batida o interrompeu. A porta se abriu. Um garçom chinês entrou com uma bandeja e dois canecões de cerveja gelada, e abriu um sorriso cheio de dentes.

— Boa tarde, senhor — cumprimentou, oferecendo um deles para Brian Kwok. Entregou o outro a Armstrong, e se retirou.

— Boa sorte — falou Armstrong, odiando-se. Bebeu avidamente, depois foi trancar a fita no seu cofre.

Brian Kwok olhou-o atentamente.

— Tem certeza de que está bem, amigão?

— Claro que sim.

— O que foi que a velha falou?

— No começo, contou um monte de mentiras, um monte. E depois, a verdade. Inteirinha. Conto para você durante o almoço, Brian. Sabe como é... a gente acaba descobrindo as mentiras, se for

paciente. Estou cheio de mentiras. — Armstrong terminou a sua cerveja. — Pombas, mas estava precisando disso.

— Quer a minha, também? Tome.

— Não, não, obrigado, vou tomar um uísque com soda antes do curry, e quem sabe mais outro. Acabe logo e vamos nos mandar.

Brian Kwok largou o canecão pela metade.

— Para mim já chega. — Acendeu um cigarro. — Como vai indo com a sua decisão de não fumar mais?

— Está duro. — Armstrong ficou vendo-o tragar profundamente. — Alguma coisa sobre o Voranski? Ou os assassinos dele?

— Sumiram em pleno ar. Temos as fotos deles. Portanto, nós os pegaremos, a não ser que estejam do outro lado da fronteira.

— Ou em Formosa.

Depois de uma pausa, Brian Kwok balançou a cabeça.

— Ou em Macau, ou na Coréia do Norte, ou no Vietnam, ou seja lá onde for. O ministro está uma arara com o Crosse por causa do Voranski, a MI-6 também, e a CIA também. O primeiro escalão da CIA em Londres está criando o maior rebu com o ministro, e ele está passando a bronca adiante para nós. É melhor que a gente agarre aqueles sacanas antes do Rosemont, senão vamos ficar desmoralizados. O Rosemont também está sendo superpressionado para entregar a cabeça deles. Ouvi dizer que ele pôs todos os seus homens atrás deles, achando que têm algo a ver com a Sevrin, e o porta-aviões. Ele está apavorado de que haja um incidente envolvendo o porta-aviões nuclear. — Brian Kwok acrescentou, com a voz mais dura: — Uma cretinice dos diabos ofender a RPC, trazendo-o para cá. Aquele monstro é um convite declarado para todos os agentes na Ásia.

— Se eu fosse soviético, estaria tentando infiltrá-lo. O sei está provavelmente tentando fazer o mesmo, agora. Crosse adoraria ter um agente a bordo. Por que não? — O grandalhão ficou olhando a fumaça em espiral. — Se eu fosse nacionalista, talvez colocasse algumas minas nele, para depois culpar a RPC... ou, vice-versa, para depois culpar Chang Kai-chek.

— É o que a CIA faria para deixar todo mundo puto da vida com a China.

— Corta essa, Brian!

Brian Kwok tomou um último gole, depois se levantou.

— Para mim chega. Vamos indo.

— Um momentinho. — Armstrong foi disar. — Aqui fala Armstrong, preparem outra sessão às dezessete para V-11-3. Vou querer...

Parou, vendo os olhos do amigo piscarem, depois ficaram vidrados, e segurou-o com facilidade quando ele caiu, deixando-o largado na cadeira. Fora de si, quase como se estivesse observando a si mesmo, repôs o fone no gancho. Agora, nada havia a fazer, senão esperar.

"Fiz o meu trabalho", pensou.

A porta se abriu e Crosse entrou, seguido de três agentes do sei à paisana, todos britânicos, todos graduados, todos tensos e sérios. Rapidamente, um dos homens colocou um capuz grosso e negro na cabeça de Brian Kwok, levantou-o com facilidade e saiu, seguido pelos outros.

Agora que tudo acabara, Robert Armstrong não sentia nada, nem remorso, nem choque, nem raiva. Nada. Sua mente lhe dizia que não havia nenhum engano, embora lhe dissesse igualmente que seu amigo de quase vinte anos não podia ser um agente comunista infiltrado. Mas era. As provas eram irrefutáveis. As provas que

descobriam demonstravam conclusivamente que Brian Kwok era o filho de Fang-ling Wu, a antiga patroa de Ah Tam, quando, segundo sua certidão de nascimento e registros pessoais, sua mãe e seu pai tinham o sobrenome Kwok e haviam sido assassinados pelos comunistas em Cantão, em 43. Uma das fotografias mostrava Brian Kwok de pé ao lado de uma senhora chinesa miudinha, diante de uma farmácia numa encruzilhada de uma aldeia. A qualidade da foto era má, porém boa o suficiente para que se pudessem ler os caracteres do cartaz da loja e para que se reconhecesse um rosto, o rosto dele. Ao fundo, via-se um carro antigo. Por trás dele havia um europeu, com o rosto meio desviado. Wu Óculos identificara a loja como a farmácia da encruzilhada em Ning-tok, propriedade da família Tok-ling Wu. Ah Tam identificara a mulher como sua patroa.

— E o homem? Quem é o homem ao lado dela?

— Ah, é o filho dela, senhor. Já lhe contei. É o Segundo Filho Chu-toy. Agora, vive com os demônios estrangeiros do outro lado do mar, no norte, o norte da Terra das Montanhas Douradas — choramingara a mulher, lá no Quarto Branco.

— Está mentindo outra vez.

— Ah, não, senhor, é o filho dela, Chu-toy. É o seu Segundo Filho, nasceu em Ning-tok, e ajudei no parto dele com estas mãos. Era o Filho Número Dois da Mãe, que foi embora quando era pequeno...

— Foi embora? Para onde?

— Para... o País da Chuva, depois para a Montanha Dourada. Agora tem um restaurante e dois filhos... É comerciante lá, e veio para ver o Pai... O Pai estava morrendo, e ele veio como um filho obediente deve vir, mas depois foi embora, e a Mãe chorou e chorou...

— Com que frequência visitava os pais?

— Ah, foi só essa vez, senhor, só essa vez. Agora mora longe, num lugar tão afastado, tão afastado... mas veio como deve vir um filho obediente, e depois foi embora. Foi por puro acaso que eu o vi, senhor. À Mãe me mandara ir visitar uns parentes na aldeia vizinha, mas eu me senti só, e voltei cedo e o vi... Foi pouco antes de ele ir embora. O Jovem Patrão foi embora num carro dos demônios estrangeiros...

— Onde ele arranjou o carro? Era dele?

— Não sei, senhor. Não havia carro em Ning-tok. Até mesmo o comitê da aldeia não tinha carro, nem mesmo o Pai, que era o farmacêutico da aldeia. O pobre Pai, que morreu sofrendo tanto! Ele era membro do comitê... Eles nos deixavam em paz, os homens do presidente Mao, os Estranhos... É, agiam assim porque, embora o Pai fosse um intelectual e um farmacêutico, sempre fora um seguidor secreto de Mao, embora eu jamais soubesse, senhor, juro

que jamais soube. O pessoal do presidente Mao nos deixava em paz, senhor.

— Como se chamava o filho da sua Patroa? O homem do retrato? — repetira ele, tentando abalá-la.

— Chu-toy Wu, senhor, era o segundo filho dela... lembro quando foi mandado de Ning-tok para... este lugar horrível, este Porto Fragrante. Tinha cinco ou seis anos e foi mandado para um tio aqui e...

— Como se chamava o tio?

— Não sei, senhor, nunca me contaram, só me lembro da Mãe chorando e chorando quando o Pai o mandou estudar fora... Posso ir para casa agora? Por favor, estou cansada, por favor...

— Quando você nos disser o que queremos saber. Se nos contar a verdade.

— Ah, eu conto a verdade, qualquer coisa, qualquer coisa...

— Mandaram-no estudar em Hong Kong? Onde?

— Não sei, senhor. Minha Patroa nunca falou, só que foi estudar, e depois ela o tirou do pensamento, e eu também, oh, sim, era melhor, porque ele tinha ido embora para sempre. Sabe que sempre os segundos filhos têm que ir embora...

— Quando Chu-toy Wu voltou para Ning-tok?

— Foi há alguns anos, quando o Pai estava morrendo. Só voltou aquela vez, foi só uma vez, senhor, não se lembra de eu ter lhe dito? Eu me lembro de ter dito isso. É, foi só a vez da foto. A Mãe insistiu na foto, e chorou e suplicou que ele tirasse uma foto com ela... Ela devia estar sentindo a mão da morte, agora que o Pai se fora, e ela estava verdadeiramente só... Oh, ela chorou e chorou, e então Chu-toy fez a vontade dela, como compete a um filho obediente, e minha Patroa ficou tão contente...

— E o bárbaro da foto, quem é?

O homem estava meio virado de costas, ao fundo, não era fácil reconhecê-lo, de pé ao lado do carro estacionado junto da farmácia. Era um homem alto, europeu, as roupas amassadas e comuns.

— Não sei, senhor. Era o motorista, e foi ele que levou Chu-toy embora, mas o comitê da aldeia e o próprio Chu-toy curvaram-se diante dele muitas vezes, e comentou-se que era muito importante. Foi o primeiro demônio estrangeiro que vi na vida, senhor...

— E as pessoas do outro retrato? Quem são?

O retrato era antiqüíssimo, quase sépia, e mostrava um casal constrangido, em roupas de casamento malfeitas, fitando desanimadamente a câmera.

— Ah, mas é claro que são o Pai e a Mãe, senhor. Não lembra que já lhe disse? Disse muitas vezes. São a Mãe e o Pai. O nome dele era Ting-top Wu, e a sua tai-tai, a minha Patroa, era Fang-ling...

— E o recorte?

— Não sei, senhor, estava colado ao retrato, então deixei-o lá mesmo. A Mãe o havia colado ali, então não mexi nele. O que eu ia querer com essa bobagem de escrita dos demônios estrangeiros...

Robert Armstrong soltou um suspiro. O recorte amarelado era de um jornal chinês de Hong Kong, datado de 16 de julho de 1937, que falava de três jovens chineses que tinham se saído tão bem nos exames finais, que o governo de Hong Kong lhes concedera bolsas para irem estudar num colégio da Inglaterra. Kar-shun Kwok era o primeiro nome citado. Kar-shun era o nome chinês formal de Brian Kwok.

— Saiu-se muito bem, Robert — disse Crosse, fitando-o.

— Foi? — replicou, em meio à névoa do seu sofrimento.

— Foi, muito bem. Trouxe-me as provas diretamente, seguiu as instruções ao pé da letra, e agora o nosso toupeira está dormindo direitinho. — Crosse acendeu um cigarro e sentou-se à mesa. — Felizmente você tomou a cerveja certa. Ele suspeitou de alguma coisa?

— Não, Acho que não. — Armstrong tentou controlar-se. — Quer me dar licença, senhor, por favor? Sinto-me imundo. Tenho... tenho que tomar um banho. Desculpe.

— Sente-se um minuto, por favor. É, deve estar muito cansado. Muito cansativas, essas coisas.

"Deus!", Armstrong sentia vontade de gritar, angustiado, "é impossível! Impossível o Brian ser um agente secreto infiltrado, mas tudo se encaixa. Por que outro motivo teria um nome completamente diferente, uma certidão de nascimento diferente? Por que outro motivo teria uma cobertura tão cuidadosamente construída — que os pais dele foram mortos em Cantão durante a guerra, assassinados pelos comunistas? Por que outro motivo teria se arriscado a voltar secretamente para Ning-tok, arriscando tudo aquilo que construíra tão cuidadosamente ao longo de trinta anos, a não ser que o seu próprio pai estivesse mesmo morrendo? E se

todos esses fatos são reais, então os outros automaticamente se sucedem: que devia estar em contato permanente com o continente, para saber que o pai estava à morte, que como superintendente da polícia de Hong Kong teria que ser persona-grata à RPC, para que lhe fosse permitido entrar e sair secretamente. E se era persona-grata, então tinha que ser um deles, preparado ao longo dos anos, estimulado ao longo dos anos. "

— Meu Deus! — murmurou —, teria facilmente se tornado comissário assistente, quem sabe até comissário...

— O que sugere agora, Robert? — perguntou Crosse, a voz suave.

Armstrong forçou a mente a voltar ao presente, o treinamento superando a angústia.

— Verifique o passado dele. Vamos encontrar o elo. É, o pai dele era uma minúscula engrenagem comunista, mas uma engrenagem de Ning-tok, apesar de tudo. Portanto, o parente de Hong Kong a quem foi enviado também deveria ser de lá. Devem ter mantido o Brian sob rédea curta na Inglaterra, no Canadá, aqui, em qualquer lugar... tão fácil fazer isso, tão fácil alimentar o ódio pelos quai loh, tão fácil para um chinês esconder esse ódio... Não é o povo mais paciente e reservado do mundo? É, vá investigar o passado e acabará por encontrar o elo e encontrar a verdade.

— Robert, tem razão de novo. Mas, primeiro, deve-se começar o interrogatório dele.

Armstrong sentiu uma onda gélida de horror invadir seu estômago.

— É — falou.

— Estou encantado em participar-lhe que essa honra será sua.

— Não.

— Você supervisionará o interrogatório. Nenhum chinês tomará parte nele, apenas agentes britânicos graduados. Exceto o Wu, Wu Óculos. É, será útil... apenas ele. É bom aquele rapaz.

— Não posso... não vou.

Crosse soltou um suspiro e abriu o grande envelope pardo que trouxera consigo

— O que acha disso?

Com mãos trêmulas, Armstrong pegou a foto. Era uma ampliação de 20 X 25 de um pedacinho da foto de Ning-tok, a cabeça do europeu que aparecia no último plano, ao lado do carro. O rosto do homem estava meio virado e indistinto, o granulado da ampliação denso.

— Eu... diria que ele viu a câmera e se virou, para evitar ser fotografado.

— Foi o que também pensei. Você o reconhece? Armstrong espiou o rosto, tentando desanuviar a cabeça.

— Não.

— Voranski? O nosso amigo soviético morto?

— Talvez. Não, acho que não.

— E quanto ao Dunross, o Ian Dunross?

Mais abalado, Armstrong levou a foto para junto da luz.

— É possível... mas improvável. Se... se for Dunross, então... acha que ele é o agente infiltrado da Sevrin? Impossível.

— Improvável, não impossível. É amigo do peito de Brian. — Crosse pegou de novo a foto e examinou-a. — Seja quem for, é familiar o que se consegue ver dele, mas não consigo identificar o homem, ou onde o vi. Ainda. Bem, não faz mal. Brian se lembrará. É. — A voz dele tornou-se sedosa. — Ah, não se preocupe, Robert, vou preparar o Brian para você, mas caberá a você dar o golpe de misericórdia. Quero saber quem é esse sujeito bem ligeiro. Na verdade, quero saber tudo o que o Brian sabe, bem, bem ligeiro.

— Não. Arranje outro...

— Ora, Robert, não seja tão chato! Chu-toy Wu, aliás Brian Kar-shun Kwok, é um agente inimigo que nos tapeou durante anos, só isso. — A voz de Crosse parecia penetrar em Armstrong. — A propósito, você vai participar do 16/2 logo mais às seis e meia, e também foi convocado para o sei. Já falei com o comissário.

— Não, e não posso interro...

— Ora, meu caro, pode e vai. É o único que pode. Brian é esperto demais para ser pego como um amador. Claro que estou tão espantado ao saber que era o toupeira quanto você, quanto o governador!

— Por favor. Não...

— Ele traiu Fong-fong, outro amigo seu, não foi? Deve ter "vazado" os documentos de A. M. Grant. Deve ser ele a pessoa que tem fornecido todos os nossos dossiês para o inimigo, e todas as outras informações. Sabe Deus a quanta coisa teve acesso no curso do estado-maior e em todos os outros cursos! — Crosse fumava o seu cigarro, a fisionomia normal.

— No sei ele tinha autorização para saber de quase tudo ligado à segurança, e certamente concordo que estava sendo preparado para um altíssimo cargo... eu ia fazer dele o meu número 2! Portanto, é melhor sabermos bem ligeiro tudo a seu respeito. Curioso, estávamos procurando um agente soviético infiltrado, e não é que encontramos um da República Popular da China!

— Apagou o cigarro. — Já mandei que começassem a fazer com ele um interrogatório classificação 1.

A cor fugiu do rosto de Armstrong, e ele fitou Crosse, odiando-o abertamente.

— Você é um filho da mãe, um filho da mãe nojento e sacana.

Crosse riu suavemente.

— É verdade.

— É bicha, também?

— Talvez. Talvez apenas ocasionalmente, e apenas quando me agrada. Talvez. — Crosse fitava-o calmamente. — Ora, vamos, Robert, acha mesmo que posso ser chantageado? Eu? Chantageado? Francamente, Robert, não compreende a vida? Parece que o homossexualismo é bastante normal, mesmo nas altas esferas.

— É?

— Hoje em dia é bastante normal, quase "na moda", para alguns. Ah, é, sim, meu caro, e é praticado, de tempos em tempos, por um grupo muito católico de vips em toda parte. Até em Moscou. — Crosse acendeu outro cigarro. — É claro, é preciso ser discreto, seletivo, e de preferência não assumir compromisso, mas uma queda para o exótico podia dar todo tipo de vantagens na nossa profissão. Não é?

— Quer dizer que você justifica qualquer tipo de maldade, qualquer tipo de merda, assassinato, trapaça, mentira, em nome do maldito sei... é isso?

— Robert, não justifico nada. Sei que você está muito perturbado, mas acho que já chega.

— Você não pode me forçar a me meter no sei. Pedirei demissão.

Crosse soltou uma risada de deboche.

— Mas, meu caro, e quanto a todas as suas dívidas? E quanto aos quarenta mil até segunda-feira? — Levantou-se, os olhos duros como granito. Sua voz mal se alterara, mas agora havia nela uma nota de maldade. — Somos ambos maiores de idade, Robert. Dobre-o, e faça-o bem depressa.

45

15h

A campanha que encerrava o pregão da Bolsa de Valores tocou, mas o ruído foi abafado pelo fétido pandemônio dos corretores amontoados tentando desesperadamente completar sua transação final.

Para a Struan, o dia fora desastroso. Imensas quantidades de ações haviam sido empurradas no mercado para serem compradas vacilantemente, depois jogadas de volta de novo, enquanto os boatos se alimentavam de mais boatos, e mais ações eram oferecidas. A cotação caiu de 24, 70 para 17, 50 e ainda havia trezentas mil ações na coluna de venda. Todas as ações de bancos estavam em baixa, o mercado estava tonto. Todos esperavam que o Ho-Pak entrasse em colapso no dia seguinte... só o fato de Sir Luís Basílio ter suspenso as negociações com as ações de bancos ao meio-dia evitara que o banco soçobrasse, então,

— Puta que o pariu, que droga! — falou alguém. — Fodido pela porra da campainha.

— Olhe só para o tai-pan — exclamou outro. — Santo Deus, dá a impressão de que foi um dia como os outros, e não o dobre de finados da Casa Nobre!

— Ele tem peito, o nosso Ian, não há dúvida. Olhe como ainda sorri. Meu Deus, as ações dele baixam de 24, 70 para 17, 50 em um só dia, quando jamais estiveram abaixo de 25 desde que a empresa passou a ser de capital aberto, e é como se nada houvesse acontecido. Amanhã o Gornt vai obter o controle acionário!

— Concordo... ou o banco.

— O Vic? Não, já tem seus próprios problemas — disse outro, unindo-se ao grupo excitado e suarento.

— Pela madrugada! Acha mesmo que Gornt vai conseguir? Gornt, tai-pan da nova Casa Nobre?

— Nem posso imaginar! — gritou outro, acima da balbúrdia.

— É melhor ir se acostumando, meu velho. Mas, eu concordo, ninguém diria que o mundo do Ian está desmoronando sob seus

pés...

— E já está tarde! — exclamou um outro.

— Ora, qual é? O tai-pan é um bom sujeito, o Gornt é um filho da mãe arrogante.

— Os dois são filhos da mãe! — disse um outro.

— Ah, não sei. Mas concordo que o Ian é um bocado frio, o Ian é tão frio quanto a caridade, e isso é ser frio à beça!

— Mas não tão frio quanto o pobre Willy, que está morto, ora essa!

— Willy, Willy quem? — perguntou alguém em meio às risadas. — Hem?

— Ora, Charlie, pela madrugada! É só uma brincadeira, uma rima! "À beça" com "ora essa". Que tal foi o seu dia?

— Faturei uma nota em comissões. — Eu também.

— Fantástico. Eu me desfiz de cem por cento de todas as minhas próprias ações. Agora não tenho nada aplicado, graças a Deus! Vai ser duro para alguns dos meus clientes, mas quem ganha fácil perde fácil, e eles podem agüentar o repuxo!

— Ainda estou com cinqüenta e oito mil ações da Struan, e não tenho compradores...

— Puta que o pariu!

— O que foi?

— O Ho-Pak chegou ao fim da linha! Fechou as portas.

— Como?

— Todas as porras das agências!

— Deus todo-poderoso! Tem certeza?

— Claro que tenho, e estão dizendo que o Vic também não vai abrir amanhã, que o governador vai declarar feriado bancário! Soube por fonte seguríssima, meu velho!

— Sagrado Coração de Jesus, o Vic vai fechar?

— Ah, Deus, estamos todos arruinados...

— Ouçam, acabei de falar com Johnjohn. A corrida chegou até eles, mas ele disse que ficarão bem... para não nos preocuparmos.

— Graças a Deus!

— Ele disse que houve um tumulto em Aberdeen há meia hora, quando a agência do Ho-Pak de lá fechou, mas Richard Kwang acaba de fazer uma declaração à imprensa. "Fechou temporariamente" todas as agências deles, exceto a matriz. Não há com que se preocupar, ele tem dinheiro de sobra e...

— Filho da mãe mentiroso!

— ... e qualquer um que tenha fundos no Ho-Pak pode ir até lá com a sua caderneta de depósito e receberá o seu dinheiro.

— E quanto às ações deles? Quando as liquidarem, quanto acha que vão valer? Dez centavos por dólar!

— Sabe Deus! Mas milhares vão perder as cuecas nesse colapso!

— Ei, tai-pan! Vai deixar suas ações irem lá para baixo, ou vai comprar?

— A Casa Nobre é tão forte quanto sempre foi, meu velho — disse Dunross, serenamente. — Meu conselho para vocês é que comprem!

— Quanto tempo pode esperar, tai-pan?

— Vamos superar este ligeiro problema, não se preocupe.

Dunross continuou a abrir caminho entre o povo, dirigindo-se para a saída, seguido por Linc Bartlett e Casey, bombardeado por perguntas. Ignorou a maioria com uma palavrinha amável, respondeu a algumas, e então viu-se frente a frente com Gornt, e os dois se enfrentaram em meio a um grande silêncio.

— Ah, Quillan, como se saiu hoje? — indagou, cortesmente.

— Muito bem, obrigado, Ian, muito bem. Meus sócios e eu estamos com três ou quatro milhões de vantagem.

— Tem sócios?

— Claro. Não se inicia um ataque à Struan de qualquer maneira... é claro que é preciso ter um apoio financeiro muito substancial. — Gornt sorriu. — Felizmente, a Struan é amplamente detestada por um bocado de gente boa, e isso há um século ou mais. Tenho prazer em lhe dizer que acabo de adquirir mais trezentas mil ações que vão estar à venda logo que a Bolsa abrir. Isso deve ser o bastante para fazer a sua casa desabar.

— Não somos um castelo de cartas. Somos a Casa Nobre.

— Até amanhã. É. Ou quem sabe até depois de amanhã, no máximo até segunda-feira. — Gornt olhou para Bartlett. — Nosso jantar de terça-feira ainda está de pé?

— Está. Dunross sorriu.

— Quillan, um homem pode se queimar, vendendo a descoberto num mercado tão volúvel. — Virou-se para Bartlett e Casey, e falou, de modo agradável: — Não concordam?

— Pode apostar que isso aqui não é como a nossa Bolsa em Nova York — replicou Bartlett, provocando uma risada geral. — O que está acontecendo aqui hoje mandaria toda a nossa economia para o diabo, hem, Casey?

— É — respondeu Casey, sem jeito, sentindo o olhar fixo de Gornt. — Alô — cumprimentou, olhando-o de relance.

— Sentimo-nos honrados por tê-los aqui — disse Gornt, com grande charme. — Posso cumprimentá-los pela sua coragem ontem à noite? Aos dois.

— Não fiz nada de especial — disse Bartlett.

— Nem eu — falou Casey, constrangida, tendo plena consciência de ser a única mulher na sala, e agora o centro de tantas atenções. — Se não tivesse sido pelo Linc e pelo Ian... pelo tai-pan, e você, e os outros, eu teria entrado em pânico.

— Ah, mas não entrou. Seu mergulho foi uma perfeição — disse Gornt, em meio a vivas.

Ela ficou calada, mas aquele pensamento a aqueceu, e não pela primeira vez. De alguma forma, sua vida estava diferente desde que tirara a roupa, sem pensar. Gavallan ligara para ela pela manhã, para saber como estava passando. Outros também. Na Bolsa, sentira a força dos olhares. Recebera muitos elogios. Muitos deles de

estranhos. Sentia que Dunross, Gornt e Bartlett se lembravam, porque ela não os havia decepcionado. Ou a si mesma. "É", pensou, "você ganhou muito prestígio perante todos os homens. E fez crescer a inveja das mulheres. Curioso. "

— Está vendendo a descoberto, sr. Bartlett? — dizia Gornt.

— Não pessoalmente — disse Bartlett, com um sorrisinho. — Ainda não.

— Devia — disse Gornt, amavelmente. — Pode-se ganhar muito dinheiro num mercado em baixa, como estou certo de que sabe. Um bocado de dinheiro vai mudar de mãos com o controle da Struan. — Voltou a fitar Casey, excitado por sua coragem, seu corpo, e pela idéia de que iria passear com ela de barco no domingo. — E você, Ciranoush, está no mercado? — perguntou.

Casey ouviu o seu nome, e o modo como ele o pronunciou. Ficou excitada. "Cuidado", advertiu a si mesma. "Esse homem é perigoso. É. E o Dunross também, e o Linc também.

"Qual?

"Acho que quero os três", pensou, invadida por uma onda de calor. "

O dia fora excitante e formidável desde o primeiro momento, quando Dunross lhe telefonara, solícito. Depois, levantara-se, sem sentir nenhum mal-estar por causa do fogo ou dos vomitórios do dr. Tooley. Em seguida, passara toda a manhã trabalhando nos telefonemas, telegramas e telex para os Estados Unidos, alegremente, acertando problemas do imenso conglomerado da Par-Con, cimentando uma fusão que estava na agenda deles há meses, vendendo uma companhia com muito lucro, para adquirir uma outra que fortaleceria ainda mais a investida da Par-Con na Ásia... fosse lá quem fosse o parceiro deles. Depois, inesperadamente, fora convidada para almoçar com Linc... O querido, bonito, confiante e atraente Linc, pensou, lembrando-se do almoço deles no topo do Victoria and Albert, no imenso salão de refeições verde com vista para o porto, Linc tão atencioso, a ilha de Hong Kong e as estradas costeiras obscurecidas pela chuva torrencial. Meia toronja, uma pequena salada, Perrier, tudo perfeitamente servido, do jeito que ela queria. Depois, o café.

— Que tal irmos à Bolsa de Valores, Casey? Lá pelas duas e meia? — dissera ele. — O Ian nos convidou.

— Ainda tenho muita coisa a fazer, Linc, e...

— Mas aquele lugar é um barato, e as coisas que aqueles caras conseguem fazer são incríveis. Negociações escusas aqui são um meio de vida, e absolutamente legais. Deus, é fantástico, maravilhoso, um grande sistema! O que eles fazem aqui legalmente todos os dias daria uma pena de vinte anos nos Estados Unidos.

— O que não torna a coisa correta, Linc.

— Não, mas aqui é Hong Kong, suas regras os agradam. É o país deles, eles se sustentam, e o governo tira apenas quinze por cento em impostos. É o que eu lhe digo, Casey, se você quer dinheiro do "dane-se", é aqui que ele está.

— Tomara! Vá você, Linc, tenho um monte de coisas ainda por fazer!

— Podem esperar. Hoje pode ser o dia decisivo. Temos que estar lá para o golpe final.

— O Gornt vai ganhar?

— Claro, a não ser que Ian consiga um financiamento maciço. Ouvi dizer que o Victoria não vai apoiá-lo. E o Orlin não vai renovar o empréstimo, como previ!

— Foi o Gornt quem lhe contou?

— Pouco antes do almoço. Mas todo mundo sabe de tudo neste lugar. Nunca vi nada parecido.

— Então pode ser que o Ian saiba que você adiantou os dois milhões para o Gornt começar o ataque.

— Pode ser. Não importa, contanto que não saibam que a Par-Con está prestes a se tornar a nova Casa Nobre. Que tal soa "tai-pan Bartlett"?

Casey lembrou-se do sorriso repentino dele, e do calor que se transmitira a ela. Sentia-o de novo agora, ali, de pé na Bolsa de Valores, olhando para ele, montes de homens à volta dela, mas só três importantes: Quillan, Ian e Linc, os homens mais excitantes e cheios de vitalidade que conhecera em toda a vida. Sorriu para eles, igualmente, depois disse a Gornt:

— Não, não estou no mercado, não pessoalmente. Não gosto de jogar... o custo do meu dinheiro sai caro demais.

Alguém resmungou:

— Que coisa horrível de dizer!

Gornt não prestou atenção, e manteve os olhos fitos nela.

— Sensato, muito sensato. Claro, às vezes há uma coisa absolutamente certa, às vezes pode-se faturar alto, com um golpe

mortal. — Olhou para Dunross, que ostentava seu sorriso curioso. — Em sentido figurado, é claro.

— É claro. Bem, Quillan, até amanhã.

— Ei, sr. Bartlett — chamou alguém —, já fechou negócio com a Struan, ou não?

— É — falou outro. — E o que o Incursor Bartlett pensa de uma incursão à moda de Hong Kong?

Novo silêncio. Bartlett deu de ombros.

— Uma incursão é uma incursão, seja onde for — disse, com cuidado —, e eu diria que esta está armada e iniciada. Mas a gente nunca sabe se ganhou até a contagem dos votos estar terminada. Concordo com o sr. Dunross. A gente pode se queimar. — Abriu novo sorriso, os olhos brejeiros. — Também concordo com o sr. Gornt. Às vezes também se pode faturar alto, com um golpe mortal. Em sentido figurado.

Nova explosão de risos. Dunross aproveitou-se dela para chegar à porta, Bartlett e Casey atrás dele. Junto ao seu Rolls com chofer, Dunross falou:

— Vamos, entrem... desculpem, tenho um compromisso, mas o carro os levará para casa.

— Não, tudo bem, tomaremos um táxi...

— Não, entrem. Nessa chuva, terão que esperar meia hora.

— Nas barcas estará ótimo, tai-pan — falou Casey. — Ele poderá nos deixar lá.

Entraram e o carro arrancou, o trânsito confuso.

— O que vai fazer quanto ao Gornt? — perguntou Bartlett.

Dunross riu, e Casey e Bartlett tentaram calcular a sinceridade da risada.

— Vou esperar — disse. — É um velho costume chinês: paciência. Tudo chega às mãos daquele que espera. Obrigado por ficar de boca fechada sobre o nosso acordo. Saiu-se muito bem.

— Vai anunciá-lo amanhã, depois que o mercado fechar, conforme o planejado? — quis saber Bartlett.

— Prefiro deixar minhas opções em aberto. Conheço o mercado, você não. Talvez amanhã. — Dunross olhou para os dois, fixamente. — Talvez não antes de terça-feira, quando já tivermos assinado o contrato. Imagino que o negócio ainda esteja de pé, não? Até terça à meia-noite?

— Claro — disse Casey.

— A hora da participação pode ficar ao meu encargo? Avise-lhes antes, mas posso precisar escolher outra hora... para manobrar.

— Sem dúvida.

— Obrigado. Claro, se já tivermos entrado pelo cano, negócio cancelado. Compreendo perfeitamente.

— O Gornt pode obter o controle? — indagou Casey. Ambos notaram a alteração nos olhos do escocês. O sorriso ainda permanecia, mas apenas na superfície.

— Não, na verdade não. Mas é claro que com ações suficientes, poderá forçar sua presença imediatamente na diretoria, e indicar outros diretores. Uma vez na diretoria, ficará por dentro da

maioria dos nossos segredos, perturbará e destruirá. — Dunross lançou um olhar para Casey. — O propósito dele é destruir.

— Por causa do passado?

— Parcialmente. — Dunross sorriu, mas dessa feita eles notaram um cansaço profundo no sorriso. — É um jogo muito alto, envolve prestígio, muito prestígio, e estamos em Hong Kong. Aqui, os fortes sobrevivem e os fracos perecem, mas nesse meio tempo o governo não rouba você, nem o protege. Se não quiser ser livre e não gostar das nossas regras, ou da ausência delas, não venha para cá. Você veio atrás de lucro, heya? — Observava Bartlett. — E terá lucro, de uma maneira ou de outra.

— É — concordou Bartlett, serenamente, e Casey se perguntou até que ponto Dunross saberia do trato feito com Gornt. A idéia a perturbou.

— Nosso motivo é lucro, sim — disse ela. — Mas não é destruir.

— Isso é sensato — falou Dunross. — É melhor criar do que destruir. Ah, a propósito, Jacques perguntou se os dois gostariam de jantar com ele, logo mais, lá pelas oito e meia. Eu não posso ir, tenho uma festa oficial com o governador, mas talvez possa encontrá-los para um drinque, depois.

— Obrigado, mas hoje não posso — disse Bartlett despreocupadamente, embora não estivesse nada despreocupado ao lembrar-se de Orlanda. — E você, Casey?

— Não, obrigada, tenho um monte de trabalho para fazer, tai-pan. Que tal deixarmos para um outro dia? — perguntou, feliz, achando que ele era sensato por ficar de boca fechada, e Linc Bartlett igualmente sensato por deixar a Struan um pouco de lado, por enquanto. "É", pensou com seus botões, "vai ser ótimo jantar com o Linc, só nós dois, como no almoço. Quem sabe até a gente possa ir ao cinema, depois. "

Dunross entrou no seu escritório.

— Oh... oh, alô, tai-pan — cumprimentou Claudia. — O sr. e a sra. Kirk estão na sala de espera do andar de baixo. O pedido de demissão de Bill Foster está na sua bandeja.

— Ótimo. Claudia, não quero deixar de ver o Linbar antes que ele viaje.

Ele a observou atentamente, e embora ela fosse extremamente hábil em disfarçar os sentimentos, ele podia sentir o seu medo. Sentia o medo no prédio todo. Todos fingiam o contrário, mas a confiança estava abalada.

"Sem confiança no general", escrevera Sun Tse, "nenhuma batalha pode ser ganha, não importa o grande número de tropas e armas. "

Inquieto, Dunross reviu seu plano e sua posição. Sabia que tinha poucos movimentos a realizar, que a única defesa verdadeira era o ataque, e que ele não podia atacar sem fundos maciços. Pela manhã, quando se encontrara com Lando Mata, obtivera apenas um relutante talvez.

— ... já lhe disse que tenho que consultar primeiro o Tung Pão-Duro. Deixei recado, mas ainda não consegui me comunicar com ele.

— Ele está em Macau?

— É, acho que está. Disse que ia chegar hoje, mas não sei por que balsa. Não sei mesmo, tai-pan. Se não estiver na última balsa para cá, eu próprio irei a Macau vê-lo... se ele estiver disponível. Liguei para você hoje à noite, tão logo tenha falado com ele. A propósito, já reconsiderou nossas ofertas?

— Já. Não posso vender-lhes o controle acionário da Struan. E não posso deixar a Struan e ir administrar o jogo em Macau.

— Com o nosso dinheiro esmagará o Gornt, poderá...

— Não posso passar adiante o controle.

— Talvez pudéssemos combinar as duas ofertas. Nós o apoiaremos contra Gornt em troca do controle da Struan, e você dirigirá o nosso sindicato do jogo, secretamente, se quiser. É, podia ser em segredo...

Dunross mudou de posição na poltrona, certo de que Lando Mata e Pão-Duro estavam usando a armadilha em que estava preso para atender aos próprios interesses. "Como Bartlett e Casey", pensou, sem raiva. "Que mulher interessante! Linda, corajosa e leal... a Bartlett. Será que ela sabe que ele tomou café com Orlanda, hoje de manhã, e depois foi ao apartamento dela? Será que eles sabem que eu sei dos dois milhões da Suíça? Bartlett é esperto, muito esperto, e está fazendo todas as jogadas corretas, mas está desguarnecido no ataque, porque é previsível, e sua jugular é uma moça asiática. Talvez Orlanda, talvez não. Mas sem dúvida uma Pele Dourada cheia de juventude. Quillan foi muito vivo em colocá-la como isca na armadilha. É. Orlanda é uma isca perfeita", pensou, depois voltou a se concentrar em Lando Mata e seus milhões. "Para conseguir esses milhões, teria que quebrar o meu Juramento Sagrado, e isso não farei. "

— Quais os telefonemas que tenho, Claudia? — perguntou, uma súbita pontada gelada no estômago. Mata e Pão-Duro tinham sido o seu trunfo, o último que restava.

Ela hesitou, depois olhou para a lista.

— Hiro Toda ligou de Tóquio, ligação pessoal. Por favor, ligue para ele quando tiver um momento sobrando. E também Alastair Struan, de Edimburgo... David MacStruan, de Toronto... seu pai, de Ayr... o velho Sir Ross Struan, de Nice...

— O tio Trussler, de Londres — disse ele, interrompendo-a —, o tio Kelly, de Dublin... o primo Cooper, de Atlanta, o primo...

— De Nova York — completou Claudia.

— De Nova York. As más notícias voam — disse ele, calmamente.

— É. Depois, teve... — Seus olhos ficaram cheios de lágrimas.
— O que vamos fazer?

— Tudo menos chorar — falou, sabendo que uma grande porção das economias dela estavam investidas em ações da Struan.

— Sim. Oh, sim. — Fungou e usou o lenço, triste por causa dele, mas grata aos deuses por ter tido a providência de vender na alta e não comprar quando o chefe da Casa de Chen murmurara a

todo o clã que comprasse maciçamente. — Ayeeyah, tai-pan, desculpe, por favor, desculpe... sim. Mas tudo vai muito mal, não é?

— Vai, mocinha — disse ele, imitando um sotaque escocês —, mas só quando a gente está "morrido". Não era assim que o velho tai-pan costumava dizer? — O velho tai-pan era

Sir Ross Struan, o pai de Alastair, o primeiro tai-pan de que se lembrava. — Continue com os telefonemas.

— O primo Kern, de Houston, e o primo Deeks, de Sydney. É o último da família.

— É a família toda.

Dunross soltou a respiração. O controle acionário da Casa Nobre estava com aquelas famílias. Cada uma tinha lotes de ações que havia herdado, embora pela lei da Casa só ele tivesse o poder de voto... enquanto fosse o tai-pan. Os bens da família Dunross, descendentes de Winifred, filha de Dirk Struan, constituíam dez por cento; dos Struans de Robb Struan, meio irmão de Dirk, cinco por cento; dos Trusslers e dos Kellys, descendentes de Culum e da filha mais moça da Bruxa Struan, cinco por cento cada; dos Coopers, Kerns e Derbrys, descendentes do comerciante americano Jeff Cooper, da Cooper-Tillman, o amigo de toda a vida de Dirk, que se casara com a filha mais velha da Bruxa Struan, cinco por cento cada; dos MacStruans, que se acreditava serem descendentes ilegítimos de Dirk, dois e meio por cento; e dos Chens, sete e meio por cento. O

grosso das ações, cinqüenta por cento, propriedade pessoal e legado da Bruxa Struan, ficava num fideicomisso perpétuo, a ser votado pelo tai-pan "quem quer que ele seja, e o lucro obtido será dividido anualmente, cinqüenta por cento para o tai-pan, o resto proporcionalmente aos bens das famílias... mas somente se o tai-pan assim o decidir", escrevera ela, na sua letra ousada e firme. "Se ele resolver reter os lucros das minhas ações por qualquer motivo, poderá fazê-lo. Depois esse incremento irá para o fundo particular do tai-pan, para o uso que ele achar conveniente. Mas que todos os futuros tai-pans tomem tento: a Casa Nobre passará de Mão segura para Mão segura, e os clãs de Porto seguro para Porto seguro, como o tai-pan em pessoa decretou, perante Deus, acrescentarei a minha maldição à dele, sobre aquele ou aquela que nos falhar... "

Dunross sentiu um arrepio percorrê-lo ao se lembrar da primeira vez que lera o testamento dela... tão dominador quanto o legado de Dirk Struan. "Por que somos tão possuídos por esses dois?", perguntou-se novamente. "Por que não podemos livrar-nos do passado, por que temos que viver à disposição de fantasmas, e de fantasmas que nem são lá muito bons?"

"Eu não vivo assim", disse para si mesmo, com firmeza, "estou apenas tentando me equiparar aos seus padrões. "

Voltou a olhar para Claudia, matronal, durona e muito segura de si, mas agora assustada, assustada pela primeira vez. Ele a conhecera a vida inteira, e ela servirá ao velho Sir Ross, depois ao seu pai, depois a Alastair, e agora a ele próprio com uma lealdade fanática, assim como Phillip Chen. "Ah, Phillip, pobre Phillip. "

— Phillip telefonou? — perguntou.

— Telefonou, tai-pan. E Dianne também. Ligou quatro vezes.

— Quem mais?

— Uma dúzia, ou mais. Os mais importantes são Johnjohn, do banco, general Jean, de Formosa, Gavallan père, de Paris, Wu Quatro Dedos, Pug...

— Quatro Dedos? — Dunross ficou esperançoso. — Quando ligou?

Ela consultou sua lista.

— Às duas e cinqüenta e seis.

"Será que o velho pirata mudou de idéia?", pensou Dunross, sua excitação aumentando.

No final da tarde anterior, ele fora a Aberdeen procurar Wu e pedir-lhe ajuda, mas, como no caso de Lando Mata, só conseguira vagas promessas.

— Escute, Velho Amigo — ele lhe dissera, em dialeto haklo, hesitante. — Nunca lhe pedi um favor antes.

— Uma longa linhagem de seus ancestrais tai-pans pediram muitos favores e obtiveram grandes lucros dos meus ancestrais — o velho respondera, os olhos astutos e irrequietos. — Favores? Fodam-se todos os cães, tai-pan, não tenho tanto dinheiro. Vinte milhões? Como é que um pobre pescador como eu ia ter tanta grana?

— Mais do que isso saiu do Ho-Pak ontem, Velho Amigo.

— Ayeeyah, fodam-se todos aqueles que murmuram informações erradas! Pode ser que eu tenha sacado o meu dinheiro em segurança, mas todo ele já se foi para pagar mercadorias, mercadorias que eu devia.

— Espero que não seja o Pó Branco — dissera Dunross, severamente. — O Pó Branco dá um azar terrível. Correm boatos de que você está interessado nele. Aconselho-o a desistir, como amigo. Meus ancestrais, o Velho Demônio de Olhos Verdes e a Bruxa Struan do Mau-Olhado e dos Dentes do Dragão, rogaram uma praga sobre aqueles que negociarem com o Pó Branco, não o ópio, mas todos os Pó Brancos e aqueles que negociarem com eles — falou, alterando a verdade, sabendo como o velho era supersticioso. — Aconselho-o a não lidar com o Pó que Mata. Sem dúvida, seu negócio de ouro é mais do que lucrativo.

— Não sei nada de Pó Branco algum. — O velho forçara um sorriso, mostrando as gengivas e alguns dentes tortos. — E não tenho medo de pragas, nem mesmo deles!

— Ótimo — disse Dunross, sabendo que era mentira. — Nesse meio tempo, ajude-me a obter crédito. Cinqüenta milhões durante três dias, é só do que preciso!

— Vou perguntar entre os meus amigos, tai-pan. Talvez possam ajudar, talvez possamos ajudar juntos. Mas não espere água de um poço vazio. A que juro?

— Juros altos, se for amanhã.

— Não é possível, tai-pan.

— Convença o Pão-Duro, você é associado e velho amigo dele.

— O Pão-Duro é a única merda de amigo que o Pão-Duro tem — dissera o velho, carrancudo, e nada do que Dunross dissesse conseguiu mudar sua atitude.

Dunross estendeu a mão para o telefone.

— Que outros telefonemas recebi, Claudia? — perguntou, enquanto discava.

— Johnjohn, do banco, Phillip e Dianne... ah, já lhe falei deles. O superintendente Crosse, todos os nossos grandes acionistas, todos os diretores administrativos de todas as subsidiárias, a maior parte do Turf Club... Travkin, seu treinador... uma lista sem fim.

— Um momentinho, Claudia. — Dunross disfarçou a ansiedade e falou ao aparelho, em haklo: — Aqui fala o tai-pan. O meu Velho Amigo está?

— Claro, claro, sr. Dunross — disse a voz americana, educadamente, em inglês. — Obrigado por responder ao telefonema. Ele já vem atender, senhor.

— Sr. Choy, sr. Paul Choy?

— Sim, senhor.

— Seu tio me falou a seu respeito. Bem-vindo a Hong Kong.

— Eu... aqui está ele, senhor.

— Obrigado.

Dunross concentrou-se. Estivera se perguntando por que Paul Choy estava agora com Quatro Dedos, e não ocupado em imiscuir-se nos negócios de Gornt, e por que Crosse telefonara, e por que Johnjohn...

— Tai-pan?

— Sim, Velho Amigo. Queria falar comigo?

— Sim. Podemos... nos encontrar hoje à noite? Dunross tinha vontade de berrar "Mudou de idéia?" Mas as boas maneiras o impediam, e os chineses não gostavam de telefones, preferindo sempre falar cara a cara.

— Claro. Por volta das oito badaladas, no turno do meio — falou, com naturalidade. Perto da meia-noite. — O mais aproximado possível — acrescentou, lembrando-se que devia encontrar-se com Brian Kwok às dez e quarenta e cinco.

— Ótimo. No meu molhe. Haverá uma sampana à espera. Dunross desligou o telefone, o coração disparado.

— Primeiro o Crosse, Claudia, depois mande entrar os Kirks. Depois, correremos a lista. Marque um telefonema coletivo com meu pai, Alastair e Sir Ross, para as cinco horas, o que dá nove para eles, e dez em Nice. Liguei para David e os outros nos Estados Unidos logo mais à noite. Não há necessidade de acordá-los no meio da noite.

— Sim, tai-pan.

Claudia já estava discando. Crosse atendeu, ela passou o fone para Dunross e saiu, fechando a porta atrás de si.

— Sim, Roger?

— Quantas vezes já estive na China?

A pergunta inesperada espantou Dunross, momentaneamente.

— Isso consta dos registros — falou. — É fácil você verificar.

— Sei, Ian, mas será que pode me responder agora? Por favor.

— Quatro vezes em Cantão, para a feira, todos os anos, nos últimos quatro anos. E uma vez em Pequim, com uma comissão comercial, no ano passado.

— Alguma vez saiu de Cantão... ou de Pequim?

— Por quê?

— Saiu?

Dunross hesitou. A Casa Nobre tinha muitas associações de longa data na China, muitos amigos antigos e de confiança. Alguns eram agora comunistas dedicados. Outros eram externamente comunistas, mas por dentro totalmente chineses, e portanto de visão ampla, reservados, cautelosos e apolíticos. Esses homens variavam de importância. Havia até um na junta governamental. E todos eles, sendo chineses, sabiam que a história se repetia, que as eras podiam mudar rapidamente, e que o imperador da manhã poderia tornar-se o cão escorraçado da tarde, que as dinastias se sucediam segundo os caprichos dos deuses, que o primeiro de cada dinastia inevitavelmente subia ao trono do Dragão com as mãos tintas de sangue, que sempre se devia estar de olho numa rota de fuga... e que certos bárbaros eram Velhos Amigos em quem se podia confiar.

Mas ele sabia que, acima de tudo, os chineses eram um povo prático. A China precisava de mercadorias e ajuda. Sem mercadorias e ajuda, ficava indefesa contra seu inimigo histórico, e único inimigo real, a Rússia.

Muitas vezes, por causa da confiança especial depositada na Casa Nobre, Dunross fora procurado oficial e não-oficialmente, mas sempre secretamente. Tinham muitos negócios particulares em vista, para todo tipo de maquinarias e mercadorias em falta, incluindo a esquadilha de aviões a jato. Frequentemente, tinha ido a lugares aonde outros não podiam ir. Uma vez tinha comparecido a uma reunião em Hangchow, a região mais linda da China, realizada para receber particularmente outros membros do Clube 49, que iam ser homenageados com um jantar, como convidados de honra da China. O Clube 49 era formado por empresas que tinham continuado a comerciar com a RPC após 1949, na maioria firmas britânicas. A Grã-Bretanha reconhecera o governo de Mao Tsé-tung como o governo da China, pouco depois que Chang Kai-chek abandonou o continente e fugiu para Formosa. Mesmo assim, as relações entre os dois governos sempre tinham sido tensas. Mas, por definição, as relações entre os Velhos Amigos não o eram, a não ser que um Velho Amigo traísse uma confiança, ou trapaceasse.

— Ah, fiz algumas viagens por fora — disse Dunross, despreocupadamente, sem querer mentir para o chefe do sei. — Nada de especial. Por quê?

— Poderia me dizer aonde foi, por favor?

— Sem dúvida, se você for mais específico, Roger — replicou, a voz endurecendo. — Somos comerciantes, e não políticos, e não espões, e a Casa Nobre tem uma posição especial na Ásia. Há muitos anos estamos aqui, e é por causa dos comerciantes que a bandeira inglesa flutua... costumava flutuar sobre a metade do mundo. O que você quer saber exatamente, meu velho?

Fez-se uma longa pausa.

— Nada, nada de especial. Pois bem, Ian, vou esperar até termos o prazer de ler os documentos, depois serei mais específico. Obrigado, desculpe incomodá-lo. Até logo.

Dunross fitou o aparelho, preocupado. O que o Crosse queria saber?, perguntou-se. Muitas das transações que havia feito e que ainda faria certamente não se enquadrariam na política oficial do governo em Londres, e mais ainda em Washington. Sua atitude a curto e a longo prazo, em relação à China, era nitidamente oposta à deles. O que eles considerariam contrabando ele não considerava.

"Bem, enquanto eu for tai-pan", disse a si mesmo, com firmeza, "haja o que houver, fogo ou tufão, nossos elos com a

China continuarão sendo nossos elos com a China, e fim de papo. A maioria dos políticos em Londres e Washington não se dá

conta de que os chineses são chineses em primeiro lugar e comunistas em segundo. E Hong Kong é vital para a paz na Ásia. "

— Sr. e sra. Jamie Kirk, senhor.

Jamie Kirk era um homenzinho pedante, de rosto rosado, mãos rosadas e um sotaque escocês agradável. A mulher dele era alta, grande e americana.

— Oh, quanto prazer em conhe... — começou Kirk.

— É, temos muito, sr. Dunross — interrompeu o vozeirão bem-humorado da mulher. — Diga logo o que tem para dizer, Jamie, benzinho, o sr. Dunross é um homem muito ocupado, e temos que ir fazer compras. Meu marido tem um embrulho para o senhor.

— É, da parte de Alan Medford G...

— Ele sabe que é da parte de Alan Medford Grant, benzinho — disse ela, satisfeita, tomando-lhe a palavra de novo. — Entregue-lhe o embrulho.

— Ah. Ah, sim, e também...

— Uma carta dele, também — disse ela. — O sr. Dunross é muito ocupado. Entregue logo tudo para ele, e vamos fazer compras.

— Ah, é, bem... — Kirk entregou o embrulho a Dunross. Media uns trinta e cinco por vinte e dois centímetros, e tinha uns dois centímetros e meio de espessura. Pardo, comum, e preso com muita fita adesiva. O envelope estava selado com lacre vermelho. Dunross reconheceu o lacre. — Alan disse para...

— Para entregar-lhe tudo pessoalmente, com lembranças dele — falou ela, com outra risada. Levantou-se. — Você é tão vagaroso, doçura! Bem, obrigada, sr. Dunross, vamos indo, benzi...

Interrompeu-se, espantada, quando Dunross ergueu uma mão imperiosa e falou com autoridade absoluta, embora cortês.

— Que tipo de compras quer fazer, sra. Kirk?

— Hem? Oh, algumas roupas... bem... quero mandar fazer algumas roupas, e o benzinho precisa de camisas, e...

Dunross ergueu a mão outra vez e apertou um botão. Claudia apareceu.

— Leve a sra. Kirk a Sandra Yi, imediatamente. Ela deverá levá-la imediatamente ao Lee Foo Tap, lá embaixo, e, por Deus, diga-lhe para fazer o melhor preço possível para ela, ou mandarei que o deportem! O sr. Kirk se encontrará lá com ela daqui a um momento!

Tomou a sra. Kirk pelo braço, e, antes que ela se desse conta, já estava fora da sala, toda satisfeita, Claudia solícita ao seu lado, ouvindo-a contar o que queria comprar.

Kirk soltou um suspiro que encheu o silêncio que se fez. Era um suspiro longo e sofrido.

— Ah, como gostaria de poder fazer isso! — disse sombriamente. Depois abriu um sorriso. — Och aye, tai-pan — falou, à moda escocesa —, o senhor é tudo o que Alan falou que era.

— É? Mas não fiz nada. Sua mulher queria fazer compras, não queria?

— É, mas... — Depois de uma pausa, Kirk acrescentou: — Alan falou que o senhor devia... bem... devia ler a carta enquanto eu estivesse aqui. Não... não contei isso a ela. Acha que devia?

— Não — disse Dunross, bondosamente. — Olhe, sr. Kirk, lamento ter que lhe dar más notícias, mas infelizmente Alan morreu num acidente de moto, na segunda passada.

Kirk ficou de queixo caído.

— O quê?

— Lamento lhe contar, mas achei melhor que soubesse. Kirk fitava as manchas deixadas pela chuva na vidraça, imerso em pensamentos.

— Que terrível! — disse, finalmente. — Malditas motos, são um perigo mortal. Ele foi atropelado?

— Não. Foi encontrado na estrada, caído ao lado da moto. Sinto muito.

— Terrível! Coitado do Alan. Ah, meu Deus! Fico contente que o senhor não tenha dito nada na frente da Frances, ela... gostava dele também. Eu... bem... eu... é melhor o senhor ler a carta, então... A Frances não era uma grande amiga, por isso não acho... coitado do Alan! — Baixou os olhos para as mãos. As unhas eram roídas e deformadas. — Coitado do Alan!

Para dar tempo a Kirk, Dunross abriu a carta, que dizia:

"Meu caro sr. Dunross: Por meio desta apresento-lhe um velho colega, Jamie Kirk, e sua mulher, Frances. Por favor, abra em particular o embrulho que ele está levando. Quero que lhe seja entregue em segurança, e Jamie concordou em dar uma paradinha em Hong Kong. Pode-se confiar nele o quanto se pode confiar em alguém, hoje em dia. E, por favor, não ligue para a Frances. Ela não é má. Na realidade, é boa para o meu velho amigo, está muito bem de vida, com o que herdou de maridos anteriores, o que dá ao Jamie a liberdade de que precisa para ficar sentado e pensar... um privilégio raríssimo, hoje em dia. A propósito, eles não trabalham no mesmo ramo que eu, embora saibam que sou um historiador amador com renda própria".

Dunross teria sorrido, se não fosse pelo fato de estar lendo a carta de um homem morto. A carta terminava assim:

"Jarnie é geólogo, geólogo marinho, um dos melhores do mundo. Pergunte-lhe sobre o seu trabalho nos últimos anos, de preferência se Frances não estiver presente... não que ela não esteja por dentro de tudo o que ele sabe, mas intromete-se um pouco. Ele tem algumas teorias interessantes que talvez possam beneficiar a Casa Nobre e seu planejamento para uma eventualidade. Afetuosas lembranças, Alan Medford Grant".

Dunross ergueu os olhos.

— Alan disse que vocês são antigos colegas...

— Ah, é. Fomos colegas de escola em Charterhouse. Depois, fui para Cambridge, ele, para Oxford. É. Mantivemos contato ao longo dos anos, ocasionalmente, é claro. É. Já o conhecia há muito tempo?

— Há uns três anos. Eu também gostava dele. Talvez não se sinta com vontade de falar agora.

— Oh, não, tudo bem. Eu... é um choque, é claro, mas... bem... a vida continua. O velho Alan... um tipo gozado, não é? Com todos os seus papéis, livros, cachimbos, cinzas e chinelos de feltro. — Kirk juntou os dedos em triângulo, tristemente. — Suponho que deva dizer que ele era um tipo gozado. Ainda não me parece direito falar nele no passado... mas suponho que devamos. É. Ele sempre usava chinelos de feltro. Acho que nunca estive nos seus aposentos sem que ele estivesse de chinelos de feltro.

— Está se referindo ao apartamento dele? Nunca estive lá. Sempre nos encontrávamos em Londres, no meu escritório, embora ele tivesse ido a Ayr, uma vez. — Dunross forçou a memória. — Não me lembro dele usando chinelos de feltro, ali.

— Ah, sim, ele me falou de Ayr, sr. Dunross. É, me falou. Foi... bem... um ponto alto na vida dele. O senhor... tem muita sorte de ter uma propriedade daquelas.

— O Castelo Avisyard não é meu, sr. Kirk, embora pertença à minha família há mais de cem anos. Dirk Struan comprou-o para a

mulher e a família... uma mansão, digamos assim. — Como sempre, Dunross sentiu uma súbita emoção ao pensar em toda aquela beleza, colinas suaves, lagos, charnecas, florestas, clareiras, seis mil acres ou mais, bom lugar para se atirar, para se caçar, o melhor que a Escócia tinha a oferecer.

— Faz parte da tradição que o tai-pan atual seja sempre o senhor de Avisyard... enquanto for o tai-pan. Mas, é claro, todas as famílias, em especial as crianças das várias famílias, o conhecem bem. Férias de verão... O Natal em Avisyard é uma tradição maravilhosa. Carneiros inteiros, flancos de boi, miúdos de carneiro no Ano-Novo, uísque e grandes lareiras acesas, as gaitas de fole tocando. É um belo lugar. E uma fazenda produtiva. Gado, leite, manteiga... sem falar na destilaria de Loch Vey! Gostaria de poder passar mais tempo lá... minha mulher foi para lá hoje, para preparar tudo para as férias de Natal. Conhece aquela região?

— Um pouquinho. Conheço mais a região montanhosa. Minha família é de Inverness.

— Ah, então precisa vir visitar-nos quando estivermos em Ayr, sr. Kirk. Alan disse em sua carta que o senhor é geólogo, um dos melhores do mundo.

— Ah, bondade dele. Bem... foi bondade dele. Minha... especialidade é a geologia marinha. É, especialmente...

Interrompeu-se, abruptamente. — O que foi?

— Oh, hã... nada, nada mesmo, mas acha que Frances está bem?

— Sem dúvida. Quer que eu conte a ela sobre Alan?

— Não. Não, eu mesmo conto, depois. Não... pensando melhor, acho que vou fingir que ele não morreu, sr. Dunross. Farei de conta que o senhor não me contou, assim não estragarei o passeio dela. É. É o melhor, não acha? — Kirk animou-se um pouco. — Assim, poderemos saber da má notícia quando voltarmos para casa.

— Como queira. O senhor dizia? Especialmente o quê?

— Ah, sim... petrologia, que, como sabe, é o estudo amplo das rochas, incluindo sua interpretação e descrição. Dentro da petrologia, meu campo se restringiu recentemente às rochas sedimentares. Eu... bem... nos últimos anos tenho trabalhado num projeto de pesquisas como consultor sobre as rochas sedimentares paleozóicas, as porosas. É. O estudo se concentrou na plataforma costeira oriental da Escócia. Alan achou que o senhor gostaria de saber algo a respeito.

— Claro. — Dunross controlou sua impaciência. Fitava o embrulho sobre a mesa. Queria abri-lo e ligar para Johnjohn, e havia mais uma dúzia de coisas prementes. Havia tanto a ser feito, e ele

ainda não tinha entendido a ligação que Alan fizera entre a Casa Nobre e Kirk. — Parece muito interessante — falou. — Para que era o estudo?

— Hem? — Kirk o fitava, espantado. — Hidrocarbonetos. — Diante do olhar inexpressivo de Dunross, apressou-se a acrescentar: — Os hidrocarbonetos são encontrados apenas nas rochas porosas sedimentares da era paleozóica. Petróleo, sr. Dunross, petróleo bruto.

— Ah! Estavam procurando petróleo?

— Ah, não! Era um projeto de pesquisas para determinar a possibilidade da presença de hidrocarbonetos a pouca distância da costa. Da costa da Escócia. Agrada-me poder dizer que acho que os haverá em abundância. Não muito perto, mas no mar do Norte. — O rosto rosado do homenzinho tornou-se mais rosado ainda, e ele enxugou a testa. — É. É, acho que deve haver um bom número de campos por lá.

Dunross estava perplexo, ainda sem entender a ligação.

— Bem, conheço alguma coisa sobre a perfuração em alto mar, no Oriente Médio e no golfo do Texas. Mas lá no mar do Norte? Santo Deus, sr. Kirk, aquele mar é o pior do mundo, provavelmente o mais inconstante do mundo, quase sempre turbulento, com ondas gigantescas. Como seria possível perfurar ali? Como seria possível instalar os equipamentos com segurança, como seria possível levar o

petróleo a granel para terra, mesmo que fosse encontrado? E se fosse levado para terra, meu Deus, o custo seria proibitivo.

— Ah, sem dúvida, sr. Dunross — concordou Kirk. — Tudo o que o senhor disse está certíssimo, mas não é minha tarefa preocupar-me com o lado comercial, e sim descobrir nossos hidrocarbonetos, supremamente valiosos. — Acrescentou orgulhosamente: — É a primeira vez que se levanta a hipótese de eles existirem ali. Claro que é apenas uma teoria, minha teoria. Nunca se sabe ao certo antes de se perfurar, mas parte de minha perícia reside nas interpretações sísmicas, ou seja, estudo das ondas resultantes de explosões induzidas, e o enfoque que dei às últimas descobertas foi um tanto heterodoxo...

Dunross escutava agora apenas com a superfície da mente, tentando ainda entender por que Alan teria considerado isso importante. Deixou Kirk continuar por algum tempo, depois trouxe-o educadamente ao presente.

— O senhor me convenceu, sr. Kirk. Dou-lhe os parabéns. Quanto tempo vai ficar em Hong Kong?

— Ah, só até segunda-feira. Depois... bem... vamos para a Nova Guiné.

Dunross concentrou-se, muito preocupado.

— Onde, na Nova Guiné?

— Um lugar chamado Sukanapura, na costa setentrional. Fica na parte que pertence à Indonésia. Fui... — Kirk sorriu. — Desculpe, claro que o senhor sabe que o presidente Sukarno assumiu o controle da Nova Guiné holandesa em maio.

— "Tomou-a" seria mais apropriado. Se não fosse pelas pressões americanas imprudentes, a Nova Guiné holandesa ainda seria holandesa, e em situação bem melhor, acho eu. Não creio que seja boa idéia o senhor e sua esposa viajarem para lá, por enquanto. É arriscado, a situação política é muito instável, e o presidente Sukarno é hostil. A insurreição em Sarawak é patrocinada e apoiada pela Indonésia... ele se opõe francamente ao Ocidente, a toda a Malásia, e coloca-se a favor dos seus marxistas. Além disso, Sukanapura é um porto quente, nojento, antipático, com muitas moléstias para coroar todos os outros problemas.

— Oh, não precisa se preocupar, tenho uma saúde de escocês, e fomos convidados pelo governo.

— O que eu queria enfatizar é que, atualmente, existe muito pouca influência governamental.

— Ah, mas lá existem algumas rochas sedimentares muito interessantes que querem que eu examine. Não precisa se preocupar, sr. Dunross. Somos geólogos, não políticos. Tudo está

combinado... na verdade, esse é o objetivo de toda a nossa viagem... não há com que se preocupar. Bem, tenho que ir andando.

— Ah! Vou oferecer um coquetel no sábado, das sete e meia às nove da noite — falou. — Quem sabe o senhor e sua mulher não gostariam de comparecer? Então poderemos conversar um pouco mais sobre a Nova Guiné.

— Oh, oh, mas quanta gentileza! Eu... bem... iremos com prazer. Onde...

— Mandarei um carro ir buscá-los. Agora talvez queira ir se encontrar com a sra. Kirk. Não tocarei em Alan, se é o que deseja.

— Ah! Ah, sim. Pobre Alan! Por um momento, discutindo as rochas sedimentares, cheguei a me esquecer dele. É curioso, não é?, como a gente se esquece com facilidade.

Dunross despachou-o com outra assistente e fechou a porta. Cuidadosamente, rompeu as fitas adesivas que selavam o pacote de Alan. Lá dentro havia um envelope e outro pacote. O envelope estava endereçado a "Ian Dunross, particular e confidencial". Ao contrário da outra carta, que fora escrita à mão, esta fora batida à máquina:

"Caro sr. Dunross: Esta lhe chegará às mãos, às pressas, por intermédio do meu velho amigo Jamie. Recebi notícias muito

inquietantes. Há um outro 'vazamento' de segurança muito sério no nosso sistema britânico ou americano, e está bem claro que nossos adversários estão aumentando seus ataques clandestinos. Um pouco dessa atividade pode extravasar em cima até de mim, até o senhor, daí minha ansiedade. Do senhor porque pode ser que a existência da nossa série de documentos altamente secretos tenha sido descoberta. Se alguma coisa fora do comum me acontecer, por favor ligue para 871-6565, em Genebra. Peça para falar com a sra. Riko Gresserhoff. Para ela, meu nome é Hans Gresserhoff. O nome verdadeiro dela é Riko Anjin. Fala alemão, japonês e inglês... e um pouco de francês... e se eu ainda tiver algum dinheiro a receber, por favor, entregue-o a ela. Existem alguns papéis que ela lhe dará, alguns para transmissão. Por favor, entregue-os pessoalmente, quando for conveniente. Como já disse, é raro encontrar alguém em quem confiar. Confio no senhor. É a única pessoa na terra que sabe da existência dela, e seu nome real. Lembre-se, é vital que nem esta carta nem meus documentos anteriores saiam de suas mãos para as de qualquer pessoa.

"Primeiro, quero explicar sobre o Kirk: acredito que, dentro de uns dez anos, as nações árabes deixarão de lado suas diferenças e usarão o poder real que têm, não contra Israel diretamente, mas contra o mundo ocidental... forçando-nos a uma posição intolerável: abandonamos Israel... ou morremos de fome? Eles usarão o seu petróleo como arma de guerra.

"Se conseguirem se unir, um punhado de xeques e reis feudais na Arábia Saudita, Irã, Estados do golfo Pérsico, Iraque e Líbia poderão, quando lhes der na telha, cortar os suprimentos ocidentais e japoneses da única matéria-prima que lhes é indispensável. Terão uma oportunidade ainda mais sofisticada: aumentar os preços a níveis sem precedentes, e manter nossas economias nas suas mãos. O petróleo é a arma definitiva para os

árabes. Invencível, enquanto dependermos do seu petróleo. Daí meu interesse imediato na teoria de Kirk.

"Hoje em dia, trazer um barril de petróleo à superfície de um deserto árabe custa cerca de oito cents. Um barril a granel, trazido do mar do Norte para terra, na Escócia, custaria sete dólares. Se o petróleo árabe pulasse do seu preço atual de três dólares o barril no mercado mundial para nove... acho que entendeu imediatamente aonde quero chegar. Então, o mar do Norte passaria a ser imensamente viável, e um tesouro nacional britânico.

"Jamie disse que os campos ficam ao norte e a leste da Escócia. O porto de Aberdeen seria o lugar lógico para trazê-lo para terra. Um homem sensato começaria a se interessar por desembarcadouros, imóveis, campos de pouso, em Aberdeen. Não se preocupe com o mau tempo. Os helicópteros serão os elos de conexão com os poços de perfuração. Dispendiosos, sim, mas viáveis. Além do mais, se aceitar minha previsão de que os trabalhistas ganharão a eleição próxima por causa do escândalo Profumo... "

O caso ganhara todos os jornais. Seis meses antes, em março, o secretário de Estado da Guerra, John Profumo, negara formalmente ter tido um caso com uma call girl notória, Christine Keeler, uma das várias moças que subitamente ganharam destaque internacional, assim como o seu cáften, Stephen Ward, até então apenas um renomado osteopata da alta sociedade londrina. Tinham circulado rumores não-confirmados de que a garota também estava tendo um caso com um dos adidos soviéticos, um conhecido agente do KGB, comandante Ievguêni Ivánov, que tinha sido chamado de volta à Rússia no mês de dezembro anterior. Durante o escândalo

que se seguira, Profumo pedira demissão, e Stephen Ward se suicidara.

"É curioso que o caso tenha sido revelado à imprensa na hora perfeita para os soviéticos. Ainda não tenho provas, mas na minha opinião não foi apenas uma coincidência. Lembre-se de que faz parte da doutrina soviética fragmentar os países — Coréias do Norte e do Sul, Alemanhas Oriental e Ocidental, e daí por diante —, e depois deixar seus doutrinados subalternos fazerem o serviço para eles. Assim, acho que os socialistas pró-soviéticos vão ajudar a fragmentar a Grã-Bretanha em Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Sul e do Norte (pense no Eire e na Irlanda do Norte, uma arena feita de encomenda para as diabruras soviéticas).

"Agora, quanto à minha sugestão para o Plano de Contingência Número Um da Casa Nobre: ser circunspecto em relação à Inglaterra e concentrar-se na Escócia como base. O petróleo do mar do Norte tornaria a Escócia abundantemente auto-suficiente. A população é pequena, valente e nacionalista. Como entidade, a Escócia seria viável, e defensável... com um abundante suprimento exportável de petróleo. Uma Escócia forte talvez pudesse equilibrar a balança e ajudar uma Inglaterra claudicante... o nosso pobre país, sr. Dunross. Temo imensamente pela Inglaterra.

"Talvez esta seja mais uma das minhas teorias exageradas. Mas reconsidere a Escócia, Aberdeen, à luz de um novo mar do Norte. "

— Ridículo! — explodiu Dunross, e parou de ler por um momento, o pensamento incendiado. Depois aconselhou a si

próprio: "Não perca a cabeça! Às vezes o Alan é muito imaginativo, dado a exageros. É um imperialista de direita que enxerga quinze vermelhos debaixo de cada cama. Mas, o que diz poderia ser possível. Se for possível, tem que ser levado em consideração. Se houvesse uma escassez mundial de petróleo e nós estivéssemos preparados, poderíamos ganhar uma fortuna", pensou, sua agitação aumentando. "Seria fácil começar a investir em Aberdeen agora, fácil começar uma retirada calculada de Londres sem prejudicar coisa alguma... Edimburgo oferece todas as modernas facilidades bancárias, de comunicação, portos, campos de pouso, tudo de que precisaríamos para operar eficientemente. A Escócia para os escoceses, com petróleo abundante para exportar? Completamente viável, mas não separada, e sim dentro de uma Grã-Bretanha forte. Mas, se a cidade de Londres, o Parlamento e a Threadneedle Street ficassem entupidos de esquerdistas... "

Os pêlos de sua nuca arrepiaram-se à idéia de uma Grã-Bretanha enterrada sob uma mortalha de socialismo de esquerda. "E quanto a Robin Grey? Ou Julian Broadhurst?", perguntou-se, gelado. "Sem dúvida nacionalizariam tudo, agarrariam o petróleo do mar do Norte, se houvesse algum, e dariam cabo de Hong Kong... já disseram que o fariam. "

Com esforço, guardou essa idéia para mais tarde, virou a página e continuou a ler.

"A seguir, acho que identifiquei três dos agentes infiltrados da Sevrin. A informação saiu cara (posso precisar de mais dinheiro antes do Natal), e não estou certo da sua exatidão. (Estou tentando reconferi-la imediatamente, pois dou-me conta da importância que tem para o senhor.) Acredita-se que os toupeiras sejam: Jason

Plumm, de uma companhia chamada Propriedades Asiáticas; Lionel Tuke, da companhia telefônica; e Jacques de Ville, da Struan... "

— Impossível! — exclamou Dunross, em voz alta. — Alan ficou maluco! É tão impossível que seja Plumm quanto Jacques. Total e absolutamente impossível! De jeito algum poderiam...

Seu telefone particular começou a tocar. Automaticamente, ele atendeu.

— Pronto?

— Aqui é a telefonista internacional chamando o sr. Dunross.

— Quem quer falar com ele, por favor? — disse bruscamente.

— O sr. Dunross aceita um telefonema a cobrar de Sydney, Austrália, da parte de um sr. Duncan Dunross?

O coração do tai-pan falhou uma batida.

— Mas, claro! Alô, Duncan... Duncan?

— Papai?

— Alô, filho, você está bem?

— Oh, sim, estou ótimo! — ouviu o filho dizer, e sua ansiedade desapareceu. — Desculpe ligar no horário de trabalho, papai, mas meu vôo de segunda está com excesso de reservas e...

— Pombas, você tem reserva confirmada, rapaz. Vou ligar...

— Não, papai, obrigado, está tudo bem. Agora estou num vôo que sai mais cedo. Estou no vôo 6 da Singapore Airlines, que chega a Hong Kong ao meio-dia. Não precisa ir me receber, pego um táxi e...

— Espere o carro, Duncan. Lee Choy irá recebê-lo. Mas passe pelo escritório antes de ir para casa, ouviu?

— Tudo bem. Já confirmei meus bilhetes e tudo. Dunross notou o orgulho na voz do filho, e ficou satisfeito.

— Ótimo. Bom trabalho. A propósito, o primo Linbar vai chegar amanhã pelas Qantas, às vinte horas, de Sydney. Também vai ficar hospedado na casa. — A Struan tinha uma casa da

companhia em Sydney desde 1900, e um escritório permanente ali desde a década de 1880. A Bruxa Struan fizera a sociedade com um plantador de trigo imensamente rico, chamado Bill Scragger, e a firma deles florescera até o craque da Bolsa em 1929. — Divertiu-se nas férias?

— Puxa, demais! Muito mesmo. Quero voltar no ano que vem. Conheci uma garota fantástica, papai.

— É? — comentou Dunross, e metade dele queria sorrir, a outra metade ainda estava aprisionada no pesadelo da possibilidade de que Jacques fosse um traidor. E se fosse traidor e membro da Sevrin, teria sido ele quem fornecera alguns dos segredos mais íntimos da firma a Linc Bartlett? Não, Jacques não podia ter feito isso. Não teria possibilidade de conhecer a situação bancária da empresa. Quem estaria a par dela? Quem...

— Papai?

— Sim, Duncan?

Percebeu a hesitação, depois o filho falou de uma vez só, tentando parecer viril.

— Tudo bem se um cara namora uma garota um pouco mais velha do que ele?

Dunross sorriu de leve, e começou a pensar que aquilo não tinha importância, pois o filho só tinha quinze anos. Mas depois lembrou-se de Jade Elegante, quando ele próprio tinha pouco menos de quinze anos, certamente mais homem do que Duncan. "Não necessariamente", pensou, com toda a honestidade. "Duncan é alto, e está crescendo, e é tão homem quanto eu era. E não a amei até a loucura naquele ano, e no ano seguinte, e não pensei que ia morrer no ano seguinte, quando ela sumiu?"

— Bem — disse, de igual para igual —, depende de quem seja a garota, de quantos anos o homem tenha, e de quantos anos a garota tenha.

— Ah! — Fez-se uma longa pausa. — Ela tem dezoito anos.

Dunross ficou imensamente aliviado. "Isso quer dizer que ela tem idade bastante para não brincar com fogo", pensou.

— Eu diria que é perfeito — disse, no mesmo tom de voz —, especialmente se o rapaz tem uns dezesseis anos, é alto, forte e conhece os fatos da vida.

— Ah! Ah, eu não... Oh! Não iria...

— Não estava sendo crítico, meu rapaz, apenas respondi à sua pergunta. Um homem tem que ser cuidadoso neste mundo, e deve escolher com muito cuidado as namoradas. Onde a conheceu?

— Na "estação". Chama-se Sheila.

Dunross conteve um sorriso. As garotas na Austrália eram chamadas de sheilas, assim como em outros lugares são chamadas de gatas.

— Que lindo nome! — falou. — Sheila do quê?

— Sheila Scragger. É sobrinha do velho sr. Tom, e está de visita, vinda da Inglaterra. Está estudando para ser enfermeira no Guy's Hospital. Foi muito legal comigo, e Paldoon também é muito legal. Nem sei como lhe agradecer por ter me dado umas férias tão legais.

Paldoon, o rancho dos Scraggers, ou "estação", como era chamado na Austrália, era a única propriedade que eles haviam conseguido salvar da derrocada. Paldoon ficava a oitocentos quilômetros a sudoeste de Sydney, perto do rio Murray, nas terras de arroz da Austrália, sessenta mil acres — trinta mil cabeças de ovelha, dois mil acres de trigo e mil cabeças de gado —, e o melhor lugar para um jovem passar as férias, trabalhando o dia todo, do alvorecer ao anoitecer, reunindo as ovelhas ou os bois a cavalo, galopando trinta quilômetros em qualquer direção dentro da mesma propriedade.

— Dê lembranças minhas ao Tom Scragger, e não deixe de mandar-lhe uma garrafa de uísque antes de partir.

— Ah, mandei-lhe uma caixa, está bem?

— Bem, meu rapaz — riu-se Dunross. — Uma garrafa teria sido o bastante, mas uma caixa é perfeito. Ligue para mim se houver alguma alteração no seu vô. Fez muito bem em tomar todas as providências por sua conta, muito bem. Oh, a propósito, mamãe e Glenna foram para Londres hoje, junto com tia Kathy, portanto terá que voltar sozinho para a escola e...

— Oh, que barato, papai! — disse o filho, feliz. — Afinal de contas, sou um homem agora, e estou quase na universidade!

— É, é isso mesmo. — Uma ponta de tristeza doce tocou Dunross, sentado em sua cadeira, a carta de Alan na mão, praticamente esquecida. — Não está precisando de dinheiro?

— Não, quase não gastei nada na "estação", só uma cerveja ou duas. Papai, não fale da minha garota a mamãe.

— Está certo. Ou a Adryon — falou, e imediatamente sentiu um aperto no peito à lembrança de Martin Haply com Adryon, e de

como os dois tinham saído de mãos dadas. — Você mesmo deve contar a Adryon.

— Oh, que legal! Tinha esquecido dela. Como vai ela?

— Em forma — disse Dunross, ordenando a si mesmo para ser sensato, e não se preocupar, e que era bastante normal que os moços e as moças fossem moços e moças. "É, mas, pombas, como é difícil quando a gente é o pai!" — Bem, Duncan, até segunda! Obrigado por ter ligado.

— De nada. Papai, foi Sheila que me trouxe de carro até Sydney. Ela... vai passar o fim de semana com uns amigos, e vai me levar ao aeroporto! Hoje à noite vamos ao cinema, ver Lawrence da Arábia. Você já viu?

— Já, está passando em Hong Kong. Você vai adorar.

— Que legal! Bem, até logo, papai... tenho que ir andando... amo você.

— Amo você — disse, mas a linha já estava muda. "Que sorte tenho com a minha família, minha mulher e meus filhos", pensou Dunross, acrescentando imediatamente: "Por favor, Deus, não deixe que nada lhes aconteça!"

Com esforço, voltou a olhar para a carta. "É impossível que Jason Plumm ou Jacques sejam espiões comunistas", disse para si mesmo. "Nada que jamais tenham dito ou feito sugere tal coisa. Lionel Tuke? Não, ele também não. É um sujeito feio e impopular, que não se mistura com os outros, mas faz parte do time de críquete, é membro do Turf Club, e está aqui desde a década de 30. Não chegou a ser confinado em Stanley, entre 1942 e 1945? Talvez ele... mas os outros dois? Impossível!

"Que pena que Alan esteja morto. Ligaria para ele imediatamente a respeito do Jacques e...

"Primeiro acabe a carta, depois considere suas partes", ordenou a si próprio. "Seja correto, eficiente. Santo Deus! Duncan e uma sheila de dezoito anos! Graças a Deus não foi a filha mais moça de Tom Scragger. Quantos anos tem Priscilla, agora? Catorze, bonitinha, corpo de moça bem mais velha. Parece que as meninas amadurecem cedo na Austrália. "

Soltou a respiração. "Será que devo fazer pelo Duncan o que Chen-chen fez por mim?"

A carta continuava:

"Como já disse, não estou completamente certo, mas minha fonte geralmente é impecável.

"Lamento dizer que a guerra de espionagem tornou-se mais quente desde que descobrimos e prendemos os espiões Blake, Vassal (que trabalhava com códigos no Almirantado), Philby, Burgess e Maclean, todos desertores. A propósito, todos têm sido vistos em Moscou. Pode contar com o aumento radical da espionagem na Ásia. (Conseguimos provas contra o primeiro-secretário Skripov, da embaixada soviética em Camberra, Austrália, e o expulsamos do país em fevereiro, o que rompeu o círculo de espionagem dele, que era, creio eu, ligado à sua Sevrin e também tinha envolvimento em Bornéu e na Indonésia.)

"O mundo livre agora está abundantemente infiltrado. A MI-5 e MI-6 estão maculadas. Até mesmo a CIA. Enquanto fomos ingênuos e confiantes, nossos oponentes perceberam, desde cedo, que o equilíbrio futuro dependeria tanto do poder econômico quanto do poder militar, e assim se puseram em campo para adquirir (roubar) nossos segredos industriais.

"Curiosamente, os meios de comunicação do mundo livre omitem-se em ressaltar que todos os avanços soviéticos baseiam-se originariamente em uma das nossas invenções ou técnicas roubadas, que sem os nossos cereais eles morreriam de fome, e que sem a nossa imensa e sempre crescente assistência financeira e créditos para comprar nossos cereais e tecnologia eles não poderiam abastecer e reabastecer toda a sua infra-estrutura militar-industrial, que mantém o seu império e povo embevecidos.

"Recomendo que use seus contatos na China para cimentá-los ainda mais. Os soviéticos cada vez mais encaram a China como o seu inimigo número 1. O que é igualmente estranho.

Parecem não ter mais aquele medo paranóico dos Estados Unidos, que, sem dúvida, atualmente são a potência militar e econômica mais forte da terra. A China, que é econômica e militarmente fraca, exceto no número de soldados disponíveis, não representa uma ameaça militar real para eles. Mesmo assim, a China os deixa apavorados.

"Um dos motivos é a fronteira de oito mil quilômetros que partilham. Outro é o sentimento de culpa nacional pelas vastas áreas de território chinês histórico que a Rússia soviética engoliu ao longo dos séculos; outro é o fato de saberem que os chineses são um povo paciente, de excelente memória. Um dia os chineses retomarão suas terras. Sempre retomaram suas terras, quando era militarmente viável fazê-lo. Já ressaltai muitas vezes que a pedra angular da política soviética (imperialista) é isolar e fragmentar a China, para conservá-la fraca. O grande bicho-papão deles é uma aliança tríplice entre a China, o Japão e os Estados Unidos. A sua Casa Nobre deve trabalhar neste sentido. (Também no sentido da criação de um mercado comum entre os Estados Unidos, o México e o Canadá, totalmente essencial, na minha opinião, a um continente americano estável.) Por onde mais, senão através de Hong Kong — e portanto das suas mãos —, irá toda a riqueza destinada à China?

"Por último, voltando à Sevrin: corri um grande risco e me aproximei do nosso melhor auxiliar, de valor inestimável, no âmago do ultra-secreto Departamento 5 do KGB. Hoje ele me respondeu que a identidade de Arthur, o líder da Sevrin, é Classificação Um, fora até mesmo do alcance dele. A única pista que ele pôde me dar foi que o homem é inglês, e que uma de suas iniciais é R. Não é lá grande coisa, infelizmente.

"Aguardo poder revê-lo. Lembre-se: meus papéis não devem jamais cair nas mãos de qualquer outra pessoa. Lembranças, A. M. Grant. "

Dunross guardou de memória o número do telefone de Genebra, anotou-o em código no seu caderno de endereços e acendeu um fósforo. Ficou vendo o papel da carta encrespar-se e começar a queimar.

"R. Robert, Ralph, Richard, Robin, Rod, Roy, Rex, Rupert, Red, Rodney, e sempre de volta a Roger. E Robert. Robert Armstrong ou Roger Crosse ou... ou quem?

"Santo Deus!", pensou Dunross, sentindo-se fraco.

— Genebra 871-6565, ligação direta — pediu, no seu aparelho particular. O cansaço o envolveu. Dormira mal na noite anterior, os sonhos arrastando-o de volta aos tempos da guerra, de volta à sua cabine em chamas, o cheiro de queimado nas narinas. Depois acordara, gelado, escutando o barulho da chuva. Logo se levantara, silenciosamente, deixando Penn ferrada no sono, a Casa Grande quieta, exceto pela velha Ah Tat, que, como sempre, fizera o seu chá. A seguir, fora para o hipódromo, e depois fora perseguido o dia todo, os inimigos fechando o cerco, e nada senão más notícias. "Coitado do John Chen", pensou, depois esforçou-se para afastar o cansaço. "Talvez possa tirar uma soneca entre as cinco e as seis. Vou precisar estar alerta, hoje à noite. "

A telefonista fez a ligação, e ele ouviu o telefone tocar.

— Ja? — disse a voz suave.

— Hier ist Herr Dunross in Hong Kong. Frau Gresserhoff, bitte — falou, em bom alemão.

— Oh! — Uma longa pausa. — Ich bin Frau Gresserhoff, Tai-pan?

— Ah so desu! Ohayo gozaimasu. Anata wa Anjin Riko-san? — perguntou, em excelente japonês. Bom dia. Seu nome é também Riko Anjin?

— Hai. Hai, dozo. Ah, nihongo wa jouzu desu. — É. Ah, o senhor fala japonês muito bem.

— Iye, sukoshi, gomen nasai, — Não, lamento, só um pouquinho.

Como parte do seu treinamento, passara dois anos no escritório de Tóquio.

— Ah, sinto muito — continuou, em japonês —, mas estou ligando a respeito do sr. Gresserhoff. Já soube?

— Já. — Dava para notar a tristeza dela. — Já. Soube na segunda-feira.

— Acabo de receber uma carta dele. Disse que a senhora tem... tem algumas coisas para mim — falou, cautelosamente.

— Sim, tai-pan, tenho.

— Seria possível a senhora trazê-las para mim aqui? Infelizmente não posso ir aí.

— Sim. Sim, claro — falou, hesitante, num japonês suave e agradável. — Quando quer que eu vá?

— O mais depressa possível. Se for ao nosso escritório na Avenue Bern, daqui a duas horas, digamos ao meio-dia, haverá passagens e dinheiro à sua espera. Acredito que haja uma conexão da Swissair partindo hoje à tarde... se fosse possível...

Nova hesitação. Ele esperou pacientemente. A carta de Alan se contorcia no cinzeiro, enquanto queimava.

— É — falou. — Seria possível.

— Tomarei todas as providências para a senhora. Quer que alguém a acompanhe?

— Não, não, obrigada. — Ela falava tão baixo que ele teve que tapar a orelha com a mão para escutar melhor. — Por favor, desculpe-me por dar-lhe tanto trabalho. Eu mesma tomo as providências.

— Não é trabalho algum — disse, satisfeito por estar falando num japonês fluente e coloquial. — Por favor, vá ao meu escritório ao meio-dia... A propósito, o tempo aqui está quente e úmido. Ah, sinto muito, desculpe perguntar, mas seu passaporte é suíço ou japonês, e com que nome vai viajar?

Uma pausa ainda mais longa.

— Bem... acho que devo... é suíço, e devo viajar com o nome de Riko Gresserhoff.

— Obrigado, sra. Gresserhoff. Aguardo a sua chegada. Kiyotsukette — terminou. Boa viagem.

Pensativo, colocou o fone no gancho. A carta de Alan terminou de queimar, num filete de fumaça. Cuidadosamente, esmigalhou as cinzas, transformando-as em pó.

"Bem, e quanto a Jacques?"

46

17h45m

Jacques de Ville subiu pesadamente as escadarias do Hotel Mandarin, até o mezanino, cheio de gente tomando o chá do fim da tarde.

Tirou a capa de chuva e passou por entre a multidão, sentindo-se muito velho. Acabara de falar com a mulher, Susane, em Nice. O especialista de Paris fizera novo exame em Avril, e achara que os ferimentos internos dela talvez não fossem tão graves quanto se pensara inicialmente.

— Ele falou que temos que ser pacientes — dissera-lhe Susanne no seu francês parisiense arrebatado. — Mas, Deus, como podemos? A pobre criança está desesperada, e perdendo o juízo. Fica repetindo: "Mas era eu quem estava dirigindo. Era eu, mamãe. Se não fosse por mim o meu Borge estaria vivo, se não fosse por mim..." Estou com medo do que possa acontecer com ela, chéri!

— Ela já sabe da... dos ferimentos internos?

— Não, ainda não. O médico achou melhor não contar até ter certeza — falou Susanne, começando a chorar.

Sofrendo muito, ele a acalmou como pôde, e disse que ligaria para ela dali a um hora. Durante algum tempo, ficou pensando no que devia fazer. Depois tomou suas providências, saiu do escritório e foi para o hotel.

A cabine telefônica pública perto da banca de jornais estava ocupada. Então ele comprou um jornal vespertino e olhou as manchetes. "Vinte mortos nos deslizamentos de lama na área de recolonização... A chuva deverá continuar... Será cancelado o Grande Dia das Corridas de sábado?... Kennedy adverte aos soviéticos para não interferirem no Vietnam... Tratado de Proscrição de Testes Atômicos assinado em Moscou por Dean Rusk, Andrei Gromiko e Sir Alec Douglas-Home, rejeitado pela França e pela China... Os comunistas malaios aumentam sua ofensiva... O segundo filho homem de Kennedy, que nasceu prematuramente, morre... Continua a caçada humana aos responsáveis pelo grande assalto ao trem, na Inglaterra... O escândalo Profumo prejudica o Partido Conservador..."

— Com licença, senhor, está esperando pelo telefone? — perguntou uma americana, às suas costas.

— Ah, estou, sim. Desculpe, obrigado! Não notei que estava vazia.

Entrou na cabine, fechou a porta, usou a moeda e discou. O telefone do outro lado começou a tocar. Sentiu sua ansiedade aumentar.

— Pronto.

— O sr. Lop-sing, por favor — começou, ainda sem ter certeza de que aquela era a voz certa.

— Aqui não há nenhum sr. Lop-ting. Desculpe, é engano.

— Quero deixar um recado — falou, aliviado ao reconhecer a voz de Suslev.

— Discou o número errado. Procure no catálogo. Quando o código foi completado corretamente, ele começou a dizer:

— Desculpe ter liga...

— Qual é o seu número? — Suslev interrompeu-o com brusquidão.

Jacques deu-o imediatamente.

— É de uma cabine telefônica?

— É.

Imediatamente, a linha ficou muda. Enquanto desligava, sentiu um súbito suor nas mãos. O número de Suslev devia ser usado apenas numa emergência, mas era uma emergência. Ficou fitando o aparelho.

— Com licença, senhor — chamou a americana, do outro lado da porta de vidro. — Posso usar o telefone? É só um minutinho.

— Oh! Oh, eu... não vou demorar nada — falou Jacques, momentaneamente perturbado. Notou que agora havia três chineses esperando impacientes atrás dela. Olhavam-no com cara feia. — Eu... só mais um segundo. — Fechou de novo a porta, as costas molhadas de suor. Esperou, esperou, esperou, e então o telefone tocou. — Alô?

— Qual é a emergência?

— Eu... acabo de ter notícias de Nice. — Cuidadosamente, Jacques contou a Suslev a conversa que tivera com a mulher, sem mencionar nomes. — Vou para lá imediatamente, no vôo da noite... e achei melhor contar-lhe pessoalmente para que...

— Não, hoje à noite é muito cedo. Faça a reserva para amanhã, no vôo da noite.

Jacques sentiu seu mundo desabar.

— Mas falei com o tai-pan faz alguns minutos, e ele disse que eu podia ir esta noite. Já fiz a reserva. Volto daqui a três dias. Ela parecia muito perturbada ao telefone. Não acha que...

— Não! — disse Suslev, ainda mais bruscamente. — Ligo para você hoje à noite, conforme o combinado. Isso podia ter esperado até lá. Não use este número de novo a não ser que haja uma emergência de verdade!

Jacques abriu a boca para dar uma resposta malcriada, mas o aparelho já tinha sido desligado. Ele percebera a raiva do outro. "Mas é uma emergência", disse consigo mesmo, furioso, começando a discar de novo. "Susanne precisa de mim, assim como Avril. E o tai-pan aprovou a idéia. "

"Boa idéia, Jacques", dissera Dunross imediatamente. "Fique o tempo que for preciso. Andrew pode fazer a sua parte. "

"E agora... Merde, o que vou fazer? Suslev não é o meu guardião.

"Não é?"

De Ville parou de discar, suando frio, e desligou.

— Terminou, senhor? — chamou a americana, com seu sorriso insistente. Estava na casa dos cinqüenta, o cabelo tingido num tom azulado. — Tem uma fila esperando.

— Ah... ah, sim, desculpe. Abriu a porta.

— O senhor esqueceu o seu jornal — disse ela, educadamente.

— Oh, sim, obrigado.

Jacques de Ville voltou para pegá-lo e saiu da cabine, desalentado. Imediatamente, todos os chineses, três homens e uma mulher, adiantaram-se violentamente, tirando Jacques e a americana do caminho, a cotoveladas. A matrona corpulenta chegou primeiro até a porta, e bateu-a atrás de si, enquanto os outros se empurravam para ser o seguinte.

— Ei... era a minha vez — começou a americana, irada, mas eles nem lhe deram atenção, apenas xingaram-na, e à sua ascendência, de maneira direta e vulgar.

Suslev estava no apartamento pequeno de Kowloon, um dos locais seguros de Arthur, o coração ainda disparado pelo inesperado telefonema. Na sala havia um cheiro forte, úmido, sujo, de comida velha, e ele fitava o telefone, furioso com Jacques de Ville. "Seu bosta cretino sem mãe! Jacques está se tornando um risco. Hoje à noite direi ao Arthur o que deve ser feito com ele. Quanto mais cedo, melhor! É, e quanto mais cedo você se acalmar, melhor", advertiu a si mesmo. "Gente com raiva comete erros. Guarde a sua raiva!"

Com esforço, foi o que fez. Depois, saiu para o patamar escuro e descascado, trancando a porta atrás de si. Outra chave destrancou a porta de Ginny Fu, colada à dele.

— Quer vodca? — perguntou ela, com seu sorriso atrevido.

— Quero.

Ele retribuiu o sorriso, gostando de olhar para ela. A moça estava sentada de pernas cruzadas no sofá, usando apenas o sorriso. Estavam se beijando quando o telefone tocou pela primeira vez. Havia dois telefones no apartamento. O dela e o outro, o secreto, dentro do armário, que apenas ele usava. Arthur lhe dissera que era seguro, clandestino, não constava do catálogo, e era impossível colocar-lhe uma escuta. Mesmo assim, Suslev somente usava o outro apartamento e o seu telefone, para as emergências.

"Matieriebets, Jacques", pensou, ainda nervoso devido ao toque repentino do seu telefone particular.

— Beba, továrích — falou Ginny, oferecendo-lhe o copo. — Depois me beba, heya?

Ele devolveu o sorriso, pegou a vodca e correu uma mão apreciativa pelo traseirinho jeitoso dela.

— Ginny, gólubuchka¹, você é uma boa garota.

¹ "Pombinha", em russo. (N. do E.)

— É claro. Eu a melhor garota para você. — Estendeu a mão e acariciou o lóbulo da orelha dele. — Nós fuque-fuque, heya?

— Por que não? — Ele bebeu o líquido ardente devagar, querendo que durasse bastante. Os dedinhos ágeis dela desabotoavam-lhe a camisa. Ele fez com que ela parasse por um momento e beijou-a. Ela gostou do beijo, e retribuiu-o da mesma forma.

— Espere até sem roupa, heya? — disse Ginny, com uma risadinha abafada.

— Na semana que vem vou embora, sabe? — disse ele, dando-lhe um abraço apertado. — Que tal você vir junto, hem? O passeio que sempre lhe prometi?

— Oh! Oh, verdade? — O sorriso dela era imenso. — Quando? Quando? Não está brincando?

— Você pode vir comigo. Vamos parar em Manila. Nossa primeira parada será em Manila, depois vamos para o norte, e voltamos para cá dentro de um mês.

— Ah, um mês inteiro... ah, Gregy! — Ela o abraçou com toda a sua força. — Vou ser a melhor garota de comandante de navio de toda a China!

— É, vai, sim.

— Quando vai... quando vamos?

— Na semana que vem. Aviso quando.

— Ótimo. Amanhã, vou tirar passaporte...

— Não, nada de passaporte, Ginny. Jamais o darão a você. Aqueles vibliadoks impedirão você. Jamais deixarão que venha comigo... ah, não, gólubuchka, aquela polícia suja não deixará que venha comigo.

— Então, que faço, heya?

— Vou contrabandear-la para dentro do navio numa arca!

— Ele soltou uma risada gostosa. — Ou quem sabe num tapete mágico. Hem?

Ela ergueu para ele os olhos escuros, marejados e ansiosos.

— Verdade você me leva? Verdade? Um mês no seu navio, heya?

— Pelo menos um mês. Mas não conte a ninguém. A polícia me vigia o tempo todo, e se souber, não deixará que você venha comigo. Compreendeu?

— Todos os deuses sejam testemunhas não vou contar ninguém, nem minha mãe — jurou Ginny com veemência, depois abraçou-o de novo com a imensidão da sua felicidade.

— Eeee, fico com muito prestígio, como mulher de comandante! — Outro abraço, e ela deixou os dedos vagarem, e ele estremeceu involuntariamente. Ela riu e começou a despi-lo de novo. — Vou dar você o melhor, agora. O melhor.

Ela usou os dedos e os lábios com perícia, tocando, tateando, movendo-se contra ele, concentrando-se na sua tarefa até que ele soltou uma exclamação e tornou-se um só, juntamente com os deuses, nas Nuvens e Chuva. As mãos e os lábios dela continuaram nele, sem deixá-lo, até que a última fraçãozinha de prazer se esgotasse. Depois, ela parou, e enroscou-se contra ele, escutando o

seu respirar profundo, muito contente por ter feito bem o seu trabalho. Ela própria não experimentara as Nuvens e Chuva, embora tivesse fingido várias vezes, para aumentar o prazer dele. Apenas duas vezes, entre todas as que tinham dormido juntos, ela chegara ao clímax, e em ambas estava muito bêbada, e não tinha mesmo certeza se chegara ou não. Era somente com o Terceiro Cozinheiro de Sanduíches Noturno Tok, do Victoria and Albert, que ela chegava ao clímax todas as vezes. "Que todos os deuses abençoem a minha sorte!", pensou, contente. "Com um mês de viagem e o dinheiro extra que Grigóri vai me dar, e, com sorte, mais um ano com ele, teremos dinheiro bastante para abrir o nosso restaurante. Poderei ter filhos e netos, e tornar-me uma só pessoa com os deuses. Ah, que sorte tenho!"

Ela agora estava cansada, pois esforçara-se muito. Por isso, acomodou-se mais confortavelmente de encontro ao corpo dele, fechando os olhos, gostando dele, grata aos deuses por terem-na ajudado a superar o nojo inicial que sentia pelo tamanho dele, pela sua pele de sapo branca e o cheiro rançoso do seu corpo. "Graças a todos os deuses!", pensou, satisfeita, pegando no sono.

Suslev não estava dormindo. Deixava o pensamento vagar, mente e corpo em paz. O dia fora bom, a não ser por um pequeno detalhe ruim. Depois de ter-se encontrado com Crosse na pista de corridas, voltara para o navio, abismado de que pudesse estar havendo um "vazamento" de segurança no Ivánov. Codificara a informação de Crosse sobre a Operação Dry Run e todas as outras coisas, e transmitira-as da segurança do seu camarote. Mensagens recebidas alertavam-no de que Voranski só seria substituído na próxima visita do Soviétski Ivánov, que o psicólogo perito em interrogatórios com substâncias químicas, Koronski, estava à disposição para vir de Bangkok com aviso prévio de doze horas, e

que ele, Suslev, devia assumir a direção da Sevrin, e manter contato direto com Arthur.

"Não falhe na obtenção das pastas de A. M. Grant. "

Ele se recordava do arrepio que tomara conta dele às palavras "não falhe". Tão poucos fracassos, tantos sucessos! Mas só as falhas e fracassos eram lembrados. "Onde estará o 'vazamento' de segurança a bordo? Quem mais leu as pastas de A. M. Grant, além de mim? Apenas Dmítri Metkin, meu imediato. Não pode ser ele. O 'vazamento' deve vir de outro lugar.

"Até onde posso confiar em Crosse?"

"Não demais, mas sem dúvida o sujeito é o agente mais valioso que temos no campo capitalista da Ásia, e tem de ser protegido custe o que custar. "

A sensação do corpo de Ginny contra o dele era agradável. Ela respirava suavemente, com um leve estremeamento de vez em quando, o peito subindo e descendo. Os olhos dele atravessaram a porta e foram se fixar no relógio antigo que ficava num nicho numa das prateleiras desarrumadas da cozinha, em meio a garrafas, latas e recipientes meio usados. A cozinha ficava numa recâmara que dava para a sala. Ali, no único dormitório, a cama era imensa e ocupava quase todo o quarto. Ele a comprara para ela logo que se haviam conhecido, havia dois, quase três anos. Era uma boa cama,

limpa, macia, mas não macia demais, uma mudança para melhor do seu beliche a bordo.

E Ginny também era uma amante agradável. Dócil, tranqüila, não criava caso. Seu cabelo negro-azulado era curto, uma franja reta caindo sobre a testa alta, como ele gostava... que contraste com Vertinskaia, sua amante em Vladivostok, de olhos cor de avelã rasgados, a longa cabeleira castanha ondulada e o gênio de uma gata selvagem. A mãe dela era uma verdadeira princesa Zergueiev, e o pai, um insignificante comerciante mestiço chinês que comprara a mãe num leilão quando ela estava com treze anos. Ela estava num dos caminhões de gado cheio de crianças que fugiam da Rússia depois do holocausto de 17.

"Liberação, não holocausto", disse alegremente para si mesmo. "Ah, mas é bom deitar com a filha de uma princesa Zergueiev quando se é neto de um camponês que trabalhava nas terras dos Zergueiev. "

Pensar nos Zergueiev fez com que se lembrasse de Aleksei Travkin. Sorriu consigo mesmo. "Pobre Travkin, que idiota! Será que eles realmente vão mandar a princesa Nestorova, a mulher dele, para Hong Kong, no Natal? Duvido. Mas talvez o façam, e Travkin morrerá de choque ao ver aquela bruxa velha das neves, desdentada, enrugada e cheia de artrite. Melhor poupar-lhe essa agonia", pensou, apiedado. "Travkin é russo, e não é um mau homem. "

Olhou de novo para o relógio. Agora, marcava seis e vinte. Sorriu consigo mesmo. Nada a fazer durante algumas horas, exceto

dormir, comer, pensar e planejar. Depois, o encontro cuidadoso com o deputado inglês, e, no fim da noite, encontrar-se com Arthur de novo. Soltou uma risadinha abafada. Divertia-o muito saber segredos que Arthur não conhecia. "Mas, afinal, o Arthur também guarda lá os seus segredos", pensou, sem raiva. "Talvez já esteja sabendo dos deputados. É inteligente, muito inteligente, e também não confia em mim.

"Esta é a grande lei: nunca confie noutra pessoa (homem, mulher ou criança) se quiser permanecer vivo, em segurança e longe das garras inimigas.

"Eu estou em segurança porque conheço as pessoas, sei como ficar de boca fechada, e sei como incrementar a política do Estado puramente como parte do meu próprio plano de vida.

"Tantos planos maravilhosos para levar a cabo! Tantos golpes excitantes a serem dados e nos quais tomar parte! E ainda há a Sevrin... "

Deu nova risadinha, e Ginny se mexeu...

— Durma, princesinha — murmurou carinhosamente, como se falasse a uma criança. — Durma.

Obediente, ela não acordou de verdade, apenas tirou o cabelo dos olhos e se ajeitou melhor.

Suslev deixou seus olhos se fecharem, o corpo dela, gostoso, contra o seu. Pousou o braço sobre as ancas dela. A chuva diminuía durante a tarde. Agora, notou que tinha parado. Bocejou e pegou no sono, sabendo que o temporal ainda não terminara o seu serviço.

47

18h25m

Robert Armstrong esvaziou o copo de cerveja.

— Mais uma — falou, com voz pastosa, fingindo estar bêbado. Estava no Namorada Boa Sorte, um bar lotado e barulhento de Wanchai, no cais do porto, cheio de marujos americanos do porta-aviões nuclear. Recepcionistas chinesas assediavam os fregueses com bebidas, e aceitavam em troca pilhérias, toques e drinques aguados, a preços altos. Ocasionalmente, uma delas pedia um uísque de verdade e o mostrava ao parceiro, para provar que aquele era um bar dos bons, onde não havia trapaça.

Acima do bar ficavam os quartos, mas não era conveniente para os marujos se utilizarem deles. Nem todas as garotas eram limpas ou cuidadosas, não por livre escolha, mas por ignorância. E, no final da noite, podiam afanar-lhes a grana, embora só os muito

bêbados fossem roubados. Afinal de contas, não havia necessidade: os marujos estavam dispostos a gastar tudo o que tinham.

— Quer fuque-fuque? — perguntou a criança excessivamente pintada.

"Dew neh loh moh para todos os seus ancestrais", teve vontade de lhe dizer. "Você devia estar em casa, na cama, lendo livros escolares. " Mas não o disse. Não ia adiantar nada. Provavelmente, os próprios pais lhe haviam arranjado aquele emprego, agradecidos, para que toda a família pudesse sobreviver um pouco melhor.

— Quer tomar alguma coisa? — perguntou, sem revelar que falava cantonense.

— Escocês, escocês — pediu a criança, imperiosamente.

— Por que não pede chá, e eu lhe dou o dinheiro, de qualquer maneira? — disse ele, com azedume.

— Fodam-se todos os deuses e as mães dos deuses, não sou trapaceira! — Altivamente, a garota mostrou-lhe o copo sujo que o garçom jogara sobre a mesa. Continha mesmo uísque, dos mais baratos. A garota esvaziou o copo sem uma careta. — Garçom! Outro escocês e outra cerveja! Você bebe, eu bebo, depois nós fuque-fuque. Armstrong olhou para ela.

— Como se chama?

— Lily. Lily Chop. Vinte e cinco dólares, pouco tempo.

— Quantos anos tem?

— Bastante. Quantos anos você?

— Dezenove.

— Hum, tiras sempre mentem!

— Como sabia que sou um tira?

— Patroa contou. Só vinte dólares, heya?

— Quem é a patroa? Onde está?

— Atrás do bar. Ela mama-san.

Armstrong forçou a vista, em meio à fumaceira. A mulher era uma magricela na casa dos cinqüenta que suava e dava duro, mantendo um papo constante e vulgar com os marinheiros enquanto atendia aos pedidos.

— Como ela soube que sou tira? Lily deu de ombros de novo.

— Escute, ela mandou deixar você contente, ou eu no olho da rua. Vamos subir, heya? Por conta da casa, nada de vinte dólares.

A menina se levantou. Dava para ver o medo dela, agora.

— Sente-se — ordenou.

Ela sentou-se, com mais medo ainda.

— Se eu não agrado, ela me joga na...

— Você me agrada. — Armstrong soltou um suspiro. Era um truque antigo. Se você ia, pagava, se não ia, pagava, e o patrão sempre mandava uma jovenzinha. Entregou-lhe cinqüenta dólares. — Tome. Vá e dê para a mama-san, com meus agradecimentos.

Diga a ela que agora não posso fuque-fuque porque estou incomodado! O Honorável Vermelho está comigo!

Lily fitou-o, boquiaberta, depois casquinou como uma velha.

— Eeee, fodam-se todos os deuses! Essa é boa!

E lá se foi ela, equilibrando-se com dificuldade, sobre os saltos altos, o cheong-sam vulgar fendido bem alto, mostrando as pernas e nádegas magras, muito magras.

Armstrong acabou a cerveja, pagou a conta e ficou de pé. Imediatamente, tomaram conta da sua mesa, e ele foi abrindo caminho até a porta por entre os marujos suados e ruidosos.

— Será sempre bem-vindo — disse a mama-san, quando ele passou por ela.

— Claro — respondeu ele, sem malícia.

A chuva agora não passava de uma garoa, e estava ficando escuro. Na rua havia muitos outros marujos bagunceiros, todos americanos — os comandantes dos navios britânicos tinham dado ordem ao seu pessoal para não entrar naquela área por alguns dias. Sentia a pele úmida e quente sob a capa de chuva. Dali a um

momento, tinha saído da Gloucester Road e do cais do porto e subia a O'Brien Road, no meio do povo, pisando nas poças d'água, a cidade com cheiro bom de coisa limpa e lavada. Na esquina, dobrou a Lochart Road, e finalmente achou o beco que procurava. Estava movimentado, como de costume, com barraquinhas de rua, lojas e cães esqueléticos, galinhas engaioladas, patos secos fritos e carnes pendendo de ganchos, legumes e frutas. Pouco além do começo do beco ficava uma barraquinha com bancos, sob um toldo de lona para proteger da garoa. Ele fez um gesto de cabeça para o proprietário, escolheu um canto na sombra, pediu um prato de talharim de Cingapura — fininho, levemente frito, seco, com pimenta, temperos, camarão cortidinho e verduras frescas — e esperou.

Brian Kwok.

Sempre de volta a Brian Kwok.

E sempre de volta aos quarenta mil em notas usadas que encontrara na gaveta da sua mesa, aquela que mantinha sempre trancada.

"Concentre-se", disse para si mesmo, "ou vai escorregar. Vai cometer um erro. Não pode se dar a esse luxo!"

Estava exausto, e sentia-se sujo, uma sujeira que água quente e sabonete não conseguiam limpar. Com esforço, fez os olhos buscarem a presa, os ouvidos escutarem os sons da rua, e o nariz saborear a comida.

Tinha acabado de esvaziar a tigela quando viu o marujo americano. O homem era magro, usava óculos, e era bem mais alto que os pedestres chineses, embora caminhasse levemente curvado. Estava abraçado a uma mulher da rua. Ela segurava um guarda-chuva, cobrindo-os, e puxava o braço dele.

— Não. Por aí, não, benzinho — pedia. — Meu quarto outro lado... compreende?

— Claro, boneca, mas primeiro vamos para este lado, e depois para o seu lado. Tá? Vamos, querida.

Armstrong encolheu-se mais na sombra. Observou-os enquanto se aproximavam, perguntando-se se ele seria o tal. O sotaque era sulista, doce, e ele tinha vinte e tantos anos. Enquanto andavam pela rua movimentada, ele olhava de um lado para outro, procurando se orientar. Depois, Armstrong notou que ele vira a loja do alfaiate num dos cantos do beco, chamada Ternos Feitos à Mão, de Pop-ting, e, do lado oposto, um restaurante pequeno e aberto, iluminado com lâmpadas nuas e com um cartaz toscamente escrito pregado num poste: bem-vindos os marinheiros americanos. A coluna de caracteres chineses que encimava a porta dizia: mil anos de saúde para O RESTAURANTE MAO TSÉ-TUNG.

— Vamos, boneca — disse o marujo, animando-se. — Vamos tomar uma cerveja aqui.

— Lugar não presta, benzinho, melhor vir meu bar, heya?
Melhor...

— Porra, vamos tomar uma cerveja aqui! — Entrou no restaurante aberto e sentou-se a uma das mesas de plástico, volumoso no seu impermeável. Ela o seguiu, de cara amarrada. — Cerveja! Duas cervejas! San Miguel, tá? Sacou?

De onde estava, Armstrong podia vê-los nitidamente. Uma das mesas estava ocupada por quatro cules, que tomavam sopa de talharim ruidosamente. Lançaram um breve olhar para o marujo e a garota. Um deles fez um comentário obsceno, e os outros riram. A garota enrubesceu e deu-lhes as costas. O marinheiro cantarolava enquanto olhava ao seu redor com cuidado, bebericando a cerveja. Depois levantou-se.

— Tenho que ir à privada.

Sem hesitar, dirigiu-se para a parte dos fundos, atravessando a cortina de contas carcomidas, o empregado do balcão a observá-lo com azedume. Armstrong soltou um suspiro e relaxou. A armadilha fora acionada.

Dali a um momento, o marinheiro voltou.

— Vamos — disse —, vamos sair daqui.

Esvaziou o copo, pagou, e eles se retiraram de braços dados, como haviam chegado.

— Quer mais talharim de Cingapura? — o dono da barraquinha perguntou grosseiramente a Armstrong, os olhos hostis meras fendas no rosto de maçãs altas.

— Não, obrigado. Só outra cerveja.

— Não tem cerveja.

— Fodam-se você e toda a sua descendência — sibilou Armstrong num perfeito cantonense de sarjeta. — Será que sou algum idiota da Montanha Dourada? Não, sou um freguês da sua merda de restaurante. Arranje-me uma merda duma cerveja ou mandarei meus homens abrirem o seu Saco Secreto e darem os amendoins que você chama de tesouro ao cachorro mais próximo!

O homem ficou calado. Emburrado, foi até a barraquinha vizinha, pegou uma San Miguel, trouxe-a e colocou-a sobre o balcão, aberta. Os outros fregueses ainda fitavam Armstrong, espantados. Abruptamente, ele escarrou ruidosamente e lançou um olhar gélido ao homem mais próximo. Viu que ele estremeceu e desviou o olhar. Inquietos, os demais voltaram a se concentrar nas suas tigelas,

constrangidos por estarem na presença de um policial bárbaro que tinha as péssimas maneiras de soltar palavrões daquele jeito, na língua deles.

Armstrong ajeitou-se mais confortavelmente no banquinho, depois correu os olhos pela rua e pelo beco, esperando pacientemente.

Não teve que esperar muito até ver o europeu pequeno, atarracado e robusto subindo o beco, junto à parede, parando e espiando a vitrine de uma loja de sapatos baratos por trás das barraquinhas que lotavam o beco estreito.

"Ah, é um profissional", pensou Armstrong, muito satisfeito, sabendo que o homem estava usando o vidro como espelho para observar o restaurante. O homem não tinha pressa. Usava um impermeável de plástico e um chapéu informe, e não chamava a atenção. Seu corpo ficou momentaneamente oculto quando um cule passou por ele, oscilando sob a carga de pesados embrulhos em cada extremidade do pedaço de bambu que levava aos ombros. Armstrong notou as panturrilhas retesadas do cule, cheias de varizes, enquanto vigiava os pés do outro homem. Eles se moveram, e o homem saiu do beco, coberto pelo cule, e não parou, subindo a rua.

"Ele é muito bom", pensou o policial com admiração, sem perdê-lo de vista. "O sacana já fez isso antes. Deve ser do KGB, para ser esperto assim. Bem, não vai demorar muito, agora, meu rapaz, para você ser fisgado", falou com seus botões, sem rancor, como o faria um pescador ao ver uma truta gorda rondando a isca.

O homem estava olhando as vitrines de novo. "Venha, peixinho. "

O homem agia exatamente como uma truta. Desfilava longamente, afastava-se e voltava, mas sempre com muito cuidado, e sem chamar a atenção. Finalmente, entrou no restaurante aberto, sentou-se e pediu uma cerveja. Armstrong soltou um suspiro, agora feliz.

Pareceu haver passado um tempo interminável até que o homem também se levantasse, perguntasse onde ficava o banheiro, caminhasse por entre os poucos fregueses e atravessasse a cortina de contas. Dali a pouco reapareceu, e foi para a sua mesa. Imediatamente os quatro cules que jantavam atacaram-no pelas costas, prendendo-lhe os braços e deixando-o indefeso, enquanto outro amarrava-lhe uma coleira alta e dura no pescoço. Os outros fregueses do restaurante, fregueses de verdade, e não policiais disfarçados do sei, ficaram boquiabertos. Um deles largou os pauzinhos com que comia, dois fugiram, e os outros ficaram imóveis.

Armstrong levantou-se calmamente do seu banquinho e foi para lá. Viu o chinês carrancudo de trás do balcão tirar o avental.

— Cale a boca, seu filho da mãe — disse o sujeito, em russo, para o homem que xingava e se debatia, impotente. — Boa noite, superintendente — disse a Armstrong com um sorriso maroto. Chamava-se Malcolm Sun, era um agente graduado do sei, e o

chinês mais antigo naquele 16/2. Fora ele que organizara a interceptação, pagara ao cozinheiro que trabalhava nesse turno e tomara o seu lugar.

— Boa noite, Malcolm. Saiu-se muito bem. — Armstrong voltou a atenção para o agente inimigo. — Como se chama? — perguntou, amavelmente.

— Quem você? Solta... Solta! — falou o homem, num inglês com forte sotaque.

— Ele é todo seu, Malcolm — disse Armstrong. Imediatamente Sun falou, em russo:

— Escute, seu filho da puta, sabemos que você é do Ivánov, que é um mensageiro, e que acaba de pegar um material deixado pelo americano do porta-aviões nuclear. O filho da mãe já está sob custódia, e é melhor...

— Mentiras! Cometeram um erro — gaguejou o homem em russo. — Não sei nada de nenhum americano. Soltem-me!

— Como se chama?

— Vocês cometeram um erro. Soltem-me!

Uma multidão de espectadores boquiabertos cercava agora o restaurante.

Malcolm Sun virou-se para Armstrong.

— Este está preparado, senhor. Não entende russo direito. Parece que teremos que prendê-lo — falou, com um sorriso retorcido.

— Sargento, vá buscar o camburão.

— Sim, senhor.

Um outro agente se afastou rapidamente, enquanto Armstrong chegava mais perto. O russo era grisalho, um homem atarracado, de olhos pequenos e irados. Estava absolutamente preso, sem chance de escapar ou de pôr a mão no bolso ou na boca, para destruir as provas ou a si mesmo.

Armstrong revistou-o habilmente. Nenhum manual ou rolo de filme.

— Onde o colocou? — perguntou.

— Eu não compreendo!

O ódio do homem não incomodava Armstrong. Não tinha raiva dele. O sujeito era apenas um alvo que fora preso na armadilha. "Quem será que denunciou esse pobre sacana, que está morto de medo, e com razão, que agora está arruinado para sempre junto ao KGB e ao seu pessoal, e que pode se considerar um homem morto? Por que será que a batida é nossa, e não de Rosemont e da sua turma da CIA? Como foi que nós ficamos sabendo da entrega do material, e não os ianques? Como foi que Crosse ficou sabendo de tudo isso?" Crosse apenas lhe dissera onde e como, e que o material ia ser deixado por um marujo do porta-aviões e apanhado por alguém do Ivánov.

— É o responsável, Robert. E, por favor, não entorne o caldo.

— Não o farei. Mas, por favor, arranje outra pessoa para o Brian...

— Pela última vez, Robert, vai fazer o interrogatório de Kwok, e está subordinado ao sei até que eu o libere. E se você reclamar mais uma vez, farei com que o expulsem da polícia, de Hong Kong, com que perca sua aposentadoria. E não preciso lembrar-lhe de que o braço do sei é muito comprido. Duvido que voltasse a trabalhar, a não ser que virasse criminoso. E, então, que Deus tenha piedade de você. Fui claro?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Brian estará pronto para você às seis horas, amanhã de manhã.

Armstrong estremeceu. "Que sorte impossível tivemos ao pegá-lo! Se Wu Óculos não fosse de Ning-tok... se a velha amah não tivesse falado com o Lobisomem... se a corrida ao banco... Deus, meu, quantos ses! Mas é assim que se pega um peixe dos grandes. Na maioria das vezes, sorte pura, e nada mais. Santo Deus, Brian Kwok! Pobre coitado!

Estremeceu de novo.

— Está bem, senhor? — perguntou Malcolm Sun.

— Estou. — Armstrong voltou a olhar para o russo. — Onde enfiou o filme, o rolo de filme?

O homem fitava-o, desafiador.

— Não compreende! Armstrong soltou um suspiro.

— Compreende, e muito bem. — O camburão preto atravessou a multidão espantada e parou. Dele saltaram mais homens do sei. — Ponham-no lá dentro e não o soltem — disse Armstrong para aqueles que o seguravam. A multidão olhava, tagarelava e vaiava enquanto o homem era carregado para o camburão. Armstrong e Sun entraram atrás dele e fecharam a porta.

— Pode arrancar, motorista — ordenou Armstrong.

— Sim, senhor.

O motorista atravessou a multidão com cuidado e entrou no tráfego congestionado, dirigindo-se para o QG da Central.

— Pois bem, Malcolm. Pode começar.

O agente chinês pegou uma faca ultra-afiada. O soviético empalideceu.

— Como se chama? — perguntou Armstrong, sentado num banco à sua frente.

Malcolm Sun repetiu a pergunta em russo.

— D... Dmítri Metkin — resmungou o homem, ainda seguro firmemente pelos quatro homens, e incapaz de mover um dedo, quer da mão quer do pé. — Marinheiro, primeira classe.

— Mentiroso — falou Armstrong. — Prossiga, Malcolm. Malcolm Sun pôs a faca sob o olho esquerdo do homem, e ele quase desmaiou.

— Isso fica para mais tarde, espião — falou Sun, em russo, com um sorriso gélido. Habilmente, com violência malévola e deliberada, Sun cortou fora rapidamente a capa de chuva. Armstrong revistou-a com muito cuidado, enquanto Sun usava a faca com perícia, cortando fora a camiseta de marinheiro e o resto das roupas que o homem vestia, até deixá-lo nu. A faca não o cortara uma só vez, nem mesmo de leve. Uma revista cuidadosa, feita duas vezes, nada revelou. Nem nos sapatos, ou na sola dos sapatos.

— A não ser que seja uma cópia em micropontos, e nós a tenhamos deixado passar até agora, tem que estar nele — falou Armstrong.

Prontamente os homens que seguravam o russo o dobraram ao meio e Sun pegou as luvas cirúrgicas, a pomada cirúrgica e sondou profundamente. O homem se crispou e gemeu, e lágrimas de dor escorreram-lhe dos olhos.

— Dew neh loh moh — exclamou Sun, contente. Seus dedos retiraram um pequeno tubo de celofane.

— Não o soltem! — falou Armstrong rapidamente. Quando se certificou de que o homem estava seguro, fitou o pacotinho cilíndrico. Dentro dele podia enxergar os círculos de ponta dupla de um rolo de filme.

— Parece um Minolta — falou, distraidamente. Usando alguns lenços de papel, embrulhou com cuidado o tubo de celofane e sentou-se de novo em frente ao homem.

— Sr. Metkin, é acusado segundo a Lei dos Segredos Oficiais de tomar parte num ato de espionagem contra o governo de Sua Majestade e seus aliados. Qualquer coisa que disser será anotada e usada como prova contra o senhor. Bem, senhor — continuou, suavemente —, foi apanhado. Todos pertencemos ao Serviço Especial de Informações, e não estamos sujeitos às leis normais, da mesma forma que o seu KGB. Não queremos machucá-lo, mas podemos detê-lo para sempre, se quisermos. Na solitária, se quisermos. Queremos um pouco de cooperação. Apenas as respostas a algumas perguntas. Se o senhor se recusar, extrairemos as informações que queremos. Usamos muitas das suas técnicas do KGB, e podemos, às vezes, até ir além delas. — Notou um lampejo de terror nos olhos do homem, mas algo lhe dizia que aquele homem seria difícil de ser dobrado. — Qual o seu nome verdadeiro? O seu nome oficial no KGB?

O homem apenas o fitava.

— Qual o seu posto no KGB?

O homem ainda o fitava. Armstrong soltou um suspiro.

— Posso deixar meus amigos chineses se encarregarem de você, se preferir, meu velho. Eles não gostam nem um pouquinho de vocês. Seus exércitos soviéticos invadiram a aldeia de Malcolm Sun, na Manchúria, e a destruíram, assim como à família dele. Lamento, mas preciso ter o seu nome oficial no KGB, seu posto no Soviétski Ivánov, e sua posição oficial.

Novo silêncio hostil. Armstrong deu de ombros.

— Vá em frente, Malcolm.

Sun estendeu a mão e arrancou o pé-de-cabra grosseiro, e, enquanto os quatro homens viraram Metkin brutalmente de bruços e abriram-lhe as pernas, Sun enfiou a ponta. O homem berrou.

— Espere... espere... — falou, ofegante, no seu inglês gutural — espere... sou Dmítri... — Outro berro. — Nikolai Leonov, major, comissário político...

— Chega, Malcolm — falou Armstrong, abismado com a importância da sua presa.

— Mas, senhor...

— Chega — falou Armstrong com aspereza, deliberadamente protetor, assim como Sun era deliberadamente hostil. Com força e violência, Sun devolveu o pé-de-cabra ao gancho onde estivera preso. — Levantem-no — ordenou Armstrong, sentindo pena do homem, da indignidade sofrida. Mas o truque jamais deixava de produzir nome e posto verdadeiros, se fosse feito imediatamente. Era um truque, pois jamais enfiariam fundo, e o primeiro grito era sempre de pânico, nunca de dor. A não ser que o agente inimigo desse logo o serviço, eles se deteriam, e depois continuariam o interrogatório no QG, de modo adequado e supervisionado. A tortura não era necessária, embora alguns fanáticos a utilizassem, contrariando ordens. "Esta é uma profissão perigosa", pensou, amargamente. "Os métodos do KGB são mais brutais e os chineses têm uma atitude diferente em relação à vida e à morte, ao vitorioso e ao derrotado, à dor e ao prazer... e ao valor de um berro. "

— Não nos leve a mal, major Leonov — disse, bondosamente, quando os outros o haviam erguido e sentado no banco, ainda firmemente agarrados a ele. — Não queremos machucá-lo... ou deixar que se machuque.

Metkin cuspiu nele e começou a soltar palavrões, lágrimas de terror, ódio e frustração escorrendo-lhe pelo rosto. Armstrong fez um sinal para Malcolm Sun, que pegou o chumaço de algodão preparado e segurou-o com firmeza sobre o nariz e a boca de Metkin.

O cheiro pesado, adocicado e enjoativo do clorofórmio encheu a atmosfera abafada. Metkin se debateu, impotente por um momento, depois cedeu. Armstrong verificou os olhos e o pulso dele, para se certificar de que não estava fingindo in-consciência.

— Podem largá-lo, agora — disse-lhes. — Todos trabalharam muito bem. Providenciarei para que conste um elogio nas suas folhas de serviço. Malcolm. É melhor cuidarmos muito bem dele. Pode tentar o suicídio.

— É. — Sun recostou-se com os outros, no camburão em movimento, que se arrastava pelo tráfego intenso de maneira irritante, parando e andando. Mais tarde, ele deu voz ao pensamento que estava em todas as cabeças. — Dmítiri Metkin, aliás Nikolai Leonov, major, KGB, comissário político do Ivánov. O que um peixe desses está fazendo num trabalhinho simples como esse?

19h5m

Linc Bartlett escolheu com cuidado a gravata. Estava usando uma camisa azul-clara, um terno marrom-claro e a gravata era marrom com uma listra vermelha. Havia uma cerveja aberta sobre a cômoda, a lata orvalhada pelo frio. O dia inteiro ele debatera consigo mesmo se devia ou não sair com Orlanda, se devia ou não contar a Casey.

O dia fora excelente para ele. Primeiro, o desjejum com Orlanda, depois uma ida a Kai Tak, para dar uma olhada no seu avião e certificar-se de que poderia usá-lo para o vôo com Dunross a Taipé. O almoço com Casey, depois a emoção na Bolsa. Depois que a Bolsa fechara, ele e Casey haviam tomado a balsa para Kowloon. Toldos de lona para proteger da chuva impediam a visão e tornavam o convés claustrofóbico, a travessia desagradável. Mas era agradável estar com Casey, e ele sentia ainda mais a sua presença devido à existência de Orlanda, e a seu dilema.

— Ian chegou ao fim da linha, não é, Linc?

— Eu diria que sim, claro. Mas ele é esperto. A batalha ainda não terminou, somente o primeiro ataque.

— Como pode se pôr de pé? As ações dele estão a preço de banana.

— Claro, comparando com a semana passada, mas não conhecemos a sua taxa de rentabilidade. Esta Bolsa é como um ioiô — você mesma o disse —, e perigosa. Nisso Ian tem razão.

— Aposto que ele está sabendo dos dois milhões que você entregou ao Gornt.

— Talvez. Não é nada que ele próprio não fizesse, se tivesse a oportunidade. Vai receber Seymour e Charlie Forrester?

— Vou. O vôo da Pan Am está no horário, e uma limusine irá me buscar. Sairei assim que chegarmos. Acha que eles vão querer jantar?

— Não. Os dois estarão bombardeados com a diferença dos fusos horários. — Ele abriu um sorriso. — Espero. —

Tanto Seymour Steigler III, o advogado deles, quanto Charlie Forrester, o chefe da divisão de espuma, tinham uma vida social muito intensa. — A que horas chega o vôo deles?

— Às quatro e cinqüenta. Voltaremos lá pelas seis da tarde.

Às seis, tinham tido uma reunião com Seymour Steigler... Forrester não se sentia bem, e fora direto para a cama.

O advogado deles era nova-iorquino, um homem bonitão, de cabelos pretos ondulados, ficando grisalhos, olhos escuros e olheiras profundas.

— Casey me contou os detalhes, Linc — dissera ele. — Parece que estamos em grande forma.

Como tinham previamente combinado, Bartlett e Casey haviam explicado toda a transação ao advogado, excluindo a combinação secreta com Dunross quanto aos navios dele.

— Há umas duas cláusulas que quero incluir, Linc, para nos proteger — dissera Steigler.

— Tudo bem. Mas não quero a transação renegociada. Quero tudo encerrado até terça-feira, como planejamos.

— E quanto à Rothwell-Gornt? Que tal eu dar uma sondada nela, hem? Podemos passar a perna na Struan.

— Não — dissera Casey. — Deixe o Gornt e o Dunross em paz, Seymour. — Eles também não haviam contado a Steigler sobre a transação particular de Bartlett com Gornt. — Hong Kong é mais complicada do que pensávamos. Melhor deixarmos como está.

— É isso aí — concordara Bartlett. — Deixe Gornt e Dunross comigo e com Casey. Cuide dos advogados deles.

— E que tal são eles?

— Ingleses. Muito certinhos — dissera Casey. — Estive com John Dawson ao meio-dia... é o sócio mais antigo da firma. Dunross devia estar presente, mas mandou Jacques de Ville no seu lugar. Ele é um dos diretores da Struan, trata de todos os negócios corporativos deles, e de alguns financiamentos. Jacques é muito bom, mas Dunross é que dirige e decide tudo. É isso aí.

— Que tal ligar para esse tal... Dawson agora mesmo? Falarei com ele durante o café da manhã. Digamos... às oito horas?

Bartlett e Casey tinham achado graça.

— Nem pensar, Seymour! — ela dissera. — Ele o receberá com calma às dez horas, e vocês conversarão durante um almoço de duas horas. Eles aqui comem e bebem como se não houvesse um amanhã, e tudo é "meu velho" para cá, "meu velho" para lá.

— Então conversarei com ele depois do almoço, quando ele estiver amolecido, e quem sabe poderei ensinar-lhe uma ou duas coisinhas — dissera Seymour Steigler, os olhos tornando-se duros. Abafara um bocejo. — Tenho que ligar para Nova York antes de ir para a cama. Ei, já estou com todos os documentos da fusão da gxr e...

— Pode dá-los a mim, Seymour — dissera Casey.

— E comprei o bloco de duzentos mil ações da Rothwell-Gornt a 23, 50. A quanto estão hoje?

— A 21.

— Meu Deus, Linc, você perdeu quinhentos mil — dissera Casey, perturbada. — Por que não vende e recompra?

— Não. Manteremos as ações. — Bartlett não estava preocupado com o prejuízo das ações da Rothwell, pois estava tendo grande lucro na sua parte do esquema de venda a descoberto de Gornt. — Por que não encerra suas atividades por hoje, Seymour? Se já estiver acordado, poderemos tomar café, os três juntos, lá pelas oito. Que tal?

— Boa noite. Casey, você marca com o Dawson para mim?

— Pode deixar. Eles o receberão pela manhã. O tai-pan... Ian já disse a eles que nosso negócio é de alta prioridade.

— E deve ser — dissera Steigler. — Nosso pagamento inicial tirará Dunross do aperto.

— Se ele sobreviver — dissera Casey.

— Hoje estamos aqui. Amanhã não estaremos mais. Então, vamos aproveitar!

Era uma das máximas de Steigler, e a frase ainda ecoava na cabeça de Bartlett. "Hoje estamos aqui, amanhã não estaremos mais... ", como o incêndio da véspera. "Eu podia ter acabado mal. Podia ter esmagado a cabeça, como aconteceu com aquele infeliz do Pennyworth. Nunca se sabe quando é a nossa vez, nosso acidente, nossa bala, ou nosso ato de Deus. Vindo de fora ou de dentro. Como aconteceu com papai. Meu Deus! Bronzeado e sadio, quase nunca

estivera doente na vida, e então o médico diz que está com câncer. E em três meses ele definhou, fedeu e morreu em meio a grandes dores. "

Bartlett sentiu um suor repentino molhando-lhe a testa. Fora uma época muito ruim, aquela, durante o seu divórcio, enterrando o pai, a mãe abaladíssima, e tudo caindo aos pedaços. Depois, a conclusão do divórcio. O acordo fora uma barra, mas ele conseguira pagar tudo a ela sem ter que vender sua parte nas companhias, conseguindo manter o controle acionário. Ainda lhe pagava pensão, embora ela tivesse se casado de novo... assim como uma pensão com correção monetária para as crianças, e futuros dotes para elas... e cada centavo doía. "Não o dinheiro em si, mas a injustiça da lei da Califórnia, o advogado recebendo uma terça parte até que a morte nos separe. Fodido pelo meu advogado e pelo dela. Um dia ainda me vingarei deles", prometeu Bartlett a si mesmo, mais uma vez. "Deles e de todos os outros malditos parasitas. "

Com esforço, deixou de pensar neles. Por ora.

"Hoje estamos aqui, amanhã não estaremos mais. Então, vamos aproveitar", repetiu, enquanto tomava a sua cerveja, dava o nó na gravata e se olhava ao espelho. Sem vaidade. Gostava de viver dentro de si próprio. Havia feito as pazes consigo mesmo, sabendo quem era e o que pretendia. A guerra o ajudara a fazer isso. E a sobreviver ao divórcio, sobreviver a ela, descobrir como era, e viver com isso. Casey fora a única coisa decente em todo aquele ano.

Casey.

"E quanto a Casey?"

"Nossas regras são bem claras, sempre foram. Foi ela que as estabeleceu: se qualquer um de nós tiver um encontro, não haverá perguntas ou recriminações.

"Então, por que estou nervoso, agora que resolvi sair com Orlanda sem contar a Casey?"

Lançou um olhar ao relógio. Quase hora de sair.

Bateram muito de leve à porta e ela se abriu instantaneamente; Song Noturno sorriu para ele.

— Senholita — anunciou o velho, dando um passo para o lado. Casey vinha descendo o corredor, um maço de papéis e um caderno de notas na mão.

— Oi, Casey — falou Linc. — Já ia ligar para você.

— Oi, Linc — retrucou ela, e falou em cantonense para o velho, enquanto passava: — Doh jeh. — O andar dela era animado ao entrar na suíte de dois quartos. — Tenho algumas coisas para

você. — Entregou-lhe um maço de cartas e de telex e foi até o bar servir-se de um martíni seco. Usava calças justas cinzentas, tipo esporte, sapatos baixos cinzentos e camisa de seda cinzenta. Tinha o cabelo preso para trás, com um lápis espetado como único enfeite. Usava óculos, não as lentes de contato de costume. — As duas primeiras tratam da fusão da gxr. Está tudo assinado, selado e sacramentado, e tomamos posse a 2 de setembro. Há uma reunião de diretoria confirmada às três da tarde em Los Angeles... o que nos dá tempo de sobra para estar de volta. Já pedi...

— Tiro coberta da cama, Patrão? — interrompeu Song Noturno, com ar de importância, da porta.

Bartlett começou a dizer que não, mas Casey já estava sacudindo a cabeça.

— Um ho — falou amavelmente, em cantonense, pronunciando as palavras bem e com cuidado. — Cha z'er, doh jeh. — Não, obrigada, por favor, deixe para mais tarde.

Song Noturno olhou para ela, com cara de bobo.

— Wat?

Casey repetiu. O velho bufou, irritado porque a Pêlos Púlicos Dourados tinha a falta de educação de dirigir-se a ele no seu próprio idioma.

— Tiro coberta da cama, heya? Agora, heya? — perguntou num inglês ruim.

Casey repetiu as palavras em cantonense, novamente sem obter reação, começou de novo, depois parou e falou, desanimada, em inglês:

— Qual, deixe pra lá! Agora não. Mais tarde.

Song Noturno abriu um sorriso, tendo feito com que ela ficasse desprestigiada.

— Sim, senholita! — falou, e saiu, batendo a porta com força suficiente para deixar aquilo bem claro.

— Cretino — ela murmurou. — Ele não podia deixar de entender. Falei direito, sei que falei, Linc. Por que é que eles insistem em não entender? Tentei a mesma coisa com a minha criada, e tudo o que ela falou também foi: "Wat?" — Riu a contragosto, imitando a fala grosseira e gutural: — Wat você falou, heya?

Bartlett riu.

— São simplesmente turrões. Mas onde foi que aprendeu chinês?

— É cantonense. Arranjei um professor. Arrumei uma horinha para ele hoje de manhã. Pensei que ao menos devia ser capaz de dizer "Oi", "Bom dia", "A conta, faça o favor"... coisas comuns. Porra, mas é complicado. Todos os tons... em cantonense há sete tons... sete modos de se dizer a mesma palavra. Se você pedir a conta, é "mai dan", mas se falar um pouquinho errado, quer dizer "ovos fritos", que também é "mai dan". E pode apostar que o garçom trará os ovos fritos, só para sacanear você. — Ela sorveu o seu martíni e acrescentou uma azeitona extra. — Estava precisando disso. Quer outra cerveja?

Bartlett sacudiu a cabeça.

— Não, chega.

Já lera todos os telex.

Casey sentou-se no sofá e abriu o bloco de notas.

— A secretária de Vincenzo Banastasio telefonou e pediu que eu confirmasse a suíte dele para sábado, e...

— Não sabia que ele vinha para Hong Kong. Você sabia?

— Acho que lembro de tê-lo ouvido dizer qualquer coisa sobre vir para a Ásia na última vez que o vimos... no hipódromo, mês passado... em Del Mar... quando John Chen estava lá. Que coisa terrível o que houve com o John, não é?

— Espero que prendam aqueles Lobisomens. Que filhos da mãe, assassinem-no e colocarem nele um cartaz daqueles!

— Escrevi um bilhete de pêsames em nosso nome para o pai dele e a mulher, Dianne... Lembra que a conhecemos na casa do Ian, e em Aberdeen?... Meu Deus, parece que foi há um milhão de anos!

— É. — Bartlett franziu o cenho. — Ainda não me lembro de ter ouvido o Vincenzo dizer nada. Ele vai ficar aqui?

— Não, quer ficar no lado de Hong Kong. Confirmei a reserva no Hilton por telefone, e amanhã vou confirmar pessoalmente. Ele chegou no vôo da jal de sábado de manhã, de Tóquio. — Casey olhou-o por cima dos óculos. — Quer que eu marque uma reunião?

— Quanto tempo ele vai ficar?

— O fim de semana. Alguns dias. Sabe como ele é impreciso. Que tal no sábado, após as corridas? Estaremos no lado de Hong Kong, e é uma caminhada curta do Happy Valley até o hotel, se não arranjarmos uma carona.

Bartlett já ia dizer "Vamos marcar no domingo", mas depois lembrou-se de Taipé.

— Claro, no sábado depois das corridas. — Foi então que notou a expressão dela. — O que é?

— Só estava me perguntando qual é a do Banastasio.

— Quando ele comprou quatro por cento das nossas ações da Par-Con — retrucou ele —, verificamos a ficha dele com o Seymour, o sec e mais outros serviços, e todos afirmaram que o dinheiro dele era limpo. Nunca foi preso nem acusado, embora corram muitos boatos. Ele nunca nos criou problemas, nunca quis se meter na diretoria, nunca aparece na assembléia dos acionistas. Sempre me deu sua procuração e entrou com o dinheiro quando precisamos. — Fitou-a. — E então?

— E então, nada, Linc. Sabe qual é a minha opinião a respeito dele. Concordo que não podemos retomar as ações. Ele as comprou livremente, e perguntou primeiro, e sem dúvida estávamos precisando do dinheiro dele, e o utilizamos bem. — Ajeitou os óculos e fez uma anotação. — Vou marcar a reunião e ser cortês como sempre. Mais uma coisa: nossa conta comercial no Victoria foi

movimentada. Depositei vinte e cinco mil dólares nela, e aqui está o seu talão de cheques. Criamos um fundo, e o First Central está pronto para transferir os sete milhões iniciais para a conta, quando mandarmos. Aí há um telex de confirmação. Também abri uma conta pessoal para você no mesmo banco... eis seu talão de cheques com mais vinte e cinco mil, vinte mil em letras do Tesouro de Hong Kong reaplicáveis diariamente. — Ela abriu um sorriso. — Isso deve dar para comprar duas tigelas de chop suey e um bom pedaço de jade, embora me digam que é difícil distinguir os falsos dos legítimos.

— Não o jade. — Bartlett tinha vontade de olhar para o relógio, mas não o fez. Apenas bebeu sua cerveja. — Que mais?

— Clive Bersky telefonou e pediu um favor.

— Mandou ele ir torrar o saco de outro?

Ela riu. Clive Bersky era o executivo-chefe da agência deles do First Central de Nova York. Era muito meticoloso, pedante, e deixava Bartlett maluco, exigindo documentação perfeita.

— Pediu que, se o negócio com a Struan for fechado, depositemos nossos fundos através do... — Consultou o seu bloco. — do Royal Belgium and Far East Bank, aqui.

— Por que esse?

— Não sei. Estou fazendo averiguações. Temos um encontro para tomar um drinque com o executivo-chefe local às oito. O First Central acaba de comprar o banco dele. Tem agências aqui, em Cingapura e em Tóquio.

— Cuide você dele, Casey.

— Claro. Posso tomar uma bebida e dar no pé. Quer comer depois? Podíamos ir ao Escoffier, ou aos Sete Dragões, ou quem sabe subir a Nathan Road e jantar comida chinesa. Algum lugar não muito longe daqui... a meteorologia diz que vem mais chuva por aí.

— Obrigado, mas hoje não. Vou para o lado de Hong Kong.

— É? On... — Casey se deteve. — Ótimo. A que horas vai sair?

— Agorinha. Mas não há pressa. — Bartlett viu o mesmo sorriso tranqüilo no rosto dela enquanto seus olhos corriam a lista, mas teve certeza de que ela soubera instantaneamente aonde ele ia, e de repente ficou furioso. Manteve a voz calma. — O que mais tem aí?

— Nada que não possa esperar — disse, na mesma voz agradável. — Tenho um encontro amanhã cedo com o comandante Jannelli, sobre sua viagem a Taipé... o escritório de Armstrong mandou a documentação que tira temporariamente o embargo do seu avião. Tudo o que você tem a fazer é assinar o formulário comprometendo-se a voltar a Hong Kong. Pus a data de terça-feira. Está certo?

— Claro. A terça é o Dia D. Ela se levantou.

— Por hoje chega, Linc. Cuidarei do banqueiro e do resto disto aqui. — Terminou o seu martíni e colocou o copo de volta no bar espelhado. — Ei, Linc, essa gravata! A azul combinaria melhor. Até logo, no café da manhã. — Jogou-lhe o beijo de costume, saiu como sempre, e fechou a porta com as palavras de costume: — Durma com os anjos, Linc!

— Porra, por que estou tão puto da vida? — resmungou ele com raiva. — Casey não fez nada. Filha da puta!

Sem sentir, amassou a lata de cerveja vazia. "Filha da puta! E agora? Esqueço o que houve e saio, ou o quê?"

Casey subia o corredor, fumegando, na direção do seu quarto. "Aposto a vida como ele vai sair com aquela vagabunda de uma figa. Devia tê-la afogado quando tive a chance. "

Então notou que Song Noturno tinha aberto a porta para ela, e segurava-a para que passasse, com um sorriso que ela considerou de deboche.

— E você também pode ir pra puta que o pariu! — rosnou para ele, antes que pudesse se conter. Depois bateu a porta, jogou os papéis e o bloco em cima da cama, e já ia começar a chorar. — Você não vai chorar — ordenou a si mesma em voz alta, com lágrimas na voz. — Porra de homem nenhum vai derrubar você, mas não vai mesmo! — Ficou olhando para os dedos, que tremiam com a raiva de que estava possuída. — Ah, que todos os homens vão à merda!

49

19h40m

— Com licença, Excelência, telefone para o senhor.

— Obrigado, John. — Sir Geoffrey Allison voltou-se para Dunross e os outros. — Será que me dão licença um momento, senhores?

Estavam no Palácio do Governo, a residência oficial do governador, acima da zona central, as portas envidraçadas abertas para deixar entrar o frescor da noite, o ar puro e lavado, árvores e arbustos gotejando agradavelmente. O governador atravessou a ante-sala lotada, onde estavam sendo servidos os coquetéis e os canapés que precediam o jantar, muito satisfeito com a maneira como tudo corraera até ali. Todos pareciam estar se divertindo bastante. Havia brincadeiras e boa conversa, risadas e, até agora, nenhum atrito entre os tai-pans de Hong Kong e os deputados. A

seu pedido, Dunross se esforçara ao máximo para apaziguar Grey e Broadhurst, e até mesmo Grey parecia mais calmo.

O ajudante-de-ordens fechou a porta do escritório, deixando-o a sós com o telefone. O escritório era verde-escuro e agradável, com papel de parede azul, belos tapetes persas trazidos da sua temporada de dois anos na embaixada de Teerã, excelentes cristais e pratarias, e mais vitrines com fina porcelana chinesa.

— Alô?

— Desculpe-me por incomodá-lo, senhor — falou Crosse.

— Oh, alô, Roger. — O governador sentiu um aperto no peito.
— Não é incômodo algum — disse.

— Tenho duas informações muito boas, senhor. De certa importância. Será que posso dar uma passadinha por aí?

Sir Geoffrey olhou para o relógio de porcelana sobre a cornija da lareira.

— O jantar será servido daqui a quinze minutos, Roger. Onde está você?

— A três minutos de sua casa, senhor. Não vou atrasar o seu jantar. Mas, se preferir, posso ir mais tarde.

— Venha agora, bem que estou precisando de umas boas notícias. Com toda essa história do banco e do mercado de capitais... Use a porta do jardim, se quiser. John irá recebê-lo.

— Obrigado, senhor.

O aparelho foi desligado. Era costume o chefe do sei ter uma chave do portão de ferro que ficava nos muros que circundavam a casa.

Em exatamente três minutos, Crosse atravessava o terraço com passos leves. O chão estava muito molhado. Ele enxugou os pés com cuidado, antes de entrar pela porta envidraçada.

— Pegamos um peixe dos gordos, senhor, um agente inimigo. Pegamo-lo com a mão na massa — disse, suavemente. — É um major do KGB, serve no Ivánov, é o seu comissário político. Nós o pegamos em pleno ato de espionagem com um perito em computadores americano que serve no porta-aviões nuclear.

O rosto do governador ficou rubro.

— Aquele maldito Ivánov! Santo Deus, Roger, um major? Tem idéia da tempestade política e diplomática que isso precipitará com a URSS, os Estados Unidos e Londres?

— Tenho, sim, senhor. Foi por isso que achei melhor vir consultá-lo imediatamente.

— Que diabo o tal sujeito estava fazendo? Crosse narrou-lhe os fatos. Terminou:

— Ambos estão sob a ação de sedativos, agora, e bem seguros.

— O que havia no filme?

— Estava em branco, senhor, nublado.

— Como?

— É. Naturalmente, os dois homens negaram que estivessem envolvidos em algum ato de espionagem. O marujo negou que tivesse entregue qualquer material, negou tudo, disse que ganhara os dois mil dólares encontrados com ele jogando pôquer. É uma

criancice mentir quando já se foi apanhado, uma criancice tornar as coisas difíceis. Sempre acabamos por chegar à verdade. Pensei que, ou tínhamos deixado passar o filme verdadeiro, ou que fosse uma cópia em micropontos. Examinamos de novo as roupas deles, e ordenei uma lavagem intestinal imediata e exame das fezes. O major... o agente do KGB evacuou o rolo de negativos verdadeiro há uma hora. — Crosse estendeu o grande envelope de papel pardo. — Aqui tem cópias de 20 X 25, senhor, de todos os negativos.

O governador não abriu o envelope.

— Do que tratam? Em geral?

— Uma série mostra parte do manual do sistema de orientação por radar do navio. — Crosse hesitou. — A outra série é uma fotocópia do manifesto de carga completo do porta-aviões, arsenal, munições, mísseis e ogivas de combate. Quantidades, qualidades, os números deles, e onde ficam armazenados no navio.

— Santo Deus! Inclusive as ogivas nucleares? Não, por favor, não responda a isso. — Sir Geoffrey fitava Crosse. Depois de uma pausa, falou: — Bem, Roger, é uma maravilha que essa informação não tenha caído em mãos inimigas. Está de parabéns. Nossos amigos americanos ficarão igualmente aliviados, e lhe devendo diversos grandes favores. Santo Deus, nas mãos de peritos essa informação poria a nu toda a capacidade de ataque do navio!

— Sim, senhor — falou Crosse, com um débil sorriso. Sir Geoffrey olhava atentamente para ele.

— Mas, o que vamos fazer com esse seu major?

— Eu mandaria o major para Londres com uma escolta especial, em avião da raf, imediatamente. Acho que devem fazer lá o interrogatório, embora aqui estejamos mais bem equipados, e sejamos mais práticos e eficientes. O que me preocupa é que os superiores dele com certeza saberão do fato dentro de cerca de uma hora, e poderão tentar salvá-lo, ou inutilizá-lo. Podem até mesmo exercer uma pressão diplomática extrema para forçar-nos a devolvê-lo ao Ivánov. Além disso, quando a RPC e os nacionalistas souberem que prendemos um funcionário de tal quilate, poderão tentar pôr as mãos nele.

— E quanto ao marujo americano?

— Pode ser boa política entregá-lo imediatamente à CIA, com o negativo do filme e estas cópias... são as únicas que fiz. Eu mesmo as revelei e preparei, por motivos óbvios de segurança. Imagino que Rosemont seja a pessoa indicada.

— Ah, sim, Rosemont. Está aqui agora.

— Sim, senhor.

Os olhos de Sir Geoffrey tornaram-se mais duros.

— Tem cópias de todas as minhas listas de convidados, Roger?

— Não, senhor. Liguei há meia hora para o consulado, para saber onde ele estava. Eles me informaram.

Sir Geoffrey olhou de novo para ele, por sob as sobrancelhas espessas, sem acreditar nele, certo de que o chefe do sei sabia muito bem quem ele convidava, e quando. "Não faz mal", pensou, irritado, "é o serviço dele. E aposto um guinéu de ouro contra uma rosquinha que estas cópias não são as únicas que

Roger fez, pois sabe que o nosso Almirantado adoraria vê-las, também, e é dever dele fornecê-las. "

— Isso pode ter alguma ligação com o caso de A. M. Grant?

— Não, absolutamente — falou Crosse, e o governador pensou ter notado um tremor momentâneo na voz de Crosse. — Não creio que haja nenhuma ligação.

Sir Geoffrey ergueu-se da poltrona alta e andou de um lado para outro por um momento, a mente examinando as possibilidades. "Roger tem razão. Os serviços de informação chineses, de ambos os lados da cerca de bambu, devem saber logo do fato, já que cada um dos nossos policiais chineses tem simpatias comunistas ou nacionalistas. Portanto, é melhor mandar o espião para longe do alcance deles. Ninguém sofrerá tentações... pelo menos, não aqui. "

— Acho que devo falar com o ministro imediatamente.

— Talvez, dadas as circunstâncias, o senhor pudesse informar ao ministro o que já fiz em relação ao major... mandá-lo para Londres sob escolta...

— Ele já foi?

— Não, senhor. Mas eu não estaria exorbitando da minha autoridade se o fizesse... se o senhor concordasse.

Pensativo, Sir Geoffrey olhou de novo para o relógio. Finalmente disse, com um sorrisinho:

— Pois bem. Está na hora do almoço, em Londres. Eu informarei a ele, dentro de mais ou menos uma hora. É tempo suficiente?

— Sim, senhor, obrigado. Tudo já está providenciado.

— Foi o que imaginei.

— Vou respirar bem melhor quando o sujeito estiver a caminho de casa, senhor. Obrigado.

— Sim. E quanto ao marujo?

— Talvez o senhor pudesse pedir ao ministro que aprove a nossa idéia de entregá-lo ao Rosemont, senhor.

Havia uma dúzia de perguntas que Sir Geoffrey gostaria de ter feito, mas não fez nenhuma. Sabia, graças a longa experiência, que não era um bom mentiroso. Portanto, quanto menos soubesse, melhor.

— Muito bem. E agora, qual é a segunda novidade? Espero que seja melhor do que essa.

— Prendemos o toupeira, senhor.

— Ah! Que bom. Excelente. Ótimo. Quem?

— O superintendente Kwok.

— Impossível!

Crosse não deixou transparecer na fisionomia o seu prazer.

— Concordo, senhor. Mesmo assim, o superintendente Kwok é um agente comunista infiltrado e um espião da República Popular da China. — Crosse contou como fora descoberto o disfarce de Brian Kwok. — Sugiro que o superintendente Armstrong receba um voto de louvor... assim como Wu Óculos. Vou recrutá-lo para o sei, senhor.

Sir Geoffrey olhava pela janela, atônito.

— Santa Mãe de Deus! O jovem Brian! Por quê? Teria o posto de comissário assistente dentro de um ano ou dois... Não pode ter havido um engano?

— Não, senhor. Como já disse, as provas são irrefutáveis. Claro que ainda não sabemos como ou por quê, mas logo saberemos.

Sir Geoffrey ouviu a nota de decisão na voz de Crosse, viu o rosto magro e duro, os olhos frios, e sentiu muita pena de Brian Kwok, de quem gostava há muitos anos.

— Quero estar a par de tudo sobre ele. Talvez possamos descobrir o que leva um homem a fazer uma coisa dessas. Santo Deus, um rapaz tão simpático e um jogador de críquete de primeira! É, quero estar a par.

— Pois não, senhor. — Crosse se pôs de pé. — Interessante. Nunca pude compreender por que ele era tão antiamericano... era a sua única falha. Agora, é evidente. Eu devia ter notado isso. Lamento, senhor, e lamento ter estragado a sua noite.

— Merece os parabéns, Roger. Se o agente soviético vai ser mandado para Londres, não é melhor enviar também Brian Kwok? As mesmas razões não se aplicam a ele?

— Não, senhor, acho que não. Podemos cuidar de Kwok aqui muito mais depressa e melhor. Nós é que precisamos saber o que ele sabe... Londres não compreenderia. Kwok é uma ameaça a Hong Kong, não à Grã-Bretanha. É um agente da RPC... o outro sujeito é soviético. Os dois nem se comparam.

Sir Geoffrey soltou um forte suspiro, sabendo que Crosse tinha razão.

— Concordo. Hoje foi um dia terrível, Roger. Primeiro, a corrida aos bancos, depois a Bolsa de Valores... as mortes, e ontem à noite o pobre Sir Charles Pennyworth e a mulher do Toxe... e hoje de manhã, as mortes por deslizamento de lama, em Aberdeen... a Casa Nobre oscilando... e parece que esta frente de temporal vai se transformar num maldito tufão que provavelmente acabará com as corridas de sábado... e agora as suas notícias, um marujo americano trai o seu país, seu navio e sua honra por uns míseros dois mil dólares?

Crosse deu novamente o seu sorriso débil.

— Talvez dois mil dólares não sejam uma ninharia para ele.

"Vivemos uma época terrível", ia dizer Sir Geoffrey, mas sabia que não era a época. Simplesmente as pessoas eram pessoas, a cobiça, o orgulho, a luxúria, a avareza, o ciúme, a gula, a raiva e o desejo de poder ou dinheiro governavam as pessoas, e as governariam para sempre. A maioria delas.

— Obrigado por ter vindo, Roger. Novamente, devo dar-lhe os parabéns. Direi isso também ao ministro. Boa noite.

Viu Crosse se afastar, alto, confiante e mortífero. Quando a porta de ferro no muro alto foi trancada atrás dele pelo seu ajudante-de-ordens, Sir Geoffrey Allison deixou vir à tona mais uma vez a verdadeira pergunta que não fora feita.

"Quem é o agente infiltrado na minha polícia?"

O documento de A. M. Grant era bem claro. O traidor era agente soviético, não chinês. Brian Kwok fora descoberto por puro acaso. Por que Roger não chamara a atenção para o óbvio?

Sir Geoffrey estremeceu. Se Brian podia ser um toupeira, qualquer um podia. Qualquer um.

50

20h17m

Quase antes de ele ter tirado o dedo da campainha, a porta se abriu.

— Ah, Linc — disse Orlanda, sem fôlego, extravasando felicidade. — Pensei que não viria mais. Entre, por favor.

— Desculpe o atraso — disse Bartlett, ofuscado pela sua beleza e carinho. — O tráfego está terrível, as balsas congestionadas, e não pude arranjar um telefone.

— Você está aqui, portanto não está atrasado, nem um pouco. Estava com medo de que... — Acrescentou, atropelando as palavras: — Estava com medo de que você não voltasse, e eu ficaria arrasada. Pronto, já falei, e todas as minhas defesas estão por terra, mas estou tão feliz por vê-lo que não me importo.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o, um beijo ligeiro e feliz. Tomou-lhe o braço e fechou a porta atrás dele.

Seu perfume era delicado e leve, mas ele o sentia como uma presença física. Usava um vestido de gaze branca à altura dos joelhos, que farfalhava quando ela se movia, justo no pescoço e nos pulsos. Mostrava, e ao mesmo tempo não mostrava, a sua pele dourada.

— Estou tão feliz por você estar aqui — repetiu ela, pegando o guarda-chuva dele e colocando-o no porta-guarda-chuvas.

— Eu também.

A sala ainda era mais bonita à noite, na sua maior parte iluminada por velas, as portas de vidro altas que davam para o terraço abertas. Eles estavam logo abaixo da cerração, e a cidade se esparramava montanha abaixo, na direção do mar, as luzes tornando-se nubladas à passagem de grupos de nuvens baixas. O nível do mar ficava duzentos metros abaixo deles. Kowloon e o porto estavam na penumbra, mas ele sabia que os navios estavam lá, e podia ver o grande porta-aviões atracado, seu grande convés inclinado todo iluminado, os jatos de nariz afilados iluminados, a ponte cinzenta tentando tocar o céu... a bandeira americana pendendo úmida e sem vida.

— Ei — disse ele, debruçando-se na amurada do terraço —, mas que bela noite, Orlanda!

— Ah, é. É, sim. Venha se sentar.

— Prefiro ficar olhando a vista, se você não se importa.

— Claro, o que você quiser está bem, o que quiser. Seu terno lhe fica muito bem, Linc, e adoro a sua gravata. — Ela falou alegremente, querendo elogiá-lo, embora achasse que a gravata não combinava muito bem. "Não faz mal", pensou, "ele não liga para as cores, como o Quillan, e precisa de ajuda. Vou fazer o que Quillan me ensinou, não criticar, mas sair e comprar uma do meu gosto e dá-la a ele. Se gostar, ótimo. Se não gostar, tudo bem, pois que importância tem... quem vai usar é ele. O azul, o azul combinaria com os olhos de Linc e ficaria melhor com a camisa. " — Você se veste muito bem.

— Obrigado, você também.

Estava se lembrando do que Casey dissera sobre a gravata, e como ele ficara furioso com ela o tempo todo, enquanto viajava de balsa, enquanto esperava um táxi. E a velha que pisara no pé dele, empurrando-o para roubar o seu táxi, mas ele a passara para trás, xingando-a também.

Só agora sua febre de raiva tinha passado. "O prazer de Orlanda ao me ver foi o responsável", pensou. "Faz anos que Casey não fica iluminada, como uma árvore de Natal, ou diz alguma coisa quando... ora, pro diabo tudo isso. Hoje não vou me preocupar com Casey. "

— A vista é fantástica, e você é uma boneca linda! Ela riu.

— Você também é lindo e... oh, a sua bebida, desculpe... — Rodopiou na direção da cozinha, a saia esvoaçando. — Não sei por quê, mas você me faz sentir-me como uma colegial — disse ela. Voltou dali a um momento. Na bandeja havia um pote de cerâmica com patê, torradinhas frescas e uma garrafa de cerveja gelada. — Espero que goste.

Era Anweiser.

— Como soube a minha marca?

— Você me contou hoje de manhã, não se lembra? — Ela ficou radiante ao notar o prazer evidente dele. — Contou também que gosta de beber pelo gargalo.

Ele pegou a cerveja, abrindo um sorriso.

— Isso também vai constar do artigo?

— Não. Não, decidi não escrever a seu respeito.

— Por quê? — perguntou ele, notando a súbita seriedade dela.

Ela se servia de um copo de vinho branco.

— Decidi que nunca poderia fazer-lhe justiça num artigo. Por isso não o escreverei. Além disso, não creio que lhe agradasse esse artigo pendendo sobre você. — Levou a mão ao coração. — Juro por Deus, nada de artigo, tudo é particular. Nada de artigo, nem de jornalismo, juro por Nossa Senhora — acrescentou, falando sério.

— Ei, não precisa ser dramática!

Ela estava de costas para a amurada, apoiando-se nela, uma queda de vinte e quatro metros até o concreto lá em baixo. Ele viu a sinceridade no seu rosto, e acreditou nela piamente. Estava aliviado. O artigo era a única falha, o único ponto perigoso para ele... isso, e o fato de ela ser jornalista. Inclinou-se e beijou-o de leve, deliberadamente de leve.

— Selado com um beijo. Obrigado.

— Certo.

Ficaram olhando a vista, por um momento.

— A chuva acabou de vez?

— Espero que não, Linc. Precisamos de uma boa série de temporais para encher os reservatórios. Ficar limpo é tão difícil, e ainda só temos água de quatro em quatro dias. — Deu um sorriso maroto, como o de uma criança. — Ontem à noite, durante a chuvarada, despi-me e tomei banho aqui. Foi fantástico. Deu até para lavar o cabelo.

Pensar nela ali, à noite, nua, mexeu com ele.

— É melhor tomar cuidado — disse. — A amurada não é muito alta. Não quero você escorregando.

— É gozado, morro de medo do mar, mas as alturas não me incomodam nem um pouco. Você salvou mesmo a minha vida.

— Que nada! Você teria se salvado sem mim.

— Talvez, mas você salvou o meu prestígio. Sem você ali, eu teria feito um papelão. Portanto, obrigada pelo meu prestígio.

— E, aqui, isso é mais importante do que a vida, não é?

— Às vezes, é, sim. Por que diz isso?

— Estava pensando em Dunross e em Quillan Gornt. Esses dois estão se digladiando, principalmente, por causa de prestígio.

— É. Tem razão, naturalmente. — Acrescentou, pensativa: — Os dois são homens excelentes, por um lado, e demônios, por outro.

— O que quer dizer?

— São ambos implacáveis, ambos muito, muito fortes, muito duros, competentes e... dão-se bem com a vida. — Enquanto falava, passava patê numa torradinha e oferecia-a a ele, as unhas longas e perfeitas. — Os chineses têm um ditado: Chan ts'ao, chu ken... quando arrancar ervas daninhas, cuide de se livrar das raízes. As raízes daqueles dois vão fundo na Ásia, muito fundo, fundo demais. Seria difícil livrar-se dessas raízes. — Sorveu o seu vinho, e deu um ligeiro sorriso. — E provavelmente não é uma boa idéia, não para Hong Kong. Quer mais patê?

— Por favor. Está uma delícia. Foi você quem fez?

— Foi. É uma velha receita inglesa.

— Por que não seria bom para Hong Kong?

— Ah, talvez porque eles se equilibram. Se um destruir o outro... ah, não estou me referindo apenas ao Quillan ou ao Dunross. Estou me referindo às honggs em si, às companhias, a Struan e a Rothwell-Gornt. Se uma devorar a outra, talvez a remanescente torne-se forte demais, pois não haverá concorrência. Então talvez o tai-pan tome-se ambicioso demais, talvez resolva esvaziar Hong Kong. — Ela deu um sorriso hesitante. — Desculpe, estou falando demais. É só uma idéia. Outra cerveja?

— Claro, daqui a pouco, obrigado. Mas é uma idéia interessante.

"É", pensava Bartlett, "uma idéia que não tinha me ocorrido... ou a Casey. Esses dois são necessários um ao outro? "E Casey e eu? Somos necessários um ao outro?" Ele viu que ela o observava, e retribuiu-lhe o sorriso.

— Orlanda, não é segredo que estou pensando em fazer negócio com um dos dois. Se fosse eu, por qual dos dois você se decidiria?

— Por nenhum dos dois — falou imediatamente, e achou graça.

— Por quê?

— Você não é britânico, não é um dos "rapazes", não é sócio hereditário de nenhum dos clubes, e, não importa quanto dinheiro e poder tenha aqui, é a rede dos "rapazes" que finalmente decidirá o que vai ser.

Ela pegou a garrafa vazia e foi buscar outra.

— Acha que eu não me sairia bem?

— Oh, não foi isso o que eu quis dizer, Linc. Você perguntou sobre a Struan ou a Rothwell-Gornt, sobre fazer negócios com uma delas. Se fizer, eles serão os vencedores, no final.

— São assim tão espertos?

— Não. Mas são asiáticos, e aqui é o lugar deles. Aqui o ditado é T'ien hsia wu ya i pan hei., todos os corvos sob os céus são negros... o que significa que todos os tai-pans são iguais, e que se unirão para destruir quem vem de fora.

— Quer dizer que nem Ian nem Quillan aceitariam de bom grado um sócio?

Ela hesitou.

— Acho que estou falando do que não entendo, Linc. Não sei nada de negócios. Apenas nunca soube de um americano que tenha vindo para cá e feito grande sucesso.

— E quanto ao Biltzmann, Superfoods, e à sua compra de controle acionário da General Stores?

— Biltzmann é uma piada. Todos o odeiam e torcem para que se dê mal, até mesmo o Pug... Pugmire. Quillan tem certeza de que se dará mal. Não, nem mesmo Cooper e Tillman obtiveram sucesso. Eles eram mercadores ianques dos primeiros dias, Linc, mercadores de ópio... estavam até mesmo sob a proteção de Dirk Struan. São até aparentados, os Struans e os Coopers. A Bruxa Struan casou a filha mais velha, Emma, com o velho Jeff Cooper. Velho Nariz de Gancho era o seu apelido quando ficou senil. Conta-se que o casamento foi sua retribuição a ele por tê-la ajudado a destruir Tyler Brock. Já ouviu falar neles, Linc? Os Brocks, Sir Morgan, e o pai dele, Tyler, e a Bruxa?

— Peter Marlowe contou-nos algumas das histórias.

— Se quiser conhecer a verdadeira Hong Kong, deve falar com a Titia Olhos Vivos... Sarah Chen, a tia solteirona de Phillip Chen. É uma figura, Linc, e vivíssima! Dizem que tem oitenta e oito anos. Acho que é mais velha. Ela é filha de Sir Gordon Chen, o filho ilegítimo de Dirk Struan com a sua amante Kai-sung, e da famosa beldade Karen Yuan.

— Quem é essa?

— Karen Yuan era neta de Robb Struan. Robb era meio irmão de Dirk, e tinha uma amante chamada Yau Ming Soo, com quem teve uma filha, Isobel. Isobel casou-se com John Yuan, um filho ilegítimo de Jeff Cooper. John Yuan tornou-se um famoso pirata e contrabandista de ópio, e Isobel morreu como jogadora notória, tendo, por duas vezes, perdido a fortuna do marido jogando mah-jong. Assim, foi a filha de Isobel e John, Karen, que se casou com Sir Gordon Chen... na realidade, ela foi a segunda mulher dele, mais uma concubina do que uma mulher, embora o casamento fosse perfeitamente legal. Aqui, mesmo nos dias de hoje, se você é chinês, pode ter legalmente quantas mulheres quiser.

— Muito conveniente!

— Para o homem! — sorriu Orlanda. — Então, esse pequeno ramo dos Yuans descende dos Coopers... os T'Chungs e os Chens de Dirk Struan, os Sungs, Tups e Tongs, de Aristotle Quance, o pintor... Aqui em Hong Kong é costume os filhos herdarem o sobrenome da mãe, geralmente uma garota insignificante vendida pelos pais como concubina.

— Pelos pais?

— Quase sempre — disse ela, naturalmente. — Tung t'ung yu ming, ouça os céus e siga o destino. Especialmente quando se está morrendo de fome. — Ela deu de ombros. — Não há vergonha nisso, Linc, nem desprestígio, não na Ásia.

— Como é que você sabe tanto sobre os Struans, os Coopers, e amantes e coisa e tal?

— Aqui é um lugar pequeno, e todos gostamos de segredos, mas não existem segredos de verdade em Hong Kong. O pessoal daqui, o verdadeiro pessoal de Hong Kong, sabe quase tudo sobre os outros. Como já disse, nossas raízes aqui são profundas. E não se esqueça de que os Chengs, Yuans e Sungs são eurásianos. Como já lhe contei, os eurásianos casam-se com eurásianos. Portanto, temos que conhecer as nossas origens. Não somos desejados pelos britânicos ou chineses como maridos ou esposas, somente como amantes. — Ela sorveu o vinho, e ele ficou encantado com a delicadeza de seus movimentos, sua graça. — É costume das famílias chinesas anotarem sua genealogia no livro da aldeia, é a única legalidade que possuem. Isso lhes dá continuidade. Nunca tiveram certidões de nascimento. — Ela sorriu para ele. — Voltando

à sua pergunta: tanto Ian Dunross quanto Quillan Gornt adorariam seu dinheiro e seu conhecimento do mercado americano. E com qualquer um deles você teria lucro aqui... se se contentasse em ser o sócio comanditário.

Pensativo, Bartlett fixou os olhos na vista da cidade.

Ela esperou pacientemente, deixando que ele pensasse, imóvel. "Ainda bem que Quillan foi um bom professor, e um homem tão esperto!", pensou. "E, oh, tão sensato! Tinha razão de novo."

Pela manhã, ligara para ele, em lágrimas, na sua linha particular, para relatar o que havia acontecido.

— Ah, Quillan, acho que estraguei tudo...

— O que foi que você disse, e o que foi que ele disse? Ela lhe contara, exatamente, e ele a tranquilizara.

— Acho que não tem com que se preocupar, Orlanda. Ele vai voltar. Se não esta noite, amanhã.

— Ah, tem certeza? — dissera ela, agradecida. Tenho. Agora enxugue essas lágrimas e escute.

A seguir, ele lhe dissera o que fazer e o que usar, e, acima de tudo, como ser mulher.

"Ah, como sou feliz de ser mulher!", pensou, lembrando, agora com tristeza, os velhos tempos em que ela e Quillan tinham sido felizes, ela com dezenove anos, amante dele já há dois, e não mais tímida ou temerosa — da cama, dele ou de si mesma —, e como às vezes saíam à noite no iate dele, só os dois, e ele lhe dava conselhos.

— Você é mulher e yan de Hong Kong. Portanto, se quiser ter uma boa vida e coisas bonitas, ser querida, amada, levada para a cama e ter segurança neste mundo, seja fêmea.

— Como, meu querido?

— Pense apenas na minha satisfação e no meu prazer. Dê-me paixão quando eu estiver precisando, tranquilidade quando eu estiver precisando, privacidade quando eu estiver precisando, e felicidade e discrição o tempo todo. Cozinhe como um gourmet, conheça os bons vinhos, seja sempre discreta, proteja sempre a minha imagem, o meu prestígio, e nunca seja ranzinza.

— Mas, Quillan, você faz a coisa parecer tão unilateral!

— Sei. E é, claro que é. Em troca, eu farei a minha parte com igual paixão. Mas é isso o que quero de você, nada menos do que isso. Você quis ser minha amante. Expliquei-lhe tudo antes de começarmos, e você concordou.

— Sei que concordei, e adoro ser sua amante, mas... mas às vezes o futuro me preocupa.

— Ah, minha boneca, não tem com que se preocupar. Sabe que as nossas regras foram combinadas previamente. Nós renovaremos a nossa combinação anualmente, desde que você o queira, até completar vinte e quatro anos, e depois, se você resolver me deixar, eu lhe darei o apartamento, dinheiro bastante para necessidades razoáveis, e um belo dote para um marido adequado. Nós concordamos, e seus pais aprovaram...

Tinham aprovado mesmo. Orlanda se recordava de como a mãe e o pai haviam aprovado entusiasticamente a ligação... como até mesmo a tinham sugerido. Ela acabara de voltar do colégio, nos Estados Unidos, quando eles lhe contaram que Quillan lhes tinha pedido permissão para aproximar-se dela, dizendo que havia se apaixonado por ela.

— Ele é um bom homem — dissera o pai —, e prometeu cuidar bem financeiramente de você, se você concordar. A escolha é sua, Orlanda. Achamos que devemos recomendá-la.

— Mas, papai, só faço dezoito anos no mês que vem, e além disso quero voltar para os Estados Unidos, para morar lá. Estou certa de que posso conseguir um cartão verde para permanecer lá.

— É, você pode ir, filha — dissera a mãe —, mas será pobre. Nós não lhe podemos dar nada, nenhuma ajuda. Que emprego vai conseguir? Quem vai sustentá-la? Se aceitar, dentro de pouco tempo você poderá ir com uma renda, com propriedades aqui para sustentá-la.

— Mas ele é tão velho! Ele...

— O homem não envelhece como a mulher — ambos haviam dito. — Ele é forte, respeitado, e há anos que tem sido bom para nós. Prometeu cuidar de você com carinho, e os arranjos financeiros são generosos, não importa quanto tempo fique com ele.

— Mas eu não o amo.

— Você fala bobagem em oito direções! Sem a proteção dos lábios, os dentes ficam frios! — dissera a mãe, zangada. — Esta oportunidade que lhe está sendo oferecida é como o cabelo da fênix e o coração do dragão! O que precisa fazer em troca? Apenas ser mulher, honrar e obedecer a um bom homem durante alguns anos, compromisso renovado anualmente. E, mesmo depois, os anos poderão não ter fim, se você quiser, e for fiel e esperta. Quem sabe? A mulher dele é inválida, e está definhando. Se você o satisfizer e o respeitar, por que não se casaria com você?

— Casar com uma eurasiânica? Quillan Gornt? — exclamou ela.

— Por que não? Você não é apenas eurasiânica, é portuguesa. Ele já tem filhos e filhas britânicos, heya? Os tempos estão mudando, mesmo aqui em Hong Kong. Se você fizer o melhor possível, quem sabe? Dê-lhe um filho daqui a um ano ou dois, com a permissão dele, e quem sabe? Os deuses são os deuses, e se quiserem, podem fazer trovejar num céu claro. Não seja burra! Amor? O que é essa palavra para você?

Orlinda Ramos agora olhava para a cidade lá embaixo, sem vê-la. "Que burra e ingênua eu era então!", pensou. "Ingênua e muito burra. Mas agora não sou mais. Quillan foi um bom professor."

Ergueu os olhos para Linc Bartlett, sem se mover, não querendo perturbá-lo.

"É, fui muito bem treinada", falou com seus botões. "Fui treinada para ser a melhor mulher que qualquer homem pode ter, que Bartlett jamais terá. Nada de erros, desta vez. Ah, não, nada de erros. Quillan me orientará, ajudará a remover Casey. Serei a sra. Linc Bartlett. Que todos os deuses e demônios sejam testemunhas, é isso o que tem que acontecer.

Não demorou para que ele desviasse os olhos da cidade, tendo pensado bastante no que ela havia dito. Ela o observava, com um sorrisinho que ele não pôde decifrar.

— O que foi?

— Só estava pensando em como tive sorte em conhecê-lo,

— Sempre elogia os homens?

— Não, só aqueles que me agradam... e são tão raros quanto o cabelo da fênix ou o coração de um dragão. Patê?

— Obrigado. — Ele o aceitou. — Não está comendo?

— Vou aguardar o jantar. Tenho que cuidar da minha dieta. Não sou como você.

— Eu me exercito diariamente. Jogo tênis, quando posso, e golfe. E você?

— Jogo um pouco de tênis. Sou boa andarilha, mas ainda estou tomando lições de golfe. — "É", pensou ela, "esforço-me ao máximo para ser a melhor em tudo o que faço, e sou a melhor para

você, Linc Bartlett, no mundo inteirinho. "O tênis dela era muito bom, e o golfe também, porque Quillan insistira em que ela fosse competente em ambos os jogos... porque ele gostava deles. — Está com fome?

— Morrendo.

— Você falou em comida chinesa. É o que realmente quer?

— Para mim tanto faz — disse ele, dando de ombros.

— O que você quiser.

— Tem certeza?

— Absoluta. Por quê? O que você está querendo?

— Venha aqui um momento.

Ele a seguiu. Ela abriu a porta da sala de jantar. A mesa estava elegantemente posta para dois. Flores, e uma garrafa de Verdicchio no gelo.

— Linc, faz tanto tempo que não cozinho para ninguém — disse ela, naquele seu jeito de atropelar as palavras que ele achava uma graça. — Mas quis cozinhar para você. Se você quiser, tenho um jantar italiano preparado. Macarrão fresco aglio e olio, piccata de vitela, uma salada, zabaione, café espresso e conhaque. Que tal? Levo só vinte minutos para dar os toques finais, e você pode ler o jornal enquanto espera. Depois, podemos deixar tudo para aamah arrumar quando voltar, e ir dançar ou passear de carro. O que acha?

— A comida italiana é a minha preferida, Orlanda! — exclamou, entusiasticamente. A seguir, uma lembrança vadia veio à tona, e por um momento ele ficou se perguntando com quem comentara que a comida italiana era a sua preferida. Teria sido com Casey... ou com Orlanda, pela manhã?

51

20h32m

Brian Kwok acordou sobressaltado. Num momento estava tendo um pesadelo, no outro já acordara, mas de alguma forma ainda estava na cova funda e escura do sono, o coração batendo, a mente desordenada, e não havia diferença entre o sono e a vigília. Ficou tomado de pânico. Depois, percebeu que estava nu, e ainda na mesma escuridão morna da cela, e lembrou-se de quem era, e onde estava.

"Eles devem ter me drogado", pensou. Tinha a boca seca, a cabeça lhe doía. Recostou-se no colchão pegajoso, tentando pôr as idéias em ordem. Lembrava-se vagamente de ter estado na sala de Armstrong, e antes disso com Crosse, discutindo o 16/2, mas não por muito tempo. Depois disso, lembrava-se apenas de ter acordado naquela escuridão, tateando em busca das paredes, para se orientar, sentindo-as bem perto, abafando o terror de saber que fora traído e estava indefeso nas entranhas do qg da polícia, dentro de uma caixa sem janelas e com uma porta em algum lugar. "Depois, adormeci, exausto, e acordei com vozes iradas... ou será que sonhei isso?... e

depois adormeci de novo e... não, comi primeiro. Não comi primeiro? ... foi, uma lavagem a que chamaram de jantar, e chá frio... Vamos, pense, é importante pensar e se lembrar... É, eu me lembro, um ensopado horrível e chá frio. Depois, mais tarde, o desjejum. Ovos. Será que foram os ovos primeiro, depois o ensopado, ou vice-versa? É, as luzes se acenderam por um momento enquanto eu comia, o tempo suficiente para eu comer... Não, as luzes se apagaram e lembro-me de ter ficado no escuro, e detestei comer na escuridão. E depois mijei no balde, na escuridão, voltei para o colchão e me deitei de novo.

"Há quanto tempo estou aqui? Preciso contar os dias. "

Exausto, girou as pernas para fora do catre e foi tropeçando até uma parede, os membros doendo tanto quanto a cabeça. "Preciso me exercitar", pensou, "tenho que limpar meu organismo das drogas e ficar com a cabeça desanuviada e pronta para o interrogatório. Preciso preparar minha cabeça para quando eles me atacarem, quando começarem de verdade... quando pensarem que amoleci... aí eles me manterão acordado até me dobrarem.

"Não, não vão me dobrar. Sou forte, estou preparado, e conheço algumas das armadilhas.

"Quem me denunciou?"

O esforço para solucionar esse problema era demasiado. Portanto, reuniu suas forças e tentou alguns débeis movimentos de

ginástica, flexionando os joelhos. A seguir, ouviu passos abafados que se aproximavam. Apressadamente, tateou em busca do catre e voltou a deitar-se, fingindo que dormia, sentindo o coração doendo dentro do peito enquanto sufocava o seu terror.

Os passos se detiveram. Ouviu-se o barulho de um ferrolho correndo, e um alçapão se abriu. Um raio de luz penetrou na cela, e uma mão que mal se via pousou um prato e uma xícara de metal.

— Coma o desjejum, e depressa! — disse a voz, em cantonense. — Vai ser interrogado dentro em breve.

— Escute, quero... — chamou Brian Kwok, mas o alçapão já se fechara, o ferrolho já fora corrido, e ele estava sozinho no escuro, com o eco das próprias palavras.

"Fique calmo", ordenou a si mesmo. "Acalme-se e pense. "

Abruptamente, a cela se inundou de luz. A luz lhe doía nos olhos. Quando sua vista se adaptou à claridade, Brian viu que a luz vinha de apliques no teto, e lembrou-se de já tê-los visto antes. As paredes eram escuras, quase negras, e pareciam fechar-se sobre ele. "Não se preocupe com elas", pensou. "Já viu celas escuras antes, e, embora nunca tenha tomado parte em um interrogatório, conhece os princípios e alguns dos macetes. "

Sentiu uma onda de náusea subir-lhe à boca ao pensar no que o esperava.

Mal se distinguia a porta, e o alçapão ficava igualmente oculto. Podia sentir os olhares, embora não pudesse ver nenhum visor. No prato havia dois ovos fritos e um pedaço grosso de pão. O pão estava levemente torrado. Os ovos estavam frios, engordurados e inapetecíveis. Na xícara havia chá frio. Não havia talheres.

Bebeu o chá sofregamente, tentando sorvê-lo devagar. Mas num instante acabou, e a pequena quantidade não havia saciado a sua sede. "Dew neh loh moh, o que eu não daria por uma escova de dentes, uma garrafa de cerveja e... "

As luzes se apagaram da mesma maneira inesperada com que tinham sido acesas. Ele levou muito tempo para se adaptar de novo à escuridão. "Fique calmo, é só escuridão e luz, luz e escuridão. É só para confundir e desorientar. Fique calmo. Aceite cada dia por vez, cada interrogatório por vez. "

O terror voltou. Tinha consciência de que não estava realmente preparado, que não tinha experiência suficiente, que não sabia o que fazer se o inimigo o capturasse, o inimigo comunista da RPC, embora tivesse recebido algum treinamento de sobrevivência contra captura. "Mas a RPC não é o inimigo. O inimigo real são os britânicos e os canadenses, que fingiram ser amigos e mestres. Eles é que são o inimigo real.

"Não pense nisso. Não tente convencer-se. Tente apenas convencê-los.

"Preciso agüentar firme. Preciso fingir que é um engano durante o máximo de tempo que puder, e depois... depois contar a história que inventei ao longo dos anos, e confundi-los. É o meu dever. "

A sede era alucinante. E a fome.

Brian Kwok tinha vontade de jogar a xícara vazia e o prato contra a parede, gritar e pedir socorro, mas isso seria um erro. Sabia que era preciso controlar-se e conservar cada partícula de força disponível, para poder lutar.

"Use a cabeça. Use o seu treinamento. Ponha a teoria em prática. Pense no curso de sobrevivência na Inglaterra, no ano passado. Agora, o que faço?"

Lembrou-se que parte da teoria de sobrevivência dizia que era preciso comer, beber e dormir sempre que possível, pois nunca se sabia quando o alimento, a bebida e o sono iam ser cortados. E que se devia usar os olhos, o nariz, o tato e a inteligência para manter a noção do tempo no escuro, e lembrar que os captos sempre cometem algum erro, e que, se se percebe o erro, pode-se ter noção de tempo, e se se tiver noção de tempo, então será possível manter-se equilibrado e engabelá-los, e não divulgar o que não pode ser divulgado — nomes exatos e contatos verdadeiros.

"Confronte a sua inteligência com a deles", era a regra. "Mantenha-se ativo, force-se a observar. "

"Será que eles cometeram algum erro? Será que esses demônios bárbaros britânicos já cometeram algum deslize? Só uma vez", pensou, excitado. "Os ovos! Os britânicos estúpidos e os seus ovos no café da manhã!"

Sentindo-se agora melhor e totalmente desperto, saiu do catre, tateou até achar o prato de metal e pousou suavemente a xícara ao lado dele. Os ovos estavam frios, e a gordura, endurecida, mas ele os mastigou, comeu o pão e sentiu-se melhor. Comer com as mãos no escuro era esquisito e desconfortável, especialmente sem ter onde limpar os dedos, a não ser na própria nudez.

Estremeceu. Sentia-se abandonado e sujo. A bexiga estava cheia, e ele foi tateando até chegar ao balde preso à parede. O balde fedia.

Com o dedo indicador, mediu habilmente o nível do balde. Estava parcialmente cheio. Urinou, e mediu o novo nível. Calculou mentalmente a diferença. "Se não acrescentaram nada para me confundir, mijei três ou quatro vezes. Duas vezes por dia? Ou quatro vezes por dia?"

Esfregou o dedo sujo contra o peito, e sentiu-se mais sujo ainda, mas era importante usar toda e qualquer coisa para se manter equilibrado e com noção do tempo. Deitou-se de novo. Não

saber se estava claro ou escuro, se era dia ou noite, dava-lhe náuseas. Sentiu um enjôo subir-lhe à boca, mas dominou-o e forçou-se a lembrar do Brian Kwok que eles, os inimigos, pensavam que era Brian Kar-shun Kwok, e não o outro homem, o homem quase esquecido cujo sobrenome era Wu, o nome de família era Pah, e cujo nome adulto era Chu-toy.

Lembrou-se de Ning-tok, do pai e da mãe, e de ter sido mandado para Hong Kong no seu sexto aniversário, para estudar, querendo aprender e crescer para ser um patriota como os pais e o tio, que vira ser açoitado até a morte na praça da aldeia, por ser patriota. Aprendera com os parentes de Hong Kong que "patriota" e "comunista" queriam dizer a mesma coisa, e não "inimigos do Estado". Que os suseranos do Kuomintang eram tão maus quanto os demônios estrangeiros que haviam forçado a China a assinar tratados desiguais, e que o único patriota verdadeiro era aquele que seguia os ensinamentos de Mao Tsé-tung. Lembrava-se de quando entrara para a primeira das muitas fraternidades secretas, trabalhando para ser o melhor pela causa da China e de Mao, que era a causa da China, aprendendo com mestres secretos, sabendo que era parte da nova grande onda de revolução que devolveria o poder à China, tirando-o dos demônios estrangeiros e seus lacaios, jogando-os para sempre ao mar.

Ganhara a bolsa de estudos! Aos doze anos!

Ah, como tinham ficado orgulhosos seus mestres secretos! Depois, a ida para o país dos bárbaros, agora falando perfeitamente a língua deles, e a salvo contra seus pensamentos e costumes nefastos. A ida para Londres, a capital do maior império que o

mundo já vira, que ia ser humilhado e destroçado algum dia, mas, naquela época, em 1937, ainda vivia o seu último florescer.

Dois anos lá. Odiando a escola inglesa e os meninos ingleses... "Lig-lig-lé, lá vai o seu China na ponta do pé... ", mas disfarçando, disfarçando as lágrimas, os mestres da sua nova fraternidade ajudando-o, orientando-o, colocando perguntas e respostas dentro do contexto, mostrando-lhe a beleza da dialética, de fazer parte da verdadeira revolução inquestionável. Nunca questionar, nunca haver a necessidade de questionar.

Depois, a guerra com a Alemanha, e a evacuação com todos os outros escolares para a segurança no Canadá, todo aquele período maravilhoso em Vancouver, Colúmbia Britânica, na costa do Pacífico, toda aquela imensidão, as montanhas e o mar, o Bairro Chinês florescente, com boa comida de Ning-tok... e um novo ramo da fraternidade mundial, e mais mestres, sempre alguém sábio com quem conversar, sempre alguém pronto a explicar e aconselhar... sem ser aceito pelos colegas de escola, mas derrotando-os academicamente, no boxe e nos outros esportes, tornando-se monitor, jogando bem críquete e tênis... parte de seu treinamento.

"Sobressaia, Chu-toy, meu filho, sobressaia e seja paciente para a glória do partido, para a glória de Mao Tsé-tung, que é a China", tinham sido as últimas palavras que o pai lhe dissera, palavras secretas gravadas na sua mente desde os seis anos, e repetidas no seu leito de morte.

Entrar para a Real Polícia Montada Canadense fora parte do plano. Fora fácil sobressair na rpmc, designado para o Bairro Chinês,

os molhes e os atalhos, falando inglês, mandarim e cantonense (o seu dialeto de Ning-tok enterrado bem fundo). Fora fácil tornar-se um bom policial naquela bela cidade portuária. Logo se tornara único, o perito chinês de Vancouver, de confiança, destacado, lutando implacavelmente contra os crimes que os bandidos tríades do Bairro Chinês exploravam: ópio, morfina, heroína, prostituição e a eterna jogatina ilegal.

Seu trabalho fora elogiado tanto por seus superiores quanto pelos líderes da fraternidade, que eram igualmente contra o domínio das quadrilhas, o tráfico de drogas e o crime, ajudando-o a prender e a descobrir, sendo seu único interesse secreto o funcionamento interno da rpmc: como a rpmc contrata, despede, promove, examina, investiga, vigia, e quem controla o quê, onde e como. Mandado de Vancouver para Ottawa, por seis meses, emprestado por um chefe de polícia agradecido para dar assistência a uma investigação sigilosa de uma quadrilha de tóxicos chinesa, fizera novos e importantes contatos canadenses, e contatos com a fraternidade, aprendendo mais e mais, desbaratando a quadrilha e sendo promovido. Não é difícil controlar o crime e ser promovido quando se trabalha e se tem amigos secretos às centenas, com olhos secretos por toda parte.

Então, viera o fim da guerra, e o pedido de transferência para a polícia de Hong Kong... a parte final do plano.

Mas não queria ir, não queria partir, amando o Canadá e amando-a. Jeannette. Jeannette de Bois. Tinha dezenove anos, era franco-canadense de Montreal, e falava francês e inglês. Os pais dela, franco-canadenses de muitas gerações, gostavam dele, aprovavam-no, não se importavam que ele fosse chinês, como o

chamavam, carinhosamente. Ele tinha então vinte e um anos, e em breve seria comandante, com uma grande carreira à frente, casamento à vista, para dali a mais ou menos um ano...

Brian Kwok mudou de posição no colchão, angustiado. Sentia a pele pegajosa, e a escuridão parecia sufocá-lo. Fechou as pálpebras pesadas e deixou o pensamento voltar para ela e para aquela época ruim de sua vida. Lembrava-se de como discutira com a fraternidade, com o líder, dizendo que podia servir melhor no Canadá do que em Hong Kong, onde seria apenas um entre muitos. No Canadá era único. Em alguns anos faria parte da hierarquia da polícia de Vancouver.

Mas todos os seus argumentos tinham fracassado. Com tristeza, reconheceu que eles tinham razão. Sabia que, se tivesse ficado, acabaria por passar para o outro lado, romperia com o partido. Havia então muitas perguntas sem resposta, graças à leitura de documentos oficiais sobre os soviéticos, o KGB, os gulags, e muitos amigos, canadenses e nacionalistas. Hong Kong e a China eram remotas, seu passado era remoto. Jeannette estava ali, ele a amava, e à vida deles, seu carro "envenenado" e o prestígio entre os seus pares, encarando-os agora como iguais, não mais como bárbaros.

O líder lhe recordara o seu passado, que os bárbaros são apenas bárbaros, que precisavam dele em Hong Kong, onde a batalha apenas começava, onde Mao ainda não era o presidente Mao, ainda não era vitorioso, ainda lutava contra Chang Kai-chek.

Amargamente, obedecera, odiando estar sendo forçado, sabendo que estava em poder deles, e que obedecia apenas por causa desse poder. Em seguida, os quatro anos excitantes até 1949, e a vitória total, incrível, inacreditável, de Mao. Depois, entocara-se de novo, usando suas brilhantes habilidades para lutar contra o crime, que para ele era um anátema, uma desgraça para Hong Kong e uma mancha na face da China.

E então a vida tornara-se boa de novo. Fora escolhido para altas promoções, e os britânicos ligados a ele o respeitavam porque vinha de uma excelente escola inglesa, tinha um belo sotaque inglês de "alta classe", e era um desportista inglês como a elite do império o fora, antes dele.

"E agora estamos em 1963, e tenho trinta e nove anos; amanhã... não, amanhã não, no domingo, no domingo vai haver a subida do morro, e no sábado as corridas, e Noble Star... será Noble Star, ou Pilot Fish de Gornt, ou Butter-scotch Lass de Richard Kwok, não, Richard Kwang, ou o azarão de John Chen, Golden Lady? Acho que apostaria meu dinheiro em Golden Lady... cada tostão, é, as economias de toda a vida. E também vou apostar no Porsche, embora seja uma burrice, mas vou. Tenho que fazê-lo, porque o Crosse mandou, e Robert concorda, e os dois disseram que tenho que apostar também a minha vida, mas, meu Deus, agora Golden Lady está mancando no paddock, mas a aposta já foi feita, e foi dada a largada, e eles estão correndo. Vamos, Golden Lady, vamos, pelo amor de Mao, não ligue para as nuvens escuras e para os raios! Vamos, todas as minhas economias e a minha vida dependem da sua amaldiçoada, nojenta, oh, Deus, presidente, não me desampare... "

Estava agora entregue profundamente aos sonhos, sonhos maus, sonhos induzidos por drogas, e o Vale Feliz¹ era o Vale da Morte. Seus olhos não sentiram as luzes se acenderem nem a porta se abrir.

¹ Em inglês, Happy Valley, nome do hipódromo de Hong Kong. (N. do E.)

Estava na hora de recomeçar.

Armstrong olhou para o amigo, apiedado dele. As luzes foram cuidadosamente diminuídas. Ao lado dele estava o agente Malcolm Sun, um guarda e o médico do sei. O dr. Dorn era um especialista, um homem garboso, levemente calvo, com a vivacidade de um passarinho. Tomou o pulso de Brian Kwok, tirou-lhe a pressão e auscultou-lhe o coração.

— Fisicamente o cliente está bem, superintendente — disse, com um leve sorriso. — A pressão e os batimentos do coração estão um pouco alterados, mas isso era de se esperar.

Fez as anotações no gráfico e entregou-o a Armstrong, que lançou um olhar ao relógio, anotou a hora e também assinou o gráfico.

— Pode prosseguir — disse.

O médico encheu a seringa com cuidado. Com o mesmo cuidado, aplicou a injeção nas nádegas de Brian Kwok com uma agulha nova. Quase não deixou marca, apenas uma gotinha de sangue, que ele enxugou.

— Hora do jantar, quando quiserem — disse, com um sorriso.

Armstrong apenas balançou a cabeça. O guarda do sei havia acrescentado mais um pouco de urina ao balde, e aquilo também foi anotado no gráfico.

— Esperteza dele ter medido o nível, não pensei que faria isso — comentou Malcolm Sun. Raios infravermelhos instalados nas luzes do teto tornavam fácil controlar os mínimos movimentos de um cliente. — Dew neh loh moh, quem teria imaginado que ele fosse um toupeira? Ele era sempre tão danado de esperto!

— Vamos torcer para que o pobre sacana não seja esperto demais — falou Armstrong, com azedume. — Quanto mais cedo falar, melhor. O Velho não vai desistir dele.

Os outros olharam para ele. O jovem guarda do sei estremeceu.

O dr. Dorn rompeu o silêncio, constrangido.

— Devemos manter ainda o ciclo de duas horas, senhor? Armstrong lançou um olhar para o amigo. A primeira droga fora ministrada, através da caneca de cerveja, por volta da uma e meia da tarde. Desde então, Brian Kwok tinha estado numa Classificação Dois — uma rotina de dormir-acordar-dormir-acordar conseguida com substâncias químicas. A cada duas horas. Injeções para acordar pouco antes das quatro e meia, seis e meia e oito e meia, e isso continuaria até as seis e meia da manhã, quando começaria o primeiro interrogatório sério. Dez minutos depois de cada injeção, o cliente era arrancado artificialmente do sono, a fome e a sede aumentadas pela droga. Engolia a comida e o chá frio, e logo as drogas neles contidas começavam a fazer efeito, rapidamente. Um sono profundo, muito profundo, logo ajudado por outra injeção. Escuridão e luzes fortes alternadas, vozes metálicas e silêncio alternados. Depois, o despertar. Desjejum. Duas horas depois, jantar. E duas horas depois, desjejum de novo. Para uma mente incrivelmente desorientada, doze horas virariam seis dias... mais, se o cliente agüentasse: doze dias a cada hora exata. Nenhuma necessidade de tortura física, apenas escuridão e desorientação, o bastante para se descobrir o que se quer do cliente inimigo, ou para fazê-lo assinar o que se quiser, acreditando que a verdade dos seus captores é a sua verdade.

Qualquer um.

Qualquer um, depois uma semana de dormir-acordar-dormir, seguida de dois ou três dias de nenhum sono.

Qualquer um.

"Oh, Deus todo-poderoso", pensou Armstrong, "seu pobre

sacana desgraçado! Você vai tentar se agüentar e não vai adiantar nada. Nada mesmo. "

Mas, então, parte da mente de Armstrong lhe gritou: "Mas ele não é seu amigo, e sim um agente inimigo, apenas um 'cliente' e inimigo que traiçou você, e tudo, e todos durante anos. Provavelmente foi ele quem entregou Fong-fong e seus rapazes, que estão agora numa cela nojenta e fétida recebendo o mesmo tratamento, mas sem médicos, controle e cuidados.

"Apesar disso, será que se pode sentir orgulho deste tipo de tratamento... será que alguma pessoa civilizada pode?

"Não.

"É necessário entupir um corpo indefeso com um monte de substâncias químicas nojentas?"

"Não... é, sim, às vezes é. E matar às vezes é necessário, cães danados, gente... ah, sim, há gente má, e os cães danados são maus. É. É preciso usar essas técnicas psíquicas modernas, criadas por Pávlov e outros soviéticos, criadas pelos comunistas sob o regime do KGB. Ah, mas será preciso segui-los?"

"Meu Deus, sei lá! Mas sei que o KGB está tentando nos destruir a todos, e rebaixar-nos ao nível dele e... "

Os olhos de Armstrong voltaram a entrar em foco, e viu que todos o fitavam.

— O quê?

— Devemos manter o ciclo de duas horas, senhor? — repetiu o médico, inquieto.

— Sim, e às seis e meia começaremos a primeira entrevista.

— O senhor mesmo vai fazê-la?

— Está nas ordens, puta que o pariu! — explodiu Armstrong.
— Porra, não sabe ler?

— Oh, desculpe — replicou o médico imediatamente. Todos sabiam da amizade de Armstrong pelo cliente, e das ordens de Crosse para ele conduzir o interrogatório. — Quer um sedativo, meu velho? — perguntou o dr. Dorn, solícito.

Armstrong xingou-o obscenamente e saiu, zangado porque o médico conseguira fazê-lo perder a paciência. Subiu ao andar mais alto do prédio, onde ficava o salão de reunião dos oficiais,

— Garçon!

— Pronto, senhor!

Sua caneca de cerveja logo apareceu, mas daquela vez o líquido suave e escuro que adorava, amargo e maltado, não lhe saciou a sede ou limpou sua boca. Mil vezes ele se perguntava o que faria se fosse pego por eles e colocado, nu, dentro de uma cela daquelas, conhecendo a maioria das técnicas e práticas, e estando preparado. "Melhor do que o desgraçado do Brian", pensou amargamente. "O pobre sacana sabe tão pouco! É, mas será que saber mais ajuda alguma coisa, quando se é o cliente?"

Sentiu a pele pegajosa do suor provocado pelo medo, ao pensar no que esperava Brian Kwok.

— Garçon!

— Sim, senhor, já vou!

— Boa noite, Robert. Posso sentar-me com você? — perguntou o inspetor-chefe Donald C. C. Smyth.

— Oh, alô. Sim... sente-se — disse, sem entusiasmo, ao homem mais moço.

Smyth sentou-se no banquinho ao lado dele e ajeitou mais confortavelmente o braço na tipóia.

— Como vai indo a coisa?

— Rotina.

Armstrong viu Smyth balançar a cabeça, e pensou como lhe caía bem o seu apelido. O Cobra. Smyth era bonitão, suave, sinuoso como uma cobra, com o mesmo tipo mortal de ameaça e o mesmo hábito de lambe os lábios de vez em quando com a ponta da língua.

— Pombas! Ainda acho impossível acreditar que seja o Brian.
— Smyth era um dos poucos que sabia sobre Brian. — Que coisa chocante!

— É

— Robert, o diretor do Departamento de Investigações Criminais — o chefe supremo de Robert — me ordenou que assumisse o caso dos Lobisomens enquanto você estiver ocupado. E quaisquer outros que você queira que eu assuma.

— Está tudo nos arquivos. O sargento Tang-po é meu número 2... é um bom detetive. Muito bom, na verdade. — Armstrong tomou grandes goles de cerveja e acrescentou, com cinismo: — É muito bem relacionado.

Smyth sorriu.

— Ótimo, isso ajuda.

— Só não vá organizar a porra do meu distrito.

— Deus me livre, amigão. Aberdeen Leste exige todas as minhas habilidades. Bem, e quanto aos Lobisomens? Continua a

vigilância sobre Phillip Chen?

— Sim. E a mulher.

— Interessante que antes de Dianne se casar com aquele velho sovina ela era Mai-wei T'Chung, hem? Interessante que um dos primos dela seja o Sung Colibri.

Armstrong fitou-o.

— Andou fazendo o seu dever de casa?

— Tudo parte do serviço. — Smyth acrescentou, sombriamente: — Gostaria de pegar esses Lobisomens bem rapidinho. Já recebemos três telefonemas apavorados em Aberdeen Leste. De gente que recebeu telefonemas dos Lobisomens, exigindo h'eung yau "muito lapidinho", caso contrário, um seqüestro. Parece que a coisa se repete por toda a colônia. Se três cidadãos apavorados ligaram para nós, pode apostar que trezentos outros não tiveram coragem. — Smyth sorvia o seu uísque com soda. — Isso não é bom para os negócios, nada bom. A vaca tem apenas uma certa quantidade de gordura. Se não pegarmos logo os Lobisomens, os sacanas terão sua própria Casa da Moeda... alguns telefonemas rápidos e o dinheiro irá pelo correio, as pobres vítimas felizes por pagarem para fugir às atenções deles... e qualquer outro bandido safado com visão também vai entrar nessa jogada.

— Concordo. — Armstrong terminou a cerveja. — Quer outra?

— É por minha conta. Garçon! Armstrong ficou vendo sua cerveja ser servida.

— Acha que há alguma ligação entre John Chen e Sung Colibri? — Lembrava-se de Sung, o rico armador seqüestrado há seis anos, e sorriu amargamente. — Pombas, há anos que não penso nele!

— Nem eu. Os casos não são semelhantes, e pusemos os seqüestradores por vinte anos na cadeia, onde vão apodrecer, mas nunca se sabe. Pode ser que haja uma ligação. — Smyth deu de ombros. — Dianne Chen devia odiar John Chen, e estou certo de que ele a odiava, todo mundo sabe disso. Assim como o velho Colibri. — Ele riu. — O outro apelido do Colibri no... digamos... no comércio é Intrometido.

Armstrong soltou um resmungo. Esfregou os olhos cansados.

— Pode valer a pena ir ver a mulher de John, Barbara. Ia fazê-lo amanhã, mas... bem, pode valer a pena.

— Já marquei hora. E vou em primeiro lugar para Sha Tin. Pode ser que os sacanas locais tenham deixado escapar alguma coisa, na chuva.

— Boa idéia. — Inquieto, Armstrong ficou observando o Cobra tomar o seu uísque. — No que está pensando? — perguntou, sabendo que havia algo.

Smyth olhou-o nos olhos.

— Há muita coisa que não entendo nesse seqüestro. Por exemplo: por que os Grandes Dragões ofereceram uma recompensa tão grande pela recaptura de John, vivo ou morto?

— Pergunte-lhes.

— Já perguntei. Pelo menos, pedi a alguém que conhece um deles. — O Cobra deu de ombros. — Nada. Absolutamente nada. — Hesitou. — Vamos ter que escarafunchar o passado de John.

Armstrong sentiu uma pontada gélida, que disfarçou.

— Boa idéia.

— Sabia que Mary o conhecia? Da época em que foram prisioneiros de guerra, em Stanley?

— Sabia — disse Armstrong, tomando sua cerveja sem sentir-lhe o gosto.

— Ela podia nos dar uma pista... digamos... se o John estava ligado ao mercado negro, no campo. — Seus olhos azul-claros mantinham-se fitos nos olhos azul-claros de Armstrong. — Pode valer a pena perguntar.

— Vou pensar no assunto. É, vou pensar. — O grandalhão não tinha raiva do Cobra. Se estivesse no lugar dele, também teria perguntado. Os Lobisomens eram uma barra pesada, e a primeira onda de terror já varrera a sociedade chinesa. "Quantas outras pessoas sabem do caso de Mary com John Chen?", perguntou a si mesmo. "Ou sabem dos quarenta mil que ainda estão abrindo um buraco a fogo na minha mesa, ainda abrindo um buraco a fogo na minha alma?" — Faz muito tempo.

— É.

Armstrong ergueu a cerveja.

— Seus "amigos" o estão ajudando?

— Digamos que recompensas e pagamentos substanciais estão sendo feitos... prazerosa e agradecidamente, devo acrescentar, pela nossa fraternidade do jogo. — O sorriso sardônico deixou o rosto de Smyth. E a gozação. — Temos que pegar aqueles malditos Lobisomens depressa, ou eles vão realmente bagunçar o nosso coreto.

52

21h15m

Wu Quatro Dedos estava na popa alta do junco motorizado que se agitava nas ondas encapeladas, em alto-mar, todas as luzes diminuídas.

— Escute, seu Lobisomem de bosta — sibilou, irritado, para Kin Bexiguento, que jazia trêmulo aos seus pés, no tombadilho, alucinado de dor, amarrado com cordas e grossas correntes. — Quero saber quem mais faz parte da sua quadrilha de merda, e onde você conseguiu a moeda, a meia moeda. — Não houve resposta. — Acorde o filho da mãe!

De bom grado, Poon Bom Tempo derramou outro balde de água do mar sobre o jovem largado no chão. Como isso não surtiu efeito, debruçou-se com a faca na mão. Imediatamente Kin Bexiguento berrou e saiu do seu estupor.

— O que é, o que é, senhor? — berrava. — Chega... o que é, o que deseja?

Wu Quatro Dedos repetiu o que dissera. O jovem soltou outro berro agudo quando Poon Bom Tempo o cutucou com a faca.

— Já lhe contei tudo... tudo... — Desesperadamente, sem acreditar que pudesse haver tanta dor no universo, sem ligar para mais nada, ele balbuciou de novo quem eram os membros da quadrilha, todos os seus nomes e endereços verdadeiros. Falou até na velha amah de Aberdeen. —... meu pai me deu a moeda... não sei onde... ele a deu para mim sem dizer onde... a conseguiu... juroooooo...

Sua voz foi sumindo. Desmaiou de novo. Quatro Dedos soltou uma cusparada de nojo.

— Os jovens de hoje não têm resistência!

A noite estava escura, e um vento mal-humorado soltava rajadas de vez em quando sob uma cerração baixa, o motor potente e redondo ronronando gostoso, o junco andando apenas o suficiente para diminuir o inevitável balanço e caturro das ondas. Estavam alguns quilômetros a sudoeste de Hong Kong, pouco além das rotas marítimas, as águas da RPC e a vasta foz do rio Pearl a bombordo, o mar aberto a boreste. Todas as velas tinham sido recolhidas.

Ele acendeu um cigarro e tossiu.

— Que todos os deuses amaldiçoem todos os desgraçados dos triádes!

— Quer que o acorde outra vez? — perguntou Poon Bom Tempo.

— Não. Não, o filho da mãe contou a verdade, o quanto sabia da verdade. — Os dedos calosos de Wu se estenderam e tocaram nervosamente a meia moeda que usava agora ao redor do pescoço, sob a camiseta de meia esmolambada, certificando-se de que ainda estava ali. Um nó de ansiedade subiu-lhe à garganta à idéia de que a moeda pudesse ser genuína, pudesse ser o tesouro perdido de Phillip Chen. — Saiu-se muito bem, Poon Bom Tempo. Hoje à noite receberá uma gratificação. — Seus olhos dirigiram-se para o sudeste, buscando o sinal, que já estava atrasado. Mas Wu ainda não estava preocupado. Automaticamente, seu nariz farejou o vento, e sua língua provou-o, travoso e cheio de sal. Os olhos varreram o céu, o mar e o horizonte. — Logo vai chover mais — resmungou.

Poon acendeu outro cigarro na sua guimba, depois apagou a guimba no convés com o pé descalço, caloso.

— Será que vai estragar as corridas de sábado? O velho deu de ombros.

— Se for a vontade dos deuses. Acho que vai chover a cântaros amanhã, de novo. A não ser que o vento mude de direção. A não ser que o vento mude de direção, podemos ter os Ventos do Demônio, os Ventos Supremos, e esses sacanas podem nos espalhar pelos Quatro Mares. Mijo nos Ventos Supremos!

— Eu mijarei neles se não houver corrida. Meu faro me diz que quem vai ganhar é o cavalo do Banqueiro Kwang.

— Hum! Aquele meu sobrinho fedorento, bajulador, bem que está precisando que sua sorte mude! O idiota perdeu o seu banco!

Poon escarrou e cuspiu, para dar sorte.

— Graças a todos os deuses por Choy Lucrativo! Como Quatro Dedos, seus capitães e seu pessoal tinham sacado os seus fundos do Ho-Pak, graças à informação de Paul Choy... e como ele próprio ainda estava curtindo os grandes lucros obtidos pela manipulação ilícita das ações da Struan, feitas pelo filho, Wu batizara-o de Choy Lucrativo. Por causa do lucro, perdoara a transgressão do filho. Mas apenas no coração. Como era prudente, o velho nada demonstrava externamente, exceto para seu amigo e confidente, Poon Bom Tempo.

— Traga-o para o convés.

— E quanto a este Lobisomem filho da puta? — O dedo do pé caloso de Poon cutucou Kin. — O jovem Lucrativo não gostou nada dele, nem desse assunto, heya?

— Está na hora de ele crescer, de saber como tratar os inimigos, de conhecer os valores reais, não os valores agourentos, xexelentos, insensatos da Montanha Dourada. — O velho cuspiu no convés. — Ele esqueceu quem é e onde estão seus interesses.

— Você mesmo disse que não se manda um coelho contra um dragão. Ou um peixinho contra um tubarão. Você deve levar em consideração o seu investimento, e não se esqueça de que Choy Lucrativo lhe devolveu vinte vezes tudo o que gastou com ele em quinze anos. No mercado do dinheiro, é um Grande Dragão, e tem só vinte e seis anos. Deixe-o onde fica melhor, melhor para você e melhor para ele, heya?

— Hoje ele fica melhor aqui. O velho marujo coçou a orelha.

— Não sei, não, Quatro Dedos. Isso os deuses é que decidirão. Quanto a mim, eu o teria deixado em terra. — Agora, Poon Bom Tempo estava observando o sudeste. Sua visão periférica percebera alguma coisa. — Está vendo?

Depois de algum tempo, Quatro Dedos sacudiu a cabeça.

— Há tempo de sobra, de sobra.

— É. — O velho marujo olhou para o corpo amarrado com correntes feito uma galinha depenada. Seu rosto se abriu num sorriso. — Eeee, mas quando Choy Lucrativo ficou branco como uma água-viva ao primeiro grito e primeiro sangue deste filho da puta, tive que peidar para soltar o riso e não o desmoralizar!

— Os jovens de hoje não têm resistência — repetiu Wu. Depois acendeu um outro cigarro e balançou a cabeça. — Mas tem razão. Depois desta noite, Lucrativo vai ficar no seu lugar para se tornar ainda mais lucrativo. — Lançou um olhar para Kin Bexiguento. — Está morto?

— Ainda não! Que puto sujo e sem mãe! Bater no Filho Número Um do Chen da Casa Nobre com uma pá, e depois nos contar mentiras, heya? E cortar a orelha do Chen e culpar o pai e os irmãos, e também mentir sobre isso! E depois pegar o resgate mesmo sem poder entregar a mercadoria! Terrível!

— Revoltante! — O velho deu uma risadinha. — E mais terrível ainda deixar-se prender. Mas você mostrou ao sacana o erro das suas atitudes nojentas, Poon Bom Tempo. Os dois riram, sentindo-se felizes juntos.

— Quer que corte fora a outra orelha dele, Quatro Dedos?

— Ainda não. Breve, muito breve. Poon coçou a cabeça de novo.

— Há uma coisa que não entendo. Por que me mandou colocar o cartaz deles no Filho Número Um, e deixá-lo lá, como eles planejavam? — Olhou para Quatro Dedos, franzindo o cenho. — Quando este fornicador estiver morto, todos os Lobisomens estarão mortos, heya? Então, para que vai servir o cartaz?

Quatro Dedos casquinou.

— Tudo fica claro para aquele que espera. Paciência — disse, muito satisfeito consigo mesmo. O cartaz insinuava que os Lobisomens estavam vivos. Se apenas ele e Poon soubessem que estavam mortos, a qualquer hora ele poderia ressuscitá-los, ou a ameaça deles. Ao seu bel-prazer. "É", pensou, feliz, "mate um para aterrorizar dez mil! Os Lobisomens podem facilmente tornar-se uma fonte contínua de renda extra, a um custo muito baixo. Alguns telefonemas, um ou dois seqüestros criteriosos, quem sabe outra orelha. Paciência, Poon Bom Tempo. Logo vai compreen..." Interrompeu-se. Os dois homens focalizaram os olhos no mesmo local, na escuridão. Um cargueiro pequeno e mal-iluminado acabava de aparecer. Dali a um momento, duas luzes piscaram no seu mastro. Imediatamente, Wu foi para a torre de comando e lampejou um sinal em resposta. O cargueiro lampejou a confirmação. — Ótimo — disse Wu, feliz, lampejando a reconfirmação. A tripulação no convés também tinha visto as luzes. Um deles desceu para buscar o resto dos marujos, e os outros foram para seus postos. Os olhos de Wu pousaram em Kin Bexiguento. — Primeiro ele — falou, com ar malévolo. — Tragam meu filho aqui.

Debilmente, Paul Choy subiu ao convés. Sorveu com gosto o ar fresco, pois o fedor lá embaixo era de amargar. Subiu a escada que levava à popa. Quando viu a nojeira vermelha e o corpo mutilado no convés, seu estômago se revoltou mais uma vez e ele deitou cargas ao mar.

— Dê uma mão ao Poon Bom Tempo — disse Quatro Dedos.

— O quê?

— Está com os ouvidos cheios de vômito? — berrou o velho.
— Dê-lhe uma mão.

Assustado, Paul Choy cambaleou para junto do velho ma-rujo, enquanto o timoneiro observava, interessado.

— O que quer... que eu faça?

— Pegue as pernas dele!

Paul Choy tentou dominar a náusea que sentia. Fechou os olhos. Suas narinas estavam cheias do cheiro de vômito e sangue. Abaixou-se, pegou as pernas e parte da grossa corrente, cambaleou

e quase caiu. Poon Bom Tempo estava carregando a maior parte do peso, e podia tê-lo carregado todo, e mais Paul Choy, se fosse preciso. Sem esforço, equilibrou Kin Bexiguento na amurada.

— Deixe-o aí!

Como já havia combinado com Quatro Dedos, o velho marujo se afastou, deixando Paul Choy por sua conta, com o corpo inconsciente e mutilado largado precariamente contra si.

— Jogue-o ao mar! — ordenou Wu.

— Mas, pai... por favor... ele... não está morto... ainda não está morto. Por favor...

— Jogue-o ao mar!

Desnortado de medo e repulsa, Paul Choy tentou puxar o corpo de novo para bordo, mas o vento soprou e inclinou o junco, e o último dos Lobisomens caiu no mar e afundou sem deixar vestígios. Impotente, Paul Choy ficou olhando as ondas batendo contra a madeira. Notou que havia sangue em suas mãos e em sua camisa. Outra onda de náusea tomou conta dele, atormentando-o.

— Tome!

Asperamente, Wu entregou um frasco ao filho. Continha uísque, dos bons. Paul Choy engasgou um pouco, mas seu estômago não devolveu o uísque. Wu voltou-se para a torre de comando, fez sinal ao timoneiro para que guiasse o barco em direção ao cargueiro, a todo o vapor. Paul Choy quase caiu, mas conseguiu agarrar-se à amurada e ficar de pé, despreparado para o inesperado do ronco do motor e do aumento da velocidade. Quando voltou a se equilibrar, olhou para o pai. Agora, o velho estava junto da casa do leme, com Poon Bom Tempo perto dele, e ambos olhavam para dentro da escuridão. Paul Choy pôde ver o naviozinho, e seu estômago deu voltas. Odiou novamente o pai, odiou estar a bordo, envolvido no que obviamente era contrabando... e, para coroar, o horror do Lobisomem.

"Seja lá o que aquele pobre filho da puta tenha feito", pensou, enraivecido, "isso não lhe dava o direito de fazer justiça com as próprias mãos. Ele tinha que tê-lo entregue à polícia, para ser preso, enforcado, ou lá o que fosse. "

Wu sentiu o olhar do outro fito nele, e olhou para trás. Sua fisionomia não se alterou.

— Venha cá — ordenou, a mão sem um dos dedos apontando para a amurada à sua frente. — Fique aqui.

Entorpecido, Paul Choy obedeceu. Era muito mais alto que o pai e Poon Bom Tempo, mas não passava de um pedaço de palha

comparado com qualquer um dos dois.

O junco varava a escuridão num rumo de intercepção, o mar negro e a noite negra, iluminados apenas por um raio de luar que penetrava a cerração. Logo estavam perto da popa da embarcação, a boreste, cada vez mais próximos. A embarcação era pequena, vagarosa e muito velha, e mergulhava de modo inquietante nas vagas que se formavam.

— É um cargueiro costeiro — explicou Poon Bom Tempo —, uma traineira Tai, é como as chamamos. Há dúzias das sacanas em águas asiáticas. São a escória dos mares, Choy Lucra-tico, tripuladas por lixo humano, capitaneadas por lixo humano, e todas vazam como armadilhas de pegar lagostas. A maioria infesta a rota de Bangkok, Cingapura, Manila, Hong Kong, ou qualquer outro lugar para onde tenham carga. Essa vem de Bangkok. — Escarrou e cuspiu, enojando de novo o rapaz. — Não gostaria de viajar numa dessas putas fedorentas. Ela...

Interrompeu-se. Houve outro breve sinal faiscante. Wu respondeu. Então, todos os que estavam a bordo viram a água espadanar a boreste da traineira, quando algo pesado caiu no mar. Imediatamente Quatro Dedos deu o sinal de "parar máquinas". O súbito silêncio era ensurdecido. Os vigias da proa olhavam para dentro da escuridão. O junco oscilou e deu uma guinada, enquanto diminuía de velocidade.

Então, um dos vigias da proa fez sinal com uma bandeira. Imediatamente, Wu mandou ligar as máquinas e fez uma correção.

Outro sinal silencioso, outra mudança de direção, e depois um movimento mais brusco e excitado da bandeira.

Imediatamente, Wu inverteu a marcha. A hélice girou com mais força na água. Depois, ele desligou o motor, e o junco dirigiu-se, guinando, para mais perto da linha de bóias oscilantes. O velho nodoso parecia fazer parte do barco, enquanto Paul Choy o observava, os olhos fitos no mar à frente. Habilmente, Wu manobrou o junco pesado no rumo das bóias. Dali a alguns momentos, um marujo com uma vara comprida e en-curvada debruçou-se do convés superior e enganchou a linha. As bóias grosseiras foram trazidas para bordo habilmente pelos outros marujos, e a linha foi presa com firmeza a um balaústre. Com perícia e prática, o marinheiro-chefe do convés cortou fora as bóias e lançou-as ao mar, enquanto outros marujos se certificavam de que os fardos presos à outra extremidade da linha, abaixo da superfície, estavam a salvo. Paul Choy agora podia ver os fardos nitidamente. Eram dois, de cerca de um metro por um e oitenta, e estavam bem amarrados a uma corda, debaixo d'água, seu peso mantendo a linha grossa esticada. Com a carga atrelada em segurança ao lado do navio, embora ainda cerca de um metro e meio abaixo da superfície, o mari-nheiro-chefe do convés fez um sinal. Imediatamente, Quatro Dedos fez zarpar o junco a uma velocidade de cruzeiro e lá se foram eles, num curso diferente.

Toda a operação fora feita em silêncio, sem esforço, e em segundos. Dali a um momento as luzes de âncora fracas da traineira Tai haviam desaparecido na escuridão, e eles estavam sozinhos no mar mais uma vez.

Wu e Poon Bom Tempo acenderam cigarros.

— Muito bom — disse Poon Bom Tempo. Quatro Dedos não replicou, os ouvidos atentos ao ronco agradável dos motores. "Não há problema com eles", pensou. Seus sentidos testaram o vento. "Nenhum problema com ele. " Seus olhos varreram a escuridão. "Também nada ali", disse a si mesmo. "Então, por que você está inquieto? Será o Sétimo Filho?"

Lançou um olhar para Paul Choy, que estava a bombordo, de costas para ele. Não, ali também não havia perigo.

Paul Choy fitava os fardos. Deixavam um pequeno rastro. Sua curiosidade aumentou. Estava se sentindo um pouquinho melhor agora, o uísque a aquecê-lo e o sal cheirando bem, e mais a emoção do encontro e o fato de estar longe e seguro.

— Por que não os traz para bordo, pai? Pode perdê-los. Wu fez sinal a Poon para responder.

— É melhor deixar a colheita do mar para o mar, Choy Lucrativo, até que seja bem seguro levá-la para terra. Heya?

— Meu nome é Paul, não Lucrativo. — O rapaz voltou a olhar para o pai, e estremeceu. — Não havia necessidade de assassinar aquele fornicador!

— Não foi o comandante que o fez — disse Poon Bom Tempo, respondendo pelo velho. — Foi você, Choy Lucrativo. Foi você que o jogou ao mar, vi nitidamente. Eu estava a meio passo de distância.

— Mentiras! Tentei puxá-lo de volta! E de qualquer maneira, foi ele que ordenou. Ele me ameaçou.

O velho marujo deu de ombros.

— Diga isso a um bom juiz dos demônios estrangeiros, Choy Lucrativo, e isso não será nem um pouquinho lucrativo, porra!

— Meu nome não é Lu...

— O Comandante das Frotas chamou-o de Lucrativo. Portanto, por todos os deuses, você é Lucrativo para sempre. Heya? — acrescentou, rindo para Quatro Dedos.

O velho nada disse, apenas sorriu, deixando ver seus poucos dentes quebrados, o que fez sua careta mais assustadora.

A cabeça calva e o rosto curtido balançaram, concordando. Depois, fitou o filho. Paul Choy estremeceu, apesar de toda a sua força de vontade.

— Seu segredo está a salvo comigo, meu filho. Não tema. Ninguém a bordo deste barco viu coisa alguma. Não é, Poon Bom Tempo?

— Não, nada. Por todos os deuses, grandes e pequenos! Ninguém viu nada.

Paul Choy devolveu-lhe o olhar, carrancudo.

— Não se pode embrulhar fogo com papel!

— Neste barco se pode — riu-se Poon Bom Tempo.

— É — concordou Wu, a voz áspera. — Neste barco pode-se guardar um segredo para sempre. — Acendeu outro cigarro, escarrou e cuspiu. — Não quer saber o que há naqueles fardos?

— Não.

— É ópio. Entregue em terra, o trabalho desta noite renderá duzentos mil para mim, só para mim, com muitas gratificações para a tripulação.

— O lucro não vale o risco, não para mim. Ganhei para você... — Paul Choy se interrompeu.

Wu Quatro Dedos olhou para ele. Cuspiu no convés, passou o governo do barco para Poon Bom Tempo e dirigiu-se aos grandes assentos estofados que circundavam a popa.

— Venha cá, Choy Lucrativo — ordenou. Assustado, Paul Choy sentou-se no lugar indicado. Agora, estavam sozinhos.

— Lucro é lucro — disse Wu, muito zangado. — Dez mil é o seu lucro. O bastante para comprar uma passagem aérea de ida e volta para Honolulu, e tirar dez dias de férias.

Viu o lampejo momentâneo de alegria inundar o rosto do filho, e sorriu intimamente.

— Nunca vou voltar — disse Paul Choy, corajosamente.

— Nunca.

— Ah, vai. Agora vai. Pescou em águas muito perigosas.

— Nunca voltarei. Tenho um passaporte americano e... — E uma prostituta japonesa, heya?

Paul Choy fitou o pai, surpreso de que ele soubesse. Depois ficou louco de raiva e pôs-se de pé num salto, cerrando os punhos.

— Ela não é uma prostituta, por todos os deuses! É formidável, é uma dama, e a família dela é...

— Quietos! — Wu abafou com cuidado uma imprecisão.

— Muito bem, então não é uma prostituta, embora para mim todas as mulheres sejam prostitutas. Não é uma prostituta, mas uma imperatriz. Mas ainda é uma diaba do mar do Leste, da raça que estuprou a China.

— Ela é americana, americana como eu — explodiu Paul Choy, os punhos cerrados com mais força ainda, pronto para saltar sobre o outro. O timoneiro e Poon Bom Tempo prepararam-se para interferir, sem dar na vista. Poon segurou uma faca. — Sou americano, ela é nissei americana, o pai dela serviu com o 442 na Itália e...

— Você é haklo, é um dos Wu Marítimos, gente de navio, e vai me obedecer! Vai, Choy Lucrativo, vai, ora se vai obedecer! Heya?

Paul Choy ficou de pé diante dele, tremendo com fúria igual, tentando conservar a coragem, pois a raiva do velho era assustadora e ele podia sentir Poon Bom Tempo e o outro homem atrás de si.

— Não a ofenda! Ouviu?

— Ousa cerrar os punhos para mim? Eu, que lhe dei a vida, que lhe dei tudo? Todas as oportunidades, até a de conhecer essa... essa imperatriz do mar do Leste? Heya?

Paul Choy rodopiou como se tivesse sido atingido por um vendaval. Poon Bom Tempo erguia os olhos para ele.

— Este é o Comandante das Frotas. Trate de respeitá-lo. — A mão de ferro do marujo empurrou-o de volta aos assentos. — O comandante falou para se sentar. Sente-se!

Depois de um momento, Paul Choy perguntou, emburrado:

— Como soube dela? Exasperado, o velho exclamou:

— Que todos os deuses sejam testemunhas desse roceiro a quem gerei, esse macaco com o cérebro e os modos de um roceiro! Acha que não mandei que o vigiassem? Que o protegessem? Vou mandar uma toupeira para o meio de cobras, ou um filhote civilizado para o meio de demônios estrangeiros, sem proteção? Você é o filho de Wu Sang Fang, chefe dos Wu Marítimos, e protejo os meus contra todos os inimigos. Não sabe que temos um bom número de inimigos que cortariam o seu Saco Secreto e me enviariam o seu conteúdo só para me irritar? Heya?

— Não sei.

— Pois então fique sabendo, meu filho!

Wu Quatro Dedos sabia que aquela era uma batalha mortal e que tinha que ser sábio como um pai precisa ser quando o filho finalmente o contesta. Não tinha medo. Fizera isso com muitos filhos, e só perdera um. Mas era grato ao tai-pan, que lhe dera a informação sobre a garota e sua ascendência. "Essa é a chave", pensou, "a chave para este filho desaforado de uma Terceira Mulher cuja Ravina Dourada era doce e tenra como um peixinho prateado fresco, enquanto viveu. Talvez eu o deixe trazer para cá a sua prostituta. O pobre precisa de uma, seja lá que nome lhe dê. Dama? Pois sim! Ouvei dizer que os demônios do mar do Leste não têm pêlos púbicos! Revoltante! No mês que vem ele pode trazer para cá a meretriz. Se os pais deixarem que venha sozinha, isso provará que é uma prostituta. Se não deixarem, é o fim dela. Nesse meio tempo, vou arrumar uma mulher para ele. É. Quem? Uma das netas de Pão-Duro? Ou do Lando Mata ou... Ah, a fedelha mais nova do mestiço

não foi treinada na Montanha Dourada, também, numa escola para moças, uma famosa escola para moças? Que diferença faz para este idiota, sangue puro ou não?

"Tenho muitos filhos", pensou, sem sentir nada por ele. "Dei-lhes a vida. O dever deles é para comigo, e, quando eu morrer, para com o clã. Talvez uma boa garota barqueira haklo de quadris largos e pés ásperos fosse a mulher certa para ele", pensou, sombriamente. "É, mas, eeee, não há necessidade de cortar fora o seu Talo por causa de uma bexiga fraca, não importa o quanto o bestalhão seja grosseiro e mal-educado. "

— Daqui a um mês o Barba Negra lhe dará umas férias — disse, encerrando o assunto. — Eu me encarrego disso. Com os seus dez mil de lucro, pode comprar uma passagem numa máquina voadora... Não! É melhor trazê-la para cá — acrescentou, como se estivesse pensando naquilo pela primeira vez.

— Você a trará para cá. Você deve ir visitar os nossos capitães em Manila, Cingapura e Bangkok. É, traga-a para cá daqui a um mês, os seus dez mil darão para a passagem e todo o...

— Não, de jeito nenhum. E não quero dinheiro de tóxicos! Jamais aceitarei dinheiro de tóxicos, e aconselho-o a largar o tráfico imedia...

Todo o junco foi inundado de luz. Todos ficaram cegos por momentos.

— Parem! — A ordem foi dada em inglês, pelo megafone, repetida depois em haklo, depois em cantonense.

Wu e Poon Bom Tempo foram os primeiros a reagir, e numa fração de segundo se puseram em movimento. Wu girou o timão com força para bombordo, para longe do barco de patrulha da polícia marítima, e acelerou os dois motores, à velocidade máxima. Poon saltara escada abaixo para a coberta principal, e agora cortava a linha da carga, e o rastro dos fardos desapareceu quando eles afundaram no mar.

— Parem para abordagem!

As palavras metálicas penetraram violentamente em Paul Choy, que estava paralisado de medo. Viu o pai tirar de um armário próximo uns quepes pontudos de soldado da RPC, meio amassados, e enfiar um deles na cabeça.

— Depressa — ordenou, jogando-lhe um.

Apavorado, obedeceu, metendo-o na cabeça. Por um milagre, toda a tripulação agora usava o mesmo tipo de chapéu, e alguns marujos lutavam para entrar em túnicas do exército igualmente amassadas e sujas.

O coração dele parou. Outros estavam tirando de dentro de armários rifles do exército e metralhadoras portáteis da RPC, enquanto outros se dirigiam para o lado que ficava mais perto do barco-patrolha e começavam a gritar obscenidades. O barco era luzidio e cinzento, com um canhão de convés, e agora dois holofotes e as luzes de âncora estavam acesos. Estava a uns cem metros a boreste, os motores roncando, acompanhando-os com facilidade. Podiam ver os marujos impecáveis, de branco, e, na ponte, os quepes pontudos dos oficiais britânicos.

Quatro Dedos agora também segurava um megafone. Dirigiu-se mais para perto da amurada, o quepe enfiado o mais possível na cabeça, e rugiu:

— Vão se foder, bárbaros! Olhem para as nossas cores! — A mão apontou para o topo do mastro. A bandeira da marinha da RPC tremulava ali. Na popa via-se um número de registro falso de Cantão. — Não incomodem uma patrulha pacífica... estão em nossas águas!

O rosto de Poon ostentava um sorriso amplo e malévolo. Com uma pistola automática da RPC nas mãos, ele permanecia junto à amurada, recortado contra a luz, o quepe bem enfiado na cabeça para impedir a identificação pelos binóculos que ele sabia estarem varrendo o navio. Seu coração batia disparado, e havia um gosto acre-doce e nauseante de bile em sua boca. Estavam em águas internacionais. A segurança e as águas da República Popular da China estavam a quinze minutos de distância. Engatilhou a arma. As ordens eram claras. Ninguém os iria abordar naquela noite.

— Parem! Vamos subir a bordo!

Todos viram o barco-patrolha diminuir a velocidade e o escaler ser lançado ao mar, e muitos a bordo perderam a confiança inicial. Quatro Dedos empurrou o acelerador de mão todo à frente, para obter o máximo de potência. Xingou-se por não ter visto o barco da polícia antes, ou pressentido sua presença, mas sabia que eles tinham dispositivos eletrônicos que varavam a escuridão, enquanto ele tinha que confiar nos olhos, no nariz e no sexto sentido que até agora o haviam mantido vivo, assim como a maior parte do seu pessoal.

Era raro encontrar um barco-patrolha tão perto de águas chinesas. Mas o barco estava ali, e embora sua carga tivesse sumido, havia armas a bordo, e havia Paul Choy. "Que azar! Que todos os deuses defequem no barco-patrolha! Poon Bom Tempo estava parcialmente certo", disse consigo mesmo. "Os deuses decidirão se foi ou não sensato ter trazido o rapaz para bordo. "

— Vão se foder! Nenhum demônio estrangeiro sobe a bordo de um barco-patrolha da República Popular da China!

Toda a tripulação deu vivas entusiásticos, acrescentando suas obscenidades à barulheira.

— Parem!

O velho não lhes deu atenção. O junco dirigia-se a toda a velocidade para o estuário do rio Pearl, e ele e todos a bordo rezavam para que não houvesse patrulhas da RPC por ali. À luz do holofote, podiam ver o escaler, com dez marujos armados, num curso de interceptação, mas ele não tinha velocidade bastante para alcançá-los.

— Pela última vez, pareeeeeem!

— Porra, pela última vez, deixem a patrulha pacífica da RPC sossegada nas suas próprias águas...

De repente, as sirenes do barco-patrulha começaram a tocar, e ele pareceu dar um salto para a frente, devido à violenta aceleração de suas máquinas, deixando atrás de si um rastro alto e espumante. O holofote ainda os focalizava, quando ele se jogou para a frente e se meteu bem no caminho da proa do junco, parando ali, os motores roncando malevolamente, bloqueando a passagem para a segurança.

Paul Choy ainda fitava a embarcação cinzenta, de proa afilada, pronto para acionar o canhão de convés e as metralhadoras grandes, com quatro vezes a potência das que eles tinham. A distância diminuía cada vez mais, sem que eles tivessem espaço para manobrar. Podiam ver os marujos fardados no convés, os oficiais na ponte, as antenas de radar varrendo o espaço.

— Abaixei a cabeça — avisou Wu a Paul Choy, que obedeceu imediatamente. Então, Wu saiu correndo para a proa, Poon Bom Tempo ao seu lado. Ambos carregavam metralhadoras automáticas.

— Agora!

Cuidadosamente, ele e o amigo dispararam no mar, na direção do barco-patrolha, que agora estava quase em cima deles, tomando um cuidado extremo para que nenhuma das balas atingisse o convés. Imediatamente, o holofote foi desligado, e, na escuridão cegante, o timoneiro prontamente guinou com força o barco para boreste, rezando para que Wu tivesse tomado a decisão certa. O junco passou pelo barco-patrolha, vencendo os poucos metros de espaço de manobra, enquanto a outra embarcação acelerava para a frente, tentando escapar do alcance das balas. O timoneiro voltou a colocar o junco no curso e na sua fuga para a segurança.

— Ótimo — resmungou Wu, sabendo que havia ganho mais uns cem metros. O mapa daquelas águas estava impresso em sua mente. Estavam agora na área cinzenta entre as águas de Hong Kong e da RPC, a poucas centenas de metros da verdadeira segurança. Na escuridão, todos no convés haviam mantido os olhos bem fechados. No momento em que sentiram de novo o holofote, abriram os olhos e se adaptaram com muito mais rapidez. O atacante estava adiante e a bombordo, fora do alcance das metralhadoras, mas ainda à frente, e ainda interceptando-lhes o caminho. Wu deu um sorriso sombrio.

— Lee Narigudo! — O marinheiro-chefe de convés apresentou-se imediatamente, e ele lhe entregou a metralhadora. —

Não a use antes que eu mande, e não atinja nenhum dos sacanas!

Subitamente, a escuridão foi rasgada, e o estouro do canhão de convés os ensurdeceu. Uma fração de segundo e um chafariz de água subiu do mar perto da proa deles. Wu ficou chocado e sacudiu o punho cerrado na direção do navio.

— Fodam-se vocês e todas as suas mães! Deixem-nos em paz, ou o presidente Mao afundará Hong Kong inteira! — Correu em direção à ré. — Dê-me o leme.

O timoneiro estava assustado. Paul Choy também, mas ao mesmo tempo sentia-se curiosamente excitado, e impressionadíssimo pelo modo de comandar do pai e pela disciplina com que todos a bordo reagiam. Certamente não eram o bando de piratas desmazelados e desorganizados que imaginava que fossem.

— Parem!

Novamente a distância começou a diminuir, mas o barco-patrolha continuava fora do alcance das metralhadoras, e o escaler se mantinha fora do alcance, à ré. Estoicamente, Wu manteve o curso. Outro clarão, depois outro, e parrang par-rannng. Duas balas caíram de cada lado do junco, sacudindo-o.

— Fodam-se todas as mães! — exclamou Wu, ofegante. Que todos os deuses mantenham a boa mira dos artilheiros! — Sabia que

aqueles tiros eram apenas para assustá-los, Seu amigo Cobra tinha-lhe assegurado que todas as patrulhas tinham ordem de não atingir ou afundar um junco em fuga que levasse as cores da RPC, pois elas poderiam ser mesmo verdadeiras, de nunca abordar à força um deles, a não ser que um dos marujos do barco-patrulha fosse morto ou ferido. — Soltem uma rajada neles — ordenou.

Obedientemente, mas com extremo cuidado, os dois homens na proa dispararam uma rajada nas águas. O farol continuou firme, mas subitamente se apagou.

Wu ficou firme no curso. "E agora?", perguntou-se, desesperado. "Para onde vai o fornicador?" Seus olhos varreram a escuridão, esforçando-se para enxergar o barco-patrulha e o promontório que sabia estar próximo. Então, viu a silhueta à ré e a bombordo. Vinha à toda, num esforço de emparelhar com ele e caçá-lo com arpéus. A segurança estava cem metros à frente. Se ele se afastasse do novo perigo, correria paralelamente à área de segurança e continuaria em águas internacionais. Então o navio faria o mesmo de novo, e o forçaria a ir para o mar aberto, até que sua munição acabasse ou alvorecesse, e ele estaria perdido. Não ousava combater de verdade, pois sabia que a lei britânica tinha um braço comprido, e a morte de um dos seus marujos era punida com enforcamento, e nem dinheiro nem amigos influentes poderiam impedi-lo. Se mantivesse o seu curso, o navio poderia usar os arpéus, e ele sabia como eram competentes e bem-treinados os marinheiros cantonenses, e como odiavam os haklos.

Seu rosto abriu-se numa careta. Esperou até o barco-patrulha estar a cinquenta metros à ré, aproximando-se velozmente, a sirene tocando ensurdecidamente, depois, sombriamente, girou o leme

para cima dele, e rezou para que o comandante estivesse atento. Por um momento, os dois barcos ficaram suspensos. Então, o barco-patrolha se desviou para evitar a colisão, borrifando-os com a água levantada. Wu girou o leme para boreste, e empurrou para a frente todos os aceleradores de mão, embora eles já estivessem dando o máximo. Ganhou mais uns poucos metros.

Viu o barco-patrolha se recuperar rapidamente. Fez a volta, roncando, e voltou para cima deles, numa rota diferente. Estavam praticamente dentro das águas chinesas. Sem esperança, Quatro Dedos largou o leme, pegou outra metralhadora automática e varreu a escuridão, o barulho das balas e o cheiro de cordite tornando o seu medo mais intenso. Abruptamente, a luz forte do holofote o pegou em cheio. Virou a cabeça, cego por ela, e piscou os olhos, mantendo a cabeça e o quepe bem abaixados. Quando conseguiu enxergar de novo, apontou a automática diretamente para a luz e soltou palavrões obscenos, com medo de que eles pudessem enganchar o seu navio e rebocá-lo para longe da segurança. O cano quente balançava enquanto ele mirava a luz, o dedo no gatilho. Seria a morte se ele disparasse, e a prisão, se não o fizesse. O medo o dominou, e espalhou-se por todo o seu navio.

Mas a luz não veio para cima dele rapidamente, como esperava. Permaneceu à ré, e agora ele via que as ondas da proa diminuía, assim como as ondas do rastro, e seu coração começou a bater de novo. O barco-patrolha estava deixando que ele se fosse. O Cobra tinha razão!

Com mãos trêmulas, largou a arma. Pegou o megafone próximo e levou-o à boca.

— Vitória ao presidente Mao! — berrou, com quantas forças tinha. — Fiquem fora das nossas águas, demônios estrangeiros de merda!

As palavras cheias de alegria ecoavam pelas águas. A tripulação soltava vaias, sacudindo os punhos cerrados para a luz. Até Paul Choy foi envolvido pelo entusiasmo, e berrou também, quando todos se deram conta de que o barco-patrolha não ia se aventurar em águas chinesas.

O holofote se apagou. Quando seus olhos se adaptaram, viram o barco-patrolha ao largo quase sem se mover, as luzes de âncora agora acesas.

— Deve estar nos observando pelo radar — resmungou Paul Choy, em inglês.

— Wat?

Ele repetiu a frase em haklo, usando a palavra "radar", mas explicando-a como um olho mágico. Tanto Poon quanto Quatro Dedos conheciam o princípio do radar, embora nunca tivessem visto nenhum.

— E daí? — debochou Wu. — As telas mágicas e os olhos mágicos deles não vão ajudá-los agora. Podemos sumir da vida deles com toda a facilidade nos canais perto de Lan Tao. Não há provas contra nós, nem contrabando a bordo, nem nada!

— E quanto às armas?

— Podemos lançá-las ao mar, ou podemos fugir desses cães danados e ainda ficar com as nossas armas! Eeeee, Poon Bom Tempo, quando as balas dos canhões nos cercaram, pensei que meu ânus fosse ficar entupido para sempre!

— É — concordou Poon alegremente —, e quando atiramos no escuro contra os sacanas... que todos os deuses se fodam! Sempre tive vontade de usar aquelas armas!

Wu também riu, até as lágrimas lhe correrem pela face.

— É, é, sim, Velho Amigo. — Depois, explicou a Paul Choy a estratégia que o Cobra havia preparado para eles. — Boa, heya?

— Quem é esse tal Cobra? — perguntou Paul Choy.

Wu hesitou, os olhinhos brilhando.

— Um empregado, um empregado da polícia, digamos assim, Choy Lucrativo.

— Perdida a carga, a noite não foi nada lucrativa — falou Poon, com azedume.

— É — concordou Wu, com igual azedume. Prometera a Vênus Poon um anel de brilhantes que planejava pagar com o lucro daquela noite. Agora, ia ter que mexer nas suas economias, o que era contra todos os seus princípios. "A gente paga às prostitutas com o dinheiro que se está ganhando, jamais com as economias. Portanto, que se dane aquele barco da polícia!", pensou. "Sem o presente prometido... Eeee, mas a Caixa Formosa dela é tudo aquilo que Richard Kwang alegava, e o rebolar do seu traseiro tudo o que os boatos prometiam. E hoje... hoje, depois que a estação de tv fechar, seu Portão Encantador vai se abrir mais uma vez!

— Que azar dos diabos aquele bandido da proa afilada ter nos encontrado hoje! — falou, seu membro dando sinais de vida quando ele pensou em Vênus Poon. — Todo aquele dinheiro perdido, e as nossas despesas tão grandes!

— A carga está perdida? — perguntou Paul Choy, muito surpreso.

— Claro que sim. Foi para o fundo do mar — replicou o velho, irritado.

— Não puseram nela um marcador, ou um sinalizador, um beeper? — Paul Choy usou a palavra inglesa, explicando o que era. — Imaginei que teria um... ou uma bóia que se soltasse daqui a um ou dois dias, quimicamente... para que vocês a pudessem recuperar, ou mandar homens-rãs irem buscá-la quando fosse seguro. — Os dois homens o fitavam, boquiabertos. — O que foi?

— É fácil arranjar esses beepers, ou uma bóia de efeito retardado para um ou dois dias depois? — perguntou Wu.

— Ou para uma semana ou duas, se quiser, Pai.

— Quer anotar tudo isso, como fazê-lo? Ou você mesmo se encarrega disso?

— Claro. Mas por que também não têm um olho mágico, como o deles?

— Para que precisamos deles? E quem saberia lidar com eles? — O velho deu nova risada de deboche. — Temos narizes, ouvidos e olhos.

— Mas foram pegos hoje!

— Cuidado com a língua! — disse Wu, zangado. — Foi joss, joss, uma brincadeira dos deuses. Estamos salvos, e é só o que interessa!

— Discordo, comandante — disse Paul Choy, agora sem medo, percebendo que tudo começava a se encaixar. — Seria fácil equipar este barco com um olho mágico... então você poderia vê-los na mesma hora, ou antes que eles o vissem. Eles não poderiam surpreendê-lo. Assim, você poderia fazer careta para eles sem medo, e nunca perderia uma carga. Heya?

— Sorriu intimamente, vendo que eles estavam no papo. — Nunca mais um erro, nem mesmo um pequenino. Nunca mais o perigo. E nunca mais uma carga perdida. E cargas com sinalizadores. Não precisa nem estar perto do local da entrega. Só uma semana mais tarde, heya?

— Isso seria perfeito — disse Poon fervorosamente. — Mas se os deuses estiverem contra você, Choy Lucrativo, nem os olhos mágicos o ajudarão. Hoje escapamos por pouco. Aquele puto nem devia estar aqui.

Todos voltaram os olhos para o barco, à ré, esperando. Algumas centenas de metros à ré. Wu colocou o motor em marcha lenta.

— Não queremos entrar demais em águas da RPC — disse, inquieto. — Os fornicadores civilizados não são tão polidos ou cumpridores da lei. — Sentiu um arrepio. — Bem que podíamos usar um olho mágico, Poon Bom Tempo.

— Por que não compra um desses barcos-patrolha? — disse Paul Choy, colocando isca no anzol de novo. — Ou um ainda mais veloz. Assim, poderia correr mais rápido que eles.

— Um desses? Está maluco? E quem nos venderia um?

— perguntou Wu, impaciente.

— Os japoneses.

— Fodam-se todos os demônios do mar do Leste! — falou Poon.

— Pode ser, mas eles construiriam um assim para você, equipado com radar. Eles...

Interrompeu-se quando o barco-patrolha acelerou seus motores possantes e, com a sirene uivando, arremessou-se para

dentro da noite, deixando um rastro de espuma.

— Olhem só para ele! — disse Paul Choy em inglês, com admiração. — Grandíssimo filho da puta!

Repetiu a frase em haklo.

— Aposto que ainda está vendo a traineira Tai com o seu olho mágico. Podem ver tudo, cada junco, navio, gruta e promontório a quilômetros de distância... até uma tempestade.

Pensativo, Wu Quatro Dedos deu um curso novo ao timoneiro, que os mantinha no comecinho das águas da RPC, dirigindo-se para o norte, para as ilhas e recifes ao redor da ilha de Lan Tao, onde ficaria seguro para se preparar para o próximo encontro. Lá eles se transfeririam para um outro junco com registros reais, da RPC e de Hong Kong, e voltariam para Aberdeen. Aberdeen! Os dedos nervosos tocaram outra vez a meia moeda. Em meio a toda aquela emoção, tinha se esquecido da moeda. Agora, seus dedos tremiam e sua ansiedade voltava, ao pensar no encontro com o tai-pan, logo mais. Havia tempo de sobra. Não ia chegar atrasado. Mesmo assim, ordenou que se aumentasse a velocidade.

— Vamos — ordenou a Poon e Paul Choy, fazendo-lhes sinal para se reunirem a ele nas almofadas da popa, onde teriam mais privacidade.

— Talvez fosse mais sensato continuarmos com nossos juncos, e não comprarmos um daqueles putos, meu filho. — O dedo de Wu indicou a escuridão, no local onde estivera o barco-patrolha. — Os demônios estrangeiros ficariam ainda mais furiosos se eu tivesse um desses na minha frota. Mas esse seu olho mágico... poderia instalá-lo e ensinar-nos como usá-lo?

— Poderia arranjar peritos para isso. Gente do mar do Leste... seria melhor usá-los, e não britânicos ou alemães.

Wu olhou para o velho amigo.

— Heya?

— Não quero um desses bostas ou seus olhos mágicos no meu navio. Logo estaríamos dependendo dos fornicadores, e perderíamos nossos tesouros, juntamente com nossas cabeças — resmungou o outro.

— Mas... enxergar quando os outros não enxergam?

— Wu soltava baforadas do cigarro. — Existe outro vendedor, Choy Lucrativo?

— Eles seriam os melhores, Pai. E os mais baratos.

— Mais baratos, heya? Quanto isso vai custar?

— Não sei. Talvez vinte mil dólares americanos, talvez quarenta...

O velho explodiu:

— Quarenta mil dólares americanos? Acha que sou feito de ouro? Tenho que trabalhar para ganhar dinheiro. Acha que sou o imperador Wu?

Paul Choy deixou o velho deblaterar. Não sentia mais nada por ele, não depois do horror e da matança, da cilada, da crueldade e da chantagem da noite, e especialmente depois das palavras do pai contra a sua garota. Respeitaria o pai pela sua perícia no mar, sua coragem e seu comando. E como chefe da Casa. Nada mais. E de agora em diante, tratá-lo-ia como a qualquer outro homem.

Quando sentiu que o velho já tinha deblaterado bastante, disse:

— Posso mandar instalar o primeiro olho mágico e treinar dois homens sem que lhe custe nada, se quiser.

Wu e Poon o fitaram. Wu instantaneamente fechou a guarda.

— Como, sem que me custe nada?

— Eu pagaria.

Poon começou a dar risada, mas Wu sibilou:

— Cale a boca, idiota, e escute. O Choy Lucrativo sabe coisas que você não sabe! — Seus olhos brilhavam ainda mais. "Se um olho mágico, por que também não um brilhante? E se um brilhante, por que não um casaco de vison e toda a pilhagem que a putazinha bajuladora exige para continuar oferecendo sua fenda, mãos e boca entusiásticas?"

— Como vai pagá-lo, meu filho?

— Com o lucro.

— Que lucro?

— Quero o controle, por um mês, de seu dinheiro no Victoria.

— Impossível!

— Abrimos contas no valor de vinte e dois milhões quatrocentos e vinte e três mil dólares. Controle por um mês.

— Para fazer o que com ele?

— A Bolsa de Valores.

— Ah, jogar? Jogar com o meu dinheiro? Meu dinheiro suado? Jamais.

— Um mês. Rachamos os lucros, Pai.

— Ah, rachamos, é? É a porra do meu dinheiro, mas você quer a metade. Metade do quê?

— Talvez outros vinte milhões.

Paul Choy deixou a quantia no ar. Viu a avareza na fisionomia do pai, e soube que, embora as negociações fossem acaloradas, o negócio ia ser feito. Era apenas questão de tempo.

— Ayeeyah, é impossível, fora de cogitação!

O velho sentiu uma coceira lá embaixo, e coçou o lugar. O membro deu sinal de vida. Instantaneamente pensou em Vênus Poon, que o fizera ficar duro como não ficava há anos, e da peleja deles de logo mais.

— Quem sabe eu apenas pague esse olho mágico — disse, testando a firmeza do rapaz.

Paul Choy encheu-se de coragem.

— É, pode fazer isso, mas então eu vou embora de Hong Kong.

A língua de Wu dardejou, rancorosamente.

— Você irá embora quando eu mandar que vá.

— Mas, se eu não puder ser útil e pôr o meu treinamento dispendioso para funcionar, para que ficar? Pagou todo aquele dinheiro para que eu fosse um cafetão num dos seus Barcos do Prazer? Um marinheiro de convés num junco que pode ser violado à vontade pelo escaler dos demônios estrangeiros mais próximo? Não, é melhor que eu me vá! É melhor eu me tornar lucrativo para outra pessoa, para poder começar a lhe devolver o que investiu em mim. Darei um aviso prévio de um mês ao Barba Negra e vou embora.

— Você irá embora quando eu mandar que vá! — Wu acrescentou, malévolamente. — Você pescou em águas perigosas.

— É. — "E você também", quis acrescentar Paul Choy, sem medo. "Se acha que pode me chantagear, que estou preso a você, está enganado. Você é que está preso a mim, e tem mais a perder. Nunca ouviu falar em testemunhas de acusação em favor da Coroa, ou em acordos com base no testemunho?" Mas manteve em segredo a sua trama futura, para ser usada quando fosse necessário, e manteve o rosto polido e inexpressivo. — Todas as águas são perigosas, se os deuses decidirem que são perigosas — falou, enigmaticamente.

Wu deu uma profunda tragada no cigarro, sentindo a fumaça dentro de si. Percebera a mudança no jovem à sua frente. Havia visto muitas mudanças semelhantes, em muitos homens. Em muitos filhos e filhas. A experiência de seus longos anos de vida gritava: "Cautela! Este filhote é perigoso, muito perigoso! Acho que Poon Bom Tempo tinha razão: foi um erro trazer o Choy Lucrativo para bordo hoje. Agora sabe demais a nosso respeito.

"É. Mas isso é fácil de retificar, quando eu precisar", lembrou a si mesmo. "Qualquer dia ou qualquer noite. "

22h03m

— Bem, que diabo você vai fazer, Paul? — perguntou o governador a Havergill. Johnjohn estava com eles, no terraço do Palácio do Governo, depois do jantar, encostados à balaustrada baixa. — Santo Deus! Se o Victoria também ficar sem dinheiro, a ilha inteira estará arruinada, não é?

Havergill olhou ao seu redor para se certificar de que não estavam sendo ouvidos, e baixou a voz.

— Estivemos em contato com o Banco da Inglaterra, senhor. Até a meia-noite de amanhã, hora de Londres, haverá um avião-transporte da RAF em Heathrow atulhado de notas de cinco e dez libras. — Sua confiança habitual estava voltando. — Como já disse, o Victoria é perfeitamente seguro, tem absoluta liquidez, e nossos bens aqui e na Inglaterra são substanciais o bastante para cobrir qualquer eventualidade... bem... quase qualquer eventualidade.

— Nesse meio tempo, vocês podem não ter suficientes dólares de Hong Kong para agüentar a corrida?

— Não se... bem... o problema continuar. Mas tenho certeza de que tudo sairá bem, senhor.

Sir Geoffrey fitou-o.

— Que diabo! Como fomos nos meter nessa confusão?

— Joss — disse Johnjohn, com voz cansada. — Infelizmente, a Casa da Moeda não conseguirá imprimir suficientes dólares de Hong Kong para nós a tempo. Levaria semanas para imprimir e despachar a quantia de que precisamos, e não seria saudável termos todas essas notas extras na nossa economia. A moeda britânica será um tapa-buraco, senhor. Podemos anunciar que a... Casa da Moeda está trabalhando em regime de urgência para suprir nossas necessidades.

— E de quanto estamos realmente precisando? — perguntou o governador. Viu Paul Havergill e Johnjohn se entreolharem, o que aumentou a sua inquietação.

— Não sabemos, senhor — falou Johnjohn. — Em toda a colônia, além de nós mesmos, todos os outros bancos terão que penhorar seus títulos (assim como nós penhoramos os nossos temporariamente ao Banco da Inglaterra) para obterem o dinheiro de que precisam. Se cada depositante da colônia quiser cada um dos seus dólares de volta... — O suor agora era evidente no rosto do banqueiro. — Não temos meios de saber exatamente qual o grau de dificuldade dos outros bancos, ou a quantia dos seus depósitos. Ninguém sabe.

— Será que um avião-transporte da raf será suficiente? — Sir Geoffrey tentou não parecer sarcástico. — Quero dizer... bem... um bilhão de libras em notas de cinco e dez? Que diabo! Como vão conseguir reunir tal quantidade de notas?

Havergill enxugou a testa.

— Não sabemos, senhor, mas prometeram que o primeiro carregamento chegará na segunda à noite, o mais tardar.

— Não antes?

— Não, senhor. Antes é impossível.

— Não há mais nada que possamos fazer? Johnjohn engoliu em seco.

— Pensamos em pedir-lhe que declarasse feriado bancário para conter a maré, mas... concluímos (e o Banco da Inglaterra concordou) que, se o senhor o fizesse, a ilha ia endoidar.

— Não há com que se preocupar, senhor. — Havergill tentou parecer convincente. — No final da semana que vem já estará tudo esquecido.

— Eu não vou esquecer, Paul. E duvido que a China esqueça... ou nossos amigos, os deputados trabalhistas. Pode ser que tenham razão sobre a necessidade de alguma forma de controle bancário.

Os dois banqueiros reagiram ao comentário, e Paul Havergill disse, reprovadamente:

— Aqueles dois cretinos não sabem distinguir os próprios traseiros de um buraco na parede! Tudo está sob controle.

Sir Geoffrey ia discutir esse ponto, mas acabara de ver Rosemont, o vice-diretor da CIA, e Ed Langan, o homem do FBI, aparecerem no terraço.

— Quero estar a par de tudo. Quero um relatório completo ao meio-dia. Podem me dar licença um minuto? Por favor, sirvam-se de mais bebida.

Saiu para interceptar Rosemont e Langan.

— Como vão?

— Muito bem, senhor, obrigado. Bela festa. — Os dois americanos observaram Havergill e Johnjohn voltarem para dentro da casa. — Como vão nossos amigos banqueiros? — indagou Rosemont.

— Bem, muito bem.

— Aquele deputado socialista, o Grey, estava deixando Havergill irritado como o diabo!

— E o tai-pan também — acrescentou Ed Langan, com uma risada.

— Ah, não sei, não — comentou o governador, despreocupadamente. — Um pouquinho de oposição é uma boa coisa, não é? Não é assim que deve ser a democracia, no seu melhor aspecto?

— E o Vic, senhor? Como vai indo a corrida?

— Nenhum problema que não possa ser solucionado — replicou Sir Geoffrey, com o seu charme tranqüilo. — Não há com que se preocupar. Quer me dispensar um momento, sr. Langan?

— Mas certamente, senhor. — O americano sorriu. — Eu já ia embora.

— Não da minha festa! Só para ir se servir de mais uma bebida, não é?

— Sim, senhor.

Sir Geoffrey foi para o jardim com Rosemont. As árvores ainda estavam pingando, e a noite estava escura. Ele se manteve numa trilha que estava empoçada e lamacenta.

— Temos um probleminha, Stanley. O sei acaba de pegar um dos seus marujos do porta-aviões passando segredos para um sujeito do KGB. Ambos...

Rosemont parou, estupefato.

— Alguém do Ivánov?

— É.

— O Suslev? O comandante Suslev?

— Não, não, o nome não é esse. Posso sugerir-lhe que entre em contato com Roger imediatamente? Ambos estão sob custódia, ambos foram acusados segundo a Lei dos Segredos Oficiais, mas já falei com o ministro em Londres, e ele concorda em que você se encarregue do seu sujeito imediatamente... fica menos embaraçoso, não é? Parece que ele... bem... lida com computadores.

— Filho da puta! — murmurou Rosemont, enxugando com a palma da mão o suor repentino da face. — O que foi que ele entregou?

— Não sei exatamente. Roger lhe dará todos os detalhes.

— Também vamos poder interrogar... entrevistar o sujeito do KGB?

— Por que não discute isso com Roger? O ministro também está em contato direto com ele. — Sir Geoffrey hesitou. — Eu... bem... estou certo de que você entende que...

— Sim, naturalmente. Desculpe, senhor. É... melhor eu ir imediatamente.

O rosto de Rosemont estava completamente sem cor, e ele se retirou rapidamente, levando Ed Langan consigo.

Sir Geoffrey soltou um suspiro. "Malditos espiões, malditos bancos, malditos toupeiras e malditos socialistas idiotas, que não entendem nada de Hong Kong. " Olhou para o relógio. Hora de encerrar a festa.

Johnjohn entrou na ante-sala. Dunross estava perto do bar.

— Ian?

— Oh, alô! Quer a saideira? — perguntou Dunross.

— Não, obrigado. Posso lhe falar um instante em particular?

— Claro. Terá que ser rapidamente, estou de saída. Disse que deixaria os nossos simpáticos deputados nas balsas.

— Você também está de posse de um "bilhete rosa?" Dunross deu um leve sorriso.

— Na verdade, meu velho, estou de posse de um sempre que quero, quer Penn esteja aqui, quer não.

— É. Você tem sorte, sempre teve a vida bem organizada — falou Johnjohn, sombriamente.

— Joss.

— Eu sei. — Johnjohn foi na frente, até a varanda. — Que horrível o que houve com John Chen, não é?

— É. Phillip está sofrendo demais. Onde está Havergill?

— Saiu faz alguns minutos.

— Ah, foi por isso que você falou em "bilhete rosa"! Ele está farreando?

— Não sei.

— E quanto a Lily Su, de Kowloon? Johnjohn fitou-o.

— Ouvi dizer que Paul está apaixonado — continuou Dunross.

— Como é que você consegue saber tanta coisa? Dunross deu de ombros. Estava se sentindo cansado e inquieto. Fora difícil não perder a paciência várias vezes, naquela noite, cada vez que Grey se metia em outra discussão acalorada com alguns dos tai-pans.

— A propósito, Ian, tentei fazer com que Paul convocasse uma reunião de diretoria, mas isso não é da minha competência.

— Claro.

Estavam numa ante-sala menor. Boas pinturas em seda chinesa, lindos tapetes persas e prataria. Dunross notou que a tinta estava descascando nos cantos da sala e nas molduras do teto, e isso o ofendeu. "Esta é a sede do governo britânico, e não devia haver tinta descascando. "

O silêncio ficou pesado. Dunross fingiu examinar alguns dos exóticos vidros de rapé que estavam numa prateleira.

— Ian... — começou Johnjohn, e mudou de idéia. Começou de novo. — Isso é só entre nós. Conhece o Tiptop Toe muito bem, não é?

Dunross fitou-o. Tiptop Toe era o apelido que davam a Tip Tok-toh, um homem de meia-idade de Hunan, a província natal de Mao Tsé-tung, que chegara a Hong Kong durante o êxodo de 1950. Ninguém parecia saber nada a seu respeito. Ele não incomodava ninguém, tinha um pequeno escritório no Edifício Princes e vivia bem. Ao longo dos anos ficou evidente que tinha contatos muito particulares dentro do Banco da China, e passou-se a presumir que ele era o contato não-oficial oficial do banco. Ninguém conhecia a posição dele na hierarquia, mas corria o boato de que era muito alta. O Banco da China era o único braço comercial da RPC fora da China, portanto, todos os seus compromissos e contatos eram firmemente controlados pela hierarquia governante em Pequim.

— O que é que tem o Tiptop? — perguntou Dunross, fechando a guarda, pois simpatizava com Tiptop, um homem encantador, de fala mansa, que gostava de conhaque e falava um inglês excelente, embora, em obediência ao costume, quase sempre utilizasse os serviços de um intérprete. Suas roupas eram bem-talhadas, embora a maioria das vezes usasse um paletó maoísta, se parecesse um pouco com Chu En-lai e fosse tão sagaz quanto este. Na última vez que Dunross negociara com ele fora sobre alguns aviões civis que a RPC queria. Tip Tok-toh arranajara as letras de crédito e financiamento através de vários bancos suíços e estrangeiros, em vinte e quatro horas.

"O Tiptop é sagaz, Ian", dissera Alastair Struan muitas vezes. "Você tem que ficar de olho aberto, mas ele é o homem com quem se deve lidar. Eu diria que ocupa uma posição muito alta no partido, em Pequim. Muito. "

Dunross observava Johnjohn, disfarçando sua impaciência. O homem menor pegara um dos vidros de rapé. Os vidros eram minúsculos, de cerâmica, de jade ou de vidro puro... muitos deles lindamente pintados por dentro do vidro: paisagens, dançarinas, flores, pássaros, marinhas, até mesmo poemas numa caligrafia incrivelmente delicada.

— Como é que fazem isso, Ian? Pintar assim por dentro?

— Ah, usam um pincelzinho muito fino. O cabo do pincel fica num ângulo de noventa graus. Em mandarim dão-lhe o nome de li myan huai, "pintura na face interna".

Dunross segurou um vidro elíptico que tinha uma paisagem num dos lados, um buquê de camélias no outro, e caligrafia miudinha sobre as pinturas.

— Espantoso! Que paciência! O que está escrito? Dunross olhou para a coluna miúda de caracteres.

— Ah, é uma das máximas de Mao: "Conheça a si mesmo, conheça o seu inimigo; uma centena de batalhas, uma centena de vitórias". Na realidade, o presidente Mao copiou isso de Sun Tse.

Pensativo, Johnjohn examinou o vidro. As janelas às suas costas estavam abertas. Uma leve brisa torcia as cortinas.

— Quer falar com Tiptop por nós?

— Sobre quê?

— Queremos pedir emprestado o dinheiro do Banco da China.

— Hem? — exclamou Dunross, fitando-o, boquiaberto.

— É, por uma semana, mais ou menos. Eles estão cheios até a tampa de dólares de Hong Kong, e não há corrida ao banco deles. Chinês algum ousaria fazer fila diante do Banco da China. Eles têm dólares de Hong Kong como parte de suas operações cambiais no exterior. Pagaríamos bons juros pelo empréstimo, e daríamos a garantia de que precisassem.

— É um pedido formal do Victoria?

— Não. Não pode ser formal. A idéia é minha. Nem a discuti com Paul... só com você. Quer falar com ele?

A excitação de Dunross chegou ao auge.

— Vocês me darão o empréstimo de cem milhões amanhã às dez horas?

— Lamento, não posso fazer isso.

— Mas Havergill pode.

— Pode, mas não o fará.

— Então, por que eu deveria ajudar?

— Ian, se o banco não estiver tão sólido quanto o Pico, o mercado vai entrar em colapso, e a Casa Nobre também.

— Se eu não conseguir algum financiamento rapidinho, estou na merda, de qualquer maneira.

— Farei o que puder, mas quer falar logo com o Tiptop? Peça-lhe. Eu não posso procurá-lo... ninguém pode, oficialmente. Você estaria prestando um grande serviço à colônia.

— Garanta o meu empréstimo e falo com ele ainda hoje. Olho por olho, empréstimo por empréstimo.

— Se você conseguir dele a promessa de um crédito de meio bilhão em espécie até as duas da tarde de amanhã, arranjaré o apoio de que você precisa.

— Como?

— Não sei!

— Dê-me isso por escrito até as dez da manhã de amanhã, assinado por você, Havergill e a maioria da diretoria, e eu irei vê-lo.

— Não é possível.

— Que pena! Olho por olho, empréstimo por empréstimo.

— Dunross se levantou. — Por que o Banco da China deveria salvar a pele do Victoria?

— Somos Hong Kong — disse Johnjohn, com grande confiança. — Nós somos. Somos o Victoria Bank of Hong Kong and China! Somos velhos amigos da China. Sem nós nada existe... a colônia cairia aos pedaços, e a Struan também, com elas a maior parte da Ásia.

— Não aposte nisso!

— Sem os bancos, especialmente o nosso, a China estaria numa pior. Há anos que somos sócios da China.

— Então peça ao Tiptop você mesmo.

— Não posso. — O queixo de Johnjohn estava empinado.

— Sabia que o Banco Mercantil de Moscou pediu novamente licença para operar em Hong Kong?

Dunross soltou uma exclamação abafada.

— Se eles entrarem na jogada, vamos todos ficar atropalhadíssimos!

— Ofereceram-nos, particularmente, uma quantidade substancial de dólares de Hong Kong, imediatamente.

— A diretoria vai votar contra.

— A questão, meu caro, é que se você já não fizer parte da diretoria, a nova diretoria pode fazer o que lhe der na telha

— disse Johnjohn, simplesmente. — Se a "nova" diretoria concordar, o governador e o escritório colonial podem ser facilmente persuadidos. Seria um preço pequeno a pagar... para salvar os nossos dólares. Tão logo um banco oficial soviético se instale aqui, que outras coisas poderiam aprontar, hem?

— Você é pior do que o maldito Havergill!

— Não, amigão, melhor! — O ar de pilhéria deixou o rosto do banqueiro. — Qualquer mudança maior, e nós nos tornamos a Casa Nobre, quer você queira, quer não. Muitos dos nossos diretores preferem vê-lo pelas costas, a qualquer preço. Estou apenas lhe pedindo um favor em benefício de Hong Kong, e portanto, de você mesmo. Não se esqueça, Ian, o Victoria não vai afundar. Vamos sair feridos, mas não arruinados. — Enxugou uma gota de suor. — Sem

ameaças, Ian, estou lhe pedindo um favor. Algum dia, posso ser o presidente da junta diretora, e não vou esquecer.

— Haja o que houver.

— Exatamente, meu velho — disse Johnjohn, docemente, e foi até o aparador. — Que tal a saideira agora? Conhaque?

Robin Grey estava sentado no banco de trás do Rolls de Dunross com Hugh Guthrie e Julian Broadhurst. Dunross sentava-se à frente, ao lado do chofer uniformizado. As vidraças estavam embaçadas. Ociosamente, Grey procurou desembaçá-las, apreciando o luxo do couro cheiroso.

"Logo vou ter um desses", pensou. "Um Rolls só meu. Com chofer. E em breve todos esses filhos da mãe vão estar rastejando, inclusive o maldito Ian Dunross. E Penn! Ah, é, a minha querida e meiga irmã vai assistir à humilhação dos poderosos. "

— Será que vai chover de novo? — perguntava Broadhurst.

— Vai — replicou Dunross. — Este temporal pode se transformar num tufão em alta escala... pelo menos é o que disse o Departamento de Meteorologia. Hoje recebi um informe do Eastern Cloud, um dos nossos cargueiros que está vindo para cá, e está próximo de Cingapura. Ele diz que o mar está agitado até por lá, bem ao sul.

— O tufão vai atingir Hong Kong, tai-pan? — perguntou Guthrie, o deputado liberal.

— Nunca se sabe. Eles podem vir direto para cima de você, depois se desviar no último minuto. Ou o contrário.

— Lembro-me de ter lido sobre o tufão Wanda, no ano passado. Foi uma barra, não?

— O pior que já vi. Mais de duzentos mortos, milhares de feridos, dezenas de milhares desabrigados. — Dunross estava com o braço no encosto, meio virado para trás. — O tai-fun, Ventos Supremos, atingiu uma velocidade de duzentos e setenta quilômetros por hora no Observatório Real, de trezentos em Tate's Cairn. O olho do furacão caiu sobre nós na maré alta. Portanto, em certos lugares, nossas marés ficaram a sete metros acima do normal.

— Céus!

— É. Em Sha Tin, nos Novos Territórios, as rajadas de vento sopraram o macaréu canal acima, destruíram o abrigo contra tempestade, empurraram os barcos de pesca uns oitocentos metros terra adentro, na rua principal, e afogaram a maior parte da aldeia. Um total de mil barcos de pesca desapa-

receram, oito cargueiros encalharam. Milhões de dólares em danos, a maioria das nossas favelas lançadas ao mar. — Dunross deu de ombros. — Uma pena! Mas, considerando a enormidade da tormenta, até que os danos marítimos foram incrivelmente pequenos. — Seus dedos tocaram o assento de couro. Grey notou o anel de ouro pesado e heliotrópio, com o timbre de Dunross. — Um tufão de verdade nos mostra como somos realmente insignificantes — falou Dunross.

— Pena não termos tufões diariamente — disse Grey, sem conseguir se conter. — Bem que podíamos ver os poderosos de Whitehall humilhados duas vezes ao dia.

— Você é realmente um chato, Robin — disse Guthrie.

— Tem sempre que fazer um comentário amargo?

Grey voltou a ficar macambúzio, e fechou os ouvidos à conversa dos outros. "Para o diabo todos eles!", pensou.

Logo o carro parou diante do Mandarin. Dunross saltou.

— O carro os levará para casa, para o Vic. Até sábado, se não nos virmos antes. Boa noite.

O carro se afastou. Rodeou o imenso hotel, depois dirigiu-se para a balsa que ficava ligeiramente a leste do Terminal da Balsa Dourada, na Connaught Road. No terminal, uma fila malfeita de carros e caminhões esperava. Grey saltou.

— Acho que vou esticar as pernas, voltar para o terminal e atravessar numa das barcas — disse, com simpatia forçada.

— Estou precisando de exercício. Boa noite.

Caminhou ao longo do cais da Connaught Road rapidamente, aliviado por ter se livrado deles com tanta facilidade. "Malditos idiotas", pensou, a excitação crescendo. "Bem, não vai demorar muito para que todos recebam o que merecem, principalmente Broadhurst. "

Quando teve certeza de que estava livre, parou sob um poste de luz, criando um remoinho no fluxo de pedestres que andavam, apressados, e fez sinal para um táxi.

— Tome — disse, e entregou ao motorista um endereço datilografado num pedaço de papel.

O motorista segurou-o, fitou-o, e coçou a cabeça, carrancudo.

— Está em chinês. Está em chinês no verso — disse Grey, para ajudar.

O motorista nem deu bola. Simplesmente fitou, com cara de bobo, o endereço em inglês. Grey estendeu a mão e virou o papel para que ele lesse.

— Olhe!

Prontamente o motorista virou outra vez o papel, com insolência, e olhou de novo para o endereço em inglês. Depois arrotou, engrenou o carro com um solavanco e se meteu no trânsito barulhento.

"Cachorrão grosseiro", pensou Grey, subitamente enraivecido.

O táxi mudava de marcha ruidosa e continuamente, ao entrar na cidade, andando por ruas de mão única e becos estreitos para voltar para a Connaught Road.

Finalmente, pararam diante de um prédio de apartamentos velho e sujo, numa rua suja. A calçada estava quebrada, era estreita e empoçada. Os veículos atrás deles buzonavam com impaciência para o carro parado. Grey não via número algum. Saltou, disse ao

motorista para esperar e andou até o que parecia ser uma porta lateral. Havia um velho sentado numa cadeira surrada, fumando e lendo um jornal de corridas sob uma lâmpada nua.

— Aqui é a Kwan Yik Street, 68, Kennedy Town? — indagou Grey, educadamente.

O velho olhou para ele como se fosse um monstro do espaço, depois desandou a falar num cantonense rabugento.

— Kwan Yik Street, 68 — repetiu Grey, mais devagar e mais alto. — Ken-ned-dy Town?

Mais um fluxo de cantonense gutural e um aceno insolente na direção de uma portinha. O velho escarrou, cuspiu e voltou a ler o seu jornal com um bocejo.

— Filho da mãe cretino — murmurou Grey, com a raiva subindo à cabeça. Abriu a porta. Lá dentro viu um saquão pequenino e encardido, com a tinta descascando, uma fila des-conjuntada de caixas de correio com nomes. Com grande alívio, viu o nome que buscava.

Voltando para junto do táxi, abriu a carteira e olhou para o valor marcado no taxímetro cuidadosamente, duas vezes, antes de pagar ao homem.

O elevador era minúsculo, claustrofóbico, nojento, e rangia à medida que subia. No quarto andar ele saltou e apertou o botão do número 44. A porta se abriu.

— Sr. Grey, mas que honra! Molly, Sua Excelência chegou! — Sam Finn abriu um amplo sorriso ao vê-lo. Era natural de Yorkshire, grande, robusto, rosado, olhos azul-claros, ex-mineiro de carvão e representante sindical com amigos importantes no Partido Trabalhista e no Conselho dos Sindicatos. Tinha o rosto profundamente vincado e marcado, o pó de carvão entranhado nos poros. — Puxa vida, mas que prazer!

— Obrigado, sr. Finn. Para mim também é um prazer conhecê-lo. Ouvi muita coisa a seu respeito

Grey tirou a capa de chuva e aceitou agradecido uma cerveja.

— Sente-se.

O apartamento era pequeno, imaculadamente limpo, o mobiliário, barato. Cheirava a lingüiça frita, batata frita e pão frito. Molly Finn saiu da cozinha, as mãos e os braços vermelhos de anos de esfregar e lavar. Era baixinha e rotunda, da mesma cidade mineira, da mesma idade, sessenta e cinco anos, e forte como o marido.

— Ora essa — exclamou, calorosamente —, foi a maior surpresa que tivemos quando soubemos que o senhor viria nos visitar.

— Nossos amigos comuns queriam saber em primeira mão como vão indo vocês.

— Vamos indo muito bem. Muito bem mesmo — falou Finn. — Claro que não é como o nosso lar em Yorkshire, e sentimos falta dos nossos amigos e do sindicato, mas temos cama e um pouco de comida. — Ouviu-se o ruído de uma privada dando descarga. — Temos um amigo que achamos que gostaria de conhecer — disse Finn, sorrindo de novo.

— É?

— É — disse Finn.

A porta do banheiro se abriu. O barbudo grandão estendeu a mão, calorosamente.

— Sam já me falou muito do senhor, sr. Grey. Sou o comandante Grigóri Suslev, da marinha soviética. Meu navio é o Ivánov. Estamos fazendo pequenos reparos neste refúgio capitalista.

Grey apertou a mão dele, formalmente.

— Prazer em conhecê-lo.

— Temos alguns amigos comuns, sr. Grey.

— É?

— É, Zdenek Hanzolova, de Praga.

— Ah, mas claro! — Grey sorriu. — Conheci-o numa visita da Delegação Comercial Parlamentar à Tchecoslováquia, no ano passado.

— O que achou de Praga?

— Muito interessante. Muito. Mas não gostei da repressão... ou da presença soviética.

Suslev achou graça.

— Foram eles que nos convidaram. Gostamos de cuidar dos nossos amigos. Mas há muita coisa que eu também não aprovo. Lá, na Europa. Até mesmo na Mãe Rússia.

— Sentem-se, por favor. Sentem-se — disse Finn. Sentaram-se ao redor da mesa de jantar, na sala de estar que agora exibia uma toalha de mesa branca e limpa, sobre a qual havia um vaso de aspidistras.

— Naturalmente, o senhor sabe que não sou comunista, nem nunca fui — disse Grey. — Não aprovo um Estado policial. Estou totalmente convencido de que o nosso socialismo democrático britânico é o caminho do futuro. Parlamento, representantes eleitos, e tudo o que isso significa, embora muitas das idéias marxistas-leninistas tenham grande valor.

— Política! — exclamou Grigóri Suslev, reprovadora-mente. — Devemos deixar a política para os políticos.

— O sr. Grey é um dos nossos melhores porta-vozes no Parlamento, Grigóri. — Molly Finn virou-se para Grey. — Grigóri também é um bom sujeito, sr. Grey. Não é um desses safados. — Sorveu o seu chá. — Grigóri é um bom sujeito.

— É isso aí, garota — disse Finn.

— Não bom demais, espero — disse Grey, e todos acharam graça. — O que fez com que resolvesse residir aqui, Sam?

— Quando nos aposentamos, Molly e eu, queríamos ver um bocado do mundo. Tínhamos posto de lado um pouco de dinheiro. Descontamos uma apólice de seguros que tínhamos e arrumamos vaga num cargueiro...

— Puxa, mas nos divertimos muito — interrompeu Molly Finn. — Estivemos em tantos lugares estrangeiros. Foi mesmo uma beleza. Mas, quando viemos para cá, Sam não estava se sentindo muito bem. Portanto, desembarcamos e ficamos esperando a volta do cargueiro.

— É isso aí, garota — disse Sam. — Então, conheci um sujeito muito simpático, e ele me ofereceu um emprego. — Abriu um sorriso e esfregou as marcas pretas no rosto. — Eu ia ser consultor de algumas minas das quais ele era o superintendente, num lugar chamado Formosa. Estivemos lá uma vez, mas não havia necessidade de ficar, por isso voltamos para cá. É só isso, sr. Grey. Ganhamos um dinheirinho, a cerveja é boa, por isso Molly e eu achamos melhor ficar. Nossos filhos estão todos crescidos... — Abriu outro sorriso, mostrando os dentes obviamente falsos. — Agora somos cidadãos de Hong Kong.

Bateram papo, amigavelmente. Grey teria sido completamente convencido pela história criada pelos Finns como

"cobertura" se não tivesse lido o dossiê particular dele antes de sair de Londres. Muito pouca gente sabia que durante anos Finn havia sido membro do pcb, o Partido Comunista Britânico. Ao se aposentar, fora enviado para Hong Kong por um de seus comitês internos secretos. Sua missão era servir como fonte de informação sobre qualquer coisa relacionada com a burocracia e legislação de Hong Kong.

Dali a alguns minutos, Molly Finn abafou um bocejo.

— Puxa vida, como estou cansada! Se me derem licença, acho que vou para a cama

Sam falou:

— Pode ir, garota.

Conversaram mais um pouco sobre assuntos corriqueiros, depois também bocejou.

— Se me derem licença, acho que também vou dormir. — E acrescentou, apressadamente: — Podem ficar, conversem à vontade. Nós nos veremos antes que deixe Hong Kong, sr. Grey... Grigóri.

Apertou a mão deles e fechou a porta atrás de si. Suslev foi até o aparelho de tv e ligou-o, com uma risada.

— Já assistiu à televisão de Hong Kong? Os comerciais são gozadíssimos.

Ajustou o som numa altura suficiente para que pudessem conversar sem serem ouvidos.

— Todo o cuidado é pouco, hem?

— Trago-lhe saudações fraternas de Londres — disse Grey, a voz igualmente suave. Desde 1947 era um comunista atuante, porém ainda mais secretamente que Finn, sua identidade conhecida apenas por uma meia dúzia de pessoas na Inglaterra.

— E eu as retribuo. — Suslev indicou com o polegar a porta fechada. — O que eles sabem?

— Apenas que sou esquerdista e material em potencial para o partido.

— Excelente. — Suslev descontraíu-se. O Centro fora muito astuto em providenciar aquele encontro particular tão habilmente. Roger Crosse, que nada sabia de sua ligação com Grey, lhe contara que não havia espias do sei atrás dos deputados. — Estamos seguros aqui. O Sam é muito bom. Também recebemos cópias dos relatórios dele. E ele não faz perguntas. Vocês, britânicos, são muito reservados e eficientes, sr. Grey. Dou-lhe os parabéns.

— Obrigado.

— Como foi sua reunião em Pequim? Grey pegou uma pilha de papéis.

— Eis uma cópia dos nossos relatórios públicos e particulares para o Parlamento. Leia-os antes que eu me vá... vocês receberão o relatório completo através dos canais competentes. Em resumo, acho que os chineses são totalmente hostis e revisionistas. O maluco do Mao e seu capanga Chu En-lai são inimigos implacáveis do comunismo internacional. A China é fraca em tudo, exceto na vontade de lutar, e lutará até o fim para proteger sua terra. Quanto mais vocês esperarem, mais difícil será contê-los. Mas, enquanto não obtiverem armas nucleares e sistemas de lançamento de longo alcance, jamais serão uma ameaça.

— Sei. E quanto ao comércio? O que queriam?

— Indústrias pesadas, aparelhagem para destilação de petróleo sob pressão, equipamentos para extração do petróleo,

laboratórios químicos, usinas de aço.

— E como vão pagar?

— Dizem que suas operações cambiais no exterior são significativas. Hong Kong tem um papel importante nisso.

— Pediram armamentos?

— Não. Não diretamente. São espertos, e não era sempre que nos falávamos ou nos encontrávamos em grupo. Foram avisados sobre mim e Broadhurst, e não éramos apreciados... nem confiavam em nós. Pode ser que tenham conversado em particular com Pennyworth ou outro dos conservadores... embora isso de nada lhes adiantasse. Soube que ele morreu?

— Soube.

— Menos mal. Era um inimigo. — Grey sorveu sua cerveja. — A China Vermelha quer armas, estou certo disso. Uma turma reticente e nojenta.

— Que tal é Julian Broadhurst?

— Um intelectual que se julga socialista. É o fim da picada, mas é útil, no momento. Aristocrático, fiel às tradições do seu colégio — debochou Grey. — Por causa disso, vai ser um homem forte no próximo governo trabalhista.

— Os trabalhistas vão vencer as próximas eleições, sr. Grey?

— Não, não creio, embora estejamos dando duro para ajudar os trabalhistas e os liberais.

Suslev franziu o cenho.

— Por que apoiar os liberais? São capitalistas. Grey deu uma risada sardônica,

— Não compreende o nosso sistema britânico, comandante Suslev. Temos muita sorte. Uma eleição de três partidos num sistema bipartidário. Os liberais dividem os votos, a nosso favor. É preciso encorajá-los. — Alegrementemente, acabou sua cerveja e pegou mais duas da geladeira. — Se não fosse pelos liberais, o Partido Trabalhista nunca teria ganho, nunca! E nunca poderia ganhar outra vez.

— Não estou entendendo.

— Na melhor das hipóteses, os votos dos trabalhistas correspondem a apenas quarenta e cinco por cento da população, um pouco menos. Os dos tories, o Partido Conservador, atingem a mesma proporção, geralmente um pouquinho mais. A maior parte dos dez por cento restantes votam nos liberais. Se não houvesse candidatos do Partido Liberal, a maioria votaria nos conservadores. São todos uns idiotas — falou, com ar complacente. — Os britânicos são burros, camarada, o Partido Liberal é o passaporte permanente dos trabalhistas para o poder... e, portanto, o nosso. Em breve o pcb controlará o Conselho Sindical, e deste modo, o Partido Trabalhista... secretamente, é claro. — Bebeu a cerveja em longos goles. — A grande maioria dos pobres ingleses são burros, a classe média é burra, a classe alta é burra... quase já deixou de ser um desafio. São todos uns lemingues. Pouquíssimos acreditam no socialismo democrático. Mesmo assim — acrescentou com grande satisfação —, derrubamos o seu império podre e mijamos em cima deles com a Operação Leão. — A Operação Leão fora formulada tão logo os bolcheviques obtiveram o poder. Seu propósito era a destruição do Império Britânico. — Em apenas dezoito anos, desde 1945, o maior império que o mundo já conheceu deixou de existir.

— Exceto por Hong Kong.

— Em breve também ela não existirá mais.

— Tenho prazer em lhe dizer que meus superiores consideram muito importante o seu trabalho — disse Suslev, com uma admiração declarada e fingida. — Seu e de todos os nossos irmãos britânicos fraternos.

Recebera ordens de tratar aquele homem com deferência, para descobrir tudo o que ele vira em sua missão chinesa, e passar adiante instruções como pedidos. E de adulá-lo. Lera os dossiês de Grey e dos Finns. Robin Grey tinha uma classificação Béria-KGB 4/22/a: "Um importante traidor britânico fin-gidamente devotado aos ideais marxistas-leninistas. Deve ser usado, mas sem que se confie nele jamais, e, caso o Partido Comunista Britânico suba ao poder, está sujeito à liquidação imediata".

Suslev observava Grey. Nem Grey nem os Finns conheciam seu verdadeiro posto. Sabiam apenas que era um membro de pouca importância do Partido Comunista de Vladivostok — o que também constava do seu dossiê do sei.

— Tem alguma informação para mim? — indagou Grey.

— Tenho, továrich. E, com a sua permissão, também algumas perguntas. Pediram-me que lhe perguntasse acerca da implementação da Diretriz 72/Praga,

Essa diretriz altamente secreta dava prioridade máxima à infiltração de peritos dedicados e secretos na função de representantes sindicais em todas as fábricas de automóveis dos Estados Unidos e do Ocidente. A indústria automobilística, devido às suas inúmeras indústrias afins, era o âmago de qualquer sociedade capitalista.

— Estamos indo a todo o vapor — disse Grey, entusiasticamente. — As greves não autorizadas são o caminho do futuro. Com essas greves, podemos driblar as hierarquias sindicais sem desintegrar o sindicalismo existente. Nossos sindicatos estão fragmentados. Deliberadamente. Cinqüenta homens podem formar um sindicato independente, e esse sindicato pode dominar milhares... e enquanto não houver voto secreto, a minoria sempre dominará a maioria! — Ele riu. — Já estamos com a programação adiantada, e agora temos irmãos fraternos no Canadá, na Nova Zelândia, Rodésia, Austrália... especialmente na Austrália. Dentro de alguns anos teremos agitadores treinados em cada sindicato-chave metalúrgico do mundo de língua inglesa. Um britânico liderará os operários sempre que houver uma greve... em Sydney, Vancouver, Johannesburg, Wellington. Será sempre um britânico!

— E o senhor é um dos líderes, továrich! Que maravilha!

— Suslev deixou que ele continuasse, dando-lhe corda, enojado por ser tão fácil adúlá-lo. "Como os traidores são nojentos!", pensou. — Logo o senhor terá o paraíso democrático que procura, e haverá paz na terra.

— Não vai demorar muito — disse Grey, fervorosamente.

— Fizemos cortes nas forças armadas, e faremos cortes ainda maiores no ano que vem. A guerra acabou para sempre. A bomba conseguiu isso. O único obstáculo são os nojentos americanos, e sua corrida armamentista, mas logo os forçaremos a depor as armas, e todos seremos iguais.

— Sabia que os americanos estão armando secretamente os japoneses?

— Hem? — exclamou Grey, fitando-o.

— Ah, não sabia? — Suslev sabia muito bem que Grey passara três anos e meio em campos de prisioneiros de guerra japoneses. — Não sabia que uma missão militar americana está no país, oferecendo-lhes armas nucleares?

— Não teriam coragem!

— Mas tiveram, sr. Grey — disse Suslev, mentindo com facilidade. — Claro que é totalmente secreto.

— Pode me dar detalhes para usar no Parlamento?

— Bem, é claro que pedirei a meus superiores para fornecê-los, se acha que terão valor.

— Por favor, o mais breve possível... Bombas nucleares... Santo Deus!

— Seu pessoal, seus peritos treinados, também estão infiltrados nas usinas nucleares britânicas?

— Como? — Grey concentrou-se com esforço, desviando o pensamento do Japão. — Usinas nucleares?

— É. Seu pessoal está sendo utilizado lá também?

— Bem... não. Há apenas uma ou duas usinas no Reino Unido, e não são importantes. Os ianques estão mesmo armando os japoneses?

— O Japão não é capitalista? O Japão não é um protegido dos Estados Unidos? Não estão construindo também usinas nucleares? Se não fosse pelos Estados Unidos...

— Aqueles calhordas americanos! Graças a Deus vocês também têm as bombas, ou todos teríamos que rastejar!

— Talvez devam concentrar algum esforço nas usinas nucleares — disse Suslev, suavemente, impressionado por Grey ser tão crédulo.

— Por quê?

— Existe um novo estudo, feito por um conterrâneo seu, Philby.

— Philby? — Grey lembrava-se de como ficara chocado e assustado com a descoberta e a fuga de Philby, e do alívio que sentira quando Philby e os outros conseguiram escapar sem fornecer as listas do círculo interno do pcb, que obviamente deviam ter. — Como vai ele?

— Ao que me consta, muito bem. Está trabalhando em Moscou. Conhecia-o?

— Não. Ele era do Ministério do Exterior, das altas esferas. Nenhum de nós sabia que ele era um dos nossos.

— Ele ressalta no seu estudo que uma usina nuclear é auto-suficiente, que uma usina pode gerar combustível para si mesma e para outras. Uma vez instalada, é quase perpétua. Necessita apenas de uns poucos técnicos altamente preparados e especializados para operá-la, nada de trabalhadores, ao contrário do petróleo ou do carvão. No momento, todas as indústrias do Ocidente dependem do carvão ou do petróleo. Ele sugere que seja nossa política encorajar o uso do petróleo, não do carvão, e desencorajar completamente a força nuclear. Entendeu?

— Ah, entendi! — A fisionomia de Grey ficou mais dura. — Vou fazer parte do comitê parlamentar para estudo da energia atômica.

— E isso será fácil?

— Fácil demais, camarada! Os ingleses são uma cambada de preguiçosos. Não querem problemas. Só querem trabalhar o mínimo possível, pelo máximo de dinheiro possível, ir aos bares e ao futebol aos sábados... e nada de trabalho voluntário, nada de comitês aborrecidos depois do expediente, nada de discussão. É fácil demais... quando se tem um plano, e eles não.

Suslev soltou um suspiro, muito satisfeito, seu trabalho quase encerrado.

— Outra cerveja? Não, deixe que eu pego. É uma honra para mim, sr. Grey. O senhor por acaso conhece um escritor que está aqui no momento, um cidadão americano, Peter Marlowe?

Grey levou um susto.

— Marlowe? Conheço-o muito bem, mas não sabia que era cidadão americano. Por quê?

Suslev disfarçou seu interesse e deu de ombros.

— Pediram-me que lhe perguntasse, já que o senhor é inglês, e ele era originariamente inglês.

— Ele é um calhorda nojento da classe alta, com a moralidade de um mascate. Há anos que não o vejo, desde 45, até que apareceu aqui. Também estive em Changi. Só ontem fiquei sabendo que era escritor, ou um desses roteiristas de cinema. O que há de tão importante nele?

— É um escritor — disse Suslev, prontamente. — Faz filmes, Com a televisão, os escritores podem atingir milhões de pessoas. O Centro se mantém a par das atividades dos escritores ocidentais, por uma questão de orientação política. Ah, sim, sabemos como são importantes os escritores na Mãe Rússia. Nossos escritores sempre nos indicaram o caminho, sr. Grey. Formaram nossos pensamentos e sentimentos, Tolstói, Dos-toiévski, Tchékhov, Bunin... — Acrescentou, com orgulho: — Os escritores são nossos batedores. É por isso que, atualmente, precisamos orientá-los em sua formação e controlar o seu trabalho, ou enterrá-lo. — Olhou para Grey. — Vocês deveriam fazer o mesmo.

— Nós apoiamos os escritores simpatizantes, comandante, e infernizamos o outro tipo como podemos, seja pública ou particularmente. Quando chegar a casa, vou pôr Marlowe na nossa lista negra do pcb nos meios de comunicação. Será fácil causar-lhe algum prejuízo... temos muitos amigos nos meios de comunicação.

— Já leu o livro dele? — indagou Suslev, acendendo um cigarro.

— O tal sobre Changi? Não, não li. Nunca ouvira falar nele até chegar aqui. Provavelmente não foi publicado na Inglaterra. Além disso, não tenho muito tempo para ler ficção. E se foi ele quem o escreveu, deve ser uma merda de livro de "gente bem", e mal escrito, e... bem, Changi é Changi, e é melhor esquecê-la. — Um arrepio o percorreu, e ele nem o notou. — É, melhor esquecê-la.

"Mas não posso", tinha vontade de gritar. "Não posso esquecer, e ainda é um pesadelo sem fim, aqueles dias no campo, ano após ano, dezenas de milhares morrendo, tentando fazer cumprir a lei, tentando proteger os fracos contra os nojentos do mercado negro, que se aproveitavam dos fracos, todo mundo morrendo de fome, e sem esperança de jamais sair dali, meu corpo apodrecendo, e eu com apenas vinte e um anos, sem mulheres, risos, comida ou bebida, vinte e um anos quando fui preso em Cingapura, em 1942, e vinte e quatro, quase vinte e cinco, quando o milagre aconteceu e sobrevivi, voltando à Inglaterra... minha casa não existia mais, meus pais não existiam mais, o mundo não existia mais, e minha única irmã, vendida aos inimigos, agora falava como eles, comia como eles, vivia como eles, estava casada com um deles, envergonhada do nosso passado, querendo que o passado tivesse morrido, que eu tivesse morrido, ninguém se importava comigo, e... oh, Deus, a mudança. Voltar para a vida depois da ausência de vida de Changi, todos os pesadelos e a insônia à noite, morto de medo da vida, sem conseguir falar no assunto, chorando sem saber por quê, tentando me adaptar ao que os idiotas chamavam de normalidade. E finalmente me adaptando. Mas a que preço, ah, meu Deus, a que preço..."

"Pare com isso!"

Com esforço, Grey desprendeu-se da espiral descendente de Changi.

"Chega de Changi! Changi está morta! Deixe que continue morta. Está morta... Changi tem que ficar enterrada. Mas Changi... "

— O que foi? — disse, trazido de volta ao presente.

— Estava dizendo que seu governo atual está completamente vulnerável.

— É? Por quê?

— Lembra-se do escândalo Profumo? Do seu ministro da Guerra?

— Claro. Por quê?

— Faz alguns meses, a MI-5 começou uma investigação secreta e minuciosa da pretensa ligação entre a call girl agora famosa, Christine Keeler, e o comandante Ievguêni Ivánov, nosso adido naval, e outras figuras sociais londrinas.

— Ela já acabou? — indagou Grey, subitamente muito atento.

— Já. Documenta conversas que a mulher teve com o comandante Ivánov. Ele lhe pedira para descobrir com Profumo quando armas nucleares seriam entregues à Alemanha. A investigação afirma — disse Suslev, agora mentindo deliberadamente para excitar Grey — que Profumo fora avisado pela MI-5 sobre Ivánov alguns meses antes de o escândalo estourar... que o comandante Ivánov era do KGB e também amante dela.

— Santo Deus! E o comandante Ivánov corroborará isso?

— Ah, não, de forma alguma. Isso não seria correto... nem necessário. Mas o relatório da MI-5 apresenta os fatos com exatidão — mentiu Suslev, habilmente. — O relatório é verdadeiro!

Grey soltou uma risada alta.

— Puxa vida, mas isso vai derrubar a supremacia do governo e promover uma eleição geral!

— E os trabalhistas vão ganhar o poder!

— É! Durante cinco anos maravilhosos! Ah, é, e uma vez tendo ganho... oh, meu Deus! — Grey soltou outra risada estrondosa. — Primeiro ele mentiu sobre a Keeler! E agora o senhor diz que ele sabia do Ivánov o tempo todo! Ah, puta que o pariu, isso vai causar a derrubada do governo! Isso vai valer todos os anos de comer merda daqueles cretinos da classe média. Tem certeza? — perguntou, com repentina ansiedade.

— É mesmo verdade?

— E eu lhe mentiria? — exclamou Suslev, rindo intimamente.

— Vou me utilizar disso. Por Deus, vou me utilizar disso.

— Grey estava doido de alegria. — Tem certeza absoluta? Mas, e o Ivánov? O que aconteceu com ele?

— Uma promoção, é claro, por uma manobra brilhantemente executada para desacreditar um governo inimigo. Se o trabalho dele ajudar a derrubá-lo, será condecorado. No momento, está em Moscou, esperando ser designado para nova missão. A propósito, em sua entrevista coletiva de amanhã, pretende mencionar o seu cunhado?

Grey fechou a guarda, prontamente.

— Como soube disso?

Suslev devolveu-lhe o olhar, calmamente.

— Meus superiores sabem de tudo. Pediram-me que lhe sugerisse mencionar seu parentesco na entrevista coletiva, sr. Grey.

— Por quê?

— Para realçar sua posição, sr. Grey. Uma associação tão íntima com o tai-pan da Casa Nobre daria muito maior peso às suas palavras aqui. Não é?

— Mas se sabem a respeito dele — disse Grey, a voz

dura —, sabem também a respeito de mim e de minha irmã, que temos um acordo de não tocar no parentesco. É um assunto de família.

— Assuntos de Estado têm precedência sobre assuntos de família, sr. Grey.

— Quem é o senhor? — Grey estava repentinamente desconfiado. — Quem é, na realidade?

— Só um mensageiro, sr. Grey, na realidade. — Suslev colocou as manoplas nos ombros de Grey, calorosamente. — Továrích, sabe que precisamos usar tudo em nosso poder para fortalecer a causa. Estou certo de que meus superiores estavam apenas pensando no seu futuro. Uma ligação familiar tão íntima com tal família capitalista ajudá-lo-ia muito no Parlamento. Não é? Quando o senhor e seu Partido Trabalhista vencerem no ano que vem, precisarão de homens e mulheres bem relacionados, hem? A nível ministerial, é preciso ter-se relações. O senhor mesmo disse isso. O senhor será o perito em Hong Kong, com ligações especiais. Poderá nos ajudar enormemente a conter a China, a conduzi-la de volta ao caminho certo, e a pôr Hong Kong e todo o povo de Hong Kong no seu lugar... no esgoto. Certo?

Grey pensou nisso, o coração disparado.

— Será possível aniquilar Hong Kong?

— Oh, sim — sorriu Suslev. O sorriso tornou-se mais amplo. — Não precisa se preocupar. Não partirá do senhor palavra alguma sobre o tai-pan, não faltará ao compromisso com sua irmã. Posso dar um jeito para que lhe façam uma pergunta. Que tal?

23h05m

Dunross esperava por Brian Kwok no Quance Bar, do Mandarin, bebericando um conhaque com Perrier. O bar era exclusivo para homens e estava quase vazio. Brian Kwok nunca se atrasara antes, mas agora estava atrasado.

"É a coisa mais fácil do mundo surgir uma emergência no serviço dele", pensou Dunross, sem se preocupar. "Vou esperar mais uns minutinhos. "

Naquele dia, Dunross não se incomodava de ter de esperar. Tinha tempo de sobra para chegar a Aberdeen e encontrar Wu Quatro Dedos, e, como Penn estava a caminho da Inglaterra, não havia pressão para voltar para casa.

"A viagem lhe fará bem", pensou. "Londres, teatros, depois o Castelo Avisyard. Lá será formidável. Logo será o outono, as manhãs ficarão frias, o hálito das pessoas, visível, começará a temporada dos tetrazes, e depois virá o Natal. Será fantástico passar o Natal em casa, com neve. O que esse Natal nos trará, e no que estarei pensando ao recordar esta época, esta época ruim? Há problemas demais, agora. O plano funcionando, mas já entrando areia, tudo fora de controle, do meu controle. Bartlett, Casey, Gornt, Quatro Dedos, Mata, Pão-Duro, Havergill, Johnjohn, Kirk, Crosse, Sindes, Alan M. Grant, a sua Riko, todos mariposas ao redor da chama... e agora uma nova, Tiptop, e Hiro Toda, que chega amanhã, ao invés de sábado. "

À tarde, conversara longamente com seu amigo japonês e sócio armador. Toda fizera perguntas sobre o mercado de capitais e sobre a Struan, não diretamente, à moda inglesa, mas oblíqua e polidamente, à moda japonesa. Mesmo assim, fizera perguntas. Dunross percebera a gravidade na voz suave e com leve sotaque americano, produto de dois anos de pós-graduação em Harvard.

— Vai dar tudo certo, Hiro — dissera-lhe Dunross. — É um ataque temporário. Vamos receber os navios, conforme o planejado.

"Vamos mesmo?"

"Vamos. De um jeito ou de outro. Linbar vai para Sydney amanhã, tentar ressuscitar o negócio da Woolara e renegociar a fretagem. Uma tentativa a esmo. "

Inexoravelmente, sua mente se voltava para Jacques. "Será que Jacques é realmente um traidor comunista? E Jason Plumm e Tuke? Quem será R. ? Roger Crosse ou Robert Armstrong? Mas é claro que nenhum dos dois, e é claro que Jacques também não é! Pelo amor de Deus, conheço Jacques por quase a vida inteira... conheço os De Villes por quase toda a vida. É verdade que Jacques podia ter dado ao Bartlett algumas informações sobre o nosso funcionamento interno, mas não todas. Não a parte da companhia, de conhecimento apenas dos tai-pans. O que significa Alastair, papai, eu ou o velho Sir Ross, e isso é inconcebível.

"É.

"Mas alguém é traidor, e não sou eu. E, depois, há a Sevrin. "

Dunross olhou ao redor. O bar ainda estava praticamente vazio. Era uma sala pequena, agradável, confortável, com cadeiras de couro verde-escuro e velhas mesas de carvalho encerado, as paredes cheias de telas de Quance. Eram todas cópias. Muitos dos originais estavam na Galeria Longa da Casa Grande, a maioria dos restantes nos corredores do Victoria e do Blacs. Alguns faziam parte de coleções particulares. Recostou-se confortavelmente, satisfeito por estar cercado por uma parte tão grande do seu passado, sentindo-se protegido por ele. Logo acima de sua cabeça havia o retrato de uma barqueira haklo com um garoto louro nos braços, os cabelos dela trançados. Dizia-se que Quance o pintara como presente de aniversário para Dirk Struan, encomendado pela moça do quadro, May-may T'Chung, e presumia-se que o garoto nos braços dela fosse o filho deles, Duncan.

Seus olhos dirigiram-se para o outro lado da sala, fitando os retratos de Dirk e de seu meio irmão Robb, ao lado de outro retrato do mercador americano, Jeff Cooper, e paisagens do Pico e da praia, em 1841. "Imagino o que Dirk diria se pudesse ver agora a sua criação. Florescendo, construindo, incorporando, ainda o centro do mundo, o mundo asiático, que é o único mundo. "

— Quer mais um, tai-pan?

— Não, obrigado, Feng — disse ao barman chinês. — Só uma Perrier, por favor.

Havia um telefone próximo. Ele discou.

— Quartel-general da polícia — atendeu uma voz feminina.

— Superintendente Kwok, por favor.

— Um momento, senhor.

Enquanto esperava, Dunross tentou decidir o que fazer com Jacques. "Impossível", pensou, angustiado, "não sem ajuda. Se eu o mandar à França buscar Susanne e Avril, isso o deixará isolado por cerca de uma semana. Talvez eu fale com o Sinderson, talvez eles já

saibam. Santo Deus, se Alan não tivesse colocado a letra R na carta, eu teria me dirigido diretamente ao Crosse. Será possível que ele seja o Arthur?

"Lembre-se de Philby, do Ministério das Relações Exteriores", disse com seus botões, revoltado com o fato de que um inglês com aqueles antecedentes e num tal cargo de confiança pudesse ser um traidor. Do mesmo modo os outros dois, Burgess e Maclean. E Blake. Até onde era possível acreditar em Alan? Pobre coitado. Até onde era possível confiar em Jamie Kirk?

— Por favor, quem quer falar com o superintendente Kwok?
— perguntou uma voz de homem ao telefone.

— O sr. Dunross, da Struan.

— Um momentinho, por favor.

Uma pequena espera, depois uma voz masculina que reconheceu imediatamente.

— Boa noite, tai-pan. É Robert Armstrong... desculpe, mas o Brian não está aqui. É alguma coisa importante?

— Não. Tínhamos marcado um encontro para tomar um drinque, e ele está atrasado.

— Ah, ele nem mencionou o encontro... geralmente é muito correto nessas coisas. Quando foi que o marcaram?

— Hoje de manhã. Ele me ligou para falar sobre John Chen. Alguma novidade sobre aqueles filhos da mãe?

— Não. Lamento. Brian teve que sair da cidade... uma viagem às pressas, sabe como é.

— Mas claro. Se falar com ele, diga-lhe que o verei no domingo, na subida do morro, se não antes.

— Ainda pretende ir a Formosa?

— Pretendo. Com Bartlett. Vou domingo, volto na terça. Parece que poderemos usar o avião dele.

— É. Por favor, certifique-se de que ele volte na terça.

— Se não voltar antes.

— Quer alguma coisa de mim?

— Não; obrigado, Robert.

— Tai-pan, nós... bem... tivemos um outro encontro muito perturbador, aqui em Hong Kong. Não precisa se preocupar, mas cuide-se até o encontro de amanhã com o Sindors, certo?

— Claro. Brian disse a mesma coisa. E Roger também. Obrigado, Robert. Boa noite.

Dunross desligou. Tinha esquecido que um guarda-costas do sei o estava seguindo. "O sujeito deve ser melhor do que os outros. Nem o notei. Bem, o que vou fazer com ele? Sem dúvida não será bem-vindo com o Quatro Dedos. "

— Volto daqui a um instante — falou.

— Sim, tai-pan — disse o barman.

Dunross dirigiu-se para o banheiro dos homens, observando sem observar. Ninguém o seguiu. Quando saiu do banheiro, entrou no mezanino lotado e barulhento, atravessou-o e desceu a escadaria

principal até o saguão, onde foi comprar o jornal vespertino na banca de jornais. Havia gente por toda parte. Ao voltar, deparou com um chinês magro e de óculos, que o observava por cima de uma revista, sentado numa cadeira do saguão. Dunross hesitou, voltou para o saguão e notou que os olhos o acompanhavam. Satisfeito, subiu de novo as escadas lotadas.

— Oh, alô, Marlowe — exclamou, quase colidindo com ele.

— Oh, alô, tai-pan.

Dunross notou imediatamente o grande cansaço na fisionomia do outro.

— O que aconteceu? — perguntou instantaneamente, pressentindo problemas e afastando-se do caminho das outras pessoas.

— Ora, nada... nada mesmo.

— Aconteceu alguma coisa — disse Dunross, com um sorriso suave.

Peter Marlowe hesitou.

— É, é a Fleur — disse, contando o que se passara. Dunross ficou imensamente preocupado.

— O velho Tooley é um bom médico, o que já é uma grande coisa. — Contou a Marlowe como Tooley os enchera, a ele, Bartlett e Casey, de antibióticos. — Está se sentindo bem?

— Estou. Só um pouco desarranjado. Não há com que me preocupar, por cerca de um mês. — Peter Marlowe contou-lhe o que Tooley dissera sobre a hepatite. — Isso não me preocupa, é a Fleur e o bebê que estão me preocupando.

— Vocês têm uma amah?

— Temos, e o hotel é maravilhoso. Todos os criados de quarto estão dando uma mão.

— Tem tempo para tomar alguma coisa?

— Não, não, obrigado, é melhor eu voltar. A amah não... não há lugar para ela ficar, portanto está só olhando as crianças. Preciso dar uma passada na casa de saúde, no caminho, só para ver como vão as coisas.

— Está bem, então fica para outra vez. Por favor, dê lembranças minhas à sua mulher. E como vão indo as pesquisas?

— Bem, obrigado.

— Que outros segredos tenebrosos conseguiu arrancar dos nossos yan de Hong Kong?

— Muitos. Mas são todos simpáticos. — Peter Marlowe deu um débil sorriso. — Dirk Struan era um homem e tanto! Todos dizem que você também é, e todos esperam que você derrote Gornt, que vença de novo.

Dunross olhou para ele, satisfeito.

— Incomoda-se de que lhe façam perguntas sobre Changi? — indagou, e viu uma sombra passar pelo rosto sofrido, jovem e velho ao mesmo tempo.

— Depende.

— Robin Grey disse que você negociava com o mercado negro no campo. Com um americano. Um cabo.

Houve uma longa pausa, e o rosto de Peter Marlowe não se alterou.

— Eu era um comerciante, sr. Dunross, ou melhor, um intérprete para o meu amigo, que era comerciante. Ele era um cabo americano. Salvou minha vida e a vida dos meus amigos. Nós éramos quatro, um major, um capitão, um seringalista e eu. Salvou dúzias de outros também. O nome dele era King, e era mesmo um rei, rei de Changi, de certo modo. — Novamente, o débil sorriso. — Comerciar era contra a lei dos japoneses... e a lei do campo.

— Você disse "japoneses", e não "amarelos". É interessante — disse Dunross, prontamente. — Depois de todos aqueles horrores em Changi, não os detesta?

Depois de uma pausa, Peter Marlowe sacudiu a cabeça.

— Não detesto ninguém. Nem mesmo Grey. Uso toda a minha concentração e energia para apreciar o fato de estar vivo. Boa noite — falou, virando-se para ir embora.

— Escute, Marlowe, mais uma coisinha — disse Dunross depressa, tomando uma decisão. — Gostaria de ir às corridas no sábado? Na minha tribuna? Haverá gente interessante... já que está pesquisando sobre Hong Kong, é melhor fazê-lo numa boa, hem?

— Obrigado. Muito obrigado, Donald McBride já me convidou. Mas gostaria de dar uma passada Iá para tomar um drinque, se puder. E o livro?

— Como?

— O livro sobre a história da Struan, o tal que ia me emprestar.

— Ah, claro. Mandeí rebatê-lo à máquina — disse Dunross. — Parece que há apenas um exemplar. Pode ter um pouquinho de paciência?

— Claro. Obrigado.

— Lembranças a Fleur. — Dunross observou-o enquanto ele se afastava, satisfeito porque Marlowe entendia a diferença entre comércio e mercado negro. Seu olhar caiu sobre o chinês do sei, que ainda o observava por cima da revista. Caminhou devagar de volta ao bar, como que imerso em pensamentos. Quando estava Iá dentro, em segurança, disse rapidamente: — Feng, há um maldito jornalista Iá embaixo que não estou querendo ver.

Imediatamente, o barman levantou a passagem para dentro do balcão.

— É um prazer, tai-pan — disse, sorrindo, sem acreditar na desculpa.

Seus fregueses usavam com freqüência a saída dos empregados, atrás do bar. Como não era permitida a entrada de mulheres no bar, era comum que se quisesse evitar uma mulher do lado de fora. "Qual será a prostituta que o tai-pan está querendo evitar?", perguntou-se o barman, intrigado, vendo-o deixar uma gorjeta generosa e sair apressado pela porta dos empregados.

Logo que chegou à rua, no beco lateral, Dunross dobrou rapidamente a esquina e tomou um táxi, encolhendo-se no banco traseiro.

— Aberdeen — disse, e explicou aonde queria ir, em cantonense.

— Ayeeyah, como uma flecha, tai-pan — falou o motorista, prontamente, animado ao reconhecê-lo. — Posso lhe perguntar quais as chances para o sábado? Com ou sem chuva?

— Sem chuva, por todos os deuses.

— Eeee, e o vencedor do quinto?

— Os deuses não o sussurraram para mim, nem os Grandes Tigres sujos que subornam jóqueis ou dopam cavalos para fazerem as pessoas honestas perderem uma aposta honesta. Mas Noble Star estará se esforçando.

— Todos os fornicadores estarão se esforçando — falou o chofer, com azedume —, mas quem será o escolhido dos deuses e do Grande Tigre do Hipódromo Happy Valley? Que tal Pilot Fish?

— O garanhão é bom.

— Butterscotch Lass? O Banqueiro Kwang está precisando que sua sorte mude.

— É. A Lass também é boa.

— A Bolsa ainda vai cair mais, tai-pan?

— Vai, mas compre ações da Casa Nobre às quinze para as três da sexta-feira.

— A que preço?

Use a cabeça, Veneravel Irmão. E eu Iá sou o Velho Cego Tung?

Orlanda e Linc Bartlett estavam dançando bem juntinhos na penumbra da boate, os corpos colados. A música, suave e sensual, de ritmo gostoso, era tocada por um conjunto filipino. O grande salão espelhado e luxuoso era habilmente iluminado com luzes embutidas no chão, com nichos particulares e poltronas fundas, baixas, ao redor de mesas baixas. Garçons a rigor carregavam pequenas lanternas de mão, como se fossem um bando de vagalumes. Muitas moças de vestidos de noite vistosos sentavam-se juntas, batendo papo ou olhando os poucos dançarinos. De quando em vez, sozinhas ou aos pares, iam fazer companhia a um ou mais homens às mesas, oferecendo-lhes sorrisos, conversas e bebidas. Depois de uns quinze minutos, seguiam adiante, seus movimentos delicadamente orquestrados pela atenta mama-san e seus auxiliares. A mama-san era uma xangaiense esguia e atraente, na casa dos cinqüenta, bem-vestida e discreta. Falava seis idiomas, e era responsável pelas garotas perante o proprietário. Dela dependia o sucesso ou o fracasso do negócio. As moças obedeciam-na totalmente. Os leões-de-chácara e os garçons também. Ela era o núcleo, a rainha do seu domínio, e era bajulada como tal.

Era raro um homem trazer sua própria companhia, embora isso não irritasse ninguém... desde que as gorjetas fossem generosas, e as bebidas continuamente servidas. Havia dúzias desses locais de prazer noturno espalhados pela colônia, alguns particulares, a maioria públicos, destinados a homens — turistas, visitantes ou yan de Hong Kong. Todos bem-providos de parceiras de

dança de todas as raças. Eram pagas para sentarem-se ao lado do freguês, para conversar, rir ou escutar. Os preços variavam, a qualidade variava conforme o lugar escolhido, mas o propósito era sempre o mesmo: prazer para o freguês, dinheiro para a casa.

Linc Bartlett e Orlanda agora estavam mais juntos, balançando-se mais do que dançando, a macia cabeça dela contra o peito dele. Uma de suas mãos estava pousada suavemente no

ombro dele, a outra estava na mão dele, fresquinha ao seu toque. Ele a envolvia com um dos braços, a mão enlaçando-lhe a cintura. Ela sentia o calor dele invadir-lhe o sexo, e quase distraidamente acariciou-lhe a nuca e aproximou-se ainda mais, atraída pela música. Seus pés acompanhavam-no perfeitamente, e o corpo também. Dali a um momento, percebeu que ele se excitava, sentindo-lhe o contato.

"Como vou lidar com ele hoje à noite?", perguntou-se, sonhadora, adorando a noite, que fora perfeita. "Vou ou não vou? Ah, mas como quero.

O corpo dela parecia mover-se por si mesmo, agora ainda mais perto, as costas levemente arqueadas, os quadris para a frente. Uma onda de calor percorreu-a.

"Calor demais", pensou. Afastou-se, com esforço.

Bartlett sentiu que ela se afastava. Continuou com a mão na cintura dela e puxou-a contra si, sentindo apenas o seu corpo sob a mão, nenhuma roupa de baixo. "Tão raro. Apenas a pele sob a gaze finíssima... e mais calor do que pele. Meu Deus!"

— Vamos nos sentar um momento — falou ela, com voz rouca.

— Quando a dança acabar — murmurou ele.

— Não, não, Linc, minhas pernas estão bambas. — Com esforço, envolveu o pescoço dele com ambas as mãos e afastou-se um pouco, mantendo-se ainda junto dele, mas jogando um pouco do seu peso no braço dele. Tinha no rosto um amplo sorriso. — Posso cair. Não vai querer que eu caia, vai?

— Você não pode cair — sorriu ele também. — De jeito nenhum.

— Por favor...

— Não vai querer que eu caia, vai?

Ela riu, e sua risada o excitou. "Pombas", pensou, "acalme-se, ela está deixando você doido. "

Dançaram mais um momento, mas separados, e isso o acalmou um pouco. Depois, ele a virou e foi seguindo atrás dela, bem juntinho. Sentaram-se à sua mesa, refestelados no sofá, ainda cômicos da proximidade mútua. Suas pernas se tocaram.

— Quer mais uma bebida, senhor? — perguntou o garçom de smoking.

— Para mim não, Linc — disse ela, querendo xingar o garçom pela falta de tato, as bebidas deles ainda por terminar.

— Outro creme de menta? — perguntou Bartlett.

— Para mim não, juro, obrigada. Mas tome mais um. O garçom desapareceu. Bartlett teria preferido tomar uma cerveja, mas não queria aquele cheiro no seu hálito, e, o que era mais importante, não queria estragar a refeição mais perfeita que já tivera. O macarrão estava uma delícia, a vitela, macia e succulenta, com um molho de vinho e limão saborosíssimo, a salada, perfeita. Depois zabaione, preparado na frente dele, ovos, vinho marsala, e magia. E sempre a alegria dela, o toque do seu perfume.

— Esta é a melhor noite que passo há anos. Ela ergueu o copo, com falsa formalidade.

— Brindemos a muitas outras — disse. "É, a muitas outras, mas depois que estivermos casados, ou, pelo menos, noivos. Você é excitante demais, Linc Bartlett, tem afinidade demais comigo, é forte demais. " — Que bom que você gostou. Eu também gostei. Ah, se gostei!

Notou que os olhos dele se desviaram quando uma recepcionista passou por eles, o vestido muito decotado. A moça era linda, mal teria vinte anos, e juntou-se a um grupo de ruidosos empresários japoneses cercados por muitas garotas, numa mesa de canto. Prontamente, outra garota levantou-se, pediu licença e se afastou. Orlanda notou-o observando-as, sua mente agora clara como cristal.

— Todas elas podem ser alugadas? — perguntou ele, involuntariamente.

— Para ir para a cama?

O coração dele falhou uma batida, e ele voltou a fitá-la, cheio de atenção.

— É, suponho que foi o que quis dizer — disse, cauteloso.

— A resposta é não, e sim. — Ela manteve o sorriso suave, a voz meiga. — Como a maioria das coisas na Ásia, Linc. Nada é

realmente sim ou não. É sempre talvez. Depende da disponibilidade da moça. Depende do homem, do dinheiro, e da quantia que ela deve. — O sorriso dela era malicioso. — Pode ser que eu lhe indique a direção certa, mas aí você iria aprontar, sem dúvida... porque fascina todas as moças bonitas, um homem grande e forte como você, heya?

— Qual é, Orlanda! — riu ele, enquanto ela imitava o sotaque cule.

— Vi que você reparou nela. Não o culpo, é linda — disse, invejando a juventude da pequena, mas não a sua vida.

— O que quis dizer com dívidas?

— Quando uma moça vem trabalhar aqui pela primeira vez, tem que parecer bonita. As roupas são caras, os cabeleireiros são caros, meias, maquilagem, tudo é caro. Assim, a mama-san, a mulher que cuida das garotas, ou o dono da boate, adianta à garota o dinheiro necessário para comprar tudo de que precisa. Claro que no começo todas elas são jovens e frívolas, frescas como as primeiras rosas do verão. Portanto, compram e compram, e depois têm que pagar o empréstimo. A maioria não tem nada quando começa, exceto o seu corpo... a não ser que já tenha trabalhado em outro clube, e tenha os seus fãs. As meninas mudam de clube, Linc, naturalmente, tão logo acabam de pagar as dívidas. Às vezes um proprietário paga as dívidas de uma moça para adquiri-la, e aos seus fãs... muitas são populares e muito requisitadas. Uma moça pode ganhar bastante, se souber dançar, conversar e falar vários idiomas.

— Quer dizer que suas dívidas são grandes?

— Perpétuas. Quanto mais continuam no ramo, mais difícil torna-se manter-se bonita. Portanto, as despesas são maiores. Os juros sobre as dívidas são de vinte por cento, no mínimo. Nos primeiros meses, a moça pode ganhar o suficiente para pagar grande parte da dívida, mas nunca o bastante. — Uma sombra toldou-lhe o rosto. — Os juros se acumulam, as dívidas se acumulam. Nem todos os patrocinadores são pacientes, portanto a moça tem que recorrer a outras formas de financiamento. Às vezes tem que pedir emprestado aos agiotas para pagar ao financiador original. Inevitavelmente, busca ajuda. Então, certa noite, a mamasan aponta um homem. "Ele quer comprar o seu tempo", diz ela. E...

— Como assim, comprar o seu tempo?

— Ah, é só um costume das boates daqui. Todas as moças têm que estar aqui pontualmente às oito, digamos, quando o clube abre. Arrumadas, impecáveis. Têm que ficar até a uma da manhã, ou serão multadas; serão multadas também se faltarem, se chegarem atrasadas, se não estiverem arrumadas, impecáveis, se não forem amáveis com os clientes. Se um homem quer sair sozinho com uma garota, para jantar ou seja lá o que for — e muitos fregueses levam as garotas apenas para jantar fora, muitos levam até mesmo duas garotas, principalmente para impressionar os amigos —, ele compra o tempo da garota, paga uma taxa ao clube. A quantia depende de quanto tempo falta para o clube fechar. Não sei quanto ela recebe dessa taxa, acho que são trinta por cento, mas

o que conseguir fora do clube é todo seu, a não ser que a mama-san negocie por ela, antes de sair. Aí, a casa recebe uma taxa.

— Sempre uma taxa?

— É uma questão de prestígio, Linc. Neste lugar, que é um dos melhores, comprar o tempo de uma garota lhe custaria uns oitenta HK por hora, cerca de dezesseis dólares americanos.

— Não é muito — falou, distraidamente.

— Não muito para um milionário, meu caro. Mas, para milhares aqui, oitenta HK têm que bastar para uma família por uma semana.

Bartlett a fitava, fazendo-se perguntas sobre ela, desejando-a, feliz por não ter que comprar o tempo dela. "Porra, mas isso seria terrível. Seria mesmo?", perguntou-se. "Pelo menos, seriam alguns cobres, depois uma trepada, e fim de papo. É isso o que quero?"

— O que foi? — perguntou ela.

— Só estava pensando que vida desgraçada têm essas meninas.

— Ah, não, não é nada desgraçada — disse ela, com a imensa inocência que ele achava devastadora. — Esta é provavelmente a melhor época na vida delas, certamente a primeira vez na vida que usam roupas bonitas, são aduladas ou requisitadas. Que outro tipo de emprego podem conseguir, sendo moças sem grande instrução? De secretária, se tiverem sorte. Caso contrário, numa fábrica, doze a catorze horas de trabalho por dez HK ao dia. Você devia ir visitar uma delas, Linc, ver as condições. Eu o levo. Precisa ver como as pessoas trabalham, assim nos compreenderá melhor. Adoraria ser sua guia. Agora que vai ficar, deve saber de tudo, Linc, conhecer tudo. Ah, não, elas se acham afortunadas. Pelo menos por um curto tempo de vida vivem bem, comem bem e riem um bocado.

— Nada de lágrimas?

— Sempre lágrimas. Mas as lágrimas são um meio de vida, para uma garota.

— Não para você.

Ela soltou um suspiro e pousou a mão no braço dele.

— Já tive a minha cota. Mas você faz com que eu esqueça todas as lágrimas que chorei. — Uma súbita explosão de risos fez com que erguessem os olhos. Os quatro empresários japoneses

estavam rodeados por seis garotas, a mesa cheia de bebidas. — Sinto-me muito feliz por não ter que... servir aos japoneses — disse ela, simplesmente. — Abençoado minha sorte por isso. Mas eles são os que mais gastam, Linc, muito mais do que quaisquer outros turistas. Gastam até mais do que os xangaienses, portanto obtêm o melhor serviço, embora sejam odiados e saibam disso. Não parecem se importar que sua prodigalidade consiga comprar-lhes apenas falsidades. Talvez saibam disso, são espertos, muito espertos. Sem dúvida têm uma atitude diferente quanto a ir para a cama, e quanto às Damas da Noite, uma atitude diferente da das outras pessoas. — Outra explosão de risos. — Os chineses os chamam de lang syin gou fei, que, em mandarim, quer dizer literalmente "coração de lobo, pulmões de cachorro". Quer dizer, homens sem consciência.

— Isso não tem sentido — comentou ele, franzindo o cenho.

— Ah, tem, sim! É que os chineses cozinham e comem todas as partes do peixe, aves ou outro animal, exceto o coração do lobo e os pulmões do cachorro. São as duas únicas coisas que não se pode temperar... sempre fedem, não importa o que se faça com elas. — Ela voltou a olhar para a outra mesa. — Para os chineses, os japoneses são lang syin gou fei. O dinheiro também. O dinheiro também não tem consciência. — Deu um sorriso estranho e bebericou o seu licor. — Hoje em dia, muitas mama-sans e donos de clubes emprestam dinheiro às moças para aprenderem japonês. Para entreter, é preciso comunicar-se, não é?

Outro grupo de garotas passou por eles, e ela notou que olhavam para Bartlett, depois para ela, com ar especulador, e afastavam o olhar. Orlanda sabia que a desprezavam porque era

eurasiana, e estava com um cliente quai loh. Foram fazer companhia aos homens de outra mesa. O clube começava a ficar cheio.

— Qual delas você quer? — perguntou Orlanda.

— Como?

Ela riu do choque dele.

— Ora, qual é, Linc Bartlett! Pensa que não notei os seus olhares? É...

— Pare com isso, Orlanda! — disse ele, constrangido, uma ponta de irritação na voz. — Neste lugar é impossível não notá-las.

— Claro, foi por isso que o sugeri — replicou imediatamente, forçando-se a manter o sorriso firme, as reações muito rápidas. Tocou-o novamente, a mão macia sobre o joelho dele. — Escolhi este lugar para que você pudesse deleitar os olhos. — Estalou os dedos. Instantaneamente o maitre apareceu, ajoelhando-se educadamente ao lado da mesinha baixa. — Dê-me seu cartão — falou imperiosamente em xangaiense, quase doente de apreensão, mas disfarçando-a perfeitamente.

Imediatamente o homem entregou o que parecia ser um programa de teatro.

— Deixe sua lanterna comigo. Chamo quando precisar.

O homem se afastou. Como uma conspiradora, ela chegou mais perto dele. Agora, suas pernas se tocavam. Linc abraçou-a. Ela dirigiu o fecho de luz para o programa de teatro. Havia fotos, retratos de vinte ou trinta garotas. Sob as fotos, filas de caracteres chineses.

— Nem todas estas moças estão presentes hoje, mas se você vir uma de que goste, nós a traremos até aqui.

— Fala a sério? — perguntou, os olhos fitos nela.

— Muito sério, Linc. Não precisa se preocupar, negocio por você, se gostar dela, depois de conhecê-la e conversar com ela.

— Não quero nenhuma delas, quero você.

— É. É, eu sei, meu querido, e... mas, apenas por esta noite, tenha paciência comigo, por favor. Entre no jogo, deixe-me planejar a sua noite.

— Deus do céu, você é demais!

— E você é o homem mais maravilhoso que já conheci. Quero fazer a sua noite perfeita. Não posso me dar a você agora, por mais que deseje fazê-lo. Portanto, vamos achar uma substituta temporária. O que me diz?

Bartlett ainda olhava fixo para ela. Terminou sua bebida sem lhe sentir o gosto. Apareceu outra, vinda do nada. Bebeu a metade.

Orlanda sabia o risco que corria, mas achava que, de uma maneira ou de outra, aquilo o prenderia mais a ela. Se ele aceitasse, ficaria seu devedor por uma noite excitante, uma noite que nem Casey nem outra mulher quai loh seria capaz de proporcionar-lhe, nem em mil anos. Se recusasse, ainda assim ser-lhe-ia grato por sua generosidade.

— Linc, estamos na Ásia. Aqui o sexo não é nenhum bicho-de-sete-cabeças, como para os anglo-saxões, cheios de complexos de culpa. É um prazer que se busca, como boa comida e bons vinhos. Qual o valor de uma noite para um homem, um homem de verdade, com uma dessas Damas do Prazer? Um momento de prazer. Uma lembrança. Nada mais. O que tem isso a ver com o amor, o verdadeiro amor? Nada. Eu não sirvo para uma noite, não sou de aluguel. Senti o seu yang... Não, por favor, Linc — acrescentou rapidamente, vendo a reação dele. — Sobre as coisas de yang e yin não podemos contar mentiras ou falsidades, isso nos

destruiria. Eu senti você, e fiquei cheia de alegria. Você não me sentiu? Você é forte, e é um homem, yang, eu sou uma mulher, yin, e quando a música é suave e... Oh, Linc! — Segurou-lhe a mão e olhou para ele, súplice: — Peço-lhe, não se prenda às bobagens anglo-americanas. Aqui é a Ásia, e eu... quero ser tudo o que uma mulher pode ser para você.

— Puxa, está falando sério?

— Claro. Juro por Deus! Gostaria de ser tudo o que você puder desejar numa mulher. Tudo. E juro também que quando for velha, ou você não me desejar mais, providenciarei para que essa parte da sua vida seja feliz, aberta e livremente. Só lhe peço para ser sua tai-tai, parte da sua vida.

Orlanda beijou-o de leve. E então notou a repentina mudança nele. Viu o assombro, o desamparo, e soube que havia vencido. Quase sufocou de alegria. "Ah, Quillan, você é um gênio!", teve vontade de gritar. "Nunca acreditei, verdadeiramente, que sua sugestão seria tão perfeita, nunca acreditei que fosse tão sábio! Ah, obrigada, obrigada."

Mas o seu rosto não deixou transparecer nada disso, e ficou esperando pacientemente, imóvel.

— O que quer dizer "tai-tai"? — perguntou ele com voz rouca.

"Tai-tai" queria dizer "suprema das supremas", esposa. Pelos antigos costumes chineses, no lar a mulher era a suprema, a todopoderosa.

— Ser parte da sua vida — respondeu meigamente, todo o seu ser gritando que fosse cautelosa.

Ela esperou de novo. Bartlett debruçou-se, e ela sentiu seus lábios roçarem nos dela. Mas o beijo era diferente, e ela sabia que, de agora em diante, o relacionamento deles passaria a um plano diferente. Ficou emocionadíssima. Rompeu o encanto.

— Bem — falou, como quem fala com uma criança malcriada —, bem, sr. Linc Bartlett, qual delas escolhe?

— Você.

— E eu escolho você, mas nesse meio tempo temos que decidir qual destas o atrai mais. Se não gostar de nenhuma delas, iremos para outro clube. — Deliberadamente, manteve o tom de voz natural. — Bem, e quanto a esta aqui? — A moça era linda, aquela para quem ele tinha olhado. Orlanda já resolvera que aquela não servia, e escolhera a da sua preferência. "Mas", pensou, satisfeita, autoconfiante, "o pobrezinho tem direito à sua opinião. Ah, mas vou ser a mulher perfeita para você!" — O currículo diz que se chama Lily Tee... todas as moças têm nomes profissionais da sua própria escolha. Tem vinte anos, é de Xangai, fala xangaiense e cantonense, e seus passatempos são dançar, velejar e... — Orlanda olhou de

perto os caracteres minúsculos, e ele notou a linda curva do seu pescoço — e dar passeios a pé. Que tal esta?

Ele olhou para o retrato.

— Escute, Orlanda, há anos que não durmo com uma prostituta, desde os meus tempos de exército. Nunca fizeram muito o meu gênero.

— Compreendo muito bem, e você tem razão — disse-lhe, pacientemente —, mas essas não são prostitutas, não no sentido americano. Não há nada de vulgar ou secreto nelas, ou no que proponho. Elas são Damas do Prazer que poderão lhe oferecer sua juventude, que tem grande valor, em troca de um pouco do seu dinheiro, que não tem quase nenhum. É uma troca justa, dada e recebida com dignidade de ambos os lados. Por exemplo, você deve saber antecipadamente quanto ela deve receber, e nunca lhe deverá dar o dinheiro diretamente, mas sim colocá-lo na bolsa dela. Isso é importante, é muito importante para mim que seu primeiro encontro seja perfeito. Tenho que proteger o seu prestígio, também, e...

— Ora, deixe disso, Orlan...

— Mas estou falando sério. Esta escolha, este presente que lhe dou, não tem nada a ver conosco, nada. O que acontece conosco é joss. É importante para mim que você curta a vida, que saiba como a Ásia realmente é, não como os americanos acham que é. Por favor...

Bartlett estava quase entregando os pontos, todos os seus sinais de alarme e perigo, tão bem testados, destroçados e inúteis contra aquela mulher que o fascinava e pasmava.

Estava bêbado do calor e carinho dela. Acreditava nela inteiramente.

Então, subitamente, lembrou-se de algo, e seu íntimo gritou-lhe que se acautelasse. Sua euforia desapareceu. Acabara de lembrar-se a quem mencionara o quanto adorava a cozinha italiana. Gornt. Gornt, há dois dias. Ao falar na melhor refeição que já comera. Comida italiana com cerveja. Gornt. "Meu Deus! Será que esses dois estão de combinação? Não pode ser, simplesmente não pode ser! Talvez tenha falado a ela da mesma refeição. Falei?"

Rebuscou na memória, mas não conseguiu se lembrar exatamente, todo o seu ser abalado. Mas seus olhos continuavam a vê-la à sua frente, esperando, sorridente, amorosa. "Gornt e Orlanda? Não podem estar de combinação! De jeito nenhum! Mesmo assim, tenha cuidado. Não sabe quase nada sobre ela. Portanto, cuidado! Pela madrugada, você está envolvido por uma teia, a teia dela. Ou será do Gornt, também?"

"Experimente-a!", gritava-lhe o diabo que havia nele. "Experimente-a. Se ela realmente está falando sério, então é outra história, e ela é de outro planeta, uma jóia rara, e você terá que se resolver quanto a ela... só a terá nos seus termos.

"Experimente-a enquanto tem chance... não tem nada a perder. "

— O que foi? — perguntou ela, pressentindo a mudança.

— Só estava pensando no que você disse, Orlanda. Devo escolher agora?

23h35m

Suslev estava sentado na penumbra do seu esconderijo no apartamento 32 do Sinclair Towers. Por causa do seu encontro com Grey, havia mudado para Iá o local do encontro com Arthur.

Sorvia o seu drinque na penumbra. Ao seu lado, na mesinha, havia uma garrafa de vodca, dois copos e o telefone. Seu coração batia com muita força, como sempre que tinha um encontro clandestino marcado. "Será que algum dia me acostumarei a eles?", perguntou-se. "Não. Hoje estou cansado, embora tudo tenha saído muito bem. O Grey agora está programado. O pobre idiota, impulsionado pelo ódio, inveja e ciúme! O Centro precisa advertir mais a liderança do pcb sobre ele... é influenciável demais. E o Travkin, no passado um príncipe, agora um nada, e Jacques de Ville, aquele impetuoso incompetente, e todos os outros.

"Deixe pra Iá! Tudo está saindo às mil maravilhas. Tudo está preparado para amanhã, para a chegada do tal Sinderson. " Um arrepio involuntário percorreu Suslev. "Não gostaria de ser aprisionado por eles. A MI-6 é perigosa, dedica-se fanaticamente a nos combater, assim como a CIA, porém é muito pior. Se o plano da CIA e da MI-6, codinome Anúbis, para unir o Japão, a China, a Inglaterra, o Canadá e os Estados Unidos, vier a se realizar, a Mãe Rússia será destruída para sempre. Ah, meu país, meu país! Que falta sinto da Geórgia, tão linda, suave e verdejante!"

As canções da sua infância, as canções folclóricas da Geórgia, vieram à sua mente, levaram-no ao passado. Enxugou uma pequena lágrima ao pensar em tanta beleza, tão distante. "Não faz mal, minha licença não vai demorar. Aí, irei para casa. E meu filho também estará em casa de licença, na mesma época, vindo de Washington, com sua jovem mulher e o filhinho, tão sabiamente nascido nos Estados Unidos. Não haverá problemas com passaportes para ele. Será a nossa quarta geração a servir. Progredimos. "

A escuridão começava a envolvê-lo. A pedido de Arthur, para maior segurança, havia cerrado as cortinas e mantido as janelas fechadas, embora não houvesse possibilidade de serem vistos. O apartamento tinha ar-condicionado, mas também por medida de segurança pediram-lhe que o deixasse desligado, assim como as luzes. Fora sensato sair do apartamento de Finn antes de Grey, para o caso de ter havido alguma mudança de plano, e haver um agente do sei a segui-lo. Crosse lhe dissera que nessa noite não haveria nenhum, embora no dia seguinte outro homem fosse ser destacado para acompanhá-lo.

Tomara um táxi e parara no Terminal da Balsa Dourada para comprar os jornais da noite, fingindo cambalear de bêbado, para o caso de estar sendo observado. Depois fora para o Rose Court, para a casa de Clinker. Então descera o túnel e chegara até ali. Havia um homem do sei de guarda diante do Rose Court. O homem ainda estava Iá, e ficaria Iá, ou não ficaria. Não fazia diferença.

O telefone tocou. O ruído sobressaltou-o, embora a campainha fosse cuidadosamente abafada. Três toques, depois o silêncio. Seu coração bateu mais rápido. Dali a pouco Arthur chegaria.

Tocou a automática oculta atrás de uma das almofadas. Ordens do Centro. Era uma das muitas ordens que desaprovava. Suslev não gostava de armas, de pistolas ou revólveres. Podiam falhar. O veneno, não. Seus dedos tocaram o frasco minúsculo enterrado na sua lapela, perto o bastante para que sua boca o alcançasse. Como seria viver sem a morte instantânea tão próxima?

Deliberadamente, relaxou e concentrou seus sentidos como um radar, querendo pressentir a presença de Arthur antes que ele realmente estivesse ali. Arthur usaria a porta da frente ou a dos fundos?

De onde estava sentado, podia ver as duas portas. Ficou de ouvido atento, a boca ligeiramente aberta para aumentar a sua sensibilidade. O rangido do elevador. Correu os olhos para a porta da frente, mas o rangido cessou vários andares abaixo. Esperou. A porta dos fundos se abriu antes que pudesse pressentir coisa alguma. Suas entranhas se revolveram, quando não reconheceu a

figura escura. Por um momento, ficou paralisado. Depois, a figura endireitou um dos ombros, e a leve corcunda desapareceu.

— Khristos! — murmurou Suslev. — Que susto me deu!

— Faz parte do serviço, meu velho. — As palavras, em tom baixo e ligeiro, eram misturadas com a tosse seca e fingida.

— Está sozinho?

— Claro!

O vulto moveu-se silenciosamente e entrou na sala. Suslev viu que ele guardava a sua automática e relaxou a pressão no cabo da sua, mas ainda a manteve escondida. Levantou-se e estendeu a mão, calorosamente.

— Pelo menos desta vez chegou na hora. Apertaram-se as mãos. Jason Plumm não tirou as luvas.

— Por pouco não chegava — disse, na sua voz normal, o sorriso apenas à superfície do rosto.

— O que houve? — perguntou o russo, percebendo o tipo de sorriso. — E por que toda essa história de "cerre as cortinas e mantenha as janelas fechadas"?

— Acho que podem estar vigiando este lugar.

— Como? — A inquietação de Suslev aumentou vertiginosamente. — Por que não falou nisso antes?

— Disse que acho que podem estar. Não tenho certeza. Tivemos um bocado de trabalho para fazer disto aqui um local seguro, e não quero que seja "estourado" por qualquer motivo.

— A voz do inglês alto estava áspera e irritada. — Escute, camarada, aconteceu o diabo. O sei pegou um tripulante do seu navio. Ele...

— O quê? — exclamou Suslev, fitando-o com um choque fingido.

— Metkin. Parece que é o comissário político...

— Mas isso é impossível — disse Suslev, a voz trêmula, representando magistralmente, ocultando a alegria por Metkin ter

caído na sua armadilha. — Metkin jamais iria em pessoa pegar um material!

— Mesmo assim, está nas mãos do sei! O Armstrong o pegou, juntamente com um americano do porta-aviões. Pegaram-nos com a mão na massa. O Metkin sabe a respeito da Sevrin?

— Não, de forma alguma.

— Tem certeza?

— Tenho. Nem mesmo eu sabia, até alguns dias atrás, quando o Centro mandou que assumisse o lugar de Voranski — falou Suslev, a mentira retorcida fluindo com naturalidade.

— Tem certeza? O Roger quase teve um troço! Parece que o Metkin é o seu comissário político, e um major do KGB. É?

— É, mas é ridículo...

— Por que cargas-d'água ele, ou você, ou alguém não nos contou que tinham uma operação em andamento, para estarmos preparados para uma eventualidade? Sou o chefe da Sevrin, e agora vocês estão operando aqui sem ligações comigo, sem me manter a

par das coisas. Sempre foi o nosso acordo. Voranski sempre nos avisava com antecedência.

— Mas, camarada — disse Suslev, apaziguadoramente —, eu não estava sabendo de nenhum material a ser apanhado. Metkin faz o que quer. Ele é o chefe, o mais antigo no navio. Eu não estou a par de tudo... você sabe disso! — Suslev estava adequadamente apaziguador e irritado, mantendo a sua "cobertura" habitual de não ser o verdadeiro árbitro da Sevrin. — Não posso imaginar o que deu no Metkin para ir apanhar um material pessoalmente. Cretino! Devia estar maluco! Graças a Deus é um homem dedicado, e há veneno em sua lapela, por isso não há...

— Pegaram-no intacto.

Suslev soltou uma exclamação abafada, agora realmente chocado. Esperava que Metkin estivesse morto há muito tempo.

— Tem certeza?

— Pegaram-no intacto. Conseguiram seu nome verdadeiro, posto e número de série, e neste momento está num avião-transporte da raf, sob forte guarda, a caminho de Londres.

Suslev teve um branco, de repente. Astuciosamente, fizera com que Metkin tomasse o lugar do agente que devia ter ido se encontrar com o americano. Há meses que vinha achando Metkin

extremamente crítico, abelhudo e, portanto, perigoso. Por três vezes, no ano anterior, interceptara relatórios particulares para o Centro, escritos pelo seu número 2, criticando o modo displicente com que dirigia o seu navio e o seu serviço, e sua ligação com Ginny Fu. Suslev estava certo de que Metkin preparava uma armadilha para ele, quem sabe até tentando garantir sua aposentadoria para a Criméia — um local privilegiado — por meio de um golpe, como, por exemplo, murmurar para o Centro que suspeitava da existência de um "vazamento" da segurança a bordo do Ivánov, e que devia ser Suslev.

Suslev estremeceu. Nem Metkin, nem o Centro, nem qualquer dos outros necessitaria de provas, a simples suspeita seria o seu fim.

— Não há dúvida de que Metkin está vivo? — perguntou, analisando esse novo problema.

— Não. Está absolutamente certo de que ele não sabe nada sobre a Sevrin?

— Estou, estou, já lhe disse. — A voz de Suslev estava mais cortante. — Você é o único que conhece todos os membros da Sevrin, certo? Até mesmo Crosse não os conhece todos, não é?

— É.

Plumm foi até a geladeira e pegou uma garrafa de água. Suslev serviu-se de vodca, feliz de que a Sevrin tivesse tantas válvulas de segurança importantes: Plumm não sabia que Roger Crosse era informante do KGB... Crosse era o único que conhecia a verdadeira posição de Suslev na Ásia, mas nem Crosse nem Plumm sabiam de sua associação antiga com De Ville... nenhum dos outros membros se conhecia... e nenhum deles tinha ciência de Banastasio e das armas, ou da verdadeira extensão da arremetida soviética no Extremo Oriente.

Engrenagens dentro de engrenagens dentro de engrenagens, e agora Metkin, uma das engrenagens defeituosas, desaparecido para sempre. Fora tão fácil dar a "deixa" para Metkin, dizer-lhe que a aquisição do manifesto de carga dos armamentos do porta-aviões garantiria promoção para o agente envolvido.

— Estou surpreso de que o tenham pegado com vida — falou, com sinceridade.

— Roger me contou que agarraram o pobre sacana pelos braços e botaram-lhe uma coleira antes que pudesse enfiar os dentes na lapela.

— Acharam alguma prova nele?

— Roger não contou. Teve que trabalhar com toda a rapidez. Achamos que a melhor coisa a fazer era arrancar Metkin de Hong Kong o mais depressa possível. Estávamos apavorados de que

soubesse a nosso respeito, sendo tão graduado. Será mais fácil lidar com ele em Londres — disse Plumm, a voz solene.

— Crosse resolverá o problema de Metkin.

— Talvez — replicou Plumm, inquieto, tomando mais um pouco de água.

— Como foi que o sei ficou sabendo que iam pegar o material? — indagou Suslev, querendo descobrir o quanto Plumm sabia. — Deve haver um traidor a bordo do meu navio.

— Não. Roger disse que o "vazamento" veio através de um delator que a MI-6 tem a bordo do porta-aviões. Nem mesmo a CIA sabia disso.

— Khristos! Porra, por que Roger tem que ser tão eficiente?

— Foi o Armstrong. O sei tem verificações e controles. Mas, contanto que o Metkin nada saiba, tudo bem!

Suslev sentiu que o inglês o observava atentamente. Manteve a fisionomia inocente. Plumm não era nenhum tolo. Era um sujeito forte, astuto, implacável, protegido de Philby, e secretamente escolhido por ele.

— Estou certo de que Metkin nada sabe que possa nos prejudicar. Mesmo assim, o Centro deve ser informado imediatamente. Podem cuidar disso.

— Já o fiz. Pedi ajuda. Prioridade Um.

— Ótimo — falou Suslev. — Agiu muito bem, camarada. Você e o Crosse. Aliciar Crosse para a causa foi um golpe de mestre. Deixe que lhe dê novamente os parabéns.

Suslev estava sendo sincero no elogio. Roger Crosse era um profissional, e não um amador como Plumm e todos os outros da Sevrin.

— Talvez eu o tenha aliciado, talvez ele me tenha aliciado. Às vezes não tenho muita certeza — disse Plumm, pensativo. — Ou quanto a você, camarada. Voranski eu conhecia. Tratamos de negócios durante anos. Mas você... você é algo novo, não experimentado.

— É. Deve ser muito difícil para você.

— Não parece estar muito abalado com a perda de seu superior.

— Não estou. Devo confessar que não estou. Metkin foi maluco de se meter em tal perigo. Contrariou totalmente as ordens. Para ser franco... acho que estava havendo "vazamentos" de segurança no Ivánov. Metkin era o único membro antigo da tripulação, além de Voranski, que tinha acesso à terra. Era considerado acima de qualquer suspeita, mas nunca se sabe. Quem sabe cometeu outros erros, língua solta num bar, ou coisa assim?

— Deus nos proteja dos tolos e dos traidores. Onde foi que o Alan obteve as suas informações?

— Não sabemos. Logo que soubermos, o "vazamento" será consertado.

— Você vai ser o substituto permanente do Voranski?

— Não sei. Não me disseram nada.

— Não gosto de mudanças. As mudanças são perigosas. Quem o matou?

— Pergunte ao Crosse. Também quero saber. — Suslev também observava Plumm. Viu o outro balançar a cabeça,

aparentemente satisfeito. — E quanto ao Sindere e aos relatórios do Alan? — perguntou.

— Roger já tem tudo coberto. Não há com que se preocupar. Ele tem certeza de que poderemos vê-los. Você receberá a sua cópia amanhã. — Plumm observou-o, de novo. — E se os nossos nomes estiverem nos relatórios?

— Impossível! Dunross teria contado ao Roger imediatamente... ou a um dos seus amigos na polícia, provavelmente o Lig-lig-lé Kwok — disse Suslev, num tom de deboche. — Se não a ele, ao governador. Automaticamente, chegaria aos ouvidos de Roger. Estão todos seguros.

— Talvez sim, talvez não. — Plumm foi à janela e olhou para o céu sombrio. — Nada nunca está seguro. Veja só o Jacques. Agora é um risco. Jamais chegará a tai-pan.

Suslev permitiu-se um franzir de cenho, e depois, como se fosse uma idéia repentina, disse:

— Por que não orientá-lo para que saia de Hong Kong? Sugira ao Jacques que peça para ser mandado para... digamos para a Struan no Canadá. Poderia usar sua tragédia recente como desculpa. Lá no Canadá estará num local mais afastado, e ficará marcando passo. Que tal?

— Muito boa idéia. É, isso seria fácil. Ele tem diversos bons contatos ali, que podem ser úteis. — Plumm sacudiu a cabeça. — Ficarei muito mais contente depois que tivermos lido aquelas pastas, e mais contente ainda quando você descobrir como foi que o Alan chegou até nós.

— Chegou até a Sevrin, não até vocês. Não os descobriu. Escute, camarada, asseguro-lhe de que estão a salvo para continuar o seu trabalho vital. Por favor, continuem a fazer todo o possível para agitar a crise bancária e o colapso do mercado de capitais.

— Não precisa se preocupar. Todos estamos querendo que isso aconteça.

O telefone deu sinal de vida. Os dois homens o fitaram. Tocou uma única vez. Um toque. O código, "perigo", veio-lhes imediatamente à cabeça. Horrorizado, Suslev agarrou o revólver escondido, lembrando-se de que suas digitais estavam nele, enquanto se arremessou cozinha adentro na direção da porta dos fundos, Plumm colado aos seus calcanhares. Escancarou a porta, deixando Plumm sair primeiro para o patamar. Nesse momento, ouviu-se o bater de pés que se aproximavam, e um impacto contra a porta da frente do apartamento, que agüentou, mas cedeu ligeiramente. Suslev fechou a porta de trás silenciosamente, encaixando uma trave de segurança. Outro impacto. Ele espiou por uma fresta. Outro impacto. As fechaduras da porta cederam. Por um instante, viu as silhuetas de quatro homens contra a luz do corredor, depois fugiu. Plumm já tinha descido as escadas, dava-lhe cobertura no patamar seguinte, a automática na mão. Suslev desceu os degraus de três em três, passando por ele, até o patamar seguinte, depois virou-se para dar cobertura ao outro, por sua vez. Acima dele

a porta dos fundos curvava-se de modo nauseante. Silenciosamente, Plumm passou por ele e voltou a dar-lhe cobertura enquanto desciam para o patamar seguinte. Então, Plumm afastou alguns caixotes que camuflavam a falsa porta de saída junto da principal. Passos ruidosos vinham subindo em sua direção. Outro impacto contra a porta dos fundos, acima. Suslev ficou de guarda enquanto Plumm se esgueirava pela abertura para a escuridão, depois seguiu-o, fechando a porta parcialmente atrás de si. Plumm já pegara a lanterna elétrica escondida. Os passos se aproximavam. Cautelosamente, Plumm foi descendo na frente, os dois homens movendo-se rápida e silenciosamente. Os passos e o som de vozes abafadas passaram por eles. Os dois homens pararam momentaneamente, tentando ouvir o que se dizia. Mas o som era indistinto e abafado demais. Não era possível perceber se falavam inglês ou chinês.

Plumm virou-se de novo e foi na frente, descendo as escadas, ambos apressados mas extremamente cautelosos, não querendo fazer nenhum ruído desnecessário. Logo chegaram à saída secreta. Sem hesitar, os dois homens levantaram o fundo falso e desceram para a umidade fresca da galeria de escoamento. Tão logo chegaram ali, em segurança, pararam para recobrar o fôlego, o coração disparado com o inesperado da coisa.

Quando conseguiu falar, Suslev sussurrou:

— Kuomintang?

Plumm apenas deu de ombros. Enxugou o suor do rosto. Um carro passou acima deles. Dirigiu o fecho de luz para o teto, que

pingava. Havia muitas rachaduras, e outra avalanche de lama e pedras veio cascateando. No chão havia uns quinze centímetros de água que cobriam seus sapatos.

— É melhor nos separarmos, meu velho — disse Plumm suavemente, e Suslev notou que, embora o homem estivesse suando, sua voz estava gelidamente calma, e o fecho de luz não tremulava. — Mandarei o Roger cuidar do que houve imediatamente. Extremamente tedioso.

O coração de Suslev começava a voltar ao normal. Ainda tinha dificuldade em falar.

— Onde nos encontramos amanhã?

— Eu aviso. — O rosto do inglês estava extremamente severo. — Primeiro Voranski, depois Metkin, agora isso. "Vazamentos" em excesso. — Fez um gesto com o polegar para cima. — Essa passou perto demais. Talvez o seu Metkin soubesse mais do que você imagina.

— Não. Estou lhe dizendo que ele não sabia de nada sobre a Sevrin, nada, do apartamento, de Clinker, ou de coisa alguma. Eu e o Voranski éramos os únicos que sabíamos. Não há "vazamento" da nossa parte.

— Espero que tenha razão — acrescentou Plumm maldosamente. — Vamos descobrir, Roger vai descobrir, de um jeito ou de outro, algum dia, e então Deus tenha piedade do traidor!

— Ótimo. Eu também o quero. Depois de uma pausa, Plumm disse:

— Ligue para mim de meia em meia hora, de diversos telefones públicos, a partir das sete e meia da noite de amanhã.

— Está bem. Se por acaso houver algum problema, estarei na casa de Ginny das onze em diante. Mais uma coisa. Se não conseguirmos dar uma olhada nos papéis de Alan, qual a sua opinião sobre o Dunross?

— A memória dele é incrível.

— Então devemos isolá-lo para um interrogatório com substâncias químicas?

— Por que não?

— Ótimo, továrich. Tomarei todas as providências.

— Não. Nós o pegaremos e o entregaremos. Ao Ivánov? Suslev concordou, e contou-lhe a sugestão de Metkin de pôr a culpa nos Lobisomens, sem dizer que a idéia fora de Metkin.

— Que tal?

— Muito inteligente! Até amanhã — disse Plumm, sorrindo. Entregou a lanterna elétrica a Suslev, tirou do bolso uma lanterna do tamanho de um lápis e virou-se, afastando-se pela galeria do escoamento, os pés ainda submersos em água. Suslev ficou olhando até o homem alto dobrar a esquina e sumir. Ele nunca descera galeria abaixo. Plumm lhe dissera que não o fizesse, que era perigoso, sujeito a quedas de pedras.

Respirou fundo, já sem medo. Outro carro passou ruidosa e pesadamente acima da sua cabeça. "Deve ser um caminhão", pensou, distraidamente. Mais lama e um pedaço de concreto caíram, espadanando água e assustando-o. Suslev esperou, depois começou a subir a encosta, cuidadosamente. Outra pequena avalanche. Subitamente, Suslev odiou a galeria subterrânea. Fazia com que se sentisse inseguro e condenado.

56

23h59m

Dunross fitava a triste carcaça do Dragão Flutuante, adernada nas águas de seis metros de profundidade de Aberdeen. Os outros navios-restaurantes de muitos andares que flutuavam ali por perto ainda estavam fortemente iluminados, vulgares e barulhentos, totalmente cheios, suas cozinhas novas e temporárias instaladas às pressas em barcaças ao lado do navio-mãe, caldeirões fumegando, fogo sob os caldeirões, um monte de cozinheiros e ajudantes como abelhas na colméia. Garçons subiam e desciam as passarelas precárias com bandejas e pratos. Sampanas circulavam por perto, sob os olhares dos turistas e dos yan de Hong Kong, que observavam, pasmados, a carcaça, uma grande atração.

Parte da superestrutura da carcaça sobressaía de dentro d'água. Turmas de reparos trabalhavam nela, sob a luz de holofotes, recuperando-a, aprontando o que restara dela para flutuar. Na sua parte do cais e do estacionamento haviam sido instalados barracos e cozinhas temporários. Mascates estavam muito ocupados, vendendo fotos do incêndio, lembranças, comidas de todos os tipos, e um

imenso cartaz iluminado, em chinês e inglês, orgulhosamente anunciava que o novo, único, totalmente MODERNO RESTAURANTE FLUTUANTE À PROVA DE fogo, o "dragão flutuante", logo estaria em funcionamento, maior do que nunca, melhor do que nunca... "Enquanto isso, não deixem de provar a comida dos nossos famosos cozinheiros. " O negócio funcionava como sempre, só que temporariamente em terra, não no mar.

Dunross caminhou pelo cais até uma das escadinhas que davam para o mar. Havia grupos de sampanas por perto, grandes e pequenas, a maioria de aluguel. Cada pequena embarcação tinha um remador, homem, mulher ou criança de qualquer idade. Cada embarcação tinha um teto de lona que a cobria pela metade e protegia do sol, da chuva ou dos olhares indiscretos. Algumas das sampanas eram mais sofisticadas. Eram os luxuosos Barcos do Prazer. Lá dentro havia almofadões e mesas baixas, com lugar de sobra para duas pessoas comerem, beberem e depois fazerem amor, o único remador discretamente afastado da cabine. Podiam ser alugados por uma hora ou uma noite, e o barco flutuaria preguiçosamente pelos caminhos secundários. Outras sampanas ofereciam o melhor sortimento de comida e bebida, alimentos frescos servidos bem quentes, delicadamente. Nelas um homem e sua acompanhante podiam passar a noite num sonho de perfeita intimidade.

O homem podia ir sozinho, se quisesse. Então, perto de uma das vastas ilhas de barcos, sua sampana se encontraria com a das Damas da Noite, e ele escolheria, pechincharia e depois se poria ao largo. No porto era possível satisfazer qualquer vontade, sede, desejo... sem gastar muito, o preço justo, fosse quem fosse o cliente... se pudesse pagar e fosse homem. Ópio, cocaína, heroína, o que desejasse.

Às vezes a comida era ruim, ou a garota era ruim, mas isso era apenas azar, um engano lamentável, mas não deliberado. Às vezes podia-se perder a carteira, mas, afinal, só mesmo um otário viria ostentar sua fortuna no meio de tanta miséria orgulhosa.

Dunross sorriu ao ver um turista corpulento entrar nervosamente numa das embarcações, ajudado por uma garota de cheong-sam. "Está em boas mãos", pensou, muito satisfeito com a azáfama de negócios à sua volta, compras, vendas, pechinchas. "É", disse para si mesmo, "os chineses são os verdadeiros capitalistas do mundo.

"E quanto ao Tiptop e o pedido de Johnjohn? E quanto ao Lando Mata, ao Pão-Duro e à Par-Con? E o Gornt? E Alan, e Riko Anjin, e Sindere, e...

"Não pense neles agora. Concentre-se! Wu Quatro Dedos não o chamou para discutirem o tempo. "

Passou pela primeira escadinha e seguiu pelo cais em direção à escada principal, a luz dos postes da rua lançando fortes sombras. Imediatamente, todas as sampanas ali começaram a se empurrar, para tomar posição, os donos chamando, convidando. Quando ele chegou ao topo da escada, a comoção cessou.

— Tai-pan!

Um bem-equipado Barco do Prazer com a bandeira Lótus Prateada na popa vinha abrindo caminho por entre elas. O barqueiro era baixo e atarracado, com muitos dentes de ouro. Usava calças cáqui rasgadas e uma camiseta.

Dunross assobiou, reconhecendo o filho mais velho de Wu Quatro Dedos, o loh-pan, chefe da frota de Barcos do Prazer de Wu. "Não admira que os outros barcos lhe tenham dado passagem", pensou, impressionado por Wu Dente de Ouro vir recebê-lo pessoalmente. Agilmente, subiu a bordo, cumprimentando-o. Dente de Ouro começou a remar, afastando-se rapidamente.

— Fique à vontade, tai-pan — disse Dente de Ouro num inglês perfeito, com sotaque da Inglaterra. Ele era bacharel em ciências pela Universidade de Londres, e queria permanecer na Inglaterra. Mas Quatro Dedos ordenara que voltasse para casa. Era um homem meigo, quieto, bondoso, de quem Dunross gostava.

— Obrigado.

Na mesa laqueada havia chá fresco, uísque e copos, conhaque e água engarrafada. Dunross olhou ao seu redor, atentamente. A cabine era arrumada e iluminada por pequenas lâmpadas, limpa, agradável e espaçosa. Um pequeno rádio tocava boa música. "Esta deve ser a nau capitania do Dente de Ouro", pensou, divertido, e muito desconfiado.

Não havia necessidade de perguntar aonde Dente de Ouro o estava levando. Serviu-se de um pouco de conhaque, adicionando soda. Não havia gelo. Ele nunca usava gelo, na Ásia.

— Pombas — murmurou repentinamente, lembrando-se do que Peter Marlowe dissera sobre a possibilidade de hepatite infecciosa. Umas cinqüenta ou sessenta pessoas estavam com esse perigo pendendo sobre suas cabeças agora, quer soubessem ou não. Gornt era uma delas. "É, mas o sacana é forte como um cutelo de carne. Nem sequer teve um desarranjozinho. O que devo fazer quanto a ele? Qual será a solução permanente?"

Estava fresco e agradável na cabine, meio aberta à brisa, o céu escuro. Um junco enorme passou por eles, o motor roncando, e ele se recostou, curtindo as tensões que sentia, a expectativa. O coração batia firme. Saboreou o conhaque, calmamente, exercitando a paciência.

O lado da sampana roçou noutra. Ficou de ouvido atento. Pés descalços subiram a bordo. Dois pares de pés, um deles ágil, o outro não.

— Salve, tai-pan! — cumprimentou Quatro Dedos, abrindo o seu sorriso sem dentes. Entrou sob o toldo e sentou-se. — Como vai, bem? — perguntou, num inglês pavoroso.

— Bem, e você? — respondeu Dunross, fitando-o e tentando disfarçar o espanto. Wu Quatro Dedos vestia um bom terno, camisa branca limpa, gravata espalhafatosa e usava sapatos e meias. A última vez que Dunross o vira daquele jeito fora na noite do incêndio, e antes disso, uma única vez, há anos, na imensa festa de casamento de Shitee T'Chung.

Mais passos se aproximaram. Desajeitadamente, Paul Choy se sentou.

— Boa noite, senhor. Sou Paul Choy.

— Como vai? — perguntou, sentindo um grande desconforto e apreensão.

— Bem, senhor, obrigado. Dunross franziu o cenho.

— Bem, é um prazer — falou, pondo de lado a preocupação. — Está trabalhando para o seu tio, agora? — perguntou, sabendo toda a verdade sobre Paul Choy, mas continuando o fingimento combinado com Quatro Dedos, e muito impressionado com o rapaz. Soubera do golpe que ele dera na Bolsa, através de seu velho amigo Soorjani.

— Não, senhor. Estou na Rothwell-Gornt. Comecei faz uns dois dias. Estou aqui para servir de intérprete... se o senhor precisar.

Paul Choy virou-se para o pai e explicou o que fora dito. Quatro Dedos balançou a cabeça.

— Conhaquiii?

— Está ótimo, obrigado. — Dunross ergueu o copo. — Prazer em vê-lo, heya — continuou, em inglês, esperando que o velho começasse em haklo. Era uma questão de prestígio, e, com a presença de Paul Choy, a cautela latente de Dunross aumentara mil vezes.

O velho marujo conversou fiado por algum tempo, tomando uísque. Nenhuma bebida foi oferecida a Paul Choy, e nem ele se serviu. Ficou sentado nas sombras, escutando, assustado, sem saber o que esperar. O pai fizera com que jurasse segredo perpétuo, com juramentos de sangue de arrepiar os cabelos.

Finalmente, Wu desistiu de enervar o tai-pan e começou a falar em haklo.

— Há muitos anos que nossas famílias são Velhas Amigas — disse, falando lenta e cuidadosamente, ciente de que o haklo de Dunross não era perfeito. — Muitos e muitos anos.

— É. Os Wu Marítimos e a Struan como irmãos — replicou o tai-pan, cautelosamente.

Quatro Dedos soltou um resmungo.

— O presente é como o passado, e o passado, o presente. Heya?

— O Velho Cego Tung diz que o passado e o presente o mesmo. Heya?

— O que o nome Wu Kwok significa para o tai-pan da Casa Nobre?

Dunross sentiu um nó no estômago.

— Ele seu bisavô, heya? Seu ilustre antepassado. Filho e almirante do ainda mais ilustre senhor da guerra dos mares, Wu Fang Choi, cuja bandeira, a Lótus Prateada, tremulou em todos os quatro mares.

— Esse mesmo! — Quatro Dedos debruçou-se para a frente, e Dunross dobrou sua cautela. — Qual era a ligação entre o Demônio de Olhos Verdes... entre o primeiro tai-pan da Casa Nobre e o ilustre Wu Kwok?

— Conheceram-se no mar. Encontraram-se no estuário do rio Pearl, perto de Wh...

— Foi perto daqui, perto de Pok Liu Chau, entre Pok Liu Chau e Aplichau.

Os olhos do velho eram como fendas em seu rosto.

— Depois, encontraram-se perto de Hong Kong. O tai-pan subiu a bordo da nau capitania de Wu Kwok. Foi sozinho e... — Dunross buscou a palavra — e negociou um acordo com ele.

— O acordo foi escrito num papel e carimbado?

— Não.

— O acordo foi cumprido?

— É uma porra duma falta de educação fazer tal pergunta a Velho Amigo, quando outro Velho Amigo sabe resposta!

Paul Choy teve um sobressalto involuntário ao súbito veneno e tom cortante das palavras. Nenhum dos homens prestou-lhe atenção.

— É verdade, é verdade, tai-pan — disse o velho, tão destemido quanto Dunross. — É, o acordo foi cumprido, embora torcido. Parte dele foi torcida. Conhece o acordo?

— Não, todo não — disse Dunross, sem mentir. — Por quê?

— O acordo dizia que, em cada um dos seus vinte veleiros, poríamos um homem para ser treinado como capitão... meu avô era um deles. Depois, o Demônio de Olhos Verdes concordou em pegar três dos rapazes de Wu Kwok e mandá-los para a sua terra, para treiná-los como demônios estrangeiros nas melhores escolas, como seriam treinados os seus próprios filhos. Depois, o tai...

— Como? Quem? Quem são esses rapazes? Quem vieram a ser? — perguntou Dunross, olhos arregalados.

Wu Quatro Dedos apenas deu um sorriso torto.

— A seguir, o Demônio de Olhos Verdes concordou em arranjar para o ilustre Wu Fang Choi um veleiro dos demônios estrangeiros, armado, equipado, e lindo. Wu Fang Choi pagou pelo navio, e o tai-pan o providenciou, e chamou-o de Lotus Cloud. Mas, quando Culum, o Fraco, o entregou, quase dois anos mais tarde, o

desgraçado do seu almirante, Stride Orlov, o Corcunda, surgiu do leste como um assassino dentro da noite e assassinou o nosso navio, e Wu Kwok com ele.

Dunross sorvia o seu conhaque, esperando, aparentemente tranqüilo, intimamente chocadíssimo. Quem poderiam ser os tais rapazes? Aquilo realmente fazia parte do acordo? Não havia nada no diário ou testamento de Dirk sobre os filhos de Wu Kwok. Nada. Quem po...

— Heya?

— Sei tudo sobre o Lotus Cloud. E sobre os homens, os capitães. Acho que eram dezenove, e não vinte veleiros. Mas nada sei sobre os três rapazes. Quanto ao Lotus Cloud, meu ancestral prometeu não lutar contra navio, depois de dar navio?

— Não. Ah, não, tai-pan, isso ele não prometeu. O Demônio de Olhos Verdes era esperto, muito esperto. A morte de Wu Kwok? Joss. Todos temos que morrer. Joss. Não, o Demônio de Olhos Verdes cumpriu o seu acordo. Culum, o Fraco, também. Você o cumprirá?

Wu Quatro Dedos abriu a mão. Dentro dela estava a meia moeda.

Dunross segurou-a com cuidado, o coração doendo no peito. Os dois o fitavam como cobras, e ele pôde sentir a força de seus olhares. Seus dedos tremiam imperceptivelmente. Era como as outras meias moedas que ainda estavam na bíblia de Dirk, no cofre da Casa Grande, duas ainda ali, duas já desaparecidas, resgatadas, uma delas a de Wu Kwok. Lutando para controlar o tremor dos dedos, devolveu a moeda. Wu a pegou, sem ligar para o tremor da própria mão.

— Talvez verdadeira — disse Dunross, a voz soando estranha.
— Preciso verificar. Onde conseguiu?

— É genuína, claro que é genuína, porra! Admite que é genuína?

— Não. Onde conseguiu?

Quatro Dedos acendeu um cigarro e tossiu. Pigarreou e cuspiu.

— Quantas moedas havia, para começar? Quantas o ilustre mandarim Jin-qua deu ao Demônio de Olhos Verdes?

— Não tenho certeza.

— Quatro. Eram quatro.

— Ah, uma para o seu ilustre ancestral, Wu Kwok, paga e resgatada. Por que o grande Jin-qua lhe daria duas? Impossível... esta roubada. De quem?

O velho enrubesceu, e Dunross perguntou-se se teria ido longe demais.

— Roubada ou não — cuspiu o velho —, você concede favor. Heya? — Dunross apenas olhou-o fixamente. — Heya? Ou a dignidade do Demônio de Olhos Verdes não é mais a dignidade da Casa Nobre?

— Onde conseguiu?

Wu fitou-o. Apagou o cigarro no tapete.

— Por que o Demônio de Olhos Verdes concordaria com quatro moedas? Por quê? E por que juraria pelos deuses que ele e todos os seus herdeiros honrariam a palavra dele, heya?

— Por um outro favor.

— Ah, tai-pan, é, por um favor. Sabe que favor? Dunross devolveu-lhe o olhar.

— O Honorável Jin-qua emprestou ao tai-pan, meu trisavô, quarenta laques de prata.

— Quarenta laques... quatro milhões de dólares. Há cento e vinte anos. — O velho soltou um suspiro. Seus olhos se estreitaram ainda mais. Paul Choy estava imóvel, mal respirava. — Pediu um documento? Um papel de dívida carimbado pelo seu ilustre ancestral... ou o carimbo da Casa Nobre?

— Não.

— Quarenta laques de prata. Nem papel nem carimbo, só confiança! O acordo foi apenas um acordo entre Velhos Amigos, sem carimbo, só confiança, heya?

— É.

A mão sem polegar do velho subiu com a palma para cima e segurou a meia moeda sob o rosto de Dunross.

— Uma moeda concede favor. A quem quer que peça. Eu peço.

Dunross soltou um suspiro. Finalmente, rompeu o silêncio.

— Primeiro, encaixo uma metade na outra. Depois, vejo bem se metal daqui igual a metal de Iá. Depois, você diz favor.

Já ia pegar a moeda, mas o punho se cerrou e se afastou, e Quatro Dedos fez um sinal com o polegar que tinha para Paul Choy.

— Explique.

— Com licença, tai-pan — disse Paul Choy em inglês, bem pouco à vontade, detestando o ar abafado e as correntes diabólicas da cabine, tudo por causa de uma promessa feita há doze décadas por um pirata a outro, os dois um bom par de assassinos, se metade das histórias eram verdadeiras. — Meu tio quer que eu lhe explique como quer agir. — Tentou manter a voz serena. — Claro que ele compreende que o senhor tem reservas e quer estar mil por cento certo. Ao mesmo tempo, ele não quer abrir mão da posse da moeda, não agora. Até que se tenha certeza, de uma forma ou de outra, prefere...

— Está querendo dizer que ele não confia em mim?

Paul Choy crispou-se ante a violência das palavras.

— Oh, não é isso, senhor — falou, depressa, e traduziu o que Dunross dissera.

— Claro que confio em você — disse Wu, com um sorriso torto. — Mas você confia em mim?

— Ah, sim, Velho Amigo, confio muito. Entregue-me moeda. Se real, eu, tai-pan da Casa Nobre, concederei o que pedir... se possível.

— O que for pedido, o que for, será concedido! — explodiu o velho.

— Se possível. É. Se moeda real, concedo favor. Se não real, devolvo moeda. Acabado.

— Não acabado. — Wu fez um gesto para Paul Choy. — Você acaba, depressa.

— Meu... meu tio sugere a seguinte acomodação: o senhor fica com isso. — O rapaz apanhou um pedaço chato de cera de abelha. Havia nele três impressões separadas da meia moeda. — O senhor poderá encaixar a outra metade nelas. As beiradas são nítidas o bastante para poder ter certeza, quase certeza. Esse é o

primeiro passo. Se estiver razoavelmente satisfeito, iremos juntos a um avaliador do governo, ou ao curador de um museu, e mandaremos que teste as duas moedas na nossa frente. Assim, ambos saberemos a um só tempo. — Paul Choy pingava de suor. — É isso o que o meu tio deseja.

— Um dos lados poderia facilmente subornar o avaliador.

— Claro. Mas antes de irmos falar com ele, misturaremos as duas metades. Conheceríamos a nossa, o senhor conheceria a sua... mas ele não, certo?

— Dar-se-ia um jeito.

— Claro. Mas se... se fizermos isso amanhã, e se Wu Sang lhe der a sua palavra, e o senhor lhe der a sua palavra, de não tentar nada, daria certo. — O rapaz enxugou o suor do rosto. — Puxa, mas como está abafado aqui!

Dunross pensou por um momento. Depois, voltou os olhos frios para Quatro Dedos.

— Ontem eu pedi favor, você disse não.

— Aquele favor era diferente, tai-pan — replicou prontamente o velho, a língua dardejando como a de uma cobra. — Não era a mesma coisa que uma promessa antiga cobrando uma dívida antiga.

— Perguntou a seus amigos sobre meu pedido, heya? Wu acendeu outro cigarro. Sua voz tornou-se mais cortante.

— Sim. Meus amigos estão preocupados com a Casa Nobre.

— Sem Casa Nobre, nada de nobre favor, heya?

O silêncio ficou mais denso. Dunross viu os olhos velhos e astutos dardejarem para Paul Choy, e depois de volta para ele. Sabia que estava preso pela moeda. Teria que pagar. Se fosse genuína, teria que pagar, quer fosse roubada ou não. "Roubada de quem?", berravam seus pensamentos. "Quem aqui teria uma delas?" Dirk Struan nunca soubera a quem as outras haviam sido dadas. No seu testamento, escrevera que suspeitava que uma tivesse sido dada à sua amante, May-may, mas não havia motivo para tal presente por parte de Jin-qua. Se May-may a tivesse possuído, raciocinou Dunross, então teria passado de geração em geração até Shitee T'Chung, que era o atual chefe da linhagem T'Chung, a linhagem de May-may. Talvez tivesse sido roubada dele.

"Quem mais em Hong Kong?"

"Se o tai-pan ou a Bruxa não sabiam a resposta para isso, muito menos eu. Não há ligação de família que remonte a Jin-qua!"

No pesado silêncio, Dunross observava e esperava. Outra gota de suor escorreu do queixo de Paul Choy enquanto olhava para o pai, depois voltava o olhar para a mesa. Dunross sentiu ódio nele, e aquilo o interessou. Então, notou que Wu olhava para Paul Choy de maneira estranha e avaliadora. Instantaneamente, seu pensamento deu um salto à frente.

— Sou o árbitro de Hong Kong — disse em inglês. — Apóie-me e dentro de uma semana poderá ter lucros imensos.

— Heya?

Dunross observava Paul Choy. Viu quando ele ergueu o olhar, espantado.

— Por favor, traduza, sr. Choy — falou.

Paul Choy obedeceu. Dunross soltou um suspiro, satisfeito. Paul Choy deixara de traduzir "sou o árbitro de Hong Kong". Novo silêncio. Ele se descontraíu, agora mais tranquilo, sentindo que os dois homens haviam engolido a isca.

— Tai-pan, a minha sugestão sobre a moeda, concorda? — perguntou o velho.

— Sobre o meu pedido, meu pedido de dinheiro de apoio, concorda?

Wu exclamou, irado:

— As duas coisas não estão interligadas como a chuva numa tempestade fornicadora. Sim ou não quanto à moeda?

— Concordo quanto à moeda. Mas não amanhã. Semana que vem. Quinto dia.

— Amanhã.

Paul Choy se interpôs, cuidadosamente:

— Honrado Tio, talvez possa pedir de novo a seus amigos amanhã. Na parte da manhã. Talvez possam ajudar o tai-pan. — Seus olhos argutos viraram-se para Dunross. — Amanhã é sexta-feira — disse, em inglês. — Que tal na segunda às... às quatro da tarde, para a moeda?

Repetiu em haklo.

— Por que a essa hora? — perguntou Wu, irritado.

— O mercado de dinheiro dos demônios estrangeiros fecha na terceira hora da tarde, Honrado Tio. A essa altura, a Casa Nobre será nobre, ou não.

— Sempre seremos a Casa Nobre, sr. Choy — disse Dunross, cortesmente, em inglês, impressionado com a habilidade do sujeito... e a argúcia com que entendera a indireta. — Concordo.

— Heya?

Depois que Paul Choy acabou, o velho soltou um resmungo.

— Primeiro, vou verificar os fluxos de Céu e Terra para ver se o dia é auspicioso. Se for, então concordo. — Fez um sinal com o polegar para Paul Choy. — Vá para o outro barco.

Paul Choy se levantou.

— Obrigado, tai-pan. Boa noite.

— Até breve, sr. Choy — replicou Dunross, esperando-o para o dia seguinte.

Quando estavam completamente sozinhos, o velho disse, suavemente:

— Obrigado, Velho Amigo. Logo faremos negócios mais íntimos.

— Lembre-se, Velho Amigo, do que dizem meus ancestrais — falou Dunross, agourentamente. — Tanto o Demônio de Olhos Verdes quanto aquela do Mau-Olhado e de Dentes de Dragão puseram uma grande maldição e mau-olhado nos Pó Brancos e naqueles que obtêm lucros com os Pó Brancos!

O velho marujo curtido pelo tempo, vestido nas suas belas roupas, deu de ombros, nervoso:

— E eu com isso? Não sei nada de Pó Branco nenhum. Fodam-se todos os Pó Brancos. Não sei nada sobre eles.

E foi embora.

Com mãos trêmulas, Dunross serviu-se de uma boa dose de bebida. Sentiu os movimentos da sampana sendo remada de novo. Seus dedos apanharam as impressões em cera. "Mil contra um que a moeda é genuína. Deus Todo-Poderoso, o que aquele demônio vai pedir? Drogas. Aposto que tem alguma coisa a ver com drogas! Eu inventei a tal história da maldição e do mau-olhado... não fazia parte do acordo de Dirk. Mesmo assim, não vou concordar com drogas. "

Mas estava pouco à vontade. Podia ver a letra de Dirk Struan na bíblia que assinara e endossara, concordando, perante Deus, "conceder a quem quer que apresente uma das meias moedas o que quer que ele peça, se estiver ao alcance do tai-pan dá-lo... "

Seus ouvidos pressentiram a presença estranha antes de ouvir o som. Outro barco roçou suavemente no seu. Ruído de passos. Ficou preparado, desconhecendo o perigo.

A moça era jovem, bela e alegre.

— Meu nome é Jade de Neve, tai-pan. Tenho dezoito anos e sou o presente pessoal do Honorável Wu Sang para a noite! — Um cantonense cantado, cheong-sam elegante, gola alta, pernas longas envoltas em meias e saltos altos. Sorriu, mostrando os belos dentes brancos. — Ele achou que o senhor talvez precisasse se alimentar.

— É mesmo? — murmurou ele, tentando se recompor. Ela riu e sentou-se.

— É, sim, foi o que ele disse. E eu também gostaria do seu alimento... está morrendo de fome, não está? O Honorável Dente de Ouro encomendou um ou dois petiscos para aguçar o seu apetite: camarões fritos com ervilhas, carne desfiada em molho de feijão-preto, bolinhos de massa fritos à moda de Xangai, legumes ligeiramente fritos temperados com couve de Szechuan, e galinha condimentada de Chiang Pao. — Abriu um amplo sorriso. — Eu sou a sobremesa!

Sexta-feira

57

00h35m

Irritado, o Banqueiro Kwang apertou a campainha diversas vezes. A porta se escancarou e Vênus Poon gritou estridentemente, em cantonense:

— Como ousa vir aqui a esta hora da noite sem ter sido convidado?

Estava de queixo empinado, parada com uma mão na porta e a outra atrevidamente no quadril, o vestido de noite decotado devastador.

— Cale-se, sua prostituta sem-vergonha! — berrou o Banqueiro Kwang, empurrando-a e entrando no apartamento. — Quem está pagando o aluguel? Quem comprou todos esses móveis?

Quem pagou esse vestido? Por que não está pronta para ir dormir?
Quem...

— Cale-se! — A voz dela era aguda, e abafou facilmente a dele. — Você estava pagando o aluguel, mas hoje é o dia em que venceu o aluguel, e onde está ele, heyaheyaheyaheya?

— Aqui! — O Banqueiro Kwang arrancou o cheque do bolso e agitou-o sob o nariz dela. — E eu Já esqueço as porras das minhas promessas?... não! Você esquece as porras das suas promessas?... sim!

Vênus Poon piscou os olhos. Sua raiva desapareceu, seu rosto mudou, a voz ficou carregada de mel.

— Ah, o Pai se lembrou? Ah, tinham me dito que havia abandonado a sua pobre Filha solitária, e voltado para as prostitutas da Blore Street número 1.

— Mentiras! — exclamou o Banqueiro Kwang, quase apoplético, embora fosse verdade. — Por que não está vestida para ir dormir? Por que está usan...

— Mas três pessoas diferentes ligaram para mim, dizendo que você tinha estado Já hoje à tarde, às quatro e quinze. Ah, como as pessoas são terríveis! — falou, com voz macia, sabendo que ele tinha estado Já, embora apenas para apresentar o Banqueiro Ching,

com quem estava tentando arranjar um empréstimo. — Ah, pobre Pai, como as pessoas são horrorosas! — Enquanto falava, carinhosamente, aproximou-se mais dele. Repentinamente, deu um bote com a mão e arrancou o cheque da mão dele antes que pudesse puxá-lo, embora continuasse falando com voz meiga: — Ah, obrigada, Pai, do fundo do coração... oh ko! — Ficou vesga de raiva, a voz mais dura e estridente de novo: — O cheque não está assinado, seu velho sujo, seu carne de cachorro! É outro dos seus truques de banqueiro! Ai, ai, ai, acho que vou me matar na porta da sua casa... não, melhor ainda, vou me matar diante das câmeras de TV, contando para toda a Hong Kong como você... Ai, ai, ai...

A amah dela agora estava na sala também, unindo-se a ela nos lamentos e miados, as duas mulheres envolvendo-o num coro de desaforos, desafios e acusações.

Impotente, ele as xingava também, mas isso só fez com que elas aumentassem o volume da algazarra. Ele ficou firme por um momento, depois, vencido, pegou uma caneta-tinteiro com um floreio, agarrou o cheque e assinou-o. A barulheira cessou. Vênus Poon pegou o cheque e examinou-o atentamente. Muito, muito atentamente. Ele sumiu dentro da bolsa dela.

— Ah, obrigada, Honorável Pai — disse humildemente, e virou-se abruptamente contra a amah. — Como ousa interferir numa discussão entre o amor da minha vida e sua patroa, seu monte de carne de cachorro apodrecida? É tudo culpa sua, por espalhar as mentiras cruéis de outras pessoas sobre a infi-delidade do Pai! Fora daqui! Vá buscar chá e comida! Fora! O Pai está precisando de um conhaque... vá buscar um conhaque, depressa!

A velha fingiu se abalar diante da raiva simulada e saiu depressa, vertendo lágrimas falsas. Vênus Poon arrulhava e se alvoroçava, as mãos suaves no pescoço de Richard Kwang.

Finalmente, graças à magia delas, ele se acalmou e serviu-se de uma bebida, lamentando em voz alta o tempo todo o seu azar, e como seus subordinados, amigos, aliados e devedores o haviam abandonado maldosamente, depois que somente ele em todo o império Ho-Pak havia trabalhado, gastando os dedos até os tendões, os pés até ficarem em carne viva, preocupando-se com todos eles.

— Oh, pobrezinho! — ronronava Vênus Poon, a cabeça a mil por hora enquanto os dedos funcionavam terna e habilmente. Tinha cerca de meia hora para chegar ao seu encontro com Wu Quatro Dedos, e, conquanto soubesse que era bom deixá-lo esperando um pouco, não queria que esperasse demais, para não esfriar o seu ardor. O último encontro deles o deixara tão excitado que ele lhe prometera um diamante, se ela repetisse sua atuação.

— Eu garanto, senhor — ofegara ela, exausta, a pele pegajosa de suor de duas horas de esforço concentrado, sentindo-se flutuar com a imensidade da explosão dele, finalmente conseguida.

Girou os olhos nas órbitas ao recordar os esforços prodigiosos de Wu Quatro Dedos, seu tamanho, conformidade e técnica apurada. "Ayeeyah", pensou, ainda massageando o pescoço do antigo amante, "vou precisar de cada grama de energia e de cada

porção de sumo que o yin puder reunir para dominar o yang uivante do velho depravado. "

— Melhorou o seu pescoço, meu amor mais querido? — arrulhou.

— Melhorou, sim — disse Richard Kwang, relutante. A cabeça dele estava desanuviada, e ele sabia que os dedos dela eram tão hábeis quanto a sua boca e suas partes incomparáveis.

Sentou-a nos joelhos e enfiou Confiantemente a mão pelo decote do vestido de noite de seda preta que comprara para ela na semana anterior, e acariciou-lhe os seios. Quando ela não resistiu, arriou uma das alças e elogiou-a pelo tamanho, textura, gosto e formato do busto. O calor dela fez com que ele começasse a se excitar. Imediatamente, sua outra mão estendeu-se para o yin. Mas antes que se desse conta, ela havia escapado habilmente das suas mãos.

— Ah, não, Pai! O Honorável Vermelho está me visitando, e por mais que eu...

— Hem? — exclamou o Banqueiro Kwang, desconfiado. — O Honorável Vermelho não é esperado antes de depois de amanhã!

— Ah, não, ele chegou subitamente...

— Como? Ele só é esperado para depois de amanhã. Eu sei. Olhei no meu calendário e me certifiquei, antes de vir para cá! Sou algum idiota? Vou pescar um tigre num riacho? Temos um encontro marcado para hoje, para durar a noite toda. Senão, por que a desculpa de eu estar em Formosa? Você nunca se adianta, e nunca...

— Ah, mas foi hoje de manhã... o choque do incêndio, e o choque ainda maior de que você tinha me abandonado fez com que...

— Venha aqui, sua safadinha...

— Ah, não, Pai, o Honorável Vermelho...

Antes que ela pudesse se desviar, ele a agarrou e voltou a sentá-la nos joelhos. Começou a levantar-lhe a saia, mas Vênus

Poon era macaca velha nesse tipo de guerra, campeã de centenas de torneios, embora tivesse apenas dezenove anos. Não lutou contra ele, apenas chegou mais para perto dele, retorceu-se e segurou-o com uma das mãos, acariciando-o, e murmurou com voz rouca:

— Ah, Pai, mas dá muito azar mexer com o Honorável Vermelho, e por mais que eu deseje a sua imensidade dentro de mim, ambos sabemos que há outros meios de o yin deleitar o vórtice vital.

— Mas primeiro quero...

— Primeiro? Primeiro? — Satisfeita consigo mesma, sentiu-o ficar mais rijo. — Ah, como você é forte! Ah, é fácil ver por que todas as fofoqueiras safadas querem o meu velho Pai, ayeeyah, um homem tão forte, violento, maravilhoso!

Destramente, deixou à mostra o yang. Destramente, dominou-o e deixou o banqueiro ofegando.

— Vamos para a cama, querida — falou ele, a voz roufenha.
— Primeiro um pouco de conhaque, depois uma dormi-dinha, e...

— Certo, mas não aqui, ah, não! — disse ela com firmeza, ajudando-o a levantar-se.

— Hem? Mas para todos os efeitos estou em Formosa...

— Sei, portanto é melhor ir para o seu clube!

— Mas eu...

— Ah, mas como deixou exausta a sua pobre Filha! Fingiu debilidade enquanto o arrumava e o levava até a porta antes que ele se desse conta do que se estava passando. Lá, beijou-o apaixonadamente, jurou amor eterno, prometeu que o veria no dia seguinte e fechou a porta às suas costas.

Trêmulo, ele ficou fitando a porta, os joelhos bambos, a pele pegajosa, desejando esmurrar a porta e exigir descansar na cama que havia comprado. Mas não o fez. Não tinha forças, e foi cambaleando até o elevador.

Ao descer, abriu subitamente um amplo sorriso, radiante consigo mesmo. O cheque que lhe dera correspondia apenas a um mês de aluguel. Ela se esquecera de que no mês anterior ele concordara em aumentar a quantia em quinhentos dólares por mês. "Eeee, Boquinha Maravilhosa", casquinou ele, "o yang passou a perna no yin, afinal de contas! Ah, como a esgotei hoje, e, oh, as Nuvens e Chuva! Hoje foi realmente a Pequena Morte e o Grande Nascimento, e até que barato ao preço de duas vezes o aluguel de um mês, mesmo com o aumento!"

Vênus Poon acabou de escovar os dentes e começou a retocar a maquiagem. Viu a amah pelo espelho do banheiro.

— Ah Poo — disse, com voz estridente —, pegue a minha capa de chuva, aquela preta, antiga, e telefone pedindo um táxi... e depressa, senão belisco as suas bochechas!

A velha apressou-se a obedecer, radiante porque o mau humor da patroa tinha passado.

— Já chamei o táxi — falou, resfolegando. — Estará Iá embaixo, esperando na porta lateral, logo que a Mãe descer. Mas é melhor dar alguns minutos para o Pai se afastar, para o caso de ele ter ficado desconfiado.

— Hum, aquele Casco de Tartaruga agora não presta para mais nada! Só lhe sobram forças para cair no banco de trás do carro e mandar que o levem ao seu clube!

Vênus Poon terminou de pintar os lábios e sorriu para si mesma no espelho, admirando-se imensamente.

"Agora, vamos ao diamante", pensou, entusiasmada.

— Quando se ver de novo, Paw'll? — perguntou Lily Su.

— Logo. Na semana que vem. — Havergill terminou de se vestir e apanhou relutantemente a capa de chuva. Estavam num

quarto pequeno, mas limpo e agradável, tendo um banheiro com água corrente quente e fria, que a gerência do hotel mandara instalar particularmente, com grande despesa, ajudada clandestinamente por alguns peritos do departamento de águas. — Ligo para você, como sempre.

— Por que triste, Paw'll?

Virou-se e olhou para ela. Não lhe contara que em breve iria embora de Hong Kong. Da cama, ela também o olhava, a pele lustrosa e cheia de juventude. Há quase quatro meses era sua amante, não amante exclusiva, já que não lhe pagava o aluguel ou outras despesas. Ela era recepcionista da Boate Recepcionista Feliz, seu clube noturno preferido, em Kowloon. O dono da boate era Pok Um Olho Só, um antigo e valioso cliente do banco há muitos anos. A mama-san era uma mulher esperta, que conhecia os seus gostos. Tivera muitas amantes da Recepcionista Feliz ao longo dos anos, a maioria por algumas horas, algumas por um mês, pouquíssimas por mais tempo, e apenas uma experiência ruim em quinze anos... uma das moças tentara fazer chantagem. Prontamente ele procurara a mama-san. A moça fora embora naquela mesma noite. Nem ela nem seu cafetão tríade jamais tinham sido vistos outra vez.

— Por que triste, heya?

"Porque em breve vou embora de Hong Kong", tinha vontade de lhe dizer. "Porque quero uma exclusividade que não posso ter, mas devo ter, não ousa ter... e nunca quis ter com nenhuma antes. Ah, Deus do céu, como quero você!"

— Triste, não, Lily, apenas cansado — disse, os problemas do banco aumentando o peso que sentia.

— Tudo vai ficar muito bom — disse ela, confortadora. — Liga logo, heya?

— Sim. Ligo, sim.

A combinação deles era muito simples: um telefonema. Se não pudesse falar diretamente com ela, ligava para a mama-san e à noite ia à boate, sozinho ou com amigos. Ele e Lily dançavam um pouco para salvar as aparências, tomavam alguns drinques, e ela ia embora. Depois de uma meia hora ele pagava a conta e vinha para o local de encontros, já pago adiantada-mente. Não vinham juntos para o local de encontros particular e exclusivo porque ela não queria ser vista nas ruas, ou por vizinhos, com um demônio estrangeiro. Seria desastroso para a reputação de uma moça ser vista sozinha com um bárbaro. Em público. Fora do seu local de trabalho. Qualquer moça em idade de ter relações sexuais seria imediatamente considerada o tipo mais baixo de meretriz, a meretriz de um demônio estrangeiro, e desprezada como tal, abertamente ridicularizada, e seu valor diminuiria.

Havergill sabia disso e não se importava. Em Hong Kong aquilo era uma realidade da vida.

— Doh jeh. Obrigado — disse, sentindo amor por ela, querendo ficar, ou querendo levá-la com ele. — Doh jeh — disse apenas, e se retirou.

Quando ficou sozinha, Lily deixou escapar o forte bocejo que quase a dominara muitas vezes naquela noite, recostou-se na cama e espreguiçou-se gostosamente. A cama estava desfeita, mas era mil vezes melhor do que o catre no quarto que alugava em Tai-ping Shan.

Uma leve batida na porta.

— Honrada Senhora?

— Ah Chun?

— Sim. — A porta se abriu e a velha entrou, trazendo toalhas limpas. — Quanto tempo vai demorar?

Lily Su hesitou. Era costume o cliente pagar o quarto pela noite inteira. Também era costume, caso o quarto ficasse livre antes, a gerência devolver parte da taxa paga à garota.

— A noite toda — falou, querendo curtir o luxo, sem saber quando teria nova oportunidade. Talvez na semana seguinte aquele

cliente já tivesse perdido o seu banco e tudo o mais.

— Joss — falou, e depois: — Prepare-me o banho, por favor.

Resmungando, a velha fez o que lhe tinha sido ordenado e foi embora. Lily Su deixou escapar novo bocejo, ouvindo, satisfeita, o barulho da água correndo. Também estava cansada. O dia fora exaustivo. E naquela noite o cliente falara mais do que de costume, enquanto ela se apoiava nele, tentando dormir, sem escutar, compreendendo apenas uma palavra aqui e ali, mas satisfeita em deixá-lo falar. Sabia, por longa experiência, que aquela era uma forma de alívio, especialmente para um bárbaro velho. "Que coisa estranha", pensou, "toda essa trabalhadeira, barulho, lágrimas e dinheiro para conseguir apenas mais dor, mais conversa e mais lágrimas. "

— Não se incomode se o yang for fraco ou se eles falarem, resmungarem, murmurarem no seu idioma pavoroso ou chorarem nos seus braços. Os bárbaros agem assim — explicara-lhe a mamasan. — Feche os ouvidos. E feche as narinas ao cheiro de demônio estrangeiro e ao cheiro de velho, e ajude-o a curtir um momento de prazer. Ele é yan de Hong Kong, um velho amigo, e também paga bem, pontualmente. Está rapidamente conseguindo que você liquide as suas dívidas, e dá muito prestígio ter um companheiro de cama desses. Portanto, mostre entusiasmo, finja que ele é viril, e faça jus ao dinheiro que ele lhe paga.

Lily Su sabia que fazia jus ao dinheiro recebido. "É, minha sorte é muito boa, melhor do que a da minha pobre irmã e do seu

protetor. Pobre Flor Fragrante e seu Filho Número Um do Chen da Casa Nobre! Que tragédia! Que crueldade!"

Estremeceu. "Ah, aqueles terríveis Lobisomens! É terrível cortar-lhe fora a orelha, terrível assassiná-lo e ameaçar toda a Hong Kong, terrível para a minha pobre irmã mais velha ser esmagada até a morte por aqueles pescadores nojentos e fedidos de Aberdeen. Ah, que triste sina!"

Somente naquela manhã lera no jornal uma cópia da carta de amor de John Chen, reconhecendo-a imediatamente. Durante semanas as duas haviam rido da carta, ela e Flor Fragrante, daquela e das duas outras cartas que Flor Fragrante lhe entregara para guardar.

— Um homem tão engraçado, quase sem nenhum yang, e quase sempre nem um pouquinho duro — contara-lhe a irmã mais velha. — Ele me paga só para ficar deitada, para ele beijar, às vezes para dançar sem roupa, e sempre me faz prometer contar aos outros como ele é forte! Eeeee, ele me dá dinheiro como se fosse água! Há onze semanas que sou o "seu verdadeiro amor"! Se isso continuar por mais onze semanas... quem sabe um apartamento todo pago!

Naquela tarde, temerosa, fora com o pai à delegacia de Aberdeen Leste para identificar o corpo. Não disseram que sabiam quem era o protetor dela. Sabiamente, o pai mandara que guardasse segredo.

— Sem dúvida, o Chen da Casa Nobre vai preferir que isto fique em segredo. Seu prestígio também está envolvido, e o prestígio do novo herdeiro. Como se chama? O tal com o nome de demônio estrangeiro? Daqui a um ou dois dias telefonarei para o Chen da Casa Nobre, para sondá-lo. Temos que esperar um pouco. Depois das notícias de hoje, depois de saber o que os Lobisomens fizeram com o Filho Número Um, pai algum vai querer negociar.

"É, o pai é esperto", pensou. "Não é à toa que seus companheiros de trabalho chamam-no de Chu Nove Quilates. Graças a todos os deuses que tenho as duas outras cartas."

Depois que haviam identificado o corpo da irmã, preencheram formulários com seus nomes verdadeiros e o nome verdadeiro da família, Chu, para reclamar o dinheiro dela: quatro mil trezentos e sessenta HK no nome de Glicínia Su, e três mil HK no nome de Flor Fragrante Tak, dinheiro ganho fora do Cabaré Boa Sorte. Mas o sargento da polícia fora inflexível.

— Lamento, mas agora que sabemos o seu nome verdadeiro temos que anunciá-lo, para que todos os seus credores possam reclamar sua parte do espólio.

Nem mesmo uma oferta muito generosa de vinte e cinco por cento do dinheiro em troca da posse imediata não conseguira movê-lo. Então, tinham ido embora.

"Aquele carne de cachorro nojento, escravo dos demônios estrangeiros", pensou ela, enojada. "Nada sobrar  depois que o cabaré cobrar suas d vidas. Nada. Ayeeyah!

"Mas, tudo bem", disse com seus botões, ao se deitar na banheira, numa satisfa o gloriosa. "Tudo bem. O segredo das cartas vai valer uma fortuna para o Chen da Casa Nobre.

"E o Chen da Casa Nobre tem mais notas vermelhas do que um gato tem pêlos. "

Casey estava enroscada junto à janela do quarto de dormir, todas as luzes apagadas, exceto uma pequena lâmpada de leitura, junto à cama. Fitava melancolicamente a rua, cinco andares abaixo. Mesmo àquela hora tardia, quase uma e meia da madrugada, a rua ainda estava congestionada pelo tráfego. Não havia lua no céu, e as nuvens estavam baixas, pesadas, tornando as luzes vermelhas, verdes e azuis dos imensos cartazes de neon e colunas de caracteres chineses que se refletiam nas poças d'água ainda mais ofuscantes e transformando a fei ra da cidade num país encantado. A janela estava aberta, o ar, fresco, e ela podia ver casais correndo entre os ônibus, caminhões e táxis. Muitos dos casais dirigiam-se para o saguão do novo Royal Netherlands Hotel para fazerem uma "boquinha" no novo café europeu, onde ela tomara o último café da noite com o comandante Jannelli, o piloto deles.

"Todo mundo aqui come tanto!", pensou, vagamente. "Meu Deus!, e tanta gente precisando de trabalho, tão poucos empregos, tão poucos I  no topo, um no topo de cada pilha, sempre um homem, todos lutando para se manter ali, para continuar ali... mas

para quê? Um carro novo, uma casa nova, uma nova geladeira, a última novidade, ou seja Já o que for.

"A vida é uma conta sem fim. Nunca há grana suficiente para se pagar todas as contas do dia-a-dia, que dirá um iate particular ou um condomínio particular nas praias de Acapulco ou da Cote d'Azur e os meios para se chegar Já... mesmo como turista.

"Detesto viajar na classe turística. A primeira classe é o que vale, para mim. O jato particular ainda é melhor, muito melhor. Mas não vou ficar pensando no Linc... "

Jantara com Seymour Steigler no restaurante do hotel, e haviam acertado todos os seus assuntos comerciais, na sua maioria problemas legais que ele estava levantando.

— Temos que deixar tudo impecável, sem uma brecha. Todo o cuidado é pouco com os estrangeiros, Casey — repetia. — Eles não jogam segundo as boas regras ianques.

Logo que o jantar acabou, ela fingiu ter um monte de trabalho a esperá-la, e deixou-o. Já tinha acabado tudo o que precisava fazer. Assim, enroscou-se numa poltrona e começou a ler, leitura dinâmica. Fortune, Business Week, The Wall Street Journal e várias revistas comerciais especializadas. Depois, estudou mais uma lição de cantonense, deixando o livro para o fim. Era o romance de Peter Marlowe, Changi. Encontrara o exemplar muito manuseado numa das dúzias de bancas de livros de rua num beco ao norte do

hotel, na manhã do dia anterior. Tivera um grande prazer em pechinchar para adquiri-lo. O primeiro preço pedido fora vinte e dois HK. Casey pechinchara até comprá-lo por sete HK e cinquenta e cinco cents, cerca de um dólar e meio, em moeda americana. Encantada consigo mesma e com sua descoberta, continuou a ver vitrines. Ali perto ficava uma livraria moderna, as vitrines cheias de livros ilustrados sobre Hong Kong e a China. Lá dentro, numa prateleira, viu mais três brochuras de Changi. Novas, custavam cinco HK e setenta e cinco cents.

Imediatamente, Casey xingou a velha vendedora de rua por tê-la enganado. "Mas", lembrou a si mesma, "a bruxa velha não trapaceou com você. Simplesmente foi melhor comerciante. Afinal de contas, há pouco você estava se vangloriando por ter reduzido o lucro dela a zero, e Deus sabe que essa gente precisa de lucro. "

Casey ficou olhando a rua e o tráfego na Nathan Road, já embaixo. Pela manhã, subira a Nathan Road até a Boundary Road, cerca de dois quilômetros adiante. Fazia parte da sua lista de coisas a ver. Era uma rua como outra qualquer, congestionada, movimentada, cheia de cartazes espalhafatosos, só que tudo ao norte da Boundary Road, até a fronteira, reverteria para a China em 1997. Tudo. Em 1898, os britânicos haviam arrendado por noventa e nove anos a terra que se estendia da Boundary Road até o rio Sham Chun, onde ficaria a nova fronteira, juntamente com várias ilhas próximas.

— Não foi uma burrice, Peter? — perguntara a Marlowe, encontrando-o por acaso no saguão do hotel, à hora do chá.

— Agora é — replicou, pensativo. — Naquela época? Bem, quem sabe? Devia ser uma coisa sensata. Caso contrário não o teriam feito.

— Eu sei, Peter, mas, meu Deus, noventa e nove anos é tão pouco tempo! O que deu neles para arrendarem por tão pouco tempo? Deviam estar com a cabeça... noutra lugar.

— É. Pode-se pensar assim. Hoje. Mas naquela época, quando bastava o primeiro-ministro britânico arrotar para causar uma onda de choque no mundo todo? O poder mundial é que faz toda a diferença. Naquela época, o Leão Britânico ainda era o Leão. O que significava um pedacinho de terra para os donos de um quarto do globo? — Lembrava-se de como ele sorria. — Mesmo assim, nos Novos Territórios, houve oposição armada do pessoal local. Naturalmente, não deu em nada. O governador de então, Sir Henry Blake, cuidou de tudo: não guerreou com eles, apenas conversou. Os chefes da aldeia acabaram por concordar em dar a outra face, desde que suas leis e costumes continuassem em vigor, desde que pudessem ser julgados segundo as leis chinesas, se quisessem, e desde que Kowloon City continuasse chinesa.

— O pessoal local ainda é julgado segundo as leis chinesas?

— É, lei histórica, não da RPC. Portanto, é preciso ter magistrados britânicos versados na lei de Confúcio. É bastante diferente. Por exemplo, a lei chinesa presume que todas as testemunhas naturalmente mintam, que é seu dever mentir e encobrir as coisas, e cabe ao magistrado descobrir a verdade. Ele tem que ser uma espécie de Charlie Chan legal. Gente civilizada não

costuma jurar dizer a verdade, toda essa espécie de barbarismo... acham que somos malucos por agir assim, e não tenho certeza de que estejam errados. Os chineses têm todo tipo de costumes, loucos ou sensatos, dependendo do ponto de vista da gente. Sabe que é perfeitamente legal, em toda a colônia, ter mais de uma mulher... se se for chinês.

— Ora vejam só!

— Ter mais de uma mulher realmente tem Iá as suas vantagens.

— Escute aqui, Peter — começou, veementemente, depois se deu conta de que ele estava simplesmente implicando com ela. — Você não precisa de mais de uma. Tem a Fleur. Como vão indo os dois? E a pesquisa? Quem sabe ela não gostaria de almoçar comigo amanhã, se você estiver ocupado.

— Desculpe, mas ela está no hospital.

— Meu Deus, o que houve?

Ele lhe contou sobre o que se passara de manhã, e sobre o dr. Tooley.

— Acabo de vê-la. Ela... não está passando muito bem.

— Ah, sinto muito. Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Não, obrigado. Acho que não.

— Basta pedir, se houver. Certo?

— Obrigado.

— Linc agiu certo ao saltar com ela dentro d'água, Peter.
Juro.

— Mas é claro, Casey. Por favor, não pense por um momento que... Linc fez o que eu... fez melhor do que eu faria. E você também. E acho que vocês dois também salvaram aquela outra moça de um bocado de encrenca. Orlanda. Orlanda Ramos.

— Sei.

— Ela deve ser eternamente grata a você. A vocês dois. Estava em pânico... já vi gente demais assim, eu sei. Uma gata espetacular, ela, não é?

— É. Como vai indo a pesquisa?

— Bem, obrigado.

— Às vezes gostaria de trocar impressões com você. Ei, a propósito... achei seu livro e comprei-o. Ainda não li, mas está no topo da lista.

— Ah! — Casey lembrava-se de como ele tentara parecer natural. — Ah! Espero que goste. Bem, tenho que ir andando. Está na hora do chá das meninas.

— Lembre-se, Peter, se houver alguma coisa, pode me chamar. Obrigada pelo chá, e dê um beijo na Fleur...

Casey espreguiçou-se, sentindo agora uma dor nas costas. Saiu do banco junto à janela e foi para a cama, O quarto era pequeno, e não tinha a elegância da suíte deles... da suíte dele, agora. Ele resolvera ficar com o segundo quarto.

— Sempre podemos usá-lo como escritório — dissera-lhe —, ou guardá-lo de reserva. Não se preocupe, Casey, tudo é deduzível do imposto de renda, e nunca se sabe quando se pode precisar de um quarto de reserva.

Orlanda? Não, ela não precisaria daquela cama!

"Casey", ordenou a si mesma, "não seja tão ferina, ou burra. Ou ciumenta. Você nunca foi ciumenta, tão ciumenta antes. Foi você que estabeleceu as regras. É, mas ainda bem que me mudei. Aquela noite foi dureza, dureza para Linc e para mim, pior para ele. Orlanda vai fazer bem a ele... ora, Orlanda que vá à merda!"

Sentiu a boca seca. Foi até a geladeira e pegou uma garrafa de Perrier gelada, e o gostinho picante fê-la sentir-se melhor. "Como será que a terra produz essas bolhas?", pensou preguiçosamente, deitando-se na cama. Um pouco antes, tentara dormir, mas sua cabeça estava confusa, não parava de funcionar, novidades demais... "Novas comidas, novos cheiros, ar, costumes, ameaças, gente, hábitos, culturas. Dunross. Gornt, Dunross e Gornt. Dunross, Gornt e Linc. Um novo Linc. Uma nova Casey, assustada por causa de uma piranhazinha bonita... é, se quer ser vulgar, e isso também é novidade em você. Antes de vir para cá você era confiante, dinâmica, dominava o seu mundo, e agora não é mais assim. Tudo por causa dela. Não apenas por causa dela. Por causa daquela vaca da Lady Joanna também, com o seu sotaque inglês tão 'classe alta': 'Não se lembra, querida? Hoje é o dia do nosso almoço do Clube das Mais de Trinta. Falei nele no jantar do tai-pan... '

"Maldita vaca velha! Mais de trinta! Nem tenho vinte e sete ainda..."

"É isso aí, Casey. Mas você está toda eriçada, feito uma gata assustada, e não é só por causa dela, ou da Orlanda. É também por causa do Linc e das centenas de garotas disponíveis que você já viu, e ainda nem foi espiar nos cabarés, bares e casas onde elas se especializam. O Jannelli também não atizou você?"

— Pombas, Casey — exclamara ele, com um amplo sorriso —, é como estar de licença na minha época da Guerra da Coréia. Ainda são só vinte mangos, e você é o maioral!

Naquela noite, por volta das dez, Jannelli ligara para perguntar se ela gostaria de se reunir a ele e ao resto da tripulação no Royal Netherlands, para fazer a última "boquinha" da noite. Seu coração dera uma reviravolta dentro do peito quando o telefone tocou, pensando que era Linc, e quando viu que não era, fingiu que ainda tinha um monte de coisas para fazer, mas deixou-se ser persuadida, agradecida. Quando chegou Iá, pediu uma porção dupla de ovos mexidos com bacon, torrada e café, embora estivesse sem apetite.

Como protesto. Protesto contra a Ásia, Hong Kong, Joanna e Orlanda. "Ah, meu Deus! Quem dera eu nunca me tivesse interessado pela Ásia, nunca tivesse sugerido ao Linc que nos tornássemos uma companhia internacional.

"Por que o fiz?"

"Porque é o único meio para o progresso das empresas americanas — o único meio —, o único meio para a Par-Con. Exportar. Multinacional, mas exportando. E a Ásia é o maior, o mais fervilhante mercado inexplorado da terra, e este é o século da Ásia. É. E os Dunrosses e os Gornts estarão numa boa (se nos acompanharem), porque temos o maior mercado do mundo a nos dar apoio, todo o dinheiro, tecnologia, crescimento e especialistas para fazê-lo.

"Mas por que busquei Hong Kong com tanta fúria?

"Para arranjar o meu dinheiro do dane-se e encher o tempo até o meu aniversário... o fim do sétimo ano.

"Do jeito que as coisas vão", disse com seus botões, "logo não terá emprego, nem futuro, nem Linc para quem dizer sim ou não. " Soltou um grande suspiro. Um pouco antes, fora até a suíte principal e deixara uma pilha de cartas e telex para Bartlett assinar, acompanhados de um bilhete, que dizia: "Espero que tenha se divertido". Quando voltara do encontro com Jannelli, fora até o quarto e trouxera de volta tudo o que havia deixado lá.

— É Orlanda que está ouriçando você. Não queira se enganar — disse em voz alta.

"Não faz mal, amanhã é outro dia. Você pode derrubar a Orlanda com facilidade", disse consigo mesma, sombriamente. E, tendo se concentrado em sua inimiga, sentiu-se melhor.

A brochura muito manuseada de Peter Marlowe chamou-lhe a atenção. Apanhou-a, afofou os travesseiros mais confortavelmente e começou a ler. Foi devorando as páginas. De repente, o telefone tocou. Estava tão entretida que deu um salto, sentindo-se inundada por uma felicidade vasta e repentina.

— Oi, Linc, divertiu-se?

— Casey, sou eu. Peter Marlowe. Mil desculpas por ligar tão tarde, mas pedi a seu camareiro que verificasse e ele me disse que a luz ainda estava acesa... Espero não a ter acordado.

— Ah, não, Peter. — Casey sentia-se doente de desapontamento. — O que houve?

— Desculpe ligar tão tarde, mas há uma ligeira emergência. Tenho que ir para o hospital e... você disse para chamá-la. Sim...

— O que foi? — perguntou Casey, agora completamente ligada.

— Não sei. Pediram que eu fosse imediatamente. Liguei para você por causa das meninas. Um camareiro vai dar uma espiada nelas de vez em quando, mas eu queria deixar um bilhete para elas

com o seu telefone, para o caso de acordarem, só para o caso de acordarem, um rosto amigo a quem chamar, digamos assim. Quando nos encontramos no saguão, ontem, elas acharam você um estouro. Provavelmente não acordarão, mas por via das dúvidas... Podem ligar para você? Desculpe...

— Claro. Mas é melhor eu ir para aí.

— Ah, não, de modo algum. Basta...

— Não estou com sono, e você mora pertinho. Não é trabalho nenhum, Peter, já estou indo. Pode ir saindo para o hospital.

Levou apenas um minuto para vestir umas calças, uma blusa e um suéter de caxemira. Mesmo antes de apertar o botão do elevador, Song Noturno já aparecia, de olhos arregalados e indagadores. Ela ficou calada.

No andar térreo, cruzou o saguão, saiu para a Nathan Road, atravessou a rua lateral e entrou no saguão do Anexo. Peter Marlowe já estava à sua espera.

— Esta é a srta. Tcholak — disse apressadamente ao porteiro da noite. — Ficaré com as meninas até eu voltar.

— Sim, senhor — replicou o eurasiiano, também de olhos arregalados. — O garoto a levará até o quarto, senhorita.

— Espero que tudo esteja bem, Peter... — Interrompeu-se. Ele já ia porta afora, tentando chamar um táxi.

O apartamento era pequeno, no sexto andar. A porta da frente estava entreaberta. O encarregado do andar, Po Noturno, deu de ombros e foi embora resmungando, xingando os bárbaros... como se ele não fosse capaz de cuidar de duas crianças adormecidas que brincavam de esconder com ele todas as noites.

Casey fechou a porta e foi dar uma espiada no pequenino segundo dormitório. As duas crianças dormiam a sono solto no beliche; Jane, a pequenina, na cama de cima, e Alexandra, toda largada, na de baixo. Comoveu-se ao vê-las. Louras, despenteadas, angelicais, agarradas a ursinhos de pelúcia. "Ah, como adoraria ter filhos", pensou, "filhos de Linc.

"Adoraria mesmo? As fraldas, sempre presa em casa, as noites insones e nenhuma liberdade.

"Não sei. Acho que sim. Ah, sim, por duas coisinhas como estas, sim!"

Casey não sabia se devia cobri-las ou não. O ar estava quente, por isso resolveu não fazer nada, para evitar acordá-las. Na

geladeira encontrou água engarrafada. Depois de bebê-la, sentiu-se mais refrescada e com o coração mais calmo. A seguir, sentou-se na poltrona. Dali a um momento tirou o livro de Peter da bolsa e, mais uma vez, começou a ler.

Duas horas depois, ele voltou. Ela nem sentira o tempo passar.

— Ah — exclamou, vendo o rosto dele. — Ela perdeu o bebê?

Ele fez que sim, entorpecido.

— Desculpe ter demorado tanto. Quer um pouco de chá?

— Claro, Peter, deixe que...

— Não. Não, obrigado, eu sei onde ficam as coisas. Desculpe ter-lhe dado tanto trabalho.

— Não é trabalho nenhum. Mas ela está passando bem? A Fleur?

— Eles, eles acham que sim. Foram as cólicas as responsáveis, e a disenteria. É cedo demais para saber, mas parece

não haver perigo de verdade, é o que dizem. O... o aborto, disseram que é sempre um tanto difícil, física e emocionalmente.

— Sinto tanto!

Ele a olhou, e ela notou o rosto forte, castigado, vivido.

— Não se preocupe, Casey, Fleur está bem — disse ele, mantendo a voz firme. — Os japoneses acreditam que nada existe até o nascimento, até trinta dias depois do nascimento, trinta se for menino, trinta e um se for menina. Não existe nada resolvido, nem alma, nem personalidade, nem pessoa... até essa data não existe a pessoa. — Virou-se para a minúscula cozinha e pôs a chaleira para ferver, tentando ser convincente. — É melhor acreditar nisso, não acha? Como ele podia ser outra coisa senão... uma coisa? Não existe uma pessoa até então, até uns trinta dias depois do nascimento. Assim a coisa não fica tão ruim. Ainda é pavoroso para a mãe, mas não tão ruim. Desculpe, acho que o que estou dizendo não tem muito sentido.

— Ah, mas tem. Espero que ela agora fique boa — disse Casey, com vontade de tocá-lo, sem saber se devia fazê-lo ou não. Ele parecia tão digno no seu sofrimento, tentando parecer calmo, apesar disso apenas um garotinho para ela.

— Os chineses e os japoneses são pessoas muito sensatas, Casey. As... as suas superstições tornam a vida mais fácil. Suponho que a taxa de mortalidade infantil fosse tão alta no passado, que fez

com que algum pai sábio tenha inventado essa história para aliviar o sofrimento de uma mãe. — Soltou um suspiro. — Ou, o que é mais provável, alguma mãe mais sábia ainda a tenha inventado para ajudar um pai desolado. Não é?

— Provavelmente — disse ela, deslocada, vendo as mãos dele prepararem o chá. Primeiro a água fervente na chaleira, o bule esaldado com cuidado, a água jogada fora. Três Colheres de chá e uma para o bule, a água fervente levada até o bule.

— Desculpe, não temos chá em saquinho. Não consigo me acostumar com isso, embora Fleur diga que é igualmente bom, e mais limpo. Desculpe, o chá é a única coisa que temos. — Trouxe a bandeja de chá para a sala e pousou-a na mesa de jantar. — Leite e açúcar? — perguntou.

— Está ótimo — replicou ela, que nunca o tomara daquele jeito.

Tinha um gosto estranho. Mas forte e revigorante. Beberam em silêncio. Ele deu um leve sorriso.

— Puxa, como é bom um chazinho, hem?

— É formidável.

Os olhos dele notaram o livro entreaberto.

— Ah! — exclamou.

— Gostei do que li até agora, Peter. O quanto há de verdade nele?

Distraidamente, ele se serviu de outra xícara.

— O quanto pode haver de verdade em qualquer coisa contada quinze anos depois de acontecida! Ao que me lembre, os incidentes são exatos. As pessoas no livro não viveram, embora pessoas iguais a elas tenham vivido, dito e feito aquele tipo de coisas.

— É inacreditável. Inacreditável que pessoas, jovens, pudessem sobreviver àquilo. Quantos anos você tinha, na época?

— Changi começou quando eu tinha dezoito anos, e acabou quando tinha vinte e um... pouco mais de vinte e um.

— Quem é você, no livro?

— Talvez eu nem esteja nele.

Casey resolveu abandonar a questão. Por enquanto. Até acabar o livro.

— É melhor eu ir andando. Você deve estar exausto.

— Não, não estou. Na verdade, não estou cansado. Tenho algumas anotações a fazer... dormirei quando as crianças estiverem na escola. Mas você, você deve estar. Nem sei como lhe agradecer, Casey. Fico lhe devendo um favor.

Ela sorriu e balançou a cabeça. Depois de uma pausa, disse:

— Peter, você, que conhece tanto sobre este lugar, a quem se ligaria, Dunross ou Gornt?

— Comercialmente, ao Gornt. Com vistas ao futuro, Dunross, se conseguir superar essa crise. Porém, pelo que tenho ouvido, isso não é provável.

— Por que Dunross para o futuro?

— Prestígio. Gornt não tem classe para ser o tai-pan... nem os antecedentes necessários.

— E isso é assim tão importante?

— Aqui, totalmente. Se a Par-Con quiser centenas de anos de crescimento, Dunross. Se estão aqui só para obter um lucro fácil, uma incursão sem maiores vistas ao futuro, liguem-se ao Gornt.

Ela acabou de tomar o seu chá, pensativa.

— O que sabe sobre Orlanda?

— Muita coisa — disse ele, prontamente. — Mas saber de escândalos ou fofocas sobre uma pessoa viva não é a mesma coisa que conhecer as lendas ou as fofocas referentes a épocas passadas. Não é?

Ela lhe devolveu o olhar.

— Nem mesmo como um favor?

— Isso é diferente. — Os olhos dele se estreitaram ligeiramente. — Está me pedindo um favor?

Ela largou a xícara de chá e sacudiu a cabeça.

— Não, Peter, agora não. Pode ser que mais tarde peça, mas agora não. — Notou que o cenho dele estava franzido. — O que foi? — perguntou.

— Estava me perguntando por que Orlanda representa uma ameaça para você. Por que esta noite? Obviamente, isso leva ao Linc, o que leva inevitavelmente à hipótese de que ela tenha saído com ele hoje, esteja com ele agora, o que explica por que sua voz estava horrível quando telefonei.

— Estava?

— Estava. Ora, naturalmente eu notei o Linc olhando para ela em Aberdeen, e você olhando para ele, e ela olhando para você. — Sorveu um pouco de chá, a fisionomia mais dura. — Uma festa e tanto, aquela! Muitos começos na festa, grandes tensões, muito drama. Fascinante, se você pode se dissociar da coisa. Mas você não pode, pode?

— Você sempre observa e escuta?

— Tento treinar-me para ser um observador. Tento usar ouvidos, olhos e outros sentidos, adequadamente, como devem ser usados. Você também. Não há muita coisa que lhe escape.

— Talvez sim, talvez não.

— Orlanda é treinada em Hong Kong, e treinada por Gornt. Se está planejando entrar em luta com ela por causa do Linc, pode ir se preparando para uma batalha e tanto... se é que ela está resolvida a agarrá-lo, o que ainda não sei.

— Gornt a estaria usando? Depois de uma pausa, ele disse:

— Imagino que Orlanda seja a dona de Orlanda. Não é assim com a maioria das damas?

— A maioria das damas atrela sua vida a um homem, quer queira, quer não.

— Pelo que sei a seu respeito, sabe cuidar da concorrência.

— E o que sabe a meu respeito?

— Muita coisa. — Novamente o sorriso leve, sereno, gentil. — Entre elas, que é inteligente, corajosa, tem muito prestígio e sabe manter a sua fachada.

— Estou tão cansada de fachada, Peter. No futuro... — O sorriso dela era igualmente carinhoso. — De agora em diante, para mim, as pessoas não vão ganhar prestígio, fachada... e sim "traseiro"... vão ganhar ou perder "traseiro".

Ele riu junto com ela.

— Do jeito que você fala parece mais refinado, mais próprio de uma dama.

— Não sou nenhuma dama.

— Ah, mas é, sim. — E acrescentou, mais suavemente: — Vi o jeito como o Linc olhava para você na festa de Dunross, também. Ele a ama. E seria um idiota de trocá-la por ela.

— Obrigada, Peter.

Levantou-se, beijou-o e saiu, em paz. Quando saltou do elevador no seu andar, Song Noturno estava Iá. Foi andando na

frente dela, e abriu a porta do quarto com um floreio. Ele notou que os olhos dela se dirigiram para a porta no fim do corredor.

— Patrão não em casa — falou, por conta própria. — Não voltou ainda.

Casey soltou um suspiro.

— Você acaba de perder mais "traseiro", meu chapa.

— Hem?

Fechou a porta, sentindo-se satisfeita consigo mesma. Na cama, recomeçou a ler. Terminou o livro ao alvorecer. Depois, dormiu.

9h25m

Dunross fez a curva rapidamente no seu Jaguar, subindo a estrada sinuosa com facilidade, depois dobrou numa entrada para carros e parou a dois centímetros dos altos portões. Os portões incrustavam-se em muros altos. Dali a um momento, o porteiro chinês espiou pela porta lateral. Quando reconheceu o tai-pan, abriu inteiramente os portões e fez sinal para que ele entrasse.

O caminho subia em curva e terminava diante de uma mansão chinesa. Dunross saltou. Outro criado cumprimentou-o silenciosamente. Os jardins eram bem-cuidados, e, descendo-se uma encosta, havia uma quadra de tênis onde quatro chineses, dois homens e duas mulheres, jogavam uma partida de duplas mistas. Não deram atenção a ele, e Dunross não reconheceu nenhum dos quatro.

— Por favor, siga-me, tai-pan — disse o criado.

Dunross disfarçou sua curiosidade ao entrar numa ante-sala. Era a primeira vez que ele, ou qualquer um que conhecesse, era convidado a entrar na casa de Tiptop. O interior era limpo, mas estava atulhado da mistura chinesa, descuidada mas habitual, de belas antigüidades laqueadas e bric-à-brac feio e moderno. As paredes eram de lambris, onde algumas gravuras ordinárias estavam penduradas. Ele se sentou. Um outro criado trouxe o chá e serviu-o.

Dunross podia sentir que estava sendo observado, mas isso também era comum. A maioria dessas casas antigas tinha visores nas paredes e portas... mesmo na Casa Grande havia muitos.

Quando voltara à Casa Grande de madrugada, Iá pelas quatro horas, fora direto ao seu escritório e abriu o cofre. Não havia dúvida, apenas a um olhar superficial, de que uma das moedas restantes se encaixava nas impressões da matriz de cera de Wu Quatro Dedos. Nenhuma dúvida. Os dedos dele tremiam ao tirar a meia moeda do lacre que a prendia à bíblia de Dirk Struan, e ao limpá-la. Ela se encaixava perfeitamente nos recortes.

— Deus meu! — murmurou. — E agora?

Depois, recolocara a matriz e a moeda no cofre. Seus olhos depararam com a automática carregada e o espaço vazio onde ficavam as pastas de Alan M. Grant. Inquieto, trancara de novo o cofre e fora para a cama. Havia um recado no seu travesseiro:

"Querido papai: Quer me acordar quando sair? Queremos ir assistir aos treinos. Beijos, Adryon. P. S. — Posso convidar o Martin para as corridas no sábado, por favor, por favor, por favor? P. P. S. — Acho que ele é legal. P. P. P. S. — Você também é legal. P. P. P. P. S. — Está chegando tarde, não é? São três horas e dezesseis minutos!!!"

Ele fora na ponta dos pés ao quarto dela e abrira a porta, mas ela dormia a sono solto. Quando saiu de casa, teve de bater na porta duas vezes para acordá-la.

— Adryon! São seis e meia.

— Ah! Está chovendo? — perguntou, sonolenta.

— Não, mas não demora. Quer que abra as persianas?

— Não, papai querido, obrigada... não faz mal, Martin não vai... se importar.

Abafara um bocejo. Fechara os olhos e, quase instantaneamente, ferrara no sono de novo.

Divertido, ele a sacudira de leve, mas ela não acordara. "Não faz mal, papai, Martin não vai..." E agora, lembrando-se das suas palavras, de como era linda, e do que sua mulher dissera a respeito da pílula, resolveu fazer uma verificação muito séria sobre Martin Haply. Por via das dúvidas.

— Ah, tai-pan, desculpe tê-lo feito esperar. Dunross levantou-se e apertou a mão estendida.

— É muita gentileza sua receber-me, sr. Tip. Lamento saber que está resfriado.

Tip Tok-toh estava na casa dos sessenta anos, era grisalho, tinha um rosto redondo e simpático. Usava um roupão, tinha os olhos vermelhos e o nariz entupido, a voz um pouco rouca.

— Temos um clima horrível. No fim de semana passado fui velejar com Shitee T'Chung, e devo ter pegado um golpe de ar.

Seu sotaque era ligeiramente americano, talvez canadense. Nem Dunross nem Alastair Struan jamais haviam conseguido que falasse sobre o seu passado, nem Johnjohn ou os outros banqueiros tinham ouvido falar dele nos círculos bancários na época da China nacionalista, antes de 1949. Até mesmo Shitee T'Chung e Phillip Chen, que o recebiam com festas suntuosas, nada conseguiam arrancar dele. Os chineses deram-lhe o apelido de "A Ostra".

— O tempo tem andado ruim — concordou Dunross, amavelmente. — Graças a Deus pela chuva.

Tiptop fez sinal para o homem ao seu lado.

— Este é um associado, sr. L'eung.

O sujeito era um tipo comum. Usava uma jaqueta parda maoísta e calças pardas. Sua fisionomia era fechada, fria e reservada. Fez um gesto de cabeça, que Dunross retribuiu. "Associado" podia cobrir uma infinidade de funções, desde patrão a intérprete, de comissário a guarda.

— Aceita um pouco de café?

— Obrigado. Já experimentou vitamina C para curar o seu resfriado?

Pacientemente, Dunross começou o bate-papo formal que antecederia o motivo real da visita. Na noite anterior, enquanto esperava por Brian Kwok no Quance Bar, resolvera que valia fazer uma tentativa quanto à proposta de Johnjohn. Por isso, ligara para Phillip Chen e pedira-lhe que solicitasse um encontro na manhã seguinte. Teria sido igualmente fácil ligar diretamente para Tiptop, mas não seria o protocolo chinês correto. O costume chinês exigia um intermediário mutuamente amistoso. Assim, se o pedido fosse

recusado, ninguém perdia prestígio, nem quem pedia, nem aquele a quem o pedido era feito, e nem o intermediário.

Dunross prestava atenção apenas parcial a Tiptop, conversando polidamente, surpreso de ainda estarem falando em inglês, por causa de L'eung. Isso só podia significar que o inglês do homem também era perfeito e, possivelmente, que ele não entendia nem cantonense nem xangaiense, que Tiptop falava, e Dunross falava fluentemente. Esgrimiu com Tiptop, esperando a abertura que o banqueiro lhe daria. Finalmente, ela chegou.

— Este colapso de suas ações na Bolsa deve estar lhe causando preocupações, tai-pan.

— Está, sim, mas não é um colapso, sr. Tip, apenas uma readaptação. O mercado vai e vem.

— E o sr. Gornt?

— Quillan Gornt é Quillan Gornt, e está sempre tentando morder os nossos calcanhares. Todos os corvos sob os céus são negros — replicou Dunross, mantendo a voz natural, imaginando quanto o homem saberia.

— E a confusão do Ho-Pak? Também é uma readaptação?

— Não, não, esse é mesmo um problema. Infelizmente, parece que o Ho-Pak está sem sorte.

— É, sr. Dunross, mas a sorte não tem muito a ver com isso. É o sistema capitalista, além da incapacidade do Banqueiro Kwang.

Dunross ficou calado. Desviou os olhos momentaneamente para L'eung, que se sentava rigidamente imóvel, e muito atento. Seus ouvidos estavam concentrados, e sua mente também, buscando perceber as correntes ocultas do que era dito.

— Não tenho nada a ver com os negócios do sr. Kwang, sr. Tip. Infelizmente, a corrida ao Ho-Pak está se espalhando para os outros bancos, e isso é muito ruim para Hong Kong e também, acho eu, para a República Popular da China.

— Não para a República Popular da China. Como pode ser ruim para nós?

— A China é a China, o Reino Médio. Nós, da Casa Nobre, sempre consideramos a China como mãe e pai da nossa casa. Agora, nossa base em Hong Kong está sitiada, o que na verdade nada significa... apenas uma falta temporária de confiança, e de cerca de uma semana de dinheiro vivo. Nossos bancos têm todas as reservas, toda a fortuna e toda a força de que necessitam para atuar... para ajudar velhos amigos, velhos clientes, e a nós mesmos.

— Então por que não imprimem mais dinheiro, se a moeda é forte?

— É uma questão de tempo, sr. Tip. Não é possível para a Casa da Moeda imprimir suficiente dinheiro de Hong Kong.

— Mais pacientemente ainda, Dunross respondeu às perguntas, sabendo agora que a maioria delas eram feitas por causa de L'eung, o que indicava que L'eung era mais antigo que Tiptop, um membro mais graduado do partido, e não era banqueiro.

— Nossa solução provisória seria trazer para cá, imediatamente, alguns carregamentos por via aérea de libras esterlinas, para cobrir as retiradas.

Notou que os olhos de ambos os homens se estreitaram ligeiramente.

— Isso não iria apoiar o dólar de Hong Kong.

— É, nossos banqueiros sabem disso. Mas o Blacs, o Victoria e o Banco da Inglaterra decidiram que isso seria o melhor, provisoriamente. Simplesmente não temos dinheiro suficiente de Hong Kong para satisfazer todos os depositantes.

O silêncio tornou-se mais denso. Dunross esperava. Johnjohn lhe dissera que acreditava que o Banco da China não devia possuir reservas substanciais de libras por causa das restrições monetárias aos seus movimentos para e da Inglaterra, mas possuía quantias bem substanciais em dólares de Hong Kong, para os quais não havia restrições de exportação.

— Não seria nada bom que o dólar de Hong Kong ficasse enfraquecido — disse Tip Tok-toh. Assoou o nariz, ruidosamente. — Nada bom para Hong Kong.

— É.

Os olhos de Tip Tok-toh endureceram, e ele se debruçou para a frente.

— É verdade, tai-pan, que o Orlin Merchant Bank não vai renovar o seu crédito?

O coração de Dunross bateu mais depressa.

— É.

— E é verdade que o seu belo banco não quer cobrir esse empréstimo, nem adiantar-lhe o bastante para evitar o ataque da Rothwell-Gornt às suas ações?

— É — respondeu Dunross, muito satisfeito ao perceber que sua voz estava calma.

— E é verdade que muitos dos seus velhos amigos lhe recusaram crédito? — É.

— E é verdade que... Hiro Toda chega esta tarde e exige para breve o pagamento dos navios encomendados ao seu estaleiro japonês?

— É.

— E é verdade que Mata e Tung, e a sua Great Good Luck Company de Macau triplicaram a sua encomenda normal de ouro em barras, mas não querem ajudá-lo diretamente?

— É — replicou Dunross, sua já aguçada concentração aumentando.

— E é verdade que os cães soviéticos hegemônistas solicitaram, mais uma vez, atrevidamente, muito, muito

atrevidamente, licença para operar bancos em Hong Kong?

— Creio que sim. Johnjohn me contou que sim. Não tenho certeza, mas imagino que ele não me contaria uma inverdade.

— O que foi que ele lhe disse?

Dunross repetiu o comentário palavra por palavra, encerrando com:

— Sem dúvida a solicitação seria recusada por mim, as diretorias de todos os bancos britânicos, todos os tai-pans e o governador. Johnjohn também disse que os hegemônistas tiveram a desfaçatez de oferecer quantias substanciais e imediatas em dólares de Hong Kong para auxiliá-los na dificuldade atual.

Tip Tok-toh acabou seu café.

— Aceita mais um pouco?

— Obrigado — aceitou Dunross. Notou que L'eung serviu o café, e sentiu que tinha dado um grande passo à frente. Na noite anterior, mencionara delicadamente o banco de Moscou a Phillip Chen, sabendo que Phillip saberia como passar adiante a informação, o que naturalmente indicaria a um homem astuto como

Tiptop o motivo real da urgência do encontro, e assim dar-lhe-ia tempo necessário para entrar em contato com a pessoa que tomava as decisões, que avaliaria a sua importância e os meios de concordar, ou não. Dunross podia sentir um brilho de suor na testa, e rezou para que nenhum dos homens à sua frente o notasse. Sua ansiedade faria subir o preço... caso fosse feito algum negócio.

— Terrível, terrível — disse Tiptop, pensativo. — Tempos terríveis! Velhos Amigos abandonando Velhos Amigos, inimigos sendo bem-vindos ao lar... terrível. Ah, a propósito, tai-pan, um dos nossos Velhos Amigos pediu-me que lhe perguntasse se poderia providenciar para ele um carregamento de mercadorias. Óxido de tório, acho que era.

Com grande esforço Dunross manteve a fisionomia serena. O óxido de tório era um óxido raro, o ingrediente essencial para camisas de lampião a gás à moda antiga: fazia com que a camisa emitisse sua brilhante luz branca. No ano anterior, soubera por acaso que Hong Kong se havia tornado recentemente o seu maior usuário, depois dos Estados Unidos. Sua curiosidade aumentara, pois a Struan não estava envolvida no que obviamente era um comércio lucrativo. Logo descobriu que o acesso ao material era relativamente fácil, e que o comércio era prodigioso, muito secreto, realizado por vários pequenos importadores, todos muito imprecisos quanto aos seus negócios. Na natureza, o tório ocorria em vários isótopos radioativos. Alguns deles eram facilmente convertidos em urânio fissionável 235, e o tório 232 por si só era um material criador imensamente valioso para um reator nuclear. Naturalmente, esse e muitos outros derivados do tório eram materiais estratégicos restritos, mas ele ficara espantadíssimo ao saber que o óxido e o nitrato, facilmente conversíveis quimicamente, não o eram.

Nunca pôde descobrir para onde realmente iam os óxidos de tório. Claro que para a China. Há bastante tempo que ele e outros vinham suspeitando que a RPC tinha um programa atômico intensivo, embora todos acreditassem que estivesse ainda em fase de projeto, e a pelo menos dez anos de sua consecução. Pensar na China possuidora de armas nucleares enchia-o de sentimentos contraditórios. Por um lado, qualquer proliferação nuclear era perigosa; por outro, como potência nuclear, a China instantaneamente se tornaria uma rival formidável da Rússia soviética, até mesmo uma ameaça, certamente invencível, especialmente se também tivesse os meios de desfechar um ataque de retaliação.

Dunross notou que os dois homens olhavam para ele. A veiazinha da testa de L'eung pulsava, embora seu rosto estivesse impassível.

— Isso seria possível, sr. Tip. De quanto precisariam, e para quando?

— Acredito que imediatamente, o máximo que puder ser obtido. Como sabe, a RPC está tentando se modernizar, mas grande parte da nossa iluminação ainda é a gás.

— Naturalmente.

— Onde obteria os óxidos e os nitratos?

— A Austrália seria provavelmente o meio mais rápido, embora não tenha idéia, no momento, da qualidade. Fora dos Estados Unidos — acrescentou delicadamente —, só são encontrados na Tasmânia, no Brasil, na Índia, na África do Sul, na Rodésia e nos montes Urais... onde se encontram em abundância. — Nenhum dos dois homens sorriu. — Imagino que a Tasmânia e a Rodésia seriam os melhores locais. Há alguém com quem Phillip e eu devemos tratar?

— Com o sr. Vee Cee Ng, no Edifício Princes. Dunross engoliu um assobio, enquanto encaixava outro pedaço do quebra-cabeça. O sr. Vee Cee Ng, Ng Fotógrafo, era grande amigo de Tsu-yan, o Tsu-yan desaparecido, seu velho amigo e associado que fugira misteriosamente para a China, cruzando a fronteira em Macau. Tsu-yan fora um dos importadores de tório. Até agora, a ligação não lhe parecera importante.

— Conheço o sr. Ng. A propósito, como vai meu velho amigo Tsu-yan?

L'eung ficou obviamente sobressaltado. "Bem na mosca", pensou Dunross, sombriamente, chocado por nunca ter suspeitado de que Tsu-yan fosse comunista, ou tivesse tendências comunistas.

— Tsu-yan? — Tiptop franziu o cenho. — Há mais de uma semana não o vejo. Por quê?

— Ouvi dizer que estava visitando Pequim, via Macau.

— Curioso! Muito curioso. Por que iria querer fazer isso... um arquicapitalista? Bem, as surpresas nunca cessam. Se tiver a gentileza de entrar em contato diretamente com o sr. Ng, estou certo de que ele lhe dará os detalhes.

— Farei isso hoje mesmo, logo que chegar ao escritório. Dunross esperou. Haveria outras concessões antes que eles fornecessem o que ele buscava, se é que seria fornecido. Sua cabeça fervilhava com as implicações do primeiro pedido: como obter os óxidos de tório, se deveria obtê-los. Queria saber a quantas ia a RPC com o seu programa atômico, sabendo que jamais lhe contariam. L'eung pegou um maço de cigarros e lhe ofereceu um.

— Não, obrigado.

Os dois outros homens acenderam seus cigarros. Tiptop tossiu e assoou o nariz.

— É curioso, tai-pan — disse —, muito curioso que o senhor se esforce tanto para ajudar o Victoria e o Blacs, e todos os seus bancos capitalistas, enquanto corre o forte boato de que eles não o ajudarão nas suas dificuldades.

— Talvez enxerguem o quanto estão errados — disse Dunross. — Às vezes é necessário esquecer interesses atuais para o bem comum. Seria ruim para o Reino Médio se Hong Kong fraquejasse. — Notou o escárnio no rosto de L'eung, mas nem se incomodou. — Um antigo preceito chinês diz que não se devem esquecer os Velhos Amigos, os amigos de confiança, e enquanto eu for tai-pan da Casa Nobre e tiver poder, sr. Tip, eu e os que são como eu... o sr. Johnjohn, por exemplo, e o governador... dedicaremos amizade eterna ao Reino Médio e jamais permitiremos que os hegemônistas floresçam na nossa rocha árida.

Tiptop disse, vivamente:

— É a nossa rocha árida, Sr. Dunross, que está sendo atualmente administrada pelos britânicos, não é?

— Hong Kong é e sempre foi solo do Reino Médio.

— Aceitarei sua definição, por enquanto, mas tudo em Kowloon e nos Novos Territórios ao norte da Boundary Road reverterá para nós daqui a uns trinta e cinco anos, não é? Mesmo que vocês aceitem os Tratados Desiguais impostos aos nossos antepassados, que nós não aceitamos.

— Meus antepassados sempre acharam seus Velhos Amigos sensatos, muito sensatos, incapazes de cortar fora os seus Talos para irritar um Portão de Jade.

Tiptop achou graça. L'eung continuou de cara fechada e hostil.

— O que prevê que acontecerá em 1997, sr. Dunross?

— Não sou o Velho Cego Tung, nem um vidente, sr. Tip. — Dunross deu de ombros. — Que 1997 cuide de 1997. Velhos Amigos ainda precisarão de Velhos Amigos, heya?

Depois de uma pausa, Tiptop disse:

— Se o seu banco não ajudar a Casa Nobre, nem os Velhos Amigos, nem o Orlin, como continuará sendo a Casa Nobre?

— Meu antepassado, o Demônio de Olhos Verdes, teve que responder à mesma pergunta feita pelo Grande e Honorável Jin-qua, quando estava sendo acossado pelos inimigos, Tyler Brock e sua escória. Apenas riu e disse: "Neng che to lao, um homem capaz tem muitos fardos". Como sou mais capaz do que a maioria, tenho que suar mais do que a maioria. Tip Tok-toh sorriu com ele.

— E está suando, sr. Dunross?

— Bem, coloquemos a coisa nestes termos — disse Dunross, alegremente: — estou tentando evitar o octagésimo quarto. Como sabe, Buda disse que todos os homens têm oitenta e três fardos. Se conseguirmos eliminar um deles, automaticamente adquirimos outro. O segredo da vida é adaptar-se aos oitenta e três e evitar a todo custo adquirir o octagésimo quarto.

O homem mais velho sorriu.

— Já considerou a venda de parte de sua companhia, talvez até cinquenta e um por cento?

— Não, sr. Tip. O velho Demônio de Olhos Verdes nos proibiu isso. — As ruguinhas ao redor dos olhos de Dunross apareceram, quando sorriu. — Ele queria que suássemos.

— Torçamos para que o senhor não sue demais. É. — Tiptop apagou o cigarro. — Em épocas difíceis, seria bom para o Banco da China ter uma ligação mais estreita com o seu sistema bancário. Assim, essas crises não seriam tão contínuas.

Prontamente, os pensamentos de Dunross deram um salto à frente.

— Será que o Banco da China consideraria a possibilidade de um contato permanente postado dentro do Vic, e um equivalente no seu banco? — Notou o sorriso fugaz e soube que adivinhara

corretamente. — Isso asseguraria um controle íntimo de qualquer crise, e lhes daria assistência, caso viessem a precisar de assistência internacional.

— O presidente Mao aconselha a auto-ajuda, e é o que estamos fazendo. Mas a sua sugestão pode ser válida. Terei prazer em passá-la adiante.

— Estou certo de que o banco ficaria grato se o senhor recomendasse alguém para ser o seu contato no grande Banco da China.

— Também terei prazer em passar isso adiante. Acha que o Blacs ou o Victoria adiantariam o câmbio externo necessário para as importações do sr. Ng?

— Estou certo de que ficariam encantados em ser úteis, o Victoria sem dúvida. Afinal de contas, o Victoria tem mais de um século de associação com a China. Não foi instrumento importante na realização da maioria dos seus empréstimos externos, para ferrovias, aviões?

— Com grande lucro — disse Tiptop, secamente. Seus olhos dardejaram para L'eung, que fitava Dunross intensamente. — Lucro capitalista — acrescentou, fracamente.

— Exatamente — disse Dunross. — Precisa desculpar-nos, a nós, capitalistas, sr. Tip. Talvez nossa única defesa seja que muitos de nós somos Velhos Amigos do Reino Médio.

L'eung falou rapidamente com Tiptop num dialeto que Dunross não compreendeu. Tiptop respondeu afirmativamente. Os dois homens olharam para Dunross.

— Desculpe-me, sr. Dunross, mas precisa me dar licença agora. Tenho que tomar uns remédios. Talvez possa me telefonar depois do almoço. Digamos Iá pelas duas e meia, aqui para casa mesmo.

Dunross levantou-se e estendeu a mão, sem ter certeza de ter tido êxito, mas certo de que precisava agir depressa quanto ao tório, sem dúvida antes das duas e meia.

— Obrigado por receber-me.

— E quanto ao nosso quinto páreo? — perguntou o homem mais velho, erguendo os olhos para ele, enquanto o acompanhava até a porta.

— Noble Star vale uma aposta. De qualquer tipo.

— Ah! Butterscotch Lass?

— Também.

— E Pilot Fish? Dunross riu.

— O garanhão é bom, mas não pertence à mesma classe, a não ser que ocorra um ato de Deus, ou do Diabo.

Estavam agora à porta da frente, e um criado a escancarou. Novamente L'eung falou no dialeto que Dunross não reconheceu. Novamente Tiptop respondeu afirmativamente, e foi na frente, mostrando o caminho. Logo que saíram da casa, L'eung afastou-se em direção à quadra de tênis.

— Gostaria que conhecesse um amigo, um novo amigo, sr. Dunross — falou Tiptop. — Ele poderá, quem sabe, fazer muitos negócios com o senhor, no futuro. Se o senhor quiser.

Dunross notou os olhos empedernidos, e seu bom humor desapareceu.

O chinês que vinha vindo com L'eung era bem-feito de corpo, elegante, na casa dos quarenta anos. Tinha os cabelos negro-azulados despenteados por causa do jogo, o uniforme de tênis

moderno, vistoso e americano. Na quadra às suas costas os outros três esperavam e observavam. Todos estavam bem-vestidos, e em boa forma física.

— Posso lhe apresentar o dr. Joseph Yu, da Califórnia? Sr. Ian Dunross.

— Oi, sr. Dunross — cumprimentou-o o dr. Joseph Yu com tranqüila familiaridade americana. — O sr. Tip já me falou a seu respeito, e da Struan... prazer em conhecê-lo. O sr. Tip achou que devíamos conhecer-nos antes que eu me vá... vamos embora para a China amanhã, Betty e eu... minha mulher e eu. — Fez um gesto impreciso de mão na direção de uma das mulheres na quadra de tênis. — Não esperamos voltar tão cedo, portanto gostaria de marcar um encontro com o senhor em Cantão, daqui a um mês, mais ou menos. — Lançou um olhar para Tiptop. — Não haverá problemas com o visto do sr. Dunross?

— Não, dr. Yu. Ah, não, de modo algum.

— Ótimo. Se eu ligar para o senhor, sr. Dunross, ou o sr. Tip ligar, podemos combinar alguma coisa com uns dois dias de antecedência?

— Claro que sim, se toda a parte burocrática estiver pronta — disse Dunross, mantendo o sorriso no rosto, notando a dureza confiante de Yu. — O que está pretendendo?

— Se nos dão licença — falou Tiptop —, vamos deixá-los sozinhos.

Fez um gesto cortês de cabeça e voltou com L'eung para dentro da casa.

— Sou dos Estados Unidos — continuou Yu, animado —, americano de nascimento, de Sacramento. Sou californiano de terceira geração, embora tenha sido educado, em parte, em Cantão. Tirei o meu Ph. D. em Stanford, engenharia aeroespacial, minha especialidade. Foguetes e combustíveis para foguetes. Passei na nasa os meus melhores anos, os melhores desde a faculdade. — Yu não sorria mais. — O que vou encomendar é todo tipo de equipamento metalúrgico e ferramentas aeroespaciais sofisticadas. O sr. Tip me disse que o senhor seria a nossa melhor opção como importador. Os britânicos, depois os franceses e os alemães, talvez os japoneses, serão os fabricantes. Está interessado?

Dunross ouvia com uma preocupação crescente, que não se incomodou em disfarçar.

— Desde que não seja material estratégico e restrito — disse.

— Será principalmente estratégico e principalmente restrito. Está interessado?

— Por que está me contando tudo isso, dr. Yu? Yu sorriu apenas formalmente.

— Vou reorganizar o programa espacial da China. — Os olhos dele estreitaram-se ainda mais, enquanto observava Dunross atentamente. — Acha isso surpreendente?

— Acho.

— Eu também. — Yu lançou um olhar para a mulher, depois voltou a fitar Dunross. — O sr. Tip me disse que se pode confiar no senhor. Acha que o senhor é justo, e que como lhe deve um ou dois favores, passará adiante um recado meu. — A voz de Yu tornou-se mais dura. — Estou lhe contando isso para que, quando ler sobre o meu falecimento, ou seqüestro, ou alguma merda de "enquanto estava mentalmente perturbado", saiba que é tudo mentira, e me faça o favor de dar esse recado à CIA, que o passará adiante. A verdade! — Inspirou fundo. — Estou indo por livre e espontânea vontade. Nós dois estamos. Há três gerações meu povo, que é o melhor contingente de imigrantes que existe, vive espezinhado nos Estados Unidos pelos americanos. Meu velho serviu na Primeira Guerra Mundial, e eu, na Segunda. Mas a última gota foi há dois meses, no dia 16 de junho. Betty e eu queríamos uma casa em Beverly Hills. Conhece Beverly Hills, em Los Angeles?

— Conheço.

— Fomos recusados por sermos chineses. O filho da puta falou claramente: "Não vou vender minha casa para nenhum maldito chinês". Essa não foi a primeira vez, porra, não, mas o filho da puta disse isso na frente da Betty, e foi aí que o caldo entornou! — Os lábios de Yu retorceram-se de raiva. — Pode imaginar a estupidez do filho da mãe? Sou o melhor no meu ramo, e aquele caipira cretino e preconceituoso disse: "Não vou vender minha casa para nenhum maldito chinês". — Girou a raquete nas mãos. — Você lhes contará?

— Quer que eu passe adiante essa informação particular ou publicamente? Posso citá-lo palavra por palavra, se quiser.

— Particularmente, para a CIA, mas não antes da segunda-feira às dezoito horas. Certo? Depois, no mês que vem, depois do nosso encontro em Cantão, será pública. Certo, sr. Dunross?

— Muito bem. Pode dar-me o nome do vendedor da casa, a data, outros detalhes?

Yu apanhou um pedaço de papel datilografado. Dunross lançou-lhe um olhar.

— Obrigado. — Havia dois nomes, endereços e números de telefone em Beverly Hills. — Ambos a mesma recusa?

— É.

— Cuidarei disso para o senhor, dr. Yu. — Acha que é mesquinharia, não é?

— Não, não acho isso, absolutamente. Só lamento que tenha acontecido e aconteça em toda parte... com todo tipo de gente. É uma grande tristeza. — Dunross hesitou. — Acontece na China, no Japão, aqui, no mundo inteiro. Chineses e japoneses, vietnamitas, todo tipo de pessoas, dr. Yu, são às vezes igualmente intolerantes e preconceituosos. Na maioria das vezes, até mais. Nós não somos chamados de quai loh?

— Não devia acontecer nos Estados Unidos... não de americana para americano. Isso é o que me deixou puto.

— Acha que, uma vez na China, terá liberdade para entrar e sair livremente?

— Não, e estou pouco me lixando. Vou de livre vontade. Não estou sendo tentado por dinheiro, ou chantageado para ir. Simplesmente vou.

— E quanto à nasa? Estou surpreso que tenham permitido que uma bobagem dessas acontecesse.

— Ah, tínhamos uma bela casa à nossa disposição, mas não era onde queríamos morar. Betty queria aquela maldita casa, e nós tínhamos posição e dinheiro para comprá-la, mas não pudemos entrar nela. Não foi apenas aquele filho da puta, foi toda a vizinhança. — Yu afastou um fio de cabelo dos olhos. — Não nos querem. Portanto, vou para onde me querem. O que acha de a China ter sua própria força de ataque nuclear retaliatório? Como os franceses, hem? O que acha disso?

— A idéia de qualquer um possuir foguetes com bombas A ou H me enche de horror.

— São apenas as armas de hoje, sr. Dunross, apenas as armas de hoje.

— Santo Deus! — exclamou Johnjohn, estupefato. Havergill estava igualmente chocado.

— O sr. Joseph Yu é mesmo dos bons, Ian?

— Com certeza. Liguei para um amigo em Washington. Yu é um dos dois ou três melhores do mundo... foguetes e combustível para foguetes. — Tinham acabado de almoçar. Dunross acabara de contar-lhes o que transpirara pela manhã. — Também é verdade que ninguém sabe que vai cruzar a fronteira, ou até mesmo que saiu do

Havaí, onde pensam que está de férias... disse-me que viajou para cá abertamente.

— Pombas! — manifestou-se Johnjohn de novo. — Se a China conseguir peritos como ele... — Ficou girando o cortador de papel que estava na mesa de Havergill. — Ian, já pensou em avisar Roger Crosse, ou Rosemont, para impedir isso?

— Claro, mas não posso fazê-lo. Simplesmente não posso.

— Claro que Ian não pode! Já pensou no que está em jogo? — Havergill indicou a janela com um movimento brusco do polegar. Catorze andares abaixo, podia-se ver uma turba impaciente e zangada tentando entrar no banco, a polícia agora mal conseguindo contê-la. — Não vamos nos iludir. A corrida começou, estamos chegando ao fundo do saco. Mal temos dinheiro para passar o dia, mal temos dinheiro para pagar os funcionários públicos. Graças a Deus amanhã é sábado! Se o Ian diz que existe uma chance de conseguirmos o dinheiro da China, claro que ele não pode se arriscar a revelar uma confidencia dessas! Ian, soube que o Ho-Pak fechou as portas?

— Não. Tenho voado daqui para Iá como uma mosca-varejeira desde que deixei o Tiptop.

— O Ching Prosperity também fechou. O Far East and Índia está balançando. O Blacs está distribuindo suas reservas e, como nós, rezando para que elas durem a meia hora que falta para o fim

do expediente. — Empurrou o telefone pela escrivaninha prístina. — Ian, por favor, ligue agora para o Tiptop. São duas e meia.

Dunross manteve a fisionomia séria e a voz serena.

— Há algumas coisas a acertar primeiro, Paul. E quanto às importações de tório? — Contara-lhe que entrara em contato com Ng Fotógrafo, que alegremente lhe dera uma encomenda imediata para o máximo de óxido raro que pudessem obter. — Você arranjará as operações cambiais no exterior?

— Sim, desde que o comércio não seja proibido.

— Vou precisar disso por escrito.

— Você o receberá antes da hora do encerramento do expediente. Por favor, ligue agora para ele.

— Daqui a dez minutos. É uma questão de prestígio. Concorda em ter um contato permanente do Banco da China no prédio?

— Sim. Estou certo de que eles jamais permitirão que um dos nossos entre no prédio deles, mas tudo bem. — Havergill olhou de novo para o relógio, depois para Johnjohn. — O sujeito teria que ser

controlado, e talvez tivéssemos que mudar algumas normas de segurança, certo?

Johnjohn concordou.

— É, mas isso não deverá causar problemas, Paul. Se fosse o Tiptop em pessoa, seria perfeito. Acha que há chance disso, Ian?

— Não sei. Bem, e quanto às encomendas do Yu?

— Não podemos financiar contrabando — disse Havergill. — Isso fica por sua conta.

— E quem falou em contrabando?

— É. Bem, digamos que será preciso examinar atentamente as encomendas do Yu, quando e se a sua assistência for solicitada, Ian.

— Qual é, Paul! Você sabe muito bem que isso faz parte do acordo... se houver um acordo. Por que outro motivo iriam querer que eu o conhecesse? Johnjohn se intrometeu.

— Por que não adiar esse problema, Ian? Faremos o impossível para dar-lhe assistência, quando chegar a hora. Você disse ao Yu a mesma coisa, que ia esperar para ver, mas não assumiu nenhum compromisso, não foi?

— Mas vocês concordam em ajudar a me dar assistência de todas as maneiras?

— Concordamos, quanto a isso e quanto ao tório.

— E quanto ao meu empréstimo?

— Não tenho permissão para concedê-lo, Ian — disse Paul Havergill. — Já discutimos esse assunto.

— Então convoque uma reunião de diretoria imediatamente.

— Vou pensar. Vamos ver como estão indo as coisas, está bem? — Paul Havergill apertou um botão e falou no pequeno microfone: — Bolsa de Valores, por favor.

Dali a um momento ouviu-se uma voz pelo alto-falante. Ao fundo, ouvia-se o pandemônio.

— Pronto, sr. Havergill.

— Charles, quais são as últimas?

— O mercado inteiro baixou vinte e oito pontos... — Os dois banqueiros empalideceram. A pequena veia na testa de Dunross pulsava — e parece que está havendo um começo de pânico. O banco baixou sete pontos, a Struan baixou para 11, 50...

— Santo Deus! — murmurou Johnjohn.

— ... a Rothwell-Gornt baixou sete, a Companhia de Força de Hong Kong baixou cinco, a Asian Land, onze... está tudo em perigo. Todas as ações de bancos estão caindo vertiginosamente. O Ho-Pak congelou a 12, e quando descongelar, baixará para 1 dólar. O Far East and Índia está pagando apenas um máximo de mil por cliente.

O nervosismo de Havergill aumentou. O Far East era um dos maiores bancos da colônia.

— Detesto ser pessimista, mas está parecendo Nova York em 1929! Acho... — A voz foi abafada por uma explosão de gritos. — Desculpe, há uma outra grande oferta de venda das ações da Struan: duzentas mil ações...

— Pombas, de onde está vindo essa quantidade toda de ações? — perguntou Johnjohn.

— De todos os Fulanos, Beltranos e Sicranos de Hong Kong — disse Dunross friamente. — Inclusive o Victoria.

— Tivemos que proteger nossos investidores — disse Havergill, acrescentando ao microfone: — Obrigado, Charles. Ligue para mim de novo às quinze para as três. — Desligou o alto-falante. — Eis a sua resposta, Ian. Não posso, em sã consciência, recomendar à diretoria que salvemos sua pele com outro empréstimo de dez milhões sem garantia.

— Vai convocar uma reunião de diretoria imediatamente ou não?

— Suas ações estão caindo vertiginosamente. Não tem bens que sirvam de garantia para "bancar" a corrida às suas ações, seus títulos bancários já estão penhorados, as ações readquiridas pela sua companhia valem menos a cada minuto. Na segunda ou na terça Gornt vai comprar o que vendeu, e então controlará a Struan.

Dunross fitava-o.

— Vai deixar o Gornt assumir o controle da companhia? Não acredito. Vocês vão recomprar antes dele. Ou já fizeram um acordo para dividir a Struan entre os dois?

— Nenhum acordo. Ainda não. Mas se você pedir demissão da Struan neste momento, concordar por escrito em nos vender quantas ações readquiridas pela sua companhia quisermos, ao preço de mercado no encerramento do pregão de segunda, se concordar em indicar um novo tai-pan, escolhido pela nossa diretoria, comunicaremos que daremos apoio integral à Struan.

— Quando fariam essa comunicação?

— Na segunda, às quinze horas e dez minutos.

— Em outras palavras: não me estarão dando nada.

— Você sempre disse que a melhor coisa de Hong Kong era ser uma praça de mercado livre, onde os fortes sobrevivem e os fracos perecem. Por que não persuadiu Sir Luís a retirar suas ações do pregão?

— Ele fez essa sugestão. Eu a recusei.

— Por quê?

— A Struan continua forte como sempre.

— O motivo real não foi o prestígio... e o seu orgulho idiota? Desculpe, não há nada que eu possa fazer para impedir o inevitável.

— Porra! — exclamou Dunross, e Havergill enrubesceu. — Pode convocar uma reunião. Pode...

— Nada de reunião!

— Ian! — Johnjohn tentou suavizar a hostilidade declarada entre os dois homens. — Escute, Paul, que tal um acordo? Se, através do Ian, conseguirmos o dinheiro vivo da China, você convocará uma reunião de diretoria imediatamente, uma reunião extraordinária, ainda hoje. Você pode fazer isso... há um número suficiente de diretores na cidade, e seria justo, não é?

— Vou pensar no assunto — disse Havergill, após ligeira hesitação.

— Para mim não basta — disse Dunross, com veemência.

— Vou pensar no assunto. Queira ter a bondade de ligar para o Tip...

— Quando vai ser a reunião? Se houver?

— Na semana que vem.

— Não. Hoje, como o Johnjohn está sugerindo.

— Disse que vou pensar no assunto — explodiu Havergill. — Agora, por favor, ligue para o Tiptop.

— Se você garantir que convocará a diretoria no mais tardar amanhã às dez!

A voz de Havergill tornou-se áspera.

— Não cederei à chantagem, como cedi da última vez. Se não quiser ligar para o Tiptop, ligo eu. Agora já posso. Se eles quiserem nos emprestar o dinheiro, emprestarão, seja Iá quem for que ligue para eles. Você já concordou com o negócio do tório, já concordou em se encontrar com Yu no mês que vem, nós concordamos em apoiar o negócio, seja Iá quem esteja à testa da Casa Nobre. Não tenho poder para conceder-lhe mais nenhum empréstimo. Portanto, é pegar ou largar. Estou pensando em convocar uma reunião de diretoria antes de a Bolsa abrir, na segunda-feira. É só o que lhe prometo.

O silêncio era pesado e elétrico.

Dunross deu de ombros. Pegou o telefone e discou.

— Weyyyyy? — atendeu uma voz feminina arrogante.

— O Honorável Tip Tok-toh, por favor — disse, em cantonense. — Aqui fala o tai-pan.

— Ah, o tai-pan! Ah, por favor, espere um momento. — Dunross esperou. Uma gota de suor ficou pendurada na ponta do queixo de Johnjohn. — Weyyyyy? Tai-pan, o médico está com ele, ele está muito doente. Por favor, ligue mais tarde!

O telefone foi desligado antes que Dunross pudesse dizer qualquer coisa. Ele voltou a disar.

— Aqui fala o tai-pan, quer...

— Este telefone está terrível. — A amah falou duas vezes mais alto: — Ele está doente — berrou. — Ligue mais tarde.

Dunross ligou dali a dez minutos. Agora o telefone dava sinal de ocupado. Continuou tentando, sem sucesso.

Bateram à porta, e o caixa-chefe entrou, esbaforido.

— Desculpe, senhor, mas as filas não diminuem, e ainda temos quinze minutos até o banco fechar. Sugiro que limitemos os saques agora, digamos a mil...

— Não — disse Havergill, imediatamente.

— Mas, senhor, as caixas estão quase vazias. Não acha... — Não. O Victoria tem que continuar firme. Temos que continuar. Não. Continue pagando cada tostão.

O homem hesitou, depois saiu. Havergill enxugou a testa. Johnjohn também. Dunross discou de novo. Ainda ocupado. Pouco antes das três, tentou uma última vez, depois ligou para a companhia telefônica pedindo que verificassem o número.

— Está temporariamente enguiçado, senhor — disse a telefonista.

Dunross desligou o aparelho.

— Aposto vinte contra uma moeda de cobre como está fora do gancho deliberadamente. — O relógio marcava quinze e um. — Vamos ver como anda a Bolsa.

Havergill enxugou as palmas das mãos. Antes que pudesse discar, o telefone tocou.

— O caixa-chefe, senhor. Tudo... tudo bem, agora. O último cliente já foi pago. As portas já estão fechadas. O Blacs também conseguiu se safar, senhor.

— Ótimo. Verifique quanto restou no cofre-forte, depois ligue para mim.

— Graças a Deus é sexta-feira — disse Johnjohn. Havergill discou:

— Charles? Quais as últimas?

— O mercado fechou em baixa. Trinta e sete pontos. Nossas ações baixaram oito pontos.

— Pela madrugada! — exclamou Johnjohn. O banco nunca caíra tanto, nem mesmo durante os levantes de 56.

— A Struan?

— 9, 50.

Os dois banqueiros olharam para Dunross. O rosto dele estava impassível. Voltou a ligar para Tiptop enquanto o corretor continuava a enumerar as cotações do fechamento do pregão. Novo sinal de ocupado.

— Vou ligar de novo Iá do escritório — disse. — No momento em que conseguir falar com ele, telefono para vocês. Se não tiverem o dinheiro da China, o que vão fazer?

— Há apenas duas soluções. Esperamos pelas libras, e para isso o governador terá que decretar feriado bancário na segunda-feira, ou pelo tempo de que precisarmos. Ou aceitamos a oferta do Banco Mercantil de Moscou.

— Tiptop foi bem claro. Isso seria um tiro pela culatra. Escolhambaria Hong Kong para sempre.

— São as únicas soluções. Dunross se pôs de pé.

— Só há uma. A propósito, o governador lhe telefonou?

— Sim — respondeu Havergill. — Quer que abramos as caixas-fortes para ele, você, Roger Crosse e um tal de Sindors. Que história é essa?

— Ele não lhe contou?

— Não. Disse que era algo relacionado com a Lei dos Segredos Oficiais.

— Até as seis — disse Dunross, retirando-se. Havergill enxugou mais um pouco de suor com o lenço.

— A única coisa boa de tudo isso é que esse cretino arrogante está em piores dificuldades — murmurou, com raiva. Ligou para o número de Tiptop. E de novo. O telefone interno tocou. Johnjohn atendeu para Havergill.

— Pronto?

— Aqui fala o caixa-chefe, senhor. Restam apenas setecentos e dezesseis mil e vinte e sete HK no cofre-forte. — A voz do homem tremia. — Nós... é só o que nos resta, senhor.

— Obrigado.

Johnjohn desligou e contou a Havergill. O vice-presidente da junta diretora não lhes respondeu, apenas ligou mais uma vez para a casa de Tiptop. Ainda dava ocupado.

— É melhor iniciar um diálogo com o contato soviético. Johnjohn ficou vermelho.

— Mas é impossível...

— Faça-o! Faça-o agora!

Havergill, igualmente colérico, ligou de novo para Tiptop. Ainda ocupado.

Dunross entrou em seu escritório.

— O sr. Toda está aqui com a comitiva de costume, tai-pan.

Claudia não escondia o desagrado nem o nervosismo.

— Faça-os entrar, por favor.

— O sr. Alastair ligou duas vezes... pediu que ligasse para ele tão logo chegasse. E o seu pai.

— Ligo para eles depois.

— Sim, senhor. Eis aqui o telex da Nelson Trading da Suíça, confirmando que compraram o triplo da encomenda comum de ouro para a Great Good Luck Company de Macau.

— Ótimo. Mande uma cópia para o Lando imediatamente e solicite os fundos.

— Este telex é do Orlin Merchant Bank, confirmando que lamentam não poder renovar o empréstimo, e solicitando o pagamento.

— Mande-lhes o seguinte telex: "Obrigado".

— Verifiquei com a sra. Dunross. Chegaram bem.

— Ótimo. Consiga o telefone da casa do especialista de Kathy, para que eu possa ligar para ele, durante o fim de semana.

Claudia fez outra anotação.

— O jovem Duncan ligou de Sydney para dizer que teve uma excelente noite e que vem no vôo de segunda da Qantas. Eis aqui uma lista dos seus outros telefonemas.

Deu uma olhada na longa lista, perguntando-se fugazmente se o filho já não era mais virgem, ou se já o deixara de ser antes da linda Sheila. Pensar numa linda sheila fê-lo lembrar-se de novo da exótica Jade de Neve. "Curioso que se chamasse Jade de Neve... fazia lembrar tanto a Jade Elegante, que está em algum lugar de Taipé, dirigindo uma Casa de Muitos Prazeres. Quem sabe não chegou a hora de encontrar Jade Elegante e agradecer-lhe?" Mais uma vez, recordou o conselho do velho Chen-chen, quando estava à morte:

— Escute, meu filho — sussurrara o velho Chen-chen, a voz fraquejando —, nunca tente encontrá-la. Você a desprestigiara e tirará a beleza de vocês dois. Estará velha, seu Portão de Jade murcho. Seus prazeres derivarão da boa comida e do bom conhaque. As filhas do Mundo do Prazer não envelhecem graciosamente, nem com bom gênio. Deixe-a entregue à sua sorte e às suas lembranças. Seja bondoso. Seja sempre bondoso para com aquelas que lhe derem a juventude e o yin para socorrer o seu yang. Eeee, quem me dera ser jovem como você, outra vez...

Dunross soltou um suspiro. Sua noite com Jade de Neve fora impecável. E cheia de risos.

— Não como sobremesa — replicara ele, prontamente. — Estou de dieta.

— Oh ko, você, não, tai-pan. Eu o ajudo a perder peso, pode deixar.

— Obrigado, mas nada de sobremesa, e nunca em Hong Kong.

— Ah! Quatro Dedos disse que você diria isso, tai-pan, e para eu não me sentir envergonhada. — Ela abriu um amplo sorriso e servira-lhe um uísque. — Devo dizer: "Tenho passaporte, estou disposta a viajar".

Os dois riram juntos.

— O que mais disse Quatro Dedos?

Ela tocou os lábios com a ponta da língua.

— Só que os demônios estrangeiros são muito esquisitos, em algumas coisas. Como em dizer "nada de sobremesa!" Como se isso importasse. — Ela o observara. — Nunca estive com um bárbaro antes.

— É? Alguns de nós até que são bastante civilizados. Dunross sorriu consigo mesmo, lembrando-se de como se sentira tentado, das brincadeiras deles, da esplêndida refeição, tudo alegre e satisfatório. "É. Mas isso não desculpa aquele filho da mãe do Quatro Dedos, nem a meia moeda, nem o roubo da meia moeda", pensou, sombriamente, "nem a armadilha que ele acha que preparou para mim. Mas tudo isso fica para mais tarde. As primeiras coisas em primeiro lugar. Concentre-se, há muito o que fazer, antes de dormir esta noite!"

A lista que Claudia lhe entregara era longa, a maioria dos telefonemas, urgentes, e havia duas horas de trabalho à sua frente. Tiptop não estava na lista, nem Lando Mata, Tung Pão-Duro, Quatro Dedos ou Paul Choy. Casey e Bartlett estavam. E Travkin, Robert Armstrong, Jacques de Ville, Gavallan, Phillip Chen, Dianne Chen, Alan Holdbrook — o corretor interno da Struan —, Sir Luís e dúzias de outros espalhados por todo o mundo.

— Atacaremos a lista depois de Hiro Toda, Claudia.

— Sim, senhor.

— Depois de Toda, quero ver Jacques... depois Phillip Chen. Alguma novidade sobre a sra. Riko Gresserhoff?

— O avião dela é esperado às dezenove horas. Tem reserva no Vic, alguém irá recebê-la. Já mandei pôr flores no quarto dela.

— Obrigado.

Dunross entrou na sua sala e ficou olhando pela janela. Por enquanto fizera tudo o que fora possível pela Casa Nobre e por Hong Kong. Agora, ficava por conta da sua sorte. E o próximo problema. Os navios. Sua excitação aumentou.

— Alô, tai-pan.

— Alô, Hiro — cumprimentou Dunross, apertando calorosamente a mão estendida.

Hiro Toda, gerente-administrativo das Indústrias de Navegação Toda, regulava em idade com Dunross. Era esbelto, rijo e muito mais baixo, olhos sábios e sorriso fácil, o sotaque levemente americano devido a dois anos de pós-graduação na ucla¹ no final da década de 40.

¹ *Universidade da Califórnia, em Los Angeles. (N. da T.)*

— Posso apresentar-lhe meus associados? Sr. Kazunari, sr. Ebe, sr. Kasigi.

Os três homens mais moços curvaram-se, e Dunross curvou-se também. Todos vestiam ternos escuros bem-talhados, camisas brancas e gravatas discretas.

— Queiram sentar-se.

Dunross fez um gesto despreocupado para as cadeiras em volta da pequena mesa de reuniões. A porta se abriu e sua assistente e intérprete japonesa, Akiko, entrou. Trazia consigo uma bandeja com chá verde. Apresentou-se, serviu o chá delicadamente, depois sentou-se perto de Dunross. Embora o japonês dele fosse bom o suficiente para uma reunião de negócios, a presença dela era necessária por uma questão de prestígio.

Parcialmente em japonês, parcialmente em inglês, ele começou a conversa cortês sobre assuntos inconseqüentes que, segundo os costumes japoneses, precediam uma conversa séria. Era também costume japonês que as reuniões de negócios fossem compartilhadas por muitos executivos. Quanto mais importante o executivo, maior o número de acompanhantes.

Dunross esperava pacientemente. Gostava de Hiro Toda, chefe titular do grande conglomerado de navegação fundado por seu bisavô, há quase cem anos. Seus antepassados eram daimios, senhores feudais, até que o feudalismo e a classe samu-rai foram abolidos em 1870, e teve início o Japão moderno. Sua autoridade na Toda era externamente todo-poderosa, mas, como acontecia com freqüência no Japão, todo o poder real estava centralizado nas mãos do pai, de setenta e três anos, que, ostensivamente, estava aposentado.

Finalmente, Toda foi ao assunto.

— Esse colapso do mercado de capitais deve estar lhe causando muita preocupação, tai-pan.

— Uma perda temporária de confiança. Tenho certeza de que tudo se arranjará durante o fim de semana.

— Ah, sim. Eu também espero.

— Quanto tempo vai demorar, Hiro?

— Até domingo. É, domingo. Depois, sigo para Cingapura e Sydney. Estarei de volta para fechar o nosso negócio com você na semana que vem. Folgo em dizer-lhe que seus navios estão adiantados. — Toda colocou um maço de papéis sobre a mesa. — Eis aqui um relatório detalhado.

— Excelente! — Dunross partiu para o ataque, abençoando os deuses e Alan M. Grant e Kirk. Enquanto voltava para casa, à noite, subitamente se dera conta da importância da chave que Alan e Kirk lhe haviam dado para um plano no qual estava trabalhando há quase um ano. — Quer que adiantemos as datas de pagamento?

— Ah! — O outro disfarçou sua surpresa. — Talvez eu possa discutir isso mais tarde com meus colegas, mas folgo em saber que tudo está sob controle, a tentativa de compra do controle acionário foi neutralizada.

— Não foi Sun Tse que disse: "Aquele que não exerce seu poder de previsão e faz pouco dos seus oponentes sem dúvida será capturado por eles"? Claro que o Gornt está mordendo os nossos calcanhares, claro que a corrida aos nossos bancos é séria, mas o pior já passou. Está tudo bem. Não acha que devíamos ampliar a quantidade de negócios que estamos fazendo juntos?

— Dois navios, tai-pan? — sorriu Toda. — Gigantescos, pelos padrões atuais. Em um ano? Não é uma transação de somenos

importância.

— Talvez pudessem ser vinte e dois navios — disse, exteriormente despreocupado, mas totalmente concentrado. — Tenho uma proposta para você, na verdade para todos os complexos industriais japoneses de construção naval. No momento, vocês apenas constróem navios e os vendem, ou para gaijin — estrangeiros — como nós, por exemplo, ou para armadores japoneses. Quando vendem aos japoneses, seus custos operacionais com o alto custo das tripulações japonesas, que, por lei, vocês têm que levar, já estão se tornando não-competitivos, como os navios americanos com as tripulações americanas. Em breve não poderão competir com os gregos, com outros e conosco, porque nossos custos serão muito mais baixos.

Dunross viu que todos se concentravam em Akiko, que traduzia quase simultaneamente, e pensou com alegria em outra máxima de Sun Tse: "Em todas as lutas, o método direto pode ser usado para dar início à batalha, mas o método indireto será necessário para assegurar a vitória". A seguir, continuou:

— Segundo ponto: o Japão tem que importar tudo de que precisa para sustentar sua economia e seu padrão de vida crescentes, seu complexo industrial, e com certeza noventa e cinco por cento de toda a energia necessária para mantê-los. O petróleo é a chave para o futuro. O petróleo tem que vir até vocês por mar, assim como toda a sua matéria-prima a granel... sempre levada até vocês por imensos cargueiros. Sempre por mar. Estão construindo os grandes navios com muita eficiência, mas como armadores seus custos operacionais e a sua estrutura interna de impostos vão tirá-los do mercado. Minha proposta é simples: parem de tentar ser os

donos das suas frotas mercantes pouco econômicas. Vendam os navios para o exterior e arrendem-nos em seguida.

— Como?

Dunross viu que olhavam para ele, atônitos. Esperou um momento, depois continuou:

— A vida de um navio é de, digamos, quinze anos. Vocês nos vendem o cargueiro gigante, mas, como parte do negócio, arrendam-no por quinze anos. Nós fornecemos o comandante e a tripulação. Antes da entrega, vocês fretam o navio para a Mitsubishi, ou outra de suas grandes companhias, para suprimentos a granel durante quinze anos: carvão, minério de ferro, arroz, trigo, petróleo, o que quiserem. Esse sistema garantirá ao Japão um fornecimento contínuo de matéria-prima, estabelecido ao seu bel-prazer, e controlado por japoneses. A Japan Inc. pode aumentar-lhes o seu financiamento, porque vocês mesmos, de fato, são os transportadores de suas matérias-primas vitais.

"Suas indústrias poderão fazer planos antecipados. A Japan Inc. poderá se dar ao luxo de dar assistência financeira aos compradores dos seus navios, porque o preço da compra será facilmente coberto pelo contrato de fretamento de quinze anos. E como os navios estarão num sistema de fretamento a longo prazo, nossos banqueiros, como o Blacs e o Victoria, também terão prazer em financiar o restante. Todos ganharão. Vocês ganharão mais porque assegurarão uma linha de fornecimento a longo prazo sob seu controle. E ainda não mencionei as vantagens fiscais, especialmente para as Indústrias Toda!"

Dunross levantou-se em meio a um silêncio mortal, observado pelos outros, e foi até sua escrivaninha. Trouxe consigo alguns relatórios grampeados.

— Eis aqui um estudo fiscal feito pelo nosso pessoal no Japão com exemplos específicos, incluindo métodos para depreciar o custo do navio para lucro adicional. Eis um plano sugerido para os cargueiros grandes. Este aqui documenta vários modos pelos quais a Struan poderia assisti-los nos seus fretamentos, caso fiquemos entre os embarcadores estrangeiros escolhidos. Por exemplo, as Minas Woolara, da Austrália, estão preparadas para, seguindo orientação nossa, fazer um contrato com as Indústrias Toda e fornecer noventa e cinco por cento da sua produção de carvão durante cem anos.

Toda soltou uma exclamação abafada. Os outros também, depois que Akiko traduziu. As Minas Woolara eram uma mina imensa, altamente eficiente e produtiva.

— Poderíamos dar-lhes assistência na Austrália, que é o tesouro da Ásia, fornecendo todo o cobre, trigo, alimentos, frutas, minério de ferro de que precisarem. Soube, particularmente, que existem novos e imensos depósitos de minério de ferro de alta qualidade recém-descobertos na Austrália Ocidental, não longe de Perth. Há urânio, petróleo, tório, e outros materiais preciosos de que precisam. Lã. Arroz. Com o meu plano, vocês poderiam controlar o seu próprio fluxo de materiais, os embarcadores estrangeiros obteriam navios e um fluxo de caixa constante para financiar e encomendar mais navios, para arrendá-los, para transportar mais e

mais matéria-prima e mais carros, mais aparelhos de TV, mais material eletrônico, e mais mercadoria remetida para os Estados Unidos... e maquinarias da indústria pesada para o resto do mundo. Por último, voltando à mais vital das suas importações: o petróleo. Eis aqui um projeto sugerido para uma nova frota de petroleiros, cada um com capacidade de meio milhão a um milhão de toneladas.

Toda soltou uma exclamação abafada e terminou a tradução ele próprio, abruptamente. Atônitos, todos respiraram fundo quando ele mencionou a cifra de meio milhão a um milhão de toneladas.

Dunross recostou-se, curtindo a tensão. Viu que eles se entreolhavam, depois olhavam para Toda, esperando sua reação.

— Eu... acho melhor estudarmos suas propostas, tai-pan — disse Toda, tentando manter a voz normal. — É óbvio que são de amplo alcance. Podemos entrar em contato com o senhor mais tarde?

— Sim. Comparecerão às corridas amanhã? O almoço será às doze e quarenta e cinco.

— Sim, obrigado, se não for muito trabalho — disse Toda, com nervosismo repentino —, mas seria impossível termos uma resposta a essa altura.

— Naturalmente. Estão de posse de seus convites e crachás?

— Sim, obrigado. Eu... bem... espero que tudo saia bem para você. Sua proposta realmente parece ser de amplo alcance.

Retiraram-se. Por um momento, Dunross permitiu-se saborear a emoção. "Estão no papo", pensou. "Pombas, daqui a um ano poderemos ter a maior frota da Ásia, totalmente financiada, sem nenhum risco para o financiador, construtor, operador ou fornecedor, com petroleiros, enormes petroleiros como núcleo... se pudermos agüentar este tufão.

"Só é preciso um pouco de sorte. Tenho que dar um jeito de evitar o colapso até terça-feira, quando assinamos com a Par-Con. A Par-Con pagará os nossos navios. Mas e quanto ao Orlin, e quanto ao Gornt?

— O sr. Jacques já está subindo, tai-pan. O sr. Phillip está na sala dele, e subirá quando o senhor estiver pronto. Roger Crosse telefonou. Seu compromisso será às dezenove horas, e não às dezoito. Disse que o avião do sr. Sindors está atrasado. Já informou ao governador e às demais pessoas necessárias.

— Obrigado, Claudia. — Deu uma olhada na sua lista de telefonemas. Ligou para o Vic e perguntou por Bartlett. Não estava.
— A srta. Tcholak, por favor.

— Alô?

— Alô! Ian Dunross, respondendo ao seu telefonema, e ao do sr, Bartlett. Como vão as coisas?

Uma ligeira pausa.

— Interessantes. Tai-pan, posso vê-lo?

— Claro. Que tal uns drinques no Mandarin às dezoito e quinze? Isso me daria cerca de meia hora antes do meu próximo compromisso. Certo?

Sentiu uma pontada de ansiedade ao pensar em Sinderson, Crosse e na advertência de Alan de jamais entregar as pastas.

— Seria possível eu dar uma passadinha no seu escritório? Posso sair daqui agora e chegar aí dentro de meia hora mais ou menos. Tenho uma coisa para discutir com você. Demorarei o mínimo possível.

— Tudo bem. Talvez tenha que fazê-la esperar um minuto ou dois, mas pode vir.

Desligou o telefone, de testa franzida. "O que estará havendo por Iá?"

A porta se abriu e Jacques de Ville entrou. Parecia preocupado e esgotado.

— Queria falar comigo, tai-pan?

— Sim, Jacques, sente-se. Pensei que você ia tomar o avião de ontem à noite.

— Conversamos, Susanne e eu, e ela achou que era melhor para Avril eu esperar um ou dois dias...

Dunross escutava fascinado enquanto conversavam, ainda abismado de que Jacques pudesse ser agente comunista. Mas, agora, já havia analisado a possibilidade. Teria sido facilmente possível para Jacques, sendo jovem, idealista e um dos maquis durante a terrível e odiada ocupação nazista na França, ter tido o seu nacionalismo idealista e seus sentimentos antinazistas canalizados para o comunismo. "Ora, então a Rússia não era nossa aliada, naquela época? O comunismo não estava na moda em toda parte, até mesmo nos Estados Unidos? Marx e Lênin não pareciam ser tão sensatos, então? Então. Antes de sabermos a verdade sobre Stálin, os gulags, o KGB. Estado policial, assassinatos em massa, conquistas em massa, e jamais a liberdade. "

Mas como podia toda aquela baboseira comunista perdurar, para alguém como Jacques? Como podia alguém como Jacques ter tais convicções e mantê-las ocultas durante tanto tempo... se realmente ele era o agente da Sevrin que Alan dissera ser?

— O que acha do Grey? — perguntou Dunross.

— Um crétin completo, tai-pan. É de extrema esquerda demais para o meu gosto. Considero até o Broadhurst um pouco esquerdista demais. Já que... vou ficar agora, posso voltar a cuidar de Bartlett e Casey?

— Não, por ora eu cuido deles, mas encarregue-se você do contrato.

— Já está sendo redigido. Conversei com nossos advogados. Um ligeiro problema. Dawson encontrou-se com o advogado de Bartlett, sr. Steigler, hoje de manhã. O sr. Steigler quer renegociar a tabela de pagamento, e adiar a assinatura até o fim da semana que vem.

Uma onda de fúria invadiu Dunross. Tentou não deixá-la transparecer. "Vai ver que este é o motivo pelo qual Casey quer encontrar-se comigo", pensou.

— Cuido disso — falou, adiando o problema devido ao mais premente: Jacques de Ville, que devia ser considerado inocente até

que se provasse a sua culpa.

Olhou para ele, simpatizando com o homem másculo, robusto, lembrando-se de todas as horas agradáveis que tinham passado juntos em Avisyard e na França. Ele, Penelope, Jacques, Susanne, as crianças, juntos no Natal ou nas férias de verão, boa comida e bons vinhos, boas risadas e grandes planos para o futuro. Jacques, certamente o mais sensato, o mais discreto e, até as acusações de Alan, possivelmente o próximo a sucedê-lo. "Mas não agora, não até que tenha provado a sua inocência, e eu esteja certo. Desculpe, meu amigo, mas você tem que ser testado. "

— Vou fazer algumas modificações na organização — disse. — Linbar foi para Sydney hoje, como sabe. Vou deixá-lo lá durante um mês para tentar acertar a fusão da Woolara. Não estou esperando grande coisa. Quero que você assuma a Austrália. — Viu os olhos de Jacques se arregalarem momentaneamente, mas não percebeu se de preocupação ou felicidade. — Já apertei o botão do nosso plano Toda e...

— Como foi que ele reagiu?

— Engoliu a isca com anzol e tudo.

— Merde, mas que formidável! — Dunross viu o amplo sorriso de Jacques e não notou nele nenhuma malícia. O homem fora um dos principais articuladores do plano de navegação, destrinchando

as complexidades do financiamento. — Que pena o pobre do John não estar vivo para saber! — disse Jacques.

— É. — John Chen trabalhara juntamente com Jacques de Ville. — Tem visto o Phillip?

— Jantei com ele ontem à noite. Pobre coitado, envelheceu vinte anos.

— Você também.

Um dar de ombros gaulês.

— É a vida, mon ami. Mas é verdade que estou triste por causa da pobre Avril e do pobre Borge. Por favor, desculpe-me, eu o interrompi.

— Gostaria que você assumisse a Australásia, a partir de hoje, e fosse o responsável por colocar em execução todos os nossos planos australianos e neozelandeses. Não comente com ninguém até o fim do mês. Contarei apenas para o Andrew, mas organize-se e prepare-se para partir nessa época.

— Está bem — disse Jacques, com ligeira hesitação.

— O que é? Susanne jamais gostou de Hong Kong... não terá problemas com ela, terá?

— Ah, não, tai-pan. Desde o acidente... francamente, ia pedir-lhe para me mudar daqui, por uns tempos. Susanne não se sente feliz aqui e... Mas ia pedir-lhe se podia assumir o Canadá por um ano ou dois.

Dunross ficou sobressaltado ante a nova idéia.

— É?

— É. Pensei que talvez pudesse ser útil por Iá. Meus contatos entre os franco-canadenses são bons, muito bons. Quem sabe podíamos mudar o escritório canadense da Struan de Toronto para Montreal ou Ottawa. Eu podia ajudar muito, de Iá. Se nossa operação japonesa der certo, vamos precisar de madeira, cobre, trigo, carvão e mais uma dúzia de matérias-primas canadenses. — Ele deu um débil sorriso, depois continuou, firme: — Ambos sabemos como o primo David anda doido para voltar para cá, e pensei que, se me mudasse para Iá, ele podia voltar. Na verdade, está mais bem qualificado para ficar aqui, para lidar com a Australásia, non? Fala cantonense, um pouco de japonês, lê e escreve chinês, o que eu não faço. Mas você é quem sabe, tai-pan. Assumirei a Australásia se quiser. É mesmo verdade que me agradaria uma mudança.

Dunross deixou o pensamento voar. Decidira isolar Jacques de Hong Kong enquanto descobria a verdade. Seria bem fácil contar ao Crosse ou ao Sindors secretamente, e pedir-lhes que usassem suas fontes para investigar, para observar e sondar. Mas Jacques era membro da assembléia interna. Como tal, estava por dentro de um monte de segredos e informações particulares que correriam risco. "Não", pensou Dunross, "é muito melhor eu mesmo lidar com a minha gente. Pode ser que demore mais, mas descobrirei a verdade. De um jeito ou de outro, ficarei sabendo a verdade sobre Jacques de Ville.

"Canadá?"

"Logicamente, Jacques ficaria melhor ali. Seria melhor para a Struan (eu mesmo devia ter pensado nisso), nunca houve motivo para duvidar da sua lealdade comercial, ou da sua sagacidade. Há dois anos David berra pedindo para voltar. A troca seria mais fácil. Jacques tem razão. David está mais bem qualificado para a Australásia, e a Austrália e a Nova Zelândia são muito mais importantes para nós do que o Canadá, muito mais importantes... são vitais, e a tesouraria de toda a Ásia. Se Jacques for inocente, poderá ajudar-nos no Canadá. Se não for, poderá causar-nos menos danos ali.

— Vou pensar no assunto — disse, já tendo decidido fazer a alteração. — Mantenha o assunto em segredo, e vamos acertar tudo no domingo.

Jacques levantou-se e estendeu a mão.

— Obrigado, mon ami.

Dunross apertou a mão estendida. Mas, intimamente, perguntava-se se era a mão de seu amigo... ou de seu Judas.

Sozinho, mais uma vez, sentiu-se assoberbado pelo peso dos problemas. O telefone tocou, e ele lidou com aquele problema, depois outro, depois outro — o telefone de Tiptop ainda ocupado —, e pediu que Phillip subisse. O tempo todo parecia que estava caindo num buraco fundo. Então, seus olhos se encontraram com os de Dirk Struan na parede, olhando para ele do quadro a óleo, com um meio sorriso, supremamente confiante, arrogante, o mestre dos veleiros — a embarcação mais bela que o homem já construiu. Como sempre, sentiu-se confortado.

Levantou-se e ficou parado diante do tai-pan.

— Puxa, não sei o que faria sem você! — disse em voz alta, lembrando-se de que Dirk Struan fora afligido por fardos muito maiores, e os dominara. Para ser morto no auge da vida, aos quarenta e três anos, pela tempestade, a ira da natureza, como grande comandante incontestado de Hong Kong e da Ásia.

" 'Aqueles a quem os deuses amam morrem moços. ' Será sempre assim?", perguntou a si mesmo. "Dirk tinha a minha idade quando os Ventos do Demônio do Grande Tufão destroçaram a nossa casa de três andares novinha em folha no Happy Valley e ele morreu soterrado. Era velho ou moço? Não me sinto velho. Seria aquele o único modo de Dirk morrer? Violentamente? Numa tempestade? Moço? Morto pela natureza? Ou será que a expressão quer dizer 'aqueles a quem os deuses amam morrem moços de coração'?"

— Não importa — disse para seu mentor e amigo. — Quisera ter vivido pra conhecê-lo. Digo-lhe francamente, tai-pan, espero em Deus que haja uma vida após a morte, para que, em algum lugar da eternidade, eu possa lhe agradecer pessoalmente.

Novamente confiante, voltou para a mesa de trabalho. Na gaveta de cima estava a matriz de Wu Quatro Dedos. Seus dedos tocaram-na, acariciando-a. "Como vou me sair dessa?", perguntou-se, sombriamente.

Bateram à porta. Phillip Chen entrou. Envelhecera nos últimos dias.

— Santo Deus, tai-pan, o que vamos fazer? 9, 50! — falou, atropeladamente, com um guinchar nervoso na voz. — Tenho vontade de arrancar os cabelos! Dew neh loh moh! Por causa da alta, lembra-se, comprei a 28, 90. Gastei cada tostão supérfluo e muito mais, e Dianne comprou a 28, 80 e vendeu a 16, 80, e exige que eu cubra a diferença. Oh ko, o que vamos fazer?

— Rezar... e fazer o que pudermos — disse Dunross.

— Conseguiu falar com o Tiptop?

— É... não, tai-pan. Venho tentando com intervalo de minutos, mas o telefone ainda está enguiçado. A companhia telefônica disse que deixaram o fone fora do gancho. Mandei meu primo da companhia telefônica verificar pessoalmente. As duas linhas da casa dele estão fora do gancho.

— O que aconselha?

— Aconselhar? Não sei. Acho que devíamos mandar um mensageiro, mas não quis fazê-lo antes de consultá-lo... com a queda das nossas ações e a corrida aos bancos, o pobre John e os repórteres rondando... todas as minhas ações estão em baixa, todas! — O velho soltou o verbo, obscenidades cantonenses, pragas contra Gornt, seus ancestrais e as futuras gerações. — Se o Vic cair, o que vamos fazer, tai-pan?

— O Vic não vai cair. Se o Tiptop falhar, sem dúvida o governador declarará a segunda-feira feriado bancário. — Dunross já contara ao seu representante nativo a conversa com Tiptop, Yu, Johnjohn e Havergill. — Vamos, Phillip, pense!

— acrescentou, com raiva fingida, tornando a voz mais brusca deliberadamente, para ajudar o velho. — Não posso mandar um maldito mensageiro até a casa dele para dizer: "Você deixou deliberadamente a porra do seu telefone fora do gancho!"

Phillip Chen sentou-se, a raiva incomum fazendo-o controlar-se um pouco.

— Desculpe, sim, desculpe, mas é que tudo... e John, o pobre John...

— Quando vai ser o enterro?

— Amanhã, amanhã às dez, o cristão. Segunda-feira, o chinês. Será... será que você poderia dizer algumas palavras, amanhã?

— Mas claro que sim. Bem, e quanto ao Tiptop? Phillip Chen concentrou-se, com grande esforço. Finalmente, falou:

— Convide-o para as corridas. Para a sua tribuna. Ele nunca foi, e isso lhe daria grande prestígio. Essa é a maneira. Você poderia dizer... Não, desculpe, não estou pensando direito. É melhor, muito melhor, tai-pan, deixar que eu escreva. Escreverei o bilhete convidando-o por você. Direi que você quis convidá-lo pessoalmente, mas que infelizmente seu telefone está com defeito... assim, se ele

quiser vir, ou for proibido pelos superiores, não perde prestígio, nem você. Eu poderia acrescentar: "A propósito, a Casa Nobre já enviou telex à firma em Sydney encomendando o tório..." — Phillip Chen ficou mais animado. — Será um negócio muito bom para nós, tai-pan, o preço dado... Já verifiquei os preços, e podemos suprir todas as necessidades deles facilmente, e obter ofertas muito competitivas da Tasmânia, África do Sul e Rodésia. Ah! Por que não mandar o jovem George Trussler de Cingapura para Johannes-burg e Salisbury numa missão exploratória dos tórios?... — Phillip Chen hesitou — e... bem... certos outros metais e materiais aeroespaciais básicos. Fiz umas verificações rápidas, tai-pan. Fiquei espantado em saber que, tirando a Rússia, quase noventa por cento de todo o suprimento do mundo livre de vanádio, cromo, platina, manganês, titânio, todos vitais e essenciais ao setor aeroespacial e de foguetes, provêm da parte meridional da Rodésia e da África do Sul. Imagine só! Noventa por cento, tirando a Rússia. Nunca me dei conta de como essa área é imensamente importante para o mundo livre, com todo o ouro, diamantes, urânio, tório, e sabe Iá Deus quantas outras matérias-primas essenciais. Talvez o Trussler também pudesse investigar a possibilidade de abirmos ali um escritório. Ele é um rapaz vivo, à espera de uma promoção. — Agora que sua mente estava totalmente ocupada, o velho respirava com mais facilidade. — É. Esse negócio, e mais o do sr. Yu, poderiam ser muito lucrativos para nós, tai-pan. Estou certo de que isso poderá ser tratado com delicadeza. — Ergueu os olhos para Dunross. — Eu também falaria ao Tiptop sobre Trussler, que estamos mandando um executivo, alguém da família, como preparação.

— Excelente. Faça-o imediatamente. — Dunross apertou o interfone. — Claudia, ligue-me com George Trussler, por favor. — Voltou a olhar para Phillip. — Por que o Tiptop cortaria as comunicações?

— Para barganhar, para aumentar a pressão sobre nós, para obter mais concessões.

— Devemos continuar a ligar para ele?

— Não. Depois do bilhete entregue em mãos, ele ligará para nós. Sabe que não somos idiotas.

— Quando ligará?

— Quando tiver permissão, tai-pan. Não antes. Um pouco antes de segunda-feira às dez horas, quando os bancos devem abrir. Sugiro que diga àqueles montes de carne de cachorro, Havergill e Johnjohn, para não telefonarem... conseguirão enlamear águas já turvas. Não se usa um girino para pegar um tubarão.

— Ótimo. Não se preocupe, Phillip — disse, compassivo. — Vamos sair desta enrascada.

— Não sei, tai-pan, espero que sim. — Phillip Chen esfregou com ar cansado os olhos vermelhos. — Dianne... aquelas malditas ações! Não vejo jeito de sair do atoleiro. O...

Claudia interrompeu no interfone:

— O jovem Trussler na linha 2.

— Obrigado, Claudia. — Apertou a linha 2. — Alô, George, que tal Cingapura?

— Boa tarde, senhor. Muito bem, senhor, quente e chuvosa — replicou a voz alegre e entusiástica. — Que surpresa agradável! Em que posso servi-lo?

— Pode tomar o próximo avião para Johannesburg. Parta imediatamente. Mande por telex o nome do seu hotel e o número do vôo, telefone-me tão logo chegue ao hotel em Johannesburg. Entendeu?

Uma ligeira hesitação, e um pouco menos de entusiasmo.

— Johannesburg, na África do Sul, tai-pan?

— É. No próximo avião.

— Já estou indo. Mais alguma coisa?

— Não.

— Pois não, tai-pan, já estou indo. Até logo.

Dunross desligou. "O poder é um dispositivo maravilhoso", pensou com grande satisfação, "mas ser tai-pan é melhor." Phillip se levantou.

— Vou cuidar imediatamente do bilhete.

— Um momentinho, Phillip. Tenho um outro problema para o qual preciso do seu conselho. — Abriu a gaveta e tirou de lá a matriz. Além dele mesmo e dos tai-pans anteriores que ainda viviam, apenas Phillip Chen, no mundo inteiro, conhecia o segredo das quatro moedas. — Veja, quem me deu...

Dunross se interrompeu, paralisado, totalmente despreparado para o efeito que a matriz causara no seu representante nativo. Phillip a fitava, os olhos quase saltados das órbitas, os lábios arreganhados. Como que num sonho, em câmara lenta, Phillip Chen estendeu a mão e segurou a matriz, os dedos trêmulos, e olhou-a de perto, mexendo a boca sem emitir som.

Então o cérebro de Dunross detonou, e ele se deu conta de que a meia moeda devia ter pertencido a Phillip Chen. Devia ter sido roubada dele. "Mas claro!", Dunross teve vontade de gritar. "Jin-qua

deve ter dado uma das quatro meias moedas a Sir Gordon Chen! Mas por quê? Qual a ligação entre a família Chen e um mandarim Co-hong que faria com que Jin-qua desse ao filho eurasiânico de Dirk Struan um presente tão valioso?"

Ainda em câmara lenta, viu o velho erguer a cabeça e olhar para ele com os olhos apertados. A boca se moveu de novo. Nenhum som. Depois, soltou uma exclamação abafada, estrangulada:.

— Bar... Bartlett deu... já lhe deu isso?

— Bartlett? — ecoou Dunross, incrédulo. — Mas, em nome de Deus, o que tem o Bartlett a ver...

Parou quando nova explosão pareceu estilhaçar o seu cérebro, e mais pedaços do quebra-cabeça se encaixaram com violência. Os conhecimentos secretos de Bartlett! Conhecimentos que poderiam vir apenas de um entre sete homens, todos eles fora de suspeita, Phillip Chen mais do que todos!

"Phillip Chen é o traidor! Phillip Chen trabalhando em conluio com Bartlett e Casey... foi Phillip Chen que nos vendeu e entregou nossos segredos e moeda. "

Ficou tomado por uma raiva cega. Teve que apelar para todo o seu treinamento para manter a fúria controlada. Viu a si mesmo

levantar-se e ir até a janela e ficar olhando para fora. Não saberia dizer quanto tempo ficou ali parado. Mas, quando se virou, sua mente estava depurada, e o vasto erro na sua lógica agora estava bem claro aos seus olhos.

— E então? — falou, com voz gélida.

— Tai-pan... tai-pan.. — começou o velho, voz entre-cortada, torcendo as mãos.

— Diga a verdade, meu representante. Agora! A palavra amedrontou Phillip.

— Foi... foi o John — exclamou, ofegante, as lágrimas escorrendo. — Não fui eu, juro...

— Eu estou sabendo! Ande logo, puta que o pariu! Phillip Chen então revelou tudo. Contou que pegara a chave do filho e abrira o seu cofre individual no banco, descobrira as cartas de e para Bartlett, e a segunda chave, e que, na noite do jantar na casa do tai-pan, subitamente tivera um pressentimento sobre seu cofre secreto enterrado no jardim, e que depois de desenterrá-lo descobrira o pior. Até mesmo contou ao tai-pan sobre sua briga com Dianne, e que haviam imaginado que a moeda poderia estar no corpo de John, e que, quando o Lobisomen telefonou, ela sugeriu chamarem o primo dele, Wu Quatro Dedos, para mandar seus combatentes de rua seguirem-no, a ele, Phillip, e depois aos Lobisomens...

Dunross soltou uma exclamação abafada, mas Phillip Chen não notou, continuando a falar, em meio às lágrimas, contando como mentira para a polícia e pagara o resgate aos jovens Lobisomens que nunca mais reconheceria, e como os combatentes de rua de Quatro Dedos, que deveriam protegê-lo, não haviam interceptado os Lobisomens, recapturado John ou recuperado o seu dinheiro.

— Esta é a verdade, tai-pan, toda a verdade — choramingava ele. — Não há mais... nada. Nada até hoje de manhã, e o corpo do meu pobre filho em Sha Tin, com aquele cartaz nojento sobre o peito...

Dunross tentava pôr as idéias em ordem. Não sabia que Quatro Dedos era primo de Phillip, nem podia calcular como o velho marujo pusera as mãos na moeda... a não ser que fosse o chefe dos Lobisomens, ou estivesse de combinação com eles, ou de combinação com John Chen, que idealizara um suposto seqüestro para arrancar dinheiro do pai, que odiava. E depois Quatro Dedos e John Chen haviam brigado ou... o quê?

— Como foi que John soube dos nossos segredos? Como obteve todos aqueles segredos para entregar ao Bartlett... como a Casa é estruturada? Hem?

— Não sei — mentiu o velho.

— Você deve ter contado ao John... só você, Alastair, meu pai, Sir Ross, Gavallan, De Ville e eu sabemos, e destes, apenas os quatro primeiros conheciam a estrutura!

— Não contei a ele... juro que não!

A fúria cega de Dunross começou a crescer de novo. Porém, mais uma vez, ele a controlou.

"Seja lógico", falou com seus botões. "Phillip é mais chinês do que europeu. Lide com ele como um chinês! Onde está o elo? A parte que falta do quebra-cabeça?"

Enquanto tentava resolver o problema, olhava penetrantemente para o velho. Esperava, sabendo que o silêncio também era uma grande arma, na defesa ou no ataque. Qual a resposta? Phillip jamais contaria ao John um segredo daqueles, portanto...

— Santo Deus! — exclamou, à idéia repentina. — Você anda mantendo registros! Registros particulares! Foi assim que John descobriu! No seu cofre! Não é?

Apavorado pela fúria demoníaca do tai-pan, Phillip deixou escapar, antes que pudesse se conter:

— É... é... tive que concordar... Interrompeu-se, lutando por controlar-se.

— Teve? Por quê? Fale, porra!

— Porque... porque meu pai, antes de... passar a Casa e a moeda para mim... fez-me jurar que manteria... que registraria as transações particulares da... Casa Nobre, para proteger a Casa de Chen. Foi apenas isso, tai-pan. Jamais para usar contra a Casa Nobre ou contra você, apenas uma proteção...

Dunross olhava para ele, odiando-o, odiando John Chen por ter vendido a Struan, odiando o seu mentor Chen-chen pela primeira vez na vida, doente de raiva com tantas traições. Depois, lembrou-se de uma das advertências de Chen-chen, há anos, quando Dunross estava quase chorando de raiva por causa da maneira injusta como o pai e Alastair o estavam tratando:

— Não fique com raiva, jovem Ian, vá à forra. Disse a mesma coisa ao Culum e à Bruxa, quando eram moços... Culum nunca ligou, mas a Bruxa, sim. Esta é a maneira civilizada: não fique com raiva, vá à forra!

"Com que então Bartlett conhece a nossa estrutura, nossos balanços gerais. O que mais terá?"

Phillip Chen apenas tremia e fitava-o, assustado.

— Vamos, Phillip, puta que o pariu, pense! Todos temos os nossos segredos escusos, um bocado deles! Você também, a Bruxa, Chen-chen, Shitee T'Chung, Dianne... puta que o pariu, quanta coisa mais está documentada, e que John pode ter passado adiante? — Uma onda de náusea o envolveu ao recordar sua teoria sobre a ligação entre Banastasio, Bartlett, a Par-Con, a Máfia e as armas. "Porra, se nossos segredos caírem em mãos erradas!" — Hem?

— Não sei... não sei... O que foi, o que foi que Bartlett pediu? Em troca da moeda? — Então, Phillip exclamou: — É minha, pertence-me!

Notou o tremor incontável das mãos de Phillip e um súbito tom cinzento no seu rosto. Havia garrafas de cristal com uísque e conhaque sobre o aparador. Dunross serviu uma dose de conhaque e deu-a ao velho. Agradecido, ele bebeu, engasgando um pouco.

— Obri... obrigado.

— Vá para casa e traga tudo e... — Dunross interrompeu-se e apertou um botão do intercomunicador. — Andrew?

— Sim, tai-pan? — respondeu Gavallan.

— Quer vir aqui um minutinho? Quero que leve Phillip para casa. Ele não está se sentindo bem e há uns papéis que é preciso trazer para cá.

— Já estou indo.

Os olhos de Dunross não haviam se desviado dos de Phillip.

— Tai-pan, o que foi que Bartlett...

— Fique longe deles, se tem amor à vida! E entregue tudo ao Andrew... as cartas de John, as cartas de Bartlett, tudo... — disse, com voz gélida.

— Tai-pan...

— Tudo. — A cabeça lhe doía, de tanto ódio. Ia acrescentar: "Vou decidir sobre você e a Casa de Chen durante o fim de semana". Mas ficou calado. A frase "Não fique com raiva, vá à forra" ecoava em seus ouvidos.

Casey entrou. Dunross foi ao seu encontro. Ela segurava um guarda-chuva e usava de novo o vestido verde-claro que acentuava perfeitamente os seus olhos e cabelos. Dunross notou que tinha olheiras. Elas conseguiam torná-la ainda mais desejável.

— Desculpe tê-la feito esperar — falou, com um sorriso cálido, porém sem sentir o seu calor. Ainda estava abismado por causa de Phillip Chen.

A mão de Casey era fresca e agradável.

— Obrigada por me receber — disse. — Sei que está ocupado, portanto vou direto ao assunto.

— Primeiro o chá. Ou prefere uma bebida?

— Nada alcoólico, obrigada, mas não quero dar trabalho.

— Não será trabalho algum. Vou tomar o meu chá agora: quatro e quarenta é a hora do chá. — Como num passe de mágica, a porta se abriu e um criado de libre trouxe uma bandeja de prata com chá para dois — com torradas amanteigadas e os bolinhos ingleses típicos, os scones mantidos quentes num abafador. O homem serviu o chá e se retirou. A bebida era castanho-escura e

forte. — É Darjeeling, uma das misturas da Casa. Nós comercializamos com ela desde 1830 — falou, sor-vendo-a satisfeito, como sempre agradecendo intimamente ao gênio inglês desconhecido que inventara o chá da tarde, que, de alguma maneira, sempre parecia aliviar os problemas do dia e colocar o mundo em perspectiva. — Espero que goste.

— É fantástico, talvez um tantinho forte demais para mim. Tomei um pouco por volta das duas horas, e acordei de vez!

— Ainda descontrolada pelos fusos horários?

Ela fez que não com a cabeça, e contou-lhe sobre Peter Marlowe.

— Oh, mas que azar! — Apertou o interfone. — Claudia, ligue para a Casa de Saúde Nathan e veja como está passando a sra. Marlowe. E envie umas flores. Obrigado.

Casey franziu a testa.

— Como sabia que ela estava na Nathan?

— O dr. Tooley sempre usa essa casa em Kowloon. — Ele a observava atentamente, atônito ao vê-la tão amistosa, quando era

óbvio que a Par-Con estava tentando sabotar o negócio deles. "Se passou acordada a maior parte da noite, isso explica as olheiras", pensou. "Bem, olheiras ou não, cuidado, mocinha, empenhamos a nossa palavra na transação. " — Mais uma xícara? — indagou, solícito.

— Não, obrigada, já chega.

— Recomendo os scones. Nós os comemos assim: uma boa porção de nata de Devonshire em cima, uma colher de chá de geléia de morango feita em casa no meio da nata e... magia! Tome!

Relutante, ela aceitou. O bolinho era pequeno o bastante para ser comido de uma vez só. Sumiu.

— Fantástico — exclamou, limpando um pouco da nata do canto da boca. — Mas todas essas calorias! Não, obrigada, não quero mais mesmo. Não tenho feito outra coisa senão comer, desde que cheguei aqui.

— Não está parecendo.

— Mas logo vai parecer. — Viu que ela lhe devolveu o sorriso. Estava sentada numa das fundas poltronas de couro de espaldar alto, com a mesinha de chá entre eles. Ela cruzou as pernas de novo, e Dunross pensou mais uma vez que Gavallan estava certo a

seu respeito: seu calcanhar de Aquiles era a impaciência. — Posso começar agora? — perguntou.

— Tem certeza de que não quer mais chá? — perguntou, tentando deliberadamente enervá-la.

— Não, obrigada.

— Então, acabou o chá. O que é que há? Casey inspirou fundo.

— Parece que a Struan está encrocada, e prestes a afundar.

— Por favor, não se preocupe com isso. A Struan está realmente em forma.

— Você pode pensar assim, tai-pan, mas não é o que está nos parecendo. Nem ao resto do pessoal. Já verifiquei. A maioria parecer pensar que o Gornt e/ou o Victoria não vão fazer valer a incursão. A opinião quase geral é de que vocês estão acabados. Bem, o nosso negócio...

— Temos um acordo até terça-feira. Foi o que combinamos — disse, a voz mais cortante. — Devo entender que querem desdizer-se, ou modificá-lo?

— Não. Mas no estado em que vocês estão, seria uma loucura ou um mau negócio continuar. Portanto, temos duas alternativas: ou a Rothwell-Gornt, ou ajudamos a salvar a sua pele.

— É?

— É. Tenho um plano, um plano parcial que talvez possa salvá-lo e nos render a todos uma fortuna. Certo? Você é o melhor para nós... a longo prazo.

— Obrigado — disse, sem acreditar nela, todo ouvidos, bem ciente de que qualquer concessão que ela oferecesse ia ser proibitivamente cara.

— Que tal o seguinte: nossos banqueiros são o First Central New York, o banco odiado aqui. Eles querem muito voltar a Hong Kong, mas jamais obterão nova licença, certo?

O interesse de Dunross cresceu ante a nova idéia.

— E daí?

— Daí que recentemente eles compraram um pequeno banco estrangeiro com agências em Tóquio, Cingapura, Bangkok e Hong Kong: o Royal Belgium and Far East Bank. É um banquinho de nada, e eles pagaram três milhões por tudo. O First Central pediu-nos para enviar nossos fundos através do Royal Belgium, se o nosso negócio se concretizar. Ontem à noite, encontrei-me com Dave Murtagh, que é o responsável pelo Royal Belgium, e ele não parou de gemer e de se lamentar de que os negócios vão muito mal, de que o sistema daqui lhes tirou o couro, e de que, embora tenham a bancá-los os imensos recursos em dólar do First Central, quase ninguém abre contas e deposita os dólares de Hong Kong de que necessitam para fazer empréstimos. Conhece o banco?

— Sim — falou, sem entender aonde ela queria chegar —, mas não sabia que o First Central estava por trás dele. Não creio que isso seja do conhecimento geral. Quando foi comprado?

— Faz dois meses. Bem, e se o Royal Belgium lhe adiantasse na segunda-feira cento e vinte por cento do preço de compra dos dois navios da Toda?

Dunross, pego desprevenido, fitou-a, boquiaberto.

— Com que garantia?

— Os navios.

— Impossível! Banco algum faria isso.

— Os cem por cento são para a Toda, os vinte por cento para cobrir todas as despesas periódicas, seguros, e os primeiros meses de operação.

— Sem fluxo de caixa, sem fretador estabelecido? — perguntou, incrédulo.

— Você poderia fretá-los em sessenta dias, para obter um fluxo de caixa para sustentar um plano de pagamento razoável?

— Facilmente. — "Santo Deus, se eu puder pagar à Toda imediatamente, poderei pôr para funcionar imediatamente meu plano de venda e arrendamento com os dois primeiros navios. " Apegou-se a essa esperança, imaginando qual seria o preço, o preço real. — Isto é teoria, ou eles realmente o farão?

— Podem fazê-lo.

— Em troca do quê?

— Em troca dos depósitos de cinqüenta por cento de todas as operações cambiais da Struan no exterior, por um período de cinco anos; de uma promessa de que manterão uma média de depósitos

em dinheiro com eles, entre cinco a sete milhões de dólares de Hong Kong, cerca de um milhão e meio de dólares americanos; de que usarão o banco como seu segundo banco em Hong Kong, e o First Central como sua principal fonte de empréstimos americana fora de Hong Kong, durante um período de cinco anos. O que me diz?

Ele teve que usar todo o seu autocontrole para não gritar de alegria.

— É uma oferta firme?

— Creio que sim, tai-pan. Estou um pouco por fora... nunca lidei com navios, mas cento e vinte por cento me pareceu fantástico. E os outros termos também me pareceram bons. Não sabia até onde devia ir na negociação, mas disse a ele que era melhor que fizessem jogo limpo, caso contrário você nem se interessaria.

Ele sentiu uma pontada gelada nas entranhas.

— O representante local nunca teria autoridade para fazer uma oferta dessas.

— Foi isso o que Murtagh alegou a seguir, mas ele disse que teríamos o fim de semana para discutir, e que, se você topasse o esquema, ele se penduraria nas comunicações.

Dunross recostou-se na cadeira, perplexo. Deixou de lado três perguntas vitais, e disse:

— Vamos ficar por aqui, por enquanto. Qual a sua parte nisso tudo?

— Daqui a um minuto. Há mais um detalhe na oferta dele. Acho que ele está louco, mas disse que ia tentar persuadir os chefões a criarem um fundo de cinquenta milhões de dólares americanos, contra o valor das ações não emitidas que você tem no seu tesouro. Portanto, você estará numa ótima. Se fizer o negócio.

Dunross sentiu o suor irromper nas costas e na testa, consciente do risco tremendo que correria, independentemente do tamanho do banco. Com esforço, pôs a cabeça para funcionar. Com os navios já pagos e o fundo, ele poderia rechaçar Gornt e anular o seu ataque. E com Gornt fora de ação, o Orlin voltaria humildemente para ele, que sempre fora um ótimo cliente... e o First Central não fazia parte do consórcio do Orlin Merchant Bank?

— E quanto ao nosso negócio?

— Fica como está. Você faz o comunicado na hora melhor para nós dois, para você e para a Par-Con, conforme o combinado. Se, e é um se grande, o First Central topar a jogada, todos nós podíamos ganhar uma nota, uma nota preta, comprando ações da Struan às nove e cinquenta da manhã de segunda-feira... Vão ter

que subir para 28, talvez 30, não é? A única coisa que não consigo ajeitar é como lidar com as corridas aos bancos.

Dunross pegou o lenço e enxugou a testa, abertamente. Depois, levantou-se e preparou dois conhaques com soda. Entregou-lhe um e voltou a sentar-se na cadeira, a mente alucinada, apática num minuto, no seguinte tonta de felicidade, logo depois agitada, doendo de esperança e medo, perguntas, respostas, planos e contraplanos.

"Putá que o pariu!", pensou, tentando acalmar-se.

O conhaque caiu bem. O travo e o calor eram muito bons. Notou que ela apenas bebericou o dela, depois largou o cálice e ficou olhando para ele. Quando a cabeça dele ficou desanuviada, e ele se sentiu pronto, olhou para ela.

— Tudo isso em troca do quê?

— Você terá que estabelecer os parâmetros com o Royal Belgium, isso cabe a você. Não conheço com toda a precisão o seu fluxo de caixa. Os juros vão ser bem altos, mas valerão a pena, para salvar-lhe a pele. Você vai ter que dar a sua garantia pessoal por cada centavo.

— Pombas!

— É. E mais o prestígio. — Ouviu a voz dela endurecer. — Vai lhe custar prestígio lidar com os "filhos da mãe pol-trões". Não foi assim que Lady Joanna se referiu ao pessoal do First Central, com um imenso ar de desdém e "Mas o que se pode esperar, são... " Imagino que quisesse dizer "americanos". — Viu os olhos de Casey se apertarem e ficou alerta. — É uma vaca velha, aquela mulher.

— Não é não, na verdade — retrucou. — É um pouco cáustica, e rude, mas, de um modo geral, não é má. É antiamericana, lamento dizer, paranóica, suponho. Sabe, é que o marido dela, Sir Richard, foi morto em Monte Cassino, na Itália, por bombas americanas. Os aviões pensaram que as tropas britânicas fossem nazistas.

— Ah — exclamou Casey. — Ah, entendo.

— O que é que a Par-Con quer? E o que é que você e Linc Bartlett querem?

Ela hesitou, depois deixou Lady Joanna de lado por um momento, concentrando-se de novo.

— A Par-Con quer um negócio a longo prazo com a Struan... como "Velhos Amigos". — Ele viu o estranho sorriso. — Descobri o que significa "Velho Amigo" para os chineses, e é isso o que quero

para a Par-Con. Status de Velho Amigo a partir do negócio fechado com o Royal Belgium.

— O que mais?

— Isso eqüivale a um sim?

— Gostaria de conhecer todos os termos antes de concordar com um deles.

Ela sorveu o conhaque.

— Linc não quer nada. Nem está sabendo disso tudo.

— Como disse? — perguntou Dunross, novamente desconcertado.

— Linc ainda não está sabendo do Royal Belgium — disse, numa voz normal. — Eu e Dave Murtagh bolamos isso tudo hoje. Não sei se estou lhe fazendo realmente um favor, porque... você estará correndo riscos, você, pessoalmente. Mas podia tirar a Struan da enrascada. Aí, nossa transação daria certo.

— Não acha que devia consultar seu intrépido líder? — falou Dunross, tentando decifrar as implicações desse rumo inesperado.

— Sou diretora-executiva, e a Struan é transação minha. Não nos custa nada, a não ser nossa influência para livrá-lo da sua armadilha, e é para isso que serve a influência. Quero que nosso negócio se concretize, e não quero que o Gornt seja o vencedor.

— Por quê?

— Já lhe disse. Você é o melhor para nós, a longo prazo.

— E você, Ciranoush? O que deseja? Em troca do uso da sua influência.

Os olhos dela pareceram apertar-se ainda mais e tornar-se mais avermelhados, como os de uma leoa.

— Igualdade. Quero ser tratada como igual, não com condescendência ou deboche, como uma mulher que está na empresa agarrada às fraldas da camisa de um homem. Quero igualdade com o tai-pan da Casa Nobre. E quero que me ajude a obter o meu dinheiro do dane-se... sem ter nada a ver com a transação da Par-Con.

— A segunda coisa é fácil, se estiver disposta a arriscar. E quanto à primeira, nunca a tratei com condescendência ou desprezo...

— Gavallan tratou, e os outros.

— ... e nunca o farei. Quanto aos outros, se não a tratarem como você deseja, saia da mesa de reuniões e do campo de batalha. Não force sua presença aos outros. Não posso torná-la igual. Você não é, e nunca será. É uma mulher e, queira ou não, o mundo é dos homens. Especialmente em Hong Kong. E enquanto eu for vivo, vou tratar o mundo como é, e uma mulher como uma mulher, seja Iá quem diabo ela for.

— Ora, vá se foder!

— Quando?

Ele abriu um amplo sorriso.

A risada repentina dela juntou-se à dele, e a tensão sumiu.

— Mereci isso — disse ela. Outra risada. — Mereci mesmo. Desculpe, acho que perdi o "traseiro".

— Como disse?

Ela explicou sua versão para "prestígio", "fachada". Ele riu de novo.

— Não. Ganhou o "traseiro". Após uma pausa, ela disse:

— Com que então, faça eu o que fizer, nunca poderei ter igualdade?

— Não no mundo empresarial, não em termos masculinos, não se quiser pertencer a esse mundo. Como já disse, queira ou não, é isso aí. E acho que você está errada ao tentar mudá-lo. A Bruxa foi incontestavelmente mais poderosa do que qualquer um na Ásia. E chegou Iá como mulher, não como neutra.

Ela estendeu a mão e ergueu o cálice de conhaque, e ele notou o volume do seu seio de encontro à blusa de seda leve.

— Que diabo, como é possível tratar alguém tão atraente e inteligente como você como um ser neutro? Tenha dó!

— A única coisa que estou pedindo, tai-pan, é igualdade.

— Sinta-se satisfeita de ser mulher.

— Ah, mas eu estou satisfeita, estou mesmo. — A voz dela tornou-se amarga. — Só não quero é ser classificada como alguém que só tem valor de verdade quando está deitada de costas. — Tomou um derradeiro gole e se levantou. — Bem, de agora em diante a bola é sua? Com o Royal Belgium? David Murtagh está esperando um telefonema. É uma jogada a esmo, mas vale a pena tentar, não acha? Quem sabe você não poderia ir se encontrar com ele, ao invés de mandar chamá-lo? Prestígio, hem? Ele vai precisar de todo o apoio que você puder dar. Dunross não se havia levantado.

— Por favor, sente-se um minutinho, se tiver tempo. Ainda há umas duas coisinhas.

— Mas claro. Não queria tomar mais o seu tempo.

— Primeiro, qual é o problema com o seu sr. Steigler?

— O que quer dizer?

Ele lhe contou o que Dawson relatara.

— Filho da puta! — exclamou, obviamente irritada. — Disse a ele que preparasse os papéis, só isso. Pode deixar que eu cuido dele. Os advogados sempre acham que têm o direito de negociar, de "melhorar o negócio", nas palavras deles, como se a gente fosse incompetente. Já perdi mais negócios por causa deles do que você pode imaginar. E o Seymour não é dos piores. Os advogados são a praga dos Estados Unidos. Linc também acha.

— E quanto ao Linc? — perguntou ele, lembrando-se dos dois milhões que ele adiantara ao Gornt para o ataque às ações da Struan. — Vai apoiar cem por cento esta nova jogada?

— Vai — disse, depois de uma pausa. — Vai.

A mente de Dunross buscava o pedaço que faltava.

— Quer dizer que você vai cuidar do Steigler, e continua tudo como antes?

— Você vai ter que resolver o problema dos títulos de propriedade dos navios, como combinamos, mas acho que não será difícil.

— Não. Posso cuidar disso.

— Você garantirá tudo pessoalmente?

— Sem dúvida — disse Dunross, descuidadamente. — Dirk vivia fazendo isso. É o privilégio do tai-pan. Ouça, Ciranoush, eu...

— Quer me chamar de Casey, tai-pan? Ciranoush é para uma era diferente.

— Está bem. Casey, quer isso dê certo ou não, você é uma Velha Amiga, e devo-lhe um agradecimento pela sua bravura, bravura pessoal, no dia do incêndio.

— Não sou valente. Devem ter sido as glândulas. — Deu uma risada. — Não se esqueça de que o fantasma da hepatite ainda nos ronda.

— Ah, também se lembrou disso.

— Foi.

Ela o fitava, e ele não conseguia avaliá-la exatamente.

— Eu a ajudarei com o dinheiro do dane-se — falou.

— De quanto precisa?

— Dois milhões, livres de impostos.

— Suas leis fiscais são rígidas e duras. Está preparada para burlá-las?

Ela hesitou.

— É direito de todo americano evitar os impostos, mas não sonegá-los.

— Já entendi. Portanto, na sua classe de renda, vai precisar de quatro.

— Minha classe é baixa, embora o capital seja alto.

— Quarenta e seis mil no San Fernando Savings and Loan não é muito — disse, sombriamente divertido ao vê-la empalidecer.
— Oito mil e setecentos na sua conta corrente no Los Angeles and California também não é muito.

— Você é um filho da mãe.

— Simplesmente tenho amigos nas altas esferas — sorriu ele.
— Como você. — Com naturalidade, abriu a armadilha.

— Você e Linc Bartlett querem jantar comigo, hoje à noite?

— Linc está ocupado — disse ela.

— E você? Às oito? Podemos nos encontrar no saguão do Mandarin.

Ele percebera a nuance e a traição involuntária na voz da moça, e quase podia ver as ondas revoltas da mente dela. "Com que então o Linc está ocupado!", pensou. "E com o que estaria ocupado, pelo tom de voz dela? Orlanda Ramos? Tem que ser", disse com seus botões, radiante por ter trazido à luz o motivo verdadeiro... o verdadeiro porquê da sua ajuda. Orlanda! Orlanda conduzindo a Linc Bartlett, conduzindo ao Gornt. "Casey morre de medo de Orlanda. Está morta de medo de que Gornt esteja por trás do ataque de Orlanda a Bartlett... ou está simplesmente louca de ciúmes, e pronta para puxar o tapete de sob os pés de Bartlett?"

59

17h35m

Casey entrou nas filas congestionadas que passavam nas "borboletas" da Balsa Dourada. As pessoas se atropelavam, empurravam e apressavam pelo corredor para tomar a barca seguinte. Quando o sino de aviso soou, estridente, os que estavam na frente desataram a correr desesperadamente. Involuntariamente, os pés dela apertaram o passo. A massa de seres humanos espremidos e barulhentos levou-a até a barca. Conseguiu um lugar e ficou olhando melancólica para a baía, perguntando-se se obtivera êxito na sua parte da transação.

— Pombas, Casey — explodira Murtagh —, a matriz não vai topar isso nem em um milhão de anos!

— Se eles não toparem, estarão perdendo a maior oportunidade de suas vidas. E você também. Esta é a sua grande

chance... agarre-a! Se você ajudar a Struan agora, pense em quanto prestígio todos vão ganhar. Quando Dunross for procurá-lo...

— Se vier!

— Irá. Farei com que vá procurá-lo! E quando o fizer, diga-lhe que é tudo idéia sua, não minha, e que você...

— Mas Casey, não acha...

— Não. Tem que ser idéia sua. Eu o apoiarei cem por cento junto à matriz em Nova York. E quando Dunross for procurá-lo, diga-lhe que também quer status de Velho Amigo.

— Pombas, Casey, já tenho problemas de sobra sem ter que explicar àqueles bestalhões nos Estados Unidos sobre Velho Amigo e "fachada"!

— Então não lhes explique essa parte. Se você conseguir concretizar essa jogada, será o banqueiro americano mais importante da Ásia.

"É", falou Casey com seus botões, doente de esperança, "e eu terei conseguido arrancar Linc da armadilha de Gornt. — Sei que tenho razão quanto ao Gornt. "

— Tem porra nenhuma, Casey! — exclamara Bartlett com raiva pela manhã, a primeira vez na sua vida juntos em que ele explodira com ela.

— É evidente, Linc — retrucara. — Não estou tentando interferir na...

— Não está uma ova!

— Foi você que trouxe Orlanda à baila, não eu! Está todo derretido porque... ela cozinha bem, dança bem, se veste bem e é uma excelente companhia! E só o que eu perguntei foi: "Divertiu-se?"

— Claro, mas falou de um jeito nojento, invejoso e ciumento, e eu sei que estava querendo dizer: "Tomara que tenha sido uma merda!"

"Linc estava com a razão", pensou Casey, infeliz. "Se ele quer passar a noite fora, é problema dele. Eu devia ter ficado de boca fechada, como das outras vezes, e não dar importância. Mas esta não é como das outras vezes. Ele está em perigo, e não quer enxergar!"

— Pela madrugada, Linc!, aquela mulher está à caça do seu dinheiro e do seu poder, e é só! Há quanto tempo a conhece? Uns dois dias. Onde a conheceu? Gornt! Ela tem que ser marionete do Gornt! Esse sujeito é vivo como ele só! Andei tomando umas informações, Linc, é ele que paga o apartamento dela, as suas contas. Ele...

— Ela me contou tudo isso, e contou sobre ele e ela, e isso faz parte do passado! Pode esquecer Orlanda! Entendeu? Pare de falar mal dela. Fui claro?

— Muita coisa está em jogo na escolha entre a Struan ou Gornt, e ambos usarão qualquer tática para minar você ou deixá-lo exposto a...

— Principalmente a tática da cama? Qual é, Casey!, pela madrugada! Você nunca foi ciumenta antes... admita que está uma arara. Ela é tudo o que um homem pode desejar, e você...

Ela se lembrou de como ele se detivera pouco antes de concluir. Ficou com os olhos cheios de lágrimas. "Ele tem razão, porra! Não sou. Sou uma merda de uma máquina comercial. Não sou feminina como ela, não sou uma trepada fácil e nem estou interessada em ser dona-de-casa, não agora, e jamais poderia fazer o que ela fez. Orlanda é suave, maleável, dourada, uma grande cozinheira, segundo ele, feminina, tem um lindo corpo, lindas pernas, muito bom gosto, e é um convite à cama. Pombas, e que convite! E sem outra idéia na cabeça salvo a de arranjar um marido rico. Aquela francesa tinha razão: Linc está pronto para cair como um patinho na armadilha de qualquer caçadora de ouro asiática

ordinária e rapace, e a tal Orlanda é a nata das vigaristas de Hong Kong.

"Merda!

"Mas, não importa o que Linc diga, ainda tenho razão quanto a ela, e quanto ao Gornt.

"Tenho mesmo?

"Admitamos, só tenho por base alguns boatos e a minha intuição. Orlanda me deixou descontrolada, estou doente de medo. Cometi um erro danado soltando os cachorros em cima do Linc. Lembra o que ele disse antes de sair da suíte? 'De agora em diante, pare de se meter na minha vida particular, porra!'

"Ah, meu Deus!"

Um vento leve soprava enquanto a barca cruzava a baía, os motores roncando, as sampanas e os outros barcos saindo agilmente do caminho, o céu fechado, nublado. Indiferente a tudo, enxugou as lágrimas, pegou o espelhinho de mão e foi ver se o rímel não estava escorrendo. Um imenso cargueiro apitou, com as bandeiras tremulando, e passou majestosamente por eles, mas ela não o notou, nem notou a imensidão do porta-aviões nuclear atracado no cais do Almirantado, no lado de Hong Kong.

— Controle-se — resmungou, infeliz, para a sua imagem no espelho. — Porra, está com cara de quarenta anos!

Os bancos de madeira estreitos estavam lotados, e ela mudou de posição, desconfortavelmente espremida entre os outros passageiros, a maioria chineses, embora aqui e ali houvesse turistas carregados de câmaras e outros europeus. Não havia um centímetro de espaço livre, todas as passagens entupidas, os assentos entupidos, e já havia blocos de passageiros lotando a rampa de saída, nas duas cobertas. Os chineses ao seu lado liam desajeitadamente o jornal, como o fariam as pessoas em qualquer metrô, só que, de vez em quando, pigarreavam ruidosamente para limpar a garganta. Um deles cuspiu. No anteparo bem à sua frente havia um grande cartaz em chinês e inglês:

É PROIBIDO CUSPIR — MULTA DE VINTE DÓLARES. Ele escarrou de novo e Casey teve vontade de tirar o jornal da mão dele e bater-lhe com ele. O comentário do tai-pan veio-lhe à lembrança:

— Há mais de cento e vinte anos que tentamos modificá-los, mas os chineses não se modificam facilmente.

"Não apenas eles", pensou, com dor de cabeça. "Tudo e todos nesse mundo dos homens. O tai-pan tem razão.

"Então, o que vou fazer? Quanto ao Linc? Mudo as regras ou não?"

"Já mudei. Passei por cima dele com o plano de salvar o taipan. Foi a primeira vez. Vou ou não vou contar a ele?"

Dunross não irá me dedurar, e Murtagh ficará com todo o crédito, terá que ficar, se o First Central topar. Terei que contar ao Linc, qualquer hora.

"Mas quer o plano de salvamento funcione, quer não, e quanto a mim e a Linc?"

Mantinha os olhos fixos à frente, sem ver, enquanto tentava decidir.

A barca estava se aproximando do ancoradouro do terminal de Kowloon. Duas outras barcas que se destinavam ao lado de Hong Kong saíram do caminho para a recém-chegada atracar. Todos se levantaram e começaram a se acotovelar na rampa de saída de bombordo. O navio adernou ligeiramente, desequilibrado. "Meu Deus!" pensou, inquieta, voltando à realidade, "deve haver umas quinhentas pessoas em cada coberta. " Então fez uma careta quando uma matrona chinesa impaciente passou por ela, espremendo-a, pisando no seu pé, e abriu caminho à força pela multidão até o começo da fila. Casey se levantou, o pé doendo, com vontade de dar uma guarda-chuvada na tal mulher.

— Eles são uma parada, não é? — comentou o americano alto atrás dela, com um bom humor sombrio.

— Como? Ah, sim... uma parada, alguns deles. — Gente cercanda-a, empurrando-a, sufocando-a. Subitamente, sentiu-se sem ar e nauseada. O homem notou, e usou seu corpanzil para abrir à força um pouco de espaço. Os que foram empurrados se afastaram de má vontade. — Obrigada — disse, aliviada, já sem o enjôo. — É, obrigada.

— Sou Rosemont, Stanley Rosemont. Conhecemo-nos na casa do tai-pan.

Casey virou-se, sobressaltada.

— Puxa, desculpe, acho... acho que estava a um milhão de quilômetros de distância, não... desculpe. Como vão indo as coisas? — perguntou, sem se lembrar dele.

— Tudo na mesma, Casey. — Rosemont baixou os olhos para ela. — Você não está numa boa, hem? — perguntou, gentilmente.

— Ah, não, estou bem. Claro, tudo bem.

Afastou-se, sem graça porque ele percebera. Da popa à proa havia marinheiros, que jogaram as cordas, imediatamente apanhadas e amarradas aos pontaletes. As grossas cordas guincharam sob a tensão, trazendo-lhe os nervos à flor da pele. Enquanto a barca atracava com perfeição, a ponte levadiça começou a baixar, mas antes que tivesse baixado completamente, a multidão já saltava da barca, carregando Casey junto. Depois de alguns metros, a pressão diminuiu, e ela subiu a rampa no seu próprio ritmo, outros passageiros inundando a rampa oposta para embarcar para o lado de Hong Kong. Rosemont alcançou-a.

— Está no Vic?

— Estou. E você?

— Ah, não! Temos um apartamento, do lado de Hong Kong... de propriedade do consulado.

— Estão aqui há muito tempo?

— Dois anos. É interessante, Casey. Depois de mais ou menos um mês, você se sente trancafiado... nenhum lugar aonde ir, tanta gente, os mesmos amigos dia após dia. Mas logo fica ótimo. Logo você começa a sentir que está no centro dos acontecimentos, no centro da Ásia, onde hoje tudo está acontecendo. Claro, Hong Kong é o centro da Ásia... os jornais são bons, a comida é excelente,

assim como o golfe, as corridas, os barcos, e é fácil ir a Taipé, Bangkok, ou a outro lugar qualquer. Hong Kong é legal... claro que não se compara ao Japão. O Japão é outra história. É como a terra de Oz.

— E isso é bom ou ruim?

— Fantástico... se você é homem. É dureza para as mulheres, dureza mesmo, e para as crianças. Sua impotência, sua "estrangeirice" é jogada na sua cara... você não consegue nem ler uma placa de rua. Passei dois anos Iá. Gostava um bocado. Athena, minha mulher, acabou odiando o Japão. — Rosemont riu. — Também odeia Hong Kong e quer voltar para a Indochina, para o Vietnam ou o Camboja. Ela foi enfermeira Iá, faz alguns anos, no exército francês.

Em meio à névoa dos próprios problemas, Casey notou uma nuance diferente, e começou a prestar atenção.

— Ela é francesa?

— Americana. O pai dela serviu como embaixador durante a guerra francesa.

— Têm filhos? — perguntou.

— Dois meninos. Athena foi casada anteriormente. Nova nuance.

— Seus filhos são do primeiro casamento dela?

— Um deles. Ela foi casada com um vietnamita. Foi morto pouco antes de Dien Bien Phu, quando os franceses dirigiam o país, ou estavam sendo expulsos. O pobre sujeito morreu antes de o pequeno Vien nascer. Ele é como se fosse meu filho. É, meus dois filhos são jóia. Vai se demorar muito por aqui?

— Depende do meu patrão e do nosso negócio. Acho que você sabe que estamos esperando nos unir à Struan.

— Não se fala noutra coisa na cidade... além do incêndio em Aberdeen, a inundação, os deslizamentos de lama, o temporal, a queda das ações da Struan, as corridas aos bancos e o mercado de capitais caindo aos pedaços... Hong Kong tem uma coisa: jamais é monótona. Acha que ele vai se safar?

— O tai-pan? Acabo de estar com ele. Espero que sim. Ele é confiante, muito confiante. Gosto dele.

— É. Gosto de Bartlett também. Está com ele há muito tempo?

— Quase sete anos.

Tinham saído do terminal e a rua estava igualmente cheia. À direita ficava o porto, e eles batiam papo, dirigindo-se para a passagem de pedestres que os levaria ao Vic. Rosemont indicou uma lojinha, a Rice Bowl¹.

¹ *Literalmente, "Tigela de Arroz". (N. da T.)*

— Athena trabalha ali de vez em quando. É um bazar de caridade, dirigido por americanos. Todo o lucro se destina aos refugiados. Muitas das mulheres trabalham ali um ou dois dias por semana, acho que isso as mantém ocupadas. Imagino que você esteja ocupada o tempo todo.

— Apenas sete dias por semana.

— Ouvi o Linc dizer que vocês iam passar o fim de semana em Taipé. Será a sua primeira visita?

— Sim... só que eu não vou, vão apenas o Linc e o tai-pan.

Casey tentou deter o pensamento imediato que veio à tona, mas não pôde: "Será que ele vai levar Orlando? Ele tem razão, não é da minha conta. Mas a Par-Con é. E como Linc está completamente enredado pelo inimigo, quanto menos ele souber da trama do First Central, melhor".

Satisfeita por ter chegado a uma decisão desapassionadamente, continuou a conversar com Rosemont, respondendo às suas perguntas, sem se concentrar muito, satisfeita por conversar com uma pessoa amável, tão informativa quanto interessada.

— ... e Taipé é diferente, mais tranqüila, menos irritadiça, mas uma cidade do futuro — dizia ele. — Somos populares em Formosa, para variar. Quer dizer que vão mesmo se expandir? Num negócio desse porte imagino que devem ter uma dúzia de executivos à disposição.

— Não. No momento só há nós dois e o Forrester, chefe da nossa divisão de espuma, e nosso advogado. — Ao mencioná-lo, Casey ficou com raiva. "Maldito seja por tentar nos bloquear. " — O Linc organizou a Par-Con muito bem. Eu cuido do dia-a-dia, e ele fixa a política da empresa.

— Vocês são uma empresa de capital aberto?

— Somos, mas numa boa, também. O Linc tem o controle, e nossos diretores e acionistas não atrapalham. Os dividendos estão aumentando, e se o negócio com a Struan se concretizar, subirão vertiginosamente.

— Bem que poderíamos ter mais firmas americanas na Ásia. O comércio foi o que fez o grande Império Britânico. Desejo-lhes boa sorte, Casey. Ei, isso me lembra uma coisa — acrescentou, descuidadamente. — Conhece o Ed, Ed Langan, meu amigo, que estava comigo na festa do tai-pan? Ele conhece um dos seus acionistas. Um sujeito chamado Bestacio, qualquer coisa assim.

Casey ficou espantada.

— Banastasio? Vincenzo Banastasio?

— É, acho que é — mentiu serenamente, observando-a, e, ante a expressão dela, acrescentou: — Falei alguma besteira?

— Não, é apenas uma coincidência. Banastasio chega amanhã. Amanhã de manhã.

— O quê?

Casey viu que ele a fitava, e deu uma risada.

— Pode dizer ao seu amigo que ele vai ficar no Hilton. A cabeça de Rosemont estava a mil por hora.

— Amanhã? Ora vejam só! Casey perguntou, cautelosamente:

— Ele é amigo íntimo de Langan?

— Não, mas ele o conhece. Diz que o Banastasio é um sujeito e tanto. Um jogador, não é?

— É.

— Não gosta dele?

— Só o vi umas duas vezes. Nas corridas. É um figurão em Del Mar. Não curto muito jogo ou jogadores.

Eles "costuravam" em meio à multidão. Gente os empurrava por trás, e hordas que vinham da direção oposta empurravam-nos pela frente. A passagem subterrânea fedia a mofo e catinga. Ela ficou muito satisfeita de voltar ao ar livre, louca por um banho, uma aspirina e um repouso até as oito horas. Para além dos prédios à frente ficava todo o porto oriental. Um jato que partia furou a cerração. Rosemont percebeu os altos mastros de carga do Soviétski Ivánov ancorado ao longe. Involuntariamente, deu uma olhada para o lado de Hong Kong e viu como seria fácil para binóculos de grande alcance examinarem o porta-aviões americano e quase contarem seus rebites.

— Faz a gente sentir orgulho de ser americano, não é? — disse Casey, alegremente, acompanhando o olhar dele. — Se você é do consulado, pode subir a bordo?

— Claro. Visita com guia!

— Que cara de sorte!

— Estive Iá ontem. O comandante deu uma festa para o pessoal local, e eu também fui.

Novamente, Rosemont mentiu com facilidade. Ele estivera a bordo na noite anterior, e também naquela manhã. Sua entrevista inicial com o almirante, comandante e chefe de segurança fora tempestuosa. Foi só quando apresentou fotocópias do manifesto de carga secreto dos armamentos do navio, e do manual de orientação

dos sistemas, que eles realmente acreditaram que tinha havido um imenso vazamento de segurança. Agora, o traidor estava sob severa vigilância na cadeia do navio, vigiado pelo seu pessoal da CIA vinte e quatro horas por dia. Logo o homem cederia. "É, e depois disso", pensou Rosemont, "cadeia durante vinte anos. Por mim, eu largava o filho da mãe no meio da baía. Porra, não tenho nada contra os Metkins e o KGB. Os filhos da mãe estão apenas fazendo o seu trabalho, para o seu lado... não importa o quanto estejam errados. Mas e os nossos rapazes?"

— Muito bem, cara, foi apanhado! Primeiro, diga-nos por que o fez — perguntara-lhe.

— Dinheiro.

Putá que o pariu! O dossiê do marujo mostrava que viera de uma pequena cidade do centro-oeste. Seu trabalho era exemplar, sem nada no seu passado ou presente que sugerisse um risco de segurança em potencial. Era um homem calmo, bom no seu serviço de programação de computadores, apreciado pelos compatriotas, e os superiores confiavam nele. Nenhuma tendência esquerdista, nada de homossexualismo, nenhum problema de chantagem, nada.

— Então, por quê? — perguntara-lhe.

— Esse sujeito me abordou em San Diego e disse que queria saber tudo sobre o Corregidor, e que me pagaria.

— Mas você não sabe que isso é traição? Atraiçoar o seu país?

— Pombas, só o que ele queria eram alguns dados e números. E daí? Que diferença faz? Podemos mandar os malditos comunas pro inferno na hora em que nos der na telha. O Corregidor é o maior porta-aviões em funcionamento! Foi uma travessura, e eu queria ver se podia fazê-la, e eles pagavam pontualmente...

"Meu Deus!, como vamos manter a segurança quando existem caras como aquele, com o cérebro no rabo?", perguntou-se Rosemont, desanimado.

Caminhava ao lado de Casey, ouvindo-se bater papo com ela, sondando-a, imaginando que tipo de risco ela representava, e Bartlett, com sua ligação com o Banastasio. Logo se uniram às outras pessoas que subiam a larga escadaria que levava ao hotel. Um boy sorridente abriu as portas giratórias. O saguão fervilhava.

— Casey, ainda é cedo para o meu compromisso. Posso convidá-la para um drinque?

Casey hesitou, depois sorriu, simpatizando com ele, gostando do bate-papo.

— Claro, obrigada. Primeiro deixe-me ir buscar os meus recados, certo?

Ela foi até a recepção. Havia um maço de telex, e recados de Jannelli, Steigler e Forrester, pedindo que ela lhes telefonasse. E um bilhete escrito à mão, de Bartlett. O bilhete continha instruções de rotina sobre a Par-Con, com as quais ela concordava, e pedia-lhe que se certificasse de que o avião estaria pronto para decolar no domingo. O bilhete terminava assim: "Casey, vamos ficar com a Rothwell-Gornt. Vamos nos encontrar para tomar o café da manhã na suíte, às nove. Até Iá".

Ela voltou para junto de Rosemont.

— Podemos deixar para outro dia?

— Más notícias?

— Ah, não, só um bocado de coisas para acertar.

— Claro, mas quem sabe gostaria de jantar conosco na semana que vem, você e Linc? Queria que Athena os conhecesse. Ela lhe telefonará marcando o dia, está bem?

— Obrigada, gostaria muito.

Casey afastou-se, todo o seu ser mais do que nunca resolvido a seguir o rumo que escolhera.

Rosemont observou-a enquanto ela se afastava, depois pediu um Cutty Sark com soda, e começou a esperar, imerso em pensamentos. "Quanto será que o Banastasio tem investido na Par-Con, e o que recebe em troca? Puta que o pariu, a Par-Con está metida em assuntos de defesa, espaço e um bocado de bosta secreta. O que esse vagabundo vem fazer aqui? Graças a Deus eu mesmo cuidei de Casey hoje, e não a deixei nas mãos de um dos outros rapazes. Ele podia ter deixado escapar o Banastasio..."

Robert Armstrong chegou.

— Puxa, Robert, você está com uma cara terrível — disse o americano. — É melhor tirar umas férias ou uma boa noite de sono e deixar as mulheres de lado.

— Ora, vá tomar no... Está pronto? É melhor irmos.

— Você tem tempo para uma bebidinha rápida. O encontro no banco foi adiado para as sete. Temos tempo de sobra.

— É, mas não quero chegar atrasado, já que vamos nos encontrar com o governador no escritório dele.

— Está bem.

Obedientemente, Rosemont terminou a sua bebida, assinou a conta, e os dois foram andando para o terminal das barcas.

— Como vai a Dry Run? — perguntou Armstrong.

— Ainda estão por Iá, com as bandeiras tremulando. Parece que a revolta de Azerbaijão não deu em nada. — Rosemont percebeu o desânimo do inglês. — Qual é o grilo, Robert?

— Às vezes não gosto de ser policial, só isso — disse Armstrong, pegando um cigarro e acendendo-o.

— Pensei que tinha parado de fumar.

— Parei. Ouça, Stanley, amigo, deixe que lhe avise: você está no mato sem cachorro. Crosse está tão furioso que quase poderia ser internado.

— Isso Iá é novidade? Tem muita gente que acha o Crosse doido, mesmo. Pombas, foi o Ed Langan que avisou vocês das pastas do Alan, para começo de conversa! Puta que o pariu, somos aliados!

— É verdade — replicou Armstrong, com azedume —, mas isso não lhes dá licença de invadir, sem autorização alguma, um apartamento totalmente limpo, pertencente à companhia telefônica, que é totalmente limpa!

— Quem, eu? — Rosemont parecia magoado. — Que apartamento?

— Sinclair Towers, apartamento 32. Você e seus gorilas arrombaram a porta na calada da noite. Para quê? Pode me explicar?

— E como vou saber? — Rosemont sabia que tinha que se safar no blefe, mas ainda estava furioso, porque quem estava no apartamento conseguira escapar sem ser identificado. Sua raiva pelo vazamento do porta-aviões, por não poder interrogar o Metkin, por toda aquela nojeira da Sevrin e a perfídia do Crosse fizeram com que ordenasse a batida. Um dos seus informantes chineses captara um boato de que, embora o apartamento vivesse vazio a maior parte do tempo, às vezes era usado por agentes inimigos comunistas — de gênero desconhecido —, e que naquela noite haveria uma reunião. Connochie, um dos seus melhores agentes, dirigira a batida, e pensara ter visto de relance dois homens fugindo pelos fundos, mas não tinha certeza, e embora tivesse feito uma revista diligente, eles haviam sumido, e nada fora encontrado no apartamento para

confirmar ou negar o boato, apenas dois copos pela metade. Os copos haviam sido levados e examinados para ver se havia impressões digitais. Um deles estava limpo, o outro, bem marcado. — Nunca estive no Sinclair Towers, puta merda!

— Pode ser, mas seus "policiais cômicos do cinema mudo" estiveram. Vários moradores reclamaram de quatro cau-casianos altos e robustos que subiram e desceram ruidosamente as escadas. — Armstrong acrescentou, com mais azedume ainda: — Todos de bunda grande e idéias curtas... só podem ser os seus.

— Meus, não, de jeito nenhum.

— Ah, eram, sim, e esse tiro vai lhe sair pela culatra. Crosse já mandou dois telegramas pesadíssimos para Londres. O pior é que vocês não pegaram nada, e nós levamos um esporro por causa das suas burradas contínuas!

Rosemont soltou um suspiro.

— Largue do meu pé. Tenho uma novidade para você. — Contou a Armstrong a conversa que tivera com Casey sobre Banastasio. — Claro que já sabíamos da ligação dele com a Par-Con, mas eu não sabia que chegava amanhã.

Armstrong tinha visto a data da chegada anotada na agenda de Ng Fotógrafo.

— Interessante — falou, reservadamente. — Contarei ao Velho. Mas é melhor você ter uma boa explicação para ele sobre o Sinclair Towers, e não diga que eu lhe contei.

Sua fadiga era quase incontrolável. Pela manhã, às seis e meia, começou o primeiro interrogatório real de Brian Kwok.

Fora um trabalho orquestrado: enquanto ainda sob o efeito das drogas, Brian Kwok fora tirado da sua cela limpa e branca e colocado, despido, num calabouço nojento, com paredes úmidas e um colchão fino e fétido sobre o chão mofado. Então, dez minutos depois que a injeção de acordar o trouxera a uma consciência dolorosa, a luz forte fora acesa, e Armstrong escancarara a porta e xingara o carcereiro do sei.

— Puta que o pariu, o que está fazendo com o superintendente Kwok? Ficou maluco? Como ousa tratá-lo desse jeito?

— Ordens do superintendente Crosse, senhor. Este cliente...

— Deve haver um engano! Estou me lixando para o Crosse!
— Jogara o sujeito porta afora e concentrara toda a sua atenção bondosa no amigo. — Tome, amigão, quer um cigarro?

— Ah, Deus! Obrigado... obrigado. — Os dedos de Brian Kwok tremeram quando ele segurou o cigarro e tragou profundamente. — Robert... que diabo está acontecendo?

— Não sei. Acabo de saber, e é por isso que estou aqui. Disseram-me que você estava de licença por uns dias. Crosse enlouqueceu. Alega que você é um espião comunista.

— Eu? Pelo amor de Deus... que dia é hoje?

— Dia 30, sexta-feira — respondeu prontamente, esperando a pergunta, acrescentando sete dias.

— Quem ganhou o quinto páreo?

— Butterscotch Lass — respondeu, pego de surpresa, espantadíssimo de que a mente de Brian ainda estivesse funcionando tão bem, e sem ter a mínima certeza de que sua ligeira hesitação não tivesse revelado que dissera uma mentira. — Por quê?

— Só queria saber... só... Escute, Robert, isso é um engano. Tem que me ajudar. Não fique aí...

Aproveitando a deixa, Roger Crosse entrou porta adentro como a ira de Deus.

— Escute, espião, quero os nomes e os endereços de todos os seus contatos, imediatamente. Quem é o seu controlador?

Debilmente, Brian Kwok se pôs de pé.

— Senhor, é tudo um engano. Não existe controlador, e não sou espião e...

Crosse subitamente enfiou na cara deles as ampliações das fotos.

— Então explique-me como foi fotografado em Ning-tok diante da farmácia de sua família, com sua mãe, Fang-ling Wu. Explique como seu verdadeiro nome é Chu-toy Wu, segundo filho desses pais, Ting-top Wu e Fang-ling Wu...

Ambos perceberam o choque instantâneo no rosto de Brian Kwok.

— Mentiras — resmungou —, mentiras, sou Brian Kar-shun Kwok, e sou...

— Você é um mentiroso! — berrou Crosse. — Temos testemunhas! Temos provas! Você foi identificado pela sua gan sun, Ah Tam!

Outra exclamação abafada, disfarçada quase com brilhantismo, depois...

— Não... não tenho nenhuma gan sun chamada Ah Tam. Tenho...

— Passará o resto da vida nesta cela, a não ser que nos conte tudo. Virei vê-lo dentro de uma semana. É melhor contar toda a verdade, caso contrário mandarei acorrentá-lo! Robert! — Crosse virou-se, furioso, para ele. — Está proibido de entrar aqui sem a minha permissão!

A seguir, saiu intempestivamente da cela.

Armstrong se recordava de como ficara nauseado ao ler a verdade escrita no rosto do amigo. Era um observador bem treinado demais para se enganar.

— Porra, Brian — disse, continuando o jogo, odiando, apesar disso, a sua hipocrisia. — O que deu em você para fazer isso?

— Fazer o quê? — retrucou Brian Kwok, desafiadoramente. — Não pode me tapear... nem me lograr, Robert... Não podem ser sete dias. Estou inocente.

— E as fotos?

— Forjadas... forjadas, obra do Crosse. — Brian Kwok se agarrou ao braço dele, uma luz desesperada no olhar, e sussurrou com voz rouca: — Eu lhe disse, o Crosse é o verdadeiro toupeira. É ele, Robert... é homossexual, está tentando me incriminar e...

Seguindo a deixa, o carcereiro do sei, compenetrado e seco, abriu bruscamente a porta da cela.

— Desculpe, senhor, mas precisa sair.

— Está bem, mas primeiro dê-lhe um pouco de água.

— Não é permitido dar-lhe água!

— Porra, vá buscar um pouco de água pra ele!

Relutante, o carcereiro obedeceu. Enquanto estavam momentaneamente sozinhos, Armstrong enfiou os cigarros sob o colchão.

— Brian, vou ver o que posso fazer...

O carcereiro voltou ao aposento com uma caneca amassada.

— Só pode tomar isso! — exclamou, com raiva. — E quero a caneca de volta!

Agradecido, Brian Kwok engoliu a água, e a droga com ela. Armstrong se retirou. A porta foi fechada, e as trancas, corridas. Abruptamente, as luzes se apagaram, deixando Brian Kwok no escuro. Dez minutos mais tarde, Armstrong voltou a entrar na cela, com o dr. Dorn. E Crosse. Brian Kwok estava inconsciente, profundamente drogado outra vez, e sonhando irrequieto.

— Robert, trabalhou muito bem — disse Crosse, suavemente.
— Viu o choque do cliente?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Eu também. Não há como se enganar com isso, ou com a culpa dele. Doutor, acelere o processo de dormir-acordar. De hora em hora, nas próximas vinte e quatro horas...

— Meu Deus! — exclamou Armstrong. — Não acha que...

— De hora em hora, doutor, desde que não haja problemas do ponto de vista médico. Não o quero machucado, apenas maleável nas próximas vinte e quatro horas. Robert, depois você o interrogará de novo. Se não der certo, nós o colocaremos no Quarto Vermelho.

O dr. Dorn se crispara, e Armstrong se recordava de que seu coração falhara uma batida.

— Não — disse.

— Puta que o pariu, o cliente é culpado, Robert — rosnou Crosse, não mais representando. — Culpado! O cliente denunciou Fong-fong e os nossos rapazes, e nos infligiu sabe Iá Deus quantos danos. Somos obrigados a isso. As ordens vieram de Londres! Lembra-se de Metkin, o grande peixe que pegamos, o comissário político do Ivánov? Acabo de saber que o avião-transporte da RAF desapareceu. Reabasteceu em Bombaim e depois desapareceu, sobrevoando o oceano Índico.

60

18h58m

O governador estava acometido de uma fúria olímpica. Saltou do carro e caminhou vigorosamente até a porta lateral do banco, onde Johnjohn esperava por ele.

— Já leu isto? — O governador agitava a edição noturna do Guardian ao ar da noite. A imensa manchete dizia: os deputados acusam A RPC. — Mas que malditos idiotas incompetentes, hem?

— É, sim, senhor. — Johnjohn estava igualmente colérico. Passou pelo porteiro fardado e entrou numa grande ante-sala. — Não dá para enforcar os dois?

Na entrevista coletiva que tinham dado à tarde, Grey e Broadhurst haviam proclamado publicamente tudo aquilo que ele, Johnjohn, Dunross e os outros tai-pans haviam longa e

pacientemente condenado como totalmente contrário aos interesses da Grã-Bretanha, de Hong Kong e da China. Grey continuara discutindo longamente sua opinião pessoal de que a China Vermelha estava dedicada à conquista mundial e que devia ser tratada como a grande inimiga da paz mundial.

— Já recebi uma reclamação não-oficial oficial. Johnjohn se crispou.

— Oh, Deus, não do Tiptop?

— Claro que do Tiptop. Falou, naquela sua voz calma e sedosa: "Excelência, quando nossos pares em Pequim lerem como os membros importantes do seu grande Parlamento inglês encaram o Reino Médio, acho que vão ficar realmente muito zangados". Eu diria que nossas chances de obtermos o uso temporário do dinheiro deles, agora, são nulas.

Outra onda de raiva varreu Johnjohn.

— Aquele maldito insinuou que o ponto de vista dele é o mesmo da delegação, o que é completamente inverídico! É ridículo inflamar a China, sob qualquer circunstância. Sem a benevolência da China nossa posição aqui seria totalmente insustentável! Que idiota completo! E todos nós nos esforçamos ao máximo para explicar! — O governador tirou um lenço do bolso e assoou o nariz. — Onde estão os outros?

— O superintendente Crosse e o sr. Sindors estão usando o meu escritório por um momento. Ian já vem vindo. E quanto ao Grey e ao Ian, senhor? O que me diz do fato de Grey ser cunhado do Ian?

— Extraordinário. — Desde que Grey tocara no assunto, em resposta a uma pergunta, naquela tarde, ele recebera uma dúzia de telefonemas a respeito. — Espantoso que o Ian nunca o tenha mencionado.

— Ou Penelope. Muito estranho! Acha que... — Johnjohn ergueu os olhos e se interrompeu. Dunross vinha vindo na direção deles.

— Boa noite, senhor.

— Alô, Ian. Marquei para as dezenove horas para ter uma chance de falar com Sindors e Stanley Rosemont. — O governador levantou o jornal. — Viu isto?

— Vi, senhor. Os jornais da noite chineses estão tão furiosos que me admira que todas as edições não estejam pegando fogo, e toda a Central junto com elas.

— Eu os levaria a julgamento por traição — disse Johnjohn, a fisionomia azeda. — Que diabo podemos fazer, Ian?

— Rezar! Já falei com o Guthrie, o deputado liberal, e alguns dos conservadores. Um dos principais repórteres do Guardian os está entrevistando agora, e suas opiniões, contrárias às de Grey e Broadhurst, serão as manchetes, refutando toda aquela baboseira. — Dunross enxugou as mãos. Podia sentir as costas igualmente suadas. A combinação de Grey, Tiptop, Jacques, Phillip Chen, a moeda e as pastas de Alan estava ata-cando-lhe os nervos. "Meu Deus", pensou, "o que virá agora?" Seu encontro com o Murtagh, do Royal Belgium, fora o que Casey previra: um tiro a esmo, bem dado. Ao sair da reunião, alguém lhes dera os jornais vespertinos, e a bomba que aqueles comentários irresponsáveis iam provocar quase o derrubara. — Teremos apenas que desmentir tudo publicamente, e particularmente trabalhar como uns doidos para ter certeza de que o projeto de Grey para baixar Hong Kong ao nível da Grã-Bretanha nunca seja votado, ou seja derrubado, e o Partido Trabalhista nunca seja eleito. — Sentiu a cólera aumentar. — Broadhurst agiu tão mal quanto ele, se não pior.

— Ian, já falou com o Tiptop?

— Não, Bruce. O telefone dele continua ocupado, mas já mandei um recado para ele. — Contou-lhes o que combinara com Phillip Chen. Então, o governador relatou a queixa de Tiptop. Dunross ficou perturbadíssimo. — Quando foi que ele ligou, senhor?

— Pouco antes das seis.

— Já teria recebido o recado, a essa altura. — Dunross sentiu o coração bater descompassadamente. — Depois dessa... débâcle, aposto que não há chance de obtermos o dinheiro chinês.

— Concordo.

Dunross estava vivamente cômico de que não haviam tocado no assunto do seu parentesco com Grey.

— Robin Grey é um idiota — disse, achando melhor trazer tudo à luz. — Meu maldito cunhado não teria agido melhor em prol dos soviéticos se fosse membro do Politburo. Broadhurst também. Que estupidez!

Depois de uma pausa, o governador comentou:

— Como dizem os chineses: "O demônio lhe dá os parentes. Agradeça a todos os deuses por poder escolher os amigos".

— Tem toda a razão. Felizmente, a delegação deve partir no domingo. Com as corridas de amanhã e todos... os outros problemas, talvez isso acabe se diluindo. — Dunross enxugou a testa. — Está abafado aqui, não é?

O governador concordou, depois acrescentou, tensamente:

— Está tudo pronto, Johnjohn?

— Sim, senhor. A caixa-forte...

No corredor, a porta do elevador se abriu, e Roger Crosse e Edward Sindere, chefe da MI-6, apareceram.

— Ah, Sindere — falou o governador, quando os dois entraram na ante-sala —, quero apresentar-lhe o sr. Dunross.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. — Dunross e Sindere apertaram-se as mãos. Era um homem de meia-idade, altura média, tipo comum, que não chamava a atenção, vestindo roupas amassadas. Seu rosto era magro e sem cor, a barba por fazer, grisalha. — Por favor, desculpe minhas roupas amassadas, senhor, mas ainda nem fui ao hotel.

— Lamento sabê-lo — replicou Dunross. — Isso bem que podia ter esperado até amanhã. Boa noite, Roger.

— Boa noite, senhor, boa noite, Ian — cumprimentou Crosse, vivamente. — Já que estamos todos aqui, talvez devamos prosseguir.

Obedientemente, Johnjohn saiu na frente, mas Dunross disse:

— Um momentinho. Desculpe, Bruce, mas pode dar-nos licença um instante?

— Ora, claro — retrucou Johnjohn, disfarçando a sua surpresa, perguntando-se o que se estava passando, e quem era o Sinderson, mas sensato demais para perguntar. Sabia que contariam a ele, se quisessem que soubesse. A porta se fechou às suas costas.

Dunross lançou um olhar ao governador.

— O senhor atesta, formalmente, que este é Edward Sinderson, chefe da MI-6?

— Sim. — O governador entregou-lhe um envelope. — Creio que o queria por escrito.

— Obrigado, senhor. — Para Sinderson, Dunross disse: — Desculpe, mas há de entender a minha cautela.

— Naturalmente. Então está tudo acertado. Vamos, sr. Dunross?

— Quem é Mary McFee?

Sinders ficou chocado. Crosse e o governador olharam para ele, perplexos, depois para Dunross.

— Tem amigos em altas esferas, sr. Dunross. Posso perguntar-lhe quem lhe falou disso?

— Lamento. — Dunross não desviou os olhos dele. Alastair Struan obtivera a informação de um vip no Banco da Inglaterra, que procurara alguém do alto escalão governamental. — Só o que queremos é estar bem certos de que Sindere é quem alega ser.

— Mary McFee é uma amiga — disse Sindere, inquieto.

— Desculpe, mas isso não basta.

— Uma namorada.

— Desculpe, isso também não. Qual é o seu nome verdadeiro?

Sinders hesitou, o rosto branco como cal, depois pegou Dunross pelo braço e levou-o para a outra extremidade da sala. Falou bem junto do ouvido de Dunross.

— Anastásia Kekilova, primeira-secretária da embaixada da Tchecoslováquia em Londres — sussurrou, dando as costas para Crosse e o governador.

Dunross sacudiu a cabeça, satisfeito, mas Sindors agarrou-se ao braço dele com uma força surpreendente e sussurrou, ainda mais baixo:

— É melhor esquecer esse nome. Se o KGB sequer suspeitar que o conhece, arrancá-lo-ão do senhor. Aí, ela será uma mulher morta, eu serei um homem morto, e o senhor também.

Dunross balançou a cabeça.

— Tudo bem.

Sinders respirou fundo, depois virou-se e fez um sinal para Crosse.

— Bem, vamos acabar com isso, Roger. Excelência?

Tensamente, todos o seguiram. Johnjohn esperava junto ao elevador. As caixas-fortes ficavam três andares abaixo. Dois guardas à paisana esperavam no pequeno corredor em frente aos pesados portões de ferro, um deles do DIC, outro do sei. Ambos bateram continência. Johnjohn destrancou os portões e deixou todo mundo passar, exceto os guardas, depois voltou a trancá-los.

— Apenas um costume bancário.

— Já sofreram algum arrombamento? — perguntou Sinders.

— Não. Embora os japoneses tenham forçado os portões quando as chaves se... bem... perderam.

— O senhor estava aqui, na época?

— Não. Tive sorte. — Depois que Hong Kong capitulara, no Natal de 1941, os dois bancos britânicos, o Blacs e o Victoria, tinham se tornado alvos principais para os japoneses, e ordenou-se que fossem liquidados. Todos os executivos tinham sido separados,

mantidos sob guarda e forçados a ajudar no processo. Ao longo dos meses e anos, tinham sido todos submetidos a pressões extremas. Até mesmo forçados a emitir ilegalmente papel-moeda. E então, a Kampeitai, a temida e odiada polícia secreta japonesa, se metera na história. — A Kampeitai executou vários dos nossos rapazes, e tornou a vida dos restantes infelicíssima — explicou Johnjohn. — O de sempre: nada de comida, espancamentos, privações, trancafiados em jaulas. Alguns morreram de desnutrição, "inanição" é a palavra correta, e tanto nós quanto o Blacs perdemos nossos principais executivos. — Johnjohn destrancou outra grade. Por trás dela viam-se filas e filas de cofres individuais, caixas de depósito bancário, em diversos porões de concreto interligados e reforçados. — Ian?

Dunross tirou do bolso a chave particular.

— É número 16. 85. 94.

Johnjohn foi na frente. Muito pouco à vontade, enfiou a chave do banco em uma das fechaduras. Dunross fez o mesmo com a sua chave. Giraram ambas. A fechadura se destrancou. Agora, todos os olhos fitavam o cofre. Johnjohn retirou a sua chave.

— Estarei... estarei esperando junto aos portões — falou, contente por ter terminado, e se retirou.

Dunross hesitou.

— Há outras coisas aí, documentos particulares. Dão licença?

Crosse não se mexeu.

— Lamento, mas ou o sr. Sindors ou eu mesmo devemos assegurar-nos de que estamos de posse de todas as pastas.

Dunross notou o suor nos dois homens. Suas próprias costas estavam molhadas.

— Excelência, quer fazer o favor de olhar?

— Pois não.

Com relutância, os dois outros homens se afastaram. Dunross esperou até eles estarem bem longe, depois abriu o cofre. Era grande. Os olhos de Sir Geoffrey se arregalaram. Não havia nada nele, salvo as pastas azuis. Sem comentário, ele as aceitou. Havia oito delas. Dunross bateu a porta da caixa de depósito, trancando-a novamente.

Crosse se adiantou, a mão estendida.

— Quer que eu as carregue, senhor?

— Não.

Crosse parou, espantado, e abafou um palavrão.

— Mas, Excelência...

— O ministro estabeleceu um modo de proceder, aprovado por nossos amigos americanos, com o qual eu concordei — disse Sir Geoffrey. — Voltaremos todos para o meu gabinete. Todos testemunharemos a feitura das fotocópias. Apenas duas. Uma para o sr. Sinderson, outra para o sr. Rosemont. Ian, o ministro me deu ordens diretas para entregar uma cópia ao sr. Rosemont.

Dunross deu de ombros, torcendo desesperadamente para ainda aparentar despreocupação.

— Se é isso o que o ministro quer, para mim tudo bem. Depois que tiver tirado as fotocópias dos originais, senhor, por favor, queime-os. — Viu que olhavam para ele, mas estava observando Crosse, e pensou ter vislumbrado uma expressão de prazer. — Se as pastas são tão especiais, então é melhor que não existam... exceto nas mãos corretas, da MI-6 e da CIA. É evidente que não devo possuir uma cópia. Se não são especiais... então não tem importância. A maior parte dos fatos relatados por Alan são muito imaginosos, e agora que ele está morto, devo confessar que não

considero as pastas especiais, contanto que permaneçam nas suas mãos. Por favor, queime-as ou retalhe-as, Excelência.

— Está bem. — O governador virou os olhos azul-claros para Roger Crosse. — Sim, Roger?

— Nada, senhor. Vamos indo? Dunross disse:

— Tenho que pegar alguns papéis da firma para examinar, já que estou aqui. Não precisam esperar por mim.

— Está bem. Obrigado, Ian — disse Sir Geoffrey, e foi embora com os outros dois homens.

Quando ficou completamente sozinho, Dunross dirigiu-se para outro grupo de cofres individuais, na caixa-forte adjacente. Pegou o chaveiro e escolheu duas chaves, bem ciente de que Johnjohn teria um ataque cardíaco se soubesse que ele tinha uma duplicata da chave-mestra. A fechadura destrancou-se silenciosamente. O cofre era um das dúzias que a Casa Nobre possuía, sob nomes diferentes. Dentro dele havia maços de notas de cem dólares americanos, títulos de propriedades antigos e documentos. Por cima, uma automática carregada. Como sempre, Dunross sentiu-se psicologicamente abalado, pois detestava armas, detestava a Bruxa Struan, ao mesmo tempo em que a admirava. Nas "Instruções aos tai-pans", escritas pouco antes da sua morte, em 1917, que faziam parte das suas últimas vontades e testamento, e que ficavam no cofre do tai-pan, ela fixara mais regras, e uma delas é que sempre

deveria haver quantias substanciais secretas em dinheiro vivo para uso do tai-pan, à mão, e que deveria haver pelo menos quatro pistolas carregadas perpetuamente disponíveis em lugares secretos. Escrevera ela: "Abomino as armas, mas sei que são necessárias. Na véspera da Festa de São Miguel, em 1916, quando eu estava enferma e doente, meu neto Kelly O'Gorman, quarto tai-pan (apenas em nome), crendo que eu estava no meu leito de morte, forçou-me a sair da cama e ir até o cofre da Casa Grande, para apanhar o selo-carimbo da Casa Nobre e dar-lhe o poder absoluto como tai-pan. Ao invés disso, apanhei a arma que estava guardada secretamente no cofre e atirei nele. Ainda durou dois dias, depois morreu. Sou temente a Deus, e abomino as armas e certas mortes, mas Kelly tornara-se um cão danado, e é dever do tai-pan proteger a sucessão. Não lamento a morte dele nem um pouco. Quem estiver lendo isto, tenha cuidado: os parentes ambicionam o poder como os demais. Não tenha medo de empregar qualquer método para proteger o legado de Dirk Struan... "

Uma gota de suor escorreu-lhe pela face. Lembrou-se de que os pêlos de sua nuca tinham se arrepiado ao ler pela primeira vez as instruções dela, na noite em que assumira o posto de tai-pan. Sempre acreditara que o primo Kelly — filho mais velho de Rose, última filha da Bruxa — morrera de cólera numa das grandes epidemias que perpetuamente assolavam a Ásia.

Ela escrevera ainda outras monstruosidades:

"Em 1894, aquele ano terrível, trouxeram-me a segunda moeda de Jin-qua. Naquele ano a peste chegara a Hong Kong, a peste bubônica. Entre os nossos chineses pagãos, dezenas de milhares estavam morrendo. Nossa própria população estava sendo

igualmente dizimada, e a peste atingia os grandes e os pequenos, a Prima Hannah e três filhos, dois filhos de Chen-chen, cinco netos. A lenda previa que a peste bubônica viria trazida pelo vento. Outros achavam que era uma maldição de Deus, ou uma doença como a malária, o 'ar ruim' mortífero do Happy Valley. E então, o milagre! Os médicos pesquisadores japoneses que trouxemos para Hong Kong, Vitasato e Aoyama isolaram o bacilo da doença e provaram que a peste era transmitida pelas pulgas e pelos ratos, e que medidas sanitárias corretas e a eliminação dos ratos acabariam para sempre com a maldição. A encosta infecta de Tai-ping Shan, de propriedade de Gordon — Gordon Chen, filho do meu amado tai-pan —, onde a maior parte dos nossos pagãos sempre viveu, era um antro fedorento, pustulento, superlotado, propício à proliferação de ratos e todas as pestilências, e por mais que as autoridades bajulassem, ordenassem ou insistissem, seus supersticiosos habitantes não acreditavam em nada, e nada faziam para melhorar sua sorte, embora as mortes continuassem e continuassem. Até mesmo o Gordon, agora um velho desdentado, nada podia fazer... arrancando os cabelos por causa dos aluguéis perdidos, poupando energia para as quatro mulheres jovens da sua casa.

"No fedor do final do verão, quando parecia que a colônia estava mais uma vez condenada, as mortes aumentando dia a dia, mandei incendiar Tai-ping Shan durante a noite, toda a encosta monstruosa e fétida. O fato de que alguns habitantes tenham sido consumidos pelo fogo pesa na minha consciência, mas sem aquele incêndio purificador a colônia estaria condenada, e mais centenas de milhares morreriam. Causei o incêndio que destruiu Tai-ping Shan, mas desse modo mantive-me fiel a Hong Kong, mantive-me fiel ao legado. E cumpri a palavra no tocante à segunda das meias moedas.

"No dia 20 de abril, um homem chamado Chiang Wu-tah apresentou a meia moeda ao meu querido e jovem primo, Dirk

Dunross, o terceiro tai-pan, que a trouxe a mim, pois ignorava o segredo das moedas. Mandei chamar o tal Chiang, que falava inglês. O favor que me pedia era que a Casa Nobre concedesse santuário e auxílio imediatos a um jovem revolucionário chinês educado no Ocidente, de nome Sun Yat-sen; que devíamos ajudar esse Sun Yat-sen com dinheiro; e que devíamos ajudá-lo enquanto vivesse, nos limites das nossas forças, na sua luta para derrubar a dinastia manchu da China. Dar apoio a qualquer revolucionário contra a dinastia reinante da China, com a qual mantínhamos relações cordiais e da qual dependia grande parte do nosso comércio e receitas, era contra os meus princípios, e aparentemente contra os interesses da Casa. Disse que não, que não ajudaria a derrubar o imperador. Mas Chiang Wu-tah falou: 'Esse é o favor que queremos da Casa Nobre'.

"E assim foi feito.

"Correndo grande risco, forneci os fundos e a proteção. Meu querido Dirk Dunross conseguiu tirar o dr. Sun de Cantão para a colônia, e daí para os Estados Unidos. Eu queria que o dr. Sun acompanhasse o jovem Dirk à Inglaterra — ele ia partir com a maré, capitão do nosso vapor Sunset Cloud. Naquela semana eu quis entregar-lhe o poder de verdadeiro tai-pan, mas ele disse: 'Não, só quando eu voltar'. Porém, jamais voltou. Ele e todos os tripulantes pereceram no mar, nalgum lugar do oceano Indico. Ah, que terrível a minha perda, a nossa perda!

"Mas a morte faz parte da vida, e nós, os vivos, temos nosso dever a cumprir. Ainda não sei a quem passar o posto. Devia ter sido Dirk Dunross, que recebeu o nome do avô. Os filhos dele são moços demais, nenhum dos Coopers é adequado, ou os De Villes! Daglish é

possível, nenhum dos MacStruans ainda está pronto. Talvez Alastair Struan, mas há nele uma fraqueza que vem desde Robb Struan.

"Não me incomodo de admitir-lhe, futuro tai-pan, que estou mortalmente cansada. Mas ainda não estou pronta para morrer. Tomara Deus eu ainda tenha forças por mais alguns anos. Não há ninguém na minha descendência, ou na do meu amado Dirk Struan, digno do seu manto. E agora ainda temos que enfrentar essa Grande Guerra, reconstruir a Casa, recompôr a nossa frota mercante... até agora os submarinos alemães afundaram trinta dos nossos navios, praticamente a nossa frota inteira. É, e ainda há o favor da segunda meia moeda a ser cumprido. Esse dr. Sun Yat-sen deve ser apoiado, e o será, até morrer, para mantermos o nosso prestígio na Ásia... "

"E assim o fizemos", pensou Dunross. "A Casa Nobre apoiou-o em todas as suas dificuldades, mesmo quando tentou se unir à Rússia soviética, até que morreu, em 1925, e Chang Kai-chek, seu tenente treinado pelos soviéticos, assumiu seu manto e lançou a China para o futuro... até que seu velho aliado, mas antigo inimigo, Mao Tsé-tung, tirou dele o futuro para instalar o Trono do Dragão em Pequim, com mãos tintas de sangue, o primeiro de uma nova dinastia. "

Dunross pegou o lenço e enxugou a testa.

O ar na caixa-forte era poeirento e seco, e ele tossiu. Suas mãos também estavam suadas, e ainda podia sentir a friagem nas costas. Remexeu cuidadosamente no fundo da caixa de metal e achou o carimbo da firma de que precisaria durante o fim de semana, para o caso de se concretizar a transação Royal

Belgium-First Central. "Se fecharmos o negócio, sem dúvida ficarei devendo a Casey mais do que um simples favor", disse com seus botões.

Seu coração batia forte de novo, e não pôde resistir à tentação de se certificar. Com grande cuidado levantou uma fração o fundo falso secreto da caixa de metal. No espaço de cinco centímetros existente, estavam oito pastas azuis. Os verdadeiros relatórios de Alan M. Grant. Aqueles que momentos atrás entregara a Sindere estavam no envelope lacrado que Kirk e a mulher haviam trazido, na véspera... as oito pastas falsas e uma carta:

"Tai-pan: Estou tremendamente preocupado com que sejamos traídos e que as informações contidas nas pastas anteriores possam cair nas mãos erradas. As pastas substitutas anexas são seguras, e muito semelhantes. Omitem nomes e informações vitais. Pode entregá-las, se for forçado, mas só nessa eventualidade. Quanto aos originais, deve destruí-los depois de falar com Riko. Certas páginas têm anotações com tinta invisível. Riko lhe ensinará o segredo. Por favor, desculpe todas estas táticas di-versivas, mas a espionagem não é coisa de criança; lida com a morte, no presente e no futuro. Nossa bela Grã-Bretanha está infestada de traidores, e o mal caminha sobre a terra. Falando sem rodeios, a liberdade está sitiada, como nunca antes na história. Suplico-lhe que emule seu ilustre ancestral, que lutou pela liberdade de comerciar, viver e dar valor à dignidade. Desculpe, mas não creio que ele tenha morrido num temporal. Jamais saberemos a verdade, mas creio que foi assassinado, como eu serei. Não se preocupe, meu jovem amigo, trabalhei bem, na minha vida. Botei muitos pregos no caixão do

inimigo, mais do que uma boa quantidade... peço que faça o mesmo".

A carta estava assinada "Com grande respeito".

"Pobre infeliz", pensou Dunross, tristemente.

Na véspera contrabandeara as pastas falsas para a caixa-forte, em substituição às originais, colocadas na outra caixa. Gostaria de ter podido destruir então as originais, mas não havia como fazê-lo em segurança, e de qualquer maneira ainda tinha que esperar pelo seu encontro com a japonesa. "É melhor e mais seguro deixá-las onde estão, por enquanto", pensou. "Tempo de so... "

Subitamente, sentiu que estava sendo observado. Estendeu a mão para a automática. Quando seus dedos já a agarravam, virou-se. Seu estômago pareceu dar voltas. Crosse o observava. E Johnjohn. Estavam na entrada da caixa-forte.

Depois de um momento, Crosse disse:

— Queria apenas agradecer-lhe pela sua cooperação, Ian. O sr. Sindere e eu lhe somos gratos.

Dunross sentiu-se inundar de alívio.

— Tudo bem, fico feliz em poder ajudar. — Tentando parecer natural, soltou a pistola e deixou que deslizasse para longe dele. O fundo falso se encaixou silenciosamente. Notou o escrutínio de Crosse, mas não ligou. De onde estava, não acreditava que fosse possível ao superintendente ter visto as pastas reais. Dunross abençoou sua boa sorte, que impediu que tirasse uma das pastas para folhear. Descuidadamente, fechou a porta do cofre e recomeçou a respirar. — Como é abafado aqui, hem?

— É. Obrigado mais uma vez, Ian — disse Crosse, retirando-se.

— Como abriu essa caixa? — perguntou Johnjohn, friamente.

— Com uma chave.

— Duas chaves, Ian. Isso é contra o regulamento. — Johnjohn estendeu a mão. — Por favor, o que nos pertence.

— Desculpe, meu chapa — falou Dunross calmamente —, isso não lhes pertence.

Johnjohn hesitou.

— Sempre suspeitamos de que você possuía uma duplicata da chave-mestra. Paul tem razão quanto a uma coisa: você tem poder demais, considera este banco seu, nossos fundos seus, e a colônia sua.

— Tivemos uma associação longa e feliz com ambos, e foi apenas nos últimos anos, quando Paul Havergill obteve algum poder, que comecei a ter dificuldades, eu pessoalmente, e a minha Casa, por sua vez. Mas, o que é pior, ele é antiquado, e foi apenas por esse motivo que votei pela exclusão dele. Você, não, é moderno. Será mais justo, enxergará mais longe, será menos emotivo e mais correto.

Johnjohn sacudiu a cabeça.

— Duvido. Se eu me tornar tai-pan do banco, tomarei medidas para que seja de propriedade integral dos seus acionistas, e controlado por diretores indicados por eles.

— Já é. Nós somos donos de apenas vinte e um por cento do banco.

— Eram donos de vinte e um por cento. Essas ações foram dadas como penhor contra o seu fundo, que você não pode e provavelmente nunca poderá reembolsar. Além disso, vinte e um por cento não significam controle, graças a Deus.

— Quase.

— É exatamente aonde estou querendo chegar. — A voz de Johnjohn era metálica. — Isso é perigoso para o meu banco, muito perigoso.

— Não acho.

— Eu acho. Quero onze por cento de volta.

— Não estão à venda, meu velho.

— Quando eu for tai-pan, meu velho, vou obtê-los de volta, por bem ou por mal.

— Veremos.

— Quando eu for tai-pan, vou fazer muitas modificações. Todas essas fechaduras, por exemplo. Não haverá chaves-mes-tras de propriedade particular de ninguém.

— Veremos — sorriu Dunross.

No lado de Kowloon, Bartlett saltou do cais para o barco que balançava, ajudando Orlanda a subir. Automaticamente, ela tirou os sapatos de salto alto, para proteger o belo convés de teca.

— Bem-vindo a bordo do Sea Witch, sr. Bartlett. Boa noite, Orlanda — disse Gornt, com um sorriso. Estava ao leme, e imediatamente fez sinal para o marinheiro de convés, que desatracou o barco do cais, que ficava perto do terminal das balsas de Kowloon. — Estou encantado que tenha aceito o meu convite para jantar, sr. Bartlett.

— Nem sabia que tinha um convite, até que a Orlanda me contou, há meia hora... ei, mas que barco espetacular!

Jovialmente, Gornt engrenou uma ré.

— Até uma hora atrás nem sabia que vocês dois iam jantar sozinhos. Imaginei que o senhor nunca devia ter visto o porto de Hong Kong à noite, por isso achei que devia ver, para variar. Há umas duas coisinhas que queria discutir em particular, então perguntei a Orlanda se ela se incomodaria se eu o convidasse para vir a bordo.

— Espero que não tenha sido incômodo vir para o lado de Kowloon.

— Incômodo algum, sr. Bartlett. É rotina apanhar os convidados aqui.

Gornt sorriu intimamente, lembrando-se de Orlanda e de todos os outros convidados que havia apanhado ali, no cais de Kowloon, ao longo dos anos. Habilmente, Gornt recuou o barco a motor para longe do desembarcadouro de Kowloon, junto do Terminal da Balsa Dourada, onde as ondas batiam perigosamente contra o molhe. Pôs as alavancas do motor a meio vapor, girou o leme para boreste e entrou mar adentro num curso para o oeste.

O barco tinha setenta pés, era esguio, elegante, reluzente, e se portava como uma lancha rápida. Eles estavam no convés da ponte, com um lado envidraçado, aberto ao vento, na popa, os toldos do teto esticados e farfalhando com a brisa, um rastro de espuma. Gornt usava roupas informais, um casaco curto e leve de marujo, um boné atrevido, com o emblema do Yacht Club. As roupas e sua barba preta aparada e pintalgada de fios grisalhos ficavam-lhe muito bem. Oscilava serenamente com o balanço do barco, muitíssimo à vontade.

Bartlett o observava, igualmente à vontade, de tênis e camiseta informal. Orlanda estava ao seu lado, e ele podia senti-la, embora não se estivessem tocando. Ela usava um terninho de noite escuro e um xale para protegê-la do frio do mar, e também oscilava tranqüilamente, o vento nos cabelos, pequenina, sem os sapatos.

Ele olhou para trás, para o outro lado do porto, para as balsas e barcas, juncos, navios e a imensidão cinzenta do porta-aviões nuclear, os tombadilhos iluminados, a bandeira tremulando bravamente. Um jato cortou o ar da noite, saindo de Kai Tak, enquanto os jatos que chegavam, aproximando-se de Kowloon, esperavam.

Daquele ângulo não enxergava o aeroporto ou seu próprio avião, mas sabia onde estava estacionado. Naquela tarde visitara-o, com permissão da polícia, para verificação e para apanhar alguns papéis e provisões.

Orlanda, ao seu lado, tocou-o com naturalidade, e ele olhou para ela. A moça deu-lhe um sorriso, e ele sentiu-se emocionado.

— Formidável, não é?

Feliz, ela fez que sim com a cabeça. Não havia necessidade de responder. Ambos sabiam.

— É, sim — disse Gornt, pensando que Bartlett estava falando com ele, e olhou ao seu redor. — É fantástico estar no mar à noite, dono da sua própria embarcação. Vamos para o oeste, depois quase para o sul, rodeando Hong Kong... uns três quartos de hora.

Fez sinal ao seu capitão, que estava próximo, um xangaiense calado e flexível que usava calças brancas de algodão grosso, limpas

e engomadas.

— Shey-shey — agradeceu o homem, pegando o leme. Gornt indicou umas cadeiras na popa, em volta de uma mesa.

— Vamos? — Deu um olhar para Orlanda. — Está muito bonita, Orlanda.

— Obrigada.

— Não está sentindo frio?

— Ah, não, Quillan, obrigada.

Um taifeiro uniformizado veio Iá de baixo. Trazia uma bandeja com canapés quentes e frios. No balde de gelo ao lado da mesa havia uma garrafa aberta de vinho branco, quatro copos, duas latas de cerveja americana e alguns refrigerantes.

— O que lhe posso oferecer, sr. Bartlett? — perguntou Gornt.
— O vinho é Frascati, mas ouvi dizer que o senhor prefere cerveja gelada, diretamente da lata.

— Esta noite, Frascati... cerveja mais tarde, se for possível.

— Orlanda?

— Vinho, por favor, Quillan — disse, calmamente, sabendo que ele sabia que ela preferia o Frascati a qualquer outro vinho. "Terei que ser muito sábia, hoje", pensou, "muito forte, muito sábia e muito esperta. " Concordara imediatamente com a sugestão de Gornt, pois também adorava o mar à noite, e o restaurante era um dos seus prediletos, embora tivesse preferido ficar a sós com Linc Bartlett. Mas fora obviamente uma... "Não", pensou, corrigindo-se, "não foi uma ordem, foi um pedido. Quillan está do meu lado. E nisso temos uma meta comum: Linc. Ah, como eu curto o Linc!"

Quando olhou para ele, viu que observava Gornt. Seu coração bateu mais depressa. Como quando Gornt a levara à Espanha, e ela vira um mano a mano. "É, esta noite esses dois homens são como toureiros. Sei que Quillan ainda me deseja, diga o que disser. " Sorriu para ele, controlando sua excitação.

— Vinho para mim está ótimo.

Estava escuro no convés, a iluminação confortável e intimista. O taifeiro serviu o vinho, como sempre muito bom, delicado, seco e tentador. Bartlett abriu uma sacola de aviação que trouxera consigo.

— É um velho costume americano trazer um presente na primeira vez que se vai a uma casa... acho que aqui é uma casa.

Colocou a garrafa de vinho sobre a mesa.

— Ah, quanta gentile... — Gornt se interrompeu. Delicadamente, segurou a garrafa e fitou-a, depois levantou-se e foi examiná-la à luz da bitácula. Voltou a sentar-se. — Isso não é um presente, sr. Bartlett, é magia engarrafada. Pensei que meus olhos me enganavam. — Era um Château Margaux, um dos grandes claretes premier cru do Médoc, na província de

Bordeaux. — Nunca tomei o 49. Foi um ano mágico para os claretes. Obrigado. Muito obrigado.

— Orlanda disse que o senhor gostava mais de vinho tinto do que de branco, mas pensei que podíamos comer peixe.

Com naturalidade, colocou uma segunda garrafa ao lado da primeira.

Gornt olhou fixo para ela. Era um Château Haut-Brion. Nas boas safras, o Château Haut-Brion tinto comparava-se a todos os grandes médocs, mas o branco — seco, delicado e pouco conhecido, pois era muito escasso — era considerado um dos melhores de todos os grandes brancos bordeaux. O ano era 55.

— Se entende tanto de vinhos, sr. Bartlett, por que bebe cerveja? — perguntou Gornt, com um suspiro.

— Gosto de cerveja com massa, sr. Gornt... e cerveja antes do almoço. Mas vinho acompanhando a comida. — Bartlett abriu um sorriso. — Na terça-feira, vamos tomar cerveja com massa, depois Frascati, ou Verdicchio, ou o Casale da Úmbria com... com o quê?

— Piccata?

— Ótimo — retrucou Bartlett, sem querer outra piccata que não a feita por Orlanda. — É praticamente a minha favorita.

Fitava Gornt. Nem sequer lançou um olhar para Orlanda, mas sabia que ela sabia o que ele estava querendo dizer. "Ainda bem que a testei. "

— Como é, divertiu-se? — perguntara ela, quando viera buscá-lo de manhã, no pequeno hotel no Sunning Road. — Ah, espero que sim, Linc querido.

A outra moça era bonita, mas não houvera outra sensação que não a da luxúria, a simples satisfação do ato sexual. Dissera isso a ela.

— Ah, então a culpa foi minha. Escolhemos errado — dissera ela, com tristeza. — Hoje vamos jantar juntos e experimentar em algum outro lugar.

Involuntariamente, ele sorriu e olhou para ela. A brisa marinha deixava-a ainda mais bela. Então, percebeu que Gornt os observava.

— Vamos comer peixe hoje?

— Vamos, sim. Orlanda, contou ao sr. Bartlett sobre o Pok Liu Chau?

— Não, Quillan, só que tínhamos sido convidados para um passeio de barco.

— Ótimo. Não será um banquete, mas a comida do mar ali é excelente, sr. Bartlett. O senhor...

— Por que não me chama de Linc e deixa que eu o chame de Quillan? A "senhoria" me dá indigestão.

Todos acharam graça. Gornt continuou:

— Linc, com sua permissão, não abriremos o seu presente hoje. A comida chinesa não é para esses vinhos fabulosos, não se complementariam. Posso guardá-los para o nosso jantar na terça-feira?

— Mas claro.

Houve um pequeno silêncio, quebrado apenas pelo trovão abafado dos motores diesel Iá embaixo. Pressentindo imediatamente que Gornt desejava ficar a sós com Linc, Orlanda levantou-se com um sorriso.

— Podem me dar licença um minuto? Vou empoar o nariz.

— Use as cabines da proa, o corredor da proa, Orlanda — disse Gornt, observando-a.

— Obrigada — replicou, e se afastou, de certo modo feliz, mas um tanto magoada. As cabines da proa eram para os convidados. Teria descido automaticamente o corredor até a cabine principal, ao banheiro que dava para a suíte de casal... a suíte que já pertencera a eles dois. "Não faz mal. O passado é o passado, e agora há o Linc", pensou, dirigindo-se para a proa.

Bartlett sorveu o seu vinho, perguntando-se por que Orlanda parecera hesitar. Concentrou-se em Gornt.

— Quantas pessoas este barco acomoda?

— Dez, confortavelmente. Tem uma tripulação regular de quatro pessoas: um capitão engenheiro de máquinas, um marinheiro de convés, um cozinheiro e um taifeiro. Eu lhe mostro o barco todo, daqui a pouco, se quiser. — Gornt acendeu um cigarro. — Não fuma?

— Não, não, obrigado.

— Podemos viajar uma semana sem reabastecer. Se necessário. Ainda concluímos a nossa transação na terça-feira?

— Ainda é o Dia D.

— Já mudou de idéia? Sobre a Struan?

— Na segunda-feira será decidida a batalha. Segunda, às quinze horas. Quando a Bolsa fechar, você terá o Ian nas mãos, ou não terá, e será novo empate.

— Dessa vez não haverá empate. Ele está arruinado.

— É o que está parecendo.

— Ainda vai para Taipé com ele?

— Ainda é o plano.

Gornt deu uma funda tragada no cigarro. Deu uma olhada na posição do barco. Estavam bem no meio do canal principal.

Gornt levantou-se e ficou por um momento ao lado do capitão, mas este também já tinha visto o pequeno junco às escuras à frente e desviou-se dele sem perigo.

— A todo o vapor à frente! — Gornt ordenou, e voltou. Tornou a encher os copos, escolheu um dos dim sum fritos e olhou para o americano. — Linc, posso ser muito franco?

— Claro.

— Orlanda.

Os olhos de Bartlett se estreitaram.

— O que é que tem?

— Como provavelmente já sabe, ela e eu fomos muito bons amigos, no passado. Muito bons amigos. Hong Kong é um lugar cheio de fofocas, e você vai ouvir todo tipo de boatos, mas ainda somos amigos, embora já há três anos não estejamos mais juntos. — Gornt olhava para ele por sob as espessas sobrancelhas negro-grisalhas. — Só quero dizer que não gostaria que ela fosse magoada. — Os dentes dele brilharam com o sorriso que deu, à luz da caixa da bússola. — E que é difícil encontrar uma pessoa e uma companheira excelente como ela.

— Concordo.

— Desculpe, não estou querendo repisar nada, só queria abordar três tópicos, de homem para homem. Esse foi o primeiro. O segundo é que ela é uma das mulheres mais discretas que já conheci. O terceiro é que ela não tem nada a ver com os nossos negócios... não a estou usando, ela não é um prêmio, ou uma isca, ou coisa parecida.

Bartlett deixou o silêncio pesar. Depois, sacudiu a cabeça.

— Claro.

— Não acredita em mim? Bartlett soltou uma risada gostosa.

— Que diabo, Quillan, estamos em Hong Kong, e aqui sou como um peixe fora d'água. Nem sei se Pok Liu Chau é o nome de um restaurante, uma parte de Hong Kong, ou se fica na China Vermelha. — Bebeu o vinho, apreciando-o. — Quanto à Orlanda, é fantástica, e não precisa se preocupar. Entendi o que quis dizer.

— Espero que não tenha se incomodado por eu ter tocado no assunto.

Bartlett sacudiu a cabeça.

— Fico contente por tê-lo feito. — Hesitou e, depois, porque o outro homem fora franco, resolveu falar francamente de tudo. — Ela me falou da criança.

— Ótimo.

— Por que a testa franzida?

— Só fiquei surpreso por ela tê-la mencionado agora. Orlanda deve gostar muito de você.

Bartlett sentiu a força dos olhos que o observavam, e tentou decifrar se havia inveja neles.

— Espero que sim. Ela contou que você tem sido ótimo para ela, desde que se separaram. E para a família dela, também.

— São boa gente. É uma dureza criar cinco filhos na Ásia, criá-los bem. Foi sempre política da nossa companhia ajudar as famílias, quando possível. — Gornt sorvia o seu vinho. — Vi Orlanda pela primeira vez quando ela estava com dez anos. Era um sábado, nas corridas, em Xangai. Naquela época, todo mundo vestia as melhores roupas e ficava passeando pelos paddocks. Era a sua primeira "saída" oficial. O pai dela era gerente da nossa divisão de expedição... um bom sujeito, Eduardo Ramos, terceira geração de Macau. A mulher é xangaiense pura. Mas Orlanda... — Gornt soltou um suspiro. — Orlanda era a garotinha mais bonita que eu já vira. Seu vestido era branco... Não me lembro de tê-la visto mais até que voltou do colégio. Estava com quase dezoito anos, e, bem, apaixonei-me loucamente por ela. — Gornt ergueu os olhos do copo. — Nem sei lhe contar como me sentia afortunado, nos anos que passei com ela. — O olhar dele ficou duro. — Ela contou como destruí o homem que a seduziu?

— Contou.

— Ótimo. Então, você está sabendo de tudo. — Gornt acrescentou, com grande dignidade: — Só queria mencionar os três

tópicos.

Bartlett sentiu uma onda de afeição pelo outro homem.

— Compreendo-os. — Debruçou-se para a frente para aceitar mais vinho. — Por que não deixamos a coisa assim: na terça-feira, todas as dívidas e amizades são canceladas e começamos do nada. Todos nós.

— Nesse meio tempo, de que lado você está? — perguntou Gornt, todo o rosto um sorriso.

— Na incursão, cem por cento do seu lado! — respondeu Bartlett logo. — Para o estabelecimento da Par-Con na Ásia? Estou no meio. Espero pelo vencedor. Inclino-me por você, e espero que seja o vencedor, mas estou esperando.

— As duas coisas não são uma só?

— Não. Estabeleci as regras básicas da incursão há muito tempo. Disse que a incursão é uma operação única, ou vai ou racha. — Bartlett sorriu. — Claro, Quillan, estou com você cem por cento, na incursão... não lhe entreguei dois milhões sem carimbo ou documento, apenas com um aperto de mão?

Depois de uma pausa, Gornt falou:

— Em Hong Kong às vezes isso tem mais valor. Não tenho as cifras exatas, mas no papel estamos com vantagem de vinte e quatro a trinta milhões de HK.

Bartlett levantou a taça:

— Aleluia! Mas, enquanto isso, e a corrida aos bancos? Como irá nos afetar?

Gornt franziu o cenho.

— Não creio que vá. Nosso mercado é muito instável, mas o Blacs e o Vic são sólidos, não quebrarão, e o governo tem que apoiar os dois. Corre um boato de que o governador vai declarar a segunda-feira feriado bancário e fechar os bancos pelo tempo que for preciso... é só uma questão de tempo, até que haja dinheiro vivo disponível para deter a perda de confiança. Nesse meio tempo, muita coisa vai ser queimada, e muitos bancos se verão encostados à parede, mas isso não deverá afetar o nosso plano.

— Quando você vai recomprar?

— Depende de quando você vá abandonar a Struan.

— Que tal ao meio-dia da segunda? Isso dará tempo de sobra, antes que se encerre o pregão, para você e seus representantes secretos comprarem, depois que a notícia transpirar, e as ações baixarem ainda mais.

— Excelente. Os chineses funcionam à base de boatos, e muito, assim o mercado pode oscilar entre a alta repentina e a queda, ou vice-versa, com toda a facilidade. Meio-dia está ótimo. Vai livrar-se dele em Taipé?

— Vou.

— Vou precisar de uma confirmação por telex.

— Casey a dará.

— Ela está sabendo? Do plano?

— Sim, agora está. De quantas ações precisará para obter o controle acionário?

— Você devia ter essa informação.

— É o único item que me falta.

— Quando recomprarmos, teremos o bastante para nos dar pelo menos três lugares imediatos na diretoria, e será o fim do Ian. Logo que fizermos parte da diretoria, a Struan estará em nosso poder, e então, muito em breve, farei a fusão da Struan com a Rothwell-Gornt.

— E passará a ser o tai-pan da Casa Nobre.

— É. — Os olhos de Gornt reluziram. Tornou a encher as taças. — Saúde!

Beberam, satisfeitos com sua transação. Mas, bem no íntimo, nenhum deles confiava no outro, nem um pouquinho. Ambos estavam muito contentes por terem planos de emergência... para o caso de uma necessidade,

De cara fechada, os três saíram do Palácio do Governo e entraram no carro de Crosse. Ele foi dirigindo. Sindors sentava-se à frente, Rosemont no banco de trás, ambos agarrados com firmeza às cópias das pastas de Alan, que ainda não haviam lido. A noite estava escura, o céu nublado, o tráfego mais congestionado do que de costume.

Rosemont falou, do banco traseiro:

— Acha que o governador vai ler os originais antes de destruí-los?

— Eu leria — replicou Sindors, sem virar-se para olhar para ele.

— Sir Geoffrey é esperto demais para isso — disse Crosse. — Não destruirá os originais até que sua cópia esteja direitinho nas mãos do ministro, para o caso de você não chegar Iá. Mesmo assim, é astuto demais para ler algo que poderia ser constrangedor para o plenipotenciário de Sua Majestade, e portanto para o governo de Sua Majestade.

Novo silêncio.

Então, incapaz de se conter mais, Rosemont perguntou friamente:

— E quanto ao Metkin, hem? Onde foi o furo, Rog?

— Em Bombaim. O avião deve ter sido sabotado ali, se é que foi sabotagem.

— Puta que o pariu, Rog, tem que ser. Claro que alguém deu a dica. Onde foi o vazamento? O seu maldito toupeira de novo? — Esperou, mas não obteve resposta de nenhum dos dois. — E quanto ao Ivánov, Rog? Vai detê-lo e fazer uma revista surpresa?

— O governador consultou Londres, e eles acharam que não seria sensato criar um incidente.

— E esses cretinos Já entendem de alguma coisa, pombas! — exclamou Rosemont, com raiva. — É um navio espia, pela madrugada! Aposto cinqüenta contra um alfinete de chapéu que obteríamos os livros de código atuais, daríamos uma olhada no melhor equipamento de vigilância da URSS, e em cinco ou seis peritos do KGB. Certo?

— Claro que tem razão, sr. Rosemont — disse Sinderson, secamente. — Mas não podemos, não sem a aprovação necessária.

— Deixe que eu e meus rapazes...

— De maneira alguma!

Com irritação, Sinderson pegou os seus cigarros. O maço estava vazio. Crosse ofereceu-lhe o seu.

— Quer dizer que vão deixar que nada lhes aconteça?

— Vou convidar o comandante Suslev ao QG amanhã, e pedir-lhe uma explicação — disse Sinders.

— Gostaria de estar presente.

— Pensarei no assunto.

— Receberá uma permissão oficial antes das nove horas. Sinders falou bruscamente:

— Lamento, sr. Rosemont, mas se eu quiser posso passar por cima de qualquer diretiva dos seus superiores, enquanto estiver aqui.

— Pela madrugada, somos aliados!

— Então, por que deu uma batida no Sinclair Towers, sem ser convidado? — indagou Crosse, vivamente.

Rosemont soltou um suspiro e contou-lhes. Pensativo, Sindere lançou um olhar para Crosse, depois para Rosemont novamente.

— Quem lhe contou que era um esconderijo inimigo, sr. Rosemont?

— Temos uma grande rede de informantes, aqui. Foi parte de um interrogatório. Não posso contar-lhes quem, mas dar-lhes-ei cópias das impressões digitais que tiramos do copo, se as quiserem.

Sinders disse:

— Seriam muito úteis. Obrigado.

— Isso não o absolve de uma batida insensata e não autorizada — disse Crosse, friamente.

— Já pedi desculpas, tá legal? — explodiu Rosemont, empinando o queixo. — Todos cometemos erros. Como Philby, Burgess e Maclean! Londres é danada de esperta, não é? Temos uma dica quente de que ainda há um quarto sujeito... mais alto ainda, igualmente bem colocado e rindo de vocês.

Crosse e Sindere ficaram sobressaltados. Entreolharam-se. A seguir, Sindere virou a cabeça para trás.

— Quem?

— Se eu soubesse, nós o pegaríamos. Philby escapou com tantas coisas nossas que nos custou milhões reagrupá-las e recodificá-las.

Sinders disse:

— Lamento quanto ao Philby. É, todos nos sentimos péssimos em relação a ele.

— Todos cometemos erros, e o único pecado é o fracasso, certo? Se eu tivesse agarrado um par de agentes inimigos ontem à noite, vocês estariam dando vivas. Mas fracassei. Pedi desculpas, tá legal? Vou pedir licença na próxima vez, tá legal?

— Não vai — disse Crosse —, mas nos pouparia a todos muitos aborrecimentos se o fizesse.

— O que foi que ouviu dizer sobre um quarto homem? — perguntou Sinders, o rosto pálido, a barba por fazer deixando-o parecer ainda mais desmazelado.

— No mês passado estouramos outro aparelho comunista, nos Estados Unidos. Porra, são como baratas. Esse aparelho tinha quatro pessoas, duas em Nova York, duas em Washington. O cara de Nova York era Ivan Egorov, outro oficial do secretariado da onu. — Rosemont acrescentou amargamente: — Meu Deus, por que o nosso lado não acorda e enxerga que a maldita onu está infiltrada de agentes, a melhor arma soviética desde que roubaram a porra da nossa bomba! Pegamos Ivan Egorov e a mulher, Alessandra, passando segredos de espionagem industrial, de computadores. Os dois de Washington haviam assumido nomes americanos de pessoas que haviam morrido: um padre católico e uma mulher de Connecticut. Os quatro filhos da mãe estavam ligados a um palhaço da embaixada soviética, um adido que era o seu controlador. Nós o pegamos com a mão na massa, tentando recrutar um dos nossos homens da CIA para espionar para eles. Claro. Mas antes de o mandarmos para fora dos Estados Unidos, demos-lhe um susto tão grande que entregou os outros quatro. Um deles nos deu a dica de que o Philby não era o chefe, de que havia um quarto homem.

Sinders tossiu e acendeu outro cigarro na guimba do que estava fumando.

— O que foi que ele disse? Exatamente.

— Só que a célula de Philby constava de quatro. O quarto é o sujeito que recrutou os outros, o controlador da célula e o principal elo de ligação com os soviéticos. O boato é que ele está lá em cima. "Super-VIP. "

— De que tipo? Político? Ministério do Exterior? Nobreza?

Rosemont deu de ombros.

— Apenas que é "Super-VIP".

Sinders fitou-o, depois não fez mais perguntas. Crosse dobrou na Sinclair Road, parou no seu próprio apartamento para deixar Sindere saltar, depois dirigiu até o consulado, que ficava perto do Palácio do Governo. Rosemont apanhou uma cópia das impressões digitais, depois levou Crosse à sua sala, que era ampla e bem provida de bebidas alcoólicas.

— Uísque?

— Vodca com uma pitada de suco de lima — pediu Crosse, de olho nas pastas de Alan, que Rosemont largara descuidadamente sobre a escrivaninha.

— Saúde.

Encostaram os copos. Rosemont tomou um grande gole do seu uísque.

— No que está pensando, Rog? Passou o dia todo como um gato em telhado de zinco quente.

Crosse fez um gesto de cabeça na direção das pastas.

— São elas. Quero aquele toupeira. Quero que a Sevrin seja destruída.

Rosemont franziu a testa.

— Muito bem — falou, após uma pausa. — Vamos ver o que temos aqui.

Pegou a primeira pasta, pôs os pés em cima da mesa e começou a ler. Não levou nem dois minutos para terminar, a seguir passou-a a Crosse, que lia com rapidez igual. Celeremente leram as pastas, uma por uma. Crosse fechou a última página da última delas e devolveu-a. Acendeu um cigarro.

— Coisa demais para ser comentada agora — murmurou Rosemont, distraidamente.

Crosse percebeu uma estranha nuance na voz do americano, e perguntou-se se estaria sendo testado.

— Uma coisa salta aos olhos — disse, observando Rosemont.
— Não se comparam em qualidade àquela outra, a que interceptamos.

Rosemont concordou.

— Também saquei isso, Rog. Como o explica?

— Parecem chochas. Um bocado de perguntas sem resposta. Não se toca na Sevrin, nem no toupeira. — Crosse ficou brincando com o copo de vodca, depois terminou de beber. — Estou desapontado.

Rosemont rompeu o silêncio.

— Então, ou a que pegamos era única e diferente, escrita de modo diferente, ou estas são falsas, ou falsificadas?

— É.

Rosemont soltou a respiração.

— O que nos leva de volta a Ian Dunross. Se estas são falsas, ele ainda está de posse das verdadeiras.

— Ou de fato, ou na cabeça.

— O que quer dizer?

— Dizem que ele tem uma memória fotográfica. Podia ter destruído as verdadeiras e preparado estas, mas ainda se lembrar das outras.

— Ah, então ele pode ser interrogado, se... se nos tiver tapeado.

Crosse acendeu outro cigarro.

— É. Se os altos poderes decidirem que é necessário. — Ergueu os olhos para Rosemont. — Claro que um interrogatório desses seria altamente perigoso, e teria que ser ordenado exclusivamente de acordo com a Lei dos Segredos Oficiais.

O rosto de Rosemont ficou ainda mais sombrio.

— Devo pegar a bola e correr?

— Não. Primeiro temos que ter certeza, o que deve ser relativamente fácil. — Crosse lançou um olhar para o barzinho.

— Posso?

— Claro. Vou tomar outra dose de uísque. Crosse estendeu-lhe o copo cheio.

— Vou fazer um trato com você: você coopera de verdade, completamente, não faz nada sem me avisar com antecedência, nada de segredos, nada de pôr o carro adiante dos bois...

— Em troca do quê?

Crosse deu o seu sorrisinho seco e apanhou algumas fotocópias.

— Será que lhe agradaria influenciar, quem sabe até controlar, certos candidatos presidenciais... quem sabe até mesmo uma eleição?

— Não estou entendendo.

Crosse entregou-lhe as cartas de Thomas K. K. Lim que Armstrong e sua equipe haviam apanhado na batida feita ao Lo Dentuço, dois dias antes.

— Parece que certas famílias americanas muito ricas e bem-relacionadas estão de combinação com certos generais americanos para construir diversos campos de pouso grandes, mas desnecessários, no Vietnam, para obter lucro pessoal. Isso aqui documenta como, quando e quem. — Crosse contou-lhe onde e como os documentos haviam sido encontrados, e acrescentou:

— O senador Wilf Tillman, o tal que está aqui agora, não tem pretensões a ser candidato presidencial? Imagino que faria de você chefe da CIA, em troca dessas prendas,.. se você quisesse dá-las a ele. Estas duas ainda são mais suculentas. — Crosse colocou-as sobre a mesa. — Documentam como certos políticos bem-relacionados e as mesmas bem-relacionadas famílias obtiveram aprovação do Congresso para canalizar milhões para um programa de ajuda totalmente fraudulento no Vietnam. Oito milhões já foram entregues.

Rosemont leu as cartas. Seu rosto ficou branco como cal, Pegou o telefone.

— Quero falar com Ed Langan. — Esperou um momento, depois seu rosto ficou repentinamente roxo. — Estou me lixando! — berrou. — Tire a bunda da cadeira e mande o Ed vir para cá

imediatamente. — Bateu o telefone com força, dizendo os maiores palavrões, abriu a escrivaninha, achou um vidrinho de pílulas antiácidas e tomou três delas. — Desse jeito nunca vou chegar aos cinquenta anos — resmungou. — Rog, esse palhaço, esse tal de Thomas K. K. Lim, podemos pôr as mãos nele?

— À vontade, se puderem encontrá-lo. Está em algum lugar da América do Sul. — Crosse largou na mesa outro papel.

— Este é um relatório confidencial da Anticorrupção. Não deve ter nenhuma dificuldade em descobri-lo.

Rosemont leu o papel.

— Meu Deus! — Depois de uma pausa, disse: — Isso pode ficar entre nós? Vai quebrar o telhado de vidro de alguns dos nossos monumentos nacionais.

— Naturalmente. Vamos fazer um acordo? Nada escondido, de ambos os lados?

— Tá legal. — Rosemont foi até o cofre e destrancou-o.

— Uma mão lava a outra. — Achou a pasta que estava procurando, tirou alguns documentos, devolveu a pasta ao lugar e

trancou de novo o cofre. — Tome, são fotocópias. Pode ficar com elas.

O cabeçalho das fotocópias dizia "Lutador pela Liberdade". Estavam datadas daquele mês e do mês passado. Crosse percorreu-as rapidamente, soltando um assobio de vez em quando. Eram todos relatórios de espionagem, de qualidade excelente. Todos os itens tratavam de Cantão, de coisas acontecidas dentro e ao redor da capital vital da província de Kwantung: movimentos de tropas, promoções, indicações para a junta governamental local e para o Partido Comunista, inundações, escassez de víveres, os militares, quantidade e tipo de mercadorias da Alemanha Oriental e da Tchecoslováquia encontradas nas lojas.

— Onde arranjou isto? — perguntou.

— Temos um aparelho operando em Cantão. Esse é um dos relatórios deles, que recebemos mensalmente. Quer uma cópia?

— Quero, sim, obrigado. Vou verificar a exatidão delas através das nossas fontes.

— São exatas, Rog. Claro que são altamente sigilosas, certo? Não quero os meus rapazes descobertos como o Fong-fong. Isso fica entre mim e você, está bem?

— Está bem.

O americano se levantou e estendeu a mão.

— E, Rog, desculpe a batida.

— Sei.

— Ótimo. Quanto a esse palhaço, Lim, vamos achá-lo. — Rosemont espreguiçou-se, cansado, depois foi servir-se de mais um drinque. — Rog?

— Não, obrigado, já vou andando — disse Crosse. Rosemont cutucou as cartas com medo.

— Quanto a elas, obrigado. É, obrigado, mas... — Parou por um momento, à beira de lágrimas de raiva. — Às vezes me dá tanta náusea ver o que a nossa gente faz por uma pilha de grana, mesmo que a porra da pilha seja de ouro puro, que me dá vontade de morrer. Sabe o que estou querendo dizer?

— Claro que sim! — disse Crosse, a voz bondosa e gentil, mas pensando intimamente: "Como você é ingênuo, Stanley!"

A seguir foi embora, dirigiu-se ao QG da polícia, e verificou as impressões digitais no seu arquivo particular. Depois voltou a entrar no seu carro, guiando a esmo na direção de West Point. Quando teve certeza de não estar sendo seguido, parou na primeira cabine telefônica e discou. Dali a um momento, atenderam, do outro lado. Nenhuma resposta, apenas o respirar. Prontamente, Crosse tossiu a tosse seca e áspera de Arthur e falou, numa perfeita imitação da voz de Arthur:

— O sr. Lop-sing, por favor.

— Aqui não há nenhum sr. Lop-ting. Lamento, é engano. Satisfeito, Crosse reconheceu a voz de Suslev.

— Quero deixar um recado — disse, continuando o código na mesma voz que tanto ele quanto Jason Plumm usavam ao telefone, ambos achando de grande utilidade fingir ser o Arthur, quando necessário, protegendo ainda mais a si mesmos e a suas identidades verdadeiras.

Quando o código foi completado, Suslev disse:

— E?

Crosse deu um débil sorriso, feliz por poder tapear Suslev.

— Li o material. O Nosso Amigo também.

"Nosso Amigo" era o codinome de Arthur para ele próprio, Roger Crosse.

— Ah! E?

— E ambos concordamos que é excelente. "Excelente" era uma palavra-código que significava informação falsa ou falsificada.

Uma longa pausa.

— E daí?

— O Nosso Amigo pode entrar em contato com você,

no sábado, às quatro? (Roger Crosse pode entrar em contato com você logo mais, às dez horas, num telefone seguro?)

— Pode. Obrigado por telefonar. (Pode. Mensagem compreendida.)

Crosse desligou o aparelho.

Pegou outra moeda e discou de novo.

— Alô?

— Alô, Jason, aqui fala Roger Crosse — disse amavelmente.

— Ora, alô, superintendente, que surpresa agradável — replicou Plumm. — O nosso jogo de bridge de amanhã ainda está de pé? (Interceptou as pastas de Alan M. Grant?)

— Está — disse Crosse, acrescentando com naturalidade: — Mas, ao invés de seis, que tal marcarmos para as oito? (Sim, mas estamos a salvo, não foram mencionados nomes.)

Houve um grande suspiro de alívio. Depois, Plumm perguntou:

— Devo avisar os outros? (Vamos nos encontrar hoje, conforme o combinado?)

— Não, não há motivo para incomodá-los hoje, podemos deixar para amanhã. (Não, vamos nos encontrar amanhã.)

— Ótimo. Obrigado pelo telefonema.

Crosse voltou pela rua movimentada. Muito satisfeito consigo mesmo, entrou no seu carro e acendeu um cigarro. "O que será que o Suslev — ou seus patrões — pensariam se soubessem que eu sou o verdadeiro Arthur, não Jason Plumm? Segredos dentro de segredos dentro de segredos, e Jason o único que sabe quem Arthur realmente é!"

Soltou uma risadinha abafada.

"O KGB ficaria furioso. Não gostam de segredos de que não estejam a par. E ficariam ainda mais furiosos se soubessem que fui eu que recrutei Plumm e formei a Sevrin, e não o contrário. "

Fora fácil arranjar a coisa. Quando Crosse fazia parte do Serviço de Informações Militar na Alemanha, no finzinho da guerra, murmuraram-lhe particularmente que Plumm, perito em sinais, estava operando um transmissor clandestino para os soviéticos. Em um mês, travara conhecimento com Plumm e verificara que era verdade, mas a guerra terminara quase imediatamente. Assim, guardara a informação para uso futuro... para negociar, ou quem sabe para o caso de querer mudar de lado. No ramo da espionagem nunca se sabe quando o estão incriminando, ou atraído-o, ou vendendo-o, por algo ou alguém mais valioso. Sempre se precisa ter

segredos para barganhar. Quanto mais importantes os segredos, mais seguro se está, porque nunca se sabe quando alguém, um subalterno ou um superior, cometerá o erro que o deixará desprotegido e impotente como uma borboleta num alfinete. "Como o Voranski. Como o Metkin. Como o Dunross, Grigóri Suslev, com suas impressões digitais tiradas do copo agora fichadas na CIA, e portanto preso numa armadilha que eu preparei. "

Crosse riu alto. Engrenou o carro e meteu-se no tráfego. "Mudar de lado e aticá-los todos uns contra os outros torna a vida excitante", disse com seus botões. "É, os segredos realmente tornam a vida um bocado excitante. "

61

21h45m

Pok Liu Chau era uma ilhazinha a sudoeste de Aberdeen, e o jantar foi a melhor comida chinesa que Bartlett já provara. Estavam no oitavo prato, pequenas tigelas de arroz. Tradicionalmente, o arroz era o último prato de um banquete.

— Na verdade, você não devia comê-lo, Linc! — explicou Orlanda, rindo. — É uma forma de enfatizar ao anfitrião que você está quase estourando, de tão cheio!

— E é a pura verdade, Orlanda! Quillan, foi fantástico!

— Foi, foi, sim, Quillan — ecoou ela. — Escolheu magnificamente.

O restaurante ficava junto de um pequeno molhe perto de uma aldeia pesqueira — desmazelado, iluminado por lâmpadas sem proteção, mobiliado com mesas cobertas com oleados, cadeiras toscas e ladrilhos quebrados no chão. Por trás dele ficava uma fila de aquários onde a pesca do dia da ilha era guardada para venda. Sob a orientação do proprietário, tinham escolhido entre o que nadava no aquário: pitus, lulas, camarões, lagostas, siris e peixes de todos os tipos e tamanhos.

Gornt discutira o cardápio com o proprietário, acertando quais os peixes a serem escolhidos. Ambos eram peritos, e Gornt, um cliente importante. Mais tarde, tinham se sentado a uma mesa no pátio. Estava fresco, e tinham tomado cerveja, felizes com a confraternização. Todos sabiam que, ao menos durante o jantar, haveria uma trégua, sem necessidade de estarem em guarda.

Dali a pouco chegara o primeiro prato... montes de suculentos camarões dourados no óleo, com gosto de mar, deliciosos como nenhuns outros. Depois, polvos pequeninos com alho, gengibre, pimenta e todos os condimentos do Oriente. Depois asas de galinha frita, que comeram com sal marinho, um grande peixe abafado com soja, cebolinha fresca e gengibre, numa travessa, a cabeça, o pitéu do peixe, dado a Bartlett, como convidado de honra.

— Puxa, quando vi esta espelunca, desculpem, este lugar, achei que vocês estavam me gozando.

— Ah, meu caro — explicou Gornt —, é preciso conhecer os chineses. Não ligam para o ambiente, só para a comida. Ficariam

muito desconfiados de qualquer restaurante que desperdiçasse dinheiro na decoração, nas toalhas de mesa ou em velas. Gostam de ver o que estão comendo... por esse motivo a luz é tão forte. Os chineses sentem-se muito bem quando estão comendo. São como os italianos. Adoram rir, comer, beber e arrotar...

Todos bebiam cerveja.

— Ela combina com a comida chinesa, embora o chá chinês seja melhor... é mais digestivo e contrabalança todo o óleo.

— Por que está sorrindo, Linc? — perguntou Orlanda. Estava sentada entre os dois.

— Por nada. Só estava pensando que vocês realmente sabem comer, aqui. O que é isso aqui?

Ela deu uma olhada no prato de arroz frito misturado com vários tipos de peixe.

— Lula.

— O quê?

Os outros acharam graça, e Gornt falou:

— Os chineses dizem que, se as costas delas dão para o céu, então pode-se comer. Vamos indo?

Logo que estavam a bordo e mar adentro, longe do molhe, foram servidos café e conhaque. Gornt disse:

— Querem me dar licença um instantinho? Tenho que trabalhar nuns papéis. Se sentirem frio, usem o salão da proa.

Foi Iá para baixo.

Pensativo, Bartlett ficou bebericando o conhaque. Orlanda estava à sua frente, os dois recostados em espreguiçadeiras no convés da popa. Subitamente, sentiu vontade de que aquele barco fosse seu, e eles estivessem sozinhos. Ela o fitava. Sem que ele pedisse, ela se aproximou e colocou a mão na nuca dele, massageando os músculos suave e habilmente.

— Que gostosura! — disse, desejando-a.

— Ah! — replicou ela, muito satisfeita — sou muito boa em massagem, Linc. Tomei aulas com um japonês. Costuma ser massageado regularmente?

— Não.

— Mas devia. É muito importante para o corpo, muito importante manter cada músculo ajustado. Você ajusta os motores do seu avião, não é? Então por que não o seu corpo? Amanhã vou providenciar isso para você. — Enfiou as unhas no pescoço dele, maliciosamente. — É massagista mulher, mas não pode ser tocada, heya?

— Qual é, Orlanda!

— Eu estava brincando, bobo — falou imediatamente, com vivacidade, afastando facilmente a repentina tensão. — A mulher é cega. Antigamente, na China — e isso ainda acontece hoje, em Formosa —, dava-se aos cegos o monopólio da arte e profissão da massagem, já que seus dedos são seus olhos. É, sim. Claro que há muitos vigaristas e charlatães. Em Hong Kong a gente logo sabe quem é bom e quem não é. Isto aqui é uma aldeiazinha. — Ela se inclinou para a frente e roçou os lábios contra o pescoço dele. — Isso é por você ser bonito.

— Eu é que tenho que dizer isso — ele riu. Abraçou-a, enfeitado, e deu-lhe um ligeiro aperto, muito cômico do capitão ao leme, a três metros de distância.

— Quer ir ver o resto do barco? — perguntou ela.

— Você também lê pensamentos? — exclamou, fitando-a. Ela riu, o lindo rosto um espelho de alegria.

— Não é o papel da moça perceber se o seu... seu acompanhante está alegre ou triste, querendo ficar sozinho, ou outra coisa qualquer? E ensinaram-me a usar meus olhos e meus sentidos, Linc. Claro que tento ler seus pensamentos, mas se eu estiver errada você precisa me dizer, para eu melhorar. Mas, se estiver certa... não é muito melhor para você?

"E muito mais fácil prendê-lo de modo a que não possa escapar. Controlá-lo numa linha tão fina que você possa facilmente rompê-la, se o desejar. Minha arte consiste em tornar essa linha finíssima uma malha de aço.

"Ah, mas não foi fácil aprender! Quillan foi um professor cruel, oh, tão cruel! A maior parte da minha educação foi feita com raiva, com Quillan me xingando. "

— Puta que o pariu, nunca vai aprender a usar a porra dos seus olhos? Devia estar claro como cristal, quando cheguei, que eu estava me sentindo um lixo, que tive um dia pesadíssimo! Que merda, por que não me deu logo uma bebida, não me fez um carinho imediatamente? E por que não calou essa maldita boca por dez minutos enquanto eu me recuperava? Bastava ser meiga e compreensiva por dez malditos minutos, e eu logo estaria bem!

— Mas, Quillan — choramingara ela, em meio às lágrimas, assustada pela fúria dele —, você entrou tão zangado que fiquei nervo...

— Já lhe disse umas cinqüenta vezes para não ficar nervosa só porque eu estou nervoso, porra! Seu papel é aliviar a minha tensão! Use os seus malditos olhos, ouvidos e sexto sentido! Só preciso de dez minutos, depois fico dócil e manso de novo. Puta que o pariu, não cuido de você o tempo todo? Não uso os meus malditos olhos e tento tranqüilizá-la? Todo mês, na mesma época, você fica irritadiça, não é? Não me esforço para ser o mais calmo possível e acalmar você? Hem?

— É, mas...

— Para o diabo com o mas! Por Deus, agora estou mais puto da vida do que quando cheguei! É culpa sua, porque é burra, não é feminina, e justamente você não podia ser assim!

Orlanda lembrava-se de como ele saíra do apartamento, batendo a porta, e ela desatara a chorar, o jantar de aniversário que preparara arruinado e a noite estragada. Mais tarde, ele voltara, dessa vez calmo, tomara-a nos braços e segurara-a com carinho, enquanto ela chorava, desculpando-se pela briga que reconhecia ter sido desnecessária e por culpa dela.

— Ouça, Orlanda — dissera, com muita meiguice —, não sou o único homem que você terá que controlar nesta vida, nem o único de quem dependerá... é um fato reconhecido que as mulheres dependem de algum homem, não importa o quanto ele seja terrível, mau e difícil... É tão fácil para uma mulher manter o controle! Ah, tão fácil, se usar os olhos, entender que os homens são crianças, e que, de vez em quando (a maior parte do tempo), são estúpidos, petulantes e terríveis. Mas eles fornecem o dinheiro, e é duro fazer isso, muito duro. É muito duro continuar fornecendo o dinheiro, dia após dia, seja você quem for. Moh ching moh meng... sem dinheiro, sem vida. Em troca, a mulher tem que fornecer a harmonia; o homem não pode, não o tempo todo. Mas a mulher sempre pode animar o seu homem, se quiser, sempre pode tirar-lhe o veneno. Sempre. Basta ser calma, amorosa, terna e compreensiva por algum tempo. Vou lhe ensinar o jogo da vida. Vai ter o seu doutorado em sobrevivência, como mulher, mas tem que trabalhar...

"Ah, e como trabalhei", pensou Orlanda, sombriamente, recordando todas as suas lágrimas. "Mas agora eu sei. Agora posso fazer instintivamente o que me forcei a aprender. "

— Venha, vou lhe mostrar a parte da frente do navio. Levantou-se, cônica dos olhares do capitão, e foi na frente, confiante.

Enquanto andavam, tomou momentaneamente o braço de Linc, depois segurou o corrimão do corredor e desceu. O salão era grande, com espreguiçadeiras, sofás e poltronas presos ao chão. O barzinho era bem sortido.

— A cozinha fica no castelo da proa, junto com os alojamentos da tripulação — disse ela. — São acanhados, mas bons para Hong Kong. — Um pequeno corredor conduzia à proa. Quatro cabines, duas com cama de casal, duas com beliches. Jeitosas, impecáveis, convidativas. — O salão principal e a suíte principal de Quillan ficam na popa. São luxuosíssimos. — Deu um sorriso pensativo. — Ele curte o melhor.

— É — falou Bartlett. Beijou-a, e ela correspondeu integralmente. O desejo dele deixou-a mole e fraca, e ela abandonou-se, igualando a sua paixão, certa de que ele pararia, e de que ela não teria que detê-lo.

O jogo fora planejado assim.

Sentiu a força dele. Prontamente apertou-se contra ele, movendo-se ligeiramente. As mãos dele percorreram seu corpo, as dela corresponderam. Era glorioso estar nos braços dele, melhor do que jamais fora com Quillan, que fora sempre o professor, sempre no controle, sempre não-partilhável. Já estavam deitados quando Bartlett se afastou. O corpo dela clamava pelo dele, mas assim mesmo ela exultou.

— Vamos voltar para o convés — ouviu-o dizer, a voz rouca.

Gornt atravessou o belo salão, entrou na suíte principal e trancou a porta atrás de si. A garota dormia suavemente na imensa

cama, sob a coberta leve. Ficou parado ao pé da cama, curtindo a visão, antes de tocá-la. Ela acordou devagarinho.

— Ayeeyah, como dormi bem, Honrado Senhor. Sua cama é tão convidativa! — falou em xangaiense, com um sorriso e um bocejo, e espreguiçou-se gloriosamente, como o faria uma gatinha. — Comeu bem?

— Excelentemente — replicou, no mesmo idioma. — Sua comida também estava boa?

— Ah, sim, deliciosa! — disse, cortesmente. — O Taifei-ro Cho me trouxe os mesmos pratos que vocês comeram. Gostei mais do polvo com feijão-preto e molho de alho. — Sentou-se na cama e recostou-se contra os travesseiros de seda, completamente nua. — Quer que me vista e suba ao convés, agora?

— Não, gatinha, ainda não.

Gornt sentou-se na cama, estendeu a mão e tocou-lhe os seios. Ela sentiu um ligeiro arrepio percorrê-la. Seu nome de guerra chinês era Beldade da Neve, e ele a contratara por uma noite no Cabaré Happy Hostess. Pensara primeiro em trazer Mona Leung, sua namorada, mas ela era independente demais para ficar Iá embaixo, quieta, e só subir quando ele mandasse.

Escolhera Beldade da Neve com muito cuidado. Sua beleza era extraordinária, de rosto, de corpo e de textura da pele.

Tinha dezoito anos, e fazia pouco mais de um mês que estava em Hong Kong. Um amigo de Formosa falara da raridade dela, e que estava prestes a ingressar no Cabaré Happy Hostess, vindo do clube irmão em Formosa. Duas semanas antes, ele estivera Iá e fizera um acordo lucrativo para ambos. Hoje, quando Orlanda lhe contara que ia jantar com Bartlett e ele os convidara para virem a bordo, prontamente ligara para o Happy Hostess, comprara a noite de Beldade da Neve no clube e a trouxera para bordo.

— Vou fazer uma brincadeira com um amigo, hoje — dissera à moça. — Quero que fique aqui nesta cabine, neste lugar, até que eu a leve ao convés. Pode demorar uma ou duas horas, mas você tem que ficar aqui, sem fazer nenhum barulho, até que eu venha buscá-la.

— Ayeeyah, neste palácio flutuante estou disposta a ficar uma semana, sem cobrar nada. Só a comida e o champanha... embora dormir junto fosse cobrado por fora. Posso dormir na cama, se quiser?

— Pois não, mas por favor tome primeiro uma chuveirada.

— Uma chuveirada? Os deuses sejam louvados! Água quente e fria? Será o paraíso... essa falta d'água não é nada higiênica.

Gornt a trouxera naquela noite para atormentar Orlanda, se decidisse atormentá-la. Beldade da Neve era muito mais moça, mais bonita, e ele sabia que, ao vê-la num dos robes elegantes que ela própria já usara, Orlanda ia ter um ataque. Durante todo o jantar, rira consigo mesmo, imaginando quando deveria apresentá-la para obter o máximo efeito: para excitar Bartlett e para lembrar a Orlanda que já era velha, pelos padrões de Hong Kong, e que sem a ajuda dele jamais conseguiria Bartlett, não do jeito que queria.

"Será que quero que ela se case com Bartlett?", perguntou a si mesmo, confuso.

"Não. E no entanto, se Orlanda fosse mulher de Bartlett, ele estaria sempre em meu poder, porque ela está e sempre estará. Ela ainda não se esqueceu disso. Tem sido obediente e filial. E assustada. "

Ele riu. "Ah, a vingança será doce quando eu descer o pau em você, minha cara. O que farei, algum dia. É, minha cara, não esqueci os risinhos de deboche de todos aqueles filhos da mãe de uma figa — Pug, Plumm, Havergill e o maldito Ian Dunross — quando souberam que você mal pôde esperar para se meter na cama com um garanhão com a metade da minha idade.

"Devo dizer-lhe agora que você é minha mui jai?"

Quando Orlanda estava com treze anos, a sua mãe xangaiense viera vê-lo.

— Os tempos estão muito difíceis, senhor, nossas dívidas para com a companhia são imensas, e sua paciência e bondade são excessivas.

— Os tempos estão difíceis para todos — dissera-lhe.

— Infelizmente, desde a semana passada o departamento do meu marido não mais existe. No fim do mês, terá que sair da companhia, depois de dezessete anos de serviço, e não poderemos pagar o que lhe devemos.

— Eduardo Ramos é um bom homem, e facilmente encontrará outro emprego melhor.

— Yin ksiao shih ta — dissera ela —, perdemos muito por causa de uma coisa pequena.

— Joss — sentenciara ele, esperando que a armadilha estivesse preparada e que todas as sementes que plantara fossem finalmente dar frutos.

— Joss — concordara ela. — Mas existe Orlanda.

— O que é que tem Orlanda?

— Quem sabe podia ser uma mui jai.

Uma mui jai era uma filha dada por um devedor a um credor para sempre, como pagamento de dívidas que não poderiam ser pagas de outra maneira... para ser criada, usada ou dada a outrem, como o credor quisesse. Era um antigo costume chinês, e dentro da lei.

Gornt se recordava da satisfação que sentira. As negociações duraram várias semanas. Gornt concordara em cancelar as dívidas de Ramos (dívidas que Gornt encorajara habilmente), concordara em reempossar Ramos, dando-lhe uma modesta pensão e ajuda para estabelecer-se em Portugal, e em pagar os estudos de Orlanda nos Estados Unidos. Em troca, os Ramos prometeram entregar-lhe Orlanda, virgem e adequadamente enamorada, no ou antes do seu décimo oitavo aniversário. Não haveria recusa.

— Isso, por todos os deuses, será um segredo perpétuo entre nós. Também acho que seria igualmente melhor esconder dela esse segredo, senhor, para sempre. Mas nós sabemos, e ela saberá, onde fica a sua tigela de arroz.

Gornt abriu um sorriso. "Os anos bons valeram toda a paciência, o planejamento e o pouco dinheiro envolvido. Todos

lucraram", disse consigo mesmo, "e ainda há satisfação por vir. "

"É", pensou, concentrando-se em Beldade da Neve.

— A vida é muito boa — disse, acariciando-a.

— Estou feliz de que esteja feliz, Honrado Senhor. Estou feliz também. O seu banho de chuveiro foi um presente dos deuses. Lavei o cabelo, tudo. — Sorriu. — Se não quer fazer ainda a brincadeira com seus amigos, quer ir para a cama comigo?

— Quero — replicou ele, encantado, como sempre, pela franqueza sem rodeios de uma parceira de cama chinesa. O pai lhe explicara, anteriormente:

— Você lhes dá dinheiro, elas lhe dão juventude, as Nuvens e a Chuva, e o entretêm. Na Ásia, é uma troca justa e honrada. Quanto maior a juventude delas, os risos e a gratificação, mais você deve pagar. Esse é o acordo, mas não espere romance ou lágrimas de verdade. Apenas divertimento e sexo por algum tempo. Não abuse do que é justo!

Alegremente, Gornt se despiu e deitou-se ao lado dela. A moça correu as mãos pelo peito dele, os pêlos escuros, os músculos esguios, e começou. Logo estava fazendo os pequenos ruídos de paixão, encorajando-o. E embora a mama-san lhe tivesse dito que esse quai loh era diferente, e que não haveria necessidade de fingir,

lembrou-se instintivamente da primeira regra de uma parceira de cama:

"Nunca deixe o seu corpo se envolver com um freguês, pois então você não poderá atuar com gosto ou audácia. Nunca se esqueça; quando estiver com um quai loh, deve sempre fingir que está adorando, que atingiu as Nuvens e Chuva, caso contrário ele a considerará uma afronta à sua masculinidade, de alguma forma. Os quai loh são incivilizados, e jamais entenderão que o yin não pode ser comprado, e que seu presente da cópula é exclusivamente para o prazer do freguês".

Quando Gornt acabou e seu coração voltou ao normal, Beldade da Neve saiu da cama e foi para o banheiro, onde tomou outro banho de chuveiro, cantando alegremente. Eufórico, ele descansou e colocou as mãos sob a cabeça. Logo ela voltou, trazendo uma toalha.

— Obrigado — disse. Ele se enxugou, e ela voltou a deitar ao seu lado.

— Ah, sinto-me tão limpa e maravilhosa! Quer mais uma vez?

— Agora não, Beldade da Neve. Agora pode descansar. Vou deixar minha mente vagar. Deixou o yang muito satisfeito. Informarei à mama-san.

— Obrigada — disse ela polidamente. — Gostaria que fosse meu freguês especial.

Ele balançou a cabeça, satisfeito com ela, com seu calor e sensualidade. Quando seria melhor para ela subir ao convés?, perguntou-se de novo, certo de que Bartlett e Orlanda estariam ali agora, e não na cama, como estaria uma pessoa civilizada.

Deu uma risadinha abafada.

Havia uma vigia ao lado da cama, e ele podia ver as luzes de Kowloon à distância, Kowloon e o arsenal da marinha de Kowloon. Os motores roncavam docemente, e dali a um momento ele saiu da cama e se dirigiu para o armário, onde havia camisolas, roupas de baixo, robes multicoloridos caríssimos e finos vestidos que comprara para Orlanda. Divertia-o guardá-los para outras usarem.

— Enfeite-se bastante e vista isso. — Entregou-lhe um cheong-sam longo de seda amarela, que tinha sido um dos prediletos de Orlanda. — Sem nada por baixo.

— Pois não. Puxa, mas como é lindo! Ele começou a vestir-se.

— Se minha brincadeira der certo, você pode ficar com ele, como gratificação — falou.

— Ah! Então, tudo será como deseja — disse, fervorosamente, e sua cobiça sincera fê-lo achar graça.

— Vamos primeiro largar meus passageiros no lado de Hong Kong. — Apontou pela vigia. — Está vendo aquele grande cargueiro, o que está atracado no cais, com a bandeira da foice e do martelo?

— Ah, sim, senhor. O navio agourento? Já estou vendo!

— Quando passarmos por ele, por favor, suba ao convés.

— Compreendo. O que devo dizer?

— Nada. Apenas sorria docemente para o homem e para a mulher, depois para mim, e volte de novo para cá e me espere.

Beldade da Neve riu.

— Só isso?

— É, seja apenas meiga, linda e sorria... especialmente para a mulher.

— Ah! Devo gostar dela ou odiá-la? — perguntou imediatamente.

— Nem uma coisa nem outra — replicou ele, impressionado com a argúcia dela, cõnscio de que as duas se odiariam à primeira vista.

Na intimidade da sua cabine no Soviétski Ivánov, o comandante Grigóri Suslev terminou de codificar a mensagem urgente, depois sorveu um pouco de vodca, verificando outra vez o cabograma.

"Ivánov para o Centro. Arthur informa que as pastas podem ser falsificadas. O amigo dele me dará as cópias hoje à noite. Encantado por informar que o amigo de Arthur também interceptou a informação do porta-aviões. Recomendo que receba uma bonificação imediata. Mandei cópias extras para Bangkok, pela mala postal, e também para Londres e Berlim, como medida de segurança. "

Satisfeito, recolocou os livros de código no cofre e trancou-o, depois pegou o telefone.

— Mande para cá o sinaleiro de serviço. E o imediato. Destrancou a porta da cabine, voltou e foi olhar pela vigia para o porta-aviões, do outro lado do porto. Logo viu o barco de passeio

perto do seu navio. Reconheceu o Sea Witch. Casualmente, apanhou o binóculo e focalizou-o. Viu Gornt no convés de ré, uma moça e outro homem, de costas para ele, sentados à volta de uma mesa. As lentes de alta potência varreram o navio, e sua inveja cresceu vertiginosamente. "Aquele filho da mãe sabe viver", pensou. "Que beleza! Se eu pudesse ter um barco desses no mar Cáspio, ancorado em Baku!

"Não é esperar demais", disse com seus botões, vendo o Sea Witch passar, "não depois de tantos serviços, tão lucrativos para a causa. Muitos comissários têm... os mais antigos".

Novamente, voltou a focalizar o grupo. Outra moça subiu ao convés, uma beldade asiática, e então ouviu-se uma batidinha polida à porta.

— Boa noite, camarada comandante — disse o sinaleiro. Pegou a mensagem e assinou o recibo.

— Envie-a imediatamente.

— Sim, senhor.

O imediato chegou. Vassíli Boradinov era um sujeito bonito e vigoroso, na casa dos trinta anos, capitão, membro do KGB, formado pelo departamento de espionagem da Universidade de Vladivostok, com patente de capitão de navio mercante.

— Sim, camarada comandante?

Suslev entregou-lhe um cabograma decifrado tirado da pilha que havia na sua mesa. Dizia:

"O imediato Vassíli Boradinov tomará o lugar de Dmítri Metkin como comissário do Ivánov, mas o comandante Suslev estará no comando em todos os níveis, até que sejam tomadas providências alternativas".

— Parabéns — disse.

Boradinov sorriu de orelha a orelha.

— Sim, senhor. Obrigado. O que quer que eu faça? Suslev ergueu a chave do cofre.

— Se eu não entrar em contato com você, nem voltar até a meia-noite de amanhã, abra o cofre. As instruções estão num pacote marcado "Emergência Um". Elas lhe dirão como proceder. A seguir...
— Entregou-lhe um envelope lacrado. —

Aqui há dois números de telefone onde posso ser encontrado. Abra-o apenas numa emergência.

— Sim, senhor — disse o homem mais moço, o rosto orvalhado de suor.

— Não precisa se preocupar. Será perfeitamente capaz de assumir o comando.

— Espero que isso não seja necessário.

— Eu também, meu jovem amigo — riu Grigóri Suslev. — Por favor, sente-se. — Serviu duas vodcas. — Você merece a promoção.

— Obrigado. — Boradinov hesitou. — O que houve com Metkin?

— Primeiro, cometeu um erro estúpido e desnecessário. Depois, foi traído. Ou traiu-se. Ou o amaldiçoado sei o seguiu e o apanhou. Ou foi a CIA. Seja Iá o que tenha acontecido, o pobre idiota nunca podia ter abusado da sua autoridade e se metido em tal perigo. Foi uma burrice se arriscar, sem falar em toda a nossa segurança. Uma burrice!

O imediato se mexeu, inquieto, na cadeira.

— Qual é o nosso plano?

— Negar tudo. E não fazer nada, por enquanto. Nossa partida está prevista para a meia-noite de terça-feira; vamos nos ater ao plano.

Boradinov olhou pela vigia para o porta-aviões, o rosto tenso.

— Uma pena. Aquele material podia ter nos ajudado um bocado.

— Que material? — perguntou Suslev, estreitando os olhos.

— Não sabia, senhor? Antes de Dmítri sair, o coitado murmurou que achava que dessa vez íamos obter umas informações incríveis — uma cópia do sistema de orientação e uma cópia do manifesto de carga de armamentos deles, incluindo as armas atômicas. Era por esse motivo que estava indo pessoalmente. Era importante demais para enviar um mensageiro comum. Devo dizer-lhe que me ofereci para ir no seu lugar.

Suslev disfarçou o choque ao saber que Metkin fizera confidencias.

— Onde foi que ele ouviu isso? O outro deu de ombros.

— Não disse. Imagino que o marinheiro americano tenha lhe contado quando Dmíttri falou com ele no telefone público para combinar a entrega. — Enxugou uma gota de suor. — Eles vão dobrá-lo, não é?

— Ah, vão — disse Suslev secamente, querendo instruir adequadamente o seu subordinado. — Podem dobrar qualquer um. É por isso que temos que estar preparados. — Tateou a leve saliência da cápsula de veneno na ponta da lapela, e Boradinov estremeceu. — É melhor tomá-lo depressa.

— Filhos da mãe! Alguém deve tê-los avisado de que deviam capturá-lo antes que o tomasse. Terrível. São todos uns animais.

— O... o Dmíttri disse mais alguma coisa? Antes de partir?

— Não, só que esperava que tivéssemos todos umas semanas de licença... queria visitar a família na sua amada Criméia.

Satisfeito por não ter sido descoberto, Suslev deu de ombros.

— Uma grande pena. Eu gostava muito dele.

— É. É mesmo uma pena, quando se sabia que estava prestes a se reformar. Era um bom homem, embora tenha cometido um erro desses. O que farão com ele?

Suslev pensou se devia mostrar a Boradinov um dos cabogramas decifrado na sua mesa, que dizia:

"... Avise ao Arthur que, atendendo ao seu pedido de uma Prioridade Um para o traidor Metkin, ordenou-se uma interceptação imediata em Bombaim".

"Não há necessidade de dar essa informação de graça", pensou. "Quanto menos Boradinov souber, melhor. "

— Ele simplesmente desaparecerá... até pegarmos um peixe grande do inimigo para trocar por ele. O KGB cuida do seu pessoal — acrescentou, piedosamente, sem acreditar, sabendo que o homem mais moço também não acreditava, mas era obrigatório e fazia parte da política oficial dizê-lo.

"Eles teriam que me trocar", pensou, muito satisfeito. "É, e bem depressa. Conheço segredos demais. São a minha única proteção. Se não fosse pelo que sei, ordenariam uma Prioridade Um para mim com a mesma rapidez que ordenaram para o Metkin. Eu

teria feito a mesma coisa, se fosse eles. Será que eu teria mordido a lapela, como aquele cretino devia ter feito?"

Um arrepio o percorreu, "Não sei. "

Sorveu sua vodca. Sabia-lhe muito bem. "Não quero morrer. Essa vida é muito boa."

— Vai voltar para terra de novo, camarada comandante?

— Vou. — Suslev concentrou-se. Entregou ao homem mais moço um bilhete que datilografara e assinara. — Você agora está no comando. Eis aqui sua autorização... coloque-a na ponte.

— Obrigado. Amanhã... — Boradinov interrompeu-se quando o intercomunicador do navio foi ligado e uma voz urgente disse rapidamente:

— Aqui fala a ponte! Há dois carros de polícia convergindo para a escada do costado principal. Estão cheios de policiais... — tanto Suslev quanto Boradinov perderam a cor — cerca de uma dúzia. O que devemos fazer? Detê-los, repeli-los, o quê?

Suslev apertou o botão do transmissor.

— Não façam nada! — Hesitou, depois ligou o botão que transmitia para todo o navio. — Atenção, todos os tripulantes: Emergência Vermelho Um... — A ordem significava: "Visitantes hostis subindo a bordo. Salas de rádio e radar: armem os destruidores em todos os equipamentos secretos". Desligou o transmissor e sibilou para Boradinov: — Vá para o convés, desça as escadas, cumprimente-os, encha lingüiça por uns cinco minutos, depois convide os líderes para subirem, somente eles, se puder. Vá!

— Mas sem dúvida não ousarão vir a bordo para revistar...

— Intercepte-os... agora!

Boradinov saiu às pressas. Quando ficou sozinho, Suslev armou o destruidor secreto no seu cofre. Se qualquer pessoa, que não ele, tentasse abri-lo, o napalm incendiário destruiria tudo.

Tentou tranquilizar a cabeça em pânico. "Pense! Está tudo coberto contra uma revista repentina? Sim. Sim, fizemos o ensaio de Vermelho Um uma dúzia de vezes. Mas Deus maldiga Roger Crosse e Arthur! Que diabo, por que não recebi um aviso? Será que Arthur foi apanhado? Ou o Roger? Khristos, que não tenha sido o Roger! E quanto... "

Seus olhos pousaram na pilha de cabogramas em código e já decifrados. Desesperadamente, jogou-os num cinzeiro, xingando-se

por não tê-lo feito antes, sem saber se agora haveria tempo suficiente. Achou o isqueiro. Seus dedos tremiam. O isqueiro acendeu, e o intercomunicador entrou em funcionamento:

— Dois homens estão vindo para bordo com Boradinov, dois homens, o resto ficou Iá embaixo.

— Está certo, mas tentem retardá-los. Estou indo para o convés. — Suslev apagou a chama, com um palavrão, e enfiou os cabogramas no bolso. Agarrou uma garrafa meio vazia de vodca, inspirou fundo, abriu um amplo sorriso e foi para o convés. — Ah, bem-vindos a bordo! Qual é o problema? — disse, com a voz ligeiramente pastosa, mantendo a sua cobertura já conhecida. — Um dos nossos marujos se meteu em encrencas, superintendente Armstrong?

— Este é o sr. Sun. Podemos dar-lhe uma palavrinha? — falou Armstrong.

— Claro, claro! — disse Suslev, com uma jovialidade forçada que estava longe de sentir. Nunca tinha visto o chinês antes. Examinou o rosto amarelo, de olhos frios, cheio de ódio.

— Sigam-me, por favor. — Depois acrescentou em russo para Boradinov, que falava um inglês perfeito: — Você, também.

— Depois, novamente para Armstrong ainda, com bom humor forçado: — Quem vai ganhar o quinto páreo, superintendente?

— Quem me dera saber, senhor!

Suslev foi em frente, conduzindo-os até o pequeno salão de oficiais que ficava ao lado do seu camarote.

— Sentem-se, sentem-se! Posso oferecer-lhes chá ou vod-ca? Ordenança, chá e vodca!

As bebidas logo chegaram. Expansivamente, Suslev serviu a vodca, embora os dois policiais a tivessem recusado polidamente.

— Prosit — disse, e riu jovialmente. — Bem, qual é o problema?

— Parece que um membro da sua tripulação está envolvido em espionagem contra o governo de Sua Majestade — disse Armstrong cortesmente.

— Impossível, továrích! Por que está brincando comigo, hem?

— Prendemos um. O governo de Sua Majestade está realmente muito aborrecido.

— Este é um pacífico navio mercante. Vocês nos conhecem há anos. Há anos que o seu superintendente Crosse nos observa. Não temos nada a ver com espionagem.

— Quantos membros da sua tripulação estão em terra, senhor?

— Seis. Agora, ouça, não quero nenhum problema. Já tive problemas de sobra nessa viagem com um dos meus tripulantes inocentes assassinados por desconhe...

— Ah, sei, o falecido major Iúri Bakian, do KGB. Lamentável.

Suslev fingiu uma raiva mal-humorada.

— O nome dele era Voranski. Nada sei desse major de que está falando. Não sei nada, nada.

— Naturalmente. Bem, senhor, quando é que os seus marujos voltam da licença em terra?

— Amanhã, ao anoitecer.

— Onde estão eles? Suslev riu.

— Estão em terra, de licença. Onde mais estariam, se não com uma garota, ou num bar? Tomara que com uma garota, hem?

— Nem todos estão — disse Armstrong, friamente. — Pelo menos um deles está muito infeliz, no momento.

Suslev observava-o, contente por saber que Metkin estava desaparecido para sempre, e que não podiam usá-lo para blefar.

— Ora, vamos, superintendente, não sei de coisa alguma sobre espionagem.

Armstrong deitou as fotos de 20 X 25 na mesa. Mostravam Metkin entrando no restaurante, depois vigiado, depois sendo jogado no camburão, depois uma foto de identificação criminal, com terror no rosto.

— Khristos! — exclamou Suslev, com voz abafada, um ator e tanto. — Dmítiri? Impossível! É outra prisão falsa! Meu governo...

— Londres já informou seu governo. O major Nikolai Leonov admitiu a espionagem.

Agora, o choque de Suslev era real. Não esperava que Metkin cedesse com tanta rapidez.

— Quem? Que foi que disse? Armstrong soltou um suspiro.

— O major Nikolai Leonov, do seu KGB. É o nome real dele, e o seu posto. Era também o comissário político deste navio.

— É... isso é verdade, mas o nome... dele é Metkin, Dmítri Metkin.

— É? Não faz objeção a que revistemos este navio? — disse Armstrong, começando a levantar-se. Suslev ficou estupefato, e Boradinov também.

— Ah, mas faço, sim — gaguejou Suslev. — Lamento, superintendente, mas faço objeção, formalmente, e devo...

— Se o seu navio não está envolvido em espionagem e é um cargueiro pacífico, por que faria objeção?

— Temos proteção internacional. A não ser que tenha um mandado de busca formal...

Armstrong meteu a mão no bolso, e o estômago de Suslev deu voltas. Teria que obedecer ao mandado de busca formal, e aí estaria arruinado, porque achariam mais provas do que jamais poderiam esperar. "Aquele maldito filho da puta do Metkin deve ter-lhes contado algo vital. " Tinha vontade de gritar de raiva, as mensagens cifradas e decifradas no seu bolso subitamente letais. Seu rosto perdera a cor. Boradinov estava paralisado. Armstrong tirou a mão do bolso, trazendo apenas um maço de cigarros. O coração de Suslev recomeçou a bater, embora sua náusea ainda fosse fortíssima. Resmungou:

— Matieriebiets!

— Sim? — perguntou Armstrong, inocentemente. — Algum problema, senhor?

— Não, não, nada.

— Aceita um cigarro inglês?

Suslev lutou para controlar-se, com vontade de meter a mão na cara do outro, por tê-lo tapeado. O suor porejava-lhe as costas e o rosto. Pegou o cigarro com mãos trêmulas.

— Essas coisas são terríveis, não? Espionagem e revistas, e ameaças de revistas.

— É. Talvez o senhor pudesse fazer o favor de ir embora amanhã, e não na terça-feira.

— Impossível! Estamos sendo caçados como ratos? — falou Suslev, sem saber até onde ousaria ir. — Terei que informar meu governo e...

— Por favor, faça isso. Por favor, diga-lhes que interceptamos o major Leonov do KGB, que o pegamos em pleno ato de espionagem, e que ele foi acusado de conformidade com a Lei dos Segredos Oficiais.

Suslev enxugou o suor do rosto, tentando ficar calmo. Somente o fato de saber que Metkin provavelmente já estava morto fazia com que não desabasse. "Porém, o que mais ele lhes contou?", ecoava o grito na sua cabeça. "O que mais?" Olhou para Boradinov, de pé ao lado dele, o rosto muito pálido.

— Quem é o senhor? — perguntou Armstrong vivamente, acompanhando-lhe o olhar.

— Imediato Boradinov — respondeu o homem mais jovem, com voz estrangulada.

— Quem é o novo comissário, comandante Suslev? Quem assumiu o posto do sr. Leonov? Quem é o membro do partido mais graduado a bordo?

Boradinov ficou cinzento, e Suslev, aliviado, porque a pressão sobre ele próprio fora um pouco relaxada.

— E então?

— É ele. O imediato Boradinov — disse Suslev. Imediatamente Armstrong fixou os olhos gélidos no homem mais jovem.

— Seu nome completo, por favor?

— Vassíli Boradinov, imediato — gaguejou o homem.

— Pois bem, sr. Boradinov, é responsável pela partida deste navio no máximo até a meia-noite de domingo. Está sendo formalmente avisado de que temos motivos para acreditar que poderão ser atacados pelos tríades, bandidos chineses. Corre o boato de que o ataque está planejado para as primeiras horas de

segunda-feira... pouco depois da meia-noite de domingo. É um boato muito forte. Muito. Há muitos bandidos chineses em Hong Kong, e os russos roubaram um bocado de terras chinesas. Estamos preocupados com sua segurança e saúde. Acho que é de boa política... entendeu? Boradinov estava cinzento.

— Sim, sim, entendi.

— Mas, os meus... meus reparos — comentou Suslev —, se os meus repa...

— Por favor, providencie para que sejam completados, comandante. Se precisar de ajuda extra, ou de um reboque fora das águas de Hong Kong, basta pedir. Ah, sim, e se quiser ter a bondade de aparecer no quartel-general da polícia às dez horas de domingo... desculpe estragar o seu fim de semana.

— Como? — exclamou Suslev, empalidecendo.

— Eis aqui o seu convite formal. — Armstrong entregou-lhe uma carta oficial. Suslev aceitou-a. Já começava a lê-la quando Armstrong pegou uma segunda cópia e preencheu o nome de Boradinov. — Eis aqui o seu, comissário Boradinov. — Enfiou o papel na mão dele. — Sugiro que confinem o resto dos seus tripulantes a bordo, com exceção de vocês mesmos, é claro, e que mandem voltar prontamente para o navio os marinheiros que estão em terra. Estou certo de que terão muito o que fazer. Boa noite! —

acrescentou, de modo surpreendentemente inesperado. Levantou-se e saiu do salão, fechando a porta atrás de si.

Fez-se um silêncio estupefato. Suslev viu Malcolm Sun se levantar e se dirigir vagarosamente para a porta. Levantou-se para segui-lo, mas se deteve quando o chinês voltou bruscamente para eles.

— Vamos pegá-los, todos vocês! — disse Sun, com ar malévolo.

— Por quê? Não fizemos nada — falou Boradinov, ofegante.
— Não fizemos na...

— Espionagem. Espiões! Vocês do KGB acham que são muito espertos, matieriebets!

— Dê o fora do meu navio! — rosnou Suslev.

— Vamos pegá-los todos... e não estou me referindo a nós, policiais... — Abruptamente, Malcolm Sun passou a falar num russo fluente. — Saiam das nossas terras, hegemonistas! A China está avançando! Podemos perder cinqüenta milhões de soldados, cem milhões, e ainda ter o dobro sobrando. Saiam enquanto ainda têm tempo!

— Vamos explodir vocês da face da terra! — berrou Suslev. — Vamos atomizar toda a China. Vamos...

Interrompeu-se. Malcolm Sun ria dele.

— Os peitos da sua mãe estão nas suas armas atômicas!

Nós agora temos as nossas! Vocês começam, nós acabamos. Armas atômicas, punhos, relhas de arado! — Malcolm Sun baixou a voz. — Saiam da China enquanto ainda têm chance. Viemos do Oriente como Gêngis Khan, todos nós, Mao Tsé-tung, Chang Kai-chek, eu, meus netos, os netos deles, estamos vindo e vamos dizimar vocês da face da terra, e retomar as nossas terras, todas elas!

— Dê o fora do meu navio! — Suslev sentia o peito doer. Quase cego de raiva, preparou-se para saltar sobre o seu atormentador, assim como Boradinov.

Sem medo, Malcolm Sun adiantou-se um passo.

— Yeb tvoyu mat, cabeça de bosta! — A seguir, em inglês: — Batam em mim, e os prenderei por agressão e mantereí seu navio sob custódia!

Com grande esforço, os dois homens se detiveram. Sufocado de ódio, Suslev enfiou as mãos nos bolsos.

— Por favor, retire-se. Por favor.

— Dew neh loh moh para você, sua mãe, seu pai, e o resto de vocês, soviéticos hegemônistas comedores de bosta!

— Retire-se... agora.

Igualmente furioso, Sun xingou-os em russo, e berrou:

— Viemos do Oriente como gafanhotos...

Então, ouviu-se uma súbita alteração ruidosa do lado de fora, no convés, e um estouro abafado. Imediatamente, Sun virou-se e dirigiu-se para a porta, os outros dois atrás.

Horrorizado, Suslev agora via que Armstrong estava parado junto à porta da sala de rádio, que ficava ao lado do seu camarote. A porta estava escancarada, os dois operadores assustados fitando o inglês, marinheiros do convés estupefatos e paralisados nas proximidades. Um início de fumaça já subia das entranhas do equipamento de rádio. O Vermelho Um ordenara ao operador de

rádio mais antigo que acionasse o mecanismo destruidor do dispositivo de interferência secreto no instante em que um inimigo abrisse a porta ou tentasse forçar a fechadura.

Armstrong virou-se e olhou para Suslev.

— Ah, comandante, desculpe, tropecei. Mil desculpas — disse, com ar inocente —, pensei que aqui era a "casinha".

— Como?

— O banheiro. Tropecei e a porta se escancarou. Desculpe. — O policial lançou um olhar para a sala de rádio. — Santo Deus! Parece que há um incêndio. Vou chamar os bombeiros imediatamente. Malcolm, chame...

— Não... não! — disse Suslev, depois rosnou em russo para Boradinov e o pessoal de convés: — Apaguem o fogo!

Arrancou o punho cerrado do bolso e empurrou Boradinov, para que se mexesse. Sem que tivesse notado, o punho de sua camisa ficou preso num dos cabogramas decifrados, que caiu ao chão. A fumaça jorrava de trás de um dos complexos painéis de rádio. Um dos marinheiros de convés já tinha nas mãos um extintor de incêndio.

— Ora, ora! Mas, o que podia ter acontecido! Tem certeza de que não quer ajuda? — perguntou Armstrong.

— Não, não, obrigado — disse Suslev, o rosto vermelho, de tanta raiva. — Obrigado, superintendente. Até... domingo.

— Boa noite, senhor. Vamos indo, Malcolm.

Na confusão crescente, Armstrong dirigiu-se para a escada de saída, mas se abaixou e, antes que Suslev se desse conta do que estava acontecendo, apanhou o pedaço de papel e já ia na metade da escada, Malcolm Sun atrás.

Horrorizado, Suslev levou a mão ao bolso. Esquecendo o fogo, correu para o seu camarote para verificar qual o cabogra-ma que estava faltando,

Lá embaixo, no cais, policiais de uniforme já se haviam disposto em leque havia muito tempo, cobrindo as duas escadas. Armstrong estava entrando na parte de trás do carro, ao lado de Sindors. Os olhos do chefe da MI-6 estavam rodeados por círculos escuros, seu terno estava meio amassado, mas ele se mantinha gelidamente alerta.

— Bom trabalho, vocês dois! É, imagino que isso interromperá as comunicações deles por um ou dois dias.

— Sim, senhor.

Armstrong começou a remexer nos bolsos à procura do isqueiro, o coração disparado. Sinderson observou Malcolm Sun sentar-se no lugar do motorista.

— O que foi? — perguntou, pensativo, vendo a cara do outro.

— Nada, nada mesmo, senhor. — Malcolm Sun virou a cabeça para trás, o suor ainda nas costas, a cabeça doendo, e o gosto adocicado e enjoativo de excitação, raiva e medo ainda na boca. — Quando... quando estava pondo em prática as táticas de retardamento para o superintendente, eu... bem, aqueles dois filhos da mãe me tiraram do sério.

— É? Como?

— Só que... eles começaram a me xingar, e eu também os xinguei. — Sun virou-se para a frente, ajeitou-se, não querendo os olhos penetrantes de Sinderson fitos nos seus. — Só xingamentos — acrescentou, tentando parecer despreocupado.

— Pena que um deles não tenha batido em você.

— É, é, eu esperava por isso.

Sinders lançou um breve olhar para Armstrong, enquanto o grandalhão acionava o isqueiro, acendia um cigarro e, à luz da chama, tentava ler o papel. Sindors olhou para o navio Iá em cima. Mais uma vez Suslev estava parado no começo da escada, olhando fixo para eles.

— Ele parece estar realmente com muita raiva. Bom. — Deu uma sombra de sorriso. — Muito bom.

Com a aprovação de Sir Geoffrey, ordenara a súbita ida e a tentativa de interromper as comunicações do Ivánov — e a sua complacência —, visando a pressionar Arthur e os toupeiras da Sevrin, na esperança de tirá-los da toca.

— E o nosso toupeira da polícia? — acrescentou Sir Geoffrey, sombriamente. — É impossível que Brian Kwok seja o espião mencionado nos documentos de Alan, não é?

— Concordo — dissera.

Armstrong apagou o isqueiro. Na penumbra do carro, hesitou.

— É melhor ir organizar o destacamento, Malcolm. Não há necessidade de perdermos mais tempo aqui. Certo, sr. Sindere?

— Sim, podemos ir agora.

Obedientemente, Malcolm Sun se retirou. Armstrong observava Suslev no convés.

— O senhor... sabe ler russo, não é?

— Sei, sim. Por quê?

Cuidadosamente, Armstrong passou-lhe o papel, segurando-o pelas pontas.

— Isso aqui caiu do bolso de Suslev.

Com igual cuidado, Sindere apanhou o papel, sem tirar os olhos dos de Armstrong.

— Não confia no agente Sun? — indagou, suavemente.

— Ah, confio, sim. Mas os chineses são chineses, e está em russo. Não sei ler russo.

Sinders franziu o cenho. Depois de um momento, balançou a cabeça. Armstrong acendeu a chama para ele. O homem mais velho correu os olhos pelo papel duas vezes e soltou um suspiro.

— É um boletim meteorológico, Robert. Lamento. A não ser que esteja em código, não passa de um boletim meteorológico. — Dobrou cuidadosamente o papel, mantendo os vincos originais. — As impressões digitais podem ser valiosas. Talvez esteja em código. Por medida de segurança, vou passar para os nossos decifradores.

Sinders acomodou-se mais confortavelmente no carro. O papel dizia:

"Avisar a Arthur que, atendendo ao seu pedido para uma Prioridade Um para o traidor Metkin, ordenou-se uma interceptação imediata em Bombaim. Segundo, o encontro com o americano foi antecipado para o domingo. Terceiro e último, as pastas de Alan M. Grant continuam a ser Prioridade Um. O máximo esforço deve ser feito pela Sevrin para obter êxito. Centro".

"Que americano é esse? O encontro será com Arthur ou com quem? O comandante Suslev? Será tão inocente quanto parece? Que americano? Bartlett, Tcholak, Banastasio, ou quem? Peter

Marlowe... escritor-sabe-tudo-anglo-americano, com suas teorias curiosas?" Sindors se fazia todas essas perguntas, pacientemente.

"Será que Bartlett ou Tcholak fizeram contato com o Centro em junho, em Moscou, quando estiveram lá, com ou sem Peter Marlowe, que por acaso também estava lá quando da realização de uma reunião de agentes estrangeiros altamente secreta?"

"Ou será que o americano não é nenhum visitante, mas alguém que mora aqui em Hong Kong?"

"Será Rosemont? Ou Langan? Ambos seriam perfeitos.

"Tantas perguntas!"

"Por exemplo: quem é o quarto homem? Quem é o 'Supervip', acima de Philby? Aonde levarão todas essas pistas? Ao Burke's Peerage? Ou a um castelo, ou quem sabe a um palácio?"

"Quem é essa misteriosa sra. Gresserhoff que atendeu ao segundo telefonema de Kiernan, e depois sumiu como um anel de fumaça?"

"E quanto às malditas pastas? E quanto ao maldito Alan M. Grant e o maldito Dunross, tentando ser danado de esperto? ..."

Era quase meia-noite. Dunross e Casey estavam sentados lado a lado, felizes, na parte da frente envidraçada de uma das barcas da Balsa Dourada que se dirigia Confiantemente para o seu ancoradouro no lado de Kowloon. Era uma bela noite, embora as nuvens ainda estivessem baixas, amontoadas. Lonas protetoras contra tempestades ainda fechavam a parte aberta dos tombadilhos, mas, ali onde estavam, a vista era boa, e uma brisa gostosa e salgada entrava por uma das janelas abertas.

— Vai chover de novo? — perguntou ela, rompendo o silêncio confortável.

— Vai, sim. Mas estou torcendo para que a chuva forte não caia antes do fim da tarde de amanhã.

— Você e suas corridas! São assim tão importantes?

— Ah, sim, para todos os yan de Hong Kong. Para mim, sim e não.

— Vou apostar toda a minha fortuna na sua Noble Star.

— Eu não faria isso — disse ele. — Sempre se deve limitar uma aposta.

Casey lançou-lhe um olhar.

— Algumas apostas a gente não limita.

— Algumas apostas a gente não pode limitar — disse ele, corrigindo-a com um sorriso. Com naturalidade, deu-lhe o braço, e voltou a pousar a mão no colo. O contato agradou aos dois. Era a primeira vez que realmente se tocavam. Durante todo o passeio que tinham dado do Hotel Mandarin às barcas, Casey tivera vontade de tomar-lhe o braço. Mas lutara contra o impulso, e agora fingia não notar que estavam de braços dados, embora, instintivamente, se houvesse aproximado dele mais uma fraçãozinha.

— Casey, você nunca acabou de contar a história de George Toffer... despediu-o?

— Não, não o despedi, pelo menos não do jeito que imaginava. Quando obtivemos o controle acionário, fui até a sua sala. Claro que ele estava louco da vida, mas, àquela altura, eu já tinha descoberto que ele não era o herói que alegava ser, e mais outras coisinhas. Ele apenas agitou uma das minhas cartas sobre o dinheiro que me devia na minha cara, e berrou que eu jamais o teria de volta, jamais. — Ela deu de ombros. — É verdade, mas fiquei com a companhia dele.

— O que aconteceu com ele?

— Ainda está por aí, passando a perna em alguém. Escute, vamos parar de falar nele. Causa-me indigestão.

— Deus a livre! — riu-se ele. — Que noite fantástica, não é?

— É. — Haviam jantado impecavelmente no Dragon Room, no alto do hotel. Chateaubriand, batata palha, salada e creme brûlée. O vinho era chateau-lafite. — Comemoração? — perguntara ela.

— Só um obrigado pelo First Central de Nova York.

— Ah, Ian! Concordaram?

— Murtagh concordou em tentar.

Levaram apenas alguns segundos para acertar os termos baseados na concordância do banco com o financiamento que

Casey estabelecera como possível: cento e vinte por cento do custo dos dois navios, um fundo de crédito de cinquenta milhões.

— Tudo isso coberto pela sua garantia pessoal? — perguntara Murtagh.

— Sim — respondera, comprometendo o seu futuro e o de sua família.

— Nós... eu acredito que com a bela administração da Struan o senhor obterá lucro, portanto o nosso dinheiro está seguro e... mas, sr. Dunross, temos que manter isso secreto como o diabo. Nesse meio tempo, vou dar a minha cantada — dissera Murtagh, tentando disfarçar o nervosismo.

— Por favor, sr. Murtagh, a melhor cantada que puder. Que tal fazer-me companhia nas corridas amanhã? Lamento não poder convidá-lo para almoçar, pois minha tribuna já está abarrotada, mas eis aqui um passe, se estiver livre das duas e meia em diante.

— Puxa, tai-pan, está falando sério?

Dunross sorriu consigo mesmo. Em Hong Kong, ser convidado para a tribuna de um organizador ou administrador eqüivalia a ser apresentado à corte, e era igualmente útil.

— Por que está sorrindo, tai-pan? — perguntou Casey, mudando ligeiramente de posição, sentindo o calor dele.

— Porque, no momento, tudo vai bem no mundo. Pelo menos, todos os diversos problemas estão nos seus compartimentos.

Enquanto desembarcavam e saíam do terminal das barcas, explicou sua teoria. A única maneira de lidar com os problemas era a asiática: colocá-los em compartimentos individuais e ir pegando-os somente quando se estivesse pronto para eles.

— É uma boa, se for possível — disse ela, andando junto dele, mas agora sem tocá-lo.

— Se não for, a gente estoura... úlceras, ataques cardíacos, velhice antes do tempo, saúde estragada.

— A mulher chora, é sua válvula de escape. Chora, e depois se sente melhor.

Casey tinha chorado antes de sair do Vic para ir encontrá-lo. Por causa de Linc Bartlett. Parte raiva, parte frustração, parte desejo, parte necessidade... necessidade física. Fazia seis meses que tivera seu último caso, como sempre raro, casual e muito breve. Quando a necessidade ficava muito forte, ela ia viajar por alguns dias, para esquiar ou tomar sol, e escolhia aquele a quem permitia que entrasse na sua cama. Então, com a mesma rapidez, esquecia-se dele.

— Ah, mas não é muito ruim, Ciran-Chek — dissera-lhe a mãe certa vez —, ser assim tão insensível?

— Ah, não, mamãe querida — retrucara. — É uma troca justa. Gosto de sexo... quero dizer, gosto quando estou com disposição, embora tente ficar com disposição o menos freqüentemente possível. Amo o Linc, e só ele. Mas acho...

— Como pode amá-lo e ir para a cama com outra pessoa?

— Não, não é fácil, na verdade é horrível. Mas, mamãe, dou um duro danado trabalhando para o Linc, sem fins de semana ou domingos. Dou duro trabalhando para todos nós, para você, tio Tashjian, Marian e os meninos. Sou eu quem ganha o pão, agora que Marian ficou só, e adoro isso, gosto de verdade, você sabe que sim. Mas, às vezes, a barra fica pesada demais, portanto eu me afasto de tudo. E é então que escolho um parceiro. Sinceramente, mamãe, é só uma coisa biológica, não há diferença nesse setor entre nós e os homens. E agora que temos a bendita pílula, nós podemos escolher. Não é como no seu tempo, graças a Deus, minha querida...

Casey se afastou para evitar uma falange de pedestres que vinha na sua direção e deu um ligeiro encontrão em Dunross. Automaticamente, ela tomou-lhe o braço. Ele não o retirou.

Desde que tinha pedido igualdade, à tarde, e fora recusada... "Não, isso não é justo, Casey", disse com seus botões, "Ian não me recusou, apenas me disse a verdade, do seu ponto de vista. Do meu? Não sei. Não tenho certeza. Mas uma coisa que não sou é idiota. Esta noite me vesti com apuro, de modo um pouco diferente, pus perfume e realcei a maquilagem; e esta noite morde a língua de três a trinta vezes e me contive, sem dar troco, agindo mais convencionalmente, dizendo meigamente: 'Que interessante!'

"E, de um modo geral, foi mesmo. Ele foi atencioso, divertido, receptivo, e eu me senti ótima. Ian é sem dúvida um homem e tanto! Perigoso e tão tentador!"

A larga escadaria de mármore que levava ao Vic estava bem à frente. Discretamente, ela soltou o braço dele, e sentiu-se mais ligada a ele pela sua própria compreensão.

— Ian, você é um homem sensato. Acha justo fazer amor com alguém... que a gente não ama?

— Como? — Levou um susto, que quebrou a sensação agradável que sentia. A seguir, falou, de brincadeira: — "Amor" é uma palavra ocidental, moça. Eu, eu sou chinês!

— Estou falando sério. Ele riu.

— Não acho que seja a hora de ser sério.

— Mas você tem uma opinião?

— Sempre.

Subiram as escadas e entraram no saguão, que estava lotado mesmo àquela hora tardia. Imediatamente, ele sentiu muitos olhares, e reconhecimento. Fora exatamente por isso que não a deixara nas escadas. "Cada bocadinho ajuda", pensou. "Devo aparentar calma e confiança. A Casa Nobre é inviolável! Não posso me permitir o luxo do medo normal... ele extravasaria e destruiria outras pessoas, e os danos seriam incalculáveis."

— Quer tomar alguma coisa? — perguntou. — Não estou com sono. Quem sabe Linc virá nos fazer companhia, se estiver no hotel.

— Boa idéia. Um chá com limão seria ótimo.

O maitre sorridente apareceu milagrosamente. Com uma mesa vazia.

— Boa noite, tai-pan.

— Boa noite, Gup Noturno.

— Chá com limão também está ótimo para mim — disse ela. Um garçom se afastou apressadamente. — Vou dar uma olhada nos meus recados.

— Pois não.

Dunross observou-a enquanto ela se afastava. Naquele dia, desde o primeiro momento no saguão do Mandarin, ele notara que ela estava muito mais feminina. Nada muito ostensivo, apenas uma mudança sutil. "Mulher interessante. Uma sexualidade esperando para explodir. Que diabo, como vou ajudá-la a obter rapidamente o seu dinheiro do dane-se?"

Gup Noturno mexia-se daqui para ali, e falou baixo, em cantonense:

— Tai-pan, estamos torcendo para que o senhor se saia bem com a Bolsa de Valores e a Segunda Grande Casa.

— Obrigado.

Dunross bateu papo por algum tempo, transpirando confiança, depois voltou o olhar para Casey, no balcão de recepção. Os velhos olhos argutos de Gup Noturno brilharam.

— O contrabandista de armas não está no hotel, tai-pan.

— Não?

— Não. Saiu cedo com uma jovem. Por volta das dezenove. Eu acabava de entrar de serviço — disse o velho, despreocupadamente. — O contrabandista de armas estava vestido muito informalmente. Para um passeio de barco, suponho. A moça ia com ele.

Dunross agora estava concentrado.

— Há muitas moças em Hong Kong, Gup Noturno.

— Não como essa, tai-pan. — O velho deu uma risadinha controlada. — No passado foi amante do Barba Negra.

— Eeee, Velho, você tem olhos vivos, e uma boa memória. Tem certeza?

— Ah, toda a certeza! — Gup Noturno ficou encantado com a maneira pela qual a sua novidade foi recebida. — É — acrescentou, altaneiro —, já que ouvimos dizer que os americanos podem se unir

à Casa Nobre se o senhor conseguir se livrar de todos esses outros fornicadores, talvez seja bom para o senhor saber disso. Também que a Pêlos Púbcos Dourados trocou de quar...

— Quem?

Gup Noturno explicou o motivo do apelido.

— Imagine só, hem, tai-pan?

Dunross soltou um suspiro, como sempre atônito com a rapidez com que uma fofoca voava.

— Ela trocou de quarto?

— Trocou. Está no fim do corredor, no 276, no mesmo andar. Eeee, tai-pan, soube que ela chorou à noite, faz duas noites, e de novo hoje à noite, antes de sair. É. A Terceira Arrumadeira Fung viu-a chorando hoje.

— Tiveram uma briga? Ela e o contrabandista de armas?

— Não, briga não, nada de gritos. Mas, oh ko, se a Pêlos Púbcos Dourados está sabendo da flor Orlanda, é motivo suficiente

para os dragões arrotarem. — Gup Noturno deu um sorriso cheio de dentes para Casey quando ela voltou, a mão cheia de telegramas e recados. Dunross notou que agora havia uma sombra no seu olhar. Nenhum recado de Linc, concluiu, pondo-se de pé. Gup Noturno solicitamente afastou a cadeira para ela, serviu o chá, continuando no seu cantonense de sarjeta: — Não ligue, tai-pan, Pêlos Púbicos Dourados ou não, no escuro é tudo a mesma coisa, heya?

O velho soltou uma risadinha abafada e se retirou.

— Problemas? — perguntou Dunross, olhando para os papéis.

— Ah, não, apenas os mesmos. — Olhou-o direto nos olhos. — Já os separei por assunto para amanhã. A noite hoje é minha. Linc ainda não voltou. — Sorveu o seu chá, saboreando-o. — Assim, posso monopolizar você.

— Pensei que eu é que a estava monopolizando. Não é... Interrompeu-se ao ver que Robert Armstrong e Sinders entravam pelas portas giratórias. Os dois homens ficaram parados na entrada, procurando uma mesa.

— A sua polícia faz serão — comentou Casey, e fez um aceno meio a contragosto quando o olhar dos homens pousou neles. Os dois homens hesitaram, depois dirigiram-se para uma mesa vazia, na outra extremidade da sala. — Gosto de Armstrong — disse. — O outro também é da polícia?

— Suponho que sim. Onde foi que conheceu Robert? Ela lhe contou.

— Ainda nada sobre as armas contrabandeadas. De onde vieram, ou Já o que seja.

— Que coisa desagradável!

— Quer tomar um conhaque?

— Por que não? A saideira, depois tenho que ir embora. Garçom! — Pediu as bebidas. — O carro estará aqui amanhã às doze em ponto, para apanhá-los.

— Obrigada. Ian, o convite diz: "Senhoras, chapéus e luvas". É pra valer?

— Claro que sim. — Franziu a testa. — As senhoras sempre usaram chapéus e luvas nas corridas. Por quê?

— Vou ter que comprar um chapéu. Há anos que não uso chapéu.

— Para falar a verdade, gosto das senhoras de chapéu. Dunross lançou um olhar pela sala. Armstrong e Sinders observavam-nos disfarçadamente. "Será uma coincidência estarem aqui?", perguntou-se.

— Também está sentindo os olhares, tai-pan? Todo mundo aqui parece conhecê-lo.

— Não sou eu, é apenas a Casa Nobre, e o que eu represento.

Chegou o conhaque.

— Saúde! — exclamaram, tocando os copos.

— Quer responder à minha pergunta agora?

— A resposta é sim.

Girou o conhaque no copo e aspirou o buquê.

— Sim, o quê? Abruptamente, ele abriu um sorriso.

— Sim, nada; sim, não é justo; mas, sim, acontece o tempo todo, e não vou me meter numa daquelas belezas de auto-análise tipo "Parou de bater na sua mulher recentemente?", embora pareça que a maioria das senhoras goste de apanhar ocasionalmente, mas com muito cuidado, com ou sem chapéu!

Ela riu, e a maioria das sombras desapareceu.

— Depende, não é?

— Depende!

Ele a observava, o sorriso calmo e sereno no rosto, pensando. E ela estava pensando: "Depende de quem, quando, onde e da oportunidade, circunstância e necessidade, e agora seria fantástico".

Estendeu o copo e tocou no dela.

— Saúde — disse. — E à terça-feira.

Ela retribuiu o sorriso e ergueu o copo, o coração batendo mais depressa.

— É.

— Tudo pode esperar até Iá. Não pode?

— É, espero que sim, Ian.

— Bem, já vou indo.

— Diverti-me muito.

— Eu também.

— Obrigada pelo convite. Amanhã... Interrompeu-se quando Gup Noturno aproximou-se rapidamente.

— Com licença, tai-pan, telefone.

— Ah, obrigado. Já estou indo. — Dunross soltou um suspiro.
— Não há descanso para os maus! Vamos, Casey?

— Claro, claro, tai-pan. — Levantou-se, o coração batendo forte, sentindo uma dor triste e doce possuí-la. — Pode deixar que eu pago a conta!

— Obrigado, mas isso já está resolvido. Eles a mandarão para o escritório. — Dunross deixou uma gorjeta e acompanhou-a até os elevadores, ambos cômicos dos olhares que os seguiam. Por um segundo ele se sentiu tentado a subir com ela, só para aumentar as fofocas. "Mas isso seria realmente tentar o demônio, e já tenho demônios de sobra me tentando", pensou. — Boa noite, Casey, até amanhã, e não se esqueça do coquetel das sete e meia às nove da noite. Lembranças ao Linc!

Acenou alegremente e se dirigiu ao balcão de recepção.

Ela o viu afastar-se, alto, imaculado e confiante. As portas do elevador se fecharam. "Se não estivéssemos em Hong Kong, você não me escaparia. Não esta noite, Ian Dunross. Ah, não, esta noite faríamos amor. Ora se faríamos!"

Dunross parou na recepção e atendeu ao telefone.

— Pronto, aqui é Dunross.

— Tai-pan?

— Oh, alô, Lim — disse, reconhecendo a voz do mordomo. — O que foi?

— O sr. Tip Tok-toh acaba de telefonar, senhor. — O coração de Dunross começou a bater mais depressa. — Pediu-me que tentasse encontrá-lo e que o senhor ligasse para ele, por favor. Disse que podia ligar até as duas horas, ou então depois das sete da manhã.

— Obrigado. Mais alguma coisa?

— A srta. Claudia ligou às oito e disse que instalou sua convidada... — Um barulhinho de papel —... sra. Gresserhoff, no hotel, e que o seu compromisso das onze no seu escritório está confirmado.

— Ótimo. Que mais?

— A senhora ligou de Londres... por Iá tudo bem... e um dr. Samson, de Londres.

— Ah! — O especialista de Kathy. — Deixou o número do telefone? — Lim disse o número, e ele o anotou. — Mais alguma coisa?

— Não, tai-pan.

— A Filha Número Um já voltou?

— Não, tai-pan. A Filha Número Um chegou por volta das dezenove horas por alguns minutos, acompanhada de um rapaz, depois saíram.

— Era o Martin Haply?

— Sim, era, sim.

— Obrigado, Lim. Vou ligar para Tiptop, depois vou de barca para casa.

Desligou. Desejando um maior isolamento, foi até a cabine telefônica que ficava perto da papelaria. Discou.

— Weyyyy? Reconheceu a voz de Tiptop.

— Boa noite, aqui fala Ian Dunross.

— Ah, tai-pan! Um minutinho. — Ele ouviu o som de uma mão tapando o bocal e vozes abafadas. Esperou. — Ah, lamento tê-lo feito esperar. Recebi uma notícia muito perturbadora.

— Foi?

— Foi. Parece que sua polícia novamente está sendo como pulmões de cachorro e coração de lobo. Ela prendeu arbitrariamente um grande amigo seu, o superintendente Brian Kwok. Ele...

— Brian Kwok? — exclamou Dunross. — Mas por quê?

— Parece que foi falsamente acusado de ser espião da RPC e...

— Impossível!

— Concordo. Ridículo! O presidente Mao não tem necessidade de espiões capitalistas. Ele deve ser solto imediatamente, imediatamente... e se quiser sair de Hong Kong, devem permitir que saia e vá para onde desejar... imediatamente!

Dunross tentou pôr a cabeça para funcionar. Se Tiptop dizia que o homem chamado Brian Kwok devia ser solto imediatamente,

para sair de Hong Kong se assim o desejasse, então Brian era espião da RPC, um dos seus espiões, e isso era impossível, impossível, impossível.

— Eu... nem sei o que dizer — falou, dando a Tiptop a abertura de que precisava.

— Devo ressaltar que é impossível aos Velhos Amigos sequer pensarem em ajudar os Velhos Amigos, quando a polícia deles está tão errada. Heya?

— Concordo — ouviu-se dizer, com a dose certa de preocupação, gritando intimamente: "Deus todo-poderoso, estão querendo trocar o Brian pelo dinheiro!" — Eu... vou falar com as autoridades logo de manhã cedo...

— Talvez pudesse fazer alguma coisa ainda hoje.

— É muito tarde para ligar para o governador, mas... — Então, Dunross lembrou-se de Armstrong e Sinderson, e seu coração deu um salto. — Vou tentar. Imediatamente. Estou certo de que houve algum engano, sr. Tip. É. Deve ser um erro. De qualquer maneira, tenho certeza de que o governador estará pronto a ajudar. E a polícia. Com certeza... um engano desses poderá ser corrigido satisfatoriamente... como o pedido do Victoria para o uso temporário do dinheiro vivo do ilustre banco?

Fez-se um longo silêncio.

— É possível que isso possa ser feito. É possível. Os Velhos Amigos devem ajudar os Velhos Amigos, e ajudar a corrigir enganos. É, pode ser possível.

Dunross ouviu o "quando" não dito que ficou pendente, e automaticamente continuou a negociação, a maior parte da sua mente ainda atordoada com o que Tiptop lhe contara.

— O senhor recebeu o meu bilhete, sr. Tip? Já cuidei de todo o resto. A propósito, o Victoria terá prazer em ajudar no financiamento do tório. — Acrescentou, delicadamente: — Assim como na maioria dos futuros pedidos... em termos vantajosos.

— Ah, sim, obrigado. Sim, recebi o seu bilhete e seu convite muito gentil. Lamento que eu não estivesse me sentindo bem. Obrigado, tai-pan. Por quanto tempo o seu governo vai querer o empréstimo do dinheiro vivo, caso ele seja possível?

— Suponho que trinta dias seriam mais do que suficientes, talvez até mesmo duas semanas. Mas é o Victoria, o Blacs e os outros bancos, e não o governo de Hong Kong. Posso dar-lhe a resposta amanhã. Teremos o privilégio de recebê-lo para o almoço, amanhã nas corridas?

— Lamento não poder almoçar, mas quem sabe depois do almoço, se for possível.

Dunross deu um sorriso amargo. A conciliação perfeita.

— Naturalmente.

— Obrigado por telefonar. A propósito, o sr. Yu ficou muito impressionado com o senhor, tai-pan.

— Por favor, dê-lhe lembranças minhas. Espero vê-lo em breve. Em Cantão.

— Fiquei atônito ao ler os comentários do seu cunhado sobre o Reino Médio.

— É. Eu também. Minha mulher e o irmão não se dão há anos. Os pontos de vista dele são estranhos, inimigos, e totalmente errôneos. — Dunross hesitou. — Espero neutralizá-lo.

— É. Concordo. Obrigado. Boa noite. O aparelho ficou mudo.

Dunross desligou. "Santo Deus! Brian Kwok! E eu quase dei a ele os papéis do Alan. Santo Deus!"

Pondo as idéias em ordem com grande esforço, voltou para o saguão. Armstrong e Sinderson ainda estavam lá.

— Boa noite, posso sentar-me com vocês um minuto?

— Claro, sr. Dunross. Que surpresa agradável. Posso oferecer-lhe uma bebida?

— Chá, chá chinês, obrigado.

A mesa deles ficava afastada das outras e, quando achou seguro, Dunross inclinou-se para a frente.

— Robert, ouvi dizer que vocês prenderam o Brian Kwok — falou, ainda na esperança de que não fosse verdade. Os dois homens o fitaram.

— Quem lhe contou? — perguntou Armstrong. Dunross repetiu a conversa. Os dois homens ouviram sem fazer comentários, embora, de vez em quando, se entreolhassem.

— Obviamente, é uma troca — disse. — Ele pelo dinheiro.

Sinders sorveu o seu chocolate quente.

— Qual a importância do dinheiro?

— Total. É urgente. — Dunross enxugou a testa. — Esse dinheiro acabará totalmente com as corridas aos bancos, sr. Sinders. Temos que...

Interrompeu-se, horrorizado.

— O que foi? — indagou Sinders.

— Lembrei-me subitamente do que Alan escreveu no relatório interceptado. Que "...o agente infiltrado na polícia pode ser ou não parte da Sevrin". Ele é?

— Quem?

— Puta que o pariu, não brinque comigo! — disse Dunross, irritado. — Isso é sério. Achar que sou algum idiota? Há um agente da Sevrin na Struan. Se o Brian faz parte da Sevrin, tenho o direito de saber.

— Concordo plenamente — disse Sindere, sereno, embora seus olhos estivessem duros como pedra. — No momento em que o traidor for descoberto, pode ficar descansado que será avisado. Tem alguma idéia de quem possa ser?

Dunross sacudiu a cabeça, controlando a raiva. Sindere observou-o.

— O senhor dizia "temos que..." Temos que fazer o quê, sr. Dunross?

— Temos que pôr as mãos naquele dinheiro imediatamente. O que foi que o Brian fez?

Depois de um momento, Sindere disse:

— Os bancos só abrem na segunda-feira. Quer dizer que segunda é o Dia D?

— Suponho que os bancos precisem do dinheiro antes disso, para abrir e ter o dinheiro nos guichês. Que diabo o Brian fez?

Sindere acendeu um cigarro para si e outro para Armstrong.

— Se esse tal de Brian foi mesmo preso, não creio que seja uma pergunta muito discreta, sr. Dunross.

— Eu teria apostado qualquer coisa — disse o tai-pan, desconsolado —, qualquer coisa, mas o Tiptop jamais sugeriria uma troca se não fosse verdade. Jamais. O Brian deve ser superimportante. Porra, o que falta mais acontecer neste mundo? Vocês cuidarão da troca, ou o sr. Crosse cuidará... imagino que a aprovação do governador será necessária.

Pensativamente, o chefe da MI-6 soprou a ponta do seu cigarro.

— Duvido que haja uma troca, sr. Dunross.

— E por que não? O dinheiro é mais impor...

— É uma questão de opinião, sr. Dunross, se esse Brian Kwok está realmente preso. De qualquer maneira, o governo de Sua Majestade não se submeteria à chantagem. De muito mau gosto.

— Concordo. Mas Sir Geoffrey vai concordar prontamente.

— Duvido. Ele me deu a impressão de ser esperto demais para isso. Por falar em troca, sr. Dunross, pensei que o senhor ia nos dar as pastas de Alan M. Grant.

Dunross sentiu uma pontada fria na boca do estômago.

— E dei, hoje à noite.

— Puta que o pariu, não brinque comigo, isso é sério! Acha que sou algum idiota? — disse Sindere no tom exato que Dunross usara. Abruptamente, deu uma risada seca e continuou na mesma calma gélida: — O senhor sem dúvida nos deu uma versão delas, mas infelizmente não se comparam em qualidade à que foi interceptada. — Os olhos do homem desmazelado ficaram ainda mais duros e curiosamente ameaçadores, embora sua fisionomia não se tivesse alterado. — Sr. Dunross, o seu subterfúgio foi habilidoso, elogiável, mas desnecessário. Nós realmente queremos aquelas pastas, as originais.

— Se essas não o satisfazem, por que não dá uma busca nos papéis de Alan?

— Já dei. — Sindere sorriu sem humor. — Bem, é como aquele velho ditado do ladrão: "A bolsa ou a vida". A posse dessas pastas pode ser letal para o senhor. Concorda, Robert?

— Sim, senhor.

Sinders tirava baforadas do seu cigarro.

— Com que então, sr. Dunross, o seu sr. Tiptop quer fazer uma troca, hem? Todo mundo em Hong Kong parece gostar de trocas, de comércio. Está no ar, não é? Mas para isso é preciso dar um valor por outro igual. Imagino que se quer concessões para obter concessões do inimigo... bem, no amor e na guerra vale tudo, ao que dizem. Não é?

Dunross manteve a fisionomia impassível.

— É o que dizem. Amanhã cedinho vou falar com o governador. Vamos manter isso estritamente confidencial até que eu tenha conversado com ele. Boa noite.

Ficaram olhando enquanto ele cruzava as portas giratórias e desaparecia.

— O que você acha, Robert? Dunross trocou mesmo as pastas?

Armstrong soltou um suspiro.

— Não sei. O rosto dele nada revelou. Eu o observei atentamente. Nada. Mas ele é vivíssimo.

— É. — Sindors ficou pensando um momento. — Quer dizer que o inimigo quer fazer uma troca, hem? Eu diria que teremos nas mãos o referido cliente por vinte e quatro horas, no máximo. Quando vai fazer o próximo interrogatório?

— Às seis e meia.

— Ah! Bem, se você vai começar tão cedo, é melhor irmos andando. — Sindors pediu a conta. — Vou consultar o sr. Crosse, mas já sei o que ele vai dizer... na realidade o que Londres ordenou.

— O quê, senhor?

— Eles estão preocupadíssimos porque o cliente teve conhecimento de segredos em demasia, no curso feito no estado-maior, na Real Polícia Montada Canadense. — Sindors hesitou de novo. — Pensando melhor, Robert, independentemente do que o sr. Dunross faça, nossa única solução é apreciar o processo interrogatório. É. Vamos cancelar a sessão das seis e meia, continuar com a programação de hora em hora, desde que ele esteja medicamente apto, e jogá-lo no Quarto Vermelho. Armstrong empalideceu.

— Mas senhor...

— Lamento — disse Sindera, a voz gentil —, sei que ele é seu amigo, era amigo, mas agora o sr. Tiptop e o sr. Dunross roubaram o nosso tempo.

Sábado

62

9h32m

O jato da Jal vindo de Tóquio voou baixo sobre o mar e pousou perfeitamente em Kai Tak, com uma rajada de fumaça junto às rodas. Imediatamente, os motores engrenaram em ré, e ele foi uivando em direção ao complexo do aeroporto, desacelerando.

Passageiros, tripulantes e visitantes lotavam o terminal movimentado, as áreas da alfândega, a Imigração e as salas de espera. Partir era fácil. Chegar era razoavelmente fácil. Exceto para os japoneses. Os chineses têm boa memória. Os anos da ocupação japonesa da China e Hong Kong durante a guerra estavam próximos demais, fortes demais, violentos demais para serem esquecidos. Ou perdoados. Assim, os cidadãos japoneses eram examinados mais atentamente. Até mesmo os membros da tripulação da jal que chegava, até as aeromoças graciosas, bonitas, educadas, algumas das quais mal haviam nascido quando a ocupação terminou, também recebiam de volta os seus documentos de viagem com um olhar gélido.

Atrás deles, na fila, estava um americano.

— Bom dia — disse, entregando o passaporte para o funcionário.

— Bom dia.

O jovem chinês abriu o passaporte e olhou para a foto e o homem, depois folheou o caderno para encontrar o visto. Sem ser notado, seu pé tocou um interruptor oculto, que alertou Crosse e Sindere, que estavam numa sala de observação próxima. Foram até o espelho unilateral e olharam para o homem que esperava na Imigração, à frente de uma das seis grandes filas de passageiros.

O passaporte, tirado há um ano, dizia "Vincenzo Banastasio, sexo masculino, nascido na cidade de Nova York, em 16 de agosto de 1910. Cabelos grisalhos, olhos castanhos". Com naturalidade, o funcionário examinou os outros vistos e carimbos: Inglaterra, Espanha, Itália, Holanda, México, Venezuela, Japão. O funcionário carimbou o caderno cinzento e devolveu-o com indiferença.

Banastasio passou pela alfândega, com uma cara pasta de crocodilo debaixo do braço, carregando bebida livre de impostos numa vistosa sacola de plástico, a máquina fotográfica balançando ao ombro.

— Sujeito bonito — comentou Sinders. — Ele se cuida. Viram enquanto ele desaparecia no meio da multidão.

Crosse ligou o rádio portátil.

— Ele já está na mira de vocês? — perguntou.

— Sim, senhor — veio a resposta instantânea pelo rádio.

— Vou continuar o controle nessa frequência. Avisem-me de qualquer novidade.

— Sim, senhor.

— Não vamos ter problemas para segui-lo — disse Crosse a Sinders.

— Não. Ainda bem que o vi. Sempre gosto de ver um inimigo em carne e osso.

— E ele é? Inimigo?

— O sr. Rosemont acha que sim. E você?

— Estou me referindo a ser nosso inimigo. Estou certo de que é um vigarista... o que não sei é se tem algo a ver com os Serviços de Informação.

Sinders soltou um suspiro.

— Já verificou as escutas? — Já.

No fim da noite anterior, uma equipe de peritos do sei colocara secretamente escutas no quarto que Banastasio reservara no Hilton, assim como no escritório e na suíte particular de Ng Fotógrafo, Vee Cee Ng.

Esperaram pacientemente. Sobre a mesa, o rádio sibilava e estalava ligeiramente.

Depois de uma pausa, Sindere perguntou distraidamente:

— E quanto ao nosso outro cliente?

— Quem? Kwok?

— É. Quanto tempo acha que vai demorar?

— Não muito — respondeu Crosse, sorrindo consigo mesmo.

— Quando vão colocá-lo no Quarto Vermelho?

— Pensei que por volta do meio-dia. Antes, se ele estiver pronto.

— Armstrong vai conduzir o interrogatório?

— Vai.

— Armstrong é um bom homem. Portou-se muito bem no Ivánov.

— Da próxima vez, incomoda-se de me deixar a par? Afinal de contas, aqui é a minha área.

— Claro, Roger. Foi uma súbita decisão de Londres.

— Que história é essa? Sobre a convocação de domingo.

— O ministro está mandando instruções especiais. — Sindors franziu o cenho. — A folha de Brian diz que ele é forte. Não temos muito tempo. Ele deve ter sido muito bem doutrinado, para ficar enterrado tão fundo, tanto tempo.

— É, sim. Mas estou muito confiante. Desde que mandei construir o quarto, eu próprio já o experimentei três vezes. O máximo que agüentei ficar foi cinco minutos, e todas as vezes passei mal pra burro. E olhe que não tinha sofrido o processo de desorientação. Estou confiante em que não teremos problemas. — Crosse apagou o cigarro. — É muito eficaz... uma cópia exata do protótipo do KGB.

Depois de um momento, Sindors disse:

— É uma pena que esses métodos tenham que ser usados. Muito desagradáveis. Revoltantes, na verdade. Eu os admitia quando... bem, mesmo então suponho que nossa profissão nunca tenha sido muito limpa.

— Quer dizer durante a guerra?

— É. Devo dizer que os admitia, então. Naquela época não havia hipocrisia por parte de alguns dos nossos líderes... ou dos meios de comunicação. Todos compreendiam que estávamos em guerra. Mas hoje, quando a nossa própria sobrevivência está ameaçada, nós... — Sinders interrompeu-se, depois apontou. — Olhe, Roger, aquele não é Rosemont?

O americano estava parado com outro homem junto à porta de saída.

— É, sim. E aquele é o Langan, junto com ele. O homem do FBI — disse Crosse. — Ontem à noite concordei em trabalhar com ele no caso Banastasio, embora o que eu quisesse mesmo é que aquele maldito pessoal da CIA nos deixasse fazer o nosso serviço em paz.

— É, eles estão mesmo se tornando muito difíceis. Crosse apanhou o rádio e foi saindo na frente.

— Stanley, ele está bem vigiado. Concordamos ontem à noite que, nesta operação, cuidamos dessa parte, vocês cuidam do hotel. Certo?

— Claro, claro, Rog. Bom dia, sr. Sinders. — Com ar sombrio, Rosemont apresentou Langan, que estava igualmente tenso. — Não estamos interferindo, Rog, embora o vagabundo seja um dos nossos

cidadãos. Não é por esse motivo que estamos aqui. Vim me despedir do Ed.

— É?

— É — disse Langan. Estava tão cansado e abatido quanto Rosemont. — São aquelas fotocópias, Rog. Os papéis de Thomas K. K. Lim. Tenho que entregá-los pessoalmente. Para o FBI. Li parte deles para o meu chefe, e ele quase fundiu a cuca.

— Posso imaginar.

— Há um pedido na sua mesa, para que fiquemos com os originais e...

— De jeito algum — respondeu Sindors por Crosse. Langan deu de ombros.

— Há um pedido na sua mesa, Rog. Suponho que seus superiores enviarão ordens do céu, se os nossos realmente precisarem deles. É melhor eu embarcar. Escute, Rog, nem sei como lhe agradecer. Nós... fico lhe devendo uma. Aqueles filhos da mãe... é, nós ficamos lhe devendo uma.

Apertaram-se as mãos, e ele saiu apressado para a pista.

— Qual foi a informação que fundiu a cuca do chefe dele, sr. Rosemont?

— São todas letais, sr. Sindere. É um golpe para nós, para nós e para o FBI, especialmente o FBI. Ed disse que o pessoal ficou histérico. As implicações políticas para os democratas e os republicanos são imensas. Tem razão. Se o senador Tillman, que tem esperança de ser candidato presidencial, e que está na cidade, pusesse as mãos nesses papéis, faria o diabo. — Rosemont não era mais a pessoa bem-humorada de costume. — Meus chefões mandaram telex para os nossos contatos sul-americanos para caçar o tal Thomas K. K. Lim, portanto não vai demorar muito e nós o estaremos entrevistando, pode apostar. O senhor receberá uma cópia, não se preocupe. Rog, havia mais alguma coisa?

— Como disse?

— Além desses papéis, havia mais alguma coisa que pudéssemos usar?

Crosse sorriu sem humor.

— Claro. Que tal um projeto para financiar uma revolução particular na Indonésia?

— Ah! Meu Deus!

— É. Que tal umas cópias fotostáticas de entendimentos para depósitos numa conta bancária francesa de um casal vietnamita muito importante... por favores específicos concedidos?

Rosemont ficou branco como cal.

— O que mais?

— Não chega?

— Há mais?

— Pela madrugada, Stanley! Claro que há mais. Vocês sabem, nós também sabemos. Sempre haverá mais.

— Pode dá-los para mim agora?

— O que pode fazer por nós? — perguntou Sinders. Rosemont fitou-os.

— Durante o almoço conver... O rádio deu sinal de vida:

— O alvo já pegou as malas e está saindo da alfândega, dirigindo-se para a fila de táxis... Agora, está... Agora, está... Espere, alguém veio recebê-lo, um chinês, bonito, roupas caras, não o estou reconhecendo... Estão se dirigindo para um Rolls, chapa HK... ah, é a limusine do hotel. Os dois homens estão entrando no carro.

Crosse falou no transmissor:

— Continue nessa frequência.

Mudou de frequência. Estática e ruídos de tráfego abafados.

Rosemont animou-se.

— Pô escuta na limusine? — Crosse fez que sim com a cabeça. — Formidável. Rog. Eu não teria feito isso!

Ficaram escutando, depois, nitidamente:

— ... gentileza sua vir me receber, Vee Cee — dizia Banastasio. — Que diabo, não devia ter vindo até aqui...

— Ah, é um prazer — replico» a voz educada. — Podemos conversar no carro, assim não precisará ir ao meu escritório, e depois em Ma...

— Claro, claro — a voz do americano sobrepujou a do outro.
— Escute, tenho uma coisa para você, Vee Cee.

Sons abafados, depois um súbito guincho estridente que dominou totalmente a onda de frequência, obliterando completamente a clareza e as vozes. Prontamente, Crosse mudou para outra frequência, e verificou que todas as outras funcionavam perfeitamente.

— Que merda! Ele está usando um barbeador portátil para nos bloquear — exclamou Rosemont, enojado. — O filho da mãe é um profissional! Aposto cinquenta contra um centavo furado como vão bloquear todas as escutas que tivermos, aposto cem que quando voltarem para esse canal estarão apenas batendo papo. Disse a vocês que o Banastasio era uma parada.

63

10h52m

— Tai-pan, o dr. Samson ligando de Londres. Está na linha 3.

— Oh, obrigado, Claudia. — Dunross apertou o botão. — Alô, doutor. Acorda tarde.

— Acabo de chegar do hospital... desculpe não ter ligado antes. Quer saber notícias da sua irmã, a sra. Gavallan?

— É, como vai ela?

— Bem, senhor, começamos outra série de exames rigorosos. Mentalmente, devo dizer que ela está em muito boa forma. Infelizmente, não posso dizer o mesmo da parte física...

Dunross escutou com o coração pesado, enquanto o médico entrava em detalhes sobre a esclerose múltipla, explicando que ninguém sabia muito sobre a doença, que não havia cura conhecida, e que a moléstia ocorria em níveis descendentes... uma vez que tivesse havido alguma deterioração da estrutura nervosa, não era possível, com a medicação atual, voltar ao nível anterior.

— Tomei a liberdade de chamar o professor Klienberg, da clínica da ucla em Los Angeles, para uma consulta... ele é o maior especialista na moléstia. Por favor, fique descansado que faremos tudo o que pudermos pela sra. Gavallan.

— Não me parece que o senhor possa fazer alguma coisa.

— Bem, não é assim tão grave, senhor. Se a sra. Gavallan se cuidar, descansar e for sensata, pode levar uma vida normal durante muitos anos.

— Quanto tempo é "muitos anos"?

Dunross ouviu a longa hesitação. "Ah, Kathy, pobre Kathy!"

— Não sei. Muitas vezes esse tipo de problema está nas mãos de Deus, sr. Dunross. Os doentes não seguem todos o mesmo

padrão. No caso da sra. Gavallan, eu poderia dar-lhe uma resposta melhor daqui a seis meses, quem sabe no Natal. Nesse meio tempo, já a inscrevi como paciente no serviço de saúde da previdência, assim...

— Não. Quero que ela seja paciente particular, dr. Sam-son. Por favor, mande todas as contas para o meu escritório.

— Sr. Dunross, não há diferença na qualidade do meu serviço. Ela apenas terá que aguardar um pouquinho na sala de espera, e ficar numa enfermaria, não num quarto particular do hospital.

— Por favor, que ela seja paciente particular. Eu prefiro, e o marido dela também.

Dunross ouviu o suspiro, e detestou-o.

— Muito bem — dizia o médico. — Tenho todos os seus telefones. Ligarei para o senhor tão logo o professor Klienbergr tenha feito o seu exame e os testes estejam concluídos.

Dunross agradeceu e repôs o fone no gancho. "Oh, Kathy, pobre e querida Kathy!"

Quando se levantara, ao alvorecer, conversara com ela e com Penelope. Kathy dissera-lhe que estava se sentindo melhor, e que Samson fora muito encorajador. Penn lhe dissera, mais tarde, que Kathy estava com um ar muito cansado.

— A coisa não está com boa cara, Ian. Há alguma chance de você poder vir para cá por uma ou duas semanas, antes de 10 de outubro?

— Não no momento, Penn, mas nunca se sabe.

— Vou levar Kathy para Avisyard logo que ela sair do hospital. No máximo na semana que vem. Ficaré melhor ali. O campo a fará melhorar, não se preocupe, Ian.

— Penn, quando chegar a Avisyard, quer ir até a Árvore dos Gritos por mim?

— O que aconteceu?

Ele ouviu a preocupação na voz dela.

— Nada, querida — falou, pensando em Jacques e Phillip Chen... "Como posso explicar isso?" — Nada de especial, o mesmo

de sempre. Só queria que você dissesse alô à nossa Árvore dos Gritos verdadeira.

— O nosso jacarandá aí não está servindo?

— Não, está ótimo, mas não é a mesma coisa. Quem sabe você devia trazer uma muda para Hong Kong.

— Não. É melhor a deixarmos onde está. Só assim você tem que voltar para casa, não é, Ian?

— Posso fazer uma aposta por você, para hoje à tarde? Nova pausa.

— Dez dólares no cavalo que escolher. Eu apoiarei a sua escolha. Sempre apoiarei a sua escolha. Ligue para mim amanhã. Amo você... tchau.

Lembrou-se da primeira vez em que ela dissera "Amo você", e, depois, mais tarde, quando ele a pedira em casamento, todas as recusas, até que, finalmente, no meio de um pranto sentido, o motivo real:

— Ah, Deus, Ian, não sirvo para você. Você é de classe alta, eu não. Meu modo de falar, tive que aprender. É, no começo da

guerra fui enviada para a zona rural... meu Deus, eu só tinha estado fora de Londres duas vezes, até então, em toda a minha vida, só até o litoral. Fui enviada para uma belíssima mansão em Hampshire, onde todas as outras garotas eram de uma das melhores escolas da classe alta. Byculla chamava-se a mansão. Houve uma confusão, Ian, e todo o meu colégio foi para outro lugar, só eu fui para Byculla, e foi só então que descobri que falava diferente, de modo diferente... está vendo, às vezes ainda me esqueço! Ah, Deus, não tem idéia de como foi horrível descobrir, tão garota, que eu era... vulgar, de fala vulgar, e que há diferenças tão ilimitadas na Inglaterra, no modo como falamos... o modo como falamos é uma coisa tão importante!

"Ah, como me esforcei para imitar as outras! Elas me ajudavam, e houve uma professora que foi maravilhosa para mim. Eu me joguei de cabeça na nova vida, na vida delas, e jurei me aperfeiçoar, e nunca mais voltar, nunca, nunca, nunca, e não vou. Mas não posso me casar com você, meu querido. Sejamos apenas amantes, jamais serei boa o bastante para você."

Mas, com o tempo, eles se casaram. Vovó Dunross a convencera. Penelope concordara, mas somente depois de ter ido sozinha até a Árvore dos Gritos. Nunca lhe contara o que havia dito.

"Tenho tanta sorte!", pensou Dunross. "Ela é a melhor mulher que um homem podia ter."

Desde que voltara da pista de corridas, ao amanhecer, ele trabalhara sem cessar. Meia centena de telegramas. Dúzias de

telefonemas internacionais. Inúmeros locais. Às nove e meia ligara para o governador, contando a proposta de Tiptop.

— Terei que consultar o ministro — dissera Sir Geoffrey. — O mais cedo que poderei telefonar para ele será às quatro da tarde. Ian, isso deve ser mantido em segredo absoluto. Ah, meu Deus, Brian Kwok deve ser importantíssimo para eles!

— Ou quem sabe apenas outra concessão conveniente para a entrega do dinheiro.

— Ian, não acredito que o ministro vá concordar com uma troca.

— Por quê?

— O governo de Sua Majestade pode considerá-lo um precedente, um mau precedente. Eu consideraria.

— O dinheiro é vital.

— O dinheiro é um problema temporário. Infelizmente, os precedentes são eternos. Esteve na pista?

— Sim, senhor.

— Que tal os cavalos?

— Pareciam todos em grande forma. Aleksei Travkin disse que Pilot Fish é o nosso maior concorrente, e que a pista vai estar macia. Noble Star está ótima, mas nunca correu em pista molhada.

— Vai chover?

— Sim. Mas talvez tenhamos sorte, senhor.

— Esperemos que sim. Que tempos terríveis, Ian. Enfim, essas coisas nos são enviadas para nos provar, não é? Vai ao enterro do John?

— Vou, senhor.

— Eu também. Coitado...

No enterro, de manhã, Dunross dissera palavras gentis sobre John Chen para não desmoralizar a Casa de Chen, e todos os ancestrais dos Chens que haviam servido bem e durante muito tempo à Casa Nobre.

— Obrigado, tai-pan — dissera Phillip Chen, simplesmente. — Sinto muito, mais uma vez.

Mais tarde, dissera em particular a Phillip Chen:

— Sentir muito não nos ajuda a sair da armadilha em que você e seu filho nos colocaram. Nem a resolver o problema do maldito Quatro Dedos e a terceira moeda.

— Eu sei, eu sei! — dissera Phillip Chen, torcendo as mãos. — Eu sei, e a não ser que possamos conseguir de volta as ações estamos arruinados, estamos todos arruinados! Oh ko, depois que você anunciou a alta, comprei e comprei, e agora estamos arruinados.

Dunross dissera vivamente:

— Temos o fim de semana, Phillip. Agora, escute-me, merda! Você vai pedir o troco de cada favor que lhe devem. Quero o apoio de Lando Mata e Tung Pão-Duro até a meia-noite de domingo. Pelo menos vinte milhões.

— Mas, tai-pan, não...

— Se isso não estiver nas minhas mãos até a meia-noite de domingo, quero o seu pedido de demissão na minha mesa até nove horas. Você não será mais o nosso representante nativo, seu filho estará excluído, e toda a sua linhagem estará excluída para sempre, e escolherei um novo representante, de outra linhagem.

Então, soltou pesadamente a respiração, odiando o fato de que Phillip Chen e John Chen — e provavelmente Jacques de Ville — houvessem traído a sua confiança. Foi até a bandeja e serviu-se de um pouco de café. Naquele dia, o gosto não lhe parecia bom. Os telefones não paravam de tocar, a maior parte dos telefonemas sobre o próximo colapso do mercado de capitais, do sistema bancário. Havergill, Johnjohn, Richard Kwang. Nada da parte do Pão-Duro, Lando Mata ou Murtagh. O único momento alegre fora o seu telefonema para David MacStruan, em Toronto:

— David, quero você aqui para uma reunião na segunda-feira. Pode...

Foi interrompido por um berro de alegria.

— Tai-pan, já estou a caminho do aeroporto. Bom...

— Agüente as pontas, David!

Explicara o seu plano de transferir Jacques para o Canadá.

— Oh, meu rapaz, se fizer isso, serei seu escravo para sempre!

— Vou precisar de mais do que escravos, David — dissera, cuidadosamente.

Fez-se uma longa pausa, e a voz do outro lado tornou-se mais dura.

— Qualquer coisa que quiser, tai-pan, já tem. Qualquer coisa.

Dunross sorriu, animado ao pensar no primo distante. Deixou o olhar vagar pela janela. O porto estava nublado, o céu pesado e escuro, mas ainda não havia chuva. "Ótimo", pensou, "contanto que não chova até depois de terminado o quinto páreo! Depois das quatro, pode chover. Quero esmagar Gornt e Pilot Fish e, oh, Deus, que o First Central libere o meu dinheiro, ou o Lando Mata ou o Pão-Duro ou a Par-Con! Sua aposta está coberta", disse a si mesmo, estoicamente, "de todas as maneiras possíveis. E Casey? Também estará tentando me lograr, como o Bartlett? E como o Gornt? E quanto a..."

— Tai-pan, seu compromisso das onze horas chegou — disse a voz de Claudia, pelo interfone.

— Claudia, venha aqui um segundo. — Tirou da gaveta um envelope que continha mil dólares e entregou-lhe. — Dinheiro para as apostas, conforme o prometido.

— Ah, obrigada, tai-pan.

Havia vincos de preocupação no rosto alegre dela, e sombras sob o sorriso.

— Vai ficar na tribuna de Phillip?

— Vou, sim. Tio Phillip me convidou. Ele... parece muito abalado — disse ela.

— É por causa do John. — Dunross não tinha certeza se ela sabia. "Provavelmente sabe", pensou, "ou logo saberá. Não há segredos em Hong Kong. " — Quais os seus favoritos?

— Winner's Delight no primeiro, Buccaneer no segundo.

— Dois azarões? — Fitou-a. — Tem alguém de dentro dando as dicas para você?

— Ah, não, tai-pan. — Um pouquinho do seu bom humor normal voltou. — É só palpite.

— E no quinto?

— Não vou apostar no quinto, mas estou torcendo por Noble Star. — Claudia acrescentou, preocupada: — Há algo que eu possa fazer para ajudar, tai-pan? Qualquer coisa? A Bolsa de Valores e... temos que dar um jeito de massacrar o Gornt.

— Até que gosto do Gornt... é mesmo um fang-pi. — A obscenidade cantonense era pitoresca, e ela achou graça. — Agora, faça entrar a sra. Gresserhoff.

— Sim, sim, tai-pan — disse Claudia. — E obrigada pelo h'eung yau!

Dali a um momento, Dunross se levantou para receber sua visitante. Era a mulher mais bela que já tinha visto.

— Ikaga desu ka? (Como vai?) — perguntou, estupefato, no seu japonês fluente, imaginando como podia ter sido casada com Alan Medford Grant, cujo nome, Deus do céu, também parece que era Hans Gresserhoff.

— Genki, tai-pan. Domo. Genki desu! Anatawa? (Bem, tai-pan, obrigada, e o senhor?)

— Genki.

Ele curvou-se ligeiramente e não apertou a mão dela, embora tivesse notado que suas mãos e pés eram pequeninos, as pernas, longas. Conversando fiado por um momento, depois ela passou a falar em inglês, com um sorriso.

— O senhor fala japonês muitíssimo bem, tai-pan. Meu marido, ele não me contou que o senhor era tão alto.

— Quer um pouco de café?

— Obrigada... ah, mas deixe que eu vá buscar para o senhor, também. — Antes que pudesse detê-la, ela já se dirigira para a bandeja de café. Observou enquanto ela servia, delicadamente. Entregou-lhe a primeira xícara, com uma pequena reverência. — Por favor. — Riko Gresserhoff, ou Riko Anjin, mal chegava a um metro e meio, perfeitamente proporcionada, com cabelos curtos e um belo sorriso, e pesaria uns quarenta e um quilos. Sua blusa e a saia eram de seda castanho-avermelhada, bem-talhadas, e francesas. — Obrigada pelo dinheiro para as despesas que a srta. Claudia me deu.

— Não é nada. Nós lhe devemos, ao espólio do seu marido, cerca de oito mil libras. Terei pronto um cheque administrativo para a senhora amanhã.

— Obrigada.

— Estou em dívida para com a senhora, sra. Gresserhoff. Sabe...

— Por favor, chame-me de Riko, tai-pan.

— Muito bem, Riko-san. Sabe tudo a meu respeito, mas nada sei da senhora.

— É. Meu marido disse que eu lhe devia contar o que quisesse saber. Disse que, depois que me tivesse certificado de que era o tai-pan, devia entregar-lhe um envelope que trouxe da parte dele para o senhor. Posso trazê-lo mais tarde? — Novamente, o pequeno sorriso interrogativo. — Por favor?

— Irei agora com a senhora e o apanharei.

— Ah, não, seria muito trabalho. Talvez eu possa trazê-lo para o senhor depois do almoço. Por favor?

— De que tamanho é o envelope? As mãozinhas dela mediram o ar.

— É um envelope comum, mas não muito grosso. Pode pô-lo facilmente no bolso.

O mesmo sorriso, de novo.

— Quem sabe não gostaria de... escute — disse, encantado com a presença dela. — Daqui a um ou dois minutos mando o carro ir levá-la. A senhora pega o envelope e volta para cá. — A seguir, acrescentou, sabendo que ia bagunçar os lugares marcados, mas pouco se importando: — Quer nos fazer companhia no almoço, no hipódromo?

— Ah, mas... mas teria que mudar de roupa e... ah, obrigada, não, iria lhe causar muito transtorno. Não poderia entregar a carta mais tarde, ou amanhã? Meu marido falou que só a entregasse nas suas mãos.

— Não precisa mudar de roupa, Riko-san, está linda. Ah, tem um chapéu?

Ela o fitou, perplexa.

— Como disse?

— É, bem, é costume nosso que as senhoras usem chapéus e luvas para as corridas. É um costume bobo, mas a senhora tem? Um chapéu?

— Tenho. Toda senhora tem um chapéu, naturalmente. Ele sentiu uma onda de alívio.

— Ótimo, então está tudo acertado.

— Bem, se é isso o que o senhor quer... — Levantou-se. — Posso ir, agora?

— Não, se tiver tempo, por favor, sente-se. Durante quanto tempo foram casados?

— Quatro anos. Hans... — Hesitou. Depois, falou com firmeza: — Hans mandou que eu lhe dissesse, mas só ao senhor, caso ele morresse e eu viesse para cá, como vim, que lhe dissesse que o nosso foi um casamento de conveniência.

— Como?

Ela enrubesceu um pouco, mas continuou:

— Por favor, desculpe, mas ele mandou que eu lhe dissesse. Foi uma conveniência para ambos. Consegui cidadania e passaporte suíços, e ele obteve alguém para cuidar dele quando ia à Suíça. Eu... não queria me casar, mas ele me pediu muitas vezes e... enfatizou que isso me protegeria quando ele morresse.

Dunross sobressaltou-se.

— Ele sabia que ia morrer?

— Acho que sim. Disse que o contrato de casamento era apenas de cinco anos, e que não devíamos ter filhos. Levou-me a um advogado de Zurique, que redigiu o contrato para cinco anos. — Abriu a bolsa, os dedos trêmulos, mas não a voz, e tirou de Iá um envelope. — Hans mandou que eu lhe entregasse isso: são cópias do contrato, minha certidão de nascimento e casamento, o testamento e a certidão de nascimento dele. — Pegou um lenço de papel e apertou-o contra o nariz. — Desculpe, por favor.

Cuidadosamente, desamarrou o barbante que envolvia o envelope e tirou de Iá uma carta.

Dunross aceitou-a. Reconheceu a letra de Alan.

"Tai-pan: Esta confirmará que minha mulher Riko Gresserhoff — Riko Anjin — é quem alega ser. Eu a amo de todo o meu coração. Ela merece e merecia alguém bem melhor do que eu. Se ela precisar de ajuda... por favor, por favor, por favor."

Estava assinada por Hans Gresserhoff.

— Não mereço marido melhor, tai-pan — disse numa vozinha triste e confiante. — Ele foi bom para mim, muito bom. E lamento que esteja morto.

Dunross a fitava.

— Ele estava doente? Sabia que ia morrer de alguma moléstia?

— Não sei. Nunca me contou. Um dos seus pedidos antes de... antes de eu me casar com ele, era que não lhe fizesse perguntas, não perguntasse aonde ia, por quê, ou quando ia voltar. Devia aceitá-lo como era. — Um ligeiro arrepio a percorreu. — Era muito difícil viver assim.

— Por que concordou em viver assim? Por quê? Sem dúvida não era necessário, não?

Riko hesitou de novo.

— Nasci no Japão, em 1939, e fui ainda bebê com meus pais para Berna... meu pai era um funcionário subalterno na embaixada japonesa ali. Em 1943, voltou ao Japão, mas deixou-nos em Genebra. Nossa família é... nossa família era de Nagasáqui. Em 1945 meu pai morreu, toda a nossa família morreu. Não havia motivo para voltar, e minha mãe quis ficar na Suíça. Por isso fomos morar em Zurique com um homem bom, que morreu há quatro anos. Ele... eles pagaram meus estudos e me sustentaram, e formávamos uma família feliz. Durante muitos anos eu soube que não eram casados, embora fingissem, e eu também. Quando ele morreu, não deixou dinheiro, ou deixou muito pouco. Hans Gresserhoff era conhecido desse homem, meu padrasto. O nome dele era Simeon Tzerak. Era uma pessoa deslocada, tai-pan, um apátrida nascido na Hungria que fora morar na Suíça. Antes da guerra era contador em Budapeste, ao que dizia. Minha mãe combinou meu casamento com Hans Gresserhoff. — Então, ergueu os olhos do tapete e olhou para ele. — Foi... foi um bom casamento, tai-pan, pelo menos eu me esforcei muito para ser o que meu marido e minha mãe queriam que eu fosse. Meu giri, meu dever, era obedecer a minha mãe, neh?

— É — disse ele bondosamente, compreendendo "dever" e "giri", a mais japonesa das palavras, a mais importante das palavras, que resume uma herança tradicional e um modo de vida. — Tenho certeza de que cumpriu perfeitamente o seu giri. E qual sua mãe acha que é o seu giri, agora?

— Minha mãe está morta, tai-pan. Quando meu padrasto morreu, não quis mais viver. Tão logo me casei, ela subiu uma montanha e esquiou para dentro de um precipício.

— Terrível.

— Ah, não, tai-pan, ótimo. Ela morreu como quis morrer, na hora e local da sua escolha. Seu homem estava morto, eu estava segura, o que mais lhe restava fazer?

— Nada — falou, escutando a suavidade da voz dela, a sinceridade, a calma. A palavra japonesa "wa" veio à sua cabeça: "harmonia". "É isso o que esta moça tem", pensou. "Harmonia. Vai ver que é isso o que lhe dá tanta beleza. Ayeeyah, quem me dera adquirir tal wa!"

Um dos seus telefones tocou.

— Sim, Claudia?

— É Aleksei Travkin, tai-pan. Desculpe, ele disse que era importante.

— Obrigado. — Para a moça, falou: — Dê-me licença um momento. Sim, Aleksei?

— Desculpe incomodar, tai-pan, mas Johnny Moore está doente e não vai poder montar.

Johnny Moore era o principal jóquei deles.

A voz de Dunross tornou-se mais cortante.

— Ele me pareceu bem, hoje de manhã.

— Está com uma febre de trinta e nove graus. O médico disse que pode ser intoxicação alimentar.

— Acha que mexeram na comida dele, Aleksei?

— Não sei, tai-pan, só sei que ele hoje não vai poder montar.

Dunross hesitou. Sabia que era melhor do que os seus demais jóqueis, embora o peso extra que Noble Star teria que carregar pudesse prejudicar o animal. "Devo ou não devo?"

— Aleksei, escale Tom Wong. Decidiremos antes do páreo.

— Sim. Obrigado. Dunross desligou.

— Anjin é um nome curioso — falou. — Quer dizer "piloto", ou "navegador", não é?

— Conta a lenda da minha família que um dos nossos ancestrais era um inglês que se tornou samurai e conselheiro do xógum Yoshi Toranaga, há muitos, muitíssimos anos. Temos muitas histórias, mas dizem que primeiro ele teve um feudo em Hemi, perto de Yokohama, depois foi com a família para Nagasáqui, como inspetor-geral de todos os estrangeiros. — De novo o sorriso, o dar de ombros, e a ponta da língua umedeceu-lhe os lábios. — É só uma lenda, tai-pan. Dizem que se casou com uma dama de alta linhagem chamada Riko. — A risadinha dela encheu o aposento. — Conhece os japoneses! Um gaijin, um estrangeiro, casando-se com uma dama de alta linhagem... como isso seria possível? Mas, de qualquer forma, é uma história agradável, e uma explicação para um nome, neh? — Ela se levantou, e ele também. — Preciso ir, agora. Sim?

"Não", ele teve vontade de dizer.

O Daimler preto parou diante do Vic, as armas da Struan discretamente pintadas nas portas. Casey e Bartlett esperavam no topo das escadas, Casey de vestido verde, constrangida num

chapeuzinho verde, redondo e de copa baixa, e em suas luvas brancas, Bartlett de ombros largos, a gravata azul combinando com o terno bem-talhado. Ambos estavam de cara fechada.

O chofer aproximou-se deles.

— Sr. Bartlett?

— Sim. — Desceram as escadas e foram ao seu encontro. — É nosso motorista?

— Sou, sim, senhor. Desculpe, senhor, mas os dois estão trazendo os distintivos de ingresso e os convites?

— Sim, aqui estão — respondeu Casey.

— Ah, ótimo. Desculpe, mas sem eles... Meu nome é Lim. O... bem... o costume é os cavalheiros prenderem os dois distintivos à lapela, e as senhoras geralmente usam um alfinete.

— Você é quem manda — disse Bartlett. Casey entrou no banco de trás, e ele a seguiu. Sentaram-se bem afastados. Em silêncio, começaram a pregar os pequenos distintivos, numerados individualmente.

Com ar inexpressivo, Lim fechou a porta, notando a frieza, rindo intimamente. Fechou a divisória elétrica de vidro e ligou o microfone do intercomunicador.

— Se quiser falar comigo, senhor, basta usar o microfone acima do senhor.

Pelo espelho retrovisor, viu Bartlett ligar momentaneamente o microfone.

— Certo, Lim, obrigado.

Tão logo Lim entrou no meio do tráfego, enfiou a mão sob o painel e tocou num botão oculto. Prontamente, ouviu-se a voz de Bartlett pelo alto-falante.

— ...vai chover?

— Não sei, Linc. O rádio disse que sim, mas está todo mundo rezando para que não chova. — Uma hesitação, depois friamente: — Ainda acho que está errado.

Lim recostou-se, satisfeito. Seu irmão mais velho, de toda a confiança, Lim Chu, mordomo dos tai-pans da Casa Nobre, conseguira que um outro irmão mais moço, um excelente mecânico de rádio, instalasse aquele interruptor secundário para que ele pudesse escutar o que diziam os passageiros. Custara muito caro, mas era para proteger o tai-pan, e o Irmão Mais Velho Lim ordenara que nunca devia ser usado quando o tai-pan estivesse no carro. Nunca, nunca, nunca. E nunca o fora. Ainda. Lim sentia-se nauseado à idéia de ser apanhado, mas a vontade deles de saber... naturalmente para proteger... superava sua ansiedade. "Oh, oh, oh", casquinava, "a Pêlos Púlicos Dourados está mesmo uma fera!"

Casey estava fumegando.

— Vamos parar com isso, tá legal? Desde a hora do café que você está parecendo um urso com dor no rabo!

— E você, então? — Bartlett olhou feio para ela. — Vamos ficar com o Gornt... como eu quero.

— Esse negócio é meu, você disse isso cinqüenta vezes. Você prometeu, sempre escutou antes. Pombas, estamos do mesmo lado, só estou tentando protegê-lo. Sei que você está errado.

— Você pensa que estou errado. E tudo por causa da Orlanda!

— Isso é besteira! Já expliquei meus motivos cinquenta vezes. Se o Ian conseguir sair da armadilha, para nós será muito melhor ficar com ele do que com Gornt.

A fisionomia de Bartlett estava fria.

— Nunca tivemos uma briga antes, Casey, mas se quiser pôr suas ações em votação, farei o mesmo com as minhas, e você estará com o rabo na seringa antes de poder contar até dez!

O coração de Casey batia fortemente. Desde a reunião com Seymour Steigler, na hora do café, que o dia estava pesadíssimo. Bartlett não arredava pé da idéia de que, para ele, ficar com Gornt era o melhor, e nada que ela dissesse o faria mudar de opinião. Depois de uma hora de tentativas, ela encerrara a reunião e fora cuidar de uma pilha de telex chegados durante a noite. Depois, lembrando-se subitamente, em cima da hora, saíra em pânico para ir comprar o chapéu.

Quando se encontrara com Bartlett no saguão, cheia de expectativa, querendo que ele gostasse do chapéu, começara a fazer as pazes com ele, mas ele a interrompera.

— Esqueça — dissera. — Não estamos de acordo. E daí? Ela esperara e esperara, mas ele nem percebera.

— O que você acha?

— Já lhe disse. Gornt é melhor para nós.

— Estou falando do meu chapéu. Notara o olhar vazio dele.

— Ah, então é isso o que está diferente. É, está legal! Casey sentira vontade de arrancar o chapéu e jogá-lo em cima dele.

— É parisiense — dissera, meio sem jeito. — O convite diz chapéu e luvas, lembra? É uma baboseira, mas o Ian disse que as senhoras...

— O que a faz pensar que ele vai conseguir sair da armadilha?

— Ele é esperto. E é o tai-pan.

— Gornt está levando a melhor.

— É o que parece. Bem, vamos esquecer o assunto, por enquanto. É melhor esperarmos Iá fora. O carro vai chegar exatamente ao meio-dia.

— Só um minutinho, Casey. O que você está aprontando?

— O que quer dizer?

— Conheço-a melhor do que ninguém. Está tramando alguma coisa.

Casey hesitou, insegura, perguntando-se se realmente devia revelar a trama do First Central. "Não há motivo para fazê-lo", tranqüilizou-se. "Se o Ian obtiver o crédito e conseguir se safar, serei a primeira a saber. Ele prometeu. Aí, o Linc poderá cobrir os seus dois milhões com Gornt, e eles poderão recom-prar para cobrir as vendas a descoberto, e ter um lucro imenso. Ao mesmo tempo, Ian, Linc e eu entramos no mercado em baixa e obteremos o nosso próprio lucro, enorme. Serei a primeira a saber, depois do Murtagh e do Ian. Ian prometeu. É, foi, sim. Mas, será que posso confiar nele?"

Sentiu uma onda de náusea invadi-la. "Será que a gente pode confiar em alguém, comercialmente, aqui ou em outro lugar qualquer? Homem ou mulher?"

Na noite anterior, durante o jantar, confiara nele. Influenciada pelo vinho e pela comida, contara-lhe sobre o seu relacionamento com Linc, e o trato que haviam feito.

— É dureza, não? Para vocês dois?

— Sim e não. Ambos éramos maiores de idade, Ian, e eu queria ser algo mais do que apenas a sra. Linc Bartlett, mãe-amante-criada-lavadeira-de-pratos-lavadeira-de-fraldas-escrava-deixada-em-casa. Isso é o que acaba matando qualquer mulher. Ela é sempre abandonada. Em casa. Então, a casa acaba se tornando uma prisão, e isso a deixa maluca, o fato de ficar aprisionada até que a morte nos separe! Já vi isso acontecer muitas vezes.

— Alguém tem que cuidar da casa e das crianças. Cabe ao homem ganhar o dinheiro. Cabe à mulher...

— É. Na maioria das vezes. Mas não para mim. Eu não estou preparada para aceitar isso, e não acho que seja errado desejar um tipo de vida diferente. Sou eu quem ganha o sustento da minha família. O marido de minha irmã morreu, ela e os filhos precisam de ajuda. Minha mãe e meu tio estão velhinhos. Sou instruída, preparada, melhor do que muita gente no ramo. O mundo está mudando, tudo está mudando, Ian.

— Como já disse, não aqui, graças a Deus!

Casey lembrou-se de como já estava pronta para dar o troco na mesma moeda, mas mordeu a língua da antiga Casey e, ao invés disso, perguntou:

— Ian, e quanto à Bruxa? Como foi que ela conseguiu? Qual o segredo dela? Como se tornou superior aos outros?

— Os cordões da bolsa ficavam nas mãos dela. Totalmente. Ah, claro que concedia posição e prestígio externos a Culum e aos tai-pans seguintes, mas ela cuidava dos livros, contratava e despedia através dele... era a força daquela família. Quando Culum estava morrendo, foi fácil persuadi-lo a fazê-la tai-pan. Ele lhe entregou o carimbo da Struan, o carimbo da família, todas as rédeas e todos os segredos. Mas, sabiamente, ela manteve tudo em segredo, e depois de Culum só escolhia aqueles a quem podia controlar, e nem uma só vez deu a nenhum deles os cordões da bolsa, ou poder real, até que ela própria estivesse à morte.

— Mas dominar através dos outros será suficiente?

— O poder é o poder, e não creio que importe, contanto que se domine. Para uma mulher, depois de uma certa idade, o poder só vem através do controle do dinheiro. Mas você está certa quanto ao dinheiro do dane-se. Hong Kong é o único lugar no mundo onde você pode consegui-lo e mantê-lo. Com dinheiro, dinheiro grosso, pode-se ser igual a qualquer outro. Até mesmo Linc Bartlett. A propósito, gosto dele. Gosto muito dele.

— Eu o amo. Nossa parceria funcionou, Ian. Acho que tem sido boa para o Linc... ah, como espero que sim! Ele é o nosso tai-pan, e não estou tentando tomar o seu lugar. Só quero ter êxito como mulher. Ele tem me ajudado tremendamente, claro que tem. Sem ele, eu jamais teria conseguido. Assim somos sócios comerciais,

até o meu aniversário, no dia 25 de novembro deste ano. É o Dia D. É quando ambos decidiremos.

— E...?

— Não sei, sinceramente não sei. Ah, eu amo o Linc mais do que nunca, porém não somos amantes.

Mais tarde, enquanto voltavam, na barca, ela sentira enorme vontade de fazer-lhe perguntas sobre Orlanda. Resolvera não fazer.

— Talvez eu devesse ter feito — resmungou em voz alta.

— O quê?

— Ah! — Voltou ao presente, encontrando-se na limu-sine, na balsa que levava a Hong Kong. — Desculpe, Linc, estava sonhando acordada.

Olhou para ele, e viu que continuava bonito como sempre, embora olhasse para ela friamente. "Você me atrai mais do que o Ian ou o Quillan", pensou. "E no entanto, agora, preferiria ir para a cama com qualquer um deles, e não com você. Porque você é um filho da mãe."

— Quer ir às últimas conseqüências? — dizia ele. — Quer pôr suas ações em votação contra as minhas?

Casey devolveu-lhe o olhar, furiosa. "Diga a ele para se foder", gritava-lhe a sua metade diabo, "precisa de você mais do que você dele, você tem as rédeas da Par-Con, sabe onde estão todos os podres, pode destroçar o que ajudou a criar." Mas sua outra metade lhe pedia cautela. Lembrou-se do que o tai-pan dissera sobre esse mundo dos homens, sobre o poder. E sobre a Bruxa.

Assim, baixou os olhos por um instante e deixou as lágrimas escorrerem. Imediatamente, notou a mudança nele.

— Puxa, Casey, não chore, desculpe... — dizia, estendendo os braços para ela. — Puxa, você nunca chorou antes... Escute, já cortamos um dobrado uma dúzia de vezes. Que nada! Umas cinqüenta vezes. Não há necessidade de ficar tão nervosa. Fizemos a Struan e Gornt se engalfinharem. No final não haverá diferença. Ainda seremos a Casa Nobre, mas no futuro o Gornt será o melhor, sei que estou certo.

"Mas não está mesmo", pensou, satisfeita, aconchegada a ele.

64

12h32m

Brian Kwok berrava, alucinado de terror. Sabia que estava na prisão e no inferno, e que aquilo já durava eternamente. Todo o seu mundo insano era um instante de luz cegante que nunca acabava, tudo cor de sangue, as paredes, piso, teto da cela cor de sangue, nem portas nem janelas, o chão cheio de sangue, mas tudo retorcido e de cabeça para baixo, pois, não sabia como, estava deitado no teto, todo o seu ser em tormento, tentando desesperadamente arrastar-se para a normalidade, e todas as vezes voltando a cair dentro do próprio vômito, depois, no instante seguinte, novamente a escuridão, vozes ásperas e estridentes que abafavam a do seu amigo, abafavam a de Robert, que implorava aos demônios que parassem, parassem, pelo amor de Deus parassem, depois novamente a luz de sangue ofuscante, alucinante, vendo as águas de sangue que não caíam, tateando desesperadamente, esticando-se para pegar as cadeiras e mesa que pousavam na água de sangue, mas caindo, sempre caindo, o chão tocando o teto, tudo errado, de cabeça para baixo, de lado, loucura, loucura, a invenção do demônio...

Luz de sangue, escuridão, risos, fedor e sangue de novo, indefinidamente...

Sabia que havia séculos estava delirando, suplicando-lhes que parassem, suplicando-lhes que o soltassem, jurando que faria qualquer coisa, mas que o soltassem, que não era ele a pessoa que buscavam, destinada ao inferno... "É um engano, é tudo um engano. Não, não é engano, eu era o inimigo, quem era o inimigo, que inimigo? Oh, por favor, deixem o mundo ficar na posição certa e deixem-me deitar onde devia estar deitado, Já embaixo, onde, oh, Deus, Robert, Deus, me ajudem, me aju-deeemmm..."

— Pronto, Brian, estou aqui. Estou consertando tudo, estou sim, estou consertando tudo!

Escutou as palavras compassivas que ecoavam em meio à confusão, abafando as risadas. O sangue que o envolvia desapareceu. Sentiu a mão do amigo, fresca e suave, e agarrou-se a ela, apavorado de que aquilo fosse um outro sonho dentro de um sonho. "Ah, meu Deus, Robert, não me deixe..."

"Ah, Deus, é impossível! Olhe só! O teto está onde devia estar, e eu estou aqui, estou deitado na cama onde devia estar, e o quarto está apenas na penumbra, tudo está limpo, flores, persianas cerradas, mas flores e a água direitinho no vaso, e estou de cabeça para cima. Estou de cabeça para cima."

— Ah, santo Deus, Robert...

— Alô, amigo — disse Robert Armstrong suavemente.

— Ah, Deus, Robert, obrigado, obrigado, estou de cabeça para cima, oh, obrigado, obrigado...

Era difícil falar, e ele se sentia fraco, completamente sem forças, mas era maravilhoso apenas estar ali, fora do pesadelo, o rosto do amigo indistinto mas real. E fumando. "Estou fumando? Ah, estou. É, acho que me lembro de que o Robert me deixou um maço de cigarros, mas esses demônios chegaram, o encontraram e o tiraram de mim, na semana passada... graças a Deus pelo cigarro... Quando é que foi, no mês passado, na semana passada, quando? É, eu me lembro, mas Robert voltou de novo, e me deixou fumar em segredo no mês passado. Não foi no mês passado?"

— Ah, que gosto bom, tão bom, e a paz, nenhum pesadelo, Robert, nada de enxergar sangue Iá em cima, o teto inundado, não ficar deitado Iá em cima, mas aqui embaixo, não estar no inferno, oh, obrigado, obrigado...

— Tenho que ir, agora.

— Ah, Deus, não se vá! Eles podem voltar. Não vá, sente-se, fique, por favor, fique. Olhe, vamos conversar, é, é isso, conversar, você queria conversar... não vá embora. Por favor, converse...

— Está certo, velho amigo, então converse. Não vou embora enquanto estivermos conversando. O que quer me contar, hem? Claro que ficarei enquanto você fala. Fale-me de Ning-tok e do seu pai. Você não voltou para vê-lo?

— Ah, sim, voltei para vê-lo uma vez, é, pouco antes de ele morrer. Meus amigos me ajudaram, eles me ajudaram. Foi só um dia, meus amigos me ajudaram... faz tanto tempo...

— O Ian foi com você?

— Ian? Não, foi... foi o Ian? Não consigo lembrar... Ian, o tai-pan? Alguém foi comigo. Foi você, Robert? Ah, comigo em Ning-tok? Não, não foi você ou o Ian, foi John Chancellor, de Ottawa. Ele também odeia os soviéticos, Robert, eles são os grandes inimigos. Até mesmo na escola, e o demônio

Chang Kai-chek e seus assassinos Fong-fong e... e... Ah, estou tão cansado e tão contente em vê-lo...

— Fale-me de Fong-fong.

— Ah, ele. Era um homem mau, Robert, ele e todo o seu grupo de espiões eram contra nós, a República Popular da China, e

pró-Chang, eu sei; não se preocupe, logo que li o... O que está me perguntando, hem?

— Foi aquele cretino do Grant, não foi?

— Foi, foi, sim, e eu quase desmaiei quando ele soube que eu era... eu... onde estava, ah, sim, mas eu detive Fong-fong imediatamente... Ora se não!

— A quem contou?

— Ao Tsu-yan. Sussurrei a Tsu-yan. Ele agora está de volta a Pequim... Ah, ele ocupava uma posição altíssima, embora não soubesse quem eu realmente era, Robert, sempre fiz tudo muito escondido... É, depois foi na escola, meu pai me mandou depois que o velho Sh'in foi assassinado... os bandidos vieram e o chicotearam até a morte na praça da aldeia, porque era um de nós, um do povo, um do povo do presidente Mao, e quando morei em Hong Kong fiquei com... com o Tio... ia à escola e ele me dava aulas à noite... Posso dormir, agora?

— Quem era o seu tio, Kar-shun, e onde morava?

— Não... não me lembro...

— Então, preciso ir. Na semana que vem eu volto...

— Não, espere, Robert, espere, era Wu Tsa-fing, no... no Quarto Beco, em Aberdeen... número 8, 8 de sorte, quinto andar. Está vendo, lembrei! Não vá!

— Muito bem, amigo, muito bem. Esteve na escola em Hong Kong por muito tempo?

Robert Armstrong manteve a voz suave e bondosa, o coração condoído do amigo do passado. Estava atônito ao ver que Brian cedera tão fácil e rapidamente.

A mente do cliente agora estava aberta, pronta para que ele a desmontasse. Manteve os olhos fitos na casca de homem que jazia na cama, encorajando-o a lembrar-se para que os outros que escutavam secretamente pudessem registrar todos os fatos, números, locais e nomes, as verdades e meias verdades do agente infiltrado que jorravam e continuariam a jorrar até que Brian Kar-shun Kwok não passasse de um bagaço. E sabia que continuaria a sondar, lisonjear ou ameaçar, ficar impaciente ou zangado, fingir que ia embora ou xingar o carcereiro que vinha interromper, e mandar que ele se retirasse, se necessário. Com Crosse e Sindors controlando o interrogatório, ele não passava de um instrumento, como Brian Kwok fora, um instrumento para outros que se haviam utilizado de sua mente e de seus talentos para seus próprios propósitos. O papel dele era apenas servir de intermediário, manter o cliente falando, trazê-lo de volta à razão quando ficasse incoerente, ser seu único amigo e esteio nesse universo irreal, aquele que trazia à tona a verdade... como, por exemplo, John

Chan-cellar, de Ottawa. Quem seria? Onde se encaixava? Ainda não sabia.

"Arrancaremos agora tudo o que o cliente tem", pensou. "Arrancaremos dele todos os seus contatos, mentores, inimigos e amigos. Pobres do Fong-fong e dos rapazes! Jamais os veremos de novo... a não ser que apareçam como agentes do outro lado. Que negócio podre e nojento é este, vendendo os amigos, trabalhando com o inimigo, que, todos sabem, quer vê-lo escravizado."

— ... em Vancouver foi uma maravilha, uma maravilha, Robert. Lá havia uma moça que... é, e quase me casei com ela, mas o Tok Sensato, o Sensato era o meu 489, morava na... é, morava na Pedder Street, no Bairro Chinês, e era dono do Restaurante Hohotok... é, Tok Sensato disse que o presidente Mao estava acima de qualquer quai loh... Ah, como eu a amava, mas ele disse que foram os quai loh que violentaram a China durante anos... Você sabe que é verdade, é verdade ...

— Sim, é verdade — disse ele, para agradá-lo. — O Tok Sensato era o seu único amigo no Canadá?

— Ah, não, Robert, tenho dúzias deles...

Armstrong escutava, espantado com a riqueza de informações sobre o funcionamento interno da Real Polícia Montada Canadense, e a extensão da infiltração comunista chinesa nas Américas e na Europa, especialmente no litoral ocidental. —

Vancouver, Seattle, San Francisco, Los Angeles, San Diego... em qualquer lugar onde houvesse um restaurante, loja ou atividade comercial chinesa havia o potencial de pressão, de fundos, e principalmente de conhecimento.

— ...e o Wo Tuk, na Gerrard Street, em Londres, é o centro onde eu... quando eu... Ah, minha cabeça dói, e tenho tanta sede...

Armstrong deu-lhe a água, que continha estimulante. Quando ele ou Crosse achassem que era o momento preciso, o cliente receberia o chá chinês de sabor delicado de sua predileção, para mitigar-lhe a sede. Continha o soporífero.

Então, cabia a Crosse e Sindere decidir o que se seguiria: mais interrogatório, mais Quarto Vermelho ou o fim do exercício, e então, cuidadosamente, a volta gradativa do cliente à realidade, com muita cautela, para não haver danos permanentes.

"Cabe a eles a decisão", pensou. "Sindere agiu bem em pressionar enquanto ainda temos tempo. O cliente sabe demais. Foi muito bem treinado, e se tivéssemos que devolvê-lo sem arrancar o que sabe, bem, isso seria uma irresponsabilidade. Temos que levar vantagem."

Armstrong acendeu dois cigarros e tragou profundamente o seu. "Vou parar de fumar no Natal. Agora não dá, não com todo esse horror." Tinham sido os gritos chorosos de Brian Kwok, tão cedo, cerca de vinte minutos depois de ter sido colocado no quarto

pela segunda vez, que o haviam derrubado. Estivera olhando pelas vigias com Crosse e Sindors, observando a insanidade de tentar alcançar o teto que era o chão que era o teto, atônito por ver alguém tão forte, tão bem-treinado quanto Brian Kwok dobrado tão rapidamente.

— É impossível — murmurara.

— Pode estar fingindo — disse Sindors.

— Não — dissera Crosse. — Não, é real. Eu sei.

— Não acredito que possa ser dobrado com tanta facilidade.

— Acreditará, Robert. — E então, quando Brian Kwok fora carregado para aquele quarto limpo e agradável, e o Quarto Vermelho fora esfregado e limpo, Roger Crosse dissera: — Vamos Lá, Robert, experimente. Assim saberá.

— Não, não, obrigado. É como uma coisa saída do Gabinete do dr. Caligari — murmurara. — Não, obrigado.

— Por favor, experimente, só um minuto. É uma experiência importante para você. Poderá ser apanhado por eles, pelo outro

lado, algum dia. Deve estar preparado. Um minuto pode salvar sua sanidade. Teste-o, para sua própria segurança.

Assim, concordara. Fecharam a porta. O quarto era totalmente escarlate, pequeno, mas tudo inclinado, as linhas todas erradas, os ângulos todos errados, o teto e o piso se encontrando num dos cantos, as perspectivas todas erradas, nenhum ângulo certo. O teto inclinado, bem lá no alto, era um pedaço transparente de vidro escarlate. Acima do vidro, a água descia, era reciclada, e descia de novo. Presas a essa superfície de vidro inclinada, que fazia as vezes de teto, havia mesas e cadeiras escarlates e canetas e papéis largados casualmente sobre a mesa, almofadas escarlates nas cadeiras, fazendo com que parecesse ser o chão, uma porta falsa próxima, entreaberta...

Escuridão repentina. Depois, a luz cegante e o impacto atordoante do escarlate. Escuridão, escarlate, escuridão, escarlate. Involuntariamente, tateou em busca da realidade da mesa e das cadeiras, do chão e da porta, e tropeçou e caiu, sem conseguir se orientar, a água acima dele. O vidro havia sumido, apenas uma água escarlate e insana no chão lá em cima. Escuridão, e agora vozes tonitruantes, e novamente o inferno cor de sangue. O estômago lhe dizia que estava de cabeça para baixo, embora a mente dissesse: "É só um truque, feche os olhos, é um truque, é um truque, é um truque..."

Após uma eternidade, quando finalmente as luzes normais foram acesas e a porta de verdade, aberta, ele estava deitado no chão de verdade, com ânsias de vômito.

— Seu filho da mãe — rosnara para Crosse, mal conseguindo falar. — Você falou um minuto, seu filho da mãe mentiroso!

O peito dele arfava e levantou-se com dificuldade, tonto, mal agüentando ficar de pé ou parar de vomitar...

— Desculpe, mas foi só um minuto, Robert — disse Crosse.

— Não acredito...

— Foi, verdade! — disse Sinders. — Eu mesmo o cronometrei. Francamente! Extraordinário. Muito eficaz.

Novamente, Armstrong sentiu o peito arfar ao pensar na água Já em cima e na mesa e nas cadeiras. Afastou esses pensamentos e concentrou-se em Brian Kwok, achando que já tinha deixado o cliente divagar bastante, e que estava na hora de trazê-lo de volta.

— Você dizia? Passou os nossos dossiês para seu amigo Lo Dentuço?

— Bem, não, não foi... estou cansado, Robert, cansado... o que vai...

— Se está cansado, vou embora! — Levantou-se e viu o cliente empalidecer. — No mês que vem veremos...

— Não... não... por favor, não vá... eles, não, não vá. Por favoooooor!

Então, voltou a sentar-se, continuando o jogo, sabendo que era injusto, e que um cliente não totalmente desorientado seria forçado a assinar qualquer coisa dizer qualquer coisa que se quisesse.

— Ficarei enquanto você fala, amigo. Falava de Lo Dentuço... o homem do Edifício Princes? Ele era o intermediário?

— Não... não... bem, de certa forma... O dr. Meng... O dr. Meng apanhava qualquer pacote que eu deixasse ... Meng nunca soube que eu... que era eu... os arranjos eram feitos por telefone ou por carta... ele os levava para Lo, que era pago... Lo Dentuço era pago para dá-los a outro homem, não sei quem... não sei...

— Ah, mas acho que sabe, Brian, não creio que queira que eu fique.

— Ah, Deus, quero... juro... Dentuço... Dentuço deve saber... ou quem sabe Ng, Vee Cee Ng, Ng Fotógrafo, ele está do nosso lado, está do nosso lado, Robert... Pergunte a ele, deve saber... importava tórios com Tsu-yan...

— O que são tórios?

— Óxidos raros para... as nossas armas atômicas... é, sim, teremos as nossas próprias bombas A e bombas H daqui a poucos meses... — Brian Kwok teve um acesso de riso. — A primeira daqui a semanas... a nossa primeira explosão daqui a poucas semanas, claro que não perfeita, mas a primeira, e logo uma bomba H, dúzias, Robert, logo teremos as nossas para nos defendermos daqueles hegemônistas que ameaçam nos destruir, daqui a poucas semanas! Bombas, Robert, pense nisso! O presidente Mao conseguiu, é verdade, conseguiu... é, e no ano que vem bombas H, e depois o Joe, é, vamos retomar as nossas terras, é, com as armas atômicas anularemos as deles... é isso aí, Joe vai ajudar, Joe Yu vai... Ah, agora vamos detê-los, detê-los, vamos detê-los e retomar as nossas terras. — Estendeu a mão e agarrou o braço de Robert Armstrong, mas sem força. — Ouça, já estamos em guerra, nós e os soviéticos, Chung Li me contou, ele é o meu contato de emer... de emergência... existe uma guerra, uma guerra ativa, nesse momento. Ao norte, divisões... não patrulhas... perto do Amur estão matando mais chineses e roubando mais terra... mas não por muito tempo.

Recostou-se debilmente e começou a resmungar, a mente divagando.

— Bombas atômicas? No ano que vem? Não acredito — disse Armstrong, fingindo debochar, a cuca fundida enquanto escutava o jorro contínuo que narrava os fatos e dava nomes aos bois.

"Santo Deus, bombas A daqui a poucos meses? Poucos meses? O mundo está pensando que isso é para daqui a dez anos. A China com bombas A e H?"

Cuidadosamente, deixou Brian Kwok esgotar o verbo, depois perguntou com naturalidade:

— Quem é Joe? Joe Yu?

— Quem?

Viu Brian Kwok virar-se e fitá-lo, os olhos estranhos, diferentes, penetrantes. Imediatamente ficou em guarda e preparado.

— Joe Yu — disse, ainda mais despreocupadamente.

— Quem? Não conheço nenhum Joe Yu... não... O que, o que... o que estou fazendo aqui? Que lugar é este? O que está acontecendo? Yu? Por que... por que deveria conhecê-lo? Quem?

— Por nada — disse Armstrong, acalmando-o. — Pronto, tome um pouco de chá, deve estar com muita sede, amigão.

— Ah, sim, estou, sim... onde... sim... Meu Deus, o que está acontecendo?

Armstrong ajudou-o a beber. A seguir, deu-lhe outro cigarro e acalmou-o mais um pouco. Dali a momentos, Brian Kwok estava de novo profundamente adormecido. Armstrong enxugou as palmas da mão e a testa, também exausto.

A porta se abriu. Sinderson e Crosse entraram.

— Muito bom, Robert — disse Sinderson, entusiasmado —, muito bom mesmo!

— É — disse Crosse —, também senti que ele vinha voltando. Seu cálculo de tempo foi perfeito.

Armstrong ficou calado, sentindo-se sujo.

— Meu Deus — casquinava Sinderson —, esse cliente vale ouro. O ministro ficará encantado. Armas atômicas daqui a alguns meses, e uma guerra ativa em pleno andamento! Não admira que a nossa Delegação Comercial Parlamentar fizesse um progresso tão maravilhoso! Excelente, Robert, simplesmente excelente!

— Acredita no cliente, senhor? — perguntou Crosse.

— Totalmente, você não?

— Acredito que ele estava contando o que sabia. Se é ou não verdade, já é outra história. Joe Yu? Joe ou Joseph Yu significa alguma coisa para vocês? — Os outros sacudiram a cabeça. — John Chancellor?

— Não.

— Chung Li?

— Há um Chung Li que é amigo do Bri... do cliente, um apaixonado por carros, xangaiense, grande industrial, pode ser ele — disse Armstrong.

— Ótimo. Mas Joe Yu, isso mexeu com alguma coisa nele. Pode ser importante. — Crosse olhou para Sindere. — Continuamos?

— Naturalmente.

65

13h45m

Um urro de emoção partiu de cinquenta mil gargantas quando as sete montarias do primeiro páreo, com os jóqueis levantados, subiram a rampa que saía de sob as tribunas para trotarem garbosamente até o paddock, onde os treinadores e proprietários esperavam. Os proprietários e as mulheres usavam suas melhores roupas, muitas das mulheres excessivamente cheias de jóias e visons, entre elas Mai-ling Kwang e Dianne Chen, cômicas dos olhares invejosos da multidão que torcia o pescoço para ver os cavalos... e elas.

De cada lado do paddock de grama encharcada e do círculo do vencedor, a multidão espremida como sardinha em lata descia até as cercas muito brancas e a grama perfeitamente cuidada da pista circundante. O poste de chegada ficava em frente, e junto a ele, do outro lado da pista, o imenso totalizador que mostraria os nomes dos cavalos, dos jóqueis e as cotações das apostas, páreo por páreo. O totalizador era propriedade do Turf Club, e operado por ele. Aqui

ou Iá fora não havia bookmakers legais, ou qualquer outro local de apostas legal. Aquela era a única forma legal de apostas na colônia.

O céu estava escuro e ameaçador. Um pouco antes tinha choviscado, mas agora o ar estava limpo.

Por trás do paddock e do círculo do vencedor, nesse nível, ficavam os vestiários dos jóqueis e as salas dos funcionários... concessionários de alimentos e o primeiro grupo de guichês de apostas. Acima deles ficavam as tribunas, quatro fileiras em declive, cada piso em cantiléver, com o seu próprio grupo de guichês de apostas. A primeira fileira era para os sócios não-votantes, a seguinte para os votantes, e os dois pisos de cima reservados para as tribunas particulares e a sala de rádio. Cada uma dessas tribunas particulares tinha a sua própria cozinha. Cada um dos dez administradores eleitos anualmente possuía uma tribuna particular e, além delas, havia as permanentes: a de Sua Excelência, o governador, patrono do clube; a do comandante-em-chefe; uma para o Victoria e outra para o Blacs. E, finalmente, a da Struan. Esta ficava na melhor posição, bem em frente à linha de chegada.

— Por que motivo, tai-pan? — quis saber Casey.

— Porque Dirk Struan deu início ao Turf Club, estabeleceu as regras, trouxe um famoso perito em corridas, Sir Roger Blore, para ser o primeiro secretário do clube. Foi ele quem deu o dinheiro para o primeiro encontro, dinheiro para as tribunas, dinheiro para importar a primeira leva de cavalos da Índia, e que ajudou a persuadir o primeiro plenipotenciário, Sir William Longstaff, a doar perpetuamente a terra ao Turf Club.

— Ora, vamos, tai-pan — disse jovialmente Donald McBride, o organizador do presente encontro —, conte isso direitinho, tá? Disse que o Dirk "ajudou a persuadir"? O Dirk simplesmente não "ordenou" que Longstaff o fizesse?

Dunross riu junto com os demais, ainda sentados à mesa que presidira, Casey, Hiro Toda e McBride, que viera somente fazer uma visitinha. No reservado havia um bar e três mesas redondas, cada uma delas acomodando confortavelmente doze pessoas.

— Prefiro a minha versão — disse. — De qualquer modo, Casey, conta a lenda que Dirk ganhou este lugar por aclamação popular quando as primeiras tribunas foram construídas.

— Isso também não é verdade, Casey — disse Willie Tusk, sentado à mesa ao lado. — O velho Tyler Brock não exigiu a posição como direito de Brock e Filhos? Não desafiou Dirk para disputarem a posição numa corrida, de homem para homem, no encontro seguinte?

— Não, isso não passa de história.

— Os dois apostaram alguma corrida, tai-pan? — indagou Casey.

— Iam fazê-lo, mas parece que o tufão veio cedo demais. De qualquer maneira, Culum recusou-se a sair daqui, e cá estamos. Enquanto o hipódromo existir, isto aqui é nosso.

— E merecidamente — disse McBride, com o seu sorriso feliz. — A Casa Nobre merece o melhor. Desde a eleição dos primeiros administradores, srta. Casey, o tai-pan da Struan sempre foi um deles. Sempre. Por aclamação popular. Bem, tenho que ir andando. — Lançou um olhar ao relógio, sorriu para Dunross. Com grande formalidade, perguntou: — Permissão para começar a primeira corrida, tai-pan?

— Permissão concedida — respondeu Dunross, com um amplo sorriso, e McBride se afastou apressadamente.

Casey fitou Dunross.

— Precisam pedir sua permissão para começar?

— É só um costume. — Dunross deu de ombros. — Imagino que seja uma boa idéia alguém dizer "Bem, vamos começar", não acha? Infelizmente, ao contrário de Sir Geoffrey, os governadores de Hong Kong no passado não ficaram famosos por sua pontualidade. Além disso, a tradição não é uma coisa ruim, absolutametne... dá-nos uma sensação de continuidade, de entrosamento... e proteção. — Terminou o seu café. — Se me dão licença um momento, tenho umas coisinhas a fazer.

— Divirta-se!

Ela o observou enquanto ele se afastava, gostando dele ainda mais do que na véspera. Nesse instante, Peter Marlowe entrou, e Dunross parou um momento.

— Oh, alô, Peter, prazer em vê-lo. Como vai a Fleur?

— Melhorando, obrigado, tai-pan.

— Vamos entrando! Sirva-se de uma bebida... volto já. Aposte no número 5, Excellent Day, no primeiro páreo! Até daqui a pouco.

— Obrigado, tai-pan.

Casey fez sinal para Peter Marlowe, mas ele não a viu. Seus olhos estavam fitos em Grey, que estava com Julian Broadhurst no balcão, arengando para alguns dos outros. Ela viu a fisionomia dele se fechar, e seu coração deu um salto, lembrando-se da hostilidade entre eles. Por isso, chamou-o:

— Peter! Oi, venha sentar-se aqui. Os olhos dele perderam o ar vidrado.

— Ah, alô! — disse.

— Venha sentar-se. Fleur vai ficar boa.

— Ela gostou muito de você ter ido visitá-la.

— Foi um prazer. As crianças estão bem?

— Estão. E você?

— Fantástica. Esta é a única maneira de assistir a uma corrida! — O almoço no reservado da Struan para os trinta e seis convidados fora um bufê fartíssimo de comidas quentes chinesas, ou, se eles preferissem, torta de carne e rins quente e legumes, com pratos de salmão defumado, canapés e frios, queijos e pastelarias de todo tipo, e, para coroar, uma escultura de suspiro do Edifício Struan... tudo preparado na cozinha deles. Champanha, os melhores vinhos tintos e brancos, licores. — Vou ter que fazer dieta durante cinqüenta anos.

— Não você. Como vão indo as coisas?

— Muito bem. Por quê? — perguntou, sentindo o olhar penetrante dele.

— Por nada.

Lançou novo olhar a Grey, depois voltou a atenção para os outros.

— Posso apresentar-lhe Peter Marlowe? Hiro Toda, das Indústrias de Navegação Toda, de Yokohama. Peter Marlowe é um romancista-roteirista de Hollywood. — Então, subitamente, o livro dele lhe veio à mente: Changi e três anos e meio como prisioneiro de guerra, e ela esperou pela explosão. Houve uma hesitação entre os dois homens. Toda cortesmente ofereceu o seu cartão comercial, que Peter Marlowe retribuiu com o seu, com igual cortesia. Hesitou um momento, depois estendeu a mão. — Como vai?

O japonês apertou-a.

— E uma honra, sr. Marlowe.

— É?

— Não é sempre que se conhece um autor famoso.

— Qual! Não sou, não.

— É muito modesto. Gostei muito do seu livro.

— O senhor o leu? — Peter Marlowe fitou-o. — Verdade? — Sentou-se e olhou para Toda, que era muito mais baixo do que ele, flexível e bem-feito de corpo, mais bonito e mais bem-vestido, de terno azul, uma máquina fotográfica pendurada na cadeira, os olhos ao mesmo nível, os dois homens da mesma idade. — Onde o achou?

— Em Tóquio. Temos muitas livrarias inglesas. Por favor, desculpe-me, li a brochura, não o livro encadernado. Não havia destes à venda. Seu romance foi muito esclarecedor.

— É?

Peter Marlowe pegou os seus cigarros e os ofereceu. Toda aceitou um.

Casey disse:

— O fumo não faz bem, vocês dois sabem disso! Ambos sorriram para ela.

— Na Quaresma a gente pára — disse Peter Marlowe.

— Claro.

Peter Marlowe voltou a olhar para Toda.

— Esteve no exército?

— Não, sr. Marlowe. Marinha. Destróieres. Estive na Batalha do Mar do Coral em 42, depois em Midway, subtenente, e mais tarde, em Guadalcanal. Fui a pique duas vezes, mas tive sorte. É, tive sorte, aparentemente mais do que o senhor.

— Estamos ambos vivos, ambos inteiros, mais ou menos.

— Mais ou menos, sr. Marlowe. Concordo. A guerra é um meio curioso de vida. — Toda tirava baforadas do cigarro. — Qualquer hora dessas, se lhe agradasse e não o magoasse, gostaria de conversar com o senhor sobre Changi, suas lições e as nossas guerras. Pode ser?

— Claro.

— Passarei alguns dias aqui — disse Toda. — Estou no Mandarim. Volto na semana que vem. Um almoço, ou jantar, quem sabe?

— Obrigado. Ligarei para o senhor. Se não desta vez, quem sabe da próxima. Algum dia estarei em Tóquio.

Após uma pausa, o japonês disse:

— Não precisamos discutir o seu Changi, se preferir. Gostaria de conhecê-lo melhor. A Inglaterra e o Japão têm muita coisa em comum. Bem, se me dá licença agora, vou fazer a minha aposta.

Fez uma reverência polida e se afastou. Casey sorvia o seu café.

— Foi muito difícil para você? Ser educado?

— Ah, não, Casey, de maneira alguma. Agora somos iguais, ele e eu, qualquer japonês. Os japoneses e os coreanos... o que eu odiava era os que tinham baionetas e balas, quando eu não tinha nem uma coisa nem outra. — Ela notou que ele enxugava o suor, o

seu sorriso retorcido. — Mahlu, não estava preparado para encontrar um deles aqui.

— Mahlu? O que é isso, cantonense?

— Malaio. Significa "envergonhado".

Sorriu consigo mesmo. Era uma contração de "puki mahlu". "Mahlu", envergonhado, "puki", uma Ravina Dourada. Os malaios emprestam sentimentos a essa parte da mulher: fome, tristeza, bondade, voracidade, hesitação, vergonha, raiva... toda e qualquer coisa.

— Não precisa sentir vergonha, Peter — disse ela, sem entender. — Admira-me ver você falar com qualquer um deles, depois daquele horror do campo de prisioneiros. Ah, gostei mesmo do livro. Não é maravilhoso que ele também o tenha lido?

— É. Isso me abalou as estruturas.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Qual?

— Você disse que Changi era a gênese. O que quis dizer com isso?

— Changi mudou todo mundo, mudou os valores permanentemente — disse ele, soltando um suspiro. — Por exemplo, deu-nos uma espécie de torpor frente à morte... nós a vimos demais, para que ela tenha para nós o mesmo significado que para o pessoal de fora, a gente normal. Somos uma geração de dinossauros, os poucos que sobrevivemos. Acredito que qualquer um que vá para a guerra, qualquer guerra, passe a enxergar a vida com olhos diferentes, se conseguir sair dela inteiro.

— O que você enxerga?

— Um monte de baboseiras que é idolatrado como a essência e o objetivo da existência. Tanta coisa na vida "normal, civilizada" é baboseira, que você nem pode imaginar! Para nós, os "ex-hóspedes" de Changi... nós temos sorte, estamos purificados, sabemos o que a vida realmente é. O que assusta você não me assusta, e você daria risada do que me assusta.

— Como, por exemplo? Abriu um sorriso.

— Chega de falar em mim e no meu carma. Tenho uma "barbada" para o... — Interrompeu-se, e ficou olhando fixamente para um ponto. — Meu Deus, quem é aquela?

— Riko Gresserhoff. Ela é japonesa — falou Casey, rindo.

— Qual deles é o sr. Gresserhoff?

— Ela é viúva.

— Aleluia!

Ficaram olhando enquanto ela se dirigia para o terraço.

— Não se atreva, Peter!

A voz dele ficou imponente:

— Sou um escritor! É apenas uma questão de pesquisa!

— Pois sim!

— Tem razão.

— Peter, dizem que todos os primeiros romances são autobiográficos. Quem era você, no livro?

— O herói, é claro.

— O Rei? O comerciante americano?

— Ah, não, ele não. E agora chega mesmo de falar no meu passado. Vamos falar de você. Tem certeza de que está bem?

Manteve os olhos fitos nos dela, como que forçando-a a contar a verdade.

— Como?

— Correu um boato de que você andou chorando ontem à noite.

— Bobagem.

— É mesmo?

Ela lhe devolveu o olhar, sabendo que ele enxergava o seu íntimo.

— Claro. Estou ótima. — Uma hesitação. — Qualquer hora dessas, qualquer hora dessas posso precisar de um favor.

— É? — Franziu o cenho. — Estou no reservado de McBride, dois depois deste, descendo o corredor. Tudo bem se você quiser ir me visitar. — Deu uma olhada para Riko. Seu prazer desapareceu. Agora ela estava conversando com Robin Grey e Julian Broadhurst, os deputados trabalhistas. — Acho que hoje não é o meu dia — resmungou. — Volto depois, tenho que ir fazer a aposta. Até logo, Casey.

— Qual a "barbada"?

— Número 7, Winner's Delight.

Winner's Delight, um azarão, ganhou do favorito, Excellent Day, por meio corpo. Satisfeitíssima consigo mesma, Casey entrou na fila diante do guichê pagador do vencedor, agarrando os bilhetes premiados, consciente dos olhares invejosos dos que caminhavam pelo corredor diante das tribunas particulares. Apostadores agoniados já estavam deixando o dinheiro nos outros guichês para o segundo páreo, que era a primeira parte da loteria dupla. Para ganhar uma loteria, tinham que prever o primeiro e o segundo lugares, em qualquer ordem. A dupla juntava o segundo páreo com o quinto, que era o grande páreo do dia. O prêmio da loteria dupla

seria imenso, as probabilidades de se acertar quatro cavalos, muito poucas. A aposta mínima era de cinco HK. Não havia máxima.

— Por que motivo, Linc? — perguntara pouco antes da corrida, no balcão, virando a cabeça para espiar os cavalos na linha de largada, todos os yan de Hong Kong com seus binóculos em foco.

— Olhe só para o totalizador. — Os números eletrônicos piscavam e mudavam à medida que eram feitas as apostas nos diferentes cavalos, reduzindo as probabilidades, immobilizando-se pouco antes da largada. — Olhe só para o dinheiro investido nesse páreo, Casey! Mais de três milhões e meio de dólares de Hong Kong. É quase um dólar por cada homem, mulher e criança em Hong Kong, e é apenas o primeiro páreo. Esse deve ser o hipódromo mais rico do mundo. Essa turma é maluca por jogo!

Um urro imenso subiu da multidão quando foi aberto o portão de largada. Olhara para ele e sorria.

— Tudo bem?

— Claro. E com você?

— Ah, tudo.

"É, tudo bem comigo", pensou de novo, esperando a sua vez de pegar o dinheiro. "Sou uma vencedora!" Riu alto.

— Oh, alô, Casey! Ah, também ganhou?

— Hem? Ah, alô, Quillan, ganhei, sim. — Saiu do seu lugar na fila para juntar-se a Gornt, os cutros todos estranhos para ela. — Só tinha apostado dez nela, mas ganhei.

— A quantia não importa; ganhar, sim — Gornt sorriu. — Gosto do seu chapéu.

— Obrigada.

"Curioso", pensou, "tanto o Quillan quanto o Ian o haviam elogiado imediatamente. Maldito Linc!"

— É muita sorte escolher o primeiro vencedor, na- primeira vez que se vai a um hipódromo.

— Ah, mas não escolhi. Foi o Peter que me deu a dica. Peter Marlowe.

— Ah, sei, Marlowe. — Viu os olhos dele se modificarem ligeiramente. — Ainda está de pé o nosso programa para amanhã?

— Ah, está, sim. Se o tempo permitir.

— Mesmo que esteja chovendo. Almoço, pelo menos.

— Ótimo. No embarcadouro, às dez em ponto. Qual é o seu reservado?

Ela notou uma mudança instantânea que ele tentou disfarçar.

— Não tenho. Não sou um dos administradores. Ainda. Sou um convidado praticamente permanente no reservado do Blacs, e de vez em quando peço emprestado o lugar inteiro para uma festa. Fica descendo o corredor. Quer dar uma passa-dinha Já? O Blacs é um excelente banco, e...

— Ah, mas não é tão bom quanto o Vic — disse Johnjohn, Simpaticamente, ao passar por eles. — Não acredite numa palavra do que ele diz, Casey. Parabéns! Dá sorte ganhar o primeiro. Vejo vocês dois mais tarde.

Casey ficou olhando para ele, pensativa. Depois, falou:

— E quanto à corrida aos bancos, Quillan? Ninguém parece estar se importando... é como se não estivesse acontecendo, o mercado de valores não estivesse desabando, não houvesse um desastre iminente.

Gornt achou graça, consciente dos ouvidos atentos à conversa deles.

— Hoje é dia de corrida, uma raridade, e o amanhã cuidará de si mesmo. Joss! A Bolsa abre às dez horas de segunda-feira, e a semana que vem vai decidir um bocado de destinos. Nesse meio tempo, todo chinês que conseguiu sacar o seu dinheiro está aqui com ele, hoje. Casey, é a sua vez.

Ela pegou o seu dinheiro — 15 por 1. Cento e cinqüenta HK.

— Aleluia! — Gornt pegou um grande maço de notas vermelhas: quinze mil. — Ei, que fantástico!

— O pior páreo a que já assisti — falou uma voz americana azeda. — Pombas, fantástico foi não terem desclassificado o jóquei e anulado a vitória dele.

— Ora, alô, sr. Biltzmann, sr. Pugmire. — Casey lembrava-se deles da noite do incêndio. — Desclassificar quem?

Biltzmann estava na fila do placê.

— Lá nos Estados Unidos haveria uma objeção do tamanho de um bonde. Entrando na reta depois da última curva, a gente podia ver o jóquei de Excellent Day usando o freio nela como um louco. Foi corrida arranjada... ele não estava tentando ganhar.

Os que estavam por dentro, pouquíssimos, sorriram consigo mesmos. Murmurara-se no vestiário dos jóqueis e na sala dos treinadores que Excellent Day não ia ganhar, mas que Winner's Delight ia.

— Ora, o que é isso, sr. Biltzmann! — disse Dunross. Sem ter sido notado, escutara o comentário quando ia passando, e se detivera. — Se o jóquei não estivesse se esforçando, ou se tivesse havido algum golpe sujo, os administradores teriam percebido imediatamente.

— Pode ser que sirva para amadores, Ian, e para este hipodromozinho, mas em qualquer hipódromo profissional na minha terra o jóquei de Excellent Day seria proibido de correr para o resto da vida. Não tirei o binóculo de cima dele.

Biltzmann pegou o dinheiro ganho no placê com cara feia e foi embora, rudemente.

Dunross perguntou, suavemente:

— Pug, viu o jóquei fazer qualquer coisa fora do normal? Eu não estava assistindo à corrida.

— Não, não vi.

— Alguém viu?

Os que estavam próximos sacudiram a cabeça.

— Para mim pareceu tudo bem — falou alguém. — Nada fora do comum.

— Nenhum dos administradores questionou coisa alguma. — Foi então que Dunross notou o grande maço de notas na mão de Gornt. Ergueu os olhos para ele. — Quillan?

— Não. Mas, com franqueza, acho os modos desse sujeito um espanto. Não creio que fosse uma aquisição adequada para o Turf Club. — Nesse instante, viu Robin Grey passar por eles para fazer

uma aposta, e sorriu ante um súbito pensamento. — Dão-me licença, sim?

Fez um gesto cortês de cabeça e se afastou. Casey viu Dunross fitar o maço de notas que Gornt enfiava no bolso, e ficou intimamente horrorizada com a expressão momentânea no seu rosto.

— Será que o Biltzmann... será que tinha razão? — perguntou nervosamente.

— Naturalmente. — Dunross voltou toda a sua atenção para ela. — Corridas arranjadas acontecem em todo lugar. A questão não é essa. Não houve nenhuma objeção por parte dos administradores ou jôqueis ou treinadores. — Os olhos dele estavam cor de chumbo. A pequena veia na sua testa pulsava. — Não é bem isso o que está em jogo.

"Não", pensava. "É uma questão de boa educação. Mesmo assim, acalme-se. Precisa ficar muito tranquilo, calmo e controlado este fim de semana."

O dia inteiro não tinha tido outra coisa senão problemas. O único momento bom fora Riko Anjin Gresserhoff. Mas depois, a última carta de Alan mais uma vez o enchera de desânimo. Ainda estava no seu bolso, e dizia-lhe que, se por acaso ainda não tivesse destruído as pastas originais, devia aquecer uma dúzia de páginas especificadas contidas nos relatórios, as informações secretas

escritas com tinta invisível nessas páginas devendo ser entregues particularmente ao primeiro-ministro ou ao atual chefe da MI-6, Edward Sinders, pessoalmente... e uma cópia entregue a Riko Anjin, num envelope lacrado.

"Se eu fizer isso, terei que admitir que as pastas que lhe entreguei eram falsas", pensou, cansado de Alan, de espionagem e das suas instruções. "Que merda, Murtagh só chega mais tarde, Sir Geoffrey só pode ligar para Londres sobre Tiptop e Brian Kwok depois das dezesseis horas, e agora, puta merda, vem um filho da mãe grosseiro nos chamar de amadores... o que somos. Aposto cem contra um alfinete torto que Quillan sabia antes do páreo."

Como se tivesse tido um pensamento súbito, perguntou com naturalidade:

— Como escolheu o vencedor, Casey? Fechou os olhos e apontou?

— Foi o Peter que me deu a dica. Peter Marlowe. — O rosto dela se alterou. — Oh! Acha que ele sabia que foi arranjada?

— Se eu tivesse imaginado isso, por um momento, o páreo teria sido cancelado. Agora, não há nada que eu possa fazer. Biltzmann...

De repente, soltou uma exclamação abafada, quando a idéia lhe bateu, em toda a sua glória.

— O que foi?

Dunross pegou-lhe o braço e afastou-a para um canto.

— Está preparada para jogar, para obter o seu dinheiro do dane-se? — perguntou suavemente.

— Claro que sim, Ian, se for legal. Mas jogar o quê? — perguntou, sua cautela inata vindo à tona.

— Tudo o que tem no banco, sua casa em Laurel Canyon, suas ações na Par-Con contra de dois a quatro milhões, dentro de trinta dias. Que tal?

O coração dela batia fortemente, o entusiasmo evidente dele contagiando-a.

— Tá legal — falou, depois se arrependeu de ter falado, o estômago dando voltas. — Meu Deus!

— Ótimo. Fique aqui um momento. Vou procurar o Bartlett.

— Espere! Ele também faz parte disso? O que é, Ian? Ele abriu um amplo sorriso.

— Uma modesta oportunidade comercial. É, o Bartlett é essencial. Isso faz com que você mude de idéia?

— Não — falou, constrangida —, mas eu disse que queria conseguir... a minha grana fora da Par-Con.

— Não me esqueci. Espere aqui.

Dunross voltou depressa para a sua tribuna particular, achou Bartlett e levou-o consigo. Foi abrindo caminho pelo corredor movimentado até a cozinha da Struan, cumprimentando gente aqui e ali. A cozinha era pequena, movimentada e limpíssima. O pessoal que ali trabalhava não lhes prestou atenção. Uma porta dava para um minúsculo quarto particular, à prova de som. Quatro cadeiras, uma mesa e um telefone.

— Meu pai mandou construir isto aqui durante a sua gestão... muitos negócios são realizados durante as corridas. Sentem-se, por favor. Bem — olhou para Bartlett —, tenho uma proposta comercial para você e para Casey, como indivíduos, por fora do nosso negócio com a Par-Con, sem nada a ver com a transação da Par-Con. Está interessado?

— Claro. É alguma mamata de Hong Kong?

— Importa-se? — Dunross abriu um amplo sorriso. — É uma proposta comercial corretíssima de Hong Kong.

— Tudo bem, vamos a ela.

— Antes que eu a explique, temos as regras básicas: o jogo é meu, vocês são dois observadores, mas vão receber quarenta e nove por cento dos lucros, divididos igualmente entre os dois. Certo?

— Qual o plano de jogo completo, Ian? — perguntou Bartlett, cautelosamente.

— O seguinte: você deposita dois milhões de dólares americanos até segunda-feira às nove horas num banco suíço da minha escolha.

Os olhos de Bartlett se estreitaram.

— Contra o quê?

— Contra quarenta e nove por cento dos lucros.

— Que lucros?

— Você depositou dois milhões para o Gornt, sem documento, sem carimbo, sem nada, exceto o lucro em potencial.

— Há quanto tempo está sabendo disso? — perguntou Bartlett, com um amplo sorriso.

Dunross retribuiu o sorriso.

— Já lhe disse que não há segredos. Topa? Dunross viu Bartlett olhar para Casey, e prendeu a respiração.

— Casey, sabe do que se trata?

— Não, Linc. — Casey virou-se para Dunross. — Qual é a mamata, Ian?

— Primeiro quero saber se vou ganhar os dois milhões adiantados, livres e limpos... se vocês toparem o negócio.

— Qual o lucro em potencial? — perguntou Casey.

— De quatro a doze milhões. Livres de impostos. Casey perdeu a cor.

— Livres de impostos?

— Livres de quaisquer impostos de Hong Kong, e podemos ajudá-los a driblar os impostos americanos, se quiserem.

— Qual... qual o período de pagamento? — perguntou Bartlett.

— Os lucros serão estabelecidos em trinta dias. O pagamento levará de cinco a seis meses.

— O total fica entre quatro e doze milhões, ou isso é só a nossa parte?

— A sua parte.

— Isso é um bocado de lucro para algo cem por cento legal.

Fez-se um grande silêncio. Dunross esperou que eles se manifestassem.

— Dois milhões em dinheiro vivo? — indagou Bartlett. — Nenhuma garantia, nada?

— Não. Mas, depois que eu tiver explicado tudo, podem pegar ou largar.

— O que o Gornt tem a ver com isso?

— Absolutamente nada. Esse empreendimento não tem nada a ver com o Gornt, a Rothwell-Gornt, a Par-Con, seu interesse neles ou em nós, ou na transação com a Par-Con. Isso é uma coisa completamente à parte. Aconteça o que acontecer, dou-lhe a minha palavra. E juro por Deus que jamais direi a ele que você entrou com os dois milhões, que vocês dois são meus sócios e vão pegar uma fatia do bolo... ou, a propósito, que estou sabendo que vocês três venderam as minhas ações a descoberto. — Sorriu. — Por falar nisso, foi uma idéia muito boa.

— O negócio vai ser fechado por causa dos meus dois milhões?

— Não. Facilitado. Como sabe, não tenho dois milhões de dólares americanos em espécie, caso contrário não os teria convidado.

— Por que nós, Ian? Poderia levantar dois milhões facilmente com algum dos seus amigos aqui, se o negócio é tão bom.

— É. Mas preferi dividir o doce com vocês. A propósito, ainda estão com a palavra empenhada até a meia-noite de terça-feira. — Dunross falou inexpressivamente. Depois, sua voz se alterou, e os outros sentiram-lhe a alegria. — Mas com esse... esse empreendimento comercial... posso enfatizar dramaticamente o quanto somos superiores à Rothwell-Gornt, e o quanto será mais excitante associar-se a nós do que a eles. Você é um jogador, eu também. Chamam-no de Incursor Bartlett, e eu sou o tai-pan da Casa Nobre. Você arriscou uns míseros dois milhões com o Gornt, sem garantias, por que não comigo?

Bartlett lançou um olhar para Casey. Ela não fez que sim nem que não, embora ele soubesse que estava interessada até a alma.

— Já que está estabelecendo as regras, Ian, responda-me: eu entro com os dois milhões. Por que devemos rachar igualmente, Casey e eu?

— Lembro-me do que disseram durante o jantar sobre o dinheiro do dane-se. Você tem o seu, ela, não. Esse poderia ser um

meio de Casey obter o dela.

— Por que está tão preocupado com Casey? Está tentando dividir para governar?

— Se isso for possível, então vocês dois não têm uma sociedade e um relacionamento comercial muito especial. Ela é o seu braço direito, você me disse. Ela é evidentemente muito importante para você e para a Par-Con. Portanto, tem o direito de partilhar.

— O que ela vai arriscar?

— Entrará com a casa dela, as economias, as ações da Par-Con... é tudo o que possui... junto com você. Entregará tudo isso em troca da metade da porção. Certo?

— Certo — concordou Casey, atordoada. Bartlett olhou vivamente para Casey.

— Pensei que você tinha dito que não sabia nada a respeito disso.

Ela olhou para ele.

— Há uns dois minutos Ian me perguntou se eu arriscaria tudo o que possuo para conseguir o meu dinheiro do dane-se, muito dinheiro. — Engoliu em seco e acrescentou:

— Disse que sim, e já estou arrependida.

Bartlett pensou por um momento.

— Casey, seja franca: topa ou não?

— Topo.

— Tá legal. — A seguir, Bartlett abriu um amplo sorriso.

— Muito bem, tai-pan, agora me diga quem temos que matar.

Chu Nove Quilates, que às vezes carregava ouro para Victoria, e era pai de dois filhos e duas filhas — Lily Su, a amiguinha ocasional de Havergill, e Glicínia, a amante de John Chen, cujo destino fora ser pisoteada até a morte diante do Ho-Pak em Aberdeen —, esperava sua vez no guichê de apostas.

— Sim, velho? — falou o encarregado, com impaciência. Tirou do bolso um maço de notas. Era todo o dinheiro que possuía, e todo

o que pudera arranjar emprestado, deixando apenas o suficiente para três cheiradas do Pó Branco, de que precisaria para enfrentar o seu turno de logo mais à noite.

— A loteria dupla, por todos os deuses! Números 8 e 5 no segundo páreo, 7 e 1 no quinto.

O encarregado contou metodicamente as notas amassadas. Setecentos e vinte e oito HK. Apertou os botões correspondentes a esses números e examinou o primeiro bilhete. Estava correto: 5 e 8... segundo páreo; 7 e 1... quinto páreo. Cuidadosamente, contou cento e quarenta e cinco bilhetes, cada um deles de cinco HK, a aposta mínima, e entregou-os a ele, com um troco de três HK.

— Ande logo, por todos os deuses — exclamou o seguinte da fila. — Está com os dedos no seu Buraco Negro?

— Tenha paciência! — resmungou o velho, sentindo-se tonto. — Isso é coisa séria!

Cuidadosamente, verificou os bilhetes. O primeiro, três escolhidos ao acaso e o último estavam corretos, e o número de bilhetes estava correto, portanto saiu da fila e foi abrindo caminho por entre o ajuntamento até chegar ao ar livre. Chegando Iá, sentiu-se um pouco melhor, ainda nauseado, mas melhor. Viera a pé do seu plantão noturno no novo edifício em construção Iá no alto da Kotewall Road, em Mid Leveis, para poupar o dinheiro da passagem.

Verificou de novo os seus bilhetes: 8 e 5 naquele páreo, e 7 e 1 no quinto, o grande páreo. "Ótimo", pensou, guardando-os cuidadosamente no bolso. "Fiz o melhor que pude. Agora, está nas mãos dos deuses."

O peito lhe doía muito. Por isso, abriu caminho à força por entre a multidão até chegar ao banheiro, onde acendeu um fósforo e inspirou a fumaça do Pó Branco borbulhante. Dali a algum tempo sentiu-se melhor e saiu de novo. O segundo páreo já tinha começado. Louco de ansiedade, foi empurrando os outros para chegar perto da cerca, sem ligar para os palavrões que o acompanhavam. Os cavalos dobravam a última curva, galopando na direção dele e entrando na reta final para a linha de chegada, passando agora por ele num borrão ruidoso, enquanto ele forçava os olhos remelosos para descobrir os seus números.

— Quem está na frente? — perguntou, com voz ofegante, mas ninguém lhe prestou atenção, todos gritavam o nome dos seus escolhidos, incitando-os à vitória, num rugido fervilhante e crescente que a tudo dominava, e que sumiu quando o vencedor cruzou a linha de chegada.

— Quem ganhou? — perguntou sofregamente Chu Nove Quilates, com a cabeça explodindo.

— E eu Já sei! — falou alguém, com uma enxurrada de palavrões. — Não foi o meu. Que todos os deuses mijem para

sempre naquele jóquei!

— Não consigo ler o painel. Quem venceu?

— O resultado só vai ser dado depois de as fotos serem reveladas, seu velho tonto. Não está vendo? Havia três cavalos juntos cruzando a linha de chegada. Fodam-se todos os páreos que terminam desse jeito! Temos que esperar.

— Mas os números... quais são os números?

— Números 5, 8 e 4, Lucky Court, o meu cavalo! Vamos, seu filho da mama esquerda de uma puta! Números 4 e 8 para a loteria, por todos os deuses!

Eles esperaram. E esperaram. O velho pensou que ia desmaiar. Então resolveu pensar em coisas melhores, como a sua conversa com o Chen da Casa Nobre, naquela manhã. Três vezes ele ligara, e todas as vezes um criado atendera e desligara. Foi somente quando falou em "Lobisomem" que o Chen da Casa Nobre em pessoa veio ao telefone.

— Por favor, desculpe-me por mencionar os terríveis matadores do seu filho — dissera. — Não fui eu, Honrado Senhor, oh, não! Sou apenas o pai da amante do seu falecido honorável filho, Glicínia Su, para quem escreveu do seu amor imorredouro na carta que saiu publicada nos jornais.

— Hem? Mentiroso! Tudo mentiras. Acha que sou algum idiota para ser extorquido por qualquer safado que ligue para mim? Quem é você?

— Meu nome é Hsi-men Su — dissera, mentindo com facilidade. — Há mais duas cartas, Honorável Chen. Pensei que talvez quisesse tê-las de volta, embora sejam tudo o que temos da minha pobre filha morta e do seu pobre filho morto, a quem considerei como meu próprio filho durante todos os meses que ele e...

— Mais mentiras! A meretriz impostora nunca recebeu cartas do meu filho! A nossa perigosa polícia mete os falsificadores na cadeia, sabia? Será que sou algum macaco camponês das Províncias Externas? Cuidado! Agora, imagino que vá apresentar um bebê, alegando que foi gerado pelo meu filho. Hem? Hem?

Chu Nove Quilates quase deixou cair o aparelho. Ele discutira e combinara esse exato plano com a mulher, os filhos e Lily. Fora fácil encontrar um parente que concordara em emprestar o bebê, por um certo preço.

— Como — gaguejou, chocado —, eu, um mentiroso? Eu, que de bom grado, por uma quantia modesta, entreguei a única filha virgem para ser a prostituta e o único amor do seu filho? — Usou com cuidado as palavras em inglês, tendo sido treinado durante horas pela filha Lily, para poder pronunciá-las direito. — Por todos os

deuses, protegemos o seu grande nome sem cobrar nada! Quando fomos buscar o corpo da minha pobre filha, não contamos nada à polícia mortífera que deseja, oh ko, é, que deseja saber quem é o autor da carta para poder prender os Lobisomens! Que todos os deuses maldigam aqueles cruéis filhos da puta! Quatro jornais chineses já não ofereceram recompensas pelo nome do autor, heya? Não é justo que eu lhe ofereça as cartas antes de reclamar a recompensa dos jornais, heya?

Pacientemente, escutara a enxurrada de xingamentos que dera início às negociações. Diversas vezes os dois lados haviam fingido que iam desligar, mas nenhum deles interrompeu a barganha. Finalmente, ficou decidido que, se uma fotocópia de uma das outras cartas fosse enviada para o Chen da Casa Nobre como prova de que ela, e as outras, não eram falsificações, então "pode ser, Honorável Su, que as outras cartas — e esta — valham uma quantia muito modesta de Graxa Fragrante".

Chu Nove Quilates ria baixinho consigo mesmo. "Ah, sim", pensou, satisfeito, "o Chen da Casa Nobre vai pagar regiamente, especialmente quando ler as partes sobre si próprio. Ah, se elas fossem publicadas, certamente ele seria levado ao ridículo diante de toda a Hong Kong, e desmoralizado para sempre. Bem, quanto será que devo acei..."

Uma enorme zoeira repentina cercou-o e ele quase caiu. Seu coração começou a bater com força, a respiração tornou-se difícil. Agarrou-se à cerca e tentou enxergar o totalizador distante.

— Quem... quais são os números? — perguntou, guinchando por sobre a barulheira e puxando a roupa dos vizinhos. — Os números, diga-me os números!

— O ganhador é o 8, Buccaneer, o capão da Casa Nobre. Ayeeyah, não está vendo o tai-pan levando-o agora para o círculo do vencedor? Buccaneer está pagando 7 por 1.

— O segundo? Quem foi o segundo cavalo?

— Número 5, Winsome Lady, 3 por 1 no placê... O que é, velho, está passando mal?

— Não... não... — retrucou Chu Nove Quilates, e foi se afastando debilmente, tateando. Finalmente, encontrou um pequeno trecho de concreto vazio, abriu o programa de corridas em cima do concreto molhado, e se sentou, a cabeça apoiada nos joelhos e braços, levado ao êxtase de ter ganho a primeira parte da loteria. "Oh, oh, oh! E agora, nada a fazer exceto esperar, e se o tempo da espera for longo demais, usarei mais um pouco do Pó Branco, e ainda me sobrá uma última porção para poder agüentar o trabalho de logo mais à noite. Agora, todos os deuses, concentrem-se! A primeira parte foi ganha pela minha própria argúcia. Por favor, concentrem-se no quinto! Números 7 e 1! Que todos os deuses se concentrem..."

Junto do círculo do vencedor, os administradores, proprietários e funcionários se aglomeravam. Dunross interceptara o

seu cavalo e felicitava o jóquei. Buccaneer fizera uma bela corrida, e agora, enquanto conduzia o capão para o círculo do vencedor em meio à nova explosão de vivas e parabéns, ele manteve a sua exuberância deliberadamente franca. Queria deixar que o mundo visse o seu prazer e a sua confiança, consciente de que ter vencido aquela corrida era um imenso presságio, acima e além da vitória, em si. O presságio seria dobrado e triplicado se vencesse com Noble Star. Dois cavalos na loteria dupla sem dúvida dariam "um tranco" em Gornt e seus aliados. E se Murtagh obtivesse êxito ou se Tiptop mantivesse a promessa de trocar o dinheiro por Brian Kwok ou se Pão-Duro ou Lando ou Quatro Dedos...

— Ei, sr. Dunross, parabéns!

Dunross lançou um olhar à multidão junto à cerca.

— Oh, alô, sr. Choy — falou, reconhecendo o Sétimo Filho de Wu Quatro Dedos, para todos os efeitos seu sobrinho. Acercou-se dele e apertou-lhe a mão. — Apostou no vencedor?

— Claro, senhor, estou com a Casa Nobre em todas! Jogamos na loteria dupla, meu tio e eu. Acabamos de ganhar a primeira parte, 5 e 8, e apostamos no 7 e no 8 no quinto páreo. Ele apostou dez mil e eu o salário de uma semana!

— Então, vamos torcer para ganhar, sr. Choy.

— Estamos aí, tai-pan — disse o rapaz, naquela sua familiaridade americana.

Dunross sorriu e caminhou ao encontro de Travkin.

— Tem certeza de que Johnny Moore não pode montar Noble Star? Não quero Tom Wong.

— Já lhe disse, tai-pan, Johnny está pior do que um cossaco bêbado.

— Preciso da vitória. Noble Star tem que vencer. Travkin viu Dunross olhar para Buccaneer, com ar especulativo.

— Não, tai-pan, por favor, não monte Noble Star. A pista está ruim, muito ruim e perigosa, e vai ficar pior à medida que a grama for sendo danificada. Khristos! Imagino que isso só vai fazer com que o senhor fique com mais vontade de montá-la.

— Meu futuro pode depender desse páreo... e o prestígio da Casa Nobre.

— Eu sei. — Com raiva, o russo castigado pelo tempo bateu com o rebenque que carregava perpetuamente contra as velhas calças de montaria, lustrosas com o uso. — E sei que o senhor é

melhor que todos os outros jóqueis, mas aquela grama é um perigo...

— Não confio em ninguém para isso, Aleksei. Não posso me dar ao luxo de nenhum erro. — Dunross baixou a voz. — O primeiro páreo foi arranjado?

Travkin devolveu-lhe o olhar, serenamente.

— Os cavalos não foram dopados, tai-pan. Não ao que eu saiba. O médico da polícia apavorou bastante os que poderiam sentir-se tentados.

— Ótimo. Mas foi arranjado?

— O páreo não era meu, tai-pan. Só me interessam os meus cavalos e os meus páreos. Nem assisti a ele.

— Muito conveniente, Aleksei. Parece que nenhum dos outros treinadores também viu.

— Escute, tai-pan. Tenho um jóquei para o senhor. Eu. Vou montar Noble Star.

Os olhos de Dunross se estreitaram. Lançou um olhar para o céu. Estava mais escuro do que antes. "Logo vai chover", pensou, "e há muito para ser feito antes da chuva. Eu ou Aleksei? As pernas de Aleksei são boas, suas mãos, as melhores, sua experiência, imensa. Mas ele pensa mais no cavalo do que na vitória."

— Vou pensar no assunto — disse. — Decidirei depois do quarto páreo.

— Eu vou ganhar — disse o homem mais velho, desesperado pela oportunidade de livrar-se do acordo que fizera com Suslev. — Gajihó nem que tenha que matar Noble Star.

— Não é preciso fazer isso, Aleksei. Gosto muito daquela égua.

— Tai-pan, escute, preciso de um favor seu. Estou com um problema. Posso vê-lo hoje à noite, ou domingo, domingo ou segunda à noite, digamos no Sinclair Towers?

— Por que Iá?

— Fizemos nosso acordo Iá, gostaria de conversar Iá. Mas, se não der, no dia seguinte.

— Vai nos deixar?

— Ah, não, não é preciso. Se tiver tempo. Por favor.

— Está certo, mas não pode ser hoje, nem domingo ou segunda. Vou para Taipé. Posso encontrá-lo na terça às dez da noite. Está bem?

— Ótimo, terça está ótimo. Obrigado.

— Volto para cá depois do próximo páreo.

Aleksei ficou olhando o tai-pan dirigir-se para os elevadores. Estava à beira das lágrimas, uma imensa afeição por Dunross a dominá-lo.

Seus olhos se voltaram para Suslev, que estava nas tribunas gerais, ali perto. Tentando aparentar naturalidade, levantou o número de dedos combinado: um para hoje à noite, dois para domingo, três para segunda, quatro para terça. Tinha uma visão muito boa, e viu que Suslev acusava o recebimento do sinal. "Matieriebets", pensou. "Traidor da Mãe Rússia e de todos nós, russos, você e todos os seus irmãos do KGB! Maldigo-os em nome de Deus, por mim e por todos os russos, se a verdade for conhecida.

"Deixe pra Iá! Vou montar Noble Star", disse com seus botões, sombriamente, "de uma maneira ou de outra."

Dunross entrou no elevador em meio a mais cumprimentos e muita inveja. No andar mais alto, Gavallan e Jacques esperavam por ele.

— Tudo pronto? — perguntou.

— Sim — respondeu Gavallan. — Gornt está Iá, e os outros que você queria. Qual é o problema?

— Venha comigo que você vai ver. A propósito, Andrew, vou fazer uma troca entre Jacques e David MacStruan. Jacques assumirá o Canadá por um ano, David...

O rosto de Jacques se iluminou.

— Oh, obrigado, tai-pan. É, muito obrigado. Tornarei o Canadá muito lucrativo, prometo-lhe.

— E quanto à mudança em si? — perguntou Gavallan.

— Quer que o Jacques vá para Iá primeiro ou que o David venha para cá?

— Ele chega na segunda. Jacques, passe tudo para o David. Na semana que vem, vocês dois podem ir juntos para o Canadá, durante umas duas semanas. Vá via França, ouviu? Apanhe Susanne e Avril, a essa altura ela deverá estar bem. Não há nada urgente no Canadá, no momento... aqui é mais urgente.

— Oh, sim, ma foi! Sim, sim, obrigado, tai-pan.

— Será bom ver o velho David — disse Gavallan.

Gostava muito de David MacStruan, mas ainda se perguntava o porquê da troca, e se isso significava que Jacques estava fora do páreo para herdar o manto do tai-pan, e David no páreo, e sua própria posição modificada, modificando-se ou ameaçada... se é que ia haver alguma coisa para se herdar, depois da segunda-feira. E quanto a Kathy?

"Joss", disse consigo mesmo. "O que tiver que ser, será. Ah, que tudo vá à merda!"

— Vocês dois vão na frente — disse Dunross. — Vou buscar o Phillip.

Entrou no reservado dos Chens. Seguindo um antigo costume, o representante nativo da Casa Nobre era automaticamente um dos administradores. "Talvez pelo último ano", pensou Dunross, sombriamente. "Se Phillip não me aparecer com ajuda sob a forma de Wu Quatro Dedos, Lando Mata, Pão-Duro ou alguma coisa tangível até a meia-noite de segunda, está cortado."

— Alô, Phillip — disse, com voz amável, cumprimentando os outros convidados na tribuna lotada. — Está pronto?

— Ah, sim, estou, tai-pan. — Phillip Chen envelhecera.

— Parabéns pela vitória.

— É, tai-pan, um presságio maravilhoso... estamos todos torcendo pelo quinto! — exclamou Dianne Chen, esforçando-se igualmente por ocultar sua apreensão, Kevin ao seu lado, fazendo-lhe eco.

— Obrigado — retrucou Dunross, certo de que Phillip Chen lhe havia falado do seu encontro. Ela usava um chapéu com penas de ave-do-paraíso e jóias em excesso.

— Champanha, tai-pan?

— Não, obrigado, quem sabe mais tarde. Desculpe, Dianne, preciso pedir o Phillip emprestado por um ou dois momentos. Não vai demorar.

No corredor, deteve-se um instante.

— Alguma novidade, Phillip?

— Eu... falei com todos... todos eles. Vão se reunir amanhã de manhã.

— Onde? Em Macau?

— Não, aqui. — Phillip Chen baixou ainda mais a voz. — Lamento toda... toda a confusão que meu filho causou... é, lamento muito — disse, com sinceridade.

— Aceito suas desculpas. Se não tivesse sido pelo seu descuido e traição, jamais nos teríamos tornado tão vulneráveis. Santo Deus, se o Gornt puser as mãos nos nossos balanços gerais e estruturas da companhia, estamos num mato sem cachorro.

— Tive... tive uma idéia, tai-pan, de como salvar a nossa... de como salvar a Casa. Depois das corridas, será que pode me dar... um

tempinho, por favor?

— Virá para o coquetel hoje à noite? Com Dianne?

— Sim, se... sim, por favor. Posso levar o Kevin? Dunross sorriu fugazmente consigo mesmo. O futuro herdeiro, oficialmente e tão depressa. Carma.

— Pode. Vamos indo.

— Do que se trata, tai-pan?

— Vai ver. Por favor, não diga nada, não faça nada, apenas aceite... com grande confiança... que faz parte do pacote, e quando eu partir siga-me, espalhe as boas-novas e a alegria. Se falharmos, a Casa de Chen falhará primeiro, haja o que houver!

Entrou na tribuna particular de McBride. Mais cumprimentos imediatos, e muitos dizendo que tinha sido uma grande sorte.

— Santo Deus, tai-pan — disse McBride —, se Noble Star vencer o quinto páreo, não será uma maravilha?!

— Pilot Fish vai derrotar Noble Star — falou Gornt, cheio de confiança. Estava no bar com Jason Plumm, tomando uma bebida. — Aposto dez mil como ele terminará a corrida na frente da sua égua.

— Fechado — disse Dunross imediatamente. Houve vivas e vaias dos trinta e tantos convidados, e mais uma vez Bartlett e Casey, que, por combinação prévia com Dunross, haviam entrado no reservado ostensivamente, há alguns minutos, para bater papo com Peter Marlowe, ficaram intimamente abalados com o ar festivo e a confiança exuberante de Dunross.

— Como vai passando, Dunstan? — perguntou Dunross. Não prestou atenção a Casey ou Bartlett, concentrando-se no grandalhão rosado, que estava mais rosado do que de costume, um conhaque duplo nas mãos.

— Muito bem, obrigado, Ian. Acertei o primeiro, e Buccaneer... ganhei uma nota com Buccaneer, mas minha maldita loteria já foi pro brejo. Lucky Court me deixou na mão.

O aposento era do mesmo tamanho que a tribuna particular da Struan, mas não tão bem decorado quanto aquela, embora igualmente cheio de grande parte da elite de Hong Kong, algumas das pessoas convidadas para Iá há um momento por Gavallan e McBride, ou por Dunross. Lando Mata, Holdbrook — o corretor da Struan na Bolsa —, Sir Luís Basílio — diretor da Bolsa de Valores —, Johnjohn, Havergill, Southerby — presidente da junta diretora do Blacs —, Richard Kwang, Pugmire, Biltzmann, Sir Dunstan Barre, o

jovem Martin Haply, do China Guardian. E Gornt. Dunross olhou para ele.

— Também acertou o vencedor do último páreo?

— Não, não simpatizei com nenhum dos cavalos. Do que se trata, Ian? — perguntou Gornt, e a atenção de todos se concentrou.
— Quer fazer algum comunicado?

— Quero, e como gesto de cortesia achei que você devia saber, juntamente com os outros vips. — Dunross virou-se para Pugmire. — Pug, a Casa Nobre está contestando formalmente a compra do controle acionário pela American Superfoods da sua Hong Kong General Stores.

Fez-se um vasto silêncio e todos o fitaram. Pugmire estava branco.

— Como?

— Estamos oferecendo cinco dólares a mais por ação do que a Superfoods, e ainda vamos superar a oferta deles oferecendo trinta por cento em dinheiro e setenta por cento em ações, tudo dentro de trinta dias!

— Ficou maluco? — explodiu Pug. "Não sondei todo mundo antes", teve vontade de gritar, "inclusive você? Todos vocês não aprovaram, ou pelo menos evitaram desaprovar? Não é assim que se faz por aqui, Deus do céu?... bate-papos particulares no Clube, aqui nas corridas, em jantares íntimos, ou seja Já o que for?" — Não pode fazer isso — murmurou.

— Já fiz — disse Dunross.

— Tudo o que fez, Ian, foi fazer um comunicado — disse Gornt asperamente. — Como vai pagar? Em trinta ou trezentos dias?

Dunross simplesmente olhou para ele.

— Os lances são públicos. Completamos em trinta dias. Pug, receberá os documentos oficiais até as nove e meia de segunda-feira, com uma entrada em dinheiro para consolidar a proposta.

Momentaneamente, a voz dele foi abafada quando os outros começaram a falar, fazendo perguntas, todos imediatamente preocupados com a maneira pela qual aquele acontecimento espantoso os afetaria pessoalmente. Ninguém jamais contestara anteriormente uma compra de controle pré-combinada. Johnjohn e Havergill ficaram furiosos porque a coisa fora feita sem que fossem consultados, e o outro banqueiro, Southerby, do Blacs, que estava "bancando" a compra do controle pela Superfoods, ficou igualmente aborrecido por ter sido pego de surpresa. Mas todos os banqueiros, até mesmo Richard Kwang, estavam avaliando as possibilidades, pois

se o mercado de valores estivesse normal, e as ações da Struan no seu nível normal, a proposta da Struan poderia ser muito boa para os dois lados. Todos sabiam que a gerência da Struan poderia revitalizar a rica mas estagnada hong, e a aquisição fortaleceria inco-mensuravelmente a Casa Nobre, elevaria seu lucro bruto do ano em pelo menos vinte por cento, e naturalmente aumentaria os seus dividendos. Para coroar tudo isso, a compra de controle manteria todos os lucros em Hong Kong, e faria com que não escoassem para as mãos de um estranho. Especialmente Biltzmann.

"Oh, meu Deus", pensava Barre, com grande admiração e não sem um pouco de inveja, "imagine o Ian fazer a oferta aqui, em público, num sábado, sem ter sequer havido um murmúrio de que estava meditando o inimaginável, sem nada que nos desse um vislumbre que nos permitisse comprar em baixa discretamente na semana passada, para ganhar uma fortuna com um único telefonema; que idéia brilhante! Claro que as ações da General Stores do Pug vão subir vertiginosamente logo na segunda de manhã. Mas, que diabos, como foi que o Ian e o Havergill esconderam isso? Pombas, eu podia ter ganho uma nota preta se tivesse sabido. Talvez ainda possa! Sem dúvida os boatos sobre o Victoria não estar apoiando a Struan não passam de papo furado..."

"Espere aí", estava pensando Sir Luís Basílio, "não compramos um bloco imenso de ações da General Stores na semana passada para um representante de um comprador? Santo Deus, será que o tai-pan nos passou a perna em todos? Mas, minha Nossa Senhora, espere aí, e quanto à corrida às ações dele, e quanto ao colapso do mercado, e quanto ao dinheiro que terá que apresentar para confirmar a oferta, e quanto a..."

Até mesmo Gornt conjecturava, cheio de ódio por não ter pensado naquilo primeiro. Sabia que a proposta era boa, perfeita, na verdade, e que não podia fazer uma melhor, não no momento. "Mas, afinal, o Ian não pode completar. Não há meio de..."

— Podemos publicar isso, tai-pan? — perguntou a voa incisiva e canadense de Martin Haply, em meio à agitação.

— Sem dúvida, sr. Haply.

— Posso fazer algumas perguntas?

— Depende de quais sejam — disse Dunross, serenamente. Olhando-o nos penetrantes olhos castanhos, sentiu-se sombriamente divertido. "Bem que podíamos usar um filho da mãe bastante safado na família... se pudéssemos confiar-lhe a Adryon." — O que está querendo saber?

— Esta é a primeira vez que se contesta uma compra de controle acionário. Posso perguntar-lhe por que o está fazendo justo agora?

— A Struan sempre foi inovadora. Quanto à hora escolhida, consideramo-la perfeita.

— Considera que este sábado... Biltzmann interrompeu asperamente.

— Fizemos um negócio. Foi fechado. — Virou-se bruscamente para Pugmire. — Não é, Dickie?

— Estava fechado, sr. Biltzmann — retrucou Dunross, vivamente. — Mas nós estamos contestando a sua oferta, como é feito nos Estados Unidos, segundo as regras americanas. Suponho que não se importe com isso. Claro que aqui somos amadores, mas gostamos de tentar aprender com os nossos pares. Até a assembléia dos acionistas, nada é definitivo. É a lei, não é?

— É, mas... mas estava fechado! — O homem alto e grisalho virou-se para Pugmire, mal conseguindo falar de tão zangado. — Você falou que estava tudo resolvido.

— Bem, os diretores tinham concordado — falou Pugmire, sem jeito, consciente de que todos lhe prestavam atenção, especialmente Haply, metade dele radiante com a oferta muito melhor, a outra furiosa porque também ele não soubera de nada com antecedência, para poder ter comprado maciçamente. — Mas... bem... claro que o negócio tem que ser ratificado pelos acionistas na assembléia de sexta-feira. Não tínhamos idéia de que haveria... Bem, Ian, Chuck, não acham que aqui não é exatamente o lugar para se discutir...

— Concordo — disse o tai-pan. — Mas, no momento, não há muito o que discutir. A oferta foi feita. A propósito, Pug, seu acordo está de pé, exceto que será ampliado de cinco para sete anos, com um lugar na diretoria da Struan pelo mesmo período.

O queixo de Pugmire caiu.

— Isso faz parte da oferta?

— Naturalmente precisaríamos dos seus conhecimentos e perícia — disse Dunross, delicadamente, e todos souberam que Pug estava "no papo". — O resto do pacote está de pé, exatamente como foi negociado por você e pela Superfoods. Os papéis estarão na sua mesa até nove e meia. Talvez queira apresentar a nossa proposta aos seus acionistas, na sexta-feira.

— Dirigiu-se a Biltzmann e estendeu a mão. — Boa sorte. Imagino que fará prontamente uma contraproposta.

— Bem, eu... terei que consultar a matriz, sr... tai-pan.

— Biltzmann estava afogueado e zangado. — Nós... fizemos a nossa melhor oferta e... sua oferta foi excelente. É. Mas com a corrida às suas ações, a corrida aos bancos, e o mercado em baixa, vai ser um negócio bem difícil de fechar, não é?

— Absolutamente, sr. Biltzmann — disse Dunross, arriscando tudo na certeza de que Bartlett não voltaria atrás na sua promessa do dinheiro, de que ele fecharia com a Par-Con, livrar-se-ia de Gornt e colocaria suas ações no seu lugar de direito até o fim da semana seguinte. — Podemos fechar sem nenhuma dificuldade.

A voz de Biltzmann tornou-se mais cortante.

— Dickie, acho melhor considerar cuidadosamente a nossa proposta. É válida até terça-feira — disse, confiando em que, na terça-feira, a Struan estaria aos pedaços. — Agora, vou fazer uma aposta no próximo páreo.

Saiu, em largas passadas. A tensão na tribuna subiu vários decibéis.

Todos começaram a falar, mas Haply ergueu a voz:

— Tai-pan, posso lhe fazer uma pergunta? Todas as atenções concentraram-se nele.

— Qual?

— Sei que é costume, nos casos de compra de controle, dar-se um sinal em dinheiro, como prova de boa fé. Posso perguntar-lhe qual a quantia que a Struan dará?

Todos esperaram, com a respiração presa, observando Dunross. Ele manteve a pausa, os olhos percorrendo os rostos, curtindo a emoção, sabendo que todos o queriam humilhado, quase todos, exceto... exceto quem? Casey, por exemplo, embora estivesse por dentro. Bartlett? Não sabia, não com certeza. Claudia? Ah, sim, Claudia fitava-o, o rosto sem cor. Donald McBride, Gavallan, até mesmo Jacques. Seus olhos se detiveram em Martin Haply.

— Talvez o sr. Pugmire prefira que esse detalhe lhe seja fornecido em particular — falou, dando-lhes corda. — Não é, Pug?

Gornt interrompeu Pugmire, e falou, desafiador:

— Ian, já que decidiu ser heterodoxo, por que não tornar tudo público? O sinal que se dá mede o valor da proposta. Não é?

— Não. Na verdade, não. — Dunross ouviu o vozerio distante e abafado que indicava a largada do terceiro páreo, e teve certeza, olhando os rostos, de que mais ninguém o ouvira, além dele. — Está bem, vá lá — disse, despreocupadamente.

— Pug, que tal dois milhões de dólares americanos, junto com os papéis, às nove e meia de segunda-feira? Prova de boa fé.

Uma exclamação abafada percorreu o aposento. Havergill, Johnjohn, Southerby, Gornt, estavam todos estupefatos. Phillip Chen quase desmaiou. Involuntariamente, Havergill começou:

— Ian, não acha que nós, bem... Dunross virou-se bruscamente para ele.

— Por quê? Não acha o bastante, Paul?

— Oh, sim, claro, mais do que o bastante, mas, bem... Havergill foi parando de falar, sob o olhar de Dunross.

— Ah, por um momento... — Dunross se deteve, fingindo ter tido um súbito pensamento. — Ora, não precisa se preocupar, Paul, não o envolvi sem o seu consentimento, é claro. Tenho financiamento alternativo para essa transação, financiamento externo — continuou, com seu encanto suave.

— Como sabem, bancos japoneses e muitos outros estão ansiosos para se expandir na Ásia. Achei melhor, para manter tudo secreto e impedir os "vazamentos" habituais, obter o financiamento externamente até estar pronto para fazer o comunicado. Felizmente, a Casa Nobre tem amigos no mundo todo! Até logo mais, para todos!

Virou-se e saiu. Phillip Chen seguiu-o. Martin Haply dirigiu-se para o telefone, e então todos começaram a falar a um só tempo, dizendo "Não acredito, pombas, que o Ian tenha esse tipo de fundos externos..."

Em meio à confusão, Havergill perguntou a Johnjohn:

— Qual o banco japonês?

— Tomara eu soubesse. Se o Ian obteve o financiamento para essa... meu Deus, dois milhões de dólares americanos é o dobro do que precisaria oferecer.

Southerby, que esperava junto deles, enxugou a palma das mãos.

— Se o Ian fechar esse negócio, valerá dez milhões de dólares americanos no primeiro ano, no mínimo. — Deu um sorriso sardônico. — Bem, Paul, está parecendo que nós dois ficamos por fora dessa boca.

— É, é o que parece, mas não sei como o Ian pôde... e manter tudo tão secreto!

Southerby inclinou-se mais para junto dele.

— Nesse meio tempo — perguntou baixinho —, o mais importante: e quanto ao Tiptop?

— Nada, ainda nada. Não respondeu aos meus telefonemas, nem aos do Johnjohn. — Os olhos de Havergill pousaram em Gornt, que agora estava conversando em particular com Plumm. — E Quillan, o que fará agora?

— Terá que comprar logo cedo na segunda. Tem que fazê-lo. Agora tem, é perigoso demais deixar como está — disse Southerby.

— Concordo — falou Sir Luís Basílio, reunindo-se a eles. — Se o Ian pode dispor de tanto dinheiro, quem andou vendendo as ações dele a descoberto que se cuide. Por falar nisso, andamos comprando ações da General Stores para representantes, nesta última semana. Provavelmente o Ian, não? Ele tem que ter tomado uma posição, o sortudo!

— É — resmungou Johnjohn. — O que não consigo é descobrir... Santo Deus, e se agora ele vencer com Noble Star? Com uma sorte dessas, podia virar toda essa situação a seu favor! Sabe como são os chineses.

— É — falou Gornt, intrometendo-se, e espantando-os.

— Mas graças a Deus não somos todos chineses. Ainda temos que ver a cor do dinheiro.

— Ele tem que tê-lo... precisa tê-lo — falou Johnjohn.

— É uma questão de prestígio.

— Ah, prestígio. — Gornt tornou-se sarcástico. — Às nove e meia, não? Se ele fosse realmente esperto, teria dito meio-dia, ou três horas, assim teríamos passado o dia todo sem saber, e ele poderia ter-nos manipulado o dia todo. Mas, agora... — Gornt deu de ombros. — De qualquer modo eu ganho milhões, se não o controle.

Lançou um olhar para o outro lado da tribuna barulhenta, fez um sinal de cabeça para Bartlett e Casey, depois afastou-se.

Bartlett tomou Casey pelo braço, e conduziu-a até o balcão.

— O que achou? — perguntou ele, baixinho.

— Do Gornt?

— Do Dunross.

— Fantástico! Ele é fantástico. "Banco japonês"... uma pista falsa espetacular — disse ela, entusiasmada. — Pôs o grupo todo louco, dava para se ver, e se pôs esse grupo, porá Hong Kong inteira. Ouviu o que disse Southerby?

— Claro. Parece que vamos todos ficar numa boa... se ele conseguir escapar da armadilha de Gornt.

— Tomara que sim. — Foi então que ela notou o sorriso dele.
— O que foi?

— Sabe o que acabamos de fazer, Casey? Acabamos de comprar a Casa Nobre com a promessa de dois milhões de dólares.

— Como?

— O Ian está fazendo o jogo confiando nos meus dois milhões.

— Não é um jogo, Linc. Foi um trato.

— Claro. Mas, digamos que eu não entre com a grana. Todo o seu castelo de cartas desaba. Se não conseguir aqueles dois milhões, está acabado. Ontem, disse ao Gornt que eu podia puxar o tapete na segunda de manhã. Digamos que eu retire os dois milhões do Ian antes de o mercado abrir. O Ian entra pelo cano.

Ela o fitou, abismada.

— Você não faria isso!

— Viemos para cá para fazer uma incursão e nos tornarmos a Casa Nobre. Olhe o que o Ian fez com o Biltzmann, o que todos eles fizeram com ele. O pobre coitado nem soube direito o que o atingiu. Pugmire fez um acordo, mas voltou atrás para aceitar a proposta melhor do Ian. Certo?

— Isso é diferente. — Olhou fundo nos olhos dele. — Vai voltar atrás, depois de ter feito um acordo?

Bartlett deu um sorriso estranho, olhou Iá para baixo, para a multidão espremida, e para o totalizador.

— Pode ser. Pode ser que isso dependa de quem faça o quê para quem durante o fim de semana. Gornt ou Dunross, pra mim dá

no mesmo.

— Não concordo.

— Claro, Casey, eu sei — disse ele, calmamente. — Mas são os meus dois milhões e o meu jogo.

— É, e a sua palavra e o seu prestígio! Você selou o acordo com um aperto de mãos.

— Casey, essa turma aqui comeria a gente no café da manhã, se tivesse uma chance. Acha que Dunross não nos passaria a perna, se tivesse que escolher entre ele e nós? Depois de uma pausa, ela falou:

— Está querendo dizer que um acordo nunca é um acordo, não importa o quê?

— Quer quatro milhões livres de impostos?

— Já sabe a resposta.

— Digamos que você vá receber quarenta e nove por cento da nova companhia Par-Con-Gornt, limpinhos. Deve valer isso.

— Mais — retrucou, temendo o rumo que a conversa tomava, e pela primeira vez na vida repentinamente insegura quanto a Bartlett.

— Quer esses quarenta e nove por cento?

— Em troca do quê, Linc?

— Em troca do apoio integral, cem por cento, à Gornt-Par-Con.

Sentiu uma fraqueza no estômago e olhou para ele, insistentemente, tentando ler seus pensamentos. Normalmente podia fazê-lo, mas não mais, desde Orlando.

— É o que você está me oferecendo?

Ele sacudiu a cabeça, com o mesmo sorriso, a mesma voz.

— Não. Ainda não.

Ela estremeceu, temendo aceitar o negócio, se a oferta fosse pra valer.

— Que bom, Incursor. É, que bom, acho.

— A questão é direta e simples, Casey: Dunross e Gornt jogam para vencer, mas com objetivos diferentes. Ora, esta tribuna particular significaria mais para eles dois do que dois ou quatro milhões. Nós viemos para cá, eu e você, para obter lucro e vencer.

Os dois olharam para o céu, ao sentirem algumas gotas de chuva. Mas elas caíam do toldo, não voltara a chover. Ela começou a dizer qualquer coisa, depois parou.

— O que é, Casey?

— Nada.

— Vou circular por aí, ver qual é a reação. Encontro-a no nosso reservado.

— E quanto ao quinto? — perguntou ela.

— Espere pelas probabilidades. Volto antes da largada.

— Divirta-se!

Acompanhou-o com os olhos enquanto ele se retirava. Depois virou-se e debruçou-se no balcão para se esconder dele e de todos. Quase fizera a pergunta: "Vai puxar o tapete e voltar atrás?"

"Meu Deus, antes de Orlanda... antes de Hong Kong... eu jamais precisaria fazer a pergunta. Linc jamais voltaria atrás num acordo, antes. Mas agora, agora não tenho certeza."

Estremeceu de novo. "E quanto às minhas lágrimas? Nunca agi assim antes, e quanto ao Murtagh? Será que devo contar ao Linc sobre o Murtagh, agora... ou depois... porque sem dúvida ele terá que saber, antes das nove e meia de segunda-feira. Ah, Deus, quem dera nunca tivéssemos vindo para cá!"

A chuva ligeira salpicou o hipódromo, e alguém murmurou :

— Pombas, espero que não piore!

A pista já estava danificada, lamacenta e muito deslizante. Do lado de fora da entrada principal, a rua estava cheia de poças e escorregadia. O tráfego era denso, e muitas pessoas atrasadas ainda passavam pelas borboletas.

Roger Crosse, Sindere e Robert Armstrong saltaram do carro de polícia e cruzaram as barreiras e postos de controle até o elevador dos sócios, os distintivos de lapela azuis tremulando. Havia cinco anos Crosse era sócio votante, Armstrong havia um. Naquele ano Crosse também era um dos administradores. Todos os anos o comissário da polícia sugeria aos administradores que a polícia deveria ter sua própria tribuna, e todos os anos os administradores concordavam entusiasticamente, e nada acontecia.

Na tribuna dos sócios, Armstrong acendeu um cigarro. Seu rosto estava vincado, os olhos, cansados. O salão imenso e lotado ocupava metade do comprimento das tribunas. Foram até o bar e pediram bebidas, cumprimentando os outros sócios.

— Quem é aquela? — quis saber Sindere. Armstrong acompanhou-lhe o olhar.

— Aquela é um pouco da nossa cor local, sr. Sindere. — A voz dele era sardônica. — O nome dela é Vênus Poon, e é a nossa estrelinha máxima da tv.

Vênus Poon usava um casaco de vison comprido e estava cercada por um grupo de admiradores chineses.

— O sujeito à esquerda dela é Charles Wang; é um produtor de filmes multimilionário, proprietário de cinemas, cabarés, clubes

noturnos, bares, garotas e um par de bancos na Tailândia. O velho miúdo que se parece com um bambu, e é tão resistente quanto um deles, é o Wu Quatro Dedos, um dos nossos piratas locais... o contrabando é o seu meio de vida, e é muito bom.

— É — concordou Crosse. — Quase o pegamos, há uns dois dias. Achamos que anda envolvido com heroína... e ouro, é claro.

— Quem é o nervosinho de terno cinza? O sujeito do lado de fora?

— Aquele é Richard Kwang, do desastre do Ho-Pak — falou Armstrong. — Ele é o atual, ou era o atual, digamos, coronel dela.

— Interessante. — Sindors concentrou-se em Vênus Poon. O vestido dela era decotado e provocante. — É, muito. E quem é aquela outra? Ali, junto com o europeu.

— Onde? Ah, aquela é Orlanda Ramos, portuguesa, o que aqui geralmente quer dizer eurásiana. Já foi amante de Quillan Gornt. Agora, não sei. O homem é Linc Bartlett, o "contrabandista de armas".

— Ah! Ela não é comprometida?

— Talvez.

— Parece dispendiosa. — Sindere sorveu a sua bebida e soltou um suspiro. — Deliciosa, mas cara.

— Eu diria que muito — disse Crosse, com ar de desagrado. Orlanda Ramos estava com várias mulheres de meia-idade, todas vestindo roupas assinadas, cercando Bartlett. — Um pouco exagerada para o meu gosto.

Sindere olhou para ele, surpreso.

— Há anos que não vejo tantas beldades... ou tantas jóias. Já houve algum assalto aqui?

Crosse arregalou os olhos.

— No Turf Club? Santo Deus, ninguém teria coragem! Armstrong abriu o seu sorriso amargo.

— Cada policial que presta serviço aqui, do mais alto ao mais baixo, passa a maior parte do tempo tentando bolar o assalto perfeito. A coleta final do dia deve ser de uns quinze milhões, no mínimo. Ainda não conseguimos. A segurança é boa demais, bem bolada demais... obra do sr. Crosse.

— Ah! Crosse sorriu.

— Quer comer alguma coisa, Edward? Que tal um sanduíche?

— Boa idéia. Obrigado.

— Robert?

— Não, senhor, obrigado. Se não se importa, vou estudar o programa da corrida, e depois os verei.

Armstrong estava dolorosamente cômico de que, após o sétimo páreo, deviam voltar ao QG, onde Brian Kwok deveria ser submetido a outra sessão.

— Robert é um apostador dos brabos, Edward. Robert, faça-me um favor, acompanhe o sr. Sinderson, mostre-lhe onde apostar, e peça um sanduíche para ele. É melhor eu ir ver se o governador está livre um momentinho... volto logo.

— Com prazer — disse Armstrong, detestando a idéia, o envelope com os quarenta mil dólares de h'eung yau que tirara da mesa, impulsivamente, queimando como fogo no bolso. "Porra! Sim

ou não?", perguntava-se sem parar, tentando sombriamente decidir, e o tempo todo tentando afastar da mente o horror do seu amigo Brian e da próxima sessão... não, não mais o seu amigo, mas um agente inimigo altamente treinado e dedicado, um "peixe" enormemente valioso que haviam descoberto por milagre.

— Robert — disse Crosse, mantendo a voz deliberadamente bondosa —, você fez um bom trabalho, hoje. Muito bom.

— É — concordou Sindors. — Providenciarei para que o ministro saiba da sua ajuda, e, naturalmente, o comando.

Crosse dirigiu-se para o elevador. Aonde quer que fosse, era seguido por olhares chineses nervosos. No último andar, ignorou o reservado do governador e entrou no de Plumm.

— Alô, Roger! — cumprimentou-o Plumm, amavelmente. — Quer uma bebida?

— Um café seria ótimo. Como vão indo as coisas?

— Perdi a camisa, por enquanto, embora muitos de nós tenhamos acertado a primeira parte da loteria. E você?

— Acabei de chegar.

— Ah, então perdeu o teatro! — Plumm contou a Crosse sobre a proposta de compra de controle de Dunross. — Ian frustrou o plano de Pug.

— Ou fez-lhe uma excelente oferta — manifestou-se alguém.

— Verdade, verdade.

O reservado de Plumm estava lotado, como todas as demais tribunas particulares. Muito bate-papo e risos, bebidas e boa comida.

— O chá vai chegar daqui a meia hora. Vou dar uma passadinha na sala do comitê dos administradores, Roger. Quer ir comigo?

A sala do comitê ficava no fim do corredor, do outro lado de portas giratórias vigiadas. Era pequena, com uma mesa de doze cadeiras, um telefone, boas janelas dando para a pista e um balcãozinho. E estava vazia. Imediatamente, a fachada simpática de Plumm se desfez.

— Falei com Suslev.

— Foi?

— Está furioso com a batida de ontem no Ivánov.

— Posso imaginar. Foram ordens de Londres. Eu só soube hoje de manhã. Maldito Sinderson!

Plumm fechou ainda mais a cara.

— Será que estão desconfiando de você?

— Ah, não. É só rotina. É só a Divisão Especial, a MI-6 e Sinderson distendendo as asas. São uma turma muito reservada, e com razão. Não têm nada a ver com o sei. Continue.

— Ele me pediu que, se você viesse, lhe dissesse que estaria junto a uma cabine telefônica. — Plumm passou-lhe um pedaço de papel. — Eis o número. Estará aí exatamente na largada dos três próximos páreos. Por favor, ligue para ele... falou que era urgente. Que diabo, qual o motivo da batida?

— Foi só para assustar todo o pessoal do KGB a bordo, assustá-los o bastante para desentocar a Sevrin. Pressão. Assim como a ordem para o Suslev e o novo comissário aparecerem no QG no domingo. Só para dar um susto.

— Pode apostar que o Suslev está assustado. — Um sorriso sardônico perpassou pelo belo rosto de Plumm. — O esfíncter dele vai ficar fora de forma pelo menos uns dez anos. Todos eles terão que dar um bocado de explicações. Quando o Armstrong invadiu "por acaso" a sala de rádio, o Vermelho Um foi acionado, e eles obediente e desnecessariamente destruíram todo o seu equipamento de interferência e de deci-fração, juntamente com os exploradores de radar sigilosos.

Crosse deu de ombros.

— O Ivánov está indo embora, e tem bastante equipamento para substituir os que foram danificados. Não foi culpa do Suslev, ou nossa. Podemos enviar um relatório contando ao Centro o que houve. Se quisermos.

— Se? — indagou Plumm, estreitando os olhos.

— Rosemont e seus capangas da CIA pegaram um copo na batida que deram no Sinclair Towers. As impressões digitais de Suslev estão espalhadas nele.

Plumm empalideceu.

— Porra! Agora ele está fichado?

— Tem que estar. Está nos nossos arquivos, como sabe, não como membro do KGB, e acho que tenho as únicas cópias existentes das suas digitais. Retirei-as do dossiê dele, há anos. Eu diria que é apenas uma questão de tempo. A CIA logo saberá quem ele é. Portanto, quanto mais cedo ele sair de Hong Kong, melhor.

— Acha que devemos contar ao Centro? — perguntou Plumm, inquieto. — Vão estourar com ele por ter sido tão descuidado.

— Podemos decidir no fim de semana. Conhecíamos Voranski há anos, sabíamos que era de confiança. Mas, e esse homem? — Crosse deixou a palavra no ar, continuando a fingir que seu contato com Suslev era recente, como o de Plumm. — Afinal de contas, não é ele apenas um oficial inferior do KGB, um mensageiro metido a besta? Não é nem mesmo o substituto oficial do Voranski, e temos que pensar em nós.

— É verdade! — Plumm ficou mais duro. — Vai ver que é mesmo um bestalhão. Eu sei que não fui seguido até o Sinclair Towers. E quanto ao cabograma decifrado... puta que o pariu!

— O quê?

— O cabograma decifrado... aquele que ele deixou cair e o Armstrong pegou no convés do Ivánov. Temos que decidir quanto a

isso.

Crosse virou-se para ocultar o seu choque e lutou para controlar-se, abismado de que nem Armstrong nem Sindors houvessem mencionado qualquer cabograma. Fingiu abafar um bocejo, para disfarçar.

— Desculpe, passei a maior parte da noite acordado — falou, fazendo um esforço enorme para manter o tom de voz normal. — Ele lhe contou o que havia nele?

— Claro. Eu insisti.

Crosse viu que Plumm o observava.

— Ele disse o que exatamente havia nele?

— Como? Quer dizer que podia estar mentindo? — Plumm deixou transparecer a sua ansiedade. — Era qualquer coisa como: "Informe Arthur que, atendendo ao seu pedido para uma Prioridade Um para o traidor Metkin, ordenou-se uma interceptação imediata para Bombaim. Segundo, a reunião com o americano foi antecipada para o domingo. Terceiro e final: as pastas de Alan continuam sendo Prioridade Um. O máximo esforço deve ser feito pela Sevrin para obter sucesso. Centro". — Plumm molhou os lábios. — Está correto?

— Está — disse Crosse, arriscando, quase molhado de alívio. Começou a pesar as probabilidades quanto a Arsmtrong e Sinders. "Por que, deliberadamente, por que não me contaram nada?"

— Terrível, não é? — comentou Plumm.

— É, mas não é sério.

— Não concordo — disse Plumm com irritação. — Isso liga definitivamente o KGB à Sevrin, confirma definitivamente a existência de Arthur e da Sevrin.

— É, mas as pastas de Alan já haviam feito isso. Acalme-se, Jason, estamos seguríssimos.

— Estamos? Tem havido "vazamentos" demais para o meu gosto. Demais. Talvez devemos parar as atividades por algum tempo.

— Estamos parados. São apenas aquelas malditas pastas do Alan que estão nos causando problemas.

— É. Pelo menos o sacana do Grant não foi completamente exato.

— Está se referindo ao Banastasio?

— É. Ainda pergunto onde diabos ele se encaixa.

— É.

Na pasta de Alan que fora interceptada, Banastasio era mencionado erroneamente como a ligação americana da Sevrin. Fora apenas depois da pasta que Crosse soubera por Rosemont quem Banastasio realmente era.

— O sujeito que foi recebê-lo foi Vee Cee Ng — disse Crosse.

— Ng Fotógrafo? — perguntou Plumm, alçando as sobrancelhas. — Qual a ligação dele?

— Não sei. Navegação, navios, contrabando... está metido em todo tipo de negócios escusos — disse Crosse, dando de ombros.

— Será que a teoria daquele tal escritor tem fundamento? Como é o nome dele? Marlowe. Será que o KGB está operando no nosso território sem nos contar?

— É possível. Ou poderia ser um departamento completamente diferente, quem sabe o gru, instigado nos Estados Unidos pelo KGB ou pelo GRU locais. Ou apenas uma coincidência. — Crosse agora estava de novo controlado, o susto do cabograma se dissipando. Pensava agora com muito mais clareza. — O que Suslev quer de tão urgente?

— Nossa cooperação. Koronski chega no avião da tarde.

— Centro? — perguntou Crosse, soltando um assobio.

— É. Houve um recado hoje de manhã. Agora que o equipamento do Ivánov está destruído, passei a ser o mensageiro.

— Ótimo. Qual é o nome falso dele?

— Hans Meikker, Alemanha Ocidental. Vai ficar no Sete Dragões. — A ansiedade de Plumm aumentou. — Escute, Suslev falou que o Centro ordenou que nos preparássemos para seqüestrar o Ian e...

— Ficaram malucos! — explodiu Crosse.

— Concordo, mas o Suslev disse que é a única maneira de descobrirmos rapidamente se as pastas são falsas ou não e, se são, onde estão as verdadeiras. Ele alega que Koronski pode fazê-lo. Num interrogatório com substâncias químicas... bem... a memória do Ian pode ser... esvaziada.

— Que loucura! — disse Crosse. — Nem temos certeza de que as pastas são falsificadas. É apenas uma suposição, pelo amor de Deus!

— Suslev disse que o Centro falou que podemos pôr a culpa nos Lobisomens. Os sacanas seqüestraram John Chen. Por que não tentariam botar a mão no dinheiro grosso do tai-pan?

— Não. É perigoso demais. Plumm enxugou as mãos.

— Seqüestrar o Ian agora deixaria os tai-pans e Hong Kong alucinados. Poderia ser a hora perfeita, Roger.

— Por quê?

— A Casa Nobre ficaria totalmente desnorteada, e com toda essa corrida aos bancos e o desastre da Bolsa, Hong Kong entraria pelo cano, e isso deixaria a China em estado de choque. Faríamos a causa dar um salto de dez anos, e ajudaríamos incomensuravelmente o comunismo internacional e os trabalhadores do mundo. Porra, Roger, já não está cheio de ficar sentado e bancar

o menino de recados? Agora podemos realizar o propósito da Sevrin quase sem risco algum. Depois disso, "fecharemos para balanço" por algum tempo.

Crosse acendeu um cigarro. Notara a tensão na voz de Plumm.

— Vou pensar no assunto — falou, finalmente. — Deixemos como está, no momento. Ligo para você hoje à noite. Suslev disse quem era o americano mencionado no cabograma?

— Não. Só disse que não tinha nada a ver conosco. A voz de Crosse endureceu.

— Aqui, tudo tem a ver conosco.

— Concordo. — Plumm observava-o. — Também podia ser uma palavra em código, um codinome para alguém.

— É possível.

— Tenho um palpite. Banastasio.

— Por que ele? — perguntou Crosse, tendo chegado à mesma conclusão.

— Não sei, mas aposto que todo o golpe, se é que é um golpe, tem que ter inspiração, ou assistência, do KGB. É um clássico Sun Tse: usar a força do inimigo contra ele mesmo... os dois inimigos, os Estados Unidos e a China. Um Vietnam forte e unido é garantido militarmente contra a China. Certo?

— É possível. E, tudo se encaixa — concordou Crosse. "Exceto uma coisa", pensou. "Vee Cee Ng." Até que Brian Kwok tivesse cuspido "Vee Cee é um de nós", ele não tivera a mínima suspeita de que o sujeito fosse outra coisa que não um fotógrafo "avançado" e um comerciante capitalista. — Se o Banastasio é o americano, logo saberemos. — Acabou de fumar o seu cigarro. — Mais alguma coisa?

— Não. Roger, pense no Dunross. Por favor. Os Lobisomens tornam a coisa possível.

— Estou pensando.

— Este fim de semana seria perfeito, Roger.

— Eu sei.

Orlanda observava os cavalos pelo binóculo de longo alcance, quando eles deram a largada para o quarto páreo. Estava num dos cantos do balcão dos sócios, com Bartlett todo feliz ao seu lado, todo mundo olhando para os cavalos, menos ele. Observava-a, a curva dos seios sob a seda, o ângulo das maçãs do rosto, a intensidade do seu entusiasmo.

— Vamos, Crossfire — murmurava —, vamos! Está em quinto, Linc, vamos, beleza, vamos...

Deu uma risadinha abafada, que Orlanda nem notou. Haviam combinado encontrar-se ali entre o terceiro e o quarto páreo.

— Você é sócia votante? — perguntara-lhe na véspera.

— Ah, não, meu querido. Vou apenas com amigos, velhos amigos da minha família. Quer mais uma bebida?

— Não, não, obrigado... é melhor eu ir andando.

Haviam-se beijado, e ele sentira novamente que ela correspondera integralmente. Aquilo o perturbara, deixara-o nervoso durante toda a travessia da baía, e durante a maior parte da noite. Por mais que tentasse, não estava fácil conter seu desejo por ela, e mantê-lo em perspectiva.

"Você está perdido, meu velho", falou com seus botões, observando-a tocar os lábios com a ponta da língua, os olhos concentrados, esquecida de tudo, exceto dos seus cinquenta dólares no grande cavalo pardo, o favorito.

— Vamos... vamos... ah, ele está avançando, Linc... ah, está em segundo...

Bartlett olhou para os cavalos, que agora galopavam na reta final: Crossfire, o grande pardo, bem colocado atrás de Western Scot, um capão castanho que corria ligeiramente na liderança, a pista muito difícil... um cavalo caíra no terceiro páreo. Agora, um dos concorrentes deu uma arrancada, um capão, Winwell Stag, pertencente a Havergill, que Peter Marlowe indicara como vencedor, e vinha firme por fora, com Crossfire e Western Scot corpo a corpo bem à frente, todos os chicotes agora funcionando em meio ao vozerio crescente.

— Ande, vamos, vamos, vamos, Crossfire... ah, ele ganhou, ganhou!

Bartlett riu em meio ao pandemônio quando a alegria de Orlanda explodiu e ela o abraçou.

— Oh, Linc, que maravilha!

Dali a um momento, outra explosão de vozes quando os números vencedores apareceram no painel do totalizador, confirmando a sua ordem. Agora, todos esperavam pelo resultado final das apostas. Novos vivas ruidosos. Crossfire pagou 5 por 2.

— Não é muito — comentou.

— É sim, é sim, é sim! — Orlanda nunca lhe parecera tão linda, o chapéu dela uma graça, muito mais bonito do que o de Casey... ele o notara de pronto, e o elogiara. Ela se debruçou para a frente, apoiou-se na grade e olhou para o círculo do vencedor. — Lá está o proprietário, Vee Cee Ng, é um dos nossos xangaienses milionários, comerciante. Meu pai o conhecia bem.

Passou o binóculo para ele. Bartlett focalizou-o. O homem que trazia o cavalo com a guirlanda para o círculo do vencedor vestia roupas caras, era um chinês sorridente e encorpado, na casa dos cinquenta anos. Depois Bartlett reconheceu Havergill, conduzindo o seu Winwell Stag, segundo colocado, derrotado por um focinho. No paddock viu Gornt, Plumm, Pugmire, e muitos dos administradores. Dunross estava perto da cerca, falando com um homem menor. O governador ia de grupo em grupo, com a mulher e o ajudante-de-ordens. Bartlett observava-os com uma pontinha de inveja, os proprietários, ali de pé, com bonés, guarda-chuvas e cadeirinhas portáteis, mulheres, e namoradas dispendiosas, cumprimentando-se entre si, todos sócios do clube exclusivo, a casa de força de Hong Kong, ali e nos reservados acima. "Tudo muito britânico", pensou, "tudo muito afável. Será que me encaixarei melhor do que o Biltzmann? Claro. A não ser que desejem que eu pule fora tanto

quanto desejavam que ele pulasse. Serei um sócio votante facilmente. Foi o que Ian disse. Orlanda se encaixaria aqui? Claro. Como mulher ou namorada, dá no mesmo."

— Quem é aquele? — perguntou. — O homem que está falando com o tai-pan?

— Ah, é Aleksei Travkin, o treinador do tai-pan... Parou de falar quando Robert Armstrong aproximou-se deles.

— Boa tarde, sr. Bartlett — disse ele, polidamente. — Também apostou no vencedor?

— Não, não, esse eu perdi. Deixe-me apresentar-lhe a srta. Ramos; Orlanda Ramos, superintendente Robert Armstrong, do DIC.

— Alô — cumprimentou ela, sorrindo para Armstrong, e ele notou a sua cautela imediata. "Por que todos eles têm medo de nós, tanto os inocentes quanto os culpados?", perguntou a si mesmo, "quando tudo o que pretendemos é fazer com que as leis deles sejam cumpridas, tentar protegê-los dos bandidos e dos ímpios? É porque todo mundo infringe alguma lei, mesmo uma pequenina, cada dia, a maioria dos dias, porque muitas das leis são cretinas... como as nossas leis de apostas. Portanto, todos são culpados, até mesmo você, mocinha bonita, com o andar, oh, tão sensual, e o sorriso, oh, tão convidativo! Para o Bartlett. Qual o crime que cometeu hoje, para apanhar no laço esse pobre inocente?" Sorriu sardonicamente consigo mesmo. "Não tão inocente na maioria das

coisas. Mas, contra alguém treinado por Quillan Gornt? Uma eurásiana linda e faminta, cujo único caminho é o da descida? Ayeeyah! Mas, ah, como gostaria de trocar de lugar! É, você com suas armas, dinheiro, gatas como Casey e essa aí, e encontros com a escória do mundo, como Banastasio, ah, sim... daria dez anos da minha vida, mais, porque hoje juro por Deus que abomino o que tenho que fazer, o que apenas eu posso fazer pela velha e querida Inglaterra."

— Apostou no favorito, também? — perguntava ela.

— Não, infelizmente não.

— Este é o segundo vencedor dela — disse Bartlett, cheio de orgulho.

— Ah, se está numa maré de sorte, quem é o seu candidato para o quinto?

— Venho tentando decidir, superintendente. Não tenho palpite... pode ser qualquer um. Qual o seu palpite?

— Falaram-me em Winning Billy. Mas também não consigo me decidir. Bem, boa sorte.

Armstrong retirou-se, dirigindo-se para o guichê de apostas. Apostara quinhentos no terceiro colocado, cobrindo as outras apostas. Sempre escolhia uma aposta principal e depois jogava com outras, na esperança de levar vantagem. Era o que acontecia, na maioria das vezes. Naquela tarde estava um pouco em desvantagem, mas não havia ainda tocado nos quarenta mil.

No corredor, hesitou. O Cobra, o inspetor-chefe Donald C. C. Smyth, afastava-se de um dos movimentados guichês dos vencedores, um maço de notas nas mãos.

— Alô, Robert. Como vai indo?

— Mais ou menos. Está numa boa de novo?

— Eu tento. — O Cobra chegou-se mais. — Como vai indo tudo?

— Andando.

Novamente Armstrong sentiu-se nauseado ao pensar em mais uma sessão do Quarto Vermelho, depois em ficar ali sentado, deixando a mente de Brian Kwok pôr para fora seus segredos mais escondidos, lutando contra o relógio que funcionava ininterruptamente... todos conscientes de que o governador estava pedindo permissão a Londres para fazer a troca.

— Você não está com boa cara, Robert.

— Não me sinto bem. Quem vai ganhar o quinto?

— Dei uma espremida no seu amigo Pé Torto, do Para. Falam em Pilot Fish. Ele deu a dica do Buccaneer no primeiro, embora, com essa pista, tudo possa acontecer.

— É. Alguma novidade sobre os Lobisomens?

— Nada. É um beco sem saída. Toda a área está sendo revistada, mas, com essa chuvarada, praticamente não há esperanças. Entrevistei Dianne Chen hoje de manhã... e a mulher de John Chen, Barbara. Só papo furado. Apostaria cinco dólares contra um alfinete torto de chapéu que elas sabem mais do que estão contando. Tive uma conversa ligeira com Phillip Chen, mas ele também não cooperou. O pobre infeliz está abaladíssimo. — O Cobra ergueu os olhos para ele. — Por acaso Mary tinha alguma pista sobre o John?

Armstrong devolveu-lhe o olhar.

— Ainda não tive oportunidade de perguntar a ela. Hoje à noite... se me derem algum sossego.

— Não darão. — O rosto de Smyth se enrugou com um sorriso retorcido. — Aposte os seus quarenta em Pilot Fish.

— Que quarenta?

— Um passarinho me contou que um certo ninho de ovos de ouro fugiu de seu galinheiro... se me desculpa a metáfora. — O homem mais baixo deu de ombros. — Não se preocupe, Robert, divirta-se. Acabando esse, há muito mais. Boa sorte.

Afastou-se. Armstrong acompanhou-o com os olhos, odiando-o.

"O sacana tem razão", pensou. "Sempre haverá mais. E se você aceitou o primeiro, por que não o segundo? E embora você não dê nada, não admita nada, não garanta nada, chegará um dia... tão certo como Deus criou os peixinhos do mar, sempre haverá uma retribuição.

"Mary. Ela precisa de umas férias, precisa muito, e há a conta do corretor a pagar, e todas as outras contas, e oh, Deus, com esse mercado que endoidou estou quase a zero. Maldito seja o dinheiro... ou a falta dele.

"Os quarenta numa loteria vencedora resolveriam tudo. Ou jogo tudo em Pilot Fish? Tudo, a metade ou nada. Se for tudo, há tempo de sobra para fazer apostas nos outros guichês."

Seus pés o conduziram para uma das filas de apostas. Muitos o reconheceram, e aqueles que o fizeram, sentindo seu instantâneo medo interno, desejaram que a polícia tivesse a sua própria tribuna e seus próprios guichês, e não se misturasse aos cidadãos honestos. Wu Quatro Dedos era uma dessas pessoas. Apressadamente, apostou cinqüenta mil nos números de Pilot Fish e Butterscotch Lass, e voltou rapidinho para a sala dos sócios, para bebericar o seu conhaque com soda, agradecido. "Polícia carne de cachorro nojenta, assustando cidadãos honestos", pensou, esperando pela volta de Vênus Poon. "Eeeee", casquinou ele, "a Ravina Dourada dela vale cada quilate do diamante que lhe prometi ontem à noite. Duas Nuvens e Chuva antes do alvorecer e uma promessa de novo encontro no domingo, quando o yang recobrar o seu..."

Um urro súbito da multidão Iá fora desviou seu pensamento. Prontamente, foi abrindo caminho aos empurrões pelo povo que lotava o balcão. Os nomes dos cavalos e jóqueis do quinto páreo apareciam no painel, um por um. Pilot Fish, número 1, recebeu vivas entusiásticos; depois Street Vendor, um azarão, 2; Golden Lady, 3, e uma onda de emoção varreu os seus muitos torcedores. Quando Noble Star, 7, apareceu no painel, ouviu-se uma enorme zoeira, e quando apareceu o último nome, número 8, a favorita Butterscotch Lass, a zoeira ainda foi maior.

Junto à cerca, Dunross e Travkin inspecionavam sombriamente a grama. Estava danificada e escorregadia. Quanto mais perto da cerca, pior. Acima, o céu ficava mais escuro e pesado.

Começou a chover, e um gemido nervoso escapou de cinquenta mil gargantas.

— Está uma droga, tai-pan — disse Travkin —, a pista está uma droga.

— Está igual para todos.

Dunross reavaliou as probabilidades pela última vez. "Se eu montar e ganhar, o bom augúrio será imenso. Se eu montar e perder, será um péssimo augúrio. Ser derrotado por Pilot

Fish será ainda pior. Eu poderia me ferir facilmente. Não posso me permitir... a Casa Nobre não se pode permitir ficar acéfala hoje, amanhã ou segunda-feira. Se Travkin montar e perder, ou acabar a corrida depois de Pilot Fish, será ruim, mas não tão ruim. Será joss.

"Mas não vou me ferir. Vou ganhar. Quero vencer esse páreo mais do que qualquer coisa no mundo. Não vou falhar. Não tenho certeza quanto ao Aleksei. Posso ganhar... se os deuses estiverem comigo. É, mas o quanto você está preparado para arriscar nos deuses?"

— Eeee, jovem Ian — dissera-lhe o velho Chen-chen muitas vezes —, não se fie muito na ajuda dos deuses, não importa o quanto você lhes ofereça em ouro e promessas. Os deuses são os

deuses, e os deuses vão almoçar ou dormir, ficam chateados e desviam os olhos. Os deuses são iguais às pessoas: bons e maus, preguiçosos e fortes, doces e amargos, burros e sábios! Por que outro motivo são deuses, heya?

Dunross podia sentir seu coração batendo forte, e sentir o cheiro quente, acre, doce e azedo do suor dos cavalos, a movimentação que cegava a mente e agitava o espírito, as mãos agarrando o chicote, encolhido no canto, agora na reta anterior, agora a curva final, o terror fantástico, doído, doce da velocidade, usando o chicote, enfiando os calcanhares, todo estirado agora, cuidadosamente encostando Pilot Fish na cerca, desequilibrando-o, e agora na reta final, à toda na final, Pilot Fish vindo atrás, a linha de chegada adiante... chegando... chegando... vencendo...

— Temos que decidir, tai-pan. É a hora.

Dunross voltou devagar ao presente, um gosto amargo na boca.

— É. Você monta — falou, colocando a Casa Nobre antes dele mesmo.

E agora que tinha falado, pôs o resto de lado e bateu calorosamente nos ombros de Travkin.

— Vença, Aleksei. Vença, por Deus.

O homem mais velho, curtido e castigado pelo tempo, ergueu os olhos para ele. Fez um sinal de cabeça, depois foi se trocar. Enquanto se afastava, notou Suslev na tribuna, es-piando-o pelo binóculo. Um tremor o percorreu. Suslev prometera que, no Natal, Nestorova viria para Hong Kong, permitiriam que ela se unisse a ele em Hong Kong... e ficasse em Hong Kong... no Natal. Se ele cooperasse. Se cooperasse e fizesse o que lhe pedissem.

"Você acredita nisso? Não, não, de jeito nenhum, aqueles matieriebets são mentirosos e traidores. Mas quem sabe desta vez... Santo Deus, por que mandaram que fosse me encontrar com Dunross no Sinclair Towers à noite, tarde da noite? Por quê? Santo Deus, que devo fazer? Não pense, velho. Você está velho e logo vai morrer, mas seu primeiro dever é vencer. Se vencer, o tai-pan fará o que você pedir. Se perder? Se vencer ou perder, como poderá viver com a vergonha de ter traído o homem que foi seu amigo e confiou em você?"

Entrou na sala dos jóqueis.

Atrás dele, Dunross olhou para o totalizador. As probabilidades já tinham diminuído. A quantia total apostada já chegava aos dois milhões e meio. Butterscotch Lass pagava 3 por 1, Noble Star, 7 por 1, ainda sem jóquei anunciado. Pilot Fish, 5 por 1, Golden Lady, 7 por 1. "Ainda é cedo", pensou, "há muito tempo para se apostar." Travkin diminuía a proporção entre as apostas. Sentiu uma pontada gelada a percorrê-lo. "Será que existe algum acordo em andamento neste momento, um acordo entre treinadores e

jóqueis? Pombas, é melhor vigiarmos esse páreo com muito, muito cuidado."

— Ah, Ian!

— Oh, alô, senhor. — Dunross sorriu para Sir Geoffrey, que se aproximou dele, depois olhou para Havergill, que estava com o governador. — Uma pena a derrota de Winwell Stag, Paul. Fez uma bela corrida.

— Joss — disse Havergill, polidamente. — Quem vai montar Noble Star?

— Travkin.

O rosto do governador se iluminou.

— Ah, excelente escolha. É, fará uma bela corrida. Por um momento, Ian, pensei que você fosse ficar tentado.

— Fiquei, senhor. Ainda estou. — Dunross deu um leve sorriso. — Se o Aleksei for atropelado por um ônibus até Iá, sou eu que vou montar.

— Bem, pelo bem de todos nós e da Casa Nobre, vamos torcer para que isso não ocorra. Não podemos nos dar ao luxo de tê-lo ferido. A pista está com uma cara horrível. — Outra rajada de chuva veio e passou. — Até agora temos tido muita sorte. Nenhum acidente sério. Se a chuva começar pra valer, talvez se deva considerar uma suspensão.

— Já discutimos isso, senhor. Estamos um pouco atrasados. O páreo será adiado por dez minutos. Contanto que o tempo permita este páreo, a maioria do povo ficará satisfeita.

Sir Geoffrey observava o.

— A propósito, Ian, tentei falar com o ministro há alguns minutos, mas infelizmente já estava em reunião. Deixei recado, e ele ligará para mim logo que puder. Parece que as ramificações desse maldito escândalo Profumo estão novamente afetando as raízes do governo conservador. A imprensa está gritando, e com razão, com receio de ter havido quebra de segurança. Até que o resultado da comissão de inquérito saia, no mês que vem, acertando definitivamente os aspectos da segurança e os boatos de que outros no governo estão implicados, não haverá paz.

— É — concordou Havergill. — Mas, sem dúvida, o pior já passou, senhor. Quanto ao relatório, certamente não será desfavorável.

— Desfavorável ou não, esse escândalo vai arruinar os conservadores — disse Dunross, gravemente, lembrando-se da previsão do Alan no seu último relatório.

— Santo Deus, espero que não. — Havergill estava horrorizado. — Aqueles dois críticos, Grey e Broadhurst, no poder, entre todo o resto da cambada socialista? Se a entrevista coletiva deles significou alguma coisa, é melhor irmos para casa.

— Estamos em casa, e tudo vem afetar a casa, no fim das contas — disse Sir Geoffrey, com tristeza. — De qualquer forma, Ian tomou a decisão correta de não montar. — Lançou um olhar para Havergill, mais cortante. — Como disse, Paul, é importante tomar a decisão correta. Seria de muito mau gosto se os depositantes do Ho-Pak fossem aniquilados, talvez somente por causa de um erro de julgamento por parte de Richard Kwang, e a falta de uma decisão benevolente por parte daqueles que podiam evitar um tal desastre, se o quisessem... talvez com grande lucro. Não?

— Sim, senhor.

Sir Geoffrey fez um gesto de cabeça e se retirou.

— A troco de quê esse comentário? — indagou Dunross.

— O governador acha que devemos salvar o Ho-Pak — falou Havergill, informalmente.

— E por que não o fazem?

— Vamos falar da compra do controle da General Stores.

— Primeiro, vamos terminar o assunto Ho-Pak. O governador tem razão, isso nos beneficiaria a todos, Hong Kong... e o banco.

— Você seria a favor?

— Sim, claro.

— Vocês aprovarão, você e seu bloco aprovarão a compra de controle?

— Não tenho um bloco, mas sem dúvida apoiarei uma compra de controle razoável.

Paul Havergill deu um débil sorriso.

— Eu estava pensando em vinte cents por dólar dos bens do Richard.

— Isso não é muito — falou Dunross, soltando um assobio.

— Até segunda à noite ele não terá absolutamente nada. Provavelmente aceitará a proposta... seus bens darão o controle ao banco. Poderíamos facilmente afiançar cem por cento dos seus depositantes.

— Ele possui tal quantidade de garantias?

— Não, mas com a normalização do mercado e a nossa administração criteriosa, daqui a um ou dois anos a aquisição do Ho-Pak poderia realmente nos beneficiar. Ah, sim. E há uma necessidade desesperada de restaurar a confiança. Uma compra de controle dessas ajudaria incrivelmente.

— Esta tarde seria a hora perfeita para um comunicado.

— Concordo. Alguma novidade sobre o Tiptop? Dunross olhou-o fixamente.

— Por que a súbita mudança, Paul? E por que discuti-la comigo?

— Não houve mudança. Considerarei o Ho-Pak com muito cuidado. A aquisição seria boa política bancária. — Havergill observava-o. — Nós o prestigiaremos e lhe daremos um lugar na nossa junta diretora.

— Com que então os boatos sobre o Grande Banco são verdadeiros?

— Não ao que eu saiba — disse o banqueiro, friamente. — E quanto ao fato de discuti-la com você: é um dos diretores do banco, atualmente o mais importante, com influência substancial na junta diretora. É uma coisa sensata a fazer, não é?

— É, mas...

Os olhos de Havergill ficaram mais frios.

— Os interesses do banco não têm nada a ver com a minha antipatia por você, ou por seus métodos. Mas você estava certo quanto à Superfoods. Fez uma boa oferta numa hora perfeita, e fez uma onda de confiança se alastrar sobre todo o pessoal daqui. Ela deve se espalhar por toda a Hong Kong. Foi uma jogada brilhante, e se agora nós lhe dermos seguimento anunciando que assumimos todas as responsabilidades do Ho-Pak para com seus clientes, será outro imenso voto de confiança. Só o que estamos precisando é de recuperar a confiança. Se o Tiptop vier em nosso auxílio com o seu dinheiro, segunda-feira será um dia de alto astral para Hong Kong. Portanto, Ian, logo de manhãzinha, na segunda, compraremos ações

da Struan maciçamente. Até segunda à noite teremos assumido o controle. Contudo, vou lhe propor um acordo imediatamente: nós lhe daremos os dois milhões da General Stores em troca de metade das suas ações do banco.

— Não, obrigado.

— Nós o teremos todo até o fim da semana que vem. Garantiremos esses dois milhões, de qualquer forma, para cobrir a compra de controle e garantir a oferta global que fez ao Pug... se você não conseguir evitar a sua própria compra de controle.

— Isso não acontecerá.

— Claro. Mas não se importa que eu fale nisso com ele e com aquele cretinozinho abelhudo do Haply?

— Você é um filho da mãe, não?

Os lábios finos de Havergill retorceram-se num sorriso.

— Negócios... quero o seu bloco de ações do banco. Seus antepassados compraram-nas por uma ninharia, praticamente roubaram-nas dos Brocks, depois de destruí-los. Quero fazer o mesmo. E quero o controle da Casa Nobre. Naturalmente. Como

diversos outros. Provavelmente até o seu amigo americano Bartlett, se a verdade fosse revelada. De onde estão saindo os dois milhões?

— Estão caindo do céu.

— Descobriremos, mais cedo ou mais tarde. Somos os seus banqueiros, e vocês nos devem um bocado de dinheiro! Será que Tiptop vai salvar a nossa pele?

— Não tenho certeza, mas falei com ele ontem à noite. Foi encorajador. Concordou em vir até aqui depois do almoço, mas ainda não chegou. E isso é um mau presságio.

— É. — Havergill enxugou um pouco do chuveiro que lhe molhava o nariz. — Obtivemos uma resposta positiva do Banco Mercantil de Moscou.

— Até mesmo você não pode ser tão idiota!

— Em último caso, Ian. Apenas em último caso.

— Vai convocar uma reunião de diretoria imediata para discutir a compra de controle do Ho-Pak?

— Santo Deus, não. — Havergill tornou-se sarcástico. — Acha que sou assim tão idiota? Se eu o fizesse, você poderia influenciar os outros diretores para obter uma extensão do seu empréstimo. Não, Ian, resolvi consultá-los individualmente, como você. Com a sua concordância, já tenho maioria, e os outros naturalmente aceitarão. Tenho a sua concordância?

— A vinte cents por dólar, e pagamento integral dos investidores, tem.

— Posso precisar de uma margem de ação para ir até trinta cents. Concorda?

— Sim.

— A sua palavra?

— Ah, sim, tem a minha palavra.

— Obrigado.

— Mas convocará uma reunião de diretoria antes da abertura de segunda-feira?

— Concordei em pensar no assunto. Apenas. Já pensei, e a resposta agora é não. Hong Kong é uma sociedade pirata, onde os fracos fracassam e os fortes conservam os frutos do seu trabalho. — Havergill sorriu e lançou um olhar para o painel. A proporção entre as apostas diminuiria. Butterscotch Lass, famosa por gostar do molhado, estava pagando 2 por 1. Pilot Fish, agora 3 por 1. Enquanto olhavam, o nome de Travkin apareceu ao lado de Noble Star, e um enorme alarido acompanhou-o. — Acho que o governador estava errado, Ian. Você devia ter montado. Teria feito a minha modesta aposta em você. É. Você teria sido coroado de glória. É, teria vencido. Não tenho certeza quando ao Travkin. Boa tarde. — Levantou o chapéu e se dirigiu para Richard Kwang, que estava com a mulher e o treinador, um pouco afastado. — Ah, Richard! Posso lhe dar uma palavri...

O resto do que disse foi abafado pelo urro imenso da multidão quando o primeiro dos oito concorrentes do quinto páreo começou a surgir de sob as tribunas. Pilot Fish vinha na frente, a garoa fazendo brilhar o seu pêlo negro.

— Sim, Paul? — perguntou Richard Kwang, acompanhando-o até um espaço vazio. — Queria falar com você, mas não quis interrompê-lo com o governador e o tai-pan. Bem — falou com jovialidade forçada —, tenho um plano. Vamos reunir todos os títulos do Ho-Pak, e você me empresta cinqüenta milhões...

— Não, obrigado, Richard — falou Havergill, vivamente. — Mas temos uma proposta, válida até as cinco horas de hoje. Socorremos o Ho-Pak e garantimos todos os seus clientes. Em troca, compramos os seus bens pessoais ao valor nominal e...

— Valor nominal? Isso é um quinquagésimo do valor deles! — guinchou Richard Kwang. — É um quinquagésimo do quanto valem...

— Na verdade, cinco cents por dólar, que é só o que valem. Negócio fechado?

— Não, claro que não. Dew neh loh moh, por acaso sou algum maluco carne de cachorro? — exclamou Richard Kwang, o coração quase estourando. Um momento antes ele acreditara no impossível: que Havergill lhe concederia uma suspensão temporária do desastre, que, a essa altura, considerava absoluto, embora fingisse o contrário, embora não fosse culpa sua, e sim dos boateiros, fofoqueiros e idiotas maliciosos que o haviam levado a realizar negócios bancários errados. Mas, agora, estava na prensa. Oh ko! Agora ia ser espremido, e fizesse o que fizesse, não conseguiria escapar dos tai-pans. "Ai, ai, ai! Desastre sobre desastre, e agora aquela meretriz ingrata, Vênus Poon, me desprestigiando diante do Tio Quatro Dedos, do Charlie Wang e até do Ng Fotógrafo, e isso depois de eu ter-lhe dado o casaco de vison novo que ela deixa arrastar na lama tão descuidadamente."

— Novo? — explodira ela, pela manhã. — Alega que este casaco infeliz de segunda mão é novo?

— Claro! — berrara ele. — Acha que sou algum macaco? Claro que é novo. Custou-me cinqüenta mil em dinheiro vivo, oh ko!

Os cinqüenta mil eram um exagero, mas o dinheiro vivo, não, e ambos se davam conta de que seria incivilizado não exagerar. O casaco lhe custara catorze mil, através de um intermediário, depois de muito pechinchar, comprado de um quai loh que estava em dificuldades, e mais dois mil, para o peleiro que o encurtara e alterara da noite para o dia, de maneira a que servisse nela e não fosse reconhecido, com uma garantia de que o peleiro juraria por todos os deuses que o vendera por quarenta e dois mil, embora na verdade valesse sessenta e três mil e quinhentos.

— Paul — disse Richard Kwang com ar importante —, o Ho-Pak está em melhor forma do que...

— Queira fazer o favor de ficar quieto e escutar — interrompeu Havergill. — Chegou a hora de tomar uma decisão séria... para você, não para nós. Você pode afundar completamente na segunda-feira, sem nada... ao que me consta o pregão vai começar com as suas ações.

— Mas Sir Luís me assegurou que...

— Ao que me consta o pregão começa com elas. Assim, na segunda à noite você não terá um banco, nem ações, nem cavalos, nem dinheiro supérfluo para gastar em casacos de vison com Vênus Poon...

— Hem? — Richard Kwang perdeu a cor, ciente de que a mulher estava a uma distância de vinte passos, observando-os lugubrememente. — Que casaco de vison?

— Está certo, se não está interessado... — disse Havergill, soltando um suspiro. Ia se afastando, mas o banqueiro agarrou-o pelo braço.

— Cinco cents é ridículo. Oitenta se aproxima mais do que posso conseguir no open...

— Talvez eu possa subir para sete.

— Sete? — O banqueiro começou a praguejar, mais para se dar tempo de pensar do que outra coisa qualquer. — Concordo com uma fusão. Um lugar na junta diretora do banco, durante dez anos, com um salário de...

— Durante cinco anos, desde que você me entregue o seu pedido de demissão autenticado, sem data, antecipadamente, desde que vote sempre exatamente como eu quiser, e com um salário igual ao dos demais diretores.

— Nada de pedido de demissão antecipa...

— Lamento, então nada feito.

— Concordo com essa cláusula — disse Richard Kwang, com imponência. — Bem, e quanto ao dinheiro, acho...

— Não. Quanto ao dinheiro, Richard, lamento, mas não quero me meter em negociações prolongadas. O governador, o tai-pan e eu concordamos que devemos salvar o Ho-Pak. Já está decidido. Cuidarei para que você não saia desprestigiado. Garantimos manter em segredo o preço da compra de controle, e estamos preparados para chamá-la de fusão... ah, a propósito, quero fazer o comunicado às dezessete horas, pouco depois do sétimo páreo. Ou não o farei mais.

A fisionomia de Havergill estava sombria, mas por dentro exultava. Se não tivesse sido pelo comunicado de Dunross, e a maneira como fora recebido, jamais teria pensado em fazer o mesmo. "O sacana tem toda a razão! Está na hora de inovar, e quem melhor do que nós? Isso vai deixar o Southerby estonteado, e finalmente nos igualará ao Blacs. Com a Struan no nosso bolso na semana que vem, no próximo ano..."

— Cinquenta e sete, e é uma pechincha — disse Kwang.

— Chegarei aos dez cents.

Richard Kwang mexeu-se e virou-se e quase chorou, mas intimamente estava radiante com a chance de salvamento. "Dew neh loh moh", tinha vontade de gritar, "alguns minutos atrás não tinha como pagar a ração de Butterscotch Lass da semana que vem, que dirá o anel de diamante, e agora estou valendo pelo menos três milhões e meio de dólares americanos, e muito mais, com uma manipulação criteriosa." — Trinta, por todos os deuses!

— Onze.

— Terei que cometer suicídio — choramingou. — Minha mulher cometerá suicídio, meus filhos...

— Com licença, senhor — disse o seu treinador chinês em cantonense, acercando-se dele. — O páreo foi atrasado em dez minutos. Há alguma instrução que queira...

— Não está vendo que estou ocupado, barriga de sapo?

Suma daqui! — sibilou Richard Kwang em cantonense, com mais obscenidades. Depois disse para Havergill, numa súplica final e abjeta: — Trinta, sr. Havergill, e terá salvo um pobre homem e sua família...

— Dezoito, e é definitivo.

— Vinte e cinco, e é negócio fechado.

— Meu caro, lamento tanto, mas tenho que ir fazer uma aposta. Dezoito. Sim ou não?

Richard Kwang continuou a tagarelar pateticamente, mas estava avaliando as suas chances. Notara o lampejo de irritação no rosto do seu oponente. "Monte sujo de carne de cachorro! Será agora a hora de fechar? Até as cinco horas este bosta de leproso poderá mudar de idéia. Se o tai-pan conseguiu todo esse novo financiamento, quem sabe eu poderia... Não, não há chance. Dezoito eqüivalem a três vezes o lance inicial! É evidente que você é um sujeito esperto e um bom negociador", riu consigo mesmo. "Chegou mesmo a hora de fechar?"

Pensou em Vênus Poon, em como fizera pouco de seu presente dispendioso e deliberadamente roçara os delicados seios no braço de Quatro Dedos, e lágrimas de raiva subiram-lhe aos olhos.

— Ai, ai, ai — murmurou abjetamente, radiante porque seu stratagema para produzir lágrimas de verdade funcionara bem. — Vinte, por todos os deuses, e serei seu escravo para sempre.

— Ótimo — disse Havergill, muito satisfeito. — Venha ao meu reservado a um quarto para as cinco. Terei um contrato provisório pronto para a sua assinatura... e seu pedido de demissão sem data.

Às cinco anunciaremos a fusão, e, Richard, até então, nem um murmúrio! Se a notícia transpirar, o negócio está cancelado.

— Naturalmente.

Havergill fez um gesto de cabeça e se retirou, e Richard Kwang voltou para junto da mulher.

— O que está se passando?

— Quieta! — sibilou ele. — Concordei em fazer uma fusão com o Victoria.

— Qual o preço pelos nossos bens?

— A vinte cents por dólar do... valor contábil oficial — disse ele, baixando ainda mais o tom de voz.

Os olhos dela se iluminaram de alegria.

— Ayeeyah! — exclamou, baixando rapidamente os olhos, por medida de segurança. — Saiu-se muito bem.

— E claro. E uma diretoria durante cinco anos e...

— Eeee, nosso prestígio vai ser imenso!

— É. Agora, ouça. Temos até as cinco horas para fazer alguns negócios particulares com as ações do Ho-Pak. Temos que comprar hoje, a preço de salvados de incêndio, antes que qualquer jogador carne de cachorro nos roube os lucros a que temos direito. Não podemos comprar pessoalmente, senão levantaremos suspeitas imediatas. Quem poderemos usar?

Ela pensou por um momento. Novamente seus olhos brilharam.

— Choy Lucrativo. Ofereça-lhe sete por cento de qualquer coisa que ganhe para nós.

— Vou oferecer cinco, pra começo de conversa. Talvez ele aceite seis e meio por cento! Excelente! E também vou usar o Ching Sorridente, que agora é um pobretão. Perdeu tudo... Juntando os dois... volto a encontrá-la na tribuna. — Com ar importante, afastou-se e foi até junto do seu treinador, e acertou-lhe um pontapé na canela. — Ah, desculpe — falou, para os ouvidos de quem estivesse por perto e tivesse visto o seu gesto, depois sibilou: — Não me interrompa quando eu estiver ocupado, seu monte de bosta de cachorro trapaceiro! E se me trapacear como trapaceou o Tok Barrigudo, eu...

— Mas já lhe contei isso, senhor — disse o homem, com azedume. — Ele também sabia da coisa. Então não foi idéia dele? Vocês dois não ganharam uma fortuna?

— Oh ko, se meu cavalo não vencer esta corrida, vou pedir ao meu Tio Quatro Dedos para mandar os combatentes de rua dele esmagarem seus Globos Celestiais!

Uma chuvinha fina varreu o paddock, e todos olharam ansiosos para o céu. Nas tribunas, e nos balcões acima delas, todos estavam igualmente ansiosos. A chuva virou garoa, e no balcão dos sócios Orlanda estremeceu, tensa de emoção.

— Ah, Linc, agora vou apostar.

— Tem certeza? — perguntou com uma risada, pois a tarde toda ela se roera de indecisão, primeiro Pilot Fish, depois Noble Star, depois uma "barbada", o azarão Winning Billy, depois novamente Butterscotch Lass. As proporções entre as apostas eram iguais para Butterscotch Lass, Pilot Fish e Noble Star: 3 por 1 (no momento em que o nome de Travkin foi anunciado, o dinheiro começou a entrar firme), e 6 por 1 para Golden Lady. Os demais tinham recebido poucas apostas. A quantia total apostada, até o momento, era impressionante: quatro milhões e setecentos mil HK. — Quanto vai apostar?

Ela fechou os olhos e disse atropeladamente:

— Tudo o que já ganhei, e mais... mais cem! Não demoro, Linc.

— Boa sorte. Vejo-a depois da corrida.

— Ah, sim, desculpe, esqueci-me, com toda a confusão. Divirta-se!

Lançou-lhe um sorriso glorioso e saiu às pressas, antes que ele pudesse perguntar em qual ia apostar. Ele já apostara. Aquele páreo era uma loteria, além de ser a segunda parte da loteria dupla: dez mil HK em qualquer combinação de Pilot Fish e Butterscotch Lass. "Não pode dar outra", pensou ele, seu próprio entusiasmo aumentando.

Saiu do balcão e foi "costurando" por entre as mesas na direção dos elevadores que o levariam até Iá em cima. Muitas pessoas o observaram, algumas o cumprimentaram, a maioria com inveja dos pequenos distintivos que tremulavam na sua lapela.

— Oi, Linc!

— Oh, alô — falou para Biltzmann, que o havia interceptado.
— Como vão indo as coisas?

— Ouviu falar do golpe sujo? Mas claro, você estava Iá! —
falou Biltzmann. — Escute, Linc, posso lhe falar um momentinho?

— Claro — disse Bartlett, acompanhando-o corredor abaixo,
consciente dos olhares curiosos dos que cruzavam com eles.

— Olhe — disse Biltzmann, quando haviam chegado a um
canto discreto —, é melhor se cuidar com esses filhos da mãe
ingleses. Nós tínhamos um negócio fechado com a General Stores.

— Vai fazer uma nova proposta? — perguntou Bartlett.

— Isso quem decide é a matriz, mas quanto a mim, porra, eu
deixaria esta maldita ilha se afogar.

Bartlett não lhe deu resposta, consciente dos olhares dirigidos
a eles.

— Diga-me uma coisa, Linc! — Biltzmann baixou a voz e se
acercou mais, com um sorriso retorcido. — Está tendo alguma coisa
especial com aquela garota?

— Do que está falando?

— Daquela boa. Da eurásiana. Orlanda, aquela com que você estava falando.

Bartlett sentiu o sangue subir-lhe ao rosto, mas Biltzmann continuou:

— Incomoda-se se eu meter a minha colher enferrujada? — Piscou o olho. — Se marcar um encontro com ela?

— Bem... aja como quiser — disse Bartlett, sentindo por ele um ódio repentino.

— Obrigado. Ela tem uma bunda e tanto. — Biltzmann abriu um amplo sorriso e aproximou-se ainda mais. — Quanto ela cobra?

Bartlett soltou uma exclamação abafada, totalmente despreparado para aquilo.

— Porra, mas ela não é uma prostituta!

— Não sabia? Ei, a cidade toda sabe. Mas o Dickie falou que ela é uma merda na cama. É verdade? — Biltzmann entendeu mal a expressão no rosto de Bartlett. — Ah, ainda não chegou Iá? Pombas, Linc, só o que tem que fazer é mostrar umas notinhas...

— Escute, seu filho da puta — sibilou Bartlett, quase cego de ódio —, ela não é nenhuma prostituta, e se você falar com ela, ou chegar perto dela, enfio um murro pela sua garganta abaixo. Sacou?

— Puxa, calma — ofegou o outro homem. — Eu não...

— Sacou o que eu quis dizer?

— Claro, claro, não é preciso... — Biltzmann recuou. — Vá com calma. Eu perguntei, não foi? O Dickie... — Interrompeu-se, assustado, quando Bartlett se aproximou. — Pela madrugada, não foi minha culpa... calma, tá?

— Cale a boca! — Baltlett conteve com esforço o seu ódio, sabendo que não era a hora ou local para meter a mão em Biltzmann. Lançou um olhar ao seu redor, mas Orlanda já havia sumido. — Suma daqui, seu filho da puta — falou com voz áspera —, e não se aproxime dela, senão...

— Claro, claro, vá com calma, tá legal? — disse Biltzmann, recuando mais um passo, depois virando-se e dando no pé, aliviado.

Bartlett hesitou, depois foi até o banheiro e molhou o rosto, para se acalmar. A água da bica, especialmente ligada para a corrida, não parecia limpa. Dali a um momento foi para o elevador e dirigiu-se para o reservado de Dunross. Era a hora do chá. Canapés, bolos, queijo e grandes bules de chá indiano com leite e açúcar estavam sendo servidos aos convidados, mas ele não notou nada daquilo, entorpecido.

Donald McBride, que ia passando apressado, deu uma paradinha antes de voltar para o seu próprio reservado.

— Ah, Bartlett, quero lhe dizer o quanto estamos felizes com seus futuros negócios aqui. Foi uma pena o que aconteceu com o sr. Biltzmann, mas tudo é justo no mundo dos negócios. A sua Casey é uma pessoa encantadora. Desculpe, tenho que voar.

Afastou-se, apressadamente. Bartlett hesitou à entrada do aposento.

— Ei, Linc — chamou Casey alegremente, do balcão. —

Quer tomar chá? — Quando se encontraram, vindo um na direção do outro, o sorriso dela sumiu. — O que foi?

— Nada, nada, Casey. — Bartlett forçou um sorriso. — Já estão na linha de largada?

— Ainda não, mas estarão a qualquer momento. Tem certeza de que está bem?

— Claro. Em qual apostou?

— Noble Star, é claro. Peter deu o palpite do azarão do dr. Tooley, Winning Billy, para o placê, então apostei cinquenta nele. Não está com boa cara, Linc. Não é o seu estômago, é?

Sacudiu a cabeça, emocionado pelo carinho dela.

— Não, estou bem. E você?

— Claro. Estou me divertindo à beça. Peter está em grande forma, e o velho Tooley é uma bola. — Casey hesitou. — Ainda bem que não é o seu estômago. O dr. Tooley falou que devemos estar a salvo dos malditos germes de Aberdeen, já que ainda não ficamos desarranjados. Claro que só saberemos com certeza daqui a vinte dias.

— Puxa — murmurou Bartlett, tentando afastar o pensamento do que Biltzmann dissera. — Quase tinha me esquecido de Aberdeen, do incêndio e de toda aquela confusão. O incêndio parece que aconteceu há um milhão de anos.

— Para mim, também. O que houve com o tempo? Gavallan estava próximo.

— É Hong Kong — falou, distraidamente.

— Como assim?

— É uma característica de Hong Kong. Quando se vive aqui, nunca há tempo que chegue, seja Iá qual for o seu ramo de trabalho. Há sempre muito o que fazer. Há sempre gente chegando, partindo, amigos, relações comerciais. Há sempre uma crise: inundação, incêndio, deslizamento de lama, altas, escândalos, oportunidades comerciais, enterros, banquetes ou coquetéis para deputados visitantes... ou algum desastre. — Gavallan tentou esquecer suas ansiedades. — Este é um lugar pequeno, e logo ficamos conhecendo a maioria das pessoas do nosso círculo. Além disso, somos a encruzilhada da Ásia, e mesmo que você não seja da Struan, está sempre em movimento, planejando, ganhando dinheiro, arriscando dinheiro para ganhar mais, ou está de partida para Formosa, Bangkok, Cingapura, Sydney, Tóquio, Londres, ou seja Iá onde for. É a magia da Ásia. Olhe o que aconteceu a vocês dois desde que aqui chegaram: o pobre John Chen foi seqüestrado e morto, foram em contradas armas no seu avião, depois houve o incêndio, a confusão na Bolsa, a corrida às nossas ações, Gornt atrás de nós, e nós atrás dele. E agora os bancos podem fechar na segunda, ou, se o Ian estiver certo, a segunda será o dia da alta. E estamos fazendo negócios juntos... — Deu um sorriso cansado. — O que achou da nossa proposta?

Casey engoliu o comentário imediato que ia fazer, e observou Bartlett.

— Ótima — disse Bartlett, pensando em Orlanda. — Acha que o Ian vai conseguir virar as coisas?

— Se há alguém capaz disso, é ele. — Gavallan soltou um grande suspiro. — Bem, vamos torcer, é só o que podemos fazer. Já apostou no ganhador?

Bartlett sorriu, e Casey sentiu-se mais tranqüila.

— Qual o seu favorito, Andrew?

— Noble Star e Winning Billy para a loteria. Até logo — falou, indo embora.

— É curioso o que ele dizia sobre Hong Kong. Ele tem razão. Faz os Estados Unidos parecerem estar a um milhão de quilômetros de distância.

— É, mas não estão, não de verdade.

— Quer ficar aqui, Casey?

Ela olhou para ele, imaginando o que a pergunta ocultaria, o que ele realmente lhe estava perguntando.

— Você é quem sabe, Linc.

— Acho que vou pegar um pouco de chá — disse ele, balançando a cabeça devagar.

— Ora, pode deixar que eu pego — falou. Depois viu Murtagh de pé, nervosamente, junto da porta, e seu coração falhou uma batida. — Ainda não conhece o nosso banqueiro, Linc. Deixe-me trazê-lo até aqui.

Ela cruzou a multidão.

— Oi, Dave.

— Oi, Casey, viu o tai-pan?

— Está ocupado até o fim do páreo. É sim ou não? — murmurou com urgência, dando as costas a Bartlett.

— Talvez. — Nervosamente, Murtagh enxugou a testa e tirou a capa de chuva molhada, os olhos vermelhos. — Levei uma hora para pegar um danado dum táxi. Puxa vida!

— Talvez o quê?

— Talvez, ora essa. Expus o plano a eles, e disseram que eu me mandasse de volta para casa, porque estava claro que eu tinha ficado maluco. Então, depois que se acalmaram, disseram que voltariam a entrar em contato comigo. Os imbecis me chamaram às quatro da madrugada, mandaram que eu repetisse todo o plano, depois o S. J. em pessoa veio ao aparelho. — Revirou os olhos. — S. J. falou que eu tinha merda... que eu estava louco, e desligou na minha cara.

— Mas você falou "talvez". O que aconteceu a seguir?

— Liguei para eles de novo e passei cinco horas, das últimas dez, ao telefone, tentando explicar-lhes o meu brilhantismo, desde que o seu plano maluco fundiu a minha cuca. — Murtagh abriu um sorriso, de repente. — Ei, uma coisa eu lhe digo, Casey. Pode apostar que o S. J. sabe quem é Dave Murtagh III!

— Escute, não toque no assunto com ninguém aqui — falou ela, rindo. — Com ninguém. Exceto o tai-pan, certo?

Olhou para ela, com cara magoada.

— Acha que vou contar a todo mundo quanto esporro levei?

Ouviu-se uma explosão de vivas, e alguém falou, do balcão:

— Estão se aproximando do portão!

— Rápido — falou Casey —, vá apostar a sua grana na loteria. Números 1 e 7. Rápido, enquanto tem tempo.

— Quais são eles?

— Não interessa. Você não tem tempo.

Deu-lhe um empurrãozinho, e Iá se foi ele. Ela se controlou, pegou uma xícara de chá e se reuniu a Bartlett e aos outros que lotavam o balcão.

— Tome o seu chá, Linc.

— Obrigado. Em quem mandou ele apostar?

— Números 1 e 7.

— Eu apostei no 1 e no 8.

Outro alarido imenso chamou a atenção deles. Os cavalos passavam a meio galope por eles, e começavam a se amontoar perto do portão. Viram Pilot Fish saracoteando, com o jóquei bem levantado, os joelhos apertados, segurando firme, condu-zindo-o para a sua posição de largada. Mas o ganhão ainda não estava pronto, sacudia a cabeça e relinchava. Imediatamente a égua e as duas potrancas, Golden Lady e Noble Star, estremeceram, as narinas arfando, e relincharam também. Pilot Fish zurrou estridentemente, empinou e escarvou o ar, e todos soltaram exclamações abafadas. O jóquei dele, Bluey White, praguejou baixinho, enfiou as mãos fortes como aço na crina dele, agüentando-se firme.

— Vamos Iá, boneco — falou, com um palavrão, acal-mando-o. — Deixe as garotas darem uma olhada no seu pi-rulito!

Travkin estava perto, montado em Noble Star. A potranca sentira o cheiro do ganhão, e aquilo a perturbara. Antes que Travkin pudesse impedir, ela se torcera, recuara e encostara a anca descuidadamente em Pilot Fish, que guinou, espantado, e bateu no

azarão Winning Billy, um baio capão, que se dirigia para o seu lugar na linha de largada. O capão irritou-se, sacudiu a cabeça com raiva e afastou-se alguns passos, rodopiando, quase pisoteando Lochinvar, outro capão castanho.

— Faça essa sacana se controlar, Aleksei, pela madrugada!

— Fique fora do meu caminho, ubliudok — murmurou Travkin, os joelhos sentindo os tremores incomuns que percorriam Noble Star. Sentava-se muito ereto, parte da montaria, estribos curtos, e perguntou-se, praguejando, se o treinador de Pilot Fish havia espalhado um pouco do almíscar do ganhão no seu peito e flancos, para agitar a égua e as potrancas. "É um velho truque", pensou, "muito velho."

— Vamos! — gritou o homem que dava a partida, a voz estentórea. — Cavalheiros, ponham as montarias nas suas baias!

Várias delas já estavam Iá, Butterscotch Lass, a égua castanha, ainda a favorita, escarvando o chão, as narinas fremen-tes, a emoção da corrida vindoura e a proximidade do ganhão fazendo com que um arrepio atrás do outro a percorressem. Estava na baia 8, a contar da cerca. Pilot Fish agora entrava na baia 1. Winning Billy estava na baia 3, entre Street Vendor e Golden Lady, e o cheiro delas e o desafio impudente do ganhão deixou doido o capão. Antes que o portão se fechasse às suas costas, recuou, e, uma vez livre, lutou contra o freio e as rédeas, sacudindo a cabeça violentamente de um lado para o outro, rodopiando como um bailarino na grama escorregadia, quase colidindo com Noble Star, que se desviou habilmente do caminho.

— Venha, Aleksei — chamou o homem que dava a partida. — Ande depressa!

— Sim, claro — respondeu Travkin, mas não estava com pressa. Conhecia Noble Star, e foi levando a potranca grande e castanha, toda trêmula, para bem longe do garanhão, deixando que saltitasse à vontade. — Devagarinho, minha querida — sussurrou carinhosamente, em russo, querendo protelar, querendo deixar os outros nervosos, agora o único que não estava no portão. Um raio iluminou o céu, a leste, mas ele não prestou atenção, nem à trovoadá agourenta. O chuvisco começou a apertar.

Todo o seu ser estava concentrado. Pouco depois da pesagem, um dos outros jóqueis aproximara-se sorrateiramente dele.

— Sr. Travkin — dissera baixinho —, não é para o senhor ganhar.

— É? Quem falou? — O jóquei deu de ombros. — Quem vai ganhar? — O jóquei deu de ombros de novo. — Se os jóqueis e os treinadores já estão com a corrida arranjada, diga para eles que não entro nessa. Nunca entrei, não em Hong Kong.

— O senhor e o tai-pan ganharam com Buccaneer, deviam estar satisfeitos.

— Estou satisfeito, mas neste páreo vou me esforçar.

— É justo, meu chapa. Vou dizer a eles.

— Eles quem?

O jóquei se afastara, atravessando o vestiário lotado ruidoso e suarento. Travkin sabia bem qual era o grupo que arranjava as corridas de vez em quando, mas nunca fora um participante. Sabia que não era por ser mais honesto do que os outros. Ou menos desonesto. Era só que suas necessidades eram poucas, uma coisa certa não o entusiasmava, e o toque do dinheiro não lhe dava prazer.

O iniciador do páreo já estava ficando impaciente.

— Ande logo com isso, Aleksei! Rápido!

Obedientemente, enfiou as esporas em Noble Star e conduziu-a para a sua baia. O portão fechou-se atrás dela. Um momento de silêncio. Agora, os corredores estavam sob as ordens do homem que dava a partida.

16h

Nas baias, os jóqueis agarravam-se às crinas dos cavalos, todos nervosos, todos os que estavam "por dentro" prontos para atropelar Noble Star. Então, as portas se escancararam, e num instante louco os oito corredores galopavam, agrupados numa parte curta da reta, depois passando pelo poste de chegada, depois virando a primeira curva. Os jóqueis estavam todos bem levantados nos estribos, o corpo dobrado para a frente, lado a lado, quase se tocando, alguns se tocando de verdade, os cavalos adquirindo o seu ritmo, arremessando-se pela primeira parte da curva que os levaria um quarto do percurso até a reta distante. Pilot Fish já estava meio corpo à frente, junto à cerca, Butterscotch Lass numa bela posição, ainda não dando tudo, Winning Billy ao seu lado, um pouco atrás de Noble Star, que corria por fora, atropelando os outros para uma melhor colocação, todos os jóqueis sabendo que estavam sendo focalizados pelos binóculos, portanto qualquer interferência ou uso do freio deviam ser feitos com habilidade e cautela. Todos tinham sido advertidos de que havia milhões em jogo, e um erro custaria a cada um deles o seu futuro.

Fizeram a curva, pesadamente, a lama respingando nos que vinham atrás, a pista muito ruim. Ao saírem da curva e entrarem na reta, ainda juntos, empurrando-se para obter melhor posição, aumentaram as passadas, o cheiro de suor e a velocidade deixando excitados tanto os cavalos quanto os cavaleiros, Winning Billy disparou e encostou em Butterscotch Lass, agora meio corpo atrás de Pilot Fish, correndo bem. Os demais mantinham-se agrupados, todos esperando para disparar. Butterscotch Lass sentiu as esporas e deu um salto à frente, e passou Pilot Fish, depois caiu de novo para trás, voltou a passá-lo, Pilot Fish ainda cuidadosamente grudado à cerca.

Travkin guiava bem a potranca, no fim do grupo, ainda correndo por fora. Depois esporeou-a e ela aumentou a velocidade, aproximando-se dos líderes, juntando-se aos outros, quase atropelando Lochinvar. A chuva aumentou. Batia nos olhos dele, que já sentia doerem-lhe os joelhos e as pernas retesadas. Não havia um corpo entre eles, enquanto galopavam para fora da reta e entravam na curva. Estavam todos agrupados para tirar vantagem da curva, quando um chicote surgiu do nada e fustigou os pulsos de Travkin. O inesperado e a dor fizeram com que soltasse as mãos por um instante, e quase perdeu o equilíbrio. Uma fração de segundo mais tarde, já tinha tudo sob controle de novo. De onde viera a chicotada, ele não sabia, nem queria saber, pois estavam bem no meio da curva, a pista pavorosa. Abruptamente, o azarão pardo Kingplay, junto à cerca, logo atrás de Pilot Fish, escorregou e tropeçou. O jóquei sentiu a terra girar e caiu, batendo na cerca, carregando com ele dois cavalos. O hipódromo inteiro se pôs de pé.

— Porra, quem foi que caiu?

— É... é Noble Star...

— Não, não é... Winning Billy...

— Não, ele está em terceiro...

— Vamos, puta que o pariu...

No tumulto da sala dos administradores, Dunross, cujo binóculo estava absolutamente firme, foi dizendo:

— Foi o Kingplay que caiu... Kingplay, Street Vendor e Golden Lady... Golden Lady já se pôs de pé, mas, meu Deus, o jóquei dela está ferido... Kingplay não consegue se levantar... está ferido...

— Qual a ordem, qual a ordem?

— Butterscotch Lass por um focinho, depois Pilot Fish junto à cerca, Winning Billy, Noble Star, nada a escolher entre eles. Agora vão entrar na última curva. Lass está uma cabeça à frente, os outros tentando atropelá-la... — Dunross observava os cavalos, o coração quase parando, dominado pela emoção. — Vamos, Aleksei...

Acrescentou seu grito aos dos outros, Casey igualmente excitada, Bartlett observando, sem se envolver, o pensamento longe.

Gornt, na tribuna do Blacs, mantinha o binóculo tão firme quanto o do tai-pan, seu entusiasmo igualmente controlado.

— Vamos — murmurou, observando Bluey White chicotear Pilot Fish na curva, Noble Star bem colocada por fora, Winning Billy ao lado de Lass, que estava uma cabeça à frente, o ângulo da curva dificultando a visão.

Travkin sentiu novamente a chicotada nas mãos, mas ignorou-a e adiantou-se mais um pouquinho na curva, os cinco cavalos restantes separados por centímetros, Butterscotch Lass tentando grudar-se à cerca.

Bluey White, que montava Pilot Fish, sabia que logo chegaria a hora de dar a sua disparada. Dez metros, cinco, quatro, três, dois, agora! Saíram da curva, e ele chicoteou Pilot Fish. O ganhão arremessou-se para diante, a centímetros da cerca, todo estirado, agora, enquanto Butterscotch Lass era esporeada e chicoteada um instante mais tarde, pois todos os jóqueis sabiam que era agora ou nunca.

Travkin, todo esticado sobre o pescoço de Noble Star, debruçou-se para a frente e soltou um grito de cossaco perto do ouvido de Noble Star, e a potranca atendeu ao grito primitivo aumentando as passadas, as narinas frementes, a boca espumando.

Agora, os cinco concorrentes pisavam firme na reta final, Noble Star por fora, Winning Billy ultrapassando Lass por centímetros, todas as cernelhas suadas e espumantes, primeiro Lass, depois Pilot Fish na frente, e então o capão rajado Lochinvar resolveu se propor a ganhar, e tirou a liderança de Pilot Fish, assumindo a posição dianteira, todos os chicotes e esporas funcionando e apenas a linha de chegada à frente.

Faltavam cem metros.

Nas tribunas, balcões e reservados, todos gritavam a uma voz. Até mesmo o governador esmurrava a grade do balcão:

— Vamos, vamos, Butterscotch Lasssss!

Perto do poste de chegada, Chu Nove Quilates estava quase esmagado contra a cerca pelo povo que se comprimia para diante.

Noventa metros, oitenta... a lama se espalhando, todos os concorrentes estirados, todos envoltos na excitação e no alarido cada vez maior.

— A Lass está ganhando...

— Não, olhe para o Pilot Fish...

— Pombas, é o Lochinvarrrr...

— Winning Billy...

— Vamos, vamos, vamos...

Travkin viu o poste de chegada se aproximando. Outro relâmpago cortou os céus. Com o canto do olho, viu Lochinvar uma cabeça à frente, depois Lass, depois Winning Billy, então Pilot Fish assumiu a liderança, e em seguida Winning Billy, com Lochinvar atropelando-o.

Então, Bluey White viu a abertura que lhe haviam prometido, e deu a chicotada final no ganhão. Como uma flecha, arremessou-se para a abertura, emparelhou com Butterscotch Lass, depois, ultrapassou-a. Estava uma cabeça à frente. Viu o jóquei da Lass, que não estava "por dentro", chicotear a égua, aticando-a a prosseguir, aos berros. Travkin berrava, exultante, e Noble Star deu de si o derradeiro esforço. Os cinco cavalos

percorreram os metros finais cabeça a cabeça, agora Pilot Fish na frente, agora Winning Billy, Noble Star se aproximando, lima cabeça apenas atrás, apenas um focinho, apenas uma narina, a multidão como um único lunático alucinado, todos os corredores agrupados, Noble Star por fora, Winning Billy ganhando centímetros,

Lass se aproximando, Pilot Fish agora, agora vencendo por um focinho.

Quarenta... trinta... vinte... quinze...

Noble Star estava na frente por uma narina, depois Pilot Fish, depois Lass, depois Noble Star... Winning Billy... e agora tinham cruzado a linha de chegada, nenhum deles certo de quem vencera... apenas Travkin certo de que perdera. Abruptamente, puxou o freio brutalmente, uns cinco centímetros, e firmou-o com mão de ferro, para a esquerda, o movimento imperceptível, mas o bastante para desnorteá-la, e ela passarinhos. Com um relincho estridente, caiu na lama e jogou o seu cavaleiro contra a cerca. Butterscotch Lass quase caiu, mas agüentou, os outros três a salvo. Travkin sentiu-se voando, depois houve um rasgar de peito impossível, uma escuridão atordoante.

A multidão soltou uma exclamação abafada, a corrida momentaneamente esquecida. Outro relâmpago ofuscante. O pandemônio instalou-se, a chuva aumentou, misturando-se à trovoada.

— Pilot Fish por um focinho...

— Porra, foi Noble Star por um fio de cabelo...

— Está errado, meu velho, foi Pilot Fish...

— Dew neh loh moh...

— Meu Deus, que corrida...

— Pombas, olhe Iá, a bandeira de objeção dos administradores...

— Onde? Oh, meu Deus, quem sujou a barra?

— Não vi nada, e você?

— Não. É difícil, com esta chuva, mesmo com binóculo...

— Porra, e agora? Aqueles malditos administradores, se tirarem a vitória do meu ganhador, juro que...

Dunross correria para o elevador no momento em que vira Noble Star cair e derrubar Travkin. Não vira a causa. Travkin fora espero demais.

Outros lotavam os corredores, excitadíssimos, à espera do elevador, todos falando, ninguém escutando.

— Ganhamos por uma narina...

— Puta que o pariu, qual é a objeção? Noble Star...

— Qual é a objeção, tai-pan?

— Cabe aos administradores anunciarem.

Em meio à zoeira, Dunross apertou de novo o botão do elevador.

Gornt aproximou-se rapidamente, enquanto as portas se abriam, todos lotando o elevador, Dunross com vontade de berrar de raiva por causa da lentidão.

— Foi Pilot Fish por um focinho, Ian — gritou Gornt, acima da zoeira, o rosto afogueado.

— Que páreo! — berrou uma voz. — Alguém sabe qual é a objeção?

— Você sabe, Ian? — perguntou Gornt.

— Sei — retrucou.

— É contra o meu Pilot Fish?

— Conhece o procedimento. Primeiro os administradores investigam, depois fazem o comunicado.

Notou os olhos castanhos inexpressivos de Gornt, e soube que seu inimigo estava cego de ódio por não ser administrador. "E jamais será, seu filho da mãe!", pensou Dunross, cheio de raiva. "Darei bola preta para você até eu morrer."

— É contra o Pilot Fish, tai-pan? — perguntou alguém.

— Santo Deus — replicou. — Conhecem o procedimento. O elevador parava em todos os andares. Mais proprietários e amigos se acotovelavam para entrar. Mais gritos de "Que grande páreo! Mas que diabo, qual a objeção?" Finalmente chegaram ao térreo. Dunross saiu correndo para a pista, onde um grupo de ma-foo e funcionários cercavam Travkin, que jazia ali, largado, inerte. Noble Star se pusera de pé, incólume, e agora estava na outra extremidade, galopando sem cavaleiro na pista, os cavaliços

espalhados e esperando para interceptá-la. Mais acima, na última curva, o veterinário estava ajoelhado junto do capão ruão em agonia, Kingplay, a pata traseira quebrada, com o osso espetado para fora. O som do tiro não penetrou os urros e contra-urros dos assistentes impacientes, seus olhos fitos no painel, esperando pelo julgamento dos administradores.

Dunross ajoelhou-se ao lado de Travkin, um dos ma-foo segurando um guarda-chuva sobre o homem inconsciente.

— Como vai ele, doutor?

— Não entrou na cerca por milagre. Não está morto, pelo menos ainda não, tai-pan — disse o dr. Meng, o patologista da polícia, nervoso, acostumado a cadáveres, não a pacientes vivos. — Não posso dizer direito, só quando ele voltar a si. Externamente, não parece haver hemorragia. O pescoço... e as costas dele parecem estar bem... ainda não posso dizer...

Dois enfermeiros da ambulância do St. John's apareceram trazendo uma maca.

— Para onde elevemos levá-lo, senhor? Dunross olhou ao seu redor.

— Sammy — disse a um dos seus cavaleiros —, vá buscar o dr. Tooley. Ele deve estar na nossa tribuna. — Para os enfermeiros,

falou: — Mantenham o sr. Travkin na ambulância até que o dr. Tooley chegue aqui. E quanto aos outros três jóqueis?

— Dois deles só levaram um susto, senhor. Outro, o capitão Pettikin, quebrou a perna, mas já a entalou.

Os homens colocaram Travkin muito cuidadosamente na maca. McBride reuniu-se a eles, depois Gornt, e os outros.

— Como vai ele, Ian?

— Não sabemos. Ainda. Parece estar bem. — Suavemente, Dunross ergueu uma das mãos de Travkin, examinando-a. Pensara ter visto um golpe na curva da outra extremidade, e Travkin hesitar. Um vergão vermelho e pesado desfigurava as costas da mão direita dele. E da outra. — O que poderia ter causado isso, dr. Meng?

— Ah! — Mais Confiantemente, o homenzinho falou: — Quem sabe as rédeas. Quem sabe um chicote, pode ter sido uma chicotada... quem sabe na queda.

Gornt ficou calado, só olhou, furioso intimamente por Bluey White ter sido tão inepto, quando tudo fora acertado anteriormente direitinho, com uma palavrinha aqui, uma promessa ali. Metade do maldito hipódromo devia tê-lo visto, pensou.

Dunross examinou o rosto sem cor de Travkin. Nenhuma outra marca, salvo as pisaduras inevitáveis. Um pouco de sangue escorria do nariz dele.

— Já está coagulando. É um bom sinal — disse o dr. Meng.

O governador aproximou-se, às pressas.

— Como vai ele?

Dunross repetiu o que o médico dissera.

— Mas que azar danado, Noble Star passarilhar daquele jeito.

— É.

— Qual a objeção dos administradores, Ian?

— Íamos discuti-la agora, senhor. Quer se reunir a nós?

— Ah, não, obrigado. Vou apenas esperar e ser paciente. Queria me certificar de que o Travkin estava bem. — O governador sentia a chuva escorrer pelas suas costas. Ergueu os olhos para o céu. — Diabo de tempo ruim... e parece que vai durar. Vão continuar o programa?

— Vou recomendar que seja cancelado, ou adiado.

— Boa idéia.

— É — disse McBride. — Concordo. Não podemos nos dar ao luxo de ter outro acidente.

— Quando tiver um momentinho, Ian — disse Sir Geoffrey —, estarei na minha tribuna.

A atenção de Dunross concentrou-se nele.

— Falou com o ministro, senhor? — perguntou, tentando parecer natural.

— Falei — replicou Sir Geoffrey, igualmente natural. — É, ele ligou para mim na linha particular.

Abruptamente, o tai-pan tomou consciência de Gornt e dos outros.

— Eu o acompanharei, senhor. — Para McBride, disse: — Logo irei ter com você.

Depois, virou-se, e os dois foram andando para o elevador. Quando estavam sozinhos, Sir Geoffrey murmurou:

— Não é bem o lugar para uma conversa particular, não é?

— Poderíamos examinar a pista, senhor. — Dunross foi mostrando o caminho para a grade, rezando. — A grama está terrível, não é? — falou, apontando.

— Se está! — Sir Geoffrey também dava as costas aos olhares. — O ministro ficou muito perturbado. Deixou a decisão sobre o Brian nas minhas mãos, desde que o sr. Sindere e o sr. Crosse concordem com a libertação, desde...

— Mas concordarão com o senhor? — disse Dunross, inquieto, relembrando a conversa que tivera com eles na véspera.

— Posso apenas aconselhá-los. Eu os aconselharei que é necessário, desde que você, pessoalmente, me assegure que é.

— Claro — disse Dunross, devagar. — Mas, sem dúvida, Havergill, Southerby ou os outros banqueiros teriam maior influência.

— Em assuntos bancários, sim, Ian. Mas acho que também vou precisar da sua garantia e cooperação pessoais.

— Como, senhor?

— Esse assunto terá que ser tratado com muita delicadeza, por você, não por eles. Além disso, há o problema das pastas. Das pastas de Alan.

— O que é que têm as pastas, senhor?

— Cabe a você responder. O sr. Sinderson me contou da conversa que teve com você ontem à noite. — Sir Geoffrey acendeu o cachimbo, as mãos abafando a chama, protegendo-a da chuva. Depois do telefonema do tai-pan para ele, naquela manhã, mandara imediatamente buscar Sinderson e Crosse para discutir a questão da troca, antes de falar com o ministro. Sinderson reiterara a sua preocupação de que as pastas pudessem ter sido adulteradas. Falou que poderia concordar em libertar Kwok, se tivesse certeza a respeito das pastas. Crosse sugerira trocar Kwok por Fong-fong e os outros. Agora, Sir Geoffrey olhava interrogativamente para Dunross. — E então, Ian?

— Tiptop deve vir, ou devia vir, hoje à tarde. Devo presumir que posso dizer sim à proposta dele?

— Sim, desde que primeiro obtenha a concordância do sr. Sinderson. E do sr. Crosse.

— Não me pode dar essa autorização, senhor?

— Não. O ministro foi bem claro. Se quiser perguntar-lhes agora, estão na tribuna dos sócios.

— Estão a par do resultado do seu telefonema?

— Estão. Lamento, mas o ministro deixou bem claro. — Sir Geoffrey falava gentilmente. — Parece que a reputação de justiça e honestidade do tai-pan atual da Casa Nobre é conhecida até naqueles locais santificados. Tanto o ministro quanto eu confiamos nela. — Uma explosão de vivas distraiu-lhe a atenção. Noble Star rompera o cordão dos ma-foo que tentavam recapturá-la e passara galopando por eles, dispersando funcionários e cavaleiros. — Talvez seja melhor tratar primeiro da objeção à corrida. Estarei no meu reservado. Venha tomar chá ou um coquetel comigo, se tiver vontade.

Dunross agradeceu-lhe, e depois dirigiu-se às pressas para a sala dos administradores, os pensamentos tumultuados.

— Ah, Ian — chamou ansioso Shitee T'Chung, o presidente da diretoria, quando ele entrou, com todos os administradores agora presentes. — Temos realmente que decidir muito depressa.

— Vai ser difícil, sem o testemunho de Travkin — disse Dunross. — Quantos de vocês viram Bluey White fustigá-lo?

Apenas McBride levantou a mão.

— Somos apenas dois em doze. — Dunross viu que Crosse o fitava. — Tenho certeza. E havia um vergão cortando as duas mãos dele. O dr. Meng disse que podia ter sido feito por um chicote, ou pelas rédeas, na queda. Pug, qual a sua opinião?

Pugmire rompeu um silêncio constrangedor.

— Eu, pessoalmente, não vi nada malicioso. Estava vigiando feito doido, porque apostara em Noble Star, mil na ponta. Se houve ou não a vergastada, não me pareceu ter feito muita diferença. Não a vi tropeçar, nem qualquer dos outros cavalos, a não ser Kingplay. Noble Star estava no páreo até a linha de chegada, e todos estavam com os chicotes nas mãos.

Jogou uma das fotos da linha de chegada.

Dunross pegou-a. A foto reproduzia o que ele vira: Pilot

Fish por um focinho de Noble Star, por uma narina de Butter-scotch Lass, por um focinho de Winning Billy.

— Todos estão com os chicotes na mão — continuou Pugmire —, e era mesmo o que tinham que fazer, na curva. Poderia ter sido facilmente acidental... se é que houve a chicotada.

— Shitee?

— Tenho que confessar, meu velho, que estava de olho no meu Street Vendor e xingando Kingplay. Pensei que sua potranca tivesse derrotado Pilot Fish. Nós... bem... consultamos os outros treinadores e não existe... bem... uma queixa formal. Concordo com o Pug.

— Roger?

— Não vi nada fora do comum.

— Jason?

Para sua surpresa, Plumm sacudiu a cabeça e discordou, e Dunross perguntou-se novamente o que haveria de verdade na acusação espantosa de Alan a Plumm e à Sevrin.

— Todos sabemos que Bluey White é ladino — dizia Plumm. — Já tivemos que adverti-lo anteriormente. Se o tai-pan e Donald dizem que viram o golpe, voto pela exclusão dele e a desqualificação de Pilot Fish.

Dunross contou os votos dos demais administradores, os indecisos.

— Vamos mandar entrar os jóqueis, White por último. Todos os jóqueis murmuraram variações do mesmo tema: estavam ocupados demais com a própria montaria para notar qualquer coisa.

Então os administradores olharam para Dunross, esperando. Ele devolveia o olhar, consciente de que, se dissesse "Voto para que unanimemente excluamos Bluey White por interferência e desqualifiquemos Pilot Fish. Todos a favor digam sim!", eles votariam como ele queria.

"Eu o vi dar o golpe", disse consigo mesmo, "Donald também, e os outros, e aquilo abalou o Aleksei pela fração de segundo necessária. Mesmo assim, com toda a honestidade, não acho que foi

isso o que custou a corrida a Noble Star. Fui eu que perdi a corrida. Aleksei foi a escolha errada para este páreo. Ele devia ter empurrado Pilot Fish para cima da cerca na segunda curva, quando teve a chance, ou chicoteado Bluey White no rosto, não nas mãos. Era o que eu teria feito, ah, sem hesitar. É ainda há outras considerações."

— Não tenho a menor dúvida de que houve interferência — falou. — Mas, quer accidental ou propositadamente, duvido que até mesmo o Aleksei saiba dizer. Concordo em que Noble Star não perdeu por causa disso, portanto sugiro que simplesmente advirtamos o Bluey e mantenhamos o resultado.

— Excelente. — Shitee TChung soltou a respiração e abriu um sorriso, e todos eles se descontraíram, já que nenhum deles, muito menos Pugmire, desejava um confronto com o tai-pan. — Alguém se opõe? Ótimo! Vamos liberar para a imprensa a foto da linha de chegada e fazer o comunicado pelos alto-falantes. Quer fazer isso, tai-pan?

— Claro. Mas, e quanto ao resto do programa? Olhem só para a chuva. — Caía torrencialmente. — Ouçam, tenho uma idéia.

Ele a expôs, ouvindo uma explosão de entusiasmo, e a risada de todos.

— Muito bom, é, muito bom!

— Formidável! — exclamou Dunstan Barre.

— Isso dará aos sacanas algo em que pensar! — falou Pugmire.

— Grande idéia, tai-pan! — disse McBride, sorrindo amplamente. — Ah, excelente!

— Vou até o centro de controle... Por que não mandam chamar o Bluey e lhe passam um pito, dão-lhe um susto?

— Uma palavrinha, Ian? — pediu Pugmire.

— Podemos deixar para mais tarde?

— Claro. Roger, posso lhe dar uma palavrinha?

— Claro. Estarei na tribuna dos sócios, com o Sinderson.

— Ah, não estará no seu reservado?

— Não. Emprestei-o ao comissário, para uma festa particular.

— Ian?

— Sim, Jason?

— Acha que a subida da montanha será realizada amanhã?

— Se esta chuva continuar, não. Toda aquela área vai ficar um lodaçal. Por quê?

— Por nada. Eu estava planejando dar um coquetel domingo à noite para comemorar o seu golpe da Superfoods!

Shitee T'Chung casquinou.

— Mas que bela idéia! Parabéns, Ian! Viu a cara do Biltzmann?

— Ian, você estaria livre? Não vou convidar o Biltzmann — acrescentou Plumm, em meio a muitas risadas. — Será no nosso apartamento da companhia, no Sinclair Towers.

— Desculpe, mas vou para Taipé no começo da tarde. Sinto muito, pelo menos é o meu plano. O...

— Não estará aqui na segunda? — interrompeu Pugmire, subitamente preocupado. — E quanto aos nossos papéis, e a tudo o mais?

— Não há problema, Pug, fechamos às nove e meia. — E, virando-se para Plumm: — Jason, se eu cancelar ou adiar Taipé, aceitarei.

— Ótimo. Das dezenove e trinta às vinte e uma e trinta, traje informal.

Dunross se afastou, franzindo ainda mais a testa, surpreso por Plumm estar tão amistoso. De um modo geral, ele era a oposição em todas as juntas diretoras de que participavam, ficando ao lado de Gornt e Havergill contra ele, especialmente na junta diretora do Victoria.

Do lado de fora da sala dos administradores circulavam grupos de repórteres, proprietários, treinadores e espectadores ansiosos. Dunross ignorou a barragem de perguntas enquanto se dirigia para a sala dos administradores, que ficava no último andar.

— Alô, senhor — cumprimentou o locutor, todos tensos na pequena cabine de vidro que tinha a melhor vista da pista.

— Uma corrida maravilhosa, pena que... Tem a decisão? É o Bluey, não é? Todos vimos o chicote...

— Posso usar o microfone?

— Ah, sim, claro.

O homem se afastou apressadamente, e Dunross sentou-se no lugar dele. Ligou o botão.

— Aqui fala Ian Dunross, os administradores me pediram para fazer dois comunicados...

O silêncio foi enorme enquanto as palavras dele ecoavam e reecoavam no hipódromo. As cinqüenta mil pessoas prenderam a respiração, indiferentes à chuva, nas tribunas baixas e em todos os níveis mais altos.

— Primeiro, o resultado do quinto páreo. — Silêncio mortal, exceto pelo barulho da chuva. Dunross inspirou fundo.

— Pilot Fish por um focinho de Noble Star, e Noble Star por um fio de cabelo de Butterscotch Lass... — A última palavra foi

abafada pelos vivas e vaias, pela felicidade e desgosto, e todo mundo no estádio berrava, discutia, dava vivas, xingava. Lá no paddock Gornt estava atônito, tendo se convencido de que o seu jóquei, visto como ele próprio vira, fora apanhado e eliminado, e o resultado seria posto de lado. Em meio ao pandemônio os números vencedores apareceram no painel: 1, 7, 8.

Dunross esperou um momento, depois repetiu animadamente os resultados em cantonense, com a multidão mais dócil, acalmadas as ansiedades reprimidas, pois a decisão dos administradores era definitiva:

— Segundo, os administradores e organizadores decidiram, devido ao tempo e às más condições, cancelar o resto do programa... — Um gemido enorme percorreu a multidão. — na verdade adia-lo até o sábado que vem, para outro programa especial. — Um alarido de entusiasmo ecoou. — Faremos um programa de oito páreos, e o quinto será igual ao de hoje, com os mesmos concorrentes, Pilot Fish, Butterscotch Lass, Winning Billy, Street Vendor, Golden Lady, Lochinvar e Noble Star. Uma prova especial de desafio, com apostas duplas, trinta mil a mais...

Vivas e mais vivas, aplausos, gritos e alguém na cabina exclamou:

— Puxa, tai-pan, que grande idéia! Noble Star vai vencer aquele filho da mãe negro!

— Ah, não vai mesmo! Butterscotch...

— Grande idéia, tai-pan. Dunross falou ao microfone:

— Os administradores agradecem o seu contínuo apoio.

— Repetiu a frase em cantonense, acrescentando: — Haverá um outro comunicado especial daqui a alguns minutos. Obrigado! — nos dois idiomas.

Outro viva ruidoso, e aqueles que estavam na chuva correram para buscar abrigo ou para os guichês dos vencedores, todos tagarelando, gemendo, amaldiçoando ou abençoando os deuses, entupindo as saídas, longas filas de homens, mulheres e crianças dirigindo-se para casa, cheios de uma nova e maravilhosa felicidade. Apenas os que possuíam os números vencedores da loteria dupla, 8 e 5 no segundo, 1 e 7 no quinto, continuavam paralisados, fitando o painel, esperando para ver quanto pagaria a loteria.

— Mais um comunicado, tai-pan? — perguntou ansiosamente o locutor.

— Sim — replicou Dunross. — Lá pelas cinco horas. Havergill lhe dissera que o negócio com Richard Kwang fora concluído, e pedira-lhe para ir à tribuna do Victoria o mais breve possível. Ele chegou à porta da saída e desceu os degraus de três em três, para o andar inferior, muito satisfeito consigo mesmo. "Ter dado a vitória do

páreo a Pilot Fish deve ter abalado Gornt", pensou. "Gornt sabia, como eu, que foi a maior marmelada, e que Aleksei iria perder, não importa o que fizesse... foi o motivo principal pelo qual eu não montei. Se eles tivessem tentado fazer aquilo comigo, eu teria matado alguém. Mas no sábado que vem... ah, sábado que vem eu vou montar, e Bluey White não vai ousar, nem os demais treinadores; no sábado que vem, o jogo vai ser limpo, e eles estarão avisados. " O entusiasmo dele aumentou um pouco mais. Então, no corredor lotado, viu Murtagh à sua espera.

— Escute, tai-pan, posso falar...

— Claro — disse Dunross, conduzindo-o pela cozinha até a sua sala particular.

— Que grande páreo! Ganhei uma bolada — disse o rapaz, animadíssimo —, e que boa notícia sobre o sábado!

— Ótimo. — Foi então que Dunross notou o suor na testa do homem. "Ah, Deus", pensou. — Fecharemos negócio, sr. Murtagh?

— Por favor, chame-me de Dave, os chefões disseram que... bem... talvez... Marcaram uma reunião de diretoria para amanhã, nove da manhã, hora deles. Aqui serão...

— Dez da noite de hoje. É. Excelente, sr. Murtagh, então ligue para mim neste número. — Dunross anotou-o. — Por favor, não o

perca, nem o dê para mais ninguém.

— Ah, naturalmente, tai-pan, ligarei para o senhor tão logo... até que horas posso ligar?

— No momento em que desligar o telefone, depois de falar com eles. Continue a ligar até me encontrar. — Dunross se pôs de pé. — Desculpe, mas há um bocado de coisas a serem feitas.

— Ah, sim, claro! — Murtagh acrescentou, constrangido: — Escute, tai-pan, acabei de saber do seu sinal de dois milhões na proposta da General Stores. Dois milhões da nossa parte até nove e meia de segunda vai ser um pouco difícil.

— Foi o que imaginei... para o seu grupo. Felizmente, sr. Murtagh, nunca contei com essa quantia modesta vinda de vocês. Sei que o First Central tende a ser como os moinhos de Deus... moem devagarinho... a não ser que desejem retirar-se da arena — acrescentou, lembrando-se de muitos amigos seus que haviam sido prejudicados com a retirada repentina do apoio deles, há anos. — Não se preocupe, a minha nova fonte externa de crédito é mais...

— Como? — exclamou Murtagh, empalidecendo.

— Minha nova fonte externa de finanças reage prontamente a quaisquer oportunidades comerciais repentinas, sr. Murtagh. Essa

levou apenas oito minutos. Parecem ter mais confiança que seus diretores.

— Pombas, tai-pan, por favor, chame-me de Dave, não é questão de confiança, mas... bem... não sabem direito o que é a Ásia. Tive que convencê-los de que a compra de controle da General Stores vai dobrar o seu bruto em três anos.

— Em um — interrompeu Dunross firmemente, divertindo-se, — Lamento que seu grupo não vá compartilhar nossos imensos lucros advindos daquele pequeno setor dos nossos grandes planos de expansão. Tome um pouco de chá na nossa tribuna. Desculpe, mas tenho que dar um telefonema.

Pegou Murtagh firmemente pelo cotovelo e levou-o porta afora, fechando-a às suas costas.

Na cozinha, Murtagh olhava para a porta fechada, atordoado pela barulheira alegre dos pratos e das obscenidades proferidas em cantonense pelos vinte cozinheiros e ajudantes.

— Puxa — murmurou, quase em pânico —, oito minutos? Porra, será que os malditos suíços estão tentando nos roubar o cliente?

Afastou-se, com passos incertos.

Dentro da sala, Dunross estava no seu telefone particular, escutando o aparelho soar.

— Weyyyyy?

— O sr. Tip, por favor — disse com cuidado, em cantonense.
— Aqui fala o sr. Dunross.

Ouviu o telefone ser largado ruidosamente e a amah gritar estridentemente:

— Telefone! Para o senhor, Pai.

— Quem é?

— Um demônio estrangeiro. Dunross sorriu.

— Alô?

— Ian Dunross, sr. Tip. Estava preocupado que sua doença tivesse piorado.

— Ah, ah, é, desculpe por não ter podido ir. É, eu, eu tive uns problemas muito urgentes, compreende? É. Muito urgentes. Ah, a propósito, que azar o que houve com Noble Star. Acabo de ouvir no rádio que Pilot Fish ganhou por um focinho, após uma objeção. Qual foi a objeção?

Pacientemente Dunross explicou, e respondeu à pergunta sobre a sua proposta de compra de controle da General Stores, radiante porque as notícias já tinham chegado até ele. Se haviam chegado ao Tiptop, então chegariam a todos os jornais. "Ótimo", pensou, esperando para poder entrar no seu assunto, mas Tiptop passou-lhe a perna.

— Bem, obrigado pelo telefonema, tai-pan. Prontamente, Dunross falou:

— Foi um prazer. Ah, a propósito, confidencialmente, parece-me possível que a polícia tenha descoberto que um dos seus subalternos cometeu um erro.

— Sei. Imagino que o erro será corrigido imediatamente.

— Imagino que muito em breve, se a pessoa em questão pedir demissão e aproveitar a permissão para viajar para o exterior.

— E quando seria o muito em breve, tai-pan? Dunross escolhia as palavras com cuidado, deliberadamente vago, embora formal, agora.

— Existem certas formalidades, mas é possível que possam ser cumpridas rapidamente. Infelizmente, é preciso consultar os vips em outros lugares. Tenho certeza de que me compreende.

— Certamente. Mas o poderoso dragão não é páreo para a serpente nativa, heya? Ao que me consta, um dos seus "su-per-vips" já está aqui em Hong Kong. Um tal sr. Sindors.

Dunross ficou surpreso com a extensão dos conhecimentos de Tiptop.

— Já conto com algumas aprovações — falou, inquieto.

— Pensei que muito poucas aprovações fossem necessárias. O verdadeiro ouro não teme o fogo.

— É. Existe algum lugar para onde possa ligar-lhe hoje à noite... para contar-lhe os progressos?

— O senhor me encontrará neste número. Por favor, ligue para mim às vinte e uma horas. — A voz de Tiptop ficou ainda mais seca. — Parece possível que sua última sugestão sobre os bancos seja atendida. Claro que qualquer banco precisaria da documentação adequada para conseguir imediatamente meio bilhão de dólares de Hong Kong em espécie, mas, ao que me consta, o carimbo do Victoria, o carimbo do governador e o seu seriam as únicas coisas necessárias para garantir o empréstimo por trinta dias. Essa... quantia secundária estará disponível por um tempo limitado, quando se cumprirem os procedimentos corretos. Até Iá esse assunto é confidencial, estritamente confidencial.

— Naturalmente.

— Obrigado pelo telefonema.

Dunross desligou o telefone e enxugou as palmas das mãos. "Por um tempo limitado" estava marcado no seu cérebro. Ele sabia, e sabia que Tiptop sabia que ele compreendia, que os dois "procedimentos" estavam absolutamente interligados, mas não necessariamente. "Santo Deus, eu amo a Ásia", pensou, satisfeito, enquanto se retirava.

Os corredores estavam cheios, muita gente já lotando os elevadores para ir para casa. Deu uma espiada na sua tribuna, e chamou a atenção de Gavallan.

— Andrew, desça até a tribuna dos sócios e fale com Roger Crosse... está lá com um sujeito chamado Sindors.

Pergunte-lhes se têm um momento para vir até aqui falar comigo! Depressa!

Gavallan se foi. Dunross cruzou apressado o corredor, passando pelos guichês de apostas.

— Tai-pan! — chamou Casey. — Lamento quanto a Noble Star! Você...

— Volto daqui a um minuto, Casey. Desculpe, não posso parar! — foi gritando Dunross, enquanto corria. Notou que Gornt estava no guichê dos vencedores, mas aquilo não lhe tirou a felicidade. "As primeiras coisas em primeiro lugar", pensou. — Como quer os dez mil? A nossa aposta?

— Em espécie estará ótimo, obrigado — disse Gornt.

— Eu mando mais tarde.

— Na segunda-feira estará bem.

— Logo mais. Na segunda-feira vou estar ocupado. Dunross afastou-se com um cumprimento polido de cabeça. No reservado lotado do Victoria, a confusão era a mesma que nos outros lugares. Bebidas, risadas, entusiasmo, alguns palavrões para Pilot Fish, mas já estavam sendo feitas apostas para a corrida do sábado seguinte. Quando Dunross entrou, houve mais vivas, condolências, e outra saraivada de perguntas. Ele se desviou delas com naturalidade, uma delas de Martin Haply, que estava ao lado da porta, com Adryon.

— Ah, papai, que azar danado da Noble Star! Perdi a camisa e toda a minha mesada!

— Mocinhas não deviam apostar — riu Dunross. — Alô, Haply!

— Posso lhe perguntar sobre...

— Mais tarde. Adryon querida, não esqueça os coquetéis. Você é a anfitriã.

— Oh, sim, estaremos lá. Papai, pode me adiantar a mesada do...

— Sem dúvida — disse Dunross, para espanto dela. Deu-lhe um abraço e foi abrindo caminho até Havergill, próximo de Richard Kwang.

— Alô, Ian! — disse Havergill. — Foi azar, mas estava evidente que Pilot Fish levou vantagem.

— É, foi, sim. Alô, Richard! — Dunross deu-lhe uma cópia da foto batida na hora da chegada. — Um azar danado pra nós dois.

Outras pessoas se aproximaram para ver.

— Santo Deus, por um fio de cabelo...

— Pensei que Noble Star...

Aproveitando-se da distração, Dunross aproximou-se mais de Havergill.

— Já está tudo assinado?

— Já. Vinte cents por dólar. Concordou e assinou os documentos provisórios. Os documentos formais até o fim da semana. Claro que o sacana ainda tentou choramingar, mas está tudo assinado.

— Maravilhoso. Fez um excelente negócio. Havergill concordou.

— É, eu sei.

Richard Kwang voltou-se.

— Ah, tai-pan! — Baixou a voz e murmurou: — O Paul lhe falou da fusão?

— Naturalmente. Posso lhe dar os parabéns?

— Parabéns? — ecoou Southerby, aproximando-se deles.

— Um azar desgraçado, na minha opinião! Apostei uma bolada em Butterscotch Lass.

A sala ficou ainda mais animada quando o governador entrou. Havergill foi recebê-lo, seguido por Dunross.

— Ah, Paul, Ian! Um azar danado, mas numa excelente decisão! As duas. — O rosto dele endureceu Simpaticamente.

— Sábado que vem será sem dúvida o tira-teima.

— Sim, senhor.

— Paul, queria fazer um comunicado formal?

— Sim, senhor. — Havergill ergueu a voz. — A sua atenção, por favor... — Ninguém ligou até que Dunross pegou uma colher e bateu com ela no bule de chá. Aos poucos, fez-se silêncio. — Sua Excelência, senhoras e senhores, tenho a honra de anunciar, em nome dos diretores do Victoria Bank, que acaba de ser concluída uma fusão imediata com o grande Ho-Pak Bank... — Martin Haply deixou cair o copo — e que o Victoria garante totalmente cem por cento de todos os clientes do Ho-Pak...

O resto foi abafado por um grande viva. Os convidados das tribunas próximas debruçaram-se nos balcões para ver o que estava acontecendo. A notícia foi gritada de um lado para outro, enquanto outras pessoas entravam, vindas dos corredores, e logo houve mais vivas.

Havergill foi assediado por perguntas e levantou a mão, encantado com o efeito do seu comunicado. No silêncio que se seguiu, Sir Geoffrey disse, rapidamente:

— Devo dizer, em nome do governo de Sua Majestade, que esta é uma notícia maravilhosa, Paul, boa para Hong Kong, boa para o banco, boa para você, Richard, e para o Ho-Pak!

— Ah, sim, Sir Geoffrey — falou Richard Kwang, jovialmente, em voz alta, certo de que agora tinha dado um gigantesco passo em direção a seu sonho de ser sagrado cavaleiro. — Decidi, claro que junto com nossos diretores, decidi que seria bom para o Victoria ter uma participação maior na comunidade chinesa e...

Havergill apressou-se a interrompê-lo.

— Richard, talvez seja melhor eu terminar o comunicado formal e deixar os detalhes para a nossa entrevista coletiva. — Lançou um olhar para Martin Haply. — Marcamos uma entrevista coletiva formal para segunda-feira ao meio-dia, mas todos os detalhes da... fusão já foram acertados. Não é, Richard?

Richard Kwang começou a fazer outra variação, mas mudou depressa de idéia, vendo o olhar de Havergill e de Dunross.

— É, claro, claro. — Mas não pôde resistir e acrescentou:

— Estou encantado de ser sócio do Victoria.

Haply se manifestou rapidamente:

— Com licença, sr. Havergill, posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu amavelmente, com plena consciência do que lhe seria perguntado. "Esse filho da mãe do Haply tem que sumir daqui", pensou, "de um jeito ou de outro."

— Posso lhe perguntar, sr. Havergill, como o senhor se propõe a pagar todos os clientes do Ho-Pak e os seus, os do Blacs e de todos os outros bancos, quando existe uma corrida a todos eles, e não há dinheiro suficiente em caixa?

— Boatos, boatos, sr. Haply — replicou Havergill, com ar despreocupado, e acrescentou, em meio a risadas: — Lembre-se: uma nuvem de mosquitos pode criar um barulho como o de um trovão! A economia de Hong Kong nunca esteve tão forte. Quanto à tão falada corrida ao Ho-Pak, acabou. O Victoria garante os clientes do Ho-Pak, garante a compra de controle da Struan-General Stores, e garante que continuará funcionando pelos próximos cento e vinte anos.

— Mas, sr. Havergill, não quer respon...

— Não se preocupe, sr. Haply. Deixemos os detalhes da... da proteção benevolente que proporcionamos ao Ho-Pak para serem

discutidos na entrevista coletiva de segunda-feira.

— Prontamente, virou-se para o governador. — Se me dá licença, senhor, vou tornar a decisão pública.

Ouviram-se mais vivas quando ele começou a abrir caminho entre o povo, na direção da porta.

Alguém começou a cantar "Ele é um bom companheiro..." Todos se juntaram ao canto. O barulho tornou-se ensurdecedor. Dunross disse para Richard Kwang em cantonense, citando uma antiga expressão:

— Quando for o bastante, pare. Heya?

— Ah, é. É, sim, tai-pan. Sem dúvida. — O banqueiro deu um sorriso amarelo, entendendo a ameaça, lembrando a si mesmo a sua boa sorte, que Vênus Poon certamente se humilharia, agora que ele era um importante diretor da junta administrativa do Victoria. Abriu mais o sorriso. — Tem razão, tai-pan. "Dentro das portas vermelhas há muito desperdício de carne e vinho!" A minha perícia trará grandes benefícios ao nosso banco, hey?

Afastou-se, com ar importante.

— Meu Deus, mas que dia! — murmurou Johnjohn.

— É, sim, maravilhoso! Johnjohn, meu velho — falou McBride —, deve sentir muito orgulho do Paul.

— Mas claro!

Johnjohn olhava enquanto Havergill se afastava.

— Está se sentindo bem?

— Estou, sim, só que trabalhei até tarde.

Johnjohn passara a maior parte da noite acordado, calculando como poderiam efetuar com segurança a compra de controle, com segurança para o banco e para os depositantes do Ho-Pak. Arquetetara o plano, e de manhã passara horas exaustivas tentando convencer Havergill de que era a hora de inovar. — Podemos fazê-lo, Paul, e criar um tal renascimento de confiança...

— E abrir um precedente perigosíssimo! Não acho que sua idéia seja tão importante quanto imagina!

Havergill reconsiderara somente quando enxergara o enorme e imediato aumento de confiança decorrente do comunicado dramático de Dunross. "Não faz mal", pensou Johnjohn, cansado, "saímos todos lucrando. O banco, Hong Kong, o Ho-Pak. Sem dúvida seremos melhores para os investidores, os acionistas, os patrocinadores deles, muito melhores do que o Richard! Quando eu for o tai-pan, usarei o Ho-Pak como modelo para futuras operações de resgate. Com a nossa nova diretoria, o Ho-Pak será uma propriedade maravilhosa. Como qualquer um de uma dúzia de empreendimentos. Até como a Struan!"

Seu cansaço desapareceu. Seu sorriso ficou mais amplo. "Oh, chegue depressa, segunda-feira... quando o mercado abrir!"

Na tribuna da Struan, Peter Marlowe debruçava-se, melancólico, na amurada, observando a multidão já embaixo. A chuva cascadeava da saliência que protegia as tribunas. Os três balcões em cantiléver dos sócios não-votantes não eram assim tão protegidos. Cavalos molhados eram conduzidos rampas abaixo por cavaleiros molhados, que se juntavam aos milhares de espectadores, também molhados, que se afastavam.

— O que há, Peter? — perguntou Casey.

— Nada.

— Nenhum problema com a Fleur, espero?

— Não.

— Foi o Grey? Vi vocês dois discutindo.

— Não, não foi o Grey, embora ele seja um pé no saco, um grosso e francamente contra tudo o que tenha valor. — Marlowe deu um sorriso curioso. — Estávamos apenas discutindo o tempo.

— Claro. Você estava com uma cara depressivíssima, há pouco. Perdeu o quinto?

— Perdi, mas não foi isso. Até que saí lucrando bastante, no todo. — O homem alto hesitou, depois indicou os reservados, e tudo o mais à sua volta. — Eu só estava pensando que há cinqüenta e tantos mil chineses aqui, e outros três ou quatro milhões lá fora, e cada um deles tem uma tradição imensa, segredos maravilhosos e histórias fantásticas para contar, sem falar nos vinte e tantos mil europeus, superiores e inferiores, piratas, flibusteiros, contadores, donos de lojas, funcionários do governo... por que também escolheram Hong Kong? E sei que não importa o quanto eu tente, não importa o quanto eu leia, pergunte ou escute, nunca realmente saberei muita coisa sobre os chineses de Hong Kong ou sobre Hong Kong. Nunca. Apenas arranharei a superfície.

— É a mesma coisa em todo lugar — ela riu.

— Ah, mas não é, não. Este é o pot-pourri da Ásia. Olhe só aquele sujeito, ali, no terceiro reservado, o chinês rotundo. É multimilionário. A mulher dele é cleptomaníaca. Por isso, aonde quer que ela vá, ele manda o seu pessoal segui-la secretamente, e cada vez que rouba alguma coisa, os homens dele pagam o objeto roubado. Todas as lojas conhecem-nos, e é tudo muito civilizado... em que outro lugar no mundo se faria isso? O pai dele era um cule, cujo pai era um ladrão de estradas, cujo pai era um mandarim, cujo pai era um camponês... Um dos homens que está perto dele é outro multimilionário, ópio e contrabando para a China, e a mulher dele... ah, mas isso já é outra história.

— Que história? Ele riu.

— Algumas das mulheres têm histórias tão fascinantes quanto os maridos, às vezes até mais. Uma das que você conheceu hoje é ninfomaníaca e...

— Ora, Peter, qual é! É como disse a Fleur, você está inventando tudo.

— Talvez. É, mas algumas das senhoras chinesas são tão... predatórias quanto quaisquer outras da terra, "na moita".

— Chauvinista! Tem certeza?

— Bem, os boatos são... — Riram juntos. — Na verdade, os chineses são muito mais espertos que nós. Contaram-me que, aqui, as poucas mulheres casadas chinesas que gostam de "prevaricar" geralmente preferem arranjar um amante europeu, por medida de segurança... os chineses adoram uma fofoca, adoram um escândalo, e seria raro encontrar um chinês que transasse e guardasse um segredo desses, ou protegesse a honra de uma dama. A mulher teria medo, e com razão. Ser apanhada seria muito ruim, mas muito ruim mesmo. A lei chinesa é muito severa. — Pegou um cigarro. — Vai ver que é isso o que torna a coisa mais excitante.

— Ter um amante?

Ele a observava, imaginando o que diria se ele lhe contasse o seu apelido... murmurado para ele alegremente por quatro amigos chineses diferentes.

— É, as mulheres aqui dão as suas voltinhas, algumas delas. Olhe ali, naquela tribuna... o sujeito que está discursando, de blazer. Ele usa um "chapéu verde"... é a expressão chinesa que significa que é chifrudo, que a mulher dele tem um amante. Na realidade, no caso dela foi um amigo dele, chinês.

— Chapéu verde?

— É. Os chineses são maravilhosos! Têm um senso de humor espetacular! O sujeito publicou um anúncio num dos jornais chineses há alguns meses, dizendo: "Sei que uso um chapéu verde, mas a mulher do homem que o colocou em mim teve dois dos filhos dele com outros homens!"

Casey fitou-o, abismada.

— Quer dizer que ele assinou o anúncio?

— Assinou. Era um trocadilho feito com um dos nomes dele, mas todas as pessoas importantes sabiam de quem se tratava.

— E era verdade?

Peter Marlowe deu de ombros.

— Não importa. O outro sujeito ficou desmoralizado, e a mulher dele comeu o pão que o diabo amassou.

— Mas isso não é justo, não é nada justo.

— No caso dela, era.

— O que foi que ela fez?

— Teve dois filhos com outro...

— Ora, corta essa, sr. Contador de Histórias!

— Ei, olhe, Iá está o dr. Tooley!

Ela vasculhou a pista com o olhar, e então o viu.

— Ele não está com uma cara nada feliz.

— Espero que Travkin esteja bem. Ouvi dizer que Tooley foi examiná-lo.

— Foi uma queda feia.

— É. Terrível.

Ambos haviam sido submetidos às perguntas severas de Tooley sobre a sua saúde, sabendo que o espectro do tifo, talvez da cólera, e certamente da hepatite, ainda pesava sobre eles.

— Joss! — disse Peter Marlowe, com firmeza.

— Joss! — ela fizera eco, tentando não se preocupar com Linc. "É pior para um homem", pensou, lembrando-se do que Tooley dissera: "A hepatite pode escangalhar o seu fígado... e a sua vida, para sempre, se você for homem".

Após um momento, ela falou:

— As pessoas aqui parecem ser muito mais excitantes, Peter. Será por causa da Ásia?

— Provavelmente. Os costumes aqui são tão diferentes! E aqui em Hong Kong temos a nata. Acho que a Ásia é o centro do mundo, e Hong Kong, o núcleo. — Peter Marlowe acenou para alguém em outro reservado, que acenou para Casey. — Lá está outro admirador seu.

— Lando? É um homem fascinante.

Casey passara algum tempo com ele entre os páreos.

— Precisa vir a Macau, srta. Tcholok. Talvez possamos jantar juntos amanhã. Às sete e meia seria conveniente? — perguntara Mata, com o seu maravilhoso encanto do Velho Mundo, e Casey compreendera direitinho o que ele queria dizer.

Durante o almoço, Dunross advertira-a quanto a ele.

— É um bom sujeito, Casey — dissera o tai-pan, delicadamente. — Mas, aqui, para uma quai loh estranha, especialmente tão linda quanto você, numa primeira viagem à Ásia, bem, às vezes é melhor se lembrar de que ter mais de dezoito anos nem sempre é o bastante.

— Saquei, tai-pan — dissera ela, com uma risada. Mas, à tarde, ela se deixara magnetizar por Mata, na segurança da tribuna do tai-pan. Sozinha, suas defesas estariam levantadas, como sabia que estariam na noite seguinte.

— Depende, Lando — dissera —, gostaria muito de jantar com você. Vai depender da hora em que eu voltar do passeio de barco... não sei se o tempo vai permitir.

— Com quem vai? Com o tai-pan?

— Só com uns amigos.

— Ah. Bem, se não for no domingo, minha cara, quem sabe na segunda-feira? Há várias oportunidades comerciais para você, aqui ou em Macau, para você e o sr. Bartlett, se quiserem, e para a Par-Con. Posso ligar para você amanhã às sete, para saber se está livre?

"Posso cuidar dele, de um jeito ou de outro", pensou ela, tranqüilizando-se, "embora tenha de ficar de olho no vinho, e quem sabe até no garçom, para evitar que me dêem alguma droga excitante."

— Peter, os homens aqui, os que estão a fim de uma mulher... dar-lhe-iam alguma droga excitante?

— Está se referindo ao Mata? — perguntou ele, estreitando os olhos.

— Não, falo de um modo geral.

— Duvido que um chinês ou um eurasiático agisse assim com uma quai loh, se é isso o que está perguntando. — Franziu a testa. — Diria, contudo, que é melhor você bancar a circunspecta, com eles e com os europeus. Claro, para falar sem rodeios, você estaria no topo da lista deles. Tem o que é preciso para deixar a maioria deles numa tonteira orgiástica.

— Obrigadíssima! — Debruçou-se no balcão, curtindo o elogio. "Queria que o Linc estivesse aqui. Seja paciente." — Quem é aquele? — perguntou. — O velho olhando obscena-mente para a mocinha? Lá no primeiro balcão. Olhe, pôs a mão no traseiro dela!

— Ah, aquele é um dos nossos piratas locais... Wu Quatro Dedos. A moça é Vênus Poon, uma estrela local de tv. O rapaz que está conversando com eles é o sobrinho dele. Dizem que, na verdade, é filho dele. Tem um diploma de administração de Harvard, um passaporte americano, e é vivíssimo. O velho Quatro Dedos é outro multimilionário, dizem que contrabandista, ouro e qualquer outra coisa, com uma mulher oficial e três concubinas de idades diferentes. E agora está atrás de Vênus Poon. Ela era amante de Richard Kwang. Era. Mas, quem sabe, agora, com a compra de controle do Victoria, ela largue Quatro Dedos e volte para ele. Quatro Dedos mora num junco nojento em Aberdeen, e armazena a sua imensa fortuna. Ah, olhe ali! O homem e a mulher enrugados com quem o tai-pan está conversando.

Ela acompanhou o olhar dele para a segunda tribuna depois da deles.

— Aquela é a tribuna de Shitee TChung — falou. — Shitee é descendente direto de May-may e Dirk, através do filho deles, Duncan. O tai-pan já lhe mostrou os retratos de Dirk?

— Já. — Um pequeno arrepio a percorreu ao se lembrar da faca da Bruxa enfiada no quadro que representava o pai, Tyler Brock. Pensou em contar a ele, mas resolveu não fazê-lo. — Há uma grande semelhança — falou.

— Sem dúvida! Quem me dera eu pudesse ver a Galeria Longa! Bem, aquele casal de velhos com quem ele está conversando mora num cortiço, um prédio sem elevador, num sexto andar, num apartamento de dois cômodos, lá em Glessing's Point. São donos de um imenso lote de ações da Struan. Todos os anos, antes de cada assembléia anual da diretoria, o tai-pan, seja ele quem for, tem que ir de chapéu na mão pedir permissão para votar as ações deles. A permissão é sempre dada, isso faz parte do acordo original, mas, mesmo assim, ele tem que ir pessoalmente.

— Por que motivo?

— Para prestigiá-los. E por causa da Bruxa. — Uma sombra de sorriso. — Ela era uma mulher fantástica, Casey. Ah, como gostaria de tê-la conhecido! Durante a Revolta dos Boxers, em 1889-1900, quando a China estava em outra das suas conflagrações, a Casa Nobre teve todos os seus bens em Pequim, Tien-tsin, Foochow e Cantão destruídos pelos terroristas boxers, que eram mais ou menos patrocinados e certamente encorajados por Tseu-Hi, a velha imperatriz viúva. Eles se chamavam de "Os Punhos Harmoniosos e Virtuoso", e seu grito de batalha era "Protejam a dinastia Tsing e matem todos os demônios estrangeiros!" Falemos a verdade, as potências européias e o Japão tinham realmente dividido muito a China. De qualquer modo, os boxers atacavam todas as empresas estrangeiras, as colônias, as áreas desprotegidas, e as dizimavam. A Casa Nobre estava enrascadíssima. Naquela época, o tai-pan

nominal era novamente o velho Sir Lochlin Struan, último filho de Robb Struan, nascido com um braço defeituoso. Foi tai-pan logo depois de Culum. A Bruxa indicou-o quando ele tinha dezoito anos, logo depois da morte de Culum. Depois, indicou-o de novo, após Dirk Dunross, e o manteve preso à barra de sua saia até que ele morreu, em 1915, com setenta e dois anos.

— Onde arranja todas essas informações, Peter?

— Invento-as — disse ele, imponentemente. — De qualquer maneira, a Bruxa precisava de um bocado de dinheiro, e depressa. O avô de Gornt comprara um bocado de ações da Struan, e tinha "baixado o pau". Não havia uma fonte normal de finanças, lugar algum onde ela pudesse pedir um empréstimo, pois toda a Ásia, todas as hongts estavam igualmente em dificuldades. Mas o pai daquele sujeito, o pai daquele com quem o tai-pan está conversando, era o Rei dos Mendigos em Hong Kong. Mendigar antigamente costumava ser um grande negócio, aqui. De qualquer maneira, esse homem veio procurá-la, segundo contam:

"— Vim comprar uma quinta parte da Casa Nobre — dissera o homem, com grande dignidade —, está à venda? Ofereço duzentos mil taéis de prata.

"Era a quantia exata de que ela necessitava para salvar a pele. Para manter as aparências, eles barganharam, e ele acabou aceitando um décimo, dez por cento — um acordo incrivelmente justo —, ambos sabendo que ele poderia obter trinta ou quarenta por cento pela mesma quantia, pois a essa altura a Bruxa estava desesperada. Ele não exigiu outro contrato além do carimbo dela, e

sua promessa de que, uma vez por ano, ela, ou o tai-pan, viria até ele ou seus descendentes, onde quer que eles vivessem, para pedir permissão para votar as ações.

"— Contanto que o tai-pan peça, o direito de voto será concedido.

"— Mas, por quê, Honorável Rei dos Mendigos? Por que me salvar dos meus inimigos? — perguntara ela.

"— Porque seu avô, o velho Demônio dos Olhos Verdes, certa vez salvou o prestígio do meu avô e ajudou-o a se tornar o primeiro Rei dos Mendigos de Hong Kong."

— Acredita nisso, Peter? — perguntou Casey, com um suspiro.

— Claro que sim. — Olhou para o Happy Valley. — Houve época em que tudo isso era um pântano cheio de malária. Dirk também saneou isso. — Soltou uma baforada do seu cigarro. — Algum dia escreverei sobre Hong Kong.

— Se continuar a fumar, jamais escreverá coisa alguma.

— Deu o seu recado. Está bem, vou parar. Agora. Por hoje. Porque você é bonita. — Apagou o cigarro. Outro sorriso, diferente. — Eeee, eu podia contar algumas histórias sobre um bocado das pessoas que você conheceu hoje. Não vou contar, não é justo, não é direito. Nunca posso contar as histórias reais, embora saiba muitas!

Ela riu junto com ele, deixando os olhos vagarem do estranho casal idoso até as outras tribunas. Involuntariamente, soltou uma exclamação abafada. Sentada no balcão dos sócios, ao abrigo da chuva, viu Orlanda. Linc estava com ela. Muito juntinho. Os dois estavam muito felizes juntos. Notava-se até daquela distância.

— O que... — começou Peter Marlowe. Depois os viu também. — Ah, não se preocupe.

Depois de uma pausa, ela desviou os olhos.

— Peter, aquele favor. Posso lhe pedir agora aquele favor?

— O que quer como favor?

— Quero saber a respeito de Orlanda.

— Para destruí-la?

— Para proteção. Proteção para o Linc contra ela.

— Pode ser que ele não queira ser protegido, Casey.

— Juro que jamais usarei nada contra ela, a não ser que sinta que é realmente necessário.

O homem alto suspirou.

— Desculpe — falou, com grande compaixão —, mas nada que eu possa lhe dizer sobre ela daria a você ou ao Linc alguma proteção. Nada que pudesse destruí-la ou desmoralizá-la. Mesmo que pudesse, não o faria, Casey. Não seria correto, não é?

— Não, mas mesmo assim estou lhe pedindo. — Ela o fitou, forçando a barra. — Você me prometeu um favor. Eu estava lá quando você precisava de uma mão. Preciso de uma mão agora. Por favor.

Ele a fitou durante longo tempo.

— O que sabe sobre ela?

Contou-lhe o que soubera; sobre Gornt sustentar Orlanda, Macau, a criança.

— Então você sabe tudo o que sei, exceto, talvez, que deva sentir pena dela.

— Por quê?

— Porque é eurásiana, sozinha. Gornt é seu único apoio, o que é a coisa mas precária do mundo. Ela está vivendo equilibrada num fio de navalha. É jovem, bela, e merece um futuro. Aqui, não há nenhum para ela.

— Exceto Linc?

— Exceto Linc, ou alguém como ele. — Os olhos de Peter Marlowe estavam cor de ardósia. — Talvez isso não fosse tão ruim, do ponto de vista dele.

— Porque ela é asiática, e eu não sou? Novamente o sorriso curioso.

— Porque ela é mulher, e você também, mas você detém todas as cartas, e a única coisa verdadeira que tem que decidir é se realmente deseja a guerra.

— Seja sincero comigo, Peter, por favor. Estou perguntando. Qual o seu conselho? Estou com medo... pronto, já admiti para você. Por favor?

— Está bem, mas este não é o favor que estou lhe devendo. Correm boatos de que você e Linc não são amantes, embora seja óbvio que você o ame. Os boatos dizem que vocês estão juntos há seis ou sete anos, em grande proximidade, mas sem... contato formal. Ele é um sujeito fantástico, você é uma moça fantástica, e vocês formariam um excelente casal. A palavra-chave é "casal", Casey. Pode ser que você queira dinheiro e poder, e a Par-Con, mais do que quer a ele. O problema é seu. Não creio que possa ter ambos.

— Por que não?

— Parece-me que ou você escolhe a Par-Con e o poder e as riquezas, e nada de Bartlett, exceto como amigo... ou se torna a sra. Linc Bartlett e se comporta e ama e age como o tipo de mulher que, sem dúvida alguma, Orlanda seria. De um modo ou de outro, teria que ser cem por cento... você e o Linc são fortes demais, e provavelmente já se testaram mutuamente inúmeras vezes para se enganarem. Ele já se divorciou uma vez, portanto está com um pé atrás. Você já passou da idade de uma cegueira de Julieta, portanto está igualmente com um pé atrás.

— Você também é psiquiatra?

— Não — riu-se ele —, nem padre confessor, embora goste de saber das pessoas e goste de escutar, mas não de fazer sermão, e jamais de dar conselhos... é a coisa mais ingrata do mundo.

— Então, não há como conciliar?

— Acho que não, mas não sou você. Você tem o seu próprio carma. Independentemente de Orlanda... se não for ela, será outra, melhor ou pior, mas bonita, embora talvez não, porque, ganhe, perca ou empate, Orlanda tem classe, tem o necessário para tornar um homem satisfeito, feliz, fazê-lo sentir-se vivo como homem. Desculpe, não quis ser chauvinista, mas, já que perguntou, aconselharia você a se decidir depressa.

Gavallan entrou apressado na tribuna de Shitee TChung e reuniu-se ao tai-pan.

— Boa tarde — cumprimentou educadamente o casal idoso.
— Desculpe, tai-pan, mas Crosse e o outro sujeito que você queria já tinham ido embora.

— Raios! — Dunross pensou por um momento, depois pediu licença e se afastou com Gavallan. — Você vem ao coquetel?

— Sim, se você quiser que eu vá... infelizmente não estou sendo muito boa companhia.

— Vamos entrar ali um minutinho — falou Dunross, e entraram na sala particular. O chá estava servido, além de uma garrafa de Dom Pérignon num balde de gelo.

— Comemoração? — perguntou Gavallan.

— É. Três coisas: a compra de controle da General Stores, a recuperação do Ho-Pak e o nascimento de uma nova era.

— É?

— É — Dunross começou a abrir a garrafa. — Você, por exemplo. Quero que vá para Londres segunda à noite, com as crianças. — Os olhos de Gavallan se arregalaram, mas ele ficou calado. — Quero que vá ver Kathy, visitar o especialista dela, depois levá-la, e às crianças, para o Castelo Avisyard. Quero que ocupe Avisyard por seis meses, talvez um ano ou dois. Seis meses, com certeza; ocupem toda a ala leste. — Gavallan soltou uma exclamação abafada. — Vai dirigir uma nova divisão, muito secreta, secreta para Alastair, para meu pai, para todos os membros da família, inclusive o David. Secreta para todos, exceto para mim.

— Que divisão? — perguntou Gavallan, demonstrando o seu entusiasmo e felicidade.

— Esta noite quero que você se aproxime de um sujeito, Andrew. Jamie Kirk. A mulher dele é meio chata, mas convide-os para Avisyard. Quero que você se infiltre na Escócia, especialmente em Aberdeen. Quero que adquira propriedades, mas muito discretamente: fábricas, desembarcadouros, pistas de pouso em potencial, heliportos perto das docas. Existem docas ali?

— Pombas, tai-pan, e eu Já sei! Nunca estive Já.

— Nem eu.

— Como?

Dunross riu ante a expressão no rosto de Gavallan.

— Não se preocupe. Seu orçamento inicial é de um milhão de libras esterlinas.

— Porra, mas de onde vai sair um milhão de...

— Não importa! — Dunross girou a rolha e segurou-a, abafando a explosão jeitosamente. Serviu o vinho claro e muito seco. — Tem um milhão de libras esterlinas para empregar nos próximos seis meses. Outros cinco milhões durante os próximos dois anos.

Gavallan fitava-o, boquiaberto.

— Ao fim desse tempo, quero que a Casa Nobre, muito discretamente, se torne uma potência em Aberdeen, com as melhores terras, a maior influência nos conselhos administrativos. Quero que você seja o senhor de Aberdeen... estendendo-se até Inverness, a leste, e Dundee, ao sul. Em dois anos, certo?

— Sim, mas... — Gavallan se deteve, sem saber o que dizer. Toda a sua vida desejara sair da Ásia. Kathy e as crianças também, mas nunca fora possível sequer levar isso em consideração. Agora, Dunross lhe entregava a Utopia, e ele nem conseguia aceitar direito a idéia. — Mas por quê?

— Fale com Kirk, encante a mulher dele, e lembre-se, meu rapaz: bico fechado. — Dunross entregou-lhe um copo e pegou um para si mesmo. — À Escócia, à nova era, e ao nosso novo feudo.

E acrescentou, muito intimamente: "E ao mar do Norte! Que todos os deuses sejam testemunhas: a Casa Nobre está pondo em

execução o Plano de Contingência Um".

67

17h50m

As tribunas agora estavam vazias, exceto pelos varredores, os reservados às escuras. A chuva cascadeava do céu, um lençol sólido de água. Era quase a hora do crepúsculo. O tráfego estava totalmente congestionado em volta do hipódromo. Milhares de pessoas dirigiam-se com dificuldade para casa, encharcadas mas com o coração leve. No sábado seguinte haveria novas corridas, e novo quinto páreo, e "oh, oh, oh, novo desafio, e dessa vez o tai-pan montará Noble Star, sem dúvida, e talvez o Barba Negra monte Pilot Fish, e os dois demônios quai loh se matarão para nos divertir".

Um Rolls que saía da entrada dos sócios molhou alguns dos pedestres, e todos berraram um monte de obscenidades, mas nenhum dos chineses realmente se importou. "Um dia terei um desses, também", todos pensaram. "Só preciso de um pouco duma porra de sorte. Só um pouquinho de sorte no sábado que vem, e terei o bastante para comprar um pouco de terra, ou um apartamento para alugar, para permutar com um apartamento nas colinas, para hipotecar em troca de um acre na zona central. Eeee,

como vou curtir andar no meu Rolls com uma chapa de sorte como aquela! Viu quem era? O chofer de táxi Tok, que há sete anos dirigia um boi-pi, um táxi ilegal, e encontrou dez mil HK no banco de trás, certo dia, e escondeu-os durante cinco anos para prescrever o prazo de devolução. Depois investiu-os na alta da Bolsa de três anos atrás, com um lucro imenso, depois pegou o lucro e comprou apartamentos. Eeee, a alta! Lembra-se do que o Velho Cego Tung escreveu na sua coluna, sobre a alta vindoura? Mas, e quanto ao colapso do mercado de capitais e todas as corridas aos bancos?

"Ayeeyah, tudo isso acabou! Não ouviu a notícia espantosa? O Grande Banco vai comprar o controle e assumir todas as dívidas do Banqueiro Kwang. Soube que a Casa Nobre vai comprar a General Stores? Duas notícias tão boas anunciadas no dia da corrida. Isso nunca aconteceu antes! É estranho!

Muito estranho! Não acha que... Fodam-se todos os deuses! Será uma trama suja daqueles demônios estrangeiros nojentos para manipular o mercado e roubar os nossos lucros de direito? Ai, ai, ai, concordo! É, deve ser uma trama suja! É coincidência demais! Ah, esses bárbaros terríveis e astutos! Graças aos deuses me dei conta, assim posso me preparar! Bem, o que devo fazer..."

Enquanto se dirigiam para casa, as cabeças fervilhavam com entusiasmo crescente. A maioria estava mais pobre do que quando viera ao prado, mas alguns estavam muito mais ricos. Wu Óculos, o detetive da delegacia de polícia de Aberdeen Leste, era um desses. Crosse permitira que ele fosse às corridas, embora tivesse que estar de volta até as dezoito e quinze, quando o cliente devia ser interrogado de novo. Wu Óculos tinha que estar presente para servir de intérprete do dialeto de Ning-tok. O jovem estremeceu, e seu

Saco Secreto ficou gelado ao pensar em como o grande Brian Kwok pusera para fora rapidamente seus segredos mais íntimos.

"Ayeeyah", pensou, cheio de temor supersticioso. "Esses bárbaros rosados são realmente demônios que conseguem nos torcer, a nós, civilizados, e nos deixar loucos. Mas, se eu entrar para o sei, isso me protegerá e me dará alguns dos seus segredos, e com esses segredos e outros segredos dos demônios estrangeiros, eu me tornarei um ancestral!"

Abriu um amplo sorriso. Sua sorte mudara desde que pegara aquela velha amah. Naquela tarde, os deuses o haviam favorecido enormemente. Havia acertado uma das loterias, a dupla diária, e três placês, reinvestindo os ganhos a cada vez, e agora estava cinco mil setecentos e cinqüenta e três HK mais rico. Seu plano para o dinheiro já estava delineado. Financiaria o Quinto Tio na compra de uma máquina usada de moldar plástico para montar uma fábrica de flores de plástico, em troca de cinqüenta e um por cento, outros mil HK pagariam a construção de duas moradias na área de recolonização, para serem alugadas, e os últimos mil seriam guardados para o sábado seguinte!

Um Mercedes buzinou ensurdecidamente, fazendo com que ele desse um salto. Wu Óculos reconheceu um dos homens no banco de trás: o tal Rosemont, o bárbaro da CIA que possuía fundos ilimitados para gastar. "Como são ingênuos os americanos!", pensou. No ano anterior, quando os parentes dele tinham cruzado a fronteira no êxodo, eles os mandara a todos ao consulado numa base de rodízio, cada mês um nome e uma história diferentes, para se unirem ao bando constante e sempre crescente de "cristãos de arroz", ou, para ser mais exato, "não-comunistas de arroz". Era fácil

conseguir refeições gratuitas e ajuda do consulado americano. Bastava fingir que se estava assustado, e dizer nervosamente que se acabara de cruzar a fronteira, que se era firmemente contra o presidente Mao e que na sua aldeia os comunistas haviam feito tal e tal coisa pavorosa. Os americanos ficavam contentes em ouvir falar dos movimentos das tropas da RPC, reais ou imaginários. Ah, com que rapidez eles anotavam tudo e pediam mais! Qualquer informação, qualquer fragmento estúpido de informação que se tirava de um jornal era para eles, se fosse sussurrada com os olhos girando nas órbitas, muito valiosa.

Há três meses, Wu Óculos tivera uma idéia genial. Contando com quatro membros do seu clã, um dos quais fora originariamente empregado de um jornal comunista de Cantão, Wu Óculos propusera a Rosemont (através de intermediários de confiança, para que ele e seus parentes não pudessem ser descobertos) fornecer um relatório sigiloso mensal, um panfleto de informações, denominado Lutador pela Liberdade, das condições do outro lado da Cortina de Bambu, dentro e ao redor de Cantão. Para provar a qualidade da espionagem, Wu Óculos oferecera as duas primeiras edições de graça. "Para pegar um tigre poderoso é bom negócio sacrificar um cordeiro roubado." Se elas fossem consideradas aceitáveis pela CIA, o preço de cada uma das próximas três seria de mil HK, e se essas fossem igualmente valiosas, então um novo contrato seria negociado por um ano.

Os dois primeiros tinham sido tão elogiados que foi fechado um negócio imediato para cinco relatórios a dois mil HK cada. Na semana entrante, receberiam o primeiro pagamento. Ah, como se haviam dado os parabéns! O conteúdo do relatório fora compilado de trinta jornais cantonenses que vinham no trem diário de Cantão, que também trazia porcos, aves e comida de todo tipo, e que podiam ser comprados sem esforço nas bancas de Wanchai. Só o

que tinham a fazer era lê-los meticulosamente e copiar os artigos, depois de retirar a dialética comunista: artigos sobre colheitas, construção, economia, indicações de partidos, nascimentos, mortes, sentenças, extorsões e cor local... qualquer coisa que considerassem de interesse. Wu Óculos traduzia as histórias que os outros escolhiam.

Sentiu uma imensa onda de prazer. O Lutador pela Liberdade tinha um enorme potencial. Os custos eram irrisórios.

— Mas, às vezes, precisamos ter o cuidado de cometer alguns erros — dissera-lhes Wu Óculos —, e ocasionalmente precisamos falhar um mês: "Lamentamos que nosso agente em Cantão tenha sido assassinado por ter revelado segredos de Estado..."

"Ah, sim! E logo, quando eu for membro do sei e um agente de espionagem treinado, saberei melhor como apresentar a informação da imprensa para a CIA. Quem sabe nos expandiremos, e experimentaremos um relatório de Pequim, outro de Xangai. Podemos conseguir jornais de Pequim e Xangai da véspera, igualmente sem problemas e com pouco investimento. Graças aos deuses pela curiosidade americana!

Um táxi buzinou enquanto passava, espadanando água. Parou por um momento para permitir que ele passasse, depois abriu caminho aos empurrões, sem ligar para os xingamentos, barulho e buzinas ao longo da cerca alta que margeava o hipódromo. Wu Óculos deu uma olhada no relógio. Tinha tempo de sobra. O quartel-general não ficava longe.

A chuva ficou mais forte, mas ele não a sentia, o calor dos lucros no bolso tornando mais leves os seus passos. Endireitou os ombros. "Seja forte, seja sensato", ordenou a si mesmo. "Esta noite preciso estar alerta. Talvez peçam a minha opinião. Sei que o superintendente comunista Brian Kwok é um mentiroso aqui e ali, e está exagerando. Quanto às armas atômicas, o que há de tão importante nelas? Claro que o Reino Médio tem suas armas atômicas. Qualquer idiota sabe o que vem se passando há anos, em Sin-kiang, perto das praias do lago Bos-teng-hu. E, naturalmente, logo teremos os nossos foguetes e satélites. Claro! Não somos civilizados? Não inventamos a pólvora e os foguetes, mas os deixamos de lado há milênios, por serem bárbaros?"

Por todo o hipódromo, do outro lado da cerca, as faxineiras varriam os restos molhados deixados por milhares de pessoas, peneirando pacientemente o lixo, com cuidado, para ver se descobriam uma moeda ou um anel perdidos, uma caneta ou garrafas que valessem uma única moeda de cobre. Agachado perto de um monte de latas de lixo, ao abrigo da chuva, estava um homem.

— Vamos, meu velho, não pode dormir aí! — falou uma das faxineiras, não sem gentileza, sacudindo-o. — Está na hora de ir para casa!

Os olhos do velho piscaram por um instante. Ele começou a se levantar, mas parou, soltou um grande suspiro e desabou como uma boneca de pano.

— Ayeeyah — murmurou Yang Um Dente Só. Ela já vira a morte muitas vezes nos seus setenta anos de vida para reconhecê-la imediatamente. — Ei, Irmã Mais Moça! — chamou educadamente a amiga e segundo membro da equipe. — Venha cá! Este velho está morto.

A amiga dela tinha sessenta e quatro anos, era curvada e enrugada, mas igualmente forte, e também xangaiense. Saiu da chuva e veio espiar.

— Parece um mendigo.

— É. É melhor contarmos ao capataz. — Yang Um Dente Só ajoelhou-se e revistou com cuidado seus bolsos rasgados. Havia três HK em trocados, nada mais. — Não é muito — falou. — Não importa.

Dividiu as moedas irmãmente. Ao longo dos anos sempre haviam dividido o que encontravam.

— O que é aquilo na mão esquerda dele? — perguntou a outra mulher. Um Dente Só abriu a mão fechada como garra.

— Só uns bilhetes. — Olhou para eles, levou-os para bem junto dos olhos e folheou-os. — É a loteria dupla... — começou, depois casquinou. — Eeee, o pobre idiota acertou a primeira parte e perdeu a segunda... e escolheu Butterscotch Lass!

As duas mulheres riram histericamente ante a traquina-gem dos deuses.

— Foi isso o que deu o treco no velho... teria dado em mim! Ayeeyah, estar tão perto e tão longe, Irmã Mais Velha!

— Joss. — Yang Um Dente Só casquinou de novo, e jogou os bilhetes numa lata de lixo. — Os deuses são os deuses, e os homens são os homens, mas, eee, dá para se imaginar por que o velho morreu. Eu também teria morrido! — As duas velhas riram de novo, o azar machucando-as, e a mais velha esfregou o peito para suavizar a dor. — Ayeeyah, tenho que ir a um médico. Vá e conte ao capataz sobre ele, Irmã Mais Moça. Mas como estou cansada hoje! Um azar tão grande, ele estava tão perto de ser um milionário, mas agora? Joss! Vá contar ao capataz. Hoje estou cansada — falou de novo, apoiada no anci-nho, a voz trêmula.

A outra mulher se afastou, admirando-se dos deuses, como dão e tiram as coisas rapidamente... se é que existem mesmo, não pôde deixar de pensar. Ah, joss!

Cansadamente, Yang Um Dente Só continuou o trabalho, a cabeça doendo, mas no momento em que teve certeza de estar

sozinha, e não ser observada, correu para a lata de lixo e retirou de lá os bilhetes, desesperadamente, o coração batendo como nunca na vida. Alucinada, verificou se seus olhos não a haviam enganado, e se os números estavam corretos. Mas não havia erro. Cada um dos bilhetes era vencedor. Igualmente alucinada, ela os enfiou no bolso, depois certificou-se de que não havia deixado nenhum no lixo. Rapidamente, empilhou mais lixo por cima, ergueu a lata e esvaziou-a dentro de outra, e o tempo todo sua mente gritava: "Amanhã posso resgatar os bilhetes, tenho três dias para resgatá-los! Oh, que todos os deuses sejam abençoados, estou rica, rica, rica! Aqui deve haver cem ou duzentos bilhetes de cinco HK, e cada um paga duzentos e sessenta e cinco HK... se houver cem bilhetes, isso significa vinte e seis mil e quinhentos HK, se houver duzentos, cinqüenta e três mil HK..."

Sentindo-se tonta, agachou-se ao lado do cadáver, apoiando-se na parede, sem perceber. Sabia que não ousaria contar os bilhetes agora, não havia tempo. Cada segundo era vital. Tinha que se preparar.

— Tome cuidado, velha tola! — murmurou em voz alta. Depois, quase entrou em pânico de novo. "Pare de falar em voz alta! Cuidado, sua velha tola, ou a Irmã Mais Moça vai suspeitar... Ai, ai, ai, será que está contando ao capataz do que está suspeitando? Ah, o que vou fazer? A sorte é minha, fui eu que achei o velho... ayeeyah, o que devo fazer? Talvez me revistem. Se me virem deste jeito, vão sem dúvida desconfiar..."

Sua cabeça doía terrivelmente, e uma onda de náusea a percorreu. Havia alguns banheiros ali por perto. Pôs-se de pé com esforço e caminhou até eles. Atrás dela, outras faxineiras varriam e

limpavam. No dia seguinte, todas voltariam, pois ainda havia muito o que fazer. O turno dela recomençaria às nove da manhã. No banheiro vazio, pegou os bilhetes, os dedos trêmulos, enrolou-os num pedaço de pano, achou um tijolo solto na parede e colocou-os atrás do tijolo.

Logo que chegou Iá fora, em segurança, começou a respirar. Quando o capataz voltou com a outra velha, olhou para o homem, revistou os bolsos dele com muito cuidado e encontrou um pedaço de papel prateado que elas tinham deixado passar. Dentro dele havia uma pitada de Pó Branco.

— Vai render dois HK — disse ele, sabendo que valia seis HK.
— Vamos rachar, setenta por cento para mim e trinta para vocês duas.

Para manter as aparências, Um Dente Só discutiu, e acabaram concordando em que ele tentaria obter três HK pelo pó, e racharia sessenta por cento para ele e quarenta para elas. Satisfeito, ele foi embora.

Quando ficaram sozinhas de novo, a mulher mais moça começou a peneirar o lixo.

— O que está fazendo? — quis saber Um Dente Só.

— Só queria examinar os bilhetes, Irmã Mais Velha. Seus olhos já não são tão bons.

— Fique à vontade — falou Um Dente Só, dando de ombros.
— Já vasculhei tudo isso aqui. Agora vou para Iá.

Seu dedo nodoso apontou para uma nova fonte despercebida de lixo virgem sob uma fileira de assentos. A outra mulher hesitou, depois a seguiu, e Um Dente Só quase casquinou de alegria, sabendo que estava salva. "Amanhã, eu volto, reclamando de dor de barriga. Posso apanhar a minha fortuna e ir para casa. Agora, o que vou fazer com a minha fortuna?"

"Primeiro, o sinal para dois vestidos de baile quai loh para a Terceira Neta, em troca de metade dos ganhos dela, no primeiro ano. Dará uma bela prostituta no Cabaré Boa Sorte. A seguir, o Segundo Filho deixará de ser cule no prédio em construção na Kotewall Road. Ele, o Quinto Sobrinho e o Segundo Neto vão se tornar construtores, e dentro de uma semana daremos o sinal para a compra de um lote de terra e começaremos a construir um prédio..."

— Está parecendo muito feliz, Irmã Mais Velha.

— E estou, Irmã Mais Moça. Meus ossos doem, sinto a sezão, como sempre, estou com dor de barriga, mas estou viva, e o velho está morto. É uma lição dos deuses. Que todos os deuses sejam testemunhas, logo que o vi, pela primeira vez, pensei que era o meu marido, que morreu na nossa fuga de Xangai, há quinze anos.

Pensei que estava vendo um fantasma! Quase morri também, pois o velho parecia gêmeo dele!

— Ayeeyah, que terrível! Que horrível! Fantasmas! Todos os deuses nos protejam dos fantasmas!

"É, sim", pensou a velha, "os fantasmas são terríveis. Bem, onde estava eu? Ah, sim... mil irãõ para a loteria do sábado que vem. E com os ganhos comprarei... comprarei uma dentadura para mim! Eeee, que maravilha será!", ela teve vontade de exclamar, quase desmaiando de prazer reprimido. Toda a sua vida, toda a sua vida desde os catorze anos, quando a coronha de um rifle nfanhu havia esmagado os seus dentes, numa das constantes revoluções contra a dinastia Tsing estrangeira, ela fora apelidada de Um Dente Só. Sempre odiara o apelido. Mas, agora... "Que os deuses sejam testemunhas! Vou comprar uma dentadura com os meus ganhos do sábado que vem... e também vou comprar e acender duas velas no templo mais próximo em troca desta sorte maravilhosa."

— Estou tonta, Irmã Mais Moça — falou, realmente tonta de êxtase. — Quer me buscar um copo de água?

A outra mulher se afastou, resmungando. Um Dente Só sentou-se por um momento, e permitiu-se um imenso sorriso, passando a língua pelas gengivas. "Eeee, quando eu ganhar, se ganhar bastante, vou mandar pôr um dente de ouro, bem no centro, para me fazer lembrar. Yang Dente de Ouro, como soa bem!", pensou, esperta demais para murmurar em voz alta, embora estivesse completamente só. "É, Honorável Yang Dente de Ouro, do Império Yang de Construções..."

18h15m

Suslev estava encolhido desconfortavelmente no banco da frente do carrinho de Emie Clinker, e subiam com dificuldade a ladeira. Todas as vidraças estavam embaçadas, a chuva, ainda mais forte. Lama e pedras que desciam das encostas íngremes tornavam a superfície da estrada perigosa. Já haviam visto dois acidentes de pouca monta.

— Pombas! Puxa vida! Talvez seja melhor você passar a noite Iá em casa, velho amigo — disse Clinker, dirigindo com dificuldade.

— Não, hoje não — falou Suslev, com irritação. — Já lhe falei que prometi a Ginny, e esta é a minha última noite.

Desde a noite da batida, Suslev estava alucinado de raiva, alimentada por um medo a que não estava acostumado... medo da

convocação para o QG da polícia, pela manhã, medo das repercussões catastróficas do cabograma decifrado e interceptado, medo do provável desprazer do Centro quanto à perda de Voranski, de ser mandado para fora de Hong Kong, da destruição do seu equipamento de rádio, do caso Metkin, e agora da chegada de Koronski e do possível seqüestro de Dunross. "Coisas demais deram errado nesta viagem", pensou, gelado, "estou há tempo demais no jogo para ter alguma ilusão." Até mesmo sua conversa telefônica com Crosse durante o quinto páreo não o havia acalmado.

— Não se preocupe, é apenas um pedido de rotina, Grigóri. Só umas perguntinhas sobre o Voranski, Metkin, etc. — dissera Crosse, disfarçando a voz.

— Khristos, o que é o etcétera?

— Não sei, foi Sinderson que mandou, não eu.

— É melhor me dar cobertura, Roger.

— Já está coberto. Escute, esse possível seqüestro é uma idéia muito ruim.

— Eles querem que seja feito, portanto ajude o Arthur a fazer os preparativos, certo? A não ser que você possa adiar a minha partida, poremos o plano em execução quando for ordenado.

— Eu sou contra. Esta é a minha jurisdição, e eu...

— O Centro aprova, e nós o faremos, se for ordenado!

— Suslev queria mandar que Roger Crosse calasse a boca, mas tomou cuidado para não ofender o melhor agente deles na Ásia.

— Podemos nos encontrar logo mais à noite?

— Não, mas eu ligo para você. Que tal o quatro, às dez e meia?

"Quatro" era o código atual deles para o apartamento 32 do Sinclair Towers; "dez e meia" na verdade significava nove e meia da noite.

— É prudente?

Escutara a risada seca e confiante.

— Muito prudente. Os idiotas voltariam? Claro que é prudente. Eu garanto!

— Está bem. Arthur estará lá. Devemos fixar o plano. Clinker desviou-se para evitar um táxi que vinha forçando a passagem e soltou um palavrão, depois engrenou de novo o carro para prosseguir, espiando pelo pára-brisa embaçado. Ao lado dele, Suslev esfregava o vidro, tentando limpá-lo.

— Tempo amaldiçoado — falou, com o pensamento noutra lugar. "E quanto ao Travkin? Que bosta burro e sem mãe, cair depois de cruzar a linha de chegada! Pensei que tinha vencido, idiota decadente! Nenhum cossaco de verdade jamais seria apanhado daquele jeito. Então, agora está fora da jogada, ele e sua princesa caquética e aleijada, de ossos partidos.

"Agora, como vamos atrair o Dunross ao apartamento amanhã, ao invés de terça-feira, como Travkin combinou? Tem que ser hoje ou amanhã. No máximo até amanhã à noite. O Arthur tem que dar um jeito, ou o Roger. Eles são as chaves para o plano Dunross.

"É preciso obter aquelas pastas (ou o Dunross), antes de partir. Ou uma coisa ou a outra. São a minha única proteção real contra o Centro."

Bartlett e Casey saltaram da limusine da Struan diante do Hilton, o porteiro sikh resplandecente, de turbante, segurando um

guarda-chuva desnecessário... o vasto toldo já os protegia dos lençóis de água.

— Estarei aqui, senhor, quando estiverem prontos — disse o chofer Lim.

— Ótimo. Obrigado — replicou Bartlett. Subiram os degraus e tomaram a escada rolante até o saguão.

— Está muito quieta, Casey — disse ele. Durante todo o percurso desde o hipódromo, mal haviam dito uma palavra um ao outro, ambos entregues aos próprios pensamentos.

— Você também, Linc. Pensei que não queria conversar. Parecia distraído. — Ela ensaiou um sorriso. — Talvez tenha sido a emoção.

— Foi um grande dia.

— Acha que o tai-pan vai conseguir? A compra de controle da General Stores?

— A segunda-feira dirá. — Bartlett foi até o balcão da recepção. — O sr. Banastasio, por favor?

O assistente de gerente eurasiático e bonito falou:

— Um momento, por favor. Ah, sim, ele mudou de quarto de novo. Agora está no 832.

Passou a Bartlett um telefone direto, e Bartlett discou.

— Pronto?

— Vincenzo? Linc. Estou aqui embaixo.

— Ei, Linc, que bom ouvir sua voz! Casey está com você?

— Claro.

— Querem subir?

— Estamos a caminho.

Bartlett voltou para junto de Casey.

— Tem certeza de que quer que eu vá junto?

— Ele pediu que fosse. — Bartlett foi na frente, em direção ao elevador, pensando em Orlanda e no encontro deles, mais tarde, pensando em Biltzmann, em Gornt e na viagem a Taipé no dia seguinte, e se deveria ou não perguntar a Dunross se podia levá-la. "Que merda, como a vida ficou complicada de repente!" — Vai demorar só uns minutos — disse —, depois vamos tomar coquetéis com o tai-pan. O fim de semana vai ser interessante. E a semana que vem.

— Vai jantar fora hoje à noite?

— Vou. Devemos tomar café juntos amanhã. Seymour está precisando se situar direito, e, como vou passar fora dois dias, acho melhor colocarmos as cartas na mesa.

Entraram no elevador, junto com mais um monte de gente. Casey conseguiu evitar ser pisoteada e enfiou o salto do sapato no peito do pé de sua atacante.

— Ah, desculpe — disse com meiguice, depois murmurou um "Dew neh loh moh", que Peter Marlowe lhe ensinara à tarde, alto o bastante para a mulher ouvir. Notou o súbito rubor da mulher, que saltou apressadamente no mezanino, e Casey soube que obtivera uma grande vitória. Divertida, lançou um olhar para Bartlett, mas ele

estava imerso em seus pensamentos, fitando o espaço, e ela se perguntou qual seria o problema real. Orlanda?

Saltaram no oitavo andar. Ela acompanhou Bartlett pelo corredor.

— Sabe do que se trata, Linc? O que Banastasio quer?

— Ele disse que só queria dar um alô e bater um papinho. Bartlett apertou a campainha. A porta se abriu. Banastasio era um homem bonito, de cabelos grisalhos e olhos muito escuros. Recebeu-os com cordialidade.

— Ei, Casey, emagreceu... está linda! Uma bebida? Fez um gesto de mão na direção do bar, que continha de tudo. Casey preparou um martíni para si mesma, depois de abrir uma lata de cerveja para Bartlett, imerso em pensamentos. "Peter Marlowe tem razão. O tai-pan também. E o Linc também. Só o que tenho a fazer é decidir. Até quando? Muito breve. Hoje, amanhã? Sem dúvida até o jantar de terça-feira. Absolutamente, cem por cento, pra valer, e nesse meio tempo, talvez eu deva começar algumas incursões diversivas."

— Como vão as coisas? — dizia Banastasio.

— Bem. E com você?

— Ótimas. — Banastasio bebericava uma Coca-Cola, depois estendeu a mão e ligou um pequeno gravador. Dele saiu uma confusão de vozes, o tipo de ruído de fundo que se ouve num coquetel movimentado. — Só um hábito, quando quero falar em particular — disse ele, suavemente, dirigindo-se aos dois.

— Acha que colocaram escuta neste lugar? — indagou Bartlett, espantado.

— Talvez sim, talvez não. Nunca se sabe quem poderia estar escutando, não é?

Bartlett olhou para Casey, depois de novo para Banastasio.

— O que é que há, Vincenzo? Banastasio sorriu.

— Como vai a Par-Con? — perguntou o homem.

— Como sempre... ótima — falou Bartlett. — Nosso índice de crescimento será maior do que o previsto.

— Sete por cento maior — acrescentou Casey, todos os seus sentidos igualmente aguçados.

— Vai fechar com a Struan ou com a Rothwell-Gornt?

— Ainda estamos estudando. — Bartlett disfarçou sua surpresa. — Isso não é uma coisa nova para você, Vincenzo? Perguntar sobre os negócios antes de acontecerem?

— Vai fechar com a Struan ou a Rothwell-Gornt? Bartlett notou os olhos frios e o estranho sorriso ameaçador. Casey estava igualmente chocada.

— Quando o negócio estiver fechado, direi a você. Na mesma época em que disser aos outros acionistas.

O sorriso não mudou. Os olhos tornaram-se mais frios.

— Os rapazes e eu gostaríamos de nos envolver...

— Que rapazes? Banastasio soltou um suspiro.

— Temos um bocado de grana na Par-Con, Linc, e agora gostaríamos de participar de algumas decisões importantes. Achamos que eu devia ter um lugar na diretoria. No comitê de finanças e no comitê de novas aquisições.

Bartlett e Casey o fitaram, espantados.

— Isso nunca fez parte do acordo de compra das ações

— disse Bartlett. — Você sempre falou que era apenas um investimento.

— É verdade — disse Casey, e sua voz soava fina aos seus ouvidos. — Você escreveu para nós que era apenas um investidor e...

— Os tempos mudaram, mocinha. Agora queremos participar. Sacou? — A voz do homem era dura. — Apenas um voto, Linc. Com essa quantidade de ações na General Motors, eu teria direito a dois votos na junta diretora.

— Não somos a General Motors.

— Claro, claro, sabemos disso. Mas o que queremos não é absurdo. Queremos que a Par-Con cresça mais depressa. Talvez eu possa...

— Está crescendo muito bem. Não acha que seria melhor...

Banastasio voltou a fixar o seu olhar gelado nela. Casey se interrompeu. Bartlett começou a cerrar os punhos, mas manteve-os imóveis. Cuidadosamente.

— Está acertado — falou Banastasio. O sorriso voltou.

— Faço parte da diretoria a partir de hoje, certo?

— Errado. Os diretores são eleitos pelos acionistas na assembleia geral anual — disse Bartlett, com aspereza. — Não antes. Não há vaga.

— Talvez haja — riu Banastasio.

— Quer repetir isso? Abruptamente, Banastasio ficou duro.

— Escute, Linc, não é uma ameaça, apenas uma possibilidade. Posso ser útil na junta diretora. Tenho ligações. E quero dar os meus palpites sobre uma coisa ou outra.

— Por exemplo?

— Transações. Por exemplo, a Par-Con vai fechar com o Gornt.

— E se eu não concordar?

— Um cutucãozinho da nossa parte, e o Dunross estará na rua da amargura. O Gornt é o nosso homem, Linc. Fizemos as nossas verificações, e ele é o homem.

Bartlett se pôs de pé, Casey o imitou, os joelhos moles. Banastasio não se mexeu.

— Vou pensar sobre tudo isso — disse Bartlett. — No momento, ainda estou indeciso se fechamos com um ou com o outro.

— O quê? — falou Banastasio, apertando os olhos.

— Não estou convencido de que qualquer dos dois seja bom para nós. Certo, Casey?

— Sim, Linc.

— O meu voto diz que é o Gornt. Sacou?

— Vá se foder — disse Bartlett, virando-se para se retirar.

— Um momento! — Banastasio se levantou e se aproximou mais. — Ninguém quer mais encrenca, nem eu, nem os rapazes, nem...

— Que rapazes?

O outro homem soltou novo suspiro.

— Qual é, Linc? Você é maior de idade. Teve a sua moleza. Não queremos criar caso, só ganhar dinheiro.

— Temos isso em comum. Compraremos suas ações e lhe daremos um lucro de...

— Nada feito. Não estão à venda. — Outro suspiro. — Compramos quando você precisava da grana. Pagamos um preço justo, e você usou a nossa grana para se expandir. Agora queremos participar da ação executiva. Sacou?

— Apresentarei a proposta aos acionistas na assembléia anual...

— Puta que o pariu, agora!

— Puta que o pariu, não! — Bartlett estava pronto, e muito perigoso. — Sacou?

Banastasio olhou para Casey, os olhos parecendo os de um réptil.

— Você também vota com ele, srta. vice-presidente executiva e tesoureira?

— Voto — disse ela, surpresa por sua voz soar tão firme. — Nenhum lugar na junta diretora, sr. Banastasio. Se houver votação, as minhas ações serão contra o senhor, e totalmente contra Gornt.

— Quando obtivermos o controle, você será despedida.

— Quando vocês obtiverem o controle, eu já terei ido embora.

Casey caminhou para a porta, espantada ao ver que as pernas lhe obedeciam.

Bartlett ficou parado diante do outro homem, em guarda.

— Até qualquer hora — falou.

— É melhor mudar de idéia!

— É melhor deixar de se meter na Par-Con! Bartlett virou-se e seguiu Casey para fora do aposento.

— Meu Deus! — murmurou, quando chegaram ao elevador.

— É — concordou ela, igualmente desalentada.

— É melhor nós... termos uma conversa.

— Claro. Acho que preciso de uma bebida. Pombas, Linc, aquele homem me apavorou. Nunca me senti tão assustada em toda a minha vida. — Sacudiu a cabeça, como que para desanuviá-la. — Parece que foi um maldito pesadelo.

No bar do último andar, ela pediu um martíni e ele, uma cerveja; quando as bebidas haviam sido consumidas em silêncio, ele pediu outra rodada. O tempo todo a cabeça deles tinha estado funcionando, peneirando, jogando fatos contra teorias, mudando as teorias.

Bartlett mudou de posição na cadeira. Ela olhou para ele.

— Está pronto para o que penso? — perguntou.

— Claro, claro, Casey, pode falar.

— Sempre houve um boato de que ele era da Máfia, ou ligado à Máfia, e depois da nossa conversinha eu diria que isso é mais do que provável. A Máfia nos faz pensar em narcóticos e todo tipo de coisas ruins. Teoria: quem sabe também em armas?

As ruguinhas ao redor dos olhos de Bartlett se aprofundaram.

— Também cheguei a essa conclusão. O que mais?

— Fato: se o Banastasio tem medo de que possam ter posto escuta no quarto dele, isso nos faz pensar em vigilância. O que significa FBI.

— Ou CIA.

— Ou CIA. Fato: se ele é da Máfia, e a CIA ou o FBI estão envolvidos, estamos num jogo em que não temos direito de estar, sem outra alternativa senão sair. Bem, e quanto ao que ele quer...

Casey se interrompeu, soltando uma exclamação abafada.

— O que foi?

— Acabo... acabo de me lembrar. Rosemont. Lembra-se dele, da festa? Stanley Rosemont, o sujeito alto, grisalho e bonito do consulado? Encontramo-nos ontem nas barcas, à tarde. Por acaso. Pode ser que seja coincidência, pode ser que não, mas ele trouxe o nome do Banastasio à baila. Falou que o amigo dele, Ed qualquer coisa, também do consulado, conhecia-o ligeiramente... e quando eu falei que ele chegava hoje, teve um sobressalto. — Ela recordou a conversa deles. — Não dei grande importância ao caso na hora... mas o consulado e o que ele falou só podem significar CIA.

— Tem que ser. Claro. E se... — Bartlett também se interrompeu. — Agora estou me lembrando de que o Ian também falou no Banastasio, sem mais nem menos. Terça-feira, no saguão, quando você estava falando ao telefone, pouco antes de irmos para a caixa-forte, ver o ouro.

Depois de uma pausa, ela disse:

— Parece que estamos atolados na merda! Fato: temos um assassinato, seqüestro, armas, Banastasio, Máfia, John Chen. Por falar nisso, John Chen e Tsu-yan eram amigos daquele vagabundo. — Os olhos dela se arregalaram. — Banastasio e a morte de John Chen. Haverá alguma ligação? Pelo que disseram os jornais, os Lobisomens não parecem chineses... o negócio da orelha. É muito brutal.

Bartlett sorvia a sua cerveja, imerso em pensamentos.

— Gornt? E quanto ao Gornt? Por que o Banastasio quer o Gornt, e não a Struan?

— Não sei.

— Que tal este motivo, Casey? Digamos que o objetivo final de Banastasio seja armas, narcóticos, ou as duas coisas. Ambas as companhias seriam boas para ele. A Struan tem navios e, no aeroporto, um imenso complexo que domina as cargas que saem e que chegam, excelente para contrabando. Gornt também tem navios e desembarcadouros. E tem a Ail Ásia Airways. Uma ligação com a linha auxiliar mais importante da Ásia lhe daria (lhes daria) aquilo de que necessitam. A linha aérea vai para Bangkok, Índia, Vietnam, Camboja, Japão... para todo canto!

— E aqui faz conexão com a Pan Arn, twa, jal e todos os locais a leste, oeste, norte e sul! E se ajudarmos Gornt a esmagar a Struan, as duas companhias juntas lhe darão tudo.

— Bem, então estamos de volta à pergunta crucial: o que vamos fazer? — indagou Bartlett.

— Não dá para esperar para ver como é que fica? A disputa Struan-Gornt terá sido resolvida no máximo até a semana que vem.

— Para essa escaramuça, precisamos de informações... e das forças de contra-ataque corretas. Armas diferentes, armas grandes, armas que não possuímos. — Bebeu a sua cerveja, cada vez mais pensativo. — E melhor arranjarmos conselhos de alto nível. E ajuda. Depressa. Armstrong e os tiras ingleses... ou Rosemont e a CIA.

— Ou ambos?

— Ou ambos.

Dunross saltou do Daimler e entrou apressadamente no QG da polícia.

— Boa noite, senhor — disse o jovem inspetor australiano de serviço na recepção. — Lamento que tenha perdido o quinto... ouvi dizer que Bluey White foi repreendido por interferência. Não se pode confiar num maldito australiano, não é?

Dunross sorriu.

— Ele venceu, inspetor. Os administradores decidiram que o páreo foi ganho honestamente. Tenho hora marcada com o sr. Crosse.

— Sim, senhor, mas honestamente, uma ova! Último andar, terceira sala à esquerda. Boa sorte no sábado que vem, senhor.

Crosse veio recebê-lo no último andar.

— Boa noite! Vamos entrando. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado. Gentileza sua me receber imediatamente. Boa noite, sr. Sinders.

Apertaram-se as mãos. Dunross jamais estivera antes no escritório de Crosse. As paredes pareciam insípidas como o próprio homem, e quando a porta se fechou atrás dos três homens, a atmosfera pareceu ficar ainda mais abafada.

— Por favor, sente-se — disse Crosse. — Uma pena que Noble Star... ambos apostáramos nela.

— Ela vale outra tentativa no sábado.

— Vai montá-la?

— Você não o faria? Os dois homens sorriram.

— O que podemos fazer por você? — indagou Crosse. Dunross concentrou toda a sua atenção em Sindere.

— Não posso lhe dar novas pastas... não posso fazer o impossível. Mas posso lhe dar algo... ainda não sei o quê, mas acabo de receber um pacote de Alan M. Grant.

Os dois homens se sobressaltaram. Sindere perguntou:

— Por mensageiro? Dunross hesitou.

— Por mensageiro. Agora, por favor, nada de perguntas, até que eu tenha acabado.

Sinders acendeu o cachimbo e soltou uma risadinha abafada.

— Típico do Alan ter um ás na manga, Roger. Ele sempre foi esperto, o danado. Desculpe, por favor, continue.

— A mensagem de Alan dizia que a informação era importantíssima, e devia apenas ser transmitida ao primeiro-ministro, pessoalmente, ou ao atual chefe da MI-6, Edward Sindere, segundo a minha conveniência... e se eu considerasse de boa política. — No silêncio mortal, Dunross inspirou fundo. — Já que vocês compreendem as permutas, vou fazer a troca com o senhor, diretamente, secretamente, na presença do governador, sozinho, de seja lá o que for que tenho para trocar. Sua parte é permitir que Brian Kwok seja libertado e cruze a fronteira, se o quiser, para podermos negociar com Tiptop.

O silêncio tornou-se mais denso. Sindere tirava baforadas do seu cachimbo. Lançou um olhar para Crosse.

— Roger?

Roger Crosse estava pensando na informação... o que seria tão importante para ser transmitido apenas ao Sindere ou ao primeiro-ministro?

— Acho que deveria considerar a proposta do Ian — disse, suavemente. — Com calma.

— Nada de calma — retrucou Dunross, vivamente. — O dinheiro é urgente, e a libertação dele é obviamente considerada urgente. Não podemos passar de segunda às dez horas, quando os ban...

— Quem sabe Tiptop e o dinheiro não entrem absolutamente na equação — interrompeu Sindors, a voz deliberadamente irritada. — Para o sei ou o MI-6, não importa a mínima que Hong Kong inteira apodreça. Tem alguma idéia do valor que um superintendente do sei, especialmente um homem com as qualificações e a experiência de Brian Kwok, pode ter para o inimigo, se de fato Brian Kwok está detido como você imagina e esse Tiptop alega? Já levou em consideração, também, o valor das informações que um tal traidor inimigo nos poderia dar sobre seus contatos, e o quanto eles poderiam ser importantes para todo o reino?

— Essa é a sua resposta?

— Foi a sra. Gresserhoff quem lhe trouxe o pacote em mãos?

— Está preparado para negociar?

— Quem é essa Gresserhoff? — perguntou Crosse, com irritação.

— Não sei — falou Sindors. — Só sei que recebeu o segundo telefonema do assistente de Alan, Kiernan, e sumiu.

Estamos tentando localizá-la com a ajuda da polícia suíça. — Sua boca sorriu para Dunross. — A sra. Gresserhoff lhe entregou o pacote?

— Não — replicou Dunross. "Não estou realmente mentindo", falou com seus botões. "Foi Riko Anjin."

— Quem foi?

— Eu lhe direi depois que tivermos concluído nosso acordo.

— Nada feito — disse Crosse. Dunross começou a se levantar.

— Só um momentinho, Roger — disse Sindors, e Dunross voltou a sentar-se. O sujeito da MI-6 bateu com o cabo do cachimbo contra os dentes manchados de fumo. Dunross manteve a fisionomia impassível, sabendo que estava diante de peritos.

Finalmente, Sindors falou:

— Sr. Dunross, está preparado para jurar formalmente sob as condições de perjúrio da Lei dos Segredos Oficiais que não está de posse das pastas originais de Alan?

— Sim — falou Dunross prontamente, agora preparado para torcer a verdade... Alan sempre ficara de posse dos originais, e sempre lhe enviara uma cópia. Se e quando tivesse que fazer um juramento formal, aí já seria outra história. — E agora?

— Segunda-feira seria impossível.

— Impossível porque Brian está sendo interrogado? — perguntou Dunross, olhos fitos em Sindors.

— Qualquer agente inimigo capturado seria interrogado imediatamente, é claro.

— E Brian vai ser um osso duro de roer.

— Se ele é o agente, você deve saber disso melhor do que nós. Há muitos anos que são amigos.

— É, e juro por Deus que ainda acho isso impossível. Jamais Brian foi outra coisa senão um policial britânico dedicado e correto. Como seria possível?

— Como é que Philby, Klaus Fuchs, Sorge, Rudolf Abel, Blake e todos os outros foram possíveis?

— Por quanto tempo precisariam dele? Sindors deu de ombros, fitando-o.

Dunross devolveu o olhar. O silêncio chegava a doer.

— Destruiu os originais?

— Não, e devo admitir que também notei uma diferença entre todas as cópias que lhe entreguei e o original que vocês interceptaram. Estava planejando ligar para o Alan e perguntar o porquê da diferença.

— Com que frequência entrava em contato com ele?

— Uma ou duas vezes por ano.

— O que sabia a respeito dele? Quem lhe sugeriu o nome dele?

— Sr. Sinderson, estou disposto a responder às suas perguntas, sei que é meu dever responder a elas, mas hoje a hora não é apropriada, porque...

— Talvez seja, sr. Dunross. Não estamos com pressa.

— Ah, concordo. Mas, infelizmente, tenho convidados à minha espera, e minha associação com Alan não tem nada a ver com a minha proposta. Minha proposta exige um simples sim ou não.

— Ou um talvez. Dunross fitou-o atentamente.

— Ou um talvez.

— Pensarei no que o senhor disse.

Dunross sorriu com seus botões, curtindo o "gato e rato" das negociações, consciente de que estava lidando com mestres. Deixou o silêncio pesar novamente, até o momento exato.

— Muito bem. Alan disse que ficaria por minha conta. No momento nem sei do que se trata. Dou-me conta de que estou fora do meu ambiente, e não deveria estar envolvido em assuntos do sei ou da MI-6. Não foi escolha minha. Vocês interceptaram minha correspondência particular. Meu trato com Alan foi bem claro: eu tinha a declaração dele por escrito de que tinha permissão para estar a meu serviço, e que acertaria tudo antecipadamente com o governo. Eu lhe darei cópias da nossa correspondência, se quiser, através dos canais competentes, com as cláusulas corretas de sigilo. Meu entusiasmo pela minha oferta diminui a cada minuto que passa. — A sua voz tornou-se mais dura. — Talvez não importe para o sei ou para a MI-6 que Hong Kong inteira apodreça, mas para mim importa. Portanto, estou fazendo a oferta pela última vez. — Levantou-se. — Ela é válida até oito e trinta.

Nenhum dos dois outros homens se moveu.

— Por que oito e trinta, sr. Dunross? Por que não meia-noite ou meio-dia de amanhã? — perguntou Sinderson, serenamente. Continuava a fumar o seu cachimbo, mas Dunross notou que o ritmo tinha sido interrompido no momento em que ele lançara o desafio. "Bom sinal", pensou.

— É quando terei que ligar para Tiptop. Obrigado por me terem recebido — disse Dunross, dirigindo-se para a porta.

Crosse, sentado atrás da escrivaninha, lançou um olhar para Sinderson. O homem mais velho fez um sinal de cabeça. Obedientemente, Crosse apertou o botão. As trancas deslizaram silenciosamente. Dunross parou de chofre, espantado, mas logo se

recobrou, abriu a porta e saiu sem fazer comentários, fechan-do-a atrás de si.

— Sacana controlado — falou Crosse, com admiração.

— Controlado demais.

— Não demais. Ele é tai-pan da Casa Nobre.

— E um mentiroso, mas hábil, e está disposto a nos levar no bico. Será que ele destruiria "a coisa"?

— Sim. Mas não sei se a hora H é oito e trinta. — Crosse acendeu um cigarro. — Estou inclinado a pensar que sim. Devem tê-lo pressionado enormemente... naturalmente presumiram que estamos interrogando o cliente. Tiveram tempo de sobra para estudar as técnicas soviéticas, e têm também seus próprios macetes. Devem imaginar que também somos razoavelmente eficientes.

— Estou inclinado a pensar que ele não tem mais nenhuma pasta, e que "a coisa" é genuína. Se vem da parte do Alan, deve ter um valor especial. O que você aconselha?

— Repito o que disse ao governador: se pudermos ficar com o cliente até segunda ao meio-dia, extrairemos dele tudo de

importância.

— Mas, e quanto a eles? O que poderá contar a nosso respeito, quando se recuperar?

— Agora já sabemos da maior parte. Com respeito a Hong Kong, sem dúvida, poderemos cobrir qualquer problema de segurança, daqui por diante. É política padrão do sei jamais permitir a qualquer pessoa conhecer totalmente os planos principais e...

— Exceto você. Crosse sorriu.

— Exceto eu. E você, no Reino Unido, é claro. O cliente sabe um bocado, mas não tudo. Podemos cobrir tudo por aqui, modificar códigos, etc. Não se esqueça de que a maior parte do que ele passou adiante era rotina. O perigo real que ele representava já acabou. Foi descoberto, felizmente a tempo. Tão certo como Deus criou os peixinhos do mar, ele teria sido o primeiro comissário chinês, e provavelmente acabaria como chefe do sei. Isso teria sido catastrófico. Não podemos recuperar os dossiês particulares, Fong-fong e outros, os planos de levantes e contra-insurreições. Um levante é um levante, e só pode haver um número determinado de planos de contingência. Quanto à Sevrin, ele não sabe mais do que nós sabíamos antes de pegá-lo. Talvez o pacote de Alan nos possa fornecer chaves, possivelmente chaves às perguntas que devíamos fazer-lhe.

— Isso também me ocorreu instantaneamente. Como já disse, o sr. Dunross é controlado demais. — Sinderson acendeu outro fósforo, deixou-o queimar por um momento, depois juntou-o ao fumo já usado. — Acredita nele?

— Quanto às pastas, não sei. Sem dúvida acredito que ele tenha "algo", e que Alan retornou dos mortos. Lamento nunca tê-lo conhecido. É. O tal "algo" bem que podia ser mais importante que esse cliente... depois da segunda ao meio-dia. Ele está praticamente no bagaço.

Desde que haviam voltado, o interrogatório de Brian Kwok continuara, na sua maior parte palavras ocas e incoerentes, mas aqui e ali detalhes de valor. Mais notícias das armas atômicas, nomes e endereços de contatos em Hong Kong e Cantão, medidas de segurança em Hong Kong e amostras de informações sobre a Real Polícia Montada, junto com uma reiteração imensamente interessante da vasta infiltração soviética no Canadá.

— Por que no Canadá, Brian? — indagava Armstrong.

— A fronteira setentrional, Robert... A cerca mais fraca do mundo, quase inexistente. Riquezas tão grandes no Canadá... ah, quem me dera! Tinha essa garota com quem quase me casei, disseram que o meu dever... se os soviéticos podem arrebanhar os canadenses... são tão confiantes e maravilhosos, Iá... Quer me dar um cigarro?... ah, obrigado... Posso beber alguma coisa? Então temos aparelhos de contra-espionagem para destruir os aparelhos soviéticos e descobrir... e há o México, também... Os soviéticos estão

agindo com força ali... É, eles têm agentes por toda parte... sabia que Philby...

Uma hora fora suficiente.

— É curioso ele ter cedido com tanta rapidez — comentou Sinders.

Crosse ficou chocado.

— Garanto que ele não está sendo controlado, não está mentindo, que está contando absolutamente tudo em que acredita, o que aconteceu, e continuará agindo assim até...

— Mas claro — disse Sinders, com uma ponta de irritação. — Eu quis dizer que é curioso um homem da qualidade dele desabar tão depressa. Diria que há anos que ele vem oscilando, que sua dedicação, atualmente, era inexistente ou muito pequena, e provavelmente estava pronto para passar para o nosso lado, mas não sabia como se libertar. Uma pena. Poderia ter sido valioso para nós. — O homem mais velho soltou um suspiro e acendeu outro fósforo. — Depois de algum tempo, isso sempre acontece com os toupeiras deles, profundamente entocados nas nossas sociedades. Existe sempre algum gesto de bondade, uma namorada ou um amigo, liberdade ou felicidade que vira todo o mundo deles de ponta-cabeça, os pobres sacanas. É por isso que venceremos, no final. Até mesmo na Rússia vão virar as mesas, e o KGB vai ter o que merece, dos russos, e é esse o motivo da pressão, agora. Nenhum

soviético na face da terra pode sobreviver sem ditadura, polícia secreta, injustiça e terror. — Bateu o cachimbo no cinzeiro. O que restava do fumo estava molhado na base. — Não concorda, Roger?

Crosse balançou a cabeça, e ficou olhando para os olhos azuis e penetrantes, perguntando-se o que haveria por trás deles.

— Vai telefonar para o ministro pedindo instruções?

— Não. Posso assumir a responsabilidade por esse caso. Decidiremos às oito e trinta. — Sinders olhou para o relógio. — Vamos voltar para o Robert. Está quase na hora de recomeçar. Bom sujeito, aquele, muito bom! Soube que foi um dos grandes ganhadores?

69

20h05m

— Ian? Desculpe interromper — disse Bartlett.

— Ora, alô! — Dunross afastou-se dos outros convivas com quem estava conversando. Bartlett estava sozinho. — Vocês dois não estão indo embora, espero... isso aqui ainda vai até as nove e meia, pelo menos.

— Casey ainda vai ficar mais um pouco. Eu tenho um encontro.

— Espero que ela seja bonita, como convém — comentou Dunross, com um amplo sorriso.

— E é, mas isso é para mais tarde. Primeiro, tenho um encontro de negócios. Tem um minutinho?

— Mas claro. Dêem-me licença um minuto — falou Dunross para os outros, e foi conduzindo Bartlett para um dos terraços, saindo da ante-sala lotada. A chuva estava mais fraca, mas continuava implacavelmente. — A compra de controle da General Stores está quase certa, ao nosso preço, sem outro lance superior da Superfoods. Vamos mesmo ganhar uma nota preta... se eu conseguir deter o Gornt.

— É. A segunda-feira dirá. Dunross olhou atentamente para ele.

— Estou muito confiante.

Bartlett sorriu, com cansaço e preocupação por trás do sorriso.

— Eu notei. Mas queria lhe perguntar se a ida para Taipé amanhã continua nos seus planos.

— Ia sugerir que a adiássemos até a semana que vem, o fim de semana que vem. Amanhã e segunda-feira são muito importantes para nós dois. Não acha?

Bartlett concordou com um gesto de cabeça, ocultando o seu alívio.

— Para mim está ótimo. — "E isso resolve o meu problema com Orlanda", pensou. — Bem, então acho que já vou indo.

— Pegue o carro. Mande o Lim de volta quando não precisar mais dele. Vai à subida do morro, se não for cancelada? É das dez até mais ou menos o meio-dia.

— Onde é?

— Nos Novos Territórios. Mandarei o carro apanhá-lo, se o tempo permitir. Casey também, se quiser ir.

— Obrigado.

— Não se preocupe com Casey logo mais... farei com que chegue a casa em segurança. Ela está livre mais tarde?

— Acho que sim.

— Ótimo, então pedirei a ela que se reúna a nós... alguns de nós vamos jantar num restaurante chinês. — Dunross olhou-o atentamente. — Algum problema?

— Não. Nada que não possa ser resolvido.

Bartlett abriu um sorriso e se afastou, preparando-se para o próximo ataque... Armstrong. Encostara Rosemont num canto há alguns momentos e lhe contara sobre o encontro com Banastasio.

— É melhor deixar a coisa com a gente, Linc — dissera Rosemont. — No que lhe diz respeito, fomos informados oficialmente. O consulado. Passarei adiante a quem de direito. Deixe tudo como está... diga a Casey, certo? Se o Banastasio ligar para qualquer um de vocês dois, encham lingüiça, liguem para nós e daremos um jeito. Eis o meu cartão... é válido durante as vinte e quatro horas do dia.

Bartlett estava do lado de fora da porta da frente, agora, e reuniu-se aos outros que esperavam pacientemente por seus carros.

— Ah, oi, Linc! — disse Murtagh, saindo apressadamente de um táxi, e quase derrubando-o. — Desculpe! A festa ainda não acabou?

— Claro que não, Dave. Para que a pressa?

— Tenho que ver o tai-pan! — Murtagh baixou a voz, demonstrando o seu entusiasmo. — Há uma chance de que a matriz tope, se o Ian fizer algumas concessões! Casey ainda está aí?

— Está — respondeu Bartlett prontamente, e todos os seus sentidos ficaram alertados, todo o resto esquecido. — Que concessões? — indagou, cautelosamente.

— Dobrar o período de câmbio exterior. E terá que lidar diretamente com o First Central, dando-nos a primeira opção sobre todos os futuros empréstimos, durante cinco anos.

— Isso não é demais — disse Bartlett, escondendo sua perplexidade. — Como ficou todo o negócio, agora?

— Não posso parar agora, Linc. Tenho que obter a aprovação do tai-pan. Eles estão esperando, mas é exatamente aquilo que Casey e eu planejamos. Porra, se isso der certo, o tai-pan nos deverá favores até as galinhas criarem dentes! — exclamou Murtagh, afastando-se às pressas.

Bartlett ficou olhando para ele, apalermado. Seus pés começaram a reconduzi-lo para dentro de casa, mas deteve-se e voltou para o seu lugar na fila. "Há tempo de sobra", disse com seus botões. "Não há necessidade de perguntar nada a ela agora. Pense no assunto."

Casey lhe havia falado da ligação do Royal Belgium com o First Central, e durante a tarde Murtagh acrescentara como era difícil arranjar uma brechinha ali com o sistema. Isso fora tudo. Bartlett notara o nervosismo do texano e de Casey. No momento atribuíra-o às corridas.

"Mas e agora?", perguntou-se, desconfiado. "Casey, Murtagh e o tai-pan! 'O First Central vai topa o negócio se...' e 'o tai-pan nos deverá favores até as galinhas criarem dentes...' e 'exatamente aquilo que Casey e eu planejamos.' Ela é a intermediária? Ora, aquele palhaço não chega aos pés da Casey, e ela não é nenhuma menina de recados. Porra, é a Casey que tem que ir puxando o cara, ele não é páreo para ela. Assim, provavelmente foi ela quem o levou a... ao quê? Do que é que o tai-pan mais está precisando?"

"De crédito, e depressa, milhões até segunda-feira.

"Pombas, o First Central vai apoiá-lo! Só pode ser isso. Se. Se ele fizer concessões, e terá que fazer algumas para se safar..."

— Quer o carro, senhor?

— Oh, sim, Lim, quero, sim. O quartel-general da polícia em Wanchai. Obrigado.

Entrou no banco de trás, a mente fervendo.

"Com que então a Casey está fazendo um joguinho particular. Já deve estar em andamento há um ou dois dias, mas ela nada me disse. Por quê? Se eu estiver certo, e o golpe tiver êxito, o Ian terá os meios para rechaçar o Gornt, até para vencê-lo. Ela se esforçou ao máximo para ajudá-lo contra o Gornt. Sem a minha aprovação. Por quê? Em troca do quê?

"O dinheiro do dane-se! Os prometidos meio a meio são um pagamento... meus dois milhões... mas ela racha meio a meio?

"Claro. É uma possibilidade... uma possibilidade de que estou tomando conhecimento agora. Quais são as outras? Meu Deus! Casey independente, quem sabe bandeando-se para o lado do inimigo? Os dois ainda são o inimigo, Ian e Gornt."

A excitação dele aumentou.

"O que fazer?

"O dinheiro entregue ao Gornt está coberto. Os dois milhões pagos à Struan também estão cobertos, e não vou retirá-los. Nunca planejei fazê-lo... estava apenas testando Casey. O negócio com a Struan é bom, de um jeito ou de outro. O negócio com o Gornt é bom, de um jeito ou de outro. Portanto, o meu plano ainda é bom...

posso pular para um lado ou para o outro, embora a decisão da hora exata seja crucial.

"Mas agora existe Orlanda.

"Se escolher Orlanda, terá que ser só nos Estados Unidos, ou em outro lugar qualquer, menos aqui. É óbvio que ela jamais seria aceita no círculo dos vencedores do Happy Valley. Ou nos círculos sociais e clubes. Jamais seria convidada livremente para as grandes casas, exceto talvez pelo Ian. E pelo Gornt, mas apenas para debochar dela, para puxar as rédeas, para fazê-la recordar o passado... como ontem à noite, quando aquela outra moça subiu ao convés. Vi o rosto de Orlanda. Ah, ela disfarçou, melhor do que qualquer outra teria disfarçado, exceto talvez Casey. Ela odiou o fato de que a outra tivesse estado Iá embaixo, na suíte principal que já lhe pertencera.

"Será que o Gornt agiu deliberadamente? Talvez a garota tenha subido por conta própria. Desceu quase imediatamente. Talvez até não devesse ter subido. Quem sabe?

"Merda! Há coisas demais acontecendo que não consigo equacionar: como a General Stores e a recuperação do Ho-Pak... coisas demais combinadas por dois sujeitos num sábado... dois uísques aqui e um telefonema ali. É tudo dinamite, se você faz parte do clube, mas, puta que o pariu, cuidado se não faz! Aqui, a gente tem que ser britânico ou chinês para estar enturmado.

"Eu sou 'estrangeiro', igualzinho a Orlanda.

"Contudo, eu podia ser feliz aqui, por algum tempo. E podia dar um jeito de aceitarem a Orlanda, em visitas curtas. Podia cuidar da costa do Pacífico e de ter a Par-Con como a Casa Nobre, mas para ela ser aceita como a Casa Nobre pelos britânicos e chineses, ainda teria que ser Struan-Par-Con, com o nosso nome em letrinhas miúdas, ou Rothwell-Gornt-Par-Con, nas mesmas condições.

"Casey?"

"Com a Casey a Par-Con poderia ser uma Casa Nobre facilmente. Mas será que a Casey ainda é digna de confiança? Por que ela não me contou? Foi envolvida por Hong Kong e está começando a fazer o seu joguinho para ser a Número Um?"

"É melhor você escolher, meu velho, enquanto ainda é tai-pan."

— Sim, Phillip?

Estavam no gabinete, sob o retrato de Dirk Struan, e Dunross escolhera o lugar deliberadamente. Phillip Chen estava sentado à sua frente. Muito formal, muito correto e muito cansado.

— Como vai o Aleksei?

— Ainda inconsciente.

— O dr. Tooley falou que ficará bom se sair do estado de coma dentro de duas horas.

— Tiptop?

— Fiquei de ligar para ele às vinte e uma horas.

— Ainda nenhuma aprovação da sua oferta... por parte das autoridades?

— Conhece a proposta que ele fez? — perguntou Dunross, estreitando os olhos.

— Ah, sim, tai-pan. Eu... perguntaram-me. Ainda acho difícil acreditar... Brian Kwok? Deus nos ajude, mas, sim... perguntaram qual a minha opinião antes de lhe apresentarem a sugestão.

— Que diabo, por que não me contou? — perguntou Dunross, bruscamente.

— Com razão você não me considera mais o representante nativo da Casa Nobre e nem me favorece com a sua confiança.

— Considera-se digno de confiança?

— Sim. Já o provei no passado muitas vezes, o meu pai também... e o dele. Apesar disso, se eu fosse você e estivesse sentado no seu lugar, não estaria tendo este encontro. Não o receberia na minha casa, e já teria decidido as maneiras e meios de sua destruição.

— Talvez eu já tenha.

— Você, não. — Phillip Chen apontou para o retrato. — Ele o teria feito, mas não você, Ian Struan Dunross.

— Não aposte nisso.

— Aposto.

Dunross ficou calado, esperando.

— Primeiro a moeda: espere até lhe pedirem o favor. Tentarei descobrir o que é, antecipadamente. Se for demais...

— Será demais.

— O que ele irá pedir?

— Alguma coisa relacionada com narcóticos. Correm fortes boatos de que Quatro Dedos, Yuen Contrabandista e Lee Pó Branco estão de sociedade, contrabandeando heroína.

— Ainda estão pensando no assunto. Não são sócios, na realidade — falou Phillip Chen.

— Outra vez lhe pergunto: por que não me contou? É seu dever como meu representante manter-me informado, e não anotar detalhes íntimos dos nossos segredos e depois perdê-los para os inimigos.

— Outra vez, peço perdão. Mas, agora, chegou a hora de falar.

— Porque você está acabado?

— Porque eu posso estar acabado... se não puder provar mais uma vez o meu valor.

O velho olhou para Dunross, desanimado, enxergando o rosto de muitos tai-pans no rosto do homem à sua frente, sem gostar do rosto, ou do rosto do homem que encimava a lareira, cujos olhos pareciam penetrar nele... o demônio estrangeiro pirata que havia desamparado seu bisavô por causa do sangue mestiço, metade do qual era dele próprio.

"Ayeeyah", pensou, controlando a sua raiva. "Esses bárbaros e a sua intolerância! Servimos cinco gerações de tai-pans, e agora este aí ameaça modificar o legado de Dirk por causa de um erro?"

— Sobre o pedido: mesmo que esteja ligado à heroína ou aos narcóticos, estará relacionado a alguma ação ou atitude futura. Concorde com ele, tai-pan, e prometo que cuidarei de Quatro Dedos muito antes que o pedido tenha que ser concedido.

— Como?

— Estamos na China. Cuidarei da coisa à moda chinesa. Juro pelo sangue dos meus ancestrais. — Phillip Chen apontou para o retrato. — Continuarei a proteger a Casa Nobre como jurei fazer.

— Que outras safadezas você tinha no cofre? Já examinei todos os documentos e balanços gerais que entregou ao Andrew. Com aquelas informações nas mãos erradas, estamos expostos.

— É, mas apenas diante do Bartlett e da Par-Con, desde que ele as guarde para si mesmo e não as passe adiante para o Gornt ou outro inimigo aqui. Tai-pan, o Bartlett não me parece uma pessoa maliciosa. Talvez possamos fazer um acordo com ele para recuperar o que possui, e pedir-lhe que mantenha em segredo as informações.

— Para fazer isso, teríamos que permutar com um segredo que ele não queira que seja revelado. Conhece algum?

— Ainda não. Como nosso sócio, deveria proteger-nos.

— É. Mas ele já está negociando com o Gornt, e adiantou dois milhões de dólares americanos para o Gornt poder vender as nossas ações a descoberto.

Phillip Chen ficou branco.

— Eeee, não sabia disso. — Pensou por um momento. —

Quer dizer que na segunda-feira Bartlett nos deixará e passará para o lado do inimigo?

— Não sei. No momento, acho que ele está em cima do muro. É o que eu faria, se fosse ele.

Phillip Chen mudou de posição na cadeira.

— Ele gosta muito de Orlanda, tai-pan.

— É, ela poderia ser a chave. Gornt deve ter providenciado isso, ou talvez a tenha empurrado para cima do Bartlett.

— Vai contar-lhe isso?

— Não, a não ser que haja motivo para tanto. Ele é maior de idade. — Dunross ficou ainda mais duro. — O que você propõe?

— Vai concordar com as novas concessões que o First Central está querendo?

— Quer dizer que também está sabendo disso?

— Deve ter querido que todo mundo soubesse que está buscando o apoio deles, tai-pan. Por que outro motivo convidar Murtagh para a sua tribuna nas corridas, por que outro motivo convidá-lo para vir aqui? Foi fácil ligar os fatos, mesmo não tendo cópias dos telex deles...

— Você tem?

— De alguns. — Phillip Chen pegou um lenço e enxugou as mãos. — Vai fazer as concessões?

— Não. Disse a ele que pensaria no assunto... ele está lá embaixo esperando pela minha resposta, mas tem que ser negativa. Não posso garantir-lhe a primeira opção para todos os futuros empréstimos. Não posso, porque o Victoria tem tanto poder aqui, e tantos dos nossos títulos, que nos espremeria até a morte. De qualquer modo, não posso substituí-los por um banco americano que já provou ser politicamente indigno de confiança. São excelentes como apoio, e será fantástico se conseguirem nos tirar desta confusão, mas não estou certo quanto a eles a longo prazo.

— Também devem estar prontos a ceder em alguma coisa. Afinal, ter-nos dado dois milhões para firmar a compra de controle da General Stores revela um grande voto de confiança, heya?

Dunross deixou essa passar.

— O que você tinha em mente?

— Posso sugerir que você faça uma contraproposta específica: todos os empréstimos canadenses, americanos, australianos e sul-americanos por cinco anos, isso cobre a nossa expansão nesses territórios, mais o empréstimo imediato para dois petroleiros gigantes a serem adquiridos através da Toda, no esquema de venda e arrendamento, e, para um associado, pedidos da firma para mais sete anos.

— Pela madrugada! Quem tem este tipo de operação? — explodiu Dunross.

— Vee Cee Ng.

— Ng Fotógrafo? Impossível.

— Daqui a vinte anos Vee Cee terá uma frota maior do que a do Onassis.

— Impossível.

— Muito provavelmente, tai-pan.

— Como sabe?

— Pediram-me que ajudasse a financiar e providenciar uma imensa expansão da frota dele. Se pusermos os sete primeiros petroleiros no nosso pacote, com a promessa de mais, e eu posso, eu posso, isso deverá satisfazer o First Central. — Phillip Chen enxugou o suor da testa. — Heya?

— Pombas, isso satisfaria o Chase Manhattan e o Banco da América juntos! Vee Cee? — Então a mente tumultuada de Dunross voltou ao normal, agindo com a máxima eficiência. — Ah! Vee Cee, mais tório, mais Velhos Amigos, mais todo o tipo de ferramentas delicadas, mais petróleo, mais Velhos Amigos. Certo?

Phillip ensaiou um sorriso.

— Todos os corvos sob os céus são negros.

— É. — E depois de uma pausa, acrescentou: — O First Central poderá topar. Mas, e quanto ao Bartlett?

— Com o First Central você não precisará da Par-Con. O First Central terá prazer em nos ajudar a conseguir um financiador, ou sócio alternativo nos Estados Unidos. Levaria algum tempo, mas com o Jacques no Canadá, David MacStruan aqui, Andrew na Escócia... Tai-pan, não sei o que está pensando sobre o Andrew e esse tal de Kirk, mas as teorias dele me parecem imaginosas, muito imaginosas.

— O que estava dizendo sobre Bartlett?

— Sugiro que rezemos para que o First Central morda a isca, que o Tiptop nos dê o dinheiro, que eu possa cobrir o First Central com uma associação de Mata, Pão-Duro e Quatro Dedos. Depois você, David MacStruam e eu poderemos facilmente encontrar uma alternativa para a Par-Con. Sugiro que abramos imediatamente um escritório em Nova York. Que o David o dirija por três meses com... talvez com o Kevin como assistente. — Phillip deixou a sugestão no ar por um momento, depois continuou rapidamente: — Daqui a três meses saberemos se o jovem Kevin tem algum valor... acho que ficará muito impressionado, tai-pan, na verdade eu o garanto. Daqui a três meses saberemos o que o jovem George Trussler acha da Rodésia e da África do Sul. Quando ele tiver esse escritório montado e funcionando, podemos mandá-lo para Nova York. Ou, quem sabe, poderíamos convencer o seu outro primo, o virginiano Mason Kern, a sair da Cooper-Tillman, e colocá-lo à frente do nosso escritório em Nova York. Depois de seis meses, Kevin deverá ir para Salisbury e Johannesburg... tenho um grande pressentimento de que o comércio de tório e metal precioso irá se fortalecer cada vez mais.

— Entrementes, ainda temos os nossos problemas imediatos. Bartlett, Gornt e a corrida às nossas ações.

— Para nos assegurarmos do silêncio de Bartlett, teremos que separá-lo totalmente do Gornt e fazer dele um aliado, um aliado completo.

— E como se faz isso, Phillip?

— Deixe comigo. Há... há possibilidades.

Dunross manteve os olhos fitos em Phillip Chen, mas o velho não ergueu o olhar da mesa. "Que possibilidades? Orlanda? Tem que ser."

— Está certo — falou. — O que mais?

— Quanto ao mercado, com o Banco da China a nos apoiar, a corrida aos bancos termina. Com a compra da General Stores e um apoio financeiro maciço, a corrida às nossas ações tem que cessar. Todos correrão para comprar, e haverá a alta. Bem — continuou Phillip Chen —, sei que você não queria fazer isso antes, mas digamos que possamos fazer com que Sir Luís retire as nossas ações do pregão até segunda-feira ao meio-dia, aí...

— Como?

— É. Digamos que ninguém possa negociar com a Struan oficialmente até o meio-dia. Digamos que deixemos o preço como estava na quarta-feira passada... 28,80. Gornt estará preso na armadilha. Terá que comprar ao preço que for, para cobrir. Se ninguém oferecer ações suficientes, abaixo dessa quantia todos os lucros dele sairão pela janela, ele pode até se arrasar.

Dunross sentiu-se fraco. A idéia de imobilizar as ações ainda não lhe ocorrera.

— Meu Deus! Sir Luís jamais concordaria com isso. Phillip Chen agora estava muito pálido, gotas de suor molhando-lhe a fronte.

— Se o comitê da Bolsa tiver decidido que é necessário para "estabilizar o mercado"... e se as grandes firmas de corretagem de Joseph Stern e Arjan Soorjani também concordarem em não oferecer nenhuma ação, nenhuma ação a granel abaixo de 28,80, o que o Gornt poderá fazer? — Enxugou a testa com mãos trêmulas. — Esse é o meu plano.

— Por que motivo Sir Luís cooperaria?

— Acho... acho que vai cooperar, e Stern e Soorjani nos devem muitos favores. — Os dedos do velho se remexiam nervosamente. — Sir Luís, Stern, Soorjani, você e eu juntos controlamos a maior parte dos principais lotes de ações que Gornt vendeu a descoberto.

— Stern é o corretor de Gornt.

— É verdade, mas é yan de Hong Kong, e precisa mais de boa vontade do que de um cliente. — Phillip Chen mudou de posição, ficando mais exposto à luz, Dunross notou a palidez dele e ficou preocupadíssimo. Levantou-se, foi até o bar e trouxe dois conhaques com soda. — Tome.

— Obrigado. — Phillip Chen bebeu o dele rapidamente. — Graças a Deus pelo conhaque!

— Acha que podemos convencer a todos até a abertura da Bolsa, na segunda-feira? A propósito, cancelei minha viagem a Taipé.

— Ótimo, foi sensato da sua parte. Agora irá ao coquetel do Jason Plumm.

— Vou, disse que iria.

— Ótimo. Então poderemos conversar mais. Sobre Sir Luís. Há uma boa chance, tai-pan. Mesmo que as ações não sejam retiradas, o preço deve disparar, tem que disparar... se conseguirmos o apoio de que precisamos.

"É o óbvio ululante", pensou Dunross, com azedume. "Se." Deu uma olhada no relógio. Eram oito e trinta e cinco. Sinderson devia ter telefonado às oito e trinta. Ele lhe dera meia hora de lambujem antes de ligar para Tiptop. Seu estômago parecia estar se

desfazendo, mas ele o controlou. "Pombas, não posso ligar para ele", pensou, com irritação.

— O que foi? — indagou, pois não tinha escutado o que Phillip Chen dissera.

— O prazo que me deu para lhe entregar o meu pedido de demissão... meia-noite de domingo, se Mata ou Pão-Duro ou... posso pedir para que seja prorrogado por uma semana?

Dunross apanhou o copo de Phillip Chen para enchê-lo de novo, gostando da sutileza asiática do pedido. Pedia-lhe que prorrogasse o prazo para uma época em que não teria valor, Pois, dali a uma semana, a crise estaria já há muito resolvida. O modo como o pedido foi feito não desprestigiava nenhuma das duas partes. "É, mas ele tem que fazer um esforço espetacular. Será que sua saúde agüentará? É a única coisa que estou realmente levando em consideração." Enquanto servia o conhaque, pensava em Phillip Chen, Kevin Chen, Claudia Chen, no velho Chen-chen, e no que faria sem eles. "Preciso de cooperação e serviço, e não mais de traição ou falsidade."

— Pensarei no caso, Phillip. Nós o discutiremos depois da oração matinal, na segunda-feira. — A seguir, acrescentou, cuidadosamente: — Talvez se justifiquem prorrogações.

Agradecido, Phillip Chen aceitou o conhaque e tomou um grande gole, já com uma cor melhor. Percebera o plural hábil, e

sentira-se aliviadíssimo. "Só o que tenho a fazer é acertar. Só isso." Levantou-se para sair.

— Obrigá...

O telefone soou irritantemente, e ele quase deu um salto. Dunross também.

— Pronto! Oh, alô, sr. Sindere! — Dunross podia ouvir o bater do seu coração abafando o ruído da chuva. — O que há de novo?

— Muito pouco, infelizmente. Discuti a sua sugestão com o governador. Se "aquilo" estiver nas minhas mãos até o meio-dia de amanhã, tenho motivos para acreditar que o seu amigo poderá ser entregue ao terminal da fronteira de Lo Wu ao entardecer de segunda-feira. Naturalmente, não posso garantir que ele queira cruzar a fronteira para a China Vermelha.

Dunross soltou a voz, com dificuldade:

— Há muitos "motivos para acreditar" e "poderá ser" nessa história, sr. Sindere.

— É o melhor que posso fazer, oficialmente. — Que garantias me dá?

— Nenhuma, infelizmente, da parte do sr. Crosse e da minha. Parece que precisa haver confiança dos dois lados.

"Filhos da mãe!", pensou Dunross, furioso, "sabem que estou encurralado."

— Obrigado, pensarei no que disse. Meio-dia de amanhã? Vou participar da subida do morro, se não for cancelada... das dez ao meio-dia. Irei ao quartel-general da polícia tão logo possa, depois que a subida acabar.

— Não precisa se preocupar, sr. Dunross. Se ela não for cancelada, também estarei presente. Meio-dia pode ser o prazo limite tanto lá quanto aqui. Certo?

— Certo. Boa noite. — Dunross desligou, sombriamente. — É um talvez, Phillip. Talvez, até o entardecer de segunda-feira.

Phillip Chen sentou-se, horrorizado. Sua palidez aumentara.

— Será tarde demais.

— Vamos descobrir. — Pegou o telefone e discou de novo. — Alô, boa noite! O governador pode atender, por favor? É Ian Dunross. — Sorveu o seu conhaque. — Lamento incomodá-lo, senhor, mas o sr. Sinderson acaba de ligar, e o que ele disse foi: talvez. Talvez ao entardecer de segunda-feira. Pergunto-lhe se pode garantir isso.

— Não, Ian, não posso. Não tenho jurisdição sobre esse assunto. Lamento. Terá que tomar as providências diretamente. Contudo, Sinderson me pareceu um homem razoável. Não achou?

— Não me pareceu nada razoável — disse Dunross, com um sorriso duro. — Obrigado. Não faz mal. Desculpe o incômodo, senhor. Ah, a propósito, se isso puder ser resolvido, Tiptop disse que o seu carimbo seria exigido, juntamente com o meu e o do banco. O senhor estaria disponível amanhã, se houver necessidade?

— Naturalmente. E, Ian, boa sorte.

Dunross repôs o fone no gancho. Depois de um momento, disse:

— Será que eles concordariam com o dinheiro amanhã em troca do sujeito ao entardecer de segunda-feira?

— Não creio — disse Phillip Chen, desalentado. — Tiptop foi claro: "Quando os procedimentos corretos forem cumpridos". A troca

tem de ser simultânea.

Dunross recostou-se na cadeira alta, bebericou o seu conhaque e deixou a mente vagar.

Às nove em ponto, ligou para Tiptop e bateu papo, informalmente, até chegar o momento.

— Ouvi dizer que o subalterno da polícia será sem dúvida despedido por ter cometido um tal erro, e que a pessoa prejudicada poderá estar em Lo Wu ao meio-dia de terça-feira.

Fez-se um grande silêncio. A voz ficou mais fria do que nunca.

— Não acho que isso seja imediatamente.

— Concordo. Talvez eu consiga persuadi-los a antecipar para segunda. Talvez seus amigos possam ser um pouco pacientes. Eu o consideraria um favor muito grande.

Usou a palavra "favor" deliberadamente, e deixou-a no ar.

— Passarei adiante o seu recado. Obrigado, tai-pan. Por favor, ligue para mim às sete horas da noite de amanhã. Boa noite.

— Boa noite.

Phillip Chen rompeu o silêncio, muito preocupado.

— Esta é uma palavra cara, tai-pan.

— Eu sei. Mas não tenho opção — falou, a voz dura. — Sem dúvida haverá a exigência de um favor em troca, algum dia. — Dunross afastou os cabelos dos olhos e acrescentou: — Talvez seja com o Joseph Yu, quem sabe? Mas eu tinha que pedir.

— É. Você é muito sensato. Sensato como um homem mais velho, muito mais sensato do que Alastair e seu pai, mas não tão sensato quanto a Bruxa. — Um pequeno arrepio o percorreu. — Foi sensato em negociar o tempo, em não tocar no dinheiro, no dinheiro do banco, muito sensato. Ele é esperto demais para não saber que precisamos disso amanhã, no máximo até a noite.

— Daremos um jeito de consegui-lo. Isso tirará a pressão do Victoria de cima de nós. O Paul vai ter que convocar uma reunião de diretoria logo — acrescentou Dunross, de cara fechada. — Com Richard na diretoria, bem, o Richard nos deve muitos favores. A nova junta diretora votará pelo aumento do nosso fundo, assim não precisaremos do Bartlett, do First Central ou do amaldiçoado Mata.

Phillip Chen hesitou, depois falou, atropeladamente:

— Detesto ser o portador de outras más notícias, mas ouvi dizer que parte do acordo de Richard Kwang com Havergill incluiu o seu pedido de demissão assinado e não datado da junta diretora do Victoria, e uma promessa de votar exatamente como Havergill desejar.

Dunross soltou um suspiro. Tudo se encaixava. Se Richard Kwang votasse com a oposição, aquilo neutralizaria a sua posição dominante.

— Agora, só o que nos falta é perder mais um que nos apoie, e Paul e a sua oposição nos esmagarão. — Ergueu os olhos para Phillip Chen. — É melhor tentar aliciar o Richard.

— Vou tentar, mas ele já foi aliciado. E quanto ao P. B. White? Acha que ajudaria?

— Não contra o Havergill, ou o banco. Poderia, com o Tiptop — disse Dunross, pesadamente. — Ele é o próximo, e o último, da lista.

70

22h55m

As seis pessoas saíram dos dois táxis na entrada particular do prédio do Victoria Bank, na rua lateral. Casey, Riko Gresserhoff, Gavallan, Peter Marlowe, Dunross e P. B. White, um inglês magro e miúdo de setenta e cinco anos. A chuva tinha parado, embora a rua parcamente iluminada estivesse cheia de poças.

— Tem certeza de que não quer tomar mais uma bebidi-nha conosco, Peter? — perguntou P. B. White.

— Não, obrigado, P. B., está na hora de eu ir para casa. Boa noite e obrigado pela ceia, tai-pan!

Ele se afastou noite adentro, dirigindo-se para o terminal das barcas, que ficava do outro lado da praça. Nem ele nem os outros notaram o carro que parou logo mais abaixo, na rua. Dentro dele

estavam Malcolm Sun, o agente do sei, e Povitz, o agente da CIA. Sun era quem dirigia.

— Esta é a única entrada e saída? — perguntou Povitz.

— É.

Ficaram vendo P. B. White apertar o botão da campainha.

— Que filhos da mãe de sorte! Aquelas duas donas são as melhores que já vi.

— A Casey é jóia, mas a outra... Há garotas mais bonitas em qualquer cabaré... — Sun se interrompeu. Um táxi passou por eles.

— Outro "cola"?

— Não, acho que não, mas se estamos vigiando o tai-pan, pode apostar que outros também estão.

— É.

Viram P. B. White apertar a campainha de novo. A porta se abriu, e o sonolento guarda-noturno sikh os cumprimentou:

— Boa noite, sahs, memsahs.

A seguir, dirigiu-se ao elevador, apertou o botão e fechou a porta da frente.

— O elevador é meio vagaroso. Antiquado, como eu. Desculpe — disse P. B. White.

— Há quanto tempo mora aqui, P. B.? — perguntou Casey, sabendo, pela leveza do seu passo e o brilho malicioso dos seus olhos, que não havia nada de antiquado nele.

— Há uns cinco anos, minha cara — falou, tomando-lhe o braço. — Tenho muita sorte.

"Claro", pensou ela, "e também deve ser muito importante para o banco. E poderoso. Tem que ser, para ocupar um dos únicos três apartamentos em todo o imenso prédio." Ele lhes contara que um dos outros pertencia ao diretor-chefe, que estava atualmente de licença para tratamento de saúde. O último deles estava mobiliado, mas ficava vazio.

— É para membros da realeza visitantes, o chefe do Banco da Inglaterra, primeiros-ministros, esse tipo de personalidades — dissera P. B. White com imponência, durante o jantar leve mas condimentado de comida de Szechuan. — Eu sou uma espécie de zelador que não recebe salário. Deixam que eu more Iá para cuidar do lugar.

— É, estou acreditando!

— Mas é verdade! Felizmente não há ligação entre esta parte do prédio e o banco em si, senão eu estaria afanando alguma grana!

Casey estava se sentindo muito feliz, efeito da boa comida, bons vinhos, conversa inteligente e muita atenção por parte dos quatro homens, especialmente Dunross — e muito contente por não ter sido suplantada por Riko —, tudo na sua vida aparentemente nos lugares de novo, Linc novamente o seu antigo Linc, embora estivesse na companhia do inimigo. Como vou lidar com ela?, perguntou-se pela bilionésima vez.

A porta do elevador se abriu. Eles entraram, lotando a pequena área. P. B. White apertou o primeiro dos três botões.

— Deus mora no andar mais alto — deu uma risadinha.

— Quando está na cidade.

— Quando deve voltar? — perguntou Dunross.

— Daqui a três semanas, Ian. Ainda bem que ele não está em contato com Hong Kong... tomaria o primeiro avião de volta. Casey, nosso diretor-chefe é um sujeito maravilhoso. Infelizmente, há quase um ano que tem estado doente, e vai se aposentar daqui a três meses. Persuadi-o a tirar uma licença e ir para Caxemira, para um lugarzinho que conheço às margens do rio Jehlum, ao norte de Srinagar. O fundo do vale fica a uns mil e oitocentos metros, e Iá em cima, entre as grandes montanhas do mundo, é o paraíso. Há casas flutuantes nos rios e nos lagos, e você fica à deriva, sem telefones, sem correspondência, só você e o infinito, gente maravilhosa, ar maravilhoso, comida maravilhosa, montanhas estupendas. — Os olhos dele brilharam maliciosamente. — É preciso ir para Iá muito doente, ou com alguém a quem se ame muito. Eles acharam graça.

— Foi isso o que você fez, P. B.? — perguntou Gavallan.

— Naturalmente, meu caro. Foi em 1915 a primeira vez que estive Iá. Tinha vinte e sete anos, estava de licença do Terceiro Regimento de Lanceiros de Bengala. — Soltou um suspiro, parodiando um jovem enamorado. — Ela era da Geórgia, uma princesa.

Todos riram baixinho junto com ele.

— Qual foi o seu verdadeiro motivo para ir para Caxemira? — indagou Dunross.

— Eu tinha sido destacado por dois anos para o estado-maior indiano. Toda aquela área, o Hindu Kush, o Afeganistão e o que é agora chamado de Paquistão, nas fronteiras da Rússia e da China, sempre foi perigosa e sempre será. Depois, fui mandado para Moscou... no final de 17. — O rosto dele ficou um pouco mais tenso. — Eu estava lá durante o Putsch, quando o verdadeiro governo de Kerenski foi derrubado por Lênin, Trótski e seus bolchevistas...

O elevador parou. Eles saltaram. A porta da frente do seu apartamento estava aberta, seu Criado Número Um Shu à espera.

— Entrem e fiquem à vontade — disse P. B. jovialmente. — O banheiro das senhoras fica à esquerda, o dos cavalheiros à direita, champanha na ante-sala... mostro a casa a vocês daqui a pouco. Ah, Ian, queria usar o telefone?

— Sim.

— Vamos, pode usar o meu gabinete. — Desceu um corredor ladeado por belos quadros e uma rara coleção de ícones. O apartamento era espaçoso, quatro dormitórios, três ante-salas, uma sala de jantar que acomodava vinte pessoas sentadas. O gabinete dele ficava no extremo oposto do corredor. Três paredes eram cobertas de livros. Couro velho, cheiro de bons charutos, uma lareira. Conhaque, uísque e vodca em garrafas de cristal. E porto.

Logo que a porta se fechou, a preocupação dele aumentou. — Quanto tempo vai demorar? — perguntou.

— O mínimo que puder.

— Não se preocupe... eu farei sala para eles. Se você não voltar a tempo, apresentarei suas desculpas. Posso fazer mais alguma coisa?

— Faça pressão sobre o Tiptop.

Dunross lhe contara anteriormente sobre a possível transação envolvendo a troca de Brian Kwok, embora nada sobre os papéis de Alan ou seus problemas com Sindere.

— Amanhã falarei com alguns amigos em Pequim, outros em Xangai. Talvez eles percebam a importância de nos ajudar.

Há muitos anos Dunross conhecia P. B. White, embora, como todos os demais, soubesse pouquíssimo do seu passado verdadeiro, de sua família, se tinha sido casado e tinha filhos, de onde vinha o seu dinheiro ou qual era o seu envolvimento real com o Victoria.

— Sou apenas uma espécie de conselheiro legal, embora já esteja aposentado há anos — dizia ele, vagamente, e mudava de

assunto. Mas Dunross sabia que ele era um homem de muito charme, e com muitas namoradas igualmente discretas.

— A Casey é uma mulher e tanto, P. B. — falou, com um sorriso. — Acho que você ficou gamado!

— Também acho. Ah, se eu fosse uns trinta anos mais moço! E quanto a Riko! — As sobrancelhas de P. B. subiram Iá no alto. — Encantadora! Tem certeza de que é viúva?

— Absoluta.

— Gostaria de três dessas, por favor, tai-pan.

Soltou uma risadinha, dirigiu-se à estante de livros e apertou um botão. Parte da estante se abriu. Uma escada levava aos andares superiores. Dunross já se utilizara dela antes para conversas particulares com o diretor-chefe. Ao que soubesse, era o único estranho que tinha conhecimento do acesso secreto... outros dos muitos segredos que apenas poderia revelar ao tai-pan que o sucedesse.

— Foi a Bruxa que o mandou fazer — Alastair Struan Ihe contara na noite em que assumira o cargo. — Juntamente com isso. — Entregara-Ihe a chave-mestra dos cofres individuais nas caixas-fortes. — É política bancária que os Serralheiros Ch'ung Lien Loh

Ltda. troquem as fechaduras. Apenas os nossos tai-pans sabem que somos donos daquela companhia.

Dunross devolveu o sorriso a P. B., rezando para que pudesse ser tão jovem quando tivesse a idade dele.

— Obrigado.

— Não se apresse, Ian — disse P. B. White, entregando-lhe uma chave.

Dunross subiu as escadas, correndo suavemente para o patamar do diretor-chefe. Destrancou uma porta que dava para um elevador. A mesma chave destrancava o elevador. Havia apenas um botão. Trancou a porta externa e apertou o botão. O elevador tinha sido bem lubrificado, e era silencioso. Finalmente parou, e a porta interna se abriu. Ele empurrou a externa. Estava no gabinete do diretor-chefe. Johnjohn levantou-se, cansado.

— Mas de que diabo se trata, Ian?

Dunross fechou a porta falsa, que se encaixava perfeitamente na estante de livros.

— O P. B. não lhe contou? — perguntou, a voz mansa, sem demonstrar nada da tensão que sentia.

— Disse que era para eu levá-lo até as caixas-fortes logo mais para apanhar alguns papéis, para por favor deixá-lo entrar, e que não havia necessidade de incomodar Havergill. Mas por que toda essa encenação de capa-e-espada? Por que não usar a porta da frente?

— Deixe disso, Bruce. Ambos sabemos que você tem a autoridade necessária para abrir a caixa-forte para mim.

Johnjohn começou a dizer qualquer coisa, mas mudou de idéia. O diretor-chefe dissera, antes de viajar:

— Faça o favor de reagir favoravelmente a qualquer sugestão de P. B., certo?

P. B. chamava pelo primeiro nome o governador, a maioria dos "super-vips" visitantes, e compartilhava da linha direta do diretor-chefe para o pessoal deles que ainda operava em Xangai e Pequim, secretamente.

— Está certo — disse.

Os passos deles ecoaram no vasto andar principal do banco parcialmente iluminado. Johnjohn cumprimentou um dos guardas-noturnos que fazia a sua ronda, depois apertou o botão do elevador que levava às caixas-fortes, abafando um bocejo nervoso.

— Santo Deus, estou estourado.

— Foi você que arquitetou a compra de controle do Ho-Pak, não foi?

— Foi, sim, mas se não fosse pelo seu golpe fantástico com a General Stores, não creio que o Paul... bem, aquilo ajudou muito. Um golpe fantástico, Ian, se conseguir mesmo realizá-lo.

— Já está no papo.

— Qual o banco japonês que está lhe financiando os dois milhões?

— Por que forçaram o pedido de demissão antecipado de Richard Kwang?

— Hem? — Johnjohn fitou-o sem entender. O elevador chegou. Entraram nele. — O quê?

Dunross explicou o que Phillip Chen lhe contara.

— Isso não é correto. Um diretor do Victoria tendo que assinar um pedido de demissão sem data, como uma operação de dois cents? Não é?

Johnjohn sacudiu a cabeça devagar.

— Não, isso não fazia parte do meu plano. — O cansaço dele sumira. — Posso entender por que está preocupado.

— "Puto da vida" seria a expressão mais apropriada.

— Paul deve ter planejado uma situação em compasso de espera até o chefe voltar. Toda essa operação abre precedentes, portanto dá para você...

— Se eu conseguir o dinheiro do Tiptop para vocês, quero esse papel rasgado, e que Richard Kwang tenha direito a um voto livre.

Após uma pausa, Johnjohn falou:

— Eu o apoiarei no que for razoável... Até o chefe voltar. Então, ele poderá decidir.

— É justo.

— Com quanto o Royal Belgium-First Central está apoiando você?

— Pensei que você tinha falado num banco japonês.

— Ora, qual é, amigão, todo mundo está sabendo. Quanto?

— Bastante, o bastante para tudo.

— Ainda somos donos da maioria dos seus títulos, Ian.

— Não faz diferença — disse Dunross, dando de ombros. — Ainda temos votação majoritária no Victoria.

— Se não conseguirmos o dinheiro da China, o First Central não o salvará de um colapso.

Dunross deu de ombros de novo.

As portas do elevador se abriram. As luzes baixas nas caixas-fortes lançavam sombras duras. A imensa grade diante deles parecia uma porta de cela de prisão para Dunross. Johnjohn destrancou-a.

— Vou demorar uns dez minutos — disse Dunross, com um leve brilho no olhar. — Tenho que achar um determinado documento.

— Está bem. Vou destrancar a sua porta para você... — Johnjohn se deteve, as feições delineadas sob a luz do teto. — Ah, esqueci, você tem a sua chave-mestra.

— Serei o mais rápido que puder. Obrigado.

Dunross entrou na penumbra, dobrou o corredor e foi direto para o grupo mais afastado de cofres individuais. Ao chegar lá, certificou-se de que não tinha sido seguido. Todos os seus sentidos estavam agora aguçados. Enfiou as duas chaves nas fechaduras, que se destrancaram.

Tirou do bolso a carta de Alan que dava os números das páginas especiais espalhadas pelas pastas, depois uma lanterna

elétrica, uma tesoura, e um isqueiro Dunhill a butano que Penelope lhe dera quando ele ainda fumava. Rapidamente, ergueu o fundo falso da caixa de depósito e tirou de Iá as pastas.

"Quem me dera eu pudesse destruí-las agora e acabar com tudo isso", pensou. "Conheço tudo o que há nelas, tudo de importante, mas preciso ser paciente e esperar. Vai chegar a hora em que eles (sejam Iá quem forem, além do sei, da CIA, e da RPC) não estarão mais me seguindo. Aí poderei pegar as pastas em segurança e destruí-las."

Seguindo com grande cuidado as instruções de Alan, acendeu o isqueiro e balançou-o de Iá para cá, por baixo do quadrante inferior direito da primeira página especial. Dali a um momento, uma confusão sem sentido de símbolos, letras e números começou a aparecer. À medida que o calor as fazia surgir, as letras impressas no quadrante começavam a desaparecer. Logo tinham todas desaparecido, e apenas sobrara o código. Cortou com a tesoura cuidadosamente o quadrante e botou a pasta de lado. Alan tinha escrito: "O papel não pode ser relacionado às pastas, tai-pan, nem, creio eu, as informações lidas senão pelas mais altas personalidades do país".

Um ligeiro ruído o sobressaltou, e ele olhou para o lado. Seu coração pulsava em seus ouvidos. Um rato dobrou correndo uma parede de caixas e sumiu. Ele esperou, mas não houve mais perigo.

Dali a um momento, estava calmo de novo. Agora, a pasta seguinte. Novos códigos apareceram, depois que as letras sumiram.

Dunross trabalhava contínua e eficientemente. Quando a chama começou a enfraquecer, estava preparado. Encheu de novo o isqueiro e prosseguiu. Agora, a última pasta. Recortou o quadrado com cuidado e pôs no bolso os onze pedaços de papel, depois recolocou as pastas de volta no seu esconderijo.

Antes de trancar de novo a caixa de depósito bancário, apanhou um título para servir de camuflagem, e colocou-o ao lado da carta de Alan. Nova hesitação. Depois, protegendo com o corpo a carta de Alan, tocou fogo nela. O papel retorceu-se enquanto pegava fogo e queimava.

— O que está fazendo?

Dunross virou-se bruscamente e fitou a silhueta.

— Ah, é você. — Recomeçou a respirar. — Nada, Bruce. Na verdade, é apenas uma antiga carta de amor que nem deveria ter sido guardada.

A chama se apagou, e Dunross transformou as cinzas em pó e espalhou os restos.

— Ian, está encrencado? Muito encrencado? — perguntou Johnjohn suavemente.

— Não, meu velho. É apenas o problema com o Tiptop.

— Tem certeza?

— Tenho. — Com ar cansado, Dunross sorriu para o outro e pegou um lenço para enxugar a testa e as mãos. — Desculpe toda essa trabalheira.

Afastou-se, caminhando com firmeza, seguido por Johnjohn. O portão bateu às costas deles. Dali a um momento, o elevador se abriu e se fechou suavemente, e depois houve o silêncio, quebrado apenas pelas corridas dos ratos e o leve sibilar do ar-condicionado. Uma sombra se moveu. Silenciosamente, Roger Crosse saiu de trás de um grupo alto de caixas e postou-se diante da seção do tai-pan. Sem pressa, pegou uma pequena câmara fotográfica Minox, um flash e um molho de chaves-mestras. Logo o cofre de Dunross estava aberto. Os dedos longos de Crosse acharam o compartimento falso e tiraram de lá as pastas. Muito satisfeito, empilhou-as cuidadosamente, encaixou o flash na abertura apropriada, e, com habilidade e prática, começou a fotografar as pastas, página por página. Quando chegou a uma das páginas especiais, examinou-a, e ao pedaço que faltava. Um sorriso sombrio perpassou pelo seu rosto. Logo a seguir continuou, sem fazer barulho.

Domingo

71

6h30m

Koronski saiu do saguão do Hotel Nove Dragões e chamou um táxi, dando as instruções ao chofer num cantonense passável. Acendeu um cigarro e desabou no banco de trás, dando uma olhada profissional pela vidraça, para ver se não estava sendo seguido, o que era improvável. Na verdade, não havia risco. Seus documentos como Hans Meikker eram impecáveis, seu disfarce esporádico como jornalista estrangeiro de um grupo de revistas da Alemanha Ocidental era real, e visitava Hong Kong freqüentemente, como rotina. Seus olhos o tranqüilizaram. Depois virou-se para olhar o povo, perguntando-se quem deveria ser interrogado por meio de substâncias químicas, e onde. Era um homem baixo, bem-alimentado, de aparência comum, óculos sem aros.

Atrás dele, a cerca de cinqüenta metros, entrando e saindo do tráfego, vinha um Mini pequeno e amassado. Tom Conno-chie, o agente da CIA, estava no banco de trás, e um dos seus assistentes, Roy Wong, dirigia.

— Está indo para a esquerda.

— Estou vendo. Fique calmo, Tom. Está me deixando nervoso, puta que o pariu!

Roy Wong era um americano de terceira geração, formado em literatura, e agente da CIA há quatro anos, designado para Hong Kong. Guiava com perícia, observado atentamente por Connochie, que estava com um aspecto amarfanhado e muito cansado. Ele passara a maior parte da noite acordado, com Rosemont, tentando destrinchar a inundação de instruções, pedidos e ordens altamente sigilosos gerados pelas cartas interceptadas de Thomas K. K. Lim. Pouco depois da meia-noite, um dos seus informantes no hotel lhes dera a dica de que Hans Meikker acabara de se registrar por dois dias, vindo de Bangkok. Havia anos que ele constava da lista deles como um possível risco de segurança.

— Filho da puta! — exclamou Roy Wong, quando, de repente, houve um congestionamento de tráfego na rua estreita e barulhenta próxima ao cruzamento movimentado de Mong Kok.

Connochie enfiou a cabeça pela janela.

— Ele também está fodido, Roy. Uns vinte carros adiante. Dali a pouco, o congestionamento começou a se desfazer, depois piorou

de novo, por causa de um caminhão com excesso de carga. Quando as coisas se normalizaram, a presa havia sumido.

— Merda!

— Dê umas voltas. Talvez a gente tenha sorte e o descubra.

Dois quarteirões adiante, Koronski saltou do táxi e desceu um beco fervilhante de gente, dirigindo-se para outra rua superlotada, outro beco e o cortiço de Ginny Fu. Subiu as escadas sujas até o andar superior. Bateu três vezes numa porta suja. Suslev mandou que entrasse e trancou a porta atrás dele.

— Bem-vindo — disse suavemente, em russo. — Fez boa viagem?

— Sim, camarada comandante, muito boa — replicou Koronski, também falando baixo, por hábito.

— Venha sentar-se.

Suslev indicou uma mesa onde havia café e duas xícaras. A sala era desleixada, com poucos móveis. As janelas, cobertas por persianas sujas.

— O café é bom — falou Koronski, educadamente, achando que era pavoroso, nada que se comparasse ao café à moda francesa das exóticas Bangkok, Saigon e Phnom Penh.

— É o uísque — disse Suslev, a fisionomia dura.

— O Centro ordenou que eu fique à sua disposição, camarada comandante. O que quer que eu faça?

— Há um homem aqui que tem uma memória fotográfica. Precisamos saber o que há nela.

— Onde o cliente deve ser interrogado? Aqui? Suslev sacudiu a cabeça.

— A bordo do meu navio.

— Quanto tempo temos?

— Todo o tempo de que você precisar. Nós o levaremos conosco para Vladivostok.

— É muito importante obter informações de qualidade?

— MUITÍSSIMO.

— Nesse caso, preferiria fazer a investigação em Vladivostok... posso dar-lhe sedativos e instruções especiais que manterão o cliente dócil durante a viagem para Iá, e que começarão o processo de amaciamento.

Suslev repensou o problema. Precisava da informação de Dunross antes de chegar a Vladivostok.

— Não pode vir comigo no meu navio? Zarpamos com a maré, à meia-noite.

Koronski hesitou.

— Recebi ordens do Centro para prestar-lhe assistência, contanto que não arrisque o meu disfarce. Se fosse para o seu navio, isso sem dúvida aconteceria... o navio certamente estará sob vigilância. Se eu sumir do hotel, hem?

Suslev balançou a cabeça, concordando. "Não faz mal", pensou. "Sou um interrogador tão bem treinado quanto Koronski,

embora nunca tenha feito um interrogatório em profundidade com substâncias químicas."

— Como se faz um interrogatório com a ajuda de substâncias químicas?

— É muito simples. Injeções intravenosas de um agente químico que chamamos de Pentothal-V6, duas vezes ao dia, durante dez dias, com intervalos de doze horas... depois que o cliente estiver num estado mental adequado, assustado e desorientado, graças ao método costumeiro de dormir-acordar, seguido por quatro dias de ausência de sono.

— Temos um médico a bordo. Será que ele pode aplicar as injeções?

— Sim, claro. Posso sugerir-lhe que eu escreva o modo de agir e lhe forneça todas as substâncias químicas necessárias? Você fará o interrogatório?

— Sim.

— Se seguir o procedimento estabelecido, não terá problemas. A única coisa séria a lembrar é que, uma vez que o Pentothal-V6 seja administrado, a mente do cliente fica como uma esponja molhada. É preciso muito carinho e um cuidado ainda maior para extrair a quantidade exata de água, a informação, no ritmo

exato, ou então a mente ficará permanentemente danificada, e todas as outras informações perdidas para sempre. — Koronski soltou baforadas do seu cigarro. — É fácil perder um cliente.

— É sempre fácil perder um cliente — falou Suslev. — Qual a eficácia desse Pentothal-V6?

— Tivemos grandes sucessos e alguns fracassos, camarada comandante — replicou Koronski, cautelosamente. — Se o cliente for bem preparado e saudável, estou certo de que terá êxito.

Suslev não respondeu, apenas deixou a mente reexaminar o plano apresentado tão entusiasticamente por Plumm no fim da noite anterior, plano com o qual Crosse concordara relutantemente.

— É uma barbada, Grigóri, tudo está se encaixando. Agora que o Dunross não vai para Taipé, virá à minha festa. Dar-lhe-ei uma bebida drogada, que o fará enjoar pra burro... será fácil fazer com que vá se deitar num dos quartos... a mesma droga o fará dormir. Logo que os outros tiverem ido embora (e a festa vai ser curtinha, das seis às oito), eu o colocarei num baú e o levarei até o carro pela entrada lateral. Quando derem por falta dele, direi que o deixei dormindo no quarto e que não tenho idéia da hora em que ele saiu. Bem, como vamos colocar o baú a bordo?

— Isso não é problema — disse ele. — Mande entregá-lo no barracão 7 do estaleiro de Kowloon. Estamos recebendo todo tipo de suprimentos a granel e mercadorias, já que nossa partida foi

antecipada, e mal se examina o que sai de Hong Kong. — Suslev acrescentara, com divertimento sombrio: — Existe até mesmo um caixão, se precisarmos dele. O corpo de Voranski vem do necrotério as vinte e três horas, uma entrega especial. Filhos da mãe! Por que Nosso Amigo não apanhou os filhos da mãe que o assassinaram?

— Está fazendo o que pode, Grigóri. Está, sim, juro. Logo os apanhará... mas, o que é mais importante, este plano vai funcionar!

Suslev balançou a cabeça, concordando com seus botões. "É, é exeqüível. E se o tai-pan foi interceptado e descoberto? Não sei de nada, Boradinov não sabe de nada, embora seja o responsável, e eu simplesmente zarparei deixando Boradinov levar a culpa, se for necessário. Roger dará cobertura a tudo. Ah, sim", pensou, sombriamente, "dessa vez será o pescoço do Roger no cepo britânico, se eu não tiver cobertura. Plumm tem razão. O seqüestro do tai-pan pelos Lobisomens ajudará a criar o caos completo por algum tempo, sem dúvida com quase nenhum risco... tempo bastante para cobrir o desastre do Metkin e a interceptação das armas."

Ligara para Banastasio naquela noite, para se certificar de que o projeto da Par-Con estava em andamento, e ficou chocado ao saber da reação de Bartlett.

— Mas, sr. Banastasio, o senhor nos garantiu que teria tudo sob controle. O que pretende fazer?

— Pressão, sr. Marshall — disse Banastasio apaziguadamente, usando o pseudônimo pelo qual o conhecia. — Pressão até o fim. Farei a minha parte, o senhor faça a sua.

— Ótimo. Então prossiga com seu encontro em Macau.

Garanto que um carregamento substituto estará em Saigon dentro de uma semana.

— Mas esses palhaços aqui já disseram que não negociarão sem carregamento nas mãos.

— Ele será entregue diretamente aos nossos amigos vietcongues em Saigon. Pode fazer os arranjos que achar necessários para o pagamento.

— Claro, claro, sr. Marshall. Onde vai ficar em Macau? Onde posso entrar em contato com o senhor?

— Estarei no mesmo hotel — dissera-lhe, sem ter intenção de fazer contato. Em Macau, outro controlador com o mesmo pseudônimo cuidaria daquela parte da operação.

Sorriu consigo mesmo. Pouco antes de deixar Vladivostok, o Centro lhe ordenara que fosse o controlador daquela operação

independente, codinome King Kong, que fora montada por um dos aparelhos do KGB em Washington. Só o que ele sabia do plano é que iam mandar armas avançadas, altamente secretas, para os vietcongues em Saigon, através da mala diplomática. Em troca, e em pagamento pela informação, ópio seria entregue a bordo em Hong Kong... a quantidade dependendo do número de armas contrabandeadas.

— Quem bolou isso merece uma promoção imediata — dissera ele ao Centro, encantado, e escolhera o pseudônimo de Marshall por causa do general Marshall e seu plano, que todos sabiam havia arruinado a tomada imediata e total da Europa pelos soviéticos, no final dos anos 40. "Esta é a nossa vingança, o nosso Plano Marshall ao contrário", pensou.

Abruptamente, riu em voz alta. Koronski esperou, atentamente, calejado demais para perguntar o que havia de tão divertido. Mas, sem pensar, analisara a risada. Havia medo nela. O medo era contagioso. Gente com medo comete erros. Erros prendem inocentes em armadilhas.

"É", pensou, inquieto, "esse homem cheira a covardia. Mencionarei o fato no meu próximo relatório, mas delicadamente, para o caso de ele ser importante."

Ergueu os olhos e viu que Suslev o observava, e perguntou-se, nauseado, se o homem lera os seus pensamentos.

— Sim, camarada comandante?

— Quanto tempo vai demorar para escrever as instruções?

— Alguns minutos. Posso fazê-lo agora, se desejar, mas terei que voltar ao hotel para pegar as substâncias químicas.

— Quantos tipos diferentes deverão ser usados?

— Três: um para fazer dormir, outro para acordar, e o último, o Pentothal V6. A propósito, ele deve ser mantido em temperatura baixa até ser usado.

— Apenas o último é aplicado na veia?

— É.

— Ótimo, então anote tudo. Agora. Tem papel? Koronski fez que sim, e tirou um pequeno caderno de

notas do bolso da calça.

— Prefere em russo, inglês, ou taquigrafia?

— Russo. Não há necessidade de escrever a técnica de acordar-dormir-acordar. Eu a usei muitas vezes. Só a última fase, e não cite nominalmente o Pentothal-V6, chame-o apenas de remédio. Compreendeu?

— Perfeitamente.

— Ótimo. Quando tiver acabado, coloque-o ali. — Indicou uma pequena pilha de jornais usados sobre o sofá comido de traças. — Ponha-o no segundo de cima para baixo. Apanharei depois. Quanto às substâncias químicas, há um banheiro de homens no andar térreo do Hotel Nove Dragões. Prenda-as com adesivo à parte de dentro da tampa, no último reservado da direita... e por favor, esteja no seu quarto às nove da noite, para o caso de eu precisar de algum esclarecimento. Está claro?

— Sem dúvida.

Suslev se levantou. Imediatamente Koronski fez o mesmo, estendendo-lhe a mão.

— Boa sorte, camarada comandante.

Suslev fez um sinal de cabeça cortês, apropriado a um inferior, e se retirou. Foi até o fim do corredor, atravessou uma porta empenada e subiu uma escada até o telhado. Sentiu-se melhor ao ar livre. O cheiro do quarto e o cheiro de Koronski o haviam desagradado. O mar o chamava, o oceano amplo e limpo, o cheiro de algas marinhas. "Será bom estar novamente no mar, longe da terra. O mar, o oceano e o navio mantêm a sanidade da gente."

Como a maioria dos telhados em Hong Kong, aquele estava lotado das mais diversas moradias improvisadas, o espaço alugado... a única alternativa para as encostas de lama superlotadas de favelas que ficavam nos Novos Territórios e nas colinas de Kowloon ou Hong Kong. Cada centímetro de espaço na cidade fora ocupado havia muito pelo vasto fluxo de imigrantes. A maioria das favelas era ilegal, como todas as moradias nos telhados, e conquanto as autoridades as proibissem e deplorassem, essas transgressões eram sabiamente ignoradas, pois para onde mais iriam aqueles infelizes? Não havia esgotos, água, nem a mais elementar higiene, mas ainda era melhor do que nas ruas. Do alto dos telhados, o método de se desfazer das coisas era arremessá-las para baixo. Os yan de Hong Kong sempre caminhavam no centro da rua, e nunca na calçada, mesmo que houvesse uma.

Suslev foi se abaixando por sob os varais de roupa, pisando o lixo trazido pelo mar, indiferente às obscenidades automáticas que o acompanhavam, divertindo-se com os molecotes que corriam à sua frente, gritando "Quai loh... quai loh!", rindo juntos, estendendo as mãos. Ele era yan de Hong Kong demais para dar-lhes algum dinheiro, embora sua pobreza e bom humor o emocionassem; assim, apenas xingou-os cordialmente e tocou de leve algumas cabeças tosadas.

No outro extremo do telhado, a entrada para o cortiço de Ginny Fu se projetava como um funil antigo. A porta estava entreaberta. Ele desceu.

— Alô, Gregy — falou Ginny Fu, ofegante, abrindo a porta da frente para ele. Estava vestida como ele mandara, num traje desmazelado de cule, com um grande chapéu de palha cônico descendo-lhe pelas costas, o rosto e as mãos sujos. — Que tal estou? Como artista de cinema, heya?

— Greta Garbo em pessoa — disse ele, com uma risada, enquanto ela corria para os seus braços e lhe dava um grande abraço.

— Quer mais "fuque-fuque" antes de partirmos, heya?

— Niet. Tempo de sobra nas próximas semanas. De sobra, heya? — Pousou-a no chão. Dormira com ela de madrugada, mais para provar sua virilidade do que por desejo. "Esse é o problema", pensou. "Não há desejo. Ela é enfadonha." — Bem, você entendeu o plano, heya?

— Oh, sim — disse ela, com imponência. — Vou até o barracão 7 e junto-me aos cules, carrego os fardos para navio. No navio, vou para a porta em frente à escada, entro e dou papel. — Tirou-o do bolso para mostrar que estava em segurança. No papel estava escrito em russo "cabine 3". Boradinov a estaria esperando.

— Na cabine 3 posso usar banheiro, vestir roupas que você comprou, e esperar. — Outro grande sorriso. — Heya?

— Excelente!

As roupas tinham sido baratas, e comprá-las evitava levar bagagem. Era muito mais simples sem bagagem. Bagagem chamaria a atenção. Nada sobre ela devia ser notado.

— Certeza não precisa levar nada, Gregy? — perguntou, ansiosa.

— Não, só maquilagem, coisas de mulher. Tudo no bolso, compreendeu?

— Claro — respondeu, altiva. — Sou idiota?

— Ótimo. Então pode ir indo. Mais uma vez ela o abraçou.

— Ah, obrigado férias, Gregy... vou ser melhor do mundo — falou, e foi embora.

O encontro com Koronski dera-lhe fome. Foi até a geladeira velha e achou os chocolates que buscava. Comeu um deles, depois

acendeu o fogão e começou a fritar uns ovos. Sua ansiedade começou a voltar. "Não se preocupe", ordenou a si mesmo. "O plano vai dar certo, você porá as mãos no tai-pan, e tudo será rotina no quartel-general da polícia.

"Deixe essas coisas de lado. Pense na Ginny. Talvez no mar não seja tão enfadonha. Ela ocupará as noites, algumas noites. O tai-pan, os dias, até atracarmos. A essa altura ele estará vazio, ela desaparecerá numa nova vida, esse perigo terá deixado de existir para sempre, e eu irei para a minha dacha, onde a diaba da Zergueiev estará esperando, e nós brigaremos, e ela me dirá todos os palavrões até que eu perca a paciência, e lhe arranque as roupas do corpo, talvez use o chicote de novo, e ela lutará e lutará até que eu entre nela à força e goze, goze levando-a comigo às vezes, Khristos, como eu adoraria que fosse sempre. Depois dormir, sem saber quando ela me matará enquanto durmo. Mas ela já foi avisada. Se alguma coisa me acontecer, meus homens a entregarão aos leprosos no leste de Vladivostok, com o resto da família dela."

O rádio deu o noticiário das sete em inglês:

"Bom dia. Aqui fala a Rádio Hong Kong. Espera-se mais chuva forte. O Victoria Bank confirmou oficialmente que assumirá todas as dívidas dos clientes do Ho-Pak, e pede a estes que façam fila pacificamente se necessitarem do dinheiro na segunda-feira.

"Durante a noite houve numerosos deslizamentos de terra e lama por toda a colônia. Os lugares mais atingidos foram as favelas acima de Aberdeen, Sau Ming Ping, e Sui Fai Terrace, em Wanchai, onde seis grandes deslizamentos de terra afetaram prédios naquela

área. Ao todo, trinta e três pessoas pereceram, e teme-se que ainda haja muitas outras soterradas.

"Não há nenhuma novidade quanto ao brutal assassinato e seqüestro do sr. John Chen pela quadrilha dos Lobisomens. Foram oferecidas recompensas de cem mil dólares por informações que conduzam à sua captura.

"Notícias de Londres confirmam que as colheitas deste ano na URSS fracassaram novamente..."

Suslev não ouviu o resto do noticiário. Sabia que as notícias de Londres eram verdadeiras. Previsões altamente secretas do KGB haviam revelado que as colheitas ficariam mais uma vez abaixo do que era necessário até para a subsistência.

"Khristos, por que diabo não conseguimos nos alimentar?", tinha vontade de gritar, tendo visto de perto a fome, a intumescência e as dores, além das histórias pavorosas que o pai e a mãe lhe tinham contado.

"Então vai haver a fome mais uma vez, mais uma vez o apertar dos cintos, ter que comprar trigo do exterior, usando a nossa moeda estrangeira ganha a duras penas, nosso futuro em perigo, perigo terrível, a comida o nosso calcanhar-de-aquiles. Nunca o bastante. Nunca técnicos, tratores, fertilizantes ou dinheiro bastante, todo o dinheiro de verdade indo para armas, exércitos, aeroplanos e navios, em primeiro lugar, muito mais importante ficarmos fortes o

bastante para nos protegermos dos porcos capitalistas e dos porcos revisionistas chineses e levarmos a guerra até eles, destruindo-os antes que nos destruam, mas nunca comida o bastante para nós e para nossos Estados-tampão: os Bálcãs, a Hungria, a Tchecoslováquia, a Polônia, a Alemanha Oriental, as terras bálticas. Por que é que aqueles filhos da mãe podem alimentar-se, na maioria das vezes? Por que é que falsificam os dados relativos a suas colheitas e nos tapeiam, mentem e roubam de nós? Nós os protegemos, e o que fazem? Amarram a cara e nos odeiam, e no entanto, sem nossos exércitos e o KGB para manterem os dissidentes revisionistas nojentos na linha, eles fomentariam rebeliões (como na Alemanha Oriental e Hungria) e virariam as massas estúpidas contra nós.

"Mas a fome causa revolução. Sempre. A fome sempre fará com que as massas se sublevem contra o governo. Então, o que poderemos fazer? Mantê-los acorrentados (a todos) até esmagarmos os Estados Unidos e o Canadá e tomarmos conta dos seus trigais. Então, nosso sistema duplicará a colheita deles.

"Não se tente enganar", falou consigo mesmo, agoniado. "Nosso sistema agrícola não funciona. Nunca funcionou. Um dia funcionará. Nesse meio tempo, não conseguimos nos alimentar. Aqueles lavradores de merda, sem mãe, deviam..."

— Pare com isso — resmungou Suslev, em voz alta —, você não é responsável, o problema não é seu. Cuide dos seus próprios problemas e tenha fé no partido e no marxismo-leninismo.

Os ovos já estavam prontos, e ele preparou torradas. A chuva fustigava as janelas abertas. Cessara havia uma hora a torrente que durara a noite inteira, mas do outro lado da rua e acima do cortiço do lado oposto havia nuvens escuras. "Vem mais chuva por aí", pensou, "muito mais. Nesta droga de lugar ou há a maldita seca ou a maldita enchente!" Uma rajada de vento fustigou um dos barracos improvisados de papelão ensopado no telhado, fazendo com que desabasse. Imediatamente tiveram início os consertos estóicos, crianças que mal conseguiam andar já ajudando.

Com mãos hábeis, apreciando a ordem, ele arrumou um lugar para si à mesa, cantarolando ao compasso da música do rádio. "Está tudo jóia", tranqüilizou-se. "Dunross irá à festa, Koronski fornecerá os meios, Plumm, o cliente, Roger, a proteção, e só o que tenho a fazer é ir ao qg da polícia por cerca de uma hora, depois voltar calmamente para o meu navio. Com a maré da meia-noite, mando Hong Kong à merda, deixando os Lobisomens a enterrar os mortos..."

Os cabelos da sua nuca ficaram todos arrepiados ao ouvir a sirene de um carro de polícia que se aproximava. Ficou paralisado. Mas a sirene continuou o seu caminho. Logo o ruído desapareceu. Estoicamente, sentou-se e começou a comer. E então o telefone secreto tocou.

72

7h30m

O pequeno helicóptero Bell sobrevoou a cidade, logo abaixo da cerração, e continuou subindo as encostas para ultrapassar o funicular do Pico e os múltiplos prédios altos que pontilhavam os morros íngremes. Agora, o helicóptero estava quase na camada inferior das nuvens.

Cuidadosamente, o piloto subiu mais trinta metros, diminuiu a velocidade e ficou pairando, depois viu a pista de pouso nublada nos terrenos da Casa Grande, perto de um grande jacarandá. Imediatamente, baixou para aterrar. Dunross já estava à espera. Abaixou-se para evitar as hélices em movimento, entrou no lado esquerdo do aparelho e colocou o cinto de segurança e os fones de ouvido.

— Bom dia, Duncan — cumprimentou, ao microfone. — Pensei que não fosse conseguir chegar até aqui.

— Nem eu — falou o homem mais velho, e Dunross ajustou o volume do fone de ouvido, para escutar melhor. — Duvido que consigamos voltar, tai-pan. A cerração está baixando muito depressa de novo. Melhor irmos logo, se é que vamos. Assuma o controle.

— Lá vamos nós.

Suavemente, a mão esquerda de Dunross torceu a garra do acelerador, inverteu suavemente a marcha e levantou a alavanca, enquanto a mão direita movia a alavanca de controle para a direita, para a esquerda, para a frente, para trás, fazendo um circulozinho suave, tateando e buscando o bolsão de ar que estava se formando direitinho... a mão esquerda controlando a velocidade, a subida ou a descida, a direita, a direção, os pés nos pedais do leme de direção, mantendo firme o aparelho instável, impedindo a força de torção. Dunross adorava dirigir helicópteros. Era um desafio muito maior do que pilotar aviões de asas fixas. Exigia muito mais concentração e perícia, e ele esquecia seus problemas enquanto voava, purificando-se. Mas raramente voava sozinho. O céu era para os profissionais ou para aqueles que voavam diariamente. Por isso ele sempre tinha um piloto-instrutor ao lado, mas a presença do outro homem não empanava o seu prazer.

Suas mãos sentiram o bolsão aumentando, e logo o helicóptero ergueu-se do chão alguns centímetros. Instantaneamente, ele corrigiu o leve desvio para a direita, causado por uma rajada de vento. Verificou os instrumentos, atento aos perigos, olhar já fora, ouvidos atentos à música do motor. Quando tudo estava estável, aumentou a inversão; enquanto erguia a

alavanca esquerda, moveu a alavanca de controle um pouco para a frente e para a esquerda, compensando com os pés, e fez uma curva derrapante para a esquerda, ganhando altura e velocidade para descer montanha abaixo.

Logo que o aparelho se estabilizou, ele apertou o botão de transmissão da alavanca de controle, comunicando-se com o controle de tráfego aéreo em Kai Tak.

— Cuidado com a ré — disse Mac.

— Pronto. Desculpe.

Dunross corrigiu uma fração depressa demais, e se xingou, depois colocou o helicóptero em posição direitinho, voando macio, a trezentos metros acima do nível do mar, dirigindo-se para o outro lado da baía, para Kowloon, os Novos Territórios e a área da subida do morro.

— Vai mesmo subir o morro, tai-pan?

— Duvido, Duncan — falou ao microfone. — Mas queria dar o nosso passeio, de qualquer maneira. Há uma semana que espero por ele.

Duncan MacIver dirigia o pequeno negócio de helicópteros do aeroporto. A maior parte do seu comércio era local, especialmente pesquisas encomendadas pelo governo. Às vezes a polícia o contratava, ou o Corpo de Bombeiros, ou a alfândega. Era um homem baixo, antigo membro da raf, com um rosto vincado, olhos muito amplos e vivos, que se moviam constantemente.

Logo que Dunross estabilizou o aparelho, MacIver inclinou-se para a frente e colocou círculos de papelão sobre os instrumentos, para forçar Dunross a voar apenas pelo tato e pelo ouvido, para escutar a arfagem e o tom; mais devagar significava que o motor estava dando mais de si, que estavam subindo — cuidado para não perder velocidade —, e mais depressa significava que estavam mergulhando, perdendo altitude.

— Tai-pan, olhe só para Iá. — MacIver apontou para a cicatriz que cortava uma das encostas logo antes de Kowloon; abria uma trilha por uma das imensas favelas. — Há deslizamentos de terra por toda parte. Ouviu o noticiário das sete?

— Ouvi.

— Deixe-me pegar o controle um minuto.

Dunross tirou as mãos e os pés dos controles. MacIver deu um lindo mergulho para chegar mais perto da favela e examinar os estragos. Eram grandes. Talvez duzentos barracos estivessem espalhados e soterrados. Outros, junto ao deslizamento, estavam

agora mais precários do que antes. A fumaça dos incêndios que sempre acompanhavam os deslizamentos ainda pairava como uma cortina.

— Meu Deus! Que coisa terrível!

— Acordei de madrugada hoje. O Corpo de Bombeiros me pediu que os ajudasse na Colina Três, acima de Aberdeen. Há dois dias houve um deslizamento ali, e uma criança quase ficou soterrada. Ontem à noite houve novo desabamento no mesmo local. Muito perigoso. A área atingida mede sessenta metros por quinze, mais ou menos. Uns duzentos ou trezentos barracos sumiram, mas houve apenas dez mortos... uma sorte danada! — Maclver sobrevoou em círculo por um momento, tomou nota num bloquinho, depois levou o helicóptero de volta para a altitude e curso anteriores. Assim que ele ficou firme e estabilizado, falou: — É todo seu.

Dunross reassumiu os controles.

Sha Tin vinha surgindo no horizonte, no lado direito. Quando estavam perto, Maclver tirou as coberturas de papelão dos instrumentos.

— Ótimo — falou, verificando a leitura dos instrumentos. — Precisos.

— Teve algum serviço interessante, ultimamente?

— Tudo a mesma coisa. Tenho um voo marcado para Macau, amanhã de manhã, se o tempo permitir.

— Lando Mata?

— Não, um americano chamado Banastasio. Cuidado com a ré! Olhe, Já está o nosso destino.

A aldeia pesqueira de Sha Tin ficava perto de pistas que levavam aos morros onde se realizaria a subida. O percurso consistia em uma tosca estrada de terra batida, aberta na encosta da montanha. No sopé das colinas havia alguns carros, alguns sobre reboques, e equipamentos de reboques, mas quase nenhum espectador. Normalmente haveria centenas, na maioria europeus. Era a única competição de carros na colônia. A lei britânica proibia o uso de qualquer parte do sistema público de rodovias para corridas, e esse era o motivo pelo qual o Grand Prix amador anual em Macau fora organizado conjuntamente pelo Clube de Carros Esporte e Rali de Hong Kong e o Conselho Municipal Português. No ano passado, Guillo Rodríguez, da polícia de Hong Kong, vencera a corrida de sessenta voltas em três horas e vinte e seis minutos, a uma velocidade média de cento e quinze quilômetros horários, e Dunross, guiando um Lotus, e Brian Kwok, num Jaguar modelo E emprestado, disputavam palmo a palmo um segundo lugar, até que um pneu de Dunross estourou, fazendo-o entrar a toda na Curva do Pescador, e quase o matou no mesmo lugar em que o seu motor estourara, em 59, um ano antes de se tornar tai-pan.

Dunross agora se concentrava no pouso, sabendo que estariam sendo observados.

O helicóptero estava alinhado, a ré na posição correta para a descida, o vento à frente e à direita, rodopiando um pouco enquanto se aproximavam do chão. Dunross segurou o aparelho meticulosamente. No local exato, ele corrigiu o rumo e parou, pairando, em controle total. Depois, mantendo tudo coordenado, soltou o acelerador, oh, tão de leve, erguendo a alavanca esquerda para mudar a arfagem das hélices a fim de amaciar a aterragem. As sapatas de pouso tocaram o chão. Dunross desacelerou completamente e baixou suavemente a alavanca até o fundo. Fora um dos melhores pousos que já fizera.

Maclver não falou nada, nem lhe fez um belo elogio, fingindo que era sempre assim, e observou enquanto Dunross iniciava o processo de desligamento.

— Tai-pan, por que não deixa que eu acabe para o senhor? — disse. — Aqueles sujeitos parecem um tanto ansiosos.

— Obrigado.

Dunross manteve a cabeça abaixada e dirigiu-se ao grupo que vestia capas impermeáveis, os pés afundados na lama.

— Bom dia.

— Está terrível, tai-pan — falou George T'Chung, o filho mais velho de Shitee T'Chung. — Tentei experimentar com o meu carro, e ele atolou na primeira curva. — Apontou para a pista. O modelo E estava atolado, com um dos pára-lamas curvado. — Vou ter que arranjar um trator.

Novas gotas de chuva os molharam.

— Uma droga duma perda de tempo — falou Don Nikklin com azedume. Era um homem baixo e belicoso, de vinte e muitos anos. — Devíamos tê-la cancelado ontem.

"É verdade", pensou Dunross, satisfeito, "mas aí eu não teria tido a desculpa de voar, e o extremo prazer de vê-lo, aqui, com a sua manhã desperdiçada."

— Todos concordaram em tentar hoje. Era arriscado, mas concordaram — disse Dunross, suavemente. — Você estava presente. Seu pai também, não foi?

— Sugiro formalmente que a adiemos — disse McBride, apressadamente.

— Aprovado.

Nikklin voltou para o seu caminhão de quatro rodas novinho, com o seu Porsche envenenado sob uma cobertura de oleado.

— Sujeito simpático — comentou alguém.

Ficaram olhando enquanto Nikklin pôs o caminhão em movimento e se afastou com grande perícia na estrada de terra perigosa, passando pelo helicóptero, com o motor morrendo e as hélices parando de girar.

— Uma pena que ele seja um merda tão grande — falou alguém. — É um excelente motorista.

— Que Macau chegue logo, hem, tai-pai? — falou George T'Chung com uma risada, a voz aristocrática, o sotaque de internato inglês.

— É — disse Dunross, a voz cortante, louco para que novembro chegasse, para derrotar Nikklin de novo. Vencera-o três vezes, em seis tentativas, mas jamais vencera o Grand Prix. Os carros nunca eram fortes o bastante para agüentar o seu pé direito pesado. — Por Deus, desta vez vou vencer.

— Ah, não vai, não, tai-pan. Este ano é meu! Tenho um Lotus 22, um barato! Meu velho pagou tudo. Vai ver a traseira do meu carro nas sessenta voltas!

— Vou, uma ova! O meu novo modelo. E vai... Dunross se deteve. Um carro de polícia vinha deslizando e derrapando no lodaçal, aproximando-se dele. "Por que o Sindors veio tão cedo?", pensou, o estômago se contraindo. Dissera meio-dia. Involuntariamente, a mão se moveu para verificar se o envelope estava em segurança no bolso. Seus dedos o tranquilizaram.

Na véspera, quando retornara ao escritório de P. B. White, pegara novamente os onze pedaços de papel e os examinara à luz. Os códigos não tinham sentido para ele. "Ainda bem", pensou. Depois, fora até a máquina copiadora que estava ao lado da mesa de tampo de couro, e fizera duas cópias de cada página. Colocou cada grupo num envelope separado e lacrou-os. Num deles escreveu: "P. B. White — por favor, entregue isso ao tai-pan da Struan, sem abrir". Este, pôs num livro que escolheu ao acaso nas prateleiras, recolocando-o com grande cuidado. Seguindo as instruções de Alan, marcou o segundo com um G para Riko Gresserhoff, e colocou-o no bolso. Lacrou os originais noutro envelope e também o guardou no bolso. Com uma verificação final de que a porta secreta estava ajustada no seu lugar, destrancou a porta e foi embora. Dali a alguns minutos, ele e Gavallan saíram com Casey e Riko, e, embora tivesse havido muitas oportunidades para entregar a Riko o seu envelope particularmente, resolvera que era melhor esperar até que os originais tivessem sido entregues.

"Será que devo entregar ao Sindere os originais agora ou ao meio-dia?", perguntara-se, observando o carro da polícia. O carro parou. O inspetor-chefe Donald C. C. Smyth saltou. Nem Sindere nem Crosse estavam com ele.

— Bom dia — cumprimentou Smyth polidamente, tocando o quepe com o bastão, o outro braço ainda na tipóia. — Com licença, sr. Dunross, foi o senhor que alugou o helicóptero?

— Foi, sim, inspetor-chefe — disse Dunross. — O que houve?

— Estou com um probleminha lá embaixo na estrada, e vi o senhor chegar. Será que pode nos emprestar MacIver e o aparelho por uma hora... ou, se o senhor vai voltar agora, talvez pudéssemos usá-lo depois.

— Sem dúvida. Já estou de saída. A subida do morro foi cancelada.

Smyth lançou um olhar à pista aberta na montanha e ao céu e soltou um resmungo.

— Diria que foi uma medida sensata, senhor. Pode apostar que alguém iria sair ferido. Será que posso dar uma palavrinha ao MacIver?

— Claro. Não é nada sério, espero.

— Não, absolutamente. Mas é interessante. As chuvas desenterraram dois cadáveres na mesma área em que o corpo de John Chen foi encontrado.

Os outros se aproximaram.

— Os Lobisomens? — perguntou George T'Chung, chocado,
— Mais vítimas de seqüestro?

— Supomos que sim. Os dois eram jovens. Um deles teve a cabeça esmagada, e o outro, pobre sacana, metade da cabeça cortada fora, aparentemente com uma pá. Os dois eram chineses.

— Meu Deus! — exclamou o jovem George T'Chung, quase sem cor.

Smyth balançou a cabeça, com azedume.

— Não ouviram falar de nenhum filho rico que tenha sido seqüestrado, ouviram?

Todos fizeram que não com a cabeça.

— Não estou surpreso — disse Smyth. — É uma burrice da parte das famílias das vítimas negociarem com os seqüestradores e ficarem caladas. Infelizmente, os cadáveres foram descobertos por gente local, portanto haverá manchetes até hoje à noite, daqui até Pequim.

— Quer levar os corpos de volta de helicóptero?

— Ah, não, tai-pan. Tenho pressa de trazer para cá alguns peritos do DIC para revistarem a área antes que as chuvas voltem. Precisamos tentar identificar os coitados. O senhor pode partir imediatamente?

— Sim, sem dúvida.

— Obrigado. Desculpe o incômodo. Uma pena o que houve com Noble Star. Mas apostarei a minha bolada no senhor no sábado.

Smyth fez um gesto cortês de cabeça e se afastou. George T'Chung estava francamente nervoso.

— Somos todos alvos para aqueles filhos da mãe, os Lobisomens. Você, eu, o meu velho, qualquer um. Pombas, como

poderemos proteger-nos contra eles?

Ninguém lhe respondeu. A seguir, Dunross disse, com uma risada:

— Não há motivo para se preocupar, meu velho. Somos todos invioláveis.

73

10h01m

O telefone tocou na penumbra do quarto. Bartlett acordou, estremunhado.

— Alô?

— Bom dia, sr. Bartlett, aqui fala Claudia Chen. O tai-pan mandou perguntar se o senhor vai precisar do carro para alguma coisa.

— Não, não, obrigado. — Bartlett olhou para o relógio.

— Meu Deus! — resmungou em voz alta, espantado por ter dormido tanto. — Obrigado, obrigado, Claudia.

— A viagem para Taipé foi marcada para a outra sexta-feira, a partida na sexta e a volta na segunda ao meio-dia. É conveniente para o senhor?

— É, é, claro.

— Obrigada.

Bartlett desligou e recostou-se por um momento, despertando de vez. Espreguiçou-se gostosamente, feliz por não ter que fazer nada às pressas, curtindo o raro prazer de ser apenas um pouquinho preguiçoso.

Às quatro horas da madrugada pendurara o cartaz de "Não perturbe" na porta, desligara os telefones até as dez horas e fora dormir. Na noite anterior, Orlanda o levara até Aberdeen, onde alugara um Barco do Prazer. Tinham vagado pelos canais, a chuva tornando mais aconchegante a cabine coberta, o braseiro aquecendo, a comida quente e condimentada.

— Em Xangai cozinhamos com alho, pimenta-malagueta, pimentões e todo tipo de condimentos — ela lhe dissera, servindo-o, os pauzinhos uma extensão delicada de seus dedos.

— Quanto mais para o norte se vai, mais picante a comida, menos arroz se come, e mais pão e talharim. No norte come-se trigo, só na parte sul da China é que se come arroz, Linc. Mais?

Ele comera bem e tomara a cerveja que ela trouxera consigo. A noite fora feliz para ele, o tempo passando sem que percebessem, enquanto ela o regalava com histórias da Ásia e de Xangai, a mente hábil e alerta. Depois, mais tarde, a chuva batendo no toldo, os pratos retirados, os dois deitados lado a lado nas almofadas, dedos entrelaçados, ela dissera:

— Linc, desculpe, mas eu o amo. Ele fora pego de surpresa.

— Não precisa pedir desculpas — dissera, não estando ainda pronto para responder adequadamente.

— Ah, mas preciso, sim. Isso complica as coisas, complica muito as coisas.

"É", pensou ele. "É tão fácil para uma mulher dizer 'Eu o amo', e tão difícil para um homem, tão insensato para um homem, pois você fica amarrado. Esta é a palavra certa?" Novamente, não encontrou resposta.

Agora, deitado na cama, a cabeça apoiada nos braços, ficou rememorando a noite. Tocando e largando, depois as mãos se buscando, as dele e as dela, mas sem nada concluir. Não que ela o

impedisse ou detivesse. Ele simplesmente se con-tivera. Definitivamente.

— Você nunca agiu assim antes — murmurou em voz alta. — Quando deixava uma garota excitada, ia até o fim. — Desejou ter ido, lembrando do quanto se haviam desejado. Mas as palavras "Não sou transa para uma noite, nem uma vagabunda eurásiana" ecoaram em seus ouvidos.

No táxi, indo para a casa dela, não se haviam falado, apenas ficado de mãos dadas. "Essa é a parte mais cretina", pensou, sentindo-se idiota, infantil, "apenas de mãos dadas. Se alguém tivesse me dito há um mês, há uma semana, que me contentaria com isso, teria dito que era um imbecil e apostado nisso.

"Dinheiro. Tenho mais do que o bastante para mim e Orlanda. Mas, e quanto a Casey? E à Par-Con? As primeiras coisas em primeiro lugar. Vejamos se Casey me fala do Murtagh e por que 'moitou' essa transação. Gornt? Gornt ou Dunross? Dunross tem classe, e se Banastasio está contra ele, isso já é um grande voto de confiança."

Depois que contara a Armstrong a teoria deles sobre o Banastasio, Armstrong dissera:

— Vamos ver o que conseguimos descobrir, embora as credenciais do sr. Gornt sejam absolutamente impecáveis na colônia. Pode ficar descansado que Vincenzo Banastasio vai figurar no topo

da nossa lista negra. Mas não é nos Estados Unidos que ele constitui uma verdadeira ameaça?

— Ah, é, sim. Mas já falei com Rosemont e...

— Ótimo. Fez muito bem. Ele é um bom homem. Esteve com Ed Langan?

— Não. Ele também é da CIA?

— Nem sei se, oficialmente, o sr. Rosemont o é, sr. Bartlett. Deixe comigo. Ele teve alguma sugestão a fazer sobre as armas?

— Não.

— Bem, não se preocupe. Passarei sua informação adiante e entrarei em contato com ele... é realmente muito bom.

Um pequeno tremor percorreu Bartlett. "Terá que ser mesmo muito bom para acertar a Máfia, se é que o Banastasio é realmente da Máfia."

Estendeu a mão para o telefone e ligou para o número do quarto de Casey. Não atenderam. Então ele ligou para a recepção,

pedindo os seus recados. O encarregado disse que tudo já havia sido colocado sob sua porta.

— Quer que mandemos subir seus telegramas e telex?

— Claro, obrigado. Algum recado da parte de Casey Tcholock?

— Não, senhor. —• Obrigado.

Saltou da cama e foi até a porta. Entre os recados telefônicos, havia um envelope. Reconheceu a letra dela. Todos os recados eram comerciais, exceto um deles: "O sr. Banastasio ligou. Por favor, responda ao telefonema". Bartlett deixou o recado de lado. Abriu o envelope de Casey. O bilhete fora escrito às nove e quarenta e cinco e dizia: "Oi, Linc... não quis atrapalhar seu sono gostoso... volto lá pelas seis. Divirta-se!"

"Para onde será que ela foi?", perguntou-se distraidamente.

Pegou o telefone para ligar para Rosemont, mas mudou de idéia e ligou para Orlanda. Ninguém atendeu. Discou de novo. O telefone tocava e tocava, sem parar.

— Merda! — exclamou, afastando o seu desapontamento. "Vocês combinaram almoçar juntos, então por que está tão chateado? Vão tomar um misto de café e almoço aqui no alto do Vic, com tempo de sobra para ficarem juntos, a refeição de domingo no lugar onde 'a nata vem almoçar, Linc. Ah, é formidável, o bufê quente e frio é o sucesso da Ásia. O melhor possível!'" "

— Meu Deus, com tanta comida, na semana que vem estarei pesando uma tonelada!

— Não você, nunca, nunca, nunca. Se quiser, podemos fazer uma longa caminhada, ou, quando a chuva parar, jogaremos tênis. Faremos o que você quiser! Ah, Linc, eu o amo tanto...

Casey estava apoiada na amurada do cais de Kowloon, no meio do povo. Usava calças caqui e uma blusa de seda amarela, que revelavam o seu corpo sem exibi-lo, um suéter de caxemira combinando amarrado descuidadamente em torno do pescoço, tênis, e na bolsa grande levava um maio... "Não que vá precisar dele hoje", pensou, o Pico envolto em nuvens até Mid Levels, o céu quase negro a leste, e uma linha pesada de ventania e chuva quase tocando a ilha. Um pequeno helicóptero passou sobrevoando para cruzar o porto na direção da zona central. Viu quando ele pousou num dos prédios. "Não é o Edifício Struan? Claro que sim. Será que o Ian está lá?"

"Será que a subida do morro vai ser realizada? Ontem à noite ele disse que seria cancelada, mas que alguns deles poderiam fazê-la, de qualquer jeito."

Então, seus olhos depararam com a lancha a motor que se aproximava. Era grande, cara, as linhas esguias, uma insígnia vermelha na popa, uma flâmula colorida no mastro. Ela enxergou Gornt ao leme. Vestia-se informalmente, as mangas da camisa enroladas, calças de lona, o cabelo negro despen-teado pela brisa do mar. Ele acenou, e ela retribuiu o aceno. Havia outros na ponte do convés principal: Jason Plumm, que conhecera nas corridas, Sir Dunstan Barre, que conhecera na casa do tai-pan... usava um elegante blazer azul e calças brancas, e Pugmire estava igualmente vestido de acordo.

Gornt encostou a embarcação pesada com habilidade, as defensas para fora, dois marinheiros de convés segurando as varas com gancho. Ela se dirigiu ao longo do embarcadouro na direção dos degraus molhados e escorregadios. Cinco moças chinesas já esperavam no cais, vestidas alegremente em roupas esportivas, rindo, tagarelando e acenando. Enquanto Casey observava, saltaram desajeitadamente para dentro do barco, ajudadas por um marinheiro, e chutaram para longe seus sapatos de salto alto. Uma se dirigiu para Barre, outra para Pugmire e a outra para Plumm, como velhas amigas; as outras duas foram alegremente para baixo.

"Putá que o pariu!", pensou ela, enojada. "É uma dessas festinhas." Começou a virar-se para ir embora quando viu Gornt debruçado sobre a amurada, observando-a.

— Alô, Casey, lamento quanto à chuva, suba a bordo!

A embarcação mergulhava e rodopiava no mar revolto, as ondas batendo nos degraus e no casco.

— Pode subir, é seguro — chamou ele. Reagindo imediatamente ao que considerou um desafio, ela desceu os degraus rapidamente, recusou a ajuda do marinheiro, esperou pelo momento correto e saltou. — Você agiu como se já tivesse estado a bordo de um iate antes — disse Gornt com admiração, vindo recebê-la. — Bem-vinda a bordo do Sea Witch.

— Eu gosto de velejar, Quillan, mas acho que talvez esteja meio deslocada aqui.

— É? — Gornt franziu o cenho, e ela não percebeu nenhum desafio ou implicância na expressão dele. — Está se referindo às garotas?

— Estou.

— São apenas convidadas dos meus convidados. — Os olhos dele a fitaram, penetrantes. — Pensei que quisesse ser tratada com igualdade.

— Como?

— Pensei que quisesse ser tratada como igual num mundo masculino, nos negócios e no prazer. Ser aceita, não é?

— E quero — disse ela, com frieza. A simpatia dele não se altetou.

— Está chateada porque eles são casados e você conheceu algumas das suas mulheres?

— É, acho que sim.

— Isso não é injusto?

— Não, acho que não — retrucou ela, constrangida.

— Você é minha convidada, minha convidada, as outras são convidadas dos meus convidados. Se você quer igualdade, então deve estar preparada para aceitar a igualdade.

— Isso não é igualdade.

— Estou colocando-a numa posição de confiança. Como igual. Devo dizer-lhe que os outros não a consideraram tão digna de

confiança quanto eu considero. — O sorriso dele tornou-se mais duro. — Disse-lhes que podiam ficar ou ir embora. Faço o que quero no meu barco, e garanti sua discrição e bons modos. Estamos em Hong Kong, nossos costumes são diferentes. Não estamos numa sociedade puritana, embora tenhamos regras muito sérias. Você é sozinha. Solteira. Muito atraente e muito bem-vinda. Como igual. Se fosse casada com o Linc, não teria sido convidada, sozinha ou junto com ele, embora ele talvez tivesse sido, e o que lhe contasse ao voltar seria problema dele.

— Está dizendo que este é um costume regular de Hong Kong... as saidinhas dos rapazes com as garotas no domingo à tarde?

— Não, de maneira alguma. Estou dizendo que meus convidados perguntaram se podiam trazer convidadas para alegrar o que talvez fosse um almoço chato para eles.

Os olhos de Gornt estavam firmes.

O Sea Witch adernou sob outra onda, e Barre e a garota dele tropeçaram e quase caíram. Ela deixou cair a taça de champanha. Gornt não se mexera. Nem Casey. Ela nem sequer precisou se agarrar a coisa alguma.

— Já andou muito de barco? — disse ele, com admiração.

— Tenho um classe Olímpica de dezoito pés, de fibra de vidro, de um só mastro, num reboque. Costumo sair nos fins de semana, às vezes.

— Sozinha?

— Na maioria das vezes. Às vezes, Linc vem junto.

— Ele está na subida do morro?

— Não. Ouvi dizer que foi cancelada.

— Ele vai para Taipé hoje à tarde?

— Não. A viagem também foi cancelada. Gornt balançou a cabeça.

— Foi sensato. Há muita coisa para ser feita amanhã. — Os olhos dele eram bondosos. — Lamento se a ofendi. Pensei que você fosse diferente. Agora lamento que as outras tenham vindo.

Casey notou a estranha suavidade.

— E, eu também lamento.

— Ainda quer ficar? Espero que sim, embora conte com sua discricção... dei garantia dela aos outros.

— Ficarei — disse ela, simplesmente. — Obrigada por confiar em mim.

— Venha para a ponte. Temos champanha, e creio que o almoço lhe agradará.

Tendo feito sua escolha, Casey deixou de lado suas reservas e resolveu aproveitar o dia.

— Para onde estamos indo?

— Para perto de Sha Tin. Lá o mar estará mais calmo.

— Puxa, Quillan, que barco maravilhoso!

— Daqui a pouco mostro-o todo a você.

Caiu um pouco de chuva, e eles foram se proteger sob o toldo do convés. Gornt olhou para o relógio de bordo. Marcava dez e dez. Já ia ordenar a largada quando Peter Marlowe desceu rapidamente e subiu a bordo. Arregalou os olhos ao ver Casey.

— Desculpe o atraso, sr. Gornt.

— Tudo bem, sr. Marlowe. Ia dar-lhe uns dois minutos... sei como é quando se têm filhos pequenos. Dêem-me licença um segundo, acredito que já se conheçam. Ah, Casey é minha convidada... respondo pela descrição dela. — Sorriu para ela. — Não é?

— Naturalmente.

Virou-se e afastou-se, dirigindo-se à ponte para assumir o leme. Ficaram olhando para ele por um momento, ambos encabulados, a brisa marinha refrescando a chuva que caía.

— Não esperava vê-lo, Peter — disse ela.

— Nem eu a você.

Ela olhou atentamente para ele, os olhos cor de avelã firmes.

— Uma das... das outras é sua? Diga a verdade. O sorriso dele foi curioso.

— Mesmo que fosse, eu diria que não era da sua conta. Discrição, e coisa e tal. A propósito, você é namorada do Gornt?

— Não, claro que não!

— Então, por que motivo está aqui?

— Não sei. Ele... ele falou que fui convidada como igual.

— Ah, entendo. — Peter Marlowe estava igualmente aliviado. — Ele tem um estranho senso de humor. Bem, eu a avisei. Para responder à sua pergunta: pelo menos oito delas fazem parte do harém de Marlowe! — Ela riu junto com ele, que acrescentou, com mais seriedade: — Não precisa se preocupar com a Fleur. Ela é muito sensata.

— Eu gostaria de ser, Peter. Tudo isso é um tanto novo para mim. Desculpe a... é, desculpe.

— Para mim também é novidade. Nunca estive num passeio de barco de domingo antes. Por que você...

O sorriso dele desapareceu. Ela acompanhou o seu olhar. Robin Grey acabava de vir lá de baixo, e se servia de uma taça de champanha, com uma das garotas estendendo a sua taça para ser servida também. Casey virou-se e fitou Gornt, observando enquanto ele olhava de um homem para o outro, depois para ela.

— Venham para cá — chamou Gornt. — Há vinho, champanha, bloody marys, ou, se você preferirem, café.

Mantinha a fisionomia inexpressiva, mas intimamente divertia-se à grande,

11h15m

— Repito, sr. Sindere, não sei coisa alguma sobre nenhum cabograma, nenhum Arthur, nenhuma pasta, nenhum americano, e não conheço nenhum major Iúri Bakian... o homem era ígor Voranski, marinheiro de primeira classe.

Suslev controlava com força o seu gênio. Sindere estava sentado diante dele, atrás da mesa na sala de interrogatório do quartel-general da polícia. Suslev esperara encontrar Roger Crosse ali, para ajudá-lo. Mas não o vira desde que chegara.

"Tome cuidado", advertira a si mesmo, "está por sua própria conta. Não vai obter ajuda do Roger. E com razão. O espião tem que ser protegido. E quanto a Boradinov, também não é de nenhuma ajuda." Lançou um olhar ao seu imediato, sentado ao seu lado, duro, rígido na cadeira, e muitíssimo constrangido.

— E ainda insiste em que o nome desse espião Dmítri Metkin não era Leonov, Nikolai Leonov, também major do KGB?

— É bobagem, tudo bobagem. Relatarei ao meu governo todo este incidente, eu...

— Seus reparos já estão terminados?

— Sim, ou pelo menos estarão até a meia-noite. Trazemos bom dinheiro para Hong Kong, e pagamos nossas contas...

— E não criam outra coisa senão problemas curiosos. Como o major Leonov, como Bakian?

— Está se referindo ao Metkin? — Suslev olhou feio para Boradinov, para aliviar um pouco a pressão. — Conhecia algum Leonov?

— Não, camarada comandante — gaguejou Boradinov. — Não sabíamos de nada.

— Que bando de falsários! — suspirou Sindors. — Felizmente Leonov nos contou um bocado de coisas sobre vocês e o Ivánov antes de vocês o assassinarem. É, seu major Leonov cooperou

muito. — Subitamente, sua voz ficou cortante como um chicote. — Imediato Boradinov, queira esperar Já fora!

O homem mais moço se pôs de pé sem sentir, muito pálido. Abriu a porta. Do lado de fora, um hostil agente chinês do sei indicou-lhe uma cadeira, fechando a porta mais uma vez.

Sinders deixou o cachimbo de lado, pegou um maço de cigarros e acendeu um tranqüilamente. A chuva fustigava as janelas. Suslev esperou, o coração doendo dentro do peito. Observava o inimigo por sob as sobrancelhas espessas, imaginando o que Roger Crosse teria para ele de tão urgente. Naquela manhã, quando o telefone secreto tocara, era Arthur perguntando se Suslev poderia encontrar-se com Roger Crosse por volta das oito da noite, no Sinclair Towers.

— O que há de tão urgente? Eu deveria estar no meu navio, preparando-me...

— Não sei. Roger disse que era urgente. Não havia tempo de discutir nada. Já se encontrou com Koronski?

— Já. Está tudo acertado. Pode fazer a entrega?

— Ah, sim. Muito antes da meia-noite.

— Não falhe, o Centro agora está contando com você. — E acrescentara, mentindo: — Diga ao Nosso Amigo que são ordens.

— Excelente. Não falharemos.

Suslev notara o entusiasmo. Parte do seu medo o abandonara. Agora, estava voltando. Não gostava de estar ali, tão perto de ficar permanentemente. A reputação de Sindors era bem conhecida no KGB: dedicado, inteligente, dado a grandes intuições.

— Estou muito cansado dessas perguntas, sr. Sindors — disse, espantadíssimo ao ver que o chefe da MI-6 em pessoa viera a Hong Kong, e podia parecer tão sem importância. Levantou-se, testando-o. — Vou-me embora.

— Fale-me da Sevrin.

— Severin? O que é Severin? Não tenho que ficar e responder às suas perguntas, não tenho...

— Concordo, camarada comandante. Normalmente. Mas um dos seus homens foi pego espionando, e nossos amigos americanos realmente desejam pôr as mãos no senhor.

— Hem?

— É, sim, e temo que não sejam tão pacientes quanto nós. O medo de Suslev voltou com força total.

— Mais ameaças! Por que me ameaçam? — falou nervosamente. — Respeitamos a lei. Não sou responsável pelos problemas! Exijo que me deixem voltar para o meu navio! Agora!

Sinders simplesmente olhou para ele.

— Está certo. Por favor, retire-se — falou, serenamente.

— Posso ir?

— Sim, claro. Bom dia.

Atônito, Suslev fitou-o por um momento, depois virou-se e dirigiu-se à porta.

— Naturalmente, "vazaremos" para os seus superiores que o senhor nos entregou Leonov.

Suslev deteve-se, sem cor.

— O que foi, o que foi que disse?

— Leonov nos contou, entre outras coisas, que o senhor o encorajou a fazer a interceptação. Que deixou "vazar" a troca.

— Mentiras... mentiras — falou, repentinamente apavorado com a possibilidade de Roger Crosse ter sido apanhado, como Metkin o fora.

— Também não deixou "vazar" sobre o Bakian para os agentes norte-coreanos?

— Não, claro que não — gaguejou Suslev, imensamente aliviado ao descobrir que Sindors estava jogando verde, provavelmente sem nenhuma informação verdadeira. Um pouco da sua confiança voltou. — Mais bobagem. Não conheço nenhum norte-coreano.

— Acredito no senhor, mas estou certo de que o Primeiro Diretório não acreditará. Bom dia.

— O que quer dizer com isso?

— Fale-me do cabograma.

— Não sei nada a respeito. Seu superintendente se enganou, não o deixei cair.

— Ah, deixou, sim. Que americano?

— Não sei nada de americano nenhum.

— Fale-me da Sevrin.

— Nem sei o que é essa Severin. O que é, quem é?

— Estou certo de que sabe que seus superiores no KGB são muito impacientes com "vazamentos", e muito desconfiados. Se conseguirem zarpar, sugiro que o senhor, seu imediato, seu navio e toda a sua tripulação não voltem novamente para estas águas...

— Está me ameaçando de novo? Isso se tornará um incidente internacional. Informarei ao meu governo e ao seu, e...

— É, e nós também, oficial e particularmente. Muito particularmente.

Os olhos de Sindors estavam gelados, embora seus lábios ostentassem um sorriso.

— Posso... posso ir, agora?

— Sim. Em troca de informação.

— Como?

— Quem é o americano, e quem é Arthur?

— Não conheço nenhum Arthur. Arthur do quê?

— Vou esperar até meia-noite. Se o senhor zarpar sem me contar, quando voltar a Londres providenciarei para que chegue aos ouvidos do seu adido naval em Londres a informação de que o senhor entregou Leonov, a quem chama de Metkin, assim como Bakian, a quem chama de Voranski, em troca de favores do sei.

— Mentira, tudo mentira, sabe que é mentira.

— Quinhentas pessoas o viram no hipódromo com o superintendente Crosse. Foi quando lhe entregou o Metkin.

— Tudo mentira — repetiu Suslev, tentando ocultar o seu terror.

Sinders deu uma risadinha.

— Veremos, não é? Seu novo adido naval em Londres se agarrará a qualquer oportunidade de cair nas boas graças dos superiores,

— Não entendo — disse Suslev, entendendo muito bem. Estava encurralado.

Sinders inclinou-se para a frente para esvaziar o fumo do cachimbo.

— Ouça-me claramente — falou, com um tom de decisão na voz. — Trocarei sua vida pelo americano e por Arthur.

— Não conheço nenhum Arthur.

— Será um segredo apenas entre nós dois. Não contarei a ninguém. Dou-lhe a minha palavra.

— Não conheço nenhum Arthur.

— Indique-o, e estará seguro. O senhor e eu somos profissionais, compreendemos permutas... e segurança... e um acordo particular ocasional e muito sigiloso. Desta feita foi apanhado, tem que negociar. Se zarpou sem me dizer quem é Arthur, assim como Deus fez os peixinhos do mar e o KGB existe, vou denunciá-lo. — Os olhos penetrantes o fitaram. — Bom dia, camarada comandante.

Suslev levantou-se e saiu. Quando ele e Boradinov estavam novamente ao ar livre, na realidade de Hong Kong, começaram a respirar. Em silêncio, Suslev levou o outro até o bar mais próximo, do outro lado da rua. Pediu duas vodcas duplas.

A mente de Suslev estava embaralhada. "Khristos", queria gritar, "estou morto se o fizer, e estou morto se não o fizer. Aquele cabograma amaldiçoado! Se eu entregar Banastasio e Arthur, admitirei que estou a par da Sevrin, e estarei nas mãos deles para sempre. Se não o fizer, minha vida estará terminada, sem dúvida. De uma maneira ou de outra, será perigoso ir para casa agora, e igualmente perigoso voltar. De uma maneira ou de outra, agora preciso das pastas de Alan ou de Dunross, ou de ambos, para proteção. De uma maneira ou de...

— Camarada coman...

Virou-se com violência para Boradinov e xingou-o em russo. O homem mais moço empalideceu e parou, apavorado.

— Vodca! Mais duas — pediu. — Por favor. A garçonete as trouxe.

— Meu nome Sally. Qual o seu, heya?

— Vá à merda — rosnou Boradinov.

— Dew neh loh moh para o seu vá à merda, heya? Você sr. Merda? Não gosto sua cara, sr. Merda, portanto vá à merda sem dizer palavrão.

Ela agarrou a garrafa de vodca e se preparou para continuar a batalha.

— Peça desculpas a ela — disse Suslev bruscamente, sem querer encrenca, sem ter certeza de que ela não era uma agente disfarçada, o bar ficando tão perto do QG da polícia.

Boradinov ficou chocado.

— O quê?

— Peça-lhe desculpas, seu bosta sem mãe!

— Desculpe — resmungou Boradinov afogueado. A garota achou graça.

— Ei, grandalhão, quer fuque-fuque?

— Não — retrucou Suslev. — Apenas mais vodca.

Crosse saltou do carro de polícia e entrou apressado no Edifício Struan, debaixo da chuva leve. Às suas costas as ruas estavam cheias de guarda-chuvas, trânsito congestionado, as calçadas superlotadas, gente que ia e vinha trabalhar, já que o domingo não era um dia de folga geral. Saltou no vigésimo andar.

— Bom dia, superintendente Crosse. Sou Sandra Yi, secretária do sr. Dunross. Por aqui, por favor.

Crosse acompanhou-a pelo corredor, os olhos notando o seu traseiro coberto pelo cheong-sam. Ela abriu uma porta para ele, que entrou.

— Alô, Edward — ele cumprimentou Sinderson.

— Você também chegou cedo, como de costume. — Sinderson bebia uma cerveja. — Velho hábito do exército, hem, a hora certa é cinco minutos adiantado?

Atrás dele, na luxuosa sala de reunião de diretoria, havia um bar bem suprido. E café.

— Quer tomar algo, senhor? Já preparei bloody marys — falou Sandra Yi.

— Obrigado, basta o café. Preto. Ela o serviu e se retirou.

— Como correu a coisa? — perguntou Crosse.

— O nosso visitante? Bem, tudo bem. Diria que o es-fíncter dele está em péssimas condições. — Sinderson sorriu. — Gravei a sessão. Você poderá escutá-la depois do almoço. Ah, é, o almoço. Roger, pode-se comer peixe com batatas fritas em Hong Kong?

— Claro. É o que vamos comer.

Crosse abafou um bocejo. Passara a maior parte da noite revelando e tirando cópias do rolo de filme que usara na caixa-forte. Pela manhã, lera e relera as páginas verdadeiras de Alan com enorme interesse, entendendo por que Dunross fora tão circunspecto, e concordando com ele. Alan valia o quanto ganhava, fosse Iá quanto fosse, pensou. Não havia dúvida de que aquelas pastas valiam uma fortuna.

O relógio suspenso por argolas bateu as horas, agradavelmente. Meio-dia. A porta se abriu e Dunross entrou.

— Bom dia. Obrigado por terem vindo até aqui. Cortesmente, os outros dois se levantaram e apertaram-lhe a mão.

— Mais café?

— Não, obrigado, sr. Dunross.

Enquanto Crosse observava atentamente, Dunross tirou um envelope lacrado do bolso e ofereceu-o a Sindere. O homem mais velho pegou-o, soposando-o na mão. Crosse notou que seus dedos tremiam ligeiramente.

— Naturalmente leu o conteúdo, não, sr. Dunross?

— Li, sr. Sinderson.

— E?

— E nada. Veja por si mesmo.

Sinderson abriu o envelope. Fitou a primeira página, depois folheou todas as onze. De onde estava, Crosse não podia ver o que havia nos pedaços de papel. Em silêncio, Sinderson entregou-lhe o primeiro deles. As letras, números e símbolos do código não tinham sentido para ele.

— Parece que foram recortados de algum lugar. — Crosse olhou para Dunross. — Não é?

— E quanto ao Brian?

— Onde os arranhou, Ian?

Crosse notou que o olhar de Dunross se alterou um pouco.

— Mantive a minha parte da troca. Vão manter a sua?
Sinders se sentou.

— Não concordei com uma troca, sr. Dunross. Apenas concordei em que era possível que se atendesse ao seu pedido.

— Quer dizer que não vão soltar Brian Kwok?

— É possível que ele esteja onde o senhor quer que esteja, na hora em que quer.

— Não pode ser mais preciso?

— Desculpe.

Fez-se um longo silêncio. O tique-taque do relógio enchia o aposento. Ouvia-se também o ruído da chuva. Outra rajada de vento e chuva veio e se foi. A chuva vinha caindo esporadicamente, desde a manhã. Os boletins meteorológicos previam que logo a tempestade passaria. Mas os reservatórios, apesar de toda a chuva, mal haviam sido tocados.

Dunross pediu:

— Quer me dizer as probabilidades? Precisamente. Por favor?

— Primeiro, três perguntas: o senhor próprio recortou estes papéis de algum lugar?

— Sim.

— De onde e como?

— Alan me dera instruções por escrito. Eu devia usar um isqueiro sob o quadrante inferior direito de algumas páginas que ele me mandara, um relatório datilografado inócuo. Quando aqueci as páginas, as letras datilografadas desapareceram, e o que surgiu foi isso que vocês viram. Quando acabei, novamente seguindo as instruções dele, recortei os pedaços pertinentes e destruí o resto. E a carta dele.

— Guardou cópias?

— Dos onze pedaços? Sim.

— Tenho que lhe pedir que me sejam entregues.

— O senhor as receberá quando completar o nosso trato — falou Dunross, com voz agradável. — Bem, quais são as probabilidades?

— Por favor, dê-me as cópias.

— Darei, quando cumprir a sua parte. Segunda-feira, ao pôr-do-sol.

Os olhos de Sindere ficaram ainda mais frios.

— As cópias, agora, faça o favor.

— Quando o senhor cumprir a sua parte. É irrevogável. Agora, quais as probabilidades?

— Meio a meio — falou Sindere, testando-o.

— Ótimo. Obrigado. Já providenciei para que na terça de manhã todas as onze páginas sejam publicadas no China Guardian e em dois jornais chineses, um nacionalista e um comunista.

— Então agiré assim por seu próprio risco. O governo de Sua Majestade não aprecia coação.

— Eu o ameacei? Não, absolutamente. Essas letras e números são uma confusão sem sentido, exceto, talvez... talvez para um perito decifrador de códigos. Talvez. Talvez isso tudo seja apenas uma piada de um morto.

— Posso impedi-lo segundo a Lei dos Segredos Oficiais.

— Sem dúvida, pode tentar — concordou Dunross. — Mas haja o que houver, com ou sem Lei dos Segredos Oficiais, se eu quiser, essas páginas serão publicadas em algum lugar da terra esta semana. Isso também é irrevogável. Alan deixou o assunto nas minhas mãos. Mais alguma coisa, sr. Sinderson?

Sinderson hesitou.

— Não. Não, obrigado, sr. Dunross. Igualmente cortês, Dunross virou-se e abriu a porta.

— Desculpe, tenho que voltar ao trabalho. Obrigado por terem vindo.

Crosse deixou Sindere sair na frente e acompanhou-o até o elevador. Sandra Yi, à mesa de recepção, já havia apertado o botão para eles.

— Ah, com licença, senhor — disse ela para Crosse —, sabe me dizer quando o superintendente Kwok vai voltar à colônia?

— Não tenho certeza — respondeu Crosse, fitando-a. — Posso perguntar, se desejar. Por quê?

— Íamos jantar juntos na sexta-feira à noite, e nem a governanta dele nem o seu escritório souberam informar.

— Terei prazer em perguntar.

A campainha tocou no painel telefônico.

— Oh, obrigada, senhor. Alô, Struan — disse ao telefone.

— Um momentinho. — Começou a completar a ligação. Crosse ofereceu um cigarro a Sindere enquanto esperavam, vendo os números do elevador se aproximando. — Sua ligação para o sr. Alastair, tai-pan — disse Sandra Yi, ao telefone. A campainha tocou de novo no painel. — Alô — atendeu Sandra Yi.

— Só um momento, madame, vou verificar. — Consultou uma lista de compromissos datilografada enquanto as portas do elevador se abriam. Sinderson entrou, e Crosse começou a segui-lo.

— É para as treze horas, sra. Gresserhoff.

Imediatamente Crosse parou e se abaixou como que para amarrar o cordão dos sapatos, e Sinderson, com igual eficácia e naturalidade, prendeu a porta.

— Oh, tudo bem, madame, é fácil a gente se enganar com a hora. A mesa está reservada em nome do tai-pan. O Skyline, no Mandarin, às treze horas.

Crosse levantou-se.

— Tudo bem? — perguntou Sinderson.

— Tudo bem.

As portas se fecharam às suas costas. Ambos sorriram.

— Quem espera sempre alcança — falou Crosse.

— É. Vamos comer peixe com batatas fritas no jantar, então.

— Não. Vamos comê-los mesmo no almoço. Não devemos comer no Mandarin. Sugiro que nós mesmos a identifiquemos secretamente. Nesse meio tempo, vou mandar descobrir onde está hospedada, certo?

— Excelente. — A fisionomia de Sindors endureceu. — Gresserhoff, hem? Hans Gresserhoff era o nome de cobertura de um espião da Alemanha Oriental que tentamos pegar há anos.

— É? — comentou Crosse, não deixando transparecer seu interesse.

— É. Era sócio de outro filho da mãe nojento, um assassino treinado. Um dos seus nomes era Viktor Grünwald, o outro, Simeon Tzerak. Gresserhoff, hem? — Sindors ficou calado por um momento. — Roger, aquela história da publicação, a ameaça de Dunross. Pode ser muito perigoso.

— Você conseguiu ler o código?

— Santo Deus, não.

— O que poderia ser?

— Qualquer coisa. As páginas são para mim ou para o primeiro-ministro, portanto provavelmente são nomes e endereços de contatos. — Sindors acrescentou, gravemente: — Não ousou confiá-los a telegramas, embora em código. Acho melhor voltar imediatamente para Londres.

— Hoje?

— Amanhã. Quero deixar isso tudo terminado, e gostaria muito de identificar essa sra. Gresserhoff. Será que Dunross fará o que disse?

— Sem dúvida alguma.

Sindors apertou as têmporas, os olhos azul-claros e aguados mais sem cor do que de costume.

— E quanto ao cliente?

— Eu diria...

A porta do elevador se abriu. Eles saltaram e atravessaram o saguão. O porteiro uniformizado abriu a porta do carro de Crosse para ele.

Crosse entrou no trânsito congestionado, o porto nublado, a chuva tendo parado por um momento.

— Diria que basta mais uma sessão, depois o Armstrong pode começar a recompô-lo. Segunda ao anoitecer é cedo demais, porém... — Deu de ombros. — Eu não sugeriria mais sessões no Quarto Vermelho.

— É, concordo, Roger. Graças a Deus que o sujeito é forte.

— É.

— Acho que quem está prestes a desabar é o Armstrong, pobre coitado.

— Ainda pode realizar mais uma. Com segurança.

— Espero que sim. Meu Deus, como tivemos sorte! É incrível!

A sessão das seis horas daquela manhã não apresentara nada de novo. Mas, quando já estavam desistindo, as táticas de Armstrong descobriram ouro: finalmente, o quem, o porquê e o quê do professor Joseph Yu. Da Cal Tech, Princeton, Stan-ford. Perito em foguetes e consultor da NASA.

— Quando ele deve chegar a Hong Kong, Brian? — perguntara Armstrong, todo o time do sei na sala de controle prendendo a respiração.

— Eu... não... deixe-me pensar, deixe-me pensar... ah, não consigo me lembrar... ah, sim, é daqui a uma se... no fim do... desse mês... em que mês estamos? Não consigo lem... lembrar que dia é hoje. Ele deveria chegar e depois partir.

— De onde e para onde?

— Ah, não sei, não me disseram, exceto que... exceto que alguém falou que ele ia velejar em Guam, de férias no Havaí, e que devia chegar aqui dez dias... acho que eram dez dias depois... depois do dia da corrida.

E quando Crosse ligara para Rosemont e lhe contara... embora não tivesse revelado a fonte da informação... o americano ficara sem fala e em pânico. Imediatamente, ordenara que se vasculhasse toda a área de Guam para impedir a deserção.

— Será que o apanharão? — resmungou Crosse.

— Quem?

— Joseph Yu.

— Ora, tomara que sim — falou Sindors. — Por que diabo esses cientistas desertam? Uma merda! A única coisa boa é que lançará os foguetes chineses na estratosfera, e fará arrepios de horror correrem por todas as espinhas soviéticas. O que é danado de bom, na minha opinião. Se esses dois entrassem em choque, isso nos poderia ajudar imensamente. — Ajeitou-se mais confortavelmente no banco do carro, sentindo as costas doerem. — Roger, não posso me arriscar a que Dunross fique com cópias daqueles códigos, ou os publique.

— Sei.

— Ele é metido a espertinho demais, o seu tai-pan. Se transpirar que Alan nos enviou uma mensagem em código, e se Dunross tem a memória que dizem que ele tem, é um homem marcado, certo?

— Certo.

Chegaram ao restaurante de cobertura Skyline com tempo de sobra. Crosse foi reconhecido imediatamente, e logo esvaziaram uma mesa discreta no bar. Enquanto Sindors pedia uma bebida e mais café, Crosse telefonou para dois agentes, um deles britânico, o outro chinês. Chegaram depressa.

Faltando alguns minutos para uma hora, Dunross chegou, e eles o viram ser levado para a melhor mesa, o maitre seguindo na frente, os garçons atrás, o champanha já esperando num balde de gelo.

— O sacana treinou todo o pessoal muito bem, não é?

— Você não faria o mesmo? — comentou Crosse. Os olhos dele varreram a sala, e se detiveram. — Lá está o Rosemont! Será uma coincidência?

— O que você acha?

— Ah, olhe ali, naquele canto. É o Vincenzo Banastasio. O chinês que está com ele é Vee Cee Ng. Talvez sejam eles que Rosemont está vigiando.

— Talvez.

— Rosemont é esperto — disse Crosse. — Bartlett também foi vê-lo. Pode ser que estejam vigiando o Banastasio.

— Armstrong lhes contara a sua conversa com Banastasio. A vigilância sobre o sujeito fora aumentada. — A propósito, ouvi dizer que ele alugou um helicóptero para Macau na segunda-feira.

— Devíamos cancelar isso.

— Já o fizemos. Defeitos no motor.

— Ótimo. Suponho que o fato de Bartlett informar sobre o Banastasio o deixa limpo, não é?

— Talvez.

— Ainda acho melhor eu ir embora na segunda. É. Interessante que a recepcionista de Dunross tivesse um encontro marcado com o cliente. Puxa vida, mas que mulher espetacular! — exclamou Sinderson.

A moça acompanhava o maitre. Os dois homens ficaram surpresos quando ela parou à mesa do tai-pan, fez uma curvatura e

sentou.

— Porra! A sra. Gresserhoff é chinesa? — exclamou Sinders, com voz abafada.

Crosse concentrava-se nos lábios deles.

— Nenhuma chinesa se curvaria assim. Ela é japonesa.

— Que diabo, onde ela se encaixa?

— Talvez haja mais de uma convidada. Talvez... ora essa!

— O que foi?

— Não estão falando inglês. Deve ser japonês.

— Dunross fala essa língua de amarelo? Crosse olhou para ele.

— Sim, fala japonês. E alemão, francês, três dialetos chineses, e um italiano razoável.

Sinders devolveu o olhar.

— Não precisa bancar o desaprovador, Roger. Perdi um filho no HMS Prince of Wales, meu irmão morreu de fome na Burma Road. Portanto, não queira me passar nenhuma merda de sermão, embora ainda ache que ela é espetacular.

— Isso pelo menos demonstra uma certa dose de tolerância — disse Crosse, virando-se para examinar Dunross e a moça.

— A sua guerra foi na Europa, não é?

— Minha guerra, Edward, nunca tem fim. — Crosse sorriu, gostando do som das suas palavras. — A Segunda Guerra Mundial já é história antiga. Lamento o que aconteceu com seus parentes, mas agora o Japão não é o inimigo, é nosso aliado. Na verdade, o único que temos na Ásia.

Esperaram durante meia hora. Ele não conseguia ler os lábios deles.

— Ela deve ser a Gresserhoff — disse Sindere. Crosse concordou.

— Vamos indo, então? Não há motivo para esperar. Vamos ao nosso peixe com batatas fritas.

Saíram. Os agentes chinês e britânico do sei ficaram esperando pacientemente, sem conseguir ouvir o que estava sendo dito, invejando Dunross, como muitos na sala... porque ele era o tai-pan, e por causa dela.

— Gehen Sie? — ela perguntou em alemão. (Você vai?)

— Para o Japão, Riko-jtf#? Vou, sim — respondeu, no mesmo idioma —, daqui a duas semanas. Receberemos um novo cargueiro gigante das Indústrias de Navegação Toda. Conversou com Hiro Toda ontem?

— Ah, sim, tive essa honra. A família Toda é famosa no Japão. Antes da Restauração, quando a classe dos samurais foi abolida, minha família serviu aos Todas.

— Sua família era samurai?

— Sim, mas de um grau inferior. Não mencionei minha família para ele. Aquela era uma época antiga. Não gostaria que ele soubesse.

— Como quiser — disse, a curiosidade aguçada. — Hiro Toda é um homem interessante — falou, dando-lhe corda.

— Toda-sama é muito sábio, muito forte, muito famoso. — O garçom trouxe a salada deles, e, quando ele se foi, ela continuou: — A Struan também é famosa no Japão.

— Não é bem assim.

— Ah, é. Lembramo-nos do príncipe Yoshi.

— Ah, não sabia que você sabia.

Em 1854, quando Perry forçara o xógum Yoshimitsu Toranaga a abrir o Japão para o comércio, a Bruxa zarpara para o norte, saindo de Hong Kong, com o pai e inimigo, Tyler Brock, atrás. Graças a ela, a Struan foi a primeira empresa a entrar no Japão, a primeira a comprar terras para um posto comercial, e a primeira de fora a comerciar. Ao longo dos anos e de muitas viagens, ela fez do Japão uma pedra angular da política da Struan.

Durante os primeiros anos, ela conheceu um jovem príncipe, príncipe Yoshi, parente do imperador e primo do xógum... sem cuja permissão nada acontecia no Japão. Seguindo a sugestão dela, e

com a sua ajuda, esse príncipe foi para a Inglaterra num veleiro da Struan para conhecer o poderio do Império Britânico. Voltou para casa, alguns anos depois, em outro navio da Struan, e naquele ano alguns dos barões feudais — os daimios —, odiando a incursão dos estrangeiros, revoltaram-se contra o xógum, cuja família, Toranaga, governara o Japão exclusivamente por dois séculos e meio, numa linhagem sem interrupção, remontando ao grande general Yoshi Toranaga. A revolta dos daimios obteve êxito, e o poder foi devolvido ao imperador, mas o país estava fendido.

— Sem o príncipe Yoshi, que se tornou um dos principais ministros do imperador — disse ela, inconscientemente falando em inglês —, o Japão ainda estaria tremendo e dividido pela guerra civil.

— E por quê? — perguntou ele, querendo que ela continuasse a falar com aquele sotaque encantador.

— Sem a ajuda dele, o imperador não teria êxito, não teria conseguido abolir os xóguns, abolir a lei feudal, os daimios, toda a classe dos samurais, forçando-os a aceitar uma Constituição moderna. Foi o príncipe Yoshi que negociou a paz entre os daimios, depois convidou peritos ingleses para o Japão, para construir a nossa marinha, nossos bancos e nosso funcionalismo público, e nos ajudar a entrar no mundo moderno. — Uma ligeira sombra cobriu seu rosto. — Meu pai me falou muito dessa época, tai-pan, e ainda não faz cem anos que tudo aconteceu. A transição do domínio dos samurais para a democracia foi freqüentemente sangrenta. Mas o imperador decretara um término, então houve um término, e todos os daimios e samurais arrastaram-se dolorosamente para o começo de uma nova vida. — Ela brincou com a taça, olhando as borbulhas. — A família Toda era senhora de Izu e Sagami, onde fica Yokohama.

Durante séculos eles tiveram estaleiros. Para eles e seus aliados, a família Kasigi, foi fácil entrar na era moderna. Para nós... — Ela se interrompeu. — Ah, mas você já sabe de tudo isso, desculpe.

— Só sei do príncipe Yoshi. O que aconteceu com sua família?

— Meu bisavô tornou-se um membro de pouca importância da equipe do príncipe Yoshi, como funcionário público. Foi mandado para Nagasáqui, onde minha família viveu desde então. Teve dificuldades em não usar as duas espadas. Meu avô também foi funcionário público, como meu pai, mas muito insignificante. — Ergueu os olhos e sorriu para ele. — O vinho é gostoso demais. Solta a minha língua.

— Não, de maneira alguma — disse ele; depois, cômico dos olhos que o observavam, acrescentou em japonês: — Conversemos um pouquinho em japonês.

— A honra é minha, tai-pan-san.

Mais tarde, enquanto tomavam café, ele falou:

— Onde devo depositar o dinheiro que lhe devo, Riko-san?

— Se pudesse me dar um cheque administrativo ou uma letra de câmbio — ela usou as palavras em inglês, pois não havia equivalente em japonês —, antes que eu me vá, seria perfeito.

— Na segunda de manhã mandarei entregá-lo a você. São dez mil seiscentas e vinte e cinco libras, e mais oito mil e quinhentas a serem pagas em janeiro, e o mesmo no ano que vem — disse-lhe ele, sabendo que a boa educação dela não lhe permitiria perguntar abertamente. Notou o lampejo de alívio, e ficou contente por ter decidido dar-lhe dois anos extras de salário. — Apenas as informações de Alan sobre o petróleo já valem mais do que isso. Onze da manhã seria conveniente para a "letra de câmbio à vista"?

Novamente Dunross usou as palavras em inglês.

— O que for melhor para você. Não desejo causar-lhe nenhum incômodo.

Dunross notou que ela falava vagarosa e nitidamente para ajudá-lo.

— Quais são seus planos de viagem?

— Na segunda-feira, acho que irei para o Japão. Depois... não sei. Talvez volte à Suíça, embora não tenha motivos reais para voltar. Não tenho parentes lá. A casa era alugada, e o jardim não

era meu. Minha vida como Gresserhoff terminou com a morte dele. Agora acho que devo voltar a ser Riko Anjin. Carma é carma.

— É — disse-lhe ele. — Carma é carma.

Tirou do bolso um pacote embrulhado para presente.

— Este é um presente da Casa Nobre, em agradecimento por você ter-se dado a tanto trabalho e feito uma viagem tão cansativa por nós.

— Oh! Ora, obrigada, mas foi uma honra e um prazer para mim. — Ela fez uma curvatura. — Obrigada. Posso abri-lo agora?

— Talvez mais tarde. É apenas um simples pingente de jade, mas a caixa também contém um envelope confidencial que seu marido queria que lhe fosse entregue. Apenas para os seus olhos, e não para os olhos que nos cercam.

— Ah, claro, compreendo. — Curvou-se de novo. — Sinto muito... queira desculpar a minha estupidez.

Dunross sorriu para ela.

— Nada de estupidez, nunca... apenas beleza. Ela enrubesceu, e tomou café para disfarçar.

— O envelope está lacrado, tai-pan-sun?

— Está, conforme as instruções dele. Sabe o que há nele?

— Não. Só que... só que o sr. Gresserhoff disse que você me daria um envelope lacrado.

— Ele falou por quê? Ou o que você devia fazer com ele?

— Algum dia viria alguém reclamá-lo.

— Por nome?

— Sim, mas meu marido me disse que jamais devia divulgar o nome, nem mesmo a você. Nunca. Tudo o mais eu poderia contar-lhe, exceto o... o nome. Sinto muito, por favor, desculpe-me.

Dunross franziu o cenho.

— Terá apenas que entregá-lo a ele?

— Ou a ela — falou a moça, amavelmente. — Sim, e quando vierem me pedir, não antes. Depois que ele tiver sido utilizado, o sr. Gresserhoff disse que a pessoa pagaria uma dívida. Obrigada pelo presente, tai-pan-sa». Eu o guardarei com carinho.

O garçom veio e serviu o restinho do champanha para ele, e depois se afastou de novo.

— Como poderei entrar em contato com você no futuro, Kiko-san?

— Dar-lhe-ei três endereços e números de telefone onde posso ser encontrada. Um na Suíça, dois no Japão.

Após uma pausa, ele disse:

— Você estará no Japão daqui a duas semanas?

Riko ergueu os olhos para ele, que sentiu o espírito se contrair ante tanta beleza.

— Sim, se você quiser — disse ela.

— Eu quero.

75

14h30m

O Sea Witch estava atracado ao largo do porto de barcos de Sha Tin, onde haviam ancorado para almoçar. Logo que chegaram, o cozinheiro, Casey e Peter Marlowe tinham ido a terra, com Gornt no comando, para escolherem os pitus, camarões e peixes que ainda nadavam nos aquários. Depois, tinham seguido para o mercado movimentado para comprar legumes fresquinhos. O almoço fora composto de camarões passados na manteiga com brócolos frescos, depois peixe esfregado com alho e frito, servido com salada de verduras chinesas, também al dente.

O almoço fora animadíssimo, as garotas chinesas eram divertidas e alegres, todas falando os mais variados níveis de um inglês picante. Dunstan Barre estivera colérico e gozadérrimo, no que foi acompanhado pelos outros. Casey achou que os homens estavam diferentes, que estavam mais soltos e infantis, e julgou aquilo muito triste. A conversa se concentrara nos negócios, e naquelas poucas horas ela aprendera mais sobre as técnicas de Hong Kong do que em todas as leituras que fizera. Tornava-se cada

vez mais claro que, a não ser que você estivesse "por dentro", o poder e as riquezas reais lhe escapariam.

— Ah, vocês se sairão muito bem aqui, Casey, você e o Bartlett — dissera Barre. — Se jogarem segundo as regras de Hong Kong, as estruturas fiscais de Hong Kong, e não as regras dos Estados Unidos, não é, Quillan?

— Depende. Se fecharem negócio com Dunross e a Struan, se é que a Struan e Dunross ainda existirão como entidade até a sexta-feira, obterão algum leite, mas nenhum creme.

— Com você nos sairemos melhor? — perguntara ela. Barre soltara uma risada.

— MUITÍSSIMO melhor, Casey, mas ainda será leite e muito pouco creme!

— Digamos, Casey, que conosco o leite será homogeneizado — dissera Gornt afavelmente.

Agora, o cheiro delicioso de café recém-torrado e moído subia da cozinha do barco. A conversa à mesa era geral, brincadeiras trocadas entre todos, especialmente para diverti-la, sobre o comércio na Ásia, oferta e procura, e a atitude asiática em relação ao contrabando, com as moças chinesas tagarelando entre si.

Abruptamente, a voz de Grey, com uma nota cortante, interrompeu a conversa.

— É melhor perguntar ao Marlowe sobre isso, sr. Gornt. Ele sabe tudo sobre contrabando e chantagem, da nossa época em Changi.

— Qual é, Grey! — disse Peter Marlowe no súbito silêncio. — Sem essa!

— Pensei que você tivesse orgulho disso, você e seu amigo ianque, o contrabandista. Não tinham?

— Vamos parar com isso, Grey — disse Marlowe, de cara amarrada.

— Como quiser, meu velho. — Grey virou-se para Casey.

— Pergunte a ele.

— Esta não é a hora apropriada para reavivar antigas rixas, sr. Grey — disse Gornt. Manteve a voz calma, não deixou a satisfação transparecer no rosto, externamente o anfitrião perfeito.

— Ah, mas não é o que eu estava fazendo, sr. Gornt. O senhor estava falando em contrabando e mercado negro. Marlowe é perito no assunto, só isso.

— Vamos tomar café no convés? — convidou Gornt, levantando-se.

— Boa idéia. Uma xícara de café sempre cai bem depois da gororoba — disse Grey, usando a palavra deliberadamente, sabendo que os ofenderia, já pouco se importando, subitamente cansado das brincadeiras, odiando a todos e ao que representavam, detestando ser o homem que estava sobrando ali, querendo uma das garotas, qualquer uma. — Marlowe e o amigo ianque dele costumavam torrar os grãos no campo enquanto o resto de nós morria de fome — disse ele, a fisionomia crua.

— Aquilo nos deixava malucos. — Olhou para Peter Marlowe, o ódio agora sem disfarce. — Não é?

Depois de uma pausa, Peter Marlowe disse:

— Todos tinham café, às vezes. Todos torravam os grãos de café.

— Não como vocês dois. — Grey virou-se para Casey.

— Eles tomavam café todos os dias, ele e seu amigo ianque. Quanto a mim, era o chefe da polícia militar do campo, e só o tomava uma vez por mês, se tivesse sorte. — Voltou a olhar para Marlowe. — Como é que vocês conseguiam café e comida enquanto o resto de nós morria de fome?

Casey notou a veia saltando na testa de Peter Marlowe, e se deu conta, horrorizada, de que quem cala consente.

— Robin... — começou ela, mas Grey a interrompeu, a voz debochada.

— Por que não responde, Marlowe?

No silêncio que se seguiu, todos olharam de Grey para Peter Marlowe, que se enfrentavam. Até mesmo as garotas ficaram alerta, sentindo a tensão na cabine.

— Meu caro — interrompeu Gornt, usando deliberadamente a nuance de sotaque que sabia irritaria Grey —, isso sem dúvida já são águas passadas e não importa mais. É domingo à tarde e somos todos amigos.

— Eu acho que importa, sendo ou não domingo à tarde, e Marlowe e eu não somos amigos, e jamais fomos! Ele é "gente bem", eu não sou. — Grey imitou o sotaque que abominava.

— É, mas a guerra mudou tudo, e nós, trabalhadores, jamais nos esqueceremos!

— Você se considera um trabalhador, e a mim, não? — perguntou Peter Marlowe, a voz áspera.

— Somos os explorados, vocês, os exploradores. Como em Changi!

— Mude esse disco quebrado, Grey! Changi era outro mundo, outro local, outra época e...

— Era a mesma coisa que em todos os lugares. Havia os que mandavam e os que eram mandados, os trabalhadores e os que sugavam os trabalhadores. Como você e o Rei.

— Quanta besteira!

Casey estava perto de Grey e tomou-lhe o braço.

— Vamos tomar café, está bem?

— Claro — disse Grey. — Mas, primeiro, pergunte a ele, Casey. — Grey se manteve firme, ciente de que, finalmente, encurralara seu inimigo diante dos seus pares. — Pergunte a ele, sr. Gornt. Qualquer um de vocês...

Todos ficaram parados, em silêncio, encabulados por Peter Marlowe e chocados com as acusações implícitas... Gornt e Plumm intimamente divertidos e fascinados. Então, uma das moças dirigiu-se para a escada e retirou-se discretamente. As outras a seguiram. Casey também gostaria de ter-se retirado, mas não o fez.

— Agora não é hora, sr. Grey — ouviu Gornt dizer suavemente, e ficou feliz por ele estar ali para acabar com aquilo.

— Quer fazer a gentileza de mudar de assunto? Por favor?

Grey olhou para todos eles, fitando por último o seu adversário.

— Está vendo, Casey, nenhum deles tem peito de perguntar... pertencem todos à classe dele, a tão falada classe alta, e cuidam dos que são iguais a eles.

Barre enrubesceu.

— Escute aqui, meu velho, não acha... Peter Marlowe falou, com voz inexpressiva:

— É fácil parar com essa bobagem. Não se pode equiparar Changi... ou Dachau, ou Buchenwald, com a normalidade. Simplesmente não dá. Havia regras diferentes, padrões diferentes. Éramos soldados, prisioneiros de guerra, a maioria adolescentes. Changi foi a gênese, tudo novo, tudo de ponta-cabeça, tudo...

— Você transou com mercado negro?

— Não. Era intérprete de malaio para um amigo que era comerciante, e há uma grande diferença entre comércio e mercado negro, e...

— Mas era contra as regras do campo, a lei do campo, e isso o torna mercado negro, certo?

— Comerciar com os guardas era contra as regras inimigas, regras japonesas.

— E conte a eles como o Rei comprava o relógio, o anel ou a caneta de um infeliz por uma ninharia, a última coisa que ele

possuía no mundo, e a vendia por um preço alto, e sempre roubava, sempre roubava no preço, sempre roubava, não é?

Peter Marlowe devolveu-lhe o olhar.

— Leia o meu livro. Nele...

— Livro? — Grey riu de novo, espicaçando-o. — Conte a eles, pela sua honra de cavalheiro, pela honra de seu pai, pela honra de sua família, de que você tem um danado dum orgulho tão grande... o Rei roubava ou não? Pela sua honra, hem?

Quase paralisada, Casey viu Peter Marlowe cerrar o punho.

— Se não houvesse convidados aqui — sibilou ele —, eu lhes contaria que exibido você realmente era!

— Pode apodrecer no inferno...

— Agora, chega — disse Gornt, em tom imperativo, e Casey recomeçou a respirar. — Pela última vez, vamos fazer a gentileza de mudar de assunto!

Grey afastou o olhar de Marlowe com relutância.

— É o que vou fazer. Posso arranjar um táxi na aldeia? Acho que prefiro ir para casa no bloco do eu sozinho, se não se importam.

— Naturalmente — disse Gornt, o rosto adequadamente solene, encantado por Grey ter tido a idéia ele mesmo, para que não tivesse que insinuá-la abertamente. — Mas sem dúvida — acrescentou, dando o golpe de misericórdia —, sem dúvida você e o Marlowe podiam apertar as mãos, como cavalheiros, e esquecer tudo o...

— Cavalheiros? Ora, de jeito nenhum. Já me enchi para sempre de cavalheiros como o Marlowe. Cavalheiros? Graças a Deus a Inglaterra está mudando, e logo estará de novo nas mãos certas... e o sotaque muito britânico de Oxford não será um passaporte permanente para a nobreza e o poder, nunca mais. Vamos endireitar a Câmara dos Lordes, e se as coisas saírem como eu quero...

— Esperemos que não! — disse Pugmire. Gornt falou com firmeza:

— Pug! Está na hora do café e do porto! — Afavelmente, tomou o braço de Grey. — Se nos derem licença um minu-tinho...

Foram para o convés. A tagarelice das garotas chinesas parou um momento. Secretamente satisfeitíssimo consigo mesmo, Gornt

levou o outro pela escada do costado até o cais. Tudo estava saindo melhor do que a encomenda.

— Lamento o que houve, sr. Grey — falou. — Não tinha a menor idéia de que Marlowe... Revoltante! Bem, nunca se sabe, não é mesmo?

— Ele é um filho da mãe, sempre foi e sempre será... ele e o nojento amigo ianque dele. Também odeio os ianques! Já está na hora de rompermos com esses exibidos!

Gornt achou um táxi com facilidade.

— Sr. Grey, tem certeza de que não quer mudar de idéia?

— Não, não, obrigado.

— Lamento sobre o Marlowe. É evidente que o senhor foi provocado. Quando o senhor e sua delegação comercial vão partir?

— Amanhã cedinho.

— Se houver algo que possa fazer aqui pelo senhor, basta me avisar.

— Está bem. Quando chegar a casa, ligue-me.

— Obrigado. É o que farei, e mais uma vez agradeço-lhe por ter vindo.

Pagou a corrida adiantado e acenou cortesmente enquanto o táxi se afastava. Grey nem olhou para trás.

Gornt sorriu. "Esse filho da mãe nojento vai ser um aliado útil nos anos futuros", riu consigo mesmo, enquanto voltava para o barco.

A maioria dos outros estava na cobertura, tomando café e licores, Casey e Peter Marlowe um pouco afastados.

— Mas que sujeito cretino! — exclamou Gornt, ante a concordância geral. — Lamento muitíssimo o que houve, Marlowe, o sacana provo...

— Não, a culpa foi minha — disse Peter Marlowe, evidentemente muito abalado. — Desculpe. Sinto-me péssimo por ele ter ido embora.

— Não precisa pedir desculpas. Eu não devia tê-lo convidado ... obrigado por ter sido tão cavalheiro. É óbvio que ele o provocou.

— Sem dúvida — falou Pugmire, ante nova concordância de todos. — Se eu fosse você, teria lhe dado um murro. O que aconteceu é passado.

— É, sim — disse Casey, rapidamente —, que homem horrível! Se você não tivesse encerrado o assunto, Quillan, Grey teria...

— Chega de falar naquele cretino — disse Gornt, calorosamente, querendo deixar o espectro descansar. — Vamos esquecê-lo e não deixar que estrague uma tarde maravilhosa. — Deu um abraço em Casey. — Certo? — Notou a admiração nos olhos dela e sentiu, com alegria, que estava chegando depressa aonde queria. — Está frio demais para nadar. Que tal navegarmos devagarinho de volta para casa?

— Ótima idéia! — disse Dunstan Barre. — Acho que vou tirar uma sesta.

— Que idéia espetacular! — concordou outro, em meio às risadas. As garotas também riram, mas o riso era forçado. Todos ainda estavam abalados, e Gornt pôde notá-lo muito bem.

— Primeiro um pouco de conhaque! Marlowe?

— Não, obrigado, sr. Gornt. Gornt olhou atentamente para ele.

— Escute o que vou dizer, Marlowe — falou, com compaixão genuína, e todos se calaram. — Todos nós já vimos coisas demais na vida, coisas demais na Ásia, para não sabermos que, seja Iá o que você tenha feito, foi para o bem, não para o mal. O que você falou é certo. Changi foi especial, com problemas especiais. Pug ficou trancafiado na Prisão Stanley... fica na ilha de Hong Kong, Casey... por três anos e meio. Eu saí de Xangai quase que com a pele do corpo, e sangue nas mãos. Jason foi agarrado pelos nazistas depois de Dunquer-que e passou dois anos difíceis com eles. Dunstan operou na China... Dunstan sempre esteve na Ásia, e também sabe. Não é?

— Ah, é — falou Dunstan Barre, com tristeza. — Casey, na guerra, para sobreviver, a gente tem que fazer vista grossa para algumas coisas. Quanto ao comércio, Marlowe, concordo que, na maioria das vezes, é preciso equiparar o problema ao local e à hora. Agradeço a Deus nunca ter sido preso. Não creio que teria sobrevivido, sei que não teria.

Serviu-se de mais porto da garrafa, encabulado por estar revelando verdades reais.

— Conte como realmente foi Changi, Peter — pediu Casey, por todos eles.

— É difícil falar a respeito — replicou ele. — Era a coisa mais próxima de uma não-vida que se possa imaginar. A nossa ração era de duzentos e cinquenta gramas de arroz seco por dia, alguns legumes, um ovo por semana. Às vezes... agitavam um pedaço de carne por cima da sopa. Era diferente, é só o que posso dizer a respeito. A maioria de nós jamais vira uma selva antes, que dirá chineses e japoneses, e perder uma guerra... eu tinha apenas dezoito anos quando Changi começou.

— Santo Deus, não suporto aqueles amarelos japoneses, simplesmente não suporto! — exclamou Pugmire, e os outros concordaram.

— Mas isso não é justo, na verdade. Eles apenas jogavam segundo as regras do jogo deles — disse Peter Marlowe. — Isso era justo do ponto de vista japonês. Vejam que soldados maravilhosos eles foram, vejam como lutaram e quase nunca se permitiram ser capturados. Segundo os padrões deles, nós nos desonramos nos rendendo. — Peter Marlowe estremeceu. — Eu me senti desonrado, ainda me sinto desonrado.

— Não tem razão, Marlowe — disse Gornt. — Não há desonra nisso. Nenhuma.

Casey, de pé ao lado de Gornt, pôs a mão de leve no braço dele.

— É, sim. Ele tem razão, Peter. Toda a razão.

— É — falou Dunstan Barre. — Mas o Grey, que diabo descontrolou o Grey daquele jeito, hem?

— Nada e tudo. Virou um fanático, fazendo com que se cumprissem as regras do campo, que eram regras japonesas, o que era uma estupidez, na opinião de muitos de nós. Como já disse, Changi era diferente, oficiais e soldados trancafiados juntos, sem cartas de casa, sem comida, cercados por três mil e duzentos quilômetros de território ocupado pelo inimigo, malária, disenteria, e com um índice de mortalidade terrível. Ele odiava esse meu amigo americano, o Rei. É verdade que o Rei era um negociante astuto, e que comia bem enquanto outros não comiam, bebia café e fumava cigarros já enrolados. Mas manteve muitos de nós vivos com a sua habilidade. Até mesmo o Grey. Manteve até o Grey vivo. Foi o ódio do Grey que o manteve vivo, estou certo disso. O Rei alimentava quase todo o contingente americano... havia uns trinta deles, entre oficiais e soldados. Ah, eles tinham que trabalhar em troca, à moda americana, mas, mesmo assim, sem ele teriam morrido. Eu teria, eu sei. — Peter Marlowe estremeceu. — Joss. Carma. Vida. Acho que agora vou aceitar aquele conhaque, sr. Gornt. Gornt o serviu.

— E o que aconteceu a esse homem, a esse sujeito que você chama de Rei? Depois da guerra?

Pugmire interrompeu com uma risada.

— Um dos sacanas no nosso campo, que era negociante, acabou virando um danado dum milionário. Aconteceu o mesmo com esse Rei?

— Não sei — replicou Peter Marlowe.

— Não o viu mais, Peter? — indagou Casey, surpresa. — Não voltou a vê-lo nos Estados Unidos?

— Não, nunca. Tentei encontrá-lo, mas nunca tive sorte.

— É o que geralmente acontece, Casey — disse Gornt, com naturalidade. — Quando se deixa um regimento, todas as dívidas e amizades são canceladas.

Estava muito satisfeito. "Tudo está saindo perfeito", falou com seus botões, pensando na cama de casal no seu camarote, e sorriu para ela, do outro lado do convés. Ela retribuiu o sorriso.

Riko Anjin Gresserhoff entrou no saguão do Victoria and Albert. Estava cheio de gente que tomava o chá cedo, ou que almoçava tarde. Enquanto se dirigia para o elevador, um tremor a percorreu, os olhares incomodando-a... não os olhares habituais de luxúria dos europeus, ou os olhares de aborrecimento das suas

mulheres... mas olhares chineses e eurásianos. Jamais sentira antes um ódio tão generalizado. Era uma sensação estranha. Era a primeira vez que saía da Suíça, além das viagens para o colégio na Alemanha e duas viagens a Roma com a mãe. O marido só a levava para o exterior uma vez, para Viena, por uma semana.

"Não gosto da Ásia", pensou, abafando outro estremeção. "Mas afinal, não é a Ásia, é apenas Hong Kong, sem dúvida é apenas aqui, o povo daqui. E sem dúvida eles têm razão de demonstrar antagonismo. Será que vou gostar do Japão? Serei uma estranha, mesmo Iá?"

O elevador chegou e ela subiu à sua suíte no sexto andar, mas o camareiro não abriu a porta para ela. Sozinha e com a porta trancada, sentiu-se melhor. A luz vermelha de recados no telefone estava piscando, mas ela a ignorou, tirando rapidamente os sapatos, chapéu, luvas e casaco, colocando-os imediatamente num amplo armário, ao lado das demais roupas, arrumadas e organizadas, assim como os três pares de sapatos. A suíte era pequena mas graciosa; uma sala de estar, quarto e banheiro. Havia flores da Struan sobre a mesa, e uma vasilha de frutas do hotel.

Ela desembrulhou caprichosamente o pacote de presente. Encontrou uma caixa preta de veludo, retangular, e abriu-a. Sentiu-se inundada pela emoção. O pingente vinha numa corrente fina de ouro, o jade verde com reflexos de um verde mais claro, na forma de uma cornucópia. A luz se refletia na superfície polida. Prontamente ela o colocou, examinando-o ao espelho, admirando a pedra que repousava no seu peito. Nunca recebera jade anteriormente.

Por baixo do papelão preto, coberto de veludo, estava o envelope. Era um envelope comum, não da Struan, o lacre igualmente comum, vermelho. Com grande cuidado, ela enfiou um cortador de papel sob o lacre e examinou as páginas, uma por uma, com a testa ligeiramente franzida. Apenas um amontoado de números e letras, e um símbolo ocasional. Um sorrisinho satisfeito tocou-lhe os lábios. Achou a pasta com os papéis de carta do hotel e, acomodando-se confortavelmente à escrivaninha, começou a copiar as páginas, uma a uma.

Quando acabou, fez uma verificação. Colocou as cópias num envelope do hotel e fechou-o, os originais noutro envelope, um comum, que tirara da bolsa. Depois pegou um novo pedaço de lacre vermelho, acendeu um fósforo e encostou a cera que se derretia nos dois envelopes, lacrando-os, certificando-se de que o lacre no envelope dos originais fosse de padrão igual ao que Dunross fizera. O telefone tocou, sobressaltando-a. Ficou olhando para ele, com o coração batendo forte, até que parasse. Novamente relaxada, voltou ao seu trabalho, certificando-se de que não tivessem ficado marcas reveladoras no bloco que usara, examinando-o sob a luz. Logo que ficou satisfeita, selou o envelope que continha as cópias e endereçou-o para: R. Anjin, caixa postal 154, agência central, Sydney, Austrália. Em seguida, colocou os dois envelopes na bolsa.

Cuidadosamente, verificou novamente se não tinha deixado escapar nada, depois foi até uma pequena geladeira perto do bar bem provido, apanhou uma garrafa de água mineral com gás e bebeu um pouco.

O telefone tocou de novo. Ela ficou olhando para ele, bebericando a água mineral, a mente funcionando sem parar, fazendo verificações, pensando no seu almoço com Dunross, perguntando-se se fora sensato aceitar o convite dele para tomar coquetéis, logo mais, e depois ir jantar com ele e os amigos. "Será que haverá mesmo amigos ou vamos ficar sozinhos? Será que gostaria de ficar sozinha com aquele homem?"

Seus pensamentos se voltaram para o homenzinho desmazelado, ligeiramente calvo, chamado Hans Gresserhoff, e para os quatro anos de vida que tivera com ele, semanas sozinha, dormindo sozinha, acordando sozinha, andando sozinha, sem amigos de verdade, saindo raramente, o marido estranhamente reservado, aconselhando-a a não fazer amigos, querendo que ela ficasse sozinha, e sempre segura, calma, paciente. Essa era a parte mais difícil de suportar, pensou ela. Paciência sozinha, paciência juntos, dormindo ou acordada. Paciência e calma exterior. Quando o tempo todo ela era como um vulcão, desesperada para entrar em erupção.

Não havia dúvidas de que ele a amava. Tudo o que ela sentia por ele era giri, dever. Ele lhe dava dinheiro, e a vida dela era serena, nem rica nem pobre... equilibrada, como o país da escolha deles. As chegadas e partidas dele nunca eram programadas. Quando estava com ela, sempre a desejava, queria ficar perto dela. As relações sexuais deles o satisfiziam, mas não a ela, embora fingisse, para dar prazer a ele. "Mas, afinal", disse consigo mesma, "você não tem outro homem para estabelecer uma comparação.

"Ele era um bom homem, e foi como contei ao tai-pan. Tentei ser uma boa mulher para ele, obedecê-lo em tudo, respeitar o

desejo de minha mãe, cumprir o meu giri para com ela e com ele. E agora?"

Baixou os olhos para a aliança e torceu-a no dedo. Pela primeira vez desde que se haviam casado, ela a tirou e a olhou de perto na palma da mão. Pequena, vazia e desinteressante. Tantas noites vazias, chorando, esperando, esperando, esperando. Esperando por quê? Por filhos proibidos, amigos proibidos, viagens proibidas. Não proibidos como o faria um japonês: Kin jiru! Mas de uma maneira tão sutil...

— Não acha, minha querida — dizia ele —, não acha que seria melhor você não ir para Paris enquanto eu estiver fora? Podemos ir da próxima vez em que eu vier...

Ambos sabiam que jamais iriam.

Aquela vez em Viena fora terrível. Fora no primeiro ano. Tinham ido passar lá uma semana.

— Preciso sair esta noite — dissera ele, logo na primeira noite. — Por favor, fique no quarto, coma no quarto até eu voltar.

Dois dias se passaram, e quando ele voltou estava pálido e abatido, assustado, e imediatamente, na escuridão da noite, eles haviam tomado o seu carro alugado e fugido para a Suíça, indo pelo caminho mais longo, o caminho errado, subindo as montanhas do

Tirol, os olhos dele vigiando constantemente os espelhos retrovisores, para o caso de estarem sendo seguidos, sem se falarem até terem cruzado novamente a fronteira em segurança.

— Mas por quê, por quê, Hans?

— Por nada! Por favor. Você não deve fazer perguntas, Riko. Foi o seu acordo... o nosso acordo. Lamento quanto às férias. Iremos para Wengen ou Biarritz, e será formidável, Já será formidável. Por favor, lembre-se do seu gin e de que a amo do fundo do coração.

"Amor!

"Não compreendo esta palavra", pensou, de pé à janela, olhando para o porto, as nuvens escuras, a luz ruim. "É estranho que em japonês não tenhamos tal palavra. Apenas dever e nuances de dever, afeição e nuances de afeição. Não Liebe. Ai? Ai quer dizer na verdade respeito, embora algumas pessoas a usem no lugar de Liebe."

Riko se pegou pensando em alemão, e sorriu. Na maioria das vezes pensava em alemão, embora ao almoço, com o tai-pan, tivesse pensado em japonês. "Faz tanto tempo que não falo a minha própria língua! Qual é a minha própria língua? O japonês? É a língua que meus pais e eu falávamos. Alemão? É a língua da nossa parte da Suíça. Inglês? É a língua do meu marido, embora ele alegasse que o alemão era a sua língua natal.

"Ele era inglês?"

Ela se fizera essa pergunta muitas vezes. "Não que o alemão dele não fosse fluente. Eram as suas atitudes. As atitudes dele não eram alemãs, como as minhas não são japonesas. Ou são?"

"Não sei. Mas agora vou poder descobrir."

Ele jamais lhe contara que tipo de trabalho fazia, e ela jamais lhe perguntara. Depois de Viena, fora fácil adivinhar que era clandestino e estava ligado, de alguma forma, ao crime ou à espionagem internacional. Hans não era do tipo de se meter com crime.

Então, dali em diante, ela fora ainda mais cautelosa. Uma ou duas vezes, em Zurique e quando foram esquiar, ela desconfiara de que estavam sendo vigiados, mas ele dissera que não se preocupasse.

— Mas esteja preparada para o caso de acidentes. Mantenha tudo de valor, os papéis particulares, o passaporte e a certidão de nascimento na maleta de viagem, Ri-chan — dissera, usando o apelido dela. — Apenas por via das dúvidas.

Com a morte do marido, e com suas instruções quase todas cumpridas, o dinheiro, o telefonema e o chamado do tai-pan, tudo seria novo. Agora ela podia recomeçar. Tinha vinte e quatro anos. O passado era passado, e carma era carma. O dinheiro do tai-pan seria mais do que suficiente para as necessidades dela durante anos.

Na sua noite de núpcias, o marido lhe dissera:

— Se qualquer coisa me acontecer, você receberá um telefonema de um homem chamado Kiernan. Corte as linhas telefônicas como vou lhe mostrar, e deixe Zurique imediatamente. Deixe tudo para trás, exceto as roupas do corpo e a maleta de viagem. Vá para Genebra. Tome esta chave. Ela abrirá um cofre individual no Banco Suíço em Genebra, na Rue Charles. Nele há dinheiro e algumas cartas. Siga as instruções exatamente, minha querida. Oh, como eu a amo! Deixe tudo. Faça exatamente o que eu disse...

E ela o fizera. Exatamente. Era o seu giri.

Cortara os fios telefônicos com a tesoura, como ele lhe ensinara, logo atrás da caixa presa à parede, para que o corte mal fosse notado. Em Genebra, no banco, havia uma carta com instruções, dez mil dólares em dinheiro vivo no cofre individual, um novo passaporte suíço, carimbado, com a foto dela, mas um novo nome, um novo aniversário e uma nova certidão de nascimento, que dizia que ela nascera em Berna havia vinte e três anos. Gostara do nome novo que ele escolhera para ela, e lembrava-se de como, na segurança do seu quarto de hotel que dava para o lindo lago, chorara por ele.

No cofre individual também havia uma caderneta de poupança no seu novo nome, no valor de vinte mil dólares, e uma chave, um endereço e um título de propriedade. O título era de um pequeno chalé à beira do lago, isolado, mobiliado e totalmente pago, com uma zeladora que a conhecia apenas pelo novo nome, e que achava que ela fosse uma viúva que estivera no exterior... o título estava registrado no seu novo nome, embora o chalé tivesse sido comprado há quatro anos, alguns dias antes do seu casamento.

— Ah, patroa, que bom que a senhora finalmente veio para casa! Viajar para todos esses lugares estrangeiros deve ser muito cansativo — disse a velha simples e simpática, à guisa de cumprimento. — Ah, no último ano a sua casa foi alugada para um inglês tão tranquilo e encantador! Pagava pontualmente todos os meses. Eis os recibos. Talvez ele volte esse ano, disse ele, talvez não. Seu agente fica na Avenue Firnet...

Mais tarde, caminhando pela linda casa, o lago vasto e limpo no bojo das montanhas, a casa limpa como as montanhas, quadros nas paredes, flores nos vasos, três dormitórios, uma sala e varandas, pequenina mas perfeita para ela, o jardim uma jóia, ela entrara no dormitório principal. Em meio a um caleidoscópio de pequenos quadros de diversos formatos e tamanhos numa das paredes, havia o que parecia ser parte de uma velha carta numa moldura com vidro, o papel já amarelecendo. Ela reconheceu a letra dele. Estava escrita em inglês.

"Tantas horas felizes nos seus braços, Ri-chan, tantos dias felizes na sua companhia! Como lhe dizer que a amo? Esqueça-me,

eu jamais a esquecerei. Como imploro a Deus que lhe conceda dez mil dias por cada um dos meus, minha querida, minha querida, minha querida."

A imensa cama de casal estava quase convexa devido ao edredão grosso e multicolorido, as janelas abertas para o ar suave, cheio dos perfumes do final do verão, a neve cobrindo de leve os topos das montanhas. Ela chorara novamente, o chalé acolhendo-a.

Poucas horas depois de sua chegada, Dunross a chamara, e ela havia tomado o primeiro jato. E agora estava ali, a maior parte do seu trabalho terminado, nenhuma necessidade de voltar, o passado obliterado... se ela assim o desejasse. Parecia-lhe que o novo passaporte era genuíno, assim como a certidão de nascimento. Não havia nenhum motivo para voltar à Suíça... exceto pelo chalé. E o quadro.

Ela o deixara na parede, intocado. E resolvera que, enquanto fosse dona da casa, o quadro ficaria onde ele o colocara. Para sempre.

76

17h10m

Orlanda dirigia o pequeno carro, Bartlett ao seu lado, com o braço apoiado de leve em seus ombros. Tinham acabado de cruzar a garganta, vindos de Aberdeen, e agora, ainda entre nuvens, desciam a montanha em Mid Leveis, em direção à casa dela, no Rose Court. Estavam felizes juntos, cheios de expectativa. Depois do almoço, haviam atravessado para Hong Kong, e ela guiara até Shek-O, na ponta sudeste da ilha, para mostrar-lhe onde alguns dos tai-pans tinham casas de fim de semana. A paisagem era ondulante, o local escassamente povoado, colinas, ravinas, o mar sempre perto, pedras e rochedos íngremes.

De Shek-O haviam continuado pela estrada meridional que se enroscava e retorcia até chegarem a Repulse Bay, onde ela parará no maravilhoso hotel para tomarem chá com bolinhos, na varanda, olhando para o mar. Depois tinham seguido, passando por Deepwater Cove até Discovery Bay, onde ela parará de novo num mirante.

— Olhe ali, Linc, aquele é o Castelo Tok! — O Castelo Tok era uma casa imensa e incongruente que parecia um castelo normando e ficava encarapitada nos rochedos, bem acima da água. — Durante a guerra, os canadenses, soldados canadenses, que defendiam esta parte da ilha contra os invasores japoneses, recuaram até o Castelo Tok, para uma resistência final. Quando foram dominados e se renderam, havia cerca de duzentos e cinquenta deles ainda vivos. Os japoneses os encurralaram todos no terraço do Castelo Tok e os fizeram saltar, à ponta de uma baioneta, pelo muro do terraço até as pedras lá embaixo.

— Meu Deus!

A queda era de uns trinta metros, ou mais.

— Todos. Os feridos, os... outros, todos.

Ele notara que ela estremeceu, e imediatamente estendera a mão para tocá-la.

— Não ligue, Orlanda, faz muito tempo.

— Não, não, absolutamente. Infelizmente a história e a guerra ainda permanecem conosco, Linc. Sempre permanecerão. À

noite os fantasmas caminham por esses terraços.

— Você crê nisso?

— Sim, claro que sim.

Lembrou-se de como olhara para a casa sombria, o mar batendo contra as rochas Iá embaixo, o perfume dela cercandoo enquanto ela se recostava nele, sentindo-lhe o calor, e de como se sentira feliz por estar vivo e não ser um daqueles soldados.

— O seu Castelo Tok parece coisa saída de filme. Já estive Iá dentro?

— Não. Mas dizem que há armaduras e calabouços, e que é uma cópia de um castelo de verdade na França. O dono era o velho Sir Cha-sen Tok, Tok Construtor. Ele era um multi-milionário que ficou rico com estanho. Dizem que, quando fez cinqüenta anos, um vidente lhe disse que começasse a construir uma "grande mansão", caso contrário morreria. E assim ele começou a construir, e construiu dúzias de casas, todas mansões, três em Hong Kong, uma perto de Sha Tin, e muitas na Malásia. O Castelo Tok foi a última que construiu. Estava com oitenta e nove anos, mas disposto e sadio como um homem de meia-idade. Mas, ao que consta, depois do Castelo Tok ele disse "agora chega", e parou de construir. Dentro de um mês estava morto, e a profecia do vidente se cumpriu.

— Está inventando tudo isso, Orlanda!

— Ah, não, Linc, não inventaria isso! Mas o que é verdade e o que é falso? Quem é que sabe, hem, meu querido?

— Eu sei que sou louco por você.

— Ah, Linc, você deve saber que sinto o mesmo. Tinham continuado o passeio, ultrapassando Aberdeen, sentindo-se bem juntos, a mão dele no ombro dela, o cabelo dela roçando-lhe a mão. De quando em vez ela indicava casas e locais, e as horas tinham passado imperceptível e deliciosamente para ambos. Agora, quando desciam a garganta em meio às nuvens, rompendo-as, podiam ver a maior parte da cidade já embaixo. As luzes ainda não tinham sido acesas, embora aqui e ali os imensos e coloridos cartazes a gás neon à beira-mar começassem a se iluminar.

O tráfego estava denso, e nas íngremes estradas das montanhas a água ainda escorria nas sarjetas, com pilhas de lama, pedras e vegetação aqui e ali. Ela guiava com perícia, sem se arriscar, e ele se sentia seguro com ela, embora tivesse ficado arrepiado ao fazer as curvas do lado errado da estrada.

— Mas nós estamos do lado certo — disse ela. — Vocês é que guiam do lado errado!

— Nós, uma ova! São somente os ingleses que guiam do lado esquerdo. Você é tão americana quanto eu, Orlanda.

— Quem me dera eu fosse, Linc, ah, quem me dera!

— Você é. Fala como americana e se veste como americana.

— Ah, mas sei o que sou, meu querido.

Deixou-se ficar apenas apreciando-a. "Jamais gostei tanto de ficar apreciando alguém", pensou. "Nem a Casey. Ninguém em toda a minha vida." Então seu pensamento voltou-se para Biltzmann e teve vontade de estrangular o sujeito.

"Esqueça-se dele, meu velho, junto com toda a merda do mundo. É o que ele é... ele e o Banastasio." Bartlett sentiu uma nova pontada percorrê-lo. Recebera um telefonema pouco antes do almoço, e um pedido de desculpas que era na verdade uma ameaça adicional.

— Vamos fazer as pazes, cara, eu e você? Porra, Linc, é uma merda eu e você aos berros! Que tal irmos comer uns bifés logo mais? Há uma casa de carnes excelente na Nathan Road, a San Francisco.

— Não, obrigado, já tenho um encontro — disse, com frieza.
— Além disso, você já foi bem claro, ontem. Vamos deixar assim, está bem? Nós nos veremos na assembléia anual da junta diretora, se você comparecer.

— Ei, Linc, qual é? Sou eu, seu amigão. Lembre-se de que comparecemos com a grana quando você precisou. Não lhe entregamos a grana?

— A grana em troca de ações, que foram o seu melhor investimento... o melhor investimento regular que já teve. Você dobrou seu dinheiro em cinco anos.

— Claro que sim. Agora queremos dar uns palpites. É justo, não é?

— Não. Não depois de ontem. E quanto às armas? — perguntou, seguindo uma intuição repentina.

Fez-se uma pausa.

— Que armas?

— As que foram colocadas no meu avião. Os M14 e as granadas contrabandeadas.

— Isso para mim é novidade, cara.

— Meu nome é Linc, cara. Sacou? Outra pausa. Então, a voz veio áspera.

— Saquei. E sobre o nosso acordo? Vai mudar de idéia?

— Não. De jeito algum.

— Nem agora, nem mais tarde?

— Não.

Houve um silêncio do outro lado da linha, depois um clique, e ouviu-se um ruído de disar. Prontamente ele ligara para Rosemont.

— Não se preocupe, Linc. O Banastasio é um dos nossos alvos prioritários, e temos um bocado de ajuda por estas partes.

— Alguma novidade sobre as armas?

— Você está limpo. Os figurões daqui de Hong Kong retiraram a retenção que pesava sobre você. Será informado disso oficialmente amanhã.

— Descobriram alguma coisa?

— Não, mas nós, sim. Verificamos o seu hangar em Los Angeles. Um dos vigias noturnos se lembrou de ter visto dois palhaços mexendo no trem de aterrissagem. Não deu importância ao fato até que perguntamos.

— Puxa vida! Pegaram alguém?

— Não. E talvez nem peguemos. Não há problema. Quanto ao Banastasio, logo, logo vai largar do seu pé. Não se preocupe.

Agora, pensando no assunto, Bartlett sentiu-se gelado de novo.

— O que é, querido? — perguntou Orlanda. — O que houve?

— Nada.

— Conte para mim.

— Só estava pensando que o medo é uma droga, e pode destruir a pessoa, se ela não tomar cuidado.

— Ah, é, eu sei, sei muito bem. — Tirou os olhos da estrada por um segundo, sorriu, hesitante, e colocou a mão no joelho dele. — Mas você é forte, meu querido. Não tem medo de nada.

— Tomara fosse verdade — riu.

— Ah, mas é. Eu sei. — Ela diminuiu a marcha para se desviar de um monte de lama, a estrada agora mais íngreme, a água rodopiando, entrando e saindo das sarjetas. O carro vinha grudado ao paredão alto que protegia a estrada, enquanto ela entrava na Kotewall Road e virava a esquina para chegar ao Rose Court. Quando chegou diante do prédio, ele prendeu a respiração, enquanto ela hesitava um momento. Depois, ultrapassou firmemente o portão e entrou na rampa íngreme que levava à garagem.

— Está na hora do coquetel — falou.

— Ótimo — disse ele, a voz rouca. Não olhou para ela. Quando pararam, ele saltou, foi para o lado dela e abriu a porta.

Ela trancou o carro, e eles se dirigiram para o elevador. Bartlett sentiu a veia latejar no pescoço.

Dois garçons chineses carregando bandejas de canapés entraram junto com eles e perguntaram onde ficava o apartamento das Propriedades Asiáticas.

— Fica no quinto andar — respondeu ela. Depois que os homens saltaram, Bartlett quis saber:

— Os senhorios aqui são as Propriedades Asiáticas?

— São. — Acrescentou: — São também os construtores originais. — Hesitou: — Jason Plumm e Quillan são bons amigos. Quillan ainda é dono da cobertura, embora a tenha alugado depois que rompemos.

Bartlett abraçou-a.

— Que bom que romperam!

— Eu também acho. — O sorriso dela era meigo, e a sua inocência singela o comovia. — Agora acho.

Chegaram ao oitavo andar, e ele notou que os dedos dela tremiam de leve enquanto punha a chave na fechadura.

— Entre, Linc! Chá, café, cerveja ou um coquetel? — Ela tirou os sapatos e ergueu os olhos para ele. O coração dele batia com força, e os seus sentidos esforçaram-se para verificar se o apartamento estava vazio. — Estamos sozinhos — ela falou, com simplicidade.

— Como é que você sabe o que estou pensando? Ela deu de ombros, ligeiramente.

— São só umas coisinhas. Ele enlaçou a cintura dela.

— Orlanda...

— Eu sei, meu querido.

A voz dela estava rouca, e ele sentiu um tremor percorrê-lo. Quando a beijou, os lábios dela corresponderam, a parte inferior do seu corpo macia e sem oferecer resistência. As mãos dele percorreram-lhe o corpo. Ele sentiu que os mamilos dela endureciam, e que o bater do seu coração igualava o dele. Depois as mãos dela deixaram o pescoço dele e lhe tocaram o peito, mas desta

vez ele a segurou apertado, o seu beijo mais urgente. A pressão das mãos dela cessou, e mais uma vez ela lhe envolveu o pescoço, apertando mais contra ele a parte genital. Eles interromperam o beijo, mas continuaram agarrados.

— Eu o amo, Linc.

— Eu a amo, Orlanda — replicou ele, e a súbita constatação da verdade o consumiu.

Beijaram-se de novo, as mãos dela carinhosas e fortes, as dele percorrendo-lhe o corpo, ardentes. Ardentes, ele e ela. Quando seus joelhos amoleceram, ela deixou pender o corpo nos braços dele, e ele a carregou com facilidade pela porta aberta que levava ao quarto. As cortinas transparentes que pendiam do teto para formar o dossel moviam-se suavemente à brisa fresca e suave que entrava pelas janelas abertas.

O acolchoado era macio, cheio de penas.

— Seja meigo comigo, meu querido — murmurou ela, roucamente. — Ah, como eu o amo!

Da popa do Sea Witch Casey acenou um adeus para Dunstan Barre, Plumm e Pugmire, que estavam no cais, do lado de Hong Kong, onde haviam acabado de ser desembarcados, o final da tarde agradável, mas ainda nublado. O barco cruzava a baía de novo —

Peter Marlowe e as garotas já tinham sido deixados em Kowloon —, pois Gornt a persuadira a ficar a bordo para a viagem extra.

— Tenho que voltar de novo para Kowloon — dissera ele. — Tenho um compromisso no Nove Dragões. Quer me fazer companhia, por favor?

— E por que não? — ela concordara feliz, sem pressa, ainda com tempo de sobra para mudar de roupa para o coquetel para o qual Plumm a convidara à tarde. Resolvera adiar o seu jantar com Lando Mata para um dia qualquer da semana seguinte.

No caminho de volta de Sha Tin, à tarde, ela cochilara parte do tempo, enrolada num cobertor por causa da brisa fria, enroscada nas poltronas amplas e confortáveis que rodeavam a popa, os outros convidados dispersos, às vezes Gornt ali ao leme, alto, forte e senhor do seu barco, Peter Marlowe cochilando sozinho numa espreguiçadeira da proa. Mais tarde tomaram chá com bolinhos, ele, Casey e Barre. Durante o chá, Pugmire e Plumm haviam aparecido, descabelados e satisfeitos, com as garotas a tiracolo.

— Dormiram bem? — perguntara Gornt, com um sorriso.

— Muito — respondera Plumm.

"Acredito", pensara ela, observando-o, e à sua garota, gostando dela... olhos grandes e escuros, esguia, uma pessoa feliz

chamada Wei-wei, que se grudava a ele como uma sombra.

Pouco antes, quando ela e Gornt tinham ficado sozinhos no tombadilho, ele lhe contara que nenhuma daquelas garotas era uma amiguinha casual, eram todas especiais.

— Todo mundo aqui tem uma amante?

— Santo Deus, não. Mas, bem, desculpe, os homens e as mulheres envelhecem de modo diferente, e depois de certa idade fica difícil. Para falar com franqueza, ir para a cama, amor e casamento não são a mesma coisa.

— Não existe fidelidade?

— Mas claro, sem dúvida. Para a mulher significa uma coisa, para o homem outra.

Casey soltara um suspiro.

— Que terrível! Terrível e injusto.

— É. Mas apenas se se quer que seja.

— Isso não é direito! Pense nos milhões de mulheres que trabalham e se escravizam a vida toda, cuidando do homem, esfregando e limpando, e hoje em dia até ajudando a sustentar os filhos, para serem jogadas de lado quando forem velhas.

— Não se pode culpar os homens, é assim que a sociedade é.

— E quem dirige a sociedade? Os homens! Pombas, Quillan, você tem que admitir que os homens são os responsáveis!

— Já concordei que é injusto, mas também é injusto para os homens. E quanto aos milhões de homens que se matam de trabalhar para prover... que palavrinha infeliz!... para prover o dinheiro para os outros gastarem, especialmente as mulheres? Enfrente a realidade, Ciranoush, os homens têm que continuar trabalhando até morrer, para sustentar os outros, e mais do que freqüentemente, no final das suas vidas, uma mulher irritante, uma megera... olhe só para a mulher do Pug, pelo amor de Deus! Eu poderia lhe indicar cinqüenta que são desnecessariamente gordas, feias e fedem... literalmente. E ainda há aquele outro simpático truquezinho feminino das mulheres, que usam o seu sexo para prender os homens numa armadilha, para ficarem grávidas e os agarrarem, depois se queixarem de tudo e exigirem um divórcio altamente compensador. E quanto ao Linc Bartlett, hem? Que espécie de "sua-douro" lhe deu aquela sua mulher maravilhosa, hem?

— Sabia disso?

— Claro. Vocês verificaram a minha ficha, eu verifiquei a de vocês dois. As suas leis de divórcio são justas? Cinqüenta por cento de tudo, e depois o pobre coitado do homem americano ainda tem que ir aos tribunais para decidir qual a proporção dos seus cinqüenta por cento que pode manter.

— É verdade que a mulher de Linc e o advogado quase o deixaram na rua da amargura. Mas nem toda mulher é assim. Mas, meu Deus, não somos bens móveis, e a maioria das mulheres precisa de proteção. As mulheres em todo o mundo ainda acabam sempre ficando na pior.

— Nunca conheci uma mulher de verdade que acabasse ficando na pior — dissera ele. — Estou me referindo a mulheres como você e Orlanda, que entendem o que é a feminilidade. — De repente, ele abriu um amplo sorriso. — Claro que, pelo caminho, ela tem que nos dar a nós, filhos da mãe fracos, o que queremos para nos manter saudáveis.

Ela rira junto com ele, também querendo deixar de lado aquele assunto... difícil demais de ser solucionado naquele momento.

— Ah, Quillan, você é mesmo um dos que não prestam!

— Sou?

— É.

Ele se virará para perscrutar o céu à frente. Ela o observava, e ele lhe parecera tão alinhado, ali de pé, oscilando de leve, o vento eriçando os pêlos dos seus antebraços fortes, o quepe de capitão num ângulo atrevido. "Que bom que ele confia em mim e me considera uma mulher", pensara, embalada pelo vinho, pela comida e pelo desejo dele. Desde que subira a bordo ela o sentira fortemente, e se perguntava de novo como lidaria com ele quando se manifestasse, o que inevitavelmente aconteceria. Seria sim ou não? Ou talvez? Ou talvez na semana que vem?

Haveria uma semana que vem?

— O que vai acontecer amanhã, Quillan? Na Bolsa de Valores?

— O amanhã pode cuidar do amanhã — dissera ele, o vento a fustigá-lo.

— Fala a sério?

— Ganharei ou não ganharei. — Gornt dera de ombros. — De qualquer maneira, estou coberto. Amanhã eu compro. Com sorte, eu o deixo na pior.

— E depois?

Ele dera uma risada.

— Tem alguma dúvida? Arranco o couro dele, e a tribuna no hipódromo.

— Ah, você realmente deseja isso, não é?

— Ah, sim! Ah, sim! Isso representa a vitória. Ele e os antepassados dele excluíram a mim e aos meus. Claro que quero isso.

"Será que eu poderia fazer um acordo com o Ian?", pensou distraidamente. "Será que conseguiria que o tai-pan permitisse que Quillan tivesse a sua própria tribuna, e o ajudasse a se tornar um administrador? É uma loucura esses dois viverem às turras... há lugar de sobra para ambos. O Ian me deve um favor, se o Murtagh conseguir o acordo."

O coração dela se agitara, e ela ficara imaginando o que teria acontecido com Murtagh e o banco e, se a resposta fosse sim, o que Quillan faria.

"E onde anda o Linc? Estará com a Orlanda, nos braços dela, passando a tarde?"

Enroscara-se de novo na popa e fechara os olhos. O ar salgado, o ronco dos motores e o balanço do mar a tinham feito dormir. O sono dela foi sem sonhos, como se estivesse no útero, e dali a alguns minutos acordou, recuperada. Gornt agora estava sentado diante dela, observando-a. Estavam sozinhos de novo, o capitão cantonense ao leme.

— Tem um belo rosto quando dorme — disse ele.

— Obrigada. — Ela se mexeu e se apoiou num dos cotovelos. — Você é um homem estranho. Parte demônio, parte príncipe, compassivo num minuto, implacável no seguinte. Foi uma coisa maravilhosa o que fez pelo Peter. — Ele apenas sorriu e esperou, os olhos estranha e agradavelmente desafiadores. — O Linc... acho que o Linc está gamado pela Orlanda — disse ela sem pensar, e viu uma sombra passar pelo seu rosto.

— É?

— É. — Ela esperou, mas ele ficou calado, apenas observando-a. Espicaçada pelo silêncio, ela acrescentou, involuntariamente: — Acho que ela está gamada por ele. — Novo e longo silêncio. — Quillan, isso faz parte de um plano?

Ele riu baixinho, e ela sentiu o domínio dele.

— Ah, Ciranoush, você é que é estranha. Eu não...

— Não quer me chamar de Casey? Por favor? Ciranoush não soa bem.

— Mas eu não gosto de Casey. Posso usar o Kamalian?

— Casey.

— E que tal Ciranoush hoje, Casey amanhã, Kamalian no jantar de terça-feira? É quando fechamos o negócio. Certo?

Ela fechou a guarda, quase sem sentir.

— Isso depende do Linc.

— Você não é tai-pan da Par-Con?

— Não, não, isso eu jamais serei. Ele riu. Depois, falou:

— Então que seja Ciranoush hoje, Casey amanhã, e para o diabo com a terça-feira!

— Está certo! — concordou ela, encantada com ele.

— Ótimo. Agora, quanto à Orlanda e ao Linc — disse, a voz meiga —, é problema deles, e nunca comento os casos de uns com outros, mesmo com uma senhora. Nunca. Isso não é jogar corretamente. Se está perguntando se bolei alguma trama diabólica, usando Orlanda contra o Linc ou você e a Par-Con, isso é ridículo. — Novo sorriso. — Sempre notei que as senhoras é que manipulam os homens, e não o contrário.

— Essa é boa!

— Uma pergunta merece outra: você e o Linc são amantes?

— Não. Não no sentido convencional, mas é verdade que o amo.

— Ah, então vão se casar?

— Talvez. — Novamente ela mudou de posição, e viu que seus olhos a percorriam. Ela puxou o cobertor mais para junto do corpo, o coração batendo agradavelmente, muito cômica da presença dele, como sabia que ele estava cômico da presença dela. — Mas não comento meus casos com outro homem — disse, com um sorriso. — Isso também não é jogar corretamente.

Gornt estendeu a mão e tocou-a de leve.

— Concordo, Ciranoush.

O Sea Witch saiu do quebra-mar e entrou nas ondas do porto, com Kowloon logo adiante. Ela sentou-se ereta para apreciar a ilha e o Pico, quase todo envolto em nuvens.

— Como é bonito!

— A costa sul de Hong Kong é linda perto de Shek-O, Repulse Bay. Tenho uma casa em Shek-O. Gostaria agora de ver o resto do barco?

— Sim, gostaria.

Ele a levou primeiro para a proa. Os camarotes estavam arrumados, sem dar sinal de terem sido usados. Cada um deles tinha um chuveiro e uma privada. Uma pequena cabine geral servia a todos.

— Somos muito populares com as damas, no momento, porque elas podem tomar as suas chuveiradas à vontade. A escassez de água tem as suas vantagens.

— Claro — disse ela, acompanhando a jovialidade dele. Na popa, separado do resto do barco, ficava o camarote principal. Uma cama de casal grande. Arrumada, jeitosa, convidativa.

O coração dela agora batia alto nos seus ouvidos, e quando ele fechou a porta do camarote com naturalidade e colocou a mão na cintura dela, Casey não recuou. Ele se aproximou mais. Ela nunca tinha beijado um homem de barba antes. O corpo de Gornt era duro de encontro ao dela, gostoso. O ritmo da respiração dela aumentou, os lábios dele firmes, com gosto de charuto. Parte dela sussurrava: "Solte-se, solte-se", e parte dizia: "Não, não se solte", e toda ela se sentia sensual nos braços dele. Era bom demais.

"E quanto ao Linc?"

A pergunta atacou a mente dela como nunca antes. De estalo, sua mente se desanuviou, e, empolgada com a sensualidade

dele, ela soube pela primeira vez, com absoluta certeza, que era o Linc que queria, não a Par-Con ou o poder, se tivesse que escolher. "Ê, é o Linc, apenas o Linc, e hoje à noite vou cancelar o nosso acordo. Hoje à noite vou propor cancelá-lo."

— Agora não é a hora — sussurrou, a voz rouca.

— O quê?

— Não, não agora. Não podemos, desculpe. — Esticou-se e o beijou de leve nos lábios, falando em meio aos beijos. — Agora não, meu caro, desculpe, mas não podemos, não agora. Terça-feira, quem sabe na terça-feira...

Ele a afastou de junto de si, e ela viu que seus olhos escuros a perscrutavam. Sustentou o olhar dele o quanto pôde, depois enterrou a cabeça no peito dele e o abraçou carinhosamente, ainda desfrutando a proximidade, certa de que agora estava segura. "Puxa, escapei por pouco", pensou debilmente, os joelhos estranhos, todo o seu corpo pulsando. "Quase me entreguei, desta vez, e isso não teria sido bom para mim, para Linc ou para ele.

"Teria sido bom para ele", pensou, de modo estranho.

Seu coração batia forte enquanto ela repousava de encontro a ele, esperando, recuperando-se, certa de que, dali a um momento,

com carinho e meiguice, e a promessa da semana seguinte, ele diria: "Vamos voltar para o convés".

Então, subitamente, ela sentiu os braços dele apertarem-se à sua volta, e antes que se desse conta do que estava acontecendo, estava na cama, os beijos dele fortes e as mãos errantes. Ela começou a se debater, mas ele segurou as mãos dela com perícia, esticou-a com a sua grande força e deitou-se sobre ela, a parte inferior do seu corpo prendendo-a e tornando-a indefesa. Beijou-a ao seu bel-prazer, e a paixão dele e a excitação dela misturaram-se à fúria, ao medo e ao desejo dela. Por mais que ela se debatesse, não conseguia se mexer.

O calor aumentou. Dali a um momento, ele mudou de posição. Imediatamente ela se lançou ao ataque, agora querendo mais, embora estivesse preparada para lutar seriamente. Novamente, ele voltou a prender as mãos dela. Ela sentiu-se completamente envolvida, desejando ser dominada, não desejando, a paixão dele forte, seu sexo duro, a cama macia. E então, do mesmo modo abrupto como começara, ele a soltou e rolou para o lado, com uma risada.

— Vamos beber alguma coisa! — disse ele, sem rancor. Ela lutava para recobrar o fôlego.

— Seu filho da mãe!

— Que nada, sou um filho muito legítimo. — Gornt apoiou-se num cotovelo, enrugando os olhos num sorriso. — Mas você, Ciranoush, é uma mentirosa.

— Vá pro inferno!

A voz dele era calma, e cordialmente implicante.

— Irei, no devido tempo. Longe de mim pedir a uma dama que prove uma coisa dessas.

Ela se lançou sobre ele, procurando unhar-lhe o rosto, furiosa por ele estar tão controlado quando ela não estava. Ele segurou as mãos dela com facilidade e prendeu-a.

— Calma, calma, gatinha — falou, afavelmente. — Acalme-se, Ciranoush. Lembre-se, somos maiores de idade. Já a vi quase despida, e, se quisesse mesmo violentá-la, temo que você estaria perdida desde o começo. Poderia gritar até ficar rouca que a minha tripulação não escutaria nada.

— Você é um nojento maldi...

— Pare! — Gornt manteve o sorriso, mas ela parou, pressentindo o perigo. — A brincadeira foi só para divertir, não para

assustar — disse ele, suavemente. — Só uma gozação, nada mais. Juro.

Ele a soltou, e ela saiu apressadamente da cama, ainda respirando pesadamente.

Cheia de raiva, foi até o espelho e ajeitou o cabelo; então viu-o pelo espelho, ainda deitado com naturalidade na cama, observando-a, e virou-se com violência.

— Seu filho da mãe de olhos negros!

Gornt soltou uma imensa gargalhada, contagiante, de sacudir a barriga, e de repente, notando a tolice de tudo aquilo, ela também começou a rir. Dali a um momento, os dois riam a valer, ele estirado na cama, Casey apoiada na cômoda.

No tombadilho, como bons amigos, tomaram um pouco do champanha que já estava aberto num balde de prata. O taifeiro silencioso e gentil serviu-os e depois se retirou.

Ao chegarem no desembarcadouro, em Kowloon, ela o beijou de novo.

— Obrigada por uma tarde muito agradável. Terça-feira, se não antes!

Foi para terra e ficou dando adeus para o barco por muito tempo. Depois, foi para casa.

Wu Óculos também estava indo para casa. Sentia-se cansado, ansioso, com muito medo. O caminho de subida por entre o labirinto de choças e barracos na área de recolonização bem acima de Aberdeen era difícil, escorregadio e perigoso, lama e sujeira por toda parte, e ele respirava com dificuldade devido à subida. O bueiro de concreto transbordara muitas vezes, espalhando os detritos em muitos lugares, a inundação afastando estruturas de lugar e criando mais confusão. A fumaça pairava sobre muitas das moradias destroçadas, algumas ainda ardendo dos incêndios que se haviam espalhado com rapidez quando os deslizamentos tinham começado. Ele se desviou do buraco profundo onde a Quinta Sobrinha quase perecera na antevéspera, cerca de mais uma centena de choças destruídas por novos deslizamentos na mesma área.

A loja de doces sumira, e a velha junto com ela.

— Onde está ela? — perguntou.

O homem deu de ombros e continuou a vasculhar os escombros, procurando boa madeira, bons pedaços de papelão ou ferro corrugado.

— Como está a coisa Iá em cima? — perguntou.

— Como Iá embaixo — disse o homem num cantonense hesitante. — Uns bons, outros ruins. Joss.

Wu agradeceu. Estava descalço, carregando os sapatos para protegê-los. Saiu de perto dos bueiros e foi abrindo caminho por cima dos escombros para descobrir a trilha que subia. De onde estava não conseguia enxergar a sua área, embora lhe parecesse que não havia deslizamentos por Iá. Armstrong permitira que ele viesse para casa para verificar as coisas, quando o noticiário anunciara novos deslizamentos fortes naquela parte da área de recolonização.

— Mas volte o mais depressa que puder. Temos outro interrogatório marcado para as sete horas.

— Oh, sim, voltarei — falou em voz alta.

As sessões haviam sido muito cansativas, mas boas para ele, com muitos elogios por parte de Armstrong e do chefe do sei, seu lugar agora assegurado, a transferência e o treinamento a começar na semana seguinte. Dormira muito pouco, em parte porque as horas das sessões não tinham relação com o dia ou a noite, em parte pela sua ânsia de êxito. O cliente passava do inglês para o dialeto de Ning-tok, para o cantonense e de volta para o inglês, e

fora difícil acompanhar todas as suas divagações. Apenas quando os seus dedos tinham tocado o maço de notas incomum e maravilhoso no bolso, seus ganhos nas corridas, é que uma leveza tomara conta dele e o fizera atravessar as horas difíceis. Novamente ele as tocou, para se reconfortar, abençoando a sua sorte enquanto subia a trilha estreita, que às vezes servia de ponte desconjuntada sobre pequenas ravinas, sempre subindo. Gente passava por ele, descendo, outras pessoas o acompanhavam subindo, o barulho de martelos, reconstrução, recolocação de telhados ecoando pelas encostas.

A área dele ficava menos de cem metros adiante, dobrando a esquina, e ele a dobrou e parou. Sua área não existia mais, era só uma funda cicatriz na terra, a avalanche empilhada de lama e entulho sessenta metros abaixo. Nenhuma habitação, onde antes houvera centenas.

Atordoado, ele subiu, desviando-se do deslizamento traiçoeiro, e foi até a choça mais próxima, batendo à porta. Uma velha abriu-a, desconfiada.

— Com licença, Honrada Senhora, sou o filho de Wu Chotam, de Ning-tok...

A mulher, Yang Um Dente Só, fitou-o com ar inexpressivo, depois começou a falar, mas Wu não entendia o seu idioma. Por isso, agradeceu-lhe e afastou-se, lembrando-se de que aquela era uma das áreas ocupadas pelos Yangs, alguns dos estrangeiros nortistas que vinham de Xangai.

Mais perto do topo do deslizamento, ele bateu a outra porta.

— Com licença, Honrado Senhor, mas o que aconteceu? Sou o filho de Wu Cho-tam, de Ning-tok, e minha família estava ali — falou, apontando para a fenda.

— Aconteceu durante a noite, Honrado Wu — disse o homem, falando um dialeto cantonense que ele podia entender.

— Foi como o ruído do velho trem expresso de Cantão, depois um rugido da terra, depois gritos. Então começaram alguns incêndios. Aconteceu a mesma coisa no ano passado, logo ali. Ah, é, os incêndios começaram rapidamente, mas foram logo apagados pela chuva. Dew neh loh moh, mas a noite foi muito ruim. — O vizinho era um velho desdentado, e sua boca se abriu numa careta. — Graças a todos os deuses você não estava dormindo ali, heya? — disse, fechando a porta.

Wu voltou a olhar para a fenda, depois foi descendo a colina. Finalmente, encontrou um ancião da sua área, que também era de Ning-tok.

— Ah, Wu Óculos, Policial Wu! Vários membros da sua família estão ali. — Seu dedo nodoso apontou para cima.

— Ali, na casa do seu primo, Wu Wam-pak.

— Quantos se perderam, Honorável Senhor?

— Fodam-se todos os desabamentos de terra, como vou saber? Eu Iá sou o guardião da encosta? Há dúzias de desaparecidos.

Wu Óculos lhe agradeceu. Quando encontrou a choça, o Nono Tio estava Iá, a Avó, a mulher do Sexto Tio e seus quatro filhos, a mulher e o bebê do Terceiro Tio. O Quinto Tio estava com o braço quebrado, numa tipóia improvisada.

— E o resto de nós? — perguntou. Faltavam sete.

— Na terra — falou a Avó. — Tome chá, Wu Óculos.

— Obrigado, Honrada Avó. E o Avô?

— Foi para o Vácuo antes do desabamento. Foi para o Vácuo durante a noite, antes do desabamento.

— Joss. E a Quinta Sobrinha?

— Sumiu. Desapareceu, em algum lugar.

— Será que ainda pode estar viva?

— Talvez. O Sexto Tio está agora procurando por ela, Já embaixo, com os outros, embora seja uma boca inútil. Mas e quanto aos meus filhos, e os filhos deles, e os deles?

— Joss — disse Wu com tristeza, sem amaldiçoar ou abençoar os deuses. Deuses cometem erros. — Vamos queimar incenso por eles, para que renasçam em segurança, se houver um renascimento. Joss. — Sentou-se num caixote quebrado. — Nono Tio, nossa fábrica, a fábrica ficou danificada?

— Não, graças aos deuses. — O homem estava entorpecido. Perdera a mulher e três filhos, saindo nem sabia como de dentro do mar de lama que os engolira a todos. — A fábrica não foi danificada.

— Bom. — Todos os papéis e material de pesquisa para o Lutador pela Liberdade estavam Já... juntamente com a velha máquina de escrever e uma antiquíssima copiadora Ges-tetner. — Muito bem. Agora, Quinto Tio, amanhã o senhor comprará uma máquina de fazer plástico. De agora em diante, faremos as nossas próprias flores. O Sexto Tio o ajudará, e recomeçaremos.

O homem cuspiu, enojado.

— E como vamos pagar, hem? Como vamos começar? Como... — Parou e ficou olhando fixo para ele. Todos soltaram exclamações abafadas. Wu Óculos tirara do bolso o maço de notas. — Ayeeyah, Honrado Irmão Mais Moço, estou vendo que finalmente teve a sabedoria de unir-se ao Cobra!

— Mas quanta sabedoria! — ecoaram os outros, orgulhosamente. — Que todos os deuses abençoem o Irmão Mais Moço!

O rapaz ficou calado. Sabia que não acreditariam nele se contasse a verdade. Portanto, deixou que acreditassem no que quisessem.

— Amanhã comecem a procurar uma boa máquina de segunda mão. Podemos pagar apenas novecentos dólares — disse ao homem mais velho, sabendo que tinha mil e quinhentos disponíveis, se fosse preciso.

Depois, saiu da choça e combinou com o primo, dono dela, alugar-lhe um canto até que pudessem reconstruir, discutindo o preço até chegarem a um acordo. Satisfeito de haver feito o que podia pelo clã dos Wus, deixou-os e desceu o morro de volta ao quartel-general, o coração chorando, toda a sua alma desejando gritar com os deuses pela sua injustiça, ou descuido, por terem

levado tantos deles, por terem levado a Quinta Sobrinha, cuja vida fora devolvida havia um ou dois dias noutra desabamento.

"Não seja idiota", ordenou a si mesmo. "Joss é joss. Você tem dinheiro no bolso, um vasto futuro no sei, o Lutador pela Liberdade para fazer, e a hora da morte depende dos deuses.

"Pobrezinha da Quinta Sobrinha. Tão bonitinha, tão meiga!"

— Os deuses são os deuses — murmurou, cansado, lembrando as últimas palavras que recordava tê-la ouvido dizer. Em seguida, tirou-a da cabeça.

18h30m

Ah Tat subiu com dificuldade a larga escadaria da Casa Grande, as velhas juntas reclamando, resmungando sozinha, e atravessou a Galeria Longa, odiando a galeria e os rostos que pareciam estar sempre a observá-la. "Há fantasmas demais aqui", pensou, cheia de temor supersticioso, tendo conhecido muitos dos rostos em vida, tendo crescido naquela casa, tendo nascido naquela casa há oitenta e cinco anos. "Que coisa incivilizada manter-lhes os espíritos presos pendurando-lhes os retratos na parede. É melhor agir civilizadamente e lançá-los à lembrança, onde devem ficar os espíritos."

Como sempre acontecia, um estremeamento a percorreu ao ver a faca da Bruxa enfiada no coração do pai. "Dew neh loh moh", pensou, "aquela era mesmo uma doida, com um demônio insaciável no seu Portão de Jade, sempre lamentando secretamente a perda d'o tai-pan, o pai do marido, lamentando o seu destino por ter-se casado com o fracote do filho e não com o pai, sem nunca ter ido

para a cama com o pai, o seu Portão de Jade insaciável por esse motivo.

"Ayeeyah, e todos os estranhos que subiram estas escadas ao longo dos anos para entrarem na cama dela, bárbaros de todas as nações, de todas as idades, formatos e tamanhos, para serem jogados de lado como um traste depois de a sua essência ter sido usada e esgotada, o fogo jamais tocado."

Ah Tat estremeceu de novo. "Que os deuses sejam testemunhas! O Portão de Jade e o Monge de Um Olho Só são verdadeiramente yin e yang, verdadeiramente eternos, verdadeiramente divinos, ambos insaciáveis, não importa o quanto um consuma o outro. Graças a todos os deuses meus pais permitiram que eu fizesse voto de castidade, para dedicar minha vida à criação de crianças, sem nunca ser rasgada por um Talo Ardente, para jamais voltar a ser a mesma. Graças a todos os deuses que nem todas as mulheres precisam de homens para elevá-las ao estágio de unidade com os deuses. Graças a todos os deuses algumas mulheres sabiamente preferem mulheres para acariciar, tocar, beijar e gozar. A Bruxa também teve mulheres, muitas, quando ficou velha, encontrando prazer, mas não satisfação, nos seus braços juvenis. É curioso que ela se deitasse com uma garota civilizada, mas não com um homem civilizado, que sem dúvida ter-lhe-ia apagado o fogo, de uma maneira ou de outra, com instrumentos de cama ou sem eles. Que todos os deuses sejam testemunhas, quantas vezes não lhe disse isso? Eu era a única pessoa com quem ela discutia tais coisas!

"Pobre idiota, com os seus sonhos distorcidos de poder, sonhos distorcidos de luxúria, igualzinha à velha imperatriz-mãe..."

pesadelos de uma vida que nenhuma vara pode mitigar."

Ah Tat desviou os olhos da faca e seguiu o seu caminho. "A Casa jamais será íntegra enquanto alguém não arrancar essa faca e lançá-la ao mar... com ou sem maldição."

A velha não bateu à porta do quarto de dormir, mas entrou silenciosamente, para não acordá-lo, e ficou parada junto à grande cama de casal, olhando para baixo. Aquela era a hora de que mais gostava, quando o seu homem-menino ainda dormia, sozinho, e ela podia ver seu rosto adormecido e examiná-lo, sem ter que se preocupar com o mau humor e a irritação da Mulher Principal, com as suas idas e vindas.

"Mulher tola", pensou solenemente, vendo os vincos no rosto dele. "Por que não cumpre o seu dever como Mulher Principal e arruma outra mulher para o meu filho, uma jovem, na idade de procriar, uma pessoa civilizada, como tinha o velho Demônio de Olhos Verdes? Então esta casa seria alegre de novo. É, a casa precisa de mais filhos... é uma burrice arriscar a prosperidade nos ombros de um filho só. É uma burrice deixar este touro sozinho, burrice deixar esta cama vazia, burrice deixá-lo para ser tentado por alguma prostitutazinha bajuladora, para desperdiçar a sua essência em pastos estranhos. Por que ela não se dá conta de que temos que proteger a Casa? Bárbaros!"

Viu os olhos dele se abrirem e entrarem em foco, e depois ele se espreguiçou gostosamente.

— Hora de levantar, meu filho — disse ela, tentando soar áspera e mandona. — Tem que tomar banho, vestir-se, dar mais telefonemas, heya, e deixar a sua pobre Mãe com mais tarefas e mais trabalho, heya?

— Sim, Mãe — resmungou Dunross em cantonense, em meio a um bocejo. Depois, sacudiu-se como um cachorro, espreguiçou-se mais uma vez e saltou da cama, dirigindo-se despido para o banheiro.

Ela examinou com ar crítico o seu corpo alto, as cicatrizes feias e enrugadas das antigas queimaduras da queda de avião que lhe cobriam a maior parte das pernas. Mas as pernas eram fortes, os flancos fortes, o yang resoluto e saudável. "Ótimo", pensou. "Que bom que está tudo bem." Mesmo assim, ela se preocupava com a perpétua esbelteza dele, sem a barriga substancial que seu dinheiro e sua posição mereciam.

— Não está comendo o bastante, meu filho!

— Mais do que o bastante!

— Há água quente no balde. Não se esqueça de escovar os dentes.

Satisfeita, começou a fazer a cama.

— Ele estava precisando desse descanso — resmungou, sem se dar conta de que estava falando em voz alta. — Na última semana tem parecido um homem endemoninhado, trabalhando o tempo todo, o medo no seu rosto, nele todo. Um medo desses pode matar. — Quando acabou de fazer a cama, falou mais alto: — Não fique fora até tarde hoje à noite. Precisa se cuidar, e se for dormir com uma prostituta, traga-a para cá, como uma pessoa sensata, heya?

Ouviu-o dar uma risada e ficou contente. "Nos últimos dias ele não tem rido o suficiente", pensou.

— Um homem precisa de risadas e de um yin jovem para alimentar o yang. Hem, o que foi que você disse?

— Perguntei pela Filha Número Um.

— Entra, sai, sempre sai, sai com aquele novo bárbaro — disse ela, indo até a porta do banheiro espiá-lo enquanto ele se lavava. — O tal de cabelos compridos e roupas amassadas que trabalha no China Guardian. Não o aprovo, meu filho, nem um pouquinho.

— Para onde eles "saíram", Ah Tat?

A velha deu de ombros, remexendo as gengivas.

— Quanto mais cedo a Filha Número Um se casar, melhor. Melhor que ela seja problema de outro homem, e não seu. Ou então deve dar-lhe uma boa sova na bunda. — Ele riu de novo, e dessa vez ela ficou imaginando por quê. — Está ficando de miolo mole — resmungou, depois se afastou. Na porta externa, lembrando-se, chamou: — Há uma pequena refeição pronta para você, antes de sair.

— Não se preocupe com comida... — começou Dunross, interrompendo-se, sabendo que era perda de tempo. Ouviu enquanto ela se afastava resmungando, fechando a porta às suas costas.

Estava de pé na banheira e jogou mais água fria sobre o corpo. "Porra, como eu queria que acabasse esta droga de falta d'água", pensou. "Que delícia uma longa chuveirada quente!", pensou, e logo se concentrou inexoravelmente em Adryon. Prontamente, escutou o conselho de Penelope: "Não banque a criança, Ian! A vida é dela, não banque a criança!"

— Estou tentando — murmurou, enxugando-se vigorosamente. Pouco antes de dormir, ligara para Penelope. Ela já estava no Castelo Avisyard, Kathy ainda na clínica de Londres para mais exames.

— Virá para cá na semana que vem. Espero que tudo saia bem.

— Estou em contato com os médicos, Penn. — Ele lhe falara da idéia de mandar Gavallan para a Escócia. — Ele sempre quis ficar aí, a Kathy também. Será melhor para os dois, não é?

— Ah, que maravilha, Ian! Que notícia maravilhosa!

— Podem ocupar toda a ala leste.

— É, sim. Ian, o tempo está maravilhoso, hoje, maravilhoso, e a casa tão linda! Não há mesmo chance de você vir passar alguns dias aqui?

— Estou de trabalho até o pescoço, Penn! Ouviu falar do mercado de ações?

Escutara o silêncio momentâneo, e quase pudera ver o rosto dela se alterar e escutar dentro da sua cabeça a fúria impotente contra o mercado, Hong Kong e os negócios, por mais que ela tentasse afastá-la.

— É. Deve ser terrível — dissera ela, ainda uma ligeira alteração na voz. — Coitado de você. Alastair estava reclamando um

bocado ontem à noite. Vai ficar tudo bem, não é?

— Claro que sim — dissera, com grande confiança, imaginando o que ela diria se lhe contasse que teria que garantir com seus bens pessoais o empréstimo de Murtagh, se viesse mesmo a sair. "Ah, Deus, permita que saia." Contou-lhe todas as novidades, depois disse que Alan tinha enviado uma mensagem muito interessante da qual lhe falaria pessoalmente, acrescentando que a mensageira era uma japonesa-suíça. — É uma uva!

— Espero que não seja demais!

— Oh, não! Como vai a Glenna, e como vai você?

— Muito bem. Teve notícias do Duncan?

— Tive... chega amanhã. Mandarei que lhe telefone tão logo chegue. Acho que é só, Penn, eu a amo!

— Eu também o amo, e gostaria que estivesse aqui. Ah, e como vai a Adryon?

— Na mesma. Ela e aquele tal de Haply parecem inseparáveis.

— Lembre-se de que ela não é mais criança, querido, e não se preocupe com ela. Tente deixar de ser criança também.

Terminou de se enxugar, e olhou-se no espelho, perguntando-se se seria velho para a sua idade, ou moço, sem sentir-se diferente de quando tinha dezenove anos... na universidade ou na guerra. Depois de um momento, falou:

— Tem sorte de estar vivo, meu chapa. Puxa, quanta sorte!

Seu sono fora pesado, e sonhara com o Tiptop; quase ao acordar, alguém perguntara, no seu sonho: "O que vai fazer?" "Não sei", pensou. "Até onde posso confiar naquele sacana do Sindere? Não muito. Mas ele ficou abalado com a minha ameaça... não, a minha promessa de publicar os onze pedaços de papel. E juro por Deus que o farei!

"É melhor eu ligar para o Tiptop antes de sair para a casa de Plumm. É melhor..."

Escutou a porta do quarto abrir-se de novo, e Ah Tat voltou a atravessar o quarto, parando à porta do banheiro.

— Ah, meu filho, esqueci de lhe dizer que há um bárbaro esperando por você Já embaixo.

— É? Quem?

— Um bárbaro — falou ela, dando de ombros. — Não tão alto quanto você. Tem um nome estranho, e é mais feio do que a maioria, com cabelos de palha! — Remexeu no bolso e pegou o cartão. — Tome.

No cartão estava escrito: "Dave Murtagh III, Royal Belgium and Far East Bank". O estômago de Dunross se con-torceu.

— Há quanto tempo ele está esperando?

— Uma hora, talvez mais.

— O quê? Fodam-se todos os deuses. Por que não me acordou?

— Hem? Por que não o acordei? — perguntou ela, causticamente. — Por quê? O que é que acha? Sou alguma idiota? Um demônio estrangeiro? Ayeeyah, o que é mais importante, ele esperar ou você descansar? Ayeeyah! — acrescentou desdenhosamente, e se

afastou, resmungando: — Como se eu não soubesse o que era melhor para você!

Dunross vestiu-se rapidamente e desceu correndo. Murtagh estava largado numa espreguiçadeira. Acordou sobressaltado quando a porta se abriu.

— Ah, oi!

— Lamento muitíssimo. Estava tirando uma soneca e não sabia que estava aqui.

— Tudo bem, tai-pan. — Dave Murtagh estava abatidíssimo. — A velhota me ameaçou com o diabo se eu soltasse um murmúrio. Mas não faz mal, eu peguei no sono. — Estirou-se, abafando um bocejo, e sacudiu a cabeça para desanuviá-la.

— Meu Deus, desculpe ter vindo sem ser convidado, mas é melhor do que falar por telefone.

Dunross não deixou transparecer na fisionomia o desapontamento doloroso. "Deve ser uma recusa", pensou.

— Uísque?

— Sim, com soda. Obrigado. Puxa, como estou cansado! Dunross foi até a garrafa de cristal e serviu-o, depois preparou um conhaque com soda para si mesmo.

— Saúde! — brindou, resistindo à ânsia de perguntar.

— Saúde! E o senhor conseguiu o seu negócio! — O rosto do rapaz se abriu num enorme sorriso. — Conseguimos! — quase berrou. — Eles gritaram e reclamaram, mas faz uma hora concordaram. Conseguimos tudo! Cento e vinte por cento dos navios e um fundo de cinqüenta milhões de dólares americanos. A grana chega na quarta, mas o senhor pode fazer uso dela, sob palavra, na segunda às dez horas. A oferta dos petroleiros foi o toque decisivo. Puta que o pariu, conseguimos!

Dunross precisou lançar mão de todo o seu treinamento para conter o urro de triunfo, não demonstrar no rosto a alegria, e dizer calmamente:

— Puxa, que ótimo! — Tomou mais um gole do seu conhaque. — O que foi? — perguntou, vendo a expressão chocada no rosto do homem mais moço.

Murtagh sacudiu a cabeça e se largou na espreguiçadeira, exausto.

— Vocês, ingleses, são fora de série! Jamais os compreenderei. Acabo de lhe dar uma liberdade condicional de cem por cento, com o melhor dos acordos que Deus já permitiu a um homem, e só o que me diz é "Puxa, que ótimo!"

Dunross riu. Riu com gosto, extravasando toda a sua alegria. Apertou com força a mão de Murtagh e agradeceu-lhe.

— Como é, melhorou? — perguntou, rindo de orelha a orelha.

— Melhorou! — Ele agarrou a pasta e abriu-a, tirando um maço de contratos e papéis. — Aqui estão, conforme combinamos. Passei a noite inteira acordado, fazendo a minuta. Este é o contrato do empréstimo principal, este é a sua garantia pessoal, estes são para o carimbo da companhia, dez cópias de tudo.

— Vou rubricar uma série, que ficará com você. Você rubricará uma, que ficará comigo, e depois assinaremos formalmente amanhã de manhã. Pode se encontrar comigo no meu escritório, digamos, às sete e meia da manhã? Carimbaremos todos os documentos e...

O rapaz soltou um gemido involuntário.

— Não pode ser às oito, ou oito e meia, tai-pan? Preciso pôr o sono em dia.

— Sete e meia. Pode dormir o resto do dia. — Dunross teve uma idéia repentina, e acrescentou: — Deixe a noite de amanhã reservada.

— Porque?

— É. Descanse o máximo que puder, à noite vai estar muito ocupado.

— Fazendo o quê?

— Você não é casado, nem comprometido. Portanto, uma noite divertida não será má idéia, não é?

— Puxa! — Murtagh animou-se visivelmente. — Seria fantástico.

— Ótimo. Mandarei você para um amigo meu em Aberdeen. Wu Dente de Ouro.

— Quem?

— Um velho amigo da família. Perfeitamente seguro. Por falar nisso, que tal almoçar comigo nas corridas, na semana que vem?

— Puxa vida, obrigado. Ontem a Casey me deu uma "barbada" e ganhei uma nota preta. Estão dizendo que o senhor vai montar Noble Star no sábado. Vai?

— Talvez. — Dunross fixou os olhos nele. — O negócio está realmente fechado? Não há chance de dar para trás?

— Juro por tudo o que há de mais sagrado! Ah, tome, tinha me esquecido. — Entregou-lhe o telex de confirmação. — Conforme combinamos. — Murtagh lançou um olhar ao relógio. — São seis horas em Nova York, agora, mas o senhor deve ligar para S. J. Beverly, o presidente da nossa junta diretora, daqui a uma hora... ele está esperando o telefonema. Tome o número. — O rapaz abriu um amplo sorriso. — Nomearam-me vice-presidente encarregado de toda a Ásia.

— Parabéns. — Dunross viu que horas eram. Teria que sair logo, ou chegaria atrasado, e não queria deixar Riko esperando. O coração dele bateu mais depressa um pouco. — Vamos rubricar agora?

Murtagh já estava separando os papéis.

— Só uma coisinha, tai-pan, S. J. falou que temos que manter isso em segredo.

— Vai ser difícil. Quem datilografou a papelada?

— Minha secretária... mas é americana, e não abre a boca.

Dunross concordou com a cabeça, mas intimamente não estava convencido. O operador do telex — Phillip Chen já não havia dito que tinha algumas cópias do telex? —, ou as faxineiras, ou telefonistas, seria impossível descobrir quem, mas logo a novidade estaria se espalhando, não importa o que ele ou Murtagh fizessem. Bem, e como tirar o melhor proveito de tudo, enquanto ainda era segredo?, perguntava-se, controlando-se para não dançar de alegria, o negócio sem precedentes, em que era quase impossível acreditar. Começou a rubricar a sua série de papéis, Murtagh, a dele. Parou quando ouviu a porta da frente abrir-se e fechar-se com estrondo. Adryon gritou com voz estridente:

— Ah Tat! — e continuou numa torrente de cantonense de amah, encerrando com: — ...e passou a minha blusa nova, por todos os deuses?

— Blusa? Que blusa, mocinha da voz estridente e sem paciência? A vermelha? A vermelha que pertence à Esposa Principal, que lhe disse...

— Ah, mas agora é minha, Ah Tat! Eu lhe falei muito seriamente para passá-la a ferro.

Murtagh também parará, escutando a torrente de guinchos em cantonense que partia das duas.

— Pombas — falou, cansado —, nunca vou me acostumar à maneira como os criados agem, não importa o que a gente lhes diga!

Dunross riu e chamou-o com um gesto, abrindo a porta de mansinho. Murtagh soltou uma exclamação abafada. Adryon estava com as mãos nos quadris, soltando a língua em cima de Ah Tat, que retribuía, as duas já roucas, cada uma gritando mais do que a outra, e sem se escutarem.

— Quietas! — falou Dunross. As duas pararam. — Obrigado. Você exagera um pouco, Adryon! — disse suavemente.

Ela abriu um sorriso.

— Oh, alô, papai! Não acha...

Interrompeu-se, vendo Murtagh. Dunross notou a mudança imediata. Sentiu uma pontada de advertência a percorrê-lo.

— Ah, Adryon, deixe que lhe apresente Dave Murtagh, vice-presidente do Royal Belgium and Far East Bank na Ásia. — Olhou para Murtagh e notou a expressão atordoada no rosto dele. — Esta é minha filha, Adryon.

— A senhorita... Bem... fala chinês, srta.... Dunross?

— Ah, sim, sim, claro, cantonense. Naturalmente. Chegou há pouco a Hong Kong?

— Ah, não, senhorita, não, já... já estou aqui há cerca de meio ano.

Dunross os observava com divertimento crescente, sabendo que, naquele momento, estava completamente esquecido. "Ah, rapaz conhece garota, garota conhece rapaz, e este talvez seja o sujeito perfeito para bagunçar o coreto do Haply."

— Quer tomar uma bebida conosco, Adryon? — perguntou com naturalidade, no momento em que a conversa deles esfriou e ela se preparava para se retirar.

— Ah, obrigada, papai, mas não quero incomodá-los.

— Já estamos acabando. Vamos! Como vão indo as coisas?

— Bem, tudo bem. — Adryon voltou-se para Ah Tat, que ainda continuava ali, impávida... também percebera a instantânea atração mútua. — Vá passar a minha blusa! Por favor — falou imperiosamente, em cantonense —, tenho que sair daqui a quinze minutos.

— Ayeeyah para os seus quinze minutos, Jovem Imperatriz — falou Ah Tat, com um muxoxo, e voltou para a cozinha, resmungando.

Adryon concentrou-se em Murtagh, que se reanimou visivelmente, a sua fadiga desaparecida.

— De que parte dos Estados Unidos você é?

— Do Texas, senhorita, embora tenha passado algum tempo em Los Angeles, Nova York e Nova Orleans. Joga tênis?

— Ora, jogo, sim.

— Temos umas boas quadras no Clube Americano. Aceitaria jogar comigo na semana que vem?

— Adoraria. Já joguei Iá antes. Você é bom?

— Ah, não, srta... srta. Dunross, nível de universidade.

— Nível de universidade pode ser muito bom. Por que não me chama de Adryon?

Dunross deu-lhe o cálice de xerez. Ela lhe agradeceu com um sorriso, embora ainda se concentrando em Murtagh. "É melhor que você seja muito bom, meu caro", pensou ele, sabendo como a filha era competitiva, "ou vai levar uma surra." Disfarçando com cuidado o seu divertimento, voltou a se concentrar nos documentos. Quando acabou de rubricar a sua série, ficou observando os dois com ar crítico, a filha sentada displicentemente na beira do sofá, linda e autoconfiante, um bocado mulher, e Murtagh alto e bem-educado, um pouco encabulado, mas bem à vontade.

"Será que eu vou agüentar um banqueiro na família? É melhor eu tomar as minhas informações a respeito dele! Deus nos ajude, um americano! Bem, ele é texano, o que não é a mesma coisa, é? Gostaria que a Penn estivesse aqui..."

— ... ah, não, Adryon — dizia Murtagh. — Tenho um apartamento da firma Iá em West Point. E pequenino, mas

formidável.

— Isso faz uma diferença muito grande, não é? Eu moro aqui, mas logo vou ter o meu próprio apartamento. — Acrescentou, significativamente: — Não vou, papai?

— Naturalmente. — Dunross acrescentou prontamente: — Depois da universidade! Aqui está a minha série, sr. Murtagh. Pode rubricar a sua?

— Ah, claro... desculpe! — Murtagh quase saiu correndo, rubricou a sua série rapidamente, com um floreio. — Pronto, senhor. O senhor... bem... falou às sete e meia no seu escritório amanhã cedo, não é?

Adryon arqueou uma das sobrancelhas.

— É melhor ser pontual, Dave. O tai-pan é um chato quando se trata de pontualidade.

— Que bobagem! — disse Dunross.

— Eu o amo, papai, mas não é bobagem!

Bateram papo por um minuto, depois Dunross lançou um olhar ao relógio, fingindo-se preocupado,

— Que droga! Tenho que dar um telefonema, depois sair correndo. — Imediatamente, Murtagh pegou a sua pasta, mas Dunross acrescentou inocentemente: — Adryon, você falou que ia sair daqui a alguns minutos. Será que não dá tempo de dar uma carona ao sr. Murtagh?

O rapaz falou imediatamente:

— Ora, posso arranjar um táxi, não há necessidade de se incomodar...

— Ora, não é incômodo algum — disse ela, feliz —, não mesmo. West Point fica no meu caminho.

Dunross deu-lhes boa-noite e saiu. Mal notaram a saída dele, que foi para o seu gabinete e fechou a porta. E ao fechar a porta deixou para trás tudo o que não fosse Tiptop. De cima da lareira, Dirk Struan o fitava. Dunross fitou-o também, por um momento.

— Tenho os planos A, B ou C — falou em voz alta. — Todos vão dar em desastre, se o Sinderson não fizer a parte dele.

Os olhos apenas sorriram, na sua maneira curiosa.

— Para você era fácil — murmurou Dunross. — Quando alguém se metia no seu caminho, você podia matá-lo, até mesmo a Bruxa.

Um pouco antes discutira seus planos com Phillip Chen.

— São todos perigosos — dissera o velho, muito preocupado.

— Qual deles você aconselha?

— A escolha tem que ser sua, tai-pan. Terá que dar garantias pessoais. Também há a questão do prestígio, embora eu lhe dê apoio em tudo, e você pediu um favor como um Velho Amigo.

— E quanto a Sir Luís?

— Já combinei encontrá-lo logo mais, tai-pan. Espero que ele coopere. — Phillip Chen parecia mais cinzento e envelhecido do que nunca. — É uma pena que não haja nada que possamos dar ao Tiptop para o caso de Sindors roer a corda.

— E quanto a permutar a frota de petroleiros? Podemos fazer pressão sobre Vee Cee? E quanto aos tórios... ou Joseph Yu?

— Tiptop precisa de alguma coisa para permutar, tai-pan, não uma ameaça. P. B. disse que ajudaria?

— Prometeu telefonar ao Tiptop hoje à tarde... disse que também ia tentar um dos seus amigos em Pequim.

Exatamente às sete horas, Dunross discou.

— O sr. Tip, por favor. Ian Dunross.

— Boa noite, tai-pan. Como vai? Soube que talvez vá montar Noble Star no sábado que vem.

— É possível.

Conversaram sobre assuntos inconseqüentes, depois Tiptop perguntou:

— E aquela pessoa infeliz? No máximo, quando vai ser solta?

Dunross controlou-se, depois comprometeu o seu futuro.

— Amanhã ao anoitecer, em Lo Wu.

— O senhor garante pessoalmente que ele estará Iá?

— Garanto pessoalmente que fiz tudo o que estava ao meu alcance para persuadir as autoridades a soltarem-no.

— Isso não é a mesma coisa que dizer que o homem estará Iá. É?

— Não. Mas estará. Tenho... — Dunross se interrompeu. Estava prestes a dizer "quase certeza", e então compreendeu que certamente fracassaria... não ousando dar a garantia, por saber que um fracasso comprometeria para sempre o seu prestígio, a sua credibilidade... mas lembrou-se de algo que Phillip Chen dissera sobre Tiptop precisar de alguma coisa para permutar, então, subitamente, viu uma abertura. — Ouça, sr. Tip — começou, seu súbito entusiasmo chegando quase a nauseá-lo. — Estamos numa época difícil. Os Velhos Amigos precisam dos Velhos Amigos como nunca antes. Particularmente, muito particularmente, soube que, nos dois últimos dias, a nossa Divisão Especial descobriu que há um aparelho de espionagem soviética aqui, de grande importância, secretíssimo, e o codinome da operação é Sevrin. O propósito da Sevrin é a destruição do elo do Reino Médio com o resto do mundo.

— Isso não é novidade, tai-pan. Os hegemônistas sempre serão hegemônistas, Rússia czarista ou Rússia soviética, não há diferença. Há quatrocentos anos que é assim. Desde a sua primeira incursão e roubo nas nossas terras. Mas, por favor, continue.

— Acredito que Hong Kong e o Reino Médio sejam alvos iguais. Somos a sua única janela para o mundo. O Velho Demônio de Olhos Verdes foi o primeiro a enxergar isso, e é verdade. Qualquer interrupção aqui, e somente os hegemônistas ganharão. Alguma documentação, parte da documentação da Divisão Especial veio parar em minhas mãos.

Com absoluta exatidão, Dunross começou a citar literalmente o que estava escrito nos principais documentos roubados do relatório de Alan, sua mente parecendo ler as páginas que lhe vinham à memória sem esforço. Deu a Tiptop todos os detalhes relativos à Sevrin, os espiões, o agente infiltrado na polícia.

Fez-se um silêncio chocado.

— Qual a data do principal documento sobre a Sevrin, tai-pan?

— Foi aprovado por um "L. B." no dia 14 de março de 1950.

Um longo suspiro. Muito longo.

— Lavrenti Béria?

— Não sei.

Quanto mais Dunross pensava nesse novo plano, mais excitado ficava, tendo agora certeza de que essa informação e uma prova positiva nas mãos certas em Pequim causariam uma tempestade nas relações sino-soviéticas.

— Seria possível ver este documento?

— Sim, seria possível — replicou Dunross, as costas molhadas de suor, dando graças à sua antevisão de tirar fotocópias dos trechos referentes à Sevrin dos relatórios de Alan.

— E o documento tchecoslovaco a que se referiu?

— Sim, a parte que possuo.

— Qual a sua data?

— Dia 6 de abril de 1959.

— Quer dizer que os nossos pseudo-aliados sempre foram coração de lobo e pulmões de cachorro?

— Parece que sim.

— Por que será que a Europa e aqueles capitalistas nos Estados Unidos não compreendem quem é o verdadeiro inimigo no mundo? Heya?

— É difícil de entender — retrucou Dunross, fazendo agora o joguinho da espera.

Depois de uma pausa, novamente controlado, Tiptop falou:

— Estou certo de que meus amigos gostariam de uma cópia desse... desse papel da Sevrin, juntamente com qualquer outro documento de apoio.

Dunross enxugou o suor da testa, mas manteve a voz calma.

— Como um Velho Amigo, é meu privilégio ajudar no que puder.

Novo silêncio.

— Um amigo mútuo telefonou para oferecer apoio ao seu pedido para o dinheiro do Banco da China, e há alguns minutos eu soube que uma pessoa muito importante ligou de Pequim para sugerir que qualquer ajuda que se pudesse dar ao senhor seria merecida. — Novo silêncio, e Dunross quase pôde sentir Tiptop e os outros, que provavelmente estavam escutando na extensão, sopesando, concordando ou sacudindo a cabeça. — Pode me dar licença um minuto, tai-pan? Há alguém à porta.

— Quer que eu lhe telefone mais tarde? — disse, prontamente, para dar-lhes tempo para pensar.

— Não, isso não será necessário... se o senhor não se incomodar de esperar um minuto.

Dunross escutou o telefone sendo pousado. Um rádio tocava ao fundo. Sons indeterminados que poderiam ser vozes abafadas. O coração dele estava disparado. A espera parecia interminável. Depois, o telefone foi novamente erguido.

— Desculpe, tai-pan. Por favor, mande as cópias cedo... após a sua reunião matinal seria conveniente?

— Sim, sim, claro.

— Por favor, dê lembranças minhas ao sr. David MacStruan, quando ele chegar.

Dunross quase deixou cair o telefone, mas recuperou-se a tempo.

— Estou certo de que ele deseja que eu as retribua. Como vai o sr. Yu? — perguntou, dando um tiro no escuro, querendo berrar ao telefone: "E quanto ao dinheiro?" Mas estava envolvido numa negociação chinesa da pesada. Sua cautela aumentou.

Novo silêncio.

— Bem — disse Tiptop, mas Dunross notara um tom de voz diferente. — Ah, a propósito — dizia Tiptop —, o sr. Yu telefonou de Cantão esta tarde. Gostaria de antecipar a data do seu encontro, se fosse possível. Para segunda-feira, daqui a duas semanas.

Dunross pensou um momento. Essa seria a semana em que estaria no Japão, com Toda, negociando todo o seu esquema de compra e arrendamento, que, agora que o First Central o estava apoiando, teria uma enorme chance de sucesso.

— Essa determinada segunda-feira vai ser difícil para mim. A seguinte seria melhor. Será que posso confirmar até sexta-feira?

— Sim, sem dúvida. Bem, não vou prendê-lo mais, tai-pan. A tensão de Dunross tornou-se quase insuportável, agora que haviam chegado ao estágio final. Escutou atentamente a voz agradável e amistosa.

— Obrigado pela sua informação. Imagino que aquele pobre sujeito estará na fronteira de Lo Wu ao anoitecer. Ah, a propósito, se os documentos bancários necessários forem trazidos pessoalmente pelo sr. Havergill, o senhor próprio e o governador às nove horas de amanhã, meio bilhão de dólares em espécie poderão ser transferidos imediatamente para o Victoria.

Instantaneamente, Dunross percebeu o golpe.

— Obrigado — disse, suavemente, evitando a cilada. — O sr. Havergill e eu estaremos presentes. Infelizmente, o governador recebeu ordens do gabinete do primeiro-ministro para permanecer no Palácio do Governo até o meio-dia, para consultas. Mas trarei a autorização e o carimbo dele, para garantir o empréstimo — acrescentou, pois naturalmente era impossível para o governador ir pessoalmente, de chapéu na mão, como um devedor comum, e assim abrir um precedente inaceitável. — Suponho que isso seja satisfatório.

Tiptop quase ronronava.

— Estou certo de que o banco estará disposto a adiar até o meio-dia para não interferir nos deveres do governador.

— Antes e depois do meio-dia ele estará nas ruas com a polícia antimotim, sr. Tip, e com o exército, dirigindo possíveis procedimentos contra levantes idiotas atizados pelos hegemônistas. Naturalmente, ele é o comandante-em-chefe de Hong Kong.

A voz de Tiptop tornou-se mais cortante.

— Sem dúvida até mesmo um comandante-em-chefe pode arranjar uns momentinhos preciosos para o que é obviamente um assunto tão importante.

— Estou certo de que ele teria muito prazer — disse Dunross, sem medo, conhecendo a arte da negociação asiática, preparado para a raiva, o mel, e todos os estágios intermediários. — Mas a proteção do interesse do Reino Médio, assim como o da colônia, tem prioridade. Tenho certeza, lamentavelmente, de que ele teria que recusar até que a emergência terminasse.

Fez-se um silêncio hostil.

— O que sugere, então?

Novamente Dunross desviou-se da armadilha, saltando para o nível seguinte.

— Ah, a propósito, seu ajudante-de-ordens me pediu que mencionasse que Sua Excelência vai dar uma festa para alguns dos nossos mais importantes cidadãos chineses no hipódromo, no sábado que vem, e gostaria de saber se por acaso o senhor estará na colônia, para que ele lhe pudesse enviar um convite.

Manteve-se apegado à sua esperança. Apresentando a coisa daquela maneira, dava a Tiptop a opção de aceitar ou recusar sem se desprestigiar... e ao mesmo tempo protegia o prestígio do governador, que evitaria enviar um convite tão importante politicamente, e que poderia ser recusado. Dunross sorriu consigo mesmo, já que o governador nada sabia, por enquanto, dessa festa importante que ia dar.

Novo silêncio, enquanto Tiptop refletia nas implicações políticas.

— Por favor, agradeça-lhe a consideração. Creio que estarei aqui. Posso confirmar na terça-feira?

— Darei seu recado com prazer. — Dunross pensou em mencionar Brian Kwok, mas resolveu deixar aquilo no limbo. —

Estará no banco às nove horas, sr. Tip?

— Ah, não. Na verdade, não tenho nada a ver com isso. Sou apenas um espectador interessado. — Novo silêncio. — Seus representantes devem procurar o diretor-chefe.

Dunross soltou um suspiro, todos os sentidos aguçados. Nenhuma menção à presença do governador. "Será que venci?"

— Será que alguém poderia confirmar para a Rádio Hong Kong, a tempo para o noticiário das nove horas da noite, que o Banco da China vai dar à colônia um crédito imediato de meio bilhão de dólares em espécie?

Novo silêncio.

— Ah, tenho certeza de que isso não será necessário, sr. Dunross — falou Tiptop, e agora, pela primeira vez, notava-se uma risadinha na voz dele. — Sem dúvida a palavra do tai-pan da Casa Nobre é suficiente para uma simples estação de rádio capitalista. Boa noite.

Dunross desligou o aparelho. Seus dedos tremiam, sentia dor nas costas, e o coração batia com muita força.

— Meio bilhão de dólares! — murmurou, a mente perturbada.
— Nenhum documento, nenhum carimbo, nem aperto de mão, alguns telefonemas, um pouquinho de negociação e meio bilhão de dólares estarão disponíveis para transferência por caminhão às nove horas!

"Ganhamos! O dinheiro de Murtagh, e agora o da China! É. Mas como tirar o máximo proveito deste conhecimento? Como?", perguntava-se, desanimado. Não havia motivo para ir à casa de Plumm, agora. "O que fazer? O que fazer?"

Sentia os joelhos moles, a cabeça fervia de planos e contra-planos. E então seu entusiasmo reprimido explodiu num berro enorme, que ricocheteou nas paredes do gabinete. Ele pulava, e soltou outro grito de guerra que se dissolveu numa risada. Foi para o banheiro molhar o rosto. Arrancou do corpo a camisa ensopada, sem sequer desabotoá-la, e jogou-a na lata de lixo. A porta do gabinete se escancarou, e Adryon irrompeu na sala, o rosto pálido e ansioso.

— Papai!

— Santo Deus, o que houve? — perguntou ele, estarecido.

— O que houve com você? Ouvi-o gritar feito um touro enlouquecido. Está bem?

— Ah, sim, estou, só que... dei uma topada! — A felicidade de Dunross explodiu de novo, e ele a levantou no colo, facilmente. — Obrigado, minha querida, está tudo bem! Ah, muito bem!

— Ah, graças a Deus — disse ela, acrescentando imediatamente: — Quer dizer que posso ter o meu próprio apartamento a partir do mês que vem?

— Po... — Interrompeu-se bem a tempo. — Nada disso, dona vivaldina. Só porque estou feliz não...

— Mas, papai, não acha...

— Não. Obrigado, Adryon, mas não, vá andando! Ela o olhou de cara feia, depois desatou a rir.

— Quase peguei você, desta vez!

— É, foi, sim! Não se esqueça de que o Duncan chega amanhã no vôo do meio-dia da Qantas.

— Não vou esquecer, não se preocupe, vou recebê-lo. Vai ser bom ter o Dunc de volta. Não jogo uma boa partida de bilhar desde que ele partiu. Para onde está indo, agora?

— Ia para a casa do Plumm, no Rose Court, para comemorar a compra de controle da General Stores, mas acho que ...

— Martin achou que foi um golpe fantástico! Se não houver o colapso da Bolsa. Disse ao bobalhão que você ia dar um jeito em tudo.

Subitamente, Dunross se deu conta de que a festa de Plumm seria o lugar ideal. Gornt estaria lá, Phillip Chen, e todos os outros. "Gornt! Agora posso me livrar desse sacana para todo o sempre", disse com seus botões, o coração disparado.

— O Murtagh ainda está lá embaixo?

— Está, sim. Já estávamos de saída. Ele é uma graça. Dunross virou-se para disfarçar um sorriso e pegou uma camisa de seda limpa.

— Podem esperar um minutinho? Tenho boas notícias para ele.

— Está bem. — Aproximou-se dele, fitando-o com os grandes olhos azuis. — Meu próprio apartamento de presente de Natal, por favor, por favor?

— Depois da universidade, se se der bem, solto você!

— No Natal. Eu o amarei pelo resto da vida!

Ele soltou um suspiro, lembrando-se de que ela ficara nervosa e assustada ao ver Gornt no salão de bilhar. "Talvez possa dar-lhe a cabeça dele de presente amanhã", pensou.

— Neste Natal, não, no outro!

Ela jogou os braços ao redor do pescoço dele.

— Ah, obrigado, paizinho querido. Mas este Natal, por favor, por favor, por favor.

— Não, porque você...

— Por favor, por favor, por favor!

— Está bem! Mas não diga à sua mãe que concordei, pelo amor de Deus. Ela vai me tirar o couro!

19h15m

As cortinas que rodeavam a cama de Orlanda se moviam suavemente, impulsionadas pela brisa noturna, o ar limpo e com gosto de sal. Ela estava nos braços dele enquanto dormiam, um calor penetrante entre eles, e então, quando ela mexeu a mão, Bartlett acordou. Por um momento, ele se perguntou onde estava e quem era, e depois tudo voltou e o seu coração bateu mais depressa. Haviam feito amor maravilhosamente. Ele se recordava de que ela correspondera, gozando várias vezes, elevando-o a alturas que ele jamais conhecera antes. E, a seguir, o depois. Ela saíra da cama, fora para a cozinha, esquentara um pouco de água e trouxera uma toalha molhada e quente; tirara com ela o suor do corpo dele.

— Sinto tanto não haver um banho de banheira ou chuveiro, meu querido. É mesmo uma pena. Mas se você for paciente, dou um jeitinho.

Uma toalha nova e limpa, e ele sentiu-se ótimo, nunca tendo conhecido antes a maravilha de um verdadeiro "depois" — os carinhos suaves, ternos, amorosos, sem constrangimento, o minúsculo crucifixo ao redor do pescoço como único ornamento. Ele o notara brilhando na penumbra. Suas implicações começavam a penetrar na mente dele, mas, subitamente, ela estava afastando os pensamentos estranhos com suas carícias, mãos e toque, lábios mágicos, até que, novamente, ambos se tornaram uma unidade com os deuses e, através da sua generosidade, deslizaram para a euforia... e daí para o sono outra vez.

Preguiçosamente, ele ficou olhando as cortinas que caíam do teto oscilarem às correntes de ar, o abraço envolvente delas tornando a cama mais íntima, as estampas contra a luz da janela agradáveis, tudo agradável. Ficou imóvel, sem querer se mexer para não acordá-la, sem querer romper o encanto, a respiração dela suave contra o seu peito, seu rosto adormecido impecável.

"O que fazer, o que fazer, o que fazer?"

"No momento, nada", respondeu a si mesmo. "O avião está liberado, você é livre, ela é incrível, e nenhuma mulher já lhe deu tanto prazer. Nunca. Mas será que vai durar, que pode durar?... e além disso, há a Casey."

Bartlett soltou um suspiro. Orlanda se mexeu de novo, ainda dormindo. Ele esperou, mas ela não acordou.

Os olhos dele estavam hipnotizados pelas estampas da cortina, seu espírito em paz. Não fazia nem frio nem calor; estava tudo perfeito, o peso dela era imperceptível. "O que há de tão especial nela?", perguntava-se. "O que causa o encanto? Porque, tão certo como a morte e os impostos, você está sob os efeitos de um encanto, fascinado. Fomos para a cama, é só isso, eu não fiz nenhuma promessa, e no entanto... Você está encantado, meu velho.

"Estou. E é maravilhoso."

Fechou os olhos e pegou no sono.

Quando Orlanda acordou, tomou cuidado para não se mexer. Não queria acordá-lo, tanto para o prazer dele quanto para o dela. E queria tempo para pensar. Às vezes fazia o mesmo nos braços de Gornt, mas sabia que não era a mesma coisa, jamais seria a mesma coisa. Sempre tivera medo de Quillan, sempre estivera em guarda, desejando desesperadamente agradar-lhe, imaginando se teria esquecido alguma coisa. "Não", pensou, em êxtase, "esta relação foi melhor do que a que me lembro de ter tido com Quillan, ah, muito melhor. Linc é tão limpo, sem cheiro de fumo, só limpo e maravilhoso, e juro por Nosso Senhora que serei uma mulher perfeita para ele, serei a melhor do mundo. Usarei a cabeça, as mãos, os lábios e o corpo para agradar-lhe e satisfazê-lo, e não haverá nada de que ele precise que eu não faça. Nada. Tudo o que o Quillan me ensinou eu farei para o Linc, até mesmo as coisas de que não gostava. Agora vou gostar, com o Linc. Meu corpo e minha alma serão os instrumentos do seu prazer, e do meu, depois que ele tiver aprendido."

Sorriu consigo mesma, enroscada nos braços dele. "A técnica do Linc não é nada, comparada à do Quillan, mas o que falta em perícia ao meu querido ele compensa sobejamente com força e vigor. E ternura. Ele tem mãos e lábios mágicos para mim. Nunca, nunca, nunca antes foi assim."

— Ir para a cama é apenas o começo do sexo, Orlanda — Gornt dissera. — Você pode se tornar uma feiticeira. Pode encher um homem de um desejo tão insaciável que, através de você, ele compreenda toda a vida. Mas para atingir o êxtase é preciso buscá-lo, lutar por ele.

"Ah, eu o buscarei para o Linc. Por Nossa Senhora, juro que dedicarei minha mente, meu corpo e minha alma à vida dele. Quando estiver zangado, eu o farei ficar calmo. Não de-tive a raiva de Quillan mil vezes, sendo meiga? Não é uma maravilha ter tanto poder? Oh, é tão fácil depois que aprendi, fácilimo, perfeito e satisfatório.

"Lerei os melhores jornais e treinarei a mente, e depois das Nuvens e Chuva não falarei, apenas acariciarei, não para excitar, mas apenas para dar prazer, e nunca direi 'Diga que me ama!', mas apenas 'Linc, eu o amo'. E muito antes de o frescor da minha pele desaparecer, terei filhos para entusiasamá-lo, e filhas para encantá-lo, e depois, muito antes de deixar de excitá-lo, arranjarei com cuidado outra para o prazer dele, uma pateta com lindos seios e uma bundinha firme, e eu ficarei adequadamente divertida e benigna... e compassiva quando ele fracassar, pois, a essa altura, ele será muito mais velho e menos viril, e as minhas mãos controlarão o dinheiro, e

eu serei ainda mais essencial. E quando ele se cansar da primeira eu acharei outra, e viveremos juntos até o fim das nossas vidas, yang eyin, o yin sempre dominando o yang!

"É. Eu serei tai-tai.

"E um dia ele pedirá para ir a Portugal conhecer a minha filha, e eu recusarei a primeira vez, a segunda, a terceira, e depois nós iremos... se eu tiver o nosso filho nos braços. Então ele a verá e a amará também, e esse fantasma repousará para sempre."

Orlanda soltou um suspiro, sentindo-se ótima, leve, a cabeça dele repousando confortavelmente em seu peito. "Ir para a cama sem tomar precauções é tão mais glorioso!", pensou. "É um êxtase. Ah, que maravilha sentir o desejo, sabendo que se é jovem, fértil e se está pronta, entregando-se total e deliberadamente, rezando para criar uma nova vida... a vida dele e a sua unidas para sempre. Ah, é.

"É, mas você foi sensata? Foi? E se ele a abandonar? A única outra vez na vida que você se soltou deliberadamente foi aquele único mês com o Quillan. Mas foi com permissão. Desta vez, você não a tem.

"Digamos que o Linc a abandone. Talvez fique furioso e mande que você interrompa a gravidez.

"Não o fará", falou consigo mesma, com total confiança. "O Linc não é o Quillan. Não há motivo para me preocupar. Nenhum. Nossa Senhora, por favor, ajude-me! Que todos os deuses me ajudem! Permitam que a semente dele cresça, oh, por favor, por favor, por favor, eu vos suplico de todo o coração."

Bartlett se mexeu e acordou parcialmente.

— Orlanda?

— Sim, meu querido, estou aqui. Como você é maravilhoso!
— Ela o embalou, feliz, satisfeita por ter dado um dia e uma noite de folga à amah. — Volte a dormir, temos todo o tempo do mundo, durma.

— É, mas...

— Durma. Daqui a pouquinho vou pegar um pouco de comida chinesa e...

— Quem sabe você não gostaria de...

— Durma, meu querido. Está tudo providenciado.

79

19h30m

Três andares abaixo, do outro lado do prédio, que dava para a montanha, Wu Quatro Dedos via televisão. Estava no apartamento de Vênus Poon, diante do aparelho dela, sem sapatos, a gravata afrouxada, esparramado na espreguiçadeira. A velha amah estava sentada numa cadeira dura ao lado dele, e os dois davam risadas das palhaçadas do Gordo e o Magro.

— Eeeee, o Gordo vai prender a porra do pé no andaime —
ria —, e o...

— E o Magro vai acertá-lo com a tábua! Eeeee!

Os dois riram do número que já haviam visto cem vezes em cem reprises dos velhos filmes em preto e branco. Então, o filme acabou, Vênus Poon reapareceu para anunciar o programa seguinte,

e ele soltou um suspiro. Ela olhava para ele diretamente da tela, e ele (como todos os demais espectadores masculinos) estava certo que seu sorriso era exclusivamente para ele. E, embora não entendesse o seu inglês, compreendia-a muito bem. Seus olhos estavam grudados aos seios dela, que o haviam fascinado durante horas, em que os examinara bem de perto, sem sentir ou ver sinal algum da cirurgia sobre a qual toda a Hong Kong fofocava.

— Atesto que seus peitos são imaculados, sem dúvida os maiores e melhores que já toquei — dissera ele, com ar importante, ainda montado nela, na antevéspera.

— Só está falando isso para agradar à sua pobre Filha empobrecida, ai, ai, ai!

— Empobrecida? Há! O Banqueiro Kwang não lhe deu aquela pele miserável ontem, e não ouvi dizer que acrescentou mil dólares extras ao seu cheque mensal? E eu, não lhe dei o nome do ganhador do primeiro páreo, do terceiro, e do segundo lugar no quinto? Isso lhe rendeu trinta mil menos quinze por cento para o meu informante... por menos esforço do que o que faço para peidar!

— Pois sim! Nem vale a pena mencionar esses vinte e cinco mil e oitocentos HK. Tenho que comprar roupas, um vestido novo por dia! Meu público o exige, tenho que pensar no meu público.

Haviam discutido veementemente, até que, sentindo que se aproximava o momento da verdade, ele lhe pedira que mexesse as

nádegas mais vigorosamente. Ela obedecera com tanto entusiasmo que o deixara no bagaço. Quando, finalmente, ele recuperara, por milagre, o seu espírito do Vácuo, falou, engasgado:

— Ayeeyah, Meretrizinha, se conseguir fazer isso mais uma vez, eu lhe darei um anel de diamantes na... não, não, agora não, por todos os deuses! Por acaso sou um deus? Agora não, Falinha Macia, não, nem agora nem amanhã, mas no dia seguinte...

E agora era o dia seguinte. Eufórico, e cheio de expectativa, ele a via na televisão, cheia de sorrisos e covinhas, enquanto desejava a todos boa noite e o novo programa começava. Aquela era a noite em que saía cedo do estúdio, e com os olhos da mente quase podia vê-la sair apressada e entrar no Rolls que a esperava, certo de que estaria tão ansiosa quanto ele. Mandara Paul Choy com o Rolls acompanhá-la ao estúdio, para falar inglês com ela, para se assegurar de que chegasse em segurança e voltasse depressa. E depois do novo encontro sexual deles, o Rolls os levaria até o restaurante bárbaro no hotel bárbaro com a sua horrível comida bárbara e odores terríveis, mas um dos lugares freqüentados por todos os tai-pans, e por todas as pessoas civilizadas importantes, com as esposas (e quando as esposas estavam ocupadas, com as suas prostitutas), para que ele pudesse exibir a sua amante e mostrar como era rico para Hong Kong inteira, e para que ela pudesse exibir o seu diamante.

— Ayeeyah — casquinou alto.

— Sim, Honrado Senhor? — perguntou a amah, desconfiada.
— Qual o problema?

— Nada, nada. Por favor, um pouco de conhaque.

— Minha patroa não gosta do cheiro de conhaque!

— Ora, velha, dê-me o conhaque. Sou Iá um id'ota? Sou Iá um bárbaro das Províncias Externas? Claro que trouxe folhas de chá cheirosas para mastigar antes da nossa contenda. Conhaque!

Ela saiu reclamando, mas ele não ligou. Estava apenas tentando proteger os interesses de sua patroa, o que era perfeitamente correto.

Seus dedos tocaram a caixinha no bolso. Comprara o anel naquela manhã, de um primo em primeiro grau que lhe devia um favor. A pedra valia quarenta e oito mil, pelo menos, embora o custo real mal chegasse à metade dessa quantia; a qualidade era branco-azulada e excelente, e os quilates, substanciais.

"Outra contenda como aquela última sem dúvida valerá o preço", pensou, em êxtase, embora um tanto inquieto. "Ah, sim. Eeee, na última vez pensei que meu espírito tinha desaparecido para sempre no Vácuo, levado pelos deuses no auge de toda a vida! Eeee, como eu teria sorte de partir, naquele exato momento! É, porém é mais maravilhoso voltar para atacar o Portão de Jade de novo, de novo e ainda mais uma vez!"

Riu em voz alta, desafiando os deuses, muito satisfeito. Tinha tido um dia excelente. Reunira-se secretamente com Yuen Contrabandista e Lee Pó Branco, e eles o haviam eleito chefe da sua Nova Irmandade, o que não era mais do que o seu direito, pensou. Não fora ele quem fornecera o elo com o mercado através do demônio estrangeiro Ban... seja Iá que nome tenha... porque ele emprestara dinheiro ao Filho Chen Número Um, que, em troca dos favores, lhe propusera o plano das armas e do ópio, mas fora estúpido o bastante para ser seqüestrado, e agora assassinado? Ah, sim. E não ia ele encontrar-se com o mesmo demônio estrangeiro em Macau na semana que vem, para combinar finanças, pagamentos, para pôr em movimento toda a vasta operação? Claro que ele teria que ser o Grande Tigre, claro que teria que ficar com o lucro maior! Com a perícia deles — e mais as técnicas modernas de Choy Lucrativo —, ele poderia revolucionar o contrabando de ópio para Hong Kong, revolucionar a conversão do narcótico bruto nos Pólos Brancos imensamente lucrativos, e, finalmente, os meios de exportação para os mercados do mundo. Agora que Paul Choy já estava no departamento de expedição e carga aérea da Segunda Grande Companhia, e dois netos de Yuen, também treinados nos Estados Unidos, na sua operação de corretagem alfandegária... e mais outros quatro parentes de Lee Pó Branco, formados em universidades inglesas, colocados nas operações de depósitos da Casa Nobre em Kai Tak, e na divisão de carga e descarga da Ail Ásia Airways, as importações e exportações seriam cada vez mais seguras, fáceis e lucrativas.

Haviam discutido quem recrutariam na polícia, e especialmente na marinha.

— Nenhum dos bárbaros, nunca um daqueles filhos da mãe — dissera Lee Pó Branco, com veemência. — Eles não nos darão apoio, jamais. Não quando se trata de drogas. Temos que usar apenas os Dragões.

— De acordo. Todos os Dragões foram procurados, e todos cooperarão. Todos, exceto Tang-po, de Kowloon.

— Precisamos de Kowloon, ele é importante. E a marinha opera de Iá. Está querendo um acordo em melhores bases, pessoalmente, ou está contra nós?

— Não sei. No momento. — Quatro Dedos dera de ombros. — Cabe ao Grande Dragão resolver o problema de Tang-po. O Grande Dragão concordou, não há o que discutir.

"É", pensou Quatro Dedos, "passei-lhes a perna para que eles me fizessem o Grande Tigre, e passei a perna no Choy Lucrativo quanto ao meu dinheiro. Não dei ao Sacaninha o controle da minha fortuna para jogar com ela, como ele imaginou que eu faria. Ah, não. Não sou assim tão idiota! Dei-lhe apenas dois milhões, e prometi a ele dezessete por cento de todo o lucro... vejamos o que consegue fazer com isso. É. Vejamos o que consegue fazer com isso!"

O coração do velho bateu mais depressa, e ele se coçou. "Aposto que o danado astucioso vai triplicar a quantia dentro de uma semana", disse alegremente com seus botões, não sem um

pouco de admiração... o diamante pago com a argúcia do filho, do primeiro lucro nas vendas da Bolsa, e um ano de Vênus Poon já garantido da mesma fonte, sem que ele tivesse dispendido uma só moeda do seu próprio capital! "Eeee! E os planos astutos que saem da cabeça do Lucrativo! Como o que bolou para o meu encontro amanhã com o tai-pan."

Ansiosamente, estendeu os dedos e tocou a meia moeda que estava no fio grosso à volta do seu pescoço, sob a camisa, uma moeda igual à que o seu ilustre ancestral, Wu Fang Choi, apresentara para reclamar um veleiro que se igualasse aos melhores na frota de Dirk Struan. Mas Wu Fang Choi, pensou sombriamente, fora um idiota... não exigira passagem em segurança para o navio como parte do favor, e assim o Demônio de Olhos Verdes, o tai-pan, lhe passara a perna.

"É", por todos os deuses, "foi por sua culpa exclusiva que Wu Fang Choi perdeu. Mas não perdeu tudo. Caçou aquele Corcunda chamado Stride Orlov, que governava os navios da Casa Nobre para Culum, o Fraco. Os homens dele pegaram Orlov em terra, em Cingapura, e levaram-no acorrentado para Formosa, onde ficava o seu quartel-general. Ali, ele o amarrou a um poste, bem na marca da maré alta, e o deixou morrer afogado, bem devagarinho.

"Não serei tolo como Wu Fang Choi. Não. Vou me certificar de que o meu pedido ao tai-pan seja absolutamente seguro.

"Amanhã, o tai-pan concordará em abrir os seus navios para as minhas cargas... secretamente, é claro; concordará em abrir algumas das contas da Casa Nobre para eu me esconder..."

secretamente, é claro, embora com grande lucro para ele; concordará, também em segredo, em financiar comigo a vasta usina farmacêutica nova que, oh ko, Choy Lucrativo diz será a cortina de fumaça de narcóticos perfeita, legítima, que jamais vai ser investigada, para mim e para os meus, para sempre; e por último, o tai-pan intercederá com o mestiço, Lando Mata, e escolherá o meu nome e o sindicato que eu sugerir para substituir o sindicato de ouro e jogatina já existente em Macau, de Tung Pão-Duro e do Chin, e ele, o tai-pan, prometerá fazer parte dele."

Wu Quatro Dedos ficou extático. "O tai-pan terá que concordar com tudo. Tudo. E tudo está dentro das possibilidades dele."

— Tome o conhaque.

Wu Quatro Dedos tirou-o da mão da amah e sorveu-o, sonhadoramente, com grande prazer. "Que todos os deuses sejam testemunhas: durante setenta e seis anos eu, Wu Quatro Dedos, chefe dos Wu Marítimos, vivi a vida intensamente, e se os deuses levarem o meu espírito durante as Nuvens e Chuva, eu os louvarei no céu (se houver um céu) eternamente. E se não..."

O velho deus de ombros, abriu um amplo sorriso e enroscou os dedos dos pés. Bocejou e fechou os olhos, quentinho, gostoso e muito feliz. "Os deuses são os deuses, e os deuses dormem e cometem erros. Mas, tão certo quanto as grandes tempestades virão neste ano e no próximo, a Meretrizinha fará jus ao seu diamante esta noite. Agora, de que maneira deve ser?", perguntou-se, pegando no sono.

O táxi parou no portão. Suslev saltou, embriagado, e pagou ao chofer. Depois, oscilando de leve, passou por cima dos redemoinhos nas sarjetas e entrou.

Havia um bando de gente batendo papo e esperando o elevador, e ele reconheceu Casey e Jacques de Ville entre eles. Com passos trôpegos, foi arrotando pelas escadas até o andar inferior, atravessou a garagem e bateu à porta de Clinker.

— Alô, meu chapa! — cumprimentou Clinker.

— Továrich! — respondeu ele, dando-lhe um abraço apertado.

— Temos vodca e cerveja. Mabel, cumprimente o comandante!

A velha cadela buldogue simplesmente abriu um olho, mastigou as gengivas e soltou gases ruidosamente. Clinker soltou um suspiro e fechou a porta.

— Pobre da velha Mabel. Porra, como eu gostaria que ela não fizesse isso, a casa fica fétida! Tome. — Entregou a Suslev um copo

cheio d'água com uma piscadela. — A sua preferida, meu chapa. Cento e vinte de teor alcoólico.

Suslev retribuiu a piscadela e engoliu a água ruidosamente.

— Obrigado, camaradão. Mais uma dessas e zarparei feliz deste paraíso capitalista.

— Mais uma dessas — riu Clinker, continuando a fingir — e vai sair do porto de Hong Kong de joelhos! — Voltou a encher o copo. — Quanto tempo vai ficar hoje?

— Não podia deixar de tomar uns últimos drinques com você, não é? Contanto que saia daqui Já pelas dez, tudo bem. Vamos, beba! — trovejou, com alegria forçada. — Que tal um pouco de música, hem?

Alegremente, Clinker ligou o gravador, bem alto. Uma triste balada russa encheu o aposento.

Suslev encostou a boca no ouvido de Clinker.

— Obrigado, Ernie. Volto em breve.

— Tudo bem. — Clinker piscou o olho, ainda acreditando na história de Suslev, que lhe dissera que ia se encontrar com uma mulher casada no Sinclair Towers. — Quem é ela, hem? — perguntou, coisa que nunca fizera antes.

— Em boca fechada não entra mosca — sussurrou Suslev, com um amplo sorriso. — Mas o marido dela é um figurão, um porco capitalista, e legislador!

Clinker riu de orelha a orelha.

— Que estouro! Meta-lhe uma por mim, certo? Suslev desceu pelo alçapão e encontrou a lanterna elétrica.

A água pingava do telhado de concreto rachado do túnel, as fendas maiores do que antes. Pequenas avalanchas de detritos tornavam o piso precário e escorregadio. O nervosismo dele aumentou. Não gostava do abafamento, nem da necessidade de ir se encontrar com Crosse, querendo estar bem longe, seguro no seu navio, com um álibi perfeito quando Dunross fosse drogado e seqüestrado. Mas Crosse fora intransigente.

— Puta merda, Grigóri, você tem que estar Já! Tenho que vê-lo pessoalmente, e está claro que não vou ao Ivánov. É perfeitamente seguro, garanto-lhe.

"Garantir?", pensou Suslev raivosamente, de novo. "Como se pode garantir qualquer coisa?" Apanhou a automática de cano curto com silenciador, examinou-a e soltou a trava de segurança. Depois continuou, caminhando com cuidado, e subiu a escada que levava ao armário falso. Tendo chegado às escadas, parou e prestou atenção, prendendo a respiração, toda a sua concentração buscando o perigo. Sem achar nenhum, começou a respirar mais suavemente, subiu as escadas em silêncio e entrou no apartamento. A luz que vinha do prédio alto logo abaixo e também da cidade entrava pelas janelas e iluminava tudo o bastante para que ele enxergasse. Examinou cuidadosamente o apartamento. Quando acabou, foi até a geladeira e abriu uma garrafa de cerveja. Ficou olhando pela janela, distraidamente. De onde estava não conseguia ver o seu navio, mas sabia onde ele estava, e aquele pensamento lhe deu uma sensação gostosa. "Ficarei contente por partir", pensou. "É triste. Quero voltar... Hong Kong é boa demais... mas será que posso?"

"E quanto ao Sinderson? Devo confiar nele?"

O coração de Suslev lhe doía dentro do peito. Sem dúvida alguma, seu futuro pendia na balança. Seria fácil para o seu próprio pessoal do KGB provar que ele denunciara Metkin. O Centro poderia obter essa informação de Roger Crosse com um simples telefonema, . . se já não houvessem chegado eles mesmos a essa conclusão.

"Que o Sinderson apodreça no inferno! Sei que vai me entregar... eu o faria, se fosse ele. Será que o Roger sabe do acordo secreto que Sinderson me propôs? Não. Sinderson manteria isso em segredo, até mesmo para o Roger. Não faz mal. Uma vez que eu tiver passado qualquer coisa para o outro lado, estarei para sempre nas mãos dele."

Os minutos passaram devagar. Ouviu-se o ruído de um elevador. Imediatamente, ele se colocou em posição defensiva. Seu dedo tocou o gatilho; uma chave girou na fechadura. A porta se abriu e fechou rapidamente.

— Alô, Grigóri — disse Crosse, suavemente. — Gostaria que não me apontasse essa maldita coisa.

Suslev travou a arma.

— O que há de tão importante? E quanto àquele bosta do Sinderson? O que foi que...

— Acalme-se e escute. — Crosse apanhou um rolo de microfilme, seus olhos azuis muito claros incomumente excitados. — Tome um presente. É caro, mas todas as verdadeiras pastas de Alan estão neste filme.

— O quê? — Suslev fitava-o. — Mas como? Escutou enquanto Crosse lhe contava sobre a caixa-forte, terminando com:

— ...e depois que Dunross saiu, fotografei as pastas e recoloquei-as no lugar.

— O filme já foi revelado?

— Claro que sim. Fiz uma cópia, que li e destruí prontamente. É mais seguro do que dá-la a você e arriscar que seja detido e revistado... Sinderson está em pé de guerra. Que diabo aconteceu entre você e ele?

— Primeiro fale-me das pastas, Roger.

— Lamento, mas são iguais às outras, palavra por palavra. Nenhuma diferença.

— O quê?

— É. Dunross estava nos dizendo a verdade. As cópias que nos deu são exatas.

Suslev ficou chocado.

— Mas tínhamos certeza, você tinha certeza!

— Eis a sua prova — disse Crosse, dando de ombros e entregando-lhe o filme.

Suslev praguejou obscenamente.

Crosse observava-o e mantinha a fisionomia solene, ocultando o seu divertimento. "As pastas verdadeiras são valiosas demais para serem entregues — por enquanto", disse consigo mesmo. "Ora se são! Agora não é a hora. Na hora certa, Grigóri, meu velho, partes delas renderão um bom dinheiro. E todas essas informações terão que ser peneiradas e oferecidas com muito, muito cuidado. E quanto aos onze pedaços de código — seja Iá que diabo queiram dizer —, deverão valer uma fortuna, no seu devido tempo."

— Infelizmente, acho que desta vez demos num beco sem saída, Grigóri.

— Mas, e quanto ao Dunross? — Suslev estava sem cor. Olhou para o relógio. — Talvez já esteja no baú.

Viu Crosse dar de ombros, o rosto magro marcado na penumbra.

— Não há necessidade de interromper o plano — disse Crosse. — Pensei cuidadosamente em toda a operação. Concordo com Jason que será bom dar uma sacudidela em Hong Kong. O seqüestro de Dunross vai criar ondas de todo tipo. Com a corrida

aos bancos e o colapso da Bolsa... é, isso nos ajudaria muito. Estou um tanto preocupado. Sinderson está farejando muito de perto, e me fazendo todo tipo de perguntas perigosas. Além disso, há o caso Metkin, Voranski, os documentos do Alan, você... erros demais. É preciso tirar a pressão de cima da Sevrin. Dunross o fará admiravelmente.

— Tem certeza? — indagou Suslev, necessitando ser reconfortado.

— Sim. Ora, se tenho. Dunross vai ser excelente. Será o chamariz. Vou precisar de toda a ajuda que puder obter. Você vai entregar o Arthur, não vai?

Suslev sentiu os olhos dele penetrarem-no, e seu coração quase parou, mas não expressou o choque na fisionomia. Por pouco.

— Ainda bem que Sinderson lhe falou do nosso encontro. Isso me poupa trabalho. Como vou sair da armadilha dele?

— Como você vai evitá-la?

— Não sei, Roger. Será que o Sinderson vai cumprir sua ameaça?

— Ora, qual é, pelo amor de Deus! — exclamou Crosse bruscamente. — Você não o faria?

— O que devo fazer?

— É o seu pescoço, ou o do Arthur. Se for o do Arthur, então o pescoço seguinte poderá ser o meu. — Houve uma pausa longa e violenta, e Suslev sentiu os pêlos da nuca se arrepiarem. — Contanto que não seja o meu... e eu sabia antecipadamente o que está acontecendo... tanto se me dá.

Suslev voltou a olhar para ele.

— Quer beber alguma coisa?

— Sabe que não bebo.

— Quis dizer água... ou soda. — O grandalhão foi até a geladeira, pegou a garrafa de vodca e bebeu pelo gargalo. — Ainda bem que Sinderson lhe contou.

— Puta que o pariu, Grigóri, cadê os seus miolos? Claro que ele não me contou... o idiota ainda acha que foi um acordo secreto e particular, só ele e você, claro que pensa assim! Santo Deus, este é o meu território! Fiz com que ele usasse uma sala em que eu tinha

posto escutas. Por acaso sou algum imbecil? — Os olhos ficaram ainda mais duros, e Suslev sentiu um aperto insuportável no peito. — Portanto, é uma escolha simples, Grigóri, é você ou Arthur. Se você entregá-lo, estou em perigo, assim como todos os demais. Se você não atender ao Sinderson, está acabado. Das duas escolhas, eu preferiria você morto... e eu, Arthur e a Sevrin a salvo.

— A melhor solução é eu atrair o Arthur — disse Suslev. — Mas que ele fuja antes que o peguem. Poderia vir para bordo do Ivánov, hem?

— Sinderson estará à sua frente, e o deterá em águas de Hong Kong.

— É possível. Não provável. Eu resistiria a uma abordagem no mar. — Suslev o observava, um gosto amargo na boca. — Ou é isso, ou Arthur comete suicídio... ou é eliminado.

Crosse olhou-o fixamente.

— Deve estar brincando! Quer que mande o Arthur para a Terra dos Pés Juntos?

— Foi você mesmo que disse, é o pescoço de alguém. Ouça, no momento só estamos examinando as possibilidades.

Mas é uma verdade que você é imprescindível. Arthur não é. Nem os outros. Nem eu — falou Suslev, com sinceridade. — Portanto, aconteça o que acontecer, não pode ser você... e de preferência não eu. Nunca me agradou a idéia de morrer. — Tomou outro gole da vodca e sentiu a sensação gostosa a aquecer-lhe o estômago, depois voltou a fitar o seu aliado. — Você é um aliado, não é?

— Sim, claro que sim. Enquanto o dinheiro continuar entrando e eu curtindo o jogo.

— Se você acreditasse, viveria uma vida mais longa e melhor, továrich.

— A única coisa que me mantém vivo é não acreditar. Você e seus amigos do KGB podem tentar até conseguir dominar o mundo, infiltrar o capitalismo e qualquer outro "ismo" que desejarem, por qualquer propósito que admitam, ou que lhes agrade, e nesse meio tempo, eu só vou levando!

— O que quer dizer com isso?

— É uma expressão que significa "ajudar" — disse Crosse, secamente. — Como é? Vai entregar o Arthur?

— Não sei. Poderia lançar uma pista falsa até o aeroporto para nos dar tempo de fugir das águas de Hong Kong?

— Sim, mas Sindors já redobrou a vigilância Iá.

— E quanto a Macau?

— Poderia fazer isso. Mas não gosto. E quanto aos outros da Sevrin?

— Eles que se entoqueem mais fundo. Vamos fechar tudo. Você assume a Sevrin, e nós a ativamos de novo depois que a tempestade passar. Será que o De Ville poderá vir a ser o tai-pan, depois de Dunross?

— Não sei. Acho que será o Gavallan. A propósito, mais duas vítimas dos Lobisomens foram encontradas em Sha Tin, hoje de manhã.

A esperança de Suslev aumentou, e um pouco do seu temor o abandonou.

— O que aconteceu?

Crosse contou-lhe como tinham sido encontrados.

— Ainda estamos tentando identificar os desgraçados. Grigóri, entregar o Arthur é arriscado, aconteça o que acontecer. Poderia entornar o caldo para o meu lado. Talvez com a queda da Bolsa, os bancos numa pior e Dunross sumindo, pudesse haver uma cobertura suficiente. Talvez.

Suslev balançou a cabeça. Sua náusea aumentou. A decisão tinha que ser tomada.

— Roger, não vou fazer nada. Simplesmente vou me mandar, e arriscar. Farei um relatório particular para me antecipar ao Sindere, e contarei ao Centro o que aconteceu. Faça o Sindere o que fizer, bem, isso pertence ao futuro. Também tenho amigos em posições influentes. Talvez o desastre de Hong Kong, e o aprisionamento de Dunross... eu mesmo farei o interrogatório com as substâncias químicas, de qualquer maneira, para o caso de estar nos tapeando e ser tão esperto quanto você diz que é... o que foi?

— Nada. E quanto ao Koronski?

— Partiu hoje de manhã, depois de ter me dado todas as substâncias químicas. Reprogramei o interrogatório para ser feito a bordo do Ivánov, e não em terra. Por quê?

— Por nada. Continue.

— Talvez a débâcle de Hong Kong apazigue os meus superiores. — Agora que havia tomado a decisão, sentia-se um pouco melhor. — Envie um relatório urgente para o Centro através dos canais de costume, para Berlim. Mande o Arthur fazer o mesmo hoje à noite, por rádio. Façam o relatório a meu favor, certo? Culpem a CIA daqui pelo caso Metkin, e Voranski pelo caso do "vazamento" do porta-aviões. Certo? Culpem a CIA e o Kuomintang.

— Sem dúvida. Por um preço dobrado. A propósito, Grigóri, se eu fosse você, limparia as minhas digitais desta garrafa.

— Hem?

Zombeteiramente, Crosse contou-lhe que Rosemont apanhara o copo na batida, e que, havia meses, para proteger Suslev, ele extraía as impressões dele do seu dossiê.

O russo estava branco.

— A CIA tem as minhas impressões digitais no seu arquivo?

— Apenas se tiverem um dossiê melhor do que o nosso. E disso eu duvido.

— Roger, espero que você cubra a minha retaguarda.

— Não se preocupe. Vou enfeitar tanto o relatório, que o promoverão. Em troca, você recomendará a minha gratificação de cem mil dó...

— É demais!

— O preço é esse! Estou tirando você de uma confusão dos diabos. — A boca sorriu, mas os olhos, não. — É uma sorte sermos profissionais, não é?

— Eu... vou tentar.

— Ótimo. Espere aqui. O telefone do Clinker está censurado. Vou ligar do apartamento do Jason tão logo saiba do Dunross. — Crosse estendeu a mão. — Boa sorte, farei o que puder com o Sindors.

— Obrigado. — Suslev deu-lhe um abraço apertado. — Boa sorte para você também, Roger. Não falhem com o Dunross.

— Não falharemos.

— E continue com o bom trabalho, certo?

— Diga aos seus amigos que continuem mandando o dinheiro. Certo?

— Sim.

Suslev fechou a porta às costas de Crosse, depois enxugou as palmas das mãos nas calças e pegou o rolo de filme. Xingou-o baixinho, e a Dunross, Hong Kong e Sinders, o fantasma do KGB interrogando-o sobre Metkin a dominá-lo. "Tenho que dar um jeito de evitar isso", falou consigo mesmo, o suor frio escorrendo-lhe pelas costas. "Talvez eu deva mesmo entregar o Arthur, afinal de contas. Como fazer isso, sem implicar o Roger? Tem que haver um jeito."

No patamar, Roger Crosse entrou no elevador e apertou o botão do térreo. Agora sozinho, apoiou-se exausto contra as paredes oscilantes e sacudiu a cabeça para tentar afastar o medo.

— Pare com isso! — murmurou. Dominou-se com esforço, e acendeu um cigarro, notando que seus dedos tremiam. "Se aquele sacana interrogar Dunross quimicamente, estou liquidado. E aposto cinqüenta dólares contra um monte de bosta que Suslev ainda não descartou a possibilidade de entregar o Plumm. E se ele fizer isso,

porra, todo o meu castelo de cartas pode desabar sobre a minha cabeça. Um erro, um mínimo deslize, e estou acabado."

O elevador parou. Alguns chineses entraram ruidosamente, mas ele nem os notou.

No térreo, Rosemont o esperava.

— Então?

— Nada, Stanley.

— Você e seus palpites, Rog.

— Nunca se sabe, Stanley, podia ter havido alguma coisa — disse Crosse, tentando pôr a cabeça para funcionar. Inventara o palpite e trouxera Rosemont consigo — para esperar Já embaixo —, apenas para despistar os homens da CIA de Rosemont que ele sabia estarem ainda vigiando o saguão.

— Você está bem, Rog?

— Estou, sim. Obrigado. Por quê? Rosemont deu de ombros.

— Quer um café ou uma cerveja?

Saíram para dentro da noite. O carro de Rosemont esperava Iá fora.

— Não, obrigado. Estou indo para Iá. — Crosse apontou para o Rose Court, o prédio alto que se erguia acima deles, na rua de cima. — É um coquetel a que tenho que ir por obrigação social.

Sentiu o medo subir-lhe pelo peito, de novo. "Porra, o que faço agora?"

— O que há, Rog?

— Nada.

— Rose Court, hem? Talvez eu devesse arrumar um apartamento Iá. Rosemont de Rose Court.

— É. — Crosse reuniu suas forças. — Quer vir até as docas ver o Ivánov zarpar?

— Claro, por que não? Ainda bem que você mandou aquele filho da mãe se arrancar. — Rosemont abafou um bocejo. — Conseguimos dobrar o sacana do computador hoje. Parece que ele tem todo tipo de segredos guardados.

— Quais?

— Diversas coisinhas sobre o Corregidor, sua velocidade máxima, de onde vêm suas armas nucleares, seu código de armamento, esse tipo de coisa. Conto-lhe tudo logo mais. Você me apanha à meia-noite, tá legal?

— Sim, sim, claro.

Crosse virou-se e afastou-se rapidamente. Rosemont acompanhou-o com o olhar, de testa franzida, depois ergueu os olhos para o Rose Court. Todos os doze andares estavam iluminados. Novamente, o americano voltou a olhar para Crosse, agora uma pequena figura na escuridão, enquanto dobrava a esquina, subindo a rua íngreme e sinuosa.

"O que está havendo com o Rog?", perguntou-se, pensativo. "Algo está errado."

20h10m

Roger Crosse saltou do elevador no quinto andar, o rosto tenso, e entrou pela porta aberta no apartamento das Propriedades Asiáticas. O salão estava lotado e barulhento. Ficou parado à porta, os olhos percorrendo os convivas, à procura de Plumm ou Dunross. Notou prontamente que havia pouca felicidade ali, um ar de depressão na maioria dos convidados, o que aumentou sua inquietação. Havia poucas mulheres presentes... as poucas que ali estavam agrupavam-se constrangidas no canto oposto da sala. Por toda parte a conversa se concentrava acaloradamente no problema da débâcle da Bolsa e da corrida aos bancos.

— Ora, qual é, pela madrugada! Fica muito bonito para o Victoria anunciar uma compra de controle multimilionária do Ho-Pak, mas cadê o dinheiro para nos manter a todos à tona?

— Foi uma fusão, não uma compra de controle, Dunstan — começou Richard Kwang —, o Ho-Pak não...

Barre ficou subitamente colérico.

— Puta que o pariu, Richard! Somos todos amigos aqui, e todos sabemos que a coisa é mais do que uma simples operação de salvamento, pelo amor de Deus! Somos Iá crianças? O que quero deixar claro — disse Barre, aumentando o tom de voz para abafar as de Richard Kwang e Johnjohn —, o que quero deixar claro, meu velho, é que, com ou sem fusão, nós, os empresários de Hong Kong, não podemos nos manter à tona se todos os malditos bancos de vocês, por pura burrice, ficarem sem grana. Certo?

— Não é culpa nossa, pelo amor de Deus! — falou Johnjohn, irritado. — É apenas uma perda temporária de confiança.

— Uma droga de uma má administração, se querem saber a minha opinião — replicou Barre com azedume, ante a concordância total. Então notou Crosse tentando passar. — Oh, oh, alô, Roger! — disse, com um sorriso amarelo.

Roger Crosse notou a cautela imediata, que era normal sempre que ele pegava alguém com a guarda aberta.

— O Ian está aqui?

— Não, ainda não chegou — falou Johnjohn, e Crosse soltou a respiração, molhado de alívio.

— Tem certeza?

— Tenho, sim. Tão logo ele chegue, vou embora — disse Dunstan, com azedume. — Malditos bancos! Se não fosse por...

Johnjohn interrompeu.

— E quanto aos malditos Lobisomens, Roger?

A descoberta dos dois corpos fora o assunto principal da Rádio Hong Kong e de todos os jornais chineses... já que não havia jornais ingleses vespertinos aos domingos.

— Não sei mais do que vocês — falou Crosse. — Ainda estamos tentando identificar as vítimas. — Seus olhos se concentraram em Richard Kwang, que ficou intimidado. — Não sabe de nenhum filho ou sobrinho que tenha desaparecido ou sido seqüestrado, sabe, Richard?

— Não, infelizmente, não sei, Roger.

— Se me dá licença, tenho que ir falar com o nosso anfitrião.
— Crosse foi abrindo caminho entre as pessoas. — Alô, Christian — disse, passando pelo editor alto e magro do Guardian. Viu a desolação que o outro homem tentava desesperadamente esconder.
— Sinto muito por sua mulher.

— Joss — falou Christian Toxe, tentando aparentar calma, e barrou o seu caminho. — Joss, Roger. Ela, bem, ela... a vida tem que continuar, não é? — O sorriso forçado dele era quase grotesco. — O Guardian tem que fazer o seu trabalho, não é mesmo?

— É.

— Posso dar uma palavrinha com você depois?

— Claro, mas confidencialmente, como sempre?

— Naturalmente.

Continuou o seu caminho, passando por Pugmire e Sir Luís, conversando entretidíssimos sobre a compra de controle da General Stores pela Struan, e notou Casey no centro de um grupo no varandão que dava para o porto, De Ville entre eles, Gornt também no grupo, com ar benévolo, o que Crosse estranhou.

— Alô, Jason — cumprimentou, aproximando-se de Plumm, que conversava com Joseph Stern e Phillip Chen. — Obrigado pelo convite.

— Oh, alô, Roger, que bom ter vindo!

— Boa noite — cumprimentou os outros. — Jason, cadê o seu convidado de honra?

— Ian telefonou dizendo que se atrasara um pouco, mas que já vinha. Não demora estará aqui. — A tensão de Plumm era evidente. — O... champanha está pronto, e o meu pequeno discurso também. Está tudo pronto — falou, olhando para ele.

— Vamos, Roger, deixe-me pegar uma bebida para você. É Perrier, não é? Botei no gelo para você.

Crosse o acompanhou, igualmente satisfeito pela oportunidade de conversarem em particular. Mas, tão logo chegaram à porta da cozinha, fez-se um silêncio repentino. Dunross estava na entrada com Riko, Gavallan ao lado deles. Os três sorriam amplamente.

— Ouça, Jason, eu... — Crosse se interrompeu. Plumm já se virará para o bar, e, se Crosse não o estivesse observando muito atentamente, jamais teria visto a mão esquerda dele quebrar habilmente o frasco minúsculo sobre uma das taças cheias de champanha, depois colocar os fragmentos no bolso, pegar a bandeja com as quatro taças e se dirigir para a porta. Fascinado, observou Plumm aproximar-se de Dunross e oferecer-lhe o champanha.

Dunross deixou Riko pegar uma taça, depois Gavallan. Sem ser aparentemente induzido a isso, ele apanhou a taça que continha a droga. Plumm pegou a última delas, entregando a bandeja a um garçom embaraçado.

— Bem-vindo, Ian, e parabéns pelo golpe! — disse Plumm, com naturalidade, brindando sem estardalhaço. Os que estavam próximos acompanharam-lhe o gesto, polidamente. Naturalmente, Dunross não bebeu o próprio brinde.

— Agora, por que não brinda ao Richard Kwang, ao Johnjohn e à sua fusão? — sugeriu Plumm, a voz soando estranha.

— Por que não? — replicou Dunross com uma risada, e lançou um olhar para Johnjohn, do outro lado da sala. — Bruce!

— chamou, erguendo a taça, e o nível geral do barulho baixou um pouco. — Ao Victoria! — A voz dele tornou-se mais forte, chamando a atenção. Outros olharam para ele e pararam no meio do que diziam. — Talvez todos devam participar do brinde. Acabo de

saber que o Banco da China concordou em emprestar ao Vic e aos outros bancos meio bilhão em espécie a tempo para a abertura das portas, na segunda-feira.

Fez-se um silêncio vasto e repentino. Os que estavam na varanda se adiantaram, Gornt à frente.

— O quê?

— Acabo de saber que o Banco da China emprestou a Hong Kong... vai emprestar ao Vic, para emprestar aos ou-

tros bancos... meio bilhão em espécie, e quanto mais for preciso. Todas as corridas aos bancos terminaram! — Dunross ergueu a taça. — Ao Victoria!

Quando o pandemônio começou e todos desandaram a fazer perguntas, Crosse começou a andar, e no exato momento em que Dunross ia tomar o primeiro gole, fingiu tropeçar e colidiu com ele, derrubando-lhe a taça da mão. Ela se estilhaçou ao tocar no chão de parquet.

— Puxa vida, desculpe-me! — falou, sem graça. Plumm fitou-o, abismado.

— Pela madrugada...

— Ah, Jason, mil desculpas — falou Crosse interrompendo-o, e acrescentando depressa, enquanto um garçom catava rapidamente os cacos: — Quem sabe podia pegar outra taça para o Ian.

— Sim, mas...

Atordoado, Plumm já ia obedecer quando Riko falou:

— Ah, tome, tai-pan, por favor, fique com a minha. Então Johnjohn gritou, por sobre a balbúrdia:

— Silêncio, silêncio, um momento! — e foi se aproximando de Dunross. — Ian — perguntou, no silêncio absoluto —, tem certeza quanto ao dinheiro?

— Claro que sim — replicou Dunross serenamente, sorvendo a bebida de Riko, gozando aquele momento. — Tiptop me ligou pessoalmente. Vai sair no noticiário das nove.

Houve um súbito viva ruidoso, mais perguntas e respostas, e Dunross viu que Gornt o fitava do outro lado do aposento. Seu sorriso tornou-se mais duro, e ele ergueu a sua taça, ignorando a barragem de perguntas.

— À sua saúde, Quillan! — exclamou, zombeteiramente. Rapidamente a conversa cessou de novo, a atenção de todos concentrada neles.

Gornt retribuiu o brinde, igualmente zombeteiro.

— À sua saúde, Ian. É verdade que temos mesmo o dinheiro da China?

— É, e a propósito, acabo de conseguir um novo fundo de cinqüenta milhões de dólares americanos. Agora a Casa Nobre é a hong mais forte da colônia.

— Com que garantia? — perguntou a voz cortante de Gornt, no silêncio abrupto.

— A honra da Casa Nobre! — Com uma displicência que não sentia, Dunross virou-se para Johnjohn. — O empréstimo é do Royal Belgium, uma subsidiária do First Central de Nova York, e bancado por eles. — Deliberadamente evitou olhar para Gornt enquanto repetia a notícia, saboreando o som das palavras: — Cinqüenta milhões de dólares americanos. Ah, a propósito, Bruce, amanhã vou suspender o meu empréstimo para os meus dois navios. Não preciso mais do empréstimo do Vic... o Royal Belgium me ofereceu melhores condições. Johnjohn simplesmente o fitou.

— Está brincando!

— Não. Acabo de falar com o Paul. — Momentaneamente, Dunross olhou para Plumm. — Desculpe, Jason, foi por isso que me atrasei. Naturalmente, tinha que ir vê-lo. Bruce, meu velho, Paul já está no banco tomando as providências para a transferência do dinheiro da China a tempo para a abertura do banco... pediu que você fosse para Iá imediatamente.

— Como?

— Imediatamente. Desculpe.

Johnjohn fitou-o, abobalhado, começou a falar, interrompeu-se, depois explodiu num viva que todos acompanharam, e saiu às pressas, ao som de vivas.

— Pombas, tai-pan, mas você...

— O Tiptop? Isso quer dizer que é verdade! Não acha...

— O First Central de Nova York? Não são os cretinos que...

— Porra, e eu andei vendendo a descoberto...

— Eu também! Que merda, vou comprar logo que a Bolsa abrir ou...

— Ou vou ficar a zero e...

Dunross viu que Sir Luís, Joseph Stern e Phillip Chen confabulavam, Gornt ainda a fitá-lo, o rosto imóvel. Então, viu Casey sorrindo para ele, feliz, e ergueu a taça num brinde. Ela retribuiu o gesto. Gornt viu isso e dirigiu-se para ela, e os que estavam perto estremeeceram e ficaram calados.

— O First Central é o banco da Par-Con, não é?

— É, sim, Quillan — retrucou ela, sua voz soando pequenina, mas correndo por toda a sala, e novamente eles foram o alvo das atenções.

— Você e o Bartlett, foram vocês que fizeram isso? — perguntou Gornt, do alto da sua estatura.

Dunross apressou-se a dizer:

— Eu providencio os meus empréstimos. Gornt ignorou-o, apenas a fitava.

— Você e Bartlett. Vocês o ajudaram?

Ela lhe devolveu o olhar, o coração batendo forte.

— Não tenho controle sobre aquele banco, Quillan.

— Ah, mas você andou metendo sua colher na história — disse Gornt, friamente. — Não foi?

— Murtagh me perguntou se eu achava que valia a pena arriscar na Struan — disse ela, a voz controlada. — Eu disse que sim, e muitíssimo.

— A Struan está acabada — falou Gornt. Dunross acercou-se deles.

— A questão é que não estamos acabados. A propósito, Quillan, Sir Luís concordou em tirar as ações da Struan do pregão até o meio-dia.

Todos os olhos se voltaram para Sir Luís, que agüentou estoicamente, com Phillip Chen ao lado, depois retornaram para Dunross e Gornt.

— Por quê?

— Para dar ao mercado tempo para se adaptar à alta.

— Que alta?

— A alta que todos merecemos, a alta que o Velho Cego Tung previu. — Uma onda de eletricidade percorreu a todos, até mesmo Casey. — E também para se adaptar ao valor das nossas ações — falou Dunross, a voz áspera. — Abrimos a 30.

— Impossível — falou alguém, com voz abafada, e Gornt rosnuu:

— Não pode! Fechou a 9,50, por Deus! Suas ações fecharam a 9,50!

— E daí oferecemos as ações a 30, por Deus! — rosnuu Dunross de volta.

Gornt virou-se bruscamente para Sir Luís.

— Vai topar esse assalto a mão armada?

— Não há nenhum, Quillan — disse Sir Luís, calmamente. — Concordei, com a aprovação unânime do comitê, em que é melhor para todos, para a segurança dos investidores, que haja um período de calma... para todos poderem se preparar para a alta. Pareceu-nos justo até o meio-dia.

— Justo, hem? — falou Gornt com aspereza. — Você tem um bocado de ações que vendi a descoberto. Agora vou recomprar tudo. A que preço?

Sir Luís deu de ombros.

— Tratarei do assunto ao meio-dia de amanhã, no próprio edifício da Bolsa.

— Eu tratarei do assunto com você neste momento, Quillan — disse Dunross, asperamente. — Quantas ações vendeu a descoberto? Deixarei que as recompre a 18, se você vender o controle majoritário da AH Ásia Airways a 15.

— A Ail Ásia Airways não está à venda — falou Gornt, furioso, a mente berrando que a 30 ele estaria liquidado.

— A oferta é válida até a abertura da Bolsa, amanhã.

— Dane-se você, amanhã e os seus 30! — Gornt virou-se bruscamente para Joseph Stern. — Compre ações da Struan! Agora, de manhã ou ao meio-dia! É o responsável!

— A... a que preço, sr. Gornt?

— Basta comprar! — Gornt fechou a cara e virou-se para Casey. — Obrigado — disse-lhe, e saiu furioso, batendo a porta atrás de si.

Então, as conversas explodiram, e Dunross viu-se cercado, gente lhe batendo nas costas, assoberbando-o de perguntas. Ela ficou sozinha na porta da varanda, chocada pela violência que presenciara. Distraidamente, confusa, viu Plumm se afastar apressado, com Roger Crosse atrás, mas nem lhes prestou atenção, apenas observava Dunross, com Riko ao lado.

No pequeno dormitório dos fundos, Plumm meteu a mão na gaveta de uma cômoda que ficava perto do grande baú que seria

despachado por mar. A porta se escancarou e ele se virou bruscamente; quando viu que era Roger Crosse, sua fisionomia se alterou.

— Que merda andou fazendo? Você deliberadamente... Com uma velocidade felina, Crosse atravessou o quarto e esbofeteou Plumm antes que este se desse conta do que estava acontecendo. Plumm soltou uma exclamação abafada e se preparou para saltar sobre Crosse, quando este o esbofeteou de novo e Plumm tropeçou de encontro à cama, caindo sobre ela.

— Mas que mer...

— Cale a boca e ouça! — sibilou Crosse. — Suslev vai entregar você!

Plumm fitou-o, boquiaberto, as marcas das bofetadas tornando-se escarlates. Sua raiva sumiu de pronto.

— O quê?

— Suslev vai denunciar você ao Sindere, e isso significa todos nós. — Os olhos de Crosse se estreitaram. — Está bem, agora? Puta merda, fale baixo.

— O quê? Sim... sim... Eu... sim.

— Desculpe, Jason, era a única coisa a ser feita.

— Tudo, tudo bem. Que diabo está acontecendo, Roger? Plumm saltou da cama, esfregando o rosto, um filete de sangue no canto da boca, agora totalmente controlado. Lá de fora vinham os ruídos de conversas indistintas.

— Temos que armar um plano — disse Crosse sombriamente, e recapitulou sua conversa com Suslev. — Acho que o convenci, mas aquele sacana é escorregadio, não se pode saber o que fará. Sindors vai entregá-lo, não há dúvida, se Suslev não denunciar o Arthur... e se Sindors o entregar, Suslev não voltará a Hong Kong. Eles o manterão e arrancarão tudo dele. Então o...

— Mas, e quanto ao Dunross? — perguntou Plumm, desalentado. — Sem dúvida o Dunross poderia ter-nos livrado dessa enrascada. Agora o Grigóri não vai deixar de falar. Por que me deteve?

— Tive que fazê-lo. Não houve tempo de lhe contar. Ouça, depois que deixei o Suslev, entrei em contato com o QG. Eles me contaram que Tiptop ajudara aqueles filhos da mãe a se safarem da armadilha com o dinheiro da China. Antes, eu soubera que o Ian tinha arranjado o seu empréstimo — mentiu Crosse. — Portanto, a corrida aos bancos acabou, o mercado vai ficar em alta, com ou sem Dunross. Mas, o que é pior, Jason, soube, por um informante da

Divisão Especial, que Sinderson triplicou a segurança em Kai Tak, a mesma coisa no cais do Ivánov, e que, neste momento, estão abrindo todo e qualquer caixote, toda e qualquer sacola, revistando todo equipamento, todo cule que sobe a bordo. Se eles tivessem interceptado Dunross, e o fariam, o pessoal do sei é vivo demais, estaríamos fritos.

O nervosismo de Plumm aumentou. Um estremecimento o percorreu.

— Mas, e quanto... E se entregarmos o Grigóri ao Sinderson? — perguntou. — E se der...

— Fale baixo. Não está pensando direito, pelo amor de Deus! Grigóri nos conhece a todos. Sinderson o meteria num regime de dormir-acordar-dormir, o enfiaria no Quarto Vermelho, e ele contaria tudo! Isso nos destruiria, destruiria a Sevrin, e atrasaria os soviéticos dez anos na Ásia.

Plumm sentiu um arrepio, e enxugou o rosto.

— Então, o que vamos fazer?

— Deixar o Grigóri embarcar e zarpar de Hong Kong, e torcer para que convença os seus patrões. Mesmo que ele deixe "vazar" seu nome para o Sinderson, acho que estamos infiltrados tão fundo que poderemos nos safar. Você é britânico, não um estrangeiro.

Graças a Deus temos leis para nos proteger... mesmo sob a Lei dos Segredos Oficiais. Não se preocupe, nada vai acontecer sem que eu saiba, e se algo acontecer, saberei imediatamente. Sempre haverá tempo para o Plano Três.

O Plano Três era uma fuga que Plumm arquitetara para tal eventualidade... com passaportes falsos, passagens aéreas válidas, malas preparadas, roupas, disfarces e coberturas, incluindo uma chave mestra para as áreas de espera dos aviões, sem ter que passar pela Imigração... o plano tinha noventa e cinco por cento de possibilidades de êxito, se fosse acionado com uma hora de antecedência.

— Meu Deus! — Plumm olhou para a mala que estivera à espera. — Meu Deus! — repetiu, depois foi até o espelho olhar para o seu rosto. A vermelhidão estava sumindo. Molhou um pouco o rosto.

Crosse o observava, imaginando se estaria convencido. Era o melhor que tinha podido fazer, dadas as circunstâncias. Detestava a improvisação, mas nesse caso não tivera opção. "Que vida levamos! Só eu próprio sou imprescindível, os demais, não: Suslev, Plumm, Sinderson, Kwok, Armstrong, até o governador."

— O que foi? — perguntou Plumm, olhando para ele pelo espelho.

— Só estava pensando que estamos num ramo de negócio duro.

— A causa o torna válido. É a única coisa que conta. Crosse ocultou o seu desprezo. "Acho mesmo que você já deu o que tinha que dar, Jason, meu velho", pensou, depois dirigiu-se ao telefone. Não havia extensões naquela linha, e ele sabia que o aparelho não estava censurado. Discou.

— Pronto?

Reconheceu a voz de Suslev e deu a tossezinha seca do Arthur.

— O sr. Lop-sing, por favor. — Continuando o código numa imitação perfeita da voz de Plumm, falou com urgência: — Deu zebra. O alvo não apareceu. Cuidado nas docas. A vigilância foi triplicada. Não podemos entregar a mala. Boa sorte.

Desligou. O silêncio pesou.

— É o dobre de finados para ele, não é? — comentou Plumm, tristemente.

Crosse hesitou. Deu um débil sorriso.

— Antes a morte dele do que a sua, não é?

81

20h25m

Na ruidosa sala de estar do fim do corredor, Casey terminou sua bebida e pousou o copo. Estava se sentindo inquieta e muito estranha. Parte dela estava feliz por Dunross ter-se safado, e a outra parte estava triste porque agora Gornt estava enrascado. Era bem evidente para ela que, com todas as transações que estavam ocorrendo à sua volta, o preço inicial das ações da Struan no pregão seria bem alto. "Pobre Quillan", pensou. "Se ele não cobrir a sua posição, vai estar atolado na merda... e, falemos francamente, fui eu que o pus ali. Não foi?"

"Claro, mas eu tinha que livrar a cara do Dunross, porque, sem ele, o Gornt nos teria espremido até o bagaço... e talvez a todos os outros também. É, é bom não esquecer, não fui eu que dei início à incursão na Struan. Essa incursão foi do Linc, não minha. O Linc não disse sempre que não se deve misturar negócios e prazer? Não concordamos com isso?"

Linc. Sempre de volta ao Linc.

Casey não o vira o dia todo, nem tivera notícias dele. Deveriam ter se encontrado para tomar café juntos, mas havia um "favor não incomodar" na porta dele, e um "favor não incomodar" no telefone dele. Portanto, ela o deixara em paz e afastara a idéia de Orlanda do pensamento... "Será que Orlanda também estava lá?" E, naquela noite, depois que voltara do passeio de barco, havia um recado: "Oi, divirta-se". Então, tomara banho, vestira-se, reprimira sua impaciência e viera para o coquetel. Não fora divertido no começo, todo mundo deprimido e apreensivo, e depois das novidades e da saída violenta de Gornt, também continuara a não ser divertido. Logo depois da saída de Gornt, Dunross abriu caminho até onde ela estava e lhe agradecera de novo, mas quase imediatamente fora cercado por homens entusiasmados discutindo negócios e oportunidades. Ela os observava, sentindo-se muito sozinha. "Talvez o Linc já tenha voltado ao hotel agora", pensou. "Gostaria que... deixe para lá, está na hora de ir para casa," Ninguém notou quando ela saiu discretamente.

Roger Crosse estava junto ao elevador. Segurou a porta para ela, depois apertou o botão de descida.

— Obrigada. Bela festa, não? — disse ela.

— É, foi, sim — replicou ele, distraidamente.

No térreo, Crosse deixou que ela passasse primeiro, e depois saiu, em largas passadas, pela porta da frente e colina abaixo. "Por que tanta pressa?", perguntou-se ela, dirigindo-se para o grupo que esperava pelos táxis, feliz por não estar chovendo de novo. Parou bruscamente. Orlanda Ramos, com os braços cheios de embrulhos, vinha entrando no saguão. Avistaram-se ao mesmo tempo. Orlanda foi a primeira a se recuperar.

— Boa noite, Casey — disse, com seu melhor sorriso. — Como você está bonita!

— Você também — replicou Casey. E era verdade. Sua inimiga usava uma saia azul-clara e uma blusa que combinava perfeitamente com ela.

Orlanda derramou uma torrente de cantonense impaciente sobre o zelador amarfanhado que estava ali por perto. Prontamente, ele se aproximou e pegou os pacotes das mãos dela, resmungando.

— Desculpe, Casey — disse ela, cortesmente, uma ponta de nervosismo na voz —, mas houve um pequeno desabamento logo ali abaixo, e tive que deixar meu carro Iá. Veio fazer alguma visita?

— Já estou de saída. Você mora aqui?

— Moro, sim.

Novo silêncio entre elas, ambas se preparando. Então Casey deu um boa-noite educado e dispôs-se a ir embora.

— Talvez devêssemos conversar — disse Orlanda, e Casey parou.

— Claro, Orlanda, quando você quiser.

— Tem tempo agora?

— Acho que sim.

— Quer me acompanhar até o meu carro? Tenho que ir apanhar o resto dos embrulhos. Você não vai conseguir um táxi aqui, Iá embaixo será mais fácil.

— Está bem.

As duas mulheres saíram. A noite estava fresca, mas Casey ardia, e Orlanda também, cada uma delas sabendo o que vinha pela frente, uma temendo a outra. Foram andando com cuidado pela rua, molhada da água que escorria morro abaixo. Havia um prenúncio de mais chuva para breve, o que se podia perceber pela cerração baixa

e escura. Mais adiante, a uns cinqüenta metros, Casey podia ver onde o aterro cedera, parcialmente, jogando um monte de terra, pedras, vegetação e detritos no meio da rua. Não havia calçada. Do outro lado do deslizamento, uma fila de carros se detivera, e manobrava impacientemente para dar meia-volta. Alguns pedestres passavam com dificuldade por cima do aterro.

— Mora há muito tempo no Rose Court? — perguntou Casey.

— Há alguns anos. É muito agradável. Acho... Ah! Você estava na festa do Jason Plumm, na festa das Propriedades Asiáticas?

— Estava. — Casey viu o alívio no rosto de Orlanda, e aquilo a deixou com raiva, mas controlou-a e disse suavemente: — Orlanda, na verdade não temos nada a conversar, temos? Vamos nos dizer boa-noite.

Orlanda ergueu os olhos para ela.

— Linc está comigo. Está comigo no meu apartamento. Neste momento.

— Foi o que imaginei.

— Isso não a incomoda?

— Incomoda-me muitíssimo. Mas isso é problema do Linc. Não somos casados, como sabe, nem mesmo noivos, como sabe... você tem o seu jeito, eu tenho o meu, portanto...

— O que quer dizer com isso? — indagou Orlanda.

— Que conheço o Linc há sete anos, você não o conhece nem há sete dias.

— Isso não importa — falou Orlanda, desafiadoramente. — Eu o amo, e ele me ama.

— Isso ainda pre... — Casey foi quase empurrada para o lado por alguns chineses que passavam apressados, tagarelando ruidosamente. Outros vinham subindo a colina. Então alguns dos convidados da festa as rodearam, descendo o morro. Uma das mulheres era Lady Joanna, que olhou para elas com curiosidade, mas seguiu o seu caminho. Quando estavam sozinhas de novo, Casey terminou: — Isso ainda precisa ser provado. Boa noite, Orlanda — falou, com vontade de berrar para ela: "Você ganha o seu dinheiro deitada de costas, eu ganho o meu com meu trabalho, e todo esse amor de que você fala soletra-se dinheiro. Os homens são um bando de cretinos".

— É curioso, mas não culpo o Linc — continuou, murmurando em voz alta, vendo a linha firme do queixo, os olhos faiscantes e determinados, o corpo perfeito, voluptuoso mas esbelto. — Boa noite.

Seguiu o seu caminho. "Agora meu plano tem que mudar", pensava, todo o seu ser concentrado. "Esta noite eu ia fazer amor com o Linc, mas agora tudo vai ter que mudar. Se ele está na cama dela, está enfeitado por ela. Meu Deus, ainda bem que descobri. Santo Deus, se eu tivesse me oferecido, ele teria que dizer não, e então... Agora posso... o que devo fazer?"

"As Orlandas do mundo que vão à merda! É tão fácil para elas, têm o plano do jogo feito desde o primeiro dia. Mas, e quanto ao resto de nós?"

"O que faço? Agüento firme até 25 de novembro e torço para que até Iá ele já esteja de saco cheio da Orlanda?"

"Não dessa fulana. Ela é dinamite, e sabe que Linc é o seu passaporte para a eternidade."

O coração dela bateu mais depressa. "Eu sou páreo para ela", disse consigo mesma, confiante. "Talvez não na cama ou na cozinha, mas posso aprender."

Subiu numa pedra e desceu dela, xingando a lama que estragava os seus sapatos, e pulou para o outro lado da barreira de terra. O Rolls de Dunross, com o seu chofer, estava no começo da fila.

— Com licença, senhorita, o tai-pan ainda está lá?

— Está, sim.

— Ah, obrigado.

O chofer trancou o carro e subiu rapidamente a colina, passando pela barricada na estrada. Casey virou-se e ficou olhando para ele. Seus olhos se fixaram em Orlanda, que se aproximava, e ficou com vontade de empurrá-la na lama. A idéia a divertiu, e ficou parada ali, vendo a inimiga se aproximar, deixando que ficasse imaginando o que Casey faria. Viu os olhos dela ficarem mais duros, e não havia medo no rosto de Orlanda, apenas um meio sorriso muito confiante. Orlanda passou por ela, sem medo, e um tremor de apreensão percorreu Casey, um tremor que ela conseguiu dominar. "Talvez você tenha tanto medo de mim e do meu poder quanto eu do seu", pensou, os olhos agora fitos no Rose Court, uma torre brilhante de luz, imaginando qual a luz que cercaria Linc, ou qual janela escurecida...

Quando Orlanda avistara Casey no saguão, imediatamente chegara à conclusão de que ela fora ao seu apartamento e confrontara Bartlett... "É o que eu teria feito", disse com seus

botões. E mesmo sabendo agora onde Casey estivera, o medo a percorreu de novo, à vista da sua rival. "Será que ela tem poder sobre ele através da Par-Con?", perguntou-se, trêmula.

"Será que pode controlar o Linc através das ações? Se a primeira mulher de Linc quase o destruiu financeiramente, e Casey o salvou tantas vezes quanto ele contou, aposto que ela o tem bem amarrado. Eu o faria, se fosse ela, claro que faria."

Involuntariamente, Orlanda olhou para trás. Casey ainda estava observando o Rose Court. Atrás dela, Dunross e outros (Riko, Toxe, Phillip e Dianne Chen entre eles) saíram do saguão e começaram a descer o morro. Ela os ignorou, e a tudo o mais, exceto a questão de como lidar com Linc quando voltasse. Devia contar-lhe sobre o encontro com Casey ou não? Atordoada, pegou os outros embrulhos de dentro do carro. "De uma coisa eu sei", repetiu para si mesma, inúmeras vezes. "O Linc é meu, e com ou sem Casey, vou me casar com ele, custe o que custar."

Casey tinha visto Dunross sair do saguão e ficou olhando para ele, apreciando a sua aparência, alto, elegante, dez anos mais jovem do que quando o conhecera, e ficou muito satisfeita por ter podido ajudá-lo. Então, quando já ia se virando, ouviu que ele a chamava:

— Casey, Casey, espere um momento! — Ela olhou para trás.
— Que tal ir jantar conosco? — convidou.

Ela fez que não com a cabeça, sem a menor disposição, e respondeu:

— Obrigada, mas tenho um encontro! Até amanhã... Naquele momento, a terra desabou.

82

20h56m

A avalanche começara mais acima na encosta, do outro lado da Po Shan Road, e varrera a rua, atingindo uma garagem de dois andares. Sua massa e velocidade eram tão grandes que o prédio da garagem rodopiou e tombou sobre o terraço ajardinado, escorregou por uma curta distância, depois caiu de vez. A avalanche ganhou impulso, passou sobre um outeiro às escuras, atravessou a Conduit Road e atingiu a casa de dois andares de Richard Kwang, destruindo-a. E então, carregando consigo esses prédios, a avalanche, agora com duzentos e setenta metros de comprimento por sessenta de largura — cinqüenta toneladas de terra e pedras —, continuou sua trilha descendente através da Kotewall Road e atingiu o Rose Court.

O deslizamento de terra durara sete segundos.

Quando o Rose Court foi atingido, pareceu estremecer, e depois o prédio se afastou dos seus alicerces e se moveu para diante na direção do porto, tombou e se quebrou mais ou menos no meio, como um homem que se ajoelha e depois cai.

Enquanto caía, os andares superiores atingiram e arrancaram um canto dos andares superiores do Sinclair Towers, abaixo. Depois o edifício se desfez e se desintegrou em entulho. Parte do deslizamento e do prédio demolido continuaram o seu caminho e caíram numa obra mais abaixo na montanha, depois pararam. As luzes se apagaram quando o prédio desmoronou numa nuvem de pó. E agora, por toda a Mid Levels, havia um silêncio imenso e atordoado.

E então os gritos começaram...

No túnel por baixo da Sinclair Road, Suslev sufocava, meio enterrado no entulho. Parte do teto do túnel fora arrancada, e agora a água entrava pelos canos e ralos, enchendo o túnel rapidamente. Ele se levantou às tontas e abriu caminho para o ar livre, sua mente confusa e impotente, sem saber o que estava acontecendo, apenas que, de alguma forma, fora capturado, drogado e agora estava num pesadelo de acordar-dormir, no Quarto Vermelho. Olhou ao seu redor, alucinado pelo pânico. Todos os prédios estavam às escuras, a força, desligada, uma pilha monstruosa de escombros que gemiam e se mexiam a cercá-lo. Então, suas glândulas o dominaram, e ele fugiu desabaladamente pela Sinclair Road...

Bem Iá acima, na Kotewall Road, os que ficaram do outro lado da barragem estavam a salvo, embora paralisados de choque.

Os poucos que ainda estavam de pé, Casey entre eles, não podiam crer no que haviam testemunhado. A vasta avalanche havia arrancado toda a estrada, até onde seus olhos alcançavam. A maior parte da encosta, que até há pouco estava cheia de prédios, era agora uma inclinação ondulante e feia de lama, terra, rochas; as ruas soterradas, os prédios desaparecidos, e Dunross e o seu grupo carregados inclinação abaixo.

Casey tentou gritar, mas não tinha voz. Então o grito saiu da sua boca:

— Ah, meu Deus! Linc!

Seus pés se moveram, e antes que se desse conta do que estava acontecendo, estava indo aos trancos e barrancos, caindo, Tateando, na direção dos escombros. Agora a escuridão era terrível, os gritos terríveis, vozes começando, gritos de socorro por toda parte, a pilha incrível e retorcida de entulho ainda se movendo aqui e ali, pedaços ainda caindo e sendo esmagados. Subitamente, a noite foi iluminada pelas linhas de força explodindo, enviando cascatas de bolas de fogo pelos ares, entre os escombros.

Desesperadamente, correu para onde antes estivera o saguão. Estirada Iá embaixo, bem Iá embaixo, quase totalmente envolvida pela escuridão, estava a massa retorcida de entulho, blocos de concreto, vigas, sapatos, brinquedos, painéis e frigideiras, sofás, cadeiras, camas, rádios, televisores, roupas, pedaços de corpos, livros, três carros que estavam estacionados do lado de fora, e mais gritos. Então, à luz das linhas de força que explodiam,

viu os escombros esmigalhados do que fora o elevador encosta abaixo, pernas e braços sobressaindo da sua carcaça.

— Linc! — berrava ela em altos brados, repetidamente, sem saber que estava chorando, as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. Mas não havia resposta. Desesperadamente, foi escalando o entulho perigoso, quase caindo e tateando até passar para o outro lado. À sua volta, homens e mulheres berravam. Então ela ouviu um débil gemido de terror próximo, e parte do entulho se mexeu. Ela agora estava de joelhos, as meias rasgadas, o vestido rasgado, os joelhos feridos; ela afastou alguns tijolos e encontrou uma pequena cavidade, onde estava uma criancinha chinesa de três ou quatro anos, alucinada de terror, tossindo, quase sufocando, presa sob uma pilha vasta de escombros no meio da poeira do entulho.

— Ah, Deus, pobrezinha!

Casey olhou à sua volta, desesperada, mas não havia ninguém que pudesse ajudá-la. Parte do entulho mudou de posição, gemendo e gritando. Um pedaço de concreto, deixando visível a armação de ferro, quase se soltou. Sem ligar para a própria segurança, Casey tentou retirar os escombros, os dedos sangrando. Novamente os escombros mudaram de posição acima dela, enquanto mais alguns pedaços rolavam encosta abaixo. Alucinadamente, ela abriu um espaço com as mãos e agarrou o braço da criança, ajudando-a a safar-se, depois tomou-a nos braços e correu para a segurança, enquanto aquela parte dos escombros desabava. Ela ficou em pé, sozinha, a criança trêmula e incólume nos seus braços, agarrada a ela com força...

Quando a avalanche fez tombar o prédio de apartamentos e arrancou fora a maior parte da estrada e do parapeito, Dunross e os outros que estavam no seu limiar foram arremessados pela encosta íngreme, aos trambolhões, com os arbustos e a vegetação rasteira amortecendo em parte a sua queda. O tai-pan se levantou na semi-escuridão, tateou-se, atordoado, atônito por ver que podia ficar de pé e não estava ferido. De perto dele vinham gemidos baixos de agonia. A encosta era íngreme e estava toda enlameada e ensopada, enquanto ele tentava chegar até Dianne Chen, que estava semiconsciente, gemendo, uma das pernas retorcidas brutalmente sob o corpo. Parte da sua tíbia projetava-se através da pele, mas, pelo que ele podia ver, não havia artérias cortadas nem sangramento sério. Com o maior cuidado, endireitou a mulher e sua perna, mas ela soltou um uivo de dor e desmaiou. Sentiu alguém por perto, e ergueu os olhos. Riko estava parada ali, o vestido rasgado, sem sapatos, descabelada, um filete de sangue escorrendo pelo nariz.

— Meu Deus, você está bem?

— Eu... estou — disse, trêmula. — É... foi um terremoto?

Naquele momento, houve outra explosão ruidosa de fios elétricos entrando em curto-circuito, e a área foi momentaneamente iluminada por bolas de fogo.

— Oh, meu Deus — exclamou ele, com voz abafada. —

É como Londres durante a Blitz. — Foi então que notou Phillip Chen, largado como um monte inerte em volta de um arbusto, de ponta-cabeça encosta abaixo. — Fique aqui com Dianne — ordenou, e foi descendo a encosta com dificuldade. Apavorado, virou Phillip de barriga para cima. Seu representante nativo ainda respirava. Dunross tremeu de alívio. Ajeitou-o da melhor maneira que pôde, e olhou à sua volta, na penumbra. Outros também estavam se levantando, entre eles Christian Toxe, que sacudia a cabeça, tentando desanuviá-la.

— Puta que o pariu! — murmurava, sem parar. — Deve haver umas duzentas pessoas morando ali. — Depois de erguerem-se com dificuldade, escorregou na lama e soltou mais um palavrão. — Tenho... tenho que achar um telefone. Dê-me uma mão, tá? — Toxe praguejou quando escorregou outra vez. — É o meu tornozelo, acho que torci um pouco o desgraçado.

Dunross ajudou-o a se pôr de pé, e depois, com Riko a apoiá-lo do outro lado, subiram desajeitadamente até o que restava da rua. Ainda havia gente paralisada, outros subindo pelo primeiro deslizamento para ver se podiam ajudar, alguns dos inquilinos desesperados e gemendo. Uma mãe estava sendo contida, o marido já correndo, caindo, escalando as ruínas, os três filhos deles e a amah ali embaixo, em algum lugar.

No momento em que chegaram ao chão plano, Toxe saiu mancando pela Kotewall Road, e Dunross correu para o carro, para buscar a lanterna elétrica e a maleta de socorros de emergência.

Não enxergou Lim em lugar algum. Então lembrou-se de que o seu chofer estava junto com eles quando foram atingidos pela avalanche. Enquanto pegava as chaves para destrancar a mala do carro, forçava a memória. "Quem estava conosco? Toxe, Riko, Jacques (não, Jacques já tinha ido embora), Phillip e Dianne Chen, Barre... não, deixamos Barre na festa. Santo Deus! A festa! Tinha me esquecido da festa! Quem ainda estava lá? Richard Kwang e a mulher, Plumm, Johnjohn (não, ele saiu mais cedo), Roger Crosse (não, espere um minuto, ele também não saiu?)".

Dunross abriu a mala do carro e achou duas lanternas elétricas, a maleta de pronto-socorro e um pedaço de corda. Voltou correndo para junto de Riko, sentindo agora dor nas costas.

— Quer voltar e cuidar de Dianne e Phillip até eu poder conseguir alguma ajuda? — Sua voz estava deliberadamente firme. — Tome. — Entregou-lhe uma lanterna elétrica, algumas ataduras e um vidro de aspirina. — Pode ir. Dianne quebrou a perna. Quanto ao Phillip, não sei. Faça o que puder e fique com eles até que chegue uma ambulância ou eu volte. Certo?

— Sim, sim, está certo. — Os olhos dela mostraram um lampejo de medo enquanto olhavam para cima. — Será que... há perigo de novo desabamento?

— Não. Você estará perfeitamente segura. Vá depressa! A força de vontade dele afastou o medo dela, que começou a descer a encosta com a lanterna elétrica, andando com muito cuidado. Foi só então que ele notou que ela estava descalça. Depois lembrou-se de que Dianne também estava descalça, e Phillip. Esticou-se para aliviar

a dor nas costas. Suas roupas estavam rasgadas, mas nem ligou para isso, e correu para a barricada. À distância, ouviu as sirenes da polícia. Seu alívio foi quase nauseante, enquanto começava a correr.

Foi então que notou Orlanda no começo da fila de carros. Olhava fixamente para o local onde estivera o Rose Court, a boca se movendo, pequenos espasmos fazendo tremer o rosto e o corpo, e ele se lembrou da noite do incêndio, quando ela estivera igualmente petrificada, e prestes a abater-se. Rapidamente, dirigiu-se para ela e sacudiu-a com força, esperando poder tirá-la do colapso causado pelo pânico que havia testemunhado tantas vezes durante a guerra.

— Orlanda!

Ela despertou do seu semitranse.

— Oh... oh... o que... o que...

Muitíssimo aliviado, notou que agora os olhos -dela estavam normais, agonia normal, e as lágrimas escorriam normais.

— Você está bem. Não há com que se preocupar. Controle-se agora, Orlanda, você está bem! — falou, a voz bondosa mas muito firme, e deixou-a encostada ao capo de um carro, afastando-se.

Os olhos dela entraram em foco.

— Ah, meu Deus! Linc! — Depois gritou atrás dele, em meio às lágrimas: — Linc... o Linc está Iá!

Ele parou bruscamente, voltou-se.

— Onde? Onde ele estava?

— Está... no meu apartamento. É no oitavo andar... é no oitavo andar!

Dunross saiu correndo de novo, e a lanterna elétrica era o único fecho de luz no atoleiro.

Aqui e ali havia gente tateando às cegas, enterrada até os tornozelos na terra ensopada, as mãos em concha sobre fósforos, dirigindo-se para as ruínas. Quando chegou mais perto da catástrofe, seu coração se confrangeu. Podia sentir o cheiro de gás. A cada segundo o cheiro ficava mais forte.

— Apaguem os fósforos, pela madrugada! — urrou ele. — Vão nos mandar a todos pelos ares! Foi então que viu Casey...

O carro da polícia que seguia o de bombeiros subiu correndo a colina, as sirenes uivando, o tráfego denso, e ninguém saindo do caminho. Dentro do carro, Armstrong cuidava dos chamados pelo rádio:

— Todas as unidades policiais e carros de bombeiros para a Kotewall Road! Emergência, emergência, emergência! Novo desabamento de terra nas vizinhanças da Po Shan e da Sinclair Road! Os informantes avisam que o Rose Court e dois outros prédios de doze andares desabaram.

— Mas que coisa ridícula! — resmungou Armstrong, depois. — Cuidado, puta merda! — berrou para o motorista, que passara para a contramão, escapando por pouco de bater num caminhão. — Vire à direita aqui, depois atravesse a Castle e entre na Robinson e na Sinclair por aquele lado — ordenou. Estava indo para casa, depois de outra sessão de reconstituição com Brian Kwok, a cabeça doendo, exausto, quando escutara o chamado de emergência. Lembrando-se de que Crosse morava na Sinclair Road e que dissera que passaria na festa de Jason Plumm depois de ir com Rosemont verificar uma pista, resolvera ir dar uma espiada. "Porra", pensou sombriamente, "se ele foi atingido, quem vai assumir o sei? E devemos ainda soltar o Brian, ou prendê-lo, ou o quê?"

Uma nova voz veio pelo rádio, firme, sem pressa, a estática forte:

— Aqui fala o vice-chefe dos bombeiros, Soames. Emergência Um! — Armstrong e o motorista soltaram uma exclamação abafada. — Estou na junção da Sinclair, Robinson e Kotewall Road, onde

instalei um posto de comando. Emergência Um, repito, Um! Informem imediatamente ao comissário e ao governador. É um desastre de enormes proporções. Avisem todos os hospitais da ilha para ficarem de prontidão. Ordenem a todas as ambulâncias e enfermeiros que venham para a área. Vamos pedir imediata ajuda do exército. Não há eletricidade nenhuma, precisamos de geradores, cabos e luzes...

— Santo Deus! — murmurou Armstrong. Depois, vivamente: — Despache as informações, puta que o pariu, e ande depressa!

O carro da polícia aumentou a velocidade...

— Oh, Ian! — disse Casey, nem conseguindo mais chorar, a criança apavorada nos braços. — Linc está lá embaixo, em algum lugar.

— É, eu sei, eu sei — disse ele, acima da confusão insana de berros e gritos de socorro que vinham do meio do rangido agourento que os escombros faziam enquanto ainda se acomodavam. As pessoas andavam a esmo, cegamente, sem saber onde procurar, onde começar, como ajudar. — Você está bem?

— Estou... mas o Linc! Não... — Interrompeu-se. Logo adiante, encosta abaixo, perto dos restos do elevador, uma vasta pilha de vigas retorcidas e fragmentos destroçados de concreto cedeu ensurdecidamente, dando início a uma reação em cadeia que desceu a encosta. Quando ele focalizou sua lanterna elétrica no

fenômeno, viram uma massa solta de entulho atingir violentamente o elevador, soltá-lo e fazê-lo descer aos trambolhões, deixando corpos no seu rastro. — Ah, Deus! — choramingou Casey. A criança apavorada agarrava-se a ela.

— Volte para o carro, estará a salvo...

Nesse exato momento, um homem alucinado de ansiedade veio correndo até junto deles, espiou a criança nos braços dela, depois agarrou-a, apertando-a ao peito, murmurando graças a Deus e a ela.

— Onde... onde a encontrou? Casey apontou o local, entorpecida.

O homem olhou para o local indicado, atordoado, depois sumiu dentro da noite, chorando de alívio, abertamente.

— Fique aqui, Casey! — disse Dunross, com urgência, as sirenes se aproximando de todas as direções. — Vou dar uma espiada rápida.

— Por favor, tome cuidado! Meu Deus, sente cheiro de gás?

— Sinto, e muito.

Usando a lanterna elétrica, começou a abrir caminho com cuidado sobre, sob e através dos escombros, escorregando e deslizando. Era perigosíssimo, toda a massa instável rangendo. O primeiro corpo era de uma chinesa que ele não conhecia. Cerca de dez metros mais abaixo estava um europeu, a cabeça esmagada, quase destruída. Rapidamente ele iluminou o caminho à frente com a lanterna, mas não viu Bartlett entre os outros mortos. Mais abaixo havia dois corpos, ambos chineses. Engolindo a sua náusea, foi abrindo caminho sob uma saliência perigosa, até chegar junto do europeu. Então, segurando a lanterna com cuidado, revistou os bolsos do morto. A carteira de motorista dizia: Richard Pugmire.

— Meu Deus! — gemeu Dunross. O cheiro de gás era muito forte. O estômago dele se revirou quando, mais Iá embaixo, outras linhas de força soltaram fagulhas. "Iremos todos para o bebeléu se aquelas malditas fagulhas chegarem aqui", pensou. Cuidadosamente, saiu de baixo do entulho e ficou ereto, respirando agora com mais facilidade. Um último olhar para o corpo de Pugmire, e voltou a descer a encosta. A poucos passos dali, ouviu um débil gemido. Levou algum tempo para localizar a fonte, mas finalmente o fez e desceu, o coração batendo com força. Com muito cuidado, enfiou-se nas profundezas sob uma saliência monstruosa de vigas e alvenaria. Os dedos dele seguraram firme. Usando toda a sua força, inclinou o concreto quebrado e afastou-o para o lado. Viu a cabeça de um homem Iá embaixo.

— Socorro — disse Clinker, debilmente. — Deus o abençoe, companheiro...

— Agüente firme um segundo. — Dunross podia ver que o homem estava preso por uma imensa viga, que também impedia que o entulho acima o esmagasse. Com a ajuda da lanterna, procurou até achar um pedaço quebrado de cano. Usando-o como alavanca, tentou erguer a viga. Uma pirâmide de entulho mudou de posição, ameaçadora. — Pode se mexer? — perguntou, ofegante.

— São... são as minhas pernas, estão machucadas, mas posso tentar. — Clinker estendeu a mão e agarrou um pedaço de ferro engastado. — Estou pronto quando você estiver.

— Como se chama?

— Clinker, Ernie Clinker. E você?

— Dunross, Ian Dunross.

— Oh! — Clinker moveu a cabeça dolorosamente e olhou para cima, o rosto e a cabeça sangrando, o cabelo empastado, os lábios em carne viva. — Obrigado, tai-pan. Estou pronto quando o senhor estiver.

Dunross colocou todo o seu peso e força na alavanca improvisada. A viga se deslocou cerca de dois centímetros e meio. Clinker se espremeu, mas não conseguiu se mover.

— Um pouquinho mais, companheiro — ofegou, em meio à forte dor. Dunross fez mais força. Sentiu os tendões dos braços e pernas reclamando do esforço. A viga se levantou uma fração. Um pouco de cascalho entrou na cavidade. Mais alto ainda.

— Agora! — disse, com urgência. — Não consigo agüentar mais...

O velho agarrou o pedaço de ferro com mais força e veio se arrastando, centímetro por centímetro. Mais cascalho se movia enquanto ele se deslocava. Agora, metade do seu corpo estava para fora. Depois que o tronco dele ficou livre, Dunross deixou a viga voltar ao lugar, muito suavemente, e quando ela estava de novo acomodada, agarrou o velho e puxou-o até libertá-lo. Foi então que viu o rastro de sangue, o pé esquerdo faltando.

— Não se mexa, velho — falou, compassivamente, enquanto Clinker jazia ofegante, semi-inconsciente, tentando conter os gemidos de dor. Dunross abriu uma atadura e amarrou um toco torniquete logo abaixo do joelho.

Depois ficou em pé no pequeno espaço e olhou para a saliência perigosa acima dele, tentando decidir o que fazer a seguir. "Bem, primeiro tenho que tirar esse desgraçado daqui", pensou, sentindo-se mal com o confinamento. Foi então que ouviu o ronco e o rangido do entulho em movimento. A terra balançou e ele se abaixou, os braços protegendo a cabeça. Uma nova avalanche começara.

21h13m

Fazia apenas dezesseis minutos desde que o Rose Court fora atingido, mas por toda a vasta área de destruição havia gente se mexendo. Alguns haviam conseguido abrir caminho e sair dos destroços. Outros eram salvadores, e bem lá embaixo, perto do posto de comando instalado no entroncamento, havia carros de polícia, quatro carros de bombeiros e unidades de salvamento, suas luzes móveis iluminando a encosta, bombeiros e policiais trabalhando desesperadamente nos escombros. Um pequeno incêndio começou e foi logo apagado, todos conscientes do perigo do gás. Uma ambulância com os mortos e feridos já fora despachada, e mais vinham chegando.

Estava caótico na escuridão, toda a iluminação da rua desligada, a chuva recomeçando. O oficial do Corpo de Bombeiros chegara fazia um momento, mandara chamar os técnicos da companhia de gás e organizara outros peritos para inspecionarem os alicerces de outros prédios de apartamentos e construções próximos,

para o caso de precisarem ser evacuados... as três fileiras de edifícios da Kotewall, da Conduit e da Po Shan Road sob suspeita.

— Puxa vida — murmurou, abismado —, vamos levar semanas para escavar e limpar tudo isso. — Mas ficou parado ao ar livre, externamente um modelo de calma. Outro carro-patrolha freou, guinchando. — Oh, alô, Robert! — falou, quando Armstrong se juntou a ele. — É... — comentou, vendo o choque do outro. — Sabe Iá Deus quantos estão enterrados Iá...

— Cuidado! — gritou alguém, e todos correram para se abrigar quando um bloco de concreto reforçado veio caindo desabaladamente dos andares superiores mutilados do Sinclair Towers. Um dos carros de polícia virou sua luz para cima. Agora podiam ver os restos dos aposentos abertos para o céu. Uma figura minúscula se equilibrava na beirada.

— Mande alguém Iá para cima ver que diabo está acontecendo ...

Um bombeiro saiu correndo...

Na escuridão, junto à barricada da Kotewall Road, haviam-se reunido moradores dos prédios próximos, todos apavorados com a possibilidade de novo desabamento, os inquilinos desesperados, sem saber se deviam evacuar os prédios ou não. Orlanda ainda estava encostada ao carro, atordoada, a chuva no seu rosto se misturando às lágrimas. Outro grupo de reforço de policiais passou sobre a

barricada e espalhou-se em leque no atoleiro, iluminando o terreno com lanternas elétricas poten-tíssimas. Um deles ouviu um grito de socorro vindo de baixo e dirigiu o fecho de luz para os arbustos, depois mudou rapidamente de direção ao ver Riko acenando e gritando, com duas figuras inertes ao lado.

No entroncamento da Kotewall Road, o carro de Gornt freou bruscamente. Ignorando as ordens do policial atribulado que ali estava, ele enfiou as chaves na mão dele e subiu correndo a colina. Quando chegou perto da barreira e viu a extensão do desastre, ficou atordoado. Havia poucos momentos estivera ali, bebendo e flertando com Casey, tudo acertado, tudo certo com Orlanda. Depois toda a sua vitória virará de ponta-cabeça, ele esbravejando com Dunross. Mas algum milagre o mandara embora a tempo, e agora talvez todos os outros estivessem mortos e enterrados para sempre. Meu Deus! Dunross, Orlanda, Casey, Jason, Barre...

— Saia do caminho! — berrou o policial. Mais enfermeiros com maças passaram apressados, seguidos por bombeiros com machados, indo para o outro lado da barreira de lama, pedras e árvores, em direção às ruínas. — Desculpe, senhor, mas não pode ficar aqui.

Gornt se afastou para o lado, respirando pesadamente devido à corrida que dera.

— Alguém conseguiu se safar?

— Ah, sim, claro, estou certo de que...

— Viu Dunross, Ian Dunross?

— Quem?

— O tai-pan, Dunross?

— Não, desculpe, não vi.

O policial se virou para interceptar e acalmar alguns pais atormentados.

Os olhos de Gornt voltaram-se para o desastre, ainda aturdido pelas suas proporções.

— Meu Deus! — murmurou uma voz americana. Gornt se virou. Paul Choy e Vênus Poon faziam parte de um novo grupo que vinha subindo com dificuldade. Todos fitavam, abes-talhados, a escuridão. — Deus!

— O que está fazendo aqui, Paul?

— Oh, alô, sr. Gornt! Meu... meu tio está ali — disse Paul Choy, quase sem conseguir falar. — Santo Deus, olhe só para isso!

— Quatro Dedos?

— É. Ele...

Vênus Poon interrompeu-o, imponentemente:

— O sr. Wu está me esperando para discutir um contrato cinematográfico. Vai ser produtor de filmes.

Gornt ignorou a mentira patente enquanto sua mente funcionava a mil por hora. Se pudesse salvar Quatro Dedos, talvez o velho o ajudasse a se safar do desastre da Bolsa que o aguardava.

— Em que andar ele estava?

— No quinto — disse Vênus Poon.

— Paul, dê a volta pela Sinclair Road e tente subir por este lado da encosta. Vou descer para ir encontrá-lo! Mexa-se!

O rapaz saiu correndo antes que Vênus Poon pudesse detê-lo. O policial ainda estava distraído. Sem hesitar, Gornt correu para a barricada. Conhecia bem o apartamento do quinto andar de Plumm... Quatro Dedos devia estar próximo. Na escuridão, não notou Orlanda do outro lado da rua.

Logo que ultrapassou a barreira, moveu-se o mais rápido que podia, os pés afundando na terra. Às vezes tropeçava.

— Heya, Honrado Senhor! — gritou em cantonense, para um carregador de maca próximo. — Tem uma lanterna elétrica sobrando?

— Tenho, sim, tome! — disse o homem. — Mas cuidado, o caminho é traiçoeiro. Há muitos fantasmas aqui.

Gornt agradeceu-lhe e saiu apressado, agora ganhando tempo. Chegando perto de onde ficaria o saguão, parou. Encosta acima, até onde seus olhos enxergavam, estava a fenda feia do desabamento, com cerca de cem metros de largura. Nas beiradas dessa fenda ficavam outros edifícios e prédios de apartamentos, um deles em construção, e a idéia de ficar preso num deles o deixou nauseado. A Conduit Road inteira sumira, árvores arrancadas, parapeitos desaparecidos. Quando olhou para baixo, estremeceu.

— É impossível — murmurou, lembrando-se do tamanho de prédio, e da alegria que o Rose Court lhe dera ao longo dos anos. Então viu as luzes dardejando no topo do Sinclair Towers, o prédio que sempre odiara. Odiara Dunross ainda mais por tê-lo financiado e ser dono dele, por estragar a sua maravilhosa vista. Quando notou que o canto superior estava faltando, sentiu uma onda de prazer percorrê-lo, que logo se transformou em fei, ao se lembrar do seu próprio apartamento de cobertura, que ficava no décimo segundo andar do Rose Court, e de todas as horas boas que passara com Orlanda, Iá no oitavo andar, agora cheios de entulhos e morte. — Meu Deus! — falou em voz alta, abençoando a sua sorte. Depois, prosseguiu...

Casey estava sentada num monte de entulho, esperando, sofrendo. A equipe de salvamento espalhava-se por toda a encosta, trabalhando na semi-escuridão, andando com cuidado sobre superfícies perigosas, gritando e ao mesmo tempo tentando ouvir os gritos dos que estavam presos. Aqui e ali, alguns cavavam desesperadamente, afastando os escombros enquanto outro infeliz era encontrado.

Nervosa, ela se levantou e espiou pela encosta, buscando Dunross. Ele havia desaparecido rapidamente de seu campo de visão, nos escombros, mas de quando em vez ela enxergava o brilho de sua lanterna elétrica. Agora, havia minutos não via nada. A ansiedade dela aumentava, os minutos demorando a passar, e cada vez que os escombros se acomodavam de novo, ela morria de medo. "Linc, Linc está ali, em algum lugar", ecoava no seu cérebro. "Tenho que fazer alguma coisa, não posso ficar sentada. Não, é melhor ficar sentada, esperar e rezar, esperar, esperar pela volta do Ian. Ele vai encontrá-lo..."

Numa súbita onda de pavor, ela se pôs de pé. Um grande pedaço na metade da encosta se havia soltado, dispersando os salvadores, que correram para não morrer. Dali a um momento a reação em cadeia cessou, e tudo ficou quieto de novo, mas o coração dela continuava a bater violentamente. Não havia o facho móvel da luz de Dunross para tranqüilizá-la.

— Ah, Deus, permita que ele esteja bem!

— Casey? Casey, é você? — perguntou Gornt, saindo de dentro da escuridão e subindo para junto dela.

— Ah, Quillan! — começou ela, pateticamente, e ele a abraçou, sua força dando-lhe ânimo. — Por favor, ajude o Linc...

— Vim tão logo soube — falou ele rapidamente, interrompendo-a. — Ouvi pelo rádio. Santo Deus, estava apavorado de que você estivesse... nunca esperei que... Fique calma, Casey!

— Eu... estou bem. O Linc está... Já, em algum lugar, Quillan.

— O quê? Mas como? Ele e...

— Estava no apartamento da Or... da Orlanda, e Ian...

— Pode ser que você esteja enganada, Casey. Ou...

— Não, Orlanda me contou.

— Hem? Ela também se salvou? — perguntou Gornt, numa voz abafada. — Orlanda se salvou?

— Salvou-se. Ela estava comigo, perto de mim, Iá atrás. Vi tudo acontecer, Quillan, vi toda a terrível avalanche, e o prédio inteiro desabar, e depois corri para cá, o Ian veio ajudar, e o Linc está Iá...

— Dunross? Ele também se salvou? — indagou ele, um gosto amargo na boca.

— Salvou-se, sim. Está Iá embaixo, agora. Um pedaço do prédio mudou de posição, e o elevador, o elevador está cheio de corpos. Ele está Iá embaixo, nalgum lugar, procurando... procurando...

A voz dela foi sumindo.

Viu que Gornt passava a concentrar a atenção na encosta.

— Quem mais se salvou?

— Jacques, os Chens, aquele jornalista, não sei... — não conseguia enxergar o rosto dele. Portanto, não podia ver o que se passava nele. — Lamenta que... que o Ian esteja vivo?

— Não. Pelo contrário. Para onde ele foi?

— Para ali. — Pegou a lanterna dele e mostrou a direção. — Ali, junto daquele afloramento. Ele... faz tempo que não o vejo, mas foi por ali. Está vendo os restos do elevador? Ali perto.

Agora podia enxergar melhor o rosto dele, os olhos escuros, o rosto barbudo e bem-feito, mas ele nada deixava transparecer.

— Fique aqui — mandou ele. — Aqui estará a salvo. Pegou a lanterna elétrica e se dirigiu para os escombros, e logo foi engolido por eles.

A chuva agora estava mais forte, cálida como a noite, e Gornt cuspiu o fei da boca, feliz porque seu inimigo estava vivo, odiando isto, mas desejando-o vivo mais ainda.

O terreno estava muito escorregadio, e ele descia com cuidado. Uma laje oscilou e caiu. Ele tropeçou, arranhou a canela e soltou um palavrão, depois seguiu em frente, a lanterna elétrica buscando a segurança onde ela não existia. "Quer dizer que o maldito Ian Dunross se safou antes do desabamento", pensava. "Aquele sacana tem sete vidas! Porra, mas não se esqueça de que os deuses também estavam do seu lado. Não se esqueça de que..."

Deteve-se. Ouvia débeis gritos de socorro que vinham de algum lugar próximo. Prestou muita atenção, mas não pôde identificar a direção. Chamou:

— Onde está você, onde está? — prestando atenção de novo. Nada. Hesitando, reexaminou o caminho à sua frente. "Essa joça amaldiçoada pode deslizar mais uns trinta metros de uma hora para outra", pensou. — Onde está você?

Nada ainda. Então continuou cautelosamente, o cheiro de gás muito forte.

Quando chegou perto do que restava do elevador, olhou para os corpos, sem reconhecer nenhum. Continuou e dobrou uma esquina, abaixando-se sob uma saliência. Subitamente, foi cegado pelo facho de uma lanterna elétrica.

— Que diabo está fazendo aqui, Quillan? — perguntou Dunross.

— Procurando você — disse Gornt, sombriamente, jogando a luz sobre ele. — Casey me contou que você estava brincando de esconde-esconde.

Dunross estava descansando em cima de um pouco de entulho, recobrando o fôlego, os braços feridos e sangrando, as roupas em farrapos. Quando aquela parte dos escombros mudara de posição, o caminho de entrada fora fechado. Enquanto corria para a segurança, a lanterna fora derrubada da sua mão, e quando a avalanche parou, estava preso junto com Clinker. Fora preciso toda a sua força de vontade para não entrar em pânico na escuridão. Pacientemente, vasculhara a área, os dedos tateando, procurando a lanterna elétrica. Centímetro por centímetro. E quando já estava quase prestes a desistir, seus dedos se fecharam sobre ela. Tendo luz novamente, o medo o deixara. A luz indicara uma nova saída. Fitou Gornt, sorrindo apenas superficialmente.

— Está triste porque não morri?

Gornt deu de ombros e abriu o mesmo sorriso repulsivo.

— Estou. Joss. Mas não vai demorar a acontecer. — A saliência acima deles gemeu e mudou ligeiramente de posição, e ele a iluminou. Os dois homens prenderam a respiração. Ela se acomodou. — E vai demorar menos ainda se não dermos o fora daqui rapidinho.

Dunross levantou-se, e gemeu quando sentiu uma pontada de dor nas costas.

— Não está ferido, espero — disse Gornt.

Dunross riu e se sentiu melhor, o medo do sepultamento se dissipando.

— Não. Dê-me uma mão, sim?

— O quê?

Dunross apontou sua lanterna para os escombros. Então Gornt pôde ver o velho.

— Fiquei preso lá embaixo tentando salvá-lo. — Imediatamente, Gornt foi ajudar, agachando-se, tirando do lugar o entulho que podia para abrir algum espaço. — O nome dele é Clinker, suas pernas estão uma tristeza, e perdeu um pé.

— Meu Deus! Deixe que eu faço isso. — Gornt pegou mais firme na laje, afastou-a, e saltou para dentro da cavidade. Dali a um

momento, voltou-se e ergueu os olhos para cima, para Dunross. —
Infelizmente, o desgraçado está morto.

— Ah, Deus! Tem certeza?

Gornt levantou o velho como se fosse um boneco, e o pôs ao
ar livre.

— Pobre coitado!

— Joss. Ele falou onde estava no prédio? Em que andar?
Havia alguém com ele?

— Resmungou algo sobre o zelador, e estar sob o prédio, e
algo sobre..., acho que falou Mabel.

Gornt iluminou tudo à volta com sua lanterna.

— Ouviu alguém ou alguma coisa?

— Não.

— Vamos tirá-lo daqui — disse Gornt, em tom decisivo.

Carregaram-no. Quando estavam ao ar livre, e relativamente seguros, pararam para recobrar o fôlego. Havia alguns carregadores de maças por perto. Dunross os chamou.

— Nós o levaremos, Honrado Senhor — disse um deles. Colocaram o corpo numa maca e se afastaram rapidamente.

— Quillan, antes de voltarmos para Casey, ela disse...

— O Bartlett? É, contou-me que estava na casa da Orlanda.
— Gornt o observava. — O apartamento dela ficava no oitavo andar.

Dunross olhou pela encosta abaixo. Havia mais luzes do que antes.

— Onde teria ficado o andar?

— Ele não pode deixar de estar morto. O oitavo andar?

— É. Mas em que altura? Gornt examinou a encosta.

— Daqui não consigo ver. Poderia reconhecer alguma coisa, mas duvido. Estaria Iá, Iá embaixo, quase na Sinclair Road.

— Ele poderia estar vivo, numa bolsa de ar. Vamos dar uma espiada.

O rosto de Gornt se retorceu num sorriso curioso.

— Precisa dele e do seu negócio, não é?

— Não, agora não.

— Não, porra nenhuma! — Gornt subiu num afloramento. — Casey! — gritou, fazendo concha com as mãos. — Vamos descer! Volte para a barricada e espere Iá!

Ouviram a resposta débil dela.

— Está bem, tomem cuidado! Então, Gornt falou com azedume:

— Está certo, Gunga Din, se vamos brincar de herói, é melhor fazermos a coisa direito. Eu vou na frente — falou, saindo.

Com igual azedume, mas precisando dele, Dunross acompanhou-o, sentindo a raiva crescer. Os dois homens saíram dali com esforço. Tendo conseguido se safar, começaram a descer encosta abaixo, penosamente. De vez em quando viam um corpo, ou parte de um corpo, mas ninguém que reconhecessem. Passaram por alguns sobreviventes desesperados, ou parentes de desaparecidos, escavando pateticamente ou tentando escavar com as mãos, com um pedaço quebrado de madeira... com qualquer coisa que pudessem encontrar.

No fundo da encosta Gornt parou, examinando com muito cuidado os destroços com a lanterna elétrica.

— Viu alguma coisa? — perguntou Dunross.

— Não.

Gornt reparara numas cortinas sujas de lama que poderiam ser da casa de Orlanda, mas fazia quase dois anos que não ia ao apartamento dela. O facho da sua lanterna hesitou.

— O que foi?

— Nada. — Gornt começou a subir, buscando pistas do apartamento dela ou das Propriedades Asiáticas, no quinto andar, — Aquilo ali podia ser parte do mobiliário de Plumm — disse ele. O sofá estava rasgado no meio, as molas aparecendo.

— Socorro! Socorro em nome de todos os deuses!

O débil grito em cantonense vinha de alguma parte do meio daquela seção. Prontamente, Gornt moveu-se com esforço em direção ao som, achando que reconheceria Quatro Dedos. Dunross seguiu logo atrás, subindo, passando por cima e por baixo do entulho. No centro de um monte de escombros estava um velho chinês, enlameado, coberto de poeira. Estava sentado no meio dos destroços, olhando perplexo ao seu redor, aparentemente incólume. Quando Dunross e Gornt se acercaram dele, fez uma careta, apertando os olhos contra a luz.

Eles o reconheceram imediatamente, e agora ele os reconhecia. Era Ching Sorridente, o banqueiro.

— O que aconteceu, Honrados Senhores? — perguntou, seu cantonense com forte sotaque, os dentes salientes.

Gornt contou-lhe em breves palavras, e o homem soltou uma exclamação abafada:

— Por todos os deuses, mas é impossível! Estou vivo? Estou vivo de verdade?

— Está. Em que andar estava, Ching Sorridente?

— No décimo segundo... estava na minha sala de estar, vendo televisão. — Ching Sorridente vasculhou a memória, e seus lábios se abriram noutra careta. — Acabara de ver a Fali-nha Macia, Vênus Poon, e então... então houve um barulho atordoante vindo da direção da Conduit Road. Não me lembro de mais nada, a não ser de acordar aqui, há poucos minutos.

— Quem estava no apartamento com você?

— Minha amah. A Primeira Mulher saiu para jogar mah-jong!
— O velho miúdo levantou-se com cuidado, tocou os membros, e soltou uma casquinada. — Ayeeyah, por todos os deuses, é uma porra dum milagre, tai-pan e segundo tai-pan! É óbvio que os deuses me favorecem, é óbvio que vou recuperar meu banco e ficar rico de novo, e ser um administrador no Turf Club! Ayeeyah! Que sorte!

Testou novamente os pés e as pernas, depois subiu em direção à segurança.

— Se esta mixórdia fazia parte do décimo segundo andar, o oitavo deve estar mais ou menos ali — disse Dunross, indicando o

lugar com a lanterna.

Gornt concordou, o rosto tenso.

— Se aquele velho filho da mãe pôde sobreviver, Bartlett também pode estar vivo.

— Talvez. Vamos dar uma olhada.

23h05m

Um caminhão do exército veio chegando em meio à forte chuva, espalhando lama por todo lado, e parou perto dos postos de comando. Soldados irlandeses do corpo de guarda, com roupas de faxina e capa de chuva, alguns com machados de incêndio, saltaram do caminhão. Um oficial os esperava.

— Suba, sargento! Trabalhe lado a lado com o subtenente regimental O'Connor! — Era um homem moço, e apontou com o seu bastão para o lado direito do desabamento, sua capa de chuva do uniforme, as botas e as calças cobertas de lama. — Não se pode fumar, ainda há um maldito vazamento de gás por aí, espalhe a notícia!

— Onde está a Companhia Alfa, senhor?

— Lá na Po Shan. A Delta está na metade do caminho. Temos uma estação de socorro na Kotewall. Estou controlando o canal 4. Podem ir andando!

Os homens fitaram a devastação.

— Glória a Deus! — resmungou alguém. Saíram apressados, atrás do seu sargento. O oficial voltou para o posto de comando e apanhou o telefone de campanha.

— Companhia Delta, aqui fala o comando. Faça-me um relatório.

— Recuperamos quatro corpos, senhor, e dois feridos aqui em cima. Estamos agora na metade da encosta. Um dos feridos é uma mulher chinesa chamada Kwang, fraturas múltiplas, mas está bem, e o marido dela, só um pouco abalado.

— Em que parte do prédio eles estavam?

— No quinto andar. Achamos que as vigas mestras os protegeram. Os dois feridos estão sendo levados para a nossa estação de socorro na Kotewall. Dá para se ouvir alguém soterrado no fundo, mas, infelizmente, senhor, não podemos chegar até ele... os bombeiros não podem usar os cortadores de oxia-cetilênio. O gás está forte demais. Nada mais na nossa área, senhor.

— Continue o trabalho. — O oficial se virou e falou vivamente com um ordenança: — Vá atrás daqueles sujeitos da companhia de gás e veja por que diabo estão demorando tanto! Diga a eles que venham trabalhar!

— Sim, senhor. Trocou de canal.

— Estação de socorro da Kotewall, aqui fala o comando. Qual o número de baixas?

— Catorze cadáveres até agora, capitão, e dezenove feridos, alguns em estado grave. Estamos conseguindo seus nomes com a maior rapidez possível. Sir Dunstan Barre, nós o desenterramos, apenas quebrou um pulso.

— Continuem o bom trabalho! A polícia instalou uma estação de pessoas desaparecidas no canal 16. Dê-lhes todos os nomes dos mortos, feridos, de todos, o mais rápido possível. Há um bocado de gente ansiosa por aqui.

— Sim, senhor. Corre o boato de que vamos evacuar toda essa área.

— Isso é o que o governador, o comissário e o chefe do Corpo de Bombeiros estão decidindo neste momento.

O oficial esfregou o rosto, cansado, depois correu para interceptar outro caminhão que chegava com guardas do Corpo de Engenheiros, passando pelo governador, pelo comissário e pelo chefe do Corpo de Bombeiros, que estavam no posto de comando central, sob a saliência do saguão do Sinclair Towers. Um engenheiro vistoriador do Departamento de Obras Públicas saltou de um carro e dirigiu-se rapidamente até eles.

— Boa noite, senhor — disse, ansiosamente. — Já percorremos todos os prédios, agora, desde a Po Shan até aqui. Recomendo que evacuemos dezenove prédios.

— Santo Deus! — explodiu Sir Geoffrey. — Quer dizer que todo o raio da encosta vai desabar?

— Não, senhor. Mas se esta chuva continuar, poderia começar outro desabamento. Esta área inteira tem um histórico de desabamentos. — Ele apontou para dentro da escuridão. — Em 41 e 50, foi ao longo da Bonham, em 59 foi aquela tragédia da Robertson, da Lytton Road, a lista é interminável, senhor. Recomendo a evacuação.

— Quais os prédios?

O homem entregou ao governador uma lista, depois acenou para os três níveis, dentro da escuridão.

— Infelizmente, afetará mais de duas mil pessoas. Todos soltaram exclamações abafadas. Todos os olhos se voltaram para o governador. Ele leu a lista, lançou um olhar à encosta da montanha. O desabamento dominava tudo, a massa da montanha impressionante acima deles. A seguir, falou:

— Pois bem. Faça-o. Mas, pelo amor de Deus, diga aos seus rapazes para fazerem uma retirada ordeira. Não desejamos pânico.

— Sim, senhor — disse o homem, afastando-se rapidamente.

— Não podemos arranjar mais homens e equipamento, Donald?

— Infelizmente, no momento, não, senhor — replicou o comissário de polícia. Era um homem de rosto enérgico, na casa dos cinquenta anos. — Já estamos usando o máximo de gente possível. Há uma enorme avalanche em Kowloon, outra em Kwun Tong... oitenta barracos de favelados foram atingidos, já temos quarenta e quatro mortos só ali, vinte crianças.

Sir Geoffrey olhou fixo para a encosta da montanha.

— Deus! — murmurou —, com Dunross obtendo para nós a cooperação de Tiptop, pensei que nossos problemas tivessem acabado, pelo menos por esta noite.

O chefe do Corpo de Bombeiros sacudiu a cabeça, o rosto tenso.

— Infelizmente, parece que estão apenas começando, senhor. Nossos cálculos sugerem que pode haver uma centena ou mais ainda soterrados naqueles escombros — acrescentou, pesadamente. — Vamos levar semanas para vasculhar aquilo tudo, se não mais.

— É. — Novamente o governador hesitou. Depois, disse com firmeza: — Vou subir até a Kotewall. Controlarei o canal 5. — Dirigiu-se para o seu carro. O ajudante-de-ordens abriu a porta, mas Sir Geoffrey se deteve. Roger Crosse e Sindors estavam voltando da grande fenda da Sinclair Road, onde a parte de cima do bueiro subterrâneo fora arrancada. — Tiveram alguma sorte?

— Não, senhor. Conseguimos entrar no bueiro, mas ele desabou a uns cinqüenta metros da entrada. Jamais conseguiríamos entrar no Rose Court por ali — explicou Crosse.

Quando o Rose Court desabara e arrancara a lateral dos quatro andares superiores do Sinclair Towers, Crosse estava próximo do seu prédio de apartamentos, a cerca de setenta metros de distância. Logo que recobrou o controle, seu primeiro pensamento

fora para Plumm, o segundo para Suslev. Suslev estava mais próximo. Quando chegou ao saguão às escuras do Sinclair Towers, moradores apavorados já vinham saindo aos borbotões. Afastando-os para o lado, ele abriu caminho aos empurrões e palavrões escada acima até o andar superior, iluminando o caminho com uma lanterna de bolso. O apartamento 32 tinha praticamente desaparecido, a escada de serviço adjacente fora derrubada ao longo de três andares. Enquanto Crosse olhava, boquiaberto, para a escuridão, pensou que, se Suslev tivesse ficado preso ali, ou com Clinker, estava morto... o único meio possível de fuga seria o bueiro subterrâneo.

De volta ao térreo, mais uma vez, deu a volta pelos fundos e meteu-se na entrada secreta do túnel. A água embaixo era uma torrente efervescente. Rapidamente, correu para a rua, onde o cimo do túnel fora arrancado. A água extravasava do buraco. Bastante satisfeito, pois agora estava certo de que Suslev estava morto, foi até o telefone mais próximo, deu o alarme, depois mandou chamar Sinderson.

— Sim? Oh, alô, Roger!

Contou ao Sinderson onde estava, e o que acontecera, acrescentando :

— Suslev estava com o Clinker. Meu pessoal sabe que ele não saiu. Portanto, está soterrado. Os dois devem estar soterrados. Nenhuma chance de que possam estar vivos.

— Droga! — Uma longa pausa. — Irei imediatamente. Crosse saía de novo e começara a organizar a evacuação do Sinclair Towers e das tentativas de resgate. Três famílias haviam se perdido com o desabamento dos andares superiores. Quando os policiais uniformizados e os bombeiros chegaram, a contagem dos mortos chegava a sete, incluindo duas crianças e quatro moribundos. Quando o governador e Sindors chegaram, eles haviam voltado para a parte aberta do túnel, para ver se conseguiam ter acesso.

— Não há jeito de se entrar por aí, Sir Geoffrey. O bueiro inteiro desabou, eu diria que para sempre, senhor.

Crosse estava adequadamente solene, embora intimamente radiante com a solução divina que se apresentara. Sindors estava azedíssimo.

— Uma grande pena! É, um azar incrível. Perdemos um agente valioso.

— Acha mesmo que ele lhe teria contado quem é esse demônio do Arthur? — perguntou Sir Geoffrey.

— Sem dúvida. — Sindors estava muito confiante. — Não concorda, Roger?

— Sim. — Crosse teve que se controlar para não sorrir. — Tenho certeza de que sim.

Sir Geoffrey soltou um suspiro.

— Vai haver o diabo ao nível diplomático quando ele não voltar para o Ivánov.

— Não é culpa nossa, senhor. É um ato de Deus — disse Sinders.

— Concordo, mas sabe como os soviéticos são xenófobos. Aposto o que quiserem que acreditarão que o estamos mantendo trancafiado e sob interrogatório. É melhor que o encontremos, ou o seu cadáver, e bem depressa.

— Sim, senhor. — Sinders ergueu mais a gola para proteger-se da chuva. — E quanto à partida do Ivánov?

— O que sugere?

— Roger?

— Sugiro que entremos em contato com eles imediatamente, senhor, contemos ao Boradinov o que aconteceu e digamos a ele que adiaremos a sua partida, se assim o desejar. Mandarei um carro para apanhá-lo, e a quem mais ele quiser trazer para ajudar na busca.

— Ótimo. Estarei Iá na Kotewall, por algum tempo.

Ficaram olhando enquanto Sir Geoffrey se afastava. Depois puseram-se ao abrigo do prédio. Sinderson fitava a confusão organizada.

— Não há chance de que ele tenha escapado com vida, há?

— Nenhuma.

Um policial atribulado se aproximou, correndo.

— Eis a última lista, senhor, dos mortos e dos que se salvaram. — O rapaz entregou o papel a Crosse e acrescentou, rapidamente: — A Rádio Hong Kong vai colocar Vênus Poon no ar a qualquer momento, senhor. Ela está Iá em cima, na Kotewall.

— Está certo, obrigado. — Rapidamente, Crosse correu os olhos pela lista. — Santo Deus!

— Acharam o Suslev?

— Não, só um bocado de conhecidos mortos. — Entregou-lhe a lista. — Vou cuidar do Boradinov, depois voltarei para a área do Clinker.

Sinders fez que sim com a cabeça, olhando para o papel. Vinte e oito salvos, dezessete mortos, nomes que nada significavam para ele. Entre os mortos estava Jason Plumm...

No cais em Kowloon onde o Ivánov estava atracado, havia cules subindo e descendo as escadas de embarque, carregados com equipamento e carga de última hora. Por causa da emergência, a vigilância policial fora reduzida a um mínimo, e agora havia somente dois policiais em cada escada. Suslev, disfarçado sob um imenso chapéu cule e usando bata e calças de cule, descalço como os outros, passou por eles sem ser notado e subiu a bordo. Quando Boradinov o viu, guiou-o apressadamente para o seu camarote. Tão logo a porta se fechou, exclamou:

— Khristos, camarada comandante, quase pensei que o tínhamos perdido. Devemos zarpar...

— Cale-se e escute! — Suslev ofegava, ainda abaladíssimo. Virou a garrafa de vodca e engoliu a bebida, engasgando-se um pouco. — Nosso equipamento de rádio já foi consertado?

— Sim, parte dele já foi, exceto o aparelho de interferência de máxima segurança.

— Ótimo. — Com voz trêmula, relatou o que se passara. — Não sei como saí, mas quando me dei conta já estava na metade da montanha. Continuei descendo até achar um táxi e vim para cá. — Tomou outro gole, a bebida ajudando-o, o assombro da sua fuga da morte e do Sindors envolvendo-o. — Ouça, no que diz respeito a todos os demais,, ainda estou lá, no Rose Court! Estou morto, ou desaparecido, supostamente morto — falou, o plano vindo de estalo à sua mente.

— Mas, câmara... — começou Boradinov, fitando-o.

— Comunique-se com o quartel-general da polícia e diga que não voltei... pergunte se pode adiar a nossa partida. Se disserem que não, ótimo, zarparemos. Se disserem que podemos ficar, ficaremos por um dia simbólico, depois iremos embora, pesarosamente. Compreendeu?

— Sim, camarada comandante, mas por quê?

— Depois explico. Entrementes, certifique-se de que todos a bordo pensem que estou desaparecido. Compreendeu?

— Sim.

— Ninguém deve entrar neste camarote, até estarmos seguros em águas internacionais. A garota está a bordo?

— Sim, no outro camarote, como o senhor ordenou.

— Muito bem. — Suslev pensou no caso dela. Poderia devolvê-la a terra, já que ele estava "desaparecido", e assim continuaria. Ou se ater ao plano. — Continuamos com aquele plano. É mais seguro. Quando a polícia avisar que estou desaparecido (o pessoal do sei me seguiu, como sempre, portanto sabe que estou com o Clinker), basta dizer a ela que nossa partida foi adiada e para ficar no camarote "até eu chegar". Pode ir andando.

Suslev trancou a porta, dominado pelo alívio, e ligou o rádio. Agora, poderia desaparecer. Sindors não poderia trair um homem morto. Agora, poderia facilmente persuadir o Centro a permitir que ele passasse suas tarefas na Ásia para outra pessoa, assumisse uma identidade diferente e obtivesse uma missão diferente. Poderia dizer que os diversos "vazamentos" de segurança documentados nos papéis de Alan tornavam necessário que alguém novo começasse com Crosse e Plumm... "Se é que algum deles ainda está vivo", pensou. "Melhor que estejam ambos mortos. Não, o Roger não. O Roger é valioso demais."

Mais feliz e confiante do que se sentia havia anos, entrou no banheiro, achou uma navalha e um pincel de barba, enquanto cantarolava uma música dos Beatles, junto com o rádio. "Talvez eu deva requerer uma colocação no Canadá. O Canadá não é uma das nossas posições mais importantes e vitais... equiparando-se ao México em importância?"

Sorriu amplamente para a sua imagem no espelho. Novos lugares para onde ir, novas missões a cumprir, um novo nome e promoção, quando algumas horas antes via apenas o desastre à sua frente. "Talvez leve a Vertinskaia comigo para Ottawa."

Começou a se barbear. Quando Boradinov voltou com a permissão policial para adiar a partida, mal reconheceu Grigóri Suslev sem o bigode e a barba.

23h40m

Bartlett estava a seis metros sob uma cama-de-gato de vigas que impediam que os escombros o esmagassem. Quando a avalanche o atingira, fazia quase três horas, ele estava de pé na porta da cozinha, bebericando uma cerveja supergelada e fitando a cidade. Tinha tomado banho, acabara de se vestir, e sentia-se ótimo, à espera de que Orlanda voltasse. E então, de repente, estava caindo, o mundo inteiro errado, fantástico, o chão vindo ao seu encontro, as estrelas lá embaixo, a cidade em cima. Tinha havido uma explosão cegante, monstruosa, silenciosa, e todo o ar fora expulso de dentro dele, que caíra naquela cova para sempre.

A volta à consciência fora um longo processo para ele. Estava escuro, na sua tumba, e ele sentia dores pelo corpo todo. Não conseguia imaginar o que acontecera nem onde estava. Quando despertou de vez, olhou ao seu redor tentando enxergar onde estava, as mãos tocando coisas que não compreendia. A escuridão o deixava nauseado, e ele se pôs de pé, em pânico, batendo a cabeça contra um pedaço de concreto saliente que fizera parte da parede

externa, e caiu de costas, atordoado, sendo protegido na queda pelo que restava de uma poltrona. Dali a pouco sua mente clareou, mas a cabeça lhe doía, os braços lhe doíam, o corpo lhe doía. Os números fosforescentes do seu relógio de pulso chamaram sua atenção. Olhou para eles. Marcavam vinte e três horas e quarenta minutos.

"Lembro-me... do que me lembro?"

— Qual é, puta que o pariu! — resmungou —, ande com isso! Controle-se. Onde diabo eu estava? — Seus olhos percorreram a escuridão com horror crescente. Formas vagas de vigas, concreto quebrado e os restos de uma sala. Pouco podia ver e nada reconhecia. A luz que vinha de algum lugar rebrilhou numa superfície lustrosa. Era um forno destruído. Sua memória voltou de roldão. — Eu estava na cozinha — exclamou, em voz alta. — É isso, e Orlanda tinha acabado de sair, fazia uma hora, não, menos, meia hora. Então deviam ser umas nove, quando... quando aconteceu aquilo, seja Iá o que for. Foi um terremoto? Ou o quê?

Cuidadosamente, tateou os membros, o rosto, uma pontada de dor no ombro direito cada vez que se movia.

— Merda! — murmurou, sabendo que estava deslocado. O rosto e o nariz estavam ardendo e feridos. Tinha dificuldade em respirar. Todo o resto parecia estar funcionando, embora cada junta parecesse ter sido estirada num instrumento de tortura e a cabeça lhe doesse terrivelmente. — Você está legal, pode respirar, pode enxergar, pode... — Interrompeu-se, tateou ao seu redor, achou um pedacinho de entulho, ergueu a mão com cuidado, depois largou-o. Ouviu o ruído que o entulho fez ao cair, e seu coração bateu mais

forte. — E pode ouvir. Bem, mas que diabo aconteceu? Meu Deus, é como aquela vez em Iwo Jima!

Recostou-se para conservar as forças.

— Isso é o que têm a fazer — o velho primeiro-sargento lhes dissera —, recostem-se e fiquem de papo pro ar se forem apanhados numa escavação ou soterrados por uma bomba. Primeiro certifiquem-se de que podem respirar direitinho. Depois cavem um buraco, mas respirem do jeito que puderem. É a primeira coisa a fazer. Depois testem os membros e a audição. Porra, é claro que já saberão que podem enxergar! Mas depois recostem-se e controlem-se, e não entrem em pânico. O pânico os matará. Já desenterei caras depois de quatro dias, e pareciam uns porquinhos num monte de merda. Contanto que possam respirar, ver e ouvir, poderão viver uma semana, fácil. Porra, quatro dias é fichinha. Mas outros caras que a gente desenterrava em uma hora tinham-se afogado em lama, bosta ou no seu próprio vômito de pavor, ou esmagado a cabeça baten-do-a contra um pedaço de ferro quando a gente estava a poucos metros dos imbecis, e se eles tivessem ficado deitadinhos como eu falei, na maciota, de papo pro ar, teriam nos ouvido e teriam gritado. Merda! Qualquer um de vocês, seus filhos da mãe, que entrar em pânico quando estiver soterrado, pode se considerar um homem morto. Claro. Só eu já estive soterrado cinqüenta vezes. Sem pânico!

— Sem pânico, sim, senhor — disse Bartlett, em voz alta, e sentiu-se melhor, abençoando o sujeito. Certa vez, durante a época difícil de Iwo Jima, o hangar que ele construía fora bombardeado e explodira, e ele ficara soterrado. Quando tirara a terra dos olhos, da boca e dos ouvidos, o pânico o dominara. Ele se arremessara contra

a tumba, e depois se lembrara: Não entre em pânico, e se forçara a parar. Descobrira-se tremendo como um cachorro amedrontado ante a ameaça de uma surra, mas dominara o terror. Depois que o terror passara, ele estava inteiro, olhara ao seu redor com cuidado. O bombardeio fora durante o dia, portanto ele podia enxergar bem. Então percebera o começo de uma saída. Mas esperara, cautelosamente, lembrando-se das instruções. Dali a pouco ouvira vozes. Chamara, tomando cuidado para não perder a voz.

— Esta é outra coisa danada de óbvia, não percam a voz, tá? Não gritem até ficar roucos da primeira vez que ouvirem que o socorro está perto. Sejam pacientes. Porra! Alguns caras que conheci ficaram tão roucos berrando que estavam mudi-nhos da silva quando a gente chegou perto, e os perdemos. Enfiem isso em suas malditas cabeças, temos que ter ajuda para encontrá-los. Não entrem em pânico! Se não puderem gritar, batam, usem qualquer coisa, façam qualquer tipo de barulho, mas dêem-nos um sinal e nós os tiraremos fora, contanto que vocês possam respirar... uma semana é fácil, sem grilos. De qualquer modo, bem que vocês estão precisando fazer dieta, seus filhos da mãe...

Agora, Bartlett estava usando todas as suas faculdades. Podia ouvir os escombros mudando de posição. Pingava água por perto, mas nenhum sinal de pessoas. Depois, muito de longe, uma sirene de polícia que sumiu. Reconfortado pela possibilidade de ajuda a caminho, esperou. O coração estava controlado. Recostou-se e abençoou aquele velho primeiro-sar-gento. Seu nome era Spurgeon, Spurgeon Roach, e era negro.

"Deve ter sido um terremoto", pensou. "Será que o prédio inteiro desabou, ou foi apenas o nosso andar e o de cima? Quem

sabe um avião nos atingiu e... Pombas, não, eu teria ouvido o barulho se aproximando. É impossível um prédio desabar, não com os regulamentos de construção. Mas estamos em Hong Kong, e ouvi dizer que alguns construtores nem sempre obedecem aos regulamentos, tapeiam um pouco, não usam aço ou concreto de primeira. Porra, se eu sair, não, quando eu sair..."

Essa era outra regra inviolável do velho.

— Nunca se esqueçam, enquanto puderem respirar, vocês sairão, sairão...

"Claro. Quando eu sair vou achar o velho Spurgeon e agradecer-lhe condignamente, e depois vou processar alguém até tirar-lhe as calças. Casey, sem dúvida... ah, Casey, puxa, como estou feliz por ela não estar metida nesta merda, nem a Orlanda. As duas... Meu Deus, será que Orlanda ficou presa quando..."

Os escombros começaram a se acomodar de novo. Esperou, o coração batendo forte. Agora, podia enxergar um pouquinho melhor. Acima dele havia uma massa retorcida de vigas de aço e canos meio enfiados em concreto quebrado irregularmente, painéis, frigideiras e móveis quebrados. O piso em que estava deitado estava igualmente quebrado. A tumba era pequena, mal havia espaço para ele se pôr de pé. Estendendo o braço bom, não conseguiu tocar o teto improvisado. De joelhos, tentou de novo, depois ficou de pé, tateando, o pequenino espaço claustrofóbico.

— Não entre em pânico — falou em voz alta. Tateando e esbarrando nos afloramentos, circunavegou o espaço em que se encontrava. — Cerca de um metro e oitenta por um e meio — disse em voz alta, o som da sua voz encorajador. "Não tenham medo de falar em voz alta", dissera Spurgeon Roach.

Novamente a luz que se refletia no forno o atraiu. "Se estou perto do forno, ainda estou na cozinha. Vejamos, onde estava este forno, em relação ao resto?" Sentou-se e tentou reconstituir o apartamento, mentalmente. O forno fora embutido numa parede oposta à grande mesa de cortar, oposto à janela, perto da porta, e a grande geladeira estava ao lado da porta e do outro lado da...

"Porra, se estou na cozinha, tenho comida e cerveja, e posso passar facilmente uma semana! Deus, se eu tivesse alguma luz! Será que há uma lanterna elétrica? Fósforos? Fósforos e uma vela? Ei, espere aí, claro, havia uma lanterna na parede junto à geladeira! Ela falou que os fusíveis viviam queimando, e às vezes faltava luz e... e claro, havia fósforos na mesa da cozinha, montes deles, quando ela acendeu o gás. Gás."

Bartlett parou e farejou o ar. O nariz dele estava ferido e entupido, e ele tentou limpá-lo. Farejou de novo. Nenhum cheiro de gás. "Ótimo, ótimo", pensou, reconfortado. Orien-tando-se a partir do forno, tateou ao seu redor, de centímetro em centímetro. Não achou nada. Depois de mais uma meia hora seus dedos tocaram em algumas latas de comida, depois de cerveja. Logo estava com quatro latas. Ainda estavam geladas. Abrindo uma delas, sentiu-se bem melhor, bebericando-a, pou-pando-a... sabendo que talvez tivesse que esperar durante dias, achando o lugar muito lúgubre, na escuridão, o prédio rangendo, sem saber exatamente onde estava, o

entulho caindo de quando em vez, sirenes de quando em vez, a água pingando, sons estranhos e apavorantes vindos de toda parte. Abruptamente, um vergalhão próximo gemeu, atormentado pelas milhares de toneladas acima dele, e baixou dois centímetros e meio. Bartlett prendeu a respiração. O movimento cessou. Sorveu de novo a sua cerveja.

"E agora, espero ou tento sair?", perguntou-se, inquieto. "Lembra como o velho Spurgeon era sempre evasivo na resposta? 'Depende, cara, depende', diria ele."

Mais rangidos acima. O pânico começou a aflorar, mas ele o conteve. Começou a falar em voz alta, para se tranquilizar.

— Vamos recapitular. Agora tenho provisões para dois, três dias com facilidade. Estou em boa forma e posso durar três, quatro dias, fácil. Mas você, seu filho da mãe — disse para o entulho acima dele —, o que pretende fazer?

A tumba não lhe deu resposta.

Outro rangido de gelar a espinha. Depois uma voz fraca, bem acima e à direita. Recostou-se e fez concha com as mãos.

— Socooooorro! — gritou com cuidado, e esperou. As vozes ainda estavam lá. — Socooooorro!

Esperou, mas agora havia um vazio imenso. Esperou. Nada. O desapontamento começou a envolvê-lo.

— Pare com isso e espere!

Os minutos se arrastavam lentamente. Havia mais água pingando, muito mais do que antes. "Deve estar chovendo de novo", pensou. "Meu Deus! Aposto que foi um desabamento de terra! Claro, não se lembra das fendas nas ruas? Mas que merda de desabamento! Quem mais será que ficou preso? Deus, mas que confusão filha da puta!"

Arrancou um pedaço da camisa e deu-lhe um nó. Agora, poderia contar os dias. Um nó para cada dia. Seu relógio marcava vinte e duas e dezesseis quando sua cabeça desanuviara, agora eram vinte e três e cinqüenta e oito.

Novamente, toda a sua atenção se concentrou. Vozes fracas, porém mais próximas. Vozes chinesas.

— Socooooooooo!

As vozes pararam. Então, muito de longe, ouviu:

— Onde você estáááá, heya?

— Aqui embaixo! Está me ouvindoouoooo? Silêncio, depois mais longe ainda:

— Onde você estáááá?

Bartlett soltou um palavrão, agarrou a lata vazia de cerveja e começou a bater com ela numa viga. Parou de novo e escutou. Nada.

Voltou a sentar-se.

— Talvez tenham ido buscar ajuda. — Estendeu os dedos e tocou noutra lata de cerveja. Dominou o desejo urgente de abri-la. — Não entre em pânico e seja paciente. A ajuda está próxima. O melhor que posso fazer é esperar e...

Naquele momento toda a terra se retorceu e subiu ante a pressão com uma cacofonia atordoante de ruídos, as vigas protetoras acima deixando de ser seguras, o entulho descendo em avalanche. Protegendo a cabeça com as mãos, agachou-se e encolheu-se, cobrindo-se da melhor maneira possível. O movimento ruidoso pareceu durar uma eternidade. Depois cessou. Mais ou

menos. Seu coração agora batia fortemente, o peito apertando, um gosto amargo de poeira na boca. Cuspiu-a fora e procurou uma lata de cerveja. Tinha sumido, junto com todas as outras latas. Soltou um palavrão, depois, cuidadosamente, ergueu a cabeça e quase bateu com ela no teto alterado da tumba. Agora, podia tocar o teto e as paredes sem se mexer. Facilmente.

Foi então que ouviu o sibilar. Sentiu o estômago se retorcer. Esticou a mão e sentiu a leve aragem. Agora podia sentir o cheiro do gás.

— É melhor tratar de ir-se mandando daqui, meu velho — resmungou, apavorado.

Orientando-se da melhor maneira possível, saiu daquele espaço. Agora que estava em movimento, em ação, sentia-se melhor.

A escuridão era opressiva, e era muito difícil fazer progressos. Não havia uma linha reta. Às vezes tinha que se desviar e descer de novo, para a esquerda, e depois para a direita, subir um pouco, descer um pouco sob os restos de uma banheira, sobre um cadáver ou parte de um cadáver, gemidos, e uma vez vozes muito distantes.

— Onde está vocêêêêêê? — berrou, e esperou e depois foi se arrastando, de centímetro em centímetro, sendo paciente, não entrando em pânico. Depois de algum tempo, chegou a um espaço onde podia ficar de pé. Mas não ficou de pé, ficou deitado ali por um

momento, ofegante, exausto. Ali havia mais luz. Quando sua respiração se normalizou, olhou para o relógio. Reuniu forças e continuou, mas seu caminho para cima estava novamente bloqueado. Outro caminho, mas ainda bloqueado. Deslizou sob uma pilastra quebrada e, ultrapassando-a, começou a rastejar para cima. Outro impasse. Com dificuldade, recuou e tentou outro caminho. E outro, sem nunca haver lugar suficiente para ficar de pé, agora completamente desorientado, sem saber se estava se aprofundando mais nos escombros. Depois parou para descansar e deitou-se na umidade da sua tumba, o peito estourando, o coração estourando, dedos sangrando, canelas sangrando, cotovelos sangrando.

— Não tem grilo, meu velho — falou em voz alta. — A gente descansa, depois recomeça...

Segunda-feira

00h45m

Soldados gurkhas com lanternas de mão caminhavam paciente e cuidadosamente por essa parte da superfície perigosa, inclinada, quebrada, chamando "Tem alguém aí?", depois parando para escutar. Além e ao redor, subindo e descendo a encosta, soldados, policiais, bombeiros e pessoas desesperadas faziam o mesmo.

Estava muito escuro. Os holofotes instalados lá embaixo não conseguiam iluminar essa área, mais ou menos na metade dos escombros.

— Tem alguém aí? — chamou um soldado. Escutou atentamente, depois adiantou-se alguns metros. Lá para o lado esquerdo da fila, um deles tropeçou e caiu numa fenda. Aquele soldado estava muito cansado, mas riu com seus botões e ficou parado um momento, depois chamou para dentro da terra:

— Tem alguém aí? — Começou a se levantar, depois imobilizou-se, escutando. Mais uma vez ele se deitou e gritou para dentro dos escombros: — Está me ouvindo? — e prestou muita atenção.

— Siiiiim!... — Veio a resposta débil, muito débil. Excitado, o soldado se pôs de pé.

— Sargento! Sargento!

A uns cinqüenta metros de distância, na beira das ruínas, Gornt estava junto com o jovem tenente que dirigia as operações de salvamento naquele setor. Escutavam o noticiário num pequeno transistor.

"...deslizamentos por toda a colônia. E agora, outro boletim direto da Kotewall Road." Houve um curto silêncio, depois entrou no ar a voz bem conhecida, e o rapaz sorriu consigo mesmo. "Boa noite. Aqui fala Vênus Poon, ao vivo, sobre o maior desastre a atingir a colônia." Havia um tremor maravilhoso na voz dela, e lembrando-se da maneira corajosa e impressionante com que ela descrevera o incêndio de Aberdeen, em que também estivera envolvida, a excitação dele aumentou. "O

Rose Court, na Kotewall Road, não existe mais. A grande torre de luz de doze andares, que toda a Hong Kong podia enxergar

como um marco, sumiu numa pira impressionante de escombros. Meu lar não existe mais. Hoje, o dedo do Todo-Poderoso abateu a torre e todos os que ali residiam, entre eles a minha devotada gan sun, que me criou desde que nasci..."

— Senhor — chamou o sargento, do meio do desabamento —, tem um aqui!

Imediatamente o oficial e Gornt correram em sua direção.

— É homem ou mulher?

— Homem, sah! Acho que ele falou que se chamava Bar-ter, ou coisa parecida...

Lá no alto da barricada da Kotewall Road, Vênus Poon estava se divertindo. Era o centro de todas as atenções sob luzes das equipes móveis de rádio e tv. Continuou a ler o roteiro que fora enfiado em suas mãos, modificando-o aqui e ali, baixando um pouco a voz, erguendo-a, deixando as lágrimas correrem (mas não o bastante para estragar a maquilagem), descrevendo o holocausto de tal modo que todos os seus ouvintes sentiam que estavam com ela na encosta, sentiam arrepios de horror, e agradeciam sua sorte, que a morte os tivesse ignorado, dessa vez, e que eles e os seus estivessem vivos.

— A chuva ainda está caindo — sussurrava ela ao microfone.
— Onde o Rose Court arrancou parte dos andares superiores do Sinclair Towers, já foram contados sete mortos, quatro crianças, três chinesas, uma inglesa, mais ainda soterrados...

Agora as lágrimas escorriam dos seus olhos. Ela parou, e os que a observavam também prenderam a respiração.

No começo ela quase arrancara os cabelos à idéia de ter perdido o apartamento, todas as suas roupas, as jóias e seu novo vison. Mas, depois, lembrou-se de que todas as suas jóias boas estavam no joalheiro, sendo reformadas — presente do seu velho admirador, o Banqueiro Kwang —, e que o seu vison estava no alfaiate, sendo consertado. E quanto às roupas, qual, Quatro Dedos teria prazer em substituí-las!

"Quatro Dedos! Ai, ai, espero que aquele bode velho tenha se salvado como o Ching Sorridente", rezara fervorosamente. "Eeee, que milagre! Se um, por que não o outro? E sem dúvida nenhum prédio desabando será capaz de matar Ah Poo. Ela vai sobreviver! Claro que vai! E o Banqueiro Kwang a salvo! Não chorei de alegria quando soube que ele se salvara? Oh, que dia de sorte! E agora o Choy Lucrativo, um rapaz tão elegante, bonitão, interessante. Agora, se tivesse dinheiro, dinheiro de verdade, seria o homem para mim. Chega daqueles sacos de peido com os seus yangs moles para o yin adorável, o mais adorável..."

O produtor não podia esperar mais. Saltou em direção ao microfone e disse com urgência:

— Continuaremos o boletim tão logo a srta. Vênus...
Imediatamente ela acordou do seu torpor.

— Não, não — disse ela bravamente —, o espetáculo deve continuar! — Enxugou as lágrimas dramaticamente e continuou lendo e improvisando: — Descendo a encosta, membros dos nossos gloriosos gurkhas e guarda irlandesa, arriscando heroicamente suas vidas, estão desenterrando Irmãos e Irmãs...

— Meu Deus! — resmungou um inglês. — Que coragem! Ela merece uma medalha, não acha, meu velho? — Virou-se para o viziño e ficou encabulado ao ver que o homem era chinês. — Ah, desculpe-me.

Paul Choy mal o escutou, a atenção voltada para as maçãs que retornavam dos escombros, os carregadores escorregando e deslizando sob as lâmpadas de arco voltaico que haviam sido erigidas poucos minutos antes. Acabara de voltar da estação de socorro instalada na bifurcação da Kotewall Road, sob um toldo improvisado onde parentes desesperados, como ele próprio, tentavam identificar os mortos ou feridos, ou dar os nomes dos desaparecidos que, supunha-se, ainda estavam soterrados. A noite toda ele tinha ido e vindo, para o caso de Quatro Dedos ter sido encontrado noutra lugar e estar vindo de outra direção. Havia meia hora um dos bombeiros atravessara uma massa de escombros e chegara na área do quinto andar desabado. Fora então que haviam tirado Mai-ling e Richard Kwang de Iá, depois Jason Plumm, com metade da cabeça faltando, depois outros, mais mortos do que vivos.

Paul Choy contou as maçãs. Quatro. Três tinham cobertas sobre os corpos, dois muito pequenos. Estremeceu, pensando como a vida era fugaz, imaginando o que iria acontecer agora na Bolsa de Valores, amanhã. Será que eles a manteriam fechada, em sinal de respeito? "Santo Deus, se a mantiverem fechada a segunda inteira, sem dúvida a Struan chegará a 30 na abertura de terça... tem que chegar." Seu estômago roncou, e ele se sentiu tonto. Na sexta-feira, pouco antes de a Bolsa fechar, ele arriscara cinco vezes cada centavo que Quatro Dedos lhe emprestara relutantemente, em compras futuras. Cinco vezes dois milhões de HK. Comprara ações da Struan, do Blacs, do Victoria e do Ho-Pak, apostando que, de algum jeito, naquele fim de semana o tai-pan transformaria o desastre em vitória, que os boatos de que se pedira dinheiro à China eram verdadeiros, e que o Blacs e o Victoria tinham um plano em andamento. Desde o encontro com Gornt em Aberdeen, quando lhe apresentara sua teoria de um salvamento do Ho-Pak pelo Blacs ou pelo Victoria, e notara um lampejo por trás daqueles olhos astutos, estivera se perguntando se havia farejado alguma tramóia dos Figurões. "E, sem dúvida que são os Figurões! Mantêm Hong Kong segura pelos cabelos. Deus, como estão por dentro das transas!" E... ah, meu Deus, quando, nas corridas, Richard Kwang lhe pedira para comprar ações do Ho-Pak, e quase em seguida Havergill anunciara a compra de controle, ele fora ao banheiro para vomitar. Dez milhões em ações do Ho-Pak, Blacs, Victoria e Struan, comprados na baixa. E então, naquela noite, quando o noticiário das nove anunciara que a China estava adiantando meio bilhão em espécie, e que todas as corridas aos bancos tinham acabado, ele soube que estava multimilionário, multimultimilionário!

O rapaz não conseguiu controlar o estômago, correu para os arbustos ao lado da estrada e botou as tripas para fora, até pensar que ia morrer.

O circunstante inglês deu-lhe as costas e disse baixinho para um amigo:

— Esses chineses não têm mesmo muita garra, não é, meu velho?

Paul Choy limpou a boca, sentindo-se muito mal. O pensamento de sua provável fortuna, agora tão próxima, era demais para ele.

As maçãs iam passando. Atordoadamente, ele as acompanhou até a estação de socorro. Ao fundo, sob o toldo improvisado, o dr. Meng fazia operações de emergência. Paul Choy ficou vendo o dr. Tooley erguer os cobertores. Uma mulher européia, os olhos abertos e fixos. O dr. Tooley soltou um suspiro e os fechou. O seguinte era um garoto inglês de dez anos, morto também. Depois, uma criança chinesa. A última maca trazia um chinês, sangrando e com muita dor. Rapidamente o doutor deu-lhe uma injeção de morfina.

Paul Choy se afastou e vomitou de novo. Quando voltou, o dr. Tooley lhe disse, bondosamente:

— Não há nada que possa fazer aqui, sr. Choy. Tome, isso dará um jeito no seu estômago. — Deu-lhe duas aspirinas e um

pouco de água. — Por que não espera num dos carros? Nós o avisaremos no instante em que soubermos algo do seu tio.

— Está bem, obrigado.

Vinham chegando mais maças. Uma ambulância encostou. Os carregadores das maças colocaram na ambulância os feridos etiquetados, e o veículo se afastou sob a garoa. Do lado de fora, longe do fedor de sangue e morte, o rapaz sentiu-se melhor.

— Alô, Paul, como vão indo as coisas?

— Oh, oh, alô, tai-pan! Bem, obrigado.

Ele havia encontrado o tai-pan anteriormente e lhe contara sobre Quatro Dedos. Dunross ficara chocado e muito preocupado.

— Nada ainda, Paul?

— Não, senhor. Dunross hesitou.

— Às vezes nenhuma notícia é boa notícia. Se o Ching Sorridente pôde sobreviver, vamos torcer pelo melhor, não é?

— É, sim, senhor.

Paul Choy ficou olhando Dunross subir apressado a rua na direção da barricada, sua mente repassando todas as permutações que imaginara. "Com a fantástica compra de controle da General Stores pelo tai-pan (que coisa mais inteligente!), e agora, escapando à armadilha do Gornt, as ações dele têm que chegar até 30. E com o Ho-Pak cotado a 12,50, no momento em que voltar a pregão terá que ir a 20. Agora, calcule, 17,5 por cento de dez milhões, vezes 50, são..."

— Sr. Choy! Sr. Choy!

Era o dr. Tooley chamando-o da estação de socorro. O coração dele parou. Correu com quantas forças tinha.

— Não tenho certeza, mas, por favor, acompanhe-me. Não havia como errar. Era o Wu Quatro Dedos. Estava morto, aparentemente incólume. No seu rosto havia uma calma maravilhosa, e um sorriso estranho e angelical.

As lágrimas começaram a escorrer pelas faces de Paul Choy. Agachou-se ao lado da maca, dominado pela dor. Cheio de compaixão, o dr. Tooley o deixou e foi para junto das outras macas, onde agora alguém gritava, outra mão desesperada agarrando ao peito o corpo destrocado de um filho.

Paul Choy fitou o rosto, um rosto bom, na morte, quase sem vê-lo.

"E agora?", perguntou-se, enxugando as lágrimas, sem sentir realmente que havia perdido um pai, mas sim o chefe da família, o que, nas famílias chinesas, é pior do que perder o próprio pai. "Deus, e agora? Não sou o filho mais velho, portanto não terei que tomar as providências. Mas, mesmo assim, o que faço agora?"

Uns soluços chamaram sua atenção. Era um velho que soluçava por uma velha deitada numa maca próxima. "Tanta morte aqui, demais!", pensou Paul Choy. "É. Mas os mortos têm que enterrar os mortos, os vivos têm que continuar. Não estou mais ligado a ele. E sou americano."

Ergueu o cobertor como se fosse cobrir o rosto de Quatro Dedos, tirou habilmente o colar de couro com a meia moeda e enfiou-o no bolso. Certificando-se de novo de que não havia ninguém olhando, revistou os bolsos. Notas numa carteira, um molho de chaves, o carimbo de bolso pessoal. E o anel de diamantes na sua caixinha.

Levantou-se e dirigiu-se para o dr. Tooley.

— Com licença, doutor. Por favor, por favor, quer deixar o velho aí? Volto logo com um carro. A família, nós... Pode ser?

— Claro. Informem à polícia antes de o levarem, o setor de pessoas desaparecidas está instalado na barricada. Vou assinar a certidão de óbito amanhã. Desculpe, mas não há tem... — Novamente o bondoso homem teve a atenção voltada para outro lugar, e foi até onde estava o dr. Meng. — Pronto, deixe-me ajudar. É como na Coréia, não?

Paul Choy desceu o morro, sem ligar para a garoa, o coração leve, o estômago no lugar, o futuro definido. "Agora a moeda é minha", disse a si mesmo, certo de que Quatro Dedos não teria contado a ninguém, atendo-se à sua habitual reserva, confiando apenas naqueles de quem não podia prescindir.

"Agora que tenho o carimbo pessoal dele, posso carimbar o que quiser, fazer o que quiser, mas não vou fazer isso. Isso é trapacear. Por que devo trapacear quando estou levando vantagem? Sou mais esperto do que qualquer dos outros filhos dele. Eles sabem, eu sei, e isso não é bancar o maluco. Sou melhor. É apenas justiça que eu fique com a moeda e todos os lucros dos dois milhões. Vou ajudar a família, modernizar tudo, equipar os barcos, fazer o que eles quiserem. Mas com o meu lucro vou dar início ao meu próprio império. Claro. Mas, primeiro, vou para o Havaí..."

No começo da fila de carros, perto do primeiro deslizamento, Dunross parou ao lado do seu carro e abriu a porta do banco de trás. Casey despertou bruscamente do seu devaneio, e seu rosto perdeu a cor.

— Linc?

— Não. Ainda nada. Quillan tem quase certeza de que localizou a área. Os gurkhas estão revistando aquela parte agora. Vou para Iá substituí-lo. — Dunross tentou parecer confiante. — Os peritos dizem que há uma chance muito boa de que ele esteja bem. Não se preocupe. Você está bem?

— Sim, estou, obrigada.

Quando ele voltara da primeira busca, mandara Lim ir apanhar café, sanduíches e uma garrafa de conhaque, sabendo que a noite ia ser muito comprida. Quisera deixar Casey com Riko, mas ela se recusara. E então Riko voltara para o hotel, no outro carro, com Lim.

— Quer um conhaque, Ian? — perguntou Casey.

— Obrigado. — Ele a observou enquanto ela o servia, notando que os dedos estavam firmes. O conhaque sabia bem. — Vou levar um sanduíche para o Quillan. Por que não põe uma boa dose de conhaque no café, hem? Levo isso também.

— Certo — disse ela, satisfeita por poder fazer alguma coisa. — Mais gente foi resgatada?

— Donald McBride... está bem, só abalado. Tanto ele quanto a mulher.

— Ah, que bom! Algum, algum cadáver?

— Ninguém que eu conheça — replicou, decidindo não lhe contar sobre o Plumm ou seu velho amigo Southerby, presidente da junta diretora do Blacs.

Naquele momento, Adryon e Martin Haply apareceram intempestivamente, e Adryon abraçou-o com força, soluçando de alívio.

— Oh, papai, acabamos de saber, oh, papai, eu estava apavorada!

— Pronto, pronto! — disse ele, acalmando-a. — Estou bem. Santo Deus, Adryon, avalanche maldita nenhuma jamais tocará o tai-pan da Casa No...

— Ah, não fale assim! — suplicou ela, com um arrepio de pavor supersticioso. — Nunca fale assim! Estamos na China, os deuses escutam, não fale assim!

— Está bem, meu amor! — Dunross abraçou-a e sorriu para Martin Haply, que também estava cheio de alívio. — Tudo bem?

— Oh, sim, senhor, estávamos Iá em Kowloon, eu estava fazendo a cobertura do outro deslizamento quando soubemos da notícia. — O jovem estava aliviado. — Puxa vida, mas como estou contente por vê-lo, tai-pan! Nós... infelizmente amassamos um pouco o carro para chegar aqui.

— Não faz mal. — Dunross afastou Adryon de si um pouco. — Tudo bem, filhinha?

Ela o abraçou de novo.

— Tudo bem. — Foi então que viu Casey. — Oh, oh, alô, Casey, eu estava tão...

— Deixe de ser boba! Entrem e saiam da chuva! Os dois. Adryon obedeceu, Martin Haply hesitou, depois disse para Dunross:

— Se não se importa, senhor, vou dar uma olhada por aí.

— Christian se salvou — disse Dunross rapidamente.

— Eu sei, senhor. Liguei para o escritório. Obrigado. Não vou demorar muito, meu bem — disse para Adryon, e dirigiu-se para a barricada.

Dunross observou-o enquanto ele se afastava, jovem, durão e muito autoconfiante, depois enxergou Gornt descendo o morro, apressado. Gornt parou, bem longe do carro, e fez-lhe um sinal ansioso. Dunross lançou um olhar para Casey, o coração batendo inquieto. De onde estava, ela não podia ver Gornt.

— Volto logo que puder.

— Cuide-se.

Dunross acercou-se de Gornt. O homem mais velho estava imundo, as roupas rasgadas, a barba empastada, o rosto tenso.

— Nós o localizamos — disse Gornt. — Bartlett.

— Está morto?

— Não, nós o encontramos, mas não conseguimos chegar até ele. — Gornt fez um gesto para a garrafa térmica. — É chá?

— Café com conhaque.

Gornt aceitou e bebeu, agradecido.

— Casey ainda está no carro?

— Está. A que profundidade ele está?

— Não sabemos. Fundo. Talvez seja melhor não contar a ela nada sobre ele, por enquanto.

Dunross hesitou.

— Melhor não tocar no assunto — repetiu o outro homem. — A coisa parece preta.

— Está bem. — Dunross estava exausto de tanta morte e sofrimento. — Está bem.

A chuva tornava a noite mais imunda e o atoleiro ainda mais perigoso. À frente, para além da área do desabamento, a Kotewall

Road seguia reto por quase setenta metros, subindo de modo íngreme, depois se enroscava na encosta da montanha, e sumia de vista. Os moradores já vinham jorrando dos prédios evacuados.

— Não há o que errar quanto ao Tiptop e ao dinheiro? — indagou Gornt, andando com cuidado, iluminando o caminho com a lanterna elétrica.

— De jeito algum. A corrida aos bancos acabou.

— Ótimo. Qual foi a permuta?

Dunross não lhe respondeu, apenas deu de ombros.

— Abriremos a 30.

— Isso é o que veremos — Gornt acrescentou sarcasticamente. — Mesmo a 30 estou seguro.

— É?

— Perderei uns dois milhões de dólares americanos. Foi isso o que o Bartlett me adiantou.

Dunross sentiu uma alegria interior. "Isso ensinará o Bartlett a não tentar me passar a perna", pensou.

— Eu já estava sabendo disso. Foi uma boa idéia... mas a 30 você perderá uns quatro milhões, Quillan, os dois dele e dois do seu bolso. Mas aceitarei a Ail Ásia Airways.

— Jamais. — Gornt parou e olhou-o de frente. — Jamais. Minha companhia aérea ainda não está à venda.

— Você é quem sabe. A oferta é válida até a abertura da Bolsa.

— Que se danem os seus negócios!

Continuaram a subir pesadamente para o topo da encosta, aproximando-se agora da área do saguão. Passaram por uma maca que voltava. A mulher ferida não era conhecida de nenhum dos dois. "Se Dunross estivesse numa dessas macas", pensou Gornt, sombriamente, "isso resolveria os meus problemas direitinho..."

01h20m

O sargento gurkha dirigiu o fecho de sua lanterna para baixo. Ao seu redor estavam outros soldados, o jovem tenente e bombeiros trazendo, apressados, um dos seus oficiais.

— Onde está ele? — perguntou o oficial Harry Hooks, do Corpo de Bombeiros.

— Ali embaixo, em algum lugar. O nome dele é Bartlett, Linc Bartlett.

Hooks viu a luz se infiltrar por uns poucos metros, depois parar, bloqueada pelo labirinto. Deitou-se no chão. Perto do chão o cheiro de gás era mais forte.

— Ei, aí embaixo, sr. Bartlett! Está me ouvindo? — berrou para dentro dos escombros.

Todos escutaram atentamente.

— Estou — veio a resposta longínqua.

— Está ferido?

— Não!

— Dá para enxergar a nossa luz?

— Não!

Hooks soltou um palavrão, depois berrou:

— Fique onde está, por enquanto!

— Está certo, mas o gás está muito forte! Ele se levantou. O oficial falou:

— Um sr. Gornt esteve aqui, e foi buscar mais ajuda.

— Ótimo. Espalhem-se todos, vejam se conseguem descobrir uma passagem até ele, ou onde possamos chegar mais perto.

Fizeram o que ele mandou. Dali a um momento, um dos gurkhas soltou um berro.

— Aqui!

Era um espaçozinho entre pedaços de concreto quebrado, pedaços de madeira, travessas quebradas e vergalhões de aço, talvez o suficiente para um homem entrar se arrastando. Hooks hesitou, depois tirou o seu equipamento pesado.

— Não — disse o oficial. — É melhor nós tentarmos. — Olhou para os seus homens. — Certo?

Prontamente, eles abriram um sorriso e se dirigiram todos para o buraco.

— Não — ordenou o oficial. — Sangri, você é o menor.

— Obrigado, sah — disse o homenzinho com um amplo sorriso, os dentes brancos no rosto escuro. Todos ficaram vendo enquanto ele se enfiava pela terra adentro, de ponta-cabeça, como uma enguia.

A uns seis metros e tanto mais abaixo, Bartlett forçava a vista na escuridão. Estava num buraquinho baixo, o caminho bloqueado por um bloco de piso, o cheiro de gás forte. Então, seus olhos perceberam um lampejo de luz adiante, para um dos lados, e conseguiu dar uma olhadela no que o cercava. Não conseguia ouvir nada, exceto o pingar da água e os escombros que rangiam. Com grande cuidado, foi se arrastando e se espremendo na direção de onde tinha visto a luz. Uma pequena avalanche começou quando afastou algumas tábuas. Logo parou. Acima havia outro espaço pequeno. Foi rastejando para cima, ao longo desse espaço, e chegou a um beco sem saída. Outro caminho, outro beco sem saída. Acima, sentiu algumas tábuas soltas no piso desabado. Deitou-se de costas e procurou afastar as tábuas, tossindo e sufocando com a poeira. Abruptamente, sentiu uma luz sobre si. Não muita, bem pouca, mas quando os seus olhos se adaptaram, foi o suficiente para ele enxergar alguns metros. Sua euforia desapareceu ao se dar conta da extensão da tumba. Estava bloqueado em todas as direções.

— Alô, aí em cima! Muito de longe:

— Estamos ouvindooooo!

— Agora estou vendo a luz! Depois de um momento:

— Que luz?

— Que diabo, como vou saber, puta merda! — falou Bartlett. "Não entre em pânico, pense e espere", quase ouviu Spurgeon dizer. Controlando-se, esperou, depois a luz que o banhava moveu-se um pouco. — Essa aí! — berrou.

Instantaneamente, a luz parou.

— Já o localizamos, fique onde está.

Bartlett olhou ao seu redor, examinando a área com muito cuidado. Uma segunda vez, ainda com o mesmo resultado: não havia saída.

Nenhuma.

— Terão que cavar e me tirar daqui — murmurou, o medo aumentando.

Sangri, o jovem gurkha, estava uns três metros abaixo da superfície, mas muito à direita de onde estava Bartlett. Não podia ir

mais além. Sua passagem estava bloqueada. Contorceu-se para voltar, usou como ponto de apoio uma laje de concreto irregular e moveu-a ligeiramente. Imediatamente, essa parte dos escombros começou a ceder. Ele ficou imóvel e deixou a laje em paz novamente. Mas não havia outro caminho. Portanto, cerrando os dentes e rezando para que tudo não fosse desabar em cima de si, e de quem estivesse embaixo, afastou a laje de concreto para o lado. Os escombros não cederam. Ofegando, iluminou com a lanterna elétrica a cavidade, depois enfiou nela a cabeça, olhando ao seu redor.

Outro beco sem saída. Impossível prosseguir. Relutantemente, recuou.

— Sargento — gritou, na língua do Nepal —, não dá mais para prosseguir.

— Tem certeza?

— Oh, sim, sah, absoluta!

— Volte!

Antes de ir embora, berrou para dentro da escuridão:

— Alô, aí embaixo!

— Estou escutando! — retrucou Bartlett.

— Não estamos longe! Vamos tirá-lo daí, sah! Não se preocupe!

— Certo!

Com grande dificuldade, Sangri começou a recuar, fazendo o caminho de volta arduamente. Uma pequena avalanche encheu-o de entulho. Sombriamente, continuou a subir.

Dunross e Gornt subiram por cima dos escombros para se unirem aos grupos de homens que formavam uma cadeia, retirando entulho e vigas onde era possível.

— Boa noite, tai-pan, sr. Gornt. Já o localizamos, mas não estamos perto. — Hooks apontou para o homem que segurava a luz com firmeza. — Está naquela direção.

— A que profundidade?

— Pelo som da voz, a uns seis metros.

— Meu Deus!

— É, só Deus mesmo. O pobre infeliz está numa pior. Olhe só para estas vigas! — Vigas mestras de aço, pesadas, bloqueavam o caminho para baixo. — Não ousamos usar os cortadores, há gás demais.

— Tem de haver outra passagem. Pelo lado? — indagou Dunross.

— Estamos procurando. O melhor que podemos fazer é arranjar mais homens e tirar do caminho o que pudermos.

Hooks olhou na direção de um grito encorajador. Todos correram para os soldados, entusiasmados. Por baixo de uma confusão de pisos arrancados que os homens haviam afastado, havia uma passagem tosca que parecia descer, retorcendo-se até se perder de vista. Viram um dos homens miúdos saltar para dentro do buraco, depois sumir. Os outros observavam com gritos encorajadores. O caminho era fácil durante cerca de um metro e oitenta, muito difícil durante os três metros seguintes, todo sinuoso, depois ficava bloqueado.

— Alô, aí embaixo, sah, está vendo a minha luz?

— Estou!

A voz de Bartlett estava mais alta. Quase não havia necessidade de gritar.

— Vou mexer um pouco com a luz, sah. Por favor, se ela chegar perto, por favor, me avise, direita ou esquerda, para baixo ou para cima, sah.

— Certo. — Bartlett podia ver uma fraçãozinha da luz acima e à direita através de uma massa de vigas, traves, verga-lhões e aposentos destroçados. Diretamente acima dele havia uma massa impenetrável de soalhos e traves. Uma vez ele perdeu o facho de luz, mas logo o achou de novo. — Um pouco à direita — chamou, a voz já meio rouca. Obedientemente, a luz se moveu. — Desça! Pare aí! Agora, suba uma fração. — Pareceu levar uma eternidade, mas a luz se centralizou nele.

— Pronto!

O soldado manteve o facho firme, fez um apoio para a lanterna com o entulho, depois afastou a mão.

— Tudo certo, sah?

— Tudo! Acertou na mosca!

— Vou buscar mais ajuda.

— Está bem.

O soldado recuou. Dali a dez minutos havia trazido Hooks consigo. O oficial, chefe dos bombeiros, calculou a trilha do facho e examinou meticulosamente o curso de obstáculos adiante.

— Puta merda, vai levar um mês de trabalho — murmurou. Depois, contendo o seu terror, apanhou o compasso e mediu o ângulo cuidadosamente.

— Não se preocupe, meu chapa — falou Iá para baixo.

— Vamos tirá-lo daí fácil, fácil. Pode se aproximar mais da luz?

— Não, acho que não.

— Então fique onde está e descanse. Está ferido?

— Não, não, mas sinto cheiro de gás.

— Não se preocupe, meu rapaz, não estamos longe. — Hooks saiu com dificuldade da passagem. Novamente na superfície, mediu a linha no compasso e depois caminhou sobre a superfície inclinada. — Está abaixo daqui, tai-pan, sr. Gornt, num raio de um metro e meio, a seis metros de profundidade.

— Estavam a dois terços do caminho encosta abaixo, mais para perto da Sinclair Road do que da Kotewall. Não havia caminho de entrada visível pelos lados, a lama e a terra do desabamento mais densas à direita do que à esquerda. — A única coisa que podemos fazer é cavar — disse, em tom decidido. — Não podemos trazer um guincho até aqui, portanto, tem que ser no muque. Vamos tentar primeiro aqui.

Hooks indicou uma área que parecia promissora, a três metros de distância, perto do buraco que os soldados tinham descoberto.

— Por que aqui?

— É mais seguro, tai-pan, para o caso de fazermos a coisa toda ceder. Vamos Iá, companheiros, ao trabalho. Mas cuidado!

E assim começaram a cavar e retirar tudo o que era removível. Era um trabalho muito duro. Todas as superfícies estavam úmidas e traiçoeiras, os escombros com equilíbrio precário. Vigas, traves, soalhos, tábuas, concreto, gesso, painéis, rádios, televisões, cômodas, roupas, tudo numa montoeira absurdamente desordenada. O trabalho parou quando descobriram outro corpo.

— Mandem um médico para cá! — gritou Hooks.

— Ela está viva?

— Pode ser.

A mulher era velha, a bata que fora branca e as calças pretas estavam rasgadas e enlameadas, o cabelo comprido preso numa trança andrajosa. Era Ah Poo.

— A gan sun de alguém — comentou Dunross.

Gornt fitava incrédulo o local onde ela fora encontrada, um buraco dentro de um amontoado irregular, feio, quase sólido, de concreto reforçado e destruído.

— Porra, como as pessoas sobrevivem?

O rosto de Hooks se abriu num sorriso, os dentes quebrados e marrons, manchados de fumo.

— Joss, sr. Gornt. Sempre há esperança enquanto a pessoa puder respirar. Joss. — A seguir, berrou Iá para baixo:

— Mande uma maca para cá, Charlie, E bem depressa!

Ela veio depressa. Os carregadores a levaram embora na maca. O trabalho continuava. A cova ficava mais funda. Uma hora depois, cerca de um metro e vinte a um metro e meio mais para baixo, foram bloqueados por toneladas de vigas de aço.

— Vamos ter que nos desviar — disse Hooks. Pacientemente, recomeçaram. Dali a pouco, novo bloqueio. — Desviem para cá!

— Não podemos abrir caminho serrando?

— Ah, podemos, sim, tai-pan. Mas bastará uma fagulha e viraremos todos anjinhos. Vamos, rapazes. Aqui. Vamos tentar aqui.

Os homens se apressaram a obedecer...

04h10m

Bartlett agora podia ouvi-los nitidamente. De quando em vez, pó e sujeira desciam em cascata, trazendo atrás de si entulho ensopado, enquanto travessas, vigas e escombros acima eram removidos. Seus salvadores pareciam estar a uns dez metros de distância, pelo que ele podia calcular, ainda um metro e meio a um metro e oitenta acima dele, o fiozinho de luz tornando a espera mais suave. Sua própria fuga estava bloqueada por todos os lados. Um pouco antes, havia pensado em voltar para baixo daquele piso, depois mais para baixo ainda, para tentar encontrar novo caminho e buscar uma segurança melhor por Iá.

— É melhor esperar, sr. Bartlett! — Hooks berrara para ele. — A gente sabe onde o senhor está!

E, assim, ele ficara ali. Estava ensopado pela chuva, deitado sobre algumas tábuas, não desconfortável demais, e bem protegido

por vigas pesadas. A maior parte da sua linha de visão estava bloqueada a pouquíssima distância. Acima dele, havia mais soalhos retorcidos. Havia apenas lugar bastante para se deitar ou, com cuidado, se sentar. O cheiro de gás era forte, mas por enquanto não sentia dor de cabeça, e achava que estava bastante seguro, o ar bom o suficiente para durar para sempre. Estava cansado, muito cansado. Mesmo assim, forçou-se a ficar acordado. Do ponto onde estava, sabia que os outros iam levar o resto da noite, talvez parte do dia, para abrir uma fenda para ele passar. Aquilo não o preocupava nem um pouco. Estavam ali. E ele fizera contato. Uma hora antes, escutara a voz de Dunross próxima.

— Linc? Linc, é o Ian!

— Que diabo está fazendo aqui? — retrucara, alegremente.

— Procurando por você. Não se preocupe, não estamos longe.

— Claro. Escute, Ian — começara ele, sua ansiedade quase sufocante. — Orlanda, Orlanda Ramos, conhece-a? Estava esperando...

— Sim, sim, eu a vi logo depois que a avalanche atingiu o prédio. Ela está bem. Está esperando Iá na Kotewall. Ela está bem. E você?

— Porra, tudo bem — dissera ele, quase tonto agora, sabendo que ela estava em segurança. E quando Dunross lhe contara sobre sua própria evasão milagrosa, e que Casey tinha visto toda a catástrofe acontecer, ficou estarrecido à idéia de como todos os outros tinham estado tão próximos da tragédia. — Meu Deus, mais alguns minutos e vocês todos teriam sido atingidos.

— Joss.

Tinham batido papo por algum tempo, depois Dunross saíra do caminho para que o resgate pudesse continuar.

Pensando agora em Orlanda, outro arrepio o percorreu, e novamente agradeceu a Deus por ela estar a salvo, e Casey também. "Orlanda jamais sobreviveria embaixo da terra. Casey, talvez, mas Orlanda, não. Jamais. Mas isso não a desprestigia em nada."

Ajeitou-se mais confortavelmente, as roupas ensopadas arrepiando-lhe a pele, ouvindo berros e ruídos dos salvadores que se aproximavam, reconfortantes. Para passar o tempo, continuou seus devaneios sobre as duas mulheres. "Nunca conheci um corpo como o da Orlanda, ou outra mulher igual a ela. É quase como se a conhecesse há anos, não uns poucos dias. Isso é uma verdade. Ela é excitante, desconhecida, fêmea, maravilhosamente perigosa. Casey não representa perigo. Daria uma excelente mulher, uma grande sócia, mas não é tão feminina quanto Orlanda. Claro que Orlanda gosta de roupas bonitas, presentes caros, e se o que o pessoal daqui fala for verdade, vai gastar dinheiro como se fosse água. Mas não é para isso que serve a maior parte do dinheiro? Minha ex-mulher está

amparada, as crianças também. Não tenho o direito de me divertir e ser capaz de protegê-la dos Biltzmanns do mundo?

"Claro. Mas ainda não sei o que há nela, ou em Hong Kong, que mexeu comigo. É o melhor lugar em que já estive, e sinto-me mais em casa aqui do que nos Estados Unidos."

— Talvez, Linc, você tenha estado aqui numa vida anterior —
Orlanda lhe dissera.

— Acredita em reencarnação?

— Claro que sim!

"Não seria uma maravilha", pensou ele, no seu devaneio, sem notar o gás, ou que agora o gás o estava afetando um pouco. "Ter mais de uma vida seria a coisa de mais sorte do mundo, e..."

— Linc!

— Oi, Ian, o que é que há?

A felicidade de Bartlett aumentou. A voz de Dunross estava bem perto, muito perto.

— Nada. Só vamos dar uma paradinha rápida. A barra está pesada, temos que fazer novo desvio, mas estamos apenas a poucos metros de distância. Pensei em batermos um papinho. Pelo que podemos calcular, estamos um metro e meio acima de você, vindos do oeste. Já dá para nos ver?

— Não. Há um soalho acima de mim, todo estropiado, e vigas, mas estou bem. Posso esperar aqui facilmente. Ei, sabe de uma coisa?

— O quê?

— Hoje foi a primeira vez que você me chamou de Linc.

— É? Não tinha notado.

"Não, porra nenhuma", pensou Bartlett, e riu consigo mesmo.

— O que você... — Os dois homens ficaram subitamente gelados quando os escombros começaram a gemer, retorcendo-se aqui e ali. Dali a um momento o barulho cessou, pelo menos a maior parte. Bartlett começou a respirar mais serenamente. — O que vai fazer amanhã?

— Sobre o quê?

— A Bolsa de Valores. Como vai derrotar o Gornt? — Escutou com assombro crescente enquanto Dunross lhe contava sobre o dinheiro do Banco da China, a festa de Plumm, e o seu desafio ao Gornt, apoiado pelo seu novo fundo de cinquenta milhões. — Fantástico! Quem está bancando você, Ian?

— Papai Noel. Bartlett achou graça.

— Com que então Murtagh salvou a pátria? Escutou o silêncio e sorriu de novo.

— Casey lhe contou?

— Não. Não, foi o que imaginei. Já lhe disse que a Casey é viva pra burro. Então você está completamente salvo. Parabéns! — falou com um sorriso amplo, e com sinceridade.

— Pensei que o tinha pegado pelo pé, Ian. — Bartlett riu.

— Acha mesmo que suas ações vão abrir a 30?

— Estou torcendo.

— Se está torcendo, isso quer dizer que você e seus amigos já estão com tudo acertado. Mas o Gornt é sabido. Você não vai pegá-lo.

— Ah, vou, sim.

— Não vai, não! E quanto ao nosso acordo?

— A Par-Con? Continua de pé, é claro. Pensei que isso já estivesse definido.

Bartlett notou o tom de inocência seca.

— O Quillan deve estar quase tendo um troço!

— E está! Está aqui em cima, ajudando, também.

— Por quê? — perguntou Bartlett, surpreso. Houve uma pausa.

— O Quillan é um calhorda de primeira, de vinte e quatro quilates, mas... não sei. Talvez goste de você!

— Foda-se você também! — retrucou Bartlett, igualmente bem-humorado. — O que vai fazer quanto ao Quillan?

— Fiz-lhe uma proposta — falou Dunross, contando qual fora.

Bartlett soltou um resmungo.

— Quer dizer que os meus dois milhões entraram pelo cano?

— Naturalmente. Aqueles dois milhões. Mas sua parte na compra de controle da General Stores lhe dará cinco, talvez mais, e o nosso negócio Struan-Par-Con muito mais.

— Calcula mesmo cinco?

— Sim. Cinco para você, cinco para Casey.

— Ótimo! Sempre quis que ela tivesse o seu dinheiro do dane-se. — "O que será que ela vai fazer agora?", ele se perguntou. — Ela sempre quis ser independente, e agora é. Formidável! O que foi? — perguntou, pois não escutara o que Dunross acabara de dizer.

— Disse: não quer falar com ela? É meio complicado, mas ela pode vir em segurança.

— Não — disse Bartlett, com firmeza. — Basta dizer-lhe um "oi"; falarei direito com ela quando sair.

— Casey falou que não vai se mexer até você sair. — Uma ligeira pausa. — A Orlanda também. E quanto a ela? Quer dizer um alô, ou coisa parecida?

— Não, obrigado. Haverá tempo de sobra mais tarde. Mande as duas irem para casa.

— Não irão. Ao que parece, você é muito popular. Bartlett riu, sentou-se e bateu com a cabeça. Uma dor lhe desceu pelas costas e ele gemeu, depois ajeitou-se mais confortavelmente, a cabeça quase tocando o teto.

Dunross estava apertado num espaçozinho não muito afastado, no fim da passagem sinuosa, odiando o abafamento, a claustrofobia nauseante, um suor gelado a ensopá-lo por causa dela. Não via sinal de Bartlett, mas notara que a voz dele soara forte e

confiante. Hooks pedira-lhe para manter Bartlett conversando enquanto descansavam, para o caso de o gás o estar entorpecendo.

— A gente nunca sabe, tai-pan, o gás é traiçoeiro. Precisamos dele alerta. Daqui a pouco vamos precisar da ajuda dele.

O tai-pan se contorceu, inquieto, pressentindo perigo. Alguém vinha descendo, o entulho cascateando à sua passagem. Era Hooks. Parou a curta distância dele.

— Pronto, tai-pan. É melhor sair agora, vou mandar os meus rapazes voltarem.

— Já estou saindo, Linc! Fique acordado. Vamos recomeçar.

— Certo, tudo bem. Escute, Ian, aceitaria ser padrinho de casamento?

— Sem dúvida — respondeu imediatamente, o cérebro gritando: "Qual delas?" — Seria uma honra.

— Obrigado — ouviu Bartlett responder, e por mais vontade que tivesse de saber, sabia que jamais lhe perguntaria. Tinha certeza de que Bartlett iria dizer o nome. Mas tudo o que ele disse foi: — Obrigado. É, muito obrigado.

Sorriu, surpreso. "O Linc está aprendendo", disse com seus botões. "Será bom tê-lo como sócio... e como sócio votante do Turf Club. A Casey também..."

— Num instantinho o tiraremos daí! Enquanto ia se afastando, ouviu:

— Não seria ótimo se elas pudessem ser amigas? Será que é demais esperar isso?

Dunross não tinha certeza se as palavras tinham sido ditas para ele.

— O quê? — chamou.

— Nada — replicou Bartlett. — Puxa, Ian, temos um bocado de coisas para fazer esta semana! Ei, estou contente de que você tenha ganho do Gornt!

"É", falou consigo mesmo, satisfeito. "Vai ser bom manobrar com você, vigiando-o atentamente, construindo a nossa Casa Nobre."

A uns oito metros de distância, e poucos metros acima, Dunross virou-se desajeitadamente e recomeçou a subir.

Quase uns cinco metros acima dele, Gornt e os outros esperavam junto à boca grandemente ampliada da cova. A aurora clareava o leste, uma nesga de céu aparecendo agora entre as nuvens. Por toda a encosta, homens cansados ainda cavavam, procuravam, chamavam e escutavam. Exausto, Hooks arrastou-se para fora da cova profunda. Naquele momento, houve um barulho tremendo vindo Iá de cima, de perto da Po Shan Road. Todas as cabeças se viraram bruscamente. Então, bem acima e à esquerda, viram parte da encosta se mover. O barulho aumentou, então uma parede de água e lama apareceu por trás da curva da colina na Kotewall Road e, ganhando velocidade, correu para cima deles. Homens começaram a correr enquanto a crista do aluvião descia até onde estivera o saguão, e se derramava por sobre a encosta e os escombros, inundando-os, a imensa massa de lodo forçando a crista para a frente e para baixo. Gornt viu-a vindo e se agarrou a uma viga mestra; os outros se agarraram onde podiam. O lodo fétido chegou até eles e passou, Gornt enterrado até os joelhos, mas agarrando-se firme contra a sucção. A onda seguiu em frente, cobrindo tudo com centímetros de lama, Hooks e os outros safando-se do lodaçal, tudo o mais momentaneamente esquecido.

Gornt não se esquecera.

De onde estava podia enxergar a cova. Viu as mãos e a cabeça de Dunross emergirem do lodo. As mãos procuraram um apoio. Mais lodo entrava cova adentro, enchendo-a. As mãos de Dunross escorregaram, e ele foi sugado para baixo, mas lutou para sair de novo e agarrou-se precariamente.

Gornt observava. E esperava. E não se mexia. A lama continuava a jorrar. O nível aumentou mais.

Dunross sentiu-se cair, a sucção muito grande. Estava sufocando no lodo, mas manteve os dedos firmes, forçou os dedos dos pés para dentro de uma fenda e começou a subir. De algum jeito, conseguiu livrar-se da sucção e agora estava a salvo, agarrado à borda, metade do corpo fora da lama, o peito ofegando, o coração disparando, com ânsias de vômito. Ainda meio em estado de choque, os joelhos trêmulos, limpou a lama dos olhos e da boca e olhou ao redor, atordoado. Então viu Gornt três metros acima dele, observando-o, encostado serenamente a um afloramento...

Por um instante todo o seu ser se concentrou, vendo o sorriso sarcástico e retorcido, o ódio franco e o enorme desapontamento, e sabia que, se ele tivesse estado lá em cima, e o Gornt preso numa armadilha como ele estivera, também teria observado e esperado.

"Teria?"

"Teria igualmente observado e esperado, e jamais estendido a mão para ajudar. Não para Gornt. E então, finalmente, a maldição de Dirk Struan teria terminado, teria acabado de vez, e aqueles que me sucedessem jamais seriam atormentados de novo."

E então o instante passou. Sua cabeça se desanuviou. Lembrou-se de Bartlett e olhou para baixo, horrorizado. A passagem que antes havia era agora apenas um lago lamacento.

— Ah, Deus! Socorro! — gritou. Então houve um súbito pandemônio, e os outros correram para a cova, Hooks, os soldados e os bombeiros, arremessando-se impotentes contra o lodo com pás e mãos.

Dunross saiu Já de dentro. Trêmulo, ficou parado na beirada. Angustiado. Gornt já se fora. Dali a pouco todas as tentativas cessaram. A poça permaneceu.

Terça-feira

17h39m

Dunross estava de pé junto à janela panorâmica da sua cobertura no Edifício Struan, olhando para o portão. O pôr-do-sol era maravilhoso, a visibilidade sem limites, o céu limpo, exceto por alguns cúmulos matizados a oeste, na direção da China continental, avermelhado ali, a escuridão tocando o horizonte oriental. Mais abaixo, o porto estava movimentado como sempre, comum como sempre, Kowloon resplandecendo ao crepúsculo.

Claudia bateu à porta e abriu-a. Casey entrou. Seu rosto era a imagem da desolação, o cabelo fulvo como o pôr-do-sol. A dor tornava-a etérea.

— Alô, Casey.

— Alô, Ian.

Não havia necessidade de dizer mais nada. Tudo sobre Bartlett já tinha sido dito. Só no fim da noite anterior é que tinham conseguido resgatar seu corpo. Casey esperara na encosta por ele. Depois, voltara para o hotel. Pela manhã telefonara, e agora estava ali.

— Uma bebida? Chá? Café? Tenho vinho. Fiz martínis.

— Um martíni. Obrigada, Ian — disse ela, a voz monótona, a dor que havia nela machucando-o. — É, gostaria muito.

Ela se sentou no sofá. Ele serviu a bebida e pôs nela uma azeitona.

— Tudo pode esperar, Casey — disse, compassivamente. — Não há pressa.

— É, eu sei. Mas nós combinamos. Obrigada. — Aceitou o copo gelado e ergueu-o. — Joss.

— Joss.

Sorveu a bebida supergelada, todos os seus movimentos estudados, quase como que independentes dela, depois abriu a pasta e colocou um envelope de papel pardo na mesa dele.

— Aqui estão todos os papéis de John Chen sobre a Struan, e tudo o que ele nos ofereceu ou nos contou. Estas são todas as cópias que tenho aqui. As que estão nos Estados Unidos passarei pela máquina de retalhar. — Casey hesitou. — Estou certa de que já fez algumas modificações, a essa altura, mas, bem, está tudo aí.

— Obrigado. O Linc deu alguma coisa para o Gornt?

— Não, não creio. — Novamente a hesitação. — Por medida de segurança, eu consideraria parte da informação como tendo "vazado".

— É.

— A seguir, nosso acordo da Par-Con-Struan. — A pilha de documentos que ela lhe entregou era bem grossa. — Todas as seis cópias estão assinadas e carimbadas com o selo da companhia. Tenho o poder executivo para assinar. — Ela hesitou. — Tínhamos um acordo, Linc e eu. Eu lhe deixei em testamento o poder de voto de todas as minhas ações durante dez anos, ele fez o mesmo para mim. Assim, sou a chefe da Par-Con.

— Durante dez anos? — perguntou Dunross, arregalando ligeiramente os olhos.

— É — disse ela sem emoção, sem sentir nada, sem querer nada exceto chorar e morrer.

"Mais tarde posso ser fraca", pensou. "Agora tenho que ser forte e sábia."

— Durante dez anos. Linc... Linc tinha o controle da votação. Eu lhe enviarei uma confirmação formal quando for oficial.

Dunross concordou com um aceno de cabeça. Da mesa laqueada, tirou um maço equivalente de papéis.

— São os mesmos. Já os carimbei formalmente. Este — colocou um envelope sobre a pilha —, este é o nosso acordo particular, dando à Par-Con os títulos de propriedade dos meus navios como garantia.

— Obrigada. Mas, com o seu fundo, não será necessário.

— Mesmo assim, foi parte do nosso acordo. — Dunross a observava, admirando-lhe a coragem. Não houvera lágrimas no novo começo na encosta, apenas um aceno atordoado de cabeça e: "Eu

espero. Espero até... eu espero". Orlanda se prostrara na hora. Ele a mandara para um hotel, e depois enviara um médico para cuidar dela. — Foi parte do nosso acordo.

— Está certo. Obrigada. Mas não é necessário.

— A seguir: eis aqui a nossa carta de concordância referente ao negócio com a General Stores. Eu lhe darei os documentos formais dentro de dez dias. Vou precisar...

— Mas o Linc não adiantou os dois milhões.

— Adiantou, sim, por telegrama, no sábado à noite. Meu banco suíço confirmou a transação ontem, e o dinheiro foi devidamente entregue à diretoria da General Stores. Eles aceitaram, portanto o negócio está fechado.

— Mesmo com a morte de Pug?

— É. A viúva dele concordou com a recomendação da diretoria. É um negócio muito bom, a propósito. Muito melhor do que a proposta da Superfoods.

— Não quero esse dinheiro, nada dele.

— Quando eu estava Iá na cova, batendo papo com o Linc, ele me falou de como estava feliz de que o negócio da General Stores fosse se concretizar. As palavras exatas dele foram: "Ótimo! Cinco milhões? Sempre quis que ela tivesse o seu dinheiro do dane-se. Ela sempre quis ser independente, e agora é. Formidável!"

— Mas a que preço! — ela falou, o sofrimento aflorando. — O Linc sempre me advertiu de que o dinheiro do dane-se custa mais do que a gente está preparado para pagar. Custou. Não o quero.

— Dinheiro é dinheiro. Você não está raciocinando direito. O dinheiro era dele para dispor como bem quisesse, e deu-o a você. Livrementemente.

— Você o deu para mim.

— Está enganada, foi ele. Eu apenas a ajudei, como você me ajudou. — Sorveu a sua bebida. — Vou precisar saber para onde mandar os lucros dele. Você deve se lembrar de que não havia direitos de votação incluídos. Quem é o administrador dele?

— É um banco, o First Central. Sou a testamenteira dele, juntamente com um homem do banco. — Ela hesitou. — Acho que a mãe dele é a sua herdeira. Ela é a única citada no testamento dele... Linc, o Linc foi franco comigo a esse respeito. A ex-mulher dele e os três filhos estão bem amparados, e foram especificamente excluídos

do testamento. O controle de votação ficou comigo, e o resto vai... o resto vai para a mãe dele.

— Então será muito rica.

— Isso não a ajudará. — Casey estava tentando ao máximo manter a voz normal e não chorar. — Conversei com ela ontem à noite, e ela ficou chocada, a pobre senhora. Está... na casa dos sessenta anos, uma mulher simpática. Linc é seu único filho. — Uma lágrima escorreu, a despeito da sua força de vontade. — Ela, ela me pediu para levá-lo de volta. No seu testamento ele diz que quer ser cremado.

— Escute, Casey — falou Dunross, rapidamente —, talvez eu pudesse tomar as providências...

— Não. Ah, não, obrigada, Ian. Tudo já está providenciado. Já cuidei de tudo. Queria cuidar. O avião está liberado e a papelada, pronta.

— Quando você parte?

— Às dez, hoje à noite.

— Ah! — Dunross ficou surpreso. — Vou Iá me despedir de você.

— Não, não, obrigada. O carro eu agradeço, mas não há necessidade...

— Insisto.

— Não. Por favor — pediu ela, com ar súplice. Depois de um momento, ele perguntou:

— Quais os seus planos?

— Nada de especial, Vou... vou me certificar de que todas as suas vontades sejam cumpridas, documentos, testamento, acertar os seus negócios. Depois vou reorganizar a Par-Con... tentarei reorganizá-la como ele gostaria. Depois... depois não sei. Tudo isso levará uns trinta dias. Talvez eu volte dentro de trinta dias para começar, talvez mande o Forrester ou outra pessoa qualquer. Não sei. Eu o avisarei em trinta dias. Até Iá, tudo está coberto. Tem os números dos meus telefones. Ligue para mim a qualquer hora, se houver problema.

Ela começou a se levantar, mas ele a deteve.

— Antes de você ir, há uma coisa que preciso lhe dizer. Não o fiz ontem à noite porque a hora não era apropriada. Talvez agora seja, não estou certo, mas pouco antes de eu sair o Linc me perguntou se eu aceitaria ser padrinho de casamento.

— Viu Casey ficar branca e continuou rapidamente: — Disse a ele que seria uma honra.

— Ele falou em mim? Disse que queria casar-se comigo? — perguntou, incrédula.

— Estávamos conversando sobre você. Não tem sentido?

— Ele não mencionou a Orlanda?

— Não naquele momento. Não. Anteriormente, estivera muito preocupado com ela porque estava no apartamento dela e não sabia o que lhe acontecera. — Dunross observava-a. — Quando lhe disse que ela estava a salvo, ficou muito aliviado, naturalmente. Quando lhe contei que você por pouco não fora apanhada pela avalanche, quase teve um enfarte. Então, quando eu ia me retirando, ouvi-o dizer baixinho: "Acho que seria demais esperar que as duas fossem amigas". Não tive certeza se aquelas palavras eram para meus ouvidos... enquanto cavávamos ele falou muito sozinho. — Terminou a sua bebida. — Estou certo de que se referia a você, Casey.

Ela sacudiu a cabeça.

— Valeu a tentativa, Ian. Aposto que se referia a Orlanda.

— Acho que está errada. Novo silêncio.

— Pode ser. Amigas? — Olhou para ele. — Você vai ser amigo do Quillan?

— Não. Jamais. Mas isso não é a mesma coisa. Orlanda é uma boa pessoa. De verdade.

— Acredito. — Casey fitou a sua bebida, sorveu-a, mas não lhe sentiu o gosto. — E quanto ao Quillan? O que aconteceu hoje? Infelizmente não soube de nada. O que fez com relação ao Quillan? Vi que fecharam a 30,01, mas... na verdade não notei muita coisa mais.

Dunross sentiu uma alegria íntima e repentina. Por causa da catástrofe da Kotewall, o governador ordenara que a Bolsa de Valores ficasse fechada na segunda-feira. E os bancos, em sinal de luto. Às dez daquela manhã, o dinheiro do Banco da China estava à disposição em todas as agências de todos os bancos, por toda a colônia. A corrida aos bancos terminara. Lá pelas três horas, muitos clientes estavam fazendo fila, voltando para depositar de novo o seu dinheiro.

Pouco antes da abertura da Bolsa às dez da manhã, Gornt lhe telefonara.

— Aceito — dissera.

— Não quer barganhar?

— Não quero clemência da sua parte, assim como você não pode esperá-la da minha parte. Os papéis estão a caminho.

O telefone emudeceu.

— E quanto ao Quillan? — perguntou ela novamente.

— Fizemos um acordo. Abrimos a 28, mas deixei que ele recomprasse a 18.

Ela o fitou, boquiaberta. Sem pensar, fez o cálculo rápido.

— Isso lhe custou cerca de dois milhões! Mas são os dois milhões do Linc. Então, o Quillan está salvo!

— Conteí ao Linc a transação, e que isso lhe custaria os seus dois milhões, e ele achou graça. Ressaltei que, com os negócios da General Stores e da Par-Con, sua perda de capital de dois milhões ia ser superada por um ganho de capital de vinte ou mais. — Dunross fitou-a, avaliando-a. — Achei justo que os dois milhões fossem confiscados, digamos assim.

— Não está me dizendo que deixou o Gornt livrar a cara a troco de nada?

— Não. Recuperei a minha linha aérea. O controle da AH Ásia Airways.

— Ah! — Casey sentiu um arrepio, lembrando-se da história daquela noite de Natal em que Gornt e o pai foram inesperadamente até a Casa Grande. A tristeza dela estava quase extravasando. — Quer me fazer um favor?

— Claro. Desde que não seja para o Quillan.

Ia pedir a Dunross para deixar que o Gornt pudesse ser administrador, para que tivesse a sua tribuna. Mas não pediu. Sabia que teria sido uma perda de tempo.

— Que favor?

— Nada. Agora, nada. Já vou indo, Ian.

Exausta, muito exausta, pôs-se de pé. Seus joelhos tremiam. Ela inteira doía monstruosamente. Estendeu a mão. Ele a tomou e a beijou com o mesmo gesto gracioso de que ela se lembrava da noite da festa, da primeira noite na Galeria Longa, quando, assustada, vira a faca enterrada no coração do retrato. Subitamente, a sua agonia chegou ao auge e ela teve ganas de gritar o seu ódio por Hong Kong e pelo povo de Hong Kong, que, de alguma forma, haviam causado a morte do seu Linc. Mas não o fez.

Depois, ordenou a si mesma, apegando-se ao limite das suas forças: "Não se descontrole. Não ceda. Seja auto-suficiente. Precisa ser, agora. O Linc se foi para sempre".

— Até breve, Casey.

— Adeus, Ian — disse ela, e se retirou.

Ele ficou fitando a porta fechada por longo tempo, depois soltou um suspiro e apertou uma campainha. Dali a um momento, Claudia apareceu.

— Boa noite, tai-pan — cumprimentou, com o seu carinho imenso. — Há alguns telefonemas que precisam ser resolvidos. O mais importante é o do jovem Duncan, que quer pedir emprestados mil HK.

— Para que diabo quer o dinheiro?

— Parece que quer comprar um anel de diamantes para uma "senhora". Tentei arrancar-lhe o nome dela, mas ele não contou.

"Ah, Deus, a sheila", pensou Dunross, voltando-lhe à lembrança o que o filho dissera sobre a sua "garota", Sheila Scragger, a enfermeira da Inglaterra, de férias com Duncan no rancho australiano de Paldoon.

— Bem, ele não vai comprar grande coisa com mil. Diga-lhe que tem que me pedir. Não, espere! — Pensou um momento. — Dê-lhe mil da "caixinha"... ofereça-lhe juros de três por cento ao mês, contra a sua garantia por escrito de que você pode tirá-los da mesada dele, à proporção de cem por mês. Se ele cair nessa, aprenderá uma bela lição. Senão, eu lhe darei os mil, mas só na próxima Páscoa.

Ela concordou com um aceno de cabeça, depois acrescentou com tristeza:

— Pobre srta. Casey! Está morrendo por dentro.

— E.

— Eis os seus telefonemas, tai-pan. O jovem Linbar ligou de Sydney. Por favor, ligue para ele quando tiver um momento. Ele acha que já pôs a Woolara na linha de novo.

Dunross fitou-a.

— Puxa vida!

— O sr. Alastair ligou dando os parabéns, o seu pai, e a maioria dos membros da família. Por favor, ligue para o jovem Trussler em Johannesburg, é sobre os tórios. — Deu uma fungada. — A sra. Gresserhoff telefonou para se despedir.

— Quando vai partir? — perguntou Dunross, cautelosamente, já sabendo o vôo.

— Amanhã, no primeiro vôo da jal. Não foi horrível sobre o Travkin? Ah, como fiquei triste!

— É. — Travkin morrera durante a noite. Dunross visitara-o no Hospital Matilda várias vezes, mas o seu treinador não recobrou.

a consciência desde o acidente de sábado. — Já descobrimos algum parente dele?

— Não. Não tinha nenhuma namorada especial, ou... ou alguém. O jovem Jacques tomou todas as providências para o enterro.

— Ótimo. É, é o mínimo que podemos fazer por ele.

— Vai montar no sábado?

— Não sei. — Dunross hesitou. — Lembre-me de falar com os organizadores para darmos ao quinto páreo o nome de Travkin... um meio de agradecer-lhe.

— Sim, ah, seria maravilhoso! Gostava tanto dele, é, seria maravilhoso.

Dunross olhou para o relógio.

— O meu compromisso seguinte já está lá embaixo?

— Já.

— Ótimo — disse o tai-pan, a fisionomia se fechando. Desceu para o andar inferior, para o seu escritório.

— Boa tarde, sr. Choy, em que posso servi-lo? Já lhe mandara pêsames por Wu Quatro Dedos. Quando a porta se fechou, Paul Choy enxugou as mãos sem notar.

— Vim tratar do primeiro passo, senhor. Lamento termos tido que adiar de ontem para hoje, mas... as impressões na cera... encaixaram-se numa das suas duas meias moedas restantes?

— Primeiro, quero saber quem está com a outra metade, agora que Quatro Dedos é um ancestral.

— A família Wu, senhor.

— Quem na família Wu? — perguntou Dunross com aspereza, deliberadamente grosseiro. — A moeda foi dada a um indivíduo que a passaria adiante a um indivíduo. Quem?

— Eu, senhor.

Paul Choy devolveu o olhar do tai-pan, sem medo, muito embora seu coração estivesse batendo mais depressa do que nunca... até mesmo mais do que quando ele estava no junco, havia uma eternidade... o sangue jovem do Lobisomem nas mãos, o corpo semimorto e mutilado apoiado nele, e o pai gri-tando-lhe para jogar o homem ao mar.

— Terá que provar que o Quatro Dedos deu-a a você.

— Desculpe, tai-pan, não tenho que provar nada — replicou Paul Choy, Confiantemente. — Tenho apenas que apresentar a moeda e pedir o favor. Em segredo. Tudo em segredo, é o acordo. Se é a moeda verdadeira, a sua honra e o prestígio da Casa Nobre estão em jogo, e o fa...

— Sei o que está em jogo para mim. — Dunross fez a voz o mais áspera possível. — Você sabe?

— Senhor?

— Estamos na China. Muitas coisas curiosas acontecem na China. Acha que sou um idiota para ser logrado por uma lenda antiga?

O rapaz sacudiu a cabeça, a garganta apertada.

— Não, o senhor não é absolutamente nenhum idiota, tai-pan. Mas, se eu apresentar a moeda, o senhor concederá o favor.

— Qual é o favor?

— Primeiro acho que gostaria de saber se o senhor... se o senhor está convencido de que é uma das quatro. Eu estou convencido.

— Está mesmo?

— Estou, sim, senhor.

— Sabe que esta moeda foi roubada de Phillip Chen? Paul Choy fitou-o, depois recuperou-se rapidamente.

— Esta moeda é do Wu Quatro Dedos. Não sei nada de roubo algum. Ela veio do meu pai, é só o que sei. Era do meu pai.

— Devia devolvê-la a Phillip Chen.

— O senhor alguma vez a viu, esta moeda determinada, nas mãos dele?

Dunross já conversara com Phillip Chen sobre a moeda.

— Não há maneira de provar que ela é sua, Phillip? — perguntara-lhe.

— Nenhuma, tai-pan. Nenhuma — dissera o velho, torcendo as mãos.

Dunross mantinha os olhos fitos penetrantemente no jovem.

— Ela é de Phillip Chen. Paul Choy mexeu-se, irrequieto.

— Havia quatro moedas, tai-pan. A do sr. Chen deve ser uma das outras. Esta pertence... pertencia ao meu pai. Lembra-se do que ele disse em Aberdeen?

Dunross fitou-o, calado, tentando abalá-lo, lidando com ele à moda ocidental. Paul Choy vacilou, mas manteve o olhar firme. "Interessante", pensou Dunross. "Você é um Sacaninha durão, e bom. Será que é um emissário de "Wu Dente de Ouro, ou um ladrão, e está aqui por sua conta?" Deixou o silêncio pesar, usando-o para minar o seu oponente enquanto reconsiderava sua posição. No minuto em que Paul Choy telefonara, na véspera, solicitando uma entrevista, soubera qual o motivo dela. Mas, como cuidar daquilo?

"Quatro Dedos mal acabou de morrer e já tenho um novo inimigo", pensou, "forte, bem-treinado, com colhões às pampas. Mesmo assim, tem seus pontos fracos, como todo mundo. Como você. Gornt é um deles. Riko podia ser outro. Ah, Riko! O que há nela que o toca tanto?"

"Esqueça isso! Como recobrar a meia moeda antes do favor?"

— Imagino que tenha a sua metade com você. Vamos agora ao avaliador — disse, levantando-se, testando Paul Choy.

— Não, senhor, desculpe, mas não. — Paul Choy sentiu que seu coração ia estourar, a tira de couro à volta do seu pescoço virando repentinamente um nó corredio, a meia moeda queimando sua carne. — Desculpe, mas não acho que seja uma boa idéia.

— Acho que é uma idéia muito boa — continuou Dunross bruscamente, pressionando-o. — Iremos buscá-la. Vamos!

— Não. Não, obrigado, tai-pan. — Paul Choy falou com uma polidez firme que impressionou Dunross. — Podemos fazê-lo na semana que vem, por favor? Digamos, na próxima sexta? Não há pressa.

— Não estarei em Hong Kong na sexta-feira.

— Sim, senhor. Estará no Japão. Poderia me dar uma hora durante a sua visita ao país? A hora que lhe for conveniente. Para ir visitar um avaliador?

Os olhos de Dunross se estreitaram.

— Parece saber muita coisa, sr. Choy.

— Aqui é fácil descobrir qualquer coisa, senhor. O Japão seria melhor para ambos. Menos chance de uma... uma mancada, e no Japão somos ambos iguais.

— Está sugerindo que aqui o senhor não será?

— Não, não, tai-pan. Mas, como disse, estamos na China, coisas estranhas acontecem na China. Quatro Dedos e seu grupo também são bem relacionados. A moeda é jogada de pessoa para pessoa, tem que ser tratada dessa maneira. É o que eu acho.

Paul Choy agora estava suando, agradecendo a Deus pelo fato de que parte do favor era manter tudo em segredo. Desde que trouxera de volta o corpo de Quatro Dedos, estivera manobrando para obter poder na família. Finalmente, conseguira exatamente o que desejara, a posição especialíssima (em termos da Máfia) de consigliere, assessor-chefe de Wu Dente de Ouro, o filho mais velho, agora o chefe titular dos Wu Marítimos. "É o que somos", pensou, o

medo subindo à tona de novo. "Mafiosos chineses. Não há sangue em mim, também? Estava a bordo com o ópio. O que o Dente de Ouro sabe que eu não sei?"

— Pode confiar em mim, Dente de Ouro — dissera ao irmão, lutando pelo seu futuro.

— Infelizmente, tenho pouca escolha. Estou navegando em águas desconhecidas. Preciso de toda a ajuda que puder obter. Sua perícia será muito valiosa — dissera Dente de Ouro no seu inglês muito britânico, quando estavam nos estágios finais da negociação.

— Calculo que possamos trabalhar juntos.

— Sejamos francos, Irmão. Ambos estudamos em universidades, os outros não. Precisamos um do outro, e os Wu Marítimos precisam se modernizar. Não posso fazê-lo. Preciso de ajuda séria... meus anos dirigindo os Barcos do Prazer não me qualificam para o comando. Eu vivia pedindo, mas, bem, conhece o nosso pai. Santo Deus, não podia sequer mudar a taxa por hora de uma garota sem pedir a aprovação dele. Os quatro dedos dele estavam em todos os navios, em cada transação da frota.

— Claro, mas agora, se os capitães dele toparem as mudanças, daqui a um ano você terá a operação chinesa mais bem dirigida da Ásia.

— É exatamente o que desejo. Exatamente.

— E quanto ao ópio?

— Os Wu Marítimos sempre transportaram essa carga.

— E quanto às armas?

— Que armas?

— Ouvi boatos de que Quatro Dedos ia se meter em contrabando de armas.

— Não estou sabendo nada de armas.

— Vamos nos livrar do tráfico de ópio e heroína. Vamos ficar bem longe dos narcóticos. Não é verdade que ele ia se unir àqueles dois palhaços, Yuen Contrabandista e Lee Pó Branco?

— Boatos. Vou pensar no que sugeri. Mas que fique claro que agora sou o comandante da frota e o chefe dos Wu Marítimos. Minha decisão é definitiva. Vamos trocar idéias. Você será consigliere, com tudo o que isso implica, mas, se eu tomar uma decisão, será definitiva. Por exemplo, soube do golpe, o golpe da

Bolsa, que você deu sem a permissão dele. Foi brilhante, sem dúvida, mas isso não pode mais acontecer... devo ser consultado, e saber com antecedência.

— De acordo. Mas, de agora em diante, também estou trabalhando por conta própria. Pedi demissão da Gornt. Poderei continuar quaisquer negócios particulares que tenha começado com Quatro Dedos.

— E quais são?

— Na sexta-feira ele me adiantou dois milhões para jogar na Bolsa. Meu trato com ele era 17,5 por cento dos lucros. Quero todos os lucros.

— Cinquenta por cento.

— Noventa por cento. A partir de agora, não há nada que me prenda a Hong Kong. Mesmo a cinquenta por cento, se vender as ações atuais, e, a propósito, só eu sei quais são, já estarei valendo uns três milhões de dólares americanos.

Haviam barganhado e concordado em setenta por cento, sendo que os trinta por cento de Dente de Ouro seriam depositados numa conta numerada num banco da Suíça.

— Calculo que o mercado ainda vá subir por mais dois dias, depois vendo tudo. Minha decisão, certo?

— Certo. Lucrativo cai bem em você, Irmão Mais Moço, melhor do que Paul. Gostaria de ficar com Lucrativo. O que mais estava fazendo com o Quatro Dedos?

— Havia uma última jogada. Ele me fez jurar segredo, para sempre. Para sempre, com juramentos de sangue. Tenho que cumprir a vontade dele.

Relutante, Wu Dente de Ouro concordara, e agora, esperando que o tai-pan lhe respondesse sobre o Japão, a confiança do jovem estava transbordando. "Sou rico. Tenho todo o poder de Dente de Ouro, se precisar dele, tenho um passaporte americano e vou para o Havaí. No Japão há uma chance de eu passar a perna em Dunross... não, passar-lhe a perna, não, ele é bom demais para isso, mas quem sabe ali poderei ter uma avaliação justa para provar, definitivamente, que a minha moeda é verdadeira."

— O Japão seria conveniente para o senhor, tai-pan?

— Ouvi dizer que ganhou uma nota preta na Bolsa.

O jovem abriu um amplo sorriso, sem esperar a mudança de assunto.

— Sim, senhor. Estou com uns cinco milhões e meio de dólares americanos de lucro.

Dunross soltou um assobio.

— Nada mal para duas semanas de trabalho, Choy Lucrativo. Com quinze por cento de impostos — acrescentou, inocentemente.

O jovem fez uma careta e caiu na armadilha.

— Que diabo, sou cidadão americano e estou sujeito aos impostos americanos, esteja onde estiver. — Hesitou. — Tenho umas boas idéias que... escute, tai-pan, podíamos fazer um negócio que seria bom para o senhor e bom para mim.

Dunross viu os olhos de Paul Choy se apertarem, e sua cautela aumentou.

— O meu Velho confiava no senhor — disse o jovem. — O senhor e ele eram Velhos Amigos. Talvez eu pudesse herdar isso... ser digno disso, algum dia.

— Devolva a moeda livremente, e eu lhe concederei todo tipo de favores.

— As primeiras coisas em primeiro lugar, tai-pan. Primeiro, vamos descobrir se a minha moeda é verdadeira. No Japão, certo?

— Não. Ou aqui, ou nada feito! — exclamou Dunross bruscamente, resolvendo arriscar.

Os olhos de Paul Choy se estreitaram ainda mais. Abruptamente, também tomou a sua decisão. Enfiou a mão sob a camisa, pegou a moeda e colocou-a sobre a mesa.

— Em nome de Jin-qua, peço um favor do tai-pan da Casa Nobre.

No silêncio, Dunross fitou a moeda.

— E então?

— Primeiro: quero status de Velho Amigo, igual ao do Quatro Dedos, com tudo o que isso implica. Segundo: quero ser nomeado diretor da Struan por um período de quatro anos, com um salário igual ao dos outros diretores... para manter as aparências comprarei um bloco de ações na Bolsa, fazendo as minhas ações chegarem a

cem mil. — Sentiu uma gota de suor escorrer-lhe do queixo, no silêncio. — A seguir: quero uma joint venture, sociedade meio a meio, uma usina farmacêutica com a Struan, com um capital de seis milhões de dólares americanos... eu darei a metade dentro de trinta dias. Dunross fitou-o, perplexo.

— Para fazer o quê?

— O mercado para a farmacopéia em toda a Ásia é vasto. Poderíamos ganhar uma nota, com a sua experiência em fabricação, a minha em marketing. De acordo?

— Isso é tudo? Todo o favor?

— Três coisas mais. A...

— Só três? — perguntou Dunross, com sarcasmo evidente.

— Três. Primeiro, no ano que vem vou fundar outra Bolsa de Valores. Vou...

— Vai o quê? — perguntou Dunross, boquiaberto, realmente desconcertado.

Choy Lucrativo sorriu largamente e enxugou o suor do rosto.

— Claro. Uma Bolsa de Valores para os chineses, dirigida por chineses.

Subitamente, Dunross riu.

— Você tem colhões, Choy Lucrativo. Ora, se tem! A propósito, não é uma idéia nada má. O que tem a nova Bolsa a ver comigo?

— Só quero a sua benevolente assistência de Velho Amigo para começar, para impedir os gaudões de me bloquearem.

— Por cinqüenta por cento.

— Por condições internas muito favoráveis. Muito favoráveis, garantidas. Depois — o jovem apegou-se à sua esperança —, quero que me apresente ao Lando Mata e diga-lhe que me está apoiando como parte do grupo do meu pai, para fazer um lance para o monopólio do sindicato de jogatina e ouro. Está certo?

— Você falou em três coisas. Qual a última?

— Daqui a três anos, um lugar de administrador no Turf Club. Durante esse período, garanto doar um milhão de dólares americanos para qualquer instituição ou instituições de caridade que o senhor indicar, apoiarei todas as causas dignas, e juro por Deus que tornarei a coisa o mais fácil possível para o senhor. — O rapaz enxugou o suor. — Acabei.

Dunross hesitou.

— Se a moeda for verdadeira, concordarei com tudo, exceto com a parte sobre Lando Mata.

— Não. Isso faz parte do acordo.

— Não concordo.

— Não pedi nada ilegal, nada que não possa conce...

— Menos o Lando Mata!

O rapaz soltou um suspiro. Tirou a moeda da mesa, olhou para ela.

— Se ele está fora, todo o acordo está cancelado, e vou fazer o pedido de Wu Quatro Dedos em seu lugar. Ainda é a mesma moeda — disse, preparando-se para a última cartada.

— É?

— E isso o tornará ligado a narcóticos, armas, e tudo o que o senhor detesta, mas que terá que respeitar. Desculpe, tai-pan, mas estou jogando para ser um ancestral. — Largou a moeda de volta sobre a mesa. — O senhor decide.

Dunross ficou subitamente perturbado. O favor fora expresso inteligentemente. Nada ilegal, nada extravagante. Paul Choy se saíra muito bem contra ele. Bem demais. Quatro Dedos ele conhecia direitinho. "Mas esse aí, esse rebento do demônio? Não posso me arriscar com narcóticos... ele sabe disso."

Para dar-se tempo, Dunross tirou do bolso a sacolinha de seda e pôs a sua moeda sobre a mesa. Juntou a sua metade à outra. Encaixaram-se perfeitamente.

Sem sentir, os dois homens soltaram a respiração, fitando a moeda agora unificada que os prenderia um ao outro para sempre. Dunross sabia que era perda de tempo, mas iria ao avaliador assim mesmo. Por um momento, segurou as duas metades na mão. "O que vou fazer com esse sacana atrevido?", perguntou-se. "Ah, uma boa idéia! Entregar o problema a Phillip Chen."

— Muito bem, Choy Lucrativo — disse, colocando-o no topo de sua lista particular de pessoas suspeitas. — Concordo em conceder-lhe o favor... se a sua metade for verdadeira... exceto que pedirei ao Lando, não posso ordenar-lhe nada. Está bem?

— Obrigado, tai-pan, não vai se arrepender. — Molhado de alívio, Choy Lucrativo apresentou uma lista de nomes. — Eis aqui todos os peritos avaliadores de Hong Kong. Quer escolher um? Eu... bem... verifiquei, e todos ficam abertos até as sete horas.

Dunross deu um leve sorriso.

— Tem muita confiança em si mesmo, Choy Lucrativo.

— Só tento me manter à frente do jogo, senhor.

Casey saiu do Edifício Struan e foi até o Rolls que a esperava. Prontamente, Lim abriu a porta para ela. Recostou-se nas almofadas, sem sentir nada, sem saber de nada, exceto que sua angústia a estava consumindo, e que a qualquer momento ia desmoronar, nem mesmo notando que o Lim metera o carro no tráfego denso para se dirigir para a balsa.

As lágrimas estavam muito perto. "Tanto tempo ainda antes de partirmos!", pensou. "Todas as malas já feitas e enviadas para o avião. Já saí do hotel, paguei todas as contas, mas ainda resta tanto tempo!"

Por um momento, chegou a pensar em mandar parar o carro e sair andando a esmo, mas aquilo seria pior, nenhuma privacidade, nenhuma proteção, e ela se sentia tão arrasada! "No entanto, preciso sair, ficar sozinha. Preciso. Oh, Deus, Linc, pobre Linc!"

— Lim — disse, obedecendo a um impulso —, vá até o Pico.

— Senhorita?

— Siga até o topo do Pico, até o mirante. Por favor — pediu, tentando desesperadamente manter o tom de voz normal. — Eu, eu ainda não estive Iá. Quero ir antes de partir. Por favor.

— Sim, senhorita.

Casey recostou-se e fechou os olhos contra as lágrimas que jorravam, silenciosas.

90

18h45m

O sol estava quase se pondo.

Lá em Lo Wu, a aldeia na fronteira entre a colônia e a China, os bandos costumeiros de chineses cruzavam a ponte nas duas direções. A ponte mal tinha cinqüenta metros de comprimento, e ficava sobre um riachinho lamacento, e no entanto, para alguns, aqueles cinqüenta metros eqüivaliam a um milhão de quilômetros. Nas duas extremidades havia casas de guarda e postos de controle da Imigração e da alfândega, e, no meio, uma pequena barricada removível. Dois policiais de Hong Kong e dois soldados da RPC montavam guarda ali. Dois trilhos de trem cruzavam a ponte.

Antigamente, os trens vinham de Cantão para Hong Kong, e vice-versa, sem parar. Mas agora os trens de passageiros paravam de cada lado, e os passageiros atravessavam a pé. E os trens

voltavam por onde tinham vindo. Os trens de carga vindos da China passavam sem problemas. Na maior parte dos dias.

Cada dia, centenas de habitantes locais cruzavam a fronteira como cruzariam qualquer estrada. Seus campos de trabalho ficavam dos dois lados da fronteira, havia gerações. Essa gente da fronteira era vigorosa, desconfiada, odiando mudanças, odiando interferência, odiando fardas, odiando especialmente a polícia e qualquer tipo de estrangeiros. Para eles, como para a maioria dos chineses, um estrangeiro era qualquer um que não pertencesse à sua aldeia. Para eles não havia fronteira, jamais poderia haver fronteira.

A ponte de Lo Wu era um dos locais isolados mais sensíveis em toda a China... ela e mais dois outros locais de cruzamento. Um deles ficava em Mau Kam Toh, onde gado e legumes entravam diariamente por uma ponte desconjuntada sobre aquele mesmo riacho, que marcava a maior parte da fronteira. O último, na extremidade oeste da fronteira, ficava na aldeia pesqueira de Tau Kok. Ali, a fronteira não era demarcada, mas, por acordo comum, acompanhava o curso da única rua da aldeia.

Esses eram os únicos pontos de contato da China com o Ocidente. Tudo era meticulosamente controlado e vistoriado... pelos dois lados. A tensão e as atitudes dos guardas eram um barômetro.

Naquele dia, os guardas do lado comunista de Lo Wu estavam nervosos. Por causa disso, o lado de Hong Kong também estava nervoso, sem saber o que esperar... talvez um fechamento repentino, talvez uma invasão repentina, como a do ano anterior, já que a colônia existia por capricho da China.

— E esse é um fato da vida — resmungou o inspetor-chefe Smyth. Naquele dia fora destacado para Lo Wu, serviço especial, e estava de pé, inquieto, perto da delegacia de polícia, que se situava discretamente a uns cem metros da fronteira real, para não ofender ou criar caso. "Porra", pensou, "criar caso? Um traque em Londres poderia dar início a uma marcha de milhões de refugiados para cá... se os poderosos do outro lado da fronteira decidissem que aquele punzinho era uma afronta à dignidade da China." — Vamos logo, puta que o pariu! — exclamou com impaciência, a camisa caqui grudada às costas, os olhos voltados para a estrada que levava a Hong Kong. Estava empoçada, e se enroscava a perder de vista. Então, na distância, viu o carro da polícia se aproximando. Muito aliviado, foi recebê-lo. Armstrong saltou. Depois Brian Kwok. Smyth saudou Armstrong com o seu bastão para disfarçar o choque. Brian Kwok estava à paisana. Tinha um olhar curioso, vago, apavorado. — Alô, Robert! — disse Smyth.

— Alô! Desculpe o atraso — disse Armstrong.

— São só uns minutinhos. Na verdade, disseram-me ao pôr-do-sol.

Smyth apertou os olhos na direção do oeste. O sol ainda não se pusera. Voltou a atenção para Brian Kwok. Era difícil não demonstrar o seu desprezo.

O chinês alto e bonito pegou um maço de cigarros. Seus dedos tremiam ao oferecê-lo a Smyth.

— Não, obrigado — disse Smyth friamente. Armstrong aceitou um. — Pensei que tinha parado de fumar.

— Parei. Recomecei.

Brian Kwok soltou uma risada nervosa.

— Temo que seja por minha culpa. Robert vem tentando manter... manter o Crosse e os anjos dele longe do meu pé.

Nenhum dos homens achou graça.

— Vem mais alguém? — perguntou Smyth.

— Acho que não. Não oficialmente. — Armstrong olhou ao seu redor. Havia os habituais espectadores interessados, mas pareciam casuais. — Mas estão aqui. Em algum lugar. — Os dois homens sentiram os pêlos da nuca se arrepiarem. — Pode prosseguir.

Smyth pegou um documento formal.

— Wu Chu-toy, aliás Brian Kar-shun Kwok, você é formalmente acusado de espionagem contra o governo de Sua Majestade, em favor de uma potência estrangeira. Com a autoridade da Ordem de Deportação de Hong Kong, ordena-se formalmente que seja expulso da colônia da Coroa. Se voltar, está formalmente avisado de que o fará por sua conta e risco, e que é passível de detenção e prisão, segundo a vontade de Sua Majestade.

Com ar sombrio, Smyth entregou-lhe o papel. Brian Kwok segurou-o. Parecia levar muito tempo para ver e ouvir, seus sentidos embotados.

— Agora... o que vai acontecer? Smyth falou:

— Você atravessa aquela maldita ponte e volta para os seus cupinchas.

— Hem? Acha que sou um idiota? Acha que acredito que estão, estão me soltando? — Brian Kwok virou-se bruscamente para Armstrong. — Robert, estou lhe dizendo que eles estão brincando comigo, com você, jamais me soltarão! Você sabe disso!

— Você está livre, Brian.

— Não... não, sei o que está acontecendo. No momento em que eu estiver... estiver quase Iá, eles me trarão de volta. É a tortura da esperança, não é? — Sua voz estava ficando estridente, um pouco de espuma se formando no canto dos lábios. — Mas, é claro! A tortura da esperança.

— Puta que o pariu, já lhe disse que está livre! Está livre para partir — disse Armstrong, a voz dura, querendo terminar tudo. — Vá, puta que o pariu! Não me pergunte por quê, mas eles o estão soltando. Vá!

Cheio de descrença, Brian Kwok limpou a boca, começou a falar, interrompeu-se.

— Vocês... é uma... é uma mentira, tem que ser!

— Va!

— Está bem, eu... — Brian Kwok deu um passo, depois parou. Eles não se tinham movido. — Estão... estão falando sério?

— Estamos.

Brian Kwok estendeu a mão trêmula para Smyth, que olhou para ela, depois para o rosto dele.

— Se dependesse de mim, você seria fuzilado. Um lampejo de ódio passou pelo rosto de Kwok.

— E quanto a você e à sua corrupção? E quanto à venda de proteção...

— Não vamos começar com isso! H'eung yau faz parte da China! — rosnou Smyth, e Armstrong concordou com um aceno de cabeça, inquieto, lembrando-se dos primeiros quarenta mil que jogara no sábado. — Um tutuzinho por fora é um antigo costume chinês — continuou Smyth, tremendo de raiva. — A traição, não. Fong-fong foi um dos meus rapazes antes de ir para o sei. Vá tomar no eu e atravesse logo essa porra de ponte, antes que eu o faça atravessar a chicotadas!

Brian Kwok começou a falar, parou. Desoladamente, ofereceu a mão a Armstrong, que a apertou, sem amizade.

— Isso é só pelos velhos tempos, pelo Brian que conheci. Também não aprovo os traidores.

— Eu... eu sei que fui drogado, mas obrigado.

Brian Kwok recuou, ainda suspeitando de um truque, depois se virou. De poucos em poucos segundos olhava para trás, apavorado de que estivessem vindo atrás dele. Quando seus pés indecisos chegaram à ponte, começou a correr desesperadamente. A tensão atingiu o auge. A polícia na barricada não o deteve. Nem os soldados. Os dois lados, avisados com antecedência, fingiram não notá-lo. As pessoas que atravessavam de cada lado dos trilhos, bicicletas, pedestres, carroças, a maior parte carregadas, não lhe deram nenhuma atenção. Do outro lado da barricada, Brian Kwok parou bruscamente e se virou.

— Vamos vencer, vamos vencer, vamos vencer, vocês sabem!
— gritou para eles, o peito ofegando. — Vamos!

Depois, ainda suspeitando de um truque, ele se curvou e fugiu para a China. Perto do trem, Armstrong e Smyth viram um grupo indefinido de pessoas interceptá-lo, mas agora ele já estava longe demais para que eles pudessem enxergar com clareza. A tensão na ponte decresceu. O sol começou a se pôr.

Na pequena torre de observação em cima da delegacia, Roger Crosse observava com um binóculo de alta potência. Estava bem escondido. Ao lado dele estava um operador do sei com uma câmara telescópica, igualmente escondido. Sua fisionomia se fechou. Um dos homens que fora receber Brian Kwok era Tsu-yan, o milionário desaparecido.

O sol tinha quase se escondido sob os mares ocidentais. Casey estava no mirante do Pico, Hong Kong inteira espalhada lá embaixo, as luzes acesas ao crepúsculo, parte da cidade e de

Kowloon cor de sangue, parte já escura, com sombras profundas e luzes faiscantes. O sol desapareceu, e a noite, a noite de verdade, começou.

Mas ela não enxergava a beleza de tudo aquilo. Seu rosto estava molhado das lágrimas. Estava apoiada no gradil do canto mais afastado, indiferente. Os outros turistas e pessoas que esperavam nos pontos de ônibus próximos a deixaram em paz... todos preocupados demais com a própria vida.

— Por todos os deuses, ganhei uma fortuna hoje...

— Comprei logo cedo, e dobrei a porra do meu dinheiro ...

— Ayeeyah, eu também, e passei a maior parte do dia negociando um empréstimo do Best Bank contra a minha carteira de ações...

— Graças aos deuses que o Reino Médio salvou a pele daqueles demônios estrangeiros estúpidos...

— Comprei Casa Nobre a 20...

— Soube que desenterraram mais dois corpos em Kotewall, e que agora o total atingiu sessenta e sete mortos?...

— Joss! Não é uma maravilha a alta da Bolsa? A previsão do Velho Cego Tung deu certo de novo...

— Soube da minha irmã, a Terceira Arrumadeira Fung, do Grande Hotel? Ela e o seu grupo compraram na pior hora, e agora é milionária...

Casey não ouvia nada, não via nada, o sofrimento dominando-a completamente. Gente que ia e vinha, alguns namorados. Os únicos europeus eram turistas com as suas máquinas fotográficas. Casey se escondeu deles da melhor maneira que pôde.

— Posso ajudar em alguma coisa? — um deles perguntou.

— Não, não, obrigada — replicou, a voz monótona, sem olhar para ele, impotente para deter as lágrimas.

"Tenho que parar", pensou. "Tenho que parar. Tenho que começar de novo. Tenho que começar de novo, ser forte e viver, por mim e pelo Linc. Tenho que protegê-lo, e ao que é dele, tenho que ser forte, ser forte.

"Mas como?"

— Não vou me largar — disse para si mesma, em voz alta. — Não vou. Tenho que pensar.

"Tenho que pensar no que o tai-pan disse. Não no casamento, oh, Linc, nisso não. Tenho que pensar em Orlanda. 'Será demais esperar que elas sejam amigas?' Será que ele disse mesmo isso?"

"O que fazer com relação a ela?"

"Enterrá-la. Ela tirou o Linc de mim. É. Mas isso estava dentro das minhas regras, as regras que estabeleci. O Ian tem razão. Ela não é como o Quillan, e foi o Linc... foi ele que gamou por ela, que saiu com ela. Ela não é como Quillan Gornt."

Quillan. E quanto a ele? Fora ao hotel naquela tarde, oferecendo-lhe novamente qualquer ajuda de que precisasse. Ela lhe agradecera e recusara.

— Estou bem, Quillan. Tenho que resolver isso por mim mesma. Não, por favor, não vá se despedir de mim. Por favor. Talvez daqui a trinta dias eu esteja de volta. Estarei melhor, então.

— Vai assinar com a Struan?

— Vou. É o que quero fazer. Desculpe.

— Não há por que se desculpar. Já foi avisada. Mas isso não a impede de jantar comigo na primeira noite em que chegar. Certo?

— Certo.

"Oh, Quillan, o que vou fazer com você?

"Nada durante trinta dias. Linc precisa dos próximos trinta dias. Totalmente. Tenho que protegê-lo dos abutres."

Seymour Steigler, por exemplo. Pela manhã fora à suíte dela.

— Ei, Casey, providenciarei o caixão e...

— Está providenciado, tudo já foi feito.

— Não diga! Formidável. Escute, já fiz as malas. Jannelli pode levá-las, e estarei no aeroporto com tempo de sobra para poder...

— Não. Vou levar o Linc para casa sozinha.

— Mas que diabo, Casey, temos um bocado de coisas para conversar. Há o testamento dele, os negócios da Par-Con. Agora temos tempo de resolvê-los direitinho. Podemos adiar, e quem sabe ganhar uns pontinhos. Nós...

— Tudo isso pode esperar. Vejo você em Los Angeles. Tire uns dias de folga, Seymour. Esteja de volta na segunda-feira.

— Segunda? Pela madrugada, há um milhão de coisas a serem feitas! Os negócios do Linc vão levar um ano para se desembaraçarem. Temos que arranjar orientação depressa. Claro, a melhor da cidade. Vai ser a primeira coisa que farei, arranjar o melhor. Não se esqueça da viúva e dos filhos dele. Ela vai entrar na justiça em nome deles, claro que vai... e além disso, existe você! Que diabo, você tem direito a uma gorda fatia! Nós também vamos entrar na justiça, pois você não foi uma mulher para ele durante sete anos...

— Seymour, está despedido! Suma daqui e...

— Que diabo deu em você? Só estou pensando nos seus direitos legais e...

— Não escuta bem, Seymour? Está despedido!

— Não pode me despedir. Tenho direitos. Tenho um contrato!

— Você é um filho da puta. Vai ganhar o máximo para liquidar o seu contrato, mas se sair atrás de mim ou do Linc ou dos negócios do Linc, cuidarei para que não ganhe nada. Nada. Agora, suma daqui e vá para o inferno!

Casey enxugou as lágrimas, lembrando-se da sua raiva explosiva. "Bem, ele é um filho da puta. Nunca tive certeza antes, mas agora tenho. Que bom que o despedi! Aposto qualquer quantia que ele sairá farejando como uma hiena. Claro. Aposto que irá procurar a ex-sra. Bartlett, se já não ligou para ela, e aticá-la para representar a prole dela num ataque contra a Par-Con e o Linc. Claro, aposto qualquer quantia que o verei nos tribunais, de uma maneira ou de outra.

"Bem, que Deus me ajude, juro que ele não vai me derrotar. Protegerei o Linc, custe o que custar.

"Esqueça aquele filho da mãe, Casey. Esqueça as batalhas que vai ter que lutar, concentre-se no agora. E quanto a Orlanda? Linc, Linc gostava dela... amava-a, talvez. Amava? Não sei ao certo. E jamais saberei.

"Orlanda.

"Devo ir vê-la?"

91

20h05m

Orlanda estava sentada na escuridão do seu quarto no Hotel Mandarin, fitando a noite. Sua dor se esgotara.

"Joss o que houve com o Linc", disse a si mesma pela décima milésima vez. "Joss. Agora tudo está como era antes. Tudo tem que recomeçar. Os deuses riram de mim de novo. Talvez haja uma nova chance... claro que vai haver uma nova chance. Há outros homens... Ah, Deus! Não se preocupe, tudo vai continuar como era. Quillan disse para eu não me preocupar, que a minha mesada vai continuar..."

O telefone tocou, sobressaltando-a.

— Pronto?

— Orlanda? É Casey. — Orlanda sentou-se ereta, de cho-fre, atônita. — Vou partir hoje à noite, mas queria vê-la antes de ir embora. Seria possível? Estou aqui embaixo.

Sua inimiga lhe telefonando? Por quê? Para se vangloriar? Mas as duas tinham perdido.

— Está bem, Casey — disse, hesitante. — Quer subir? Aqui ficaremos mais à vontade. 363.

— Certo, 363.

Orlanda acendeu a luz e correu para o banheiro para dar uma olhada no rosto. Viu tristeza e lágrimas recentes... mas não viu sinais de velhice. Ainda não. Mas a velhice vinha vindo, pensou, sentindo um arrepio de apreensão. Passou um pente nos cabelos e pintou um pouco os olhos. Não precisava de mais nada. Por enquanto.

"Pare com isso! A velhice é inevitável. Seja asiática! Mantenha-se consciente."

Calçou os sapatos. A espera parecia longa. Seu coração doía dentro do peito. A campainha tocou. A porta se abriu. Cada uma

percebeu na outra a própria desolação.

— Entre, Casey.

— Obrigada.

O quarto era pequeno. Casey notou duas pequenas valises encostadinhas junto à cama.

— Também vai partir? — perguntou, a própria voz lhe soando tão distante.

— Vou. Vou me hospedar na casa de amigos dos meus pais. O hotel é... bem... é um pouco caro. Meus amigos disseram que posso ficar com eles até achar outro apartamento. Sente-se, por favor.

— Mas está coberta pelo seguro? Orlanda piscou.

— Seguro? Não, não, acho que não. Nunca... não, acho que não.

— Quer dizer que perdeu tudo? — indagou Casey, com um suspiro.

— Joss. — Orlanda alçou ligeiramente os ombros. — Não faz mal. Tenho um dinheirinho no banco e... estou bem. — Viu o sofrimento no rosto de Casey, e sentiu compaixão. — Casey — falou rapidamente —, sobre o Linc. Não estava tentando prendê-lo numa armadilha, não para nada de ruim. É verdade que o amava, e é verdade que teria feito qualquer coisa para casar com ele, mas isso é apenas justo, e acredito sinceramente que teria sido uma mulher maravilhosa para ele, teria me esforçado muito para ser a melhor, sinceramente. Eu o amava mesmo e... — Novamente o ligeiro alçar de ombros.

— Você sabe. Sinto muito.

— É, eu sei. Não há necessidade de se desculpar.

— A primeira vez que a vi, em Aberdeen, na noite do incêndio — Orlanda continuou, rapidamente —, pensei que o Linc era tolo, que talvez você fosse tola por não... — Soltou um suspiro. — Talvez você tenha razão, Casey, não há nada para conversarmos. Principalmente agora.

As lágrimas recomeçaram. E as lágrimas dela, a sua realidade, trouxeram lágrimas aos olhos de Casey.

Por um momento ficaram ali sentadas, as duas mulheres. Depois Casey pegou um lenço de papel, secou os olhos, sentindo-se

péssima, sem ter resolvido nada, desejando agora terminar rapidamente o que havia começado. Pegou um envelope.

— Aqui tem um cheque no valor de dez mil dólares americanos. Acho...

Orlanda soltou uma exclamação abafada.

— Não quero o seu dinheiro! Não quero nada de...

— Não é da minha parte, é do Linc. Ouça um momento.

— Casey contou-lhe o que Dunross dissera sobre Bartlett. Tudo. Repeti-lo a destroçava novamente. — Foi o que o Linc disse. Acho que era com você que queria se casar. Pode ser que eu esteja errada. Não sei. Mesmo assim, ele gostaria que você tivesse algum dinheiro do dane-se... alguma proteção.

Orlanda sentiu que seu coração ia estourar ante a ironia daquilo tudo.

— Linc falou "padrinho de casamento"? De verdade?

— Foi.

— E para sermos amigas? Queria que fôssemos amigas?

— Queria — disse Casey, sem saber se estava fazendo a coisa certa, o que Linc teria querido. Mas, sentada ali, vendo a beleza juvenil e terna, os olhos grandes, a pele exótica que não precisava de maquilagem, o corpo perfeito, novamente não pôde culpá-la. Nem ao Linc. "A culpa foi minha. Não dele e nem dela. E sei que o Linc não a teria deixado abandonada. Sendo assim, também não posso. Por ele. Queria que fôssemos amigas. Talvez possamos ser."
— Por que não tentamos? — perguntou. — Escute, Hong Kong não é lugar para você. Por que não tenta outro lugar?

— Não posso. Estou presa aqui, Casey. Não sei fazer nada. Não sou nada. Meu diploma não vale nada. — As lágrimas voltaram.
— Sou... ficaria louca marcando relógio de ponto.

Seguindo um impulso repentino, Casey disse:

— Por que não tenta os Estados Unidos? Talvez eu possa ajudá-la a arrumar um emprego.

— Como?

— É. Quem sabe no mundo da moda... não sei exatamente o quê, mas posso tentar.

Orlanda a fitava, incrédula.

— Você me ajudaria, de verdade?

— Sim. — Casey colocou o envelope e seu cartão em cima da mesa, e levantou-se, o corpo todo doído. — Vou tentar.

Orlanda dirigiu-se para ela e abraçou-a.

— Oh, obrigada, Casey, obrigada.

Casey devolveu o abraço, as lágrimas das duas se misturando.

A noite agora estava escura, com pouca luz vindo da lua pequena, que aparecia de vez em quando por entre as nuvens altas. Roger Crosse caminhou em silêncio até o portão meio oculto nos muros altos que cercavam o Palácio do Governo, e usou a sua chave. Trancou o portão atrás de si, caminhou rapidamente pela trilha, mantendo-se nas sombras. Perto da casa, fez um desvio e foi para o lado leste, desceu alguns degraus até a soleira de uma porta e usou outra chave.

A porta se abriu, também silenciosamente. O sentinela armado, um gurkha, mantinha o rifle em posição.

— A senha, senhor!

Crosse deu a senha. A sentinela bateu continência e se afastou para o lado. No fundo do corredor, Crosse bateu à porta, que foi aberta pelo ajudante-de-ordens do governador.

— Boa noite, superintendente.

— Espero não tê-lo feito esperar.

— Não, de modo algum.

O homem foi na frente, seguindo, por porões que se comunicavam, até uma porta espessa de ferro instalada numa caixa de concreto toscamente construída no meio do porão principal, uma adega, com prateleiras de vinhos próximas. Pegou a chave única e destrancou-a. A porta era muito pesada. Crosse entrou sozinho e fechou a porta atrás de si. Depois de entrar e trancar a porta, relaxou. Agora estava totalmente protegido de ouvidos e olhares indiscretos. Ali era o Santuário dos Santuários, uma sala de conferência para conversas muito particulares, a sala de concreto e

centro de comunicações construídos laboriosamente por oficiais de confiança do sei, britânicos apenas, para assegurar que não houvesse dispositivos de escuta inimigos inseridos nas paredes (a estrutura inteira era testada semanalmente por peritos da Divisão Especial), para o caso de haver elementos infiltrados.

Num dos cantos ficava o complicado transmissor, altamente sofisticado, que fornecia os sinais para o aparelho, que os misturava num código indecifrável para os inimigos, daí para o complexo de antenas no topo do Palácio do Governo, daí para a estratosfera, daí para Whitehall.

Crosse ligou-o. Ouviu um zumbido reconfortante.

— O ministro, por favor. Aqui fala Asiático Um. Sentia grande prazer em usar seu codinome interno.

— Sim, Asiático Um?

— Tsu-yan era uma das pessoas que foi receber o espião, Brian Kwok.

— Ah, então podemos cortá-lo da nossa lista.

— Os dois, senhor. Agora estão isolados. No sábado, o desertor Joseph Yu foi visto atravessando a fronteira.

— Diabo! É melhor designar uma equipe para vigiá-lo. Temos pessoal no centro atômico deles em Siankiang?

— Não, senhor. Contudo, corre um boato de que Dunross vai encontrar-se com o sr. Yu em Cantão, dentro de um mês,

— Ah, e quanto ao Dunross?

— É leal... mas jamais trabalhará para nós.

— E quanto ao Sinderson?

— Atuou bem. Não o considero um risco de segurança.

— Ótimo. E quanto ao Ivánov?

— Zarpou ao meio-dia. Não achamos o corpo de Suslev... vamos levar semanas para vasculhar todos aqueles escombros. Com a morte do Plumm, teremos que reconsiderar a Sevrin.

— É um stratagema bom demais para deixar morrer, Roger.

— Sim, senhor. O outro lado vai pensar a mesma coisa. Quando o substituto de Suslev chegar, verei o que eles têm em mente, depois podemos formular um plano.

— Ótimo. E quanto ao De Ville?

— Vai ser transferido para Toronto. Por favor, avise à Polícia Montada. A seguir, sobre o porta-aviões nuclear: cinco mil e quinhentos oficiais e marinheiros, oitenta e três mil trezentos e cinqüenta toneladas, oito reatores, velocidade máxima de sessenta e dois nós, quarenta e dois Phantoms II F-4, com capacidade nuclear, dois Hawks Mark V. Curiosamente, sua única defesa contra um ataque é uma fileira de SAM a boreste...

Crosse continuou a fazer o seu relatório, muito satisfeito consigo mesmo, adorando o seu trabalho, adorando estar dos dois lados, de três, lembrou a si mesmo. É, agente triplo, com dinheiro de sobra, os dois lados sem confiar nele completamente e, no entanto, precisando dele, rezando para que estivesse do lado deles... não dos outros.

"Às vezes, até eu mesmo me pergunto de que lado estou", pensou, com um sorriso.

No terminal de Kai Tak, Armstrong estava encostado pesadamente ao balcão de informações, vigiando a porta, sentindo-se podre. Como sempre, o terminal estava fervilhando. Para sua surpresa, viu Peter Marlowe chegar com Fleur Marlowe e as duas filhas, carregando bonecas e valises. Fleur estava pálida e abatida. Marlowe também. Estava carregado de malas.

— Alô, Peter — cumprimentou Armstrong.

— Alô, Robert. Está fazendo serão?

— Não, só vim trazer a Mary. Partiu para a Inglaterra para um mês de férias. Boa noite, sra. Marlowe, lamento o que aconteceu.

— Ora, obrigada, superintendente, estou bem...

— Vamos para Binkok — interrompeu a menina de quatro anos, solenemente. — Fica no cotinete.

— Que é isso, sua boba? — falou a irmã. — É Bunkok, no continente. É a China — acrescentou, com ar importante. — Também vamos tirar férias. Mamãe esteve doente.

Peter Marlowe sorriu com ar cansado, o rosto vincado.

— Bangkok durante uma semana, Robert. Umas férias para Fleur. O velho dr. Tooley disse que era importante para ela ter um descanso. — Interrompeu-se ao ver que as duas meninas estavam discutindo. — Quietas, as duas! Querida — disse para a mulher —, vá confirmar as nossas passagens. Daqui a pouco eu vou.

— Claro. Vamos indo. Ora, comportem-se, vocês duas! Afastou-se, as duas meninas saltitando à sua frente.

— Infelizmente, as férias não vão ser Iá grande descanso para ela — disse Peter Marlowe. A seguir, baixou a voz. — Um dos meus amigos pediu-me que passasse adiante a informação de que a reunião em Macau da turma dos narcóticos será nesta quinta-feira.

— Sabe onde?

— Não. Mas parece que o Lee Pó Branco é um deles. E um americano. Banastasio. É o que dizem.

— Obrigado. E?

— É só.

— Obrigado, Peter. Faça uma boa viagem. Ouça, há um sujeito na polícia de Bangkok que você deve procurar. Inspetor Samanthajal... diga a ele que fui eu que o mandei.

— Obrigado. Uma desgraça o que houve com o Linc Bartlett e os outros, não? Santo Deus, e eu também fui convidado para aquela festa.

— Joss.

— É. Mas isso não o ajuda, nem aos outros, não é? Pobres coitados! Até a semana que vem.

Armstrong ficou vendo o homem alto se afastar, depois voltou para o balcão de informações e se apoiou nele, continuando a sua espera, desolado.

Seus pensamentos voltavam-se inexoravelmente para Mary. Na noite anterior tinham tido uma briga dos diabos, principalmente por causa de John Chen, mas também por causa dos últimos dias, Brian e o Quarto Vermelho e o fato de pegar o dinheiro, apostando-o todo em Pilot Fish, esperando agoniado, depois ganhando e devolvendo os quarenta mil à gaveta da mesa de trabalho — sem precisar mais tocar num só centavo —, e pagando suas dívidas e comprando uma passagem para ela, para casa, e depois outra briga, e ela dizendo:

— Esqueceu o nosso aniversário de casamento! Não é tão importante assim para ser lembrado, é? Oh, odeio este maldito lugar, e os malditos Lobisomens, e o maldito tudo. Não me espere de volta!

Desanimado, acendeu um cigarro, detestando o gosto, e no entanto apreciando-o. O ar estava úmido de novo, desagradável. Então, viu Casey entrar. Apagou o cigarro e foi interceptá-la. O andar pesado dela entristecia-o.

— Boa noite — cumprimentou, sentindo-se muito cansado.

— Ah, alô, superintendente. Tudo bem?

— Tudo. Vou acompanhá-la.

— Ah, quanta gentileza!

— Lamentei à beça o que houve com o sr. Bartlett.

— É. É, obrigada.

Continuaram a andar. Ele sabia que não devia mais falar. O que havia para se dizer? Uma pena, pensou, gostando dela,

admirando-lhe a coragem, provada no incêndio, provada na encosta, provada agora, mantendo a voz firme quando estava completamente destruída.

Não havia alfândega para quem partia. O funcionário da Imigração carimbou o passaporte dela e devolveu-o com uma cortesia fora do comum.

— Por favor, faça boa viagem e volte logo. A morte de Bartlett fora manchete.

Seguiram pelos corredores até a sala vip. Armstrong abriu a porta para ela. Para surpresa de ambos, Dunross estava lá. A porta de vidro para o portão 16 e a pista estava aberta, o Yankee 2 logo além dela.

— Oh, oh, alô, Ian! — disse ela. — Mas eu não queria que você...

— Tive que vir, Casey. Desculpe. Tinha umas coisinhas a acertar com você, e vim esperar um avião. Meu primo está vindo de Formosa... foi arranjar os locais das fábricas, dependendo da sua aprovação. — Dunross lançou um olhar para Armstrong. — Boa noite, Robert. Tudo bem?

— O mesmo de sempre. — Armstrong estendeu a mão para Casey e deu-lhe um sorriso cansado. — Já vou indo. Faça uma boa

viagem. Tudo estará liberado logo que subir a bordo.

— Obrigada, superintendente. Quero... obrigada. Armstrong cumprimentou Dunross com um gesto de cabeça e começou a se retirar.

— Robert, aquela mercadoria foi entregue em Lo Wu? Ele fingiu pensar.

— Sim, creio que sim — disse, vendo o alívio do outro.

— Obrigado. Pode esperar um momentinho? Gostaria de saber mais detalhes.

— Pois não — retrucou Armstrong. — Estarei esperando Iá fora.

Quando estavam a sós, Dunross entregou a Casey um envelope fino.

— Este é um cheque administrativo no valor de setecentos e cinqüenta mil dólares americanos. Comprei ações da Struan para você a 9,50 e vendi a 28.

— Como?

— Bem, eu comprei logo para nós... a 9,50, como prometi que faria. Sua parte do negócio foi três quartos de um milhão. A Struan ganhou milhões. Eu também ganhei milhões, assim como Phillip e Dianne; deixei que soubessem cedo, também.

Ela não conseguia aceitar.

— Desculpe, não estou entendendo.

Ele sorriu e repetiu o que dissera, depois acrescentou:

— Há também outro cheque... no valor de um quarto de milhão de dólares americanos pela sua participação na compra de controle da General Stores.

— Não acredito — disse ela, soltando uma exclamação abafada.

Um sorriso fugaz passou pelo rosto dele.

— É. Daqui a trinta dias, outros três quartos de milhão estarão à sua disposição. Daqui a sessenta dias poderemos adiantar

mais meio milhão, se for necessário.

Atrás dela, na cabine do Yankee 2, Jannelli acionou o primeiro motor a jato, que deu sinal de vida, ruidosamente.

— É o bastante para você ir levando? — perguntou. Ela mexeu a boca, sem emitir som. Depois disse:

— Um quarto de milhão?

— É. Na verdade, chega a um milhão... os dois cheques juntos. A propósito, não se esqueça de que agora é a tai-pan da Par-Con. Esse foi o verdadeiro presente do Linc para você. Tai-pan. O dinheiro não é importante. — Deu-lhe um amplo sorriso e um súbito abraço brusco. — Boa sorte, Casey. Até daqui a trinta dias. Certo?

O segundo motor começou a funcionar, ruidosamente.

— Um milhão de dólares americanos?

— É. Mandarei que Dawson lhe envie alguns conselhos fiscais. Como o seu lucro é dinheiro de Hong Kong, estou certo de que haverá meios legítimos de evitar, não sonegar, os impostos.

Mais outro motor acordou uivando. Ela o fitava, sem poder falar. A porta da sala vip se abriu, e um homem alto entrou animadamente.

— Alô, Ian! Disseram-me que poderia encontrá-lo aqui.

— Alô, David! Casey, este é David MacStruan, meu primo.

Atordoada, Casey olhou para ele, deu um meio sorriso, mas na verdade não o notou.

— Alô. Mas, Ian, falou... falou a sério?

— Naturalmente. — O último motor começou a funcionar. — É melhor subir a bordo. Até o mês que vem.

— Como? Oh, oh, mas eu... é, até.

Tonta, enfiou o envelope na bolsa, virou-se e foi embora. Eles ficaram olhando enquanto ela subia a escada.

— Quer dizer que essa é a famosa Casey — comentou David MacStruan, pensativo. Era tão alto quanto Dunross, porém alguns anos mais moço, ruivo, de olhos curiosamente amendoados, quase

asiáticos, embora verdes, o rosto muito cansado, a maior parte dos três dedos menores da mão esquerda faltando, esmagados pelas cordas do seu pára-quadras.

— É. Essa é Kamalian Ciranoush Tcholak.

— Espetacular!

— Mais do que isso. Pense nela como a Bruxa. MacStruan soltou um assobio.

— É tão boa assim?

— Poderia ser, com o treinamento apropriado.

A bordo do avião, Svensen fechou a porta da cabine e trancou-a.

— Quer alguma coisa, Casey? — perguntou bondosamente, muito preocupado com ela.

— Não — retrucou, desalentada. — Só quero ficar sozinha, Sven. Eu... eu chamo se precisar de alguma coisa, está bem?

— Certo — disse ele, saindo e fechando a porta. Agora, estava sozinha. Entorpecida, amarrou o cinto e olhou pela janelinha. Em meio às lágrimas, viu Dunross e o outro homem de cujo nome não se lembrava acenando. Acenou também, mas eles não viram.

As nuvens cobriram a lua. Os motores aceleraram, o avião foi taxiando, tomou posição e alçou vôo ruidosamente para o céu negro, subindo bem inclinado. Casey não notou nada, as palavras de Dunross ainda martelando no seu cérebro, sem parar, destroçando-a e recompondo-a de novo.

"Tai-pan. Esse foi o verdadeiro presente do Linc para você", dissera ela. "Tai-pan, o dinheiro não é importante."

Era verdade, mas...

Mas...

O que foi que o Linc dissera naquela primeira vez, naquele primeiro dia na Bolsa? Fora:

"Se o Gornt ganhar, ganharemos. Se o Dunross ganhar, ganharemos. De um jeito ou de outro, tornamo-nos a Casa Nobre... e é para isso que estamos aqui".

A escuridão abandonou-a. Sua mente se desanuviou. As lágrimas pararam.

"Era isso o que ele queria, realmente queria", pensou, sua excitação aumentando. "Queria que fôssemos a Casa Nobre. Claro. Quem sabe é isso o que posso fazer por ele, fazer deste o seu epitáfio... a Casa Nobre.

— Oh, Linc! — exclamou, alegremente. — Vale a pena tentar. Não vale?

O avião a jato furou as nuvens altas, continuando sua decolagem impecável. A noite estava quente e muito escura, a lua crescente, o vento suave.

Lá embaixo estava a ilha.

Dunross entrou velozmente na Peak Road, dirigindo-se para casa, o tráfego calmo e o motor roncando gostoso. Obedecendo a um súbito impulso, mudou de direção, parou no mirante do Pico e ficou parado junto à grade, sozinho.

Hong Kong era um mar de luzes. Lá em Kowloon, outro jato decolou da pista iluminada. Algumas estrelas apareciam, por entre

as nuvens altas.

— Meu Deus, como é bom estar vivo! — falou.

Linha do Tempo das Obras de James Clavell

CASA NOBRE é o quarto romance da saga asiática, que até agora se compõe de:

1600 d. C..... Shogum

1841 d. C..... Tai-pan

1945 d. C.....Changi

1963 d. C.....Casa Nobre

O AUTOR E SUA OBRA

Como os heróis de seus romances, o australiano James Clavell é um vencedor. Seus três primeiros livros — "Changi", obra de estréia de 1961, mas só lançada no Brasil vinte anos depois, "Tai-pan" e "Shogun" — venderam cerca de doze milhões de exemplares, foram traduzidos para uma dúzia de línguas e o transformaram num homem rico, graças também aos direitos de adaptação para a televisão e o cinema.

Na forma de uma minissérie de cinco capítulos, produzida pelo próprio Clavell, "Shogun" foi visto por cento e vinte e cinco milhões de telespectadores e conquistou a segunda maior audiência nos Estados Unidos, atrás apenas de "Raízes", a saga dos negros americanos.

No centro dessas cifras astronômicas, está um autor que poderia encaixar-se perfeitamente nos papéis de suas personagens. E ele, na verdade, já o fez pelo menos duas vezes, na pele de Peter Marlowe, que em "Changi" é um prisioneiro de guerra num campo controlado pelos japoneses, e em "Casa Nobre" reaparece como um ex-roteirista de Hollywood que se torna escritor e vai a Hong Kong em busca de dados para escrever um romance sobre os fundadores da colônia.

"Alto, de cabelos loiros, com sotaque aristocrático e uma estranha intensidade nos olhos azul-acinzentados", como o descreveu o autor, Marlowe repete a trilha de Clavell, que, durante a II Guerra Mundial também passou três anos e meio na mesma Changi, a "obscena prisão" de Cingapura onde apenas um em cada quinze prisioneiros conseguiu sobreviver. O ódio aos japoneses de que foi tomado só foi superado quinze anos depois, quando começou a escrever "Shogun", convertendo-se em admiração e inspiração constantes.

Nascido em Sydney, Austrália, em 1924, e educado na Inglaterra, Clavell seguiu a tradição militar da família, ingressando na Real Artilharia inglesa com apenas dezesseis anos. A serviço, passou quatro anos no Oriente (Birmânia, Índia, Malásia, Indonésia) e depois na África.

Terminada a guerra, deixou o exército com a patente de capitão e retomou os estudos na Universidade de Birmingham (1946-47). Trabalhou como vendedor em Londres e depois ingressou na BBC como produtor de programas radiofônicos.

Sua mudança para os Estados Unidos, em 1953, marca o início de seu período criativo. A literatura e o cinema tornaram-se suas duas grandes paixões. Escreveu diversos roteiros, como "A mosca da cabeça branca" ("The fly", 1958), "Fugindo do inferno" ("The great escape", 1963), "Inferno nos céus" ("633 Squadron", 1964) e "O mundo marcha para o fim" ("Satan Bug", 1964).

Além disso, seu romance "Changi" ("King rat") foi filmado pela Columbia em 1962, sob a direção de Brian Forbes, e teve no Brasil o título de "O rei de um inferno". Com sólida reputação no meio cinematográfico, James Clavell escreveu, produziu e dirigiu cinco filmes, sendo o mais conhecido "Ao mestre com carinho" ("To sir, with love"), estrelado por Sidney Poitier.

Confirmação retumbante de seu talento, "Casa Nobre" foi lançado em 1981 nos Estados Unidos e logo disparou para o primeiro lugar na lista dos mais vendidos. Com este livro, Clavell escreve seu melhor trabalho, segundo a opinião da crítica, e promete que sua "saga asiática", iniciada no Japão de 1600, está longe do desfecho. Anda fazendo pesquisas para um quinto romance, que tratará provavelmente do Japão contemporâneo, e planeja um sexto sobre o maior tema oriental: a China. Enquanto isso, encontra tempo para escrever uma breve parábola, "The children's story", e preparar uma nova edição, com introdução sua, do clássico chinês de Sun Tse, "A arte da guerra".